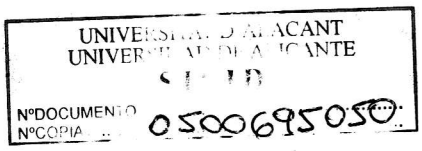
Armando Coelho Ferreira da Silva

A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal

A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal


UNIVERSITAT D'ALACANT
UNIVERSIDAD DE ALICANTE
Nº DOCUMENTO 0500695050
Nº COPIA

Título	A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal
Autor	Armando Coelho Ferreira da Silva
Edição	Câmara Municipal de Paços de Ferreira
Capa e Grafismo	Paulo Lopes
Concepção gráfica	SerSilito - Maia
Tiragem	1000 exemplares
Depósito Legal	265251/07
ISBN	978-972-9408-28-1
© Autor

Armando Coelho Ferreira da Silva

A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal

CÂMARA MUNICIPAL DE PAÇOS DE FERREIRA
MUSEU ARQUEOLÓGICO DA CITÂNIA DE SANFINS
CENTRO DE ARQUEOLOGIA CASTREJA E ESTUDOS CÉLTICOS

FILOSOFIA Y LE

2.ª Edição

A Câmara Municipal de Paços de Ferreira, consciente da importância do contributo que a tese de Doutoramento do Prof. Doutor Armando Coelho sobre a Cultura Castreja no Noroeste de Portugal representava como referência essencial para o aprofundamento das nossas raízes proto-históricas, patrocinou a sua edição, promovendo, deste modo, com este serviço, o enriquecimento do património histórico e cultural da região.

Da sua leitura emana a memória de um legado ímpar, em que se percebe o perfil demográfico, a densidade da ocupação e modalidades típicas de organização e ordenamento do território, assim como um vasto espectro de actividades económicas, patentes em minuciosos estudos de numerosas séries de manufacturas, de ergologias perviventes, e se destaca, ainda, um capítulo especial sobre a estrutura e a organização sócio-religiosa, que faz parte da nossa tradição. Uma sistematização completa, cujos méritos vêm sendo sobremaneira enaltecidos pela comunidade científica, em inúmeras referências, nacionais e estrangeiras, que se lhe reportam.

E se, em 1986, a Câmara Municipal de Paços de Ferreira não quis deixar de promover a sua publicação, não podemos, nesta sequência, deixar de considerar os constantes testemunhos que, oralmente e por escrito, vêm reclamando a sua reedição.

O estudo da cultura castreja implica um grande e continuado esforço, perseverança e amor, qualidades que ornam o Prof. Doutor Armando Coelho e que se tornam visíveis, quando o escutamos, quando o lemos ou quando o espreitamos no seu labor de investigação, de trabalho porfiado de análise e de síntese.

Contamina-nos esse espírito de descoberta e embrenhamo-nos nessa tarefa de ir para além das coisas da superfície, como se estivéssemos ali, junto duma pedra falante, a uma casa de família, a um instrumento ou a um utensílio que afinal o tempo não destruiu e o esforço porfiado dos homens fez encontrar.

É uma obra actualizada porque o espírito de pesquisa e de estudo do Dr. Armando Coelho não pára.

Desbobinando um trabalho concatenado a partir de dados tratados ao longo de várias décadas de dedicação, põe-nos as coisas a falar, desafiando os tempos e interpretando, à luz de novas técnicas e saberes, as velhas e novas descobertas, convidando-nos assim à descoberta do tronco comum donde vimos, o esqueleto humano, físico e histórico sobre o qual nos construímos, nos desenvolvemos e porque somos.

É uma obra para estudiosos, mas também para os menos eruditos, que pretendem conhecer esse tronco e buscam na compreensão do passado a explicação da massa que nos forma, as raízes da forma de ser e de estar, face à vida e às suas condicionantes.

A Câmara Municipal, orgulhosa por poder apresentar esta edição actualizada e crescida, convida todos os leitores, a acompanhar a sua leitura duma visita ao local, não para esquadrinhar debaixo das pedras, mas para concretizar na forma e no rosto das coisas, as palavras sérias e sábias, as descrições detalhadas nesta obra que nos remete para os fundamentos matriciais da identidade regional, e estamos certos, que tanta originalidade, cada vez mais deslumbrante na Citânia de Sanfins, será consagrada como Património da Humanidade.

Esta obra significa, estou certo, o mais sólido repositório do conhecimento sobre a Cultura Castreja do Noroeste de Portugal e uma mais-valia no campo das relações científicas no contexto do Noroeste Peninsular.

Pedro Oliveira Pinto

Presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira

Introdução

As particularidades que o Noroeste peninsular foi registando cumulativamente desde os tempos pré-históricos vão evidenciar-se com a emergência, a partir do final da Idade do Bronze, de uma cultura original fundamentalmente caracterizada pelo seu tipo peculiar de habitat em povoados fortificados em posições elevadas vulgarmente conhecidos pelo nome geral de castros, donde deriva a sua designação tradicional de cultura castreja, que, constituindo já um intenso foco de densidade humana, ocupa um lugar bem individualizado na Proto-história peninsular e é sem dúvida uma das manifestações mais significativas da personalidade desta vasta região.

Iniciados os seus estudos nos finais do século XIX pelo trabalho pioneiro de F. Martins Sarmento, foi esta herança empenhadamente continuada pela Sociedade que ele fundou, ao devotar-lhe especial atenção nos seus programas de investigação, conservação e divulgação científica, e encontrou eco nos outros homens da «Portugalia», que lhe conferiram expressão adequada no conjunto dos «materiais para o estudo do povo português», e conveniente valorização na obra de J. Leite de Vasconcellos e seu Museu. Também no Porto foi assinalável o contributo do Instituto de Antropologia Mendes Corrêa e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sobretudo com R. Serpa Pinto, estabelecendo uma relação frutuosa com arqueólogos galegos, onde avultava a figura de F. López Cuevillas e a actividade do Instituto Padre Sarmiento de Santiago de Compostela e do grupo «Nós».

Motivados pelo crescente conhecimento e atracção destes trabalhos, outros arqueólogos se interessaram por este tema, multiplicando-se as campanhas de escavações, muitas delas produto voluntarioso de iniciativas pessoais com carácter monográfico e um certo cunho regionalista.

Nesta sequência e em sintonia com o esforço dos arqueólogos galegos, com quem se promoveram iniciativas, como os Seminários de Arqueologia do Noroeste Peninsular, a investigação arqueológica, sobretudo ligada aos centros universitários da região, vem procurando solucionar os múltiplos problemas que as pesquisas anteriores deixaram em aberto, sendo objectivo primordial dos seus trabalhos de campo, de laboratório e de museu tentar definir, com metodologia actualizada, as respectivas coordenadas geográficas, parâmetros cronológicos e componentes étnicas, tecno-económicas, sociais e culturais que uma pesquisa quase sempre envolta em panceltismo não permitiu esclarecer.

Precisamente neste contexto e segundo os objectivos apontados, elaborámos um estudo de síntese sobre a cultura castreja no Noroeste de Portugal (Silva A.C.F. 1986b) enquadrando as linhas mestras e os maiores interesses da nossa investigação e docência, que apresentámos em 1986 como dissertação de doutoramento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Para fundamentar a síntese apresentada, foi cumprido um intenso trabalho de campo que, além do levantamento cartográfico do Norte de Portugal, compreendeu mais de meia centena de campanhas de escavações em sítios e sectores programados desde o rio Minho ao rio Vouga, incluindo numerosas análises de elementos estruturais, cortes estratigráficos e largas dezenas de milhar de peças, que permitiram a revisão de escavações anteriores, recuperando e reinterpretando estruturas e materiais.

Nos dados adquiridos pensámos encontrar os padrões organizativos da sistematização e das classificações que propusemos. E com o estudo de numeroso espólio disperso por muitos museus nacionais, regionais e locais e ainda por colecções particulares complementámos o esforço dispendido.

Os resultados obtidos foram ordenados em três capítulos, visando uma caracterização, tão completa quanto possível, do habitat, economia e ergologia e organização da sociedade castreja que consideramos como instrumento necessário para uma correcta interpretação dos factores de unidade e diversidade da nossa entidade cultural.

Bem evidenciado, por inúmeras referências que se lhe reportam, o contributo desta obra para a abertura de um novo ciclo de investigações na Proto-história regional, apraz-nos evocar, no enlevo de uma prática continuada de dom e de troca, a importância dos estudos que, por esta via, foram proporcionados aos nossos colaboradores e outros discípulos dedicados.

Neste passo, cumpre-nos registar, como testemunho do interesse por este legado, numerosas análises sobre a paisagem e a ocupação do espaço e a problemática dos padrões de povoamento desde o Baixo Minho, pelo Vale do Neiva, Bacia do Ave, Litoral Poveiro, entre Douro e Vouga, até regiões interiores de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Beira Alta, prosseguindo a orientação programada para estações paradigmáticas desses territórios. Uma expressiva série de estudos temáticos sobre diversos aspectos da economia, da ergologia e da organização social, incluindo análises físicas e químicas de pastas cerâmicas e peças metálicas, processos tecnológicos, cálculos quantitativos e conjuntos morfotipológicos significativos de âmbito regional e local, terá constituído, por sua vez, *corpus* relevante para uma cientificação mais esclarecida das tradições indígenas e dos fenómenos de aculturação.

O contributo destes nossos colegas com a renovação que os estudos proto-históricos conheceram por toda a Europa, incrementando diálogos entre a nossa investigação e uma plêiade de investigadores de outras correntes e escolas, à escala regional, peninsular e europeia, estimulou o aperfeiçoamento de métodos, a actualização sistemática de dados e o aprofundamento de questões, tornando-se motivação para a reedição da nossa tese de doutoramento, com adequações ajustadas à sua matriz, em função das exigências impostas pelo progresso científico.

Desde muito cedo relacionado com a problemática da cultura castreja, podendo recordar vivências e contactos pessoais com uma geração de distintos arqueólogos que se concentravam periodicamente em torno e a propósito da investigação da Citânia de Sanfins, mais queremos que a reedição desta obra simbolize o desenvolvimento do projecto do Centro de Estudos que a Câmara Municipal de Paços de Ferreira, consciente de um serviço prestado à comunidade, vem, entre outras iniciativas, promovendo no âmbito das actividades do seu Museu Arqueológico.

Sanfins de Ferreira, 14 de Janeiro de 2004

Capítulo I

O HABITAT CASTREJO

EVOLUÇÃO E CRONOLOGIAS

Capítulo I

O habitat castrejo: evolução e cronologias

Habitat, ocupação e organização do espaço

O estudo do habitat castrejo assume particular importância para a definição de uma cultura que por ele é sobretudo caracterizada [1].

Todavia, não obstante a generalidade dos trabalhos realizados durante mais de um século de arqueologia castreja ter sido marcada por uma atenção especial às estruturas descobertas, as análises feitas, impregnadas, às vezes sem discussão, de analogias históricas ou etnográficas, revestem normalmente a forma de estudos predominantemente descritivos, não se tendo conseguido, por falta de espaços horizontais e cortes verticais, uma visão integrada dos vários elementos correlacionados com a ocupação humana.

Mas com os estudos dos últimos anos, em que fomos servidos pelo progresso geral da Arqueologia e pelo avanço alcançado pela arqueologia dos habitats, em especial, nas técnicas de localização, métodos de escavação, análise e interpretação da informação, em conjugação com os dados fornecidos pelas fontes literárias e epigráficas, substancialmente ampliadas com o decorrer do tempo e de importância específica para os períodos proto-históricos, e com uma perspectiva antropológica que privilegia o sentido da objectividade, já se vai tornando possível conhecer suficientemente diversos aspectos fundamentais do habitat castrejo nas suas várias dimensões, designadamente no Noroeste português, área que, com alguns prolongamentos na parte meridional galega, aparenta com certa nitidez reconhecidos contornos de uma subunidade cultural.

Passando, com efeito, das abordagens mais genéricas, de base predominantemente geográfica, seguindo a linha das informações herdadas dos autores antigos, com especial relevo nas referências estrabonianas, que apontam, em regra, para uma uniformidade cultural na Proto-história do Noroeste peninsular, para análises mais intensivas e de grande amplitude dos seus diversos elementos aos mais diversos níveis, torna-se manifesta uma composição em subunidades de marcante individualidade, devendo ser retomados os problemas relativos à territorialidade da cultura castreja tendo em conveniente consideração o volume de dados mais recentemente conseguidos em provas de campo e com novos argumentos de ordem cronológica, étnica e cultural.

Foi já estabelecido com relativa nitidez o âmbito mais alargado da sua área [2] pelos rios Navia e Esla, a Oriente [3], pelo rio Vouga, a Sul [4], e com limites naturais, a Norte e Oeste, pelo Oceano Atlântico, cobrindo o Norte de Portugal, a totalidade do território galego, a zona ocidental das Astúrias, e as regiões imediatas, a que

---

1 Cfr. diversas sínteses, de que seleccionamos, por ordem cronológica, as seguintes: Vasconcellos 1897 (RL, 1), 1905(RL, 2) e 1913 (RL,3), López Cuevillas-Taboada Chivite 1980 (1952), p. 211-537; López Cuevillas 1953c; Maluquer de Motes 1982 (1954), p. 41-90; Blanco Freijeiro 1960; Savory 1966; Cardozo 1973b; Romero Masiá 1976; Acuña 1977; Tranoy 1981; Pereira Menaut 1983; Silva A.C.F. 1983b, 1983-84, 1986b e Silva A.C.F.-Gomes 1992; Esparza 1983-84; Mañanes 1983-84; Maya 1983; Höck 1986; Martins M. 1990; Queiroga 1992; Calo Lourido 1993 (2.ª ed. 1997).

2 López Cuevillas 1933 e 1954, p. 14-16; Calo Lourido 1994, p. 43-61; Guerra A. 1998, p. 777-778.

3 Especificamente, sobre os limites orientais, cfr., vg., Esparza 1983b, p. 83-84.

4 Idem, sobre os limites meridionais: Souto 1942, Almeida 1974a, p. 173.

parece corresponder, genericamente, uma província geográfica com características bem definidas por uma posição atlântica, vincados sistemas orográficos, uma densa rede hidrográfica e uma importante riqueza de recursos naturais [5].

E é claramente manifesto, a uma escala macroscópica, que esta cultura castreja do Noroeste peninsular é constituída por núcleos de povoamento indígena declaradamente defensivos e com estruturas arquitectónicas de planta predominantemente circular, evidenciando desde cedo uma implantação intencionalmente perdurável numa verdadeira «civilização da pedra» [6], quer nas zonas de granito quer nas de xisto, aproveitando adequadamente por toda a área as matérias-primas disponíveis.

Mas desta caracterização sumária participam outras situações estranhas ao Noroeste e extra-peninsulares [7], obrigando a complexidade desta vasta unidade cultural a uma reconsideração das particularidades que propiciaram a sua génese, atendendo sobretudo ao papel relevante desempenhado pelas condicionantes altimétricas e hídricas e pelas potencialidades dos outros recursos naturais sobre os quais terá agido o peso de um poderoso substrato manifesto desde as expressões mais típicas do megalitismo regional [8], mas cujo desenvolvimento se conecta com contributos exógenos resultantes de movimentos demográficos e relações de intercâmbio.

Uma leitura pormenorizada do meio e dos núcleos de povoamento, em termos de análise locacional, em articulação com uma ergologia tipificada e as referências clássicas à área do Noroeste português, poderá esclarecer a problemática da territorialidade desta região como uma subunidade da área meridional castreja.

Com efeito, a sua zona nuclear corresponde basicamente à região de Entre-Douro-e-Minho, no sentido mais lato [9] (Est. I), que se alonga em anfiteatro, através de vales mais ou menos extensos, da orla litoral às montanhas da Peneda, Gerês, Cabreira, Alvão e Marão, a Norte do Douro, e ainda do Montemuro, Freita e Gralheira até ao Caramulo, a Sul do mesmo rio, segundo condicionamentos climáticos e um quadro oro-hidrográfico, de conhecimento em grande parte já testemunhado nas fontes geográficas e históricas da Antiguidade que, não se restringindo a simples elementos do meio físico, privilegiam a sua referência às actividades económicas e simbólicas, como se documenta, vg., a propósito das riquezas mineiras do subsolo [10] e dos leitos dos rios [11], da navegabilidade dos cursos fluviais [12], das menções etnográficas [13], dos episódios político-militares [14] e da sacralização de espaços e acidentes geográficos [15].

Prolongando-se, para Norte, até à região de Pontevedra fazendo, para interior, fronteira com a área setentrional pelos vales do Minho-Sil conforme à área reconhecida para o *conventus* bracaraugustano [16], não

---

5 Caracterização genérica in Girão 1933 e 1960; Ribeiro O. 1945, 1955 e 1961.

6 Almeida 1983a, p. 70.

7 Vide, vg., García y Bellido 1967a e 1971, com várias referências a situações peninsulares, meridionais e mesetenhas (que mais desenvolvemos nas p. 35-36, 49-50, notas 200-205, 294), mediterrânicas e britânicas.

8 Jorge V.O. 1982a e 1985.

9 Utilizamos como suporte geográfico a delimitação das regiões-plano com base in Cary 1985.

10 A propósito da abundância dos recursos mineiros da Península Ibérica em ouro, prata, cobre, estanho e chumbo, com referências particulares ao NW, de destacar Estrabão, III, 2, 3 e III, 2, 7-10 e C.Plinius, III, 30, XXXIII, 66-78 e XXXIV, 156-158, com observações sobre as técnicas de exploração. Entre a numerosa bibliografia sobre o assunto (vide cap. II, *Metalurgia* e *Ourivesaria*), cfr., Tranoy 1981, p. 96-99; informações, listas, mapas de Coffyn 1985, p. 185-188 (sobre o cobre e o estanho); Sánchez Palencia 1983; Domergue 1970a, 1970b, 1987 e 1990 (sobre o ouro).

11 Interessam particularmente à nossa região Estrabão, III, 3, 4-5 e Silius Italicus, I, 234 (Douro), I, 235 (Minho) e I, 236 (Lima).

12 Cfr. García y Bellido 1945 e Filgueiras 1974.

13 Numerosas menções in *Fontes Hispaniae Antiquae* (Schulten 1922 (FHA, 1), 1925b (FHA, 2), 1935a (FHA, 3), 1937 (FHA, 4), 1940 (FHA, 5), 1952 (FHA, 6) e Grosse 1947 (FHA, 7) e 1959 (FHA, 8), com relevo para as listas de povos de C. Plinius e Ptolomeu, completadas pela epigrafia, e observações etnográficas de Estrabão.

14 Cfr. estudo global sobre a região: Tranoy 1981, liv. II, com bibliografia principal na nota 74 (p. 135) sobre a conquista do NW por Augusto, e Le Roux 1982, cap. 1.

15 Infra, cap. III, *A Religião*, em especial as referências epigráficas a divindades indígenas dos montes, rios, territórios e povoados.

16 Cfr., vg., Monteagudo 1945b, p. 249; Rodríguez Colmenero 1972a, p. 142; Almeida 1974a, p. 174-175; Tranoy 1981, p. 160-162, carte III; Pérez Outeiriño 1982, p. 180; Calo Lourido-Sierra 1983, p. 26.

possuímos argumentos que evidenciem o Baixo-Minho com a função de limite nem sequer entre entidades étnicas conforme teria sido a posição do rio Douro, de acordo com os testemunhos de C. Plinius [17] e da epigrafia [18].

E se as linhas hidrográficas puderam, em alguns momentos, servir para delimitar a distribuição dos povos, elas foram sobretudo as grandes vias de comunicação mesmo para além das montanhas circundantes de Leste e Sul, que apesar de não obstarem à interpenetração, marcaram, nas regiões transmontanas, particularidades manifestas em diversas expressões culturais mormente resultantes de situações de isolamento e relações diferenciadas designadamente interiores, que, neste estudo, mais não ocupam que o papel de margem envolvente da zona nuclear de Entre-Douro-e-Minho, sendo evocadas, a propósito, como pontos de referência extrema, a área dos *Zoelae* para além do Sabor [19], já de domínio astur, e a área Norte dos povos da confederação lusitana a partir do planalto de Viseu [20].

1. A IMPLANTAÇÃO DOS POVOADOS

As características geográficas do Noroeste peninsular, num ambiente onde o relevo desempenha papel predominante, tornaram-se condição propícia ao assentamento de núcleos populacionais em posições elevadas, cuja implantação terá obedecido prioritariamente a critérios estratégicos de defesa, a denotar um período de profunda mudança económica e social claramente manifesta na construção de inúmeros povoados fortificados no intervalo de alguns séculos, podendo contabilizar-se, de momento, segundo os dados cartográficos dos levantamentos que temos em curso, um número que ultrapassa bem o milhar para o Noroeste do território português, revelando quantidades que se distanciam do exagero de alguns cálculos genéricos repetidos desde o princípio do século XX [21] e que vêm sendo, para algumas áreas, criteriosamente corrigidos [22].

Apesar de representar um momento provisório da inventariação que temos vindo a elaborar sistematicamente sobre este aspecto do habitat castrejo, que necessariamente será demorada para ser judiciosa, por exigir análises no terreno, incluindo sondagens e escavações que tornem possível uma caracterização cronológica e cultural minimamente segura, entendemos de utilidade a sua apresentação, por nos permitir visualizar, em imagem panorâmica, o perfil da ocupação das comunidades indígenas pré-romanas do Norte de Portugal, constituindo o elenco das estações referenciadas uma selecção do conjunto das informações recolhidas nas diversas fontes documentais através de um laborioso e controlado trabalho de campo muitas vezes realizado em coordenação com a área da nossa docência de arqueologia proto-histórica.

---

17 C. Plinius, IV, 112-113.

18 Silva A.C.F. 1983c e 1984, p. 46-48 e 1986b.

19 Sobre a problemática da delimitação desta fronteira, vg., Menéndez Pidal 1962 (1906); Sánchez Albornoz 1929, p. 323-324; Soares T.S. 1962 (1957); Fernandes A. A. 1958, p. 156-158; Rodríguez Colmenero 1977, p. 111-120; Tranoy 1980a e 1981, p. 157-160; Esparza Arroyo 1983b, p. 83-84; Mourinho 1980.

20 Alarcão 1983, p. 18-20.

21 Cfr., vg., o número de 5800 de Castillo 1908.

22 Cfr., vg., casos galegos estudados in Catálogo 1928-33, López Cuevillas-Fráguas 1955 e outros citados in Romero Masiá 1976, p. 15 e, em geral, Bouhier 1979, p. 12ss. Para o Norte de Portugal, cfr., vg., os inventários concelhios de Almeida C.A.B.-Baptista 1981 (Ponte de Lima), Marques J.A.T.M. 1984a (Monção), Soeiro 1984 (Penafiel), Silva A.C.F. 1986a (Paços de Ferreira), Regalo 1986 (Vila Verde), Silva M.F. 1994 (Paredes de Coura), Gomes J.M.F. 1996 (Póvoa de Varzim), Vila Real (Parente 2003), Freitas A. 2001 (Valpaços), Sanches 1997a (Mirandela), Maciel 1993 (Vinhais), Silva A.M.P. 1997 e Queiroga 2001 (Vale de Cambra), Pinho *et alii* 1998 (Cinfães), Silva A.M.P. 2004 (Arouca), Marques J.A.M. 1999 (Vouzela), Perpétuo *et alii* 1999 (Tabuaço), Carvalho P.-Coutinho 2004 (S. João da Pesqueira), Carvalho P. 1989 (Penedono), e sobretudo das áreas naturais, em especial, do Alto Minho (Lopes 2003), da bacia inferior do Lima (Almeida C.A.B. 1990) e litoral minhoto (Almeida C.A.B. 1996, 1997, 1998, 2000a e 2003), da bacia do Neiva (Maciel 1997 = 2003), da bacia do Cávado (Martins M. 1990, Bettencourt 1999), da bacia do Ave (Queiroga 1992, Dinis A.P. 1993), do Baixo (Dias L.A.T. 1996) e Alto Tâmega (Amaral 1994), Trás-os-Montes Oriental (Lemos 1993), Entre Douro e Vouga (Silva A.M.P. 1994) e região de Viseu (Pedro 1995, Vaz 1998).

Para a obtenção dos dados, o recurso à fotografia aérea mostrou-se de utilidade relativa, considerando a reduzida rentabilidade do processo em zonas graníticas e densamente florestadas, como as de grande parte da área da nossa intervenção, tendo-nos merecido também uma interpretação cautelosa as informações toponímicas e outras recolhidas em obras de carácter enciclopédico [23], estudos monográficos [24], observações cartográficas [25] e inclusivamente os próprios elementos microtoponímicos de que nos servimos para determinados sectores com base nas matrizes prediais [26], verificando-se que esta fonte útil de pesquisa não raro desilude quando confrontada com a análise no terreno.

Entre as designações, tão diversas elas são, mais indiciadoras de povoados fortificados, nem sequer se confirma como um dado adquirido das possibilidades da utilização deste meio a correlação entre as designações de *cividade*, e seus derivados e corruptelas [27], com povoados de maior amplitude face a *castro*, e seus derivados e afins [28], como identificando geralmente povoados de menores dimensões, tantas são as excepções que houve oportunidade de registar [29].

De qualquer modo, a existência de uma numerosa variedade de topónimos associados a estações arqueologicamente confirmadas, de raízes e formação diversas, pré-romanas, romanas, medievais e modernas, populares e eruditas, e com significados em geral relativos à morfologia dos povoados e outros aspectos da sua implantação, arquitectura ou motivo arqueológico ou até revelando intenções de interpretação funcional ou simbólica [30], aparece como mais um apelo à colaboração entre a Arqueologia, a Epigrafia e a Linguística para o estudo dos substratos culturais que lhe estão subjacentes, atendendo ao grande número de presumíveis indícios de longa pervivência em relação aos mais diversos aspectos da onomástica indígena [31].

Foi, afinal, da pesquisa bibliográfica, designadamente de inventários, estudos monográficos e notícias avulsas, que resultou o maior conjunto de informações prévias para catálogo, cumprindo assinalar que do volume dos dados recolhidos desde os primórdios da investigação arqueológica se regista uma notória desigualdade de critérios e garantia científica.

---

23 Sobretudo, Barros 1919 (1549); Argote 1732-34; Cardozo L. 1747-51 e 1758; Costa A.C. 1706 (1), 1708 (2), 1712 (3); Leal P.-Ferreira 1873-90; Sampaio 1893/97= 1899-1903=1979; Vieira 1886-87; Viterbo 1983-84 (1798-99).

24 Das numerosas monografias, onde se podem recolher informações dispersas, mencionamos algumas delas, por distrito, apontando o concelho a que se refere: Viana do Castelo - Alves L. 1985 (Caminha), Caldas 1975 (Longosvales, Monção), Cepa 1939 (Alvarães, Viana do Castelo), Crespo 1957 (Viana do Castelo), Cunha 1979 (1909) (Paredes de Coura), Gomes J.C. 1899 (Arcos de Valdevez), Meira 1945 (Afife, Viana do Castelo), Oliveira A.L. 1976 (Terras de Coura) e 1978 (Valença do Minho), Braga-Fonseca 1936 (Esposende) e 1948 (Barcelos); Oliveira A.L. 1971, 1980 (Terras do Bouro), s.d. (Fafe), Pereira D.J. 1872 (Barcelos), Silva D.M. 1958 (Amares, Terras do Bouro), Porto- Azevedo Ag. 1939 (Maia), Faria 1899 e Felgueiras 1958 (Matosinhos), Barreiro 1922 (Paredes), Oliveira C. 1934 (Gondomar), Ramos 1943 (Lavra, Matosinhos); Vila Real- Costa J.C. 1968 (Montalegre), Lema 1978 (Tourém, Montalegre), Martins A.V. 1978 (Valpaços); Bragança- Alves-Amado 1968 (Vimioso); Viseu-Carvalho 1944 (Tondela), Costa M.G. 1977-79 (Diocese de Lamego), Guia 1983 (Moimenta da Beira), Silva V., s.d. (Mangualde).

25 *Atlas geográfico de España*. Madrid, Instituto Geográfico y Cadastral, 1961; *Carta Militar de Portugal*. Lisboa, SCE, 1:25.000; *idem* (1:250.000), 1, 1973; Galicia-toponímia. Madrid., Instituto Geográfico Nacional, 1984; *Mapa geológico de la Península Ibérica*. Madrid, Instituto Geológico y Minero de España, 1980 (1: 1.000.000); *Carta Geológica de Portugal*. Lisboa, SGP, 1: 50.000; *idem* (1:250.000), 1, 1973; *Carte minière du Portugal*. Lisbonne, 1965; Levantamento cartográfico arqueológico da região de Viana do Castelo, Porto, DGUP (dactil.); Levantamento cartográfico das estações arqueológicas dos concelhos de Boticas, Chaves, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar (Martins J.B. 1984) (dactil.); Castros e Castelos da Beira Alta (1:200.000), Assembleia Distrital de Viseu (inéditos).

26 Expressamente, em Caminha, Paços de Ferreira, Vila Nova de Gaia, S. Pedro do Sul e Viseu.

27 Vg., Cividadelhe, Cidade (Velha), Cidadelhe, Cidadelha/Ciradelha, Cidadonha/Cigadonha (Cigaduenha)/Cizonha, Suvidade (>Suavidade, Saudade!), Cebidaia, Ceade/Ceada, Citânia, Cividade da Citânia (Citaina), entre os mais frequentes. Cfr., em especial para a palavra Citânia, Cardozo 1927 e 1943d.

28 Castelo (Castêlo), Castelões, Crasto, Crastelo, Cristelo, Castrilhão, Castrilhões, Castrijão, etc.

29 Vg., em Ribeira Lima, as diversas suvidades (Est. II, *Inventário*, n.ºs 140, 148, 165) são estações de pequenas dimensões e o Castro Seco (n.º 178) e o Castro de Roques (n.º 116) são de grande amplitude.

30 Aspectos genericamente abordados in Moita 1966 e 1971. Cfr., também, vg., Chaves 1952 e Piel 1947.

31 Exemplificamos como merecedores de uma análise sistemática, desde a documentação medieval, os topónimos derivados do sufixo *briga/brigo* (*-brio, vrio, virio, frio, brega, bre*), de matriz céltica, e de conhecidos teónimos indígenas como os de radical *Band-*e *Cosus* e étnicos como *Calaeci* (Galegos), *Grovii*, *Bracari* e outros presentes no Padrão dos Povos (Chaves).

Beneficiadas, neste contexto, algumas regiões pela iniciativa de ilustres eruditos com actividade vinculada a áreas circunscritas, a dispersão dos programas nunca permitiu que se tenha alcançado uma perspectiva de conjunto desde os levantamentos meritórios de F. Martins Sarmento como pioneiro da arqueologia castreja [32].

O Alto Minho, cujas estações vinham atraindo a partir dos finais do século XIX a atenção do próprio F. Martins Sarmento [33], J. Leite de Vasconcellos [34] e F. Alves Pereira [35], este em investigação mais localizada em torno de Arcos de Valdevez, mereceu de Abel Viana, além de algumas explorações [36], um primeiro inventário geral caracterizador da região [37], que tem vindo a ser episodicamente renovado com novos contributos, como os de L. Quintas Neves [38], A. Paço e A. Paço Quesado [39] para o concelho e região de Viana do Castelo, J.A.T. Maia Marques para o concelho de Monção [40], C.A. Brochado de Almeida–A.J. Baptista para o concelho de Ponte de Lima [41], entre outros [42].

A região de Braga, naturalmente favorecida pela posição fulcral que ocupa no interior do Entre-Douro-e-Minho, foi privilegiada pela dedicação especial de F. Martins Sarmento às suas estações de Briteiros e Sabroso [43], sobretudo criando motivações, instrumentos e instituições que lhe granjearam merecido prestígio internacional, para o que terá contribuído, em sequência, a operosa actividade de M. Cardozo [44] à frente da Sociedade e do Museu de Martins Sarmento e da Revista de Guimarães, conceituada publicação da Arqueologia portuguesa, em que nos legou numerosos estudos de grande mérito sobre a cultura castreja, assim se tornando explicável, por acumulação de esforços [45], a densidade de informação sobre o concelho de Guimarães que, por esta via, se destaca de muitas outras áreas.

Em torno da cidade de Braga, sobretudo valorizada pela sua romanização como capital do *conventus* bracaraugustano, também não foi esquecida a inventariação e estudo dos núcleos pré-romanos, com um levantamento de A. Bellino, datado já dos princípios do século XX [46], e com outras intervenções como as de

---

32 Em especial, as referências das notas seguintes às regiões de Guimarães e do Alto Minho.

33 Sarmento 1880=1933a, p. 63-67 e 1883-84b= 1933a, p. 165-172 e 1999.

34 Vasconcellos 1899-1900a, 1902a, 1902c, 1903a, 1934.

35 Pereira F.A. 1895, 1898b, 1898c, 1902, 1904, 1908, 1909, 1910, 1911, 1914, 1915b, 1924/30-31, 1927-29a, 1927-29b, 1930, 1933, 1934, 1938/39/41 e 1956.

36 Intervenções isoladas ou em colaboração na Citânia de Santa Luzia, Monte de Santo António, Cividade de Âncora, Castro de Vilar de Mouros e Castro de S.Caetano de Longosvales, com bibliografia própria: Viana 1937, 1955a, 1955d, 1960-61, 1963; Viana-Neves 1959; Viana-Oliveira 1954, 1955.

37 Viana 1926 e 1932.

38 Neves 1942, 1948, 1959, 1965.

39 Paço-Quesado 1956 e 1957.

40 Marques J.A.T.M. 1984a.

41 Almeida C.A.B.-Baptista 1981.

42 Cfr., vg., entre as referências mais antigas: Bellino 1902 e Vitorino 1929. E entre inventários, notícias e intervenções mais recentes, além das referências da nota 22, vg.: Nunes H.B. 1973 e 1979; Reis 1978; Alves L. 1980; Moreira M.A.F. 1982; Almeida C.A.B. 1982b e 1985c; Almeida C.A.B. *et alii* 1985; Silva E.J.L. 1982; Silva E.J.L.-Marques 1984; Marques J.A.T.M. 1984b, 1984c, 1985a, 1985b; Marques J.A.T.M.-Silva 1985; Soeiro 1981. Uma atenção particular é devida, pelo contributo cronológico que então representaram, as campanhas de C.F.C.Hawkes na Cividade de Âncora e no Castro do Cútero em 1959 (Cardozo 1959b; Hawkes 1971a, 1984).

43 Sarmento 1884/1909, 1902/05, 1906/09 e 1999, onde estão publicados os diários das suas escavações realizadas desde 1874 bem como outras informações de interesse regional.

44 Autor da obra mais expressiva sobre a cultura castreja entre nós produzida durante quatro décadas, de 1926 a 1977, quase toda recolhida in Cardozo 1972, invocamos, além da muita divulgada monografia sobre a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso (Cardozo 1980, 8.ª edição), os relatórios das campanhas de trabalhos arqueológicos que empreendeu na Citânia de Briteiros e regularmente publicados na Revista de Guimarães e citados na bibliografia do inventário dessa estação (Est. II, *Inventário*, n.º 345).

45 Além dos estudos e notícias de F. Martins Sarmento e M.Cardozo, mencionados, e também de R. Freitas Ribeiro de 1930 a 1932 na Citânia de Briteiros (Ribeiro 1930/34), referência especial para o inventário da autoria de L. de Pina (Pina 1940), sendo de mencionar também uma recolha com interesse na área do concelho de Guimarães de F.J. Salgado Guimarães (Guimarães 1970 e 1971). Uma nota necessária para os trabalhos estratigráficos de C.F.C. Hawkes em Sabroso, em Abril de 1958 (Hawkes 1958, 1971a, 1984, p. 192-193) e para os cortes que, com a mesma intenção cronológica, efectuámos em colaboração com R.Centeno e Teresa Soeiro na Citânia de Briteiros (1977-78) e no Castro do Sabroso (1981) (Silva A.C.F.-Centeno 1977 e Centeno-Silva A.C.F. 1978; Soeiro *et alii* 1981).

46 Bellino 1909.

C. Teixeira [47] e A. Ribeiro da Cunha [48] de âmbito mais alargado, tendo-se concentrado sobretudo nos Museus D. Diogo de Sousa e Pio XII [49], valiosa informação sobre os castros da região. A Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho continua este esforço, incluindo nos seus projectos de investigação o estudo de diversas áreas em especial do curso do Cávado [50].

À foz do Douro, o problema de Cale/Portucale, com inúmera bibliografia [51], só recentemente começou a ser reconsiderado com base em argumentos arqueologicamente válidos conseguidos através de escavações sistemáticas em sítios privilegiados das duas margens do rio [52].

O estudo da área de influência do Porto foi nos primeiros tempos mais da iniciativa dos homens da *Portugalia*, com campanhas e reconhecimentos na Póvoa de Varzim [53], Vila do Conde [54] e Santo Tirso [55] e inventários de Amarante [56] e Baião [57], que foram continuados pela actividade do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, sob a égide de A. A. Mendes Corrêa [58], com R. Serpa Pinto, cuja notável obra de inventariação permanece ainda inédita [59], e Russel Cortez [60], sendo posteriormente de destacar nesta região a intervenção de E. Jalhay e A. Paço localizada na área do concelho de Paços de Ferreira em função da Citânia de Sanfins [61]. Um levantamento de T. Soeiro sobre a zona entre Sousa e Tâmega, à volta do Monte Mozinho [62], na sequência dos trabalhos de C.A. Ferreira de Almeida [63] e retomando elementos anteriormente recolhidos por eruditos locais [64], cobre uma parcela significativa deste distrito do Porto, sobre o qual têm sido publicados muitos outros estudos e trabalhos monográficos [65] e para onde têm convergido iniciativas como

---

47 Cfr., entre a bibliografia sobre o Castro Máximo e o Castelo do Lanhoso, Teixeira 1936, 1940a, 1940b, 1941, 1943-44 e 1955-56; Bettencourt 1993-94.

48 Cunha A.R. 1975 e diversos artigos publicados no Correio do Minho e Diário do Minho; Oliveira E.P. 1982.

49 Rosário 1973, catálogo abreviado das recolhas do Cónego Luciano Afonso dos Santos.

50 Em especial, os projectos de investigação das Prof. Dr.ªs Maria Manuela Martins e Ana Bettencourt, com algumas notícias e estudos publicados sobre a região de que são referência regional: Martins M. 1989a, 1990, 1991, 1998a, 1998b e Bettencourt 1999, 2000b, 2000c, 2000d. Outra bibliografia para o distrito de Braga: Vasconcellos 1934; Freitas J. 1971; Almeida C.A.B. 1981, 1982a, 1983, 1985a, 1985b, 1985-86, 1990b, 1993, 1996, 1997, 1998; Almeida C.A.B.-Baptista 1981; Almeida C.A.B.-Neiva 1982; Almeida C.A.B.-Soeiro 1980; Costa A.G. *et alii* 1980; Soeiro 1983. Mais uma cartografia sobre o concelho de Esposende de Almeida C.A.B. 1985.

51 Cfr., vg., Brandão 1965; Real 1984; Silva A.C.F. 1984, 1994 e 2000; Silva A.C.F. *et alii* 1986, p. 107-109 (Real), 110 (Silva A.C.F.), 119-120 (bibl.).

52 Escavações programadas no Morro da Sé do Porto 1984-85 (Real *et alii* 1985-86) e no Castelo de Gaia (CAND 83-85, Silva A.C.F. 1984; Carvalho-Fortuna 2000).

53 Peixoto 1905-08c e Pinto R.S. 1932, que é uma tentativa de recuperação dos dados das escavações de José Fortes e Rocha Peixoto (1906-07).

54 Cfr. Severo-Cardozo 1899-1903, Fig. 1, p. 179, com cartografia arqueológica.

55 Fortes 1899.

56 Pinho 1905-08.

57 Vasconcellos J. 1905-08.

58 Corrêa 1924, 1928, 1933-34, 1935a, 1935b, 1936 e 1940.

59 Além da obra citada sobre a Cividade de Terroso (Pinto R.S. 1932), e o Castro de Sendim, Felgueiras (Pinto R.S. 1933c, estudo predominante dos motivos decorativos de um vaso cerâmico) e da bibliografia de temática mais geral que sobre a cultura castreja produziu às vezes em colaboração, sobretudo com Florentino López Cuevillas (cfr., bibliografia), ficou ainda um notável ficheiro com inventário de estações e materiais arqueológicos no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, que recentemente tem vindo a merecer tratamento adequado por parte de A.A. Huet de Bacelar Gonçalves desse Instituto.

60 Actividade desenvolvida neste sector no distrito do Porto, sobretudo no Castro de Argifonso e Cividade de Bagunte, do concelho de Vila do Conde: Cortez 1946b, 1948a, 1949a e 1949d.

61 Sobre a Citânia de Sanfins e o concelho de Paços de Ferreira, cfr. Silva A.C.F. 1983a (com notícias históricas, p. 8 e bibliografia geral, p. 24-25, onde se citam, entre outros, trabalhos de Almeida 1974c; Jalhay 1944, 1947, 1949, 1950a, 1950b e 1951; Jalhay –Paço 1948; Paço 1952, 1953a, 1953b, 1953c, 1954 a, 1954b, 1954c, 1956, 1957, 1959, 1961, 1963, 1965b, 1968a, 1968b, 1968c e 1974; Paço-Jalhay 1955; Tavares A.A. 1970; Silva A.C.F. 1980b, 1986b e 1999b; Silva A.C.F.-Centeno 1980); Brandão 1985; Silva A.C.F. 1986a (com referências a notícias anteriores de Dinis 1965, 1971, 1976 e a Coelho J.F. 1965).

62 Soeiro 1984.

63 Almeida 1974b, 1977 e 1980c.

64 Sobretudo Vieira de Andrade, F.C. Lacerda Machado, José de Pinho, J. Monteiro de Aguiar, Abílio Miranda e E. Ferreira de Sousa.

65 Outras notícias e levantamentos arqueológicos com interesse para o distrito do Porto: Almeida 1969; Vasconcellos 1898 e 1901; Santos J.N. 1955; Sarmento 1985b e 1999; Silva J. 1963 e 1966; Almeida 1972; Santarém 1951 e 1955; Fortes 1909.

as da Assembleia Distrital [66], do Instituto de Arqueologia e da Secção de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto [67].

As terras altas de Montalegre e Boticas e a região de Chaves e do Vale do Tâmega, Valpaços e Sabrosa e restantes áreas que se desenvolvem no planalto transmontano até ao Vale do Douro, ainda no interior do aro de influência e com relação à cultura castreja de Entre-Douro-e-Minho mas já com vincadas marcas de interioridade que para Oeste se deslocavam sobretudo da Meseta Norte, contaram com algumas intervenções promovidas pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia por parte de J.R. Santos Júnior e seus colaboradores nos castros de S. Vicente da Chã [68], Carvalhelhos [69], Curalha [70], Sabrosa [71] e outros [72], possuindo alguns dos territórios envolventes destas estações trabalhos de inventário geral realizados por F. Braga Barreiros [73], M. Cristina Santos [74] e A. Montalvão [75] para os castros do concelho de Montalegre e arredores de Chaves, onde o Município, que tem a seu cargo o Museu da Região Flaviense, tem dado mostras de particular interesse pelo registo das estações arqueológicas regionais, elaborando listas e publicações [76], promovendo classificações e patrocinando novas escavações [77] numa área com razões suficientes para se tornar privilegiada no contexto dos programas arqueológicos nacionais.

De resto, a investigação arqueológica em Trás-os-Montes, com animadores entusiastas naturais da região que se tornaram interessados colaboradores dos primeiros números de *O Arqueólogo Português*, como Manuel de Azevedo [78], José Augusto Tavares [79], J. C. Lopo [80], Belchior da Cruz [81], Henrique Botelho [82], Celestino Beça [83], e sobretudo A. Pereira Lopo [84], é ainda tutelada pela figura ímpar do Abade de Baçal, Francisco Manuel Alves, que incluiu numerosas informações de reconhecimentos castrejos particularmente nos vol. 9-11 das suas *Memórias arqueológico – históricas do distrito de Bragança* [85], em boa hora reeditadas e de consulta facilitada

---

66 De citar o levantamento arqueológico do distrito do Porto, com colaboração diversa, inclusive a nossa, coordenada por F. Lanhas no âmbito das actividades do Museu de Etnografia e História do Porto, com a publicação das parcelas 124-6 (1965), 135-2 (1967) e 109-4 (1969) por Lanhas-Brandão 1365-1967-1969 e, posteriormente, o trabalho do Instituto de Arqueologia, actual Secção de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de que se conta, entre os resultados mais significativos, o renascimento da revista *Portugalia*.

67 Pode, efectivamente, considerar-se o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto o principal responsável pela investigação arqueológica do Norte de Portugal, avultando na actividade dos seus membros diversos projectos, de âmbito mais vasto ou mais restrito, sobre a Proto-História do Norte de Portugal, neste campo se incluindo a orientação dos trabalhos em importantes estações do Norte do país e a direcção de instituições diversas, como o Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, especialmente vocacionado para o estudo da cultura castreja, e do Gabinete de História e de Arqueologia de Vila Nova de Gaia, da nossa responsabilidade, e do Museu Municipal de Penafiel, com as escavações de Monte Mozinho, a cargo de Teresa Soeiro, entre outros.

68 Santos Júnior 1963b; Santos Júnior-Freire 1964; Freire 1967-68a.

69 Santos Júnior 1957, 1959-60, 1963c, 1964, 1966, 1971, 1973, 1975b, 1977b, 1978d, 1980b, 1981b, 1982, 1983a, 1984b.

70 Magalhães *et alii* 1975, 1977 e 1978; Freitas A.-Santos Júnior 1980, 1981, 1982, 1983 e 1984; Santos Júnior 1984b.

71 Ervedosa 1967-68, 1981, 1982 e 1984; Santos Júnior 1969.

72 Santos Júnior 1952, 1978a, 1980a e 1980c; Santos Júnior *et alii* 1982.

73 Barreiros 1915 e 1919-20.

74 Santos M.C. 1969.

75 Montalvão 1971 (dactil.).

76 Referência particular para as estações dos concelhos de Chaves (Martins J.B. 1984; Amaral 1993), Boticas (Martins J.B. 1994; Miranda *et alii* 1983; Teixeira R. 1996), Valpaços (Martins A.V. 1978; Martins J.B. 1984; Freitas A.M. 2001) e Vila Pouca de Aguiar (Martins J.B. 1984).

77 Sobretudo em Soutilha de Mairos (Jorge S.O. 1985c; Jorge S.O.-Soeiro 1981-82) e Muro da Pastoria (Joge S. O. 1985b; Soeiro 1985-86).

78 Azevedo M. 1895.

79 Tavares J.A. 1895 e 1922.

80 Lopo J.C. 1895.

81 Cruz 1896.

82 Botelho 1896, 1897, 1899-1900 e 1902-04-05.

83 Beça 1906 e 1915.

84 Lopo A.P. 1897a, 1897b, 1897c, 1897d, 1897e, 1898a, 1898b, 1898c, 1898d, 1898-99 (reed. facsimilada, Lisboa, 1983, sobretudo p. 45, 63, 111), 1899-1900a, 1899-1900b, 1899-1900c, 1899-1900d, 1899-1900e, 1899-1900f, 1899-1900g, 1899-1900h, 1901, 1902a, 1902b, 1902c, 1902d, 1907-08, p. 248-252, 1909, 1910a, 1910b, 1911a e 1911b.

85 Alves 1934-38-40 (reed. 2000).

pelo ordenamento que lhes foi feito por J. Maria Neto [86], continuando a depender de iniciativas episódicas a parcimónia da actividade arqueológica nesta região do Nordeste transmontano [87] com manifestas expressões de diferenciação cultural e domínio étnico relativamente às restantes áreas do território nacional a Norte do Douro.

Os levantamentos da área meridional castreja, que se desenvolve a Sul do Douro até ao Vouga, aparecem tradicionalmente centrados, relativamente ao litoral Norte da Beira, do distrito de Aveiro, com elementos de fraca densidade, em função da problemática da localização de *Talabriga* [88] e *Lancobriga* [89], sendo de assinalar as publicações de Alberto Souto [90] e Arlindo de Sousa [91] e sobretudo os estudos de profunda incidência geográfica de Amorim Girão para o Vale do Vouga [92] e mais para a região de Lafões [93] situada na transição para a Lusitânia pré-romana. Nesta área geográfica, que conta agora com uma inventariação geral [94], podem distinguir-se como intervenções programadas as escavações dos castros de Fiães e Romariz na Terra de Santa Maria da Feira [95], e no castro de Ovil, no concelho de Espinho.

Para o planalto de Viseu, e prescindindo da Beira interior por exceder o âmbito deste estudo, contamos sobretudo com as notas de José Coelho [96], seguindo os trabalhos monográficos de Maximiano de Aragão [97], tendo merecido cobertura mais criteriosa e atenta as recolhas e intervenções efectuadas por Celso Tavares da Silva com colaboração diversa [98] pela área do distrito, podendo também considerar-se de certa utilidade dois mapas, inéditos, com a cartografia geral dos monumentos de carácter defensivo, castros e castelos da Beira Alta, existentes na Assembleia Distrital de Viseu. De todas as referências castrejas [99], sobressaem, ainda, nesta região, os trabalhos arqueológicos realizados no Castro da Senhora da Guia, Baiões [100], de importância primordial para a caracterização do Bronze Final Atlântico, e no Castro da Cárcoda [101], ambos do concelho de S. Pedro do Sul, e a investigação recente, de inventariação e interpretação, de J. L. Inês Vaz e Ivone Pedro, entre outros estudiosos [102].

Não obstante as limitações mencionadas, de que sobressai, consequentemente, a impossibilidade de estabelecer, no estado actual da investigação, um quadro diacrónico rigoroso, o elenco resultante desta pesquisa transmite uma imagem de conjunto que poderá servir de base a uma reflexão sobre um dos momentos mais importantes do processo demográfico do Norte de Portugal.

---

86 Neto 1975.

87 Para a região transmontana, atender ainda a outras informações, vg.: Cabral A.P. 1910; Cardozo 1943b; Castro 1962b; Coffyn 1985; Costa J.G. 1963; Cruz A. 1935; Fortes 1905-08a; Kalb 1980a,; Höck 1978 e 1980 (única intervenção arqueológica castreja realizada nos últimos anos no distrito de Bragança); Höck-Coelho 1972; Pinheiro A.D. 1928; Pinheiro H. 1888; Pinto R.S. 1928-29, 1931-32; Ponte 1984; Rodrigues-Brandão 1962; Santos Júnior 1952, 1963, 1967, 1978a, 1978c, 1980a, 1980c; Severo 1905-08d; Vasconcellos 1899-1900b e 1903c; Villas Bôas 1945 e sobretudo o inventário geral do Leste Transmontano (Lemos 1993) e de castros com pedras fincadas (Redentor 2000), além da investigação arqueológica sistemática no Castro de Palheiros, Murça, no distrito de Vila Real (Sanches 1997 e 2000-01).

88 Pereira F.A.1907; Souto 1930 (reed. in *Cacia e o Baixo-Vouga. Apontamentos Históricos e Etnográficos.* Aveiro, 1984, p. 928) e 1942; Madahil 1941; Lopes L.S. 1995; Mantas 1996, p. 630-640; Guerra A. 1998, p. 619-621.

89 Corrêa 1925; Sousa 1942; Sá 1938-39 e 1940; Teixeira 1938a; Mantas 1996, p. 640-645; Guerra A. 1998, p. 484-486.

90 Souto 1930 e 1942.

91 Sousa A. 1942.

92 Girão 1922.

93 Girão 1921.

94 Silva A.M.P. 1994.

95 Almeida-Santos 1971 e 1972; Santos M.Fe. 1940 (reed. 1984); Centeno-Silva A.C.F. 1982; Silva A.C.F. 1986b.

96 Coelho J. 1942a, 1943 e 1946.

97 Aragão M. 1894.

98 Silva Ce. T. 1949, 1979 e 1980.

99 Cfr. notícias e referências diversas in Figueiredo 1959; Jalhay 1932-34; Silva Ce. T. *et alii* 1985; Sousa A.C. 1919-20; Vasconcellos 1895b e 1903b.

100 Além da bibliografia cit. na nota anterior, vide: Kalb 1974-77, 1976, 1978 e 1979; Silva A.C.F. *et alii* 1984.

101 Tavares M.C.A. 1954, 1957, 1975; Silva Ce. T.-Correia 1976; Silva Ce.T. 1980; Correia-Correia 1978.

102 Pedro 1995; Vaz 1997.

A enunciação dos dados (*Inventário*, em apêndice) resumir-se-á a uma identificação individual que consta de um número de série segundo o seu registo no mapa de distribuição (Est. II), com indicação das respectivas coordenadas geográficas e referências bibliográficas, utilizando ainda, por razões de ordem prática, dados administrativos e a nomenclatura do *Código Geográfico Nacional* (Gabinete de Planeamento dos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações. Lisboa, 1973, Série n.º 5).

A partir deste elenco, sugerem-se-nos algumas notas sobre a frequência e variedade das situações e dos critérios de implantação castreja num espaço tão vasto e tão diverso, como as seguintes:

Apesar de se tratar de um tipo de habitat em que a condicionante altimétrica desempenha papel de particular relevo em consideração ao carácter defensivo dos povoados, a primeira observação geral sobre a sua localização é de que a sua implantação não se coloca na dependência da altitude. Em relação a este factor, é evidente o registo de estações castrejas nas cotas mais diversas, desde pequenas elevações com algumas dezenas de metros [103] a outras com mais de mil metros de altitude [104], sendo notória uma localização maioritária até 500 m na região de Entre-Douro-e-Minho e superior a essa cota nas regiões que para Leste se estendem no vasto planalto trasmontano, com relativa monotonia de cotas entre 600 e 700 m de altitude, a Norte do Rio Douro, e no distrito de Viseu, a Sul do mesmo rio.

Segundo as observações resultantes da nossa inventariação, a mancha de cobertura apresenta, efectivamente, maior densidade na zona litoral e peri-litoral, sendo significativa a percentagem de castros implantados em posições de baixa altitude, inferiores a 200 m, que se torna genericamente mais expressiva em relação às estações situadas entre 200-500 m, com excepção para a região da Beira Litoral, com áreas mais planas e onde a transição para o interior acontece com menor gradação.

Raras são, todavia, as estações que ocupam pontos muito elevados, registando apenas três casos de altitude da ordem dos 1000 m no Entre-Douro-e-Minho, respectivamente situadas em Castro Laboreiro (Est. II, n.os 66, 70) e no Gerês (Est. II, n.º 296), não sendo conhecida qualquer situação do género nos distritos do Porto e Aveiro, mas já com mais algumas presenças nas zonas de altitude do interior.

Neste aspecto, elemento decisivo terão sido sempre as condições naturais de defesa propiciadas por posições mais ou menos elevadas habitualmente relacionadas com linhas de água, que se tornavam solidariamente úteis para a defesa e a subsistência das comunidades.

Outros factores terão, todavia, intervindo para a optimização da escolha do habitat.

Com efeito, o mapa de distribuição (Est. II), ao registar uma maior densidade em colinas de altitude média, nas proximidades da costa atlântica e ao longo das bacias dos rios, evidenciando um certo ordenamento geral na ocupação do espaço, em meios favoráveis à prática de actividades agro-pecuárias e ao aproveitamento dos recursos marítimos e fluviais, revela que a selecção de locais para o seu estabelecimento estava também inteiramente conexa com a economia de subsistência de cada comunidade, sendo ainda notória a relação de alguns povoados com a exploração mineira, designadamente de estanho [105] e ouro [106], que estavam na base de rotas de comércio tradicionais [107] e foram motivação da sua conquista [108].

É esta razão de índole económica que se deduz da forte, às vezes muito forte, densidade de ocupação da zona nuclear de Entre-Douro-e-Minho, quer na planície de várzea litoral quer nas zonas de meia encosta ou de *hinterland*, geográfica e humanamente interdependentes, com duas concentrações assinaláveis, no Alto Minho e na Bacia do Ave-Vizela, rarefazendo-se notoriamente nas zonas de montanha, naturalmente desfavoráveis para certos tipos de habitat, e de algum modo também na sub-região das terras de Basto,

---

[103] Cfr. a cartografia da Est. II. Anotar, vg., observações sobre a Ribeira Lima com diversos castros situados em cotas inferiores a 50m. (Almeida C.A.B.-Baptista 1981).

[104] Cfr. cartografia da Est. II.

[105] Cfr., vg., Coffyn 1985, cart. 30 (cartografia das jazidas).

[106] Cfr., vg., Sánchez Palencia 1983.

[107] *In genere*, Tranoy 1981, p. 96-99.

[108] Idem, p. 125-144.

apesar de aí se encontrarem zonas de planície, de *hinterland* e de montanha num reduzido espaço geográfico que se vem considerando como um «pequeno Minho no interior do Minho» [109].

Com efeito, conforme o mapa de densidade de unidade castreja por hectare [110], pode verificar-se, relativamente ao Alto Minho, uma superfície média de um castro por menos de 1250 ha nos territórios dos concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença, Paredes de Coura, Viana do Castelo, Ponte de Lima e Esposende e com índices aproximados em outros concelhos limítrofes, de que será desnecessário invocar os favores da situação geográfica, da fertilidade do território e da riqueza mineira particularmente em estanho [111], que terão implementado formas de desenvolvimento desde a formação da cultura castreja, que situamos no final da Idade do Bronze.

Em relação à outra concentração apontada na bacia do Ave-Vizela, cobrindo o concelho de Guimarães e parte de Paços de Ferreira e com prolongamentos entre os vales do Sousa e Tâmega no concelho de Penafiel, mais do que privilegiar, à partida, vantagens de natureza económica e procurar outras razões, será de invocar o esforço com que a investigação castreja se vem distinguindo com destaque nesta área.

Mas especificamente também, em relação a esta polarização do Ave-Vizela, cumprirá advertir, desde já, que ainda mais expressiva que a relação de unidade castreja por hectare será o facto de, precisamente nesta área, se encontrar localizado o maior conjunto de estações castrejas de grande dimensão como a Citânia de Briteiros, o Castro das Eiras, a Citânia de Sanfins, o Castro de Alvarelhos, a Cividade de Bagunte e ainda nas suas proximidades a Cividade de Terroso, numa amostragem de intensa densidade demográfica e organização proto-urbana alcançada na fase final da cultura castreja, que consideramos vinculada a motivações de carácter político-militar postas em relação com fases da conquista romana do Noroeste, e de flagrante correspondência com zonas actuais de muito forte densidade populacional do Entre-Douro-e-Minho.

Já a zona de Basto, compreendendo parte dos concelhos de Cabeceiras, Celorico e Mondim de Basto, e ainda Amarante e Ribeira de Pena, mostra, conforme anteriormente referido e ao contrário destas situações de acumulação, índices mais reduzidos com uma média entre 1250 e 2500 ou 5000 ha por povoado castrejo.

De bem mais fraca densidade é a planície litoral a Sul do Douro sobretudo a que abrange os campos do Baixo Vouga e as areias e terrenos antigos nos concelhos de Ovar, Estarreja, Murtosa, Aveiro e Ílhavo, com características em que o relevo e a natureza ecológica da região [112] terão sido determinantes da sua rarefação.

E parece que as manchas brancas, correspondentes às zonas de montanha do maciço galaico-português, que se desenvolvem desde a Peneda, Gerês, Cabreira, Alvão e Marão, Montemuro, Freita e Gralheira até ao Caramulo, elucidam claramente sobre o estabelecimento dos limites naturais da zona nuclear da área meridional castreja, de incidência litoral.

Na região de Trás-os-Montes, em sentido lato, envolvendo toda a área dos distritos de Vila Real e Bragança, incluindo o Alto Douro, a trama da ocupação é mais espaçada, aparecendo os povoados castrejos distribuídos com certa regularidade pela vastidão dessa área, com a presença de uma estação castreja por cada 2800 ha, em média.

Não se deixará todavia de observar uma relativa acumulação na zona das terras altas, de altitude superior a 750 m, compreendendo os concelhos de Montalegre, Boticas e parte dos concelhos de Vinhais e Bragança, em zonas apesar de tudo abrigadas do vento Norte e onde a actividade pecuária vem assumindo tradicionalmente grande importância, podendo ainda acrescentar, invocando a cartografia das jazidas metalíferas [113] e dos achados do Bronze Final [114] reconhecidos na região assim como algumas análises

---

109 Cary 1985, 1, p. 40.

110 Silva A.C.F. 1986b, Fig. I.

111 Teixeira *et alii* 1972.

112 Girão 1922.

113 Notas 105 e 106.

114 Cfr. Quadro dos achados do Bronze Final (Gráfico 4) e mapa de distribuição (Est. IV).

metalográficas, especialmente as referentes ao Castro de Carvalhelhos [115], a atracção que terá sido exercida pelos recursos mineiros.

A forte densidade da depressão de Chaves, que em geral participa das mesmas condições, poder-se-á justificar mais em consideração ao Vale do Tâmega, à fertilidade da Veiga e à linha de fractura tectónica que faz desta região via natural de penetração, vantagens que, em bloco, já não aparecem na depressão de Mirandela, pelos vales do Tua/Tuela, por onde alguns pretendem que se tenha estabelecido a fronteira com o povo dos *Zoelae*, dos Astures [116], e que apresenta índices de densidade comuns à generalidade dos territórios da Terra Fria, Terra Quente e Douro, aquelas com condições favoráveis para a produção de determinadas culturas cerealíferas, designadamente, o trigo [117], e para o desenvolvimento da actividade pecuária, e o vale do Douro mais desfavorecido relativamente a essas condições naturais mas optimizado do ponto de vista estratégico.

Com efeito, não obstante os condicionamentos que à ocupação humana o vale do Douro naturalmente apresenta, com vertentes abruptas talhadas no xisto e no granito e com predominância de solos residuais sem aptidão agrícola ou de aptidão agrícola condicionada, torna-se, neste caso, bem nítido o objectivo estratégico do povoamento castrejo, ao observarmos na área do nosso estudo um conjunto de povoados fortificados que garantiam o controlo de todos os seus troços e respectivas entradas com acesso para o interior, de uma e outra margem no sentido da defesa da unidade natural mais importante e significativa desta vasta região.

Todavia, a frequência mais baixa regista-se globalmente no planalto de Viseu, onde grande parte do território apresenta índices médios inferiores a um castro por 5000 e 10000ha.

Encontramo-nos já para além do Montemuro, Gralheira e Caramulo, em área que podemos considerar lusitana, no sentido próprio da expressão, e que apenas referimos como margem envolvente e de contacto com o núcleo castrejo do Noroeste português.

Só na região de Lafões, abrangendo os concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzela, Oliveira de Frades e ainda uma parte do concelho de Sever do Vouga, com condições especiais de relevo do solo que lhe parece conferir, ao modo das terras de Basto, «uma pequena imagem do Minho» [118] se acentuam os índices de povoamento proto-histórico.

Também aqui é óbvio o papel estruturador do rio Vouga, sobretudo a jusante de S. Pedro do Sul, se bem que os importantes achados do Bronze Final nesta área se deverão equacionar, relativamente aos primeiros núcleos de povoamento, com a riqueza mineralógica, no caso, especialmente constituída pelo estanho e também o cobre e o chumbo, cuja exploração parece verosímil poder remontar a essas épocas [119].

Das observações que vêm sendo produzidas e com ilustração conveniente no mapa de implantação (Est. II), se vem evidenciando o funcionamento dos cursos de água como elemento decisivo da estratégia do povoamento castrejo exercendo papel relevante no sistema de defesa do território e das vias comerciais que as séries de castros ao longo dos principais rios, controlando eficazmente o seu percurso e os acessos ao interior, patenteiam. Simples elemento defensivo de alguns povoados, traçando-lhes assim um fosso natural, a implantação na sua proximidade manifesta bem a importância estrutural da rede hidrográfica, quer como fonte permanente de abastecimento quer como principal meio de comunicação facilitando os contactos internos e externos, em consideração à sua navegabilidade, cuja importância transparece na veracidade das próprias referências dos autores clássicos em especial ao Vouga, Douro e Minho [120].

E, se este aspecto do ordenamento territorial parece claro no Alto e Baixo Império, também os nossos resultados documentam a sua ascendência pré-romana, a que não terá sido alheia a função em vários casos exercida como limite de território étnico [121].

---

115 Santos Júnior 1957, p. 48-50, 59-60; Costa H.M. 1965-66.

116 Vg., López Cuevillas 1954, p. 14-16; Fernandes A.A. 1968, p. 156-159.

117 Cfr., vg., Santos Júnior, J.R., *A cultura dos cereais do Leste Transmontano*, TAE, 23(1), 1977, p. 41-159.

118 Girão 1922, p. 137.

119 Girão 1922, p. 154-156.

120 Nota 12.

121 Exemplarmente, C.Plinius, IV, 112-113, sobre a distribuição dos povos na região.

Outras razões, como sejam, de ordem política ou religiosa, se poderão ter tornado no motivo de preferência por determinado lugar, como tudo indica que tenha acontecido no caso de alguns castros mais amplos e tardios, com carácter de controlo territorial, e presumivelmente em relação a outros cuja função primária poderia estar ligada a serviços de carácter religioso relacionados com a existência de santuários, atendendo à importância que esse factor ocupava na vida das sociedades arcaicas e que aqui se revela, entre outras situações, pela sacralização do espaço aos vários níveis a que se manifesta no âmbito dos grupos familiares, dos povoados e dos territórios e dos próprios acidentes naturais [122].

Toda esta problemática, porém, só poderá ser convenientemente esclarecida quando resolvidas as questões de periodização relacionadas com o processo de desenvolvimento urbano das estações castrejas, cuja variedade de funções, de ordem residencial, defensiva, político-administrativa, económica ou ritual, incoativa e dispersa por cada pequeno castro nos primeiros tempos, terá conhecido na sua fase final, já sob os estímulos e por motivo da romanização, uma concentração de todas as funções possíveis num só povoado que as grandes estações com áreas significativas escavadas, como as Citânias de Briteiros e de Sanfins, parecem confirmar.

Uma análise feita a partir da Citânia de Sanfins (Fig. 1) em função do meio ambiente e segundo princípios de determinação de hierarquias e zonas de influências dos centros urbanos [123], ao manifestar uma equidistância da ordem dos 25 Km de Sanfins (Paços de Ferreira) a Briteiros (Guimarães), a Alvarelhos (Santo Tirso) e a Abujefa/Mozinho (Penafiel), e também a Eiras (V. N. Famalicão), a Bagunte (V. do Conde) e a Vandoma (Paredes), correspondente a uma jornada, sugere a consideração desta medida como um dos princípios de ordenamento regional dos povoados castrejos.

Obedecendo a uma certa hierarquização, esses grandes povoados poderão ter desempenhado o papel de *lugares centrais* em posição de metrópoles de territórios demarcados [124] adstritos a grupos étnicos, alguns deles conhecidos por indicações epigráficas que apontam para a sua identificação como unidades suprafamiliares designadas singularmente por *castellum*, ou pelo signo epigráfico correspondente ↄ, inferiores aos *populi* ou *civitates*, suas sucedâneas, identificados na organização social castreja.

Limitando a nossa análise à região entre Minho e Lima [125], registamos a existência de seis/oito paróquias suévicas com presumível pervivência nos futuros julgados e concelhos [126] e que se acercam em posição geográfica e em quantidade dos grandes povoados proto-históricos entendidos como lugares centrais de territórios bem dominados visualmente, com uma dezena, em média, de povoados subsidiários.

Este universo formaria, assim, dois conjuntos, provavelmente identificáveis com outras tantas unidades étnicas, identificáveis com os *Seurbi* na margem esquerda do Minho e os *Lemici/Limici* na margem direita e pelo vale do Lima, em que os lugares centrais exerceriam entre si uma funcionalidade complementar, segundo uma organização polinuclearizada em que a função comercial estaria situada junto à costa, as actividades político-militares em localização mais estratégica e de maior densidade populacional, onde se centrariam também as actividades de subsistência, agricultura e pecuária, e outra, junto dos recursos mineiros. Este modelo parece transparecer da análise, segundo o modelo de Alden [127], que resultou dos núcleos de

---

122 Infra, cap. III, *A Religião*.

123 Seleccionamos de entre a informação sobre este tipo de análises, de raiz estruturalista, de geografia humana, que vem sendo adoptado pelas novas tendências arqueológicas particularmente estimuladas pela escola anglo-saxónica, algumas referências bibliográficas com noções metodológicas e diversos casos de aplicação dos modelos, que reflectem criteriosamente o amplo espectro da arqueologia espacial: Abreu 1964; Vitta Finzi-Higgs 1970; Haggett 1976, p. 157-161, 312-356; Cunliffe 1976; Clarke 1977, mais particularmente p. 1-32 e p. 223-351; Vitta Finzi 1978; Burillo Mozota 1984; Galhay 1986; Cherry 1987; Hodges 1987; Champion T.C. 1989; Hodder-Orton 1990. Cfr. infra, nota 310.

124 Silva A.C.F. 1980b, 1983a e 1983-84, p. 122-123.

125 Silva A.C.F. 1999a, p. 44-45. Interpretando como corruptela de tradição textual a leitura de *Leuni* por *Lemici* > *Limici*, julgamos mais acertada a sua localização junto ao Lima, mantendo-se os *Seurbi* na localização anteriormente proposta.

126 Rodrigues T.J. 1997.

127 Cherry 1987, p. 157-158.

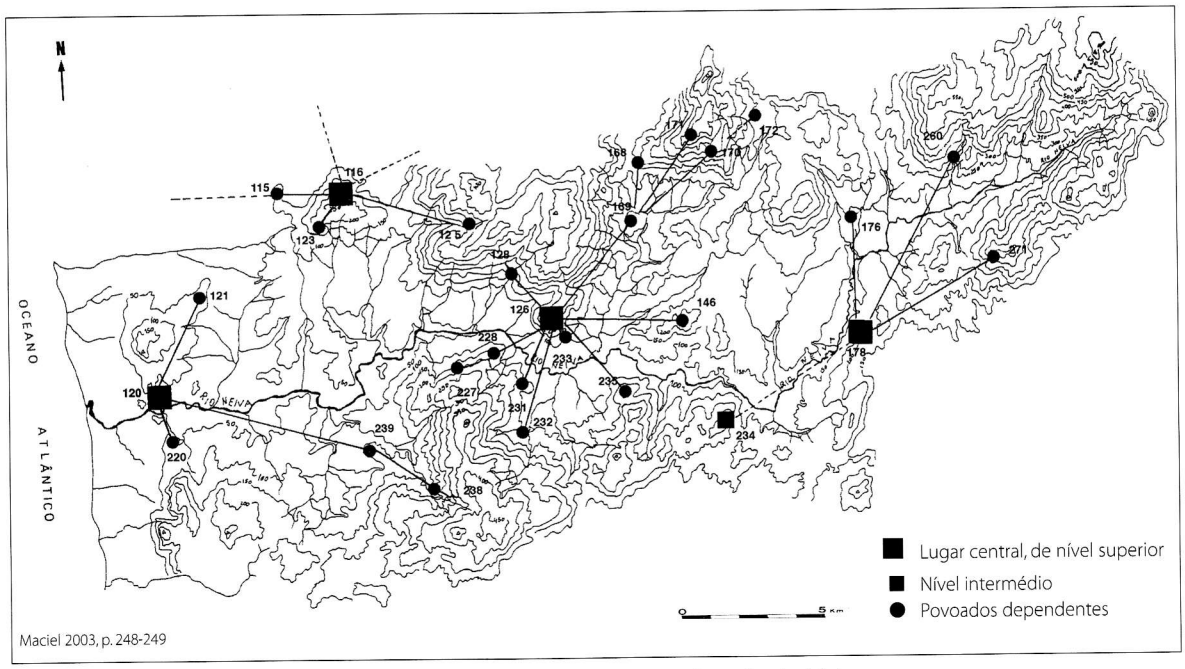


Fig. 1 – Núcleos de povoamento do Vale do Neiva

povoamento do Vale do Neiva [128], que parece exemplificar uma unidade bem definida por acidentes geográficos, como a rede hidrográfica e a orografia. O Castelo de Neiva (Est. II, n.º 120), junto à foz, seria o entreposto, a Citânia da Carmona (Est. II, n.º 126) e a de Roques (Est. II, n.º 116), em posição central e subsidiadas por um conjunto de povoados com grande potencial económico, exerceriam a capitalidade política e a religiosa e o Castro Seco (Est. II, n.º 178), a montante, seria mais vocacionado para a exploração mineira, conforme registo arqueológico.

O mesmo se poderá dizer relativamente aos *Calaicos*, da margem direita do Douro, entre o mar e o Tâmega, englobando em torno dos *Fidueneae*, os *Madequisenses* e os *A/Danaeci*, em que o morro da Sé, *Cale* (Est. II, n.º 519), seria o *port of trade*, o castro do Muro, em Baltar, Paredes (Est. II, n.º 473), em conhecida região aurífera, concentrava a exploração mineira e a Citânia de Sanfins (Est. II, n.º 424) assumiria a capitalidade política e a subsistência [129].

A inscrição de Lamas de Moledo [130], interpretável como *trifinium*, poderá significar epigraficamente o funcionamento deste esquema em que três *castella* ou comunidades de linhagem (*Veaminicori, Magareaicoi, Caieolobrigoi*, em nominativo) parecem dedicar aos seus deuses principais (*Crougea, Petranioi, Iovea*, em dativo), uma tríplice série de animais constitutiva de um *suovetaurilium*, indiciadora de um tríade regional.

Distinguindo-se de numerosos estereótipos sobre modelos de ocupação e exploração do território, ficam estas sugestões como hipóteses interpretativas a considerar na análise das diversas instâncias da rede de povoamento indígena, de que as fontes clássicas nos transmitem referências onomásticas e cujas propostas de localização vêm sendo reformuladas segundo novos dados epigráficos e o progresso metodológico (Cfr. Cap. III).

Globalmente, fica-nos a impressão, numa perspectiva de "tempo longo", que se não poderá dissociar a mancha do povoamento actual das células proto-históricas, não sendo de atribuir à conquista e pacificação romana mais do que uma desconcentração do habitat e a criação de alguns núcleos novos, em consideração aos seus objectivos de ordem política, militar, administrativa e económica.

---

128 Maciel 1997= 2003.

129 Silva A.C.F. 2000, p. 100-101.

130 Cfr. 689 (Epig. 104).

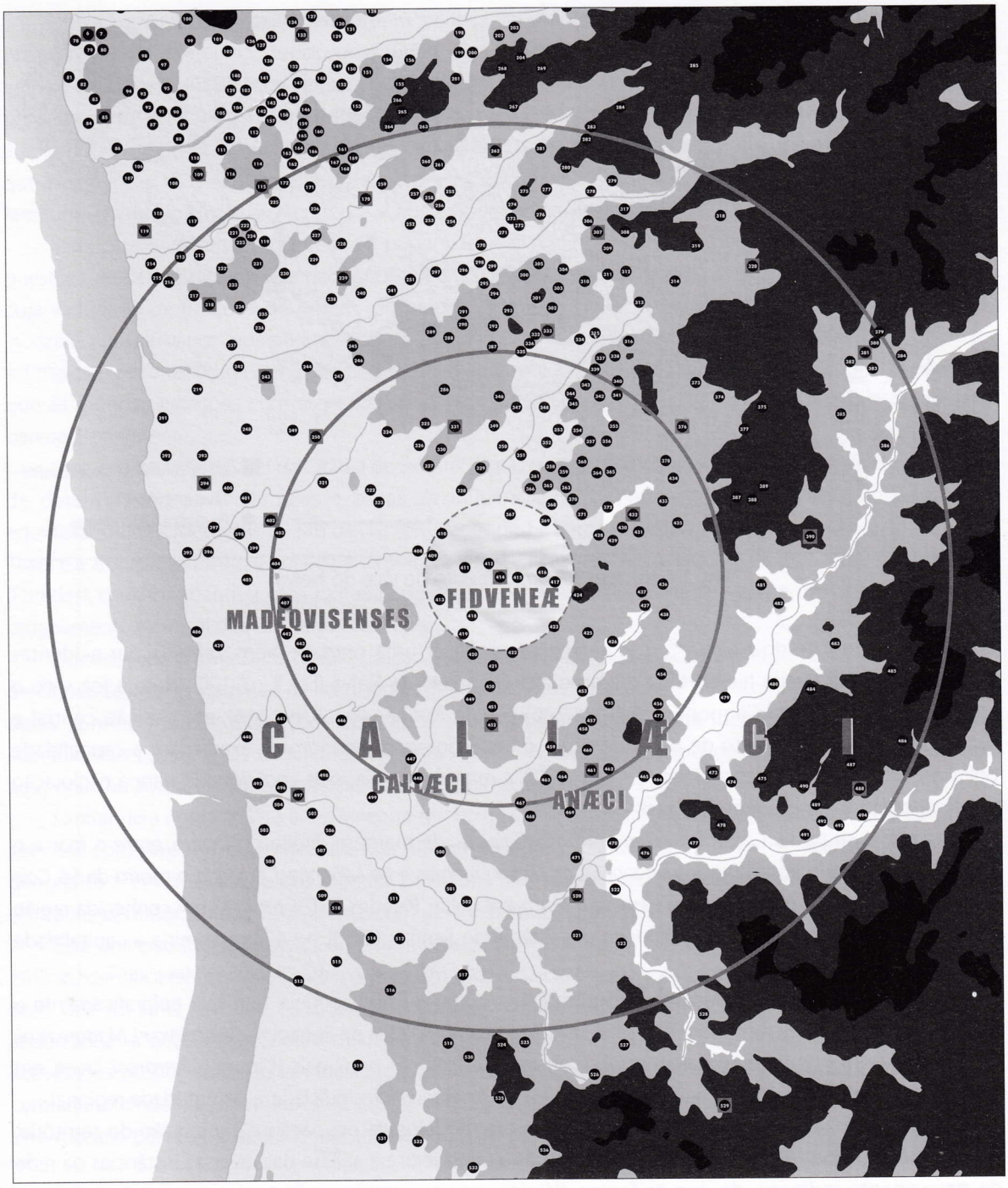


Fig. 2 – Zonas de influência da Citânia de Sanfins

1. Entre-Douro-e-Minho
   Zona homogénea dominada visualmente (± 50 Km de raio)
2. Bacias do Ave/Vizela, Sousa-Ferreira e Leça
   Área correspondente a um círculo com raio de 20/25 Km (uma jornada); como pontos de referência apontamos a Citânia de Briteiros a Norte, Mozinho a Sul e Alvarelhos a Oeste.
3. Bacias do Alto Ferreira e Alto Leça
   Concelho de Paços de Ferreira, Monte Córdova, Negrelos, Lustosa, que poderemos hipoteticamente considerar como *territorium* da Citânia.
4. Citânia e área imediata

Apesar do desfasamento entre as unidades em questão, não devendo obviamente fazer equivaler um castro a uma freguesia, é o que se pode deduzir da correspondência genérica das duas linhas do gráfico de frequências [131] onde, de certo modo, se apela para um registo de continuidade no perfil do povoamento do Norte de Portugal desde os tempos da sua proto-história, que vem sendo, de resto, também realçado em estudos relacionados com a problemática do ermamento na Alta Idade Média [132].

2. A ESTRUTURAÇÃO DOS POVOADOS

2.1. O SISTEMA DEFENSIVO

A insuficiência das condições naturais de defesa propiciadas pelo relevo e cursos de água originou a construção artificial de diversos sistemas defensivos, de acordo com a morfologia do terreno e possibilidades das populações, utilizados isoladamente ou em combinações mais complexas sobretudo frequentes nos grandes povoados, onde uma série de muralhas representa efectivamente o elemento fundamental da sua protecção [133].

Presentes em todos os castros reconhecidos, em número variável, conforme o grau de acessibilidade do sector e as dimensões do povoado, estão em geral dispostas concentricamente e são às vezes reforçadas com outras defesas complementares, como fossos e pedras fincadas [134], em acumulação bem típica da cultura castreja do Noroeste peninsular.

Para uma melhor clarificação do sistema defensivo, foram realizados especificamente diversos cortes estratigráficos nas muralhas das estações por nós intervencionadas com o objectivo primordial de caracterizar a sua estrutura e definir-lhes a cronologia, seleccionando, para o efeito, os seguintes dados correspondentes às diversas fases da periodização que propomos neste estudo:

1. – Castro do Coto da Pena (Est. XXXV)

Esta estação castreja, situada na confluência do rio Coura com o Minho em excelente posição estratégia que lhe é conferida na sua parte mais elevada por uma implantação em maciço rochoso de declives abruptos, a W, e fortemente acentuados nos restantes lados (Est. XXXV, 2), revelou ainda a construção de uma muralha de pedra, envolvente dessa plataforma superior, como especial medida de reforço da sua protecção, cujo estudo se tornou imperioso atendendo à amplitude cronológica deste povoado com estruturas e espólio significativo do Bronze Final à Idade Média, a ser referido oportunamente, limitando por ora as nossas observações aos aspectos indispensáveis para caracterizar a estrutura e cronologia desta linha defensiva.

Segundo os dados do corte VIL85MUR (Est. XXXV, 3), implantado no declive E nas imediações da área escavada VIL 80-85 (Est. XXXV, 2) numa área de 36 m^2, a sua estrutura apresenta-se como um muro de espessura irregular, de 1.80 a 2.60 m no sector intervencionado (Est. XXXV, 1) sendo constituído por camadas de pedras de diversos tamanhos, imbricadas umas nas outras horizontalmente sem argamassa, com algumas de grande porte na base, que assentava numa plataforma previamente preparada na rocha natural, tornando-se notória, apesar da irregularidade do seu alinhamento e aparelho de construção, a procura de solidez e o aproveitamento das faces mais planas dos blocos utilizados para a normalização do paramento externo sem vestígios de afeiçoamento a pico.

---

131 Silva A.C.F. 1986b, Fig. 3.

132 Vg. Almeida 1966; Fernandes A.A. 1968; Costa A.J. 1981.

133 Além da bibliografia citada na nota 1, caracterização geral in Cardozo 1952b.

134 Infra, nota 174.

Como aspecto relevante deduzido da estratigrafia (Est. XXXV, 3), com espólio diverso de indústria lítica [135] e cerâmica de fabrico manual, com fragmentos de vasos e moldes de fundição [136] análogos aos encontrados no Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul), no estrato 05, que se terá formado por deposição após a sua implantação, se aponta uma cronologia correspondente a esses materiais, atribuíveis ao Bronze Final Atlântico II/III [137], para datar a sua construção, que, de resto, está em conformidade com a cronologia que estabelecemos para a primeira fase deste castro, a evidenciar as preocupações defensivas características desta cultura desde a sua formação já notadas noutras situações [138].

Mas os estratos imediatos (04, 03), já com cerâmica manual associada a cerâmica importada de proveniência e/ou tradição púnica [139], cobrindo a muralha derrubada, fazem observar a sua duração efémera, sugerindo que tenha sido considerada inútil a sua conservação em segunda fase, que se apercebe de grande prosperidade, sendo natural que tenha sido substituída por outra linha de perímetro mais alargado como o indica a existência de concheiros e lareiras desta época contíguas à face exterior (Est. XXXV, 1: 5,8), a que se sobrepuseram outras camadas mais recentes datadas da romanização (02) [140], e Idade Média (01) [141], incluindo uma grande bolsa desta época com numerosos elementos de destruição em momentos sucessivos (01A/01B), segundo o esquema geral das vicissitudes da ocupação deste castro.

2. Cividade de Terroso (Est. XXXVI, 1)

Pelas referências das antigas escavações de 1906-1907, a plataforma central da Cividade de Terroso estava circundada por «uma dupla muralha de blocos de grandes dimensões sem argamassa» [142] esquematicamente representada na sua planta primitiva (Est. XVII) que, apenas se reportando à área então escavada, não indica quaisquer vestígios de pelos menos mais duas cinturas envolventes reconhecíveis por desníveis e afloramentos de muros.

Conseguida através de um corte estratigráfico, TER81MUR (Est. XXXVI, 1) a definição, a W, da linha de muralha que circunda essa plataforma, o alargamento da área de recuperação para E e S permitiu detectar na campanha de 1982 a sequência dessa linha, incluindo a sua implantação, técnica construtiva e elementos arquitectónicos.

As estruturas descobertas a E apresentam, como a do sector estudado em 1981, um forte sistema defensivo, que atinge 5.30m de espessura, constituído por dois muros paralelos com as faces exteriores de aparelho regularizado composto de grandes blocos de pedras combinados com outras pedras de tamanho médio bem ajustadas pelo aproveitamento dos ângulos e com cunhas, sem argamassa, sendo o intervalo entre ambos preenchido de saibro.

Implantados sobre a rocha natural, a construção dos muros manifesta uma grande solidez que lhe é dada pela utilização de blocos de grandes dimensões sobretudo nos alicerces e aparecendo singularmente reforçados por uma série de muretes em arco de círculo que lhe estão adossados pelo interior numa larga zona provavelmente reconstruída (Est. XVIII, zonas V 16-18) e não assinalados na planta primitiva.

---

135 Designadamente numerosos seixos afeiçoados, pesos de rede e tear, mós de vaivém e dois machados polidos de anfibolito.

136 Entre as referências, merecem particular relevo alguns bordos de cerâmica de superficies brunidas tipo Baiões e uma valva de molde cerâmico de fundição e de pasta porosa muito similar a Est. LXXX, 2, também de Baiões.

137 Parâmetros de Coffyn 1985 reconsiderados in Mederos 1997. Cfr. Kalb 1978, Silva Ce.T. 1979 e Silva A.C.F. *et alii* 1984.

138 Cfr. Höck 1980.

139 Cfr. cap. II, *Cerâmicas de importação mediterrânica*, p. 201-204.

140 Com elementos datáveis dos séculos II-IV, em especial um testo de vasilha de bronze (Est. XXXV, 1:2) paralelo ao de Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979, Pl. XXXVII, 12).

141 Sobretudo cerâmica de pasta cinzenta muito bem cozida com típicos perfis e decoração de meandros e impressões de dedadas sobre relevo.

142 Pinto R.S. 1932; Almeida 1972.

Uma estrutura rectangular de ângulos arredondados e paredes oblíquas (Est. XVIII, **XI**), que se encontra do lado interno e em conexão com a entrada E e um arruamento lajeado que se prolonga axialmente no sentido E-W, poderá ser também interpretado como um elemento defensivo suplementar.

A S, na área contígua a TER82XXXIII, foi também detectado mais um troço do mesmo alinhamento de defesa [143], a indicar, na generalidade, idêntica tipologia construtiva desta primeira cintura defensiva da Cividade de Terroso, que, adequando-se à topografia do terreno, limita um planalto central.

O corte estratigráfico TER81MUR (Est. XXXVI, 1), implantado a W da plataforma central, apresenta no sector estudado uma estrutura com 3.80 m de espessura média e com idêntica tipologia aos anteriormente referidos, permitindo a sua leitura estabelecer correspondências com o faseamento cronológico do povoado, conforme segue:

00 camada fina de terra vegetal já formada depois das escavações de 1906-1907;

01A camada de remexímento resultante das referidas escavações, que atingiu o piso do estrato inferior, com cerâmica castreja feita à roda e ânfora;

01 camada de terra castanha com muitas pedras grandes e médias, do abandono e destruição da muralha, com cerâmica castreja feita à roda e ânfora, apenas existente no exterior da muralha;

02 camada castanho-acinzentada assente sobre fino piso de saibro do lado interior da muralha também com cerâmica castreja feita à roda e ânfora, em geral, Haltern 70; do lado exterior da muralha, o estrato correspondente assenta sobre a rocha natural. É o estrato de abandono e destruição do nível de ocupação mais recente da plataforma superior da Cividade (fase IIIB);

03 camada cinzenta com carvão e cerâmica castreja feita à roda assente sobre piso fino de saibro em cujo nível estão implantados muros da fase intermédia de ocupação da Cividade (fase IIIA);

04 camada cinzenta com muito carvão e muita cinza sob os muros referidos com cerâmica manual com decoração de corda sobre relevo [144] e composições de triângulos incisos [145] (fase II), de natural enchimento e regularização do estrato superior.

Ao atribuir-se a construção desta muralha à fase IIA e seu abandono à fase IIIB da nossa periodização, com base na leitura dos estratos e na análise do espólio, não podemos deixar de notar que as observações estratigráficas deste sector padecem naturalmente das dificuldades resultantes da falta de documentação e insuficiência dos registos das escavações orientadas por Rocha Peixoto – José Fortes, verificando-se que a sua intervenção não terá alcançado, neste caso, níveis significativos, tendo atingido apenas, do lado interno da plataforma e de maneira desigual, a primeira camada de ocupação, o que, de resto, se testemunha também na generalidade da área por eles escavada.

3. Castro de Sabroso (Est. XXXVI, 2)

A vala de sondagem aberta na zona da muralha do castro de Sabroso, SAB81 [146], evidencia um diferente esquema construtivo, que se caracteriza por reforços adossados ao corpo principal em aparelho poligonal, segundo tipologia testemunhada noutras estações castrejas.

---

143 Muro externo detectado em 1980 (Silva A.C.F. 1980a, Fig. 1, Sector TER80A, zona D) e interno TER82 I-J-L/30-31 (Est. XVIII, zonas J-H 30).

144 Quadro dec., 876-877, 884 (Est. LXXIV).

145 Quadro dec., 231, 233, 238 (Est. LXIV).

146 Campanha de escavações realizada em colaboração com Teresa Soeiro e Rui M. S. Centeno (Soeiro *et alii* 1981).

A leitura estratigráfica do corte documenta a existência de uma muralha inicial (MUR A) que apresenta duas faces regularizadas de grandes blocos internamente preenchida por um aglomerado de pedras sem argamassa com cerca de 4 m de espessura, sendo construída sobre a rocha natural e em parte sobre o estrato 06 que, por ser estéril, não nos forneceu referências cronológicas.

De qualquer modo, do estrato 05, relacionado com a sua utilização, foi recolhido algum espólio integralmente de cerâmica manual de pastas relativamente depuradas e pouco micáceas com preferência por formas de colo vertical datáveis da fase IIA [147].

O estrato 04, de terra castanha, com grandes blocos e restos de pedras, aparece como um nível de regularização do terreno sobre o qual se edificou uma casa circular contígua [148] e se reformulou a muralha, alteando-a e reforçando-a com um muro adossado pelo exterior, em alguns troços com uma sapata saliente, assente na rocha natural em cotas mais baixas e solidamente construído com cuidadoso aparelho poligonal (MUR B) [149] visível em grande parte do circuito da muralha do núcleo primitivo.

O escasso espólio exumado, de cerâmica micácea feita a torno lento e com decorações incisas, atribuível à fase IIB [150], poderá eventualmente relacionar esta reconstrução em novos moldes com a campanha de *Decimus Iunius Brutus*, como foi sugerido por C.F.C. Hawkes concretamente para este caso [151].

O espólio dos níveis superiores, com cerâmica em geral de formas de perfil em S feitas à roda e com decoração incisa no estrato 03 [152], correspondente à face interna da reforma da muralha (MUR B) e a um nível de ocupação testemunhado por uma lareira de barro situado nas zonas E5/F5 [153], é da fase IIIA e o piso 02, onde assenta um muro de enquadramento que se sobrepõe ao alteamento da parte interna da muralha, correspondente ao piso da casa circular referida, assinala o último período de ocupação desta zona do castro, tendo sido recolhido no estrato 01 um conjunto de cerâmica micácea toda feita à roda, incluindo um bordo de *dolium* e um vaso de asa interior [154] e outros fragmentos de formas de perfil predominantemente em S e com motivos decorativos parcelares de SS alinhados, caneluras, incisões e composições triangulares da mesma fase [155].

Vestígios semelhantes aparecem na camada vegetal 00, também com cerâmica micácea feita à roda, designadamente um bordo de *dolium* [156] e quatro asas de vasos de asas interiores horizontais [157] e um fragmento de taça [158], podendo indicar com verosimilhança, apesar da sua escassez, um período final de ocupação que não entra na fase IIIB e durante o qual se procedeu ao alargamento para novas áreas de S e E com muralhas do tipo das de Briteiros, coincidindo genericamente as nossas observações com a periodização interna deste povoado formulada por C.F.C. Hawkes [159].

---

147 Idem, p. 10.
148 Idem, Est. II.
149 Idem, Est. XI, 2.
150 Idem, p. 9-10 e estampas respectivas.
151 Cardozo 1958c; Hawkes 1958, 1971a e 1984, p. 192-193.
152 Soeiro *et alii* 1981.
153 Idem, Est. II.
154 Idem, p. 6, Est. V, 1, similar in Est. LIII, tipo G1b.IC1 (*dolium*); Est. V, 2, similar in Est. L, tipo D2b2-I1 (vaso de asa interior).
155 Idem, p. 6-7 e estampas correspondentes.
156 Idem, p. 6, Est. IV, 1 similar in Est. LIII, tipo G1b.IIC2.
157 Similar in Est. L, tipo D2b2.
158 Tipo A.
159 Nota 151.

4. Citânia de Briteiros (Est. XXXVI, 3)

O corte estratigráfico aberto na zona da muralha central da Citânia de Briteiros, BRI77-78 [160], mostrou uma linha defensiva simples com 1.00 m de espessura formada por dois paramentos paralelos de aparelho irregular internamente preenchidos com pedra miúda, que representa o tipo de muralha mais vulgar dos sistemas defensivos castrejos, designadamente nos grandes povoados, como este, caracterizados pela utilização de várias ordens de alinhamentos deste género.

A sua escavação até ao solo natural permitiu verificar que o seu alicerce assenta em rocha firme, tem cerca de 1 m de altura e é constituído por grandes pedras bem imbricadas sem qualquer espécie de argamassa, o que parece ser um índice das dimensões apreciáveis da sua estrutura original.

A sua construção está assinalada estratigraficamente por uma grande bolsa (estrato 05) com esquírolas de pedra e nódulos de barro, muita bolota e carvões e fragmentos de cerâmica micácea feita à roda, tendo sido detectada, na parte superior, no mesmo plano de uma pequena bolsa de sedimentação (04) com espólio similar, um piso de terra batida que terá sido o primeiro nível de ocupação após a construção da muralha.

Elementos fragmentários, os materiais não permitem datar com segurança o momento da construção, que se poderá situar, como a linha suplementar do período III de Sabroso segundo a periodização de C.F.C. Hawkes [161], da nossa fase IIIA.

Mas não se deverá tratar, com toda a probabilidade, da muralha mais antiga da Citânia, como sugere este arqueólogo [162], uma vez que se documenta neste nosso corte a existência de três estratos inferiores (06-08) com vestígios de ocupação e nas suas proximidades para o exterior, entre a primeira e a segunda ordem de muralhas, se notam vestígios de um alinhamento destruído.

Com efeito, o espólio do estrato 06, com percentagem considerável de vasos feitos à mão e outros aparentemente a torno lento com formas predominantes de colo alto [163] ou em aba horizontal, mais ou menos alargada [164] frequentes na fase II, A e B, no Coto da Pena e Romariz, também feitos à mão ou já a torno lento, aponta para uma cronologia da fase IIB, anterior a esta muralha, o que é, de resto, confirmado por uma camada mais antiga (08) com cerâmica muito micácea e de fabrico manual eventualmente relacionável com os vestígios do alinhamento atrás referido.

Apesar da destruição dos estratos superiores da zona contígua à muralha, a quando dos trabalhos de reconstrução aí realizados em 1949 [165], as indicações cronológicas do espólio do estrato 02, de terra castanho-clara, com uma lareira de barro batido, com vários círculos isométricos, na parte inferior e que forneceu, entre outros elementos muita cerâmica castreja feita à roda [166], muita ânfora, na generalidade Haltern 70 / Oberaden 82 e um bordo provavelmente Dressel 2-4 / Oberaden 78 [167], e dois fragmentos de sigillata hispânica, um inidentificável e outro da forma Dragendorff 37 decorada [168] e idênticas referências do estrato 01, de terra negra coberta por uma camada de húmus, de cerca de 10 cm, também com cerâmica micácea igualmente feita à roda, incluindo uma asa em orelha [169] e bastante ânfora, sugerem uma datação para o seu abandono e/ou destruição a partir dos meados do século I d.C.

---

160 Campanhas de escavações realizadas em colaboração com Rui M. S. Centeno (Silva A.C.F.- Centeno 1977; Centeno-Silva A.C.F. 1978).

161 Nota 151.

162 Hawkes 1971a.

163 Centeno-Silva A.C.F. 1978.

164 Idem, Est. IV, 1-7; V, 1-2 similares a Est. XLVII, 6-11.

165 Cardozo 1949b e 1950-51, p. 418-428.

166 Nas formas representadas inclui-se um bordo de vaso da asa interior (Centeno-Silva A.C.F. 1978, Est. III, 3 similar a Est. L, tipo D2b2.II). Os motivos decorativos enquadram-se também genericamente na fase III, típicos de Sanfins, Terroso e da própria Citânia de Briteiros, concretamente, círculos concêntricos associados a SS estampados (Centeno-Silva A.C.F. 1978, Est. VII, 3, similar a Quadro dec. 577, Est. LXIX), alinhamentos de pontos estampados em pente (idem, Est. VII, 4, similar a Quadro dec. 43, Est. LXI) e incisões oblíquas em corda sobre relevo (idem, Est. VII, 6, similar a Quadro dec. 868, Est. LXXIV).

167 Idem, Est. III, 5.

168 Idem, Est. VII, 11.

169 Tipo D2c.

Pelos cortes estratigráficos analisados, exemplificam-se cinco tipos fundamentais deste sistema defensivo, que ordenamos segundo indicações cronológicas conformes ao critério da periodização que vimos estabelecendo:

1. Muralha de alinhamento, espessura e aparelho irregulares constituída por camadas de pedras imbricadas horizontalmente, sem argamassa, representada no Coto da Pena (Est. XXXV, 1, 3) que se considera do período de formação da cultura castreja (fase I) e a que se poderá remeter a referência de alinhamentos de pedras de aparelho muito rudimentar no Castro de Baiões e outra entretanto identificada em Vila Cova-à-Coelheira (Vila Nova de Paiva), esta mais bem estruturada e recente[170].

2. Espessa muralha com duas faces regularizadas de grandes blocos internamente preenchida por um aglomerado de pedras sem argamassa, do tipo A do Castro de Sabroso (Est. XXXVI, 2, MUR-A) datável da fase II A, e que nas zonas de xisto nos aparecem ainda mais normalizadas em virtude do material utilizado tal como ilustrada nos trechos mais antigos da muralha exterior de Cidadelhe (Mesão Frio).

3. Larga construção constituída por dois muros paralelos de faces verticais, geralmente de grandes blocos dispostos em aparelho irregular, com intervalo totalmente preenchido de terra, representada na Cividade de Terroso (Est. XXXVI, 1), ou terra e pedra (Castro de Romariz), datáveis da mesma fase II A.

4. Sólida construção de pedras com muros de reforço adossados, frequentemente em posição oblíqua e com largos traços de aparelho poligonal e helicoidal com faces afeiçoadas a pico, de possível origem meridional[171] do tipo B do Castro de Sabroso (Est. XXXVI, 2) e com paralelos no Monte Murado (V. N. Gaia) e Castro da Cárcoda (S. Pedro do Sul) [172] atribuíveis ao início da fase III.
   A reformulação da espessa muralha externa de xisto de Cidadelhe (Mesão Frio) com justaposição de muros e expressivos trechos de paramentos com aparelho poligonal, em espinha poderá integrar-se morfológica e cronologicamente neste grupo.

5. Muralha simples com espessura média de 1.50 m, normalmente formada por dois paramentos paralelos e com aparelho irregular de faces geralmente afeiçoadas a pico e internamente preenchidos com pedra miúda, que documentamos no corte estratigráfico da Citânia de Briteiros (Est. XXXVI, 3) e nas escavações da Citânia de Sanfins (Est. XXV, A-B) e da Cividade de Âncora (Est. XXVI, A-B) [173], que é a mais comum da arquitectura defensiva castreja da fase III.
   A mesma tipologia é testemunhada em muralhas de xisto como a que circunda a acrópole de Cidadelhe (Est.XXVIII).

De resto, as variantes observadas nas estruturas defensivas, quanto ao seu número, dimensões, planta, aspectos técnicos e outras particularidades como as entradas, torreões, rampas de acesso às muralhas, fossos, terraplenos e outros elementos, não raras vezes implicam também uma indicação de valor cronológico e cultural, como é o assinalado pela existência de fossos e pedras fincadas em numerosos castros transmontanos, vinculando-os a influência da arquitectura militar da zona da Meseta, numa evidência de diferenciação das componentes regionais das diversas áreas da cultura castreja do Noroeste peninsular, cujo estudo vem merecendo análises específicas. Destacamos, em particular, os estudos sobre a existência de pedras fincadas, de origem centro-europeia, como complemento defensivo das muralhas característico dos castros transmontanos, por influências vindas do interior [174].

---

170 Silva Ce.T. 1979, p. 517 (Baiões); Bettencourt 2000b (S. Julião); Mendes S.M.L. 2003 (Vila Cova-à-Coelheira).

171 Hawkes 1984, p. 192.

172 Silva Ce.T. 1980.

173 Hawkes 1971a e 1984; Cardozo 1959b.

174 Em particular, Harbinson 1967-68, 1968, 1969 e 1971; Esparza 1980 e 1983-84, com numerosos exemplos da área transmontana, a que se poderiam somar outros recentemente reconhecidos (Redentor 2000).

2.2. O ORDENAMENTO URBANO

Na sequência dos dados referidos sobre o sistema defensivo, temos hoje consciência perfeita de que, com os trabalhos dos últimos anos nesta região, se ultrapassou a imagem estática que vinha sendo transmitida sobre o habitat castrejo, habitualmente considerado como um bloco e só episodicamente com periodizações de carácter evolutivo [175] formuladas o mais das vezes sem um fundamento cronológico convenientemente conseguido e com insuficiências de estudo do espólio e seu contexto, estando a ser referenciados sistematicamente novos elementos de estruturas e de cultura material ordenados cronologicamente [176] contando-se já com numerosas abordagens estratigráficas [177] que se generalizaram após a publicação dos nossos trabalhos (Silva A.C.F. 1986b).

Dos dados da nossa própria investigação, e sobretudo baseados num conjunto representativo de espaços escavados «em área aberta» com séries estratigráficas bem definidas, em diversas estações castrejas situadas entre o rio Minho e o rio Vouga, com maior incidência na zona litoral, entendemos poder enunciar os delineamentos gerais da evolução interna do habitat castrejo no Noroeste de Portugal, que escalonamos do seguinte modo:

Fase I – A emergência de povoados fortificados e a formação da identidade regional

Já sublinhámos numa primeira publicação, de síntese sobre a cronologia do habitat castrejo [178], a importância dos resultados das nossas intervenções, em especial no Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha), ao permitir-nos estabelecer, com argumentos estratigráficos e datações absolutas (Quadro 1), um relacionamento entre o período da formação da cultura castreja e a numerosa colecção de materiais, procedentes de achados isolados ou de depósitos de composição simples, de machados de talão, ou complexa, do final da Idade do Bronze do Noroeste Peninsular, que testemunham um centro metalúrgico individualizado no âmbito do Bronze Atlântico.

Para a comprovação dessa correspondência, até então apenas sugerida por indícios, considerados a partir da notícia de procedência dos achados, e pela atribuição do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul), com metais e cerâmica típica, ao Bronze recente [179], contamos efectivamente com provas estratigráficas do Coto da Pena, tendo-nos servido do contributo invulgar do depósito de fundição de Baiões [180] como o dado de maior utilidade para a definição global deste momento.

Apesar da escassez dos elementos conseguidos para uma caracterização conveniente do habitat nesta fase, não podemos deixar de os entender suficientemente destacados das poucas linhas escritas sobre este assunto mesmo nos trabalhos mais recentes sobre o Bronze Atlântico em Portugal [181], para não atender já aos estudos mais antigos, onde se pretendia caracterizar este período pela própria ausência de povoados [182].

Tornou-se corrente a afirmação, quase sempre feita sem discussão prévia da cronologia, de que as estruturas mais antigas do habitat castrejo deveriam ser de simples cabanas construídas com elementos vegetais que, por perecíveis, deles não possuímos mais do que indícios, sobretudo de pisos e lareiras [183], o que, segundo os nossos dados, não deverá tornar-se extensiva a todas as situações.

---

175 Hawkes 1971a; Maluquer de Motes 1975.

176 Em especial, cerâmicas tipo Boquique e Baiões, ática, de procedência ou tradição púnica, pré-campaniense e campanienses.

177 Vg., López Cuevillas-Lorenzo Fernández 1948; Almeida *et alii* 1984.

178 Silva A.C.F. 1983-84.

179 Kalb 1980a, p. 119.

180 Silva A.C.F. 1983-84, p. 125-126; Silva A.C.F. *et alii* 1984.

181 Cfr., vg., Kalb 1980a, p. 118-120; Coffyn 1983, p. 173 e 1985, p. 216.

182 Vg., Mata Carriazo 1982 in Menéndez Pidal 1982a, p. 795; Paço 1962, p. 74.

183 Vg., López Cuevillas-Lorenzo Fernández 1946, p. 7-11; Maluquer de Matos 1982, p. 53; Romero Masiá 1976, p. 8; Rodriguez Colmenero *et alii* 1976, p. 572; Tranoy 1981, p. 90.

Também neste caso o contributo do Coto da Pena, onde se testemunha a existência de construção de pedra nos primeiros tempos, ainda no Bronze Final, nos serviu de utilidade para esta análise.

Com efeito, segundo os dados estratigráficos (Est. XVI, C-D), em função da presença de materiais característicos e de uma datação obtida por uma análise de radiocarbono, se deverá concluir que as fundações de pelo menos uma das estruturas deste castro (Est. XV, II) se reportam a um momento anterior à formação dos estratos mais antigos, 06 e 05, que constituem, respectivamente, um piso de ocupação (06) sobreposto por uma espessa camada de concheiro (05), com ossos de animais e moluscos associados a um grande núcleo de sementes e a alguns objectos metálicos, cerâmica manual, incluindo fragmentos tipo Baiões, e ainda mós de rebolo e numerosos pesos de rede e tear e seixos afeiçoados.

O piso de ocupação (06) é formado, no exterior da casa, por uma fina camada de saibro arenoso sobre uma camada de regularização (07) encostando à face N do muro, correspondendo-lhe no interior da casa uma superfície de ocupação, em plano mais elevado sobre uma camada de regularização mais espessa que no exterior.

Esta ocupação é datável, por uma foicinha de talão de bronze (Est. LXXXIII, 1) que nela apareceu no interior da construção, de meados do séc. IX a.C. [184], segundo cronologia que de certo modo se aproxima da datação de 2930 ±100 B.P. obtida, por análise de C14 (UGRA 200) [185], de um conjunto de sementes de *vicia faba* do estrato do concheiro que se acumulou sobre a camada correspondente do exterior.

Como elementos de apoio a esta referência cronológica da fase mais antiga deste povoado contamos com dados fornecidos pelos estratos correspondentes de outras zonas da escavação designadamente o estrato 04 do corte A-B com espólio do concheiro de idêntico teor, onde recolhemos uma fíbula de tipo Bencarrón (Est. XCVIII, 1) [186] e o estrato 09 do interior da casa I (Est. XVI, E-F), onde não havia concheiro, mas que forneceu materiais similares, nomeadamente cerâmica manual, com fragmentos tipo Baiões, e restos de um caldeiro com rebites (Est. LXXXIV, 6-7) [187], reforçando, em conjunto, as razões da nossa atribuição, confirmadas ainda por uma datação de C14 de 2920 ± 110 B. P. (UGRA 220) [188], feita sobre análise de sementes como a anterior.

Esta construção foi implantada sobre a rocha natural, sendo visível em parte do perímetro entalhes abertos na laje, a pouca profundidade, para encaixe dos muros.

Tem uma planta alongada no sentido N-S, de perfil curvilíneo, com 6 m de comprimento máx. (N-S) e 4.5m de largura máx. (E-W).

As paredes, de aparelho irregular, são espessas e sólidas sendo compostas de duas fiadas de pequenas pedras e algumas de tamanho médio, com muitas cunhas, unidas por muita argamassa de saibro e com cascalho e um ou outro seixo rolado de permeio, ultrapassando 0.60 m de espessura e com face externa de perfil pronunciadamente oblíquo nas zonas B3, C2/3, mostrando as paredes S e W, implantadas em plano superior, menos solidez de construção, adequando-se, porém, aos afloramentos graníticos que descem abruptamente das cotas superiores do povoado.

É provável que outras construções se possam reportar a esta primeira fase atendendo ao teor de alguns vestígios de muros, reaproveitados em reformulações mais recentes, por exemplo, a parte inferior da casa I, no interior da qual se registou uma camada de ocupação (Est. XVI E-F, 09) donde se exumou, conforme referido, grande quantidade de sementes, cerâmica manual, com fragmentos tipo Baiões, e restos de um caldeiro com rebites, também cronologicamente datáveis do Bronze Final Atlântico II/III, com limites entre 1100-700 a.C. [189], a que corresponderá a nossa fase IA da cultura castreja.

---

184 Para a cronologia, vg., Coffyn 1978.

185 Quadro 1. Análise realizada pelo Laboratório de Datación por Carbono 14, da Universidade de Granada, que forneceu a data de 2930±100 b.p. equivalente a 1000± 100 a.C. (Est. XVI, C-D (05), *)

186 Datável dos princípios do séc. VIII a.C. Para a cronologia, vg., Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 110.

187 Datável do séc. VIII a.C. Cfr., vg., Coffyn 1985, p. 229-230.

188 Quadro 1. Análise realizada no mesmo Laboratório de Datación por Carbono 14, da Universidade de Granada (Est. XVI, E-F (09), *).

189 Cfr. Infra, p. 81-82.

Torna-se claro, a partir destes registos estratigráficos, ilustrando com objectos característicos o perfil desta fase arqueológica relacionada com um desenvolvimento excepcional da metalurgia do bronze, que não haverá razões para não atribuir ao mesmo quadro cultural a produção de utensílios, armas e adornos de bronze conhecidos sobretudo através de achados descontextualizados [190], incluindo o de um conjunto de machados de talão noticiado por J. Fortes no princípio do século XX como procedente do Alto da Moura, de Caminha [191], – justamente um dos topónimos por que este castro é conhecido – que deste modo se restitui às coordenadas originárias da sua produção.

E apesar de serem reduzidas as informações que permitem inferências sobre os espaços adstritos ao desenvolvimento das principais actividades humanas, fica-nos todavia, desta fase, bem documentada a fixação no interior de povoados fortificados de diversos trabalhos domésticos e artesanais, com expressivo espólio de moagem [192], tecelagem [193], fundição [194] e outros testemunhos [195], a comprovar uma actividade económica de componentes diversificadas, incluindo a recolecção, a caça, a pesca, a agricultura e a metalurgia, em situação que se repete, em certos casos melhor ilustrada, também no interior do Castro da Senhora da Guia, Baiões, no limite meridional da área deste estudo.

Com efeito, também neste castro, onde se presenciou, além do testemunho generalizado de actividades de subsistência [196], uma série de lareiras circulares feitas de barro e incluindo na sua textura fragmentos cerâmicos [197] e se descobriu um notável depósito de fundidor no recinto interior do povoado (Est. XIV, BAI83) [198], apesar de não se terem ainda reconhecido convenientemente mais elementos sobre as estruturas habitacionais, porventura cabanas de materiais perecíveis de planta circular [199], se observam analogias caracterizadoras do mesmo momento do processo de sedentarização.

Sem elementos bastantes que nos permitam decidir inequivocamente sobre o controverso problema da origem das casas redondas [200] no estado actual da investigação, apesar da tendência curvilínea que referimos a propósito do Coto da Pena e dos indícios de plantas circulares no Castro de Baiões, entretanto confirmadas no Castro de S. Julião (Vila Verde) [201], não está ainda satisfatoriamente atestada a tipologia das habitações castrejas na sua primeira fase (IA).

Consideramos, porém, a opção por plantas circulares como uma solução de tradição indígena, de fundo etnográfico, que se nos afigura de maior verosimilhança relativamente aos argumentos das teses difusionistas, que pretendem buscar a sua génese nos povoados meridionais da Idade do Bronze [202] donde esse elemento,

---

190 Cfr. quadro tipológico (Gráfico 4) e mapa de distribuição (Est. IV) dos achados de Bronze Final.

191 Fortes 1902.

192 Numerosas mós de rebolo nas camadas mais antigas, aparecendo outras reaproveitadas em muros de construção da fase posterior.

193 Em nosso entender, nem todos os seixos com entalhes laterais terão sido utilizados na actividade piscatória, podendo ser interpretados como pesos de tear, atendendo sobretudo à sua analogia com objectos de estações mais interiores como Baiões, onde a sua frequência e dispersão parece sugerir preferentemente um relacionamento com a actividade de tecelagem.

194 Do nível mais antigo deste castro provém, como dissemos, outro fragmento de molde cerâmico do teor do molde de Baiões (Est. LXXXIX, 2), evidenciando idêntica tecnologia de fundição.

195 Em especial, os elementos constantes dos concheiros, com vestígios osteológicos de *bos, ovis, capra, equus, cervus, sus* e a presença de sementes de fava (*vicia fabal L. "celtica nana"*, trigo (*"triticum aestivum L.*), ervilha (*pisum sativum L..*), e bolota (*quercus sp.*) e a foice de talão (Est. LXXXIII, 1).

196 Sobretudo mós de rebolo, sementes de milho miúdo (*panicum miliaceum L..*), fava (*vicia faba L. var minor*), ervilha (*pisum sativum L..*), cevada (*hordeum vulgare L*), trigo (*triticum compactum host. Var. globiforme*), bolota (*quercus sp.*), foices e machados de bronze. Cfr. Silva Ce T. 1979; Silva A.C.F. *et alii* 1984; Silva A.C.F. 1986b.

197 Est. XIV, B1 (escavações de 1973, de Celso Tavares da Silva).

198 Silva A.C.F. *et alii* 1984.

199 Das observações que tivemos oportunidade de fazer por ocasião das escavações de 1973, ficou-nos a impressão da existência no sector B1 (Est. XIV) de alinhamentos frustes de pedras dispostas em círculo na periferia de pisos de terra batida com lareiras, que apoiam esta sugestão.

200 Cfr., vg., Almeida 1965; García y Bellido 1971.

201 Martins M. 1988b.

202 Sobre este aspecto, cfr. Palol 1974, p. 98; Palol-Wattenberg 1973, p. 33; Almagro Gorbea 1977, p. 106; Martín Valls-Delibes 1978, p. 228-229; Romero Carnicero 1984a.

FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS BIBLIOTECA ALICANTE

que seria tipicamente mediterrânico, teria penetrado por intermédio da Extremadura [203] em direcção a Soto de Medinilla, e daqui teria irradiado até ao Vale do Ebro [204] e muito naturalmente também para o Noroeste, segundo a opinião de alguns investigadores, como C.F.C. Hawkes [205].

Trata-se, em todo o caso, de uma solução que, só por si, nada tem a ver com presumíveis características célticas, como vinha sendo afirmado desde as primeiras referências de Alexandre Herculano [206], a propósito das "choupanas circulares" das ruínas da citânia de Briteiros, uma vez que as construções célticas, centro-europeias e derivadas, seguem alinhamentos ortogonais.

Seja como for, não podemos deixar de considerar a importância deste primeiro registo arquitectónico de tendência para a progressiva petrificação das estruturas habitacionais castrejas, assinalando-lhe, desde os primórdios da sua formação, o carácter sedentário.

Sendo ainda parcos os testemunhos deste processo, a sua confirmação parece indesmentível face aos dados de arquitectura doméstica entretanto revelados no Castro de Torroso (Mos, Pontevedra), com várias construções de pedra, de planta circular, curvilínea e mista, datadas, por uma significativa série de análises por radiocarbono, dos séculos VII e VI a. C. [207], a que se podem acrescentar outras referências galegas de construções pétreas, como as do Castro de O Neixón [208], a par de registos de estruturas em materiais perecíveis em estruturas documentadas no Castro de Penalba [209], Castromao [210] e A Lanzada [211].

Precisamente na abundância, diversidade e riqueza do espólio do Castro da Senhora da Guia (Baiões), com notáveis colecções de cerâmica, bronzes, jóias e outros artefactos que se tornaram índices valorativos da definição do Bronze Final Atlântico II/III na região [212], estabelecemos muitos dos pontos de referência fundamentais da ergologia e economia da fase inicial da cultura castreja (IA), com afinidades predominantemente atlânticas, influências meridionais e componentes continentais e nuances locais, e que aqui se nos apresenta com notório aspecto de ruptura na sua sequência.

Considerando o questionamento em torno do paralelismo entre fases climáticas e arqueológicas para o período em questão, de mudança da fase sub-boreal para a sub-atlântica [213], a utilização dos factores de ordem climática como explicação mono-causal das origens da cultura castreja no Noroeste peninsular, a merecer conveniente investigação nos domínios da paleo-botânica, osteologia animal [214], pedologia e geologia, deverá ser tratada com reservas, sendo mais plausível que se tenha verificado uma mudança climática gradual do que brusca [215].

A destruição geral de um povoado como o Castro da Senhora da Guia, onde não são visíveis estratificações nem do qual consta qualquer renovação de pisos, a denunciar uma ocupação sem grande

---

203 Almagro Gorbea 1977.

204 Notar sobretudo as relações entre o espólio do Castro de Baiões contido neste estudo e da Extremadura espanhola compendiado na obra anteriormente citada de M. Almagro Gorbea.

205 Hawkes 1984.

206 Herculano 1986, p. 67, n. 48.

207 Peña Santos 1992a e 2000.

208 Calo Lourido-Sierra 1983, p. 35.

209 Álvarez Nuñez 1986.

210 Orero 2000.

211 Xusto-Fariña 1994.

212 Cfr. Kalb 1980a,; Coffyn 1985 e Mederos 1997.

213 Cfr. vg., Lumley *et alii* 1976.

214 Poderão representar desde já um útil contributo para o conhecimento do meio ambiente os resultados das espécies por nós recolhidas e objecto de análise especializada por parte do Eng. A.R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional, dos Prof. Doutores Jorge Eiras e João Cabral do Instituto Augusto Nobre da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, do Prof. Doutor João Luís Cardoso, da Universidade Aberta, e da Dr.ª Teresa Cunha Lopes, da Universidade do Minho, a quem agradecemos os dados que incluímos neste estudo. Cfr. Cap. II, *Economia e Ergologia*, p. 172-174.

215 Cfr., vg., as observações de Härke 1979, p. 65. A respeito da sobrevalorização dos factores climáticos, cfr., para a nossa região, Maluquer de Matos 1973, p. 339 e 1975, p. 133.

amplitude cronológica [216], e a coincidência por toda a região de achados análogos de jóias e outros depósitos (Serrazes, S. Pedro do Sul (Est. CV, 3); Figueiredo das Donas, Vouzela (Est. LXXXIII, 2; LXXXVI, 2; LXXXVII, 13); Baralhas (Est. CXVI, 1-2, 7) e Vila Cova do Perrinho, Vale de Cambra (Est. LXXXVI, 4-5; LXXXVII, 8-10) [217] mais apelam a uma interpretação com base em movimentos de povos que a factores naturais para as mudanças ocorridas, com paralelos em toda a área coberta neste estudo [218].

Outro tanto se não verifica no Castro do Coto de Pena, onde, sobrepondo-se aos estratos inferiores, e numa amostra de sequência de ocupação, aparentemente sem ruptura, observamos em dois casos, documentados estratigraficamente, no interior da construção I e no exterior da II (Est. XVI, C-D, E-F), um nível que consideramos da segunda parte desta fase mais antiga (IB) da nossa periodização.

Formando num e noutro sector um piso de saibro amarelado, junto à construção II o estrato 04 assente sobre o concheiro e com lareira de barro encostada à face externa do muro (Est. XVI, C-D, 04) e no interior da construção I, sobre uma espessa camada de regularização (Est. XVI, E-F, 08), o estrato 07 que forneceu utensílios líticos, cerâmica manual e em particular uma fíbula tipo Acebuchal (Est. XCVIII, 2) correspondendo aos elementos recolhidos no exterior W do edifício, concretamente dois pendentes de bronze tipo sanguessuga (Est. XCVII, 12-13) e dois pingentes de eixo alongado e terminando em disco (Est. XCVII, 10-11), atribuíveis cronologicamente aos séc. VII-VI a.C. [219] e que assinalam uma mais forte densidade de relações com a área meridional.

Com efeito, o crescente afluxo destas influências relacionadas com o mundo tartéssico ao longo desses séculos, aparentes nestes dados do Coto da Pena, conta com inúmeros paralelos peninsulares [220], e poderá também documentar-se significativamente no tesouro de Baião (Est. CXIV; CXVIII, 1-4; CXIX, 4-5), no colar da Malhada (Est. CVI, 2) e na arrecada de Paços de Ferreira (Est. CXVIII, 5), assinalando a introdução de inovações morfológicas, técnicas e estilísticas, a denotar uma profunda mudança no sentido das correntes neste período com reflexos orientalizantes coincidente com a primeira Idade do Ferro. Por esta via também terão chegado até nós as primeiras produções deste metal, cujo conhecimento na região apenas nos era transmitido, por um punhal do depósito de Baiões (Est. LXXXVII, 1), (que, pelo contexto, parece tratar-se de peça importada) [221], contando agora com mais presenças conhecidas na Galiza, sobretudo presentes no Castro de Torroso (Mos, Pontevedra) [222], e inclusivamente testemunhadas na conhecida estação castreja de Santa Tecla, da outra margem da foz do Minho, com espólio concordante com o do Coto da Pena, a sugerir também relações congéneres a que outros elementos se poderão reportar [223], incluindo porventura as sugestões galegas de alinhamentos ortogonais [224] compreensíveis cultural e cronologicamente neste contexto (fase IB).

Não sendo de considerar, nas circunstâncias deste estudo, referências ocasionais a favor da probabilidade de pervivência de povoamento em alguns castros desde o III milénio a. C. [225], o início do processo castrejo

---

216 Silva Ce.T 1979, p. 20; Kalb 1980a, p. 119.

217 Brandão 1963a.

218 *In genere*: Kalb 1980a, p. 25-29; Coffyn 1985. É natural que se possam reportar a estas movimentações, aparentemente simultâneas de procedência continental e mediterrânica, o abandono de alguns sítios no final da Idade do Bronze, como parece deduzir-se, dos dados publicados, em estações da área da Serra da Aboboreira, em especial a Bouça do Frade, sem reocupação posterior (Jorge S.O. 1985a e 1988), e mais concretamente o Castelo de Matos, reocupado, muito posteriormente, na Idade Média (Queiroga 1984). A fortificação de Vila Cova-à-Coelheira, posteriormente ao horizonte de Baiões-Santa Luzia-Canedotes poderá integrar-se neste contexto (Mendes S.M.L. 2003).

219 Para a cronologia da fíbula, cfr., vg., Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 110; Ponte 2001, (Cfr. cap. II, *Metalurgia*, p. 268). Para os bronzes tipo "sanguessuga", vg., Schüle 1969, p. 159-160, Karte 17.

220 Gomes-Domingues 1983.

221 Cfr. Cap. III, *Metalurgia*, p. 255.

222 Lopez Cuevillas 1946-47; Ruiz Priego 1980; Coffyn 1985, p. 174; Peña Santos 1992a.

223 Cfr. Almeida *et alii* 1981, p. 63-90; Blanco Freijeiro 1957a.

224 Referências a muros rectos e angulares mais antigos que as formas curvas no Castro de Neixón (Cespón, Boiro, Coruña) e La Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra) datáveis da mesma época, sem que esteja todavia confirmada uma correlação cronológica entre essas formas arquitectónicas e os materiais dos sécs. VII-VI a.C. dessas estações. Cfr. Calo Lourido-Sierra 1983, p. 35-36.

225 Jorge S.O. 1986 e 1990; Martins M.-Jorge 1992.

começa a estar bem confirmado por numerosas datações absolutas no final da Idade do Bronze que, calibradas, nos situam genericamente na transição do II para o I milénio a. C.[226], segundo as informações recolhidas, designadamente no castro do Coto da Pena (Caminha), castros de S. Julião e de Barbudo (Vila Verde), Monte da Santinha (Amares), Cabanas (Braga), Castro de Vermoim (V.N. Famalicão), Castelo de Matos (Baião), castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul), castro de Santa Luzia (Viseu), Canedotes (V. N. Paiva), e outros, tornando-se já possível uma caracterização sumária do habitat nesta fase arqueológica correspondente à etapa da sua formação, relacionada com um desenvolvimento excepcional da actividade metalúrgica.

Nos casos analisados verificou-se, em geral, uma implantação *ex novo* em pontos estratégicos, situados segundo uma diversidade topográfica, com realce para posições em outeiros e remates de esporões, de altitude média e grande amplitude visual, buscando primordialmente o controlo das bacias fluviais, em relação com as zonas de aptidão agrícola e exploração de recursos naturais, nomeadamente mineiros, como o estanho e o ouro, e o acesso a vias de penetração e comercialização, revelando integração num sistema económico de largo espectro.

O estudo do povoamento em algumas das instâncias mencionadas revelou uma ocupação em superfície restrita, da ordem dos 600 m2, como se calculou para S. Julião, Vila Verde[227] com paralelos registados na Beira Interior[228] e raramente atingindo 2 hectares, de que se aproxima o castro da Senhora da Guia, Baiões.

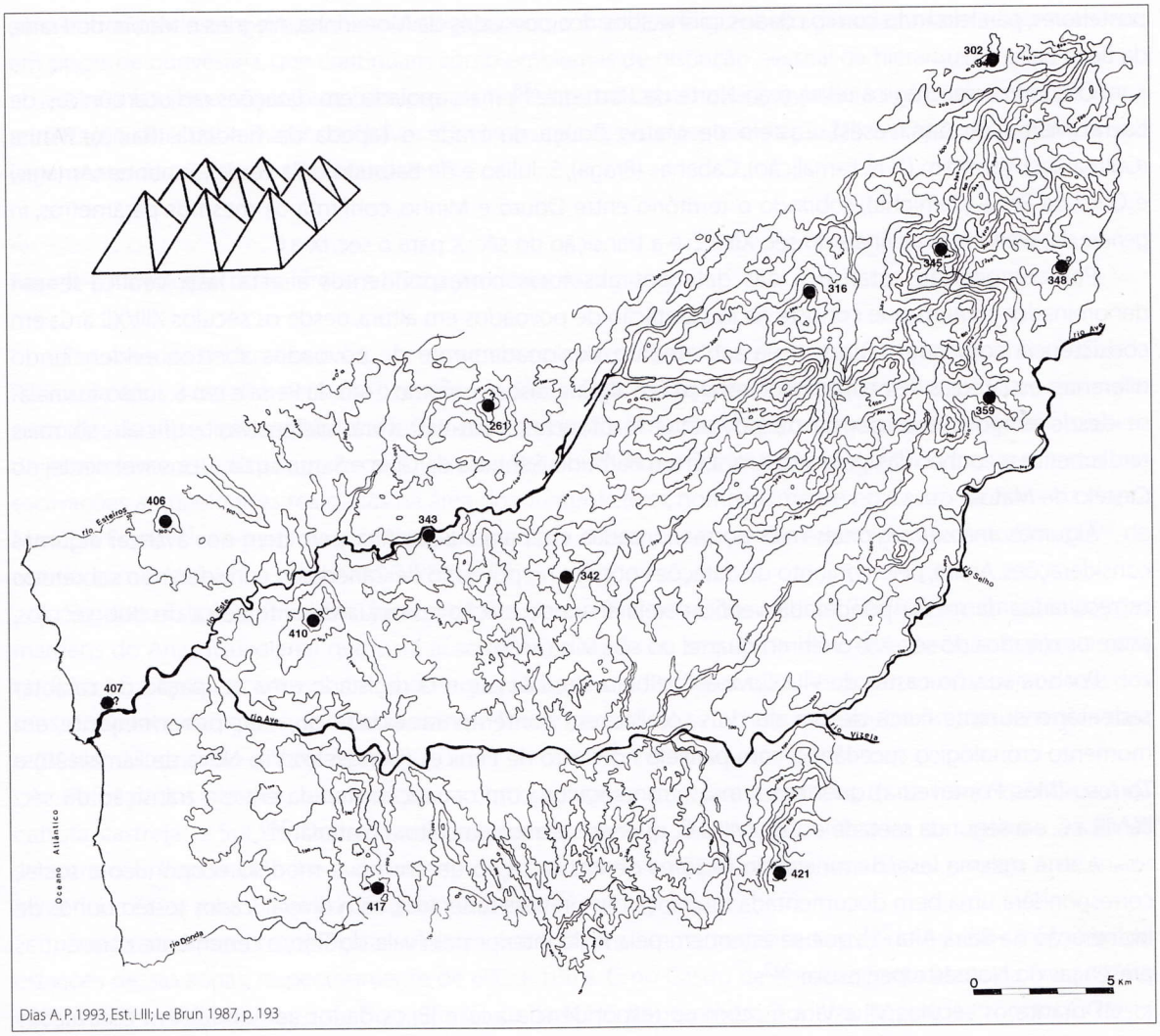
Desconhecendo-se, no estado actual da investigação, as razões que presidiram à transferência das comunidades indígenas de aldeamentos dispersos pelas terras baixas para povoados implantados em posições naturalmente defensivas e fortificadas, parece evidenciar-se uma selecção de critérios estratégicos em que era garantida a subsistência das populações e a defesa e gestão dos recursos, particularmente relacionados com o domínio sistemático do território e dos mecanismos de produção e intercâmbio dos produtos metálicos pelas elites locais.

Segundo os elementos disponíveis para análise, que podemos exemplificar com dados sobre o Vale do Neiva, com dois povoados abertos e sete castros identificados que cobrem o território da nascente à foz[229], sobre o Vale do Ave, com treze castros inventariados[230], ou da sequência Castro de Baiões – Senhora do Castro – Santa Luzia – Castelo dos Mouros, na região de Viseu[231], supomos que, no termo desta fase, a generalidade da região esteja praticamente coberta por comunidades autónomas internamente hierarquizadas que, graficamente, poderiam reproduzir um esquema de justaposição sistemática, sem expressões de predominância como de tipo feudal[232], congénere ao de P. Le Brun[233], para o Centro da Europa (Fig. 3). Sugerimos mesmo, como possíveis antecedentes destes símbolos de domínio territorial personalizado, as duas estátuas-estelas antropomórficas, de evidente parentesco iconográfico, que cobrem, respectivamente, as áreas da antiga Terra de Aguiar[234] e a Veiga de Chaves[235], a que se vem somar um novo exemplar de Orense, depositado no Museo Provincial[236].

E ainda que se reconheça a difusão deste fenómeno por vastas zonas da Europa, a notória prosperidade do Noroeste peninsular, sobretudo manifesta nos numerosos depósitos de bronze e ouro, que seriam

---

[226] Quadro 1.
[227] Martins M. 1988b e 1990; Bettencourt 2000b.
[228] Vilaça 1995.
[229] Maciel 1997, p. 177-183.
[230] Dinis A.P. 1993, Est. LIII.
[231] Senna-Martínez 2000.
[232] Alarcão 1992.
[233] Le Brun 1987.
[234] Lopes *et alii* 1994.
[235] Almeida-Jorge 1979; Jorge V.O.-Jorge S.O. 1990, p. 302.
[236] Silva A.C.F. 2003a, p. 42. Discussão sobre a sua cronologia in Vilaça *et alii* 2003.



Dias A. P. 1993, Est. LIII; Le Brun 1987, p. 193

Fig. 3 – Vale do Ave

motivadores de cobiça, poderá ter encontrado no fenómeno castrejo resposta adequada aos desafios ora postos à organização da sociedade, gerando a necessidade de defesa com consequente incremento de hierarquização, acentuando, porventura, o poder de certos chefados, não raro indiciados por numerosos bens de prestígio, denunciadores de uma acumulação extraordinária de riqueza.

Poderá servir como testemunho deste condicionalismo o depósito de fundidor e outro espólio do Castro da Senhora da Guia, Baiões (S. Pedro do Sul), em ambiência em que podemos associar elementos característicos do mundo atlântico (mais evidentes nas tipologias e padrões decorativos da cerâmica e nos artefactos metálicos tradicionais, tais como machados de talão de bronze e típicas jóias de ouro maciço), de origem continental (mais notório na decoração cerâmica) e, em especial, com afinidades ao Mediterrâneo, bem documentadas sobretudo pela presença de objectos de natureza ritual, que atestam contactos com o Próximo Oriente ou situações entrepostas no período pré-colonial, com anterioridade à instalação fenícia no Ocidente Peninsular.

Precisando mais a cronologia, de uma forma geral, observa-se a emergência de povoados do Bronze Final na Beira Alta em torno dos séculos XII-XI a.C., como na Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul), Canedotes (Vila Nova de Paiva) e Buraco da Moura de S. Romão (Seia). Ainda que alguns dados apontem para um início de ocupação anterior, do século XIII a.C., vg., Santa Luzia (Viseu) e Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal), a sua fase final de ocupação terá ocorrido por finais do séc. IX, com algumas referências

posteriores, paralelizando com os dados conhecidos dos povoados da Moreirinha, Alegrios e Monte do Frade, da Beira Baixa [237].

O quadro cronológico relativo ao Norte de Portugal [238], mais apoiado em datações radiocarbónicas, de Lavra (Marco de Canaveses), Castelo de Matos, Bouça do Frade e Tapada da Caldeira (Baião), Penha (Guimarães), Vermoim (V. N. Famalicão), Cabanas (Braga), S. Julião e de Barbudo (Vila Verde), Santinha (Amares) e Coto da Pena (Caminha), cobrindo o território entre Douro e Minho, confirma os mesmos parâmetros, *in genere* datáveis entre os finais do séc. XII a.C. e a transição do séc. X para o séc. IX a.C..

Por comparação estatística das datações absolutas correspondentes a esta fase, verifica-se um denominador comum, que consiste na implantação de povoados em altura, desde os séculos XIII/XII a. C., em coexistência com outros tipos de assentamento, designadamente de povoados abertos, evidenciando diferentes estratégias de ocupação do espaço. Em alguns casos, como no Coto da Pena e em S. Julião, assinala-se desde então a emergência de povoados fortificados, com estruturas defensivas artificiais, só mais tardiamente reconhecidas, pelo séc. X/IX a.C. em Barbudo, Senhora da Guia e Santa Luzia e, possivelmente, no Castelo de Matos.

Algumas análises regionais mais pormenorizadas, vg., para a Beira Alta, permitem-nos avançar algumas considerações. Assim, pelo conjunto de datações obtidas no povoado de Canedotes, considerando sobretudo os resultados da média ponderada, verificar-se-ia a sua ocupação contínua durante cerca de dois séculos, entre os meados do séc. X e o último quartel do séc. IX a.C. [239].

Por sua vez, no castro de Vila Cova-à-Coelheira também se terá registado uma ocupação de carácter sedentário durante cerca de um ou dois séculos, em contemporaneidade ou, mais provavelmente, em momento cronológico sucedâneo, com paralelo no castro de Penices (Gondifelos, Vila Nova de Famalicão) e Torroso (Mós, Pontevedra), quer em termos cronológicos, com ocupação situada entre a transição do séc. IX/VIII a.C. e a segunda metade do séc. VIII a.C., quer em termos da cultura material [240].

A esta mesma fase, denunciando factores de implantação de um novo modelo económico e social, corresponderá uma bem documentada mudança das práticas funerárias, com diversificados testemunhos de incineração na Beira Alta [241], que se estendem pela Beira Interior, pelo vale do Tejo, e certamente com outras presenças no Noroeste peninsular [242].

Durante os séculos VII e VI a. C., com correspondência à fase IB, os dados adquiridos em escavações estratigráficas e estudo de materiais manifestam a sequência dos contactos registados no final da Idade do Bronze com incremento para as influências meridionais, que testemunham uma corrente de intercâmbios marcadamente litoral que se encontra compassadamente registada ao longo da nossa costa, desde Castro Marim (Vila Real de Santo António), Tavira e Bensafrim, no Algarve, Sines, no Alentejo, Setúbal, Alcácer do Sal e Abul, à foz do Sado, Quinta do Almaraz (Almada), Lisboa e Alcáçova de Santarém, no estuário e curso do Tejo, Santa Olaia, à foz do Mondego, e Conimbriga, para o interior, Baiões e Santa Luzia, no curso do Vouga, Baião, no vale do Douro, Santo Estêvão da Facha, no curso inferior do Lima, Coto da Pena, na foz do Minho, e outras estações costeiras da Galiza, como Santa Tecla, Torroso, Penalba, La Lanzada, Alobre e Neixón [243].

E se a lâmina de ferro do punhal de Baiões (Est. LXXXVII, 1), na Beira Alta, pode ser entendida no enquadramento dos bens de prestígio do final da Idade do Bronze, os artefactos de ferro do Castro de Torroso [244], na Galiza, já sinalizam mais abertamente o advento da nova metalurgia, também documentada

---

237 Vilaça 1995.

238 Quadro 1.

239 López Saéz *et alii* 2000; López Sáez 2001; Canha 2002, p. 167-168; Valinho 2003, p. 51; Mendes S.M.L. 2003, p. 54.

240 Peña Santos 1992a; Dinis A.P. 1993; Mendes S.M.L. 2003, p. 86-87.

241 Cruz D.J. 2001.

242 Bettencourt 1997, p. 626-629.

243 Silva A.C.F. 1995b, p. 512-513; Suárez Otero-Fariña 1990; Arruda 2000 = 2002; Silva A.C.F.-Pinto 2001.

244 Peña Santos 1992a e 2000.

com outros produtos e processos tecnológicos, como a solda, a filigrana e o granulado, bem testemunhados em peças de ourivesaria, que continuam como emblemas de distinção pessoal da hierarquia.

A esta fase, que revelou também crescentes contactos continentais, se poderá eventualmente reportar a reutilização da estátua-menir de Chaves [245], com cutelo curvo e representação fálica, a aproximá-la, ainda que vagamente, da estátua de Hirschlanden [246].

Fase II – A evolução do habitat e a afirmação de *facies* regionais

Por meados do I milénio a.C., certamente como resultado das perturbações acontecidas no Sul da Península após a batalha de Alalia ocorrida em 535 a. C. [247], o Noroeste peninsular terá servido de palco aos episódios da expedição de Túrdulos e Célticos referida por Estrabão [248] com contornos mitológicos e objecto de interessante estudo por parte de A. García y Bellido [249], hoje melhor esclarecida [250] com os resultados das escavações arqueológicas realizadas na área dos *Turduli Veteres*, nomeadamente no Castro de Romariz (Santa Maria da Feira) [251], e a partir da confirmação epigráfica da sua presença na margem esquerda do Douro [252], de acordo com P. Mela [253] e sobretudo C. Plinius [254].

Segundo Estrabão [255], viviam junto do cabo Nérion (Finisterra) uns célticos (*Kéltikoi*), aparentados aos das margens do Anas (Guadiana) que para aí se teriam dirigido na sequência de uma expedição conjunta com túrdulos." E dizem – acrescenta Estrabão – que, passado o rio Lima, os túrdulos desertaram", separando-se dos seus companheiros, após luta travada entre si. Tendo perecido o seu chefe, os túrdulos ficaram sem guia para regressar, dispersando-se pela região.

Pelos dados obtidos, sabemos agora com segurança que se estabeleceram na franja meridional da cultura castreja, a Sul do Douro, conferindo a esta área as diferenças verificadas em relação às zonas setentrionais, imprimindo-lhe a densidade de materiais de tradição púnica uma fácies paralela à de maior influência céltica para a área da Corunha, na Galiza [256].

Duas referências cronológicas, obtidas por C14, em amostras procedentes de estratos inferiores de estações dessas zonas, respectivamente de 600 ± 100 a. C. no Castro de Romariz, Santa Maria da Feira (UGRA 203), e 520 ± 100 no Castro de Borneiro, Corunha (CSIC 83), também poderão sugerir a cronologia desta ocorrência em torno dos meados do I milénio a. C., com o apoio de outras datações absolutas para a região [257].

É provável que a revisão cronológica desta expedição se venha a tornar num marco importante a assinalar o começo de um novo período castrejo e a ilustrar os itinerários, os factores e as matrizes das transformações operadas, até agora entendidas como influências post-hallstátticas, de origem continental, sobre o fundo indígena, devendo o estudo da celtização da região ter na devida conta este novo dado.

---

[245] Jorge V.O.-Jorge S.O.1990, p. 301ss.

[246] Glauberg 2002; Silva A.C.F. 2003a, p. 42.

[247] Cfr., vg., Gras 1972; Maluquer de Motes 1985.

[248] Estrabão, III, 3, 5.

[249] García y Bellido 1951.

[250] Silva A.C.F. 1983c e 1986b; Guerra A. 1998, p. 852-858.

[251] Escavações realizadas desde 1980 em colaboração com Rui M. S. Centeno (Centeno-Silva A.C.F. 1982).

[252] Nota 250.

[253] P. Mela, III, 8.

[254] C. Plinius, IV, 112-113.

[255] Estrabão, III, 3,4.

[256] Não se nos afigura, a propósito, que sejam credíveis os argumentos para a permanância deste grupo céltico na bacia do Cávado com base na interpretação da dedicatória da inscrição de Esposende, a Atégina = *Daeae Sanctae* (Alarcão 1992, p. 54), que entendemos dedicada a Diana = *Daean(a)e Sanctae*.

[257] Quadro 1. Carballo-Fábregas 1992; Rubinos *et alii* 1999.

Sendo ainda prematuro estimar o alcance deste movimento, não se poderá, de qualquer modo, ignorar a amplitude do reordenamento territorial sequente às vicissitudes desta expedição que terá resultado em verdadeiras formas de colonização de âmbito regional de acordo com as apetências e as aptidões desses agentes e os recursos naturais que certamente tinham por objectivo explorar, como será lícito supor em relação à exploração metalúrgica, designadamente de ouro e estanho, por parte de um grupo que se terá implantado para interior, na Beira Alta (porventura epigraficamente identificados, numa lousa de xisto procedente das minas da Queiriga, (Vila Nova de Paiva, Viseu) (615, Epig. 29), com os *Hiberi,* porventura dos *Paesuri*, e a exploração do sal, de reconhecida importância económica nas sociedades proto-históricas por parte dos *Turduli Veteres*, instalados na Beira Litoral[258], expressas nas fontes clássicas e comprovadas arqueológica e epigraficamente, pelos *Turduli Veteres* da franja meridional castreja, a Sul do Douro, conferindo a esta área particularidades que poderão explicar as diferenças verificadas em relação à zona nuclear entre Douro e Minho, imprimindo-lhe a densidade de materiais de tradição púnica provenientes das suas estações arqueológicas uma fácies paralela à de maior influência céltica para a área da Galiza[259], para onde se terão dirigido os seus antigos companheiros.

Portadores de uma cultura superior, salientada nas fontes clássicas[260], devem estes povos ter promovido, conforme apontou J. Alarcão[261] o progresso das comunidades indígenas, permitindo-nos consolidar a probabilidade de relacionar o desenvolvimento das influências mediterrânicas que nos é dado perceber neste processo evolutivo castrejo, em especial na área litoral, com a associação deste movimento migratório ao comércio púnico, tornando-se, assim, num valioso indicador do peso da colonização cartaginesa relativamente à influência grega no Mediterrâneo ocidental e no mar exterior. Tal se parece deduzir dos dados regionais conhecidos, inclusivamente dos gráficos de frequência do espólio cerâmico do Castro de Romariz, com registos significativos de 26% de cerâmica de produção e/ou tradição púnica sobre 74% de cerâmica indígena no estrato inferior (07), com 4% de cerâmica importada (3,5% púnica e 0,5% grega, correspondente

Cerâmica	Estratos			
	04A	05	06	07
Grega		1		
Púnica	35	415	7	45
Indígena	2016	1015	213	125
TOTAL	2051	1430	221	170

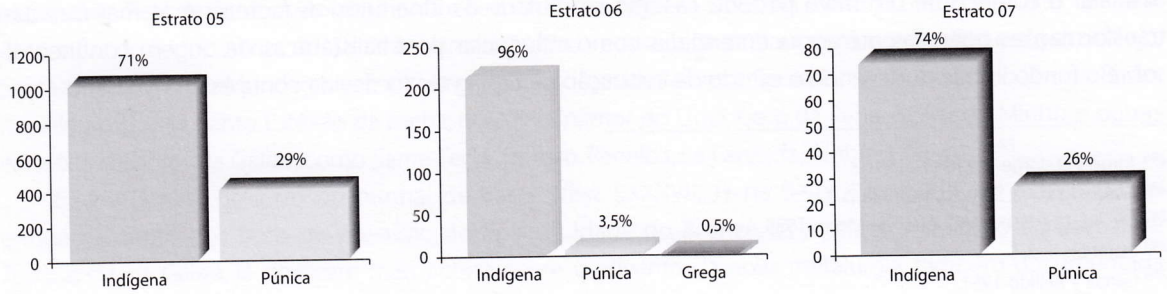


Fig. 4 – cerâmica de Romariz

258 A revisão epigráfica do cipo de Romariz, Santa Maria da Feira, não abona as nossas referências anteriores à possível existência de uma entidade étnica apelidada de *Haberi* (Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 46-47; Silva A.C.F. 1995b, p. 514), por se tratar de um aforismo, sem dúvida erudito, onde se lê: *tu talis eris vis qualis haberi*, "tu serás tal como queres ser tido". Agradeço ao Prof. Doutor Delfim Leão, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as observações sobre esta inscrição.

259 Estrabão, III, 3, 5.

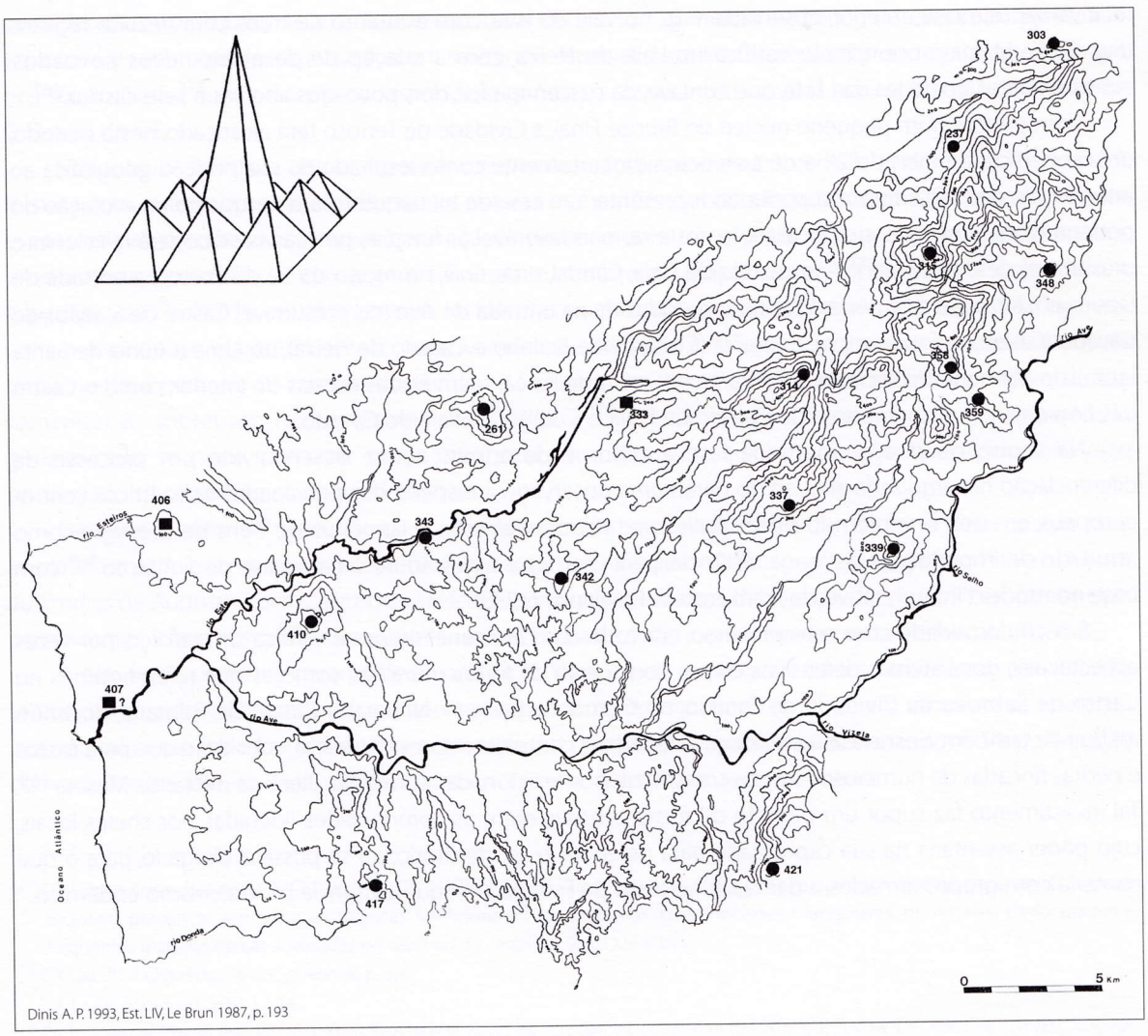
260 Vg., Estrabão, III, 3, 16.

261 Alarcão 1992 e 1996a.

apenas a 1 fragmento) sobre 96% de cerâmica indígena no estrato (06) e, de novo, com mais cerâmica púnica representada por 29% sobre 71% no estrato (05) do corte estratigráfico (Est. XXIII, L-M).

Das intervenções em povoados castrejos com ocupação identificada nesta fase, apesar de não se terem conseguido áreas suficientemente representativas para uma expressiva leitura antropológica, resultou novamente um quadro com certas diversidades na montagem das estruturas e na utilização dos modelos e da própria matéria-prima, conforme se deduz da análise concreta das situações por nós verificadas em especial no Castro do Coto da Pena, na Cividade de Terroso e no Castro de Romariz [262], justamente implantadas no Norte, Centro e Sul, em zonas personalizadas da área principal do nosso estudo e também em Santo Estêvão da Facha [263], Castro de S. Julião [264], Castro de Penices e Castro das Ermidas [265].

São, efectivamente, manifestas, as particularidades destas estações, que se tornam mais salientes quando confrontados os elementos comuns registados a Norte do Douro com os da área a Sul deste rio, onde ainda não foram encontradas estruturas pétreas de habitação.



Dinis A. P. 1993, Est. LIV, Le Brun 1987, p. 193

Fig. 5 – Vale do Ave

262 Silva A.C.F. 1986b.
263 Almeida *et alii* 1981.
264 Martins M. 1988b, 1990.
265 Queiroga 1992; Dinis A.P. 1993.

Seja como for, é de observar, por ser um significativo elemento caracterizador da arquitectura castreja, a adopção sistemática da planta circular, documentada no Coto da Pena e na Cividade de Terroso e também em Santo Estêvão da Facha, com idênticas características construtivas, de paredes pouco espessas de dois paramentos unidos por argamassa de saibro, sem utilização de pico de ferro e com estratos de ocupação de pisos finos.

Parece, assim, não oferecer, jamais, dúvidas que a utilização da pedra como matéria-prima das construções castrejas, mais vulgarizada nesta fase, surge na continuidade de experiências anteriores que, cada vez mais, se vêm atestando quer para os sistemas defensivos quer para as estruturas residenciais.

Alguns destes povoados, como o do Coto da Pena, S. Julião e certamente também a Cividade de Terroso, prolongam a ocupação anterior, sendo notório um alargamento da área, até aí demarcada por precários sistemas de defesa, denunciando crescimento populacional interno. Outros, implantados em colinas mais dependentes dos recursos do vale ou da planície, exemplificam casos de fundação nesta fase, reforçando a imagem de um período de expansão demográfica, patente no incremento numérico de novas fundações relativamente à fase anterior, observada, v. g., no Vale do Ave, com aumento de treze para dezoito registos (Fig. 5) [266]. Maior proporção se verifica no Vale do Neiva, com a criação de dezasseis novos povoados, substituindo as unidades da I fase, que contava, da nascente à foz, dois povoados abertos e sete castros [267].

Com origem num pequeno núcleo do Bronze Final, a Cividade de Terroso terá alcançado, neste período, uma superfície de mais de 2 ha de área ocupada, certamente como resultado da sua posição geográfica ao intercâmbio de longa distância, podendo representar um caso de hierarquização no esquema da evolução do poder regional. Com idêntica localização costeira, mais favorável às funções portuárias, se poderá relacionar o presumível desenvolvimento do castelo de Gaia, Candal, e de *Cale*, no morro da Sé do Porto, na entrada do Douro, em situação que poderá ter sido reproduzida na entrada do Ave (no presumível Castro de S. João), do Cávado (Castro de S. Lourenço), do Neiva (Cividade de Belinho e Castelo de Neiva), do Lima (Citânia de Santa Luzia), do Minho (Coto da Pena e Santa Tecla/Castro da Forca) e em outras escalas do interior, como o Castro das Ermidas, no curso do Este e do Castelo de Faria e S. Julião, no Vale do Cávado.

Na sequência dos gérmens da fase anterior, é de admitir ter-se desenvolvido um processo de diferenciação hierarquizada afim ao do paradigma observado a respeito dos principados hallstátticos centro-europeus, em que o reforço do poder político se relacionava com o comércio de bens de prestígio como resultado de importações de longa distância, para usar uma sugestão de uma análise de J. Alarcão [268] com base no modelo interpretativo de Frankenstein-Rowlands (1978).

Em conformidade com este processo, em todos os casos analisados se verifica um reforço, por vezes espectacular, dos sistemas defensivos com a construção de fortes muralhas, como as que referenciámos no Castro de Sabroso, na Cividade de Terroso, no Castro de Baiza (V. N. Gaia) e Castro de Romariz, devendo atribuir-se também a esta fase a introdução de formas complementares de defesa, com destaque para fossos e pedras fincadas de numerosos castros transmontanos relacionadas com a arquitectura militar da Meseta [269]. Tal investimento faz supor um período de fortes tensões entre as comunidades lideradas por chefes locais, cujo poder assentaria na sua capacidade para defender o seu território, ou se possível alargá-lo, para o que conteria com grupos armados, a dar razão ao texto de Estrabão [270], que denuncia bandoleirismo endémico.

---

[266] Dinis A.P. 1993, Est. LIV.
[267] Maciel 1997 = 2003, p. 184-87.
[268] Alarcão 1992.
[269] Redentor 2000.
[270] Estrabão, III, 3, 5.

1. Castro do Coto da Pena (Est. XV-XVI)

Atendendo às características especiais da implantação das estruturas da zona mais elevada deste castro (Est. XV), adequando-se esforçadamente ao maciço de afloramentos graníticos de acentuado declive, visível pela simples observação das cotas na área intervencionada, e com profundas alterações desde o final da Idade do Bronze à Idade Média, numa amplitude cronológica de cerca de vinte séculos, torna-se difícil isolar completamente o conjunto das estruturas em funcionamento na fase II de modo a obviar uma análise satisfatória do seu ordenamento espacial e mesmo da sua arquitectura, apesar de bem documentada com importantes séries de materiais arqueológicos registados segundo sequências estratigráficas representativas desta fase (Est. XVI.).

À 1.ª parte (IIA) pertence, com efeito um variado espólio de cerâmicas indígenas com formas diversas de fabrico manual em pastas grosseiras mas com especiais cuidados de acabamento na aplicação de espessos engobes espatulados e uma riqueza ornamental patente na variedade dos padrões e das técnicas decorativas em que se distinguem diversos motivos geométricos incisos e estampilhados [271], a merecer conveniente consideração no âmbito de um artesanato local ou de um comércio regional, de eventual significado étnico [272], e cerâmicas de importação com referência especial a um horizonte de comércio púnico expressivo nos séc. IV-III a.C. [273], cuja recolha corresponde, segundo os cortes seleccionados, aos estratos 03 de A-B, 04 de C-D e 06 de E-F.

Nos estratos imediatamente superiores, respectivamente o estrato 02 de A-B, 03 de C-D e 05 de E-F, à mistura com cerâmicas como as dos estratos anteriores, é notória, sobretudo pela simetria das formas e menor espessura das paredes dos vasos, a presença de peças feitas a torno lento [274] e a chegada dos primeiros produtos de procedência itálica, especificamente, cerâmica campaniense A [275], que terá precedido a expedição de *Decimus Iunius Brutus*, cujas incidências na periodização interna deste castro são relacionáveis com o abandono aparentemente comprovado deste sector e cuja reocupação apenas terá lugar, mais tardiamente, a partir da 2.ª metade do século I d.C., numa sequência com densidade de informações da sua romanização sobretudo referentes aos séc. III-IV d.C. [276] e cuja interrupção, marcada por um incêndio generalizado se pode presumir provocado pelas invasões germânicas, que não terão poupado este privilegiado sítio estratégico da foz do Minho.

Dever-se-á, entretanto, equacionar o abandono do alto do Castro com a transferência da ocupação para as plataformas inferiores, onde recolhemos materiais diversos de cerâmica castreja [277], ânfora Haltern 70, um *dupondius* de Augusto, com *caetra*, dois *soliferrea*, *parazonium* e falcata, datável de 25-24 a.C. [278] e outras peças pertencentes à fase III, significativamente ausentes na parte superior, na área da nossa escavação VIL 80-83.

A esta fase II pertence claramente a construção VII que, pela estratigrafia da área envolvente (Est. XVI, AB), se conclui ter sido implantada após a fase correspondente do concheiro (04) que em várias zonas apareceu intencionalmente isolado com pedras acamadas (Est. XV, B'C'/1'2') coincidindo o abandono da construção com o termo da fase do Baixo Império também patente noutras zonas do povoado.

---

271 Cfr. formas cerâmicas tipo C1e (Est. XLIV, 2), C1j (Est. XLV, 2) D2a (Est. LI, 1) e G1a (Est. LV, 2) e quadro dos motivos decorativos, onde se registam presenças em todas as técnicas tradicionalmente utilizadas, como incisões triangulares, numerosos denticulados e frequentes matrizes típicas analisadas no capítulo da cerâmica (Est. LXI-LXXIV).

272 Cfr. Cap. III, *A Organização da Sociedade*, p. 390.

273 Est. LXXV, 7-9; LXXVI, 9-10, 12-14.

274 Cfr. formas cerâmicas tipo A1f (Est. XLVII, 8), A1g (Est. XLVII, 10) A2c (Est. XLVII, 12), C1c (Est. XLV,3, 4, 7), C1e (Est. XLV, 6, 9), C1f (Est. XLV, 10), D2b1 (Est. XLVII, 11, 7), E1b (Est. XLVII, 1), E2a1 (Est. XLVII, 4), I (Est. LVI, 5).

275 Cfr. Cap. II, *Cerâmicas de importação*, p. 203.

276 Sobretudo cerâmica comum, *sigillata* hispânica tardia, suas imitações e numerosas moedas (Est. XV).

277 Recolhas de superfície por ocasião de terraplanagens para urbanização ocorridas em 1978 previamente à classificação da estação e subsequentes campanhas de escavações, constando, em geral, de *dolia* (tipo G1b), vasos de asa interior (D2b2) e em orelha (D2c), púcaros, panelas e potes (tipo C) da fase III da nossa periodização.

278 Villaronga, n.º 2. Classificação de Rui M.S. Centeno, a quem agradecemos.

Devendo ter sido construída no início da época com mais referências meridionais (03) e abandonada no final da mesma fase (02), o espólio recolhido na camada de reocupação e destruição do seu interior, designadamente duas moedas de bronze do séc. IV d.C. e fragmentos de vidro de taças de cor verde-gelo, apontam para uma ocupação do Baixo Império, em concordância com as observações feitas sobre toda esta área mais elevada deste castro.

Esta construção, tal como se revelou nas campanhas de 1984 e 1985, é de planta subcircular, com cerca de 5 m de diâm. médio, adequando-se à irregularidade do terreno rochoso, sendo as suas paredes, que têm 0.40 m de espessura, constituídas por duas fiadas de médias e pequenas pedras alinhadas pelo exterior, sem que revelem utilização de piso, entremeadas de cascalho, sendo de registar o reaproveitamento no muro da peça volante de uma mó de rebolo.

Também a construção I mostrou, na sua sequência estratigráfica (Est. XVI, E-F), um nível de ocupação desta fase correspondente pelo teor do espólio, que incluía alguns fragmentos de cerâmica de tradição púnica, no estrato 05, que formava um piso fino de saibro esbranquiçado sobre uma camada de terra de enchimento para regularização (06). Mas os problemas de identificação das estruturas deste edifício, por motivos já referidos [279], também não nos permitem relacionar a sua construção com a ocupação desta fase.

Já em relação à estrutura II parece, pela observação da estratigrafia (Est. XVI, C-D), que não terá sido ocupada nesta fase, devendo a acumulação do concheiro, misturado com pedras soltas e com alguns fragmentos de cerâmica de tradição púnica sobretudo na parte superior (04), ter resultado do arrastamento de zonas superiores, eventualmente por causa da construção da estrutura VII, onde se tornou evidente o cuidado do seu isolamento nas imediações.

Por seu turno, o espólio do estrato 03, com cerâmica castreja como a do corte A-B (02), da fase IIB, deverá corresponder a uma camada de enchimento e regularização do piso superior (02) da reocupação romana deste sector.

2. Cividade de Terroso (Est. XVII-XX)

Já na publicação dos resultados da nossa primeira campanha de trabalhos arqueológicos realizados nesta estação em 1980 [280] tivemos oportunidade de enunciar pertinentes observações sobre alguns aspectos relacionados com a metodologia das antigas escavações, resumindo-as agora aos seus pontos essenciais a propósito do seu ordenamento urbano.

Com base no estado actual da investigação neste castro, vai-se afirmando progressivamente uma distanciação entre os dados obtidos e os resultantes das escavações de 1906-1907, evidenciando-se cada vez mais a substituição de uma imagem anárquica deduzida da antiga «planta» (Est. XVII) por uma organização espacial com características próprias, cujas particularidades advêm da sobreposição e/ou aproveitamento de níveis de ocupação mais antigos e não detectados ou confundidos nessas escavações.

Com efeito, o ordenamento da plataforma central (Est. XVIII) manifesta um arruamento lajeado axial, que se desenvolve no sentido E-W pelo centro do castro (Est. XVIII, zonas C-U/11-12), indo provavelmente cruzar-se com outro no sentido N-S, formando no seu conjunto quatro grandes unidades, a deduzir de uma certa verosimilhança da «planta» antiga.

Cada um destes quadrantes está dividido em núcleos constituídos por várias construções em torno de um pátio quase sempre lajeado a que se pode atribuir carácter familiar.

Se em alguns casos já é claro este tipo de ordenamento das estruturas com correspondência à organização da sociedade sobretudo nos sectores onde foram realizadas escavações estratigráficas, cremos bem que venha a generalizar-se a toda esta plataforma da Cividade com o decurso dos trabalhos.

---

[279] Supra, p. 34, 37.

[280] Silva A.C.F. 1980a.

Em suma, apesar de uma certa falta de geometrização na organização interna deste povoado castrejo causada pela adequação arquitectónica de estruturas pertencentes a vários níveis de ocupação, que ou se sobrepõem ou se aproveitam com alterações ou simplesmente pervivem da fase mais antiga à mais recente, tudo parece indicar que, pelo menos quanto à arquitectura doméstica do último período, se assemelha ao esquema dos grandes povoados castrejos proto-urbanos da fase III, do género da Citânia de Sanfins ou da Cividade de Âncora, onde é patente a existência de um plano ordenador.

De facto, um dos resultados mais salientes da intervenção TER80-83 consistiu precisamente na detecção de estratos de ocupação inferiores aos das escavações realizadas por R. Peixoto – J. Fortes, que se tornaram extensivas a toda a plataforma superior e ainda a um sector externo à muralha (Est. XVII) mas que só episodicamente, e sem percepção estratigráfica, ultrapassaram o nível de ocupação mais recente.

Já referido a propósito da análise do sistema defensivo, este faseamento vê-se claramente confirmado em áreas habitacionais com sobreposições, reaproveitamentos e persistências de estruturas observadas em diversos pontos da plataforma central em zonas de recuperação das antigas escavações, onde foram ultrapassados os estratos mais recentes, e sobretudo nos sectores onde de forma programada procedemos a escavações estratigráficas, TER82A e TER82B, que documentamos (Est. XIX; XXXVI, 1).

No sector de escavação TER82A foram restituídas duas unidades da antiga «planta» e pertencentes à época mais recente do povoado (fase III), a primeira de planta rectangular e ângulos arredondados (Est. XVIII, **I**) e a segunda de planta circular com átrio (Est. XVIII, **II**), em nítida sobreposição a outras duas (Est. XVIII, **IA** e **IIA**) do período anterior (fase II).

Ambas as estruturas sobrepostas (**IA, IIA**) são de planta circular, uma delas com átrio (**IIA**), com alicerces implantados sobre a laje natural e com paredes compostas de dois paramentos de pedras partidas, sem vestígios de afeiçoamento a pico, e bem acamadas, geralmente de tamanho reduzido, sendo a fiada exterior de pedras de maiores dimensões e a fiada interior de pedras mais pequenas, com cascalho de permeio e unidas com argamassa de saibro e algumas cunhas.

Têm de diâmetro, respectivamente, 5.20 e 5.40m e os muros, relativamente estreitos, têm cerca de 0.40 m de espessura.

A estrutura **IIA**, com porta para N, tinha uma pedra quadrangular, para base do poste central de suporte de cobertura, e possuía átrio de que se escavou um dos seus muretes, formado de duas fiadas de pedras miúdas, lascadas, também sem vestígios de pico, com cascalho de permeio e bem ajustadas entre si e assentes com argamassa de saibro, bastante estreito (0.30m espessura), e que, segundo a estratigrafia (Est. XIX, C-D), se anexou numa fase posterior à sua construção.

Esta unidade mostrou dois pisos finos de saibro endurecido, amarelo claro, 08 e 03, sobre camadas de enchimento e regularização, tendo o piso superior (03) uma lareira de barro avermelhado desnivelada e colocada em posição lateral junto à parede N da casa, podendo ter existido no átrio um forno ou provavelmente um lugar de fundição, a ajuizar pela tonalidade fortemente enrubescida no estrato (03), em camadas várias vezes renovadas, correspondente ao primeiro piso da ocupação do átrio e segundo do interior da construção.

Com fragmentos de cerâmica castreja característica de um fabrico local, com pastas escuras e paredes relativamente pouco espessas feitas à mão com formas típicas[281] e alguma decoração da fase II, designadamente com motivos em corda sobre relevo[282] poderá considerar-se como ponto de referência cronológico deste sector um único fragmento de cerâmica de tradição púnica datável do séc. III a.C. procedente do estrato 08 da estrutura **I**[283].

A leitura estratigráfica da estrutura **IA** (Est. XIX, A-B), que aparece sobreposta por um edifício de planta subrectangular reaproveitando em pequena parte o alinhamento dos seus muros, apresenta igualmente um

---

[281] Sobretudo formas de largos bordos horizontais, por vezes levemente oblíquos, de *dolia* tipo G1a (Est. LIII) e similares de Est. XLVII, 7-12.
[282] Quadro decorativo, 876, 877, 884 (Est. LXXIV).
[283] Est. LXXVI, 11. TER 80 I (08).

piso fino de saibro esbranquiçado (09), de ocupação desta fase, sobre camadas de deposição (12), enchimento (11) e regularização (10), sendo as camadas superiores relacionadas com a construção que se lhe sobrepõe e diferenciando-se a estratigrafia exterior N por ausência de qualquer piso.

O corte estratigráfico da estrutura XXIII do sector TER82B (Est. XIX, E-F) com sucessivos níveis de ocupação, que persistiu durante as duas fases no interior dos seus muros, mostra, com arranjos, uma sequência mais linear com quatro pisos finos de saibro esbranquiçado na metade inferior (15, 13, 11, 09), que se reportam igualmente a este período do povoado (fase II), cujo termo aparece assinalado por uma forte camada de destruição por incêndio, com cinzas e carvões, e incluindo no seu espólio duas formas completas de vasos castrejos de perfil em S e fundo raso e de paredes pouco espessas provavelmente já feitos a torno lento [284] e a parte movente de uma mó giratória.

3. Castro de Romariz (Est. XXI-XXIII)

A área de escavação ROM 80-82 (Est. XXI-XXII) [285], além de um conjunto arquitectónico da fase III, a considerar oportunamente, forneceu-nos algumas estruturas e sobretudo sequências estratigráficas (Est. XXIII) de grande amplitude cronológica que, em conjunto, acompanham, com materiais característicos, o decurso da fase II, de que o corte L-M se poderá considerar como mais representativo das áreas intervencionadas em profundidade, donde vamos sumariar as notas mais relevantes para a análise do desenvolvimento do povoado.

Sendo as origens prováveis deste povoado do final da Idade do Bronze conforme se parece deduzir de vestígios de cerâmica com desengordurante arenoso, de recolha superficial recente, e uma forma carenada, os níveis mais antigos de ocupação revelados nessa escavação, atribuíveis aos meados do 1.° milénio a.C., recomendam esta cronologia para um período de expansão que vimos situando no quadro de uma reinterpretação das migrações internas peninsulares eventualmente relacionadas com rupturas históricas do domínio do Mediterrâneo Ocidental. [286].

Para este ponto de referência convergem as indicações do numeroso espólio de cerâmica indígena micácea e de fabrico manual [287], associada a um elucidativo conjunto de cerâmica de importação com numerosos fragmentos de ânforas e outras formas [288] de procedência e/ou tradição púnica, que destacamos no capítulo da ergologia cerâmica, e também contas de vidro azul, com o que concordará a datação de 600 ± 100 anos a.C. obtida por análise C14 (UGRA 203) [289] de bolotas carbonizadas do estrato mais profundo da nossa escavação (Est. XXIII, L-M (07)*), se atendermos aos limites, designadamente o superior, desse resultado.

Em termos de estruturas, porém, não se encontrou neste estrato do fundo mais do que duas lareiras de saibro, uma avermelhada e com bastantes carvões no ângulo NE e outra no ângulo SW rodeada por pequenas pedras com coloração bege escurecida no centro, que comprovam um nível de ocupação e, não se relacionando com quaisquer outros dados referentes à urbanização ou arquitectura, sugerem a utilização de materiais perecíveis, que, segundo a leitura das sequências estratigráficas, seria eventualmente exclusiva desde esse período até à primeira reforma do povoado. Esta renovação manifesta-se no início da fase III por um ordenamento, que vamos evidenciar como característico, segundo núcleos individualizados de âmbito

---

[284] Est. XLIII, 1 e XLIV, 4.

[285] Escavações realizadas em colaboração com o nosso colega Dr. Rui Centeno.

[286] Nota 247.

[287] Cfr. formas cerâmicas tipo A1f (Est. XLVII, 7, 9), A1h (Est. XLVII, II), C1e (Est. XLV, 8), D2b2 (Est. XLIX, 3), G1b (Est. LV, 1) e numerosos fragmentos de formas de bordo em aba tipo G1a (Est. LIII).

[288] Cfr. Est. LXXV,1-6; LXXVI, 1-8.

[289] Quadro 1. Análise realizada pelo Laboratório de Datación por Carbono-14, da Faculdade de Ciências da Universidade de Granada, Espanha, que forneceu a data de 2550±100 b.p. equivalente a 600±100 a.C.

familiar agrupados em unidades de ordem superior com limites arqueologicamente definidos por elementos do sistema defensivo de enquadramento geral, e do sistema de circulação, sinalizando divisões internas, e em que se mostra preferência sistemática por estruturas de pedra, cuja utilização se tornará mais intensa ao longo dessa fase.

Deste modo, verificamos, resumidamente, durante a fase IIA, dois níveis de ocupação sem vestígios de estruturas pétreas, um mais antigo, manifesto no estrato 07 do corte L-M, com início provável cerca de 500 a.C., acabado de referir, e outro posterior, correspondente ao estrato 05 do mesmo corte, também assinalado por duas lareiras de saibro alaranjado pela acção do fogo, uma delas visível no lado E do estrato, que poderá datar-se do séc. III a.C., atendendo ao seu próprio espólio, que inclui cerâmica micácea de fabrico manual com decoração impressa de círculos concêntricos e outros motivos designadamente de escudetes, alguns com besantes, por vezes organizados em cacho, e também alinhamentos de SS, além de incisões tradicionais [290] e cerâmica importada de produção e/ou tradição púnica [291] mais contas de vidro azul, e ao espólio do estrato inferior (06), com materiais de idêntico teor e onde se registou o aparecimento de um fragmento de cerâmica ática de verniz negro atribuível aos finais do séc. IV a.C.

Nesta sequência, à segunda parte desta fase (IIB) corresponderá possivelmente o estrato 04A, onde ainda recolhemos alguns fragmentos de cerâmica importada mas em que parece notória a introdução do torno lento no fabrico da cerâmica indígena [292], sobre o qual se levantou uma espessa muralha de pedra (Est. XXI, IX), tendo em 04 o estrato da sua construção.

Também a leitura do corte C-D, em que um piso fino de saibro esbranquiçado assente sobre a parte superior do estrato 05, igualmente com muita cerâmica castreja, alguma de tradição púnica e metade de uma conta azul na parte inferior, penetrando a W sob o alicerce da edificação, parece fazer corresponder a construção de planta circular, também de pedra, com a construção da muralha, que aparecem, deste modo, como os primeiros edifícios da fase III, que se mostrará em sucessivas reformulações.

Com a identificação destes níveis castrejos da fase II, com particularidades em cada uma das estações, que se tornam mais salientes quando confrontados os elementos comuns entre os rios Minho e Douro com os da área a Sul do Douro, onde ainda não foram encontradas estruturas de habitação pétreas, cumpre observar, por se tratar de um significativo elemento caracterizador da arquitectura castreja, a adopção sistemática da planta circular documentada no Coto da Pena e na Cividade de Terroso e também em Santo Estêvão da Facha [293] com idênticas características construtivas de paredes pouco espessas com dois paramentos unidos por argamassa de saibro e sem utilização de pico de ferro e com estratos de ocupação de pisos finos.

Escasseando os dados definidores destas transformações, parece preferível entendê-las como a consolidação de modelos anteriores até então construídos em materiais perecíveis em convergência com elementos inovadores adquiridos por um processo de aculturação de matriz exógena. E se, no quadro das relações estabelecidas na segunda fase, se pode apontar uma dualidade de influências externas sobre o fundo indígena, umas de cariz havido como post-hallstáttico documentado por materiais de origem continental e outros de procedência meridional com relação predominante ao comércio púnico, é na conformidade das representações e das soluções técnicas castrejas com as estruturas congéneres progressivamente reconhecidas nas áreas interiores do Vale do Douro e do Vale do Ebro que parece fundamentar-se o sentido de tal derivação, com certeza como resultado da expansão de grupos de Campos de Urnas tardios que nessa

---

[290] A análise da distribuição dos motivos decorativos por estratos dá-nos conta de uma pervivência que continua no estrato seguinte sobretudo em relação às incisões, de resto, raras, e aos motivos estampilhados que se tornam muito abundantes desde os finais do séc. IV a.C.

[291] Est. LXXV, 1,3 e LXXVI, 1, 2, 7 do estrato 07; LXXV, 4-6 e LXXVI, 3-4 do estrato 06; LXXV, 2 e LXXVI, 5, 8 do estrato 05.

[292] Tipo C1e (Est. XLV, 8) e bordos tipo G1a (Est. LIII).

[293] Almeida *et alii* 1981.

região adoptaram nos finais da 1.ª Idade do Ferro esse modelo por influência do grupo Soto [294], neste contexto se explicando o quadro das relações referenciadas particularmente evidenciado em alguns produtos e manifestações exemplares, de que citamos, entre outros, as fíbulas tipo Sabroso e Santa Luzia, torques e braceletes de ouro e decoração típica estampada na cerâmica, armas, utensílios e adereços.

Independentemente da intensidade destas influências, o que parece não oferecer, jamais, dúvidas é de que a utilização da pedra como matéria-prima das construções castrejas mais vulgarizada nesta segunda fase surge na continuidade de experiências regionais anteriores, que cada vez mais se vêm documentando quer para os sistemas defensivos quer para as estruturas residenciais.

Do conjunto destas observações sobre o habitat castrejo, se conclui também, a partir dos dados da Cividade de Terroso, que a anexação de um átrio ou vestíbulo «em caranguejo», que se tornará um dos elementos mais típicos da arquitectura castreja agindo como primeiro elemento diversificador no interior de uma estruturação arquitectónica de grande simplicidade e homogeneidade em relação aos padrões contemporâneos peninsulares, se pode reportar a esta mesma fase, ainda que, segundo a leitura estratigráfica (Est. XIX, C-D), se possa atribuir a um momento tardio do seu desenvolvimento correspondente já à sua última parte (fase IIB).

Mais uma vez nos confrontamos, certamente, com um caso de assimilação indirecta de um protótipo mediterrânico por intermédio de agentes peninsulares onde esse elemento desde há muito é testemunhado na arquitectura doméstica tanto nas construções circulares de Soto de Medinilla [295] como nas rectangulares do Vale do Ebro [296].

Fica-nos todavia ainda por saber se a sua adopção se compreende apenas como uma medida destinada a alargar o espaço com intuitos funcionais, para o exercício de determinadas actividades domésticas ou artesanais, tipo forno ou lugar de fundição, ou se se distingue, também, como uma estrutura particular na organização da casa castreja segundo o esquema da fase III.

Sugerimos para esta segunda fase um escalonamento em duas etapas, que perspectivam uma evolução do mundo indígena integrado num quadro de relações com influxos de procedência continental e de contactos meridionais e mediterrânicos, no âmbito das migrações túrdulas e do comércio púnico e, posteriormente, das primeiras influências itálicas.

Este ordem de relações, cuja assimilação transparece nos dois grandes grupos de ourivesaria castreja desta fase, um interior, transmontano, mais céltico, e outro litoral, mais mediterrânico [297], é-nos testemunhada por inúmeros outros materiais, em particular, os que resultam do intercâmbio cartaginês [298]. Assumidos como bens de prestígio, a integração destes produtos terá desempenhado papel de relevo no funcionamento da sociedade castreja do Noroeste: o vinho, para os actos de comensalidade; o azeite e as essências, porventura para os banhos e outros rituais ou para o uso quotidiano qualificado; jóias e contas, para ostentação das elites; outras peças, como as cerâmicas áticas e a própria moeda, como elementos de valorização social.

---

294 Para além da presença da casa circular nos povoados da província de Valladolid do grupo Soto de Medinilla, onde é testemunhado desde o Bronze Final III na própria estação epónima (Palol-Wattenberg 1974, p. 181-195, Fig. 61-66, Lám. 17-21) e nos povoados da Idade do Ferro de Zorita, Valoria La Buena (Martín Valls-Delibes 1978, p. 223-224, Fig. 4), La Mota del Marqués, Pollos, Simancas e Torrelobatón (Palol-Wattenberg 1974, p. 106-107, 122-123, 143 e 166, respectivamente) e da província de Álava no castro de Peñas de Oro (Ugartechea *et alii* 1971, p. 249-251, Lám. XXXVI- XXXVII, Fot. 24-32), Castillo de Henayo (Llanos *et alii* 1975, p. 203-204); La Hoya (Llanos 1976, p. 8-9), essa planta foi também reconhecida, entre as referências mais calibradas, no povoado de Pedredo, León (Mañanes 1977, p. 324-326 e 343, Fig. 5-45, Lám. 1-3), Roa, Burgos (Abásolo 1982, p. 28) e no castro de Zarranzano, Soria (Romero Carnicero 1984a), sinalizando, em conjunto, cronologias do séc. V a.C. Para uma visão do conjunto do grupo Soto e sua expansão para o Ocidente, vide Esparza 1983-84 (p. 139-141, especialmente).

295 Construções 2 e 3 do nível II-3 de Soto de Medinilla (Palol-Wattenberg 1974, Fig. 61-66).

296 Maluquer de Motes 1954/59.

297 *In genere*, Blanco Freijeiro 1957a.

298 Silva A.C.F.-Pinto 2001.

A própria iconografia dos guerreiros deste período denunciará esta diferença, que parece visível quando se confronta o guerreiro de Capeludos (Chaves) com o de S. João de Ver (Santa Maria da Feira). O de Capeludos (Est. CXX,2), fruste, sem torques, e incompleto, mas certamente com saio, a crer na designação toponímica de *Bragado* nas imediações do seu achado, tem a cabeça coberta de forma cónica, a lembrar o sombrero do príncipe de Hochdorf e a representação de Hirschlanden, enquanto o de S. João de Ver[299] (Est. CXX,1) entre os Túrdulos Velhos, com estola e armado, mostra atributos de carácter mediterrânico, que o sugerem como eventual representação do chefe túrdulo da expedição referenciada[300].

As fíbulas tipo Sabroso e Santa Luzia, bem presentes na orla litoral, e as ditas de tipo transmontano, sobretudo assinaladas na sua área epónima do interior, apoiam um horizonte referenciado desde há muito por Bosch-Gimpera[301] como de natureza post-hallstáttica e mais recentemente como dos Campos de Urnas da Idade do Ferro[302]. Por sua vez, o horizonte mediterrânico é testemunhado por numerosas cerâmicas de procedência e/ou tradição púnica[303] e algumas cerâmicas gregas[304] e pré-campanienses[305], que nos serviram de suporte para datar a fase IIA entre os séc. V – III a.C. em especial no Coto da Pena e no Castro de Romariz mas também na Cividade de Terroso, no Morro da Sé do Porto[306] e no Castelo de Gaia[307], e que aparecem associadas a diversas formas de cerâmicas indígenas sempre de fabrico manual e com diversidade e riqueza decorativa denunciadora da vitalidade desta fase, que se vai simplificando na segunda parte deste período, na fase IIB. Neste passo, se percebeu o aparecimento do torno lento no fabrico da cerâmica indígena e se manifestou a chegada dos primeiros produtos de importação itálica, em especial cerâmica campaniense A, que recolhemos no Coto da Pena[308], em conformidade com as transformações operadas no Mediterrâneo Ocidental, como resultado das guerras púnicas, a favor do domínio romano, que não tardará a impor-se a toda a Península.

Pelos dados da estratigrafia da Cividade de Terroso, atribuímos também a este momento (fase IIB) a introdução do átrio ou vestíbulo na casa castreja (Est. XIX, C-D) como principal inovação das estruturas do habitat, enquanto sinal de especialização do espaço familiar, e que entendemos relacionar-se com a introdução da *casa-pátio*, de tipo mediterrânico, e ainda o uso das mós giratórias (Est. XIX, E-F), que substituem doravante as mós de rebolo muito numerosas desde o Bronze Final.

A campanha de *Decimus Iunius Brutus* (138-136 a.C.), atestando os primeiros contactos directos entre romanos e populações indígenas, pelo seu perfil de expedição litoral – podendo ter, na sua caminhada até ao Minho, comprovação arqueológica verosímil na destruição da Cividade de Terroso, com espessa camada de cinza de incêndio por toda a parte, e no possível abandono do Coto da Pena – pelas proporções assumidas, segundo as fontes[309], e pelos estímulos criados e novas motivações e modelos propostos, deverá considerar-se responsável pelo termo desta fase e o início de uma nova etapa que, pelas estruturas aparentes, se manifestou como de padronização do habitat castrejo como fruto das novas relações estabelecidas doravante no *processus* da romanização.

---

[299] Jorge S.O.-Jorge V.O. 1983 e 1990.

[300] Silva A.C.F. 2003, p. 44.

[301] Desde Bosch-Gimpera 1920, p. 189; Höck 1980, p. 69.

[302] Ruíz Zapatero 1985.

[303] Cfr. cap. II, *Cerâmicas de importação*, p. 201-203.

[304] Além dos nossos achados do castro de Romariz (Vila da Feira) e Coto da Pena (Caminha), conhecemos o do Castelo de Faria (Barcelos), Jesufrei (V. N. Famalicão), S. Lourenço (Esposende), Santo Estêvão de Facha (Ponte de Lima), Palheiros (Murça) e, na Galiza, em Alobre, Cidade de Caneiro (Fozara, Ponteareas), Castromao (Celanova), Castro de Elviña (La Coruña) e Fuentes de Ropel (cfr. Cap. II, *Cerâmicas de importação*, p. 202-203 ; Silva A. C. F. – Pinto 2001).

[305] Est. LXXVI, 16. VIL83 B'1 (02/03) (Est. XVI). Classificação de J.P. Morel.

[306] Escavações de 1984-85 (dir. Manuel Real).

[307] Dois fragmentos de pança de ânfora procedente das escavações de 1985. CAND 85 B3 (04).

[308] Um fragmento do corte A-B (02/03) (Est. XVI). Classificação de J.P.Morel.

[309] Cfr., vg., Tranoy 1981, p. 126-129.

Fase III –Proto-urbanismo e reordenamento territorial

É a esta fase que se reporta a generalidade dos conhecimentos vulgarizados sobre a cultura castreja a partir das escavações de grandes estações arqueológicas, como as Citânias de Briteiros, Sanfins, Terroso, S. Julião, Santa Luzia, Âncora, Santa Tecla e outras, que se tornaram modelos desta cultura.

Por força dos contactos cada vez mais sistemáticos com os romanos, por motivo das etapas da conquista peninsular, esta região terá assistido a profundas alterações de organização espacial, que terá originado o surto de novas aglomerações proto-urbanas, com polarização do conjunto das actividades de ordem defensiva, político-administrativa, económica e religiosa, como *lugares centrais* de territórios demarcados, cujos limites alguns ensaios de modelização pretendem esclarecer[310].

Ter-se-á tratado, na prática, de um processo de agrupamento em lugares altamente estratégicos de unidades castrejas menores, para cujo desaparecimento ou retracção aguardamos a resposta de trabalhos arqueológicos, ou então como resultado de migrações internas provocadas pelas movimentações da ocupação peninsular, de que destacamos as campanhas sertorianas (com referência nas fontes clássicas

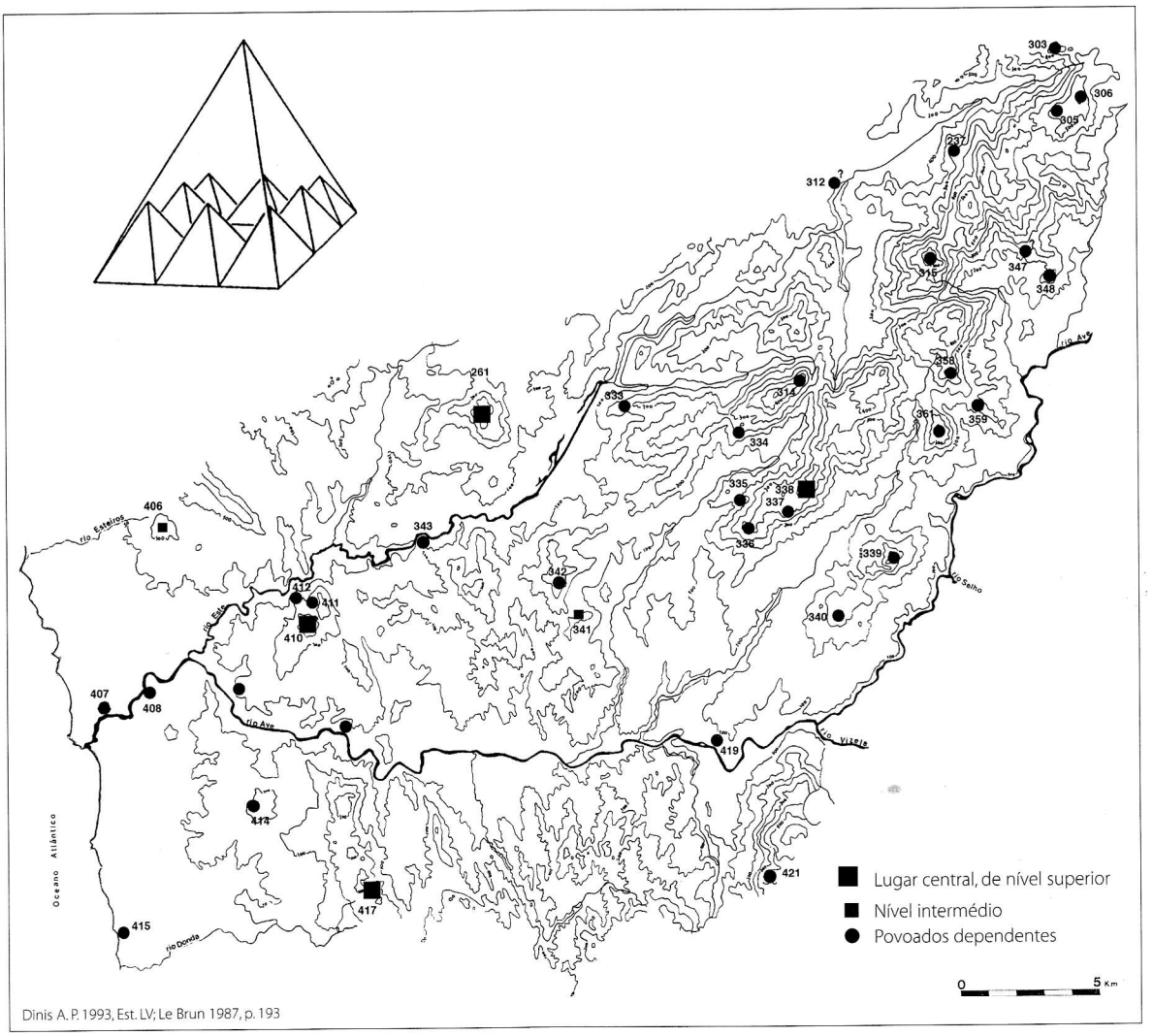


Fig. 6 – Vale do Ave

310 Vg., Silva A.C.F. 1986b; Martins M. 1990; Alarcão 1992; Xusto 1992; Dinis A.P. 1993; Lemos 1993; Maciel 1997 = 2003; Parcero Oubiña 2002; Carballo Arceo 2002; Berrocal *et alii* 2002; Xusto 2002.

relativamente a *Cale*[311] e com ocultação de tesouros seguramente atribuídos a essa data, vg., em Romariz[312]), as campanhas de César em que as fontes expressamente mencionam deslocações de populações para o Norte[313] e, mais tarde, os momentos definitivos da conquista por Augusto significativamente documentados, entre outros dados mesmo numismáticos, como as moedas com a representação de armas indígenas como a *caetra* e outras, por uma série de tesouros de denários[314].

Continuando a ocupar alguns sítios estrategicamente privilegiados, como pensamos ter ocorrido, v.g., nas Citânias de Briteiros e Santa Luzia, e a reocupar outros, como a Cividade de Terroso, após a sua destruição generalizada, em termos de alargamento demográfico, esta fase aparece também marcada pela criação de vastas aglomerações em que a homogeneidade do seu ordenamento e a inexistência de renovações de pisos confirmam o cumprimento, em breve espaço de tempo, de um plano de urbanização, como parece ser o caso das Citânias de Sanfins (Paços de Ferreira), da Carmona (Barcelos/Viana do Castelo) e da Cividade de Âncora (Viana do Castelo/Caminha).

Detectadas outras fundações ao longo deste período, de que as mais características serão os chamados "castros agrícolas"[315], visando a exploração dos vales, e algumas outras relacionadas com a exploração mineira, o registo demográfico resulta, no fim de contas, numa triplicação do número de povoados relativamente à primeira fase, como se pode observar, por exemplo, no Vale do Neiva[316] ou no Vale do Ave (Fig. 6)[317].

Mas o que se afigura mais evidente desta fase é que se tivesse assistido a um processo de substituição de pequenas unidades independentes, estabelecidas em pequenos castros, por agrupamentos com configurações mais expressivas, em que uma forte concentração demográfica terá implicado novas formas de organização arqueologicamente manifestas num novo ordenamento espacial. É, pelo menos, o que se pode deduzir da análise de grandes povoados, como a Citânia de Sanfins ou Briteiros, onde os alinhamentos quase ortogonais das suas ruas enquadram, como unidades modulares, vários núcleos autónomos de algumas habitações.

Uma leitura da organização urbana da Citânia de Sanfins fornece-nos, neste aspecto, um modelo paradigmático (Est. XXIV), mostrando a ocupação de uma superfície intra-muros, de mais de 15 ha, superior à generalidade das cidades romanas de Portugal, e desenhando uma planta regularizada com distribuição organizada dos espaços privados e com função pública.

Configurando globalmente um esquema urbanístico congénere ao da cidade de Numância, reconstruída após a conquista romana de 133 a. C.[318], o espaço aparece ordenado em função de um arruamento central, largo (em zonas, com 4 m de larg.), que corre no sentido Norte-Sul, seguindo a cumeada da elevação, e ramifica-se, ortogonalmente, em arruamentos transversais mais ou menos equidistantes e mais estreitos (de 2 a 2.5 m de larg.), formando uma espécie de quarteirões ou bairros, subdivididos em unidades intermédias que integram, em média, quatro núcleos, cada qual constituído, em geral, por quatro a cinco unidades circulares e angulares convergentes para um pátio comum quase sempre lajeado e com acessos próprios, ocupando uma área média entre 200 e 300m2, cercada por um muro, e que seria pertença de uma *família extensa*, interpretada epigraficamente como *domus* na citânia de Briteiros (Est. CXVIII, 18), deixando livre um espaço que servia de caminho de circunvalação, entre a muralha n.º 2 e a zona de habitação (Fig. 7).

Estes quarteirões ou bairros delimitados pelos arruamentos, sugerindo um provável quadro de âmbito suprafamiliar, aparecem sistematicamente divididos em unidades intermédias, autónomas, muradas, e

---

311 *Sallustius, Historiarum Reliquiae*. Cfr. Tranoy 1981, p. 130.

312 Centeno 1976-77.

313 Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 142-143.

314 Paço-Jalhay 1955; Centeno 1977 e 1987; Torres 1978-79.

315 Almeida C.A.B. 1990a, 1996 e 2003.

316 Maciel 1997 = 2003.

317 Dinis A.P. 1993.

318 Jimeno 2001.

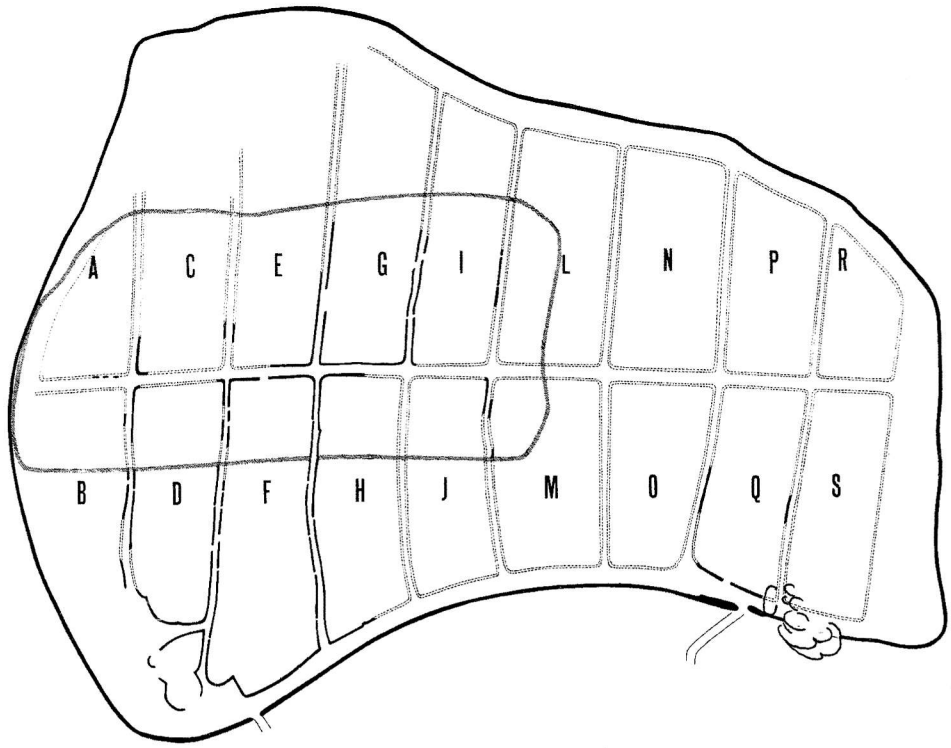


Fig. 7 – Ordenamento geral da Citânia de Sanfins em unidades suprafamiliares tipo quarteirão ou bairro a que se sobrepôs posteriormente uma muralha de reduto interno (M1).

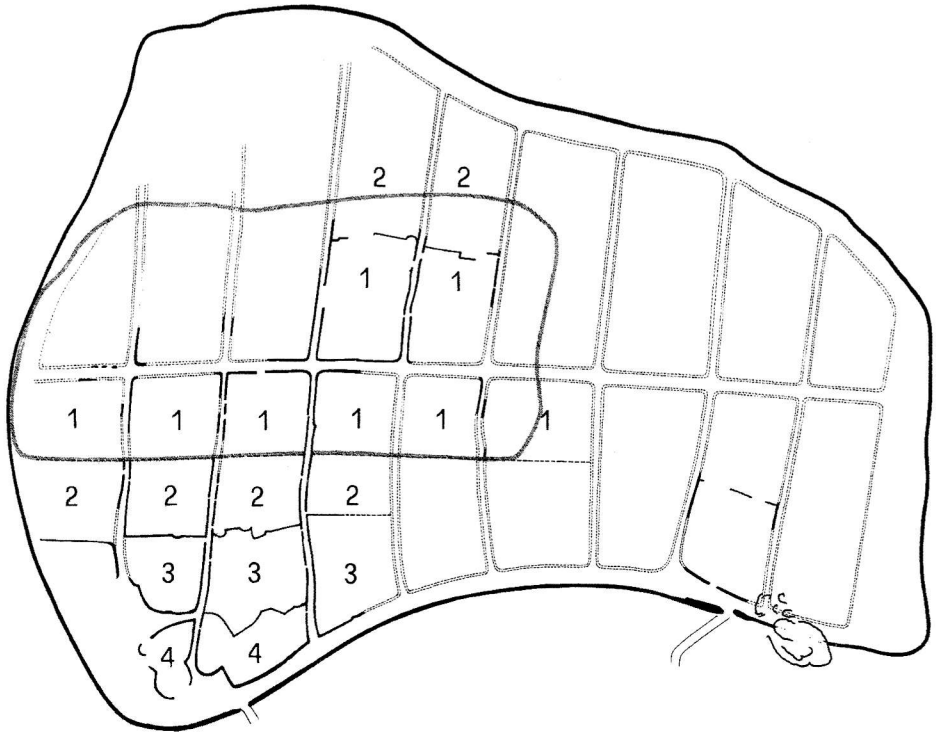


Fig. 8 – Subdivisão dos quarteirões em unidades intermédias de prováveis conjuntos familiares.

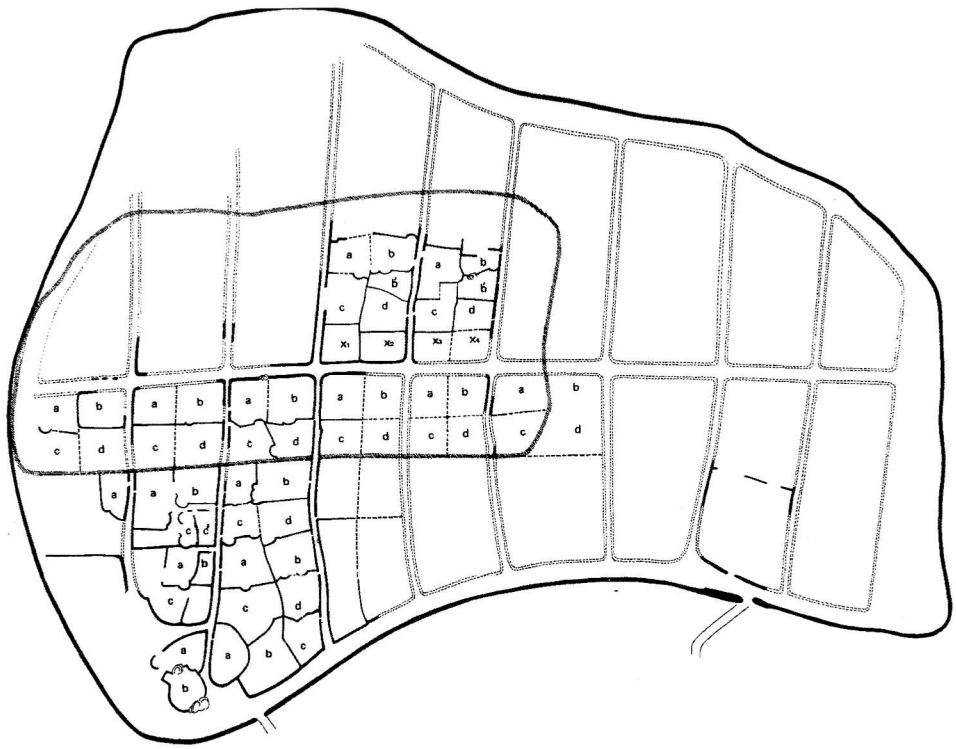


Fig. 9 – Parcelamento das unidades intermédias em núcleos familiares (a, b, c, d) e espaços públicos (x).

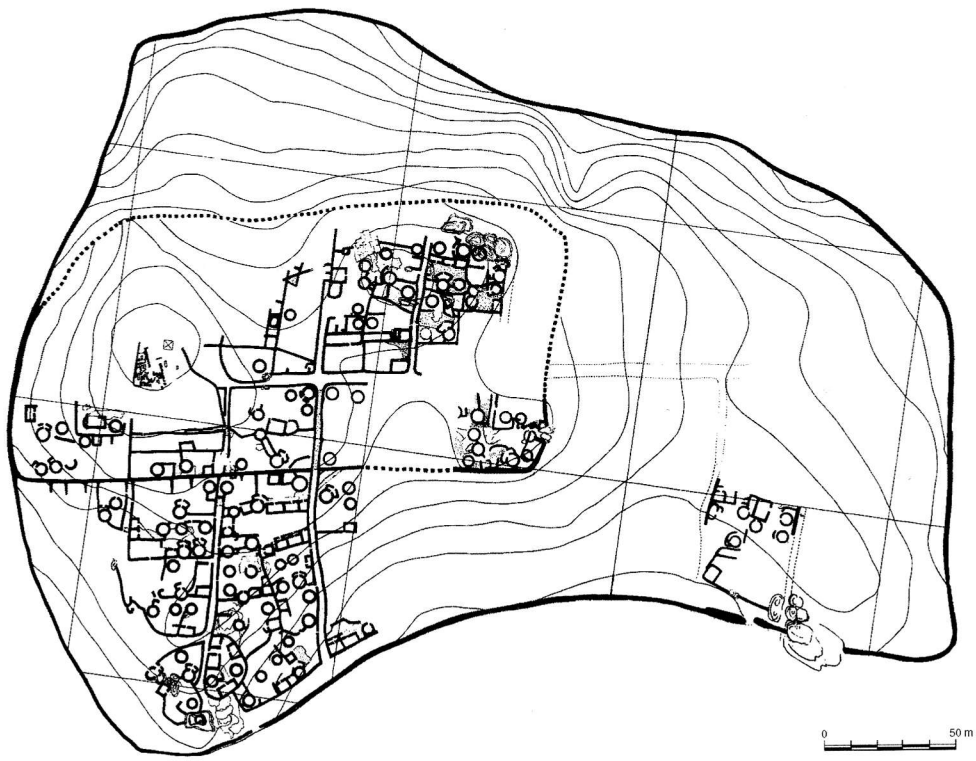


Fig. 10 – Planta das escavações da área analisada (interior de M2).

obedecendo também a um plano de alinhamento perfazendo uma malha reticulada, que se adequou aos acidentes do terreno (Fig. 8).

A análise da área escavada e observações das estruturas aparentes e detectáveis por fotografia aérea na plataforma circundada pela muralha n.º 2 mostram a existência de dezoito quarteirões, metade deles já com registos de intervenção arqueológica que servem de apoio mais sólido a este esquema interpretativo.

Mais curioso parece ser o parcelamento das divisões intermédias em núcleos menores, compostos por um pequeno conjunto de construções, em geral constituído por quatro a cinco unidades convergentes para um pátio comum quase sempre lajeado e com acessos próprios, ocupando uma área média entre 200 e 300 m2 (Fig. 9-10), o mesmo ordenamento se verificando com maior ou menor nitidez em outras estações castrejas, nesta fase, conforme há muito vem sendo referenciado em notícias, relatórios e bibliografia própria[319].

A análise espacial de alguns destes núcleos, com características familiares bem definidas[320] constituiu precisamente uma das linhas programáticas da nossa investigação no sentido de esclarecer a antropologia da casa castreja da fase III, que concretizámos, especialmente com os resultados das nossas escavações na Citânia de Sanfins, Cividade de Âncora e Castro de Romariz, bem representativas da área deste estudo.

A concretização de um programa de arqueologia experimental na Citânia de Sanfins[321], que incluiu a reconstituição, em termos de volumetria e funcionalidade, de uma destas unidades domésticas, permitiu-nos observar, pela modularidade da composição e racionalidade da disposição e integração no povoado, as características urbanas destes conjuntos.

Torna-se evidente um primeiro nível de influência romana na adopção do módulo *casa-pátio*, de tipo mediterrânico, com unidades circulares e rectangulares voltadas para um pátio central lajeado, que seria o único espaço aberto do conjunto arquitectónico.

Para a reconstrução volumétrica, procedeu-se ao levantamento das paredes sobre os alicerces arqueológicos das diversas estruturas, interpretando-se o funcionamento espacial com base em elementos originais, em especial, soleiras, ombreiras, padieiras, bases de poste central, prisões de gado, pias e mós de farinação, assim como do registo relativo a elementos de ocupação, cozinha e armazenamento, entre outros.

Para a cobertura do núcleo, foi particularmente estimada a existência de muros de suporte de travejamento e de delimitação de recintos, assim como o sistema de drenagem de águas pluviais e a superfície lajeada.

Na ênfase dada à estrutura com vestíbulo, além das nossas análises sobre o tema, particularmente realizadas na Cividade de Âncora[322], foram considerados paralelos proto-históricos que entendemos adequados à distinção desta estrutura, tendo sido utilizadas no cumprimento deste projecto matérias-primas, tecnologias e soluções artesanais.

O resultado desta reconstituição sugere o sentido da propriedade privada familiar e a salvaguarda da privacidade doméstica, que outras propostas, como a de Martins Sarmento para a Citânia de Briteiros e a reconstrução de Santa Tecla, parecem ignorar.

O estudo axonométrico da *domus* do Castro de Romariz[323] (Est. XXI) evidencia a aculturação de elementos claramente romanos que caracterizam um segundo nível de evolução ocorrida desde Augusto, documentando bem as mudanças do meio desta fase (IIIA/IIIB).

O espaço indígena, que continuou a integrar duas unidades circulares e uma rectangular, que terão conservado as mesmas funções, foi internamente reformulado, substituindo as estruturas anteriores por um complexo policelular com características arquitectónicas romanas, nomeadamente notórias nos alinhamentos

---

[319] *In genere*, Romero Masiá 1976, p. 103-114, onde se referem núcleos de Santa Tecla, Troña, Santa Luzia, Briteiros, Bagunte, Sanfins.

[320] Silva A.C.F. 1981-82, p. 83-85; Almeida 1983a, 1983b e 1984 (especialmente).

[321] Colab. do nosso colega Prof. Doutor Rui M.S. Centeno (Silva A.C.F. 1993 e 2002a).

[322] Silva A.C.F. 1981-82 e 1986b.

[323] Silva A.C.F. 2002a.

ortogonais e ângulos de construção, na cobertura de *tegula*, nas argamassas, rebocos e pinturas das paredes e noutros elementos, como um *cartibulum*, que se poderá interpretar como ajustado a funções indígenas ou, mais provavelmente, como adopção de comportamentos romanos.

De preferência a outras *rationes* de estimativa demográfica [324], o carácter modular destas unidades poderá servir como índice de cálculo. Nestes termos, e considerando, por exemplo, a análise da superfície ocupada da Citânia de Sanfins, a sua população poder-se-á avaliar, com base na composição de uma *família extensa*, em mais de 3000 habitantes, evidenciando a existência de uma grande densidade populacional, de acordo com o seu *status* de lugar central.

1. Citânia de Sanfins (Est. XXIV-XXV)

Na área intervencionada em 1979-1981 [325], SAN 79-81 (Est. XXV), enquadrada pelo ângulo SW da muralha n.º 1 (Est. XXIV, E), foi posto a descoberto um conjunto habitacional constituído por onze construções de planta circular dando para pátios, em geral lajeados, outros recintos e ainda um arruamento que, em concordância com o esquema de ordenamento urbanístico deste povoado, permite a circulação e separa unidades suprafamiliares neste sector, que em grande parte foi alterado por sobreposições e arranjos de posterior reorganização decorrente da implantação da muralha.

As estruturas de habitação reconhecidas fazem parte de quatro núcleos, dos quais somente o que está contíguo ao ângulo da muralha foi definido completamente por escavação, mostrando três unidades de planta circular (Est. XXV, **IX, X, XI**), uma delas com átrio (**XI**) e um amplo pátio, que é lajeado (**XII**) em frente desta estrutura, pertencentes ao núcleo primitivo, da fase IIIA, mais tarde reduzido a menos uma unidade, na fase IIIB, por sobreposição às casas **IX** e **X** de uma grande construção subrectangular com divisão interna (**Xa**), acomodada à própria muralha.

Não obstante as dificuldades de leitura resultantes das alterações havidas, que não preservaram vestígios suficientes para a identificação funcional destas unidades **IX** e **X**, é de realçar a permanência, sem reformulações, da estrutura **XI**, com átrio e pátio lajeado, de cuja protecção se cuidou envolvendo-o com um murete de contenção, que terá sido exigido pela regularização do pátio de terra batida que ficou mais elevado após a construção **Xa**.

Sobretudo a partir de analogias da Cividade de Âncora, ser-nos-á permitido considerar a hipótese deste tipo de construção ter servido como local próprio das reuniões familiares, apesar de não terem sido encontrados nem sequer vestígios de bancos ao redor dos muros que poderiam, de resto, ser de materiais perecíveis, como parece observar-se no Castro de Romariz e oportunamente será referido. Poderá aduzir-se ainda, em reforço desta hipótese, a frequência de uma unidade deste tipo, circular com átrio, por cada núcleo

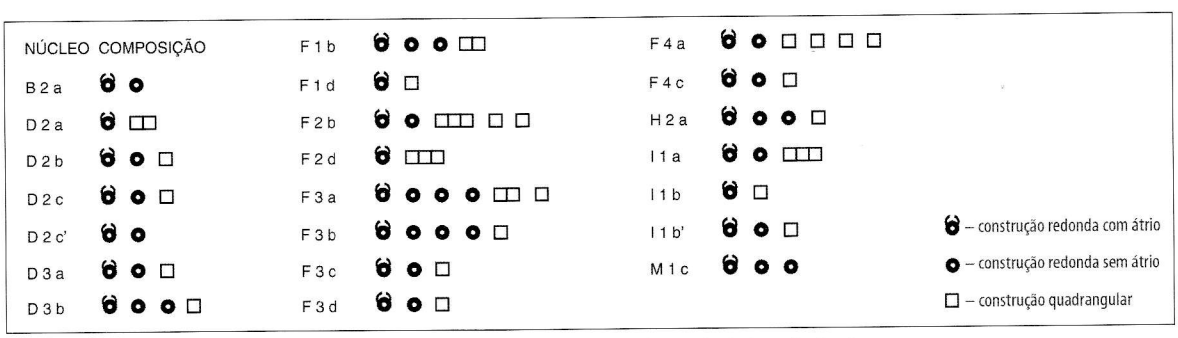


Fig. 11 – Composição dos núcleos familiares da Citânia de Sanfins

[324] Vg., Alarcão 1992; Valinho 2003.

[325] Trabalhos arqueológicos realizados em colaboração com o nosso colega Prof. Doutor Rui M.S. Centeno.

de âmbito familiar na Citânia de Sanfins, sempre que essas observações puderam ser convenientemente controladas (Fig. 11).

Documentadas no conjunto da escavação por mós giratórias, cossoiros e pesos de tear as actividades relacionadas com a preparação de alimentos e confecção de vestuário, várias prisões de gado, uma delas implantada no centro do pátio lajeado (**XII**, 18), e uma pia (**XII**, 17) comprovam, repetindo inúmeras situações análogas por toda esta estação, a presença de animais domésticos no interior do núcleo, para cuja guarda estaria possivelmente destinado um pequeno recinto (**XIII**).

Mas um bom testemunho da actividade, imprescindível no contexto das necessidades destes povoados, poder-se-á considerar a presença de uma oficina metalúrgica instalada, aquando da reforma deste núcleo, na estrutura **Xa**, anexa à muralha, onde foi encontrada uma tenaz de ferro de pontas alargadas (**Xa**, 14; Est. LXXXV, 1A-B) apta para trabalho de forja e fundição, que seria certamente de um ferreiro, atendendo à abundância de escória de ferro encontrada, e que ainda hoje conta com paralelos nas oficinas artesanais.

Sem pretender realçar agora a importância fundamental desta actividade para o fabrico de armas e utensílios, em especial de pedreiros e canteiros, cumpre referir, segundo os dados destas escavações, o aparecimento de um guilho de pedreiro (II, 4 ; Est. LXXXV, 7A-B) sobre a laje natural, abandonado sob o piso da estrutura II, que pode ser relacionado com alvéolos abertos por ferramenta análoga no interior da mesma estrutura, para regularização da rocha na zona de implantação.

De resto, e reportando-nos apenas ao registo de informações sobre o quadro das actividades domésticas desenvolvidas no conjunto dos núcleos, importará referir ainda a existência de lareiras nem sempre de igual tipologia e normalmente em posição excêntrica, em consequência da presença de postes centrais para suporte da cobertura, com vestígios nas unidade **III** (5), **IV** (8), **V** (11) e **XI** (15).

As lareiras das estruturas **III**, **IV**, e **V** são compostas por finas lajes horizontalizadas, formando uma planta subrectangular, colocadas sobre o piso, não se verificando qualquer estrutura congénere na estrutura **I**, em que o fogo era aceso directamente sobre o piso junto à parede do lado W (**I**, 1) e onde ficaram restos de muitas cinzas, carvão e um tronco de *quercus suber* carbonizado a assinalar essa função.

Este conjunto arquitectónico da Citânia de Sanfins, que globalmente reproduz a imagem típica da ocupação e organização planificada do espaço envolvido pela muralha n.° 2 (Est. XXIV, M2), que vimos considerando característico da fase III da cultura castreja, sofreu alterações significativas impostas pela construção da muralha contígua (Est. XXIV, M1), que terá sido exigida por necessidades de defesa criadas pela conjuntura político-militar das guerras cântabras, de acordo com os dados cronológicos mais recentes do tesouro monetário, datáveis de 25-23 a.C., e que foi escondido em circunstâncias que a reportam a uma construção anterior ao seu ocultamento [326].

Com este ponto de referência, se justificará a partir da época de Augusto o início do segundo período da fase III (IIIB) na Citânia de Sanfins que terá tido o seu termo por meados do século I d.C., possivelmente ainda em tempos pré-flavianos, coincidindo com uma época de franco declínio deste importante povoado.

Efectivamente, com os dados das nossas escavações e considerando a globalidade do espólio recolhido nas campanhas anteriores, poder-se-á elaborar um quadro cronológico da ocupação da Citânia segundo os parâmetros gerais da fase III da cultura castreja do Noroeste com um primeiro período (fase III A) iniciado após a campanha de *Decimus Iunius Brutus* (138-136 a.C.), que assinala os primeiros contactos entre romanos e indígenas, e um segundo relacionado com reforços do sistema defensivo e posteriores reformas de estruturas na época de Augusto, de mais decisiva influência romana, com termo na 2.a metade do século I d.C. (fase III B).

Os materiais de cerâmica castreja recolhidos no sector escavado apresentam as características gerais do espólio típico desta estação [327], constituindo um numeroso conjunto de formas típicas e padronizadas

---

[326] Paço-Jalhay 1955; Centeno 1987.

[327] São numerosas as formas cerâmicas da Citânia de Sanfins, caracterizadoras desta fase, com que ilustramos este estudo: tipo A1e (Est. XXXIX, 6-II), A1m (Est. XLVI, 7), A2b (Est. XL, 1-4), A3 (Est. XL, 8, 10), B2 (?) (Est. XLI, 6), C1e (Est. XLII, 6; XLIII, 8-9; XLIV, 6), C2b (Est. XLIII, 10-11), D2b2 (Est. XLIX, 2,4), D2c (Est. LI, 2-2A, 3-3A, 4-4A), E1b (Est. XLVII, 2), G1b (Est. LII, 1-3), N (Est. LVII, 7) 01 (Est. LVIII, 5-8) e 02b2 (Est. LVIII, 13).

constando sobretudo de *dolia*[328], vasos de asas interiores[329] e em orelha[330], taças[331], potes e outros recipientes[332] em geral de perfil em S, de manifesto fabrico local, de pastas muito micáceas manufacturadas à roda e com motivos decorativos de muita uniformidade[333], não permitindo, de per si, estabelecer uma periodização dentro desta fase, do mesmo modo que a não permitem os utensílios líticos exumados[334].

Todavia a presença de um bocal de ânfora Dressel 1 depositado no estrato de construção da muralha (Est. XXVI, A-B (04)) atribuível à fase III A, e de numerosos elementos de bordos, asas e fundos de ânforas em geral Haltern 70, um fragmento de *sigillata* hispânica, e uma fíbula de tipo Aucissa (Est. XXV, I: 2) e a própria tenaz de ferreiro atrás referida, da fase IIIB, procedentes dos níveis de ocupação e abandono (Est. XXVI, A-B (03)-(02), C-D (02)-(01)), constituem índices dessa diferenciação que a reforma de estruturas claramente manifesta.

É, de resto, este o panorama cronológico que o acervo de materiais das anteriores campanhas recomenda, e de que destacamos os mais significativos ao longo deste estudo, podendo relacionar-se com o 1.° período (fase IIIA) um numeroso conjunto de objectos metálicos designadamente fíbulas de tipo Sabroso[335], Santa Luzia[336], transmontano[337] e longo travessão sem espira[338] e uma cabeça de torques com terminais em urna (Est. CXI, 4-4A) assim como a estátua de guerreiro (Est. CXXIV, 3) e algumas pedras insculturadas sobretudo de elementos arquitectónicos, designadamente com motivos de tríscelos e afins, tranças e cordas[339], merecendo-nos consideração especial, como testemunho desta fase, o tesouro monetário aparecido em 1950[340], cuja acumulação de peças a partir de 138 a.C. parece avalizá-lo como indicador cronológico de *terminus a quo*, relacionando-se as três últimas moedas, três quinários datáveis de 25-23 a.C., com a data do seu ocultamento no fim do período.

O segundo período (fase IIIB) manifesta a pervivência de formas e fabricos cerâmicos do período anterior, eventualmente simplificando a técnica e os motivos decorativos, com preferência para os meandros, denunciando uma certa marginalização relativa à tendência geral de adopção de formas novas, com raros exemplares de cerâmicas de produção indígena, local e regional, designadamente de cerâmicas cinzentas finas polidas, ou influenciadas pelas cerâmicas *sigillata* ou comum romana.

As fíbulas tipo Aucissa[341] e alguns tipos anulares[342] assim como algumas armas de bronze[343] e instrumentos de ferro[344] pertencem também a este segundo período marcado por uma reduzida importação de produtos romanos que se intensificará, ainda que relativamente, nas fases de reocupação que ultrapassam o âmbito deste estudo e que já esclarecemos noutros trabalhos[345].

---

328 Todos do tipo G1b, de bordo oblíquo.

329 Tipo D2b2, de que ilustramos dois exemplares (Est. XLIX, 2. SAN 81X (03); XLIX, 4. SAN 79 IV (02)).

330 Tipo D2c.

331 Tipo A, com um exemplar ilustrado (Est.XXXIX, 8. SAN 79 IV (02)) de tipo A1e.

332 Tipo C, em geral, e um prato tipo E1b (Est. XLVII, 2. SAN 81X a (02)).

333 Sobretudo com motivos lineares de meandros associados a outras incisões entre caneluras representados nas Est. LV-LVI, às vezes com toros em relevo (Est. LXXII, LXXIV), e alguns motivos estampados de SS isolados ou associados a caneluras (Est. LXVII), ou alinhamentos de pontilhado (Est. LXVI-LXVII) do Quadro decorativo.

334 Designadamente, machados polidos de anfibolito e xisto e uma lâmina de sílex.

335 Est. XCVIII, 4 e XCIX, 2, 4.

336 Est. CI, 2, 6.

337 Est. CI, 12-13.

338 Est. CI, 15.

339 Est. CXXVIII, 29-30 mais Silva A.C.F. 1983a, Est. VIII, 2, 3 e Est. VI, com decoração em corda da estela do balneário, e 1999b.

340 Nota 326.

341 Est. CI, 10, 12-13.

342 Est. CIII, 17, 24 e CIV, 25.

343 Est. LXXXVII, 4.

344 Est. LXXXV, I.

345 Silva A.C.F.-Centeno 1980; Silva A.C.F. 1999b.

2. Cividade de Âncora (Est. XXVI -XXVII)

A área por nós escavada, ANC 78-82 (Est. XXVI), ao revelar uma série de unidades de estrutura dos sistemas defensivo (**XX**) e de circulação (**XVIII**, **XIX**), que enquadravam um expressivo conjunto habitacional pertencente a três núcleos familiares individualizados, que nos forneceu elementos de composição inéditos noutras situações, permitiu ir elaborando o paradigma da casa castreja da fase III.

Compunham o núcleo central, cujas estruturas foram completamente reconhecidas, um conjunto de três construções circulares (**IV**, **VI**, **X**) uma delas com átrio (**VIA**) e posteriormente transformada numa planta de tipo basilical, mais uma construção de planta subrectangular (**VIII**) com um forno (**VIII**, 15), que aparecem dispostas em torno de um pátio lajeado (**IX**) que tem uma cisterna ou fonte (**IX**, 20), contando ainda com um pequeno recinto (**VII**) situado junto da entrada, que se fazia pelo arruamento N.

Enquadrando este núcleo, mas dele se distinguindo por um muro de separação, foi parcialmente escavado outro do lado W, a que pertenciam, com os elementos existentes, duas construções circulares (**I**, **III**), uma delas com átrio (**IA**), um recinto funerário (**V**) e também um pátio parcialmente lajeado (**II**), fazendo-se a entrada para este núcleo, segundo os dados da escavação de 1984, pelo arruamento S, contíguo à muralha, por uma escada, possivelmente de madeira, que daria para uma soleira que estava implantada *in situ*, sobre o muro em posição sobreelevada em relação ao piso do arruamento.

Ao terceiro núcleo, também parcialmente escavado, pertenciam três estruturas de planta circular (**XI**, **XII**, **XVI**), uma delas igualmente com átrio (**XIA**), e dois pequenos recintos (**XIII**, **XV**) em torno de um pátio comum (**XIV**) que dava para a entrada pelo arruamento N, subindo por uns rochedos em escadaria e passando pelo recinto (**XV**), onde foram abertas duas pias.

Totalmente isolada deste conjunto, uma grande construção de planta alongada (**XVII**), com entrada também para o lado N, merecerá uma interpretação específica por ser com certeza de âmbito suprafamiliar.

Ocupava, com efeito, um agrupamento familiar castrejo um núcleo constituído por um conjunto de unidades individuais, cujas particularidades arquitectónicas e a diversificação dos respectivos espólios nos são, neste caso, sobremaneira úteis para uma leitura, ainda que em certos aspectos hipotética, de natureza funcional.

As principais actividades domésticas, designadamente as relacionadas com a comida e a dormida, eram exercidas habitualmente numa das unidades circulares, manifestando a do núcleo central (**IV**) especiais cuidados de construção dos muros e do piso e da sua ornamentação, com reboco interno e uma graciosa orla decorativa de pequenos seixos rolados contígua aos muros, e uma distribuição lateral das lareiras (**IV**, 7, 8) e bancos individuais (**IV**, 5, 6), denotando uma arrumação das estruturas que possibilitava uma grande disponibilidade do espaço restante para estar e dormir, que nem sequer era, nesta estrutura, estorvado por qualquer poste central de sustentação do tecto, como acontece nas unidades **XII** (26) e **XVI** (33) do núcleo contíguo a E.

As mesmas funções primárias poderão ter tido também lugar na outra estrutura circular sem átrio (**X**) e na estrutura rectangular (**VIII**), sugerindo ver o agregado familiar de tipo extenso, que ocupava este conjunto, formado por três famílias nucleares.

Entendemos, todavia, que a estrutura circular, além de manifestar vestígios de actividade culinária, por ter um piso fino de saibro assente sobre uma pequena camada de nivelamento que não abrangia toda a sua área, estendendo-se apenas até um desnível da parte S, onde um alinhamento de pedras nos revelou uma divisão do espaço interno (**X**, 24) repleta de espólio cerâmico e restos de cozinha, poderia cumprir também funções de armazenamento.

O mesmo se poderá dizer da estrutura rectangular, também com uma lareira (**VIII**, 18) e dois pequenos bancos individuais (**VIII**, 16, 17), mas onde a existência de um forno (Est. XXVI, **VIII**, 15; XXVII, 2) de cozer pão, situado num soco no ângulo NW da casa e com estruturas calcinadas da utilização, aparece como mais um testemunho específico de uma actividade doméstica essencial, que conta com paralelos em várias estações

castrejas, de que citamos, sobretudo pela proximidade, Santa Tecla (La Guardia) e Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo) [346].

Também com alguns paralelos castrejos [347], se verifica neste núcleo a existência de uma fonte de mergulho (Est. XXVI, **IX**, 20; XXVII, 1) parcialmente protegida por cobertura e com sistema de captação (**IX**, 19), drenagem (**IX**, 21) e aproveitamento de água (Est. XXVI, 22, pia deslocada), que terá resultado de circunstâncias favoráveis ao seu armazenamento, para serviço do agregado familiar.

A escassez de cerâmica doliar observada neste núcleo encontrará na facilidade deste aprovisionamento natural plausível explicação.

A estrutura com átrio e bancos de pedra em redor dos muros (**VI**, **VIA**) seria o lugar das reuniões e festas familiares, em rigorosa confirmação arqueológica do conhecido texto de Estrabão [348] sobre a sociedade castreja[349].

Curioso será verificar a existência de uma unidade deste género por cada um dos núcleos escavados (**I**, **IA**; **VI**, **VIA**; **XI**, **XIA**), onde não só é constante a presença dos bancos encostados à parede como também se repete a posição central da lareira e a sua própria estrutura, em geral, composta por uma pedra rectangular ou prismática à cabeceira com ou sem resguardos laterais (**I**, 1; **VI**, 14; **XI**, 25) e onde recolhemos numa área de cerca de 1 m2, nas estruturas **I** e **VI** cinzas e ossos, de restos de cozinha.

O aparecimento *in situ* de um tríscelo geometricamente bem traçado (Est. CXXVIII, 25) numa pedra aparelhada adaptada ao perfil circular da estrutura **I** que foi parcialmente encoberto pela parede do átrio (**I**, 2) de construção posterior, poderá eventualmente evocar o carácter especial da função originária desta estrutura, cujo significado seria posteriormente exercido ou realçado pelo próprio átrio, que simbolizaria, deste modo, mais o prestígio desta unidade relativamente às outras construções do mesmo núcleo do que a concretização de uma mera solução arquitectónica, visando o alargamento do espaço doméstico.

Não deixará de representar mais uma singularidade em apoio da interpretação funcional deste tipo de construções o aparecimento de um único vaso de cerâmica na estrutura **VI** (13), precisamente um púcaro (Est. XLVI, 1), que os convivas passariam de mão em mão para beber o vinho, que importavam, segundo o texto estraboniano.

A ausência de qualquer espólio nas outras duas unidades paralelas, contrastando com uma abundância generalizada nas restantes zonas da área escavada, de certo modo também abona o teor desta interpretação.

Integrava ainda este núcleo um pequeno espaço (Est. XXVI, **VII**) situado a N, junto à entrada, que seria eventualmente de carácter funerário, a crer na analogia com outras situações, em especial a claramente verificada no núcleo contíguo, a S do átrio, onde apareceu entre as estruturas **III** e **IV**, limitado por um muro paralelo à via e com idêntico aparelho de construção, um recinto funerário (Est. XXVI,**V**; XXVII, 3) com várias cistas sepulcrais de incineração.

O revolvimento da zona impediu, todavia, qualquer observação mais elucidativa. Não se trataria, porém, de qualquer recinto destinado a guarda de animais, cuja presença no interior dos núcleos aparece comprovada pela presença de diversas prisões de gado e, naturalmente, também pela existência de alguns espaços que poderão ter servido para essa função, designadamente os recintos **XIII** e **XV**, ambos fechados, aquele, com porta de duas folhas dando para o pátio e este, com duas portas, uma de acesso para a rua e outra para o pátio, onde se vêem ainda no seu interior duas pias cavadas na rocha com certeza para bebedouros.

Todas estas unidades, onde se desenvolvia, com maior ou menor especialização, o complexo das actividades do agregado familiar, estavam, em regra, organizadas em torno de um pátio, normalmente lajeado,

---

346 Romero Masiá 1976, p. 93-94.

347 Idem, p. 114-118.

348 Estrabão, III, 3, 7.

349 Silva A.C.F. 1981-82, p. 85 e 1986b.

que se afigura como espaço de trabalho e convívio a que não terá faltado também a participação do sentido de sacralização do espaço doméstico.

Não se encontrando, efectivamente, neste núcleo outros vestígios de actividades domésticas e artesanais que não sejam relacionados com moagem [350], fiação e tecelagem [351], já a estrutura circular do núcleo contíguo (**III**), onde se recolheu abundante escória de ferro, o fragmento de um cadinho com restos de fundição de bronze [352] e uma agulha deste metal [353], documentará uma oficina metalúrgica, devendo interpretar-se a estrutura subcircular de barro claro de tons amarelados e enrubescida pelo fogo, em localização excêntrica, para W, como local apropriado da fundição, que poderá servir de amostra da diferenciação e complementaridade das actividades da comunidade castreja.

A estratigrafia da área escavada, que ilustramos em dois cortes (Est. XXVI, A-B, C-D) que percorrem em conjunto a zona intervencionada, remete substancialmente este conjunto para uma fase de ocupação de século e meio com *termini post quem* cerca de 100 a.C. e *ante quem* por meados do século I d.C., em tempos pré-flavianos, correspondente ao estrato 02, de ocupação, e 01, de abandono e/ou destruição, do corte estratigráfico C-D e ao estrato 03 e 02, respectivamente de ocupação (03) e destruição e posterior regularização do piso superior (02), do corte A-B, em cuja área, situada em cotas inferiores, se documentam vestígios de uma ligeira reocupação localizada no estrato 01 datável da 1.ª metade do século II d.C. [354].

Para o estabelecimento deste quadro, que em parte coincide com as observações de Ch. Hawkes [355], contamos como pontos de referência principais a natureza do espólio de cerâmica indígena, com formas diversas e grande homogeneidade tecnológica, em que se salienta a utilização sistemática da roda e qualidade de acabamentos, assim como a presença significativa de produtos importados, designadamente, duas moedas, uma fíbula, sigillata, ânfora e vidro, e ainda algumas formas de cerâmica comum da romanização, de produção local e regional.

A generalidade da cerâmica indígena é característica desde a fase IIIA e aparece documentada em formas completas ou significativas [356], assinalando um denário forrado de *Caesar* (**IV**, 10), de atelier itinerante datável de 49-48 a.C. [357], aparecido no piso da estrutura **IV** sob um banco (**IV**, 5), um momento desta fase de ocupação [358].

A fase IIIB, a que parece corresponder uma reformulação das estruturas por influência da romanização, alterando e substituindo formas tradicionais do núcleo central, que poderá ter ocorrido na época de Augusto, eventualmente nos princípios da era cristã, é expressivamente coberta por numerosos materiais importados, de que sobressai um contingente apreciável de ânforas Haltern 70 [359], *sigillata* itálica [360] e sudgálica [361], uma

---

[350] Diversas mós manuais exclusivamente giratórias.

[351] Cossoiros diversos, tipo A1 (cfr. Est. LXXVII) e alguns *pondera* cerâmicos, da romanização.

[352] Similar aos representados na Est. LXXIX, 7-8, do Coto da Pena.

[353] Agulha de secção circular adelgaçada para a ponta e enrolada em argola no outro extremo.

[354] Poderá sugerir esta datação um frag. de pança de ânfora Dressel 28.

[355] Hawkes 1971a e 1984, p. 194, Fig. 6, 10.

[356] Formas cerâmicas de tipo A1i (Est. XLVI, 4. ANC 78 X (02)), B2 (?) (Est. XLI, 5. ANC 81 V SEP 11; 7. ANC 79 XIII (02)), C1e (Est. XLII, 9. ANC 81 V SEP 7), C1g (Est. XLIII, 5. ANC 79 VIII (03)), C1h (Est. XLIII, 6. ANC 80 VIII (02)), C1e (Est. XLII, 9. ANC 81 V SEP 7), C1g (Est. XLIII, 5. ANC 79 VIII (03)), C1h (Est. XLIII, 6. ANC 80 VIII (03)), C1i (Est. XLIII, 12. ANC 79 VIII (03)); XLIV, 5. ANC 78 IV (03)), C3b (Est. XLVI, 1. ANC 82 VI (02); 2. ANC 78 IV (02); 3. ANC 81 XIX (02)), D2c (Est. LI- 5 5A e 6-6A ANC 78 X (02)), E2a2 (Est. XLVIII, 1. ANC 78 X (02)), E3a (Est. XLVII, 3. ANC 79 E 11 (02)), E4b (Est. XLVIII, 3. ANC 78 X (02)), G3 (Est. LV, 6. ANC 78 IV (02)), G4 (Est. LV, 7. ANC 78 IV (02)), H (Est. LVI, 2. ANC 80 IV (03)), I (Est. LVI, 3 ANC 80 XIX (03)), N (Est. LVII, 6. ANC 79 XII (03)), 02b2 (Est. LVIII, 12. ANC 81 II (02)).

[357] Crawford, M.H., *Roman Republican Coinage*. Cambridge, 1974, 443/1. Classificação de Rui Centeno.

[358] Centeno 1987.

[359] Abundantemente representadas. De 223 fragmentos estudados, das escavações de 1978-80, incluindo 86 bordos, 80 asas e 23 fundos e os outros de pança, apenas quatro exemplares são de pasta esbranquiçada e dois acizentados, sendo os restantes de diversas tonalidades de laranja com predominância para o laranja pálido Methuen 5A3 e 6A3 (*Methuen handbook of colour*. London, 1967 (2.ª ed.)) presente em 141 peças (63%).

[360] Frag. bordos Goudineau 27 e Drag. 24/25 (Goudineau 38) de ANC 78X (02).

[361] Frag. fundo Drag. 15/17 de ANC 78 IV (02).

taça gomada de vidro [362], uma fíbula tipo Aucissa (Est. CII, 19) e um denário, também forrado, comemorativo de Nero Claudius Drusus, cunhado em Roma entre 41-45 d.C. [363], que poderá apontar para a cronologia referida como *terminus ante quem*, com o que também concordam as formas de cerâmica comum da romanização [364].

Da reforma de estruturas verificada, cumprirá sobretudo observar a introdução de novos padrões arquitectónicos, patentes na alteração da planta circular com átrio para outra de tipo basilical (**VI**), continuando com a mesma função, identificável pelos bancos, e na construção da estrutura **VIII**, de planta rectangular com cantos angulosos, afastando-se da tradição indígena, acomodando-se todavia às construções anteriores.

Estas inovações são também visíveis na técnica de construção dos muros, sendo bem clara a dualidade do tipo de aparelho da estrutura **VI**, irregular na parte antiga, à maneira castreja, e em fiadas horizontais na zona nova, à maneira romana, e na cobertura destes dois edifícios, onde a *tegula* e o *imbrex* substituíram outros materiais perecíveis, o que se não verificou nas restantes construções, todas de planta circular, tendo também o pátio sido beneficiado com um pavimento lajeado, onde foram aplicadas diversas pedras reutilizadas.

Em termos de análise espacial, esta reestruturação manifesta fundamentalmente a preocupação do alargamento possível do interior dos edifícios, conferindo-lhes funcionalidade e eventualmente relacionável com um novo tipo de cobertura ou até com aumento demográfico, que o maior número de bancos da estrutura **VI** poderá denunciar, sem que todavia seja notória qualquer ruptura da unidade do núcleo.

3. Castro de Romariz (Est. XXI - XXIII)

As estruturas postas a descoberto nas escavações do Castro de Romariz, ROM 80-82 e ROM 90 (Est. XXI-XXII), em utilização na fase III, constituem também, essencialmente, um núcleo de âmbito familiar com limites bem definidos pela muralha (Est. XXI, **IX**) e por um muro contíguo a um arruamento (**VI**) que o separa de outras unidades pertencentes a outro sector, com uma entrada principal e outra secundária. Este conjunto estava organizado em torno de um pátio lajeado e era composto por diversos compartimentos, de planta circular e rectangular, que cumpriam a diversidade das funções domésticas, designadamente, áreas de cozinha, de dormir, de estar e de receber e recintos para animais e alfaias, representando uma evolução original do habitat castrejo face às novidades propostas pela arquitectura romana.

No espaço desta *domus*, que ocupa uma superfície de cerca de 400 m2, foram implantadas em distribuição periférica convergentes para um pátio interior lajeado as estruturas dos edifícios, dois de planta circular, um deles com vestígios de bancos ao redor dos muros (**III**), do início da fase III, e um conjunto formado por diversas construções celulares de planta rectangular com paredes comuns (**I-IA, II, VII, VIII** e **IX**), que se foram associando ao longo da fase, em manifesta complementaridade funcional.

O complexo de edificações rectangulares, com pormenores que reflectem sucessivos reajustamentos estruturais, acabando por formar um bloco original no conjunto dos núcleos castrejos analisados, merece-nos as seguintes observações:

Do ponto de vista funcional, e em consideração ao teor do espólio encontrado, constando de cerâmica castreja feita à roda da fase III, mas com frequência de formas mais numerosas do período IIIB, indiciadoras de influência romana, associadas a uma especial abundância de cerâmica cinzenta fina polida característica da

---

362 Paralelos numerosos. Cfr., vg., Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 6, 1976, Pl. XXIV).

363 ANC 79 XIV, 29. Mattingly, H- Sydenham, E.A., *The Roman Imperial Coinage, 1: Augustus to Vitelius*. London, 1923 (reimp. 1972), I, 75. Classificação de Rui Centeno.

364 Cfr. Alarcão 1974, Est. XXII-XXIV, com paralelos para os nossos exemplares da Est. XLVI, 1-3; idem, Est. XXV, 572, para os testos da Est. XLVIII, 15-16, similares aos de Âncora.

região desde a 1.ª metade do séc. I d.C. e a produtos romanos de importação do mesmo período [365], as unidades **I** e **II**, com lareiras demarcadas (**I**, 5; **II**, 6) foram utilizadas para cozinha e, atendendo ao espaço disponível, é natural que tivessem servido também para alojamento.

As unidades **VII**, **VIII** e **IX**, pela sua tipologia, dimensões e qualidade de construção e pela ausência de espólio, são de manifesta influência romana sugerindo-nos que se deverá considerar, no âmbito do funcionamento do núcleo, a unidade VII como reservada preferentemente a local de dormida, podendo manifestar a posição central das duas lareiras, uma rectangular (**VII**, 1) e outra arredondada (**VII**, 2), a preocupação do seu aquecimento, sem que este argumento exclua necessariamente outras hipóteses.

Do ponto de vista arquitectónico, torna-se notória a singularidade do aproveitamento da área compreendida entre **I** e **VII** para formar um compartimento (**IA**) da unidade **I**, com acesso pelo seu interior, evidenciando uma progressiva diferenciação da utilização do espaço doméstico.

O agrupamento das diversas unidades deste conjunto, em bloco, com recintos de paredes comuns e posicionamento mais ou menos ortogonal, facilitaria a cobertura de *tegula* e *imbrex*, cuja utilização se documenta na unidade **I-IA** e parte E da unidade **VII**, onde coexistia com cobertura de materiais perecíveis na parte restante, que seria porventura suportada por um conjunto de postes de madeira instalados em cinco covas abertas no piso, duas na zona central e três junto à parede W (**VII**, 3).

Numa leitura diacrónica, este complexo denuncia a adopção gradual de novas técnicas e materiais de construção visíveis sobretudo nas unidades **VII**, **VIII** e **IX** de aparelhos mais sólidos e perfeitos nos muros, com ângulos externos vincados, o interior com reboco pintado de branco e a cobertura, conquanto parcialmente, de *tegula* e *imbrex*. Estas construções contam, em geral, com paralelos próximos na casa de *Decimus Iulius Cilo* situada no Monte Murado (V. N. Gaia) (Est. XXIX), que terá sido edificada na 1ª década do século I d.C., sendo também provável que a mesma influência se tenha exercido no tipo de planta celular, que aqui se concluiu com a edificação do compartimento **IA**, solidarizando todo o conjunto arquitectónico, que terá evoluído a partir das unidades **I** e **II**, com ângulos internamente rectos e externamente arredondados, certamente construídos ainda durante a fase IIIA, após a necessária reforma do povoado por ocasião das campanhas sertorianas, a deduzir de data presumível do ocultamento do tesouro monetário descoberto neste castro em 1843 [366].

Em posição destacada, com abertura para o pátio, para onde também convergem as entradas das restantes unidades do núcleo, conservou-se desde o início da fase a construção circular (**III**), com vestígios de bancos ao redor da parede interna, documentando igualmente neste núcleo a existência de um local próprio de reuniões familiares, a manifestar, também aqui, uma identificação essencial com comportamentos da sociabilidade castreja.

O pátio lajeado (**V**), compreendido entre as unidades **I-IA**, **II** e **VII** e rodeando este edifício de planta circular, onde apareceram alguns elementos indicativos de convivência e actividades normais num espaço aberto [367], revelou no angulo SW como elemento de excepcional importância uma mesa rectangular de granito, moldurada e com pé em colunelo (**V**, 7), localizada em frente à entrada principal da casa, à semelhança do *cartibulum* das *domus* romanas. Dela se poderá apontar como paralelo mais aproximado em termos de analogia e função, como eventual mesa de sacrifícios, uma estrutura do mesmo teor de Munigua (Sevilha) [368], de onde será lícito supor se tenham recebido mesmo estas influências, que poderão ser sugeridas pelo estreito relacionamento entre a *tessera hospitalis* dessa cidade romana e as do Monte Murado [369], cuja casa mostra, conforme atrás referimos, notórios pontos de contacto com as construções deste núcleo de Romariz, tudo, aparentemente, muito plausível num quadro de relações entre núcleos de *Turduli Veteres*, incluindo os da área da sua procedência originária.

---

[365] Designadamente, ânfora, em geral, Haltern 70 e *sigillata* sudgálica.

[366] Centeno 1976-77.

[367] Um banco de pedra (Est. XXII, **V**, 8) e elementos de suporte giratório de possível "pio de piar milho" em Est. XXII, zona A4 entre a construção circular e o muro da rua.

[368] Hauschild 1968, Abb. 8-10.

[369] Silva A.C.F. 1983c.

De qualquer modo, o que de mais claramente significativo se poderá sugerir a partir deste dado é a noção da sacralização do espaço doméstico, que aqui se manifesta como lugar onde se ofereciam sacrifícios com certeza a divindades tutelares do agregado familiar e que noutras situações já revelou espaços reservados aos antepassados, que, globalmente, se transforma nos indicadores mais originais de uma dimensão religiosa actuante no interior destes núcleos que sinalizam a unidade básica da sociedade castreja estruturada a partir dos laços de sangue organicamente presentes na solidariedade de todos os seus membros, vivos ou mortos.

Um afloramento granítico a E deste núcleo (**X**), com características impróprias para uma ocupação regular, separaria uma casa castreja da outra que terá sido sobreposta pelas construções romanas e de que restou uma estrutura circular mantida nesta *domus*, que ocuparia assim o espaço de duas unidades familiares castrejas.

Esta *domus* estaria integrada num possível conjunto de núcleos agrupados numa unidade de âmbito suprafamiliar, segundo o esquema de ordenamento comum à sociedade castreja da Fase III, onde uma série de núcleos familiares parece constituir uma unidade limitada por arruamentos, funcionando simultaneamente como elementos do sistema de circulação e de estruturação da ocupação com função delimitadora.

Com efeito, o arruamento, por onde se fazem as entradas desta unidade e que a envolve a NE (**VI**), marca notoriamente uma separação de outro sector, outrora escavado, formando eventualmente no seu conjunto outra(s) unidade(s) suprafamiliar(es), que na área da nossa intervenção atingiu mais uma unidade constituída por uma casa rectangular com cantos arredondados no exterior e angulosos no interior (**IV**), cuja escavação se tornou de utilidade para observar formas de ocupação e estabelecer relações e cronologias de maior amplitude, podendo situar-se a construção das suas estruturas de pedra, por analogia com as unidades **I** e **II** do núcleo anterior, em momento pós-sertoriano da fase III. A esta referência cronológica poder-se-ão hipoteticamente remeter as construções de planta e estrutura congéneres que se repartem neste povoado segundo percentagens similares com as construções de planta circular, presumivelmente mais antigas, e que aparecem associadas a pátios lajeados formando núcleos cuja identificação, composição e cronologia se espera recuperar com escavações especificamente programadas para o efeito, sendo certa, porém, a sua coexistência e funcionamento durante a 1.ª metade do século I d.C..

Para a definição destes limites, considerámos os dados das leituras estratigráficas (Est. XXIII), em que o último nível de ocupação correspondente aos estratos 02 dos diversos cortes forneceu sobre os pisos de barro, no interior das construções, e os lajeados do pátio e arruamento muita cerâmica micácea feita à roda e com decoração simplificada ou inexistente, especial abundância de cerâmica cinzenta fina polida, *sigillata* sudgálica, ânfora Haltern 70 e três moedas datáveis da 2ª metade do séc. I a.C. e 1ª metade do séc. I d.C. [370], apontando as últimas referências cronológicas do espólio, que não é contraditada por qualquer elemento das camadas de destruição e abandono (01), com *tegula*, *imbrex* e cerâmica diversa, comum, da romanização, para um *terminus ante quem* situado por meados do século, com anterioridade presumível aos tempos flavianos.

O espólio que nos ficou das antigas escavações, que não atingiram, a não ser casualmente, níveis mais profundos que os dos pisos da última ocupação, de que observámos diversa cerâmica indígena, sobretudo *dolia* tipo G1b (Est. LIII), cerâmica cinzenta fina polida, um bom conjunto de *sigillata* sudgálica, um fragmento de bordo decorado à roleta de cerâmica «bracarense», vários exemplares de *pondera*, uma fíbula tipo Aucissa [371], uma campânula de bronze, um pico de ferro (Est. LXXXV 6), um molde de fundição de granito (Est. LXXIX, 1) e o fundo de um *dolium* com metal de ferro fundido no interior (Est. LXXIX, 4) e uma taça gomada de vidro [372], é indicador das cronologias gerais da fase castreja III A e B para a generalidade da ocupação mais recente do povoado, segundo as particularidades delineadas.

---

370 Est. XXI , 13-15, sendo um denário de *Brutus* (54 a.C.), outro de *Tiberius* e outro de *Nero Drusus* (41-45 d.C.). Classificação de Rui Centeno.

371 MASASMP.

372 Idem.

Edifícios comunitários

Destacando-se destas unidades de arquitectura doméstica, atendendo sobretudo ao seu dimensionamento e implantação no povoado, alguns edifícios sugerem uma função pública eventualmente de carácter religioso, político ou simplesmente utilitário.

À primeira dessas funções poderá ter estado associado o complexo de grandes construções rectangulares, em localização central na Citânia de Sanfins (Est. XXIV, G2) com espólio de natureza sagrada, designadamente duas aras anepígrafes e os fragmentos da estátua de guerreiro (Est. CXXIV, 3) [373], tendo sido interpretado com idêntica função um conjunto do Monte Mozinho [374], podendo também documentar-se diversos santuários «tipo Panóias» [375] geograficamente dispersos pelo Noroeste peninsular, em manifesta generalização de determinadas estruturas e tipos de culto que serão reconsiderados a propósito da religião indígena.

Já um grande edifício de planta circular, com 11m de diâmetro e bancos de pedra à volta dos muros, da Citânia de Briteiros, em posição excêntrica relativamente às unidades familiares, assim se diferenciando das construções similares mais reduzidas atrás mencionadas no estudo da arquitectura doméstica, poderia muito bem ser o local de reuniões de um conselho de anciãos que quadraria com justeza com o funcionamento de um órgão com funções políticas [376].

Apenas os edifícios destinados a banhos públicos sobressaem pelo seu aparato e técnica construtiva como monumentos especiais do conjunto arquitectónico castrejo, de que se conhecem diversos exemplares por todo o Noroeste [377], desde o Norte da Galiza e Astúrias à margem esquerda do rio Douro: Coaña, Pendia (2), Chao Sanmartín [378] e Castiellu de Llagú, nas Astúrias [379]; no castro de Borneiro e no castro dos Prados, Ortigueira, na Coruña [380], Galiza Setentrional, e Augas Santas, na Galiza meridional; Galegos e Monte da Saia, em Barcelos; Sabroso e Briteiros (2) em Guimarães [381]; Alto da Eiras, em Famalicão [382]; Sanfins, em Paços de Ferreira [383]; Freixo, Marco de Canaveses [384]; Sardoura, em Castelo de Paiva, a Sul do Douro [385]; e estruturas recentemente identificadas no Alto das Quintãs, Castro de Calvos, Póvoa de Lanhoso [386], no sopé de Maximinos, em Braga [387] e no Castro de Roques [388], além de vestígios identificáveis noutras estações, v. g., no castro de Ribalonga, Alijó [389], no castro do Muro, Baltar, Paredes e no Monte Murado, Vila Nova de Gaia [390].

Tomando a forma particular de construções hipogeias com câmaras de grandes monólitos aparelhados e com ornamentação do tipo «pedra formosa» de Briteiros (que era, aliás, elemento de um deles) normalmente situadas junto a fontes ou linhas de água nas partes baixas dos povoados, e cuja função continua a ser objecto de controvérsia, mesmo depois de ter sido afastada a sua interpretação, mais vulgarizada, como «fornos crematórios» postos em relação com o rito funerário dos povos castrejos [391].

---

373 Paço 1968b.
374 Almeida 1980c; Soeiro 1984, p. 227-232, Fig. CVII.
375 Caracterização geral in Tranoy 1981, p. 336-340.
376 Silva A.C.F. 1981-82, p. 85.
377 Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 53; Almagro Gorbea-Álvarez Sanchís 1993.
378 Villa 1999.
379 Villa 2000 e 2001; Berrocal *et alii* 2002, p. 115.
380 Ramil 1995-96.
381 Ribeiro 1930-34; Cardoso 1932 e 1946c.
382 Queiroga-Dinis 1997.
383 Almeida 1974c.
384 Dias L.A.T. 1997.
385 Pinho 1947; Cardozo 1949c.
386 Dinis A.P. 2002.
387 *Jornal de Notícias*, 19.02.2003, p. 34; Bettencourt 2003, p. 140-141, 148, Fig. 5; Lemos *et alii* 2003.
388 Silva A.C.F.-Maciel 2004.
389 *Boletim Municipal da Câmara Municipal de Vila Real*, Maio-Julho 2002, p. 9; Parente 2003, p. 115, Fig. 81.
390 Araújo 1920; Silva A.M.P. 1999, p. 410.
391 Resumo in Romero Masiá 1976, p. 136-157.

Esta[392] e outras hipóteses, como a de santuários[393], fornos de cozer pão[394] ou cerâmica[395], fornos de fundição[396] ou ainda matadouros de animais[397], que lhes foram atribuídas sem o devido fundamento, podem considerar-se abandonadas perante a consolidação da sua interpretação como balneários[398], que consideramos convenientemente comprovada pela nossa escavação do monumento de Santa Maria de Galegos (Barcelos) (Est. XXXI-XXXII), que nos apareceu em apreciável estado de conservação[399], fornecendo-nos a planta mais acabada deste género de construções bem como outros valiosos dados de espólio para análise, ultrapassando os dos paralelos referenciados na área castreja[400], de que são mais conhecidos os da Citânia de Briteiros[401] e da Citânia de Sanfins (Est. XXXIII)[402].

Por este motivo e considerando o avanço dos dados obtidos em relação aos que constam da numerosa bibliografia que pormenorizadamente descreve e discute estes monumentos, remetemo-nos aos aspectos essenciais dos resultados desta intervenção do monumento de Galegos, que entendemos suficientes para o confronto mútuo (Gráfico 1) e esclarecimento da posição que vimos assumindo face às diversas teses explicativas.

Para completar este quadro, acresce um melhor conhecimento conseguido a respeito do monumento do Monte da Saia[403], do monumento escavado na rocha do Freixo (Marco de Canaveses) (Est. XXXIV)[404] e do monumento do Alto das Eiras (Vila Nova de Famalicão)[405], entre outros dados recentes.

Do estudo efectuado no balneário do Monte da Saia, no sentido de superar a exiguidade das informações a ele referentes, resultou a possibilidade de se elaborar uma planta e alçado das estruturas ainda existentes e determinar aspectos fundamentais da sua construção, clarificando os apontamentos que, confessadamente de memória, nos foram transmitidos por F. Martins Sarmento[406].

Situado na freguesia de Chorente, quase na linha divisória desta com Chavão e Carvalhas (Barcelos), na base do castro, para W, em associação com nascentes de água, onde é conhecido por «Forno dos Mouros», este monumento mostrou a composição típica deste género de edifícios com quatro divisórias complementares, que são um átrio, uma ante-câmara, uma câmara e uma fornalha.

O átrio, parcialmente soterrado, era de planta rectangular, com 5.25m no eixo transversal e 2.55m no eixo longitudinal, mostrando ainda vestígios de lajeado irregular, deduzindo-se, do alargamento do espaço para o lado esquerdo do eixo central, que aí estaria situado o tanque onde caía a água por uma caleira bífida no

---

392 Cfr. particularmente: Ribeiro 1930-34;Cardozo 1932 (sep.), 1969; Uría Ríu 1941 a e 1941b; García y Bellido 1966b e 1968a; Lorenzo Fernández 1948; Tranoy 1981, p. 336-340.

393 Sarmento 1883, p. 14, nota 1; Jordá Cerdá 1969, p. 8-12; Azevedo 1946.

394 Gómez Tabanera 1980 (p. 98, *in specie*, a partir de confrontos etnográficos).

395 Fernández Fuster 1953, 1954 e 1955.

396 Monteagudo 1952a.

397 Azevedo 1946.

398 Conde Valvís 1955; Chamoso Lamas 1955 (p. 68-69, in specie); Almeida 1974c; Silva A.C.F. 1983b, p. 101, 135 e 1983-84, p. 125.

399 Agradecemos ao Dr. Tarcísio Daniel Pinheiro Maciel, nosso antigo aluno e actual colaborador dos nossos trabalhos arqueológicos no Alto Minho, a informação oportuna do achado deste monumento, que proporcionou a sua escavação e salvaguarda.

400 Para além dos elementos principais constantes do Gráfico 1, cfr., outras informações parcelares in Almeida 1974c, p. 162-163.

401 Cfr. Ribeiro 1930-34; Cardozo 1932 e 1946c.

402 Almeida 1974c.

403 Operação de limpeza e levantamento arqueológico realizada em 1979 no âmbito da disciplina de Arqueologia Pré-Clássica pelos então nossos alunos Drs. Abel Gomes da Costa, Abílio Mariz de Faria, José da Silva Carvalho e Manuel do Vale Meira, a quem agradecemos a dedicada colaboração que nos prestaram nos trabalhos arqueológicos que realizámos no concelho de Barcelos, particularmente na escavação do monumento de Santa Maria de Galegos; Silva A.C.F. 1986b, Est. XXXVII.

404 Notícia do achado in Descoberta arqueológica importante no Freixo (Marco de Canaveses), *Jornal de Notícias*, 30-09-1984, p. 8. Agradecemos ao Dr. Lino Tavares Dias os elementos fornecidos sobre este monumento, nomeadamente a sua planta e cortes (Est. XXXIV); Dias L.A.T. 1997, Est. I.

405 Sarmento 1970, p. 58-62; Queiroga-Dinis 1997; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

406 Sarmento 1970, p. 58-62; Silva A.C.F. 1986b, Est. XXXVII.

terminal, como a de Briteiros[407], e de que fariam eventualmente parte as duas conhecidas pedras esculturadas que foram recolhidas por F. Martins Sarmento[408].

A ante-câmara, muito destruída, era também rectangular (2.20 x 2.10m) assim como a câmara (2.55 x 2.10m), cujas paredes laterais não são de grandes monólitos mas construídas em alvenaria por pequenas pedras bem aparelhadas com troços em fiadas horizontais, denunciando reconstrução.

A fornalha era de planta subcircular, com diâmetro médio da base de 2.00m, crescendo, em falsa cúpula, até uma altura superior a 2.00m, segundo as dimensões existentes, e dava para a câmara por uma entrada com 1.15m de largura.

Deste modo, apesar de despojado de elementos significativos por sucessivas violações, verificou-se que restava deste monumento do Monte da Saia o suficiente para a sua caracterização e estabelecimento de analogias com os seus paralelos, de que o mais imediato é o de Santa Maria de Galegos, da mesma região, do outro lado do Cávado.

O monumento de Galegos (Est. XXXI) encontra-se implantado no interior da muralha externa de um pequeno castro existente no lugar de Pena Grande no sopé do Monte do Facho ou Citânia de Roriz (Barcelos) e com certeza dele derivado como consequência de uma expansão demográfica, associado a uma nascente localizada nas imediações, uns 50m para E.

Repetindo genericamente o modelo tradicional, o primeiro compartimento deste edifício (**II**) constitui um recinto relativamente espaçoso de planta aproximadamente quadrangular com um tanque, rectangular, situado no ângulo anterior esquerdo, onde caía água corrente, que era trazida da nascente por uma conduta e que escoava para o exterior por um esgoto situado no lado direito do átrio junto à entrada.

Os muros laterais são construídos em mamposteria com duas fiadas de pedras de aparelho irregular e o sector do tanque e paredes conexas em grandes monólitos aparelhados, que possuiria, segundo a altura dos muros perviventes, uma cobertura de materiais perecíveis, como também parece ter existido em Sanfins[409] e certamente nos restantes, devendo tratar-se igualmente do único corpo do monumento que não estaria soterrado.

Mais uma vez ressaltam adequadas medidas de higiene havidas na condução, depósito e escoamento da água, que têm de ser interpretadas de acordo com a sua utilização. Torna-se sobretudo clara uma intenção de limpeza no encanamento da conduta formada por *imbrices*, quase todos com marcas de fabrico, algumas repetidas, feitas com os dedos, sucessivamente contrapostos formando tubo e protegidos por alinhamentos pétreos lateral e superiormente, assim como na pavimentação do tanque com *tegulae* bem ajustadas entre si, elementos que se mantiveram praticamente intactos graças aos cuidados postos na sua construção, que entendemos ser resultado de um arranjo na fase final do seu funcionamento. Neste aspecto, mostra-se diferente dos outros monumentos, que têm caleira de pedra, mas já o escoamento das águas excedentes se fazia como em Sanfins[410] por um esgoto (**IA**) formado por guias laterais e cobertura de pedras.

Este espaço, com cerca de 14m2 de área (4.00 x 3.5m), segundo as dimensões médias dos eixos longitudinal e transversal) é menor que o de Sanfins (18.48m2) e que o do Alto das Eiras, este bem mais amplo, e maior que o de Briteiros (12.00m2)[411] e o do Monte da Saia (13.40m2), os únicos cujo estado de conservação permite estes confrontos.

O tanque, com 1.70 x 0.88 x 0.82m de comprimento, largura e altura internas, é também mais pequeno que o de Sanfins, que estava, de resto, associado a uma outra pia suplementar, quadrangular, de menores dimensões, formando assim um conjunto de planta mais complexa[412].

---

[407] Cardozo 1932, p. 22, Fig. 8 e 1985, Fig. entre p. 130-131 (verso, 3).

[408] Cardozo 1985, p. 159, n.º 98, com indicações bibliográficas.

[409] Com paredes que ainda atingiam cerca de 2m aquando da sua escavação e com um ressalto nas paredes frontal e lateral direita. Almeida 1974c.

[410] Idem, p. 160, Fig. 1 e 9, Est. 1, 2.

[411] Cardozo 1932.

[412] Almeida 1974c, p. 160, Fig. 1 e 9, Est. III, 5, 6, e V, 10.

O núcleo principal deste monumento é constituído por duas câmaras complementares (**III, IV**) de planta e construção análogas, reproduzindo singularmente o esquema destes edifícios. Mas, pela primeira vez, se documenta uma ante-câmara (**III**) com os seus elementos fundamentais, de que se destaca um pórtico monolítico (3) com entrada de arco redondo de 1.70 m de altura e 1.07m de largura amparado por dois esteios laterais (1,2), um deles com decoração simbólica (2), encaixados em rasgos no pavimento segundo processo já observado em Sanfins, e a presença de dois bancos corridos (4,5), um de cada lado do seu interior, formando um espaço de planta quase quadrangular (2.15m de eixo longitudinal x 2.20m de eixo transversal).

A existência de uma porta larga, servindo de entrada, conta com paralelos em Sanfins[413], Briteiros[414] e Quintãs[415] e permitirá eventualmente corrigir as leituras feitas do monumento de Augas Santas[416], em que se poderá considerar, pelas dimensões da abertura (1.60m de altura x 0.63m de largura), como entrada da ante-câmara o elemento desse balneário tido como estela de câmara, a menos que se trate, o que não nos parece verosímil, de uma nova tipologia de balneário com uma só câmara. Idêntica função terão desempenhado os dois monólitos ricamente decorados, formando arco como o de Galegos, recentemente aparecidos no sopé do castro de Ribalonga, junto ao do Pópulo (Alijó, Vila Real)[417].

A presença de bancos na ante-câmara é também documentada no balneário recentemente descoberto em Braga, no monumento cavado do Freixo[418], e uma análise mais atenta do monumento de Sanfins permitiu-nos observar também vestígios da sua existência no muro lateral N, indicando tratar-se de um elemento constitutivo deste espaço que obviamente beneficia a interpretação que vimos seguindo[419].

No fundo deste pequeno compartimento com 4.70m2 de área, ergue-se a estela, com 2.70m de largura e 2.45m de altura máx., que a separa da câmara com que comunica através de uma pequena abertura, típica destes monumentos, com 0.51m de largura x 0.43m de altura, que tem a singularidade de apresentar um bloco transversal de reforço profusamente decorado nas faces visíveis e com rasgos na zona central para apoio das mãos, a facilitar a entrada, repetindo as situações, os processos e os pormenores de construção e utilização dos monumentos congéneres. Mesmo a decoração, apesar de não gravada na própria estela, não deixa de a distinguir como a sua peça mais nobre prototipizada na «pedra formosa» de Briteiros.

A câmara (**IV**), integralmente construída, como a ante-câmara, por grandes monólitos aparelhados e cuidadosamente ajustados, formava uma verdadeira estufa de planta rectangular (2.45m long. x 2.08m transv.) com cobertura em duas águas, com altura interna média de 1.50m junto aos muros laterais e 2.20m na zona central, de que ainda encontrámos uma capa *in situ*, outra caída mas ainda encaixada no entalhe da parede lateral e as restantes derrubadas.

É também, neste aspecto, idêntica à construção de outros balneários congéneres com excepção para o do Monte da Saia, com paredes laterais de alvenaria de aparelho horizontalizado, porventura de reconstrução[420].

---

[413] Idem, Fig. 9, Est. III, 5 e V, 10.

[414] Cardozo 1932.

[415] Dinis A.P. 2002.

[416] Lorenzo Fernández 1948, Fig. 3. Cfr., bibliografia que se refere a este monumento, designadamente da autoria de Lorenzo Fernández, Conde Valvís e Chamoso Lamas; Romero Masiá 1976, Fig. 53 (com deficiente representação do arco) e Fig. 56.

[417] Esta estrutura formaria a metade esquerda da entrada da ante-câmara, com altura interna de 1.59m, e a ornamentação da parte superior era constituída por um desenho heliolátrico, com 21 raios dextróginos partindo de uma cavidade central concâva e enquadrada por um círculo externo de 0.50m de diâmetro, uma série de 3 círculos encadeados e um motivo em espiga na parte inferior. Vestígios desta decoração na parte superior fazem supor a simetria da sua reprodução na outra metade em falta. Parente 2003, p. 115, Fig. 81.

[418] Nota 404. Est. XXXIV, A-B.

[419] Evidência semelhante foi observada no balneário o Alto das Quintãs e no Alto das Eiras, apontando-se neste exemplar, pelas marcas fixadas no pavimento e na "pedra formosa", tratar-se de dois exemplares alinhados perpendicularmente à entrada, com cerca de 2.80m de comprimento por 0.40m de largura e 0.50m de altura.

[420] Silva A.C.F. 1986b, Est. XXXVII.

De salientar a presença no seu interior, sobre o pavimento lajeado, de alguns seixos rolados e numerosas pedras, pequenas e médias, calcinadas e polidas da mesma natureza de outras aparecidas no chão da fornalha.

Esta (**V**), comunicando com a câmara por uma entrada larga, flanqueada por dois esteios a servir de ombreiras, é de planta subcircular, com paralelos na generalidade dos monumentos, mas mais semelhante ao de Sanfins[421] e Augas Santas[422], com 2m de eixo longitudinal e 1.90m de eixo transversal, subindo em falsa cúpula até à altura de 2.70m, em que era coberta por uma laje de 0,20m de espessura colocada horizontalmente e que tinha um orifício central com 0.20m de diâmetro estimado que servia de chaminé[423], confirmando, desde modo, as sugestões fornecidas pelos vestígios de pedras perfuradas de Briteiros[424] e Augas Santas[425] e também de Sanfins e Freixo, a partir dos fechos reconhecidos que apontam para soluções aproximadas[426].

O pavimento, de empedrado irregular, diferia do lajeado de toda a construção mesmo da do átrio, apresentando-se todavia bastante danificado.

Nesta análise descritiva se foi manifestando com certa nitidez a adequação destes monumentos a uma função balnear, como vimos defendendo[427], considerando desnecessário invocar demasiadamente as outras teorias, que se foram invalidando com argumentos anteriormente referidos no decurso da polémica que tem envolvido a interpretação funcional destes monumentos desde as discussões em torno da «Pedra Formosa»[428] que fazia parte de um segundo balneário de Briteiros[429].

Com efeito, esta solução, que fora primeiramente lançada por F. Conde Valvís e de certo modo também por M. Chamoso Lamas a partir da escavação do monumento de Santa Marina de Augas Santas[430] e posteriormente adoptada por C.A. Ferreira de Almeida a propósito de Sanfins[431], e que não convencera, com os dados aduzidos, os adeptos da sua interpretação como fornos crematórios[432], conta agora com provas decisivas, que sistematizámos em consideração aos dados anteriormente conhecidos e aos entretanto conseguidos sobre a sua implantação, estrutura e índices de funcionamento.

A implantação destes monumentos, localizando-se, em geral, nas zonas baixas dos povoados nas proximidades de linhas de água ou de nascentes, relaciona-se directamente com a captação da água para os banhos de água fria e para a produção do vapor necessária para este tipo de banhos.

A sua construção soterrada, que também lhe poderia favorecer essa captação, tem por objectivo principal a manutenção do calor particularmente procurada através da técnica construtiva das câmaras em que se utilizaram grandes monólitos aparelhados e bem ajustados com as juntas vedadas, quando necessário, com argamassa barrenta, conforme testemunhámos pelo interior nos vestígios da união da cobertura da

---

421 Almeida 1974c, p. 158, Est. XI, 4, V, 9.

422 Nota 416.

423 Deste elemento conseguimos um fragmento significativo que tornou possível a sua reconstrução com garantias de fidelidade, não se tendo recuperado a parte restante, que fora retirada previamente à nossa intervenção e utilizada na construção de uma casa nas imediações.

424 Cardozo 1932, p. 12 e 27, Fig.1 e 9.

425 Lorenzo Fernández 1948, p. 178, Lám. V.

426 Assim julgamos poder considerar-se dois pequenos blocos graníticos com toro cilíndrico que parece relacionada com os orifícios das chaminés.

427 Nota 398.

428 Com numerosas referências desde a mais antiga notícia que lhe diz respeito, datada de 1723, da autoria de Craesbeck, *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho*, Ms. Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção de Reservados, F.G. n.º 217, fls. 35v (Cardozo 1932, p. 38), seleccionamos, de uma extensa bibliografia, os trabalhos de Sarmento de 1904, p. 8, 55, 103, 111, 117 e 1905, p. 31 e 1879= 1933a, p. 470-480; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 616-618, que a consideraram respectivamente como uma ara de sacrifícios, ou para libações, e Hübner 1879, p. 19-20, 1880, p. 60ss e 1888, p. 232ss, a entendendo como frontão de um monumento funerário.

429 Cardozo 1932, p. 44 e 1935b.

430 Nota 398.

431 Idem.

432 Vg., Tranoy 1981, p. 341-346.

ante-câmara à estela de Galegos, e que igualmente se observara em Briteiros [433] e no Alto das Eiras [434], sendo com a mesma finalidade o exterior recoberto por espessa camada barrenta que se estendia sobre as lajes da cobertura, em toda a extensão, sobre a câmara (Est. XXXII, E-F (04-04A)) e sem dúvida também sobre a ante-câmara, onde não foi registada estratigraficamente por ter sido retirada aquando da sua violação para remoção e reaproveitamento das lajes.

E se a planta e estrutura dos monumentos põem objecções óbvias a um funcionamento de carácter utilitário, como o de cozer pão ou cerâmica, fundir metais ou servir de matadouro, e também não deixaria de apresentar idêntica disfuncionalidade se destinados a lugar de cremação ou de sacrifício [435], comporta, por outro lado, todos os elementos necessários para a realização de banhos de vapor e água fria, conforme referido em Estrabão [436], se bem interpretado.

Com o fogo aceso na fornalha, com ventilação pela entrada da câmara e chaminé a activar a combustão, procedia-se simultaneamente ao aquecimento do ambiente e dos seixos rolados e numerosas pedras polidas aí colocadas e que eram posteriormente trazidas para o interior da câmara sobre as quais se lançava água fria para produzir o vapor, que aí se continha, funcionando como uma verdadeira estufa.

Trata-se, efectivamente, de um dado concludente de grande importância, para se poder considerar estes monumentos como destinados a banhos *sauna*, o achado deste espólio lítico utilizado para a produção de vapor em banhos deste género, a que se atribui tradicionalmente uma origem nórdica [437].

Idêntico achado de materiais líticos se verificou no balneário castrejo do Freixo [438] e no de Sanfins, que não foi considerado na sua escavação [439]. É curioso que já M. Cardozo destacava uma presença similar no interior do monumento de Briteiros de «um grande número de pedras roladas, de diversos tamanhos, muito poídas, apresentando por vezes vestígios evidentes de terem sido requeimadas pelo fogo» [440], para que dera uma explicação que não se apresenta com verosimilhança [441] e que, assim entendidas, reforçam a nossa posição.

Algumas dessas pedras eram de granito, mas a maior parte era constituída por seixos rolados com certeza trazidos do rio Cávado, que passa perto, e pequenos blocos de quartzo, porventura atendendo à sua particular dureza e capacidade calorífera e de resistibilidade à fractura provocada por brusco arrefecimento. A própria análise sugere essa utilidade, evidenciando uma sujeição a elevadas temperaturas por exposição directa ao fogo, tendo-lhes aderido uma camada de cinza e, além disso, uma película de calcário como resíduo da água fria que sobre elas era lançada para a obtenção do vapor.

É especificamente a este processo que se reporta o texto de Estrabão, **πυρίαις ἐκ λίθων διαπύρων**, (... banhos de vapor produzido por pedras aquecidas) [442], segundo a tradução literal, cujo sentido é respeitado na tradução de A. Schulten [443], sem no entanto a relacionar com este tipo de monumentos, não sendo de aceitar outras versões, mais livres e descontextualizadas, que poderão ter origem em confrontos menos rigorosos com o original grego, como o próprio A. Schulten aponta em relação à de A. García y Bellido [444].

---

[433] Cardozo 1932, p. 16.

[434] Queiroga-Dinis 1997.

[435] Cfr., vg., Romero Masiá 1976, p. 153-157.

[436] Estrabão, III, 3, 6.

[437] Vg., *Dictionnaire Enciclopédique Larousse*, 1976, p. 1274, vb. *sauna*.

[438] Dias L.A.T. 1997.

[439] Observação feita no decurso de trabalhos de conservação e restauro realizados em 1993, em que referenciámos inúmeros exemplares de pedras removidas do interior do monumento em 1972-73.

[440] Cardozo 1932, p. 19, Fig. 6.

[441] Serviriam, segundo M. Cardozo, para polir a zona da entrada da câmara, o que não explica a sua enorme quantidade e níveis de calcinação nem condiz com o estado das faces das pedras por nós recolhidas, que têm as arestas boleadas mas as faces irregulares, longe de denunciarem uma utilização abrasiva em polimento. Segundo a nossa interpretação, o polimento dessa zona dos monumentos vem da fase da sua construção para comodidade de passagem.

[442] Estrabão, III, 3, 6.

[443] Schulten 1952, p. 210-211.

[444] Idem. Cfr. García y Bellido 1968b, p. 118 e nota 186 (p. 119).

A interpretação de F. Lasserre[445], seguida por A. Tranoy, forçada, para evitar uma possível intenção filohelénica de Estrabão[446], acaba por adulterar o sentido do texto, cuja leitura se torna agora mais explícita com os dados arqueológicos.

Melhor explicada fica também a função da ante-câmara com a existência dos bancos, a indicar uma maior permanência num local com temperaturas moderadas, em situação análoga à do *tepidarium* das termas romanas.

Os banhos de água fria, ψυχρολουτροῦντας, citados por Estrabão, seguir-se-iam aos de vapor como nos banhos romanos e outros paralelos[447], tendo lugar no átrio, eventualmente por imersão, nos tanques de água corrente.

Entre os índices de funcionamento, já observámos a existência de pedras calcinadas e desgastadas pela sua deslocação entre a fornalha e a câmara para a produção de vapor, a que se deve acrescentar a acumulação de carvões e cinzas na área da fornalha e sobretudo na parte exterior contígua ao átrio, para onde eram lançadas por ocasião das operações de limpeza, formando uma espessa camada, em situação idêntica à verificada em Sanfins[448].

Se esta circunstância já, de si, desaconselha uma utilização como fornos crematórios, atendendo ao abandono das cinzas, também a ausência de matéria orgânica de origem animal, segundo as análises a que foram sujeitas amostras provenientes de Galegos[449], não abona essa pretensa função crematória não só em relação com os ritos funerários mas também com eventuais sacrifícios de animais quando tidos por «santuários de águas», do agrado de F. Martins Sarmento, a partir dos relevos do monumento do Monte da Saia, e ainda com adeptos [450].

Mas quando rejeitamos, nestes termos, uma função estritamente sacral destes monumentos, ao entendê-los primariamente como utilitários, não deixamos de admitir uma envolvência de carácter religioso na prática do banho, salutar e purificador, eventualmente traduzido na simbólica dos motivos representados, com repetições que não poderão passar despercebidas[451], e ainda mais quando considerados com qualidades medicinais, segundo circunstância que o topónimo Augas Santas de um desses monumentos exemplarmente denuncia.

E com estes dados, se entende melhor esclarecido o problema da função básica destes discutidos monumentos, que o estudo do balneário castrejo do Freixo (Marco de Canaveses) mais reforçará ao evidenciar a sua substituição por umas termas romanas, situação que de certo modo também se aproxima o caso de Braga.

O paralelo, entretanto estabelecido com um monumento congénere referenciado no castro de Ulaca (Solosancho, Ávila), na Meseta, permitiu uma nova abordagem sobre as áreas de dispersão e o significado desta prática balnear, ora interpretada em contexto de protoceltização ou celtização relacionada com rituais iniciáticos dos guerreiros castrejos[452] e a sua preparação física. Em nossa opinião, porém, esta solução não exclui a de poder funcionar também, cumulativamente ou em separado, como nos é sugerido pela existência de dois monumentos em Briteiros, para banhos rituais de carácter medicinal, como os que se registam em textos sânscritos da medicina ayuer-védica com recurso a óleos, plantas e outros elementos, documentados em diversas áreas indo-europeias[453].

---

[445] Lasserre 1966, p. 56.
[446] Tranoy 1981, p. 345-346.
[447] Vg., Schulten 1952, p. 211.
[448] Almeida 1974c, p. 166.
[449] Análises realizadas pela bióloga Dr.ª A.M. Silva Pinto, a quem agradecemos, que concluiu pela natureza vegetal das amostras.
[450] Nota 393.
[451] *Infra,* notas 389 e 390.
[452] Almagro Gorbea-Moltó 1992; Almagro Gorbea-Álvarez Sanchís 1993.
[453] Silva A.C.F. 2003a, p. 48.

A tipicidade e constância dos elementos decorativos, por vezes havidos como meramente ornamentais, parecem suportar a sua interpretação simbólica num quadro de religiosidade de aparente relação aos três elementos de base dos humores vitais da tradição indo-europeia referida, designadamente: o fogo, princípio de combustão e fonte de energia, simbolizado em composições com base no círculo; o vapor ou o ar, sopro da vida, significado porventura por motivos encadeados, de SS ou círculos; e a água, matéria comum a todas as secreções, representada por linhas ondulantes, se é que esta iconografia não representa a estruturação tripartida e trifuncional, da soberania, força e fecundidade, segundo o esquema duméziliano. Tratar-se-á, em qualquer caso, de indicações de uma matriz indo-europeia, que pensamos reportar-se a contextos pré-célticos, denunciados por outras vias, designadamente epigráfica e linguística, como componentes da cultura indígena.

Monumentos de arquitectura singular no âmbito da cultura castreja do Noroeste peninsular (Gráfico 1, Est. IX), com dois núcleos e tipologias individualizados pela localização geográfica (um entre as bacias do Douro e Minho, de tipo I, e outro no Norte da Galiza e Astúrias, tipo II), pelo material de construção (granito/xisto), particularidades de implantação (zonas baixas/zonas altas), estruturas (planta da fornalha subcircular/rectangular, átrio no alinhamento do eixo central/posição lateral) e técnica construtiva (utilização de monólitos/alvenaria), entre as mais significativas, de que se poderá individualizar um terceiro tipo, pela singularidade da sua construção rupestre, sem que lhes possamos apontar paralelos para relacionação nem descobrir antecedentes em que se radiquem, que terão existido em estruturas perecíveis, situam-se, cronologicamente, segundo os elementos conhecidos das suas escavações confirmados pelos dados estratigráficos relativos à construção do monumento de Galegos, na fase III da nossa periodização.

Com abundante espólio recolhido na escavação deste monumento, que se reporta, como seria natural, à fase final da sua utilização e a depósitos ulteriores de abandono, destruição e violações ilustrados nos cortes estratigráficos apresentados (Est. XXXII, C-D, E-F, G-H), foram também conseguidos alguns fragmentos de cerâmica castreja nas zonas intervencionadas para o estudo da sua implantação, que no lado S atingiu o solo natural, contando entre os elementos obtidos no estrato 07 do corte C-D e 05 de E-F fragmentos de *dolia* e taças[454] e outros vasos de perfil em S feitos à roda, da fase III, certamente da sua primeira parte (IIIA).

Alguns elementos constantes da sua estrutura, já referidos, como os *imbrices* da conduta e as *tegulae* que ladrilham o fundo do tanque apontam para uma fase final de utilização em época romana, o que é confirmado por abundante espólio de cerâmica comum e alguma sigillata hispânica, entre a qual uma forma Drag. 27, recolhida no estrato de ocupação do átrio (Est. XXXII, C-D (07A)), que sugere uma cronologia do séc. II d.C., documentando-se posteriormente diversos estratos de abandono e destruição (07-05) e violação recente (03), que deve ter tido como finalidade a remoção das lajes de cobertura da ante-câmara.

Assimilados por Estrabão a hábitos espartanos, λακωνικῶς, segundo pensamos, sem intenção de os referenciar a uma origem helénica, que os dados cronológicos disponíveis desaconselham, garantindo não se tratar de uma versão indígena das termas romanas[455], conforme mais se deduz dos resultados da escavação recente do balneário pré-romano de Braga[456], a construção destes edifícios de clara utilidade pública, de indesmentível originalidade, corresponde, a par de outras construções já citadas que se destinavam a serviços religiosos e políticos, a um momento de progresso da organização da sociedade que se reflecte, em termos materiais, num ordenamento proto-urbano em que se torna nítida a preocupação de seleccionar e distribuir os espaços públicos e domésticos segundo um plano que consideramos característico da fase III e que entendemos mais esclarecido com as sucessivas análises que apresentámos ao longo deste capítulo.

---

[454] *Dolia* de tipo G1b (Est. LIII-LIV), um deles com decoração de corda sobre relevo (Quadro decorativo 877, Est. LXXIV); taças de tipo A1e. Num corte das suas imediações foi recolhido um fragmento de taça com asa tipo A2b (Est. XL, 5).

[455] Conde Valvís 1955, p. 443-446; Almeida 1974c, p. 167; Calo Lourido 1993, p. 151.

[456] Lemos *et alii* 2003.

ANÁLISE DESCRITIVA			ESTAÇÃO	SARDOURA	FREIXO	SANFINS	ALTO DAS EIRAS	SABROSO	BRITEIROS 1	BRITEIROS 2	BRAGA	ALTO DAS QUINTÃS	MONTE DA SAIA	GALEGOS	ÁGUAS SANTAS	ESPASANTE	COAÑA	PENDIA 1	PENDIA 2	CHÃO SAMARTI
IMPLANTAÇÃO		Intra-muros			X	X	X	X	X	X				X		X	X	X	X	X
		Extra-muros									X	X		X			X			
		Sopé		X	X	X	X		X		X	X	X	X	X	X				
		Alto															X	X	X	X
		Relação c/ fonte			X	X	X		X				X	X	X	X	X	X	X	X
PLANTA		ÁTRIO	rectangular			X	X		X		X	X	X		X					
			quadrangular											X						
			trapezoidal																	
			subcircular													X				
		ANTE-CÂMARA	rectangular		X	X			X	X	X	X	X		X		X	X		
			quadrangular				X							X						
			trapezoidal													X				X
		CÂMARA	rectangular		X	X			X	X			X	X	X	X	X	X	X	X
			quadrangular				X													
			subcircular	X	X	X			X	X			X	X	X		X			
	FORNALHA		em ferradura				X												X	
			rectangular													X		X		X
CONSTRUÇÃO	3.1 LAJEADO	ÁTRIO	monólitos				X							X						
			empedrado irregular			X			X		X			X		X				
			cavado na rocha																	
		ANTE-CÂMARA	monólitos			X	X		X					X	X	X				
			empedrado irregular								X									
			cavado na rocha		X															
		CÂMARA	monólitos			X	X		X					X	X	X				
			empedrado irregular																	
			cavado na rocha		X															
		FORNALHA	monólitos																	
			empedrado irregular			X			X					X	X	X				
			cavado na rocha		X															
	3.2 MUROS	ÁTRIO	monólitos						X					X						
			alvenaria			X	X		X		X		X	X		X	X			
			cavado na rocha																	
			falsa cúpula																	
		ANTE-CÂMARA	monólitos			X	X		X					X	X					
			alvenaria								X					X	X	X	X	
			cavado na rocha		X															
			falsa cúpula																	
		CÂMARA	monólitos			X	X		X					X						
			alvenaria										X			X	X	X	X	
			cavado na rocha		X															
			falsa cúpula																	
		FORNALHA	monólitos																	
			alvenaria			X	X		X				X	X	X	X	X	X	X	
			cavado na rocha		X															
			falsa cúpula			X			X				X	X	X		X	X	X	
	3.3 COBERTURA	ÁTRIO	monólitos																	
			matéria perecível		X				X				X	X						
			tampa horizontal																	
			duas águas																	
		ANTE-CÂMARA	monólitos	X	X				X	X				X						
			matéria perecível																	
			tampa horizontal																	
			duas águas	X	X				X	X				X						
		CÂMARA	monólitos	X	X		X		X					X						
			matéria perecível																	
			tampa horizontal																	
			duas águas	X	X		X		X					X						
		FORNALHA	monólitos	X					X											
			matéria perecível																	
			tampa horizontal	X	X				X					X	X					
			duas águas																	

BALNEÁRIOS CASTREJOS – Gráfico 1

ANÁLISE DESCRITIVA		ESTAÇÃO	SARDOURA	FREIXO	SANFINS	ALTO DAS EIRAS	SABROSO	BRITEIROS 1	BRITEIROS 2	BRAGA	ALTO DAS QUINTÃS	MONTE DA SAIA	GALEGOS	ÁGUAS SANTAS	ESPASANTE	COAÑA	PENDIA 1	PENDIA 2	CHÃO SAMARTI
ELEMENTOS	TANQUES	Número 1						X					X	X		X	X		
		Número 2			X														
		Localização átrio			X			X				X	X	X			X		
		Localização outra													X	X			
	CONDUTA	caleira de pedra			X		X	X				X		X	X				
		imbrex											X						
		cavado na rocha		X												X			X
		coberta			X								X	X					
		descoberta						X											
	ESGOTO	conduta de pedra			X	X		X				X	X						
		cavado na rocha																	
		coberto			X			X					X						
		descoberto																	
	BANCOS	existentes		X						X			X						
		indícios			X	X					X								
	ESTELA	com decoração		X	X	X		X	X		X								
		sem decoração	X							X									
		simples	X	X	X	X		X	X		X								
		com travessa de suporte											X						
		rasgos int.			X			X					X						
		rasgos ext.			X	X		X	X				X						
	CHAMINÉ	abertura				X		X					X	X					
		fecho existente		X	X														
ANEXOS	FONTE	anexa		X															
		correlacionada						X											
ÍNDICES DE FUNCIONAMENTO	Pedras de produção de vapor					X		X					X						
	cinzas e carvões		X		X	X		X	X		X		X		X				
	desgaste	tanques			X			X				X	X						
		abertura da câmara			X	X		X					X						
DIMENSÕES	comp. máximo			9.00	11.30	17.50		12.40				9.60	11.50		13.20	11.00	11.25		10.00
	larg. máxima			3.20	6.30			3.10				5.25	4.00		2.50	3.30			5.00
	ÁTRIO	eixo long.			2.80			3.90		4.72		2.55	3.50		1.80				
		eixo transv.			6.60			3.10		2.80		5.25	4.00		3.00				
		área – m^2			18.48			12.00		12.22		13.40	14.00						
	ANTE-CÂMARA	eixo long.		3.00	2.30	2.80		2.55		1.70		2.20	2.20		2.00				1.10
		eixo transv.		3.00	2.48	2.80		2.20		2.56		2.10	2.15	2.60	2.80				3.60
		alt.		2.40						1.20			2.15						
		área								4.34			4.70		5.20				
		entrada larg.									1.00		1.07	0.63					
		entrada alt.											1.75	1.80					
	CÂMARA	eixo long.		3.10	2.72	2.45		2.90				2.50	2.45		3.90		3.50		4.00
		eixo transv.		3.00	2.48	2.45		2.20				2.10	2.08	2.60	2.60		2.00		2.50
		alt.		2.20				2.10					2.20						
		área				6.00							5.09		8.50				
	estela	larg.		3.20	2.53	2.90		2.34	2.90	1.74	2.80		2.70						
		alt.		2.40	2.12			2.15	2.28	0.83			2.45						
		espessura		0.36	0.20	0.33		0.20	0.24	0.30			0.20						
		entrada larg.		0.48	0.47	0.48		0.50	0.55	0.43	0.50		0.51						
		entrada alt.		0.42	0.47	0.42		0.40	0.55	0.38	0.40		0.43						
	FORNALHA	eixo long.		1.50	2.30	3.20		1.80					2.00		1.70		1.55		1.50
		eixo transv.		1.80	2.70	2.25		2.20					1.90		1.90		1.55		2.00
		diâm. médio										2.00		2.25		2.55			
		alt.		2.00	1.80			1.70					2.70	2.51					
		entrada larg.		1.20	1.12			1.10				1.15	0.65	1.47		1.36			
		entrada alt.						1.56						2.31					
	TANQUES	comp.		2.90/1.00			2.80					1.70	2.20		2.70				
		larg.		1.10/0.90			1.00					0.88	1.55		1.60				
		alt.		0.50								0.82	0.76		0.73				

Esta fase proto-urbana de grandes povoados, evidentemente dirigidos por um poder central, patente no seu ordenamento geral, nas suas estruturas defensivas e de serviços públicos, conheceu importantes inovações tecnológicas, de que sobressai, a generalização dos moinhos giratórios com certeza coincidente com a da roda do oleiro, com aceitação integral em alguns casos, de que Sanfins pode ser exemplo, a denunciar uma forte organização do sistema de produção, e da metalurgia do ferro tornada sistemática no fabrico de armas, instrumentos de construção, alfaias agrícolas e ferramentas artesanais. Da combinação destes factores organizativos e técnicos terão porventura surgido as primeiras formas epigraficamente documentadas de associação profissional na região constituídas por grupos de artifices, como os que se dedicavam à estatuária [457] e com certeza a obras públicas, de maior cuidado, como os balneários com pedras esculturadas e a construção de sistemas defensivos.

Nestas circunstâncias, entendemos que é no quadro de uma definição urbana, a que convirá a designação de proto-urbanismo, que deverão ser classificados estes grandes povoados castrejos do Noroeste peninsular, que obedecem maioritariamente aos requisitos que vêm sendo apontados pelos arqueólogos na sequência da definição de urbanismo proposta por V. Gordon Childe em 1950 e ultimamente revista [458], considerando, sobretudo, a ortogonalidade do ordenamento, a extensão em superfície, a densidade de população, a monumentalidade dos edifícios públicos, estilos artísticos próprios, a presença de especialistas dedicados a tempo inteiro ao artesanato e grupos organizados de artífices e ainda a existência de grupos dirigentes de carácter militar [459].

A sua organização segundo um sistema hierarquizado, com a integração de povoados menores sob o domínio de lugares centrais, terá sido determinada, a nosso ver, por razões político-militares originadas pela necessidade de uma estratégia de defesa sequente à campanha de *Decimus Iunius Brutus*. Nesta perspectiva se terá enquadrado o recuo para uma certa interioridade e selecção de sítios com capacidade de grande concentração demográfica, que poderá explicar eventuais mudanças de hegemonia relativamente à fase anterior, como a presumível transição do Castelo de Gaia para o Monte Murado, de *Cale* para Vandoma, do castro do Padrão para a Citânia de Sanfins, do castro dos Castelos para a Carmona ou do castro de Santo António de Afife para a Cividade de Âncora, com as consequentes implicações de ordem urbanística.

Poderá favorecer esta interpretação o registo deste padrão de povoamento apenas na área meridional castreja, a Sul da bacia do rio Minho, justamente o limite da expedição desse general romano.

Com elementos de cronologia relativamente abundantes, sobretudo de procedência romana, designadamente, as fontes clássicas, numismáticas e epigráficas e outros produtos como cerâmica campaniense B, ânforas, fíbulas, vidros, moedas e outros, e alguns indígenas, como a cerâmica cinzenta fina polida, apresentamos como horizonte cronológico para termo deste período a segunda metade do séc. I d.C., segundo os dados recolhidos especialmente na Citânia de Sanfins, Cividade de Âncora, Castro de Romariz, Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado, Castelo de Gaia e Cividade de Terroso, coincidente com dados de outros investigadores, entendendo que, a partir das reformas flavianas na região a pervivência da cultura castreja deverá ser objecto de ulteriores considerações no quadro da civilização romana provincial.

Das observações produzidas sobre a implantação, estruturas e ordenamento urbano dos núcleos de povoamento castrejo, ficou-nos a evidência de uma ocupação sistemática do território dependente de critérios preferentemente estratégicos e económicos com densidades mais expressivas em áreas onde se acumulam índices de fertilidade, recursos naturais e facilidades de comunicação, favorecendo frequentemente a área cismontana do maciço galaico-português e a zona envolvente da Veiga de Chaves, e seus prolongamentos na depressão Régua-Verín, na área transmontana, privilegiando, em qualquer dos casos, o domínio dos cursos fluviais.

[457] Silva A.C.F. 1981-82, p. 87.
[458] Wells 1988.
[459] Silva A.C.F. 1993.

Sobre o sentido da expansão manifesta na mancha de povoamento, por vezes interpretado como do litoral para o interior e outras tantas em sentido inverso[460], é ainda insignificante o número das estações estudadas que possam servir de confronto para poder justificar uma opção, sendo-nos, de qualquer modo, dado perceber, do volume dos dados recolhidos, uma densidade de ocupação mais intensa no Entre-Douro-e-Minho e região ocidental de Trás-os-Montes, *grosso modo*, já indiciada na mancha de distribuição dos monumentos megalíticos[461], a invocar a persistência de um significativo substrato, sempre de considerar face aos factores de alteração, naturais ou humanos, de incidência regional. Em todo o caso, a impressão que nos é transmitida pela globalidade dos registos de valor cronológico, com relevo para as datações radiocarbónicas (Quadro 1), é a de uma evolução de Sul para Norte e do litoral para o interior, com valorização dos estímulos mediterrânicos em concorrência com os relacionamentos de procedência continental.

E se os dados relativos ao conhecimento do meio ambiente, em especial os que se deduzem dos vestígios recolhidos, apontam para uma paleoecologia com um clima de tipo temperado oceânico[462], muito parecido ao actual, subtraindo importância a motivações de natureza climática, ao longo deste estudo se irão manifestar em inúmeras expressões da cultura material interferências de procedência exógena ora explicáveis por influências de grupúsculos migratórios que, juntamente com trocas pacíficas de ordem comercial ou ocorridas no interior dos mecanismos típicos do dom e da hospitalidade, foram agindo sobre o fundo indígena ou então referenciadoras de migrações internas estimuladas por episódios conhecidos do discurso histórico.

A análise da convergência das diversas componentes culturais em contexto atlântico e com relação a influências de matriz centro-europeia, genericamente relacionadas com a celtização peninsular, ou mediterrânica, com especial relevância de procedência púnica e mais tarde romana, servir-nos-á, a seu tempo, de índice caracterizador das formas introduzidas ao longo do processo de aculturação do Noroeste peninsular, que não pode ser desarticulada da consideração dos elementos denunciadores do processo demográfico que se registou na região no curso do primeiro milénio a.C.

Das observações sobre as áreas de ocupação dos povoados, dos casos conhecidos da fase I, como o do Coto da Pena, Santo Estêvão da Facha, S. Julião de Caldelas, Castelo de Matos e Baiões, se conclui por uma ocupação em superfície restrita que, conforme verificámos no Coto da Pena e em Baiões, não atinge os 2 ha.

E se do crescimento demográfico não temos provas de um aumento do número de povoados formados por cissiparidade, que será lícito presumir mais em consideração a paralelos fornecidos pela Etnografia[463] do que por investigações arqueológicas no terreno, o confronto das situações mencionadas com as conhecidas da fase seguinte, como a do recinto superior da Cividade de Terroso, com mais de 2 ha na fase II, e a expansão perceptível no Coto da Pena e S. Julião aponta para uma ampliação das zonas ocupadas e para maior densidade de estruturas que terão conduzido certamente a uma racionalização do espaço, que na fase III se vai impor como uma prática adquirida segundo esquemas proto-urbanos–de que escolhemos Sanfins como paradigma–, que poderá, assim, ter resultado da evolução interna das comunidades castrejas eventualmente em convergência com a assimilação de influências vindas do exterior exemplificadas no ordenamento dos povoados celtibéricos tipo Numância[464] e que, do ponto de vista defensivo, implicou uma acumulação de cinturas muralhadas, de construção simultânea, em obediência a um plano de carácter urbano, que se tornou, efectivamente, na situação típica dos grandes povoados da fase III, como Sanfins, Briteiros e Âncora, entre outros.

Que não sirva esta observação como uma regra, pois nós próprios tivemos a oportunidade de verificar na Citânia de Sanfins, onde se pretendeu encontrar a evolução de um povoado, em termos de expansão

---

460 Cfr. problemática, vg., in Calo Lourido-Sierra 1983, p. 30.

461 Cfr., vg., Jorge V. O. 1985.

462 Nota 42 do cap. II.

463 Vg., Barbero-Vigil 1971, p. 210-212, seguindo Morgan 1970, p. 94ss.

464 Cfr., vg., García y Bellido 1968b, p. 11-15; Jimeno 2001.

demográfica, a partir do recinto central para a periferia[465], que precisamente a muralha interna (Est. XXIV, M1), ao sobrepor-se a estruturas pré-existentes, se manifestou como uma construção mais recente, vindo em reforço da zona central desse importante povoado, transformando-o num reduto mais seguro por motivos estratégicos relacionados com as Guerras Cântabras, segundo as indicações cronológicas do tesouro monetário[466], da zona central desse importante povoado, tornando-se notória a sistemática preocupação defensiva por parte das comunidades castrejas, premente em momentos de crise, fazendo prevalecer a funcionalidade das estruturas sobre qualquer intenção de carácter emblemático, como por vezes parecem ser interpretados sistemas defensivos atribuíveis a esta cronologia[467].

Mas, para além dos objectivos defensivos, outras motivações, de ordem funcional, social ou étnica, poderão ser tomadas na devida conta para explicar a diversificação dos recintos murados no interior dos castros, que julgamos poder observar, com dados arqueológicos suficientes, durante a fase III, em que parece natural que zonas de maior prestígio, como as acrópoles, tenham sido reservadas de acordo com a hierarquia social, e que outros critérios de selecção tenham intervindo na implantação dos edifícios de utilidade pública e a que se poderão acrescentar eventuais recintos para guarda dos rebanhos comunitários, tendo já sugerido em anterior trabalho[468]. também razões de carácter étnico para justificar evidentes demarcações internas inclusive por muralhas. Todavia, a individualização das unidades suprafamiliares entre arruamentos e dos núcleos de arquitectura doméstica por cercas muradas, depois das análises que realizámos, impõe-se arqueologicamente, neste contexto, como a de mais vincada intencionalidade. De qualquer modo, apesar das circunstâncias paralelas na formação do proto-urbanismo ocorrido na Gália durante La Tène III e no Noroeste peninsular em período correspondente, não se vislumbra, no nosso caso, qualquer papel exercido pelas organizações artesanais no ordenamento dos nossos povoados castrejos como se pretende ver nos *oppida* gauleses[469].

Já foram referidos com pormenor os resultados dos trabalhos a que procedemos para o estudo da antropologia da casa castreja, ressaltando das instâncias analisadas um conjunto de características comuns, de ordem morfológica, técnica e funcional, constitutivas da personalidade da cultura castreja, em que a utilização da construção de planta circular se consagra como o elemento mais expressivo, persistindo mesmo tardiamente quando a planta quadrada e rectangular se generalizava com o avanço da romanização.

Sempre considerando o problema das origens destes protótipos, e tendo presente as sugestões galegas de alinhamentos ortogonais atribuíveis à fase IB com conexões hallstátticas[470] ou, preferentemente mediterrânicas, por influência fenícia, todos os casos por nós conferidos, incluindo as referências a soluções de sobreposição, se reportam efectivamente, a um momento tardio da arquitectura doméstica castreja nunca anterior ao início da fase III, de que se poderá garantir dependência da influência romana apenas nas construções angulares da fase IIIB, com base nos dados de Romariz (Est. XXII, **VII**) Monte Murado (Est. XXIX), Castelo de Gaia[471] e de certo modo também nas sobreposições de Sanfins (Est. XXV, zona S) e Âncora (Est. XXVI, **VI-VIA**), podendo remeter-se à fase IIIA as plantas rectangulares de cantos arredondados frequentes em Romariz (Est. XXI; XXII, **IV**) eventualmente com relações a outros modelos como os que foram reconhecidos em Conímbriga[472].

De qualquer modo, as alterações na morfologia das plantas, independentemente dos modelos adoptados, dependem da aquisição de novas técnicas de construção patentes na diversidade dos aparelhos

---

[465] Paço 1953a.

[466] Paço-Jalhay 1955; Centeno 1987.

[467] Cfr., vg., Almeida 1977, p. 32.

[468] Silva A.C.F. 1981-82, p. 88.

[469] Cfr. Duval A. 1982, in Collis *et alii* 1982, p. 321-322.

[470] Nota 224.

[471] Escavações de 1983-85, em que se descobriu uma casa de planta, estruturas e cronologia idênticas à de *Decimius Iulius Cilo* de Monte Murado (Est. XXIX).

[472] Alarcão-Étienne 1973.

e nas soluções dos ângulos e das coberturas, a que fomos atribuindo um sentido cronológico, sendo determinante neste processo o uso de utensílios de ferro no tratamento dos materiais, marcando uma diferença notória entre a fase II, onde não se conhecem vestígios de afeiçoamento a pico, e a fase III com o seu uso generalizado.

As deficiências técnicas da fase II, que se tentavam superar com a utilização de cunhas e argamassa, originavam aparelhos irregulares[473], que perduraram na fase seguinte, bem mais aperfeiçoados, coexistindo com processos de construção mais sólidos em que o tratamento dos materiais resulta em aparelhos poligonais e helicoidais e outros, como o que aparece formado por grandes blocos de pedra fincados na parte inferior dos muros frequente em Sanfins e Briteiros.

E, se o aparelho poligonal, em que os blocos de pedra se adaptam perfeitamente, dispensando cunhas e por vezes se dispondo em forma helicoidal, segundo uma modalidade que se tornou característica da cultura castreja, de presumível influência meridional[474], se documenta sobretudo nas zonas de granito desde o início da fase IIIA, como nas muralhas de Sabroso, Arados[475], Monte Murado[476] e Cárcoda e também presente em habitações diversas da Cidade Velha de Santa Luzia, Briteiros e Sanfins, entre outros castros, é mais surpreendente a sua utilização em zonas de xisto, como testemunhámos em Cidadelhe, onde coexiste com aparelho tabular, de blocos de xisto dispostos em camadas horizontais que se considerava exclusivo das regiões xistosas, onde aparece desde fases mais antigas[477].

Mas já a disposição de blocos regulares de granito em fiadas horizontais, como documentámos numa reconstrução de Âncora (Est. XXVI, **VI**) e na câmara do balneário do Monte da Saia[478] denota influência romana, podendo datar-se da fase IIIB.

A predominância de um determinado tipo de aparelho, como o que é formado por grandes pedras fincadas na parte inferior das paredes, denunciando idêntico processo de construção no interior de uma unidade suprafamiliar das identificadas na Citânia de Sanfins (Fig. 7, F) sugere, no âmbito de um loteamento planificado, uma tarefa executada por cada grupo familiar com recurso aos seus parentes, manifestando, em conjunto, diferente experiência de técnica construtiva relativamente às outras unidades, o que também se revela a outros níveis, sobretudo no afeiçoamento da pedra bem mais cuidado noutros bairros suprafamiliares.

Mas se a diversidade destes aparelhos apenas se reporta à qualidade da aparência exterior das construções castrejas, também, para a generalidade dos paramentos internos, normalmente constituídos por pedras relativamente pequenas em disposição mais irregular, não foi descurada a procura de soluções técnicas de inegável intenção estética, que a existência muito frequente de rebocos testemunha na fase III das nossas escavações, designadamente, em Romariz (Est. XXII, **VII**), Monte Murado (Est. XXIX), Terroso (Est. XVIII, **XXIII**) e Ãncora (Est. XXVI, **III, IV, XVII**).

O volume de dados referentes a pedras ornamentais, de que apresentamos uma amostragem selectiva (Est. CXXVIII) de várias estações, e de que nós próprios recolhemos alguns exemplares nos nossos trabalhos de Âncora[479], Sanfins[480], Monte Murado[481], Cidadelhe[482] e no monumento de Santa Maria de Galegos e que,

---

473 Cfr. Santo Estêvão de Facha (Almeida *et alii* 1981).

474 Hawkes 1984, p. 192.

475 É ainda visível um expressivo troço com aparelho deste tipo na muralha exterior deste castro do concelho de Marco de Canaveses, na margem direita do Douro.

476 Idem, no Monte Murado ou Castro da Senhora da Saúde no concelho de Vila Nova de Gaia.

477 Cfr. Höck 1978 e 1980.

478 Silva A.C.F. 1986b, Est. XXXVII.

479 Tríscelo (Est. CXXVIII, 25) encontrado em 1979, com paralelo noutro das escavações de 1984, ilustrando ainda outros exemplares de pedras ornamentais recolhidas por F.M. Sarmento (Est. CXXVIII, 1, 4) depositadas no MSMS e A. Viana (Est. CXXVIII, 4) no MMVC.

480 Um tríscelo (Silva A.C.F. 1983c, Est. VIII, 3) recolhido em 1983, mais uma pedra decorada com corda e uma gravura zoomórfica (?) das escavações de 1981 na entrada da construção (Est. XXV, **XI**, 16).

481 Motivo decorativo em corda recolhido em 1984 (MMU 84).

482 Uma gravura em xisto de um S alongado nas escavações de 1983 (CID 83).

quando referentes à arquitectura doméstica, se reduzem a representações emblemáticas, de que o tríscelo é o mais valorativo, ou motivos entrançados, encadeados, cordados e labirínticos, em diversas modalidades, debruando portas e ornamentando rodapés, sublinha insistentemente o gosto decorativo da área meridional castreja desde a fase IIIA [483] com repetição de uma temática comum às diferentes manifestações artísticas e à diversidade dos suportes [484], cujos lavores reclamam, em nossa opinião, um artesanato especializado, eventualmente ambulante, a quem se terão ficado a dever os espécimes mais representativos do seu património construído.

Relativamente a outros problemas em aberto sobre a restituição da estrutura da casa castreja, constantes de inúmera bibliografia que se faz eco da atenção que tem merecido a sua abordagem, queremos sublinhar um apontamento sobre a cobertura das casas de planta circular, que, em nossa opinião, era de forma cónica com materiais perecíveis, eventualmente de giesta ou colmo, sobre estrutura geralmente apoiada em poste central, que documentámos em sequência desde a fase II (Est. XIX, E-F), sendo de relacionar certas alterações de planta datáveis da fase IIIB, como as de Âncora (Est. XXVI, **VI-VIA**), com a adopção de *tegula* como novo material de cobertura que se generaliza nessa época nas casas de planta rectangular dessa estação (Est. XXVI, **VIII**) e Romariz (Est. XXII, **I-IA, IV, VII**) e que também testemunhamos no Monte Murado (Est. XXIX) e no Castelo de Gaia [485], em cuja região se descobriu um forno de produção de *tegula* de cronologia atribuível a essa fase [486].

Quanto à utilização do espaço interno, já ficou evidenciada a sua especificidade nas análises que dispensámos a diversas expressões arqueológicas significativas da estrutura, composição e funcionalidade dos núcleos familiares no âmbito de uma organização comunitária segundo esquemas proto-urbanos, que representam sem dúvida a etapa final de uma evolução, cuja origem e estádios intermédios interessa pesquisar, coordenando os elementos que forneçam indicações de periodização. Das referências feitas, particularizámos o papel exercido pelas lareiras, cuja diversidade de morfologia e posição não raras vezes sobressai como indicador cronológico ou funcional.

Da fase I, recordamos as observações sobre as lareiras do Castro da Senhora da Guia, Baiões, descritas como de planta circular, destacadas do piso, feitas de barro incluindo fragmentos cerâmicos na sua textura e colocadas em provável posição central.

Nas escavações, da fase II, de Romariz (Est. XXIII, L-M) e Terroso (Est. XIX, E-F) as lareiras apareceram-nos indistintas do piso, assinaladas apenas pela presença de áreas enrubescidas e maior endurecimento e vestígios de carvões e cinzas, segundo práticas que nessas [487] e noutras estações, como Sanfins (Est. XXV, **I**, 1), perdurou na fase seguinte e em posições diversas, frequentemente excêntricas, servindo para cozinha e/ou aquecimento.

No início da fase III, com a reformulação do povoado, documentámos, em Terroso, pela primeira vez uma lareira formando um pequeno recinto circular protegido lateralmente por pequenas pedras dispostas de cutelo (Est. XIX, **IA**, A-B (06), tipologia que igualmente observámos na Cárcoda, onde aparece associada a uma

---

[483] O aparecimento *in situ* do tríscelo de Âncora, fazendo parte do muro de uma construção redonda com bancos (Est. XXVI,1, 2; CXXVIII, 25) sobreposto pelo átrio a ele adossado nunca depois da fase IIIB e a utilização sistemática de peças ornamentadas sobretudo em lajeados datáveis da mesma fase, concretamente em Sanfins, para citar apenas casos por nós controlados, indicam para *terminus a quo* destas expressões artísticas uma cronologia adequada à fase IIIA anteriormente às reformas ocorridas a partir da época de Augusto em que as reutilizações densamente verificadas, vg., Almeida 1974b, Est. XVIII, XIX; Soeiro 1984 e Mergelina 1943-44, não deixarão de lhes significar menor consideração, carecendo de fundamento argumentações que as situem em contextos posteriores como os sugeridos, vg., in Höck 1984.

[484] A utilização indistinta dos mesmos motivos decorativos na arquitectura doméstica e nos balneários e também comum nos adornos de vestuário e outros adereços, joalharia e cerâmica, mostra como inadequada a fundamentação do carácter funerário dos monumentos com forno a partir da presença de determinadas decorações, como pretende Tranoy 1981, p. 346.

[485] Construção rectangular das escavações de 1983-85 (CAND 83-85).

[486] Silva A.C.F.-Lopes-Lobato 1984, O forno cerâmico romano de Canelas (Vila Nova de Gaia), *Gaya*, 2, p. 59-72.

[487] Cfr. Est. XXII, **I**, 5, **II**, 6, **IV**, 17, **VII**, 1-2 de Romariz. Nos trabalhos de recuperação de Terroso foi possível ainda detectar vestígios de situações similares que ficaram das antigas escavações de 1906-07.

área rectangular recoberta de *tegula*, datável da fase IIIB, em ambos os casos situadas próximo dos muros na sua zona média.

Desta mesma fase III são conhecidas diversas tipologias, em geral de materiais mais sólidos, como as que documentámos em Sanfins (Est. XXV, **III**, 6; **IV**, 8; **V**, 12) compostas por finas lajes de granito horizontalizadas, formando uma planta subrectangular, colocadas sobre o piso em posição descentrada em consequência da presença de postos centrais para suporte da cobertura.

Apontámos na Cividade de Âncora esta mesma modalidade (Est. XXVI, **IV**, 7; **VIII**, 18) coexistindo com uma outra formada por duas pedras, uma horizontal complementada por outra vertical, servindo de cabeceira e também situada na estrutura **IV** contígua ao muro (Est. XXVI, **IV**, 8) com paralelos conhecidos em Santa Tecla, Troña, San Cibrán das Lás e Cidá do Castro[488].

Uma terceira variedade desta estação apresenta uma estrutura mais típica, em geral, composta por uma pedra rectangular ou prismática à cabeceira e às vezes com resguardos laterais com lastro indistinto do piso, de que se observa a particularidade de nos três casos registados (Est. XXVI, **I**, 1; **VI**, 14; **XI**, 25) ocupar sempre a posição central de casas com bancos ao redor dos muros e com vestíbulo.

No Monte Murado (Est. XXIX, zonas C1/2:2) e no Castelo de Gaia identificámos, finalmente, junto à zona central dos muros duas lareiras de tipologia similar, quadradas, e que eram constituídas por uma espessa camada de barro sobre uma base compacta de fragmentos de ânforas, indicando claramente uma cronologia da fase IIIB.

Para além destas ocorrências, invocamos ainda situações particulares, que não são relacionáveis com a confecção de alimentos ou aquecimento do ambiente, mas atestam uma finalidade artesanal, especialmente, de fundição e tratamento de metais, sobretudo comprovadas pela presença de escórias e cadinhos, como registámos na Cividade de Âncora (Est. XXVI, **III**, 4).

Entendemos, como resultado da análise a que vimos procedendo desde o início deste estudo, com base em elementos significativos do registo arqueológico, controlado por perfis estratigráficos e datações absolutas, também explicitado no estudo da ergologia e outras formas da actividade económica e social, que fica mais consolidada a nossa proposta sobre a evolução do habitat castrejo segundo um esquema de periodização relacionável como o seu desenvolvimento interno e o discurso histórico peninsular em que se definem três fases (Gráfico 2), cada qual com uma divisão interna, que cobrem globalmente o I milénio a. C. e grande parte do século I d. C. respectivamente:

- uma primeira fase, correspondente à 1ª metade do I milénio a. C., como sendo da sua formação, com emergência de povoados fortificados no contexto do Bronze Final Atlântico, com relações continentais e mediterrânicas. A sua primeira parte (IA) situar-se-á desde 1100 a 700 a. C. e o seu desenvolvimento (IB) durante os séculos VII e VI a. C., revelando crescentes contactos interiores e meridionais;

- uma segunda fase, de afirmação do habitat castrejo em fácies regionais e sua hierarquização segundo critérios de predominância económica que denota, na primeira parte (IIA), com cronologia entre cerca de 500 e 200 a.C., estímulos continentais de teor post-hallstáttico ou dos Campos de Urnas da Idade do Ferro, migrações internas peninsulares, como a dos *Turduli Veteres*, e intercâmbios por via do comércio púnico; o seu desenvolvimento posterior (IIB), já sob os auspícios das primeiras importações itálicas, anuncia próximos contactos directos entre romanos e indígenas;

- e uma terceira fase, de proto-urbanização e reordenamento territorial no quadro da romanização, com relevância para critérios político-militares, que presumimos ter-se iniciado (IIIA) na sequência da campanha de *Decimus Iunius Brutus* (138-136 a.C.) e se terá prolongado até à 2ª metade do século I d.C.,

[488] Romero Masiá 1976, p. 91, n.º 7.

com referência às reformas flavianas na região, cuja nitidez se altera a meio da fase (IIIB), após a conquista e pacificação do Noroeste, com a assimilação progressiva de modelos impostos e propostos pelo domínio de Roma.

A observação das mudanças ocorridas no âmbito de um processo de longa duração com etapas bem identificadas, que entendemos convenientemente suportadas por dados arqueológicos, representará uma distanciação face ao fixismo afirmado pelas interpretações mais antigas, com desprezo pela existência de camadas estratigráficas [489], ou uma diacronia apriorística, com ignorância do registo arqueológico [490].

Também se observam diferenças no estabelecimento de parâmetros cronológicos e culturais relativamente aos critérios de outros esquemas de periodização, ora mais monolíticos [491] ora de mais curta duração [492], desejando relevar a complexidade da evolução do habitat castrejo face à linearidade de certos estereótipos. Recuperando, assim, notas anteriormente avançadas para as duas primeiras fases, começamos mesmo a pensar numa proposta de periodização mais minuciosa. No primeiro caso, se os registos de mudança no sistema defensivo e na ergologia da cerâmica e metálica de Vila Cova-à-Coelheira relativamente ao horizonte de Baiões tiverem alcance regional, poder-se-á sugerir a subdivisão da fase I em IA, de 1100 a 900, e IB, de 900 a 750/700 a.C., ficando IC desta data até os meados do milénio. E, se o estrato 07 do castro de Romariz se relacionar com o advento dos Túrdulos Velhos e os estratos 06 e 05 com o incremento registado durante os séculos IV e III a.C., do mesmo modo se sugere uma subdivisão da segunda fase em três partes, respectivamente, IIA, entre 500 e 400, IIB entre 400-200 a.C. e IIC entre esta data e a campanha de *Decimus Iunius Brutus*.

A interpretação deste processo, com reconhecimento da intervenção de agentes exógenos, não pretende seguir modelos difusionistas ou meramente invasionistas ou migracionistas, mas, antes, realçar a originalidade da dinâmica interna das comunidades proto-históricas regionais perante as interacções do discurso peninsular produzidas no quadro de uma economia-mundo com centros motores sobretudo mediterrânicos.

---

[489] Vg., Cardozo e Paço, *in genere*.

[490] Vg., Maluquer de Motes 1973a e 1973b.

[491] Vg., Silva A.C.F. 1983-84; Martins M. 1990; Alarcão 1992.

[492] Vg., Almeida 1983; Calo Lourido 1993, p. 46-59.

TABELA CRONOLÓGICA

DATAÇÕES RADIOCARBÓNICAS DO NOROESTE DE PORTUGAL E GALIZA

INVENTÁRIO DAS ESTAÇÕES CASTREJAS DO NOROESTE DE PORTUGAL

PERIODIZAÇÃO					REFERÊNCIAS HISTÓRICAS
SÉCULO	FASE	CENTRO DA EUROPA	NORTE DA EUROPA	ÁREA ATLÂNTICA	
1000	IA	Ha B1 CU recentes I	MIV	BF II	
900		Ha B2 CU recentes II			
800		Ha B3 CU recentes III	MV	BF III	Colonização fenícia
700	IB	Ha C		Hallstatt	
600		Ha D	M VI		
500	IIA	A I La Tène B	Ferro antigo		535 Batalha de Alalia 509 1º tratado Roma-Cartago
400					348 2º tratado Roma-Cartago 306 3º tratado Roma-Cartago
300		C II	Ferro recente		279 4º tratado Roma-Cartago La Tène 201 – fim da 2ª Guerra Púnica
200	IIB				155-138 Guerras Lusitanas 138-136 Campanha de D. Junius Brutus
100	IIIA	D III		Roma	96-94 Campanha de P. Licinius Crassus 80-72 Resistência de Sertório 61-56 Campanhas de César 27-19 Guerras Cântabras
0	IIIB				
100					69-96 Dinastia dos Flávios

TABELA CRONOLÓGICA – Gráfico 2

ESTRATIGRAFIAS

COTO DA PENA (VIL) REF. CORTE ESTRATO	S.ª DA GUIA /BAIÕES (BAI) REF.	CASTRO DE ROMARIZ (ROM) REF. CORTE ESTRATO	CIVIDADE DE TERROSO (TER) REF. CORTE ESTRATO	CASTRO DE SABROSO (SAB) REF. CORTE ESTRATO	CITÂNIA DE BRITEIROS (BRI) REF. CORTE ESTRATO	CIVIDADE DE ÂNCORA (ANC) REF. CORTE ESTRATO	CITÂNIA DE SANFINS (SAN) REF. CORTE ESTRATO	CIDADELHE (CID) REF. CORTE ESTRATO	MONTE MURADO (MMU) REF. CORTE ESTRATO
A-B 04 C-D 06-05 E-F 10-09 MUR 05	BAI 83								
C-D 04 E-F 08-07 MUR 05									
A-B 03 C-D 04 E-F 06 MUR 04		A-B 07-06 C-D 06 L-M 07-05 MUR	A-B 12-08 C-D 10-07 E-F 16-07 04	MUR 05	MUR 08-07				
A-B 02 C-D 03 E-F 05 MUR 03		A-B 05 C-D 04 L-M 04A	A-B 07-05 C-D 06-04 E-F 06-04 MUR 04	MUR 04	MUR 06				
		A-B 04-03 C-D 03 E-F 03 G-H 04 L-M 04	A-B 03-02 C-D 03-02 E-F 03-02 MUR 03	MUR 03-02	MUR 05-04	A-B 07-03 C-D 04-02	A-B 04-03 C-D 05-02	A-B 02-01	
		A-B 02-01 C-D 02-01 E-F 02-01 G-H 02-01	A-B 01 C-D 01 E-F 01 MUR 02	MUR 02-01	MUR 03-02	A-B 03-02 C-D 02-01	A-B 02-01 C-D 02-01		A-B 08-05 C-D 08-06

QUADRO 1
Datações radiocarbónicas do Noroeste de Portugal e Galiza

C – Castro; **A** – Povoado aberto; **S** – Sepultura

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	GAK- 12224	3470±110	2132-1520	Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 351. Carballo-Fábregas 1992, n.º 21;
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK- 12157	3350±160	2132-2082	Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 31-352.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GAK- 12158	3350±90	1743-1452	Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 352.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GAK-12160	3340±120	1954-1490	Peña Santos 1987, p. 131-132; Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 353.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GAK-12159	3340±80	1878-1455	Peña Santos 1987, p. 131-132; Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 352-353.
	x		Tapado da Caldeira Baião Porto	KN- 2769	3290±55	1728-1454	Jorge S.O. 1983 e 1985a, p. 160; Queiroga 1992, p. 354-355.
	x		Tapado da Caldeira Baião Porto	KN- 2770	3210±55	1683-1391	Jorge S.O. 1983 e 1985a, p. 160; Queiroga 1992, p. 354.
		x	Casinha Derribada 3 Viseu Viseu	GrN-21303	3120±110	1511-1259 1233-1227	Cruz D.J. et alii 1998a; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-12971	3120±100	1620-1128	Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 355.
		x	Casinha Derribada 3 Viseu Viseu	OXA-4910	3115±65	1430-1304 1271-1270	Cruz D.J. et alii 1998a; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-12155	3110±110	1520-1195	Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 355-356.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	GAK-12223	3100±90	1601-1108	Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 356.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-11333	3080±120	1620-1010	Álvarez Nuñez 1986, p. 22-61; Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 356-357.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-12156	3050±110	1530-1000	Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 357-358.
		x	Senhora da Ouvida 7 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1248	3050±33	1126-1001	Cruz D.J.–Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN- 54	3030±80	1457-1070	Martins M. 1987b, p. 44; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 358.
		x	Necrópole do Paranho 1 Molelos Tondela Viseu	GrN-22445	3020±80	1393-1129	Cruz D.J. 1999 e 2001; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-25	3010±35	1306-1196 1181-1165 1141-1139	Martins M. 1988b, p. 126-127 e 1990; Carballo-Fábrega 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 358-359; Bettencourt 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
	x		Tapado da Caldeira Baião Porto	CSIC-597	2990±50	1370-1952	Jorge S.O. 1985a, p. 160; Queiroga 1992, p. 359-360.
		x	Casinha Derribada 3 Viseu Viseu	OXA-5291	2985±60	1302-1274	Cruz D.J. et alii 1998; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
		x	Senhora da Ouvida 11 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1245	2983±38	1291-1129	Cruz D.J.- Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.
x			Castro de Torroso Ponteareas Pontevedra	GAK-12161	2980±110	1160-970	Peña Santos 1987, p. 131-132; Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 360-361.
	x		Lavra Marco de Canaveses Porto	ICEN-414	2980±70	1369-1059	Queiroga 1992, p. 360; Sanches 1995, p. 116; Valinho 2003, 2, p. 97.
		x	Senhora da Ouvida 7 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1251	2966±36	1260-1127	Cruz D.J.- Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1095	2965±51	1261-1113 1095-1075	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1193	2963±28		Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	GAK-12222	2960±120	1373-1019	Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 361-362.
x			Monte de Santa Luzia Abraveses Viseu	ICEN-486	2960±60	1290-1050	Pedro 1995; Senna Martínez 1995 e 2000; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 93.
x			Monte de Santa Luzia Abraveses Viseu	ICEN-489	2960±50	1286-1053	Pedro 1995; Senna Martínez 1995 e 2000; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 93.
x			Castro do Outeiro dos Castelos de Beijós Carregal do Sal Viseu	Sac-1539	2960±45	1260-1055	Senna Martinez 2000; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 93.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
		x	Necrópole do Paranho 2 Molelos Tondela Viseu	GrA-5425	2950±40	1258-1053	Cruz D.J. 1997, 1999 e 2001; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1094	2942±62 1215-1035	1254-1241	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Castro de Coto da Pena Vilarelho Caminha Viana do Castelo	UGRA-200	2930±100	1293-975	Silva A.C.F. 1986b, p. 34; Carballo-Fábregas 1992, n.º 24; Queiroga 1992, p. 362; Valinho 2003, 2, p. 94.
		x	Necrópole do Paranho 2 Molelos Tondela Viseu	GrA-5410	2930±40	1255-1046	Cruz D.J. 1997, 1999 e 2001; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
x			Monte de Santa Luzia Abraveses Viseu	ICEN-485	2920±180	1393-844	Pedro 1995; Senna Martínez 1995 e 2000; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 93.
x			Castro de Vermoim Vermoim V.N.Famalicão Braga	GAK-11463	2920±160	1500-800	Queiroga 1992, p. 363.
x			Castro do Coto da Pena Vilarelho Caminha Viana do Castelo	UGRA-220	2920±110	1293-936	Silva A.C.F. 1986b, p. 34, 173; Carballo-Fábregas 1992, n.º 24; Queiroga 1992, p. 362-363; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-734	2900±50 1134-994	1158-1145	Martins M. 1988b, p. 130; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 363-364; Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Citânia São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	UTC 5609	2900±36	1119-1012	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	UTC-5656	2894±40	1120-1003	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Alto de Santa Ana Chaves Vila Real	ICEN 1038	2890±80	1251-936	Santos P.M. 1995; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-27	2890±45	1226-992	Martins M. 1988b, p. 126-127 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 364-365; Bettencourt 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 94.
		x	Senhora de Ouvida 11 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1246	2890±37	1187-1002	Cruz D.J.-Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.
x			Castro de Santa Catarina Penha Guimarães Braga	GrN-5568	2880±65	1207-938	Cardozo 1970, p. 91-95; Soares-Cabral 1984; Queiroga 1992, p. 365; Valinho 2003, 2, p. 94.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
			Necrópole do Paranho 3 Molelos Tondela Viseu	GrA-5412	2880±40	1185-999	Cruz D.J. 1997, 1999 e 2001; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
	x		Povoado de Canedotes Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-24052	2870±170	1367-830	López Sáez et alii 2000 e 2001; Cruz D.J. 2001, p. 210; Canha 2002, p. 167; Valinho 2003, 2, p. 91.
x			Citânia de São Julião Ponte / Coucieiro Vila Verde Braga	UTC 5654	2868±39	1125-944	Bettencourt 1999; Valinho 2003, 2, p. 96.
	x		Povoado de Canedotes Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-24843	2860±140	1259-834	López Sáez et alii 2000 e 2001; Cruz D.J. 2001, p. 210; Canha 2002, p. 167; Valinho 2003, 2, p. 91.
		x	Necrópole do Paranho 4 Molelos Tondela Viseu	GrA-14007	2860±50	1125-935	Cruz D.J. 1999 e 2001; Valinho 2003, 2, p. 99.
		x	Necrópole do Paranho 4 Molelos Tondela Viseu	GrA-14008	2850±50	1107-924	Cruz D.J. 1999 e 2001; Valinho 2003, 2, p. 99-100.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	GIF-6993	2840±80 1088-904	1114-1091	Martins M. 1985, p. 216, 1986, p. 159-160, 1988b, p. 126-127 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 366-367; Bettencourt 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	UTC-5608	2840±60 1059-907	1111-1104	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN 1279	2840±45	1031-917	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Monte da Santinha I Amares Braga	CSIC 1315	2837±27	904-831	Bettencourt 1999; Valinho 2003, 2, p. 94.
		x	Senhora da Ouvida 11 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1249	2829±33	1008-922	Cruz D.J.- Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p.100.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-11331	2820±120	1353-800	Alvarez Nuñez 1986, p.61; Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 367-368.
		x	Rapadouro 1 Pendilhe Vila Nova de Paiva Viseu	GrA-9741	2820±50	1015-904	Cruz D.J.-Gonçalves 1998-99; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 99.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-28	2820±40	1003-912	Martins M. 1988b, p. 126-127 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 367; Bettencourt 2000b, p. 100; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Monte de Santa Luzia Abraveses Viseu	ICEN-487	2810±100	1125-832	Pedro 1995; Senna Martinez 1995 e 2000; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 93.
x			Monte da Santinha I Amares Braga	CSIC 1145	2800±33	998-903	Bettencourt 1999; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Cabanas Dume Braga	UTC 5661	2798+29	988-955 945-904	Bettencourt 1999 e 2000c, p. 206; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Monte da Santinha I Amares Braga	ICEN 1084	2793+53	1002-843	Bettencourt 1999; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Castelo de Matos Ovil Baião Porto	OXA-2146	2790±90	966-799	Queiroga-Figueiral 1992; Valinho 2003, 2, p. 96.
		x	Necrópole do Paranho 3 Molelos Tondela Viseu	GrN-22444	2790±60	1003-837	Cruz D.J. 1997 e 1999 e 2001; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 99.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1096	2789±42	990-954 946-895 876-856	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1192	2789±28	720-451	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Alto de Santa Ana Chaves Vila Real	ICEN 1039	2780±80	1005-830	Santos P.M. 1995; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Citânia de São Julião Ponte/ Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN 1277	2780±50	982-960 946-890 889-845	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 95.
		x	Senhora da Ouvida 11 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1354	2773±27	969-897	Cruz D.J.- Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.
x			Alto de Santa Ana Chaves Vila Real	ICEN 1036	2770±80	1002-828	Santos P.M. 1995; Valinho 2003, 2, p. 94.
		x	Senhora da Ouvida 12 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1356	2766±31	968-839	Cruz D.J.- Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 101.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1097	2763±41	924-838	Bettencourt 2000b, p. 101.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
		x	Senhora da Ouvida 12 Monteiras Castro Daire	CSIC-1250	2762±42	970-834	Cruz D.J.-Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.
x			Monte da Santinha I Amares Braga	CSIC 1085	2761±50	971-832	Bettencourt 1999; Valinho 2003, 2, p. 94.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN- 1280	2760±70	988-822	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
	x		Povoado de Canedotes Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-24845	2750±100	1002-805	López Sáez et alii 2000 e 2001; Cruz D.J. 2001, p. 210; Canha 2002, p. 167; Valinho 2003, 2, p. 91.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	GIF-7013	2750±60	930-820	Martins M. 1985, p. 216, 1986, p. 159-160, 1988b, p. 126 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 369; Bettencourt 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Castro de Barbudo Barbudo/Santiago/Moure Vila Verde Braga	CSIC-735	2750±60	971-828	Martins M. 1989a, p. 66 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 29; Queiroga 1992, 2,p. 368-369; Valinho 2003, 2, p. 96.
	x		Povoado de Canedotes Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-25827	2745±45	967-830	López Sáez et alii 2000 e 2001; Cruz D.J. 2001, p. 210; Canha 2002, p. 167; Valinho 2003, 2, p. 91.
x			Castro de Barbudo Barbudo/Santiago/Moure Vila Verde Braga	CSIC-735R	2740±50	967-928	Martins M. 1989a, p. 66 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 29; Queiroga 1992, p. 369-370; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castelo de Matos Ovil Baião Porto	OXA-1759	2730±70	969-811	Queiroga 1984 e 1992, p. 370; Figueiral-Queiroga 1988; Queiroga-Figueiral 1989 e 1992; Hedges et alii 1990, p. 225-226; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1082	2727±22	896-874 860-830	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Alto de Santa Ana Chaves Vila Real	ICEN 1037	2720±80	969-804	Santos P.M. 1995, p. 117; Valinho 2003, 2, p. 94.
	x		Bouça do Frade Baião Porto	CSIC-630	2720±70	906-817	Jorge S.O. 1985a, p. 160 e 1988; Queiroga 1992, p. 371.
	x		Povoado de Canedotes Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-24051	2720±60	918-811	López Sáez et alii 2000 e 2001; Cruz D.J. 2001, p. 210; Canha 2002, p. 167; Valinho 2003, 2, p. 91.
	x		Bouça do Frade Baião Porto	CSIC-631	2720±50	906-817	Jorge S.O. 1985a, p. 160 e 1988; Queiroga 1992, p. 370-371; Valinho 2003, 2, p. 97.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1191	2716±27	524-378	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
		x	Senhora de Ouvida 12 Monteiras Castro Daire Viseu	CSIC-1355	2716±27	898-827	Cruz D.J.- Vilaça 1999; Cruz D.J. 2001; Valinho 2003, 2, p. 100.
x			Castelo de Matos Ovil Baião Porto	OXA-2147	2710±90	969-800	Queiroga 1984 e 1992, 2, p. 371-372; Figueiral-Queiroga 1988; Queiroga-Figueiral 1989 e 1992; Hedges et alii 1990, p. 225-226; Valinho 2003, 2, p. 96.
	x		Bouça do Frade Baião Porto	CSIC-632	2710±50	902-810	Jorge S.O. 1985a, p. 160 e 1988; Queiroga 1992, p. 372; Valinho 2003, 2, p. 97.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1194	2706±27	513-374	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Citânia de São Julião Ponte/ Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1097	2703±41	970-834	Bettencourt 1999; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1183	2703±27	893-881 849-812	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castelo de Matos Ovil Baião Porto	OXA-2116	2700±90	1190-757	Queiroga 1984 e 1992, 2, p. 373; Figueiral-Queiroga 1988; Queiroga-Figueiral 1989; Hedges et alii 1990, p. 225-226.
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN- 27081	2700±60	902-803	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 79; Valinho 2003, 2, p. 92.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-23	2700±40	895-877 853-809	Martins M. 1988b, p. 126 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 372-373; Bettencourt 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 95.
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	CSIC-1626	2693±27	889-882 835-812	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 78; Valinho 2003, 2, p. 92.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1086	2688±61	899-801	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1282	2686 ± 43	893-804	Sanches 2001-02, p. 21.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1319	2682 ± 27	833-807	Sanches 2001-02, p. 21.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1023	2680±25	833-807	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
	x		Lavra Marco de Canaveses Porto	OXA 5434	2675±50	891-801	Cruz D.J. et alii 1998; Valinho 2003, 2, p. 97.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1142	2671±21	843-805	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1086	2688±61	896-873 863-803	Bettencourt 2000b, p. 101.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC 1021	2688±35	837-801	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1195	2686±28	494-360	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	UTC-5654	2668±39	840-799	Bettencourt 2000b, p. 101.
	x		Lavra Marco de Canaveses Porto	CSIC-824	2665±60	891-798	Queiroga 1992, p. 374; Sanches 1995; Valinho 2003, 2, p. 97.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	UTC-5655	2665±35	833-801	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	CSIC-1627	2664±32	830-802	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 78; Valinho 2003, 2, p. 92.
	x		Povoado de Canedotes Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-24844	2660±60	888-797	López Sáez et alii 2000 e 2001; Cruz D.J. 2001, p. 210; Canha 2002, p. 167; Valinho 2003, 2, p. 91.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN 829	2660±45	843-795	Bettencourt 1999 e 2000b, p. 101; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castro da Sr.ª da Guia Baiões S.Pedro do Sul Viseu	GrN-7484	2650±130	918-673	Kalb 1974-77; Eiroa 1980, p. 78; Soares-Cabral 1984, p. 179, 191; Carballo-Fábregas 1992, n.º 34; Queiroga 1992, p. 375-376; Senna Martinez 1995 e 2000; Senna Martínez-Pedro 2000b, p. 120; Valinho 2003, 2, p. 93.
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	GAK-11461	2650±120	1127-410	Queiroga 1985, p. 35-37 e 1992, 2, p. 375; Carballo-Fábregas 1992, n.º 32.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN- 24800	2650±110	902-778	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 78; Valinho 2003, 2, p. 92.
x			Castro de A Graña Toques A Coruña	GD-6074	2650±100	900-790	Carballo-Fábregas 1992, n.º7; Queiroga 1992, p. 376-377.
x			Castro de Barbudo Barbudo/Santiago/Moure Vila Verde Braga	ICEN-21	2650±40	829-799	Martins M. 1989a, p. 66 e 1990; Carballo-Fábregas 1992, n.º 29; Queiroga 1992, p. 374-375; Valinho 2003, 2, p. 96.
x			Castro de Penices Gondifelos V.N.Famalicão Braga	ICEN-467	2640±60	973-590	Queiroga 1992, p. 377.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-14589	2635±30	897-665	Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 377-378.
x			Castro de A Graña Toques A Coruña	GD-6068	2610±70	927-435	Carballo-Fábregas 1992, n.º 7; Queiroga 1992, p. 378.
x			Castro de Vermoim Vermoim V.N.Famalicão Braga	GAK-11462	2600±120	1007-410	Queiroga 1992, p. 378-379.
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-24801	2600±120	887-883 834-758 685-660 646-586 584-543	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 78; Valinho 2003, 2, p. 92.
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN-27080	2590±40	803-786	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 78-79; Valinho 2003, 2, p. 92.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-14588	2580±30	828-450	Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 379-380.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	ICEN-412	2570±40	829-446	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 380.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1020	2570±25	797-700	Bettencourt 2000b, p. 102.
x			Coto do Mosteiro Pontevedra	ICEN-411	2560±50	828-435	Carballo-Fábregas 1992, n.º 16; Queiroga 1992, p. 380-381.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-13706	2555±30	805-446	Peña Santos Santos 1987, p. 132; Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 381-382.
x			Castro de Romariz Romariz Santa Maria da Feira Aveiro	UGRA-203	2550±100	897-410	Silva A.C.F. 1986b, p. 40; Carballo-Fábregas 1992, nº 33; Queiroga 1992, p. 382.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	PA-88	2548±126	940-390	Aira et alii 1990, p. 82; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 382-383.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1184	2548±22	795-761 625-597 570-570	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1196	2544±26	342-183	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-13705	2540±30	800-415	Peña Santos Santos 1987, p. 132; Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 383.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1197	2538±27	340-177	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-1021	2530±130	802-504 438-426	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de Penices Gondifelos V.N.Famalicão Braga	ICEN-832	2530±45	790-758 679-650 650-547	Queiroga 1992, p. 383-385.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-830	2530±45	790-547	Bettencourt 2000b, p. 102.
x			Castro de Vila Cova-à-Coelheira Vila Nova de Paiva Viseu	GrN- 24799	2530±30	789-760 681-667 628-621 614-592 576-561	López Sáez et alii 2002-03, p. 162; Mendes S.M.L. 2003, p. 78; Valinho 2003, 2, p. 92.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1022	2520±25	774-759 675-659 640-551	Bettencourt 2000b, p. 102.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-13678	2515±30	794-435	Peña Santos Santos 1987, p. 131-132; Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 385.
x			Castro de Penarubia Orbazai Lugo	CSIC-358	2510±50	796-430	Arias Villas 1979, p. 617; Eiroa 1980, p. 77 e 1988, p. 118; Aira-Guitián 1985-86, p. 193; Carballo-Fábregas 1992, n.º 8; Queiroga 1992, p. 385-386.
x			Vasconcelos/ Monte do Castro Adaúfe Braga	UTC 4328	2504±36	792-754 691-535	Bettencourt 2000c, p. 286.
			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-816	2500±50	793-430	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 386-387; Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GrN-14134	2490±35	792-412	Aira et alii 1990, p. 82; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 387.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GrN-14132	2485±35	788-430	Aira et alii 1990, p. 82; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 387-388.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	GAK-11460	2480±120	896-360	Queiroga 1985, p. 35-37 e 1992, 2, p. 388; Carballo-Fábregas 1992, n.º 32.
x			Castro de Borneiro Cabana A Coruña	CSIC-83	2470±100	810-390	Eiroa 1973, p. 61, 1980, p. 76-77 e 1988, p. 112-113, 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 3; Queiroga 1992, p. 389.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1140	2457±36	757-680 546-471 567-417	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GrN-14133	2445±30	763-410	Aira et alii 1990, p. 82; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 389-390.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	UTC-5659	2443±35	752-703 532-411	Bettencourt 2000c, p. 245.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1212	2441±44	762-625 598-402	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Cidade de San Cibrán das Lás San Amaro/Punxín Orense	ICEN-410	2440±60	768-405	Carballo-Fábregas 1992, n.º 18; Queiroga 1992, p. 390.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	UTC-5660	2440±29	761-673 663-634 553-402	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	CSIC-1149	2435±30	751-732 528-408	Bettencourt 2000c, p. 245.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-14587	2435±30	762-408	Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 390-391.
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	ICEN-469	2420±50	764-401	Queiroga 1992, p. 391-392.
x			Castro de Penices Gondifelos V.N.Famalicão Braga	ICEN-831	2420±45	763-402	Queiroga 1992, p. 392.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1214	2406±44	761-672 663-632 555-390	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1198	2401±26		Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-690	2400±50	763-391	Eiroa 1988, p. 118; Hidalgo 1988-89, p. 90; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 392-393.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	CSIC-636	2390±50	762-390	Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 393-394.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1313	2390±32	753-700 527-390	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Castro de Penices Gondifelos V.N.Famalicão Braga	ICEN-833	2380±60	766-378	Queiroga 1992, p. 394.
x			Castromao Celanova Orense	CSIC-639	2370±50	757-457	Fariña Busto 1991, p. 54; Carballo-Fábregas 1992, n.º 22; Queiroga 1992, p. 394-395.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1310	2361±30	515-376	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	CSIC 1150	2357±30	436-413	Bettencourt 2000c, p. 245.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-1018	2350±80	753-697 533-356 289-247	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castelo de Matos Ovil Baião Porto	GIF-7718	2340±60	411(400)-388	Queiroga 1984 e 1992, 2, p. 396; Figueiral-Queiroga 1988; Queiroga-Figueiral 1989; Hedges et alii 1990, p. 226.
x			Castromao Celanova Orense	CSIC-639	2330±50	408-388	Fariña Busto 1991, p. 54; Carballo-Fábregas 1992, n.º 22; Queiroga 1992, p. 396-397.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-684	2330±50	757-457	Eiroa 1988, p. 118; Queiroga 1992, p. 397.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-689	2330±50	757-457	Hidalgo 1988-89, p. 90; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 397-398.
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	ICEN-470	2330±50	389-347 224-208 321-227	Queiroga 1992, p. 401-402.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1141	2316±17	395-383	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-11332	2310±120	710-111	Alvares Nuñez 1986, p. 61; Eiroa 1988; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 398-399.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1309	2307±29	403-356 292-241 225-210	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-815	2300±50	716-205	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 399; Carballo Arceo 2002, p. 347.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	GAK-11460	2480±120	896-360	Queiroga 1985, p. 35-37 e 1992, 2, p. 388; Carballo-Fábregas 1992, n.º 32.
x			Castro de Borneiro Cabana A Coruña	CSIC-83	2470±100	810-390	Eiroa 1973, p. 61, 1980, p. 76-77 e 1988, p. 112-113, 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 3; Queiroga 1992, p. 389.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1140	2457±36	757-680 546-471 567-417	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GrN-14133	2445±30	763-410	Aira et alii 1990, p. 82; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 389-390.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	UTC-5659	2443±35	752-703 532-411	Bettencourt 2000c, p. 245.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1212	2441±44	762-625 598-402	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Cidade de San Cibrán das Lás San Amaro/Punxín Orense	ICEN-410	2440±60	768-405	Carballo-Fábregas 1992, n.º 18; Queiroga 1992, p. 390.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	UTC-5660	2440±29	761-673 663-634 553-402	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	CSIC-1149	2435±30	751-732 528-408	Bettencourt 2000c, p. 245.
x			Castro de Torroso Mós Pontevedra	GrN-14587	2435±30	762-408	Carballo-Fábregas 1992, n.º 19; Queiroga 1992, p. 390-391.
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	ICEN-469	2420±50	764-401	Queiroga 1992, p. 391-392.
x			Castro de Penices Gondifelos V.N.Famalicão Braga	ICEN-831	2420±45	763-402	Queiroga 1992, p. 392.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1214	2406±44	761-672 663-632 555-390	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1198	2401±26		Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de Troña Pontareas Pontevedra	CSIC-690	2400±50	763-391	Eiroa 1988, p. 118; Hidalgo 1988-89, p. 90; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 392-393.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	CSIC-636	2390±50	762-390	Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 393-394.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1313	2390±32	753-700 527-390	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Castro de Penices Gondifelos V.N.Famalicão Braga	ICEN-833	2380±60	766-378	Queiroga 1992, p. 394.
x			Castromao Celanova Orense	CSIC-639	2370±50	757-457	Fariña Busto 1991, p. 54; Carballo-Fábregas 1992, n.º 22; Queiroga 1992, p. 394-395.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1310	2361±30	515-376	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	CSIC 1150	2357±30	436-413	Bettencourt 2000c, p. 245.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-1018	2350±80	753-697 533-356 289-247	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castelo de Matos Ovil Baião Porto	GIF-7718	2340±60	411(400)-388	Queiroga 1984 e 1992, 2, p. 396; Figueiral-Queiroga 1988; Queiroga-Figueiral 1989; Hedges et alii 1990, p. 226.
x			Castromao Celanova Orense	CSIC-639	2330±50	408-388	Fariña Busto 1991, p. 54; Carballo-Fábregas 1992, n.º 22; Queiroga 1992, p. 396-397.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-684	2330±50	757-457	Eiroa 1988, p. 118; Queiroga 1992, p. 397.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-689	2330±50	757-457	Hidalgo 1988-89, p. 90; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 397-398.
x			Castro das Ermidas Jesufrei V.N.Famalicão Braga	ICEN-470	2330±50	389-347 224-208 321-227	Queiroga 1992, p. 401-402.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1141	2316±17	395-383	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de Penalba Campo Lameiro Pontevedra	GAK-11332	2310±120	710-111	Alvares Nuñez 1986, p. 61; Eiroa 1988; Carballo-Fábregas 1992, n.º 15; Queiroga 1992, p. 398-399.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1309	2307±29	403-356 292-241 225-210	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-815	2300±50	716-205	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 399; Carballo Arceo 2002, p. 347.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1406	2284± 26	394-263	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Cortegada Silleda Pontevedra	CSIC-783	2280±50	428-336	Carballo-Fábregas 1992, n.º 12; Queiroga 1992, p. 399-400; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Castro de Cortegada Silleda Pontevedra	CSIC-780	2260±60	397-311	Carballo-Arceo 1989a; Carballo-Fábregas 1992, n.º 12; Queiroga 1992, p. 400-401; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1219	2260± 47	392-210	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1217	2257± 48	392-209	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Citânia de São Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	CSIC-1143	2253±29	377-355 293-232 227-209	Bettencourt 2000b, p. 103.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1211	2252±42	389-334 329-200	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.
x			Castromao Celanova Orense	CSIC-640	2250±50	461-176	Fariña Busto 1991, p. 54-55; Carballo-Fábregas 1992, n.º 22; Queiroga 1992, p. 401.
x			Castro das Orellas Silleda Pontevedra	CSIC-787	2230±69	406-113	Carballo Arceo 1989a; Carballo-Fábregas 1992, n.º 14; Queiroga 1992, p. 403.
x			Castro das Orelas Silleda Pontevedra	CSIC-787	2230±60		Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-688	2230±50	396-171	Hidalgo 1988-89, p. 90; Eiroa 1988, p. 118; Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21;
x			Castro de Recarea Coiro/Mazaricos A Coruña	CSIC-697	2230±50	396-174	Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 5; Queiroga 1992, p. 402-403.
x			Castro de Cortegada Silleda Pontevedra	CSIC-781	2220±60	399-123	Carballo-Arceo 1989a; Carballo-Fábrega 1992, n.º 12; Queiroga 1992, p. 403-404; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-819	2220±60	399-123	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 404; Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Monte Castro S. João de Rei Povoa de Lanhoso Braga	UTC-4784	2220±37	361-337 324-282 257-202	Bettencourt 2000c, p. 241.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1314	2214±32	369-192	Rubinos et alii 2002, p. 151-152.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Vermoim Vermoim V.N.Famalicão Braga	GAK-11459	2210±100	390-170	Queiroga 1992, p. 407-408.
x			Castro Montaz Silleda Pontevedra	CSIC-788	2210±50	393-131	Carballo-Fábregas 1992, n.º 13; Queiroga 1992, p. 405-406; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Facha Ponte de Lima Viana do Castelo	CSIC-500	2210±50	393-131	Almeida et alii 1982, p. 79; Carballo-Fábregas 1992, n.º 28; Queiroga 1992, p. 406.
x			Crastoeiro Campo Mondim de Basto Vila Real	ICEN-45	2210±45	381-172	Dinis A.P. 2001, p. 106, 147; Queiroga 1992, p. 407.
x			Citânia S.Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-30	2210±35	387-175	Martins M. 1988b, p. 126-127; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 406-407.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1311	2196±31	367-170	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de Borneiro Cabana A Coruña	GrN-16755	2185±20	360-173	Carballo-Fábregas 1992, n.º 3; Queiroga 1992, p. 408.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1210	2183±84	366-275 265-151 146-117	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Monte Castro S. João de Rei Póvoa de Lanhoso Braga	CSIC 1146	2183±27	355-294 209-174	Bettencourt 2000c, p. 241.
x			Castro de Cortegada Silleda Pontevedra	CSIC-784	2180±60	388-107	Carballo-Arceo 1989a; Carballo-Fábregas 1992, n.º 12; Queiroga 1992, p. 408-409; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Crastoeiro Campos Mondim de Bastos Vila Real	LY-4936	2175±40	381-119	Dinis A.P. 2001, p. 106, 148; Queiroga 1992, p. 409-410.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1213	2174±41	367-273 267-94 80-69	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1209	2173±35	364-277 263-99	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castro de Cortegada Silleda Pontevedra	CSIC-786	2170±60	393-96	Carballo-Arceo 1989a; Carballo-Fábregas 1992, n.º 12; Queiroga 1992, p. 410; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Castro Real Boimorto A Coruña	CSIC-731	2170±50	380-111	Carballo-Fábregas 1992, n.º 6; Queiroga 1992, p. 410-411.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Facha Ponte de Lima Viana do Castelo	CSIC-499	2160±50	361-91	Almeida et alii 1982, p. 79; Carballo-Fábregas 1992, n.º 28; Queiroga 1992, p. 411.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-692	2160±50	361-91	Hidalgo 1985b, p. 7, 1987, p. 35 e 1988-89, p. 90; Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 411-412.
x			Citânia de S.Julião Ponte/Coucieiro Vila Verde Braga	ICEN-29	2150±45	360-91	Martins M. 1988b, p. 126; Carballo-Fábregas 1992, n.º 30; Queiroga 1992, p. 412-413.
x			Castro de O Achadizo Boiro A Coruña	CSIC-1312	2144±28	347-316 203-57	Rubinos et alii 2002, p. 150-152.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-1042	2130±25		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro Montaz Silleda Pontevedra	CSIC-789	2120±50	358-40	Carballo-Fábregas 1992, n.º 13; Queiroga 1992, p. 413; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Castro de Fozara Ponteareas Pontevedra	CSIC-693	2120±50	358-40	Hidalgo-Rodríguez 1988, p. 137; Carballo-Fábregas 1992, n.º 20; Queiroga 1992, p. 413-414.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1281	2116± 40	198-57	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Fozara Ponteareas Pontevedra	CSIC-691	2110±50	356-1d.C.	Hidalgo-Rodríguez 1988, p. 137; Carballo-Fábregas 1992, n.º 20; Queiroga 1992, p. 414-415.
x			Castro de Fozara Ponteareas Pontevedra	CSIC-692	2110±50	356-1d.C.	Hidalgo-Rodríguez 1988, p. 137; Carballo-Fábregas 1992, n.º 20; Queiroga 1992, p. 415.
x			Castro de Borneiro Cabana A Coruña	GrN-15890	2095±20	202-71	Carballo-Fábregas 1992, n.º 3; Queiroga 1992, p. 415-416.
x			Castro de Cortegada Silleda Pontevedra	CSIC-782	2090±50	351-21d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 12; Queiroga 1992, p. 416-417; Carballo Arceo 2002, p. 348.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-817	2070±45	345-25d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 417; Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-877	2060±60		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro do Marco Silleda Pontevedra	CSIC-790	2050±50	339-53d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 10; Queiroga 1992, p. 418-419; Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1279	2045± 35	91-1d.C.	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Cartimil Silleda Pontevedra	CSIC-792	2040±40	172-51d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º11; Queiroga 1992, p. 418-419; Carballo Arceo 2002, p. 347.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-719	2030±50	174-68d.C.	Hidalgo 1988-89, p. 90; Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 420.
x			Castro do Marco Silleda Pontevedra	CSIC-791	2030±50	171-68d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 10; Queiroga 1992, p. 421; Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro Real Boimorto A Coruña	CSIC-729	2030±50	171-68d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 6; Queiroga 1992, p. 420-421.
x			Castro de Cameixa Boborás Orense	CSIC-743	2030±40	170-51d.C.	Fariña Busto 1991, p. 53; Carballo-Fábregas 1992, n.º 17; Queiroga 1992, p. 419-420.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-1040	2030±25		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro de Vixil Vilalba Lugo	CSIC-610	2020±50	172-73d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 4; Queiroga 1992, p. 422.
x			Castro de Vixil Vilalba Lugo	CSIC-611	2020±50	172-73d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 4; Queiroga 1992, p. 422-423.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-932	2020±25		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1405	2014± 26	44 a.C.-45d.C.	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-718	2010±50	171-79d.C.	Hidalgo 1988-89, p. 90; Eiroa 1988, p. 118; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 424-425.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-1107	1990±25		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-974	1990±20		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro de A Graña Toques A Coruña	GD- 5555	1980±50	159a.C.-128d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 7; Queiroga 1992, p. 425-426.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1320	1979± 32	45 a.C 117d.C.	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Cameixa Boborás Orense	CSIC-742	1970±50	105 a.C.-130d.C.	Fariña Busto 1991, p. 53; Carballo-Fábregas 1992, n.º 17; Queiroga 1992, p. 426.
x			Castelo de Matos Ovil Baião	GIF-7719	1970±60	168-133d.C.	Queiroga 1984 e 1992, p. 426-427; Figueiral-Queiroga 1988; Queiroga-Figueiral 1989; Hedges et alii 1990, p. 226.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-820	1965±45	92-127d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 427; Carballo Arceo 2002, p. 347.

C	A	S	Procedência	Referências Laboratoriais	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Referências Bibliográficas
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1215	1959± 47	17 a.C.-115d.C.	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1403	1954± 26	24-77d.C.	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1404	1951± 26	25-78	Sanches 2000-01, p. 21.
x			Castro Real Boimorto A Coruña	CSIC-730	1950±50	93-171d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 6; Queiroga 1992, p. 428.
x			Castro de Fazouro Foz Lugo	UBAR-117	1930±60	32-226d.C.	Barbi Alonso 1991, p. 321; Carballo-Fábregas 1992, n.º1; Queiroga 1992, p. 428-429.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-741	1930±45	90-216d.C.	Hidalgo 1988-89, p. 91; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 429.
x			Castro de Troña Ponteareas Pontevedra	CSIC-740	1920±45	88-222d.C.	Hidalgo 1988-89, p. 90; Carballo-Fábregas 1992, n.º 21; Queiroga 1992, p. 429-430.
x			Castro de Borneiro Cabana A Coruña	GrN-17042	1870±45	58d.C.-229d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 3; Queiroga 1992, p. 431-432.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-973	1860±20		Carballo Arceo 2002, p. 347.
x			Castro de Fazouro Foz Lugo	UBAR-118	1840±160	200-540d.C.	Barbi Alonso 1991, p. 321; Carballo-Fábregas 1992, n.º 1; Queiroga 1992, p. 432.
x			Castrovite A Estrada Pontevedra	CSIC-818	1830±50	65a.C.-535d.C.	Carballo-Fábregas 1992, n.º 9; Queiroga 1992, p. 432-433; Carballo Arceo 2002, p. 347
x			Castro de Palheiros Murça Vila Real	CSIC-1218	1782± 47	180-304 d.C.	Sanches 2000-01, p. 21.

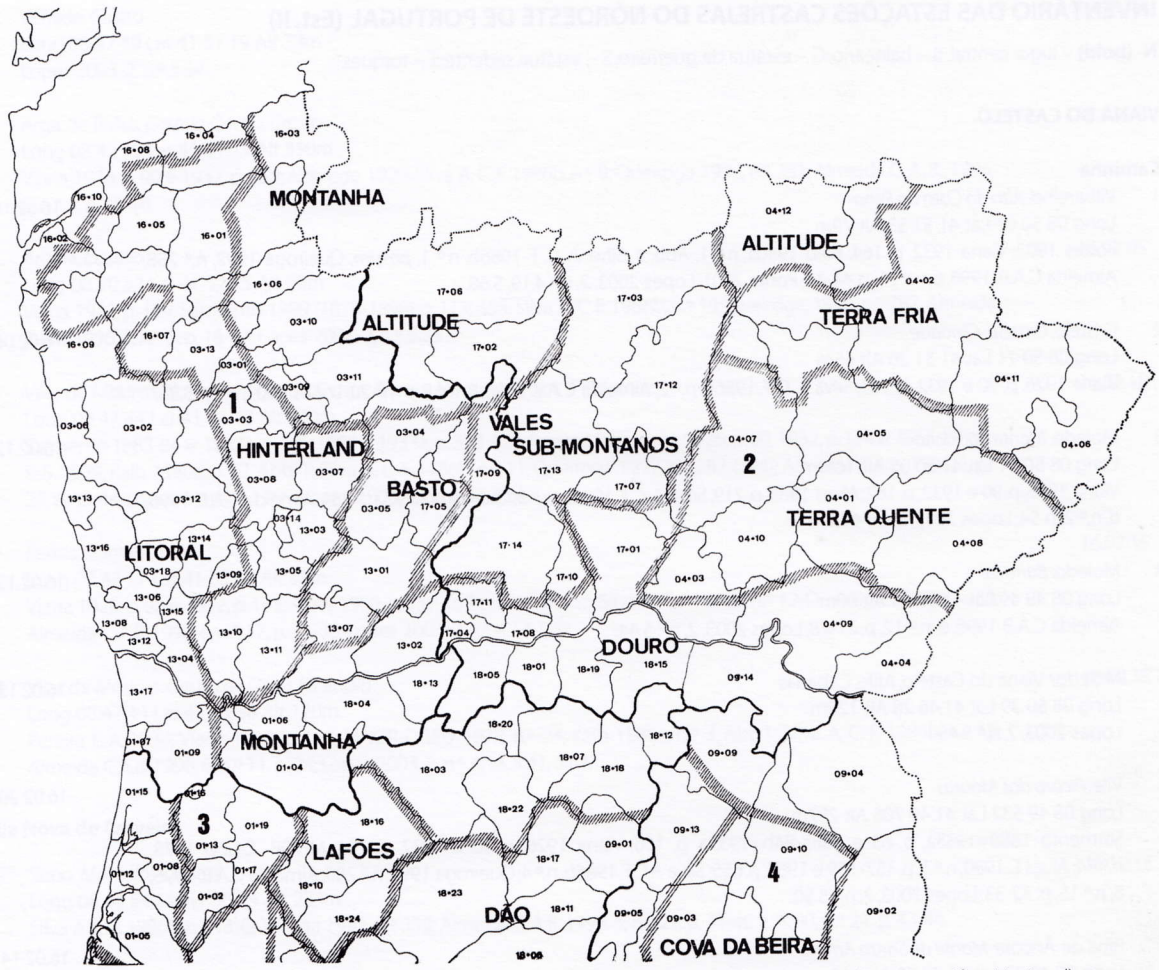


Fig. 9 – Carta regional do Norte de Portugal (nomenclatura segundo regiões-plano e Código Geográfico Nacional)

1 – Entre-Douro-e-Minho, 2 – Trás-os-Montes; 3 – Beira Litoral, 4 – Beira Interior

16. Viana do Castelo
- 01. Arcos de Valdevez
- 02. Caminha
- 03. Melgaço
- 04. Monção
- 05. Paredes de Coura
- 06. Ponte da Barca
- 07. Ponte de Lima
- 08. Valença
- 09. Viana do Castelo
- 10. V. N. Cerveira

03. Braga
- 01. Amares
- 02. Barcelos
- 03. Braga
- 04. Cabeceiras de Basto
- 05. Celorico de Basto
- 06. Esposende
- 07. Fafe
- 08. Guimarães
- 09. Póvoa de Lanhoso
- 10. Terras de Bouro
- 11. Vieira do Minho
- 12. V. N. Famalicão
- 13. Vila Verde
- 14. Vizela

13. Porto
- 01. Amarante
- 02. Baião
- 03. Felgueiras
- 04. Gondomar
- 05. Lousada
- 06. Maia
- 07. Marco de Canaveses
- 08. Matosinhos
- 09. Paços de Ferreira
- 10. Paredes
- 11. Penafiel
- 12. Porto
- 13. Póvoa de Varzim
- 14. Santo Tirso
- 15. Valongo
- 16. Vila do Conde
- 17. V. N. Gaia
- 18. Trofa

17. Vila Real
- 01. Alijó
- 02. Boticas
- 03. Chaves
- 04. Mesão Frio
- 05. Mondim de Basto
- 06. Montalegre
- 07. Murça
- 08. Peso da Régua
- 09. Ribeira da Pena
- 10. Sabrosa
- 11. Santa Marta de Penaguião
- 12. Valpaços
- 13. Vila Pouca de Aguiar
- 14. Vila Real

04. Bragança
- 01. Alfândega da Fé
- 02. Bragança
- 03. Carrazeda de Anciães
- 04. Freixo de Espada à Cinta
- 05. Macedo de Cavaleiros
- 06. Miranda do Douro
- 07. Mirandela
- 08. Mogadouro
- 09. Torre de Moncorvo
- 10. Vila Flor
- 11. Vimioso
- 12. Vinhais

01. Aveiro
- 01. Águeda
- 02. Albergaria-a-Velha
- 04. Arouca
- 05. Aveiro
- 06. Castelo de Paiva
- 07. Espinho
- 08. Estarreja
- 09. Feira
- 10. Ílhavo
- 12. Murtosa
- 13. Oliveira de Azeméis
- 15. Ovar
- 16. S. João da Madeira
- 17. Sever do Vouga
- 19. Vale de Cambra

18. Viseu
- 01. Armamar
- 03. Castro Daire
- 04. Cinfães
- 05. Lamego
- 06. Mangualde
- 07. Moimenta da Beira
- 10. Oliveira de Frades
- 11. Penalva do Castelo
- 12. Penedono
- 13. Resende
- 15. S. João da Pesqueira
- 16. S. Pedro do Sul
- 17. Sátão
- 18. Sernancelhe
- 19. Tabuaço
- 20. Tarouca
- 22. V. N. Paiva
- 23. Viseu
- 24. Vouzela

INVENTÁRIO DAS ESTAÇÕES CASTREJAS DO NOROESTE DE PORTUGAL (Est. II)

N (bold) – lugar central; B – balneário; G – estátua de guerreiro; S – estátua sedente; T – torques

VIANA DO CASTELO

Caminha

1 Vilharelho. *Alto do Coto da Pena* 16.02.19
Long 08 50 01 Lat 41 51 53 Alt 79m
Fortes 1902; Viana 1932, p. 164; Kalb 1980a, n.º 1, Abb. 1, Silva A. C. F. 1986b, n.º 1, *passim*; Queiroga 1992, n.º 288; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 21, p 44-48; Ponte 2001; Lopes 2003, 2, n.º 4.19, 5.68.

2 Cristelo. *Cristelo; Cividade* 16.02.08
Long 08 50 71 Lat 41 51 26 Alt 65m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 161; Silva A. C. F. 1986b, n.º 2; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 8, p 19-20; Lopes 2003, 2, n.º 5.36.

3 Moledo. *Monte do Facho* 16.02.12
Long 08 50 51 Lat 41 50 05 Alt 165m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 162; Alves 1985, p. 219; Silva A. C. F. 1986b, n.º 3; Queiroga 1992, n.º 284; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 2, p 54; Lopes 2003, 2, n.º 4.11.

4 Moledo. *Barroca* 16.02.12
Long 08 49 49 Lat 41 50 45 Alt 90m
Almeida C.A.B 1996, 6, n.º 12, p. 27-28; Lopes 2003, 2, n.º 5.44.

5 Moledo/ Viana do Castelo, Afife. Cabanas 16.02.12
Long 08 50 39 Lat 41 46 28 Alt 129m
Lopes 2003, 2, n.º 5.45.

6 Vile. *Picoto dos Mouros* 16.02.20
Long 08 49 532 Lat 41 49 706 Alt 287m
Sarmento 1880=1933a, p. 63 e 1883-84b=1933a, p. 166; Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 164; MHOP- DGPU 1978, n.º 74; Alves L. 1980, n.º 1, p. 157-159 e 1985, p. 655; Silva A.C.F. 1986b, n.º 4; Queiroga 1992, n.º 289; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 15, p. 32-33; Lopes 2003, 2, n.º 5.50.

7 Riba de Âncora. *Monte de Santo Amaro* 16.02.14
Long 08 49 30 Lat 41 48 32 Alt 115m
Sarmento 1999 (1879), p. 114, 153 e 1880 = 1933a, p. 63; Silva A. C. F. 1986b, n.º 5; Queiroga 1992, n.º 285; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 16, p. 33-34; Lopes 2003, 2, n.º 4.13, 5.49.

8 Âncora (Santa Maria) / Viana do Castelo, Afife. *Cividade / Suvidade* 16.02.17
B? Long 08 51 10 Lat 41 47 09 Alt 187m 16.09.01
Sarmento 1999 (1879), p. 109-110, 115, 142-143 e 1880 = 1933a, p. 63; Viana 1926, p. 90, 1932, p. 159, 1960-61 e 1963; Meira A. R. 1945; Cardozo *et alii* 1959; Cardozo 1959b, 1972, p. 178-179, 184; Hawkes 1971a e 1984; MHOP-DGPU 1978, n.º 47; Araújo I, 1980, p. 105; Silva A.C.F. 1986b, n.º 6, *passim*; Queiroga, 1992, n.º 290; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 1, p. 8-13; Lopes 2003, 2, n.º 5.62.

9 Âncora (Santa Maria) / Viana do Castelo, Afife. *Cútero* 16.09.01
Long 08 50 37 Lat 41 46 48 Alt 270m
Sarmento 1880, 1895, p. 23-95, 146, 1880 = 1933a, p. 63, 64, 1882-83 = 1933a, p. 81; Cartaillac É. 1886, p. 420; Figueiredo A. M. 1895/96, p. 143; Corrêa 1928, p. 143; Cardozo 1930, p. 18, 1935, p. 71, 1959b; Viana 1932, p. 159, 1961 e 1962, p. 79; Meira A. R. 1945, p. 29-31; Paço-Quesado 1956, p. 169-172; Hawkes 1971a; Alves L. 1980; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A.C.F. 1986b, n.º 7; Queiroga 1992, n.º 291; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 2, p. 13-15; Lopes 2003, 2, n.º4.4, 5.26.

10 Gondar. Sobreiro 16.02.10
Long 08 41 04 Lat 41 54 45 Alt 250m
Lopes 2003, 2, n.º 5.40.

11 Azevedo. Barrocas 16.02.06
Long 08 48 22 Lat 41 50 30 Alt 60m
Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 6, p. 17-18; Lopes 2003, 2, n.º 5.34.

12 Dem. *Alto do Crasto; Castro do Germano* 16.02.09
Long 08 46 01 Lat 41 49 42 Alt 318m
Alves L. 1980, p. 13 e 1985, n.º 296; Silva A. C. F.1986b, n.º 8; Queiroga 1992, n.º 283; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 9, p. 21-23; Lopes 2003, 2, n.º 5.37.

13 Venade. Castro 16.02.16
Long 08 47 49 Lat 41 51 19 Alt 33m
Lopes 2003, 2, n.º 5.54.

14 Arga de Baixo, *Castelo, Castro; Crasto* 16.02.02
Long 08 42 39 Lat 41 51 21 Alt 550m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 159; Azevedo 1929; Silva A. C. F. 1986b, n.º 9; Queiroga 1992, n.º 281; Almeida C. A. B., 1996, 6, n.º 3, p. 15-16.

15 Argela. *Castelo* 16.02.05
Long 08 20 32 Lat 41 52 15 Alt 60m
Viana 1932, p. 159; Sarmento 1999 (1878-1898) p. 111, 358; Silva A. C. F. 1986b, n.º 10; Queiroga, 1992, n.º 282; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 5, p. 16-17; Lopes 2003, 2, n.º 5.33.

16 Vilar de Mouros. *Nossa Senhora do Crasto; Castro, Monte de Góios* (Pequeno) 16.02.18
Long 08 47 44 Lat 41 53 48 Alt 130m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 165, *1888* = 1933a, p. 323-324; Fortes 1905; Viana 1926, p. 90, 1932, p. 164 e 1955d; Pinto R. S. 1929; Kalb 1980a, n.º 2, Abb. 1; Silva A. C. F. 1986b, n.º 11; Queiroga 1992, n.º 287 (394); Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 20, p. 43-44; Lopes-Martins 1999; Lopes 2003, 2, n.º 4.17, 5.66.

17 Seixas. *Gurito; Cruito* 16.02.15
Long 08 48 17 Lat 41 53 38 Alt 35m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Alves 1980, p. 157-159 e 1985, p. 655; Silva A. C. F.1986b, n.º 12; Queiroga 1992, n.º 286; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 17, p. 34-36; Lopes 2003, 2, n.º 4.14, 5.51.

18 Vilar de Mouros. *Castro de Góios* (Grande) 16.02.18
Long 08 47 44 Lat 41 53 38 Alt 120m
Pereira F. A. 1930; Viana 1932, p. 162; MHOP-DGPU 1978, n.º 74; Kalb 1980a, n.º 3, Abb.1; Silva A. C. F. 1986b, n.º 15; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 11, p. 24; Lopes 2003, 2, n.º 4.18, 5.41, 5.64.

Vila Nova de Cerveira

19 Sopo. *Mata dos Crastos* 16.10.13
Long 08 44 54 Lat 41 56 25 Alt 224m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 13; Queiroga 1992, n.º 399; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 21, p. 44-46 e 2000, n.º 21, p. 43-44.

20 Covas. *Santa Luzia* 16.10.04
Long 08 42 04 Lat 41 52 45 Alt 118m
Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 6, p. 23-25 e 2000, n.º 6, p. 26-28.

21 Covas. *Torre; Torre Alta; Castro da Torre* 16.10.04
Long 08 41 21 Lat 41 53 43 Alt 169m
Viana 1932, p. 161; MHOP-DGPU 1978, n.º 75; Silva A.C.F. 1986b, n.º 14; Queiroga 1992, n.º 393; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 5, p. 21-23 e 2000, n.º 5, p. 24-25; Lopes 2003, 2, n.º 5.255.

22 Covas. *Pagade* 16.10.04
Long 08 40 49 Lat 41 53 02 Alt 160m
Ameida C.A.B. 1996, 5, n.º 4, p. 20-21 e 2000, n.º 3, p. 22-23.

23 Covas. *Cividade* 16.10.04
Long 08 40 44 Lat 41 57 15 Alt 62m
Almeida C.A.B. 2000, n.º 3, p. 22-23.

24 Covas. *Castro; Pias* 16.10.04
Long 08 40 49 Lat 41 53 02 Alt 160m
Lopes 2003, 2, n.º 5.254.

25 Gondar. *Sobreiro. S. João* 16.10.05
Long 08 41 04 Lat 41 54 45 Alt 250m
Almeida C.A.B 1996, 5, n.º 8, p. 27-29 e 2000, n.º 8, p. 29-30; Lopes 2003, 2, n.º 5.259.

26 Gondarém. *Monte do Crasto* 16.10.06
Long 08 46 07 Lat 41 54 48 Alt 121m
Viana 1932, p. 11-14; Silva A.C.F. 1986b, n.º 16; Queiroga 1992, n.º 395; Almeida C.A.B.1996, 5, n.º 11, p. 31-33 e 2000, n.º 11, p. 32-33.

27 Vila Nova de Cerveira. *Castro de Cerveira; Monte do Espírito Santo* 16.10.15
Long 08 44 54 Lat 41 56 25 Alt 224m
Sarmento 1933a, p. 166; Pereira F. A. 1956; Silva A. C. F. 1986b, n.º 17; Queiroga 1992, n.º 400; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 24, p. 47-50 e 2000, n.º 24, p. 45-47; Lopes 2003, 2, n.º 5.263.

28 Lovelhe. Breia, Candemil; *Monte do Forte* 16.10.02
Long 08 44 26 Lat 41 57 02 Alt 46m
Viana 1932, p. 162; MHOP-DGPU 1978, n.º 88; Silva A. C. F.1986b, n.º 18; Queiroga 1992, n.º 396; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 25, p. 51-275 e 2000, n.º 12, p. 48-179 ; Lopes 2003, 2, n.º 5.252.
16.10.08

29 Reboreda. *Castro da Ratoeira* 16.10.11
Long 08 43 38 Lat 41 57 22 Alt 50m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; MHOP-DGPU 1978, n.º 88; Silva A.C.F. 1986b, n.º 19; Queiroga 1992, n.º 398; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 16, p. 37-39 e 2000, n.º 16, p. 38-39; Lopes 2003, 2, n.º 5.265.

30 Cornes. *Cividade; Quelha dos Mouros* 16.10.03
Long 08 43 39 Lat 41 57 22 Alt 50m
Araújo I. 1980, p. 103; Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 161; Silva A. C. F.1986b, n.º 21; Queiroga 1992, n.º 392; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 1, p. 19; Lopes 2003, 2, n.º 5.253.

31 Candemil. *Monte do Castro* 16.10.02
Long 08 41 09 Lat 41 56 05 Alt 287m
MHOP-DGPU 1978, n.º 84; Silva A. C. F 1986, n.º 22; Queiroga 1992, n.º 391; Lopes 2003, 2, n.º 5.251, 5.248.

32 Mentrestido. *Crasto* 16.10.09
Long 08 41 58 Lat 41 54 08 Alt 253m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 162; MHOP-DGPU 1978, n.º 77; Silva A. C. F. 1986b, n.º 23; Queiroga 1992, n.º 397; Oliveira 1994; Almeida C.A.B. 1996, 5, n.º 15, p. 34 e 2000, n.º 15, p. 35-37.

Valença

33 Silva. *Outeiro de Madorra* 16.08.13
Long 08 39 10 Lat 41 57 17 Alt 50m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 164; Oliveira A. L. 1978, p. 24, 41, 43; Silva A. C. F. 1986b, n.º 24; Queiroga 1992, n.º 410; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 21, p. 47-49; Lopes 2003, 2, n.º 5.188.

34 Silva. *São Sebastião* 16.08.13
Long 08 39 51 Lat 41 56 27 Alt 250m
Queiroga 1992, n.º 411; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 17, p. 43; Lopes 2003, 2, n.º 5.189.

35 S. Pedro da Torre. *Crastos* 16.08.12
Long 08 39 34 Lat 41 59 30 Alt 30m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Oliveira A. L. 1978, p. 23, 40, 41; Silva A. C. F. 1986b, n.º 25; Queiroga 1992, n.º 408; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 18, p. 44-45; Lopes 2003, 2, n.º 5.187.

36 Fontoura. *Monte do Grove* 16.08.05
Long 08 37 59 Lat 41 57 06 Alt 80m
Viana 1932, p. 161; Oliveira A. L. 1978, p. 24, 32; Silva A. C. F. 1986b, n.º 26; Queiroga 1992, n.º 404; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 6, p. 18-21; Lopes 2003, 2, n.º 5.181.

37 Cerdal. *Crasto* 16.08.03
Long 08 35 34 Lat 41 58 45 Alt 220m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Oliveira A. L. 1978, p. 23, 24, 30; Silva A. C. F. 1986b, n.º 27; Queiroga 1992, n.º 403; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 3, p. 12-13; Lopes 2003, 2, n.º 5.180.

38 Cerdal. *Paços* 16.08.03
Long 08 38 04 Lat 41 58 30 Alt 50m
Leal-Ferreira, 2, 1874, p. 245; Vieira, 1, 1886, p. 109; Almeida C.A.B 1996, 6, n.º 4; p. 13-15.

39 Cerdal. *Bacelar* 16.08.03
Long 08 36 02 Lat 41 59 10 Alt 140m
Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 5, p. 16-18.

40 Arão. *Eirado* 16.08.01
Long 08 39 31 Lat 42 01 26 Alt 25m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 159; Oliveira A. L. 1978, p. 26; Silva A. C. F. 1986b, n.º 28; Queiroga 1992, n.º 401; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 1, p. 10-11; Lopes 2003, 2, n.º 5.178.

41 Gandra. *Crestos* 16.08.07
Long 08 36 44 Lat 42 01 00 Alt 178m
Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 12, p. 29-31.

42 Ganfei. *Crasto; Cristelo* 16.08.08
Long 08 37 04 Lat 42 02 11 Alt 90m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Oliveira A. L. 1978, p. 23, 24; Silva A. C. F. 1986b, n.º 29; Queiroga 1992, n.º 406; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 14, p. 32-34; Lopes 2003, 2, n.º 5.183.

43 Verdoejo. *Eirado* 16.08.16
Long 08 35 46 Lat 42 02 18 Alt 183
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 164; Oliveira A. L. 1978, p. 47; Silva A. C. F. 1986b, n.º 30; Queiroga 1992, n.º 412; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 24, p. 54-55; Lopes 2003, 2, n.º5. 190.

44 Sanfins. *Eiras* 16.08.10
Long 08 34 26 Lat 42 01 32 Alt 175m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Oliveira A. L. 1978, p. 24; Silva A. C. F. 1986b, n.º 31; Queiroga 1992, n.º 409; Lopes 2003, 2, n.º 5.186.

45 Friestas. *Eirado* 16.08.06
Long 08 34 05 Lat 42 02 44 Alt 60m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Oliveira A. L. 1978, p. 23; Silva A. C. F. 1986b; n.º 32; Queiroga 1992, n.º 405; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 9, p. 27; Lopes 2003, 2, n.º 5.182.

46 Friestas. *Quinta do Crasto* 16.08.06
Long 08 33 27 Lat 42 02 56 Alt 24m
Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 10, p. 28-29.

47 Gondomil. *Crasto* 16.08.09
Long 08 33 05 Lat 42 01 40 Alt 56m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 162; Oliveira A. L. 1978, p. 23, 24, 35; Almeida C. A. B. 1984; Silva A. C. F. 1986b, n.º 33; Almeida C. A. B.- Abreu 1987, p. 198; Queiroga 1992, n.º 407; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 16, p. 36-42; Lopes 2003, 2, n.º 5.184.

48 Boivão. *Castelo da Furna* 16.08.02
Long 08 32 57 Lat 41 59 22 Alt 608m
Guerra 1900b; Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 160; Monteagudo 1977, n.º 1740; Oliveira A. L. 1978, p. 23, 28; Kalb 1980a, n.º 5, Abb. 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 34; Queiroga 1992, n.º 401; Lopes 2003, 2, n.º 4.41, 5.179.

Monção

49 Lara. *Monte Crasto* 16.04.10
Long 08 31 22 Lat 42 01 15 Alt 209m
Marques J. A. T. M. 1984, n.º 10; Silva A. C. F. 1986b, n.º 35; Queiroga 1992, n.º 302; Lopes 2003, 2, n.º 5.81.

50 Abedim. *Castelo da Pena da Rainha* 16.04.01
Long 08 31 00 Lat 41 59 24 Alt 472m
Guerra 1900b; Viana 1932, p. 158; Veiga 1941, p. 9-186; Marques J. A. T. M. 1984, n.º 11; Silva A. C. F. 1986b, n.º 36; Queiroga 1992, n.º 295; Lopes 2003, 2, n.º 5.74.

51 Monção / Troviscoso. *Monte Redondo* 16.04.17
Long 08 27 35 Lat 42 04 12 Alt 73m 16.04.30
Viana 1932, p. 164; Cortez 1945; Dias M. 1984; Marques J. A. T. M. 1984, n.º 13; Silva A. C. F 1986b, n.º 37; Queiroga 1992, n.º 305; Lopes 2003, 2, n.º 4.28, 5. 84.

52 Troviscoso. *Cristelo* 16.04.30
Long 08 26 55 Lat 42 04 02 Alt 78m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 164; Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 12; Silva A. C. F. 1986b, n.º 38; Queiroga 1992, n.º 315; Lopes 2003, 2, n.º 5.93.

53 Cambeses / Sago. *Crasto; Monte Castro; Senhora da Boa Morte* — 16.04.07, 16.04.26
Long 08 27 35 Lat 42 02 45 Alt 247m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 5; Silva A. C. F. 1986b, n.º 39; Queiroga 1992, n.º 300; Lopes 2003, 2, n.º 5.80.

54 Trute. *Couto de Trute* — 16.04.31
Long 08 27 42 Lat 41 59 45 Alt 425m
Marques J.A.T.M. 1987a, p. 96; Queiroga 1992, n.º316; Lopes 2003, 2, n.º 5.94.

55 Longosvales. *Crasto de S. Caetano* — 16.04.11
Long 08 26 33 Lat 42 02 15 Alt 342m
Vasconcellos 1902c; Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 162; Viana - Neves 1959; Caldas 1975, p. 22-23; Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 6; Silva A. C. F. 1986b, n.º 40; Queiroga 1992, n.º 303; Lopes 2003, 2, n.º 5.82.

56 Merufe. *Bustavade* — 16.04.15
Long 08 25 15 Lat 42 01 05 Alt 754m
Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 14; Silva A. C. F. 1986b, n.º 41; Queiroga 1992, n.º 304; Lopes 2003, 2, n.º 5.83.

57 Anhões. *Cividade* — 16.04.02
Long 08 26 44 Lat 41 59 53 Alt 453m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 159; Araújo I. 1980, p. 103; Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 1; Silva A. C. F. 1986b, n.º 42; Queiroga 1992, n.º 296; Lopes 2003, 2, n.º 5.75.

58 Anhões. *Mendoiro* — 16.04.02
Long 08 24 30 Lat 41 58 52 Alt 794m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 159; Moita 1971; Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 43; Queiroga 1992, n.º 297; Lopes 2003, 2, n.º 5.76.

59 Barbeita. *Monte da Assunção* — 16.04.04
Long 08 24 23 Lat 42 03 21 Alt 265m
Nunes H. B. 1973; Marques J. A. T. M. 1982, 1984a, n.º 4, 1984c e 1985a; Silva A. C. F. 1986b, n.º 44; Queiroga 1992, n.º 299; Lopes 2003, 2, n.º 4.26, 5.78.

60 Badim / Sá. *Castro da Senhora da Graça* — 16.04.03, 16.04.25
Long 08 21 34 Lat 42 03 45 Alt 315m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Marques J. A. T. M. 1983 e 1984a, n.º 3 e 1985b; Silva A. C. F. 1986b, n.º 45; Queiroga 1992, n.º 298; Lopes 2003, 2, n.º 4.25, 5.77.

61 Podame/ Tangil. *Monte da Senhora da Vista* — 16.04.22, 16.04.28
Long 08 22 21 Lat 42 01 40 Alt 244m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 164; Marques J.A.T. M. 1984a, n.º 9; Silva A.C.F. 1986b, n.º 46; Queiroga 1992, n.º 308; Lopes 2003, 2, n.º 5.91.

62 Tangil. *Crastelo* — 16.04.28
Long 08 21 22 Lat 42 01 24 Alt 128m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 164; Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 8; Silva A. C. F. 1986b, n.º 47; Queiroga 1992, n.º 314; Lopes 2003, 2, n.º 5.92.

63 Riba de Mouro. *Cividade* — 16.04.24
Long 08 20 01 Lat 42 02 14 Alt 259m
Marques J. A. T. M. 1984a, n.º 7; Silva A. C. F. 1986b, n.º 48; Queiroga 1992, n.º 310; Lopes 2003, 2, n.º 5.87.

64 Riba de Mouro. *Quintenda* — 16.04.24
Long 08 20 34 Lat 42 02 51 Alt 500m
Marques J.A.T.M. 1987a, p. 93; Queiroga 1992, n.º 311; Lopes 2003, 2, n.º 5.88.

65 Riba de Mouro. *Cotos Aguçados* — 16.04.24
Long 08 21 30 Lat 41 59 00 Alt 585m
Marques J.A.T.M. 1987a, p. 99; Queiroga 1992, n.º 301, Lopes 2003, 2, n.º 5.89.

66 Riba de Mouro. *Coroa* — 16.04.24
Long 08 18 34 Lat 42 00 51 Alt 925m
Marques J.A.T.M. 1987a, p. 98; Queiroga 1992, n.º 309; Lopes 2003, 2, n.º 5. 90.

Melgaço

67 Penso. *Crasto* 16.03.13
Long 08 19 05 Lat 42 04 48 Alt 252m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Silva A. C. F. 1986b, n.º 49; Queiroga 1992, n.º 293; Lopes 2003, 2, n.º 4.22, 5.72.

68 Paderne. *Cividade* 16.03.11
G Long 08 16 49 Lat 42 05 58 Alt 159m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Vasconcellos 1934, p. 45-49; Pintor 1975, p. 123; Araújo I. 1980, p. 105; Silva A. C. F. 1986b, n.º 50; Queiroga 1992, n.º 292; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 38, p. 53; Lopes 2003, 2, n.º 5.71.

69 Roussas. *Crasto; Eira* 16.03.16
Long 08 14 21 Lat 42 06 23 Alt 386m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Neves 1962; Monteagudo 1977 n.º 1092, 1097, 1132, 1490 e 1567a; Kalb 1980a; Coffyn 1983 e 1985, n.º 141; Silva A. C. F. 1986b, n.º 51; Queiroga 1992, n.º 294; Lopes 2003, 2, n.º 4.24.

70 Castro Laboreiro. *Castelo* 16.03.02
Long 08 58 30 Lat 42 01 18 Alt 1033m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Pintor 1975, p. 123; Silva A. C. F. 1986b, n.º 52.

Paredes de Coura

71 Insalde. *Castro* 16.05.11
Long 08 35 50 Lat 41 56 57 Alt 538m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 162; Oliveira A. L. 1976, p. 32; Monteagudo 1977; Silva A. C. F 1986b, n.º 53; Queiroga 1992, n.º 326; Lopes 2003, 2, n.º 4.33, 5.104.

72 Insalde. *Castelinho* 16.05.11
Long 08 31 08 Lat 41 56 35 Alt 513m
Oliveira A. L. 1976, p. 32; Silva A. C. F. 1986b, n.º 54; Queiroga 1992, n.º 325; Silva M.F.M. 1994a, p. 483; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 28, p. 42-44; Lopes 2003, 2, n.º 5.105.

73 Cossourado / Castanheira. *Monte da Cividade* 16.05.03
Long 08 38 05 Lat 41 54 52 Alt 376m 16.05.04
Sarmento 1999 (1879, 1881), p. 127, 210; Cunha N. C. A. 1979 (1909), p. 131-132; Pereira F. A. 1924, p. 251; Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Cunha A. R. 1956; Oliveira A. L. 1976; MHOP-DGPU 1978, n.º 81; Araújo J. R. 1985, p. 230; Silva A. C. F. 1986b, n.º 55; Queiroga 1992, n.º 318; Silva M.F.M. 1994a, p. 483-499; Almeida C. A. B. 1996, 6, n.º 7, p. 15-16; Lopes 2003, 2, n.º 5.96.

74 Linhares. *Castro de Bruzendes* 16.05.12
Long 08 36 15 Lat 41 55 39 Alt 336m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 162; Oliveira A. L. 1976; Cunha N. C. A. 1979, p. 131, 133; Silva A. C. F. 1986b, n.º 56; Araújo J.Ro 1985, p. 230; Silva M.F.M. 1994a, p. 45-46; Almeida C. A. B. 1996, 6, n.º 30, p. 45; Lopes 2003, 2, n.º 5.106.

75 Linhares. *Ferreira; Monte da Modorra* 16.05.12
Long 08 36 16 Lat 41 55 55 Alt 351m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 162; Oliveira A. L. 1976, p. 33; Silva A. C. F. 1986b, n.º 57; Queiroga 1992, n.º 328; Silva M.F.M. 1994a, p. 483; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 16, p. 29-30; Lopes 2003, 2, n.º 5.107.

76 Linhares. *Crastinho* 16.05.12
Long 08 36 42 Lat 41 55 34 Alt 285m
Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 31, p. 46-47.

77 Formariz. *Castelo* 16.05.09
Long 08 33 33 Lat 41 56 20 Alt 603m
Cunha N. C. A. 1979 (1909), p. 131; Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Oliveira A. L. 1976; Kalb 1980a, n.º 4, Abb. 1; Silva A. C. F. 1986b, n.º 58; Queiroga 1992, n.º 323; Silva M.F.M. 1994a, p. 482; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 21, p. 34-37; Lopes 2003, 2, n.º 4.32, 5.101.

78 Moselos. *Eira do Cabo* 16.05.13
Long 08 33 34 Lat 41 55 12 Alt 360m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 162; Oliveira A. L. 1976, p. 34; Silva A. C. F. 1986b, n.º 59; Queiroga 1992, n.º 329; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 33, p. 49-50; Lopes 2003, 2, n.º 5.108.

79 Infesta. *Cidade de Pedrauca* 16.05.10
Long 08 36 18 Lat 41 54 26 Alt 365m
Oliveira A. L. 1976, p. 30-31; Silva A. C. F. 1986b, n.º 60; Queiroga 1992, n.º 324; Lopes 2003, 2, n.º 5.103.

80 Rubiães. *Crasto*
Long 08 37 49 Lat 41 53 58 Alt 179m
Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 42, p. 59-62.

81 Cunha. *Cidade* 16.05.07
Long 08 36 26 Lat 41 53 23 Alt 409m
Oliveira A. L. 1976, p. 24; Silva A. C. F. 1986b, n.º 61; Queiroga 1992, n.º 322; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 12, p. 23-25; Lopes 2003, 2, n.º 5.100.

82 Coura. *Castro de S. Martinho* 16.05.05
Long 08 39 46 Lat 41 52 27 Alt 325m
Cunha N. A. C. 1979 (1909), p. 131; Oliveira A. L. 1976, p. 22-23; MHOP-DGPU 1978, n.º 76; Silva A. C. F. 1986b, n.º 62; Queiroga 1992, n.º 319; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 50, p. 81-82; Lopes 2003, 2, n.º 5.97.

83 Coura. *Bustarenga; Castro* 16.05.05
Long 00 29 03 Lat 41 51 44 Alt 221m
Cunha N.A.C. 1979 (1909), p. 132-133; Silva M.F.M. 1994a, p. 484-489; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 51, p. 83-84.

84 Coura. *Madorra* 16.05.05
Long 08 38 22 Lat 41 53 26 Alt 201m
Pereira F. A. 1929, p. 1; Oliveira A. L. 1976, p. 23; Silva A. C. F. 1986b, n.º 63; Queiroga 1992, n.º 320; Lopes 2003, 2, n.º 5.96.

85 Cristelo. *Cristelo* 16.05.06
Long 08 32 Lat 41 54 21 14 Alt 491m
Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 161; Oliveira A. L. 1976, p. 23; Silva A. C. F. 1986b, n.º 64; Queiroga 1992, n.º 321; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 9, p. 17-20; Lopes 2003, 2, n.º 5.99.

86 Bico. *Castro* 16.05.02
Long 08 21 20 Lat 41 53 27 Alt 540m
Viana 1926, p. 89; Oliveira A. L. 1976, p. 18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 65; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 3, p. 12-13; Lopes 2003, 2, n.º 5.95.

87 Romarigães. *Cidade Murada* 16.05.19
Long 08 36 16 Lat 41 52 12 Alt 280m
Cunha N. C. A. 1979 (1909), p. 131-133; Viana 1926, p. 89 e 1932, p. 163; Oliveira A. L. 1976, p. 42-43, 96; Silva A. C. F. 1986b, n.º 66; Silva M.F.M. 1994a, p. 483 e 1994b, p. 281-302; Almeida C.A.B. 1996, 6, n.º 38, p. 53-57; Queiroga 1992, n.º 330; Lopes 2003, 2, n.º 5.109.

Viana do Castelo

88 Afife. *Castro de Santo António* 16.09.01
Long 08 16 21 Lat 41 46 48 Alt 68m
Sarmento 1999 (1879), p. 94, 383; Viana 1932, p. 159, 1937, 1953 e 1955c, p. 88; Meira 1945, p. 26-29; Paço-Quesado 1956, p. 173-174; Neves 1965, n.º 4; MHOP-DGPU 1978, n.º 46; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 67 e 74 (Cer. 74), 81 (Cer. 81), 205 (M. fund. 14); Queiroga 1992, n.º 414; Almeida C.A.B. 1996, 2, n.º 2, p. 22-23; Lopes 2003, 2, n.º 5.191.

89 Afife. *Agrichousa* 16.09.01
Long 08 17 23 Lat 41 46 25 Alt 140m
Sarmento 1999 (1879), p. 108; Viana 1932, p. 159; Meira 1945, p. 29-30; Quesado 1955, p. 4; Paço - Quesado 1956, p. 172; Neves 1965, n.º 3; Silva A. C. F. 1986b, n.º 68; Queiroga 1992, n.º 413; Almeida C. A. B. 1996, 2, n.º 1, p. 21; Lopes 2003, 2, n.º 5.193.

90 Afife. *Monte do Castro* 16.09.01
Long 08 17 36 Lat 41 46 18 Alt 160m
Sarmento 1999 (1879), p. 94; Meira 1945, p. 29-30; Paço - Quesado 1956, p. 173; Silva A. C. F. 1986b, n.º 69; Queiroga 1992, n.º 415; Almeida C. A. B. 1996, 2, n.º 3, p 28-29; Lopes 2003, 2, n.º 5.192.

91 Carreço. *Montedor; Monte da Gândara* 16.09.08
Long 08 15 47 Lat 41 44 59 Alt 75m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 154-167 e 1960-61, p. 247-270; Sarmento 1932, p. 168; Moreira 1982, 6, p. 31-96; Silva A. C. F. 1986b, n.º 70; Almeida C. A. B. 1990, p. 220-222 e 1996, 2, n.º 21, p. 59-62; Queiroga 1992, n.º 422; Lopes 2003, 2, n.º 5.205.

92 Carreço. *Croa; Castros Velhos* 16.09.084
Long 08 16 27 Lat 41 44 52 Alt 112m
Viana 1932, p. 154-167 e 1960-61, p. 247-270; Paço-Quesado 1956, p. 168-179; Neves 1965, n.º 8, p. 172-180; Silva A. C. F. 1986b, n.º 71; Alves 1989, p. 24; Queiroga 1992, n.º 421; Almeida C.A.B. 1996, 2, n.º 20, p. 57-59; Lopes 2003, 2, n.º 5.207.

93 Areosa. *Castro do Pego* 16.09.05
Long 08 17 05 Lat 41 43 22 Alt 160m
Guerra 1909, p. 59-60; Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 154 167 e 1962, p. 81; Paço - Quesado 1956; Neves 1965, n.º 9; MHOP-DGPU 1978, n.º 29; Sarmento 1993, p. 168 e 1999; Silva A. C. F. 1986b, n.º 72; Almeida C. A. B. 1990, p. 223-224 e 1996, 2, n.º 13, p. 46-49; Queiroga 1992, n.º 419; Lopes 2003, 2, n.º 5.202.

94 Areosa/ Perre. *Cidade Velha/ Citânia de Santa Luzia* 16.09.05 16.09.26
Long 08 18 00 Lat 41 42 10 Alt 226m
Sarmento 1999 (1879), p. 105-106, 117, 119; Caldas 1884, p. 333-335; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 280, 380, 1902a, 1903a e 1913 (RL, 3), p. 508; Bellino 1902; Fortes 1905-08a; Pereira F. A. 1910, p. 14 e 1914, p. 11-14; Viana 1932, p. 164, 1955a e 1962; Viana - Oliveira 1954 e 1955; MHOP-DGPU 1978, n.º 25; Kalb 1980a, n.º 7, Abb. 2; Ponte 1981, p. 149-152; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 73, *passim*; Almeida C. A. B. 1990, p. 224-239 e 1996, 2, n.º 86, p. 167-221; Queiroga 1992, n.º 439; Calo Lourido 1994; Ponte 2001; Lopes 2003, 2, n.º 5.200.

95 Santa Maria Maior (Viana do Castelo). *Capela das Almas* 16.09.31
Long 08 49 45 Lat 41 41 04 Alt 5m
Almeida C. A. B. 1990, p. 241-242 e 1996, 2, n.º 87, p. 221-222; Queiroga 1992, n.º 441; Lopes 2003, 2, n.º 5.238.

96 Perre. *Monte do Calvário* 16.09.26
Long 08 21 20 Lat 41 43 23 Alt 53m
Azevedo P. A. 1901; Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Corrêa 1928, p. 188; Paço - Quesado 1956, p. 81-84; Araújo J. Ro. 1948; Neves 1965, n.º 12; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 74; Almeida C. A. B. 1990, p. 212-215 e 1996, 2, n.º 57, p. 124-126; Queiroga 1992, n.º 436; Lopes 2003, 2, n.º 5.230.

97 Perre. *Castelhão* 16.09.26
Long 08 20 19 Lat 41 43 21 Alt 50m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Neves 1948 e 1965, n.º 14; Paço - Quesado 1956, p. 87-88 e 1957; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 75.; Almeida C.A.B. 1990, p. 218-220 e 1996, 2, n.º 60, p. 131-132; Lopes 2003, 2, n.º 5.231.

98 Perre. *Castro do Vieito* 16.09.26
Long 08 20 18 Lat 41 43 25 Alt 122m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Paço 1954 e 1955; Paço - Quesado 1957; Neves 1965, n.º 15; MHOP-DGPU 1978, n.º 20; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 76; Almeida C. A. B. 1990, p. 217-218 e 1996, 2, n.º 59, p. 128-129; Queiroga 1992, n.º 435; Lopes 2003, 2, n.º 5.232.

99 Perre. *Malhadoiros do Galo* 16.09.26
Long 08 19 13 Lat 41 44 00 Alt 312m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Paço - Quesado 1956, p. 86-87, 168, 169; Neves 1965, n.º 13; Silva A. C. F. 1986b, n.º 77; Almeida C.A.B. 1990, p. 221-222 e 1996, 2, n.º 58, p. 126-127; Queiroga 1992, n.º 438; Lopes 2003, 2, n.º 5.235.

100 Perre. Monte dos *Castelos* 16.09.26
Long 08 22 43 Lat 41 43 52 Alt 177m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Paço-Quesado 1956, p. 80-90, 168-179 e 1957, p. 387-393; Neves 1965, n.º 11; Moreira M.A.F. 1982, p. 31-96; Silva A. C. F. 1986b, n.º 78; Almeida C.A.B. 1990 e 1996, 2, n.º 75, p. 153-154; Queiroga 1992, n.º 437; Lopes 2003, 2, n.º 5.233.

101 Perre. *Monte de S. Martinho* 16.09.26
Long 08 21 20 Lat 41 43 22 Alt 53m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Neves 1965, n.º 16; Silva A.C.F. 1986b, n.º 79; Lopes 2003, 2, n.º 5.234.

102 Serreleis. *Castro de Serreleis* 16.09.32
Long 08 22 50 Lat 41 42 28 Alt 30m
Almeida C. A. B. 1990, p. 241 e 1996, n.º 76, p. 154-155; Queiroga 1992, n.º 440; Lopes 2003, 2, n.º 5.240.

103 Cardielos. *S. Silvestre* 16.09.07
Long 08 23 12 Lat 41 43 13 Alt 281m
Viana 1926, p. 96; Neves 1965, n.º 17; MHOP-DGPU 1978, n.º 17; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 80; Almeida C. A. B. 1990, p. 184 e 1996, 2, n.º 17, p. 52-54; Queiroga 1992, n.º 420; Lopes 2003, 2, n.º 5.203.

104 Outeiro. *Castro do Formigoso* 16.09.25
Long 08 45 47 Lat 41 45 00 Alt 350m
Araújo 1948; Paço - Quesado 1956, p. 89-90; Silva A. C. F. 1986b, n.º 81; Lopes 2003, 2, n.º 5.228.

105 Outeiro. *Rego do Castro* 16.09.25
Long 08 46 25 Lat 41 46 04 Alt 234m
Paço - Quesado 1956, p. 90; Neves 1965, n.º 7; Silva A. C. F. 1986b, n.º 82; Queiroga 1992, n.º 434; Almeida C.A.B. 1996, 2, n.º 55, p. 122; Lopes 2003, 2, n.º 5.229.

106 Nogueira. *Castro de S.Martinho* 16.09.24
Long 08 45 01 Lat 41 45 05 Alt 474m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 162; Paço - Quesado 1956, p. 88-89; Neves 1965, n.º 18; MHOP-DGPU 1978, n.º 16; Silva A. C. F. 1986b, n.º 83; Almeida C. A. B. 1990 e 1996, 2, n.º 54, p. 122; Queiroga 1992, n.º 443; Lopes 2003, 2, n.º 5.227.

107 Amonde. *Coroa; Monte da Coroa* 16.09.03
Long 08 45 23 Lat 41 47 19 Alt 212m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 84; Almeida C.A.B. 1996, 2, n.º 8, p. 38-40; Queiroga 1992, n.º 417; Lopes 2003, 2, n.º 5.198.

108 Montaria. *Castelão; Crastos* 16.09.20
Long 08 43 23 Lat 41 46 36 Alt 274m
Viana 1932, p. 162; Neves 1965, n.º 19; Silva A. C. F. 1986b, n.º 85; Lopes 2003, 2, n.º 5.523.

109 Vilar de Murteda. *Crasto* 16.09.39
Long 08 43 00 Lat 41 46 22 Alt 250m
Viana 1932, p. 164; Neves 1965, n.º 20; MHOP-DGPU 1978, n.º 39; Silva A. C. F. 1986b, n.º 86; Queiroga 1992, n.º 445; Lopes 2003, 2, n.º 5.246.

110 Meixedo. *Quinta da Portela* 16.09.18
G? Long 08 42 30 Lat 41 45 22 Alt 70m
CIL II 2462 e 5611; Hübner 1871, p. 104-107; Sarmento 1879 = 1933a, p. 36-40 e 1880-81=1896= 1933a, p. 72-73; Guerra 1900b; Vasconcellos 1896 e 1913 (RL, 3), p. 50, 51, 53; Pereira F. A. 1915a; Viana 1932, p. 162; MHOP-DGPU 1978, n.º 40; Tranoy 1981, p. 351; Martins M. - Silva A. C. F. 1984, p. 40-43; Silva A. C. F. 1986b, n.º 87; Calo Lourido 1994; Lopes 2003, 2, n.º 5.221.

111 Lanheses. *Cividade* 16.09.15
Long 08 27 45 Lat 41 44 17 Alt 45m
Viana 1932, p. 162; MHOP-DGPU 1978, n.º 15; Silva A. C. F. 1986b, n.º 88; Almeida C.A.B. 1990, p. 189-203 e 1996, 2, n.º 40, p. 95-101; Queiroga 1992, n.º 429.

112 Lanheses. *Outeiro* 16.09.15
Long 08 40 12 Lat 41 44 29 Alt 43m
Viana 1932, p. 162; Silva A. C. F. 1986b, n.º 89; Lopes 2003, 2, n.º 5.219.

113 Vila Mou. *Cividade* 16.09.37
Long 08 26 10 Lat 41 43 50 Alt 53m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 154-167 e 1940; Araújo 1962, p. 5-6; Moreira M. A. F. 1982, p. 45-54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 90; Almeida C. A. B. 1990, p. 186-187 e 1996, 2, n.º 80, p. 159-161; Queiroga 1992, n.º 444; Lopes 2003, 2, n.º 5.242.

114 Anha / Darque. *Monte do Faro* 16.09.04
Long 08 20 27 Lat 41 40 36 Alt 169m 16.09.11
Paço - Quesado 1956, p. 80-90; Neves 1965, n.º 22; Silva A. C. F. 1986b, n.º 91; Queiroga 1992, n.º 418; Almeida C. A. B. 1990, 7, 8, p. 27-29 e 1996, 2, n.º 31, p. 81-83; Lopes 2003, 2, n.º 5.214.

115 Vila Fria. *Sabariz* 16.09.36
Long 08 45 01 Lat 41 40 20 Alt 110m
Viana 1932, p. 164; Paço 1933, p. 272-276; Paço-Quesado 1956, p. 272-276; Neves 1965, n.º 25, p. 178; Silva A.C.F. 1986b, n.º 92; Almeida C.A.B. 1990, p. 31-32 e 1996, 2, n.º 79, p. 157-158; Queiroga 1992, n.º 443; Maciel 2003, n.º 24, p. 131-132; Lopes 2003, 2, n.º 5.241.

116 Vila Franca/ Subportela/ Vila de Punhe. *Castro do Santinho; Roques* 16.09.35
B Long 08 43 24 Lat 41 40 30 Alt 269m 16.09.22
Guerra 1910, p. 88; Sarmento 1884-89 = 1933a, p. 209; Viana 1926, p. 88-89, 111-113; Neves 1942, 1959 e 1965, n.º 26; 16.09.33
Almeida 1978, p. 40; Nunes H. B. 1979, p.18-26; Moreira M. A. F. 1982, p. 54; Silva A. C. F. 1986b, n.º 93; Almeida C.A.B. 1996, 2, n.º 51, p. 114-118; Queiroga 1992, n.º 442; Maciel 2003, n.º 22, p. 125-127; Lopes 2003, 2, n.º 5.245; Silva A.C.F.-Maciel 2004.

117 Deocriste. *Senhora do Crasto* 16.09.13
Long 08 26 24 Lat 41 41 08 Alt 248m
Viana 1926, p. 88-90; Neves 1954, p. 13 e 1965, p. 27, 180; Paço-Quesado 1956, p. 80-90; Teixeira *et alii* 1972; Moreira M. A. F. 1982, p. 31-96; Silva A. C. F. 1986b, n.º 94; Almeida C. A. B. 1990, p. 36 e 1996, 2, n.º 37, p. 92-94; Queiroga 1992, n.º 426; Lopes 2003, 2, n.º 5.216.

118 Deão. *Cividade* 16.09.12
Long 08 38 42 Lat 41 42 13 Alt 300m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 161; Silva A. C. F. 1986b, n.º 95; Almeida C. A. B. 1990, p. 38 e 1996, 2, n.º 35, p. 89-91; Queiroga 1992, n.º 425; Lopes 2003, 2, n.º 5.215.

119 Santa Leocádia de Geraz do Lima. *Castro do Peso* 16.09.29
Long 08 28 16 Lat 41 41 20 Alt 183m
Soeiro 1981, p. 99-102; Moreira M. A. F. 1982, p. 31-96; Almeida C. A. B. *et alii* 1985, p. 263-281; Silva A. C. F. 1986b, n.º 96; Almeida C.A.B. 1990, p. 43 e 1996, 2, n.º 66, p. 137-141; Queiroga 1992, n.º 427.

120 Castelo de Neiva. *Monte do Castelo; Castro de Moldes* 16.09.10 16.09.23
Long 08 47 07 Lat 41 36 52 Alt 125m
Costa 1872, p. 182; Leal 1875, p. 32; Azevedo P. A. 1897, p. 194 e 1903, p. 74-75; Viana 1932, p. 161; Paço - Quesado 1956; Neves 1965, n.º 24; Rosário 1973, n.º 254; Almeida 1980a e 1980b, p. 45-49; Almeida C. A. B. 1982b e 1986, p. 52 e 1996, 2, n.º 28, p. 70-75; Moreira M. A. F. 1982, p. 54-56; Silva E. J. L. 1982; Silva E. J. L. - Marques 1984, p. 33-48; Marques J. A. T. M. - Silva 1985; Silva A.C.F. 1986b, n.º 97 e 234 (M. ut. 26), 249-252 (M. ut. 41-44), 303-304 (M. arm. 46-47); Leal A. J. C. 1992; Queiroga 1992, n.º 424; Maciel 2003, n.º 26, p. 133-135; Lopes 2003, 2, n.º 5.226.

121 Neiva (S. Romão). *Castro Mau; Senhora do Castro* 16.09.23 16.09.10
Long 08 46 38 Lat 41 38 19 Alt 106m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; MHOP-DGPU 1978, n.º 3; Almeida C.A.B. 1982, 1, p. 13-33 e 1996, 2, n.º 65, p. 135-137; Silva A. C. F. 1986b, n.º 98 e 248-251 (M. ut. 41-44), 297-298 (M. arm. 45-46); Queiroga 1992, n.º 432; Maciel 2003, n.º 25, p. 132-133; Lopes 2003, 2, n.º 5.212.

122 Alvarães. *Outeiro* 16.09.02
Long 08 44 17 Lat 41 38 46 Alt 68m
Cepa 1939, p. 19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 99; Queiroga 1992, n.º 416; Lopes 2002, 2, n.º 5.194.

123 Vila de Punhe. *Cotorinho* 16.09.38
Long 08 24 24 Lat 41 39 51 Alt 226m
Almeida - Abreu 1988, p. 131; Almeida C.A.B 1996, 2, n.º 91, p. 225-226; Maciel 2003, n.º 23, p. 128-130; Lopes 2003, 2, n.º 5.243.

124 Vila de Punhe. *Pereiras Pequenas* 16.09.38
Long 08 43 51 Lat 41 39 48 Alt 95m
Pinto 1928, p. 195; Viana T. S. 1938; Teixeira 1940, n.º 3; Monteagudo 1977, p. 177, n.º 1096; Neves J. Q. 1987; Maciel 2003, n.º6, p. 72-73; Lopes 2003, 2, n.º 5.244.

125 Portela Suzão. *Cresto* 16.09.27
Long 08 41 04 Lat 41 40 05 Alt 200m
Maciel 2003, n.º 21, p. 123-124.

126 Carvoeiro/ Barcelos- Balugães. *Castro de Carmona* 16.09.12 03.02.12
Long 08 38 46 Lat 41 38 45 Alt 303m
Argote 1732, p. 200; Cardozo 1747, p. 44 e 1758, p. 162; Azevedo 1896, p. 262; Costa 1888, p. 272; Figueiredo 1897, p. 219; Guerra 1900a, p. 6; Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 161; Paço-Quesado 1959; Neves 1965, n.º 28; Almeida 1978, p. 33; MHOP-DGPU 1978, n.º 5; Silva A.C.F. 1986b, n.º 100; Queiroga 1992, n.º 423; Bettencourt 2000c; Almeida C.A.B. 1996, 3, p.53-57 e 1997, 1, n.º 16, p.67-72; Maciel 2003, n.º 18, p. 114-119; Lopes 2003, 2, n.º 5.211.

127 Carvoeiro. *Padela* 16.09.12
Long 08 39 54 Lat 41 40 35 Alt 240m
Maciel 2003, n.º 20, p. 121-123; Lopes 2003, 2, n.º 5.209.

128 Carvoeiro. *Alto dos Mouros* 16.09.12
Long 08 33 59 Lat 41 39 30 Alt 220m
Neves 1965; Almeida C.A.B. 1996, 2, n.º 23, p. 66-67; Maciel 2003, n.º 19, p. 120-121; Lopes 2003, 2, n.º 5.210.

Ponte de Lima

129 Rendufe / Labrujó. *Alto da Pena* 16.07.38 16.07.30
Long 08 35 00 Lat 41 51 49 Alt 746m
Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 42, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 101; Almeida C. A. B. 1990, p. 150 e 1996, 1, n.º 134, p. 219-221; Queiroga 1992, n.º 375; Lopes 2003, 2, n.º 5.155.

130 Labruja. *Castro de Cima* 16.07.29
Long 08 32 31 Lat 41 50 08 Alt 133m
Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 40, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 102; Almeida C. A. B. 1990, p. 151-152 e 1996, 1, n.º 101, p. 183-185; Queiroga 1992, n.º 368; Lopes 2003, 2, n.º 5.153.

131 Labruja. *Castro de Baixo* 16.07.29
Long 08 32 27 Lat 41 50 00 Alt 96m
Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 39, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 103; Almeida C. A. B.1990, p. 151-152 e 1996, 1, n.º 102, p. 185-186; Queiroga 1992, n.º 367; Lopes 2003, 2, n.º 5.152.

132 Labruja. *Cidade Murada* 16.07.29
Long 08 30 52 Lat 41 50 51 Alt 419m
Cunha N. C. A. 1979; Viana 1932, p. 162; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 41, p. 297-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 104; Almeida C. A. B. 1990, p. 151 e 1996, 1, n.º 108, p. 191; Queiroga 1992, n.º 369; Lopes 2003, 2, n.º 5.154.

133 Vilar do Monte. *Penedos do Castelo* 16.07.49
Long 08 31 44 Lat 41 50 16 Alt 836m
Almeida C.A.B. 1990, p. 142; Queiroga 1992, n.º 384; Lopes 2003, 2, n.º 5.169.

134 Bárrio. *Crasto* 16.07.06
Long 08 32 34 Lat 41 49 56 Alt 120m
Viana 1926; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 37, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 105; Almeida C. A. B. 1990, p. 153-154 e 1996, 1, n.º 17, p. 45-47; Queiroga 1992, n.º 346; Lopes 2003, 2, n.º 5.127.

135 Cepões. *Pousada; Crasto* 16.07.15
Long 08 32 30 Lat 41 49 48 Alt 122m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 11-24, 161; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 37, p. 287-309; Silva A.C.F. 1986b, n.º 106; Almeida C.A.B. 1990, p. 154 e 1996, 1, n.º 42, p. 83-85; Queiroga 1992, n.º 351; Lopes 2003, 2, n.º 5.134.

136 Arcos. *Castelo da Formiga* 16.07.03
Long 08 28 12 Lat 41 46 28 Alt 388m
Azevedo P. A. 1896a, p. 78; Pereira F. A. 1907, p. 149; Cortéz 1948b, p. 14-21; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 33, p. 287-309; Silva A.C.F. 1986b, n.º 107; Almeida C.A.B. 1990, p. 165-166 e 1996, 1, n.º 2, p. 17-19.

137 Santa Comba. *Santa Comba* 16.07.42
Long 08 37 04 Lat 41 45 42 Alt 13m
Almeida C. A. B. 1990, p. 166-167 e 1996, 1, n.º 146, p. 234-235; Queiroga 1992, n.º 382; Lopes 2003, 2, n.º 5.161.

138 Estorãos. *Bouça do Castro* 16.07.17
Long 08 29 33 Lat 41 47 21 Alt 33m
Viana 1932, p. 11-24, 161; Cortez 1948b; Reis 1978; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 32; Centeno 1983, p. 149-212; Silva A. C. F. 1986b, n.º 109; Almeida C. A. B. 1990, p. 167-169 e 1996, 1, n.º 55, p. 109-110; Queiroga 1992, n.º 356; Lopes 2003, 2, n.º 5.140.

139 Estorãos. *Cerquido; Socastro* 16.07.17
Long 08 30 38 Lat 41 48 10 Alt 385m
Almeida C. A. B. 1990, p. 176 e 1996, 1, n.º 56, p. 110-111; Queiroga 1992, n.º 357; Lopes 2003, 2, n.º 5.141.

140 Moreira de Lima. *Suvidades; Castro de Vila Nova* 16.07.32
Long 08 37 02 Lat 41 47 32 Alt 85m
Viana 1932, p. 161; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 48; Silva A. C. F. 1986b, n.º 110; Almeida C. A. B. 1992, p. 176.

141 Moreira do Lima. *Bouça do Cavelo* 16.07.32
Long 08 37 34 Lat 41 46 40 Alt 74m
Almeida C. A. B. 1990, p. 175; Queiroga 1992, n.º 370; Lopes 2003, 2, n.º 5.117.

142 Arcozelo. *Aurega; Castro de Santo Ovídio* 16.07.04
Long 08 31 40 Lat 41 46 45 Alt 248m
Hipólito 1960-1961, p. 15; Viana 1962; Reis 1978; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 34, p. 287-309; Silva A.C.F. 1986b, n.º 111; Almeida C. A. B. 1990, p. 156-158; 1996, 1, n.º 7, p. 23-33 ; Queiroga 1992, n.º 345; Lopes 2003, 2, n.º 5.126.

143 Refoios do Lima. *Castro de S. Simão* 16.07.37
Long 08 34 30 Lat 41 47 31 Alt 180m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 45, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 112; Almeida C. A. B. 1990, p. 144 e 1996, 1, n.º 126, p. 209-210; Queiroga 1992, n.º 373; Lopes 2003, 2, n.º 5.160.

144 Brandara/ Calheiros. *Castelo do Genso* 16.07.10
Long 08 34 30 Lat 41 47 57 Alt 297m 16.07.13
Azevedo P. A. 1896e; Guerra 1900b; Viana 1932, p. 160; ; Almeida 1971; Reis 1979, p. 9; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 35, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 113; Almeida C. A. B. 1990, p. 154-155 e 1996, 1, n.º 29, p. 61-65; Queiroga 1992, n.º 349; Calo Lourido 1994; Lopes 2003, 2, n.º 5.129.

145 Refoios do Lima. *Pousada; Crasto do Soutinho* 16.07.37
Long 08 35 41 Lat 41 47 55 Alt 160m
Teixeira *et alii* 1972, p. 39; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 36, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 114; Almeida C. A. B. 1990, p.142-144 e 1996, 1, n.º 127, p. 210-211; Queiroga 1992, n.º 374; Lopes 2003, 2, n.º 5.161.

146 Fontão. *Castro de S. Cristóvão* 16.07.21
Long 08 38 55 Lat 41 45 04 Alt 88m
Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 31, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 115; Queiroga 1992, n.º 362; Lopes 2003, 2, n.º 5.146.

147 Vitorino das Donas. *Monte de Santo António; Castro da Senhora do Barco* 16.07.50
Long 08 29 00 Lat 41 44 00 Alt 30m
Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 15, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 116; Almeida C. A. B. 1990, p. 80 e 1996, 1, n.º 162, p. 262-263; Queiroga 1992, n.º 385; Lopes 2003, 2, n.º 5.170.

148 Vitorino das Donas. *Suvidade* 16.07.50
Long 08 29 52 Lat 41 44 00 Alt 30m
Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 16, p. 287-309; Almeida C. A. B. 1985c, 1990, p. 82-98 e 1996, 1, n.º 158, p. 254-257; Silva A. C. F. 1986b, n.º 117; Queiroga 1992, n.º 386; Lopes 2003, 2, n.º 5.171.

149 Seara. *Vilarinho* 16.07.45
Long 08 36 52 Lat 41 44 04 Alt 28m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 163; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 17; Silva A. C. F. 1986b, n.º 118; Almeida C. A. B. 1990, p. 98; Queiroga 1992, n.º 380; Lopes 2003, 2, n.º 5.166.

150 Correlhã. *Castro do Eirado* 16.07.16
Long 08 36 44 Lat 41 44 04 Alt 30m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 161; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 18; Silva A. C. F. 1986b, n.º 119; Queiroga 1992, n.º 353; Lopes 2003, 2, n.º 5.137.

151 Correlhã. *Castro de S. João do Monte; Cortes* 16.07.16
Long 08 32 02 Lat 41 44 10 Alt 250m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 11-24, 161; Hipólito 1960-1961, p. 15; Reis 1978, p . 9-36; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 20, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 120; Almeida C. A. B. 1990, p. 106-107 e 1996, 1, n.º 44, p. 86-88 ; Queiroga 1992, n.º 352; Lopes 2003, 2, n.º 5.136.

152 Correlhã. *Castro de N. Sr.ª da Conceição; Tolocrasto* 16.07.16
Long 08 31 58 Lat 41 45 04 Alt 54m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 11-24; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 21, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 121; Almeida C. A. B.1990, p. 100-105 e 1996, 1, n.º 46, p. 88-95; Queiroga 1992, n.º 354; Lopes 2003, 2, n.º 5.138.

153 Feitosa. *Monte dos Medos* 16.07.19
Long 08 32 20 Lat 41 45 15 Alt 25m
Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 22, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 122; Almeida C. A. B. 1990, p. 116-117 e 1996, 1, n.º 76, p. 147-149; Queiroga 1992, n.º 355; Lopes 2003, 2, n.º 5.139.

154 Ribeira. *Castelinho* 16.07.39
Long 08 33 50 Lat 41 46 00 Alt 56m
Melo 1967, p. 65-66; Reis 1978, p. 9; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 26, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 123; Almeida C. A. B.1990, p. 109-112 e 1996, 1, n.º 136, p. 225-227; Queiroga 1992, n.º 376; Lopes 2003, 2, n.º 5.162.

155 Ribeira. *Monte de Santa Catarina* 16.07.39
Long 08 32 42 Lat 41 45 55 Alt 225m
Cardozo 1966; Teixeira *et alii* 1972; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 28, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 124; Queiroga 1992, n.º 378; Lopes 2003, 2, n.º 5.164.

156 Ribeira. *Castelo da Ermida* 16.07.39
Long 08 35 58 Lat 41 45 38 Alt 443m
Reis 1978, p. 9; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 25, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 125; Almeida C. A. B. 1990, p. 209 e 1996, 1, n.º 135, p. 222-225; Queiroga 1992, n.º 377; Lopes 2003, 2, n.º 5.163.

157 Fornelos. *Castro de Santa Maria Madalena* 16.07.22
Long 08 34 10 Lat 41 45 07 Alt 256m
Viana 1932, p. 161; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 23, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 126; Almeida C. A. B. 1990, p. 108-109 e 1996, 1, n.º 80, p. 152-155; Queiroga 1992, n.º 364; Lopes 2003, 2, n.º 5.148.

158 Fornelos. *Quinta do Crasto* 16.07.22
Long 08 35 49 Lat 41 43 26 Alt 163m
Viana 1932, p. 11-24, 161; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 47, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 127; Almeida C. A. B. 1990, p. 113-116 e 1996, 1, n.º 81, p. 155-157; Queiroga 1992, n.º 363; Lopes 2003, 2, n.º 5.147.

159 Gondufe. *Castro de Vilar* 16.07.28
Long 08 37 56 Lat 41 46 05 Alt 210m
Viana 1926, p. 88-90; Melo 1967, p. 66-70; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 29, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 128; Almeida C. A. B. 1990, p.122-124 e 1996, 1, n.º 98, p. 180-182; Queiroga 1992, n.º 365; Lopes 2003, 2, n.º 5.150.

160 Gondufe / Serdedelo. *S. Lourenço da Armada; Castro Mau* 16.07.28
Long 08 37 46 Lat 41 44 38 Alt 609m 16.07.46
Melo 1967, p. 71; Reis 1978, p. 9; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 24, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 129; Almeida C. A. B. 1990, p. 109-112 e 1996, 1, n.º 97, p. 178-180; Queiroga 1992, n.º 366; Lopes 2003, 2, n.º 5.151.

161 Beiral do Lima. *Quinta do Crasto; Castro de Vinhó* 16.07.07
Long 08 39 00 Lat 41 46 10 Alt 220m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 11-24, 160; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 43, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 130; Almeida C. A. B. 1990, p. 124-133 e 1996, 1, n.º 18, p. 47-49; Queiroga 1992, n.º 347; Lopes 2003, 2, n.º 5.128.

162 Facha. *Castro de St.º Estêvão* 16.07.18
Long 08 29 23 Lat 41 43 12 Alt 142m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, 11-24, p. 161; Almeida *et alii* 1981; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 10, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 131, *passim*; Almeida C. A. B. 1990, p. 53-58 e 1996, 1, n.º 59, p. 115-118; Queiroga 1992, n.º 358; Lopes 2003, 2, n.º 5. 142.

163 Facha. *Prazil* 16.07.18
Long 08 30 30 Lat 41 43 10 Alt 60m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 161; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 50; Silva A. C. F. 1986b, n.º 132; Almeida C. A. B. 1990, p. 68-71 e 1996, 1, n.º 63, p. 129-132 ; Queiroga 1992, n.º 359; Lopes 2003, 2, n.º 5.143.

164 Facha. *S. Cipriano* 16.07.18
Long 08 31 42 Lat 41 43 15 Alt 320m
Viana 1926, p. 88-90 e 1932, p. 11-24, 161; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 49, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 133; Almeida C. A. B. 1990, p. 53 e 1996, 1, n.º 61, p. 125-126; Queiroga 1992, n.º 360; Lopes 2003, 2, n.º 5.144.

165 Souto (Rebordões). *Cividade* 16.07.47
Long 08 34 03 Lat 41 42 53 Alt 160m
Viana 1932, p. 164; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 14; Silva A. C. F. 1986b, n.º 134; Almeida C. A. B. 1990, p. 118 e 1996, 1, n.º 123, p. 206; Queiroga 1992, n.º 381; Lopes 2003, 2, n.º 5.167.

166 Anais. *Monte Castro ; Roda do Castro* 16.07.51
Long 08 32 39 Lat 41 41 44 Alt 365m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 159; Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 13; Silva A. C. F. 1986b, n.º 135; Regalo 1986, n.º 18; Queiroga 1992, n.º 344; Almeida C.A.B. 1996, 1, n.º 1, p. 15-16; Maciel 2003, n.º 7, p. 90-92; Lopes 2003, 2, n.º 5.124.

167 Anais. *Castelo dos Mouros; Terra dos Mouros* 16.07.01
Long 08 31 04 Lat 40 44 10 Alt 550m
Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 6; Regalo 1986, n.º 18; Queiroga 1992, n.º 344; Maciel 2003, n.º 6, p. 88-90; Lopes 2003, 2, n.º 5.125.

168 Vitorino de Piães. *Cresto* 16.07.51
Long 08 37 04 Lat 41 41 15 Alt 220m
Viana 1926, p. 90 e 1932, p. 11-24, 164; Reis 1978, p. 9; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 6 (n.º 13?), p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 136; Almeida C. A. B. 1990, p. 48-51 e 1996, 1, n.º 165, p. 265-267; Queiroga 1992, n.º 389; Maciel 2003, n.º 15, p. 107-108; Lopes 2003, 2, n.º 5.174.

169 Vitorino de Piães. *Castro de S. Simão* 16.07.51
Long 08 37 06 Lat 41 40 45 Alt 176m
Viana 1932, p. 11-24, 164; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 5, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 137; Almeida C. A. B. 1990, p. 146 e 1996, 1, n.º 166, p. 267-268; Queiroga 1992, n.º 388; Maciel 2003, n.º 16, p. 109-110; Lopes 2003, 2, n.º 5.176.

170 Vitorino de Piães. *Alto de Valadas; Subcasa* 16.07.51
Long 08 36 14 Lat 41 41 35 Alt 347m
Viana 1932, p. 164; Teixeira *et alii* 1972, p. 40; Alves 1980; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 7, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 138; Almeida C. A. B. 1990, p. 51 e 1996, 1, n.º 163, p. 263-264; Queiroga 1992, n.º 387; Maciel 2003, n.º 13, p. 103-105; Lopes 2003, 2, n.º 5.173.

171 Vitorino de Piães. *Trás-Cidade* 16.07.51
Long 08 36 14 Lat 41 41 30 Alt 450m
Viana 1932, p. 111-124, 164; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 8, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 139; Almeida C. A. B. 1990, p. 51-52 e 1996, 1, n.º 164, p. 264-265; Queiroga 1992, n.º 390; Maciel 2003, n.º 14, p. 105-107; Lopes 2003, 2, n.º 5.177.

172 Fojo Lobal. *Castro do Calvário* 16.07.20
Long 08 36 57 Lat 41 42 10 Alt 350m
Teixeira *et alii* 1972, p. 38; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 11, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 140; Queiroga 1992, n.º 361; Almeida C.A.B. 1996, 1, n.º 77, p. 149-150; Maciel 2003, n.º 12, p. 102-103; Lopes 2003, 2, n.º 5.145.

173 Cabaços. *Vilela; Penouços* 16.07.11
Long 08 34 06 Lat 41 41 26 Alt 300m
Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 3; Silva A. C. F. 1986b, n.º 142; Queiroga 1992, n.º 348; Lopes 2003, 2, n.º 5.130.

174 Calvelo. *Calvário* 16.07.14
Long 08 34 59 Lat 40 41 50 Alt 230m
Maciel 2003, n.º 9, p. 94-95; Lopes 2002, 2, n.º 5.133.

175 Calvelo. *Pomarinho* 16.07.14
Long 08 32 48 Lat 41 40 47 Alt 202m
Maciel 2003, n.º 8, p. 92-94; Lopes 2002, 2, n.º 5.132.

176 Calvelo. *Castelo de Cadém* 16.07.146
Long 08 32 14 Lat 41 40 48 Alt 180m
Almeida C. A. B. - Baptista 1981, n.º 4; Silva A. C. F. 1986b, n.º 143; Queiroga 1992, n.º 350; Almeida C.A.B. 1996, 1, n.º 35, p. 72-73; Barreto 1996, n.º 6; Maciel 2003, n.º 10, p. 96-98; Lopes 2003, 2, n.º 5.164.

177 Poiares. *Castro de Sabugueiro* 16.07.34
Long 08 37 34 Lat 41 39 20 Alt 81m
Almeida C.A.B.-Baptista 1981, n.º 44; Silva A.C.F. 1986b, n.º 144; Queiroga 1992, n.º 372; Lopes 2003, 2, n.º 5.159.

178 Vilar das Almas. *Monte dos Outeirais; Castro Seco; Monte dos Santos Idos ou Santozilos* 16.07.48
Long 08 32 14 Lat 41 38 57 Alt 234m
Azevedo 1898, n.º 192; Oliveira 1908, p. 668; Almeida C. A. B.-Baptista 1981, n.º 1, p. 287-309; Silva A. C. F. 1986b, n.º 146; Regalo 1986, n.º 7; Martins M. 1990, n.º 119; Queiroga 1992, n.º 383; Almeida C.A.B. 1996, n.º 154, p. 249-251; Maciel 2003, n.º 11, p. 98-101; Lopes 2003, 2, n.º 5.168.

Arcos de Valdevez

179 Eiras. *Alto do Modorrão* 16.01.10
B Long 08 27 31 Lat 41 55 59 Alt 237m
Viana 1932, p. 161; Pereira F. A. 1934; Gomes C. A. 1979, p. 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 147; Queiroga 1992, n.º 263; Lopes 2003, 2, n.º 5.7.

180 Aboim das Choças. *Castro de Vilar; Monte do Crasto; Cresto* 16.01.01
Long 08 27 32 Lat 41 55 50 Alt 285m
Pereira F. A. 1904, p. 214; Brito 1908, p. 96; Viana 1932, p. 159; Gomes C. A. 1979, p. 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 148; Queiroga 1992, n.º 257; Lopes 2003, 2, n.º 5.1.

181 Portela. *Coto da Lama* 16.01.27
Long 08 26 55 Lat 41 56 24 Alt 267m
Viana 1932, p. 163; Silva A. C. F. 1986b, n.º 149; Queiroga 1992, n.º 271; Lopes 2003, 2, n.º 5.15.

182 Álvora. *Castro de Álvora* 16.01.03
Long 08 26 55 Lat 41 56 10 Alt 269m
Viana 1932, p. 159; Gomes C. A. 1979 ; Silva A. C. F. 1986b, n.º 150; Baptista 1986, p. 7; Queiroga 1992, n.º 258; Lopes 2003, 2, n.º 5.2.

183 Loureda. *Crasto* 16.01.18
Long 08 26 32 Lat 41 56 22 Alt 210m
Viana 1932, p. 162; Gomes C. A. 1979, p. 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 151; Queiroga 1992, n.º 268; Lopes 2003, 2, n.º 5.12.

184 Cabreiro. *Crasto das Necessidades* 16.01.06
Long 08 24 02 Lat 41 56 53 Alt 453m
Pereira F. A. 1898c, e 1904; Viana 1932, p. 160; Silva A. C. F. 1986b, n.º 152; Queiroga 1992, n.º 261; Lopes 2003, 2, n.º 5.5.

185 Cabreiro. *Coto das Portas* 16.01.06
Long 08 24 33 Lat 41 56 01 Alt 305m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 153; Queiroga 1992, n.º 260; Lopes 2003, 2, n.º 5.4.

186 Senharei. *Castro da Eirinha* 16.01.44
Long 08 39 35 Lat 41 53 29 Alt 300m
Viana 1932, p. 164; Silva A. C. F. 1986b, n.º 155; Queiroga 1992, n.º 277; Lopes 2003, 2, n.º 5.20.

187 Rio de Moinhos. *Castro de Anhó* 16.01.31
Long 08 27 42 Lat 41 52 41 Alt 300m
Vasconcellos 1899-1900; Viana 1932, p. 163; Pereira F. A. 1934; Silva A.C.F. 1986b, n.º 156; Queiroga 1992, n.º 274.

188 Gondoriz. *Crasto de Eiró* 16.01.15
Long 08 24 47 Lat 41 52 59 Alt 125m
Viana 1932, p. 162; Silva A. C. F. 1986b, n.º 157; Queiroga 1992, n.º 266; Lopes 2003, 2, n.º 5.10.

189 Prozelo. *Coto da Cividade* 16.01.28
Long 08 41 41 Lat 41 51 50 Alt 120m
Pereira F. A. 1934; Silva A. C. F. 1986b, n.º 158; Queiroga 1992, n.º 273; Lopes 2003, 2, n.º 5.17.

190 Prozelo. *Castro da Cova do Ouro* 16.01.28
Long 08 41 21 Lat 41 51 23 Alt 251m
Viana 1932, p. 163; Silva A. C. F. 1986b, n.º 159; Queiroga 1992, n.º 272; Lopes 2003, 2, n.º 5.16.

191 Vila Fonche. *Eira* 16.01.50
Long 08 25 41 Lat 41 50 57 Alt 110m
Viana 1932, p. 164; Silva A. C. F. 1986b, n.º 160; Queiroga 1992, n.º 280; Lopes 2003, 2, n.º 5.22.

192 Salvador (Arcos de Valdevez). *Alto da Penacova* 16.01.34
Long 08 23 02 Lat 41 51 24 Alt 447m
Pereira F. A. 1915b; Silva A. C. F. 1986b, n.º 161; Queiroga 1992, n.º 275; Lopes 2003, 2, n.º 5.18.

193 Ázere. *Castelo de S. Miguel-o-Anjo* 16.01.04
Long 08 24 10 Lat 41 51 28 Alt 180m
Pereira F. A. 1895, 1898b, 1898c e 1909; Rocha 1895; Vasconcellos 1899-1900; Viana 1932, p. 159; Kalb 1980a, n.º 10, Abb. 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 162; Queiroga 1992, n.º 259; Lopes 2003, 2, n.º 4.2, 5.3.

194 Grade. *Alto da Pedrada* 16.01.16
Long 08 22 02 Lat 41 52 15 Alt 212m
Viana 1932, p. 162; Pereira F. A. 1934, p. 227; Silva A. C. F. 1986b, n.º 163; Queiroga 1992, n.º 267; Lopes 2003, 2, n.º 5.11.

195 Giela. *Castro da Giela* 16.01.14
Long 08 23 29 Lat 41 50 51 Alt 352m
Pereira F. A. 1898b, p. 232-233 e 1908, p. 202; Viana 1932, p. 162; Silva A. C. F. 1986b, n.º 164; Queiroga 1992, n.º 265; Lopes 2003, 2, n.º 5.9

196 Santa Cristina (Padreiro). *Crasto* 16.01.36
Long 08 29 29 Lat 41 49 06 Alt 411m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 165; Queiroga 1992, n.º 276; Lopes 2003, 2, n.º 5.19.

197 Cendufe. *Castro / Castelo do Mau Vizinho* 16.01.08
G Long 08 29 09 Lat 41 48 38 Alt 164m
Pereira F. A. 1908 e 1915a; Viana 1932, p. 161; Paço 1966c; Gomes C. A. 1979, p. 6; Silva A. C. F. 1986b, n.º 166 e 547 (Icon. 3); Queiroga 1992, n.º 262; Calo Lourido 1994, p. 219-226 e 2003a, p. 9-10; Lopes 2003, 2, n.º 5.6.

198 S. Vicente (Távora). *Crasto* 16.01.43
Long 08 28 59 Lat 41 49 05 Alt 289m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 167; Queiroga 1992, n.º 270.

199 Monte Redondo. *Castro de Monte Redondo.* 16.01.22
Long 08 26 42 Lat 41 49 29 Alt 271m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 168; Queiroga 1992, n.º 269; Lopes 2003, 2, n.º 5.13.

200 Souto. *Castro do Porto* 16.01.47
Long 08 26 29 Lat 41 48 30 Alt 60m

201 Souto. *Senhora. do Carmo* 16.01.47
Long 08 26 30 Lat 41 48 58 Alt 213m

202 Santar. *Outeiro de Santar* 16.01.38
Long 08 25 23 Lat 41 49 15 Alt 90m

203 Paçô. *Castro de Telheira* 16.01.24
Long 08 43 52 Lat 41 49 47 Alt 257m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 169; Queiroga 1992, n.º 262; Lopes 2003, 2, n.º 5.14.

204 Vale. *Coto da Pena* 16.01.49
Long 08 45 56 Lat 41 50 14 Alt 223m
Pereira F. A. 1915b; Viana 1932, p. 164; Kalb 1980a, n.º 11, Abb. 2; Silva A. C. F. 1986b, n.º 170; Queiroga 1992, n.º 279; Lopes 2003, 2, n.º 4.3, 5.21.

205 Ermelo. *Castro* 16.01.11
Long 08 50 34 Lat 41 51 30 Alt 340m
Vasconcellos 1899-1900; Viana 1932, p. 161; Pereira F. A. 1934; Silva A. C. F. 1986b, n.º 171; Queiroga 1992, n.º 264; Lopes 2003, 2, n.º 5.8.

Ponte da Barca

206 Oleiros. *Airó* 16.06.14
Long 08 26 00 Lat 41 47 12 Alt 180m
Viana 1932, p. 162; Silva A. C. F. 1986b, n.º 172; Queiroga 1992, n.º 338; Lopes 2003, 2, n.º 5.120.

207 Crasto. *S. Martinho de Eiriz* 16.06.05
Long 08 26 01 Lat 41 40 30 Alt 180m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 173; Almeida C. A. B. 1987, p. 125; Queiroga 1992, n.º 336; Lopes 2003, 2, n.º 5.114.

208 S. Tomé / S. Sebastião. *Airó* 16.06.24
Long 08 24 21 Lat 41 46 54 Alt 135m
Viana 1932, p. 164; Silva A. C. F. 1986b, n.º 174; Queiroga 1992, n.º 341; Lopes 2003, 2, n.º 5.122.

209 Sampriz. *Crasto* 16.06.19
Long 08 23 30 Lat 41 47 12 Alt 323m
Brito 1908; Viana 1932, p. 163; Silva A. C. F. 1986b, n.º 176; Centeno 1987; Queiroga 1992, n.º 342; Lopes 2003, 2, n.º 5.121.

210 Azias. *Castro Cacapedo* 16.06.01
Long 08 20 35 Lat 41 46 40 Alt 431m
Queiroga 1992, n.º 331; Lopes 2003, 2, n.º 5.111.

211 Entre-Ambos-os-Rios. *S. Miguel* 16.06.07
Long 08 26 01 Lat 41 49 06 Alt 109m
Queiroga 1992, n.º 337; Lopes 2003, 2, n.º 5.115.

212 Britelo. *Castro* 16.06.04
Long 08 17 23 Lat 41 49 37 Alt 301m
Silva A. C. F. 1986b, n.º 177; Queiroga 1992, n.º 332; Lopes 2003, 2, n.º 5.112.

213 Britelo. *Cidadelhe; Crasto* 16.06.05
G Long 08 14 32 Lat 41 51 50 Alt 215m
Guerra 1882; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 43, 45; Silva A. C. F. 1986b, n.º 178; Queiroga 1992, n.º 335; Lopes 2003, 2, n.º 5.113.

214 Lindoso. *Castro da Foz do Cabril* 16.06.12
Long 08 10 48 Lat 41 52 16 Alt 375m
Baptista A.M. 1986; Queiroga 1992, n.º 333; Lopes 2003, 2, n.º 5.116.

215 Lindoso. *Castro da Torre de Grade* 16.06.12
Long 08 10 25 Lat 41 50 58 Alt 669m
Baptista A.M. 1986; Queiroga 1992, n.º 334; Lopes 2003, 2, n.º 5.117.

216 Lindoso/ Parada. *Leijó* 16.06.12
Long 08 12 26 Lat 41 51 33 Alt 505m 16.04.19
Baptista A.M. 1986; Queiroga 1992, n.º 339.

217 Lindoso/ Parada. *Monte do Crasto* 16.06.12
Long 08 12 36 Lat 41 52 04 Alt 480m 16.04.19
Baptista A.M. 1986; Queiroga 1992, n.º 340.

BRAGA

Esposende

218 Antas (S. Paio de). *Monte; Talhoz* 03.06.01
Long 08 45 39 Lat 41 36 10 Alt 90m
Almeida C. A. B. 1985a, n.º 2, 1986, p. 47-48 e 1996, 4, n.º 2, p.12-13 e 1998, n.º 2, p. 19-20; Silva A.C.F. 1986b, n.º 179; Queiroga 1992, n.º 59; Maciel 2003, n.º 39, p. 155-156.

219 Antas (S. Paio de). *Talhos; Monte* 03.06.01
Long 08 45 43 Lat 41 36 28 Alt 99m
Almeida C. A. B. 1985a, n.º 26; Silva A.C.F. 1986b, n.º 180; Queiroga 1992, p. 296.

220 Antas (S. Paio de). *Suvidade; Belinho* 03.06.01
Long 08 46 32 Lat 41 35 58 Alt 45m
Vitorino 1917-18, p. 156; Vasconcellos 1934, p. 45-49; Fonseca 1936, p. 201-202; López Cuevillas 1946, p. 21; Machado M. A. F. 1951, p. 32; Araújo I. 1980, p. 105; Almeida C. A. B. 1985a, n.º 32 e 1986, p. 39-59 e 1996, 4, p. 10-12 e 1998, n.º 1, p. 17-19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 181; Queiroga 1992, n.º 58; Maciel 2003, n.º 38, p. 154-155.

221 Belinho. *Sanfins; Castro da Cova da Bouça* 03.06.03
Long 08 47 49 Lat 41 34 54 Alt 120m
Cepa 1944, p. 19; Almeida C. A. B. 1985a, n.º 39, 1987, p. 94-95, 1996,4, p. 23-24 e 1998, n.º 10, p. 31-32; Silva A.C.F. 1986b, n.º 182; Queiroga 1992, n.º 61; Maciel 2003, n.º 40, p. 156.

222 Marinhas. *Rio de Moinhos; Castro de Nossa Senhora da Paz* 03.06.12
Long 08 46 24 Lat 41 34 16 Alt 161m
Almeida C. A. B. 1985a, n.º 41 e 1987, p. 98 e 1996, 4, p. 34-35 e 1998, n.º 22, p. 42-43; Silva A.C.F. 1986b, n.º 183; Queiroga 1992, n.º 62.

223 Palmeira de Faro. *Castro do Senhor dos Desamparados* 03.06.13
Long 08 45 05 Lat 41 32 32 Alt 132m
Almeida C. A. B. 1985a, n.º 48 e 1987, p. 104-105 e 1996, 4, p. 37-38 e 1998, n.º 26, p. 46-47; Silva A.C.F. 1986b, n.º 184, Queiroga 1992, n.º 63.

224 Vila Chã. *Monte de S. Lourenço* 03.06.15
Long 08 45 33 Lat 41 33 20 Alt 200m
Sarmento 1894-95 = 1933a, p. 159; Fonseca 1936, p. 143; Boaventura 1963 e 1965, p. 270-273; Neves 1965, p. 172-180; Rosário 1973, p. 62-63; Araújo I. 1980, p. 103; Almeida C. A. B.-Neiva 1982; Almeida C. A. B. 1985a, n.º 20, 1996, 4, p. 46-52 e 1998, n.º 32, p. 55-170; Silva A.C.F. 1986b, n.º 185; Queiroga 1992, n.º 64.

225 Vila Chã. Antas/ Forjães. *Monte da Cerca* 03.06.15
Long 08 45 17 Lat 41 34 50 Alt 284m 03.06.01
Almeida C.A.B. 1985, n.º 16; Neiva 1987, p. 128; Maciel 2003, n.º 37, p. 153-154. 03.06.08

226 Fonte Boa. *Outeiro dos Picotos* 03.06.07
Long 08 44 17 Lat 41 30 45 Alt 58m
Fonseca 1936, p. 49; Almeida C. A. B. 1985a, n.º 58 e1988, p. 32-33 e 1996, 4, 29-30 e 1998, p. 37-38; Silva A.C.F. 1986b, n.º 186; Queiroga 1992, n.º 60.

Barcelos

227 Durrães / Tregosa. *Picoto dos Mouros* 03.02.29
Long 08 40 36 Lat 41 38 36 Alt 260m 03.02.81
Silva A.C.F. 1986b, n.º 187; Queiroga 1992, n.º 24; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 127-128 e 1997, 1, n.º 65, p. 152-154; Maciel 2003, n.º 33, p. 146-149.

228 Durrães. *Alto do Senhor do Lírio* 03.02.29
Long 08 39 52 Lat 41 38 08 Alt 130m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 188; Queiroga 1992, n.º 22; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 85-86 e 1997,1, n.º 33, p. 192-193; Maciel 2003, n.º 34, p. 149-150.

229 Durrães. *Giesta* 03.02.29
Long 08 40 21 Lat 41 37 35 Alt 298m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 189; Queiroga 1992, n.º 23; Almeida C.A.B. 1996, 3, p. e 1997, 1, n.º 35, p. 106-108; Maciel 2003, n.º 32, p. 145-146.

230 Durrães. *Castelos; Crasto; Alto dos Castelos* 03.02.29
Long 08 39 37 Lat 41 37 41 Alt 180m
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 86-87.

231 Aguiar / Durrães. *Alto dos Castelos* 03.02.04
Long 08 39 36 Lat 41 37 42 Alt 160m 03.02.29
Fonseca 1948, p. 69; Silva A.C.F. 1986b, n.º 190; Queiroga 1992, nº 16; Almeida C.A.B. 1997, 1, n.º34, p. 104-106; Maciel 2003, n.º 30, p. 141-143.

232 Quintiães. *Monte de Santa Marinha* 03.02.62
Long 08 40 59 Lat 41 36 20 Alt 240m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 191; Queiroga 1992, n.º 29; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 118-120 e 1997, 1, n.º 55, p. 142-145; Maciel 2003, n.º 31, p. 143-144.

233 Balugães. *Sr.ª do Crasto; Senhora da Aparecida* 03.02.12
Long 08 38 42 Lat 41 38 25 Alt 190m
Cardozo 1758, VI, p. 126; Azevedo P.A. 1896a, p. 262; Fonseca 1948, p. 138; Silva A.C.F. 1986b, n.º 192; Queiroga 1992, n.º 19; Almeida C. A. B. 1996, 3, n.º 15, p. 51-53 e 1997, 1, p. 65-67; Maciel 2003, n.º 29, p. 140-141.

234 Panque / Alheira / Alvito (S. Pedro). *Monte do Lousado; Cidade Grande* 03.02.56
Long 08 34 54 Lat 41 37 25 Alt 309m 03.02.07
Fonseca 1948, p. 93; Martins M. 1990, p. 73; Silva A.C.F. 1986b, n.º 193; Queiroga 1992, p. 291; Almeida C. A. B. 1996, 3, n.º 11, p. 46-48 e 1997, 1, p. 58-61; Maciel 2003, n.º 27, p. 136-138.

235 Cossourado. *Castro de S. Simão* 03.02.24
Long 08 38 59 Lat 41 37 38 Alt 236m
Almeida C. A. B.-Baptista 1984; Silva A.C.F. 1986b, n.º 194; Queiroga 1992, n.º 21; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 79-81 e 1997,1, n.º 26, p. 26-28; Maciel 2003, n.º 28, p. 138-140.

236 Alheira. *Monte do Lousado; Cidade Grande* 03.02.07
Long 08 34 54 Lat 41 37 24 Alt 300m
Figueiredo 1895, p. 242; Fonseca 1948, p. 93; Martins M. 1987, p. 126 e 1990, n.º 30, p. 73; Silva A.C.F. 1986b, n.º 195; Queiroga 1992, n.º 18.

237 Carapeços. *Castro; Picarreia* 03.02.18
Long 08 37 45 Lat 41 35 25 Alt 200m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 196; Martins M. 1990, n.º 32, p. 74; Queiroga 1992, n.º 20; Almeida C. A. B. 1996, 3, n.º 22, p. 64-76 e 1997, 1, p. 79-92.

238 Fragoso. *Castelo dos Mouros* 03.02.35
Long 08 40 14 Lat 41 35 22 Alt 410m
Maciel 2003, n.º 35, p. 151.

239 Fragoso / Aldreu. *Castelo dos Mouros* 03.02.35
Long 08 40 14 Lat 41 35 22 Alt 410m 03.02.06
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 39-40 e 1997, 1, n.º 6, p. 50-53; Maciel 2003, n.º 36, p. 152-153.

240 S. Martinho (Alvito) 03.02.71
Long 08 36 36 Lat 41 35 53 Alt 105m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 197.

241 Feitos. *Ferração; Monte de S. Gonçalo* 03.02.32
Long 08 40 19 Lat 41 35 08 Alt 492m
Fonseca 1948, p. 235; Silva A.C.F. 1986b, n.º 198; Martins M. 1990, p. 75.

242 Feitos / Vila Cova / Vilar do Monte; *S. Mamede* 03.02.32
Long 08 40 51 Lat 41 33 45 Alt 409m 03.02.86
Fonseca 1948, p. 232; Silva A.C.F. 1986b, n.º 199; Martins M. 1990, n.º 36, p. 75; Queiroga 1992, n.º 25; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 91-93, n.º 38, e 1997, 1, p. 110-112. 03.02.89

243 Feitos. *Monte de S. Gonçalo* 03.02.32
Long 08 40 23 Lat 41 35 16 Alt 438m
Martins M. 1990, n.º 35, p. 75.

244 Vila Cova. *Paço* 03.02.86
Long 08 42 55 Lat 41 33 08 Alt 70m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 200; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 143-158, n.º 77 e 1997, 1, p. 171-221 (195-196).

245 Mariz. *Igreja* 03.02.46
Long 08 40 17 Lat 41 31 28 Alt 67m
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 100-101 e 1997, 1, n.º 44, p. 122-124.

246 Abade de Neiva. *Monte do Facho; Castro do Alto da Torre* 03.02.01
Long 08 38 36 Lat 41 32 47 Alt 170m
Fonseca 1948, p. 55; Almeida C. A. B. - Soeiro 1980; Costa *et alii* 1980, p. 10-14; Silva A.C.F. 1986b, n.º 201; Martins M. 1990, n.º 26, p. 72; Queiroga 1992, n.º 14; Almeida C.A.B. 1996, 3, p. 35-36, n.º 1 e 1997, 1, p. 46-47.

247 Abade do Neiva. *Queijeiros* 03.02.01
Long 08 39 17 Lat 41 33 36 Alt 150m
Martins M. 1990, n.º 27, p.72; Queiroga 1992, n.º 15.

248 Campo (S. Salvador). *Crasto* 03.02.17
Long 08 36 49 Lat 41 35 05 Alt 55m
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 60-61 e 1997,1, n.º 19, p. 76.

249 Campo (S. Salvador). *Crasto do Monte* 03.02.17
Long 08 36 50 Lat 41 35 47 Alt 130m
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 59-60 e 1997, 1, n.º 18, p. 74-75.

250 Santa Maria (Galegos). *Pena Grande*
B Long 08 34 11 Lat 41 33 55 Alt 140m 03.02.68
Silva A.C.F. 1986b, n.º 202 p. 53-60 e 38 (Cer. 38); Martins M. 1987, p. 136 e 1990, n.º 43, p. 77; Queiroga 1992, n.º 26; Almeida C. A. B. 1996, 3, n.º 40, p. 94-99 e 1997, 1, p. 114-119. 03.02.72

251 Roriz / Oliveira. *Facho; Citânia de Roriz; Citânia de Oliveira; Eira dos Mouros; Monte dos Cabrões.*
G Long 08 33 32 Lat 41 34 39 Alt 324m 03.02.64
S Fonseca 1948, p. 309; Villas Bôas 1948b; Sarmento 1970; Monteagudo 1977, n.º 1702; Almeida C. A. B. - Soeiro 1980; Costa *et alii* 1980, p. 23-28; Kalb 1980a, n.º 12, Abb, 2; Almeida C. A. B. 1981 e 1983 e 1996, 3, n.º 47, p. 104-111 e 1997, 1, p. 47-135; Silva A.C.F. 1986b, n.º 203 e 559 (Icon. 15); Martins M. 1990, n.º 41, p. 76; Queiroga 1992, n.º 31; Calo Lourido 1994, p. 398-402 e 2003a, p. 16-17; Bettencourt 2003b. 03.02.54

252 Lama.
Long 08 32 09 Lat 41 34 15 Alt 68m 03.02.42
Fonseca 1948, p. 279; Silva A.C.F. 1986b, n.º 204.

253 Ucha. *Monte do Castro*
Long 08 31 11 Lat 41 34 23 Alt 50m 03.02.82
Fonseca 1948, p. 397; Martins M. 1990, n.º 49, p. 79; Silva A.C.F. 1986b, n.º 205; Queiroga 1992, n.º 32; Almeida C.A.B. 1996, 3, n.º 66, p. 128-130 e 1997, 1, p. 154-156.

254 Gilmonde. *Castelo de Faria*
Long 08 38 45 Lat 41 29 47 Alt 298m 03.02.37
Fonseca 1948, p. 183-184; Costa *et alii* 1980, p. 15-22; Almeida C. A. B. 1982a e 1985, p. 50-52 e 1996, 3, n.º 36, p. 291-388; Silva A.C.F. 1986b, n.º 206; Martins M. 1990, n.º 38, p. 75; Queiroga 1992, n.º 27.

255 Fornelos. *Alto da Deveza; Giestal; Castro.*
Long 08 40 20 Lat 41 30 13 Alt 43m 03.02.34
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 245-246 e 1997, 2, n.º 33, p. 44-45.

256 Rio Covo. *Santa Eulália*
Long 08 34 44 Lat 41 29 16 Alt 128m 03.02.66
Fonseca 1948, p. 335; Silva A.C.F. 1986b, n.º 207; Queiroga 1992, n.º 30.

257 Airó. *Outeiro do Castro; Castro de Airó; Castelo de Bastuço*
Long 08 32 30 Lat 41 31 20 Alt 222m 03.02.05
Fonseca 1948, p. 13; Soeiro 1983; Silva A.C.F. 1986b, n.º 209; Martins M. 1990, p. 73; Queiroga 1992, n.º 17; Almeida C. A. B. 1993, p. 82-83 e 1996, 3, p. 213-215 e 1997, 2, n.º 2, p. 7-10.

258 Pousa. *Verdasca.*
Long 08 30 47 Lat 41 32 24 Alt 130m
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 275 e 1997, 2, n.º 52, p. 80-81. 03.02.61

259 Encourados. *Casa do Adro*
Long 08 31 57 Lat 41 31 50 Alt 70m
Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 240 e 1997, 2, n.º 27, p. 38-39. 03.02.39

260 Sequeade. *Sequeade*
Long 08 32 10 Lat 41 30 10 Alt 200m
Martins M. 1990, n.º 46, p. 78; Queiroga 1992, n.º 13. 03.02.78

261 Monte de Fralães. Chavão / Silveiros. *Monte da Saia; Cidade da Citânia*
B Long 08 34 58 Lat 41 27 15 Alt 303m
Azevedo P.A. 1896a, n.º 14 e 1896c; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 375, 379; Sarmento 1894-95 = 1933a, p. 160; Cunha A. R. 1946; Fonseca 1948, p. 264; Cardozo 1957d; Kalb 1980a, n.º 17, Abb. 3; Silva A.C.F. 1986b, n.º 211, p. 53-60 e 523 (Au 43); Martins M. 1990, n. º 33, p. 74; Queiroga 1992, n.º 28; Dinis A.P. 1993, n.º 2, p. 34-35; Almeida C. A. B. 1996, 3, p. 258-264 e 1997, 2, n.º 22, p. 31-33 e n.º 45, p. 59-68. 03.02.51 03.02.22 03.02.80

262 Chorente. *Crasto*
Long 08 36 33 Lat 41 27 06 Alt 186m
Almeida C. A. B. 1996,3, p. 232-233 e 1997, 2, n.º 21, p. 28-30. 03.02.23

Vila Verde

263 Aboim da Nobrega / Sampriz. *Castelo da Nobrega*
Long 08 22 21 Lat 41 46 07 Alt 773m
Costa 1868, p. 212; Leal-Ferreira 1873; Abreu L. 1963, p. 15; Cunha A.R. 1975, p. 503-506; Regalo 1986, p. 86; Queiroga 1992, n.º 152. 03.13.01

264 Gondomar. *Penedos do Inferno*
Long 08 21 01 Lat 41 45 04 Alt 700m
Regalo 1986, p. 89; Queiroga 1992, n.º 142. 03.13.22

265 S. Miguel do Prado / Godinhaços. *Castro S. Miguel, o Anjo*
Long 08 26 12 Lat 41 42 45 Alt 499m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 212; Regalo 1986, n.º 16; Martins M. 1990, p. 194; Queiroga 1992, n.º 143; Maciel 2003, n.º 1, p. 78-79. 03.13. 50 03.13.19

266 Pedregais. *Cristelo*
Long 08 28 52 Lat 41 42 08 Alt 351m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 214; Regalo 1986, n.º 12; Martins M. 1990, p. 59; Queiroga 1992, n.º 146; Maciel 2003, n.º 2, p. 80-81. 03.13.33

267 Duas Igrejas. *Chã da Coroa*
Long 08 29 52 Lat 41 42 26 Alt 480m
Costa 1868, p. 235; Vieira 1886-87, p. 163; Leal-Ferreira 1873, p. 298; Azevedo A.P. 1896, p. 260; Regalo 1986, p. 88; Queiroga 1992, n.º 139; Maciel 2003, n.º 3, p. 82-84. 03.13.14

268 Rio Mau. *Castelo dos Mouros / Monte dos Francos*
Long 08 30 38 Lat 41 42 52 Alt 590m
Costa 1868, p. 235; Regalo 1986, p. 92; Queiroga 1992, n.º 149. 03.13.39

269 Rio Mau. *Moega*
Long 08 30 14 Lat 41 42 10 Alt 300m
Regalo 1986, n.º 17; Queiroga 1992, n.º 150; Maciel 2003, n.º 4, p. 85-86. 03.13.39

270 Dossãos. *Lugar do Coto; Póvoa; Lugar do Reduto*
Long 08 28 02 Lat 41 40 27 Alt 250m
Vieira 1886, p. 404; Regalo 1986, p. 88; Martins M. 1987a, p. 183-184 e 1990, nº 105, p. 97; Queiroga 1992, n.º 138. 03.13.13

271 Portela das Cabras. *Penedos da Portela*
Long 08 29 14 Lat 41 40 24 Alt 450m
Regalo 1986, n.º 15, p. 91; Martins M. 1990, n.º 112, p. 99; Queiroga 1992, n.º 148; Maciel 2003, n.º 5, p. 87-88. 03.13.38

272 Ponte / Coucieiro. *Citânia de S. Julião (S. Gião)*
G Long 08 23 37 Lat 41 41 15 Alt 296m 03.13.37
Costa A. C. 1868, p. 216; Bellino 1909, p. 6; Cardoso 1947c; Freitas J. 1971; Rosário 1973, p. 8, 22, 23; Martins M. 1984b e 1985d e 1990, n.º 104, p. 97; Kalb 1980a, n.º 13, Abb. 2; Martins M.-Silva A. C. F. 1984; Coffyn 1985, n.º 138; Silva A.C.F. 1986b, n.º 215 e 548 (Icon. 4/Epigr. 1), *passim*; Queiroga 1992, n.º 147; Calo Lourido 1994, p. 454-455 e 2003a, p. 19-20; Bettencourt 1999 e 2000b. 03.13.11

273 Esqueiros / Geme. *Monte do Castelo; Monte da Santa; Castro de Santa Eulália; Engrácia*
Long 08 26 09 Lat 41 40 02 Alt 203m 03.13.15
Silva A.C.F. 1986b, n.º 216; Martins M. 1990, n.º 106, p. 98; Queiroga 1992, n.º 141.

274 Barbudo / Santiago / Moure / Carreiras(S. Miguel). *Monte; Castro; Barbudo; Brito*
Long 08 28 08 Lat 41 39 07 Alt 331m 03.13.06
Cunha A. R. 1955b e 1975, p. 529-530; Hipólito 1960-61, p. 16-17; Martins M. 1985c e 1990, n.º 100, p. 95; Silva A.C.F. 1986b, n.º 217; Queiroga 1992, n.º 137. 03.13.44 03.13.28

275 Barbudo. *Castelhão Barbudo*
Long 08 27 24 Lat 41 39 02 Alt 200m 03.13.06
Cunha A.R. 1975, p. 530; Martins M. 1987a, p. 180 e 1990, n.º 101, p.96; Queiroga 1992, n.º 136.

276 Vila Verde. *Outeirinho*
Long 08 25 49 Lat 41 38 34 Alt 74m 03.13.57
Martins M. 1987a, p. 195 e 1990, n.º 122, p. 102; Queiroga 1992, n.º 145.

277 Turiz. *Sta. Helena; Sta. Cruz*
Long 08 27 46 Lat 41 37 53 Alt 170m 03.13.54
Regalo 1986, p. 92; Martins M. 1987a, p. 194 e 1990, n.º 120, p. 102; Queiroga 1992, n.º 151.

278 Atiães. *S. Sebastião*
Long 08 29 21 Lat 41 37 42 Alt 100m 03.13.03
Regalo 1986, p. 87; Martins M. 1987a, p. 179 e 1990, n.º 99, p. 95; Queiroga 1992, n.º 135.

279 Cabanelas. *Lugar de Gaião*
Long 08 29 30 Lat 41 34 25 Alt 60m 03.13.08
Martins M. 1987a, p. 181 e 1990, n.º 102, p. 96; Queiroga 1992, n.º 144.

280 Escariz (S. Martinho). *Castro (Montezelo) de Escariz; Santo Isidoro; Santos Idos*
Long 08 26 09 Lat 41 40 02 Alt 217m 03.13.46
Costa 1868, p. 304; Azevedo PA 1898, p. 143; Oliveira 1908, p. 668; Cunha A.C. 1975, p. 28; Silva A.C.F. 1986b, n.º 219; Regalo 1986, p. 88; Martins M. 1987a, p. 193 e 1990, p. 101; Queiroga 1992, n.º 140.

Amares

281 Lago. *Castro da Ponte; Lago*
Long 08 24 38 Lat 41 36 36 Alt 65m 03.01.13
Martins M. 1985a; Silva A.C.F. 1986b, n.º 220; Martins M. 1987a, p. 113; Queiroga 1992, n.º 7.

282 Carrazedo. *Castro / Torre do Castro; Castelo do Castro; Casa da Torre; Torre dos Machados*
Long 08 23 02 Lat 41 37 36 Alt 96m 03.01.07
Silva D. M. 1958, p. 135-148; Silva A.C.F. 1986b, n.º 221; Martins M. 1990, p. 67; Queiroga 1992, n.º 5.

283 Ferreiros. *Requiem*
Long 08 21 39 Lat 41 37 48 Alt 116m 03.01.09
Silva D. M. 1958, p. 135-148; Silva A.C.F. 1986b, n.º 222, Queiroga 1992, n.º 6.

284 Besteiros. *Castro do Gerês*
Long 08 22 58 Lat 41 38 11 Alt 114m 03.01.03
Silva D. M. 1958, p. 135-148.

285 Caires. *Grovos / Castro de Caires; Cividade de Biscaia; Castro de Gróvios; Lugar de Grovos*
Long 08 21 11 Lat 41 38 53 Alt 320m 03.01.05
Silva D. M. 1958, p. 222-223; Cardozo 1980, p. 174, n.º 105; Silva A.C.F. 1986b, n.º 224; Martins M. 1987a, p. 106 e 1990, p. 65; Queiroga 1992, n.º 4.

286 Portela. *Joubreia; Chã do Castro; Portela da Joubreia* 03.01.16
Long 08 22 03 Lat 41 38 50 Alt 311m
Alarcão - Alarcão A. M. 1963, p. 199-200; Jorge S. O. - Sousa 1980; Silva A.C.F. 1986b, n.º 225 e 276 (M. arm. 19); Martins M. 1987a, p. 116 e 1990, p. 69; Queiroga 1992, n.º 11.

287 Amares. *Monte da Santinha; Monte da Nossa Senhora da Paz* 03.01.01
Long 08 20 41 Lat 41 38 16 Alt 195m
Azevedo P. A. 1896d; Cunha A. R. 1948 e 1975, p. 525-526; Silva A.C.F. 1986b, n.º 226; Martins M. 1990, p. 64; Queiroga 1992, n.º 1.

288 Portela / Paredes Secas. *Castelo de Espinho* 03.01.16
Long 08 21 39 Lat 41 39 18 Alt 480m 03.01.15
Silva D. M. 1958, p. 135-148; Cunha A. R. 1957; Silva A.C.F. 1986b, n.º 227; Martins M. 1987a, p. 105; Queiroga 1992, n.º 10.

289 Caldelas. *Castro de Caldelas; Monte das Caldas; Outeiro de S. Sebastião* 03.01.06
Long 08 22 17 Lat 41 40 10 Alt 220m
Silva D.M. 1958-59, p. 229; Jorge-Sousa 1980, p. 120; Martins M. 1987a, p. 108 e 1990, p. 66; Queiroga 1992, n.º 8.

290 Sequeiros. *Monte Sequeiros* 03.01.21
Long 08 21 43 Lat 41 41 05 Alt 228m
Silva D.M. 1958-59, p. 353; Martins M. 1987a, p. 121 e 1990, p. 71; Queiroga 1992, n.º 12.

291 Seramil. *Outeiro da Vila; Castro de Seramil* 03.01.22
Long 08 18 42 Lat 41 40 23 Alt 458m
Cunha 1961, p. 321; Martins M. 1987a, p. 121 e 1990, p. 71; Queiroga 1992, n.º 9.

Terras do Bouro

292 Santa Maria de Bouro. *Monte de S. Miguel* 03.01.19
Long 08 15 12 Lat 41 40 13 Alt 566m 03.01.20
Cunha A.R. 1975, p. 415, 516; Queiroga 1992, n.º 2.

293 Santa Maria de Bouro. *Monte do Outeiro* 03.01.19
Long 08 17 11 Lat 41 39 45 Alt 175m 03.01.20
Martins M. 1987a, p. 119 e 1990, p. 70; Queiroga 1992, n.º 3.

294 Chorense. *Saim* 03.10.06
Long 08 51 06 Lat 41 42 31 Alt 593m
Silva D. M. 1958, p. 135-148; Silva A.C.F. 1986b, n.º 228; Queiroga 1992, n.º 120.

295 Chamoim. *Castro da Perra da Moura* 03.10.05
Long 08 52 51 Lat 41 43 11 Alt 810m
Silva D. M. 1958; Silva A.C.F. 1986b, n.º 230; Queiroga 1992, n.º 118.

296 Campo do Gerês. *Calcedónia* 03.10.03
Long 08 11 58 Lat 41 40 12 Alt 910m
Azevedo P.A. 1897, p. 104-105, 238; Corrêa - Teixeira 1946; Cunha A. R. 1950b, p. 2, 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 231; Queiroga 1992, n.º 117.

Braga

297 Merelim-Sampaio. *Castro Mau* 03.03.45
Long 08 26 49 Lat 41 35 19 Alt 50m
Martins M. 1987a, p. 160 e 1990, p. 88; Queiroga 1992, n.º 38.

298 Palmeira. *Montariol; Monte Calvelo* 03.03.31
Long 08 25 34 Lat 41 35 31 Alt 122m

299 Palmeira. *Castro da Sola* 03.03.31
Long 08 24 28 Lat 41 35 17 Alt 99m
Martins M. 1987a, p. 152 e 1990, p. 84; Queiroga 1992, n.º 40; Bettencourt 2000d.

300 Adaúfe. *Cabeço da Ribeira* 03.03.01
Long 08 24 16 Lat 41 36 06 Alt 73m
Martins M. 1987a, p. 142 e 1990, p. 80; Queiroga 1992, n.º 33.

301 Santa Lucrécia de Argeriz. *Castelhão; Castro de Sta. Lucrécia de Algeriz* 03.03.39
Long 08 22 32 Lat 41 35 28 Alt 200m
Martins M. 1987a, p. 158 e 1990, p. 87; Queiroga 1992, n.º 46.

302 Santa Lucrécia de Argeriz. *Monte de Vasconcelos* 03.03.39
Long 08 22 35 lat 41 34 32 Alt 326m
Dinis A.P. 1993, n.º 5, p. 37-38; Bettencourt 2000c.

303 S. Mamede de Este / Póvoa de Lanhoso. Covelas. *Eiras Velhas* 03.03.44 03.09.06
Long 08 20 32 Lat 41 35 06 Alt 493m
Moita 1966, p. 544; Teixeira *et alii* 1973, p. 47; Silva A.C.F. 1986b, n.º 241; Martins M. 1987a, p. 159 e 1990, p. 87; Queiroga 1992, n.º 41; Dinis A.P. 1993, n.º 6, p. 38-41.

304 S. Pedro de Este. *Alto do Crasto* 03.03.46
Long 08 21 57 Lat 41 33 17 Alt 411m
Dinis A.P. 1993, n.º 31, p. 85-86.

305 Pedralva. *Pau de Bandeira* 03.03.34
Long 08 19 57 Lat 41 33 49 Alt 570m
Dinis A.P. 1993, n.º 33, p. 87-88.

306 Pedralva. *Monte dos Picos* 03.03.34
Long 08 19 57 Lat 41 34 06 Alt 564m
Dinis A.P. 1993, n.º 35, p. 91-92.

307 Sobreposta. *Monte do Castro* 03.03.55
Long 08 20 31 Lat 41 33 52 Alt 567m
Macedo 1896; Bellino 1909, p. 1-28; Teixeira 1936; Castro *et alii* 1980, p. 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 238; Queiroga 1992, n.º 45.

308 Nogueiró. *Castro da Consolação* 03.03.29
Long 08 23 40 Lat 41 33 01 Alt 175m
Bellino 1909; Rosário 1973, p. 23, 24, 49, 62; Cunha A. R. 1975, p. 501-502; Castro *et alii* 1980, p. 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 237; Queiroga 1992, n.º 39; Dinis A.P. 1993, n.º 28, p. 79-81.

309 Cividade. *Cividade* 03.03.07
B Long 08 25 35 Lat 41 32 42 Alt 183m
S Bellino 1909; Castro *et alii* 1980, p. 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 234; Martins M. 1987a, p. 144 e 1990, p. 81; Queiroga 1992, n.º 34; Dinis A.P. 1993, n.º 4, p. 36-37; Bettencourt-Carvalho 1993-94; Lemos *et alii* 2003.

310 S. Victor (Braga). *Castro de Pedroso* 03.03.51
Long 08 23 44 Lat 41 34 22 Alt 226m
Fontes 1990, p. 131; Queiroga 1992, n.º 43.

311 S. Vicente (Braga) / Real. *Monte Castro; Castro Máximo* 03.03.49 03.03.37
Long 08 25 35 Lat 41 33 35 Alt 198m
Teixeira 1936 e 1955-1956; Castro *et alii* 1980, p. 37-53; Lemos *et alii* s. d., p. 41-43; Silva A.C.F. 1986b, n.º 235 e 284 (M. arm. 27); Martins M. 1987a, p. 156 e 1990, p. 86; Queiroga 1992, n.º 42.

312 Ferreiros. *Castro de Ferreiros* 03.03.14
Long 08 26 26 Lat 41 32 09 Alt 155m
Castro *et alii* 1980, p. 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 233; Martins M. 1987a, p. 149 e 1990, p. 83; Queiroga 1992, n.º 36; Dinis A.P. 1993, n.º 3, p. 36.

313 Sequeira / Gondizalves. *Monte das Caldas; Monte de S. Mamede* 03.03.54 03.03.18 03.03.44
Long 08 28 04 Lat 41 32 13 Alt 304m
Bellino 1909, p. 18-19; Cunha A. R. 1947 e 1975, p. 499-500; Castro *et alii* 1980, p. 38-39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 232 e 113 (Cer. 113); Martins M. 1987a, p. 150 e 1990, p. 83-84.; Queiroga 1992, n.º 44.

314 Guizande. *Monte Redondo /Castro de Guizande* 03.03.20
Long 08 26 48 Lat 41 28 23 Alt 427m
Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 334 e 1913 (RL, 3), p. 175; Bellino 1909, p. 7-15, 19-28; Cunha A. R. 1975, p. 497-498; Castro *et alii* 1980, p. 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 239; Queiroga 1992, n.º 37; Dinis A.P. 1993, n.º 23, p. 68-70.

315 Esporões. *Monte da Falperra; Santa Marta das Cortiças* 03.03.13
Long 08 23 38 Lat 41 30 50 Alt 563m
Bellino 1909, p. 15-18; Cunha 1948b, 1949, 1952, 1953c, 1953-54, 1954-55, 1955a, e 1975, p. 487-496; Sousa J. J. R. 1968-70; Castro *et alii* 1980, p. 39; Ponte 1984, n.º 63; Silva A.C.F. 1986b, n.º 240 e 271 (M. arm. 14); Queiroga 1992, n.º 35; Dinis A.P. 1993, n.º 27, p. 77-79; Bettencourt 1999 e 2000c, p. 141-176.

316 Figueiredo. *Castro das Lages* 03.03.15
Long 08 26 53 Lat 41 29 54 Alt 308m
Dinis A.P. 1993, n.º 20, p. 63-64.

Póvoa de Lanhoso

317 Verim / Ajude. *Santa Iria; Castro de Sta. Iria de Lagido* 03.09.28 03.09.02
Long 08 18 47 Lat 41 38 20 Alt 110m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 242; Martins M. 1987a, p. 173; Queiroga 1992, n.º 106.

318 S. João do Rei. *Monte Vermelho; Monte Castro; Castro de S. João de Rei.* 03.09.23
Long 08 17 40 Lat 41 37 05 Alt 202m
Bellino 1909, p. 1-28; Cardozo 1935; Monteagudo 1977, p. 268, n.º 1795; Kalb 1980a, n.º 14, Abb. 2; Silva A.C.F. 1986b, n.º 243 e 351 (M. orn. 29); Martins M. 1987a, p. 171-172; Queiroga 1992, n.º 115; Bettencourt 1999 e 2000c, p. 235-280; Figueiral 2000, p. 51-54.

319 Frades. *Monte Penafiel de Soaz; Castro de S. Mamede* 03.09.10
Long 08 14 42 Lat 41 37 38 Alt 742m
Cunha A.R. 1975, p. 553; Silva A.C.F. 1986b, n.º 244; Queiroga 1992, n.º 110.

320 Rendufinho. *Castro; Monte de Santo Tirso* 03.09.21
Long 08 16 43 Lat 41 36 45 Alt 461m
Cunha A. R. 1975; Silva A.C.F. 1986b, n.º 245; Martins M. 1987a, p. 167, n.º 114.

321 Lanhoso. *Província; Atalaia de Pena Província* 03.09.15
Long 08 18 02 Lat 41 34 51 Alt 496m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 166; Silva A.C.F. 1986b, n.º 246; Queiroga 1992, n.º 113.

322 Lanhoso. *Castelo; Monte Pilar; Castro de Lanhoso* 03.09.15
S Long 08 16 47 Lat 41 35 00 Alt 385m
TTT Teixeira 1939, 1940a, 1940b e 1941; BDGEMN 1942; García y Bellido 1946c; López Cuevillas 1946-47, p. 573, Lám. VI e 1951c, p. 29-30; Raddatz 1969, p. 196, n.º 33; Cunha A. R. 1975, p. 517-518; Abásolo-Pérez 1980, p. 107; Silva A.C.F. 1986b, n.º 247 e 46 (Cer. 46), 297 (M. arm. 45), 501-503 (Au 22-24), 562 (Icon. 18); Martins M. 1987a, p. 169; Queiroga 1992, n.º 112; García Mouriño 1993, p. 109: 28, Calo Lourido 1994, p. 283-291, n.º 40; Sousa M. J. 1994, p. 7-8; Martins C.M.B. 1996, p.17; Prieto 1996, p. 220-221; Bettencourt 1999 e 2000c, p. 85-110; Ladra 2002, p. 82-85.

323 Calvos. *Bouça do Alto; Castro de Calvos* 03.09.04
B Long 08 51 56 Lat 41 35 20 Alt 202m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 248; Queiroga 1992, n.º 108; Sousa M.J. 1994, Dinis A.P. 2002.

324 Taíde / Oliveira. *Castro de Santinho* 03.09.26 03.09.20
Long 08 10 55 Lat 41 34 29 Alt 399m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 249; Queiroga 1992, n.º 116.

325 Travassos. Castro de *Leiradela* 03.09.27
Long 08 56 48 Lat 41 35 21 Alt 493m

326 Brunhães. *Monte Crasto* 03.09.03
Long 08 10 55 Lat 41 35 22 Alt 447m
Cunha A. R. 1975, p. 523-524; Silva A.C.F. 1986b, n.º 250; Queiroga 1992, n.º 107.

327 Campos / Louredo. *Santa Iria; Castro de Santa Iria* 03.09.05 03.09.16
Long 08 17 41 Lat 41 32 19 Alt 306m
Pina 1940, p. 506-507; Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 166; Silva A.C.F. 1986b, n.º 251; Queiroga 1992, n.º 109.

328 Garfe. *Castelo* 03.09.13
Long 08 14 47 Lat 41 32 00 Alt 230m
Cunha A. R. 1975; Silva A.C.F. 1986b, n.º 252; Queiroga 1992, n.º 111.

Vieira do Minho

329 Parada do Bouro. *Castro de S. Mamede* 03.11.11
Long 08 14 49 Lat 41 37 32 Alt 732m
Cunha A. R. 1975; Silva A.C.F. 1986b, n.º 253.

330 Vieira do Minho. *Vila Seca* 03.11.20
Long 08 07 37 Lat 41 37 35 Alt 485m
Cunha A. R. 1975, p. 507-508; Silva A.C.F. 1986b, n.º 254; Queiroga 1992, n.º 134.

331 Anissó. *Castro* 03.11.014
Long 08 09 47 Lat 41 36 32 Alt 733m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 255; Queiroga 1992, n.º 132.

332 Rossas. *Monte do Castelo* 03.11.13
Long 08 03 39 Lat 41 34 37 Alt 730m
Cunha A. R. 1950c e 1975, p. 485-535, p. 509-512; Teixeira 1955-56; Silva A.C.F. 1986b, n.º 256; Queiroga 1992, n.º 133.

Vila Nova de Famalicão

333 Jesufrei. *Monte; Castro das Ermidas* 03.12.18
Long 08 31 20 Lat 41 27 40 Alt 209m
Queiroga 1985b, p. 56-57 e 1992, n.º 126; Silva A.C.F. 1986b, n.º 257; Pautreau-Queiroga 1990; Dinis A.P. 1993, n.º 15, p. 58-59; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

334 Vale de S. Cosme. *Castro da Bóca* 03.12.40
Long 08 28 24 Lat 41 27 01 Alt 289m
Queiroga 1992, n.º 129; Dinis A.P. 1993, n.º 17, p. 60-6; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

335 Vale de S. Martinho. *Castro do Cruito* 03.12.41
Long 08 28 11 Lat 41 25 46 Alt 210m
Queiroga 1992, n.º 130; Dinis A.P. 1993, n.º 18, p. 61-62; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

336 Requião. *Castro de Santa Cristina* 03.12.33
Long 08 27 44 Lat 41 25 38 Alt 336m
Queiroga 1992, n.º 128; Dinis A.P. 1993, n.º 19, p. 62-63; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

337 Vermoim. *Castelo de Vermoim* 03.12.47
Long 08 26 53 Lat 41 25 54 Alt 356m
Sarmento 1882 = 1933a, p. 81; Cardozo 1985, p. 173, n.º 104 e p. 175, n.º 106; Rosário 1973, p. 59; Almeida 1974c, p. 163; Queiroga 1985a e 1992, n.º 131; Silva A.C.F. 1986b, n.º 258; Dinis A.P. 1993, n.º 21, p. 64-66; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

338 Pousada de Saramagos/Joane/Vermoim/Telhados. *Alto das Eiras* 03.12.32
B Long 08 26 32 Lat 41 26 16 Alt 384m 03.12.19
Queiroga 1992, n.º 127; Dinis A.P. 1993, n.º 22, p. 66-68; Silva A.C.F. *et alii* 2004. 03.12.47
03.12.46

339 Santa Maria (Oliveira). *Santa Tecla; Castro de Santa Tecla* 03.12.39
Long 08 24 08 Lat 41 25 01 Alt 328m
Sarmento 1901 (RG, 18 (1-2)), 14-17; Silva A.C.F. 1986b, n.º 259; Dinis A.P. 1993, n.º 25, p. 72-74; Queiroga 1992, n.º 125; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

340 Delães/Ruivães. *Castro de S. Miguel-o-Anjo* 03.12.13
Long 08 26 30 Lat 41 23 59 Alt 291m 03.12.36
Sarmento 1887-89 = 1894 = 1933a, p. 420-421 e 1986 = 1933a, p. 428-430; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 327-329; Lima 1926-28; Silva A.C.F. 1986b, n.º 260; Queiroga 1992, n.º 123; Dinis A.P. 1993, n.º 24, p. 71-72; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

341 Calendário. *Castro de S. Miguel-o-Anjo* 03.12.08
G Long 08 32 04 Lat 41 23 35 Alt 194m
Costa A.J. 1959, p. 44; Centeno 1987, p. 112; Queiroga 1992, n.º 122; Dinis A.P. 1993, n.º 14, p. 55-57; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

342 Calendário. *Castro; Monte do Facho* 03.12.08
Long 08 32 45 Lat 41 24 16 Alt 268m
Teixeira *et alii* 1965, p. 46; Queiroga 1992, n.º 121; Dinis A.P. 1993, n.º 13, p. 53-55; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

343 Gondifelos. *Castro de Penices* 03.12.17
Long 08 36 26 Lat 41 24 56 Alt 99m
Queiroga 1987 e 1992, n.º 124; Figueiral 1990; Dinis A.P. 1993, n.º 12, p. 50-52; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

Guimarães

344 Santa Leocádia (Briteiros). *Montezelo* 03.08.43
Long 08 20 28 Lat 41 31 01 Alt 273m
Pina 1940, p. 506; Silva A.C.F. 1986b, n.º 261; Queiroga 1992, n.º 73.

345 Salvador (Briteiros). *Citânia* 03.08.41
BB Long 08 19 14 Lat 41 31 36 Alt 337m
GG? Cardozo 1980 (8.ª ed.; 1.ª ed. 1930), obra base com bibliografia sobre esta estação.
Relatórios de escavações: Sarmento 1902/05 (diários); Ribeiro 1930/34; Cardozo 1936a, 1938, 1943c, 1948, 1949b, 1950a, 1951, 1952a, 1953b, 1954b, 1955b, 1956a, 1957b, 1958a, 1959d, 1960d, 1961a, 1968; Silva A. C. F.-Centeno 1977; Centeno-Silva A. C. F. 1978.
Outras referências: Pina 1940, p. 506; Blanco Freijeiro 1957a, p. 292; Alarcão-Alarcão A. M. 1963, p. 183-197; Castelo Branco 1963b; Almeida 1947a; Taboada Chivite 1977, Fig. 5; Monteagudo 1977, p. 268. n.º 1797; Fariña 1979, n.º 3; Albuquerque M. 1980; Kalb 1980a, n.º 15, Abb. 2; Pérez Outeiriño 1982, p. 48-52; Ponte 1984 e 2001; Silva A.C.F. 1986b, n.º 262 *passim*; Queiroga 1992, n.º 72; Silva M.A.D. 1997.

346 Donim. *Santa Iria* 03.08.14
Long 08 49 27 Lat 41 31 37 Alt 176m
Sarmento 1884/1909 (RG, 19 (1), 1902), p. 27-33; Pina 1940, p. 506-507; Silva A.C.F. 1986b, n.º 263.

347 Longos. *Pedrais* 03.08.27
Long 08 21 01 Lat 41 31 04 Alt 268m
Fortes 1905, 1904, p. 5; 1908ª, p. 17-18; Vasconcelos 1930a, p. 19; Monteagudo 1977, p. 268; Cardozo 1980, 1935, p. 294; López Cuevillas 1951c, p. 61; Ponte 1984; Silva A.C.F. 1986b, n.º 264; Queiroga 1992, n.º 82; Dinis A.P. 1993, n.º 32, p. 86.

348 Longos. *Castro de Sabroso* 03.08.27
B? Long 08 20 24 Lat 41 30 37 Alt 278m
Cardozo 1980 (8.ª ed.; 1.ª ed. 1930), obra base com bibliografia sobre esta estação.
Relatórios de escavações: Sarmento 1879 = 1933a, p. 22 - 35 e 1906/09 (diários); Hawkes 1958; Soeiro *et alii* 1981.
Outras referências: Pina 1940, p. 505, 513; ; Monteagudo 1977, p. 278. n.º 1798; Taboada Chivite 1977, Fig. 3; Kalb 1980a, n.º 16, Abb. 2; Ponte 1984 e 2001; Silva A.C.F. 1986b, n.º 265 *passim*; Queiroga 1992, n.º 81; Dinis A.P. 1993, n.º 34, p. 88-90.

349 Santa Maria (Souto). *Castro dos Mouros* 03.08.45
Long 08 16 54 Lat 41 29 38 Alt 421m
Sarmento 1933a, p. 270-273; Silva A.C.F. 1986b, n.º 266; Queiroga 1992, n.º 103.

350 Gonça. *Castro* 03.08.20
Long 08 15 22 Lat 41 30 24 Alt 485m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 267; Queiroga 1992, n.º 79.

351 S. Salvador (Souto). *Sapadelo* 03.08.62
Long 08 51 38 Lat 41 29 19 Alt 401m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 270-273; Silva A.C.F. 1986b, n.º 268; Queiroga 1992, n.º 102.

352 S. Torcato. *Penedo da Cabeça* 03.08.65
Long 08 52 29 Lat 41 28 49 Alt 255m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 223-227; Cunha A. R. 1946; Silva A.C.F. 1986b, n.º 269; Queiroga 1992, n.º 95.

353 S. Torcato. *Castro de S. Torcato* 03.08.65
Long 08 15 27 Lat 41 29 06 Alt 299m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 225; Cunha A. R. 1946 e 1975, p.527-528; Queiroga 1992, n.º 94.

354 Santo Tirso (Prazins). *Monte Castro* 03.08.48
Long 08 18 13 Lat 41 29 20 Alt 288m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 266-268; Silva A.C.F. 1986b, n.º 270; Queiroga 1992, n.º 92.

355 Gominhães. *N.ª S.ª do Socorro; Castelo.* 03.08.19
Long 08 16 24 Lat 41 29 09 Alt 399m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 271; Queiroga 1992, n.º 78.

356 Santa Eufêmia (Prazins). *Casa da Velha; Cidade de Santa Eufémia* 03.08.42
Long 08 18 41 Lat 41 29 04 Alt 236m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 272; Queiroga 1992, n.º 91.

357 Penselo. *Monte de S. Tiago* 03.08.35
Long 08 17 48 Lat 41 28 35 Alt 386m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 269-270; Silva A.C.F. 1986b, n.º 273; Queiroga 1992, n.º 87.

358 S. Clemente (Sande). *Monte de S. Bartolomeu* 03.08.49
Long 08 22 00 Lat 41 29 25 Alt 160m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 119-120; Silva A.C.F. 1986b, n.º 274; Queiroga 1992, n.º 96; Dinis A.P. 1993, n.º 29, p. 81-83.

359 Vila Nova / S. Martinho (Sande). *Monte da Forca* 03.08.73 03.08.58
Long 08 22 04 Lat 41 27 59 Alt 266m
Sarmento 1884/1909=1933a, p. 166; Silva A.C.F. 1986b, n.º 275; Queiroga 1992, n.º 97; Dinis A.P. 1993, n.º 30, p. 83-85.

360 Ponte (S. João) 03.08.38
Long 08 20 06 Lat 41 28 16 Alt 110m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 264-266; Silva A.C.F. 1986b, n.º 276; Queiroga 1992, n.º 90.

361 Oleiros. *Monte de S. Miguel* 03.08.33
Long 08 23 04 Lat 41 27 29 Alt 385m
Kalb 1980a, n.º 18, Abb. 4; Salgado 1980, p. 8-9; Silva A.C.F. 1986b, n.º 277; Queiroga 1992, n.º 86; Dinis A.P. 1993.

362 Ronfe / Vermil. *Couces* 03.08.40 03.08.72
Long 08 23 48 Lat 41 27 13 Alt 255m
Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 64, 329-331; Silva A.C.F. 1986b, n.º 278; Queiroga 1992, n.º 93.

363 S. Jorge (Selho). *Monte da Senhora; Monte da Santa* 03.08.544
Long 08 21 45 Lat 41 25 31 Alt 249m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 256-259; Kalb 1980a, n.º 19, Abb. 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 279; Queiroga 1992, n.º 99.

364 Silvares. *Penedo do Lobo* 03.08.684
Long 08 20 55 Lat 41 26 05 Alt 225m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 259-262; Silva A.C.F. 1986b, n.º 280; Queiroga 1992, n.º 101.

365 Fermentões. *Monte de Santa Eufémia; Monte de Santa Eulália* 03.08.15
Long 08 23 05 Lat 41 27 10 Alt 285m
Sarmento 1933a, p. 262-264; Silva A.C.F. 1986b, n.º 281; Queiroga 1992, n.º 76.

366 Azurém. *Lapa da Mulher* 03.08.04
Long 08 18 00 Lat 41 27 27 Alt 270m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 234-235; Silva A.C.F. 1986b, n.º 282; Queiroga 1992, n.º 71.

367 Mesão Frio. *Monte Longo* 03.08.30
Long 08 16 21 Lat 41 25 25 Alt 740m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 233; Silva A.C.F. 1986b, n.º 283.

368 Costa. *Matamá; Monte de Sto. Antoninho* 03.08.12
Long 08 14 12 Lat 41 26 30 Alt 526m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 223; Kalb 1980a, n.º 21 Abb. 4; Coffyn 1985, n.º 223; Silva A.C.F. 1986b, n.º 284; Queiroga 1992, n.º 75.

369 Costa. *Penha* 03.08.12
Long 08 16 00 Lat 41 26 00 Alt 673m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 219-223, 233; Pina 1928, 1936 e 1940, p. 513; Cardozo 1970 e 1971; Kalb 1980a, n.º 20, Abb. 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 285; Coffyn 1985, n.º 38, 77, 170, 267.

370 S. Martinho (Candoso). *Penedo da Mata do Vale* 03.08.57
Long 08 12 00 Lat 41 25 40 Alt 234m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 234-246; Silva A.C.F. 1986b, n.º 286 e 482 (M. fib. 129); Queiroga 1992, n.º 74.

371 Mascotelos. *Picoto de Santo Amaro* 03.08.29
Long 08 19 04 Lat 41 25 21 Alt 309m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 237-239; Pina 1940, p. 513; Guimarães 1970 e 1971; Ponte 1984, n.º 81; Silva A.C.F. 1986b, n.º 287; Queiroga 1992, n.º 83.

372 Urgeses. *Monte da Forca* 03.08.71
Long 08 17 30 Lat 41 25 41 Alt 250m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 236-237; Silva A.C.F. 1986b, n.º 288; Queiroga 1992, n.º 105.

373 S. Cristóvão (Selho). *Senhora da Monte* 03.08.50 03.08.56
Long 08 20 42 Lat 41 24 22 Alt 410m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 239-240; Pina 1940, p. 513; Silva A.C.F. 1986b, n.º 289; Queiroga 1992, n.º 98.

374 Nespereira. *Castro* 03.08.32
Long 08 19 19 Lat 41 24 23 Alt 200m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 251; Silva A.C.F. 1986b, n.º 290; Queiroga 1992, n.º 85.

375 Polvoeira. *Castro* 03.08.37
Long 08 18 10 Lat 41 24 29 Alt 347m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 211-215; Silva A.C.F. 1986b, n.º 291; Queiroga 1992, n.º 89.

376 S. Tomé (Abação). *Devesa Escura* 03.08.64
Long 08 15 48 Lat 41 24 27 Alt 434m
Azevedo P. A. 1896b; Pina 1930, p. 96-107; Silva A.C.F. 1986b, n.º 293; Queiroga 1992, n.º 70.

377 Serzedelo. *Penedo da Senhora* 03.08.66
Long 08 0 42 Lat 41 24 55 Alt 210m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 246-247; Silva A.C.F. 1986b, n.º 294; Queiroga 1992, n.º 100.

378 Guardizela. *Castro* 03.08.23
Long 08 22 30 Lat 41 22 03 Alt 227m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 256; Silva A.C.F. 1986b, n.º 295; Queiroga 1992, n.º 80.

379 Gandarela. *Castro* 03.08.17
Long 08 20 39 Lat 41 23 28 Alt 252m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 250-251; Silva A.C.F. 1986b, n.º 296; Queiroga 1992, n.º 77.

380 Moreira de Cónegos. *Cemitério dos Mouros* 03.08.31
Long 08 21 04 Lat 41 22 34 Alt 150m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 217, 252, 256; Silva A.C.F. 1986b, n.º 297; Queiroga 1992, n.º 84.

Vizela

381 Infias. *Castro* 03.14.04
Long 08 18 47 Lat 41 24 00 Alt 278m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 211-215; Pina 1940, p. 506; Silva A.C.F. 1986b, n.º 298.

382 S. João (Caldas de Vizela). *Monte de S. Pedro* 03.14.02
Long 08 19 30 Lat 41 22 40 Alt 320m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 195-196; Silva A.C.F. 1986b, n.º 299.

383 Tagilde. *Cristelo* 03.14.05
Long 08 16 25 41 22 27 Alt 200m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 300.

384 Tagilde. *Castro* 03.14.05
Long 08 16 08 Lat 41 22 14 Alt 190m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 301; Queiroga 1992, n.º 104.

Fafe

385 Revelhe. *Castro Formigoso* 03.07.24
Long 08 09 15 Lat 41 28 34 Alt 424m
Oliveira A. L. s. d., p. 94-95; Silva A.C.F. 1986b, n.º 302; Queiroga 1992, n.º 67.

386 Ribeiros. *Crasto* 03.07.25
Long 08 07 50 Lat 41 29 05 Alt 469m
Oliveira A. L. s. d., p. 95-97; Silva A.C.F. 1986b, n.º 303; Queiroga 1992, n.º 68.

387 Moreira do Rei. *Castelo* 03.07.18
Long 08 05 30 Lat 41 28 30 Alt 503m
Oliveira A. L. s. d., p. 81-84; Silva A.C.F. 1986b, n.º 304; Queiroga 1992, n.º 66.

388 Fafe. *Monte de S. Ovídio* 03.07.09
G Long 08 10 05 Lat 41 27 27 Alt 332m
Sarmento 1880-81 = 1886 = 1932a, p. 72-73, 1883-84 = 1933a, p. 165-172 e 1879 = 1896 = 1933a, p. 36-40; Vasconcellos 1896b, p. 29-32, 1905 (RL, 2), p. 40 e 1913 (RL, 3), p. 53-54; Pereira F. A. 1915; Lemos *et alii* s. d., p. 41-43; Martins M. 1981, 1983b, 1984a, 1985b e 1990, p. 93-97; Ponte 1984, n.º 27; Cardozo 1985, p. 153, n.º 93; Oliveira A. L. s. d., p. 65-66, 233-230; Silva A.C.F. 1986b, n.º 305 e 400 (M. fib. 47), 555 (Icon. 11); Queiroga 1992, 65; Calo Lourido 1994, p. 594-596 e 2003a, p. 25.

389 S. Gens. *Paredes; Cividade* 03.07.28
Long 08 06 22 Lat 41 27 02 Alt 560m
Oliveira A. L., s. d., p. 98-100; Silva A.C.F. 1986b, n.º 306; Queiroga 1992, n.º 69.

390 Cepães. *Paredes; Cividade* 03.07.07
Long 08 13 00 Lat 41 26 30 Alt 359m
Oliveira A. L., s. d., p. 60-61; Silva A.C.F 1986b, n.º 307.

Cabeceiras de Basto

391 Rio Douro. *Cividade de Cambeses* 03.04.15
Long 08 57 20 Lat 41 32 19 Alt 695m
Peixoto 1899-1903; Silva A.C.F. 1986b, n.º 308; Queiroga 1992, n.º 52.

392 Cabeceiras de Basto. *Cividade de Chacim* 03.04.06
Long 07 57 26 Lat 41 31 01 Alt 414m
Cunha A. R. 1950a; Araújo I. 1980, p. 105; Silva A.C.F. 1986b, n.º 309; Queiroga 1992, n.º 47.

393 Refojos de Basto. *Santa Comba* 03.04.14
G,G? Long 07 58 28 Lat 41 30 21 Alt 310m
Almeida 1981; Silva A. C. F. 1981-1982 = 1985; Martins M.-Silva A. C. F. 1984, p. 29-40; Silva A.C.F. 1986b, n.º 310 e 554 (Icon. 10/Epigr. 3); Queiroga 1992, n.º 51; Calo Lourido 1994, p. 509-515 e 2003a, p. 23-24.

394 Refojos de Basto. *Castro de Chamoim* 03.04.14
Long 08 00 30 Lat 41 30 37 Alt 370m
Cunha A. R. 1975, p. 531-532; Silva A.C.F. 1986b, n.º 311; Queiroga 1992, n.º 50.

395 Pedraça. *Outeiro dos Mouros.* 03.04.13
Long 07 57 12 Lat 41 29 58 Alt 385m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 166; Silva A.C.F. 1986b, n.º 312; Queiroga 1992, n.º 49.

396 Cavês. *Moimenta* 03.04.07
TTT Long 08 54 10 Lat 41 31 21 Alt 468m
Meneses M. 1929, Fig. 1, p. 33; Silva A.C.F. 1986b, n.º 313; Queiroga 1992, n.º 48; Almeida C.A.B.-Sousa 1993; Ladra 2002, p. 135-138.

Celorico de Basto

397 Ribas. *Alto do Ladário* 03.05.18
Long 07 59 25 Lat 41 27 43 Alt 639m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 314; Queiroga 1992, n.º 57.

398 Canedo de Basto. *Crasto* 03.05.06
Long 07 56 37 Lat 41 26 03 Alt 336m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 315; Queiroga 1992, n.º 56.

399 Borba da Montanha. *Murgido; Alto do Crasto* 03.05.03
Long 08 06 03 Lat 41 23 42 Alt 718m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 316; Queiroga 1992, n.º 53.

400 Borba da Montanha. *Quintela; Alto do Crasto* 03.05.03
Long 08 05 01 Lat 41 23 39 Alt 675m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 317; Queiroga 1992, n.º 54.

401 Borba da Montanha. *Borrega; Roda da Santinha* 03.05.03
Long 08 06 03 Lat 41 23 27 Alt 740m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 318; Queiroga 1992, n.º 55.

402 Arnóia / Carvalho / Moreira do Castelo. *Castelo de Moreira* 03.05.02
Long 08 01 11 Lat 41 22 25 Alt 513m 03.05.07
Severo 1899-1903; Vitorino 1909; Silva A.C.F. 1986b, n.º 319. 03.05.15

PORTO

Póvoa de Varzim

403 Estela 13.13.07
T Long 08 44 31 Lat 41 26 34 Alt 228m
Fortes 1905-08g; Sarmento 1933a, p. 165-172; López Cuevillas 1951c; Blanco Freijeiro 1957a, p. 289; Almeida 1972, p. 12-15; Pérez Outeiriño 1982, p. 57-62; Silva A.C.F. 1986b, n.º 320 e 419 (M. fib. 66), 489 (Au 10), 507 (Au 28), 532-533 (Au 53-54); Pingel 1992, p. 299; Macedo M.F. 1993, 16-17, 36-37; Sousa M.J. 1994, p. 7; Gomes J.M. 1996, p. 22; Prieto 1996, p. 219; Silva A.C.F. *et alii* 1997; Ladra 2002, p. 52-54.

404 Navais. *Crasto* 13.13.09
Long 08 46 32 Lat 41 26 30 Alt 84m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 165; Silva A.C.F. 1986b, n.º 321; Queiroga 1992, n.º 238; Gomes J.M. 1996, p.52-53.

405 Laundos. *Monte de S. Félix* 13.13.08
Long 08 42 55 Lat 41 26 55 Alt 208m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 166; Peixoto 1905-08b; Severo 1905-08e; López Cuevillas 1951c, p. 79-80; Blanco Freijeiro 1957a, p. 288-289; Almeida 1972, p. 12-15, Araújo I. 1980, p. 103; Silva A.C.F. 1986b, n.º 322 e 50 (Cer. 50), 536-537 (Au 57-58); Queiroga 1992, n.º 237; Pingel 1992, p. 300; Sousa M.J. 1994, p. 7; Gomes J.M. 1996; Martins C.M.B. 1996, p. 23; Silva A.C.F. *et alii* 1997.

406 Terroso. *Monte da Cividade* 13.13.12
Long 08 43 25 Lat 41 24 75 Alt 152m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 166; Fortes 1905-08j; Peixoto 1905-08b; Severo 1905-1908, p. 403-412; Pinto R. S. 1932; Gonçalves F. 1964, p. 317-322; Freire 1965; García y Bellido 1966b, p. 9-10; Almeida 1972; Araújo I. 1980, p. 105; Silva A. C. F. 1980a, 1985, p. 13-20 e 1986b, n.º 323 *passim*; Ponte 1984 e 2001; Queiroga 1992, n.º 239; Dinis A.P. 1993, n.º 1, p. 30-34; Gomes J.M.F. 1996 e 2000, p. 151-154; Silva A.C.F. *et alii* 1997.

Vila do Conde

407 Vila do Conde. *Castro de S. João* 13.16.28
Long 08 44 17 Lat 41 21 17 Alt 19m
Severo-Cardozo 1899-1903, p.180; Silva A.C.F. 1986b, n.º 324; Queiroga 1992, n.º 255; Dinis A.P. 1993, n.º 40, p. 100.

408 Retorta. *Castro de Retorta* 13.16.21
Long 08 43 28 Lat 41 21 28 Alt 40m
Severo-Cardozo 1899-1903, p.180; Freitas E. A. C. 1949; Alarcão-Alarcão A. M. 1963, p. 197-199; Almeida 1969, p. 33-34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 325; Queiroga 1992, n.º 253; Dinis A.P. 1993, n.º 46, p. 93-94.

409 Bagunte. *Santagões* 13.16.05
Long 08 41 02 Lat 41 21 33 Alt 54m
Costa 1706-1712, p. 320-321; Leal-Ferreira 1873-1890, vol. VIII, p. 440-441, vol. XII, p. 2262; Ayres 1896; Severo-Cardozo 1899-1903, p.180; Silva A.C.F. 1986b, n.º 328; Queiroga 1992, n.º 250; Dinis A.P. 1993, n.º 7, p. 42-43.

410 Bagunte. *Cividade* 13.16.05
TTTTT Long 08 39 20 Lat 41 22 59 Alt 206m
Sarmento 1883-84b, p. 166 e 1999 (1878-1898); Cortez 1948a, Almeida 1974a; López Cuevillas 1951c, p. 38; Kalb 1980a, n.º 22, Abb. 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 330 e 148 (Cer 148); Queiroga 1992, n.º 249; Dinis A.P. 1993, p. 46-48; Prieto 1996, p. 196 e 219; Balseiro 1999-2000, p. 17-18; Ladra 2001, p. 111-112.

411 Arcos. *Alto dos Castelos; Castro de Argifonso* 13.16.01
Long 08 39 23 Lat 41 23 20 Alt 158m
Ayres 1896, p. 386; Cortez 1946b e 1949d; Silva A.C.F. 1986b, n.º 329; Queiroga 1992, n.º 248; Dinis A.P. 1993, n.º 9, p. 44-45.

412 Arcos. *Castro de Casais* 13.06.01
Long 08 39 41 Lat 41 23 40 Alt 85m
Sarmento 1883-1884, p. 9-11, 17-19, 25-26; Dinis A.P. 1993, n.º 8, p. 43-44.

413 Ferreiró. *Castro de Santa Maria de Ferreiró* 13.16.08
Long 08 38 19 Lat 41 21 05 Alt 60m
Severo-Cardozo 1899-1903, p.108; Silva A.C.F. 1986b, n.º 332; Queiroga 1992, n.º 251; Dinis A.P. 1993, n.º 11, p. 48-50.

414 Vairão. *Castro de Boi* 13.16.26
Long 08 40 36 Lat 41 19 27 Alt 123m
Azevedo Ag. 1939, p. 102; Almeida 1969, p. 33-34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 333; Queiroga, 1992, n.º 254; Dinis A.P. 1993, n.º 37, p. 94-95.

415 Canidelo. *Farilhe* 13.16.06
Long 08 38 54 Lat 41 22 30 Alt 160m

416 Labruje. *Castro de S. Paio* 13.16.13
Long 08 40 36 Lat 41 19 27 Alt 30m
Sarmento 1883-84a, p. 165; Almeida 1969, p. 33-34; Lanhas-Brandão 1969 (Retn. 12 (2)), p. 296, 328, 335; Silva A.C.F. 1986b, n.º 334, Queiroga 1992, n.º 252; Dinis A.P. 1993, n.º 41, p. 101-102.

Trofa

417 Alvarelhos. *Monte Grande; Castro de S. Marçal; Castro de Alvarelhos* 13.18.01
Long 08 37 10 Lat 41 19 21 Alt 222m
Fortes 1899, p. 7-28; Azevedo Ag. 1939, p.101; Santarém 1954 e 1977; Almeida 1969, p.31-32 e 1973; Sarmento 1970, p.48-52; Torres 1978-79; Silva A. C. F. 1980b e 1986b, n.º 335 e 298 (M. arm. 41); Soeiro 1980; Queiroga 1992, n.º 240; Dinis A.P. 1993, n.º 38, p. 96-98.

418 Santiago de Bougado. *S. Gens de Cidai* 13.18.02
Long 08 27 35 Lat 41 21 05 Alt 249m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 336.

Santo Tirso

419 Areias. *Torre Alta* 13.14.04
Long 08 28 33 Lat 41 21 21 Alt 63m
Costa 1706, p. 324; Pimentel 1902, p. 64; Lima 1956, p. 222-223; Santarém 1956, p. 20; Silva A.C.F. 1986b, n.º 337; Queiroga 1992, n.º 241; Dinis A.P. 1993, n.º 16, p. 59-60; Moreira A.B. 2004a, n.º 2, p. 27.

420 Santo Tirso. *Castro do Moutinho* 13.14.22
Long 08 28 00 Lat 41 21 00 Alt 63m
Pinto 1930, p. 306; Silva A.C.F. 1986b, n.º 338; Dinis A.P. 1993, n.º 9, p. 105; Moreira A.B. 2004b, n.º 2, p. 61.

421 Monte Córdova. *Monte Padrão* 13.14.13
Long 08 26 51 Lat 41 18 53 Alt 413m
Santarém 1951 e 1955; Ponte 1984, n.º 15 e 2001; Silva A.C.F. 1986b, n.º 344 e 382 (M. fib. 29); Queiroga 1992, n.º 242; Dinis A.P. 1993, n.º 39, p. 98-99; Moreira A.B. 2004b, n.º4, p. 62

422 S. Tomé (Negrelos). *Santa Margarida; Castro* 13.14.30
Long 08 28 28 Lat 41 18 48 Alt 281m
Vieira 1887, p. 322; Pimentel 1902, p.342; Silva A.C.F. 1980b, p. 79 e 1986b, n.º 345; Queiroga 1992, n.º 244; Teixeira R. 1999, p. 31; Moreira A.B. 2004b, p.55-60.

423 Vilarinho. *Castro de S. Pedro* 13.14.32
Long 08 19 32 Lat 41 21 53 Alt 346m

Paços de Ferreira

424 Sanfins de Ferreira. *Citânia de Sanfins* 13.09.15
B Long 08 25 05 Lat 41 19 22 Alt 570m
G,G? Argote 1734, p. 465-467; Sarmento 1883-84 = 1933a, p.168, 1895b = 1933a, p. 423-427; Vasconcellos 1895c, 1905 (RL,
T 2), p. 188-189; García y Bellido 1944; Jalhay 1944, 1949, 1950a, 1950b e 1951; Jalhay-Paço 1948; Maluquer de Motes 1950; López Cuevillas 1951c; p. 38; Paço 1952, 1953a, 1953b, 1953c, 1954a, 1954b, 1954c, 1956, 1957, 1959, 1960, 1961, 1963, 1965b, 1968a, 1968b, 1968c e 1974; Dinis 1954; Paço-Jalhay 1955; Coelho *et alii* 1959; Raddatz 1969, p. 197, n.º 37; Tavares A. A. 1970; Almeida 1974a, 1974c e 1975 (1973), p. 495, Lâm. I; Silva A. C. F. 1980b, p. 80-82, 1983a e 1986b, n.º 346, *passim*, 1999 e 2003a; Silva A. C. F.-Centeno 1980; Calo Lourido 1983, 1994 e 2003a; Ponte 1984 e 2001; Brandão 1985; Queiroga 1992, n.º 208.

425 Sanfins de Ferreira. *Castro* 13.09.15
Long 08 21 41 Lat 41 19 50 Alt 480m
Proença 1908, p. 2, 18, 36, 40; Paço 1952, p. 382-384; Dinis 1971, p. 288; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 347, p. 84; Queiroga 1992, n.º 208.

426 Codeços. *Capelo Vermelho; Senhora do Socorro* 13.09.03
Long 08 21 15 Lat 41 19 52 Alt 423m
Coelho J. F. 1962, 1963 e 1965; Dinis 1962 e 1971; Silva A.C.F. 1986a e 1986b, n.º 348 e 194 (M. fund. 3); Queiroga 1992, n.º 201.

427 Raimonda. *Castro de S. Gonçalo* 13.09.14
Long 08 19 35 Lat 41 19 40 Alt 460m
Dinis 1971; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 349; Queiroga 1992, n.º 207.

428 Meixomil. *Castro de Busto* 13.09.10
Long 08 23 03 Lat 41 17 24 Alt 321m
Dinis 1965; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 350, Queiroga 1992, n.º 204.

429 Penamaior. *Castro da Vila* 13.09.13
Long 08 25 12 Lat 41 16 50 Alt 419m
Hipólito 1960-61, p. 45-46; Dinis 1966 e 1971; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 351; Queiroga 1992, n.º 306.

430 Frazão. *Castro* 13.09.07
Long 08 24 48 Lat 41 16 01 Alt 322m
Dinis 1976; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 352; Queiroga 1992, n.º 202.

431 Paços de Ferreira. *Castelos* 13.09.12
Long 08 21 28 Lat 41 46 52 Alt 333m
Dinis 1978; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 353; Queiroga 1992, n.º 205.

432 Ferreira / Paços de Ferreira. *Castro de S. Domingos* 13.09.05
Long 08 21 25 Lat 41 16 54 Alt 383m
Dinis 1971; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 354; Queiroga 1992, n.º 200.

433 Freamunde. *Mortórios* 13.09.08
Long 08 19 45 Lat 41 17 14 Alt 363m
Dinis 1963, p. 94; Silva A. C. F. 1986a e 1986b, n.º 355; Queiroga 1992, n.º 203.

Lousada

434 Meinedo. *Castro de Meinedo* 13.05.01
Long 08 15 34 Lat 41 14 50 Alt 258m
Dias L.A.T. 1997, n.º 49.

435 Pias. *Pias; Vila Nova* 13.05.18
Long 08 15 33 Lat 41 16 19 Alt 211m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 358; Queiroga 1992, n.º 183; Dias L.A.T. 1997, n.º 52.

436 Nevogilde. *Alto de Nevogilde* 13.05.01
Long 08 19 00 Lat 41 15 26 Alt 200m
Dias L.A.T. 1997, n.º 51.

437 Cristelos. *Monte de S. Domingos* 13.05.08
Long 08 37 32 Lat 41 16 10 Alt 246m
Sarmento 1883-84 = 1933a, p. 166; Silva A.C.F. 1986b, n.º 357; Queiroga 1992, n.º 182; Dias L.A.T. 1997, n.º 48.

438 Sousela. *Santa Águeda* 13.05.24
Long 08 14 50 Lat 41 18 30 Alt 557m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 356; Queiroga 1992, n.º 184.

439 Torno. *Bacelo* 13.05.25
Long 08 12 42 Lat 41 18 03 Alt 218m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 359; Queiroga 1992, n.º 185.

440 Aveleda. *Castro de Aveleda* 13.05.02
Long 08 15 12 Lat 41 16 41 Alt 213m
Dias L.A.T. 1997, n.º 46.

Felgueiras

441 Regilde. *Cristelo; Santa Comba* 13.03.18
Long 08 15 41 Lat 41 22 08 Alt 218m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 201-204; Freitas E. 1960, p. 12; Silva A.C.F. 1986b, n.º 360; Queiroga 1992, n.º 175.

FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS BIBLIOTECA

442 Lagares. *Cristelo de S. Veríssimo* 13.03.08
Long 08 14 38 Lat 41 21 59 Alt 454m
Sarmento 1884/1909 = 1933a, p. 204-206; Freitas E. 1960, p. 10; Silva A.C.F. 1986b, n.º 361; Queiroga 1992, n.º 169.

443 Lagares. *Macieira; Castro* 13.03.08
Long 08 14 10 Lat 41 22 28 Alt 404m
Freitas E. 1960, p. 17; Silva A.C.F. 1986b, n.º 362; Queiroga 1992, n.º 168.

444 Lagares. *Senhor dos Perdidos* 13.03.08
G? Long 08 14 48 Lat 41 21 42 Alt 459m
Freitas E. 1960, p. 15; Silva A.C.F. 1986b, n.º 363; Queiroga 1992, n.º 172.

445 Pombeiro de Ribavizela. *Monte do castro; Picoto* 13.03.15
Long 08 12 47 Lat 41 22 35 Alt 331m
Freitas E. 1960, p. 13; Silva A.C.F. 1986b, n.º 364; Queiroga 1992, n.º 173.

446 Sendim. *Castro* 13.03.24
Long 08 10 27 Lat 41 22 53 Alt 425m
Pinto R. S. 1930, 1933c; Freitas E. 1960, p. 17; Cardozo 1974, p. 1-4 e 1985, n.º 208; Almeida 1974a; Silva A.C.F. 1986b, n.º 365 e 67 (Cer. 67), 561 (Icon. 17); Queiroga 1992, n.º 176.

447 Margaride. *Santa Quitéria* 13.03.20
Long 08 11 32 Lat 41 22 14 Alt 466m
Freitas E. 1960, p. 16; Silva A.C.F. 1986b, n.º 366; Queiroga 1992, n.º 170.

448 Pinheiro. *Senhora do Pinheiro; Senhora Aparecida* 13.03.14
Long 08 02 10 Lat 41 29 30 Alt 569m

449 Aião. *Pedra Falada* 13.03.01
Long 08 11 30 Lat 41 17 52 Alt 429m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 367; Queiroga 1992, n.º 167.

Matosinhos

450 Lavra. *Angeiras; Monte Castro* 13.08.03
Long 08 42 49 Lat 41 15 56 Alt 25m
Ramos 1943, p. 13; Felgueiras 1958, p. 3; Santos J.N. 1959; Almeida 1969, p. 34; Lanhas-Brandão 1969 (Retn. 12 (2)), p. 326; Silva A.C.F. 1986b, n.º 368; Queiroga 1992, n.º 198.

451 Leça da Palmeira. *Fonte do Cuco*
Long 08 39 00 Lat 41 11 43 Alt 122m
Santos J.N. 1959.

452 Guifões. *Monte do Castelo* 13.08.12
Long 08 40 29 Lat 41 11 55 Alt 50m
Vasconcellos 1898, 1901 e 1905 (RL, 2), p. 39; Correia J. M. 1916, p. 336; Pinto R. S. 1927, p. 24-25; Santos J. N. 1955, p. 25-60 e 1962; Felgueiras 1958, p. 3, 12-15; Almeida 1969, p. 33; Silva A.C.F. 1986b, n.º 369; Queiroga 1992, n.º 197; Cleto-Varela 1999, p. 467-479.

453 Freixieiro. *Castro do Freixeiro; Monte Castro*
13.08.04
Long 08 40 01 Lat 41 13 17 Alt 62m
Santos J.N. 1959.

454 Custóias. *Castro de Esposade* 13.08.01
Long 08 38 08 Lat 41 12 47 Alt 79m
Santos J.N. 1959.

455 Custoias. *Matalto* 13.08.01
Long 08 39 39 Lat 41 12 06 Alt 71m
Santos J.N. 1959.

456 Leça do Balio. *Recarei* 13.08.04
Long 08 37 42 Lat 41 12 29 Alt 67m
Santos J.N. 1959; Silva A.C.F. 1986, nº 370; Queiroga 1992, n.º 199.

457 S. Mamede de Infesta. *Castro de Moalde; Monte dos Castros* 13.08.09
Long 08 35 07 Lat 41 11 33 Alt 107m
Santos J.N. 1959.

Maia

458 Moreira da Maia. *Monte das Pedras* 13.06.09
Long 08 39 20 Lat 41 15 00 Alt 84m

459 Gemunde. *Monte do Faro* 13.06.04
Long 08 39 28 Lat 41 16 50 Alt 144m
Azevedo Ag. 1939, p. 102-105; Moreira 1969, p. 21; Silva A.C.F. 1986b, n.º 371; Queiroga 1992, n.º 189.

460 Santa Maria (Avioso). *Castro de Avioso; Castelo da Maia* 13.06.11
Long 08 36 45 Lat 41 16 23 Alt 108m
Azevedo Ag. 1939, p. 102-105; Almeida 1969, p. 33; Silva A.C.F. 1986b, n.º 372; Queiroga 1992, n.º 187.

461 Barca. *Cruz; Monte de Santo Ovídio* 13.06.02
Long 08 36 05 Lat 41 14 14 Alt 109m
Azevedo Ag. 1939, p. 102-105; Almeida 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 373; Queiroga 1992, n.º 188.

462 Vermoim. *Pinta; Castro; Agra da Portela* 13.06.15
Long 08 36 43 Lat 41 14 43 Alt 107m
Azevedo Ag. 1939, p. 102-105; Almeida 1969, p. 42; Silva A.C.F. 1986b, n.º 374.

463 Águas Santas. *Alto da Maia* 13.06.01
Long 08 34 10 Lat 41 12 23 Alt 146m
Azevedo Ag. 1939, p. 102-105; Silva A.C.F. 1986b, n.º 375; Queiroga 1992, n.º 186.

Valongo

464 Alfena. *Crasto; Picoto do Crasto* 13.15.01
Long 08 31 11 Lat 41 14 16 Alt 177m

465 Valongo. *Santa Justa; Cavada dos Crastos* 13.15.05
Long 08 29 30 Lat 41 10 25 Alt 376m
Reis J. A. L. 1904, p. 57; Kalb 1980a, n.º 24, Abb. 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 376; Queiroga 1992, n.º 247.

466 Valongo. *Couce; Cavada dos Castros ?* 13.15.05
Long 08 29 11 Lat 41 10 40 Alt 245m
Reis J. A. L. 1904, p. 69; Silva A.C.F. 1986b, n.º 377; Queiroga 1992, n.º 246.

467 Campo. *Alto de Pras; Monte de Freiras* 13.15.02
Long 08 28 00 Lat 41 11 00 Alt 285m

Paredes

468 Aguiar de Sousa. *Castelo* 13.10.01
Long 08 26 20 Lat 41 07 30 Alt 92m

469 Rebordosa. *Monte do Picoto* 13.10.18
Long 08 25 04 Lat 41 13 46 Alt 221m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 378; Queiroga 1992, n.º 211.

470 Vilela. *Monte da Costa Figueira* 13.10.24
Long 08 22 42 Lat 41 14 48 Alt 335m
Freitas E. 1923; Cabré Aguiló 1924, p. 82-83; Cardozo 1946b; Cuadrado 1955, p. 129; Kalb 1980a, n.º 23, Abb. 4; Coffyn 1983, p. 184 e 1985, n.º 271; Pigott 1983, p. 193; Silva A.C.F. 1986b, n.º 379 e 306 (M. cult. 7), 316 (M. cult. 16); Queiroga 1992, n.º 213.

471 Duas Igrejas. *Crasto* 13.10.10
Long 08 22 35 Lat 41 14 20 Alt 317m

472 Cristelo 13.10.09
Long 08 21 26 Lat 41 13 42 Alt 333m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 380; Queiroga 1992, n.º 210.

473 Vandoma. *Monte / Serra do Muro* 13.10.22
B? Long 08 23 30 Lat 41 11 48 Alt 485m
Silva J. 1963; Silva A.C.F. 1986b, n.º 381; Queiroga 1992, n.º 212.

474 Baltar. *S. Silvestre* 13.10.03
Long 08 23 53 Lat 41 11 14 Alt 395m

Penafiel

475 Novelas 13.11.20
Long 08 17 29 Lat 41 13 53 Alt 214m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 382; Queiroga 1992, n.º 222.

476 São Mamede (Recesinhos). *Suvidade* 13.11.32
Long 08 13 36 Lat 41 13 58 Alt 285m
Soeiro 1984, p. 46-48; Silva A.C.F. 1986b, n.º 383; Queiroga 1992, n.º 229; Amaral-Teixeira 1998, p. 52-53, 65.

477 Santa Marta. *Monte do Castro* 13.11.30
Long 08 15 51 Lat 41 12 54 Alt 403m
Soeiro 1984, p. 85; Silva A.C.F. 1986b, n.º 384; Queiroga 1992, n.º 232; Dias L.A.T. 1997, n.º 113; Amaral-Teixeira 1998, p. 53, 65.

478 São Martinho (Recesinhos). *Castro* 13.11.33
Long 08 13 00 Lat 41 13 06 Alt 310m
Soeiro 1984, p. 44-46 e 1985-86, p. 15-32; Silva A.C.F. 1986b, n.º 385; Queiroga 1992, n.º 230; Dias L.A.T. 1997, n.º 117; Amaral-Teixeira 1998, p. 65.

479 Penafiel. *Monte do Sameiro* 13.11.24
Long 08 16 20 Lat 41 12 35 Alt 350m
Soeiro 1984, p. 86; Silva A.C.F. 1986b, n.º 386; Queiroga 1992, n.º 227.

480 Penafiel. *Castro Louredo* 13.11.24
Long 08 16 44 Lat 41 12 39 Alt 299m
Soeiro 1984, p. 86-87; Silva A.C.F. 1986b, n.º 387; Queiroga 1992, n.º 226; Dias L.A.T. 1997, n.º 116.

481 Irivo. *Castro de Irivo* 13.11.15
Long 08 19 59 Lat 41 10 45 Alt 157m
Miranda 1954; Soeiro 1984, p. 100; Silva A.C.F. 1986b, n.º 388; Queiroga 1992, n.º 218; Amaral-Teixeira 1998, p. 65.

482 Marecos. *Castro* 13.11.18
Long 08 18 32 Lat 41 10 47 Alt 210m
Ferreira S. R. 1864; Vasconcellos 1895, p. 15-16; Machado F. S. L. 1920, p. 23; Pinho 1931, p. 10; Araújo I. 1980, p. 105; Soeiro 1984, p. 95-96; Silva A.C.F. 1986b, n.º 389; Queiroga 1992, n.º 221.

483 Oldrões. *Monte Mozinho* 13.11.21
G,G? Long 08 18 40 Lat 41 08 49 Alt 408m
Andrade 1920; Machado F. S. L. 1920, p. 12-29; Corrêa 1928, p. 194; Pinto R. S. 1928-29; Pinho 1931; Aguiar 1933, p. 32; Cortez 1948a e 1951b; Miranda 1954; Sousa E. F. 1954, 1962 e 1965; Brandão-Sousa 1966; Paço 1966c; Almeida 1974b, 1977 e 1980c; Soeiro 1981-82, 1984, p. 60, 125-299, 1988a, 1988b e 2000-01; Ponte 1984, n.º 29, 44, 64; Silva A.C.F. 1986b, n.º 390 e 558 (Icon. 14), *passim*; Queiroga 1992, n.º 224; Calo Lourido 1994, p. 193-195 e 2003a, p. 8.

484 Oldrões. *Monte do Gato; Monte do Castelo; Castelo* 13.11.21
Long 08 17 12 Lat 41 09 32 Alt 324m
Soeiro 1984, p. 104; Silva A.C.F. 1986b, n.º 391; Queiroga 1992, n.º 223.

485 Paço de Sousa. *Cristelo* 13.11.22
Long 08 20 17 Lat 41 09 37 Alt 209m
Soeiro 1984, p. 100; Silva A.C.F. 1986b, n.º 392; Queiroga 1992, n.º 225.

486 Galegos. *Castro de Bojefa / Abujefa* 13.11.13
Long 08 19 14 Lat 41 09 41 Alt 330m
Machado F. S. L. 1920, p. 8; Sousa E. F. 1962, p. 126-132; Soeiro 1984, p. 96-98; Silva A.C.F. 1986b, n.º 393; Queiroga 1992, n.º 217; Dias L.A.T. 1997, n.º 97; Amaral-Teixeira 1998, p. 65.

487 Abragão. *Castro da Penha Grande* 13.11.01
Long 08 13 54 Lat 41 09 35 Alt 248m
Soeiro 1984, p. 50-51; Silva A.C.F. 1986b, n.º 394; Queiroga 1992, n.º 214; Dias L.A.T. 1997, n.º 82; Amaral-Teixeira 1998, p. 53, 65.

488 Abragão. *Castro de Abragão* 13.11.01
Long 08 14 27 Lat 41 09 21 Alt 200m
Soeiro 1984, p. 50; Silva A.C.F. 1986b, n.º 395; Queiroga 1992, n.º 215; Dias L.A.T. 1997, n.º 86.

489 Lagares. *Castelo de Ordins* 13.11.06
Long 08 21 30 Lat 41 07 49 Alt 275m
Soeiro 1984, p. 104; Silva A.C.F. 1986b, n.º 396; Queiroga 1992, n.º 220.

490 Lagares. *Alto do Castro* 13.11.16
Long 08 21 16 Lat 41 07 43 Alt 284m
Sousa E. F. 1962, p. 128; Soeiro 1984, p. 104; Silva A.C.F. 1986b, n.º 397; Queiroga 1992, n.º 219.

491 Pinheiro. *Outeiro do Dino* 13.11.26
Long 08 18 28 Lat 41 07 28 Alt 254m
Soeiro 1984, p. 60; Silva A.C.F. 1986b, n.º 398; Queiroga 1992, n.º 228.

492 Rio de Moinhos. *Castro da Quintela* 13.11.29
Long 08 16 29 Lat 41 05 55 Alt 119m
Lanhas-Brandão 1967 (Retn. 8 (1)), p. 36-37; Soeiro 1984, p. 55; Silva A.C.F. 1986b, n.º 399; Queiroga 1992, n.º 231; Dias L.A.T. 1997, p. 112.

493 Eja. *Coto da Cividade* 13.11.10
Long 08 18 03 Lat 41 05 05 Alt 207m
Azevedo P. A. 1898; Andrade 1918; Pinho 1929b, p. 182-187; Aguiar 1943, p. 13 e 1945, p. 21; Miranda 1960; Almeida-Lopes 1981-82; Soeiro 1984, p. 76; Silva A.C.F. 1986b, n.º 400; Queiroga 1992, n.º 216; Dias L.A.T. 1997, n.º 96.

Marco de Canaveses

494 Vila Boa de Quires. *Castro de Quires* 13.07.31
Long 08 13 23 Lat 41 12 20 Alt 512m
Vieira 1886-1887, p. 483; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 14; Vasconcelos M. 1914-16; Soeiro 1984, p. 44; Silva A.C.F. 1986b, n.º 401; Queiroga 1992, n.º 196; Dias L.A.T. 1997, n.º 85; Amaral-Teixeira 1998, p. 65.

495 Banho. *Castro do Banho* 13.07.04
Long 08 08 09 Lat 41 14 19 Alt 218m
Dias L.A.T. 1997, n.º 62.

496 Freixo. *Tongobriga* 13.07.09
B Long 08 08 37 Lat 41 09 44 Alt 274m
Vieira 1887, p. 496-497; Sarmento 1887-89 = 1933a, p. 305-306; Capela 1895, p. 247; Vasconcellos 1899-1900a, p. 32, 1905 (RL, 2), p. 179 e 1913, p. 222-224; Vasconcelos M. 1914-16 e 1935, p. 3; Fonseca C. 1940, p. 540; Aguiar M. V. 1947, p. 210-216; Monteiro 1955, 1960; Correia J. M. 1957, p. 22-23; Brandão 1971-75; Dias L.A.T. 1980, p. 74-76, 1984 e 1997; Soares R. M.-Dias 1985; Silva A.C.F. 1986b, n.º 402 e p. 53-60; Queiroga 1992, n.º 192.

497 Soalhães. *Crasto* 13.07.22
Long 08 06 26 Lat 41 09 47 Alt 421m
Vasconcellos 1916, p. 327-329; Silva A.C.F. 1986b, n.º 403; Queiroga 1992, n.º 194; Dias L.A.T. 1997, n.º 77.

498 Manhuncelos. *Castilho* 13.07.09
Long 08 09 33 Lat 41 08 36 Alt 414m
Dias L.A.T. 1997, n.º 71.

499 Magrelos / Alpendurada. *Santiago; Castro de Arados* 13.07.10
Long 08 36 08 Lat 41 05 48 Alt 480m
Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 79-80; Vasconcelos M. 1914-16; Lanhas-Brandão 1967 (Retn. 8 (1)), p. 12-13; Ponte 1984, n.º 71; Silva A.C.F. 1986b, n.º 404 e 470 (M. fib. 117); Queiroga 1992, n.º 191.

500 Sande. *Castro do Boi* 13.07.18
Long 08 10 21 Lat 41 05 48 Alt 614m
Vasconcelos M. 1914-16; Silva A.C.F. 1986b, n.º 405; Queiroga 1992, n.º 193; Dias L.A.T. 1997, n.º 70

501 Penhalonga. *Alto / Monte do Castelo* 13.07.15
Long 08 06 56 Lat 41 06 33 Alt 488m
Brandão 1962b e 1973; Silva A.C.F. 1986b, n.º 406.

Amarante

502 Salvador do Monte. *Picoto / Outeiro das Chapas* 13.01.29
Long 08 05 48 Lat 41 13 34 Alt 330m
Pinho 1929b; López Cuevillas 1951e, p. 60; Silva A.C.F. 1986b, n.º 407; Queiroga 1992, n.º 156.

503 Vila Caiz. *Castro de Coura* 13.01.38
Long 08 07 28 Lat 41 13 34 Alt 224m
Soeiro 1984, p. 41-42; Silva A.C.F. 1986b, n.º 408; Queiroga 1992, n.º 158; Dias L.A.T. 1997, p. 296.

504 Vila Garcia. *Igreja* 13.01.40
Long 08 04 18 Lat 41 18 48 Alt 219m
Pinho 1905-08, p. 476; Silva b 1986, nº 409; Queiroga 1992, n.º 159.

505 Gatão. *Paredes; Alto do Ladário* 13.01.16
Long 08 03 59 Lat 41 17 41 Alt 273m
Pinho 1905-08, p. 476; Silva A.C.F. 1986b, n.º 410; Queiroga 1992, n.º 155.

506 Várzea. *Alto das Penegotas; Crasto* 13.01.37
Long 08 00 36 Lat 41 15 59 Alt 294m
Lanhas-Brandão 1967; Tranoy 1984, p. 271; Silva A.C.F. 1986b, n.º 411, p. 86; Queiroga 1992, n.º 157; Dias L.A.T. 1997, n.º 84.

507 Anciães. *Gião; Monte do Crasto* 13.01.03
Long 08 05 48 Lat 41 14 31 Alt 403m
Pinho 1905-08, p. 476; Silva A.C.F. 1986b, n.º 412; Queiroga 1992, n.º 153.

508 Carvalho de Rei. *Castelo* 13.01.09
Long 08 01 55 Lat 41 14 06 Alt 560m
Brandão 1959, p. 909-913; Tranoy 1981, p. 317; Silva A.C.F. 1986b, n.º 413; Garcia 1991, p. 398; Queiroga 1992, n.º 154; Dias L.A.T. 1997, p. 291-292.

Baião

509 Teixeira. *Volta Grande; Castro* 13.02.16
Long 07 55 00 Lat 41 10 13 Alt 762m
Vasconcellos J. 1905-08, p. 672; Silva A.C.F. 1986b, n.º 414; Queiroga 1992, n.º 166; Dias L.A.T. 1997, n.º 120.

510 Ovil. *Castelo de Matos* 13.02.11
Long 07 59 27 Lat 41 10 22 Alt 894m
Azevedo P. A. 1897; Silva A.C.F. 1986b, n.º 415; Dinis A.P. 1993, p. 38; Dias L.A.T. 1997, p. 299.

511 Gove. *Castro de Cruito* 13.02.06
Long 08 02 03 Lat 41 08 05 Alt 516m
Vieira 1887, p. 449; Vasconcellos 1889, p. 177; Vasconcellos J. 1905-08, p. 670-671; Silva A.C.F. 1986b, n.º 416; Queiroga 1992, n.º 161; Dias L.A.T. 1997, p. 298.

512 Santa Marinha do Zêzere. *Crasto* 13.02.15
Long 08 00 59 Lat 41 05 25 Alt 404m
Vieira 1887, p. 461; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 286; Vasconcellos J. 1905-08, p. 672; Silva A.C.F. 1986b, n.º 417; Queiroga 1992, n.º 164; Dias L.A.T. 1997, p. 301.

513 Ancede. *Castro de Porto Manso* 13.02.01
Long 08 04 40 Lat 41 05 44 Alt 200m
Vasconcellos J. 1905-08, p. 669-670; Silva A.C.F. 1986b, n.º 418; Queiroga 1992, n.º 160; Dias L.A.T. 1997, p. 299.

514 Ancede. *Pram; Castelo* 13.02.01
Long 08 00 59 Lat 41 07 06 Alt 404m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 419; Queiroga 1992, n.º 165; Dias L.A.T. 1997, p. 300.

515 Santa Cruz do Douro. *Monte de Mantel* 13.02.13
Long 07 59 44 Lat 41 07 47 Alt 515m
Vieira 1887, p. 460; Vasconcellos 1889, p. 177; Vasconcellos J. 1905-08, p. 671; Silva A.C.F. 1986b, n.º 420, p. 87; Queiroga 1992, n.º 163; Dias L.A.T. 1997, p. 300.

516 Covelas. *Castro* 13.02.03
Long 08 01 00 Lat 41 08 00 Alt 709m
Vasconcellos 1889, p. 177; Silva A.C.F. 1986b, n.º 421.

Porto

517 Foz do Douro. *Castro* 13.12.05
Long 08 39 39 Lat 41 09 08 Alt 62m
Corrêa 1933-34, 1935b e 1936; Silva A.C.F. 1986b, n.º 422; Queiroga 1992, n.º 234.

518 Massarelos. *Cristelo* 13.12.07
Long 08 37 18 Lat 41 08 42 Alt 56m
Bastos 1932, p. 51-52; Corrêa 1933-34, 1935b e 1936; Azevedo R. 1960, p. 113; Silva A.C.F. 1986b, n.º 423; Queiroga 1992, n.º 235.

519 Sé. *Morro da Sé; Cividade* 13.12.14
Long 08 36 35 Lat 41 08 28 Alt 76m
Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 68 e 1905 (RL, 2), p. 29; Pinto R. S. 1927, p. 24-25; Corrêa 1933-34, 1935a, 1935b, 1936 e 1940; Vasconcellos 1938a e 1938b; Abrantes 1945 e 1966; Costa A. R. 1945; Machado A. S. 1955, p. 344- 379, 1956 e 1968, p. 52-74; Ferreira J. A. P. 1959; Azevedo R. 1960 e 1965; Machado A. S. 1962, p. 213-216; Basto 1963a e 1963b; Brandão 1963c e 1965; Pina 1965; Real 1984; Silva A.C.F. 1986b, n.º 424, *passim*, 1994 e 2000; Queiroga 1992, n.º 236; Real-Osório 1993, p. 15-25; Cleto-Varela 2000, p. 133, 135.

520 Campanhã. *Castro de Nicola* 13.12.03
Long 08 34 50 Lat 41 08 45 Alt 39m
Corrêa 1933-34, 1935b e 1938; Silva A.C.F. 1986b, n.º 425; Queiroga 1992, n.º 233.

Gondomar

521 São Cosme. *Monte Crasto* 13.04.09
Long 08 27 13 Lat 41 08 26 Alt 123m
Oliveira C. 1934, p. 18-19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 426; Queiroga 1992, n.º 181.

522 Covelo. *Monte do Castelo* 13.04.01
Long 08 26 57 Lat 41 05 38 Alt 220m
Oliveira C. 1934, p. 22; Silva A.C.F. 1986b, n.º 427; Queiroga 1992, n.º 178.

523 Medas. *Broalhos; Castro* 13.04.062
Long 08 27 13 Lat 41 04 10 Alt 80m
Soeiro 1984, Fig. V; Silva A.C.F. 1986b, n.º 428; Queiroga 1992, n.º 180.

524 Medas. *Alto do Castro* 13.04.06
Long 08 26 12 Lat 41 02 25 Alt 121m
Soeiro 1984, Fig. V; Silva A.C.F. 1986b, n.º 429; Queiroga 1992, n.º 179.

Vila Nova de Gaia

525 Santa Marinha. *Candal; Castelo de Gaia* 13.17.16
Long 08 37 26 Lat 41 08 27 Alt 78m
Fortes 1909, p. 11; Corrêa 1935; Mattos 1937, p. 16-17; Silva A. C. F. 1984, p. 44-48 e 1986b, nº 430; Guimarães G. 1993; Silva A.M.P. 1994, n.º 32; Carvalho T.-Fortuna 2000.

526 Mafamude. *Castro* 13.17.10
Long 08 35 06 Lat 41 07 52 Alt 87m
Fortes 1909, p. 11; Corrêa 1935; Mattos 1937; Silva A.C.F. 1986b, n.º 431; Silva A.M.P. 1994, n.º 29.

527 Avintes / Vilar de Andorinho. *Castro de Baiza* 13.17.02
Long 08 33 57 Lat 41 06 49 Alt 87m
Corrêa 1935; Mattos 1937; Sousa 1957, p. 40-41; Silva A.C.F. 1986b, n.º 432 e 269 (M. arm. 12), *passim*; Silva A.M.P. 1994, n.º 28.

528 Oliveira do Douro. *Castro* 13.17.12
Long 08 34 21 Lat 41 07 32 Alt 63m
Corrêa 1935; Mattos 1937; Silva A.C.F. 1986b, n.º 433; Silva A.M.P. 1994, p. 66.

529 Madalena. *Castro de Aguim* 13.17.09
Long 08 38 19 Lat 41 05 51 Alt 62m
Fortes 1909, p. 11; Corrêa 1935; Mattos 1937, p. 11; Silva A.C.F. 1986b, n.º 434; Silva A.M.P. 1994, p. 66.

530 Perosinho. *Castro* 13.17.14
Long 08 35 20 Lat 41 04 25 Alt 223m
Corrêa 1935; Mattos 1937, p. 13; Silva A.C.F. 1986b, n.º 435.

531 Pedroso. *Castro da Senhora da Saúde; Monte Murado* 13.17.13
B? Long 08 34 25 Lat 41 03 32 Alt 241m
Fortes 1909, p. 1-28; Araújo J. Ri.1920, p. 27-33; Corrêa 1935; Mattos 1937, p. 13; Sousa 1957, p. 20-25; Silva A. C. F. 1983c e 1984 e 1986b, n.º 436, *passim*; Silva A.M.P. 1994, n.º 30.

532 Crestuma. *Castelo* 13.17.05
Long 08 38 21 Lat 41 03 17 Alt 90m
Corrêa 1935; Sousa A. 1957, p. 15-19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 437; Silva A.M.P. 1994, p. 66.

533 Sandim. *Crasto* 13.17.15
Long 08 29 23 Lat 41 01 46 Alt 99m
Corrêa 1935; Mattos 1937; Sousa 1957, p. 13-14; Silva A.C.F. 1986b, n.º 438; Silva A.M.P. 1994, n.º 31.

VILA REAL

Montalegre

534 Tourém. *Castrelos* 17.06.32
Long 07 54 19 Lat 41 54 02 Alt 956m
Fortes 1908, p. 665-686; Barreiros 1915, p. 212, n.º 25 e 1920; Costa J. G. 1968, p. 41; Lema 1978, Silva A.C.F. 1986b, n.º 439; Queiroga 1992, n.º 523.

535 Tourém. *Castelo da Piconha* 17.06.32
Long 07 53 54 Lat 41 54 05 Alt 923m

536 Pitões das Júnias. *Igreja do Castelo; Aldeia do Juriz* 17.06.23
Long 07 57 36 Lat 41 50 18 Alt 1055m
Barreiros 1920, p. 85; Costa J. G. 1968, p. 41; Silva A.C.F. 1986b, n.º 440; Queiroga 1992, n.º 511.

537 Outeiro. *Cabeça do Castro* 17.06.19
Long 07 57 20 Lat 41 47 33 Alt 891m
Barreiros 1915, p. 212, n.º 31 e 1920, p. 81; Silva A.C.F. 1986b, n.º 441; Queiroga 1992, n.º 505.

538 Outeiro. *Castro* 17.06.19
Long 01 11 55 Lat 41 46 55 Alt 878m
Barreiros 1915, p. 212, n.º 30 e 1920; Silva A.C.F. 1986b, n.º 442; Queiroga 1992, n.º 506.

539 Paradela. *Alto do Castro* 17.06.22
TTT Long 07 56 58 Lat 41 45 12 Alt 864m
Barreiros 1915, p. 213, n.º 51 e 1920, p. 73-74; MNAE 566, 568, 569; Cardozo 1959d; Parreira *et alii* 1980, n.º 129; Silva A.C.F. 1986b, n.º 443 e 487 (Au 8), 492-493 (Au 13-14); Queiroga 1992, n.º 510; Martins C.M.B. 1996, p. 25-26; Prieto 1996, p. 220; Ladra 2002, p. 109-112.

540 Cambeses do Rio. *Castro; Frades* 17.06.02
Long 07 51 22 Lat 41 49 15 Alt 1020m
Barreiros 1915, n.º 29, p. 212 e 1920, p. 75; Costa J. G. 1968, p. 41; Santos M. C. 1969; Silva A.C.F.1986, n.º 444; Queiroga 1992, n.º 489.

541 Cambeses do Rio. *Corucho; Coroa do Coto* 17.06.02
Long 07 51 45 Lat 41 49 25 Alt 1174m
Barreiros 1915, n.º 27, p. 212 e 1920, p. 75; Costa J.G. 1968, p. 41; Santos M.C. 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 445; Queiroga 1992, n.º 488.

542 Donões. *Rodelas; Eiras; Bicancas do Castro; Cubancas* 17.06.08
Long 07 49 40 Lat 41 49 22 Alt 983m
Barreiros 1915, p. 212, n.º 29 e 1920; Costa J. G. 1968, p. 41; Santos M. C. 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 446; Queiroga 1992, n.º 494.

543 Chã. *Castro de S. Vicente* 17.06.04
Long 07 46 51 Lat 41 46 27 Alt 880m
Barreiros 1915, p. 212, n.º 33 e 1920; Santos Júnior 1963b; Santos Júnior-Isidoro 1963; Santos Júnior-Freire 1964; Freire 1967-68; Costa J. G. 1968; Silva A.C.F. 1986b, n.º 447; Queiroga 1992, n.º 493.

544 Chã. *Cabeço dos Mouros; Castro de Medeiros* 17.06.04
Long 07 46 15 Lat 41 49 12 Alt 1113m
Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 55, 125; Barreiros 1915, n.º 32, p. 212 e 1920, p. 79-80; Costa J. G. 1968, p. 41; Freire 1968, p. 381-382; Santos M. C. 1969; Kalb 1980a, n.º 28, Abb. 5; Silva A.C.F. 1986b, n.º 448; Queiroga 1992, n.º 492.

545 Montalegre. *Castro da Veiga; Monte do Castro* 17.06.15
Long 07 46 46 Lat 41 50 00 Alt 975m
Barreiros 1915, p. 211, n.º 1; Costa J. G. 1968, p. 40-41; Silva A.C.F. 1986b, n.º 450; Queiroga 1992, n.º 499.

546 Padroso. *Cigadonha* 17.06.21
Long 07 47 01 Lat 41 51 13 Alt 1060m
Barreiros 1915, p. 211, n.º 3 e 1920, p. 83; Silva A.C.F. 1986b, n.º 451; Queiroga 1992, n.º 509.

547 Padornelos. *Coto de Sendim; Castelo do Portelo* 17.06.20
Long 07 45 50 Lat 41 53 40 Alt 1200m
Costa J. G. 1968; Silva A.C.F. 1986b, n.º 452; Queiroga 1992, n.º 507.

548 Padornelos. *Pedregalho* 17.06.20
Long 07 44 35 Lat 41 51 16 Alt 1193m
Barreiros 1915, p. 211, n.º 5 e 1920, p. 86; Silva A.C.F. 1986b, n.º 453; Queiroga 1992, n.º 508.

549 Gralhas. *Castelo de Romão* 17.06.12
Long 07 43 10 Lat 41 51 57 Alt 1098m
Barreiros 1915, p. 211, n.º 6; Silva A.C.F. 1986b, n.º 454; Queiroga 1992, n.º 496.

550 Santo André. *Castelo da Carvalhosa* 17.06.27
Long 07 41 00 Lat 41 53 42 Alt 951m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 457; Queiroga 1992, n.º 518.

551 Santo André. *Cidade de Grou* 17.06.27
Long 07 40 14 Lat 41 53 30 Alt 1000m
Barreiros 1915, n.º 9, p. 211 e 1920, p. 82; Taboada Chivite 1955, p. 333-352; Silva A.C.F. 1986b, n.º 458; Queiroga 1992, n.º 519.

552 Vilar de Perdizes. *Castelar* 17.06.27
Long 07 38 19 Lat 41 51 05 Alt 863m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 459; Queiroga 1992, n.º 527.

553 Vilar de Perdizes. *Mina* 17.06.27
Long 07 40 35 Lat 41 40 35 Alt 802m
Barreiros 1920, p. 65; Esparza 1980, n.º 22; Silva A.C.F. 1986b, n.º 460; Queiroga 1992, n.º 528.

554 Vilar de Perdizes. *Praça de Crastelos* 17.06.27
Long 07 39 59 Lat 41 50 05 Alt 855m
Barreiros 1915, n.º 11, p. 211 e 1920, p. 62; Costa J. G. 1968, p. 41; Silva A.C.F. 1986b, n.º 461; Queiroga 1992, n.º 529.

555 Solveira. *Castro* 17.06.31
Long 07 40 39 Lat 41 50 00 Alt 883m
Barreiros 1915, p. 211 n.º 15 e 1920, p. 69; Costa J. G. 1963, p. 119-125; Kalb 1980a, n.º 29, Abb. 6; Coffyn 1985, n.º 135; Silva A.C.F. 1986b, n.º 462; Queiroga 1992, n.º 522.

556 Sarraquinhos. *Fraga do Lamego; Crasto* 17.06.29
Long 07 37 49 Lat 41 49 30 Alt 1000m
Barreiros 1920, p. 67; Silva A.C.F. 1986b, n.º 463; Queiroga 1992, n.º 520.

557 Sarraquinhos. *Castro de Fernão Mouro* 17.06.29
Long 07 39 14 Lat 41 48 05 Alt 1100m
Barreiros 1915, n.º 13, p. 211 e 1920, p. 68-69; Costa J. G. 1963; Silva A.C.F. 1986b, n.º 464; Queiroga 1992, n.º 521.

558 Sarraquinhos. *Pindo Alto; Pedrário* 17.06.29
Long 07 35 00 Lat 41 47 05 Alt 990m

559 Reigoso. *Castelo da Lomba* 17.06.25
Long 07 56 24 Lat 41 43 15 Alt 990m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 465; Queiroga 1992, n.º 512.

560 Reigoso. *Ponte dos Mouros; Espartida* 17.06.25
Long 07 51 11 Lat 41 43 10 Alt 768m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 466; Queiroga 1992, n.º 513.

561 Vila da Ponte. *Crasto; Boca dos Infernos* 17.06.35
Long 07 53 23 Lat 41 42 18 Alt 1050m
Barreiros 1915, p. 213, n.º 41; Silva A.C.F. 1986b, n.º 467; Queiroga 1992, n.º 525.

562 Vila da Ponte. *Andelhe; Ponte dos Mouros* 17.06.35
Long 07 52 14 Lat 41 43 05 Alt 826m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 468; Queiroga 1992, n.º 526.

563 Viade de Baixo. *Coto ou Castelo de S. Romão* 17.06.34
Long 07 50 19 Lat 41 43 40 Alt 968m
Barreiros 1915, p. 212 n.º 24 e 1920, p. 73; Costa J. G. 1968, p. 41; Silva A.C.F. 1986b, n.º 469; Queiroga 1992, n.º 524.

564 Negrões. *Castro de Vilarinho; Castro do Mau Vizinho* 17.06.18
Long 07 49 01 Lat 41 43 40 Alt 1018m
Barreiros 1915, p. 212 n.º 20 e 1920, p. 87; Santos M. C. 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 470; Queiroga 1992, n.º 503.

565 Negrões. *Crasto de Lama Chão; Grova* 17.06.18
Long 07 45 22 Lat 41 43 00 Alt 1010m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 471; Queiroga 1992, n.º 504.

566 Negrões. *Castro de Negrões* 17.06.18
Long 07 46 01 Lat 41 44 40 Alt 1051m
Barreiros 1915, p. 212 n.º 22 e 1920, p. 87; Santos M. C. 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 472; Queiroga 1992, n.º 502.

567 Morgade. *Coroa do Castro; Castro de Morgade* 17.06.16
Long 07 45 31 Lat 41 44 55 Alt 993m
Barreiros 1915, p. 212 n.º 19; Santos M. C. 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 473; Queiroga 1992, n.º 500.

568 Cervos. *Alto do Crasto* 17.06.03
Long 07 40 51 Lat 41 43 50 Alt 886m
Barreiros 1915, n.º 18, p. 211, 1920, p. 72 ; Pinto R. S. 1928; Santos M. C. 1969; Silva A.C.F. 1986b, n.º 474; Queiroga 1992, n.º 490.

569 Cervos. *Fonte da Moura* 17.06.03
Long 07 40 24 Lat 41 43 30 Alt 135m
Barreiros 1920, p. 71; Silva A.C.F. 1986b, n.º 475; Queiroga 1992, n.º 491.

570 Salto. *Castelos* 17.06.268
Long 07 56 11 Lat 41 36 10 Alt 1034m
Barreiros 1915, n.º 45, p. 213; Silva A.C.F. 1986b, n.º 476; Queiroga 1992, n.º 514.

571 Salto. *Cividades* 17.06.26
Long 07 53 29 Lat 41 36 30 Alt 800m
Barreiros 1915, p. 213, n.º 46; Silva A.C.F. 1986b, n.º 477; Queiroga 1992, n.º 515.

572 Salto. *Crasto; Cividade* 17.06.26
Long 07 53 19 Lat 41 36 50 Alt 886m
Barreiros 1915, n.º 48, p. 213; Silva A.C.F. 1986b, n.º 478; Queiroga 1992, n.º 516.

573 Salto. *Cristelo* 17.06.26
Long 07 52 59 Lat 41 36 38 Alt 850m
Barreiros 1915, n.º 49, p. 213; Silva A.C.F. 1986b, n.º 479; Queiroga 1992, n.º 517.

Boticas

574 Alturas de Barroso. *Cornos das Alturas* 17.02.01
Long 07 49 31 Lat 41 42 47 Alt 1150m
Martins J. B. 1984, n.º 23 e 1992, n.º 25; Miranda *et alii* 1983, n.º 24, p. 403 e 1986, p. 70-75; Silva A.C.F. 1986b, n.º 480; Queiroga 1992, n.º 446.

575 Alturas de Barroso. *Castelo de S. Romão* 17.02.01
Long 07 48 52 Lat 41 43 18 Alt 1111m
Martins J. B. 1984, n.º 24 e 1992, p. 38; Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 23, p. 403; Silva A.C.F. 1986b, n.º 481.

576 Alturas de Barroso. *Vilarinho Seco; Coto dos Mouros* 17.02.01
Long 07 48 04 Lat 41 40 40 Alt 973m
Martins J. B. 1984, n.º 23 e 1992, n.º 24; Miranda *et alii* 1983, n.º 22, p. 403; Silva A.C.F. 1986b, n.º 482; Queiroga 1992, n.º 447.

577 Beça. *Castro de Carvalhelhos. Castelo dos Mouros* 17.02.03
Long 07 43 57 Lat 41 45 58 Alt 850m
Santos Júnior 1957, p. 25-62 e 1959-60, p. 361-368 e 1963a e 1963c, p. 187-193 e 1964, p. 360-365 e 1966, p. 181-190 e 1971, p. 72-75 e 1973, p. 207-219 e 1975b, p. 559-566 e 1977b, p. 161-165 e 1978d, p. 323-333 e 1980b, p. 607-619 e 1981b, p. 140-147 e 1982, p. 249-263 e 1983a, p. 511-519 e 1984a, p. 673-682 e 1984c, p. 411-424; Esparza 1980, n.º 14; Miranda *et alii* 1983, n.º 14, p. 43- 435; Martins J. B. 1984, n.º 15 e 1992, p. 36; Ponte 1984, n.º 73; Silva A.C.F. 1986b, n.º 483 e 289 (M. arm. 32), 473 (M. fib. 120); Queiroga 1992, n.º 453.

578 Ardãos. *Murada; Amurada; Castro da Gorda* 17.02.02
Long 07 37 39 Lat 41 46 36 Alt 850m
Santos M. C. 1969; Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, 2, p. 403, 408-411; Martins J. B. 1984, n.º 27 e 1992, n.º 2; Silva A.C.F. 1986b, n.º 484; Queiroga 1992, n.º 450; Teixeira R. 1996, p. 20.

579 Ardãos. *Castro de Cunhas* 17.02.02
Long 07 35 08 Lat 41 45 58 Alt 709m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 1, p. 403 e 1986, p. 19-28; Martins J. B. 1984, n.º1, p. 38 e 1992, n.º 1; Silva A.C.F. 1986b, n.º 485; Queiroga 1992, n.º 451; Teixeira R. 1996, p. 22.

580 Ardãos. *Castro de Malhó / Amalhó* 17.02.02
Long 07 37 24 Lat 41 45 24 Alt 689m
Montalvão 1971, p. 34-38; Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 3, p. 403 e 1986, p. 9-10; Martins J.B. 1984, n.º 3 e 1992, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, n.º 486; Queiroga 1992, n.º 452; Teixeira R. 1996, p. 22.

581 Bobadela. *Castro de Nogueira* 17.02.04
Long 07 36 58 Lat 41 44 37 Alt 918m
Kalb 1980a, n.º 30, Abb. 6; Ponte 1980, n.º 51; Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 4, p. 403 e 1986, p. 13-19; Martins J. B. 1984, n.º 4 e 1992, n.º 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 488; Queiroga 1992, n.º 457; Teixeira R. 1996, p. 20.

582 Bobadela. *Castro do Brejo* 17.02.04
Long 07 37 28 Lat 41 43 57 Alt 600m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 5, p. 403,435-443 e 1986, p. 75-78; Martins J. B. 1984, n.º 5 e 1992, p. 5; Silva A.C.F. 1986b, n.º 490; Queiroga 1992, n.º 458; Teixeira R. 1996, p. 69.

583 Sapiãos. *Ribeira; Muro; Cerca* 17.02.15
Long 07 35 22 Lat 41 43 57 Alt 564m
Martins J. B. 1984 e 1992, p. 8; Silva A.C.F. 1986b, n.º 492; Miranda *et alii* 1986, p. 11-13; Queiroga 1992, n.º 455; Teixeira R. 1996, p. 70.

584 Sapiãos. *Muro* 17.02.15
Long 07 37 53 Lat 41 42 55 Alt 350m
Miranda *et alii* 1983, n.º 8, p. 403 e 1986, p. 38-42; Martins J. B. 1984 n.º 9 e 1992; Silva A.C.F. 1986b, n.º 493; Queiroga 1992, n.º 471; Teixeira R. 1996, p. 67.

585 Sapiãos. *Castro de Sapelos* 17.02.15
Long 07 36 07 Lat 41 42 57 Alt 600m
Santos M. C. 1969; Montalvão 1971, p. 42-46; Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 7, p. 403, 426-430; Martins J. B. 1984, e 1992, n.º 7; Silva A.C.F. 1986b, n.º 494; Queiroga 1992, n.º 470; Teixeira R. 1996, p. 71.

586 Granja. *Cabeço* 17.02.12
Long 07 39 26 Lat 41 42 25 Alt 764m
Santos Júnior 1982, p. 260; Montalvão 1971, p. 84-85; Miranda *et alii* 1983, n.º 9, p. 403, 411-419; Martins J. B. 1984, n.º 10 e 1992; Silva A.C.F. 1986b, n.º 495; Queiroga 1992, n.º 467; Teixeira R. 1996, p. 66-67.

587 Boticas. *Couto dos Mouros* 17.02.05
Long 07 38 48 Lat 41 40 21 Alt 625m
Montalvão 1971, p. 96; Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 10, p. 403, 425-426; Martins J. B. 1984, n.º 11 e 1992; Silva A.C.F. 1986b, n.º 496; Queiroga 1992, n.º 459; Teixeira R. 1996, p. 66.

588 Boticas. *Outeiro do Pardo* 17.02.05
Long 07 38 58 Lat 41 40 45 Alt 500m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 11, p. 403, 423-425; Martins J. B. 1984 e 1992, n.º 12; Silva A.C.F. 1986b, n.º 497; Queiroga 1992, n.º 460; Teixeira R. 1996, p. 66.

589 Dornelas. *Castro da Giestosa; Souto da Lama* 17.02.10
Long 07 50 00 Lat 41 39 26 Alt 777m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 20, p. 443-447 e 1986, p. 36-38; Martins J. B. 1984, n.º 21 e 1992, n.º 22; Silva A.C.F. 1986b, n.º 498; Queiroga 1992, n.º 466.

590 Dornelas. *Castro de Lousas; Ervas Ruivas* 17.02.10
Long 07 49 32 Lat 41 36 35 Alt 578m
Santos Júnior 1982, p. 261; Miranda *et alii* 1983, n.º 21, p. 403, 447-449 e 1986, p. 31-33; Martins J. B. 1984, n.º 22 e 1992, n.º 23; Silva A.C.F. 1986b, n.º 499; Queiroga 1992, n.º 463.

591 Covas do Barroso. *Poio* 17.02.08
Long 07 47 45 Lat 41 38 12 Alt 695m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 19, p. 403 e 1986, p. 33-36; Martins J. B. 1984, n.º 20 e 1992, n.º 21; Silva A.C.F. 1986b, n.º 500; Queiroga 1992, n.º 465.

592 S. Salvador de Viveiro. *Outeiro Lezenho* 17.02.14
GG Long 07 45 09 Lat 41 38 40 Alt 1074m
GG? Sarmento 1880-81 = 1886 = 1896; Paris 1903, p. 1-8; Pereira F. A. 1908 e 1915a; Vasconcellos 1913, p. 48-49; Paço 1966c; Montalvão 1971, p. 96; Santos Júnior 1982, p. 260; Guerra 1982, p. 28-29, 31; Miranda *et alii* 1983, n.º 18, p. 403 e 1986, p. 56-59; Martins J. B. 1984, n.º 19 e 1992, p. 37; Silva A.C.F. 1986b, n.º 501 e 545-546 (Icon. 1-2), 550-551 (Icon. 6-7); Queiroga 1992, n.º 464; Calo Lourido 1994, p. 292-302 e 2003, p. 10-12.

593 Vilar. *Castro* 17.02.16
Long 07 44 30 Lat 41 40 29 Alt 843m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 17, p. 403; Martins J. B. 1984, n.º18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 502; Queiroga 1992, n.º 472.

594 Codeçoso. *Poio; Castro da Naia* 17.02.07
Long 07 41 39 Lat 41 39 12 Alt 902m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 15; Martins J. B. 1984, n.º 16 e 1992; Silva A.C.F. 1986b, n.º 503; Queiroga 1992, n.º 461.

595 Codeçoso. *Secerigo* 17.02.07
Long 07 43 14 Lat 41 39 04 Alt 750m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, p. 403; Martins J. B. 1984, n.º 17; Silva A.C.F. 1986b, n.º 504; Queiroga 1992, n.º 462.

596 Pinho. *Castro de Mouril* 17.02.13
Long 07 36 25 Lat 41 39 22 Alt 442m
Santos Júnior 1982, p. 260; Miranda *et alii* 1983, n.º 12, p. 419-423 e 1986, p. 79-84; Martins J. B. 1984, n.º 13 e 1992, p. 36; Silva A.C.F. 1986b, n.º 506; Queiroga 1992, n.º 468; Teixeira R. 1996, p. 74.

Chaves

597 Vilarelho da Raia. *Alto do Vamba* 17.03.45
Long 07 29 01 Lat 41 51 24 Alt 525m
Azevedo M. 1895, p. 130; Montalvão 1971, p. 86-93; Martins J. B. 1984, n.º 44 e 1993, n.º 36, p. 35; Silva A.C.F. 1986b, n.º 507; Queiroga 1992, n.º 481; Amaral 1993, n.º 147, p. 88; Teixeira R. 1996, p. 13.

598 Ervededo. *Alto das Coroas* 17.03.12
Long 07 33 58 Lat 41 49 05 Alt 792m
Cardozo 1942a, p. 89-100; Martins J. B. 1984, n.º 18 e 1993, n.º 11, p. 23; Ponte 1984, n.º 75, 78 e 85; Silva A.C.F. 1986b, n.º 511 e 463 (M. fib. 110), 473 (M. fib. 119), 478 (M. fib. 125); Queiroga 1992, n.º 478; Amaral 1993, n.º 47, p. 48.

599 Calvão. *Facho de Castelões* 17.03.06
Long 07 33 37 Lat 41 48 33 Alt 929m
Martins J. B. 1984, n.º 11 e 1993, n.º 5, p. 20; Silva A.C.F. 1986b, n.º 512; Queiroga 1992, n.º 475; Amaral 1993, n.º 19, p. 37; Teixeira R. 1996, p. 21-22.

600 Calvão. *Outeiro dos Mouros* 17.03.06
Long 07 33 34 Lat 41 47 38 Alt 786m
Martins J. B. 1984, n.º 9 e 1993, n.º 3, p. 18-19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 513; Queiroga 1992, n.º 476; Amaral 1993, n.º 24, p. 38-39; Teixeira R. 1996, p. 21.

601 Seara Velha. *Castro da Seara Velha* 17.03.35
Long 07 34 43 Lat 41 45 07 Alt 634m
Martins J. B. 1984, n.º 39 e 1993, n.º 33, p. 34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 518.

602 Redondelo. Crasto; *Muro da Pastoria* 17.03.24
Long 07 33 31 Lat 41 43 44 Alt 608m
Montalvão 1971; Martins J. B. 1984, n.º 29 e 1993, n.º 21; Jorge S. O. 1985b; Soeiro 1985; Silva A.C.F. 1986b, n.º 520; Queiroga 1992, n.º 479; Amaral 1993, n.º 85, p. 63; Teixeira R. 1996, p. 70.

603 Redondelo. *Alto do Moleiro* 17.03.24
Long 07 34 39 Lat 41 41 55 Alt 395m
Teixeira R. 1996, p. 78.

604 Curalha. *Castro / Castelo dos Mouros* 17.03.10
Long 07 31 38 Lat 41 42 24 Alt 431m
Alves 1931; Montalvão 1971, p. 7-12; Magalhães *et alii* 1975, 1977 e 1978; Esparza 1980, n.º 15; Freitas A.-Santos Júnior 1980, 1981, 1982, 1983 e 1984; Martins J. B. 1984, n.º 16 e 1993, n.º 8; Santos Júnior 1984b; Silva A.C.F. 1986b, n.º 522; Queiroga 1992, n.º 477; Amaral 1993, n.º 33, p. 42-43; Teixeira R. 1996, p. 72.

605 Anelhe. *Alto do Castro* 17.03.02
Long 07 35 06 Lat 41 40 23 Alt 485m
Martins J. B. 1984, n.º 6 e 1993, n.º 1, p. 18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 523; Queiroga 1992, n.º 473; Amaral 1993, n.º 7, p. 33; Teixeira R. 1996, p. 72.

606 Vidago. *Castro de Vidago* 17.03.42
Long 07 34 48 Lat 41 38 02 Alt 400m
Montalvão 1971, p. 94; Martins J. B. 1984, n.º 41 e 1993, n.º 34, p. 34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 525; Queiroga 1992, n.º 480.

607 Loivos. *Castro; Muradal* 17.03.15
Long 07 30 06 Lat 41 37 39 Alt 500m
Montalvão 1971; Martins J. B. 1984, n.º 20 e 1993, n.º 13, p. 24; Silva A.C.F. 1986b, n.º 526; Amaral 1993, n.º 57, p. 52-53; Teixeira R. 1996, p. 105.

608 Loivos. *Alto de S. Pedro* 17.03.15
Long 07 30 02 Lat 41 36 19 Alt 799m
Teixeira R. 1996, p. 105-106.

609 Nogueira da Montanha. *Crastas de Santiago* 17.03.18
Long 07 27 48 Lat 41 40 36 Alt 850m
Martins J. B. 1984, n.º 25 e 1993, n.º 17, p. 25-26; Silva A.C.F. 1986b, n.º 533 e 333 (M. orn. 12), p. 275-276; Amaral 1993, n.º 67, p. 56; Teixeira R. 1996, p. 91.

610 S. Pedro de Agostém. *Ventozelos; Castro de Santa Bárbara* 17.03.33
Long 01 36 53 Lat 41 40 04 Alt 775m
Martins J. B. 1984, n.º 35 e 1993, n.º 28, p. 32; Silva A.C.F. 1986b, n.º 534; Amaral 1993, n.º 109, p. 73; Teixeira R. 1996, p. 90-91.

611 Faiões. *Alto do Circo* 17.03.13
Long 07 25 28 Lat 41 44 23 Alt 519m
Martins J. B. 1984, n.º 19 e 1993, n.º 12; Silva A.C.F. 1986b, n.º 540; Amaral 1993, n.º 51, p. 50; Teixeira R. 1996, p. 44-45.

612 Santo Estevão. *Marco da Bezoeira* 17.03.24
Long 07 24 39 Lat 41 45 20 Alt 563m
Martins J.B. 1993, n.º 42, p. 37; Amaral 1993, n.º 105, p. 71-72.

613 Bobadela. *Cidadonha; Alto da Cigadonha* 17.03.04
Long 07 48 49 Lat 41 45 32 Alt 852m
Alves 1931; Montalvão 1971; Martins J. B. 1984, n.º 8 e 1993, n.º2, p. 18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 541; Amaral 1993, n.º 14, p. 35; Teixeira R. 1996, p. 53-54; Queiroga 1992, n.º 456.

614 Mairos. *Muro; Tróia* 17.03.16
Long 07 21 03 Lat 41 48 51 Alt 670m
Alves 1931; Pina 1942, p. 303; Montalvão 1971; Santos Júnior 1975a, p. 396; Martins J. B. 1984, n.º 21 e 1993, n.º 14; Silva A.C.F. 1986b, n.º 544; Amaral 1993, n.º 62, p. 54; Teixeira R. 1996, p. 48-49.

615 S. Vicente da Raia. *Cerca; Cigadonha* 17.03.34
Long 07 15 34 Lat 40 51 00 Alt 778m
Martins J.B. 1984, n.º 121; Silva A.C.F. 1986b, n.º 547; Amaral 1993, n.º 117, p. 75-76.

616 Roriz. *Castelinho; Castelim; Crastelim* 17.03.25
Long 07 15 26 Lat 41 49 13 Alt 791m
Alves 1931; Martins J. B. 1984, n.º 30 e 1993, n.º 22, p. 29; Silva A.C.F. 1986b, n.º 549; Teixeira R. 1996, p. 57.

617 Cimo de Vila da Castanheira. *Castro de S.Sebastião* 17.03.09
Long 07 16 15 Lat 41 47 42 Alt 869m
Martins J. B. 1984, n.º 14 e 1993, n.º 6, p. 20-21; Silva A.c.F. 1986b, n.º 551; Amaral 1993, n.º 32, p. 41-42; Teixeira R. 1996, p. 55-56.

618 Sanfins. *Parada; Muro; Cabeça; Alto da Cotolinha* 17.03.27
Long 07 12 17 Lat 41 46 48 Alt 584m
Martins J. B. 1984, n.º 32 e 1993, n.º 24; Silva A.C.F. 1986b, n.º 552; Amaral 1993, n.º 96, p. 67-68; Teixeira R. 1996, p. 60.

619 Sanfins. *Cabeço* 17.03.27
Long 07 13 54 Lat 41 47 26 Alt 750m
Teixeira R. 1996, p. 58.

Ribeira de Pena

620 Ribeira de Pena (Salvador). *Outeiro dos Mouros* 17.09.05
Long 07 48 08 Lat 41 30 36 Alt 586m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 553; Queiroga 1992, n.º 536.

621 Ribeira de Pena (Salvador). *Daivões; Outeiro dos Mouros* 17.09.05
Long 07 51 38 Lat 41 31 23 Alt 260m
Meneses M. 1929, p. 32, 34, 44; Silva A.C.F. 1986b, n.º 554, Queiroga 1992, n.º 537.

622 Cerva. *Castro de Vilarinho; Monte Calvo; Fraga de Sulajes* 17.09.03
Long 07 48 52 Lat 41 30 08 Alt 809m
Meneses M. 1929, p. 36-40; Silva A.C.F. 1986b, n.º 555; Queiroga 1992, n.º 535.

623 Cerva. *Formoselos; Monte / Castro do Facho* 17.09.03
Long 07 52 36 Lat 41 28 47 Alt 528m
Meneses M. 1929, p. 42-43; Silva A.C.F. 1986b, n.º 556; Queiroga 1992, n.º 532.

624 Cerva. *Seixinhos; Castro* 17.09.03
Long 07 50 38 Lat 41 29 07 Alt 480m
Meneses M. 1929, p. 34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 557; Queiroga 1992, n.º 534.

625 Cerva. *Mourão; Outeiro dos Mouros* 17.09.03
Long 07 47 51 Lat 41 29 16 Alt 692m
Meneses M. 1929, p. 34, 41; Martins M. 1981, p. 16-18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 558; Queiroga 1992, n.º 533.

626 Cerva. *Asnela; Monte dos Mouros* 17.09.03
Long 07 52 48 Lat 41 28 21 Alt 315m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 559; Queiroga 1992, n.º 530.

627 Cerva. *Couçadouro; Castro* 17.09.038
Long 07 48 49 Lat 41 27 36 Alt 494m
Meneses M. 1929, p. 34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 560; Queiroga 1992, n.º 531.

Vila Pouca de Aguiar

628 Capeludos. *Castro* 17.13.05
G Long 07 37 44 Lat 41 37 52 Alt 512m
Vasconcellos 1902a, p. 23-26 e 1913 (RL, 3), p. 54-55, 60-61; Martins J. B. 1984, n.º 12; Silva A.C.F. 1986b, n.º 561 e 558 (Icon. 14); Queiroga 1992, n.º 542; Calo Lourido 1994, p. 193-195, n.º 16 e 2003a, p. 8, n.º 6.

629 Parada de Monteiros. *Torre* 17.13.07
Long 07 38 41 Lat 41 28 00 Alt 827m
Azevedo M. 1895, p. 130-136; Botelho 1904, p. 58; Silva A.C.F. 1986b, n.º 562; Queiroga 1992, n.º 543; Parente 2003, n.º 12.

630 Pensalvos. *Castro de Rebordochão; Castelos* 17.13.08
Long 07 38 18 Lat 41 32 36 Alt 920m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 563; Queiroga 1992, n.º 544; Parente 2003, n.º 13.

631 Afonsim. *Cidadelha de Aguiar* 17.13.01
Long 07 38 06 Lat 41 30 24 Alt 638m
Martins J. B. 1984, n.º 13; Silva A.C.F. 1986b, n.º 564; Queiroga 1992, n.º 541; Parente 2003, n.º 11.

632 Bornes de Aguiar. *Castro de S. Martinho* 17.13.03
Long 07 23 10 Lat 41 30 44 Alt 880m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 565; Parente 2003, n.º 14.

633 Telões. *Castelo de Aguiar* 17.13.11
Long 07 40 45 Lat 41 28 04 Alt 850m
Severo 1905-08c, p. 108-109; Silva A.C.F. 1986b, n.º 566; Queiroga 1992, n.º 545. Parente 2003, n.º 10.

634 Vreia de Jales. *Castelo dos Mouros* 17.13.16
Long 07 37 09 Lat 41 24 11 Alt 775m

635 Alfarela de Jales. *Cidadelha; Castelo dos Mouros* 17.13.02
Long 07 33 34 Lat 41 28 06 Alt 700m
Parente 2003, n.º 40.

Valpaços

636 Bouçoais. *Cabeço* 17.12.05
Long 07 12 55 Lat 41 44 17 Alt 625m
Martins A.V. 1978, p. 53, 54, 173, 174; Martins J. B. 1984, n.º 4; Silva A.C.F. 1986b, n.º 567; Lemos 1993, IIb, p. 513-514; Freitas A.M. 2001, p. 110-120.

637 Bouçoais. *Castro das Ermidas* 17.12.05
Long 07 10 55 Lat 41 44 06 Alt 470m
Lemos 1993, IIb, p. 511-512.

638 Bouçoais. *Castro da Lampaça* 17.12.05
Long 07 11 44 Lat 41 44 50 Alt 615m
Martins A.V. 1978, p. 53, 54, 62, 173; Martins J. B. 1984, n.º 5; Silva A.C.F. 1986b, n.º 568; Lemos 1993, IIb, p. 516-517; Freitas A.M. 2001, p. 121-132.

639 Fiães. *Cidade do Muro* 17.12.10
Long 07 16 55 Lat 41 44 18 Alt 740m
Martins J. B. 1984, n.º 6; Silva A.C.F. 1986b, n.º 569; Lemos 1993, IIb, p. 525-527; Freitas A.M. 2001, p. 212-217.

640 Tinhela. *Monte da Crasta* 17.12.26
Long 07 18 30 Lat 41 42 39 Alt 665m
Montalvão 1971; Martins A. V. 1978, p. 53, 66; Martins J. B. 1984, n.º 16; Silva A.C.F. 1986b, n.º 570; Lemos 1993, IIb, p. 557-558; Freitas A.M. 2001, p. 341-347.

641 Arcas / Tinhela. *Castro* 17.12.26
Long 07 28 46 Lat 41 42 30 Alt 728m
Lemos 1993, IIb, p. 556.

642 Alvarelhos. *Lama de Ouriço; Murada* 17.12.02
Long 07 19 54 Lat 41 41 44 Alt 730m
Montalvão 1971; Martins A. V. 1978, p. 53, 54, 65; Martins J. B. 1984, n.º 2; Silva A.C.F. 1986b, n.º 571; Lemos 1993, IIb, p. 505-507; Freitas A.M. 2001, p. 43-48.

643 Alvarelhos. *Coroa de Alvarelhos* 17.12.02
Long 07 20 22 Lat 41 42 29 Alt 705m
Martins A.V. 1978, p. 165-166; Lemos 1993, IIb, p. 504.

644 Santa Valha. *Monte Castro* 17.12.20
Long 07 16 22 Lat 41 40 27 Alt 486m
Montalvão 1971; Martins A. V. 1978, p. 28; Martins J. B. 1984, n.º 14; Silva A.C.F. 1986b, n.º 572; Lemos 1993, IIb, p. 552-553; Freitas A.M. 2001, p. 268-276.

645 Friões. *Ferrugende; Castelo dos Mouros* 17.12.12
Long 07 15 06 Lat 41 40 00 Alt 839m
Martins A.V. 1978, p. 203; Silva A.C.F. 1986b, n.º 576; Lemos 1993, IIb, p. 532-533.

646 Fornos do Pinhal. *Fraga da Laje* 17.12.11
Long 07 16 04 Lat 41 38 50 Alt 509m
Martins J. B. 1984, n.º 7; Silva A.C.F. 1986b, n.º 573; Lemos 1993, IIb, p. 528-529.

647 Vilarandelo. *Cividade; Muradelha* 17.12.31
Long 07 18 36 Lat 41 40 12 Alt 630m
Montalvão 1971; Martins A. V. 1978, p. 66, 259; Martins J. B. 1984, n.º 19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 574; Lemos 1993, IIb, p. 563.

648 Santiago de Ribeira de Alhariz. *Cerca de Vila Nova; Cividade* 17.12.21
Long 07 24 26 Lat 41 38 31 Alt 850m
Martins J. B. 1984, n.º 15; Silva A.C.F. 1986b, n.º 577; Lemos 1993, IIb, p. 553-554; Freitas A.M. 2001, p. 313-318.

649 Vassal. *Alto dos Mouros; Cidadonha; Cigadonha de Monsalvarga* 17.12.292
Long 07 21 30 Lat 41 38 31 Alt 536m
Martins A. V. 1978, p. 66, 252; Martins J. B. 1984, n.º 18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 578; Lemos 1993, IIb, p. 561-562; Freitas A.M. 2001, p. 389-394.

650 Argeriz. *Cerca dos Mouros; Cerca de Ribas* 17.12.03
Long 07 23 54 Lat 41 35 00 Alt 710m
Castro 1962; Montalvão 1971; Martins A. V. 1978, p. 53, 64, 66, 167; Kalb 1980a, n.º 33, Abb. 6; Martins J. B. 1984, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, n.º 579; Lemos 1993, IIb, p. 509-511; Freitas A.M. 1989 e 1990 e 2001, p. 51-84.

651 Carrazedo de Montenegro. *Avarenta; Alto da Cerca* 17.12.07
Long 07 23 08 Lat 41 34 04 Alt 548m
Lemos 1993, IIb, p. 520. Freitas A.M. 2001, p. 190-192.

652 Padrela. *Tazém; Coto* 17.12.15
Long 07 29 52 Lat 41 33 48 Alt 955m
Freitas A.M. 2001, p. 239-242.

653 Serapicos. *Castro do Cabeço* 17.12.24
Long 07 25 16 Lat 41 35 38 Alt 869m
Freitas A.M. 2001, p. 320-323.

654 Água Revés e Castro. *Cerca dos Mouros* 17.12.01
Long 07 18 12 Lat 41 33 43 Alt 350m
Martins A. V. 1978, p. 64, 65, 162; Martins J. B. 1984, n.º 1; Silva A.C.F. 1986b, n.º 580; Lemos 1993, IIb, p. 501-502; Freitas A.M. 2001, p. 29-31.

655 Rio Torto. *Castro, Crasto; Cerca* 17.12.17
Long 07 19 11 Lat 41 33 53 Alt 337m
Martins A. V. 1978, p. 220; Silva A.C.F. 1986b, n.º 581; Lemos 1993, IIb, p. 546; Martins J. B. 1984, n.º 10.

656 Rio Torto. *Lilela; Alto de S. Pedrinho* 17.12.17
Long 07 14 54 Lat 41 31 33 Alt 353m
Martins J. B. 1984, n.º 11; Silva A.C.F. 1986b, n.º 582; Lemos 1993, IIb, p. 545-546; Freitas A.M. 2001, p. 258-262.

657 Santa Maria de Émeres. *Alto da Cerca dos Mouros* 17.12.19
Long 07 23 54 Lat 41 29 57 Alt 604m
Martins J. B. 1984, n.º 13; Silva A.C.F. 1986b, n.º 584; Freitas A.M. 2001, p. 305-308.

658 S. Pedro de Veiga de Lila. *Fragas da Cerca dos Mouros; Muro* 17.12.23
Long 07 19 32 Lat 41 29 24 Alt 553m
Alarcão 1988b, p. 61; Lemos 1993, IIb, p. 548.

659 Veiga de Lila. *Castro de Santa Bárbara* 17.12.30
Long 07 18 44 Lat 41 31 12 Alt 410m
Lemos 1993, IIb, p. 562-563; Freitas A.M. 2001, p. 396-399.

660 Vales. *Monte Orelhão; Castro de Santa Comba* 17.12.27
Long 07 20 06 Lat 41 27 48 Alt 1000m
Martins J. B. 1984, n.º 17; Silva A.C.F. 1986b, n.º 585; Lemos 1993, IIb, p. 558-559; Freitas A.M. 2001, p. 377-379.

Murça

661 Jou. *Castelo de Jou* 17.07.04
Long 07 24 57 Lat 41 29 08 Alt 737m
Fernandes J. L. T. 1985, p. 20, 94-95; Silva A.C.F. 1986b, n.º 586; Lemos 1993, IIb, p. 492.

662 Jou. *Castelo de Penabeice* 17.07.04
Long 07 26 42 Lat 41 29 28 Alt 640m
Lemos 1993, IIb, p. 493.

663 Fiolhoso. *Castro de Cadaval; Castelo dos Mouros* 17.07.03
Long 07 28 21 Lat 41 24 14 Alt 586m
Fernandes J. L. T. 1985, p. 19, 94; Silva A.C.F. 1986b, n.º 587; Lemos 1993, IIb, p. 488-489; Parente 2003, n.º 41.

664 Fiolhoso. *Castelo de Saldanha* 17.07.03
Long 07 26 13 Lat 41 23 28 Alt 550m
Lemos 1993, IIb, p. 490.

665 Noura. *Castelo de Noura* 17.07.06
Long 07 26 37 Lat 41 22 59 Alt 430m
Fernandes J. L. T. 1985, p. 19-20, 95; Silva A.C.F. 1986b, n.º 588; Lemos 1993, IIb, p. 496.

666 Palheiros. *Crasto de Palheiros* 17.07.07
Long 07 25 03 Lat 41 24 02 Alt 593m
Fernandes J. L. T. 1985, p. 96; Silva A.C.F. 1986b, n.º 589; Lemos 1993, IIb, p. 496-497; Sanches 1997 e 2000-01.

667 Candedo. *Castelo de Sobreira; Castelo dos Mouros* 17.07.01
Long 07 21 56 Lat 41 21 09 Alt 553m
Fernandes J. L. T. 1985, p. 19-20, 88, 90; Silva A.C.F. 1986b, n.º 590; Lemos 1993, IIb, p. 488.

668 Candedo. *Porrais; Castelo de Porreira* 17.07.01
Long 07 27 05 Lat 41 20 11 Alt 518m
Fernandes J. L. T. 1985, p. 89; Silva A.C.F. 1986b, n.º 591; Lemos 1993, IIb, p. 487-488.

Mondim de Basto

669 Atei. *Cebidaia; Cividade; Alto dos Mouros* 17.05.01
Long 07 55 05 Lat 41 27 22 Alt 360m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 592; Queiroga 1992, n.º 483.

670 Vilar de Ferreiros. *Alto dos Palhaços* 17.05.08
Long 07 54 36 Lat 41 25 02 Alt 903m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 594; Queiroga 1992, n.º 485.

671 Vilar de Ferreiros. *Alto dos Palhacinhos* 17.05.08
Long 07 54 25 Lat 41 25 08 Alt 880m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 595; Queiroga 1992, n.º 486.

672 Vilar de Ferreiros. *Castro de Premurado* 17.05.08
Long 07 53 03 Lat 41 25 22 Alt 663m
Queiroga 1992, n.º 487.

673 Mondim de Basto. *Crastoeiro* 17.05.00
Long 07 55 44 Lat 41 24 51 Alt 440m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 596; Queiroga 1992, n.º 484; Dinis A.P. 2001.

674 Mondim de Basto. *Vilar de Viande* 17.05.00
Long 07 56 32 Lat 41 23 44 Alt 232m

675 Paradança. *Eira dos Mouros* 17.05.06
Long 07 56 58 Lat 41 22 58 Alt 403m

Vila Real

676 Vilarinho da Samardã. *Muralhas; Moradas; Monte da Murada* 17.14.30
Long 07 41 27 Lat 41 23 56 Alt 815m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 601; Queiroga 1992, n.º 547; Parente 2003, n.º 9.

677 Vilarinho da Samardã. *Cividaia* 17.04.30
Long 07 42 34 Lat 41 21 53 Alt 577m
Parente 2003, n.º 8.

678 S. Tomé do Castelo. *Castro de S. Bento* 17.14.25
Long 07 42 31 Lat 41 23 43 Alt 882m
Azevedo M. 1895; AP, 1, p. 93; Silva A.C.F. 1986b, n.º 602; Parente 2003, n.º 19.

679 S. Tomé do Castelo. *Castro das Palas da Torre* 17.14.25
Long 07 41 00 Lat 41 22 37 Alt 861m
Parente 2003, n.º 17.

680 Lamares. *Castro de Lamares* 17.14.01
Long 07 37 34 Lat 41 20 05 Alt 853m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 603; Parente 2003, n.º 18.

681 Mouçós. *Santo Cabeço; Termo da Ponte* 17.14.17
Long 07 42 08 Lat 41 18 56 Alt 574m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 604; Parente 2003, n.º 21.

682 Vale de Nogueiras. *Castelo de Lodares* 17.14.01
Long 07 37 32 Lat 41 18 04 Alt 846m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 605; Parente 2003, n.º 20.

683 S. Dinis. *Vila Velha de Vila Real* 17.14.23
Long 07 44 42 Lat 41 17 33 Alt 429m
Parente 2003, n.º 7.

684 Vila Marim. *Agarez; Outeiro do Santo* 17.14.29
Long 07 46 00 Lat 41 19 25 Alt 697m
Parente 2003, n.º 6.

685 Mondrões. *Castelo de Gulpilhares* 17.14.16
Long 07 48 15 Lat 41 17 49 Alt 742m
Parente 2003, n.º 4.

686 Torgueda. *Castro de Arrnadelo; Monte do Castelo* 17.14.26
Long 07 47 35 Lat 41 15 37 Alt 702m
Azevedo M. 1895; Silva A.C.F. 1986b, n.º 608; Queiroga 1992, n.º 546; Parente 2003, n.º 3.

687 Torgueda. *Targo. Farelães. Castro* 17.14.26
Long 07 51 16 Lat 41 16 06 Alt 520m
Parente 2003, n.º 2.

688 Folhadela. *Castro da Feiteira* 17.14.09
Long 07 43 52 Lat 41 16 46 Alt 516m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 607; Parente 2003, n.º 22.

689 Abaças. *Monte do Castro; Castro de Abaças* 17.14.01
Long 07 41 14 Lat 40 24 27 Alt 579m
Azevedo M. 1895; Botelho 1899-1903 e 1904 e 1907; Silva A.C.F. 1986b, n.º 609; Parente 2003, n.º 23.

690 Guiães. *Castro de Guiães* 17.14.10
Long 07 38 42 Lat 41 12 01 Alt 242m
Parente 2003, n.º 24.

Sabrosa

691 S. Martinho da Anta. *Castro de S. Martinho da Anta* 17.10.12
Long 07 36 20 Lat 41 16 28 Alt 763m
Parente 2003, n.º 30.

692 Passos. *Castelo de S.Martinho* 17.10.07
Long 07 26 17 Lat 41 16 21 Alt 755m
Gonçalves 1993; Parente 2003, n.º 28.

693 Sabrosa. *Castelo; Castro de Sabrosa; Castelo dos Mouros; Castelo da Sancha* 17.10.09
Long 07 34 27 Lat 41 16 33 Alt 712m
Ervedosa 1967-68, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985a e 1985b; Santos Júnior 1969; Esparza 1980, n.º 20; Silva A.C.F. 1986b, n.º 610; Gonçalves 1993; Parente 2003, n.º 29.

694 Provesende. *Castelo de S. Domingos* 17.10.08
Long 07 34 29 Lat 41 13 37 Alt 800m
Saavedra 1935; Silva A.C.F. 1986b, n.º 611; Gonçalves 1993; Parente 2003, n.º 28.

695 Torre do Pinhão. *Castro da Morcegueira* 17.10.14
Long 07 38 35 Lat 41 24 34 Alt 898m
Parente 2003, n.º 16.

696 Torre do Pinhão. *Castro do Corisco* 17.10.14
Long 07 37 11 Lat 41 24 01 Alt 866m
Parente 2003, n.º 15.

Alijó

697 Vila Verde. *Murada da Balsa; Castelo* 17.01.17
Long 07 35 02 Lat 41 21 34 Alt 696m
Botelho 1905; Silva A.C.F. 1986b, n.º 612; Lemos 1993, IIb, p. 481; Parente 2003, n.º 35.

698 Vila Verde. *Cerca do Freixo* 17.01.17
Long 07 32 11 Lat 41 21 49 Alt 708m
Botelho 1905; Silva A.C.F. 1986b, n.º 613; Lemos 1993, IIb, p. 481-482; Parente 2003, n.º 36.

699 Vila Verde. *Castro de Perafita* 17.01.17
Long 07 32 53 Lat 41 23 15 Alt 743m
Parente 2003, n.º 38.

700 Vila Verde. *Cerca de Escarão* 17.01.17
Long 07 43 38 Lat 41 24 02 Alt 1032m
Parente 2003, n.º 39.

701 Pópulo. *Castro da Touca Rota; Castelo de S. Marcos* 17.01.10
Long 07 29 14 Lat 41 22 27 Alt 732m
Botelho 1896; Silva A.C.F. 1986b, n.º 614; Lemos 1993, IIb, p. 474-475; Parente 2003, n.º 43.

702 B Pópulo. *Santa Bárbara; Castro de Ribalonga* 12.01.10
Long 07 30 12 Lat 41 21 45 Alt 739m
Teixeira *et alii* 1990; PROZED n.º 103.7; Lemos 1993, IIb, p. 475; Parente 2003, n.º 44.

703 Pegarinhos. *Castelo de Castorigo* 17.01.08
Long 07 26 54 Lat 41 22 13 Alt 703m
Botelho 1896; Silva A.C.F. 1986b, n.º 615; Lemos 1993, IIb, p. 472-473; Parente 2003, n.º 48.

704 Pegarinhos. *Castro de Vale de Mir* 17.01.08
Long 07 28 01 Lat 41 20 50 Alt 765m
Botelho 1896; Silva A.C.F. 1986b, n.º 616; Lemos 1993, IIb, p. 473-474; Parente 2003, n.º 49.

705 Vila Chã. *Castelo de Francelos* 17.01.16
Long 07 31 07 Lat 41 20 20 Alt 692m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 617; Lemos 1993, IIb, p. 481;Parente 2003, n.º 45.

706 Carlão. *Castelo* 17.01.03
Long 07 24 11 Lat 41 19 04 Alt 548m
Vasconcellos 1889; Silva A.C.F. 1986b, n.º 618; Parente 2003, n.º 41; Lemos 1993, IIb, p. 465-466; Parente 2003, n.º 46.

707 Sanfins do Douro. *Castro da Senhora da Piedade* 17.01.12
Long 07 30 29 Lat 41 17 31 Alt 755m
Grácio 1985, p. 19; Silva A.C.F. 1986b, n.º 619; PROZED n.º 103.5; Lemos 1993, IIb, p. 480-481; Parente 2003, n.º 32.

708 Sanfins do Douro. *Castelo de Cheires* 17.01.12
Long 07 31 54 Lat 41 17 03 Alt 360m
Grácio 1985, p. 20; Silva A.C.F. 1986b, n.º 620; PROZED n.º 116.2; Lemos 1993, IIb, p. 479; Parente 2003, n.º 31.

709 Alijó. *Vilarelho; Muralhas* 17.01.01
Long 07 27 33 Lat 41 16 45 Alt 800m
Maranhão 1836; Botelho 1896, p. 266; Arião 1908, p. 64; Silva A.C.F. 1986b, n.º 621; Lopo 1987, p. 13; PROZED n.º 116.7; Lemos 1993, IIb, p. 462-463.

710 Favaios. *Santa Bárbara, Castro; Cerca dos Mouros* 17.01.07
Long 07 29 32 Lat 41 16 57 Alt 822m
Vasconcellos 1889; Silva A.C.F. 1986b, n.º 622; Lemos 1993, IIb, p. 471; Parente 2003, n.º 33.

711 S. Mamede de Riba Tua. *Castelo de Safres* 17.01.14
Long 07 24 33 Lat 41 16 07 Alt 530m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 623; PROZED n.º 116.16; Lemos 1993, IIb, p. 478-479; Parente 2003, n.º 47.

712 S. Mamede de Riba Tua. *Cortinhas; Castelo* 17.01.14
Long 07 25 11 Lat 41 15 06 Alt 560m
Fortes 1905-08c, p. 119; Silva A.C.F. 1986b, n.º 624; PROZED n.º 116.15; Lemos 1993, IIb, p. 477-478.

713 Castedo. *Castelo de Castedo* 17.01.05
Long 07 28 29 Lat 41 13 45 Alt 510m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 625; PROZED N.º 116.11; Lemos 1993, IIb, p. 468; Parente 2003, n.º 50.

714 Vilarinho de Cotas. *Castelo* 17.01.193
Long 07 31 43 Lat 41 12 45 Alt 500m
Severo 1905-08d; Kalb 1980a, n.º 34; Coffyn 1985, n.º 199; Silva A.C.F. 1986b, n.º 626; Lemos 1993, IIb, p. 484-485; Parente 2003, n.º 51.

Santa Marta de Penaguião

715 Cumieira. *Moradias* 17.11.02
Long 07 46 01 Lat 41 15 13 Alt 399m
Botelho 1902, p. 152-154; Silva A.C.F. 1986b, n.º 627; Queiroga 1992, n.º 538.

716 Fontes. *Castro de Fontes* 17.11.03
Long 07 48 03 Lat 41 13 44 Alt 657m
Santos Júnior 1980c; Silva A.C.F. 1986b, n.º 628; Queiroga 1992, n.º 539; Parente 2003, n.º 1.

717 Lobrigos (S. João). *Monte de S. Pedro* 17.11.08
Long 07 46 09 Lat 41 10 59 Alt 443m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 629; Queiroga 1992, n.º 540.

Peso da Régua

718 Galafura. 17.08.03
Long 07 41 01 Lat 41 11 12 Alt 588m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 630.

719 Canelas/ Poiares. *Castelo da Fonte do Milho* 17.08.120
Long 07 43 22 Lat 41 10 02 Alt 531m 17.08.082
Correia V. 1938; Cortez 1951a; Silva A.C.F. 1986b, n.º 631; Parente 2003, n.º 26.

720 Vilarinho de Freires. *Muro; Castro de Santo Xisto* 17.08.10
Long 07 44 10 Lat 41 10 41 Alt 350m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 632; Parente 2003, n.º 25.

Mesão Frio

721 Cidadelhe. *Castelo* 17.04.02
Long 07 50 55 Lat 41 10 18 Alt 443m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 633 e 90 (Cer. 90), 286 (M. arm. 29); Queiroga 1992, n.º 482.

BRAGANÇA

Vinhais

722 Quiraz. *Vila de Souane; Castelo; Circa; Cerca; Castro de Souane.* 04.12.18
Long 07 07 38 Lat 41 58 40 Alt 573m
Alves 1934, p. 182- 557; Neto 1975, p. 332; Silva A.C.F. 1986b, n.º 634; Lemos 1993, IIa, p. 440; Maciel 1993, p. 34.

723 Pinheiro Novo. *Castrilhão; Cidade de Santa Rufina.* 04.12.17
Long 07 07 52 Lat 41 58 69 Alt 690m
Alves 1934, n.º 182, p. 541; Neto 1975, p. 331; Silva A.C.F. 1986b, n.º 635; Lemos 1993, IIa, p. 438-439; Maciel 1993, p. 60.

724 Pinheiro Novo. *Terronha de Pinheiro Novo* 04.12.17
Long 07 09 19 Lat 41 43 45 Alt 692m

725 Montouto. *Castrilhão* 04.12.12
Long 07 00 46 Lat 41 57 01 Alt 992m
Alves 1934, p. 182; Lemos 1993, IIa, p. 431; Maciel 1993, p. 70.

726 Montouto. *Castro de Casares* 04.12.12
Long 07 01 54 Lat 41 56 30 Alt 951m
Alves 1934, p. 155; Neto 1975, p. 328; Lemos 1993, IIa, p. 430.

727 Montouto / Pinheiro Novo. *Castro Podre; Castro de Meias* 04.12.12
Long 07 04 45 Lat 41 57 02 Alt 865m 04.12.17

728 Moimenta. *Cigadonha; Cigarrosa.* 04.12.11
Long 06 58 46 Lat 41 56 09 Alt 826m
Neto 1975, p. 324; Alves 1934, p. 182; Silva A.C.F. 1986b, n.º 636; Martins M. 1989, p. 71-73; Lemos 1993, IIa, p. 429; Maciel 1993, p. 56.

729 Travanca. *Castro de Lombeiro da Ponte* 04.12.25
Long 06 58 50 Lat 41 53 56 Alt 960m
Lemos 1993, IIa, p. 447; Maciel 1993, p. 69.

730 Santa Cruz. *Vale do Castro* 04.12.20
Long 06 56 34 Lat 41 54 20 Alt 685m
Alves 1934, p. 182 e 1938, p. 65; Neto 1975, p. 333; Silva A.C.F. 1986b, n.º 639; Lemos 1993, IIa, p. 442.

731 Fresulfe. *Castro; Picotinhos; Carcavelos; Costa da Pia; Carcavelhos* 04.12.09
Long 06 54 58 Lat 41 55 24 Alt 893m
Alves 1934, p. 182-189, 577; Neto 1975, p. 236; Silva A.C.F. 1986b, n.º 638; Maciel 1993, p. 84.

732 Fresulfe. *Castro de Dine* 04.12.09
Long 06 55 18 Lat 41 55 36 Alt 800m
Alves 1934, p. 182, 189 e 577; Hock-Coelho 1972, p. 245; Neto 1975, p. 326; Maciel 1993, p. 95; Lemos 1993, IIa, p. 428.

733 Santalha. *Castelo Seixão* 04.12.21
Long 07 02 00 Lat 41 55 31 Alt 1100m
Alves 1934, p. 132; Neto 1975, p. 333; Silva A.C.F. 1986b, n.º 639; Lemos 1993, IIa, p. 443; Maciel 1993, p. 77.

734 Vilar de Ossos. *Casarelhos* 04.12.32
Long 07 01 28 Lat 41 53 06 Alt 933m
Alves 1934, p. 578; Neto 1975, p. 338; Silva A.C.F. 1986b, n.º 641; Maciel 1993, n.º 67.

735 Tuizelo. *Torre da Cabeça da Igreja; Castelo* 04.12.26
Long 07 04 50 Lat 41 53 12 Alt 650m
Alves 1934, p. 155; Neto 1975, p. 335; Silva A.C.F. 1986b, n.º 642; Lemos 1993, IIa, p. 447-448; Maciel 1993, p. 78.

736 Vinhais. *Cerca do Castro; Cidadelha; Ciradelha; Cigadonha; Bairro dos Mouros* 04.12.35
Long 06 58 46 Lat 41 51 05 Alt 1020m
Beça 1915, p. 85; Alves 1934, p. 82 e 1938, p. 296; Neto 1975, p. 639; Ponte 1984, n.º 34; Silva A.C.F 1986b, n.º 643; Lemos 1993, IIa, p. 453-454; Maciel 1993, p. 98.

737 Vinhais. *Castra* 04.12.35
Long 06 59 24 Lat 41 49 27 Alt 533m
Maciel 1993, p. 96.

738 Vinhais. *Eira do Castro; Castro de Moás* 04.12.35
Long 07 00 40 Lat 41 49 29 Alt 878m
Neto 1975, p. 340; Alves 1934, p. 638; Lemos 1993, IIa, p. 457; Maciel 1993, p. 100.

739 Vinhais. *Castrilhão de Rio de Fornos* 04.12.35
Long 06 58 47 Lat 41 53 12 Alt 980m
Alves 1934, p. 476; Centeno 1987, p. 145; Lemos 1993, IIa, p. 457-458; Maciel 1993, p. 98.

740 Paçô. *Castro de Quintela* 04.12.15
Long 06 55 36 Lat 41 53 08 Alt 690m
Beça 1905; Alves 1934, p. 182, 578; Neto 1975, p. 330; Silva A.C.F. 1986b, n.º 644; Lemos 1993, IIa, p. 436; Maciel 1993, p. 81.

741 Soeira. *Castelhas; Castelo dos Mouros; Castro da Ponte* 04.12.24
Long 06 55 24 Lat 41 51 14 Alt 660m
Beça 1915, p. 91; Alves 1934, p. 182; Neto 1975, p. 334; Silva A.C.F. 1986b, n.º 645; Lemos 1993, IIa, p. 444-445; Maciel 1993, p. 82.

742 Soeira. *Castro de Arnade* 04.12.24
Long 06 55 27 Lat 41 52 08 Alt 640m
Beça 1905, p. 107; Lemos 1993, IIa, p. 445; Maciel 1993, p. 83.

743 Vila Verde. *Castelo; Circa de Cabrões* 04.12.30
Long 06 57 39 Lat 41 50 10 Alt 839m
Beça 1915, p. 91; Alves 1934, p. 182, 666; Neto 1975, p. 337; Silva A.C.F. 1986b, n.º 646; Lemos 1993, IIa, p. 450-451.

744 Sobreiró de Baixo. *Castro; Circa* 04.12.23
Long 07 09 16 Lat 41 49 28 Alt 800m
Beça 1915, p. 83; Alves 1934, p. 158; Neto 1975, p. 334; Silva A.C.F. 1986b, n.º 647; Lemos 1993, IIa, p. 443-444.

745 Candedo. *Torre de Espinhoso; Fraga da Torre* 04.12.03
Long 07 06 47 Lat 41 50 35 Alt 761m
Lemos 1993, IIa, p. 424-425; Maciel 1993, p. 94.

746 Edral. *Castelejão de Frades* 04.12.06
Long 07 09 44 Lat 41 52 05 Alt 510m
Alves 1934, p. 578; Neto 1975, p. 324; Silva A.C.F. 1986b, n.º 640; Lemos 1993, IIa, p. 426; Maciel 1993, p. 63.

747 Vilar de Lomba. *Castro de Ferreiros* 04.12.31
Long 07 10 04 Lat 41 51 04 Alt 734m
Alves 1934, p. 655; Neto 1975, p. 338; Maciel 1993, p. 61.

748 Alvaredos. *Crastelinhos* 04.12.02
Long 07 03 01 Lat 41 48 21 Alt 602m
Alves 1934, p. 182; Neto 1975, p. 322; Silva A.C.F. 1986b, n.º 648; Lemos 1993, IIa, p. 423-424.

749 Nunes. *Castro de S. Mamede* 04.12.13
Long 07 00 23 Lat 41 46 06 Alt 670m
Alves 1934, p. 501-502; Neto 1975, p. 328; Maciel 1993, p. 86-87.

750 Vale de Janeiro. *Castelo; Santa Maria do Castelo* 04.12.28
Long 07 05 54 Lat 41 46 00 Alt 764m
Neto 1975, p. 366-367; Silva A.C.F. 1986b, n.º 649; Lemos 1993, IIa, p. 449-450.

751 Ousilhão. *Castro* 04.12.14
Long 06 57 06 Lat 41 47 00 Alt 1078m
Pinheiro 1895, p. 105; Alves 1934, p. 63, 182, 501, 577; Neto 1975, p. 329; Silva A.C.F. 1986b, n. 650; Lemos 1993, IIa, p. 432.

752 Ousilhão. *Santa Comba* 04.12.14
Long 06 57 54 Lat 41 47 37 Alt 917m
Alves 1934, p. 557, 634; Neto 1975, p. 329; Lemos 1993, IIa, p. 433-434.

753 Penhas Juntas. *Múrio* 04.12.16
Long 07 01 24 Lat 45 44 00 Alt 700m
Beça 1905; Alves 1934, p. 539-540; Neto 1975, p. 330; Esparza 1980, n.º 18; Silva A.C.F. 1986b, n.º 652; Lemos 1993, IIa, p. 437-438.

754 Penhas Juntas. *Castro Mau* 04.12.16
Long 07 03 48 Lat 41 45 40 Alt 691m
Alves 1934, p. 577; Neto 1975, p. 330; Silva A.C.F. 1986b, n.º 653; Lemos 1993, IIa, p. 438.

755 Penhas Juntas. *Castro* 04.12.16
Long 07 06 20 Lat 41 44 06 Alt 520m
Alves 1934, p. 152, 578; Neto 1975, p. 330; Silva A.C.F. 1986b, n.º 654.

756 Vale das Fontes. *Muradal* 04.12.27
Long 07 04 51 Lat 41 44 06 Alt 550m
Alves 1934, p. 499; Neto 1975, p. 336; Lemos 1993, IIa, p. 448-449; Maciel 1993, p. 91.

757 Vale das Fontes. *Castro de Nuzedo de Baixo* 04.12.27
Long 07 04 31 Lat 41 44 08 Alt 403m
Lemos 1993, IIa, p. 449; Maciel 1993, p. 92.

758 Ervedosa. *Casteloso; Castro* 04.12.07
Long 07 04 46 Lat 41 44 06 Alt 736m
Alves 1934, p. 577; Neto 1975, p. 325; Silva A.C.F. 1986b, n.º 651; Lemos 1993, IIa, p. 426-427.

759 Agrochão. *Castro da Nossa Senhora da Piedade* 04.12.01
Long 07 00 46 Lat 41 42 02 Alt 711m
Alves 1934, p. 182; Lemos 1993, IIa, p. 422-423; Maciel 1993, p. 91.

760 Celas. *Torre* 04.12.04
Long 06 55 20 Lat 41 45 12 Alt 978m
Alves 1934, p. 183; Neto 1975, p. 324; Maciel 1993, p. 88; Lemos 1993, IIa, p. 425-426.

Mirandela

761 Aguieiras. *Senhora do Monte* 04.07.03
Long 07 11 14 Lat 40 44 29 Alt 580m
Alves 1934, p. 611; Neto 1975, p. 259; Silva A.C.F. 1986b, n.º 703; Sanches 1989, p. 25; Lemos 1993, IIa, p. 248.

762 Torre da Dona Chama. *Castro de S. Brás (Cabeça do Cercado)* 04.07.30
Long 07 07 27 Lat 40 40 51 Alt 419m
Lopo J. C. 1895; Lopo 1899-1900g. Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 20, 22; Alves 1938, p. 276; Neto 1975, p. 271; Kalb 1980a, n.º 35, Abb. 7; Silva A.C.F. 1986b, n.º 704; Sanches 1989, p. 25-26; Lemos 1993, IIa, p. 263-264.

763 Vale de Telhas. *Cabeço de Monchicarra* 04.07.34
Long 07 14 09 Lat 41 38 19 Alt 390m
Alves 1938, p. 279; Neto 1975, p. 273; Silva A.C.F. 1986b, n.º 705; Sanches 1989, p. 27, Lemos 1993, IIa, p. 265-266.

764 Múrias. *Cabeço de S. Juzenda* 04.07.22
Long 07 09 26 Lat 41 36 08 Alt 342m
Lopo 1899-1900c; Fortes 1907, p. 20-21; Pinto R. S. 1931-32; Alves 1934, p. 496 e 1938, p. 278; Höck- Coelho 1972, n.º 2; Neto 1975, p. 270; Höck 1978 e 1980; Ponte 1980, n.º 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 706; Sanches 1989, p. 27-30; Lemos 1993, IIa, p. 260-261.

765 Mascarenhas. *Fraga do Penedo* 04.07.20
Long 07 08 49 Lat 41 33 38 Alt 356m
Alves 1934, p. 181, 701; Neto 1975, p. 266; Silva A.C.F. 1986b, n.º 707; Sanches 1989, p. 31; Lemos 1993, IIa, p. 257.

766 Mascarenhas. *Senhora do Viso.* 04.07.20
Long 07 09 08 Lat 41 32 12 Alt 345m
Silva A.C.F.1986b, n.º 708; Sanches 1989; Lemos 1993, IIa, p. 256.

767 Mirandela. *Castelo Velho* 04.07.21
Long 07 09 44 Lat 41 26 13 Alt 288m
Alves 1934, p. 152, 471; Neto 1975, p. 269; Silva A.C.F. 1986b, n.º 709; Sanches 1989, p. 32-33; Lemos 1993, IIa, p. 257-258.

768 Lamas de Orelhão. *Muro* 04.07.18
Long 07 17 10 Lat 41 26 13 Alt 500m
Alves 1934, p. 447; Neto 1975, p. 264; Silva A.C.F. 1986b, n.º 710; Sanches 1989, p. 36-37.

769 Lamas de Orelhão. *Cabeço do Rei* 04.07.18
Long 07 18 50 Lat 41 26 48 Alt 883m
Alves 1934, p. 447. Neto 1975, p. 264; Silva A.C.F. 1986b, n.º 711; Sanches 1989, p. 37; Lemos 1993, IIa, p. 254.

770 Franco. *Santa Comba* 04.07.15
Long 07 19 58 Lat 41 00 28 Alt 1002m
Alves 1938, p. 736; Neto 1975, p. 263; Silva A.C.F. 1986b, n.º 712.

771 Marmelos.*Cabeço de Santa Catarina* 04.07.19
Long 07 12 09 Lat 41 25 12 Alt 440m 04.07.01
Alves 1934, p. 708; Neto 1975, p. 265; Silva A.C.F. 1986b, n.º 713; Sanches 1989, p. 33-34, Lemos 1993, IIa, p. 254-255.

772 Freixeda. *Vale de Mouros* 04.07.17
Long 07 01 50 Lat 41 25 58 Alt 509m
Neto 1975, p. 264; Silva A.C.F. 1986b, n.º 714.

773 Frechas. *Vale de Sancha.* 04.07.16
Long 07 08 51 Lat 41 23 08 Alt 408m
Alves 1934, p. 697; Neto 1975, p. 257; Silva A.C.F. 1986b, n.º 715; Sanches 1989, p. 34-35; Lemos 1993, IIa, p. 611-612.

774 Abreiro. *Castelo; Poço dos Mouros* 04.07.01
Long 07 08 13 Lat 41 31 42 Alt 346m
Alves 1934, p. 697; Neto 1975, p. 257; Silva A.C.F. 1986b, n.º 716; Lemos 1993, IIa, p. 246-247.

Vila Flor

775 Vilas Boas. *Monte da Senhora da Assunção* 04.10.19
T Long 07 10 41 Lat 41 20 48 Alt 776m
Alves 1934, p. 695; Neto 1975, p. 312-313; Machado J. L. S. 1965; Santos Júnior-Freire1965 e 1966; Cardozo 1966a; Raddatz 1969, p. 197, n.º 39; Silva A.C.F. 1986b, n.º 771 e 498 (Au 19); Lemos 1993, IIa, p. 393; Martins C.M.B. 1996, p. 19; Prieto 1996, p. 221; Ladra 2002, p. 117-121 .

776 Vilas Boas. *Castelo Velho de Vilarinho das Azenhas* 04.10.19
Long 07 12 15 Lat 41 21 46 Alt 494m
Alves 1934, p. 155; Neto 1975, p. 312; Lemos 1993, IIa, p. 394.

777 Roios. *Cabeço de S. Pedro* 04.10.09
Long 07 05 41 Lat 41 18 26 Alt 400m
Lopo A. P. 1911a; Alves 1938, p. 43; Höck-Coelho 1972, n.º 46; Neto 1975, p. 309; Silva A.C.F. 1986b, n.º 774; Lemos 1993, IIa, p. 376.

778 Frexiel. *Castelo* 04.10.05
Long 07 14 32 Lat 41 19 12 Alt 360m
Alves 1934, p. 90 e 1938, p. 626; Neto 1975, p. 307; Silva A.C.F. 1986b, n.º 776; Lemos 1993, IIa, p. 372- 373.

779 Vale de Torno. *Cabeço Murado* 04.10.16
Long 07 13 57 Lat 41 15 17 Alt 705m
Alves 1938, p. 283; Neto 1975, p. 310; Silva A.C.F. 1986b, n.º 777; Lemos 1993, IIa, p. 388-389.

Carrazeda de Ansiães

780 Pereiros. *Castelo de Pereiros* 04.03.12
Long 07 18 29 Lat 41 18 38 Alt 750m
Alves 1934, p. 569; Neto 1975, p. 220; Lemos 1993, IIa, p. 143-144.

781 Pinhal do Norte. *Castelo de Pinhal do Norte* 04.03.13
Long 07 21 06 Lat 41 17 45 Alt 522m
Lemos 1993, IIa, p. 145.

782 Carrazeda de Ansiães. *Castelo de Anciães* 04.03.04
Long 07 18 05 Lat 41 12 06 Alt 805m
Alves 1907, p. 265 e 1934, p. 113-117; Neto 1975, p. 214; Lopo 1987, p. 73-80; Lemos 1993, IIa, p. 139-140.

783 Carrazeda de Ansiães. *Castro da Senhora da Graça* 04.03.04
Long 07 18 19 Lat 41 15 27 Alt 560m
Alves 1934, p. 181; Neto 1975, p. 216; Silva A.C.F. 1986b, n.º 803; Lopo 1987, p. 81; Lemos 1993, IIa, p. 138.

784 Marzagão. *Cabeço das Donas* 04.03.09
Long 07 18 14 Lat 41 12 08 Alt 805m
Alves 1934, p. 463-464; Neto 1975, p. 818; Silva A.C.F. 1986b, n.º 805; Lemos 1993, IIa, p. 142.

785 Linhares. *Castelo de S. Miguel* 04.03.08
Long 07 20 54 Lat 41 11 49 Alt 729m
Alves 1918, p. 403; Lemos 1993, IIa, p. 141.

AVEIRO

Espinho

786 Paramos. *Castro de Ovil* 01.07.04
Long 08 37 49 Lat 40 58 42 49 Alt 51m
Azevedo P. A. 1897; Santos M. Fe. 1940; Brandão F. A. 1892; Silva A.C.F. 1986b, n.º 826; Silva A. M. P. 1994, n.º 14, p. 52.

Santa Maria da Feira

787 Argoncilhe. *Casinhas* 01.09.01
Long 08 31 47 Lat 41 01 47 Alt 144m
Sousa 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 827.

788 Moselos. *Monte Murado* 01.09.16
Long 08 35 52 Lat 41 00 00 Alt 229m
Pereira F. A. 1907; Sousa 1942 ; Silva A.C.F. 1986b, n.º 828; Silva A. M. P. 1994, n.º 17, p. 54.

789 Fiães. *Monte Redondo* 01.09.07
Long 08 30 01 Lat 40 59 06 Alt 188m
Corrêa 1925; Sá 1938-39 e 1940; Teixeira 1938a; Sousa 1942, 1954; Souto 1942, p. 317; Freire 1965; Almeida-Santos 1971, 1972; Kalb 1980a, n.º 40, Abb. 7 ; Silva A.C.F. 1986b, n.º 829; Silva A. M. P. 1994, n.º 16, p. 54.

790 Vale. *Monte da Mó* 01.09.30
Long 08 26 01 Lat 40 58 49 Alt 226m
Santos M. Fe. 1940; Silva A.C.F. 1986b, n.º 830.

791 Romariz. *Castro de Romariz* 01.09.22
Long 08 27 25 Lat 40 56 50 Alt 375m
Azevedo P. A. 1896a; Santos M. Fe. 1940; Sousa 1942 e 1954; Centeno 1976-77; Centeno-Silva A. C. F. 1982 ; Silva A.C.F. 1986b, n.º 831, *passim*; Silva A. M. P. 1994, n.º 18, p. 54.

792 Feira. *Castelo* 01.09.06
Long 08 32 29 Lat 40 55 19 Alt 178m
Vasconcellos 1905 (RL2); Távora 1917; Sousa 1942, 1954; Souto 1942; Encarnação 1971a, 1975, p. 128-129, 291-292 e 1976; Silva A.C.F. 1986b, n.º 832.

Castelo de Paiva

793 Santa Maria de Sardoura. *Monte Castro* 01.06.07
B Long 08 15 36 Lat 41 01 50 Alt 209m
Filgueiras J. C. O. - Marrana 1978; Silva A.C.F. 1986b, n.º 833; Silva A. M. P. 1994, nº 13, p. 52.

794 Santa Maria de Sardoura. *Vales* 01.06.07
Long 08 17 31 Lat 41 03 51 Alt 128m
Cardozo 1949c; Almeida 1974c, p. 162; Filgueiras J. C. O. - Marrana 1978; Silva A.C.F. 1986b, n.º 834.

795 Fornos. *Castelo de Paiva; Castro de Fornos* 01.06.02
Long 08 15 34 Lat 41 03 19 Alt 187m
Filgueiras J. C. O.-Marrana 1978; Silva A.C.F. 1986b, n.º 835; Silva A.M.P. 1994, n.º 12, p. 51.

796 Real. *Monte Castro* 01.06.06
Long 08 15 31 Lat 41 00 58 Alt 273m
Filgueiras J. C. O. - Marrana 1978; Silva A.C.F. 1986b, n.º 836.

Arouca

797 Fermedo. *Castelo* 01.04.11
Long 08 24 27 Lat 40 57 31 Alt 351m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 837.

798 Escariz. *Monte Coruto* 01.04.09
Long 08 24 17 Lat 40 56 47 Alt 510m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 838; Silva A. M. P. 1994, n.º 5, p. 48.

799 Mansores. *Monte Castelo* 01.04.13
Long 08 23 10 Lat 40 55 59 Alt 620m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 839; Silva A. M. P. 1994, n.º 6, p. 48.

800 Mansores. *Castro de Mansores* 01.04.13
Long 08 22 27 Lat 40 55 59 Alt 410m
Silva A. M. P. 1994, n.º 7, p. 49.

801 Rossas,/ Urrô. *Cividade* 01.04.15 01.04.19
Long 08 17 56 Lat 40 55 10 Alt 357m
Silva A. M. P. 1994, n.º 9, p. 50 e 2004, p. 250-251.

802 Stª Eulália. *S. João de Valinhas; Crasto* 01.04.03 01.04.16
Long 08 15 20 Lat 40 56 08 Alt 332m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 840; Silva A. M. P. 1994, n.º 8, p. 49 e 2004, p. 248-246.

803 Alvarenga. *Castro do Monte do Senhor dos Aflitos* 01.04.02
Long 08 09 27 Lat 40 57 25 Alt 495m
Silva A. M. P. 1994, n.º 4, p. 47 e 2004, p. 248-249.

804 Covelo de Paivó. *Regoufe; Monte da Prova; Castro do Muro* 01.04.08
Long 08 09 19 Lat 40 54 11 Alt 660m
Cortez 1948a; Simões Júnior 1962; Silva A.C.F. 1986b, n.º 841 e 523 (Au 44); Silva A.M.P. 2004, p. 221.

Oliveira de Azeméis

805 Cesar. *Castro de Calvo* 01.13.02
Long 08 34 37 Lat 40 55 19 Alt 463m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 842; Silva A. M. P. 1994, n.º 19, p. 55.

806 S. Martinho de Gândara; Ovar, S. Vicente de Pereira. *Castro de Recarei* 01.13.15 01.15.05 01.15.06
Long 08 30 19 Lat 40 50 00 Alt 244m
Souto 1942; Arêde 1935; Silva A.C.F. 1986b, n.º 843; Silva A. M. P. 1994, n.º 21, p. 56.

807 Santiago de Riba-Ul. *Crasto* 01.13.14
Long 08 24 56 Lat 40 50 05 Alt 358m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 844.

808 Ossela. *Castro de Ossela* 01.13.10
Long 08 24 53 Lat 40 50 06 Alt 358m
Madahil 1941; Souto 1942 ; Silva A.C.F. 1986b, n.º 845; Silva A. M. P. 1994, n.º 20, p. 56.

809 Santa Maria de Ul. *Castro de Ul* 01.13.17
Long 08 29 48 Lat 40 48 52 Alt 109m
Souto 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 846 e p. 281-282; Silva A. M. P. 1994, n.º 22, p. 57.

Vale de Cambra

810 Vila Cova do Perrinho. *Monte Crasto* 01.19.09
Long 08 23 29 Lat 40 43 51 Alt 612m
Brandão 1963a; Kalb 1980a, nº 41, Abb. 7; Coffyn 1985, nº 140, 156, 202, 268; Silva A.C.F. 1986b, n.º 847 e 256-258 (M. ut. 48-50), 262-263 (M. arm. 4-5); Silva A. M. P. 1993 e 1994, n.º 27, p. 59 e 1997, n.º 4, p. 41-42; Queiroga 2001, n.º 7, p. 116-119.

811 Roge. *Sandiães; Castelo do Mau Vizinho; Castelo de Sandiães* 01.19.07
Long 08 21 00 Lat 40 51 07 Alt 366m
Díonisio 1944; Almeida J. 1946; Silva A.C.F. 1986b, n.º 848; Silva A.M.P. 1993 e 1994, n.º 26, p. 59 e 1997, n.º 2, p. 40-41; Queiroga 2001, n.º 9, p. 90.

812 Arões. *Chão do Carvalho; Castro de Arões* 01.19.01
Long 08 18 24 Lat 40 49 07 Alt 804m
Souto 1940; Almeida J. 1946; Silva A.C.F. 1986b, n.º 849; Silva A. M. P. 1993 e 1994, n.º 24, p. 58 e 1997, n.º 1, p. 39-40; Queiroga 2001, n.º 7, p. 30.

813 Arões. *Castro de Parada* 01.19.01
Long 08 17 11 Lat 40 43 51 Alt 428m
Rebêlo 1988; Silva A. M. P. 1994, n.º 25, p. 58 e 1997, n.º 2, p. 40; Queiroga 2001, n.º 20, p. 44.

Estarreja

814 Salreu. *Cristelo* 01.08.06
Long 08 28 51 Lat 40 44 40 Alt 54m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 850; Silva A. M. P. 1994, n.º 15, p. 53.

Albergaria-a-Velha

815 Branca. *Cristelo* 01.02.04
Long 08 29 08 Lat 40 44 20 Alt 81m
Madahil 1941, p. 330; Arêde 1944, p. 291-295; Souto 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 851; Silva A. M. P. 1994, n.º 2, p. 46.

816 Branca. *Castelo de S. Gião* 01.02.04
Long 08 28 04 Lat 40 46 16 Alt 333m
Souto 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 852; Silva A. M. P. 1994, n.º 3, p. 46.

817 Albergaria-a-Velha. *Cristelo de Serém* 01.02.01
Long 08 28 01 Lat 40 39 50 Alt 88m
Souto 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 853.

Sever do Vouga

818 Silva Escura. *Espinheiro; Senhora da Penha* 01.17.07
Long 08 22 15 Lat 40 45 25 Alt 555m
Souto 1938; Silva A.C.F. 1986b, n.º 854.

819 Rocas do Vouga. *Nespereira de Cima; Castelo da Pena* 01.17.05
Long 08 17 10 Lat 40 45 26 Alt 380m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 855; Silva A. M. P. 1994, n.º 23, p. 57-58.

820 Cedrim. *Castelo* 01.17.01
Long 08 19 25 Lat 40 42 52 Alt 512m
Girão 1921; Souto 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 856.

821 Talhadas. *Murado* 01.17.08
Long 08 19 23 Lat 40 40 10 Alt 571m
Girão 1921; Silva A.C.F. 1986b, n.º 857.

Aveiro

822 Cacia. *Monte de S. Julião* 01.05.02
Long 08 17 31 Lat 40 41 43 Alt 8m
Madahil 1941; Souto 1942; Silva A.C.F. 1986b, n.º 858; Silva A. M. P. 1994, n.º 11, p. 50.

823 Aradas. *Verdemilho* 01.05.01
Long 08 39 26 Lat 40 37 42 Alt 12m
Souto 1942; Neves A. 1984, p. 205; Silva A.C.F. 1986b, n.º 859; Silva A. M. P. 1994, n.º 10, p. 50.

Águeda

824 Lamas do Vouga. *Cabeço do Vouga* 01.01.10
Long 08 27 56 Lat 40 38 18 Alt 83m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 860; Silva A. M. P. 1994, n.º 1, p. 45.

825 Recardães 01.01.15
Long 08 27 45 Lat 40 34 10 Alt 18m
Souto 1942, Silva A.C.F. 1986b, n.º 861.

VISEU

Cinfães

826 Travanca. *Monte Crasto* 18.04.17
Long 08 12 53 Lat 41 02 33 Alt 330m
Brochado 1955; Pinho L.M.S.-Pereira A.S. 1999.

827 Fornelos. *Crasto* 18.05.06
Long 08 12 50 Lat 41 02 00 Alt 316m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 862; Pinho L.M.S. *et alii* 1998.

828 Nespereira. *Pindelo; Castro da Volta* 18.04.09
Long 08 08 41 Lat 41 02 15 Alt 540m
Pinho L.M.S.-Pereira A.S. 1999.

829 Nogueira (S. Cristóvão). *Castro de S. Paio* 18.04.13
Long 08 06 03 Lat 41 04 10 Alt 320m
Vasconcellos 1903b; Silva A.C.F. 1986b, n.º 863; Pinho L.M.S.-Pereira A.S. 1996; Pinho L.M.S. *et alii* 1998.

830 Ferreiros de Tendais. *Castro das Corôas; Castro do Cio* 18.04.05
Long 08 03 02 Lat 41 03 31 Alt 553m
Jalhay 1932-34; Silva A.C.F. 1986b, n.º 864; Pinho A.M. 1989; Pinho L.M.S. 1996; Pinho L.M.S. *et alii* 1998; Pinho L.M.S.-Pereira A.S. 1999.

831 Tendais. *Castêlo de Tendais* 18.04.16
Long 08 02 47 Lat 41 02 47 Alt 560m
Jalhay 1932-34; Pinho L.M.S. 1996; Pinho L.M.S. *et alii* 1998.

832 Ramires. *Castro de Antas* 18.04.11
Long 07 59 59 Lat 41 0 35 Alt 822m
Pinho L.M.S. *et alii* 1998.

Resende

833 Cárquere 18.13.03
Long 07 57 26 Lat 41 05 10 Alt 520m
Caron 1996a e 1996b; Dias A. 1975; Silva A.C.F. 1986b, n.º 865; Vaz 1986a; Dias M.M.A. 1987; Reis M.L. 1997; Silva E.J.L. *et alii* 1997.

834 S. Martinho de Mouros. *Mogueira; Castelo* 18.13.14
Long 07 53 34 Lat 41 06 21 Alt 450m
Vasconcellos 1895b; Mantas 1984; Silva A.C.F. 1986b, n.º 866, p. 301; Pessoa-Ponte 1987; Silva E.J.L. *et alii* 1997 e 2000.

Lamego

835 Valdigem. *Torrão* 18.05.22
Long 07 45 11 Lat 41 08 19 Alt 462m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 867.

836 Penajóia 18.05.16
Long 07 59 00 Lat 41 08 00 Alt 560m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 868.

837 Almacave / Sé. *Castelo* 18.05.01
Long 07 48 43 Lat 41 06 00 Alt 561m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 869.

838 Penude. *Castro* 18.05.17
Long 07 50 20 Lat 41 05 00 Alt 737m
Sousa A. C. 1919-20; Costa M. G. 1977-79; Silva A.C.F. 1986b, n.º 870.

839 Lalim. *Monte de Santa Bárbara; Alto da Maia* 18.05.10
Long 07 50 30 Lat 41 02 28 Alt 621m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 871.

Armamar

840 Fontelo. *Castro* 18.01.07
Long 07 44 41 Lat 41 07 27 Alt 738m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 872.

841 Goujoim. *Castro; Chão Velho; Mago* 18.01.08
Long 07 42 11 Lat 41 05 00 Alt 722m
Silva A. C. F. 1981-82, p. 93-94, Est. VI, p. 222-224, Fig. 1-3 (p.216) e 1986b, n.º 873, p. 279.

842 Cimbres. *Castro* 18.01.04
Long 07 38 38 Lat 41 03 18 Alt 920m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 874.

Tabuaço

843 Barcos. *Castro do Sabroso* 18.19.03
Long 07 37 13 Lat 41 07 05 Alt 682m
Costa M.G. 1979, p. 181; Monteiro J.G. 1991, p. 378-379; Correia 1997, p. 36; Perpétuo *et alii* 1999, n.º 5, p. 77-79.

844 Longra. *Muro; Citânia de Longa* 18.19.08
Long 07 35 28 Lat 41 04 15 Alt 915m
Costa M.G. 1979, p. 186; Silva A.C.F. 1986b, n.º 876; Monteiro J.G. 1991, p. 421; Correia 1997, p. 51; Perpétuo *et alii* 1999, n.º 17, p. 131-136.

845 Sendim. Cabriz. *Quinta dos Pinheiros* 18.19.13
Long 07 30 30 Lat 41 03 12 Alt 560m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 875; Perpétuo *et alii* 1999, n.º 33, p. 183-184.

846 Sendim. *Castro; Alto de S. João* 18.19.13
Long 07 32 24 Lat 4102 56 Alt 812m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 877; Perpétuo *et alii* 1999, n.º 31, p. 178-179.

847 Paradela. *S. Mamede* 18.19.09
Long 07 31 12 Lat 41 04 35 Alt 579m
Costa M.G. 1979, p. 181; Monteiro J.G. 1991, p. 421; Correia 1997, p. 51; Perpétuo *et alii* 1999, n.º 21, p. 145-146.

848 Távora. *Senhora do Calfão* 18.19.15
Long 07 32 16 Lat 41 05 29 Alt 828m
Costa M.G. 1979, p. 192; Monteiro J.G. 1991, p. 464; Correia 1997, p. 73; Perpétuo *et alii* 1999, n.º 57, p. 263-264.

S. João da Pesqueira

849 Ervedosa do Douro. *Quinta da Abelheira* 18.15.02
Long 07 21 08 Lat 41 08 38 Alt 237m
Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 42.

850 S. João da Pesqueira. *Ermo; Castelho Velho; S. Salvador do Mundo* 18.15.08
Long 07 21 05 Lat 41 09 03 Alt 502m
Figueiredo 1952-53, p. 174; Silva A.C.F. 1986b, n.º 878; Alarcão 1988c, p. 29; Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 34.

851 Nagoselo do Douro. *Cocheira* 18.15.04
Long 07 55 41 Lat 41 10 43 Alt 688m
Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 8.

852 Nagoselo do Douro. *Nossa Senhora de Lurdes* 18.15.04
Long 07 24 04 Lat 41 09 43 Alt 370m
Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 9.

853 Trevões. *Castelos Velhos* 18.15.10
Long 07 26 43 Lat 41 44 15 Alt 690m
Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 37.

854 Paredes da Beira. *Castelinhos; Castelos Velhos* 18.15.05
Long 07 30 05 Lat 41 03 11 Alt 486m
Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 18.

855 Paredes da Beira. *Chã do Murganho; Carvas* 18.15.05
Long 07 25 48 Lat 41 04 32 Alt 684m
Almeida J. 1946; Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 19.

856 Paredes da Beira. *Castelo* 18.15.05
Long 07 25 48 Lat 41 03 55 Alt 834m
Alarcão 1988c, p. 51-53; Costa M.G. 1979; Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 20.

857 Riodades. *Carapito* 18.15.07
Long 07 28 20 Lat 40 59 55 Alt 840m
Almeida J. 1946; Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 28.

Castro Daire

858 Cabril. *Castro do Cabril* 18.03.03
Long 08 04 38 Lat 40 57 19 Alt 486m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 879; Correia *et alii* 1986, p. 99; Pedro *et alii* 1994, p. 195; Pedro 1995, nº 2, p. 12.

859 Parada de Ester. *Portas de Montemuro* 18.03.16
Long 08 00 29 Lat 40 57 53 Alt 1227m
Girão 1926 e 1940, p. 65-71; Silva J. 1963; Silva A.C.F. 1986b, n.º 880; Correia *et alii* 1986, p. 94-97; Pedro *et alii* 1994, p. 194; Pedro 1995, n.º 1, p. 12 .

860 Castro Daire. *Castro Daire* 18.03.04
Long 07 56 59 Lat 40 53 43 Alt 564m
Figueiredo 1887b; Silva A.C.F. 1986b, n.º 881; Correia *et alii* 1986, p. 87-91, 106-109; Pedro *et alii* 1994, p. 192; Pedro 1995, n.º 3, p. 13; Vaz 1997, 1, n.º 2, p. 24; Loureiro-Valinho 2000, p. 495-501; Cruz D.J. 2001, p. 391; Valinho 2003, n.º 102.

861 Almofala. *Serra da Cascalheira* 18.03.01
Long 08 48 01 Lat 4103 10 Alt 1036m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 882.

862 Moledo. *Outeiro da Maga* 18.03.13
Long 07 53 04 Lat 40 50 15 Alt 705m
Girão 1933, nº 44; Cortez 1951, p. 164-165, 181; Azevedo R. 1954; Pereira M.B.R. 1955, p. 125; Silva A.C.F. 1986b, n.º 883; Correia *et alii* 1986, p. 97-98; Pedro 1995, n.º 4, p. 14; Vaz 1997, 1, n.º 7, p. 27; Valinho 2003, n.º 111.

863 Moledo. *Castro de S. Lourenço* 18.03.13
Long 07 50 24 Lat 40 49 50 Alt 929m
Cortez 1951, p. 164-165; Pereira M.B.R. 1955, p. 125; Correia *et alii* 1986, p. 88-89; Pedro 1995, n.º 5, p. 14; Vaz 1997, 1, n.º 8, p. 98-99; Vieira M. 2000, n.º 12; Valinho 2003, n.º 116.

Tarouca

864 Dalvares. *Santa Bárbara; Castro Rei; Castelo* 18.20.07
Long 07 22 10 Lat 40 02 11 Alt 624m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 884.

Moimenta da Beira

865 Paçô. *Sanfins; Cabeço* 18.07.13
Long 07 45 00 Lat 41 01 00 Alt 807m
Guia 1983, p. 116-117; Silva A.C.F. 1986b, n.º 885.

866 Caria. *Castro ou Aldeia de Nacomba; Surrinha* 18.07.07
Long 08 36 21 Lat 40 56 53 Alt 910m 18.07.01
Guia 1983, p. 46; Silva A.C.F. 1986b, n.º 886; Cruz D.J. 2001, p. 393; Valinho 2003, n.º 107.

867 Peravelha. *Castro* 18.07.14
Long 07 39 00 Lat 40 55 30 Alt 854m
Guia 1983, p. 11; Silva A.C.F. 1986b, n.º 887.

868 Ariz. *Castelo* 18.07.04
Long 08 40 11 Lat 40 55 23 Alt 937m
Costa M.G. 1977 e 1979, p. 196; Guia 1983, p. 12-14; Marques J.A.M. 1995, p. 91; Vieira M. 2000, n.º 19; Loureiro-Valinho 2000, p. 495-501; Cruz D.J. *et alii* 2000, p. 251-263; Cruz D.J. 2001, p. 390; Valinho 2003, n.º 101.

Sernancelhe

869 Arnas. *Morgonho* 18.18.01
Long 07 34 00 Lat 40 52 00 Alt 835m
Azevedo - Araújo 1968; Silva A.C.F. 1986b, n.º 889.

Penedono

870 Penela da Beira. *Reboledo* 18.12.07
Long 07 27 01 Lat 41 02 16 Alt 995m
Carvalho P. 1989, p. 69-73; Carvalho P.-Coutinho 2004, n.º 17.

871 Granja. *Monte Airoso* 18.12.04
Long 08 06 44 Lat 41 01 10 Alt 926m
Carvalho P. 1989, p. 63-66.

S. Pedro do Sul

872 S. Martinho das Moitas. *Rompecilhas* 18.16.13
Long 08 01 36 Lat 40 52 30 Alt 600m
Figueiredo A.P. 1970, p. 239; Silva A.C.F. 1986b, n.º 892; Pedro 1995, nº 8, p 16; Vaz 1997, 1, n.º 105, p. 88.

873 Sul. *S. Macário* 18.16.16
Long 08 03 39 Lat 40 52 35 Alt 1052m
Girão 1933; Figueiredo A. P. 1970; Silva A.C.F. 1986b, n.º 893; Pedro 1995, n.º 7, p 15.

874 Figueiredo de Alva/ Sul. *Ucha; Castro do Mau Vizinho* 18.16.06
Long 08 00 14 Lat 40 48 56 Alt 416m 18.16.16
Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 316; Girão 1921, p. 60-61; Figueiredo 1953; Figueiredo A. P. 1970; Encarnação 1975, p. 138-139 e 1976; Silva A.C.F. 1986b, n.º 895; Pedro 1995, n.º 9, p 16; Vaz 1997, 1, n.º 108, p. 91-92.

875 Várzea/ Serrazes. *Castro do Banho* 18.16.18
Long 08 06 12 Lat 40 44 10 Alt 300m 18.16.15
Cortez 1951b, p. 23-24; Figueiredo 1958 e 1959, p. 369-370; Santos E. 1972; Silva A.C.F. 1986b, n.º 897; Pedro 1995, n.º 14, p 20; Vaz 1997, 1, n.º 106, p. 88-90.

876 Carvalhais. *Cárcoda* 18.16.04
Long 08 07 29 Lat 40 48 30 Alt 560m
Tavares M. C. A. 1954, 1957 e 1975; Ferreira O.V. 1974; Silva Ce.T. – Correia 1977; Correia-Correia A.L. 1978; Cruz A.J. 1981 e 1986, p. 1-63; Silva A.C.F. 1986b, n.º 898; Pedro *et alii* 1994, p. 131-133; Pedro 1995, n.º 10, p 17; Vaz 1997, 1, n.º 101, p. 83-86.

877 Baiões. *Castro da Senhora da Guia* 18.16.01
TT Long 08 05 45 Lat 40 45 45 Alt 477m
Azevedo P. A. 1896a, p. 305; Girão 1921; Cortez 1949a; Kalb 1974-77, 1976, 1980, nº 2, Abb. 8, 9 e 1980a; Silva A. R. P. 1976; Silva Ce. T. 1977, 1979 e 1980; Parreira *et alii* 1980; Coffyn 1983 e 1985, nº 157, 179, 188, 194, 263, 272, 318; Silva A. C. F. *et alii* 1984; Silva A.C.F. 1986b, n.º 899, *passim*; Pedro *et alii* 1994, p. 127-128; Lopes 1993; Pedro 1995, n.º 13, p 19, Senna Martínez-Pedro 2000a e 2000b; Ponte 2001; Armbruster 2002-03.

878 Pinho. *Castro do Pinho* 18.16.09
Long 08 01 05 Lat 40 46 00 Alt 370m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 900; Pedro 1995, n.º11, p.18; Vaz 1997, 1, n.º 102, p. 307.

879 S. Cristovão de Lafões. *Senhora da Boa Morte* 18.16.11
Long 08 10 29 Lat 40 45 45 Alt 317m
Vaz 1990a, p. 18 e 1997, 1, n.º 103, p. 87; Pedro 1995, n.º 12, p 19.

Oliveira de Frades

880 Souto de Lafões. *Coroa do Castro* 18.10.11
Long 08 09 56 Lat 40 44 22 Alt 323m
Girão 1921; Silva A.C.F. 1986b, n.º 901.

881 Reigoso. *Murado da Várzea* 18.10.06
Long 08 15 57 Lat 40 22 47 Alt 599m
Girão 1921; Silva A.C.F. 1986b, n.º 902.

Vouzela

882 Vouzela. *Senhora do Castelo* 18.24.12
Long 08 05 39 Lat 40 43 10 Alt 537m
Girão 1921, p. 31; Silva A.C.F. 1986b, n.º 903; Pedro *et alii* 1994, p. 144; Pedro 1995, n.º 19, p. 23; Vaz 1997, 1, n.º 252, p. 174-175; Marques J.A.M. 1999, n.º 44, p. 49-50.

883 Fataunços. *Monte Alafão* 18.24.05
Long 08 04 57 Lat 40 42 53 Alt 603m
Girão 1921; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 904; Marques J.A.M. 1999, n.º 20, p. 34.

884 Queirã. *Castro de Ribamá; Alto do Castro* 18.24.09
Long 08 03 55 Lat 40 42 10 Alt 467m
Girão 1921; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 905; Marques J.A.M. 1999, n.º 15, p. 32.

885 Paços de Vilharigues. *Castro de Paços de Vilharigues* 18.24.08
Long 08 07 42 Lat 40 42 02 Alt 625m
Girão 1921, p. 32; Silva A.C.F. 1986b, n.º 906; Pedro *et alii* 1994, p. 146; Marques J.A.M. 1999, n.º 14, p. 31; Pedro 1995, n.º 20, p. 24; Vaz 1997, 1, n.º 251, p. 174.

886 Cambra. *Picoto* 18.24.02
Long 08 21 00 Lat 40 40 30 Alt 554m
Girão 1921; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 907.

887 Campia. *Zibreiro; Castro do Cabeço do Couço* 18.24.03
Long 08 12 26 Lat 40 40 01 Alt 626m
Girão 1921; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 908; Marques J.A.M. 1999, n.º 12, p. 30; Pedro 1995, n.º 21, p. 24.

888 Alcofra. *Castro; Gralheiro* 18.24.01
Long 08 12 45 Lat 40 39 00 Alt 550m
Girão 1921; Silva A.C.F. 1986b, n.º 909; Marques J.A.M. 1999, n.º 28, p. 39.

889 Fornelo do Monte. *Outeiro do Castro* 18.24.07
Long 08 19 00 Lat 40 42 00 Alt 458m
Girão 1921, p. 51; Marques J.A.M. 1999, n.º 13, p. 31.

Tondela

890 Caparrosa. *Outeiro Murado* 18.21.04
Long 08 06 12 Lat 40 37 18 Alt 586m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 910; Pedro 1995, n.º 31, p. 31.

891 Guardão. *Guardão. S. Bartolomeu de Castelões* 18.21.08
Long 08 08 44 Lat 40 33 50 Alt 631m
Girão 1933; Carvalho A. F. 1944, p. 42; Silva Ce. T. 1949; Silva A.C.F. 1986b, n.º 911; Pedro *et alii* 1994, p. 105-106; Pedro 1995, n.º 32, p. 32; Vaz 1997, 1, n.º 145, p. 114.

892 Nandufe. *Castro de Nandufe* 18.21.15
Long 08 04 54 Lat 40 32 30 Alt 300m
Pedro *et alii* 1994, p. 94; Pedro 1995, n.º 33, p. 32; Vaz 1997, 1, n.º 151, p. 117-118.

893 Lobão da Beira. *Nossa Senhora do Crasto* 18.21.10
Long 08 01 29 Lat 40 31 10 Alt 299m
Pedro 1995, n.º 34, p. 33.

894 Ferreirós do Dão. *Castro* 18.21.07
Long 08 02 37 Lat 40 27 41 Alt 200m
Pedro 1995, n.º 35, p. 33.

Viseu

895 Ribafeita. *Castro de Gumiei* 18.23.22
Long 07 58 26 Lat 40 44 30 Alt 602m
Girão 1926; Coelho J. 1942; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 912.

896 S. Cipriano. *Senhora do Crasto* 18.23.26
Long 07 57 39 Lat 40 41 05 Alt 612m
Aragão M. 1894, p. 70; Coelho J. 1941 e 1942a, p. 15; Silva Ce. T. 1978 e 1980; Silva A.C.F. 1986b, n.º 913; Pedro 1995, nº 23, p. 26.

897 S. Cipriano. *Povoado da Cruz* 18.23.26
Long 07 58 50 Lat 40 37 25 Alt 466m
Pedro 1995, nº 24, p. 26.

898 Abraveses. *Monte de Santa Luzia; Castro de Santa Luzia* 18.23.01
Long 07 55 14 Lat 40 41 46 Alt 633m
Girão 1926, p. 18; Coelho J. 1941, p. 427, 1942a, p. 15, 1947, p. 219 e 1949, p. 92; Cortez 1968; Correia A. *et alii* 1974, 1981; Kalb 1980a, n.º 44, Abb. 9; Silva Ce. T. *et alii* 1985; Silva A.C.F. 1986b, n.º 914; Pedro *et alii* 1994, p. 187-188; Pedro 1995, n.º 22, p. 25; Vaz 1997, 1, n.º 166, p. 127-128; Ponte 2001; Senna Martínez – Pedro 2000a e 2000b.

899 Santa Maria de Viseu. *Morro da Sé* 18.23.24
Long 07 54 39 Lat 40 39 05 Alt 490m
Carvalho P. – Valinho 2001.

900 Vila Chã de Sá. *Monte Aral* 18.23.33
Long 07 54 34 Lat 40 37 35 Alt 457m
Coelho J. 1933, 1941, p. 362, 365, 366 e 1942a, p. 11; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 915; Pedro 1995, n.º 25, p. 27.

901 Vila Chã de Sá. *Castelo dos Mouros* 18.23.33
Long 07 58 45 Lat 40 35 33 Alt 404m
Pedro *et alii* 1994, p. 87-89; Pedro 1995, n.º 26, p. 27.

902 Povolide. *Cristelo* 18.23.20
Long 07 47 00 Lat 40 39 5 Alt 457m
Coelho J. 1941, p. 400; Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 916.

903 Fail. *Três Rios; Castelo dos Mouros* 18.23.13
Long 07 59 05 Lat 40 35 07 Alt 280m
Coelho J. 1941, 1942b, p. 12; Azevedo R. 1954; Untermann 1965a, p. 8-18; Correia *et alii* 1974, p. 27-28; Silva A.C.F. 1986b, n.º 917; Pedro *et alii* 1994, p. 90-91; Pedro 1995, n.º 28, p. 29.

904 Fail. *Castro da Castainça* 18.23.13
Long 07 59 43 Lat 40 35 16 Alt 314m
Pedro 1995, n.º 27, p. 28-29.

905 Loureiro de Silgueiros. *Castro do Cocão* 18.23.17
Long 07 57 03 Lat 40 33 31 Alt 319m
Senna Martínez 1989, n.º1, p. 217-219 e 1953; Pedro 1995, n.º 29, p. 30.

Vila Nova de Paiva

906 Vila Cova-à-Coelheira. *Coto; Canedotes* 18.22.06
Long 07 45 31 Lat 40 52 12 Alt 846m
Azevedo R. 1954; Silva A.C.F. 1986b, n.º 918; Pedro 1995, nº 6, p. 15; Vilaça –Cruz 1995, p. 225-261; Canha 1998-99, p. 103-104 e 1999, p. 281-291; Cruz D.J. *et alii* 2000, p. 251-263; Loureiro-Valinho 2000, p. 495-501; López Sáez *et alii* 2000, p. 161-185 e 2001, p. 47-72; Cruz D.J. 2001, p. 391; Valinho 2003, n.º 103.

907 Vila Cova-à-Coelheira. *Castro de Vila Cova-à-Coelheira* 18.22.06
Long 07 41 46 Lat 40 52 08 Alt 650m
Loureiro-Valinho 2000, p. 495-505; Vieira M. 2000, n.º 94; Valinho 2003, n.º 110.

Sátão

908 Sátão. *Santos Idos* 18.17.10
Long 07 30 54 Lat 40 44 00 Alt 559m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 919; Vaz 1990a, p. 16 e 1997, 1, n.º 137, p. 108-109; Pedro 1995, n.º 16, p. 22.

909 Sátão. *Castro de Rio de Moinhos* 18.17.07
Long 07 33 54 Lat 40 43 00 Alt 510m
Vaz 1990a, p. 16; Pedro 1995, n.º 18, p. 23.

910 Ferreira de Aves. *Santa Bárbara* 18.17.04
Long 07 42 04 Lat 40 48 55 Alt 779m
Vaz 1990a, p. 17 e 1997, 1, n.º 120, p. 99; Pedro 1995, n.º 15, p. 21; Vieira M. 2000, n.º 38; Valinho 2003, n.º 112.

911 Romãs. *Senhora do Barrocal* 18.17.08
Long 07 37 24 Lat 40 44 08 Alt 595m
Vaz 1990a, p. 15 e 1997, 1, n.º 131, p. 105; Pedro *et alii* 1994, p. 161-162; Pedro 1995, n.º 17, p. 22.

Penalva do Castelo

912 Esmolfe. *Castro de Esmolfe* 18.11.03
Long 07 39 41 Lat 40 40 49 Alt 641m
Silva A.C.F. 1986b, n.º 920; Pedro 1995, n.º 30, p. 31.

Mangualde

913 Mangualde. *Senhora do Castelo* 18.06.10
Long 07 44 34 Lat 40 36 40 Alt 629m
Azevedo P. A. 1896a, p. 306; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. XXXVII; Silva V., s. d., p. 25-32; Silva A.C.F. 1986b, n.º 921; Alves 1989, p. 14-15; Pedro 1995, n.º 37, p. 35; Vaz 1997, 1, n.º 49, p. 51-52.

914 Chãs de Tavares. *Senhora do Bom Sucesso* 18.06.03
Long 07 36 Lat 40 37 50 14 Alt 765m
Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 37; Coelho J. 1941 e 1947; Silva V., s. d., p. 32; Kalb 1980a, nº 45, Abb. 9; Coffyn 1985, n.º 203; Silva A.C.F. 1986b, n.º 922; Pedro 1995, n.º 36, p. 34; Vaz 1997, 1, n.º 25, p. 38-39; Monteiro P.C.-Gomes 2000, p. 30-34.

915 Espinho. *Cerca* 18.06.06
Long 07 40 36 Lat 40 34 36 Alt 444m
Pedro 1995, n.º 38, p. 36; Vaz 1997, 1, n.º 29, p. 40-41.

ECONOMIA E ERGOLOGIA

Capítulo II

Economia e Ergologia

Com base nas referências dos autores clássicos, principalmente as fornecidas pela Geografia de Estrabão, sobre os povos do Norte da Península, nos dados arqueológicos e nas análises paleozoológicas e paleobotânicas, conquanto em número limitado, é já possível esboçar aspectos importantes do sistema económico castrejo, que se nos afigura mais complexo e matizado do que Estrabão faz supor quando, em função dos seus padrões, ajuiza da subcultura e uniformidade do género de vida dos povos das regiões montanhosas do Norte[1].

Do conjunto das informações que estarão presentes no decurso deste capítulo dedicado à economia e ergologia da área meridional castreja, sobressairá, em especial de uma análise das principais actividades produtivas dessas comunidades, com relevo para os testemunhos da cerâmica, da metalurgia e da ourivesaria, o preenchimento de lacunas das fontes literárias, evidenciando determinações e condicionalismos dos recursos naturais no interior de um quadro evolutivo cujas etapas, com esses mesmos materiais, cada vez mais se vão esclarecendo.

1. ACTIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA

A flora reconhecida no decorrer do período castrejo é o resultado quer das alterações naturais que a floresta vinha a sofrer desde o fim das glaciações, levando à substituição de um tipo de vegetação por outro mais adaptado às novas condições ambientais, quer o fruto das transformações antrópicas no espaço natural.

A floresta do primeiro milénio antes de Cristo não seria muito diferente da que hoje encontramos na região. Existiria provavelmente uma diversidade de espécies, que iam desde as florestas ribeirinhas marcadas pela presença do choupo, salgueiro, amieiro, freixos, aveleiras, entre outras, às massas florestais compostas por carvalhos, sobreiros, pontualmente pinheiros e castanheiros, com provável introdução na Idade do Bronze[2], sugerindo-nos a presença da azinheira e do medronheiro no litoral um clima de características mais ameno que o presente.

As análises antracológicas e palinológicas relativas ao Noroeste Peninsular[3] evidenciam que, desde a Idade do Bronze, a floresta sente os efeitos da crescente actividade humana e inclusivamente de uma "industrialização" progressiva das comunidades castrejas, ora implantadas em locais preponderantes na paisagem. As necessidades em madeira para a construção, para o fabrico de instrumentos e de lenha para o aquecimento e cozinha, mineração e metalurgia, absorveriam quantidades ingentes de produtos florestais.

---

1 Estrabão, III, 3, 7. Cfr., *in genere*, Caro Baroja 1943 e 1946; Blázquez 1968, p. 193-207; Taboada Chivite 1977.

2 Figueiral 1993, p. 313.

3 Aira *et alii* 1989; Figueiral 1990, 1993, 1996, 2000 e 2001, p. 135-144; Dinis A.P. 1993, p. 166-176; Gomes J.M.F. 1996, p. 30-38; López Saéz *et alii* 2000, 2001 e 2002; Parcero Oubiña 2002, p. 39-45; Bettencourt 2000c, p. 251-261; Mendes S.M.L. 2003, p. 88-95, Est. LXXXI-LXXXII; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

Se multiplicarmos estas necessidades pela multitude de povoados castrejos que preenchiam o Noroeste peninsular, podemos entender que as transformações na composição das amostras antracológicas pode ser explicado claramente pela intervenção antrópica.

A metalurgia, nomeadamente, exigia combustível de espécies fortemente calóricas, como o carvalho, o sobreiro e a azinheira que, sendo espécies de crescimento lento, implicavam um alargamento continuado na área da exploração dos recursos florestais. Daqui resultaria um empobrecimento do coberto vegetal e a sua substituição por espécies oportunistas e de menor interesse, como as giestas, urzes, tojo, estevas e codeços, que substituem os nichos deixados livres.

Esta transformação da paisagem poderá ter provocado um aumento de áreas livres de vegetação arbórea e de fenómenos erosivos acentuados, reconhecidamente ampliados com a romanização, provocando o assoreamento de rios e a deposição de areias na foz dos mesmos levando ao desenvolvimento de dunas costeiras.

As análises realizadas sobre carvões de diversos povoados do Norte de Portugal, como a Cividade de Terroso, Castro do Crastoeiro, Castro do Cruito, Castro das Ermidas e Castro de Penices[4] permitem a caracterização dos ritmos de desenvolvimento do coberto vegetal bem como dos efeitos que o mesmo poderá ter tido para as comunidades indígenas.

Com formas económicas tidas por muito primitivas, a recolecção de frutos naturais assumia particular importância na subsistência dos povos castrejos. É Estrabão que concretamente o afirma quando diz que «os habitantes das montanhas vivem dois terços do ano de bolotas, que secam e trituram e depois moem para fazer pão, que conservam durante muito tempo»[5] e cuja veracidade vem sendo sistematicamente comprovada por numerosos achados, como os que tivemos oportunidade de recolher nas nossas escavações, contando abundantes frutos carbonizados de *quercus*[6] bem como elementos diversos para a sua preparação como alimento que seria feito segundo processos conhecidos por via etnográfica e da arqueologia experimental[7].

Mas não será com certeza sem razões ideológicas, conforme vem sendo acentuado em recentes estudos antropológicos de metodologia estruturalista[8], que Estrabão terá limitado as suas observações a este elemento típico de uma economia pré-cerealífera que a riqueza dos resultados que vêm sendo adquiridos atestam, na prática, como abertamente ultrapassada.

Com efeito, apesar de não dispormos ainda de dados que permitam um tratamento quantitativo, das espécies recolhidas desde o Bronze Final II/III, concretamente no Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul)[9] e no Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha)[10], se observa a presença abundante de gramíneas, como o *trigo (triticum compactum Host. var. globiforme* (Baiões; Coto da Pena) e *triticum aestivum L.s.l.* (Cividade de Terroso e Coto da Pena, também com grãos de tipo globiforme) e ainda milho miúdo (*panicum miliaceum L.*) e cevada (*hordeum vulgare L.*) em Baiões e Cividade de Terroso, que supõem uma alimentação que incluía farinhas, cuja moagem aparece evidenciada pela existência de inúmeros moinhos manuais de utilização generalizada, constituindo duas tipologias bem conhecidas, de estrutura e funcionamento diferentes, correspondentes a etapas cronológicas próprias.

---

4 Figueiral 1990 e 1993; Dinis A.P. 1993, p. 166-176.

5 Estrabão, III, 3, 7. Também C. Plinius, XVI, 15.

6 Em todas as nossas escavações, concretamente no Castro do Coto da Pena, Cividade de Âncora, Cividade de Terroso, Castro de Sabroso, Citânia de Briteiros, Citânia de Sanfins, Monte Murado, Castro de Romariz, foram referenciados diversos exemplares e bolotas carbonizadas (*quercus* s.p.) relacionáveis com as três fases da nossa periodização. Citamos, a propósito, outros achados, como os de Baiões (Silva Ce.T 1979, p. 17; Silva A.R.P. 1976) e outros compendiados in Taboada Chivite 1977, p. 74 do Castelo de Faria (Barcelos), S. Vicente da Chã (Montalegre) e castros galegos de Santa Tecla, Troña, Cameixa II-III e Coaña nas Astúrias, etc. Vide trabalhos específicos sobre este assunto in Cardozo 1959e e Vázquez Varela 1974-75 (Castro de Vixil).

7 Oliveira *et alii* 1991.

8 Cfr. sobretudo a obra de Bermejo e seus colaboradores, em especial, Bermejo 1986.

9 Silva A.R.P. 1976; Silva Ce.T. 1979, Est. XII, 1 (sep.).

10 Análises do Eng. A.R. Pinto da Silva.

Conforme tivemos oportunidade de verificar no estudo do habitat[11], até ao final da nossa fase IIA apenas encontramos mós de vaivém, formadas por um bloco plano sobre o qual se movia um rebolo, ambos de granito, segundo um modelo de tradição neolítica, testemunhando desde o Bronze Final um recurso significativo a alimentos à base de farinha, que, seguindo o mesmo ritmo de outras civilizações do Ferro da Europa Ocidental[12], terá conhecido um expressivo incremento com a generalização do uso das mós rotativas, que terão sido introduzidas, pelos dados de Terroso, durante a fase IIB[13] e que eram constituídas por uma parte dormente, servindo de base, e outra giratória, que se sobrepunha, tendo a mó rotativa uma abertura central para introduzir o grão, manifestando variantes morfológicas de pormenor perviventes na romanização repetindo modelos comuns na maioria das estações[14].

A generalização de formas de farinação pelo uso de mós rotativas, quase sempre de punho lateral horizontal, durante a fase III aparece complementada, neste período, por outros processos que têm vindo a ser registados no interior dos núcleos familiares, em especial pelo «pio de piar os milhos» bem documentado *in situ* no Castro da Cárcoda, S. Pedro do Sul[15], e cuja existência se documenta também entre as estruturas líticas das antigas escavações da Citânia de Sanfins, entre outros vestígios, similares aos dos seus processos de funcionamento estudados por Jorge Dias[16].

Das várias passagens das fontes clássicas relativamente aos cereais, podemos recordar uma de C. Appianus sobre a expedição de *Decimus Iunius Brutus*, que em 136 a.C. se apoderou do armazém de trigo que era propriedade comum dos Talabrigenses[17]. Aguardamos que a Arqueologia venha a confirmar a existência de eventuais estruturas colectivas de armazenamento de cereais, também não crendo suficientemente provada a interpretação das casas sem porta ao nível do piso como silos ou celeiros do núcleo familiar[18].

O cultivo das favas (*vicia faba L. var. minor* (Baiões) e *vicia faba L. «celtica nana»* (Coto da Pena)[19] e ervilhas (*pisum sativum L.* (Baiões e Coto da Pena)[20] está também testemunhado pelo achado das respectivas sementes, sendo também de assinalar, em particular na zona dos *Zoelae*, a cultura do linho para a confecção de vestuário. O próprio Estrabão refere que a maior parte dos guerreiros usava saios de linho[21], e C. Plinius diz que o linho dos *Zoelae* era exportado para Itália, onde era utilizado no fabrico de redes de caça[22].

A inexistência de produção vinícola local era suprida pela importação de vinho, que era feita em ânforas apropriadas[23] – sendo, por isso, raro e reservado aos banquetes familiares[24] – e sobretudo compensada por uma bebida fermentada registada por Estrabão[25] com o nome de *zythos* provavelmente obtida a partir da cevada ou outros cereais ou até de outro fruto, conforme práticas conhecidas noutras culturas[26].

---

11 Vide p. 51.

12 Cfr., vg., Giot *et alii* 1979, p. 301-302.

13 Ver debate sobre a cronologia da sua introdução in Maya-Blás 1973, cuja opinião é de certo modo abonada pelas estratigrafias da Cividade de Terroso (Est. XIX, E-F).

14 Cfr. entre a bibliografia sobre o tema: Cardozo 1959e e 1985, p. 176-177; Borges 1978, 1979 e 1981; Oliveira E.V. *et alii* 1983b, p. 23 (trituradores de vaivém, pedras e rebolos), p. 25, 55 (mós manuais rotativas).

15 Correia-Correia 1978.

16 Dias 1949-50, retomado por Oliveira E.V. *et alii* 1983b, p. 20, 22.

17 Appianus, 75.

18 Almeida 1984, p. 36, nota 6, Grav. 1.

19 Recolhas muito abundantes em níveis do Bronze Final, de que se retiraram quantidades para as duas análises de C14 de dois desses níveis (Est. XVI, C-D (05) e E-F (09)).

20 No Coto da Pena foi apenas identificado um grão de um nível também do Bronze Final.

21 Estrabão, III, 3, 6.

22 C.Plinius, XIX, 10.

23 Em geral, de tipo Haltern 70, de que são exemplares cerâmicos mais abundantes registados entre todas as importações da fase IIIB nas estações por nós estudadas, sendo extraordinariamente abundantes na Cividade de Âncora (Vide Cap. I, nota 359).

24 Estrabão, III, 3, 7.

25 Idem.

26 Vázquez Varela 1986, p. 232, citando Renfrew J. 1973.

São raros os instrumentos agrícolas pré-romanos até agora encontrados em castros. De matéria perecível, alguns deles, não sobreviveram. Deverá ser o caso dos arados, documentados literariamente[27]. Outros, como enxadas, sachos e machados, aparecidos em Sanfins, Sabroso, Briteiros, Mozinho e outras estações, são de ferro, aparecendo normalmente em mau estado de conservação, muito oxidados. Até serem substituídos pelos novos instrumentos de ferro, continuariam a ser utilizados utensílios de bronze, designadamente machados e foicinhas, cuja documentação remetemos para o estudo da metalurgia.

Conforme os textos de vários autores antigos, o conjunto das actividades agrícolas era exercido pelas mulheres, que cultivavam as terras e com certeza também, acompanhadas das crianças e dos velhos, se encarregavam da recolha dos frutos naturais, enquanto os homens se dedicavam à guerra e ao roubo[28].

De qualquer maneira, neste contexto, a actividade agrícola desenvolvia-se de forma primitiva, sendo ainda ignorada a extensão da propriedade agrícola, sem dúvida reduzida, com instrumentos, poucos e rudimentares, e culturas raras e insuficientes em relação à densidade da população, sobretudo na actual região de Entre-Douro-e Minho, a impor o aproveitamento de outros recursos e a procura de outras soluções.

Paralelamente às práticas recolectoras e agrícolas, a economia castreja apresenta uma singular dependência da actividade pecuária, em que a carne dos animais domésticos, o leite, outras gorduras e seus derivados aparecem como base da alimentação e como importante fonte de riqueza e as peles, como meio de intercâmbio, a ser trocadas por cerâmica, sal, instrumentos e adornos[29] além de utilizados no vestuário, no fabrico das armas[30] e na construção de barcos[31].

O conhecimento das bases de subsitência dos habitantes do Norte do território hoje português, no decurso do Bronze Final e da Idade do Ferro, especialmente quanto à componente proteica mais importante da alimentação, a carne, obtida de mamíferos, tanto domésticos como selvagens, é ainda mais deficiente. Para tal concorrem, entre outras causas, as pouco propícias condições de conservação de tais restos, em consequência de solos agressivos, largamente dominantes na região.

Neste contexto, assumem particular relevância os restos recuperados no Coto da Pena e na Cividade de Terroso. Ainda que constituindo pequenos conjuntos, são de grande relevância não só para o conhecimento da dieta daquelas populações, mas também para a reconstituição paleo-económica e paleo-ecológica da região envolvente.

Salienta-se o carácter exclusivamente doméstico destes conjuntos faunísticos, integrando ovicaprinos, (ovelha e /ou cabra, *Ovis aries / Capra hircus*), o porco (*Sus domesticus*) e o boi (*Bos taurus*). O cão, animal guardador de rebanhos, encontra-se indirectamente presente pelas marcas deixadas nalgumas peças ósseas e marcas de pegadas em cerâmicas. Tais evidências denunciam a prática de uma pastorícia intensiva em férteis pastagens permanentes na adjacência do povoado, nas zonas baixas alternando com campos agrícolas, ambos obtidos pelo abate de manchas florestais de caducifólias, anteriormente existentes, enquanto os porcos seriam criados sobretudo em currais, no seio da própria área habitada[32].

---

27 Silius Italicus, III, 351; Iustinus, XLIV, 3, 5.
Pela tipologia, consideramos impossível a interpretação da peça da Est. LXXXV, 8 como uma relha de arado (Taboada Chivite 1977, p. 76, Fig. 2), devendo tratar-se, preferentemente, de uma enxada.

28 Especialmente, Estrabão, III, 4, 17 (Infra, p. 379) e Iustinus, XLIV, 3, 7.10: *Feminae res domestica agrorumque culturas administrant, ipsi (homines) armis et rapinis serviunt.*

29 Estrabão, III, 5, 11, com referências às Cassitérides.

30 Sobretudo em capacetes, polainas e escudos (Estrabão, III, 3, 6). Cfr. sobre o assunto, Cardozo 1965a, sobre o curtimento de peles e aplicações de couro na Antiguidade peninsular.

31 Estrabão, III, 3, 7: "Antes da expedição de Brutus, apenas possuiam barcas de couro, por causa das marés e das águas pouco profundas, sendo substituídas, então, por barcos feitos de um só tronco de madeira". Cfr. sobre o tema, Filgueiras 1974; Alonso Romero 1976.
O achado de pirogas monóxilas junto do Castro do Peso no rio Lima, duas das quais datadas por C14 de época pré-romana, uma com intervalo entre 410 e 210 a.C. e outra de 390-180 a.C., sendo as restantes da Alta Idade Média, complementa esta referência estraboniana, remetendo a sua utilização desde épocas mais recuadas e sublinhando a sua pervivência (Alves F. 1986; Bello 2003).

32 Estudo do Prof. Doutor João Luís Cardoso para os MMCa e MMEHPV, que agradecemos.

De resto, a riqueza em gado é particularmente mencionada em circunstâncias diversas pelas fontes clássicas, sendo as espécies mais citadas os porcos, as cabras e os cavalos, que também constam das amostras paleozoológicas conhecidas, entre as quais incluímos as nossas recolhas do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha) datáveis das nossas fases I e II, onde ainda se documenta a presença de gado ovino e vacum, genericamente condizente com a pecuária das culturas pré-romanas do Norte da Península, a julgar pelos estudos paleobiológicos dos vestígios de importantes estações arqueológicas, como Cortes de Navarra, Peñas de Oro e Castillo de Henayo, conforme foi assinalado por Vázquez Varela[33], além das referências das fontes literárias.

A abundância de bolotas teria propiciado a criação de porcos designadamente na região de Trás-os-Montes, bem caracterizada, neste aspecto específico, por largas dezenas de estátuas de berrões, cuja simbologia é, no mínimo, índice da sua frequência[34].

O gado caprino ocuparia, segundo Estrabão, papel fundamental. Frequentes marcas de suas pegadas em objectos de cerâmica, algumas documentadas, vg., na Citânia de Sanfins, atestam bem o seu carácter doméstico e um estatuto especial se denuncia quando, juntamente com os cavalos, os bodes aparecem como vítimas destinadas ao sacrifício ao deus da Guerra, *Mars Cosus*[35].

Referências clássicas diversas revelam, entre outros, a fama dos cavalos astures e galegos, os *asturcones* e os *tieldones*[36], de pequena estatura, bons animais de tiro e sela, de andar cómodo e muito rápido, que eram utilizados para a caça e para a guerra, que algumas representações iconográficas confirmam[37]. E se a presença de equídeos constava das recolhas osteológicas publicadas, sendo posta em dúvida a sua utilização como alimento[38], são esclarecedores os resultados das análises dos restos de cozinha no Coto da Pena (Vilarelho, Caminha) neste caso atribuíveis à nossa fase IIA, em que, além da significativa percentagem da sua frequência, se tornaram manifestas preciosas informações sobre idades e processos de abate, talhe da carne e culinária.

E, apesar de não constar qualquer menção a gado vacum nas fontes literárias, diversas amostras paleozoológicas castrejas de animais domésticos comprovam o consumo alimentar de *bos taurus L.*[39], sendo documentada pela epigrafia e iconografia a sua utilização como vítima nos sacrifícios tipo *suovetaurilium*[40] e ainda como animal de tracção no carro votivo da Costa Figueira (Vilela, Paredes) (Est. XCIX, 2), a fazer supor uma prática de adaptação desses animais que certamente não seria desperdiçada nas fainas agrícolas.

Além disso, outros vestígios invocam aspectos relacionados com a criação de gado, como é o caso de certos alinhamentos no interior dos castros em zonas não destinadas a habitação, que têm sido consideradas como recintos para guarda de animais, podendo as próprias muralhas cumprir por vezes essa função. Espetadas, vg., no exterior da muralha interna, dando para um largo, bem como em outros muros e alguns pátios lajeados de alguns núcleos familiares da Citânia de Sanfins, documentam-se várias pedras com um furo na extremidade ou em forma de cotovelo, às vezes com figura zoomórfica, que eram inequívocas «prisões de gado». Peças idênticas foram encontradas em Briteiros, Sabroso, Terroso, Santa Luzia, Âncora e na generalidade dos castros[41].

Uma forma particular de cerâmica que interpretamos como queijeira (Gráfico 3, tipo F1), com muitas perfurações, para escoamento do soro (Est. LVII, 1) e numerosos cossoiros (Est. LXXVII-LXXVIII), sobretudo de cerâmica e alguns de pedra, utilizáveis na fiação da lã, denotam bem mais uma vez a importância que a criação de gado teve para a economia dos povos castrejos.

---

33 Vázquez Varela 1977, p. 644, citando, respectivamente, Bataller 1952; Altuna 1965 e 1975.

34 Silva A.C.F. 1986b, Est. IX. Vide Cap. III, *A Religião*, p. 412.

35 Estrabão, III, 3, 7.

36 Sobretudo C.Plinius, VII, 166.

37 Cfr., vg., Jalhay 1947, estudo sobre uma notável cena da caça ao veado.

38 Vázquez Varela 1977, p. 643, repetindo em 1986, p. 233: "Hasta el presente, no han aparecido restos de caballos en los poblados por lo que nos quedan dudas sobre el empleo habitual de estos animales como alimentos".

39 Idem, 1986, citando obras suas, anteriores, datadas de 1973 e 1977.

40 Vide Cap. III, *A Religião*, p. 414.

41 Cfr. entre outra bibliografia, Peixoto 1905-08a; Pereira F.A. 1941, p. 312-317; Paço 1965b (Sanfins, em forma de ofídeo); Taboada Chivite 1977, p. 81; Cardozo 1985, p. 182-183 (Fig.), 198 (Sabroso e Briteiros).

No que respeita à caça, são praticamente nulas as referências clássicas e os dados arqueológicos também não são numerosos, tudo fazendo supor um papel de menor importância. Não deixamos, porém, de registar que são vários os vestígios osteológicos descobertos de cervídeos e javalis[42] e que também estão documentados no Coto da Pena em níveis das fases I e II da nossa periodização.

«Uma notável gravura rupestre da Citânia de Sanfins»[43] é um belo exemplar de caça a cavalo ao veado, que atribuímos, pelo contexto arqueológico, à fase III, mas já de longa data representado no Noroeste, como expressivamente o documentam gravuras rupestres galegas[44] e o duplo conjunto de Lanhelas (Caminha)[45] datáveis do Bronze Final.

A exploração dos recursos marinhos pelas comunidades do litoral e dos recursos fluviais pelas populações das margens dos rios está bem documentada em achados desses castros com vestígios de recolha de marisco e actividade piscatória.

Nas escavações de 1978 da Cividade de Âncora (Caminha/Viana do Castelo) encontrámos grande parte de um vaso com asas em orelha (Gráfico 3, tipo D2c), da fase IIIB, todo fumigado de ir ao lume, contendo várias espécies de marisco e idêntica descoberta referenciámos em 1982 na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim), datável da fase IIIA, e no Castro do Coto da Pena, à foz do Coura, no Rio Minho, da fase I, mostrando, em conjunto apenas a presença de duas espécies comuns e outras diferenciadas:

Espécies	VIL 82	TER 82	ANC 78
1. *Patella vulgata L.* Lapa	X	X	X
2. *Patella intermedia* Lapa		X	
3. *Patella ulissiponensis* Lapa		X	
4. *Bucinum undatum L.* Búzio comum		X	
5. *Mytilus edulis L.* Mexilhão	X	X	X
6. *Ostrea edulis L.* Ostra	X		
7. *Monodonda lineata L.* Caramujo	X	X	
8. *Littorina littorea L.* Caramujo	X	X	
9. *Nucella lapilus L.*		X	
10. *Trochocochlea*		X	
11. *Paracentrototus lividus* Ouriço do mar		X	

A composição destes concheiros, que denuncia um clima semelhante ao actual, de tipo temperado oceânico[46], manifesta uma recolecção em geral costeira, que evitaria lugares de grande profundidade, também denotada pela ausência de outras espécies desse ambiente, como o *sipho* e o *triton nodifer*, «caracóis», referenciadas em concheiros galegos[47]. Inúmeros instrumentos líticos destas estações do litoral e sobretudo abundantes nos níveis do concheiro do Coto da Pena, em notória pervivência de tipologia e tecnologia tradicionais, eram utilizados na recolha destas espécies, que, de resto, são residentes em substratos rochosos, não estando presentes em fundos arenosos. Nestas circunstâncias, a recolecção tinha lugar nos períodos de maré baixa nos penedos do litoral.

---

42 Vázquez Varela 1986, p. 233.

43 Jalhay 1947.

44 Remetemos este tema para García Alen-Peña Santos 1980, por ser mais recente e valorizar a documentação gráfica e documental. Cfr. também os trabalhos de Sobriño Buhigas, Lorenzo Ruza, Anati, A. Martinho Baptista, entre os autores especializados.

45 Viana 1959-60. O tratamento biocromático que fizemos desses conjuntos para o MMCa manifestou uma maior riqueza temática do que a apresentada no citado estudo, apelando apenas para uma nova abordagem.

46 Vázquez Varela 1975, p. 293.

47 Vg., Vázquez Varela 1975, p. 292-293 (Sobre um povoado da Idade do Ferro da ilha Norte das Cies, à entrada da ria de Vigo) e 1986, p.234, com informações sobre a generalidade das espécies recolhidas na Galiza; Cabral J.P.-Silva A.C.F. 2003.

Em nenhuma destas amostras se encontraram restos de peixes, também referenciados noutros sítios[48], aparecendo todavia bem testemunhada a actividade piscatória por numerosos pesos de rede feitos a partir de seixos com entalhes laterais, também muito numerosos nos níveis do Bronze Final do Coto da Pena, estando, a pesca com anzol já documentada na área castreja em época pré-romana no Castro de Vermoim e das Ermidas[49].

E não dispondo ainda a investigação arqueológica de recursos suficientes para um esclarecimento capaz das diversas componentes da economia dos povos castrejos, tantos são os condicionamentos e as exigências de ordem interdisciplinar que para tal se tornam necessárias, além dos resultados que, nesta perspectiva, foi possível ir lançando a partir de conhecidas referências dos autores clássicos e alguns novos dados paleozoológicos e paleobotânicos, contamos com um vasto conjunto de materiais cerâmicos e metálicos cujo estudo não poderá deixar de se considerar como um instrumento útil para a fundamentação conveniente de quaisquer considerações sobre o seu sistema económico, social e cultural.

Do universo desses produtos, talvez se torne cada vez mais difícil falar, como se vem a fazer desde Estrabão, caracterizando a sua economia como fundamentalmente agrícola e matriarcal[50], da homogeneidade do mundo castrejo, mesmo em relação à área que nos foi dado estudar, e porventura se tenha conseguido uma chave mediante a qual se possa vir a explicar a formação e desenvolvimento dos elementos típicos de uma cultura regional de vincada personalidade no contexto do Noroeste peninsular.

Ficarão com certeza elementos suficientes para permitir referenciar as grandes etapas do seu ciclo económico, a introdução de novos produtos e novas tecnologias, o quadro e os agentes das relações a longa distância e à escala regional e a percepção da problemática de um sistema de trocas directas no interior de uma sociedade, em cuja análise se não deverá perder de vista o papel regulador exercido pelos laços de parentesco e pelas formas religiosas típicas das sociedades arcaicas que as mais recentes abordagens de antropologia económica cada vez mais vem realçando[51].

---

48 Vázquez Varela 1976 e 1986, p. 233.

49 Dinis A.P. 1993, p. 66; Silva A.C.F. *et alii* 2004. Cfr. o achado de época romana de Sanfins in Silva A.C.F.-Centeno 1980, p. 63, nota 1, onde se referem dois estudos sobre o assunto de Figueiredo A.M. 1898 e Ferreira O.V. 1968a. Vide um ordenamento do instrumental de pesca ibero-romana feito de bronze, incluindo anzóis, lançadeiras e agulhas in García Alonso 1981-82.

50 Cfr. sobretudo Caro Baroja 1943 e 1946; Blázquez 1968, p. 193-207.

51 Cfr., vg., Pouillon 1976; Polanyi 1976; Weber 1976; Meillassoux 1977; Godelier 1981; Ruby 1999.

2. ACTIVIDADES ARTESANAIS

2.1. CERÂMICA

O estudo que apresentamos sobre a cerâmica castreja evidencia, sobretudo pela sua frequência e características próprias, o valor deste conjunto de materiais arqueológicos como uma importante fonte de informação, tendo-nos servido como elemento de datação, documento tecnológico e testemunho das condições sócio-económicas das comunidades indígenas e ainda como meio de aproximação das suas estruturas e relações culturais.

A sua sistematização em três fases principais, fundamentada nas estratigrafias das nossas escavações, constituiu um *corpus* significativo de formas completas procedentes de muitas estações dispersas por toda a área.

Não se esqueceu, todavia, a utilização de elementos fragmentários quando se distinguiam por aspectos relevantes de ordem quantitativa ou qualitativa complementares das informações do seu estudo, tendo sido mesmo procurado o ordenamento de algumas dessas espécies fragmentárias, por o considerarmos de notória utilidade, atendendo à frequência e generalização dos achados. Do mesmo modo nos mereceram tratamento particular os padrões decorativos, em obediência a idênticos critérios, cuja observação se julga necessária para o entendimento de numerosas informações, sobretudo de relacionação cultural, que lhes andam anexas quando não utilizadas descontextualizadamente.

E se, no estado actual da nossa investigação, não foram conseguidos dados satisfatórios relativamente a alguns aspectos desta actividade artesanal, mormente sobre algumas fases do processo de fabrico[52], nem se tornou possível utilizar um vocabulário mais preciso, tendo em conta as naturais dificuldades da sua adequação a formas de culturas regionais arcaicas, apesar dos esforços de normalização que vêm sendo prosseguidos por parte de sectores especializados da arqueologia e da etnologia[53], os resultados gerais manifestam diversos conjuntos morfotipológicos, alguns bem caracterizados, de utilização doméstica e também artesanal e religiosa, em evolução, que em diversas situações reflectem a problemática da tradição indígena face aos contributos adquiridos desde o final da Idade do Bronze no interior de um quadro de relações em que se assimilam influências externas, de correntes atlânticas, meridionais e continentais, que por este próprio trabalho julgamos mais esclarecidas. Constituirá relevante contributo para o entendimento desta questão uma série de estudos temáticos, por nós orientados, de análises físicas e químicas de pastas[54], processos tecnológicos de modelagem e cozedura[55], cálculos quantitativos[56] e conjuntos morfotipológicos

---

52 De notar sobretudo a parcimónia de informações sobre estruturas de fornos ou outras instalações de cozedura.

53 Cfr. sobre o assunto, vg., Alarcão 1974, p. 32-35 (*in specie*); Séronie-Vivien 1982; Balfet *et alii* 1983.

54 Seixas 1996.

55 Lopes 1993.

56 Silva M.A.D. 1997.

significativos de âmbito regional[57] e local[58], para não citar as inúmeras referências contidas em diversos estudos aplicados à problemática do povoamento[59].

Fase I

Segundo as observações de Ph. Kalb sobre o Bronze Final Atlântico[60] o Noroeste de Portugal seria fundamentalmente caracterizado por duas modalidades de produções cerâmicas de âmbito regional, a saber, a cerâmica «tipo Penha», circunscrita ao Entre-Douro-e-Minho com extensões à região transmontana de Chaves e à Galiza meridional, e a cerâmica «tipo Baiões-Santa Luzia» característica da Beira Alta.

Todavia, o estudo das cerâmicas deste período aparece, em função dos resultados de trabalhos recentes, com uma renovação da sua problemática que mostra indicadores de um quadro de presenças e relações de maior complexidade.

Nestas circunstâncias, cumpre-nos avançar com as seguintes notas:

Não tendo sido referenciado qualquer fragmento "tipo Penha" nos níveis do final da Idade do Bronze, está hoje esclarecida uma maior antiguidade e outro quadro de relações para estas cerâmicas[61].

A própria dependência estilística de característicos padrões decorativos da cerâmica castreja relativamente à cerâmica «tipo Penha»[62], que não aparece abonada pelos nossos achados nem patente nos quadros decorativos, mais apontará para um hiato relativamente a estes produtos em manifesto reflexo de discontinuidade cultural[63].

Sendo evidente o distanciamento morfológico, a aparente relação entre um escasso número de motivos decorativos mais parece explicar-se por uma evolução a partir do campaniforme tardio inciso, Epiciempozuelos, com paralelos generalizados dispersos por um vasto horizonte peninsular, frequentes sobretudo na Meseta Ocidental[64] do que por uma filiação através da cerâmica «tipo Penha».

Coexistem, por outro lado, nos referidos níveis um conjunto numeroso de cerâmicas manuais lisas de fabrico grosseiro de tradição autóctone, a par de outras cerâmicas, minoritárias, de pastas e acabamentos mais apurados, afins às do «tipo Alpiarça».

Dos numerosos fragmentos recolhidos do primeiro grupo, com pastas arenosas e micáceas, de barros pouco depurados, de cor não homogénea predominantemente castanho-alaranjada com cernes escuros e superfícies frequentemente engobadas, registam-se formas de paredes espessas com perfis de panças ovaladas e fundos rasos e muito raramente de fundo convexo[65].

Poderão considerar-se como antecedentes deste fabrico, em geral sem decoração a não ser às vezes de mamilos, vários especímenes, alguns deles carenados, das necrópoles de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia)[66] do

---

57 Mota 1998.

58 Lopes 1993; Silva M.A.D. 1997.

59 Dinis A.P. 1993; Silva A.M.P. 1994; Pedro 1995; Gomes J.M.F. 1996; Valinho 2003; Maciel 2003; Mendes S.M.L. 2003; Lopes 2003.

60 Kalb 1980a, p. 33-34, Abb. 18-20 e 1980b, p. 119-120.
Ponto de vista adoptado, esquematicamente, para o fim da Idade de Bronze em Portugal por Coffyn 1983, p. 186-188 e 1985, p. 227, a que acrescenta a cerâmica com ornatos brunidos "tipo Lapa de Fumo", com núcleo original na Extremadura e com afinidades por toda a área do Sudoeste peninsular, revelada por Serrão 1969.

61 Sobre a problemática da cerâmica "tipo Penha", Jorge S.O. 1983-84 e 1986.

62 Estilo A de Almeida 1974a, p. 183-185. Cfr. Blanco Freijeiro 1960, p. 185; Almeida 1974a, p. 183; Calo-Sierra 1983, p. 55, 57, 73.

63 Blanco Freijeiro 1960, p. 185; Almeida 1974a, p. 183; Calo-Sierra 1983, p. 55, 57, 73. Delibes-Manzano 1981; Calo-Sierra 1983, p. 73; Ruiz Zapatero 1984.

64 Delibes-Manzano 1981; Calo-Sierra 1983, p. 73; Ruiz Zapatero 1984.

65 Lopes 1993, p. 69-143 (fabrico 1).

66 Fortes 1909, p. 12. Publicada já a necrópole romana (Lobato 1995), temos em preparação o estudo dos materiais da Idade do Bronze. Silva A.C.F. *et alii* 2004.

Bairro (Vila Nova de Famalicão)[67], Sernande (Felgueiras)[68] e da Beira Alta[69] e alguns exemplares provenientes de fossas abertas no saibro e outras estações referenciadas no Norte de Portugal e Galiza meridional[70] e muito provavelmente também o vaso do Penedo do Urso (Brandara, Ponte de Lima)[71] morfologicamente paralelo do do depósito de Vila Cova do Perrinho (Vale de Cambra)[72] e dos exemplares das fossas ovóides de Beiriz (Póvoa de Varzim)[73], denunciando um largo substrato indígena.

O segundo grupo, de cerâmicas igualmente manuais e em geral de paredes menos espessas e pastas mais depuradas e homogéneas maioritariamente cinzentas e também acastanhadas, apresenta colos altos aprumados e fundos rasos, mostrando alguns exemplares superfícies brunidas, excepcionalmente decoradas, registando por vezes pança carenada e decoração mamilar, características que genericamente se aproximam das cerâmicas cuidadas de Baiões[74].

Por se tratar de uma situação paralela à do Castro da Senhora da Guia, Baiões, e a numerosas estações, entretanto documentadas, onde também coexistem essencialmente dois fabricos do mesmo teor[75], consideramos esta informação de interesse sobretudo por se tratar de níveis datáveis por associação a objectos metálicos típicos do final da Idade do Bronze, concretamente, uma foicinha de talão (Est LXXXIII, 1) e uma fíbula tipo Bencarrón (XCVIII, 1).

A cerâmica cuidada do Castro da Senhora da Guia, Baiões, onde aparece em proporção largamente minoritária em relação à cerâmica grosseira e já objecto de um estudo monográfico[76], apresenta uma diversificada morfologia de recipientes de fabrico manual[77] abertos e fechados, de perfil predominantemente carenado, de pastas acastanhadas com reduzido teor de desengordurante bem cozidas[78] e superfícies externas engobadas e brunidas, lisas ou com decoração quase sempre incisa, antes ou depois da cozedura, e pontilhada ou com elementos plásticos, designadamente mamilares. Conta com paralelos que progressivamente vêm sendo reconhecidos desde o Sul de França[79], regiões espanholas de Álava[80], Meseta[81], Extremadura[82], Sudeste[83] e Sudoeste da Península Ibérica[84], Centro e Norte de Portugal[85] e Galiza meridional[86], sendo de citar para a área do nosso estudo, como testemunho de expansão da influência dos

---

67 Silva A.C.F. *et alii* 2004.

68 Escavações em curso de Pedro Brochado de Almeida, cuja informação agradecemos.

69 Cruz D.J. 2001.

70 Cfr., vg., Gonçalves A.A.H.B. *et alii* 1978; Jorge V.O. *et alii* 1980; Gonçalves A.A.H.B. 1981; Calo-Sierra 1983, p. 63-65.

71 Silva A.C.F. 1985.

72 Brandão 1963a, Est. III; Kalb 1980, p. 43, Abb. 7, n.º 41:4.

73 Silva A.C.F. 1985, Est. III-IV.

74 Cfr., vg., Jorge S.O. 1981.

75 Fundamentalmente, Silva Ce. T. 1977; Kalb 1978, p. 122-126; Lopes 1993, p. 144-156 (fabrico 2).

76 Lopes 1993.

77 Sobre a hipotética utilização de moldes no seu fabrico, vide Alarcão 1974, p. 63; Pellicer *et alii* 1983, p. 69.

78 As observações sobre as cozeduras das cerâmicas cuidadas do Cerro Macareno apontam para temperaturas com limite máximo pelos 800ºC (Pellicer *et alii* 1983, idem).

79 Taffanel 1960; Mohen-Coffyn 1970; Marcadal 1971, in Coffyn 1979, p. 112.Llanos-Fernández 1968, p. 55, 69-71, Fig. 4:1-2; Agorreta *et alii* 1975, Fig. XI, XXVI-XXXVI.

80 Llanos-Fernández 1968, p. 55, 69-71, Fig. 4:1-2; Agorreta *et alii* 1975, Fig. XI, XXVI-XXXVI.

81 Op. cit. nota 53; Romero Carnicero 1980, p. 139-141, Fig. 10-14; Martín Valls-Delibes 1976, p. 657-658, Fig. 1-9, 10; Delibes de Castro 1977, p. 251-252.

82 Almagro Gorbea 1977, p. 81-149.

83 Molina González 1978. Notável o paralelismo morfológico, sobretudo dos vasos geminados, entre os materiais da região alicantina, em particular de Cabezo Redondo, expostos no Museu de Villena e os do castro da Senhora da Guia, ainda mais reforçado pela presença de objectos de ferro em horizontes pré-coloniais.

84 Schubart 1971 e 1975.

85 Marques 1972; Marques-Andrade 1974; Alarcão 1974, p. 65-71, Est. VIII-XII; Kalb 1978; Almeida *et alii* 1981, p. 76; Martins M. 1988a e 1990; Senna Martínez 1989; Vilaça 1995; Bettencourt 1999; 2000b e 2000c.

86 Calo-Sierra 1983, p. 69-72.

Campos de Urnas até ao Noroeste, as referências resultantes de achados do Castro de Alvarelhos (Santo Tirso)[87], Tapado da Caldeira, Alto da Caldeira[88] e Castelo de Matos (S. João de Ovil, Baião)[89], Castelo de Faria[90] e Castro de Roriz[91] (Barcelos), Castro de Lanhoso e S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso), Santa Marta de Falperra, Alto de S. Bento (Tibães), Cabanas (Dume), Monte do Castro (Adaúfe), em Braga[92] , Castro de S. Julião e Barbudo (Vila Verde)[93], Castro de Santo Estêvão da Facha (Ponte de Lima)[94], Castro do Peso (Geraz de Lima, Viana do Castelo)[95] Castro de S. Tiago de Lagarelhos (Chaves)[96] e Castromao (Celanova, Orense)[97] a acrescentar aos anteriormente referidos do Castro do Coto da Pena, em progressivo esclarecimento da densidade da sua difusão.

Identificado por Ph. Kalb como pertencente ao Bronze Final Atlântico com cronologia proposta em torno do séc. VIII a.C.[98] com ela fazendo concordar outros paralelos, sobretudo de formas carenadas, de cerâmicas manuais cuidadas do Bronze Final Meridional, onde são consideradas como os fósseis mais característicos e definidores dessa cultura[99] de que seleccionamos, entre os principais, os de La Galera (Corte VII, estratos VIIB - VID datados de 700 a.C.)[100], Los Toscanos (estrato I, da 2.ª metade do séc. VIII a.C.)[101] e Los Quemados (estrato 12)[102], Cabezo de San Pedro[103], Cerro Macareno (estratos I-II, níveis 26-23)[104] e Mesa de Setefilla (fases IIA-III, estratos XIII-XI)[105] do Bronze Final e inícios do período orientalizante. A cronologias similares eram igualmente atribuídos a generalidade dos paralelos extremenhos, mesetenhos e alaveses, sendo, vg., datados de 725-700 a.C. os exemplares de Pinilla de Toro e do Castro de Sansueña (Rosinos de Vidriales, Zamora), da área de expansão de Soto de Medinilla, segundo os níveis mais antigos desta estação[106] os da necrópole de Mendizorrosa (Álava), do séc. VII, por correspondência a paralelos do Hallstatt B e C europeus[107], coincidindo genericamente com o 2.° período de Taffanel, com cronologia média situada entre 750 e 650 a.C. dos materiais languedocenses[108].

Deverá, todavia, advertir-se o registo frequente de pervivências ao longo dos séculos VII e VI a.C. em várias das estações referidas.

As formas abertas do final da Idade do Bronze de Baiões estão sobretudo representadas por uma série de taças, na sua maioria de carena média e alta, que seriam destinadas para beber, lisas ou às vezes com decoração mamilar ou incisa na linha da carena, constituídas por uma pança em calote e um bordo em fita aprumado ou lançado para o exterior, de que conhecemos e ilustramos duas variantes com formas completas

87 Almeida *et alii* 1981, p. 76.
88 Jorge S.O. 1980, p. 46, Est. XVII, 1 e 1981, p. 72, Fig. 10, 1.
89 Queiroga 1984, p.110-113, Fig. 11; Dinis A.P. 1991-92.
90 Almeida C.A.B. 1982a; Bettencourt 2000c, p. 47-67.
91 Almeida C.A.B.-Soeiro 1980, p. 35, Est. IV, 1-3; Bettencourt 2000c, p. 111-124.
92 Bettencourt 1999 e 2000c (Castro de Lanhoso), p. 85-110; (S. João de Rei) p. 235-280; (Falperra) p. 141-176; (Alto de S. Bento) p. 179-199; (Cabanas) p. 201-220.
93 Martins M. 1988b (S. Julião), 1989a (Barbudo) e 1990; Bettencourt 1999 e 2000b.
94 Almeida *et alii* 1981, Fig. XXXII, 6 (p. 72) e XXXVIII, 1-3.
95 Soeiro 1981, p. 100, Fig. 3.
96 Jorge S.O. 1980, n.º 17.
97 Calo-Sierra 1983, p. 61.
98 Kalb 1978, p. 122-126 e 1979, p. 584.
99 Pellicer *et alii* 1983, p. 69.
100 Pellicer-Schüle 1962, Lám. 9:3.
101 Schubart 1969, p. 204, Lám. XX.
102 Luzón-Ruíz 1973, Lám. XII, c; XIV, a; XV, d.
103 Blázquez *et alii* 1979, p. 210, Fig. 28.
104 Pellicer *et alii* 1983, p. 71-74, Fig. 71-76.
105 Aubet Semmler *et alii* 1983, p. 70-100.
106 Delibes de Castro 1977.
107 Llanos-Fernández 1968.
108 Taffanel 1960.

correspondentes *in genere* à forma 8C de G. Marques-M. Andrade[109] e às quais se reporta a generalidade dos achados do Norte de Portugal, agrupando-se nos seguintes conjuntos:

- Taças carenadas de reduzidas dimensões, baixas e largas (alt. e diâmetro médio do bordo 53x95 mm), de fundo umbilicado e sem asa (Quadro tipológico, A1a, Gráfico 3; Est. XXXVII, 1-7).

- Taças similares, com estrangulamento na divisão colo/pança (Quadro tipológico, A1b, Gráfico 3; Est. XXXVIII 6-7);

- Taças carenadas de dimensões pequenas, médias e grandes (alt. e diâm. médio do bordo entre 55/99 x 104/206 mm), de fundo raso e uma asa de fita, em geral sobreelevada, unindo a parte superior do bordo à parte superior de pança (Quadro tipológico, A2a, Gráfico 3; Est. XXXVII, 8-11).

A diversidade do tamanho destas peças sugere uma utilidade diferente da mencionada, eventualmente para cozinha, sobretudo para as de maior parte.

Entre as formas abertas, para além da documentação de um vaso de asas interiores com os arranques no mesmo plano horizontal (Quadro tipológico, D2b2, Gráfico 3; Est. XLIX, 1) e de pequenos pratos (Quadro tipológico, E1a, Gráfico 3)[110] está também representado um vaso com mamilos duplos com perfurações verticais para suspensão[111], que não seria de ir lume, e rebordo interno para aplicação do testo para resguardo de um contéudo possivelmente alimentar. O exemplar desta forma mostra também um grafito esteliforme aplicado na superfície do fundo que era visível quando o recipiente se encontrava suspenso (Quadro tipológico, D1a, Gráfico 3; Est. XLVIII, 1).

Os recipientes fechados repartem-se entre variedades de dimensões diversas com pança de perfil carenado ou arqueado sempre com fundo raso e colo alto em fita larga, direito ou encurvado, ora aprumado ora lançado para o exterior, e com duas variantes principais, em função dos meios de preensão, sem e com asas.

Na primeira variante estão incluídas as seguintes formas:

- Vaso de pança carenada sem asa, em que a presença de decoração sugere tratar-se de recipiente que não seria destinado a ir ao lume, com paralelo na urna T7 de Alpiarça[112] e forma aproximada de B6 da tipologia de G. Marques – M. Andrade[113] (Quadro tipológico C1a, Gráfico 3; Est. XXXVIII, 5);

- Vasos de pança ovóide e colo alto, direito e oblíquo para o exterior e sem asa (Est. XXXVIII, 8 e Kalb 1978, Abb. 12: 52, ambos com decoração a pontilhado na parte superior da pança), aproximados das formas A3 e B3 da tipologia referida[114] (Quadro tipológico, C1b, Gráfico 3);

- Vasos de perfil em S de tamanhos diversos (alt. e diâm. do bordo 119/176 x 109/227 mm.), com pança ovóide e colo alto encurvado para o exterior quase sempre separados por um ressalto e sem asa (Est. XXXVIII, 9-10 e Kalb 1978, Abb. 19: 133. I e 133 . V), com paralelo na urna T5 de Alpiarça[115] e forma aproximada de B4 da tipologia mencionada[116] (Quado tipológico, C1d, Gráfico 3).

---

109 Marques-Andrade 1974, p. 141-142.

110 Kalb 1978, Abb. 14:182, 15:185.

111 Tipo de suspensão de larga tradição frequente em Baiões e com numerosos paralelos do mesmo horizonte também presente na Facha, Ponte de Lima (Almeida *et alii* 1981, Fig. XXXVIII, 1 e Est. IX, 6).

112 Marques 1972.

113 Marques-Andrade 1974.

114 Idem.

115 Marques 1972.

116 Marques-Andrade 1974.

Na segunda variante, com asas, incluem-se os recipientes fechados de diversos tamanhos com uma (Est. XXXVIII, 2) e os maiores provavelmente com duas asas em fita que ligam a parte superior da pança à sua zona média (Est. XXXVIII, 3-4)[117] (Quadro tipológico, C2a1, C3a, Gráfico 3);

- Um tipo especial, eventualmente destinado a servir em práticas rituais, é constituído por um par de vasos geminados pela pança e com asa comum sobreelevada ligando os bordos (Est. XXXVII, 12) (Quadro tipológico, J, Gráfico 3).

Existem deste castro fragmentos de ligação de mais três exemplares desta forma singular com paralelos documentados noutras áreas europeias sobretudo relacionadas com núcleos de Campos de Urnas do final da Idade do Bronze[118], para que se poderão porventura invovar protótipos de profundas raízes culturais de significado religioso relacionado com o culto da deusa-mãe[119].

O quadro decorativo desta cerâmica do Bronze Final do Castro da Senhora da Guia, Baiões, com motivos grafitados, isto é, incisos pós-cozedura (Quadro decorativo, A1, 1-7; Est. LXI), incisos antes da cozedura (A2, 29, 41, 125-129, 134-139, 151, 154-157, 169, 196-197, 204-215; Est. LXI-LXIII), pontilhados (BI, 366-371 e B2, 372-375; Est. LXVI) e mamilares (Est. XXXVII,1; XXXVIII,1), que vem caracterizando uma manifestação regional típica da Beira Alta, onde é igualmente representado no Castro de Santa Luzia (Abraveses, Viseu)[120], acompanha também o esquema das relações sugerido pelas formas anteriormente referido. Cumpre todavia acrescentar, para além dos paralelos citados por Ph. Kalb[121], na sua maioria de procedência meridional, o aparecimento de decorações similares, nomeadamente incisas e mamilares, no Castro de Santo Estêvão da Facha[122] e no Castro do Coto da Pena[123], sendo de sublinhar o elevado índice de parentesco dos padrões decorativos com motivos relacionados com os Campos de Urnas desde o País Vasco[124] à Meseta ocidental[125], com predominância para as incisões, às vezes grafitadas, de ziguezagues, séries de triângulos preenchidos com linhas paralelas a um dos lados ou opostos, formando losangos, e de idênticos motivos, em composição simples ou associados, de pontilhados muito similares aos elementos ornamentais das cerâmicas incisas da Meseta, com eventuais influxos de Cogotas I[126].

A própria decoração de incisões profundas ou dedadas na parte superior do bordo documentada em inúmeros fragmentos, alguns deles publicados, do Castro da Senhora da Guia, Baiões[127], conta também com

---

117 Poderão considerar-se paralelos próximos da Est. XXXVIII, 2, dois vasos da necrópole de Paranho (Molelos, Tondela), de pasta fina e escura com areia e mica, um deles com asa e outro fracturado (Coelho J. 1925, p. 26-27; Correia *et alii* 1974, p. 629, Est. XIX, 28 e Est. XX, 29).

118 Cfr., vg., Müller-Karpe 1959, p. 85, Taf. 28:10, 20 e 34: A13, C10, que se reportam ao grupo de Maria Rast, e Taff. 31:1, 4 de um exemplar metálico com fundo umbilicado procedente de Tarquinia. Entre os materiais peninsulares poderemos considerar paralelo aproximado deste tipo de vaso múltiplo o recipiente da tumba II da necrópole de Campos de Urnas de Parrallí (Ampúrias) formado por três vasos intercomunicantes que com certeza coroariam um *Kernos* ao modo de alguns exemplares do Tirol e do recipiente de Roquizal del Rullo (Fabara, Zragoza), segundo dados de Almagro 1955, p. 352-353, que também refere outro vaso deste tipo de povoado de El Vado de Caspe. Sobre a diversidade destes bronzes no Bronze Final e 1.ª Idade de Ferro em Itália, cfr. Bartolini *et alii* 1980, Tav. XLVII:

119 Gimbutas 1982, p. 166, Fig. 108, Fot. 160, onde se representam "vasos binoculares" da cultura de Cucutni B.
Paralelo regional, com três vasos acoplados, do castro de S. Julião, Vila Verde; Martins M. 1988b, p. 140-141, Fig. 10, 10, Est. LX: 10, retomada por Bettencourt 2000c, p. 13-14, 16 (Forma 16), que recorda outros paralelos da Beira Interior (Vilaça 1995) e outras regiões peninsulares até Valência e Alicante.

120 Kalb 1978, p. 125; Senna Martínez 1994.

121 Idem, p. 125-126.

122 Almeida *et alii* 1981, Fig. XXXVIII e XXXIX, 8, Est. VII-IX.

123 Com decoração incisa, Est. XLV, 2 (Quadro dec., A2, 25; Est. LXI); com decoração mamilar registamos deste período dois exemplares, um de cerâmica cuidada com um pequeno mamilo sobre a carena e outro com um mamilo em frag. de pança de cerâmica micácea que apareceu associado a foicinha de talão; Lopes 2003.

124 Cfr. Marcos Muñoz 1975.

125 Nota 64. Cabré Aguiló 1930.

126 Idem; Martín Valls-Delibes 1976, p. 11-12.

127 Kalb 1978, Abb. 12:2, 16, 52; 13:68, 176; 15: 185; 17:36, 82; 18:128; 19:131; 20:153; 21:165, 165-I; Lopes 1993, p. 168.

paralelos noutras estações do mesmo ciclo cultural[128] mas é sobretudo de referir a presença em Baiões de um fragmento com decoração «tipo Boquique», a somar aos adquiridos que vêm testemunhando a sua dispersão por áreas até há pouco desconhecidas, inclusivamente do Noroeste peninsular[129], mais reforçando uma linha de relações com o interior, quadrando bem com as características conhecidas da fase final do horizonte Cogotas I, cuja irradiação vem sendo paulatinamente descoberta também a Noroeste.

Com estes dados, que nos foram fornecidos pelo significativo espólio cerâmico de Baiões e seus paralelos regionais, fica-nos a sugestão de uma deslocação, a partir da Meseta para Ocidente, de núcleos ou, pelo menos, de influências de Campos de Urnas com certeza seguindo itinerários de transumância, com estações intermédias por descobrir, que terá resultado, no caso vertente, na sua fixação porventura motivada pela fertilidade do solo e riqueza de metais, designadamente de estanho, com eventuais irradiações no sentido do Noroeste, assim se registando o termo de um processo que desde a Alemanha do Sul se alargou por todo o Ocidente europeu, que se terá propagado por toda a Península segundo *fácies* regionais mais ou menos diferenciadas[130].

E se, entre os produtos anteriormente reconhecidos, não se evidenciou a importância da cerâmica «tipo Penha» como substrato e sendo também raras as referências aos vasos de largo bordo horizontal[131], de que apenas se documenta o aparecimento em estações castrejas de um exemplar nas antigas escavações da Cividade de Terroso[132], torna-se manifesto que a globalidade do espólio cerâmico desta fase se resume fundamentalmente à existência de um duplo fabrico, de cerâmicas grosseiras e cerâmicas cuidadas, que entendemos de filiação diversa, o primeiro de tradição autóctone e o outro representativo da influência dos Campos de Urnas no Noroeste, associável a um novo modelo económico e social relacionado com a emergência de povoados fortificados da fase de formação da cultura castreja do Noroeste peninsular.

Fase II

A cerâmica castreja da fase II, documentada predominantemente a partir dos dados estratigráficos das nossas escavações no Castro do Coto da Pena (cortes A-B (02-03), C-D (03-04), E-F (05-06); Est. XVI), situado no limite N da zona deste estudo, junto ao rio Minho, na Cividade de Terroso (cortes A-B (06-12), C-D (07-10), E-F (07-16); Est. XIX), entre Cávado e Ave, e no Castro de Romariz (cortes A-B (05-07), C-D (04-05) L-M (05-07); Est. XXIII), a Sul do Douro, conheceu neste período um crescente afluxo de influências inovadoras, de ordem técnica, morfológica e decorativa, de procedência meridional posta em relação com as migrações túrdulas e o comércio púnico em simultâneo com correntes interiores, relacionáveis com os Campos de Urnas da Idade do Ferro.

Entre as inovações técnicas ocupa sem dúvida o primeiro lugar a introdução da roda de oleiro notória pelo menos na parte final do período.

Considerando, pois, a problemática das origens e evolução deste instrumento segundo os esquemas conhecidos e elaborados com base no estudo de materiais ceramológicos e observações etnográficas[133],

---

128 Vg., Jorge S.O. 1981, p. 72, Fig. 9:1, 2, 3 onde se citam diversos paralelos peninsulares de horizontes do Bronze Final e 1.ª Idade do Ferro.

129 Cfr. entre a bibliografia, Rodríguez Colmenero-Delibes 1973; Almagro Gorbea 1977, p. 109-119; Jorge S.O. 1980, p. 46-48; Calo-Sierra 1983, p. 62-63, Fig. 6; Ruíz Zapatero 1984 e 1985.

130 *In genere*: Almagro 1982, cap. II-III, p. 47-240. Sobre a diferenciação em fácies regionais segundo os dados da cerâmica, cfr. síntese de Almagro Gorbea 1977, p. 108-136, a que devemos acrescentar o grupo de decoração incisa e pontilhada "tipo Baiões" característica da Beira Alta.

131 Bibliografia principal de produção regional: Fortes 1905-08j; Pereira F.A. 1930; Paço 1933; Cardozo 1936b; Athayde-Teixeira 1940; López Cuevillas 1947b; Ferreira O.V. 1971; Almeida 1974a, p. 181-182, Est. III, 12; Calo-Sierra 1983, p. 65-68, Fig. 10; Soeiro 1988; Silva A.C.F. *et alii* 2004.

132 Cfr. bibliografia citada, em especial relativamente às formas de cerâmica carenada e fabrico cuidado, onde são vulgares referências a esta cronologia. Para a região, Almeida *et alii* 1981, p. 63-64 e estratigrafias do castro do Coto da Pena (Gráfico 3, IA-IB).

133 Seleccionamos, de entre a numerosa bibliografia: Dias 1965; Johnston 1977.

somos de opinião que a presença de formas simétricas de perfil em S e paredes geralmente pouco espessas, que se tornaram frequentes na fase IIB, foram modeladas a torno lento.

De resto, sem mais vestígios disponíveis para reconhecer o tipo de mecanismo utilizado, não se afigura fora de propósito deduzir a existência desta técnica por a entendermos paralela da usada nas mós giratórias, que registamos estratigraficamente em níveis anteriores a meados do séc. II a.C. da Cividade de Terroso em associação com cerâmicas com as características referidas[134].

Pensamos, porém, que não deverão ter sido estranhos a este processo os contactos relacionados com a importação de cerâmicas de procedência meridional, todas elas já fabricadas a torno rápido, segundo técnica que se generalizou definitivamente na área meridional peninsular durante o horizonte ibérico ou turdetano andaluz posteriormente a 500 a.C.[135] e cuja presença se regista com frequência na nossa região em estratigrafias desde o séc. V a.C.[136].

A análise das pastas e técnicas de fabrico e acabamento do espólio cerâmico manifesta, nesta fase, a existência de fabricos locais, distinguindo-se, mesmo em observação macroscópica, a produção dos diversos povoados estudados.

Utilizando, na generalidade, elevado teor de desengordurantes, normalmente constituídos por areia e mica, e com pastas de coloração beje, castanha e rosada, a denotar cozeduras razoáveis em atmosfera oxidante, a cerâmica de algumas estações, como, vg., a Cividade de Terroso, mostra ainda uma preferência por pastas escuras, de atmosfera redutora, juntamente com outros elementos individualizantes, verificando-se, de qualquer modo, um progresso técnico significativo que permitiu o desaparecimento dos fabricos grosseiros anteriores sem que, todavia, fosse atingida uma uniformidade de produção em cada povoado, onde coexistem habitualmente fabricos diversificados. Nesta variedade, que também se revela nos acabamentos e decoração, sobressaem por vezes produtos mais elaborados que apontam para uma especialização de oleiros locais, sem que seja de excluir a possível existência de centros produtores com circulação de âmbito regional, numa fase em que, de resto, são vulgares testemunhos de intercâmbio. Poderá exemplificar bem esta hipótese a analogia do conjunto de cerâmicas de espessos engobes e riqueza decorativa dos níveis intermédios do Castro do Coto da Pena com exemplares paralelos da Citânia da Santa Tecla[137], Citânia de Troña[138] e Castro de Montalegre (Domayo)[139], que poderá, além disso, traduzir afinidades de natureza étnica.

Curiosidade técnica, típica deste período, que valoriza o trabalho do oleiro mesmo quando se refere a produtos onde não é visível uma qualidade especial, é o processo utilizado por aplicação de remendos de argila para consertar os vasos fracturados que se testemunha no Castro de Santo Estêvão da Facha[140] e é frequente na Cividade de Terroso (Est. XLIV, 4).

Apesar das pervivências ocasionalmente ocorridas, são igualmente bem significativas as mudanças registadas na morfologia dos vasos, com preferência por um novo tipo de perfil, em que raramente aparecem as formas carenadas ora substituídas por outras de perfil em S, e por maior diversidade de formas mais adequadas às funções.

E se o estado fragmentário do espólio cerâmico deste período não permite ainda uma restituição conveniente, os elementos recolhidos constituem um conjunto que possibilita já uma leitura antropológica da actividade doméstica relativamente satisfatória, com recipientes destinados a armazenamento, cozinha e outras funções que caracterizam uma nova fase bem identificada em que se cruzam elementos de tradição indígena com versões produzidas por assimilação de formas importadas.

---

134 Cfr. leitura estratigráfica do corte E-F da Cividade de Terroso (Est. XIX); Gomes J.M.F. 1996.

135 Aubet Semmler *et alii* 1983, p. 108-116.

136 Cfr. leituras estratigráficas dos cortes A-B e L-M do castro de Romariz (Est. XXIII) e A-B, E-F do castro do Coto da Pena (Est. XVI).

137 Cfr. materiais expostos e em reserva no Museu Arqueológico de Santa Tecla. Também, vg., Martínez Tamuxe 1983, p. 100-102.

138 Pericot-López Cuevillas 1931, Fig. 5-7, 11-12.

139 Losada 1927, sobretudo Lám. I, II, IV e VI, com paralelos directos aos do nosso quadro decorativo.

140 Almeida *et alii* 1981.

Os vestígios que melhor testemunham a pervivência da tradição indígena reportam-se a vasos em que predomina um largo bordo horizontal como característica principal do seu perfil frequente em recipientes de forma, função e dimensões diversas do Castro de Romariz (Est. XLVII, 7, 9; Est. LIII, G1a), Cividade de Terroso[141], Citânia de Briteiros[142], Castro do Coto da Pena (Est. XLVII, 8, 10, 12) e também conhecidas em S. Julião[143] e Barbudo[144], Castroeiro (Mondim de Basto)[145], S. Lourenço (Espodende)[146], Eiras Velhas (Braga), Castro do Facho, Penices e Santa Tecla (Vila Nova de Famalicão), Castro de S. Bartolomeu e Monte da Forca (Guimarães)[147], Pastoria (Chaves)[148], no Castro de Santo Estêvão da Facha[149] e Citânia de Troña[150], entre outros, em níveis pertencentes à cronologia desta fase, sendo provável a sua referência às formas arcaicas desse tipo regional representadas em várias estações do Noroeste peninsular[151], evidenciando-se também com certa notoriedade influências meridionais em diversos recipientes de forma fechada, ao gosto das ânforas e outros vasos de tradição púnica, mais frequentes no Castro do Coto da Pena (Est. XLV, 3-4).

Entre a variedade das formas desta fase, ressalta uma série diversificada de recipientes abertos e baixos, de ir ao lume e de comer, tipo assadeiras (Quadro tipológico, E2a1 e E2b, Gráfico 3; Est. XLVII, 4)[152], e prato covo (Quadro tipológico, E1b, Gráfico 3; Est. XLVII, 1), assim como as primeiras formas com asas interiores para função culinária (Quadro tipológico, D2b1 e D2b2,Gráfico 3; Est. XLIX, 7).

As formas fechadas compreendem panelas de ir ao lume também em suspensão (Quadro tipológico, D2a, Gráfico 3; Est. LI, 1) ou colocadas directamente sobre a fogueira (Quadro tipológico, C1f, Gráfico 3; Est. XLIV, 2; XLV, 10), sendo de registar o aparecimento de vasilhas de pança ovóide e boca apertada de colo alto em fita aprumada ou oblíqua (Quadro tipológico, C1c, Gráfico 3; Est. XLV, 3, 5; LV, 5), que consideramos de influência de formas fechadas de ânforas e outros vasos de procedência meridional, devendo também pertencer a esta fase, provavelmente já da segunda parte, os púcaros de fabrico manual procedentes da Cividade de Terroso e da Citânia de Briteiros (Quadro tipológico, C1e, Gráfico 3; Est. XLII, 1, 4, 7-8).

Os recipientes de maior porte, tipo *dolium*, destinados a armazenamento de sólidos e líquidos, distinguem-se também pela preferência do bordo em aba larga horizontal ou oblíqua (Quadro tipológico, G1a, Est. LIII; Est. LV, 1-2), registando-se já algumas formas de bordo esvasado lançado obliquamente para o exterior (Quadro tipológico, C1b, Gráfico 3; Est. LIII-LIV) comuns na fase seguinte.

Alguns vasos de fabrico mais esmerado e maior riqueza e/ou amplitude decorativa, bem exemplificados no conhecido vaso do Castro de Sendim (Quadro decorativo, C1d; Est. XLIV, 1) e em numerosos fragmentos do espólio do Coto da Pena, apontam para uma função específica porventura, em alguns casos, de carácter cultual.

De notar, em particular, nesta fase, a reduzida expressão dos nossos achados relativamente aos recipientes pequenos em geral destinados a beber, tipo taças ou copos, estando apenas representadas

---

141 Dos nossos trabalhos de recuperação aí realizados, são frequentes exemplares de largo bordo horizontal, nomeadamente de *dolia* (G1a), sem decoração, que poderão ser em grande parte reportados a esta fase, sendo outros, como, vg., os da Est. XLVII, 5-6 da fase seguinte.

142 Centeno-Silva A.C.F. 1978, Est. IV, 1-6 e V, 1-2.

143 Martins M. 1988c; Bettencourt 2000b.

144 Martins M. 1989a.

145 Dinis A.P. 2001.

146 Almeida C.A.B. 1996, 4, 1997b e 1998.

147 Dinis A.P. 1993.

148 Soeiro 1985-86.

149 Almeida *et alii* 1981, Est. XXXIII, 2-7, XL, 1,4; XLI, 3, 6-8; XLII, 5.

150 Pericot-López Cuevillas 1931, Fig. 10; Hidalgo 1985b e 1988-89.

151 Nota 131.

152 Não ilustramos, por dificuldades de reconstituição, os exemplares de assadeiras de forma rectangular com pegas no prolongamento das paredes procedentes do castro de Romariz (ROM 81 I (07)), com diversos paralelos, também fragmentários, do castro de Baiza (Avintes/Vilar de Andorinho, Vila Nova de Gaia), que recolhemos nas escavações de 1985 e ainda do Morro da Sé do Porto (escavação de 1984/85, dir. M. Real).

algumas formas fragmentárias de taças de perfil troncocónico ou arqueado, de bordos em aba larga horizontal ou oblíqua, com ou sem asa (Quadro tipológico, A1f, A1g, A1h A2c, Gráfico 3; Est. XLVII, 7-12) do Coto da Pena e Romariz, podendo também pertencer a esta fase um pequeno vaso acampanado feito à mão da Cividade de Terroso (Quadro tipológico, B1, Gráfico 3; Est. XLI, 1).

Se na morfologia dos vasos desta fase se revela a pervivência do substrato indígena e algumas inovações de procedência meridional, é no campo decorativo que se registam índices mais elevados de influências continentais que andam associados à introdução da técnica da estampagem, ora conhecida na cerâmica, apesar de já utilizada na ourivesaria em trabalhos anteriores (Cfr. *Ourivesaria*).

O curioso grupo de motivos estampados do Castro da Senhora da Guia, Baiões[153], incluindo séries de SS (C, 490-491; Est. LXVII), círculos concêntricos (C, 532, 534, 559, 564; Est. LXVIII) e triângulos com besantes (C, 620, 623; Est. LXXIX), em composições simples ou combinadas (C, 624, 627; Est. LXXIX), pelo teor do suporte em que foram impressos, constando de cerâmica de acabamento esmerado e pastas diversas das dos conjuntos do Bronze Final e inclusivamente sugerindo fabrico à roda, e com paralelos muito próximos nos padrões estratigrafados do Castro de Romariz e Coto da Pena (Quadro decorativo, C, *passim*), datáveis genericamente dos séc. IV/III a.C., deverão reportar-se a esta fase e idêntico contexto cultural.

De resto, o seu aparecimento num sector afastado das áreas escavadas que forneceram materiais do final da Idade do Bronze (Est. XIV, B2), mais faz apontar estes dados como um novo contributo para a periodização interna desse importante povoado castrejo da fase I mas com outros vestígios de ocupação posterior ora manifestos, deste modo, durante a fase II[154].

Foi, efectivamente, nesta fase que a utilização da estampagem, quer usada isoladamente quer associada a decoração incisa, se distingiu expressivamente como técnica decorativa da cerâmica, tornando-se bem raros os vestígios de pontilhado tipo Baiões (Quadro decorativo B2. 376-377; Est. LXVI) e parecendo de todo abandonada a decoração grafitada.

São seus motivos mais típicos, como os referidos de Baiões, combinações diversas de SS (Quadro decorativo, Est. LXVII-LXVIII, LXXII-LXXIII), círculos concêntricos (Est. LXVIII-LXXI, LXXIII) e triângulos com e sem besantes (Est. LXIX-LXX, LXXIII), de tradição hallstáttica, com alguns paralelos em matrizes de cerâmicas estampadas[155] e objectos metálicos[156] do Alentejo atribuíveis aos *Celtici*[157] e cuja presença na Meseta[158] faz supor um tronco comum para estas derivações a partir da área celtibérica que terá ocorrido, segundo os dados das escavações de Romariz e do Coto da Pena, nos séc. IV/ III a.C., momento em que algumas influências meridionais, eventualmente por via da ourivesaria que não da cerâmica importada[159], poderão ter também marcado a organização de alguns motivos em cacho, segundo esquema característico patente nos apêndices triangulares das arrecadas e expressivo no conjunto decorativo Romariz (Quadro decorativo, C, 582-593, 595-596; Est. LXIX) e também representado na Facha (C, 594, Est. LXIX)[160] e no Coto da Pena (C, 610-611, Est. LXIX; D3, 831, Est. LXXIII).

---

153 Silva Ce T. 1979, Est. X.

154 Além destes elementos, foram encontrados em recolhas de superfície outros materiais, designadamente, um bordo de *dolium* tipo G1b-1b2, da nossa classificação, da fase III, e duas moedas de bronze do século IV, uma datada de 335-341 e outra de 353-357.

155 Do confronto dos nossos dados com os do conjunto publicado por Arnaud-Gamito 1974-77 torna-se evidente um elevado índice de diferenças entre estes núcleos em relação aos elementos paralelos que todavia não excluem pontos de convergência em especial por parte de motivos de SS (Fig. VI, 52-54, 56-57) círculos concêntricos (Fig. IX, 69-72) e uma ou outra afinidade nas matrizes de escudetes (Fig. II, 22; VIII, 68), ressaltando como característica genérica de divergência a predominância de motivos de gosto fitomórfico nas composições do Sul de Portugal em contraste com os elementos geométricos típicos da gramática decorativa da cultura castreja do Noroeste. Cfr. também Fabião 1998, 2, p. 79-107.

156 Cfr. em especial, a decoração das espadas da necrópole de Alcácer do Sal (Schüle 1969, Taf. 96:1 e 97:1).

157 Vg., Maia 1980 e 1985; Berrocal 1994; Fabião 1998.

158 Cfr. sobre o tema, Wattenberg 1963, Cap. II, em particular, p. 31-33, Fig. 9; Lorrio 1997.

159 Os produtos de procedência meridional por nós recolhidos não possuem qualquer decoração a não ser por vezes linhas e barras pintadas.

160 Almeida *et alii* 1981.

Esta nova técnica e motivos decorativos, cuja tradição terá derivado, segundo H. N. Savory[161] do final de Hallstatt do Sul da Baviera através de centros cerâmicos regionais até zonas periféricas, designadamente do Sul da Inglaterra[162], Armórica[163] e Noroeste da Península Ibérica, transmitida por grupos migratórios ou outras vias de intercâmbio, no âmbito dos movimentos célticos para Ocidente relacionáveis com a expansão dos topónimos em *-briga*, repetindo com probabilidade os mesmos itinerários das influências continentais assinaladas na fase I, constituem uma nova componente da decoração castreja que na cerâmica se afirma com reconhecida originalidade em especial na área meridional dessa cultura.

As composições da cerâmica incisa, de que se destacam séries significativas de faixas com repetições lineares de triângulos internamente preenchidos de linhas paralelas a um dos lados, ou por vezes a dois dos lados fazendo reticulado, em alinhamentos simples ou duplos, justapondo-se ou formando espaços losângicos (Est. LXII, A2, *passim*) assim como motivos lineares em espinha ou corda às vezes sobre relevo (Est. LXI-LXII, A2 e LXXIV, D4, *passim*), ao prolongarem-se sem interrupção relativamente ao período precedente, conforme documentamos desde os níveis mais antigos desta fase em Romariz, Terroso e Coto da Pena, são mais um índice do relacionamento anteriormente estabelecido, devendo ser consideradas mais do que manifestações posthallstátticas como elaborações que repetem ou derivam dos protótipos, podendo ocasionalmente ter acompanhado o processo das cerâmicas estampadas.

Resumindo-se fundamentalmente a estes esquemas o contributo de matriz continental adoptado pelas cerâmicas indígenas desta fase, a pouco se reduzem, neste contexto, as influências das cerâmicas de importação de procedência meridional que nesta mesma época aportam, por via atlântica, a esta região.

Fase III

A cerâmica da fase III é constituída na sua globalidade por conjuntos já conhecidos, a eles se podendo reportar quase exclusivamente a maior parte das referências sobre cerâmica castreja[164].

Característica dos povoados proto-urbanos desenvolvidos por ocasião da primeira presença reconhecidamente romana na região com a campanha de *Decimus Iunius Brutus*, a cerâmica da primeira parte desta fase (IIIA) representa a evolução das formas indígenas em função da generalização de processos técnicos a que anda anexa uma padronização morfológica e decorativa, sendo manifesta uma transformação a partir da época de Augusto com uma introdução progressiva ao longo da primeira metade do séc. I d.C. de formas de cerâmica comum e algumas imitações de outros produtos romanos.

Para a definição do volumoso espólio desta fase, que constitui sem dúvida o maior acervo de documentação museológica sobre a cultura castreja, foram realizados diversos cortes estatigráficos e escavações em área aberta em numerosas estações, podendo atribuir-se em bloco a esta fase todo o espólio das campanhas efectuadas na Citânia de Sanfins (SAN 79-82) e na Cividade de Âncora (ANC 78-84), com homogeneidade de ocupação, e o procedente dos estratos superiores da Citânia de Briteiros (BRI 77-78)[165], Castro de Sabroso (SAB 81)[166], Cividade de Terroso (TER 80-82)[167], Monte Murado (MMU 82) e Castro de Romariz (ROM 80-82, 90), entre os mais significativos e representativos da área deste estudo.

A composição das pastas da cerâmica da primeira parte deste período apresenta, na diversidade das suas produções, uma predilecção por desengordurantes micáceos, habitualmente presentes também nas superfícies dos vasos com engobes, sendo visível uma melhor qualidade da técnica de cozedura que, pela

---

161 Savory 1966.
162 Vg., Eldson 1975.
163 Giot *et alii* 1968-71.
164 Cfr. em especial, Almeida 1974a.
165 Centeno-Silva A.C.F. 1978; Silva M.A.D. 1997.
166 Soeiro *et alii* 1981.
167 Gomes J.M.F. 1996.

coloração, o mais das vezes de tons castanhos e rosados, terá sido realizada em atmosfera oxidante, sendo menos frequentes os exemplares com pastas cinzentas escuras, em ambiente redutor.

Da observação do seu conjunto, ressaltam, como resultados da generalização da roda em termos quase exclusivos, uma padronização morfológica e decorativa, em que é evidente uma forma geral preferencial de perfil em S e fundo raso, mostrando a sua tipologia uma série de formas adequadas às funções que o uso corrente, sobretudo de utilidade doméstica, lhes foi determinando, e uma simplificação decorativa muitas vezes aproveitando o movimento da própria roda para a execução de caneluras (Quadro decorativo A2, 8-17; Est. LXI) meandros (A2, 289-305, Est. LXV – LXVI e 862-866, 915-916, Est. LXXIV; D2, 793-802, Est. LXXII) e relevos (D1-D4, Est. LXXII-LXXIV).

Mas, se é, efectivamente, notória nesta fase a difusão por toda a área, da bacia do Minho ao Vouga, de um conjunto de serviços comuns, que incluem vasos de grande porte, sobretudo destinados a armazenagem (*dolia*) (Quadro tipológico G1b, Gráfico 3; Est. LIII-LIV), séries típicas de vasos de ir ao lume, em suspensão, com asas internas (D2b2), de tradição anterior, ou com asas sobreelevadas em orelha (D2c), além de outros potes e panelas para actividade culinária (C1-C3), são também identificáveis, com base nos nossos dados, outros conjuntos característicos circunscritos a áreas limitadas, com aparente distribuição regional de eventual significado étnico, que poderão ser exemplificados por algumas taças de beber (A1-A3) e vasos acampanados (B1-B2) mais frequentes entre os Brácaros e vasos de pé alto com decoração plástica (H) abundantes na bacia do Baixo Minho e «rias baixas» do litoral galego, dos Gróvios, onde na fase anterior foram referenciados outros motivos de ordem decorativa de expansão regional.

A constância dos padrões decorativos, em que predominam as técnicas de incisão e da estampagem adquiridas nas fases anteriores e uma predilecção por uma ornamentação geométrica de linhas rectilíneas incisas, sobretudo em composições triangulares e em espinha (Est. LXI-LXIV, *passim*) e curvilíneas, especialmente de meandros (Est. LXV-LXVI, LXXII, LXXIV), e estampagem de SS (Est. LXVI-LXVIII, LXX, LXXII-LXXIII) e círculos concêntricos (Est. LXVIII-LXXI), além de matrizes de pontilhado (Est. LXVI-LXVII, LXXI-LXXII)[168] colocadas na parte superior do bojo, formando colecções de manifesta homogeneidade, denuncia uma forte organização do sistema de produção no interior dos povoados também evidenciada pela utilização de matérias-primas locais.

E, se não possuímos ainda confirmação de um possível comércio regional de cerâmica castreja na fase anterior, enquanto não dispomos de análises ceramológicas mais esclarecedoras destes aspectos, bastará referir a presença das mesmas siglas e outras marcas de oleiros em estações diferentes[169] para atestar a existência de centros de produção e distribuição no âmbito de um comércio local e regional no mundo castrejo, de que a epigrafia nos transmite documentação onomástica conveniente, de que recolhemos exemplares sinaléticos e gráficos em grande parte procedentes de *dolia* da Citânia de Briteiros e de Citânia da Sanfins.

É natural que algumas marcas de oleiros de expressão sinalética (Est. LIX) se reportem a oficinas já da primeira parte desta fase (IIIA), tornando-se óbvio, atendendo aos parâmetros cronológicos da nossa romanização, que os monogramas e outras marcas latinas (Est. LX), algumas delas por notória influência da *sigillata* (Est. LX, 22-27), são da sua segunda parte (IIIB).

Sendo, de qualquer modo, reflexo da organização sócio-económica castreja, as formas sigladas (Est. LIX) parecem agrupar-se em famílias em que a adição de elementos sugere uma elaboração eventualmente relacionada com o parentesco ao modo de processos similares documentados etnograficamente[170],

---

168 Esta modalidade distingue-se claramente da técnica de pontilhado do Bronze Final e raramente presente na fase II por se tratar da aplicação de uma matriz em pente, cuja presença se destaca na Citânia de Sanfins na fase III.

169 Cfr. referências a *Camalus* (presente em Briteiros e Pico dos Regalados, numa amostra do MSMS (Est. LX, 21) que deverá referir-se à Citânia de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde), a *Pisirus* (Briteiros e Sanfins, Est. LX, 24-26) assim como a presença de outras siglas análogas em Sanfins (Est. LIX, 1) e Monte Padrão (Santarém 1955, Est. IX, 84).

170 Cfr., vg., a problemática das siglas poveiras in Graça 1982 e Almeida 1978a, p. 35-51.

sugerindo uma especialização artesanal de grupos familiares, de que se documentam em língua latina e em situações diversas os nomes de *Argius Camalus*[171], *Pisirus*[172] e *Caturo*[173], entre outros oleiros brácaros.

Ao registar-se com clareza, deste modo, a assimilação de inovações introduzidas pela romanização em particular desde a época de Augusto, torna-se patente no decurso do séc. I d.C. a introdução de formas de cerâmica comum a par de algumas imitações de outros produtos romanos[174], que progressivamente assinalam a integração das formas indígenas na cultura provincial romana. Começando a ser vulgar a substituição de *dolia* por ânforas reaproveitadas[175] e novos tipos de armazenamento, a utilização de bilhas (Est. LV, 7) e anforetas (Est. LV, 6) para transporte de líquidos e de pratos covos e púcaros (Est. XLVI, 13) para serviço na alimentação, evidencia-se sobretudo a regressão das formas indígenas típicas, assim como o abandono dos desengordurantes micáceos e uma melhor selecção de matéria-prima e progresso técnico na cozedura, com predomínio de pastas depuradas de coloração beje e alaranjada. Neste caso, é de destacar, do vasto conjunto dos produtos característicos deste período, uma referência especial para a cerâmica cinzenta fina polida[176] que nos apareceu muito vulgarizada nos níveis superiores do Castro de Romariz e Monte Murado, entre outras estações da área dos *Turduli Veteres*, onde poderia ter tido um dos seus centros principais de produção, com certeza na sequência das técnicas de fabrico das cerâmicas cinzentas de tradição anterior, registadas com certa abundância nos níveis mais antigos do Castro de Romariz, e seguindo novas formas de cerâmica comum de feição romana.

De resto, as transformações operadas no interior da actividade doméstica com a adopção de novas formas de cozinha e outros serviços que o mobiliário romano manifesta, são também notórias noutros aspectos da produção cerâmica da fase final deste período, designadamente no fabrico de *tegula* e *imbrex* para a cobertura das casas, ora incrementado pela existência de novos tipos de forno, de dupla câmara, com actividade documentada nesta fase IIIB[177], que terão concorrido com os processos de cozedura tradicionais, em soenga, que conheceram longa pervivência até à actualidade[178].

---

171 Sarmento 1933a, p. 482-487; Cardozo 1962c.
Foram identificados catorze registos deste oleiro (Est. LX, 1-14) com as duas componentes onomásticas em genitivo e com o mesmo tipo de nexos (ARGI CAMALI) com excepção para o n.º 10 da Est. LX, em que a desinência está separada do radical (CAMALI). As matrizes dos elementos onomásticos, de que foram utilizadas pelo menos quatro variedades, foram impressas, separadamente, a distâncias desiguais. É natural que o *sigillum* da Est. LX, 22, se reporte ao *praenomen* deste oleiro e o n.º 21 referenciado como sendo de Pico de Regalados segundo nota do MSMS (= castro de S. Julião, Vila Verde, cfr. nota 169) ao seu *nomen*.

172 As três marcas que se conhecem deste oleiro são provenientes uma da Citânia de Briteiros (Est. LX, 24; Cardozo 1962c, Fig. 5 e 1980, p. 52), e mais duas da Citânia de Sanfins (Est. LX, 25-26), a primeira delas estudada por Jalhay 1950a e a outra descoberta nas escavações de 1979. De referir a singularidade destas matrizes, que, além de divergirem nas dimensões, na de Briteiros as letras apresentam-se em depressão e nas de Sanfins em relevo, para mais se observando a inversão da legenda da matriz mais recentemente aparecida (Est. LX, 26). É natural que a marca da Est. LX, 16, feita a dedo na pança de um *dolium* seja deste mesmo oleiro, que, a ser assim, teria a sua oficina provavelmente em Briteiros.

173 Cfr. Est. LVI; 1 e respectiva bibliografia.

174 Almeida 1974a, p. 196, Est. XIX, 2-4.

175 Assim poderá com certeza interpretar-se a presença de numerosas ânforas, em geral Haltern 70, na Cividade de Âncora que seriam reutilizadas após o consumo do conteúdo importado, tanto mais que é notória a escassez de vasos destinados a armazenagem, tipo *dolia*.

176 Sobre este tipo de cerâmica, cfr. Alarcão 1974, Est. XII, 460-474 e XXIII, 471-482; Soeiro 1981-82. Dos nossos dados, integramos apenas uma peça da Cividade de Âncora (Est. XLVI, 2), a título de exemplo, que servirá para informar sobre a sua área de expansão na área setentrional do nosso estudo, onde também se regista no castro de Coto da Pena.

177 Silva A.C.F.-Lopes A.B.L.-Lobato M.J.F., O forno romano de Canelas de Vila Nova de Gaia, *Gaya*, 2, 1984, p. 59-72.

178 Processo documentado em audiovisual de apoio pedagógico à disciplina de Pré-história de Portugal do curso de História da Universidade Aberta sobre cerâmica da Idade do Bronze, da nossa autoria, 1993; Lopes 1993.
Entre as inúmeras observações de ordem tecnológica deste processo, evidencia-se a possibilidade de cozeduras diferenciadas, oxidantes ou redutoras, conforme se cria um ambiente de circulação de ar ou da sua obstrução, propiciadora da concentração de monóxido de carbono. Seja como for, as temperaturas que se alcançam nunca são muito elevadas, o que condiz com o resultado das análises do Coto da Pena, em que se regista a presença de minerais que não atingiram o seu ponto de fusão, verificando-se, num universo de 64 amostras, 62 com temperatura de cozedura entre os 550º e 900ºC, uma vez que, por um lado não foi detectada caulinite, mas, por outro lado, ainda existe ilite, e as restantes amostras com temperatura ainda inferior a 550ºC, onde ainda foi possível detectar caulinite (Seixas 1996, p. 224).

Com estas considerações prévias, entendemos poder classificar o conjunto da cerâmica desta fase, segundo os critérios anteriormente enunciados, em particular de ordem funcional, nos seguintes agrupamentos morfotipológicos:

Do primeiro tipo de recipientes desta fase ilustramos cerca de duas dezenas de exemplares de uma forma pequena, aberta e baixa (alt. e diam. médio do bordo 65 x 125 mm), geralmente de fundo raso e com perfil das paredes em S com o bordo bem lançado para o exterior, parecendo acertado considerar estas peças, que não mostram vestígios de fumigação, como taças para beber[179], função que se deveria manter quer quando possuíssem uma, duas ou nenhuma asa, razão porque entendemos reuni-las no mesmo tipo nas respectivas variantes (Quadro tipológico, A1c, Gráfico 3, Est. XXXIX, 1; A1d, XXXIX, 2; A1e, XXXIX, 3-11; A1i, Est. XLVI, 4; A1j, Est. XLVI, 5; A1l, Est. XLVI, 6; A1m, Est. XLVI, 7; A2a, A2b, Est. XL, 1-5; A3, Est. XL, 6-10.

O perfil carenado das paredes excepcionalmente registado em dois casos (Est. XXXIX, 1-2), ambos da Citânia de Briteiros, e no primeiro deles inclusivamente associado a um fundo umbilicado (Quadro tipológico, A1c, Gráfico 3) sugere a sua filiação a partir das taças tipo Baiões anteriormente analisadas e com que também se aparentam relativamente a outros aspectos designadamente nas dimensões e ausência decorativa.

Vasos de pasta micácea relativamente purificada e feitos à roda mostram, quando não ausência, pelo menos uma parcimónia decorativa que se reduz a simples linhas estriadas ou caneluras (uma, duas, três; Quadro decorativo, A2, 8-10, Est. LXI) regularmente traçadas aquando da modelagem quase sempre na linha de separação entre o colo e a pança às vezes associadas a motivos estampados de SS (Est. XXXIX, 10-11; Quadro dec., C, 453, Est. LXVII) ou outros (Est. XL, 8; Quadro dec., C, 633, Est. LXX), sendo a decoração da taça de Briteiros (Est. XL, 9; Quadro dec. C, 721, Est. LXXI), que combina motivos incisos de axadrezado e triângulos com círculos concêntricos estampados, um caso raro.

Pelos exemplares observados e com os dados das nossas escavações[180], pode efectivamente considerar-se uma forma característica da fase III, cuja presença registada na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim), Cividade de Bagunte (Vila do Conde)[181] Castro do Padrão (Santo Tirso)[182], Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) (Est. XXXIX, 6-11; XL, 1-4, 8, 10), S. Paio de Vizela (Est. XXXIX 5), Citânia de Briteiros (Guimarães) (Est. XXXIX, 1-4; XL, 6-7, 9)[183], Castro de Santo Ovídio (Fafe)[184] Castro Máximo[185] e Castro das Caldas (Braga)[186] e Castro de Santa Maria de Galegos (Barcelos) (Est. XL, 5), parece apontá-la como forma preferencial dos Brácaros, sugerindo o aspecto das pastas e das superfícies das paredes assim como os pormenores decorativos um fabrico local, cuja repetição de padrões parece identificá-los como produtos de determinados oleiros no interior de cada povoado, conforme parece deduzir-se do grupo de Sanfins com decoração de caneluras simples ou associadas a séries estampadas e do de Briteiros com preferência por ornamentações de linhas estriadas.

O tipo B agrupa uma série especial de vasos pequenos de pança rebaixada em geral de fundo raso e perfil em S, maioritariamente carenado, de bordo muito lançado para o exterior em campânula, com o diâmetro da boca de maiores dimensões que o diâmetro da pança (diâm. médio do bordo 95 x diâm. médio da pança 83 mm) (Quadro tipológico, B2, Gráfico 3, Est. XLI, 3-13) e sem decoração para além do espatulamento do engobe. Uma variante apresenta o bordo com menores dimensões que a pança (Quadro tipológico, B1, Gráfico 3; Est. XLI, 1-2).

---

179 Almeida 1974a, p. 193.

180 Cfr. leitura estratigráfica de SAN 79-81 (Est. XXV).

181 Almeida 1974a, p. 193, Est. XIII, 4.

182 Santarém 1955, Est. XIV.

183 Além das taças ilustradas neste estudo, referenciamos uma forma completa depositada no Museu de Arqueologia e Pré-história do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa do Porto, de uma recolha de Ricardo Severo em Briteiros no ano de 1888.

184 Martins M. 1981, Est. IX, 1 e 1985b.

185 Vários fragmentos no Museu do Instituto de Antropologia do Porto com os n.ºs de registo 37.02.53, 37.02.140, 37.02.228, 37.02.265 (sem asa) e 37.02.259 (com uma asa de fita).

186 Exemplares dos n.ºs 35.01.02 e 35.01.05 do mesmo Museu.

Sobre a discutida função destes recipientes, tem-se sugerido terem servido como vasos de toucador[187] ou para copos de beber[188], deduzindo da sua morfologia.

A análise de um conjunto de elementos circunstanciais parece, a nosso ver, ser favorável a uma utilização pelo menos em certos casos, no sentido da primeira interpretação, como pequenos depósitos de objectos preciosos referenciados em esconderijos ou em sepulturas.

Com efeito, em evidência arqueológica por nós testemunhada na Cividade de Terroso[189] e na Cividade de Âncora[190], alguns exemplares deste tempo foram encontrados em contextos funerários de cistas de incineração que, por terem sido objecto de violação nos tempos antigos, poderá supor-se terem contido objectos de interesse ou cobiça, particularidade com que poderá eventualmente estar relacionada a presença de elementos de identificação como os cinco grafitos registados, três cruciformes e dois nominais, em quatro destes vasos, tudo indicando, nestas condições, que os achados de jóias em recipientes deste género ocorridos na Citânia de Briteiros[191], Castro de Laundos[192] e provavelmente em Estela[193], se possam considerar, pelo menos no primeiro caso, de preferência a esconderijos, como ofertas funerárias.

Com morfologia derivada de protótipos metálicos reconhecidos, como as vasilhas de prata de Tivisa, Salvacañete, Arrabalde, Chão de Lamas, etc., considerados de tradição helenística[194], todos os exemplares que recenseámos foram feitos à roda e, pelos dados das nossas escavações, da fase III, tendo aparecido os vasos da Cividade de Âncora em estratigrafia datável da primeira metade do séc. I d.C., um deles associado a um fragmento de *sigillata* Goudineau 27, e o vaso da Cividade de Terroso numa cista forrada a tijolo em claro índice de cronologia tardia. Conforme oportunamente referimos, ao vaso acampanado de perfil não carenado e de fabrico manual (Est. XLI, 1) procedente das antigas escavações de Terroso poderá eventualmente convir uma atribuição à fase anterior.

Incluímos no tipo C um vasto conjunto de vasos a que se poderão atribuir diversas designações funcionais, designadamente de púcaros, panelas e potes, relacionadas com a actividade culinária, e que apresentam como característica morfológica comum possuirem um perfil em S e fundo raso típico desta fase, repartidos em três grupos em função da ausência (Quadro tipológico, C1) ou presença de uma (C2) ou duas asas (C3) e com variantes devidas a particularidades notórias, compreendendo o tipo C1e, de formas de perfil em S contínuo, o grupo mais numeroso e vulgarizado, o tipo C1g, as formas de bordo curto e colo estrangulado, frequentes desde os primórdios da romanização, e dois outros grupos, formas carenadas (C1h) ou angulosas (C1i) que nos aparecem mais raramente e com carácter local, nomeadamente, na Cividade de Âncora.

As variantes das formas com uma ou duas asas estão repartidas consoante elas se localizam no bojo, sendo em geral de perfil anelar (C2a, C3a), ou ligam o bordo à parte superior da pança, geralmente em fita e de secção subtriangular (C2b, C3b).

Nas formas com duas asas incluímos três púcaros da fase IIIB procedentes da Cividade de Âncora, um deles de cerâmica cinzenta fina polida (Est. XLVI, 1-3), com inúmeros paralelos na cerâmica comum romana[195], destinados a beber. Essa função poderia efectivamente cumprir o vaso encontrado numa das casas com bancos de pedra ao redor dos muros (ANC 81 VI, 3; Est. XXVI) onde, segundo as fontes clássicas, se realizavam festas familiares em que se servia vinho[196].

---

187 Almeida 1974a, onde se refere a sua presença em Terroso, Laundos, Briteiros e Castelo de Faria.

188 Pérez Outeiriño 1982, p. 183-184.

189 Silva A.C.F. 1980a, p. 311-312, Est. XLV, 12.

190 Est. XLI, 5, 7.

191 Cardozo 1938, Fig. 1, Est. XLV, 8.

192 Severo 1905-08e, Fig. 1= Est. XLI, 1 (Cividade de Terroso).

193 Fortes 1905-08g, p. 606.

194 Raddatz 1969, Est. 50, 71, 83; Pérez Outeiriño 1982, p. 183-184.

195 Alarcão 1974, *passim*, nas tabelas referentes às cerâmicas cinzenta fina polida e alaranjada fina.

196 Vide Cap. III, *A organização da sociedade*, p. 376; Estrabão, III, 3, 7.

Trata-se, afinal, de mais um conjunto de formas cerâmicas denunciador do processo de aculturação no final desta fase.

Entre as variedades dos vasos de suspensão, característicos desta fase e de âmbito geral, destacam-se os vasos de suspensão com asas interiores horizontais e os vasos com asas em orelha, ambos de tradição anterior.

A morfologia geral dos vasos de asas interiores horizontais (Quadro tipológico, D2b2), que documentamos com raros especímenes com forma completa, apresenta-se larga e aberta (diâm. mais frequente do bordo 400-550 mm) e em tronco de cone relativamente baixo, com paredes levemente arqueadas espessando para o bordo e fundo raso, tendo como elemento típico três ou quatro asas interiores[197], em arco, aplicadas na parte superior das paredes com os arranques no mesmo plano horizontal e com o arco em posição oblíqua ascendente, às vezes ultrapassando o bordo, por introdução dos extremos, após a modelagem do vaso, em perfurações adequadas posteriormente retocadas por aplicação de barro de ambos os lados ou então em fita colados também horizontalmente (Quadro tipológico, D2b2, Gráfico 3; Est. XLIX, 1-6).

Sendo esta a forma mais conhecida da implantação das asas, relembramos neste momento a variante inédita procedente do Castro do Coto da Pena com os arranques colocados em plano vertical (Quadro tipológico, D2b1, Gráfico 3; Est. XLIX, 7) datável do séc. III a.C. (Fase IIA).

Não se tornando possível uma tipologia mais elaborada de formas completas, devido ao estado fragmentário em que habitualmente aparecem ou foram referenciadas[198], havemos por bem estabelecer uma classificação complementar que atende à morfologia dos elementos mais correntes e caracterizadores, como o são os bordos e as asas, representados segundo as dimensões medias, dos vasos de supensão com asas interiores em posição horizontal (D2b2), com o seguinte ordenamento (Est. L) e respectivo quadro de frequências da Cividade de Âncora (ANC 78-82), Cividade de Terroso (TER 80-82), Citânia de Sanfins (SAN 79-81 e SAN 44-78) e Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (MMU 82-83), numa amostra representativa da sua variedade e dispersão:

D2b2 – bordo	ANC 78-82	TER 80-82	SAN 79-81	SAN 44-78	MMU 82-83
Lábio horizontal					
plano, sem rebordo	4	37	2	44	5
plano, com rebordo interno		19	2	27	6
plano com rebordo externo	9	135	4	22	2
plano, com rebordo interno e externo	2	25	4	32	
Lábio oblíquo para o exterior					
plano, sem rebordo		2	3	24	3
plano, com rebordo interno	1	1	3		
plano, com rebordo externo		7	5	20	2
plano, com rebordo interno e externo		7	6	11	
Lábio oblíquo para o interior					
plano, sem rebordo		12		1	2
plano, com rebordo interno					
plano, com rebordo externo		3		2	
plano, com rebordo interno e externo					
Lábio oblíquo para o exterior e interior					
plano, sem rebordo					
plano, com rebordo interno					
plano, com rebordo externo		4			
plano, com rebordo interno e externo					

197 Dinis A.P. 2001, p. 113, Fig. 64, forma 4; Queiroga 1992 (= 2003), Fig. 48.

198 Além das formas por nós documentadas, conhece-se outra forma completa, com 57cm de diâmetro de bordo e 11cm de altura, aparecida sobre uma lareira no Monte Mozinho (Almeida 1977, Fig. 12).

D2b2 – bordo	ANC 78-82	TER 80-82	SAN 79-81	SAN 44-78	MMU 82-83
Lábio boleado					
em posição horizontal	7	86	2	4	8
oblíquo para o exterior		11		2	
oblíquo para o interior	2	12		1	
Lábio com canelura					
em posição horizontal	1	14	3	7	
oblíquo para o exterior	1	1	4	7	
oblíquo para o interior	1				

Estas formas podem apresentar modalidades sobretudo determinadas pela secção das asas que se agrupam, de acordo com as frequências observadas, em três séries:

D2b2 - asas	ANC 78-82	TER 80-82	SAN 44-81
secção circular	8	98	29
secção em D	4	109	281
asa de fita	7	10	10

Esta classificação, que na prática atende apenas a aspectos morfotipológicos por falta de formas completas e outros dados expressivos de valor cronológico, visa sobretudo identificar particularidades de produção e de gostos.

Fica, todavia, a referência de que a forma mais antiga que registámos e que é do Bronze Final (Fase IA) tem o bordo de lábio boleado e asas em toro de secção circular (Est. XLIX, 1), a segunda, de lábio plano e horizontal e asas em toro de secção em D com aplanamento na parte superior (Est. XLIX, 3), da fase IIA, assim como a forma já citada de lábio plano e oblíquo para o exterior e asas em toro colocadas no plano vertical (Est. XLIX, 7), sendo as de asas de fita coladas às paredes do vaso e não introduzidas (Est. XLIX, 5-6) a forma mais tardia datável, pelos dados estratigráficos do exemplar do Coto da Pena, do séc. I d.C. (fase IIIB).

Vaso vulgarizado na fase III, altura em que se regista com frequência na generalidade das estações[199] habitualmente feito à roda, trata-se efectivamente de uma forma típica supra-regional que se destinava a ir ao lume em suspensão segundo função bem confirmada pela sua morfologia e pela presença sistemática de aderências de negro de fumo nas paredes externas em conformidade com práticas documentadas a partir da análise de estruturas de lareiras[200].

Não motivando, por isso, a sua função especiais acabamentos, são peças em geral fabricadas em pastas grosseiras com areia e mica e sem decoração, notando-se frequentemente alguns vestígios de alisamento no interior e por vezes também na superfície externa, sendo raros os exemplares que mostram decoração, toda ela própria de um trabalho ao torno e típica da fase III, designadamente de meandros e caneluras (Quadro decorativo, A2, 289, 297; Est. LXV) na parte superior do bordo ou na parte interna do vaso e excepcionalmente no exterior.

O tipo D2c representa uma modalidade peculiar de suspensão documentada num numeroso conjunto de panelas de ir ao lume de pança ovóide, bordo em fita de menor diâmetro que a pança mais ou menos aprumado ou inclinado para o exterior alongado em duas orelhas diametralmente opostas e perfuradas para

---

199 A sua frequência generalizada patente no quadro tipológico já foi observada por Cardozo 1980, p. 49-50, onde refere a sua presença nos castros de Ázere, Belinho, Guifões, Laundos, Terroso, S. Torcato de Guimarães, Pico de Regalados (= citânia de S. Julião, Vila Verde), Chãs de Tavares (Mangualde).

200 Cfr., vg., Mergelina 1943-44.

suspensão sobre lareira, em função bem atestada pela fumigação da superfície externa e por rasgos na parte superior das perfurações[201].

Sem particularidades especiais por se tratar de cerâmica vulgar de cozinha, raramente mostram decoração, nesse caso, de caneluras simples na parte superior da pança (Est. LI, 2-3; Quadro decorativo, A2, 8, 9, Est. LXI) ou de molduras de reforço nas orelhas (Est. LI, 4-5).

Para além das analogias de pastas por estação, todavia sempre grosseiras com areia e mica e em geral de superfícies alisadas às vezes com engobe, alguns pormenores morfológicos indicam também o seu fabrico local com grupos de exemplares porventura provenientes da mesma oficina como, vg., uma predilecção por formas mais reduzidas e de orelha curta bem espessada na zona média verificada frequentemente na Citânia de Sanfins (Est. LI, 2-4).

Devendo tratar-se de uma forma evolucionada regionalmente desde o Bronze Final, ora documentada no Castro do Muro em Baltar, Paredes, a partir de recipientes de pança ovóide e bordo de fita aprumada, da fase II (Est. XLV, 3-5)[202], a sua presença generalizada nas nossas estações castrejas na fase III[203], complementariza, em associação aos tachos de asas interiores, a informação já diversificada sobre os hábitos culinários castrejos.

No tipo E estão agrupadas as formas largas, abertas e baixas que incluem exemplares diversos funcionalmente relacionados com a actividade culinária. Presentes no Castro da Senhora da Guia algumas formas de prato de bordos esvasados característicos da cerâmica manual cuidada do Bronze Final[204], com paralelos em diversas estações do mesmo horizonte (Quadro tipológico, E1a, Gráfico 3), as formas análogas que documentamos a partir da fase II (Est. XLVII, 1) apresentam em geral um perfil subtroncocónico de paredes alteadas, sem gola, e encurvadas para o interior mais simplificado na fase III (Est. XLVII, 2)[205], em que assumem a forma de prato covo que veremos padronizada na cerâmica comum romana[206](204) (Quadro tipológico, E1b, Gráfico 3).

À forma similar, mas com pega(s), da Cividade de Âncora (Est. XLVIII, 1) convirá melhor a designação de assadeira (Quadro tipológico, E2a2, Gráfico 3), espécie de que conhecemos uma variante do Castro de Romariz, representada por dois exemplares, da fase IIA[207], e de forma rectangular de paredes baixas inclinadas para o exterior com asas sobreelevadas na continuação das paredes e com muita fumigação externa da utilização (Quadro tipológico, E2b).

Morfologicamente aparentadas com as peças anteriores, mas de paredes mais altas e arqueadas para o interior e com o lábio bifurcado com rebordo para adequação de testo e com ou sem asas, documentam-se também terrinas procedentes da Cividade de Âncora (Est. XLVII, 3) (Quadro tipológico, E3a, Gráfico 3) e da Citânia de Briteiros (Est. XLVIII, 2, 4-5) feitas à roda e da fase III, uma delas com o fundo interno decorado[208] (Quadro tipológico, E3b, Gráfico 3).

---

201 Um destes vasos da Cividade de Âncora, procedente de ANC 78 III (03), continha ainda no seu interior grande quantidade de conchas de mariscos.

202 Não cremos como protótipos destes vasos castrejos as formas meridionais de idêntica solução no processo de suspensão mas de morfologia marcadamente divergente, por serem largas e abertas, como as registadas vg., na fase III ou orientalizante de Mesa de Setefilla (Aubet Semmler *et alii* 1983, Fig. 33:163 e 37:196), mais aproximadas dos nossos vasos de asas interiores. Apesar de nos inclinarmos para uma evolução regional desta forma no âmbito da cultura castreja no Noroeste, nesta fase, a partir de formas provavelmente meridionais, como as cerâmicas púnicas, não podemos deixar de referir um paralelo de Numância datado de 330-133 a.C. (Wattenberg 1963, Lám. V, 1).

203 Sobre a sua frequência, bem menor que a dos vasos de asas interiores, contabilizamos sete exemplares no castro do Coto da Pena (VIL 80-83), 18 na Cividade de Âncora (ANC 78-82), 27 na Cividade de Terroso (TER 80-82) e 19 na Citânia de Sanfins (SAN 79-81).

204 Nota 110.

205 Desta forma conhecemos um prato de bordo recurvado para o interior do Castro Máximo, depositado no Museu do Instituto de Antropologia do Porto, provavelmente da fase II, e ainda outra forma completa procedente das antigas escavações do Castro de Romariz, de paredes recurvadas e bordo de lábio plano e horizontal, existente numa colecção particular.

206 *In genere*, Alarcão 1974, *passim*.

207 ROM 81 II (07).

208 Com um paralelo na Cividade de Terroso (Almeida 1974a, p. 195, forma 17).

Neste grupo inclui-se ainda, além das caçoilas, da Cividade de Terroso, de paredes arqueadas e largo bordo horizontal, feitas à roda e da fase III (Quadro tipológico, E4a, Gráfico 3), um outro grupo de vasos de grande porte de perfil troncocónico e asas exteriores com os arranques no mesmo plano horizontal introduzidos nas paredes ou a elas simplesmente coladas, também de ir ao lume, de que conhecemos além da forma completa da Cividade de Âncora (Est. XLVIII, 3), da fase III, exemplares igualmente feitos à roda desta e doutras estações[209]. Considerando a pronunciada analogia destes vasos com os de asas interiores, é de observar, a propósito, a eventual possibilidade de confundir fragmentos destes tipos quando não incluem as respectivas asas.

Dos recipientes com perfurações funcionais relacionadas com a preparação de alimentos estão representadas na cerâmica castreja formas de queijeiras e coadores de utilização geográfica e cronologicamente generalizadas nas mais diversas culturas arqueológicas.

Reconhecemos as queijeiras nas formas com numerosos orifícios de menor diâmetro e dispersos pelas paredes do vaso que permitem a saída do soro e a retenção da massa (Quadro tipológico, F1, Gráfico 3; Est. LVII, 1) e os coadores com número mais reduzido de perfurações no fundo dos recipientes e em geral mais largas para separar facilmente sólidos de líquidos (Quadro tipológico, F2, Gráfico 3).

Das formas apresentadas, de tecnologia castreja, o coador da Citânia de Briteiros (Est. LVII, 2), que é feito à roda, mostra um perfil aparentado a taças da fase III[210].

A cerâmica doliar (do latim *dolium*, com o significado de talha)[211], destinada a armazenamento de sólidos e líquidos, constitui um dos materiais mais numerosos do espólio arqueológico castrejo, sendo formado por recipientes de grande porte, e naturalmente de paredes espessas, sem asas, de pança ovóide, fundo plano e bordo em aba plana horizontal ou oblíqua (Quadro tipológico, G1a, Gráfico 3) ou esvasado em fita oblíqua (Quadro tipológico, G1b, Gráfico 3) às vezes com ressalto interno na divisória bordo/colo para receber um testo.

Apesar do estado fragmentário dos achados, é-nos dado perceber uma certa evolução morfológica com sentido diacrónico designadamente em relação ao perfil do bordo, em que se regista a substituição das formas de largo bordo horizontal ou com ligeiro aplanamento da superfície interna, características da fase II, por outras com bordo esvasado.

A observação de numerosos fragmentos não nos mostrou indícios de manufactura segundo a técnica de sobreposição de rolos, vulgar em vasos de grande porte[212], sendo visível um fabrico generalizado à roda com vestígios de dedadas, de acabamento à mão, em posição vertical nas paredes internas.

Tratando-se muitas vezes de formas lisas, documenta-se em algumas estações, além de uma certa estandardização da forma, uma decoração, quase esteriotipada, sobretudo de meandros e caneluras (Quadro dec., A2, 289-365; Est. LXV-LXVI) frequentemente associados a toros de reforço (D3, 861-866; D4, 915, 917; Est. LXXIV) na parte superior da pança, a sugerir uma organização da sua produção em torno de oficinas mais ou menos especializadas denunciadas na segunda parte desta fase (IIIB) pela utilização de marcas de oleiro sinaléticas (Est. LII, 2; LIX) ou gráficas (Est. LX) quase sempre gravadas ou impressas no interior do bordo, que exemplificamos com amostras de Sanfins e Briteiros.

---

209 Vg., Castro de Alvarelhos (Santo Tirso) em depósito no Museu de Antropologia do Porto (n.º de registo 26.01.23); Castro de Roriz (Barcelos); Castro de S. Julião (Vila Verde), expostos no Museu Pio XII (Braga). Exemplares semelhantes procedentes do Castro de Vigo foram interpretados como testos (Hidalgo 1983, p.23-24, Fig. V, 4-6, Lám X, 2).

210 Cfr. Est. XLVI, 5, do Castro de Laundos, de que se conhece uma forma completa com perfil similar ao do Castro de Peso de Geraz do Lima (Soeiro 1981, Fig. 7).

211 Mota 1998.

212 Dias 1965, Fig. 11-12; Balfet *et alii* 1983, p. 56-58.

ANC G1b – bordos x	TER 78-82 y	x	SAN 80-82 y	x	SAN 79-81 y	x	MMU 44-78 y	x	82-83 y
I – Superfície interna do bordo plana									
A – lábio horizontal									
1 - sem rebordo									
2 - com rebordo interno		2	3	7	2	4	99		
3 - com rebordo externo		9		13	1	25			
4 - com rebordo interno e externo				4	6	3	7		
B – lábio oblíquo para o exterior									
1 - sem rebordo		2	8	2	4		15		
2 - com rebordo interno		2			1				1
3 - com rebordo externo						1			
4 - com rebordo interno e externo									
C – lábio boleado									
1 - sem rebordo		1	64	133	11	23	1	23	2
2 - com rebordo interno		15	13	1		10	4	1	1
3 - com rebordo externo		1							
4 - com rebordo interno e externo		6			4	10			
II – Superfície interna do bordo côncava									
A – lábio horizontal									
1 - sem rebordo		2	6	1		10	18		
2 - com rebordo interno	1		15		1	12	23	1	
3 - com rebordo externo					3	6			
4 - com rebordo interno e externo						4	2		
B – lábio oblíquo para o exterior									
1- sem rebordo		4			6				
2 - com rebordo interno		1		1		11	3		
3 - com rebordo externo						2			
4 - com rebordo interno e externo									
C – lábio boleado									
1- sem rebordo						7			
2 - com rebordo interno				1		3	3		1
3 - com rebordo externo					1				
4 - com rebordo interno e externo									
III- Superfície interna do bordo convexa									
A – lábio horizontal									
1 - sem rebordo									
2 - com rebordo interno									
3 - com rebordo externo									
4 - com rebordo interno e externo									
B – lábio oblíquo para o exterior									
1- sem rebordo									
2 - com rebordo interno									
3 - com rebordo externo									
4 - com rebordo interno e externo									
C – lábio boleado									
1- sem rebordo		3	4						
2 - com rebordo interno		1	3		1	1			
3 - com rebordo externo			1						
4 - com rebordo interno e externo									

x- com ressalto interno

Y- sem ressalto interno

Conhecendo apenas três formas completas procedentes do Muro da Pastoria (Chaves)[213], do Monte Mozinho[214] e da Citânia de Sanfins (Est. LII, 3), os abundantes fragmentos de bordos e fundos desta e doutras estações serviram-nos de base para a elaboração de uma tipologia fragmentária (Est. LIII-LIV), que manifesta uma grande diversidade de perfis no interior de um tipo padronizado e de proporções similares disperso por toda a área[215], cujas variantes foram ordenadas, para classificação, segundo a sua morfologia apresenta os bordos em aba plana (G1a) horizontal (I) ou oblíqua (II) ou bordos esvasados em fita oblíqua (G1b) com a superfície interna plana (I), côncava (II) ou convexa (III) com variantes nos bordos consoante se apresentem os lábios planos horizontais (A) ou oblíquos para o exterior (B) ou então boleados (C). Foram ainda consideradas, para cada variante, a ausência (1) ou presença de rebordo interno (2), externo (3) ou simultanemente interno e externo (4) assim como a existência de ressalto (x-presença; y-ausência) na divisória bordo/colo, eventualmente para receber testo, com a seguinte frequência, relativa aos *dolia* de bordos esvasados em fita oblíqua (G1b) característicos deste período.

Os fundos destes grandes recipientes, que são habitualmente planos, foram também ordenados em três grupos morfológicos (Est. LIV), o primeiro com as formas mais simples (I), o segundo com alargamentos (II) e o último com bandas de reforço (III) na zona de apoio.

Além dos *dolia*, eram utilizados para depósito e transporte de líquidos, designadamente de água, outros vasos de menor dimensão de colo alto e que teriam asa, conforme se regista num dos exemplares ilustrados, ambos da Cividade de Terroso (Quadro tipológico, G2, Gráfico 3; Est. LV, 3-4).

A amplitude da superfície decorada e a ausência de fumigação destes recipientes, a que convirá a designação de cântaros, exclui uma função de cozinha.

Registamos mais duas outras formas, também incompletas, adequadas à mesma finalidade das anteriores e que pela sua morfologia acusam natural influência dos produtos romanos, uma com a forma de anforeta (Est. LV, 6) (Quadro tipológico, G3, Gráfico 3) e outra de bilha (Est. LV, 7) (Quadro tipológico, G4, Gráfico 3) procedentes de níveis estratigráficos da Cividade de Âncora datáveis da 1ª metade do séc. I d.C. (fase IIIB).

Noutro grupo (Quadro tipológico, H, Gráfico 3) estão incluídos grandes vasos, tipo *dolium*, que se distinguem da restante cerâmica castreja pela singularidade e original exuberância da sua decoração. A presença de um dado epigráfico no exemplar de Briteiros indica-lhe uma função votiva (Est. LVI, 1).

Com decoração em relevo, de toros e mamilos e outros motivos plásticos de eventual carácter simbólico, este vaso, com paralelos documentados por outros fragmentos da mesma estação[216] e da Citânia de Sanfins[217] declara inequivocamente a existência de recipientes votivos, segundo função a que se poderão reportar, pela analogia decorativa, um *dolium* da Cividade de Âncora (Est. LVI, 2) com paralelos similares no Citânia de S. Julião[218] e Monte Padrão[219], a indicar uma utilização, que não seria rara, de vasos deste teor.

Outro grupo de vasos (Quadro tipológico, 1, Gráfico 3) é constituído por uma série de formas fechadas com orifícios e asas de suspensão e com particular expressão decorativa que se singulariza também, por outros elementos, de ordem técnica, morfológica e funcional, no interior de uma produção aparentemente regional.

Os exemplares registados, procedentes da Cividade de Âncora (Est. LVI, 3-4) e Castro do Coto da Pena (Est. LVI, 5) mostram uma decoração estampada em superfície em que se repetem combinações do mesmo motivo nas variantes conhecidas, além dessas estações, na Senhora do Crasto (Vilar de Mouros, Caminha)[220],

---

213 Soeiro 1985-86a, Fig. 10.

214 Soeiro 1998a, p. 18.

215 Cfr. Quadro tipológico (Gráfico 3), onde é visivel a sua dispersão por toda a área do nosso estudo.

216 Expostos no Museu da Sociedade Martins Sarmento encontram-se outros fragmentos com decoração plástica e vestígios de elementos gráficos em relevo eventualmente de vasos do mesmo teor.

217 Silva A.C.F.-Centeno 1980, Est. IX, 1 A-C.

218 Expostos no Museu Pio XII (Braga); Martins M. 1988b.

219 Santarém 1955, Est. VIII, 82-83.

220 Lopes 2003.

na Citânia de Santa Luzia[221], Cividade de Terroso, Padrão[222], Citânia de Santa Tecla[223] e outras estações do litoral galego[224], área onde é predominante a sua presença.

Da morfologia que conhecemos destes vasos, apresentamos formas fragmentárias de bordos de duas variantes que teriam ambas pança ovóide e pé alto em fita, por vezes decorada, uma com asas, duas ou quatro (Est. LVI, 3) e orifícios de suspensão nos bordos, e com largo rebordo interno para colocação de testo e a outra sem rebordo interno e sem asas e apenas com furos de suspensão (Est. LVI, 5).

À evidência das semelhanças morfológicas acresce uma identidade de técnica de fabrico em pastas cinzentas mal cozidas, denunciando em conjunto o mesmo núcleo de produção localizável, de acordo com a área de dispersão dos achados, em torno da foz do Minho e litoral galego assim como a mesma finalidade, todavia difícil de definir, sabendo-se no entanto que se tratava de vasilhas de suspensão mas que não eram destinadas a ir ao lume. Pelos dados das formas estratigrafadas, que são feitas à roda, é recomendável atribuí-las à fase III datáveis a partir dos meados do séc. II a.C.

Um conjunto de três pequenos vasos de corpo cilíndrico, dois deles com bico e vestígios de asa (Est. LVII, 3-4) e outra de forma mais fechada (Est. LVII, 5) (Quadro tipológico, L, Gráfico 3)[225], que têm sido referidos como cadinhos[226], a terem qualquer relacionamento com a actividade metalúrgica, seria a de depósitos de misturas de limalha utilizadas na soldagem ou decoração de objectos preciosos, reservando as informações referentes a cadinhos (Quadro tipológico, M, Gráfico 3) aquando do tratamento específico da metalurgia.

Os exemplares de lamparinas castrejas apresentados, com depósito aberto e bico tubular (Quadro tipológico, N, Gráfico 3), procedentes da Citânia de Sanfins (Est. LVII, 7) e da Cividade de Âncora (Est. LVII, 6), a eles se reportando mais um fragmento de bico da Citânia de Briteiros[227] são da fase III, podendo considerar-se derivados de formas reconhecidas no Bronze Final[228].

A morfologia de muitas peças de cerâmica castreja implicava, de acordo com as descrições feitas, a existência de testos escassamente referenciados na bibliografia.

Na Est. LVIII ilustramos uma série que consideramos representativa das principais variedades reconhecidas, que poderão repartir-se por dois grupos fundamentais, sendo o primeiro de perfil em calote (Quadro tipológico, 01, Gráfico 3) e o segundo em disco (02) com quatro variantes em disco umbilicado (02a), em disco plano e com pega em botão (02b), em disco côncavo (02c) e em disco com cavidade no interior da pega ou com botão internamente côncavo (02d).

Os testos de perfil em calote (Est. LVIII, 1-9) mostram geralmente alguns orifícios para saída do vapor, denotando, por isso, uma utilização em cozinha. O aparecimento de vestígios de asas em dois deles (Est. LVIII, 1-2) permitiu eliminar interpretações anteriores sobre a sua função como coadores[229] que, de resto, se desajustava com a decoração que muitos deles ostentam (Est. LVIII, 3-9).

Os testos em disco plano com pega em botão central são feitos à roda e mais simplificados com variações no perfil do botão. Um deles, da Citânia de Sanfins, tem uma decoração de meandros entre caneluras típica da fase III (Est. LVIII, 13).

---

221 Museu Municipal de Viana do Castelo.

222 Santarém 1955, Est. VII, 61.

223 Museu Arqueológico de Santa Tecla.

224 Santa Tecla, Vigo, Cíes, La Lanzada, Baroña, Papucín, Corredoiras, Neixón, Nadelas, Achadizo, Borneiro (Rey Castiñeira 1991); Lopes 2003.

225 Referenciamos uma forma mais aparentada de copo cilindrico de maiores dimensões e de cerâmica micácea de uma panela do Castro Máximo depositada no Instituto de Antropologia do Porto (n.º de registo 37.02.222).

226 Almeida 1974a, p. 195, forma 18.

227 Idem, Est. X, 10-11.

228 Cfr., vg., Marques 1972, p. 232-234, Est. II, T8-T9 da necrópole de Tanchoal.

229 Almeida 1974a, p. 194, formas 8-9, Est. XVI, 1-2. Citamos um paralelo com estrutura similar do castro de Las Cogotas (Cabré Aguiló 1930, Lám. XXII); Silva A.C.F. 1986b, 167 (Cer. 167) e 168 (Cer. 168), Est. LXII, 15-16.

Outros testos, discóides e côncavos no interior, também feitos à roda e de pastas de cor beje ou alaranjada, podem datar-se da primeira metade do séc. I d.C. (fase IIIb), contando com muitos paralelos conhecidos no âmbito da romanização[230].

Cerâmicas de importação mediterrânica

A identificação de diversos conjuntos de cerâmicas de importação mediterrânica, de produção e/ou tradição púnica, grega, pré-campaniense e campaniense A, B e C, em níveis estratigrafados das nossas escavações, percorrendo diversos momentos das fases II e IIIA da periodização que propomos, poderá realmente considerar-se como um dos resultados de maior interesse das campanhas efectuadas, entrando neste estudo sobretudo em função do seu valor cronológico. Não tendo sido por nós referenciados quaisquer exemplares de cerâmica de verniz vermelho, superfícies pintadas e cinzentas finas do teor dos conjuntos de Santa Olaia e Tavarede[231], Conimbriga[232] e Castelo de Alcácer do Sal[233], entre os sítios mais representativos, na órbita da influência fenícia e tartéssica do Sul da Peninsula[234], correspondente à nossa fase IB, podendo alguns exemplares destas conhecidas estações aproximar-se nas cronologias que apresentamos.

De entre os dados adquiridos, sobressaem dois conjuntos típicos de cerâmica de tradição púnica, um do Castro de Romariz, Santa Maria da Feira (Est. LXXV, 1-6; LXXVI, 1-8), apoiado numa série estratigráfica datável a partir de meados do 1.º milénio aos finais do séc. III a.C., e outro do Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha, (Est. LXXV, 79; LXXVI, 9-107, 12-15), centrado nos séc. IV-III a.C., permitindo deduzir, pelos paralelos, a sua proveniência como resultante de um comércio púnico de cabotagem com que se relacionam mais alguns elementos registados nas estações litorais do Norte de Portugal, de que referimos em particular os achados do Castelo de Gaia (Vila Nova de Gaia), Morro da Sé do Porto[235], da Citânia de Sanfins[236], Suvidade de Recesinhos (Penafiel), Castro de S. Domingos (Lousada), Cividade do Terroso (Póvoa de Varzim), Castro de Santo Estêvão da Facha (Ponte de Lima), e seus congéneres galegos[237].

Apesar do carácter fragmentário que estes materiais apresentam, dada a fragilidade das suas pastas e as condições de jazida, foram reconhecidos diversos bordos e fundos de ânforas e outros recipientes de grande porte de produção e/ou tradição púnica nos castros de Romariz e Coto da Pena que apresentam todos um fabrico à roda, com pastas de cor atijolada ou alaranjada, em geral porosas e friáveis e relativamente depuradas, e superfícies alisadas com espesso engobe ou pintura de tons azulados escuros, mais frequentes em Romariz, ou bejes, no Coto da Pena. Deles ilustramos alguns exemplares, de que observámos paralelos nas estações do Baixo Mondego, sobretudo em Tavarede para os recipientes da Est. LXXV, 3,6, 8 e LXXVI, 13 e Santa Olaia para o bordo da Est. LXXV, 3[238].

---

230 Vg., Alarcão 1974, Est. XVI, p. 343-349.

231 Rocha 1905-08; Pereira I. 1997; Arruda 2000.

232 Alarcão 1974, p. 55-68; Alarcão A.M. 1976, p. 3-13; Correia V.H. 1993.

233 Soares J.-Silva 1980; Arruda 2000.

234 Cfr., entre as estações portuguesas mais recentemente estudadas, produtos deste género atribuídos a esta cronologia in: Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima (Almeida *et alii* 1981, p. 76-78, Fig. XXXVIII, 1-3, Est. VI, 12-13, 15, 20), com apelo a paralelos de Santa Olaia e La Lanzada (Pontevedra); Alcáçova de Santarém (Arruda-Catarino 1982); Moinho da Atalaia (Pinto-Parreira 1978); Necrópole de Galeado (Beirão-Gomes 1993); Arruda 2000.

235 Escavações de 1985 (Silva A.C.F. 1986b) e posteriores (Guimarães G. 1993; Carvalho T.-Fortuna 2000).
Escavações realizadas nas imediações da Sé Catedral, na Rua D. Hugo, n.º 5 (primeira notícia in Real 1984, p. 77, *in specie*); Real-Osório 1993; Silva A.C.F. 1994.

236 Silva A.C.F. 1999b.

237 Silva A.C.F.-Pinto 2001; Naveiro 1991.

238 Agradecemos à Dr.ª Isabel Sousa Pereira as facilidades que nos concedeu, enquanto Directora do Museu Municipal Santos Rocha, da Figueira da Foz, para o confronto destes materiais, pondo à nossa disposição não só as peças arqueológicas como os ficheiros e desenhos.

Segundo os dados estratigráficos, as peças de Romariz são datáveis, conforme referimos, entre os séc. V-III a.C. e os do Coto da Pena do séc. IV-III a.C., também de acordo com as cronologias apontadas para estes produtos noutras estações do Sul da Península, vg., em El Cerro del Real, Galera (Granada)[239], Cerro Macareno[240] e La Mesa de Setefilla[241], (Sevilha) e Ibiza[242], entre outras.

Identificaram-se também algumas formas de menor porte, de fabrico congénere, de pastas atijoladas ou alaranjadas com engobes de cor beje, no Coto da Pena (Est. LXXVI, 9, 10, 14, 15) em níveis do séc. IV-III a.C., contando a taça da Est. LXXVI, 10, muito vulgar entre os materiais púnicos[243], também com numerosos paralelos de Tavarede[244] Santa Olaia[245] e Chões[246]. O bordo de Terroso (Est. LXXVI, 11), do mesmo fabrico, com perfil muito comum em algumas jarras, entre outras formas de cerâmica púnica[247], está também representado em Santa Olaia[248].

Foram ainda recolhidos no Castro do Coto da Pena alguns fragmentos de cerâmica de pastas de idêntico teor mas de superficies pintadas com barras horizontais e paralelas de cor castanho violácea e castanho alaranjada, como o da Est. LXXV, 9 procedente de um estrato da 2.ª metade do séc. IV a.C.

Um outro grupo é constituído por formas diversas de pequenos vasos de cerâmica fina cinzenta recolhidos em níveis datáveis de cerca de 500 a 200 a.C. do Castro de Romariz (Est. LXXVI, 1-5), neles se incluindo um exemplar de prato covo (Est. LXXVI, 1) com bastantes paralelos em Conimbriga[249] e sobretudo em Tavarede[250], com que, de resto, se relacionam também os fragmentos da Est. LXXVI, 6-8, de formas afins em pasta beje, sendo muito vulgar, neste contexto, a presença de exemplares de fundo côncavo como o do último exemplar desta série, que evidencia, globalmente, valiosos índices de influência púnica na área litoral castreja no âmbito do presente estudo.

Nas escavações que realizámos, apenas foram referenciados dois pequenos fragmentos de cerâmica ática, um no estrato 06 do corte L-M do Castro de Romariz (Est. XXIII) e outro no estrato 03 do corte AB do Castro do Coto da Pena (Est. XVI). Não sendo possível identificar o tipo de vasos a que pertenciam, as características da sua pasta e verniz correspondem a outros achados referenciados no Noroeste da Península[251] e documentados no Norte de Portugal[252] nos seguintes castros: *Cale*/Morro da Sé do Porto (4 frag.), Castro de Penices, V. N. de Famalicão (1 frag.), Castelo de Faria, Barcelos (4 frag. de uma *kylix*, fig. vermelhas), Castro de S. Lourenço, Esposende (1 frag. de *kylix*, fig. vermelhas), Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima (3 frag. de *krater*, 2 frag. de *pelikai*, 4 frag. de *kylikes*, 23 frag.; todos fig. vermelhas), Castro de Palheiros, Murça (2 frag. de *krater* ou *kylix*, fig. vermelhas). Esta série prossegue no litoral galego, documentado por

239 Pellicer-Schüle 1962. Mais afinidades com o estrato III-C e III-B.

240 Pellicer 1978; Pellicer *et alii* 1983. Os paralelos das ânforas de Romariz (Est. LXXV) com as do Cerro Macareno (Pellicer 1978), vg., Est. LXXV, 3=1070; LXXV, 4=795; LXXV, 5= 1060e e 1269d, respectivamente, apoiam a cronologia que apontamos, em príncipio para os finais do séc. VI/ início do séc. V a.C., para o nível mais antigo do povoado, podendo confrontar-se também paralelos mais tardios, em torno do séc. IV a.C., para a Est. LXXV, 8, do Coto da Pena (vg., 1362, 1363, 1402, 1442, 1503, 1569, 1570, 1571 de Pellicer 1978).

241 Aubet Semmler *et alii* 1983.

242 Rodero Riaza 1980 e 1983.

243 Vg., Rodero Riaza 1980, Fig. 2 (forma 3.10), p. 20, Fig. 25 = 1983, p. 872.

244 Museu Municipal de Santos Rocha, Inv. n.º 17584, mais sete exemplares, uns de pasta beje, outros acinzentados.

245 Idem. Inv. des. 114:23, de cerâmica beje.

246 Idem. Dois exemplares de cerâmica cinzenta.

247 Rodero Riaza 1980, Fig. 9:2; 10:2; 12:1-6; 13:7-8. Perfil típico dos bordos de unguentários (Fig. 28:7-8; 29:1-7; 30:1-7), mas de dimensões mais reduzidas.

248 Museu Municipal Santos Rocha, Inv. des. 84:4.

249 Alarcão 1974, Est. IX, 179-182.

250 Museu Municipal Santos Rocha. Forma e fabrico idênticos ao nosso exemplar: Inv. n.ºs 76, 98, 141, 1874, 7303, 7304, 7306, 7579. Uma variante sem requebro interno: 97, 203, 209, 1872, 1873 (forma completa, com fundo raso), 4133, 4316. De entre as formas menos fracturadas, o perfil e o fabrico da Est. LXXVI, 2-3 têm paralelos aproximados em Tavarede e Conimbriga. De Tavarede, Museu Municipal Santos Rocha, Inv. n.ºs 96, 137, 1873 (forma quase completa), 7308 e 4132, 7629, de idêntico perfil mas de maiores dimensões. De entre os paralelos de Conimbriga, cfr. Alarcão 1974, Est. XI, 246.

251 Silva A.C.F. 1986b, p. 136.

252 Arruda 1997.

achados raros: Castro da Forca (A Guarda), no sopé de Santa Tecla, à foz do Minho; Peñalba e Castromao (Celanova), para interior na bacia deste rio; e para Norte, seguindo o litoral, em Cidade de Caneiro (Fozara, Pontareas), A Lanzada e Alobre, castros de Borneiro e Elviña (La Coruña), até Campa Torres (Gijón) nas Astúrias. Um achado interior de Fuentes de Ropel (Zamora) aparece no vale do Douro, intermediado pelos dados mais recentes do Castro de Palheiros[253].

Com uma distribuição marcadamente litoral, às vezes com penetração fluvial[254], a escassez destes achados face à relativa abundância com que nos aparecem os produtos púnicos e de tradição púnica e considerando as circunstâncias históricas do domínio do Mediterrâneo ocidental[255], tudo faz supor tratar-se de uma fácies de exportação da 2.ª metade do séc. IV a.C., de fraca qualidade[256], feita por intermédio do comércio púnico[257], segundo mediação que, de resto, também parece verosímil relativamente à comercialização da cerâmica pré-campaniense do Coto da Pena (Est. LXXVI,16) datável com anterioridade ao último quartel do séc. III a.C.[258] e que nos aparece integrada num conjunto numeroso de cerâmicas púnicas dessa estação em concordância com os dados de Romariz.

A cerâmica campaniense que localizámos no Coto da Pena e em Romariz nas suas produções A e B, de difusão internacional, segundo a designação aceite desde o aparecimento do estudo pioneiro e generalizador de N. Lamboglia[259], tornou-se num ponto de referência importante a partir do séc. III a.C..

Sendo hoje claro que a campaniense A, segundo conceito reservado de forma restrita para a produção de Ischia e do Golfo de Nápoles[260], na sua fácies de exportação só começou a ser comercializada no Ocidente desde o último quartel do século III a.C.[261], a sua presença estratigrafada na foz do Minho[262], podendo servir-nos de elemento de valor cronológico para o estabelecimento da fase IIB, sinalizará o início das influências itálicas que substituiram as produções trazidas pelo comércio púnico, em consequência dos resultados da segunda guerra entre cartagineses e romanos.

---

253 Sanches 2000-01; Silva A.C.F.-Pinto 2001.

254 Com eventual excepção para as cerâmicas de Fuentes de Ropel situados no interior, motivo porque se preferiu a sua importação pela Via da Prata. Cfr. Fariña *et alii* 1983, p. 120.

255 Cfr. sobretudo as implicações do tratado entre Roma e Cartago de 348 a.C. in Blázquez 1981, p. 17-20. *In genere*, vide, vg., Sznycer 1978.

256 Trías de Arribas 1968, p. 20; Almeida *et alii* 1981, p. 66.

257 Sanmartí 1981, p. 169, onde se refere a comercialização de produtos pré-campanienses para o Sul da Península; Blázquez 1983b, p. 372. A intermediação púnica destes produtos já é reconhecida desde os inícios do séc. XX, como se pode inferir de uma carta datada de 30.04.1927 de R. Carpenter, director of the American School of Classical Studies, para C.Tait, a propósito do achado das moedas gregas da Serra do Pilar, que nos foi dada a conhecer pelo Dr. A. Huet Bacelar Gonçalves, do IAFCUP, e que, considerando o seu interesse historiográfico, transcrevemos:

"...Your long and interesting letter reaches me at last after many peregrinations.

I was exceedingly interested to hear of the two greek coins in your possession, and see no reason to doubt the story of their provenance. I judge from Mr. Allen's description that they both were struck in early Hellenestic times (i.e. around the year 300 B.C.). He suggests an earlier date for the Athenian coin, but this was a curiously conservative type and often comes from a much later time than one world imagine. The Alexander coin is almost certainly one of the series struck by his general after Alexander's death. During this period I believe that the Carthaginians controlled the portuguese coast trade, so that the coins either were passed along by them or else came overland down the Douro or the Tagus (wich sounds more probable). On either case, however, your notice of the discovery of these coins is historically and archaeologically important. I suppose that it is now possible to discover the whereabout of the workman who made the find; but, failing the exact data, I would be very much obliged for ordinary sealing-wax impressions of the two coins to put in my records. There is probably a vast amount of archaeological information bearing very pertinently on the greek trade with Portugal and Spain; but it is very generally lost to investigations because the evidence is neglected and not reported. It is therefore always a great pleasure to find someone like yourself who realizes the interest and importance of much occurrences and makes them available for investigations. I am very much obliged to you for the trouble of writing so detailled account."

258 Classificação e dados fornecidos por J.P. Morel, da Universidade de Provence, a quem agradecemos.

259 Lamboglia 1952.

260 Morel 1978.

261 Sanmartí 1981, p. 170.

262 Um fragmento de campaniense A do Coto da Pena no corte A-B (02/03) (Est. XVI). Classificação de J.P. Morel.

A campaniense B, que conta com presenças registadas em núcleos peninsulares de população romana e em núcleos indígenas do interior principalmente na Catalunha e Vale do Ebro e seus afluentes sobretudo desde o último quartel do séc. II a.C.[263], sendo frequentes na primeira metade do séc. I a.C.[264], que nos aparece no Castro de Romariz[265] e Santa Luzia, Viana do Castelo[266], deverá ser deste período, contemporanizando com uma maior penetração política de Roma na região que caracteriza a fase III, em que se assiste à introdução generalizada de ânforas e *sigillata*, que desse período se tornam valioso índice cronológico.

Cossoiros

Do estudo da cerâmica destacamos uma série de objectos relacionados com a técnica de fiação com fuso, vulgarmente conhecidos pelo nome de cossoiros (*verticilli*) (Est. LXXVII-LXXVIII)[267] que, pela sua frequência, são testemunho certo da grande divulgação desta técnica entre os povos castrejos. Utensílios que se não podem considerar específicos de uma época ou civilização determinada[268], os achados mais antigos que registamos como resultado dos nossos trabalhos ocorreram no Castro de Romariz (Santa Maria da Feira) num estrato datável do séc. V a.C. constando de dois exemplares de forma semi-esférica (B2,12-13) e outros dois de forma esferóide, um dos quais ilustrado (G1,50), todos de barro alaranjado friável, de peças de importação de tradição púnica, podendo servir como pontos de referência das primeiras formas dessa técnica de fiação na região, eventualmente difundida a partir de influências meridionais, para mais considerando não termos registado qualquer ocorrência destes instrumentos nos níveis do Bronze Final das estações por nós estudadas. Pequenos discos com perfuração central destinada a introduzir na parte inferior do fuso, a que conferia o equilíbrio necessário, servindo de volante durante o movimento rotativo, entendemos que a variedade de peso, dimensões e material, de preferência a relacionar-se com a natureza das fibras, mais terá a ver com uma diversidade funcional, devendo alguns destes objectos, designadamente os de tamanho reduzido, que se não poderiam adequar instrumentalmente ao fuso, ter servido como botões aplicados no vestuário[269].

A observação geral da morfologia destes materiais fez-nos optar, por razões de ordem prática e disponibilidade, por um ordenamento em que combinamos a variedade das formas de um vasto conjunto proveniente de uma só estação arqueológica com uniformidade cronológica, no caso, a Citânia de Sanfins, da fase III, com um certo sentido diacrónico com base nos elementos recolhidos no Castro de Romariz, datáveis da fase IIA (B2,12-13; Gl,50) e IIB (A1,1; B1,10-11), prescindindo de ilustrar outras ocorrências que na generalidade se reduzem à amostra apresentada, em que agrupamos os sessenta e nove exemplares ilustrados em oito formas (A-H), cada qual com duas variantes segundo possuem (2) ou não (1) uma cavidade na parte superior. A existência de pondera de tijolo referenciados em relativa quantidade nas estações castrejas assinala também a prática da tecelagem no interior do núcleo familiar. Seguindo tipologias já romanas[270], a sua introdução corresponde à fase IIIB, coexistindo com espécimes idênticos de material lítico com orifício de suspensão como os que foram encontrados formando um grupo de dez dentro de uma casa

263 Sanmartí 1981, p. 175.

264 Atendendo à extinção de centros produtores itálicos cerca de 50/40 a.C.. Idem, p. 176.

265 Diversos fragmentos no corte L-M (04) (Est. XXIII).

266 MMVC. Fragmento de pé de pequena taça.

267 Cfr., vg., Cardozo 1965b; Silva M.F.M. 1999.

268 Cfr., a propósito, Wild 1970, p. 33; Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 49, sobre paralelos da romanização.

269 Apesar de serem normalmente de cerâmica, como os ilustrados, conhecem-se bastantes exemplares castrejos de material lítico, sendo alguns deles decorados.

270 Cfr. Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 62-80.

da Citânia de Sanfins[271], que deviam ter servido para conservar em tensão os fios da urdidura num tear vertical congénere aos que vêm sendo referenciados na proto-história europeia[272].

De resto, outras actividades relacionadas com a manufactura do vestuário estão documentadas também por objectos específicos, citando, a título de exemplo, um conjunto de patelas de cerâmica com recortes em estrela, para enrolar fio, da Citânia de Sanfins[273] e exemplares diversos de agulhas de bronze aparecidas na generalidade das estações, estando bem representadas na Cividade de Terroso[274], Castro de Sabroso e na Citânia de Briteiros[275], numa manifestação do papel que a actividade têxtil e de confecção do vestuário desempenhava para as comunidades castrejas, representando mais um contributo de trabalho por parte do elemento feminino que era, aliás, o sector mais permanente do povoado.

Tarefas de maior dureza, como as que se relacionam com a construção de edifícios e alguns trabalhos especializados como a actividade guerreira, a laboração dos metais e a olaria seriam, por sua vez, realizadas pelos homens e estão também testemunhadas por inúmeros materiais que nos permitem reconhecer o teor dessas actividades.

271 Jalhay-Paço 1948, Fig. 27:3.

272 Cfr., vg., Millote 1970, Fig. 50. Cfr. notícia de um achado de tear vertical com catorze pesos in Stalhofen 1985, p. 246, Abb. 10.

273 Jalhay-Paço 1948, Fig. 27:2, exemplifica um espécime.

274 IAFCUP; MMEHPV.

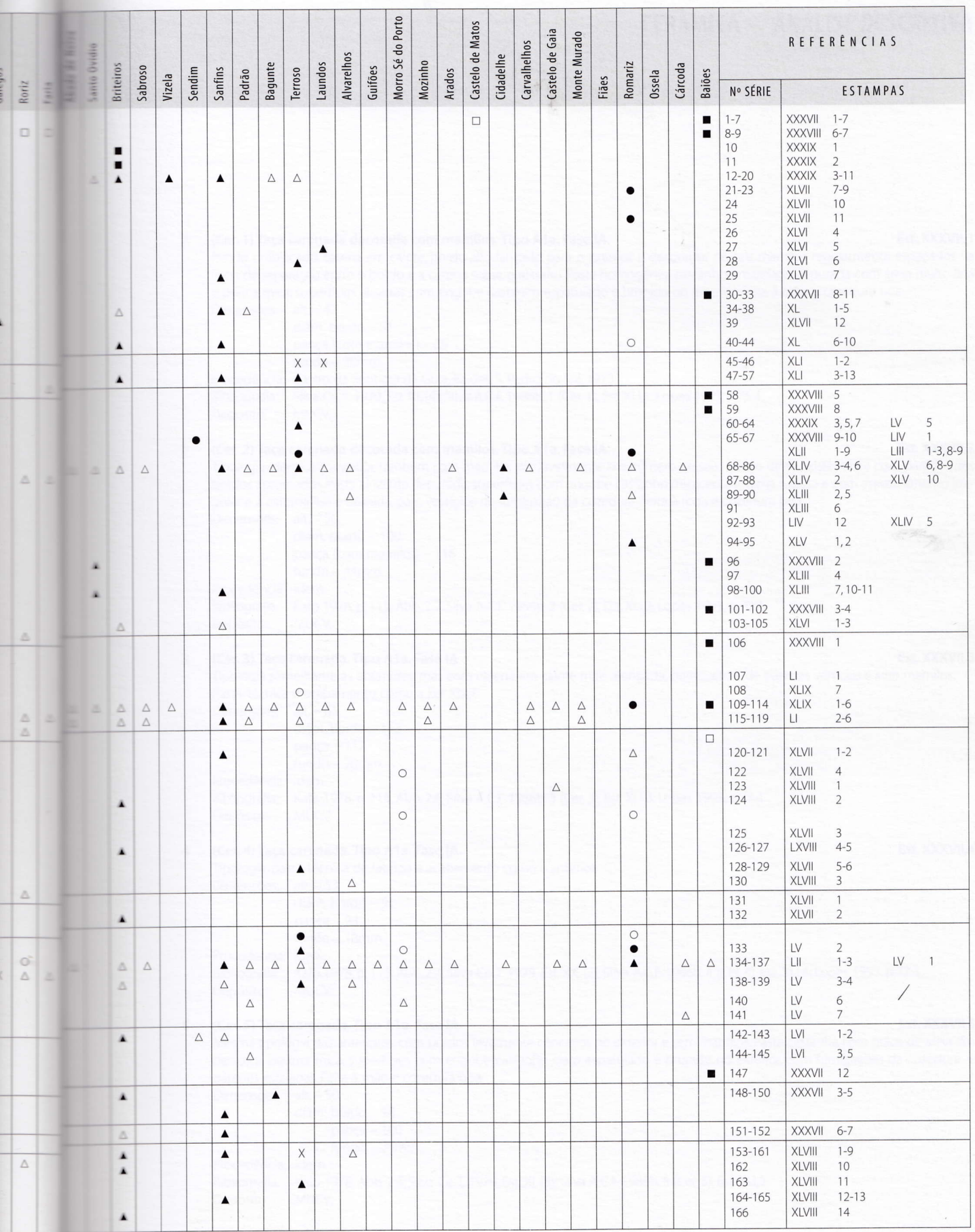
275 MSMS (8 ex. de Briteiros e 2 de Sabroso).

QUADRO TIPOLÓGICO DA CERÂMICA – Gráfico 3

				ESTAÇÃO	Coto da Pena	Âncora	Afife	Santa Luzia	Gerez do Lima	Facha	Cendufe	Ázere	S. Julião	Castro Máximo	Castro das Caldas	Falperra	Lanhoso	Galegos	Roriz	Faria
				TIPO																
Vasos pequenos para beber e outras funções	Taças	Sem asas		Ala					□	□			□						□	□
				Alb																
				Alc																
				Ald																
				Ale																
				Alf	●				○											
				Alg	●															
				Alh																
				Ali		▲														
				Alj					△				△							
				All																
				Alm																
		Com 1 asa		A2a		△														
				A2b														▲		
				A2c	●															
		Com 2 asas		A3	○															
	Vasos acampanados			B1													▲			
				B2		▲														△
Vasos para actividade culinária	Púcaros Panelas Potes	Sem asas		Cla						□										
				Clb																
				Clc	●															
				Cld	●															
				Cle			●													
				Clf	●	▲	●	△	△	○	△	△	▲	▲	△	△	△		△	△
				Clg		▲				△										
				Clh		▲														
				Cli		▲														
				Clj	●															
		Com 1 asa		C2a1																
				C2a2					△			△								
				C2b																
		Com 2 asas		C3a																
				C3b		▲	△			○									△	
	Vasos de suspensão	Perfuração	Mamilos	D1a						□			□							
			Pegas	D1b	○															
		Asas Ext.	Verticais	D2a	●															
		Asas Int.	Verticais	D2b1	●															
			Horizontais	D2b2	▲	△	△	△		△	△	△	△	△	▲	△	△		△	△
		Em orelha		D2c	△	▲		△		△	△	△	△	△	△	△			△	
	Pratos	Com aba Covos		Ela																
				Elb	●					△			△	△						
	Assadeiras	Circulares	Sem asas	E2a1	●															
			Com pegas	E2a2		▲														
			Com asas	E2a3		▲														
		Rectangulares		E2b																
	Terrinas	Sem asas		E3a																
		Com asas		E3b																
	Caçoilas	Sem asas		E4a																
		Com asas ext. horizontais		E4b		▲							△						△	
	Queijeiras			F1									X							
	Coadores			F2																
Vasos para armazenamento e transporte	Dolia	Bordo em aba Bordo oblíquo		Gla	●					○			○						○	
				Glb	△	△	△	△	△	△	△	△	△	△	△	△	△	X	△	△
	Cântaros			G2																
	Anforetas			G3		▲											△			
	Bilhas			G 4		▲														
Vasos especiais	Dolia com decoração plástica			H		▲							△							
	Vasos de pé alto com decoração plástica			I	▲	▲		△												
	Vasos geminados			J																
Vasos para artesanato metalúrgico	Pequenos depósitos			L																
	Cadinhos			M	●															
	Lamparinas			N		▲														
	Testos	O1																		
		Em calote		O2a															△	
		Em disco	Umbilicado	O2b1																
			Plano	O2b2		▲														

LEGENDA

	Forma ilustrada	Não ilustrada
FASE I	■	□
FASE II	●	○
FASE III	▲	△
FASE não determinada		X



REFERÊNCIAS	
Nº SÉRIE	ESTAMPAS
1-7	XXXVII 1-7
8-9	XXXVIII 6-7
10	XXXIX 1
11	XXXIX 2
12-20	XXXIX 3-11
21-23	XLVII 7-9
24	XLVII 10
25	XLVII 11
26	XLVI 4
27	XLVI 5
28	XLVI 6
29	XLVI 7
30-33	XXXVII 8-11
34-38	XL 1-5
39	XLVII 12
40-44	XL 6-10
45-46	XLI 1-2
47-57	XLI 3-13
58	XXXVIII 5
59	XXXVIII 8
60-64	XXXIX 3, 5, 7 LV 5
65-67	XXXVIII 9-10 LIV 1
	XLII 1-9 LIII 1-3, 8-9
68-86	XLIV 3-4, 6 XLV 6, 8-9
87-88	XLIV 2 XLV 10
89-90	XLIII 2, 5
91	XLIII 6
92-93	LIV 12 XLIV 5
94-95	XLV 1, 2
96	XXXVIII 2
97	XLIII 4
98-100	XLIII 7, 10-11
101-102	XXXVIII 3-4
103-105	XLVI 1-3
106	XXXVIII 1
107	LI 1
108	XLIX 7
109-114	XLIX 1-6
115-119	LI 2-6
120-121	XLVII 1-2
122	XLVII 4
123	XLVIII 1
124	XLVIII 2
125	XLVII 3
126-127	LXVIII 4-5
128-129	XLVII 5-6
130	XLVIII 3
131	XLVII 1
132	XLVII 2
133	LV 2
134-137	LII 1-3 LV 1
138-139	LV 3-4
140	LV 6
141	LV 7
142-143	LVI 1-2
144-145	LVI 3, 5
147	XXXVII 12
148-150	XXXVII 3-5
151-152	XXXVII 6-7
153-161	XLVIII 1-9
162	XLVIII 10
163	XLVIII 11
164-165	XLVIII 12-13
166	XLVIII 14

CERÂMICA – ANÁLISE DESCRITIVA

1 **(Cer. 1) Taça carenada decorada com mamilos. Tipo A1a. Fase IA.** **Est. XXXVII,1**
Fundo umbilicado, carena em calote, bordo alto lançado para o exterior e decoração de seis mamilos regularmente espaçados na linha de separação entre o bordo e a carena sobre o ressalto. Pasta homogénea castanho-amarelada depurada com areia muito fina e pouca mica; superfícies alisadas com engobe castanho espatulado e brunido no exterior. Feita à mão e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 47
diâm. bordo – 81
pança (com mamilos) – 88
fundo – 20mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. 1973.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [4]; Silva A.C.F. 1986b, 1 (Cer. 1), Est. XLI,1; Lopes 1993, p.75:4.
Depósito: MUCV.

2 **(Cer. 2) Taça carenada decorada com mamilos. Tipo A1a. Fase IA.** **Est. XXXVII,2**
Tipologia idêntica à anterior, também com mamilos provavelmente em número de seis, quatro deles existentes, e com paredes dos bordos aprumados. Pasta cinzenta depurada; superfícies com engobe castanho micáceo, a interna rugosa e com espatulamento irregular e a externa lisa e brunida, com vestígios de fumigação da cozedura. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 50
diâm. bordo – 100
pança (com mamilos) – 116
fundo – 44mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, p. 115, Abb. 2:2; Silva A.C.F. 1986b, 2 (Cer. 2), Est. XLI,2; Lopes 1993, p.70:3.
Depósito: MUCV.

3 **(Cer. 3) Taça carenada. Tipo A1a. Fase IA** **Est. XXXVII,3**
Tipologia semelhante às anteriores, mas com carena em calote mais alongada, bordo alto e de paredes verticais e sem mamilos. Pasta, técnica e acabamento como a Est. XLI,2.
Dimensões: alt. – 65
diâm. bordo – 113
pança – 117
fundo – 20mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, p. 115, Abb. 2:6; Silva A.C.F. 1986b, 3 (Cer. 3), Est. XLI,3; Lopes 1993, p.72:4.
Depósito: MUCV.

4 **(Cer. 4) Taça carenada. Tipo A1a. Fase IA.** **Est. XXXVII,4**
Tipologia, pasta, técnica de fabrico e acabamento como a anterior.
Dimensões: alt. – 53
diâm. bordo – 91
pança – 93
fundo – 18mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, p. 115, Abb. 2:4; Silva Ce. T. 1979, Est. XX, [2]; Silva A.C.F. 1986b, 4 (Cer. 4), Est. XLI,4; Lopes 1993, p.72:3.
Depósito: MUCV.

5 **(Cer. 5) Taça carenada. Tipo A1a. Fase IA.** **Est. XXXVII,5**
Mesma tipologia das anteriores, com bordos levemente côncavos no exterior e sem mamilos. Pasta castanha com grãos de areia dispersos e alguma mica; superfícies com engobe castanho claro espatulado e brunido no exterior, com fumigações da cozedura e paredes estaladas. Feita à mão e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 50
diâm. bordo – 98
pança – 100
fundo – 24mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, Abb. 2:3; Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [5]; Silva A.C.F. 1986b, 5 (Cer. 5), Est. XLI,5.
Depósito: MUCV.

6 **(Cer. 6) Taça carenada. Tipo A1a. Fase IA.** **Est. XXXVII,6**
Tipologia similar das anteriores, com o bordo externamente côncavo e fundo umbilicado mais largo. Pasta depurada; superfícies com engobe castanho espesso brunido no exterior e com fumigações da cozedura. Feita à mão e cozedura boa.
Dimensões : alt. – 50
diâm. bordo – 91
pança – 92
fundo – 36 mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [6]; Silva A.C.F. 1986b, 6 (Cer. 6), Est. XLI,6; Lopes 1993, p.81:6.
Depósito: MUCV.

7 **(Cer. 7) Taça carenada. Tipo A1a. Fase IA.** **Est. XXXVII,7**
Tipologia similar das anteriores, com fundo umbilicado sem o correspondente ressalto no interior. Pasta castanha com mica fina, técnica de fabrico e acabamento idêntica às anteriores.
Dimensões: alt. – 57
diâm. bordo – 91
pança – 94
fundo – 20 mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [6]; Silva A.C.F. 1986b, 7 (Cer. 7), Est. XLI,7; Lopes 1993, p. 75:5.
Depósito: MUCV.

8 **(Cer. 8) Taça. Tipo A1b. Fase IA.** **Est. XXXVIII,8**
Pança bojuda e bordo alto adelgaçado na extremidade e lançado para o exterior. Pasta, técnica de fabrico e acabamento como os anteriores. Fracturada pelo fundo
Dimensões: alt. máx. – 45
diâm. bordo – 91
pança – 90mm.
Procedência: Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [6]; Silva A.C.F. 1986b, 8 (Cer. 8), Est. XLII,6; Lopes 1993, p. 89:1(1B2b).
Depósito: MUCV.

9 **(Cer. 9) Taça decorada. Tipo A1b. Fase IA.** **Est. XXXVIII,7**
Pança bojuda separada por um ressalto do bordo que é alto, direito e espessado. Decoração de dois ziguezagues paralelos um na parte superior da pança e outro na parte inferior do bordo. Pasta, técnica de fabrico e acabamento como os anteriores. Fracturada pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 50
diâm. bordo – 130
pança – 140mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 9 (Cer. 9), Est. XLII,7; Lopes 1993, p. 89:2 (IB2b).
Depósito: MUCV.

10 **(Cer. 10) Taça carenada. Tipo A1c. Fase III.** **Est. XXXIX,1**
Perfil em S com carena, fundo umbilicado, pança rebaixada, colo desenvolvido e bordos espessados lançados para o exterior. Pasta homogénea de cor beje, relativamentc purificada com mica fina; superfície externa e parte interna do bordo até à linha de separação entre o colo e a pança alisadas e com engobe alaranjado. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 59
diâm. bordo – 110
pança – 88
fundo – 44mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 10 (Cer. 10), Est. XLIII,1; Silva M.A.D. 1997, Est. II:4.
Depósito: MSMS.

11 **(Cer. 11) Taça carenada. Tipo A1d. Fase III.** **Est. XXXIX,2**
Perfil em S com carena, fundo raso e colo desenvolvido com bordos lançados e revirados para o exterior. Pasta homogénea alaranjada com areia e muita mica; superfície externa e parte interna do bordo alisadas, com engobe alaranjado espatulado horizontalmente e superfície interna rugosa. Manchas de acção do fogo no exterior. Feita à roda e cozedura má.
Dimensões: alt. – 68
diâm. bordo – 150
pança – 124
fundo – 80mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 11 (Cer. 11), Est. XLIII,2; Silva M.A.D. 1997, Est. III:4
Depósito: MUCV.

12 (Cer. 12) Taça com grafito. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,3**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea de cor cinzento-escura e micácea; superfície externa e parte interna do bordo alisadas com engobe cinzento-claro espatulado horizontalmente. Um grafito no colo. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 63
diâm. bordo – 160
pança – 130
fundo – 100mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 12 (Cer. 12), Est. XLIII,3; Silva M.A.D. 1997, Est. III:3.
Depósito: MSMS.

13 (Cer. 13) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,4**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea acastanhada e micácea; superfície externa alisada. Decoração de três caneluras finas, horizontais e paralelas (A2, 10). Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 66
diâm. bordo – 144
pança – 124
fundo – 68mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 13 (Cer. 13), Est. XLIII,4.
Depósito: MSMS.

14 (Cer. 14) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,5**

Perfil em S, fundo raso e bordo lançado para o exterior. Pasta internamente castanha e externamente rosada com finíssimos grãos de areia e mica; superfície alisadas com engobe castanho claro espatulado horizontalmente. Decoração de três riscos horizontais e paralelos (A2, 10) na parte superior da pança. Vestígios de fumigação por acção do fogo no exterior. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 73
diâm. bordo – 114
pança – 104
fundo – 78mm.
Procedência: S. Paio de Vizela, Guimarães.
Bibliografia: Almeida 1974a, Est. XIV, 2; Silva A.C.F. 1986b, 14 (Cer. 14), Est. XLIII,5.
Depósito: MSMS.

15 (Cer 15) Taça decorada. Tipo A1e. Fase 111. **Est. XXXIX,6**

Perfil em S, fundo raso e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea acastanhada e micácea; superficie externa alisada. Decoração de três caneluras horizontais e paralelas (A2, 10) na parte superior da pança. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 74,5
diâm. bordo – 140
pança – 130
fundo – 100 mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 15 (Cer. 15), Est. XLIII,6.
Depósito: MACS, SA 1130.

16 (Cer. 16) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,7**

Perfil em S, fundo raso em bolacha e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea acastanhada com areia e alguma mica; superficies alisadas com engobe da cor da pasta no exterior e parte interior do bordo. Decoração de uma canelura horizontal (A2, 8) na parte superior da pança. Feita à roda e cozedura.

Dimensões: alt. – 60
diâm. bordo – 110
pança – 93
fundo – 65mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 16 (Cer. 16), Est. XLIII,7.
Depósito: MACS, SA 1131.

17 (Cer. 17) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,8**

Perfil em S. fundo boleado lançado para o exterior. Pasta homogénea acastanhada e micácea; superfície externa alisada. Decoração de uma canelura larga (A2. 8) na parte superior da pança. Feita à roda e cozedura. Fracturada pela pança.

Dimensões: alt. – 42
diâm. bordo – 120
pança– 100mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 79 IV (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 17 (Cer. 17), Est. XLIII, 8.
Depósito: MACS, SA 302.

18 (Cer. 18) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,9**

Perfil em S inclinado, fundo raso em bolacha e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea negra e depurada; superfícies alisadas, sendo a exterior e a interior até à pança com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente e brunida e decorada com duas caneluras horizontais e paralelas (A2, 9) na zona de separação entre a pança e o colo. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 60.5
diâm. bordo – 133
pança – 104
fundo – 70mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986a, Est. XIV, 3 e 1986b, 18 (Cer.18), Est. XLIII, 9 e 1999b, 1.1.01.

Depósito: MACS, SA 1137.

19 (Cer. 19) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX, 10**

Perfil em S, fundo raso em bolacha e bordo espessado lançado para o exterior. Pasta homogénea cinzenta com areia e mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente no exterior e parte interna do colo. Decoração de uma canelura horizontal na parte superior da pança sobre uma série de SS deitados estampados (C,454). Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 62
diâm. bordo – 131
pança – 110
fundo – 80mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986a, Est. XIV, 4 e 1986b, 19 (Cer.19), Est. XLIII, 10 e 1999b, 1.1.02.

Depósito: MACS, SA 885.

20 (Cer. 20) Taça decorada. Tipo A1e. Fase III. **Est. XXXIX,11**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e bordo espessado lançado para o exterior. Pasta homogénea, acastanhada e micácea; superfície externa alisada. Decoração de uma canelura horizontal na parte superior da pança sobre uma série de SS deitados estampados (C, 454). Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 56
diâm. bordo – 116
pança – 107
fundo – 80mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 4 e 1986b, 20 (Cer. 20), Est. XLIII,11.

Depósito: MACS, SA 478.

21 (Cer. 21) Taça de bordo em aba horizontal. Tipo A1f. Fase IIA. **Est. XLVII,7**

Paredes direitas levemente inclinadas para o interior com bordo alargado em aba horizontal. Pasta castanha de cerne negro com areia e pouca mica; superfícies alisadas com engobe castanho. Feita à mão e cozedura razoável. Fracturada pela pança.

Dimensões: alt. máx. – 43
diâm. bordo – 172mm.

Procedência: Castro de Romariz. Vila da Feira. ROM 81 II (06).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 21 (Cer. 21), Est. LI, 7.

Depósito: MMSMF.

22 (Cer. 22) Taça de bordo em aba horizontal. Tipo A1f. Fase IIB. **Est. XLVII,8**

Paredes arqueadas com bordo alargado externamente em aba horizontal. Pasta homogénea castanha micácea com alguma areia superfícies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela pança.

Dimensões: alt. máx. – 37
diâm. bordo – 160mm.

Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 84 C'2' (02/03).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 22 (Cer. 22), Est. LI, 8.

Depósito: MMCa.

23 (Cer. 23) Taça de bordo em aba horizontal. Tipo A1f. Fase IIA. **Est. XLVII,9**

Paredes aprumadas espessando para o bordo alargado externamente em aba horizontal. Pasta homogénea castanha com areia e mica; superficies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 30
diâm. bordo – 150mm.

Procedência: Castro de Romariz, Vila da Feira. ROM 81 II (06).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 23 (Cer. 23), Est. LI, 9.

Depósito: MMSMF.

24 (Cer. 24) Taça de bordo em aba horizontal. Tipo A1g. Fase IIB. **Est. XLVII,10**

Perfil em calote com paredes espessando para o bordo alargado externamente em aba horizontal. Pasta grosseira com areia e muita mica, com umas zonas de cor castanha atijolada e outras cinzentas com cerne castanho; superfícies alisadas com engobe acastanhado espatulado horizontalmente com uma perfuração provavelmente de conserto. Feita à mão e cozedura razoável. Fracturada na parte inferior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 66
diâm. bordo – 219mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena. Vilarelho, Caminha. VIL 83 B1 (02/03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 24 (Cer. 24), Est. LI, 10.
Depósito: MMCa.

25 (Cer. 25) Taça de bordo em aba oblíqua. Tipo A1h. Fase IIB. **Est. XLVII, 11**
Perfil troncocónico de bordo alargado ern aba oblíqua. Pasta homogénea acastanhada com areia e mica fina; superfícies alisadas com engobe espatulado no interior. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 45
diâm. bordo – 162mm.
Procedência: Castro de Romariz, Vila da Feira. ROM 81 II (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 25 (Cer. 25), Est. LI, 11.
Depósito: MMSMF.

26 (Cer. 26) Taça carenada. Tipo A1i. Fase III. **Est. XLVI,4**
Forma troncocónica com carena, de fundo levemente convexo e bordo alto inclinado para o interior. Pasta homogénea castanha muito arenosa e micácea; superficie externa rugosa e superficie interna alisada, escurecidas. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 58
diâm. bordo – 100
pança – 111
fundo – 69mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 X (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 26 (Cer. 26), Est. L, 4.
Depósito: MMCa.

27 (Cer. 27) Taça. Tipo A1j. Fase III. **Est. XLVI,5**
Perfil sinuoso, fundo raso, paredes arqueadas e bordo, espessado, com aba oblíqua para o exterior. Pasta homogénea castanha clara com pouca areia e mica; superficies alisadas com vestígios de engobe castanho e com alguma fumigação no exterior. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 48
diâm. bordo – 130
fundo – 68mm.
Procedência: Castro de Laundos, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 27 (Cer. 27), Est. L, 5; Gomes J.M.F. 1996, 50 (Cer. 50), Est. XXIII: 1.
Depósito: MMEHPV, 7243.

28 (Cer. 28) Taça pequena. Tipo A1l. Fase III. **Est. XLVI,6**
Forma subtroncocónica levemente côncava, de fundo raso e paredes oblíquas divergindo da base para o exterior. Pasta homogénea cinzenta com pequenos grãos de areia e muita mica; superficies com engobe avermelhado com vestígios de espatulamento horizontal no interior. Feita à roda e com cozedura fraca.
Dimensões: alt. – 43,5
diâm. bordo – 97
fundo – 34.5mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. 1906
Bibliografia: Almeida 1972, p. 22-23, Est. III, 1; Silva A.C.F. 1986b, 28 (Cer. 28), Est. L, 6; Gomes J.M.F. 1996, 51 (Cer. 51), Est. XXII: 2; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer. 27.
Depósito: MMEHPV, 7086.

29 (Cer. 29) Taça decorada e com marca de oleiro. Tipo A1m. Fase IIIB. **Est. XLVI, 7**
Perfil em S, de pança ovóide e bordo em aba circular revirado para o exterior. Pasta rosada com alguma areia e mica; superflcie alisada com engobe castanho-alaranjado micáceo espatulado horizontalmente. Decoração de três caneluras largas na pança (A2, 10) e quatro (A2,11) na parte superiorda aba. Uma marca de oleiro no colo com transcrição PISIRI. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 49
diâm. bordo – 222
pança – 185mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Jalhay 1950a, p. 29-31; Almeida 1974a, Est. XIX, 1; Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 10 e 1986a, Est. XV, 7 e 1986b, 29 (Cer. 29), Est. L,7e 1999b, 1.1.22.
Depósito: MACS, SA 1142.

30 (Cer. 30) Taça carenada com asa e decorada. Tipo A2a. Fase IA. **Est. XXXVII,8**
Fundo raso, carena em calote, bordo alto levemente lançado para o exterior e asa de fita de secção elíptica ligando a parte superior do bordo à parte superior da pança. Pasta castanho-clara depurada com alguma areia fina e pouca mica; superficies alisadas e com engobe espatulado e brunido Decoração de uma linha incisa na zona inferior do bordo. Feita à mão e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 55
diâm. bordo – 104
pança – 104
fundo – 36mm.

Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Kalb 1978, Abb. 2:5; Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [3]; Silva A.C.F. 1986b, 30 (Cer. 30), Est. XLI, 8, Lopes 1993, p.107:1.
Depósito: MUCV.

31 (Cer. 31) Taça carenada com asa. Tipo A2a. Fase IA. **Est. XXXVII, 9**

Como a anterior, de maiores dimensões, paredes mais espessas e com asa sobreelevada. Fracturada pelo fundo da pança.
Dimensões: alt. máx. – 51
diâm. bordo – 130
pança – 132mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, Abb. 2:5; Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [3]; Silva A.C.F. 1986b, 31 (Cer. 31), Est. XLI, 9; Lopes 1993, p.101:1.
Depósito: MUCV.

32 (Cer. 32) Taça carenada com asa. Tipo A2a. Fase IA. **Est. XXXVII,10**

Como as duas anteriores, de maiores dimensões, bordo adelgaçado na extremidade bem lançado para o exterior e com asa sobreelevada canelada na face externa.
Dimensões: alt. – 75
diâm. bordo – 180
pança – 162
fundo – 65mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, Abb. 2:5; Silva Ce. T. 1979, Est. XI, [3]; Silva A.C.F. 1986b, 32 (Cer. 32), Est. XLI, 10; Lopes 1993, p.107:3.
Depósito: MUCV.

33 (Cer. 33) Taça carenada com asa. Tipo A2a. Fase IA. **Est. XXXVII,11**

Tipologia, técnica de fabrico e acabamento similar dos números anteriores de taças com asas, com o bordo aprumado, plano e horizontal na parte superior e asa de fita de secção elíptica e sobreelvada.
Dimensões: alt. – 99
diâm. bordo – 206
pança – 208
fundo – 75mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 33 (Cer. 33), Est. XLI, 11; Lopes 1993, p.107:3.
Depósito: MUCV.

34 (Cer. 34) Taça com uma asa e decorada. Tipo A2b. Fase III. **Est. XL,1**

Perfil em S. fundo raso, bordo espessado lançado para o exterior e asa de fita ligando o bordo à parte superior da pança. Pasta acastanhada micácea relativamente depurada; superfícies alisadas com engobe negro, sendo a superfície externa espatulada horizontalmente e brunida e com decoração de três caneluras horizontais e paralelas (A2, 10) na parte superior da pança ao nível do arranque da asa. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 76
diâm. bordo – 135
pança – 126
fundo – 65mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 2 e 1986a, Est. XIV, 9 e 1986b, 34 (Cer. 34), Est. XLIV, 1 e 1999b, 1.1.05.
Depósito: MACS, SA 1132.

35 (Cer. 35) Taça provavelmente com uma asa decorada. Tipo A2b. Fase III. **Est. XL,2**

Perfil em S. fundo raso em bolacha e bordo lançado para o exterior; asa provável. Pasta homogénea de cor castanho claro micácea relativamente depurada; superfície externa e interna até à pança alisadas com engobe castanho espatulado horizontalmente. Decoração de uma canelura (A2, 8) na parte superior da pança. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 53
diâm. bordo – 106
pança – 90
fundo – 68mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 35 (Cer. 35), Est. XLIV, 2; Almeida 1974a, Est. XIII, 1.
Depósito: MACS, SA 1136.

36 (Cer. 36) Taça com uma asa e decorada. Tipo A2b. Fase III. **Est. XL,3**

Perfil em S. fundo raso em bolacha, bordo lançado para o exterior e asa de fita inteiramente lisa e com uma canelura longitudinal na zona média da face externa ligando o bordo à zona média da pança. Pasta homogénea castanho-claro micácea relativamente depurada ; superfícies externa e interna até à pança alisadas com engobe castanho espatulado horizontalmente. Decoração de uma canelura (A2, 8) na parte superior da pança. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 60
diâm. bordo – 110
pança – 93
fundo – 65mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva 1986a, Est. XIV,7 e 1986b, 36 (Cer. 36), Est. XLIV,3 e 1999b, 1.1.04.
Depósito: MACS, SA 1133.

37 (Cer. 37) Taça com uma asa e decorada. Tipo A2b. Fase III. **Est. XL,4**

Perfil em S. fundo raso em bolacha, bordo lançado para o exterior e asa de fita inteiramente lisa e com uma canelura longitudinal na zona média da face externa ligando o bordo à zona média da pança. Pasta homogénea castanho-claro com areia a mica; superfícies externa e interna até à pança alisadas com engobe castanho espatulado horizontalmente. Decoração de duas caneluras horizontais e paralelas (A2, 9) na zona de separação entre o colo e a pança. Manchas de fumigação lateral na parte inferior da pança. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 60
diâm. bordo – 131
pança – 110
fundo – 81mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 68 A3 (02) (Silo).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 3 e 1986a, Est. XIV, 8 e 1986b, 37 (Cer. 37), Est. XLIV, 4 e 1999b, 1.1.03.
Depósito: MACS, SA 1123.

38 (Cer. 38) Taça com asa e decorada. Tipo A2b. Fase IIB. **Est. XL,5**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, bordo para o exterior e asa de fita de secção subtriangular ligando o bordo à zona média da pança. Pasta homogénea de cor acastanhada com pouca mica; superficie externa alisada. Decoração de duas caneluras finas horizontais e paralelas (A2, 9) na linha divisória entre o colo e a pança. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 62
diâm. bordo – 105
pança – 105
fundo – 80mm.
Procedência: Castro de Santa Maria de Galegos, Barcelos, junto ao balneário castrejo. GAL 81 (03) (sond.).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 38 (Cer. 38), Est. XLIV, 5.

39 (Cer. 39) Taça com asa. Tipo A2c. Fase IIB. **Est. XLVII,12**

Paredes arqueadas com bordo revirado em aba para o exterior com uma asa de fitaespessada na zona média do dorso ligando obordo à parte superior da pança. Pasta homogénca acastanhada com areia fina e muita mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente. Feito à mão e cozedura boa. Fracturada pela parte inferior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 61
diâm. bordo – 176mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho. Caminha VIL X2 C' 1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 39 (Cer. 39), Est. LI, 12.
Depósito: MMCa.

40 (Cer. 40) Taça com asas e decorada. Tipo A3. Fase III. **Est. XL,6**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, bordo lançado para o exterior com asas de fita com face externa côncava ligando o bordo à parte superior da pança. Pasta rosada com cerne cinzento com grãos de areia e mica; superfícies externa e interna até à pança e asas alisadas com engobe castanho alaranjado espatulado horizontalmente. Decoração de três linhas horizontais e paralelas (A2, 10) na parte superior da pança ao nível do arranque da asa. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 72
diâm. bordo – 134
pança – 110
fundo – 80mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 40 (Cer. 40), Est. XLIV, 6; Silva M.A.D. 1997, Est. I:2.
Depósito: MSMS.

41 (Cer. 41) Taça com asas e decorada. Tipo A3. Fase III. **Est. XL,7**

Perfil em S, fundo raso lançado para o exterior com arranque de asas de fita ligando o bordo à zona média da pança. Pasta rosada micácea, superfícies externa e interna até à pança com engobe acastanhado espatulado horizontalmente. Decoração de três linhas horizontais e paralelas (A2,10) na linha de separação entre o colo e a pança sobre o arranque da asa. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 69
diâm. bordo – 130
pança – 116
fundo – 80mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 41 (Cer. 41), Est. XLIV, 7; Silva M.A.D. 1997, Est. I:4.
Depósito: MSMS.

42 (Cer. 42) Taça provavelmente com duas asas e decorada. Tipo A3. Fase III. **Est. XL,8**

Perfil em S, bordo lançado para o exterior com asas (asa?) de fita internamente lisa e com canelura longitudinal próxima da parte média da face externa ligando o bordo à zona média da pança. Pasta homogénea castanha clara com grãos de areia fina e alguma mica; superfície externa e parte interior do colo alisadas e com engobe castanho espatulado verticalmente no bordo e horizontal-

mente na parte restante. Decoração por repetição simples de uma matriz com motivo em forma de gancho sob canelura larga (C, 635) na linha de separação entre o colo e a pança. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. – 57
diâm. bordo – 145
pança – 132 mm.
Proccdência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Almeida 1974a, Est. XIII, 3; Silva A.C.F. 1986b, 42 (Cer. 42), Est. XLIV, 8;
Depósito: MACS, SA 1161.

43 (Cer. 43) Taça com duas asas e decorada. Tipo A3. Fase III. **Est. XL,9**
Perfil em S, fundo raso em bolacha, bordo lançado para o exterior com diâmetro de boca menor que o da pança e duas asas de fita com duas caneluras longitudinais na face externa ligando o bordo à parte superior da pança. Pasta homogénea acastanhada e micácea relativamente depurada; superfícies alisadas com engobe castanho alaranjado espatulado horizontalmente no exterior e parte interna do bordo. Decoração de uma faixa incisa de linhas em xadrez entre caneluras ao nível do arranque da asa sobre um conjunto decorativo geométrico constando de três filas de séries de três círculos concêntricos estampados enquadrados por um motivo triangular inciso (D, 723). Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 96
diâm. bordo – 127
pança – 132
fundo – 87mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães, 1960.
Bibliografia: Cardozo 1960d, p. 552, Fig. 7; Almeida, 1974a, Est. XIV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 43 (Cer. 43), Est. XLIV, 9; Silva M.A.D. 1997, Est. II, 1.
Depósito: MSMS.

44 (Cer 44) Taça provavelmente com duas asas. Tipo A3. Fase III. **Est. XL,10**
Perfil em S, colo estrangulado e bordo lançado para o exterior provavelmente com duas asas de fita de secção pentagonal e ligando o bordo à zona média da pança. Pasta cinzenta com areia e mica fina; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe acastanhado espatulado horizontalmente. Vestígios de fumigação no exterior. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. – 50
diâm. bordo – 120
pança – 115mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 65 D.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 44 (Cer. 44), Est. XLIV 10.
Depósito: MACS, SA 1139.

45 (Cer. 45) Vaso acampanado. TipoB1. Fase II. **Est. XLI, 1**
Perfil em S, pança rebaixada e colo desenvolvido com bordo lançado para o exterior com lábio vincado com superfícies planas, com diâmetro da boca menor que o da pança. Pasta homogénea castanho-clara com pequenos grãos de areia e mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta no exterior e interior até à zona média do colo e com espatulamento no sentido vertical e enegrecido lateralmente por acção do fogo em utilização e estalado. Feito à mão e com cozedura razoável.
Dimensões: alt. – 72
diâm. bordo – 67
pança – 74,5
fundo – 68mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. 1906.
Bibliografia: Almeida, 1974, p. 21-22, Est. II, 3; Silva A.C.F. 1986b, 45 (Cer.45), Est. XLV, 1; Gomes J.M.F. 1996, 5 (Cer. 5), Est. XVI: 1; Silva A.C.F. 1997 *et alii*, Cer. 37.
Depósito: MMEHPV, 7088.

46 (Cer. 46) Vaso acampanado com carena e grafito. TipoB1. Fase III. **Est. XLI,2**
Perfil em S carenado, fundo raso em bolacha, pança rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior com lábio revirado e boleado, com diâmetro da boca menor que o da pança. Pasta homogénea acastanhada micácea relativamente depurada; superfície externa e parte interna do colo alisadas com engobe da cor da pasta espatulado verticalmente no colo e horizontalmente na pança. Vestígios de acção do fogo no exterior. Fundo grafitado com desenho cruciforme. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 91
diâm. bordo – 62
pança – 82
fundo – 62mm.
Procedência: Castro de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 46 (Cer. 46) Est. XLV, 2.
Depósito: MPXII.

47 (Cer. 47) Vaso acampanado com dois grafitos. Tipo B2. Fase III. **Est. XLI,3**
Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior, com diâmetro da boca superior ao da pança. Pasta homogénea de cor beje relativamente purificada; superfícies alisadas com engobe alaranjado espatulado verticalmente no colo e horizontalmente na parte inferior do lábio e da pança e no interior do bordo. Um grafito nominal com seis letras identificáveis no colo (AVCPVI) e um pequeno desenho cruciforme no fundo. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 90
diâm. bordo – 90
pança – 70
fundo – 38mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. 1887.
Bibliografia: Sarmento 1905 (RG 22), p. 22-23; Cardozo 1980, Est. XXVIII, 2; Almeida 1974a, Est. XV,1; Silva A.C.F. 1986b, 47 (Cer. 47), Est. XLV, 3; Silva M.A.D. 1997, Est. IV, 2.
Depósito: MSMS.

48 (Cer. 48) Vaso acampanado com carena e decoração. Tipo B2(?). Fase III. **Est. XLI,4**

Perfil em S carenado, fundo em bolacha com ligeiro desvão, pança rebaixada e colo desenvolvido. Pasta homogénea atijolada relativamente purificada com alguns grãos de areia e pouca mica; superfícies alisadas com engobe avermelhado espatulado horizontalmente no exterior e interior do colo. Decoração de duas caneluras horizontais e paralelas (A2,9) na zona de separação entre o colo e a pança. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pelo colo.
Dimensões: alt. máx. – 65
diâm. pança – 72
fundo – 33mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 48 (Cer. 48), Est. XLV, 4.
Depósito: MSMS.

49 (Cer. 49) Vaso acampanado com carena. Tipo B2 (?). Fase III. **Est. XLI,5**

Perfil em S carenado, fundo raso, pança rebaixada e colo desenvolvido. Pasta homogénea alaranjada purificada com raros e pequenos grãos de areia; superfície externa alisada e brunida com engobe castanho alaranjado espatulado verticalmente no colo e horizontalmente na pança. Mancha de fumigação lateral externa e internamente coincidente por acção do fogo. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pelo colo.
Dimensões: alt. máx. – 78
diâm. pança – 83
fundo – 48mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 81 V SEP 11.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 49 (Cer. 49), Est. XLV, 5.
Depósito: MMCa.

50 (Cer. 50) Vaso acampanado com carena. Tipo B2(?). Fase III. **Est. XLI,6**

Perfil em S carenado, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e colo desenvolvido. Pasta homogénea castanha relativamente depurada; superfície externa alisada com engobe castanho espatulado horizontalmente. Feito à roda e cozedura fraca. Fracturado pelo colo.
Dimensões: alt. máx. – 73
diâm. pança – 85
fundo – 36mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva 1986a, Est. XV, 1 e 1986b, 50 (Cer. 50), Est. XLV, 6 e 1999b, 1.1.08.
Depósito: MACS, SA 1128.

51 (Cer. 51) Vaso acampanado com carena. Tipo B2(?). Fase III. **Est. . XLI,7**

Perfil em S carenado, fundo em bolacha com ligeiro desvão, pança rebaixada e colo desenvolvido. Pasta homogénea castanha relativamente purificada com areia fina; superfície externa alisada com engobe micáceo da cor da pasta. Manchas de fumo da utilização no exterior. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pelo colo.
Dimensões: alt. máx. – 69
diâm. pança – 84
fundo – 64mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 79 XIII (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 51 (Cer. 51), Est. XLV, 7
Depósito: MMCa.

52 (Cer. 52) Vaso acampanado com carena e grafito Tipo B2 Fase III. **Est. XLI,8**

Perfil em S carenado, fundo raso em bolacha. pança rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior com diâmetro da boca superior ao da pança. Pasta beje de cerne cinzento com muita areia finíssima e pouca mica; superficies alisadas com engobe alaranjado espatulado horizontalmente por todo o vaso excepto no interior do fundo. Manchas acinzentadas por acção do fogo no exterior. Um grafito cruciforme no fundo. Feito à roda e cozedura fraca.
Dimensões: alt. – 99
diâm. bordo – 96
pança – 80
fundo – 64mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. Recipientes das duas arrecadas de ouro encontradas em 8-09-1937 (Est.CXVIII,13-14).
Bibliografia: Cardozo 1938, p. 35-40; Almeida 1974a, Est. XV, 1; Pérez Outeirino 1982; Silva A.C.F. 1986b, 52 (Cer. 52), Est. XLV, 8; Silva M.A.D. 1997, Est. V, 1.
Depósito: MSMS.

53 (Cer. 53) Vaso acampanado com carena e grafito. Tipo B2. Fase III. **Est. XLI, 9**

Perfil em S carenado, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e colo desenvolvido. Pasta homogénea castanho-escura micácea relativamente depurada; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe da cor da pasta espatulado verticalmente no colo e horizontalmente sob a carena. Um grafito nominal na zona da fractura com transcrição provável NIS. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pelo colo.

Dimensões: alt. máx. – 84
diâm. pança – 99
fundo – 82mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 53 (Cer. 53), Est. XLV, 9; Silva M.A.D. 1997, Est. XLV, 13.
Depósito: MSMS.

54 (Cer. 54) Vaso acampanado com carena. Tipo B2. Fase III. **Est. XLI, 10**

Perfil em S carenado, com parte superior da pança que seria rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior, com diâmetro da boca levemente superior ao da pança. Pasta homogénea acastanhada micácea relativamente purificada; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente no exterior e parte interna do bordo. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela pança.

Dimensões: alt. máx. – 73
diâm. bordo – 100
pança – 98mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Almeida 1974a, Est. XV, 2; Silva A.C.F. 1986b, 54 (Cer. 54), Est. XLV, 10; Silva M.A.D. 1997, Est. V, 2.
Depósito: MSMS.

55 (Cer. 55) Vaso acampanado com carena. Tipo B2. Fase III. **Est. XLI,11**

Perfil em S carenado, fundo raso, pança muito rebaixada e colo muito alongado com bordo lançado para o exterior com lábio boleado e com diâmetro da boca superior ao da pança. Pasta homogénea beje, relativamente depurada, com pouca areia fina e mica; superficies com engobe acastanhado espatulado verticalmente no colo e horizontalmente nas restantes zonas. Feito à roda e com cozedura boa.

Dimensões: alt. – 84
diâm. bordo – 95
pança (carena) – 84
fundo – 59mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim, 1906.
Bibliografia: Almeida 1972, p. 21-22, Est. II, 4; Silva A.C.F. 1986b, 55 (Cer. 55), Est. XLV, 11; Gomes J.M.F. 1996, 6 (Cer. 6), Est. XVI: 2; Silva A.C.F. *et alii* 1997, Cer. 34.
Depósito: MMEHPV, 7089.

56 (Cer. 56) Vaso acampanado com carena. Tipo B2. Fase III. **Est. XLI,12**

Perfil em S carenado, fundo raso, pança muito rebaixada e colo muito desenvolvido com bordo lançado para o exterior de lábio alargado e com diâmetro da boca superior ao da pança. Pasta homogénea castanho alaranjada relativamente depurada com areia fina e pouca mica; superficies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente na parte inferior do bordo e colo e mantendo as estrias da roda no exterior. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. - 83
diâm. bordo – 93
pança – 79
fundo – 60mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 80 XXIII SEP.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1980a, p. 311-312 e 1986b, 56 (Cer. 56), Est. XLV,12-CXLII,4; Gomes J.M.F. 1996, 7 (Cer. 7), Est. XVI: 3; Silva A.C.F. *et alii* 1997, Cer.40.
Depósito: MMEHPV.

57 (Cer. 57) Vaso acampanado com carena. Tipo B2. Fase III. **Est. XLI,13**

Perfil em S sinuoso e carenado, fundo em bolacha com ligeiro desvão, pança rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior de lábio adelgaçado, com diâmetro da boca superior ao da pança. Pasta homogénea castanho-rosada micácea relativamente depurada; superfícies alisadas com engobe castanho acinzentado espatulado horizontalmente no exterior e parte interna do bordo. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pelo colo.

Dimensões: alt. estimada – 80
diâm. bordo – 96
pança – 76
fundo – 60mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 57 (Cer. 57), Est. XLV, 13.
Depósito: MSMS.

58 (Cer. 58) Vaso carenado e decorado. Tipo C1a, Fase IA. **Est. XXXVIII,5**

Perfil anguloso, bordo alto e de paredes direitas lançadas para o exterior. Pasta homogénea acastanhada depurada, superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente excepto na parte inferior da pança onde o espatulamento é vertical. Decoração geométrica riscada na parte supenor da carena, junto ao colo, de série de quadriláteros irre-

gulares alinhados pelos vértices e com os espaços angulosos exteriores de ambos os lados com estrias paralelas. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 174
diâm. bordo – 279
pança – 358mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1977, Est. II, 3; Silva A.C.F. 1986b, 58 (Cer. 58), Est. XLII, 5; Lopes 1993, p.126.
Depósito: MUCV.

59 (Cer. 59) Pote decorado. Tipo C1b. Fase IA. **Est. XXXVIII,8**
Perfil anguloso, de bordo alto e aprumado separado da pança por um ressalto. Pasta castanho-clara arenosa; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe espatulado horizontalmente. Decoração geométrica a pontilhado de duas linhas paralelas envolvendo o ressalto sobre denticulado de duas linhas quebradas paralelas formando triângulos. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 85
diâm. bordo – 128mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1978, p. 115. Abb. 2:7; Silva A.C.F. 1986b, 59 (Cer. 59), Est. XII, 8; Lopes 1993, p.118:4.
Depósito: MUCV.

60 (Cer. 60) Pote decorado com mamilos. Tipo C1c. Fase IIB. **Est. XLV,7**
Forma fechada de pança ovóide e bordo curto obliquo para o interior, Pasta homogénea de cor beje alaranjada com muita areia e mica; superfície externa alisada com engobe da cor da pasta e superfície interna irregular. Decoração de uma canelura e vestígios de incisões curvilíneas e oblíquas na linha de separação do bordo e pequenos mamilos na parte superior da pança. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 65
diâm. bordo – 145mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha, VII 84 C' 2'(03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 60 (Cer. 60), Est. XLIX, 7.
Depósito: MMCa.

61 (Cer. 61) Pote decorado. Tipo C1c. Fase II. **Est. LV, 5**
Pança ovóide, bordo em fita de lábio espessado e horizontal inclinado para o interior e separado da pança por um toro aplicado na linha divisória. Pasta homogénea castanha acinzentada com pouca mica; superfícies alisadas com engobe rosado espatulado horizontalmente. Decoração de um reticulado inciso acrescido de pequenos círculos estampados nos cruzamentos, em frequência irregular, sobre uma canelura e motivo de linhas quebradas incompleto (D3,827). Feito à roda (?) e cozedura boa. Fracturado pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 103
diâm. bordo – 180mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena. Vilarelho, Caminha, VIL 84 C' 2' (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 61 (Cer. 61), Est. LIX, 5.
Depósito: MMCa.

62 (Cer. 62) Panela. Tipo C1c. Fase IIB. **Est. XLV, 3**
Forma fechada da pança ovóide e bordo em fita direita em posição vertical, Pasta homogénea de cor castanha muito escura, com areia e pouca mica; superfície externa e parte interior do bordo alisada com engobe castanho claro espatulado horizontalmente. Feita à roda (?) e cozedura boa. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 50
diâm. bordo (estimado) – 102mm.
Procedência: idem. VIL 84 C' 2' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 62 (Cer. 62), Est. XLIX, 3.
Depósito: MMCa.

63 (Cer. 63) Panela. Tipo C1c. Fase III. **Est. XLV, 5**
Forma fechada de pança ovóide e bordo em fita aprumado de lábio plano quase horizontal com rebordo interno e externo. Pasta homogénea atijolada com areia e mica; superfícies alisadas. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 60
diâm. bordo – 270mm.
Procedência: Cividade de Terroso. Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 63 (Cer. 63), Est. XLIX, 5; Gomes J.M.F. 1996, 47 (Cer. 47), Est. XXII: 3.
Depósito: MMEHPV.

64 (Cer. 64) Panela. Tipo C1c. Fase IIB. **Est. XLV,4**
Forma fechada da pança ovóide e bordo em fita espessando para o lábio plano levemente lançado para o exterior. Pasta homogénea castanha com areia e pouca mica; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe castanho e vestígios de negro de fumo no exterior. Feita à mão (?) e cozedura boa. Fracturada pela parte média da pança.
Dimensões: alt. máx. – 90
diâm. bordo – 155
pança – 216mm.

Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha, VIL 84 C' 2' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 64 (Cer. 64), Est. XLIX, 4; Lopes 2003, p. 147: 64.
Depósito: MMCa.

65 (Cer. 65) Pote. Tipo C1d. Fase IA. **Est. XXXVIII, 9**

Perfil em S, de fundo raso, pança ovóide separada por um ressalto do bordo encurvado para o exterior. Pasta homogénea castanho-escura depurada; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe micáceo da cor da pasta espatulado horizontalmente no interior e irregularmente no exterior e brunidas. Feito à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 176
diâm. bordo – 227
pança – 225
fundo–85 mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baião, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 65 (Cer. 65), Est. XLII, 9; Lopes 1993, p.128:3.
Depósito: MUCV.

66 (Cer. 66) Pote. Tipo C1d. Fase IA. **Est. XXXVIII, 10**

Da mesma tipologia do anterior, de menores dimensões e com diferenças técnicas. Pasta beje, porosa, com grãos de areia e pouca mica; superficies não alisadas e sem engobe e com decoração penteada horizontalmente no exterior da pança. Feito à mão e cozedura fraca.

Dimensões: alt. – 119
diâm. bordo – 109
pança – 127
fundo – 54mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baião, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 66 (Cer. 66), Est. XLII, 10; Lopes 1993, p.128:1.
Depósito: MUCV.

67 (Cer. 67) Pote decorado. Tipo C1d. Fase II. **Est. XXXIX,1**

Perfil em S, de fundo raso, pança ovóide e colo alto reentrante separados por um ressalto e bordo lançado para o exterior com lábio plano e horizontal na parte superior. Pasta homogénea micácea de cor acastanhada e com manchas de fumigação da cozedura, superfície externa e do colo interno alisadas e com espatulamento no colo int. e bordo ext. Decoração geométrica estampada em três faixas paralelas, uma no colo, outra nos ombros e a terceira na zona média da peça. A decoração do colo é formada por uma dupla série de triângulos alinhados por repetição simples de uma matriz constituída por sete linhas oblíquas paralelas a um dos lados, coincidindo os vértices dos triângulos superiores com o centro das bases dos inferiores; a segunda faixa repete a anterior e é acrescida superiormente por um alinhamento de conjuntos de três círculos concêntricos; a decoração da pança consta de duas séries paralelas de conjuntos de três círculos concêntricos da mesma matriz da faixa anterior colocados em alinhamentos e espaços irregulares, por vezes originando encadeamentos de SS, sobre uma série de escudetes de bases alinhadas superiormente e internamente preenchidos com vinte e três besantes ordenados em camadas. A impressão de dedadas verticais no colo int. corresponde à aplicação das matrizes sobre a pasta fresca do vaso após a moldagem. Feito à mão e cozedura razoável.

Dimensões: alt. – 200
diâm. bordo – 180
pança – 210
fundo–120mm.
Procedência: Castro de Sendim, Felgueiras.
Bibliografia: Pinto R.S. 1933c, p. 376-380; Almeida 1974a, Est. XI, 1; Silva A.C.F. 1986b, 67 (Cer. 67), Est. XLIII,1, CXLII,2.
Depósito: IAFCUP.

68 (Cer. 68) Púcaro. Tipo C1e. Fase IIB. **Est. XLIV,1**

Perfil em S, de paredes finas, fundo raso, pança muito desenvolvida e colo reduzido. Pasta homógenea de cor acastanhada-clara relativamente depurada com pequenos grãos de areia e mica fina; superfícies alisadas com engobe castanho-escuro no exterior e parte interior do colo espatulado verticalmente na pança e horizontalmente no bordo, colo, fundo externo e no colo interno. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 151
diâm. bordo – 97
pança – 140
fundo – 94mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82 XXIII (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 68 (Cer. 68), Est. XLVII, 1; Gomes J.M.F. 1996, 11 (Cer. 11), Est. XVI: 7; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer. 39.
Depósito: MMEHPV.

69 (Cer. 69) Púcaro decorado. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLIII, 3**

Perfil em S alargado nos bordos e com fundo raso. Pasta homogénea acastanhada relativamente depurada com areia fina e mica; superfícies alisadas e com engobe no exterior e parte interior do colo. Decoração de quatro caneluras paralelas, duas na parte superior da pança e duas na parte inferior do colo. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. estimada – 149
diâm. bordo – 137
pança – 142
fundo – 73 mm.

Procedência: Castelo de Cidadelhe, Mesão Frio. CID 83 B 2 (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 69 (Cer. 69), Est. XLVII, 3.
Depósito: CMMF.

70 (Cer. 70) Púcaro. Tipo C1e. Fase II. **Est. XLII, 1**

Perfil em S, fundo raso, pança bojuda e bordo lançado para o exterior rematado por superfície plana e oblíqua. Pasta homogénea acastanhada, relativamente depurada. com alguma areia e pouca mica; superfícies bem alisadas com engobe da corda pasta, com espatulamento vertical no exterior e horizontal no interior, coloração externa desigual com manchas acinzentadas e com ligeira fractura na pança junto ao fundo. Feito à mão e com cozedura boa.

Dimensões: alt. – 78
diâm. bordo – 72
pança – 74
fundo – 57mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. Julho de 1906.
Bibliografia: Almeida 1972, p. 22-23, Est. II, 3; Silva A.C.F. 1986b, 70 (Cer. 70), Est. XLVI, 1; Gomes J.M.F. 1996, 8 (Cer. 8), Est. XVI: 4.
Depósito: MMEHPV, 7083.

71 (Cer 71) Púcaro com grafito. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII, 2**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e colo desenvolvido com bordo revirado de lábio vincado com diâmetro da boca menor que o da pança. Pasta homogénea de cor acastanhada depurada e com mica fina; superfície externa e parte interior do colo alisadas e com engobe micáceo da cor da pasta espatulado horizontalmente no exterior. Grafito leve de duas letras identificadas (AV). Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 56
diâm. bordo – 46
pança – 52
fundo – 42mm.
Procedência: Castro de S. Julião Ponte / Coucieiro, Vila Verde.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 71 (Cer. 71), Est. XLVI, 2.
Depósito: MPXII.

72 (Cer. 72) Púcaro decorado. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII,3**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e colo desenvolvido separados por um ressalto e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea castanho-escura relativamente depurada com pequeníssimos grãos de areia e partículas de mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta. Decoração de ziguezagues incisos no colo sobre duas caneluras na parte superior da pança. Mancha de fumigação lateral por acção do fogo. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. 62
diâm. bordo– 61
pança – 69
fundo – 48mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82 MUR.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 72 (Cer. 72), Est. XLVI, 3; Gomes J.M.F. 1996, 12 (Cer. 12), Est. XVII: 1; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer. 35.
Depósito: MMEHPV.

73 (Cer. 73) Púcaro. Tipo C1e. Fase II(?) **Est. XLII, 4**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, bordo largo lançado para o extenor rematado por superfície plana e oblíqua. Pasta homogénea cinzento-escura muito micácea e com alguma areia fina; superfícies alisadas com engobe e espatulamento horizontalmente no exterior e interior e de coloração acinzentada desigual com manchas castanho-claras com pequena fractura no fundo. Feito à mão e com cozedura razoável.

Dimensões: alt. – 94.5
diâm. bordo – 107
pança – 108
fundo – 78mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. 1906.
Bibliografia: Almeida 1972, p. 20-21, Est. II, 2; Silva A.C.F. 1986b, 73 (Cer. 73), Est. XLVI, 4; Gomes J.M.F. 1996, 9 (Cer. 9), Est. XVI: 5; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer. 38.
Depósito: MMEHPV, 7082.

74 (Cer. 74) Púcaro. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII, 5**

Perfil em S, de paredes finas, fundo raso em bolacha e bordo lançado para o exterior do mesmo diâmetro que a pança. Pasta castanha com cerne cinzento com finíssimos grãos de areia e partículas de mica; supertícies alisadas com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente e brunido no exterior. Feito à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 86
diâm. bordo– 100
pança–100
fundo – 80mm.
Procedência: Castro de Santo António, Afife, Viana do Castelo. 1978.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 74 (Cer. 74), Est. XLVI, 5.
Depósito: JFA.

75 (Cer. 75) Púcaro decorado. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII, 6**

Perfil em S, fundo raso em bolacha e bordo lançado para o exterior de menor diâmetro que a pança. Pasta acastanhada com alguma areia e mica; superfície externa e parte interior do colo alisada com engobe da cor da pasta. Decoração de três caneluras horizontais e paralelas (A2, 10) na parte superior da pança. Feito à mão e com cozedura boa.

Dimensões: alt. – 103
diâm. bordo – 91
pança – 100
fundo – 66mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 67 L3.
Bibliografia: Silva 1986a, Est. XV, 3 e 1986b, 75 (Cer. 75), Est. XLVI, 6 e 1999b, 1.1.07.
Depósito: MACS, SA 1122.

76 (Cer. 76) Púcaro. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII,7**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, bordo lançado para o exterior de lábio vincado. Pasta homogénea castanho-clara, relativamente depurada com pequenos grãos de areia e mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta com espatulamento horizontal no bordo e pança vertical no colo e com manchas resultantes da acção de fogo. Feito à roda e com cozedura boa.

Dimensões: alt. – 137
diâm. bordo–111
pança – 118
fundo – 66mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. 1906.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 76 (Cer. 76), Est. XLVI, 7; Gomes J.M.F. 1996, 13 (Cer.13), Est. XVII: 2; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer. 36.
Depósito: MMEHPV, 7085.

77 (Cer. 77) Púcaro. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII,8**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior com lábio revirado. Pasta homogénea rosada com mica fina; superfícies alisadas com engobe castanho alaranjado espatulado horizontalmente no exterior. Feito à mão e com cozedura boa.

Dimensões: alt.–111
diâm. bordo– 100
pança – 106
fundo – 80mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. 1946.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 77 (Cer. 77), Est. XLVI, 8; Cardozo 1946, p. 346; Almeida 1974a, Est. XI, 1.
Depósito: MSMS.

78 (Cer. 78) Púcaro decorado. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLII,9**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, pança ovóide e bordo lançado para o exterior. Pasta homogénea castanho-atijolada relativamente depurada com areia fina e pouca mica; superfícies alisadas e brunidas com engobe da cor da pasta espatulado verticalmente no colo exterior e horizontalmente na pança. Decoração de duas fiadas de incisões oblíquas concorrentes entre três caneluras sobre um alinhamento de repetição simples de uma matriz de rosácea de oito pétalas (D, 662). Aderências de negro de fumo da utilização. Sete orifícios junto de fracturas para conserto. Feito à roda e com cozedura boa.

Dimensões: alt. – 150
diâm. bordo – 118
pança – 132
fundo – 77mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo, ANC 81 SEP 7.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 78 (Cer. 78), Est. XLVI, 9.
Depósito: MMCa.

79 (Cer. 79) Púcaro decorado. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLIII,8**

Perfilem S, fundo raso em bolacha, pança rebaixada e colo desenvolvido lançado para o exterior. Pasta acastanhada micácea e superfície externa alisada. Decoração de duas caneluras horizontais e paralelas sobre uma série de alinhamentos oblíquos de dois pontos. Feito à roda e cozedura razoável. Fracturado pelo bordo.

Dimensões: alt. máx. – 86
diâm. pança – 123
fundo – 85mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 9 e 1986b, 79 (Cer. 79), Est. XLVII, 8.
Depósito: MACS, SA 1121.

80 (Cer, 80) Púcaro decorado. Tipo C1e. Fase III. **Est. XLIII,9**

Perfil em S, fundo em bolacha, com ligeiro desvão pança ovóide e colo lançado para o exterior, Pasta homogénea cinzenta com areia e alguma mica fina; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe castanho espatulado horizontalmente. Decoração de meandros na parte superior da pança entre caneluras, duas na parte superior e uma na parte inferior. Feito à roda e com cozedura razoável. Fracturado pelo bordo.

Dimensões: alt. máx. – 105
diâm. pança – 123
fundo – 86mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, SAN 68 A3.
Bibliografia: Silva 1986b, 80 (Cer. 80), Est. XLVII, 9 e 1999b, 1.1.32.
Depósito: MACS, SA 1155.

81 **(Cer. 81) Panela. Tipo C1e. Fase II (?).** **Est. XLIV, 3**
Perfil em S, fundo raso e pança ovóide. Pasta homogénea castanho-escura com pequenos grãos de areia e mica fina; superfícies alisadas e espatuladas verticalmente com negro de fumo da utilização na parte inferior externa Feito à roda e com cozedura fraca. Fracturada pelo bordo.
Dimensões: alt. máx. – 193
diâm. pança – 221
fundo – 99mm.
Procedência: Castro de Santo António, Afife, Viana do Castelo. 1978.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 81 (Cer. 81), Est. XLVIII, 3.
Depósito: JFA.

82 **(Cer. 82) Panela. Tipo C1e, Fase IIB,** **Est. XLIV, 4**
Perfil em S, de paredes finas, fundo raso em bolacha e bordo lançado para o exterior espessado e boleado. Pasta homogénea, castanha, micácea e com areia fina; superfícies alisadas externamente com engobe castanho-escuro e com a zona inferior espatulada horizontalmente, Decoração de toro simples na linha de separação entre a pança e o colo. Na pança, um conserto por aplicação de barro de ambos os lados posteriormente cozido. Aderências de negro de fumo da utilização. Feita à roda e com cozedura boa.
Dimensões: alt. – 241
diâm. bordo – 180
pança – 215
fundo – 135mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82 XXIII (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 82 (Cer. 82), Est. XLVIII, 4; Gomes J.M.F. 1996, 29 (Cer. 29), Est. XIX: 1.
Depósito: MMEHPV.

83 **(Cer. 83) Panela decorada. Tipo C1e. Fase III.** **Est. XLIV, 6**
Perfil em S com boca larga, Pasta homogénea rosada com areia e mica fina; superficie externa e parte interior do bordo alisadas com engobe micáceo da cor da pasta. Aderências de negro de fumo no exterior e manchas de fumigação da cozedura, Decoração de duas caneluras sobre alinhamento de depressões circulares estampadas, Feita à roda e cozedura razoável. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 150
diâm. bordo – 289
pança – 274mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 68 A3.
Bibliografia: Silva A. C. F. 1983a, Est. XV, 1 e 1986b, 83 (Cer. 83), Est. XLVIII, 6.
Depósito: MACS, SA 951.

84 **(Cer. 84) Panela. Tipo C1e. Fase IIB.** **Est XLV, 6**
Perfil em S, de pança ovóide, colo alongado e bordo lançado para o exterior com lábio boleado. Pasta rosada com cerne negro micácea com pouca areia; superfícies alisadas com espatulamento horizontal no bordo e vertical no colo e pança exterior, Feita à roda e cozedura razoável. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 133
diâm. bordo – 180
pança – 222mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha, VIL 84 C'2' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 84 (Cer. 84), Est. XLIX, 6, Lopes 2003, p. 150: 84.
Depósito: MMCa.

85 **(Cer. 85) Panela. Tipo C1e. Fase IIB.** **Est. XLV, 8**
Perfil em S, de colo alongado e bordo lançado para o exterior com lábio boleado. Pasta homgénea castanho-atijolada com grãos de areia e alguma mica; superfícies alisadas com engobe acastanhado. Feita à mão(?) e cozedura boa. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 67
diâm. bordo – 162mm.
Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. ROM 81 II (04).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 85 (Cer. 85), Est. XLIX, 8.
Depósito: MMSMF.

86 **(Cer. 86) Panela decorada. Tipo C1e. Fase IIB.** **Est. XLV, 9**
Perfil em S, de pança ovóide e bordo lançado para o exterior com gola interna para colocação de testo. Pasta homogénea de cor beje com areia fina e mica e com zonas fumigadas da cozedura; superfície externa e parte interior do colo alisados com engobe castanho claro espatulado horizontalmente. Decoração de dois alinhamentos de SS estampados separados por uma canelura e sobrepostos por outras duas caneluras mais largas (C,500). Feita à roda(?) e cozedura boa. Fracturada pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 138
diâm. bordo – 180
pança – 204mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena. Vilarelho, Caminha. VIL 83 D1 (03).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 86 (Cer. 86), Est. XLIX, 9; Lopes 2003, p. 151: 86.
Depósito: MMCa.

87 (Cer. 87) Panela decorada. Tipo C1f. Fase IIA. **Est. XLIV,2**

Perfil em S, fundo raso, pança bojuda e larga, colo estrangulado e bordo espessado e boleado com superfície plana e oblíqua no interior. Pasta homogénea castanho-escura com areia e mica fina; superfície interna alisada e espatulada horizontalmente e superfície externa espatulada horizontalmente no bordo e com decoração de penteado oblíquo sobreposto por espatulamento vertical na pança e com negro de fumo da utilização. Feita à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. estimada – 204
diâm. bordo–230
pança–290
fundo – 132mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 81 B1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 87 (Cer. 87), Est. XLVIII, 2; Lopes 2003, p. 151: 87.
Depósito: MMCa.

88 (Cer. 88) Panela. Tipo C1f. Fase IIB. **Est. XLV,10**

Pança ovóide, colo apertado, bordo espessado revirado para o exterior rematado por superfície quase plana vertical. Pasta homogénea de cor negra com pouca areia e sem mica; superfícies alisadas com engobe castanho claro espatulado horizontalmente. Feita à roda(?) e cozedura boa. Fracturada pela pança.

Dimensões: alt. máx. – 67
diâm. bordo – 200
pança – 216mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 84 C'2' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 88 (Cer. 88), Est. XLIX, 10; Lopes 2003, p. 151: 88.
Depósito: MMCa.

89 (Cer. 89) Panela. Tipo C1g. Fase III. **Est. XLIII,5**

Perfil em S, fundo raso, pança barrilóide, colo curto e bordos lançados para o exterior com lábios boleados. Pasta homogénea de cor castanho-clara com areia e mica; superfície externa alisada com engobe e com aderências de negro de fumo e superfície interna rugosa. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. estimada – 150
diâm. bordo – 120
pança – 155
fundo – 98mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 80 IX (03) (Fonte).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 89 (Cer. 89), Est. XLVII, 5; Lopes 2003, p. 151: 89.
Depósito: MMCa.

90 (Cer. 90) Panela. Tipo C1g. Fase III. **Est. XLIII,2**

Perfil em S, pança barrilóide, colo curto em leve ressalto e bordo lançado para o exterior com superfície interna plana e oblíqua. Pasta beje com cerne cinzento e com areia e mica; superficies alisadas com engobe acastanhado, a externa com espessa camada de negro de fumo da utilização e a interna com espatulamento horizontal. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 158
diâm. bordo – 141
pança – 167
fundo – 116mm.
Procedência: Castelo de Cidadelhe, Mesão Frio. CID 83 E2 (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 90 (Cer. 90), Est. XLVII, 2.
Depósito: CMMF.

91 (Cer. 91) Vaso carenado. Tipo C1h. Fase III. **Est. XLIII,6**

Perfil em S com carena vincada e colo desenvolvido com bordos lançados para o exterior. Pasta homogénea de cor castanho-clara relativamente depurada, com areia e mica; superfície externa alisada e brunida com engobe castanho-escuro espatulado horizontalmente no colo e com manchas de fogo da cozedura e superfície interna alisada e com engobe na parte superior do colo. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pelo fundo.

Dimensões: alt. máx. – 95
diâm. bordo – 130
pança–125mm.
Procedência: Cividade de Âncora. Caminha/Viana do Castelo, ANC 80 IX (03) (Fonte).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 91 (Cer. 91), Est. XLVII, 6; Lopes 2003, p. 151: 91.
Depósito: MMCa.

92 (Cer. 92) Pote decorado. Tipo C1i. Fase III. **Est. XLIV, 5**

Perfil em S anguloso, fundo raso em bolacha, pança ovóide e colo estrangulado fazendo ângulo com o bordo que é quase perpendicular ao plano da boca. Pasta homogénea de cor atijolada relativamente depurada com pequeníssimos grãos de areia e mica; superfícies alisadas e com engobe castanho-alaranjado e com manchas de fogo no exterior. Decorado nos ombros com duas faixas de incisões verticais paralelas entre caneluras e na zona média da pança com um alinhamento de

incisões oblíquas entre caneluras; no estrangulamento do colo, um cordão em relevo também com incisões obliquas. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 205
diâm. bordo – 220
pança – 244
fundo – 110mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 IV (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 92 (Cer. 92), Est. XLVIII, 5; Lopes 2003, p. 151: 92.
Depósito: MMCa.

93 (Cer. 93) Pote decorado. Tipo C1i. Fase III. **Est. XLIII,12**
Perfil anguloso da parte superior da pança mais colo e bordo lançados para o exterior. Pasta homogénea de cor castanho-clara, relativamente depurada, com pouca mica; superfícies com engobe castanho-escuro e brunidas. Decoração de um toro estrangulando o colo. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 72
diâm. bordo – 147
pança – 138mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 79 VIII (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 93 (Cer. 93), Est. XLVII, 12; Lopes 2003, p. 152: 93.
Depósito: MMCa.

94 (Cer. 94) Panela. Tipo C1j. Fase IIA. **Est. XLV,1**
Frag. colo e bordo internamente côncavo. Pasta homogénca castanho-atijolada grosseira com muita areia e mica; superfície externa e parte interior do colo alisadas com engobe acastanhado. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela parte inferior do colo.
Dimensões: alt. máx. – 82
diâm. bordo – 265mm.
Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. ROM 81 II (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 94 (Cer. 94), Est. XLIX, 1.
Depósito: MMSMF.

95 (Cer. 95) Panela decorada. Tipo C1j. Fase IIA **Est. XLV,2**
Frag. parte superior da pança, colo e bordo adelgaçado e oblíquo para o exterior com paredes de perfil irregular. Pasta homogénea castanho-escura com areia e mica; superfícies irregulares, com o exterior brunido com aderências de negro de fumo da utilização. Decoração de uma série de incisões profundas sobre uma canelura irregular na linha do colo (A2,25). Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 56
diâm. bordo – 160mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 83 B'1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 95 (Cer. 95), Est. XLIX, 2; Lopes 2003, p. 152: 95.
Depósito: MMCa.

96 (Cer. 96) Pote com asa. Tipo C2a1. Fase IA. **Est. XXXVIII,2**
Perfil sinuoso, de fundo raso, pança ovóide e bordo alto lançado para o exterior de dimensões irregulares mais elevadas do lado da asa situada na parte superior da pança. Pasta homogénea castanha arenosa e com mica fina; superfície externa alisada com engobe castanho-claro espatulado. Feito à mão e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 105
diâm. bordo – 87
pança – 102
fundo – 55mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 96 (Cer. 96), Est. XLII, 2; Lopes 1993, p.132a.
Depósito: MUCV.

97 (Cer. 97) Púcaro com asa. Tipo C2a2. Fase III. **Est. XLIII,4**
Perfil em S, fundo em bolacha, com ligeiro desvão pança rebaixada e colo alongado, com uma (duas?) asa anelar de secção subtriangular na parte superior da pança. Pasta castanho-acinzentada com areia e mica; superfícies alisadas. Feito à roda.
Dimensões: alt. – 106
diâm. bordo – 99
pança – 107
fundo – 83mm.
Procedência: Castro de Santo Ovídio, Fafe. 1980.
Bibliografia: Martins M. 1981, p. 15, Est. VIII,1 (sobre a qual se realizou o desenho); Silva A.C.F. 1986b, 97 (Cer. 97), Est. XLVII, 4.
Depósito: UAUM.

98 (Cer. 98) Púcaro com uma asa e decorado. Tipo C2b. Fase III **Est. XLIII,7**
Perfil em S, fundo raso e asa de fita de secção subtriangular ligando o bordo à parte superior da pança. Pasta avermelhada com grãos de areia e mica; superfícies alisadas. Decoração de três caneluras horizontais e paralelas na parte superior da pança na linha do arranque da asa e leve decoração de meandros no colo (A2. 293). Feita à roda.

Dimensões: alt. – 142
diâm. bordo – 132
pança – 132
fundo – 86mm.
Procedência: Castro de Santo Ovídio, Fafe.
Bibliografia: Martins M. 1981, p. 12, Est.I,3 (sobre a qual se realizou o desenho); Silva A.C.F. 1986b, 98 (Cer. 98), Est. XLVII, 7.
Depósito: UAUM.

99 (Cer. 99) Púcaro com uma asa e decorado. Tipo C2b. Fase IIIA. **Est. XLIII,10**

Perfil em S, fundo raso em bolacha, arranque inferior de uma asa de fita na zona média da pança. Pasta acastanhada com pequenos grãos de areia e mica; superfície externa e parte interior do colo com engobe da cor da pasta e com vestígios de negro de fumo no exterior. Decorado com duas caneluras horizontais e paralelas na parte superior da pança acima do arranque da asa (A2, 9). Fracturado pelo colo.
Dimensões: alt. máx. – 101
diâm. pança – 123
fundo – 79mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. Recipiente do tesouro de 304 denários e 2 quinários encontrado no dia 19/VIII/1950 junto à muralha n.° 1 (Est. XXIV.T).
Bibliografia: Paço-Jalhay 1955, p. 194, Fig. 5; Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 6 e 1986b, 99 (Cer. 99), Est. XLVII, 10.
Depósito: MACS.

100 (Cer. 100) Púcaro com uma asa e decorado. Tipo C2b. Fase III. **Est. XLIII,11**

Parte superior da pança mais colo e bordo lançados para o exterior com uma asa de larga fita canelada ligando o bordo à parte superior da pança. Pasta rosada de cerne cinzento com areia fina e raras partículas de mica; superfície externa e parte interna do bordo e colo alisadas com engobe negro espatulado horizontalmente e brunido. Decoração de duas barras entre toros paralelos ladeados de caneluras, sendo a barra superior decorada com incisões oblíquas em espinha, espaçadas, e a barra inferior com alinhamentos oblíquos de pontilhado aplicado com matriz de seis dentes (D,753); a asa está decorada com três caneluras entre incisões oblíquas. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 106
diâm. bordo – 138
pança – 161mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 68 A3.
Bibliografia: Almeida 1974a, Est. XII, 1; Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 1, 1986a, Est. XV, 6, 1986b, 100 (Cer.100), Est. XLVII, 11 e 1999b, 1.1.19/1.1.20.
Depósito: MACS, SA 1153-1154.

101 (Cer. 101) Pote com asa(s). Tipo C3a. Fase IA. **Est. XXXVIII,3**

Parte superior da pança, ovóide e separada por um ressalto do bordo que é alto, adelgaçado na extremidade e lançado para exterior e asa(s) de fita de arestas boleadas e levemente côncavas na face externa unindo a parte superior à zona média da pança. Pasta beje com areia; superfície externa e parte interior do bordo alisadas com engobe da cor da pasta.
Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 100
diâm. bordo – 115
pança – 130mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 101 (Cer. 101), Est. XLII, 3; Lopes 1993, p.35:1.
Depósito: MUCV.

102 (Cer. 102) Pote com asa(s) decorado. Tipo 3ab. Fase IA. **Est. XXXVIII,4**

Fundo raso, pança bitroncocónica separada por ressalto do bordo, que seria alto, fracturado e asa(s) de fita de arestas boleadas externamente côncava(s). Pasta atijolada de cerne cinzento amarelado com areia; superfícies alisadas com engobe micáceo castanho avermelhado com decoração de linhas verticais paralelas feitas a espátula sobre o ressalto da parte superior da pança. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pelo bordo.
Dimensões: alt. máx. – 158
diâm. bordo – 140
pança – 198
fundo – 70mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 102 (Cer. 102), Est. XLII, 4; Lopes 1993, p.136:5.
Depósito: MUCV.

103 (Cer. 103) Púcaro de duas asas e decorado. Tipo C3b. Fase IIIB. **Est. XLVI,1**

Fundo em bolacha com ligeiro desvão, pança bitroncocónica com carena boleada e um ressalto na parte superior ao nível do arranque inferior das asas, bordo lançado obliquamente para o exterior e duas asas de fita de secção irregular com canelura longitudinal na face externa adossadas ao colo e descendo em arco para a zona média da pança. Pasta homogénea atijolada e depurada; superfície externa alisada e com decoração na parte superior de linhas oblíquas e ziguezagues brunidos. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 99
diâm. bordo – 70
pança – 104
fundo – 45mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 82 VI (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 103 (Cer. 103), Est. L, 1; Lopes 2003, p. 153: 103.
Depósito: MMCa.

104 (Cer. 104) Púcaro de duas asas de cerâmica cinzenta fina e polida. Tipo C3b. Fase IIIB. **Est. XLVI,2**
Perfil anguloso, fundo raso em bolacha, pança carenada, bordo alto lançado obliquamente para o exterior e ligeiramente encurvado para o interior e arranque e vestígios de asa(s) de fita de secção irregular ligando a parte inferior do bordo à zona média da pança. Pasta homogénea cinzenta esverdeada depurada; superfíce externa alisada com decoração de linhas oblíquas e paralelas brunidas e uma canelura (A2, 8) na zona média do bordo sobre o arranque das asas. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 102
diâm. bordo – 110
pança – 113
fundo – 62mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 IV (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 104 (Cer. 104), Est. L, 2; Lopes 2003, p. 152: 104.
Depósito: MMCa.

105 (Cer. 105) Púcaro com duas asas. Tipo C3b. Fase IIIB. **Est. XLVI,3**
Fundo raso em bolacha, pança ovóide, bordo alto lançado obliquamente para o exterior e encurvado para o interior e com duas asas de fita de arestas boleadas e uma canelura longitudinal na zona média da face externa ligando o bordo à parte superior da pança. Pasta homogénea beje relativamente depurada com grãos de areia dispersos; superfície externa alisada. Orifícios de conserto no bordo e parte superior da pança com dois «gatos» de bronze de fita na zona média adelgaçada nas extremidades. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 118
diâm. bordo – 131
pança – 156
fundo – 76mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 81 XIX (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 105 (Cer. 105), Est. L, 3; Lopes 2003, p. 152: 105.
Depósito: MMCa.

106 (Cer 106) Vaso de suspensão por mamilos perfurados e com grafito. Tipo D1a. Fase IA **Est. XXXVIII, 1**
Fundo raso, pança ovóide e bordo alto direito lançado para o exterior no alinhamento das paredes da pança, com rebordo interno para suporte de testo e duas pegas opostas situadas na linha de separação entre o colo e a pança formadas por dois mamilos perfurados verticalmente para suspensão. Pasta homogénea cinzenta depurada com grãos de areia dispersos e com partículas muito finas de mica; superfícies alisadas com engobe castanho espatulado horizontalmente e brunido no exterior com sinais de fumigação da cozedura. Um grafito esteliforme feito a espátula no fundo. Feito à mão e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 108
diâm. bordo – 180
pança – 187
fundo – 74mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 106 (Cer. 106), Est. XLII, 1; Lopes 1993, p.97:1.
Depósito: MUCV.

107 (Cer. 107) Panela de suspensão. Tipo D2a. Fase II. **Est. LI, 1**
Pança esférica, bordo lançado para o exterior e duas asas de perfil e secção circulares no prolongamento do bordo unindo-o à parte inferior do colo. Pasta rosada de cerne acinzentado, grosseira, com muita areia e mica; superfícies rugosas. Feita à mão e cozedura razoável. Fracturada pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 118
diâm. bordo – 210
pança – 255
fundo – 74mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 80 D3 (04).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 107 (Cer. 107), Est. LV, 1; Lopes 2003, p. 154:107.
Depósito: MMCa.

108 (Cer. 108) Vaso de asas interiores. Tipo D2b1. Fase IIB. **Est. XLIX ,7**
Forma troncocónica de paredes irregulares, lábio plano oblíquo para o exterior e duas asas interiores em toro espalmado fixadas em posição vertical. Pasta homogénea castanho-escura com areia e pouca mica; superfícies alisadas, com negro de fumo na superficie externa da utilização. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 84
diâm bordo – 345mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 84 C'2' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 108 (Cer. 108), Est. XLII, 7; Lopes 2003, p. 154:108.
Depósito: MMCa.

109 (Cer. 109) Vaso de asas interiores. Tipo D2b2. Fase IA. **Est. XLIX,1**

Fundo raso, paredes espessas e encurvadas e asa(s) de planta em arco em posição horizontal de secção circular. Pasta homogénea castanho-acinzentada, grosseira, muito arenosa e com mica fina; superfícies rugosas e irregulares e fumigadas da exposição ao fogo. Feito à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 96
diâm. bordo – 304
fundo – 245mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 109 (Cer. 109), Est. LIII, 1; Lopes 1993, p.158:1.
Depósito: MUCV.

110 (Cer. 110) Vaso de asas interiores. Tipo D2b2. Fase III. **Est. XLIX,2**

Forma troncocónica de paredes ligeiramente arqueadas espassando para o bordo de lábio plano quase horizontal com rebordo interno para adaptação de testo e com duas asas interiores em toro de secção circular com arranques fixados no mesmo plano horizontal. Pasta homogénea castanho-acinzentada com muita areia e alguma mica; superfícies alisadas com muito negro de fumo externamente da utilização. Feito à roda e cozedura fraca. Fracturado pelo fundo da pança.

Dimensões: alt. máx. – 80
diâm. bordo – 460mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 81 X (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 110 (Cer. 110), Est. LIII, 2.
Depósito: MACS, SAN 331.

111 (Cer. 111) Vaso de asas interiores. Tipo D2b2. Fase IIA. **Est. XLIX,3**

Forma troncocónica de paredes ligeiramente arqueadas espassando para o bordo de lábio plano e horizontal com duas asas interiores em toro de secção em D, com aplanamento na parte superior, com arranques fixados em posição horizontal. Pasta homogénea rosada com areia e muita mica; superficie externa fumigada da utilização. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela pança.

Dimensões: alt. máx. – 50
diâm. bordo – 320mm.
Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. ROM 80 11 (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 111 (Cer. 111), Est. LIII, 3.
Depósito: MMSMF.

112 (Cer. 112) Vaso de asas interiores. Tipo D2b2. Fasc III. **Est. XLIX,4**

Forma subtroncocónica de paredes arqueadas espassando para o bordo de lábio plano e horizontal com duas asas interiores em toro de secção em D com aplanamento na parte inferior. Pasta homogénea acastanhada com areia e mica; superficie externa com negro de fumo da utilização. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela pança e na asa.

Dimensões: alt. máx. – 60
diâm. bordo – 400mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 79 IV (02).
Bibliografia: Silva 1986a, Est. XIII, 3 e 1986b, 112 (Cer.112), Est. LIII, 4 e 1999b, 1.1.34.
Depósito: MACS.

113 (Cer. 113) Vaso de asas interiores decorado. Tipo D2b2. Fase III. **Est. XLIX,5**

Fundo raso, paredes arqueadas para o interior com bordo plano e horizontal na parte superior e duas asas interiores em fita larga coladas na parte superior das paredes. Pasta homogénea cinzenta com areia e mica fina; superfícies com vestígios de fumigação da cozedura. Decoração de uma estria horizontal no terço inferior da parede. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 87
diâm. bordo – 440
bordo – 381mm.
Procedência: Castro das Caldas, Sequeira, Braga.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 113 (Cer. 113), Est. LIII, 5.
Depósito: MPXII.

114 (Cer 114) Vaso de asas interiores. Tipo D2b2. Fase IIIB. **Est. XLIX,6**

Forma subtroncocónica de paredes arqueadas com lábio plano e horizontal alargado interna e externamente e com duas asas de fita larga, de que restam vestígios, coladas em posição horizontal sobre a decoração. Pasta beje com zonas escurecidas da cozedura, com areia e pouca mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta e com superficie externa fumigada da utilização. Decoração na parte superior interna do vaso, no plano das asas, de meandros entre duas caneluras. (A1,298). Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela parte inferior da pança e pelas asas.

Dimensões: alt. máx. – 80
diâm. bordo – 360mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 83 F 6 (04).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 114 (Cer. 114), Est. LIII, 6; Lopes 2003, p. 155:114.
Depósito: MMCa.

115 (Cer. 115) Panela de suspensão de asas em orelha e decorada. Tipo D2c. Fase III. **Est. LI,2,2A**

Pança ovóide, bordo lançado obliquamente para o exterior com asa(s) em orelha perfurada para suspensão. Pasta homogénea castanho-clara micácea; superfície externa alisada e com aderências de negro de fumo da utilização. Decoração de duas caneluras horizontais e paralelas (A2,9) na parte superior da pança. Feita à roda e cozedura razoável. Fracturada pela parte inferior da pança.

Dimensões: alt. máx. (com asa) – 124
diâm. bordo – 198
pança – 217mm.
Procedência: Citânia de Sanfins Paços de Ferreira.
Bibliografia: Almeida 1974a, Est XVIII,1 (invertida); Silva A.C.F. 1983a, Est. XV, 4, 1986a, Est. XIII, 2, 1986b, 115 (Cer. 115), Est. LV, 2-2A e 1999b, 1.1.33.
Depósito: MACS, SA 1129.

116 (Cer. 116) Panela de asas em orelha para suspensão e decorado. Tipo D2c. Fase III. **Est. LI,3,3A**
Parte superior da pança (ovóide), bordo em fita estreita arqueado lancado para o exterior com asa(s) em orelha espessadas na parte superior com pequeno orifício para suspensão desgastado na parte superior externa. Pasta homogénea de cor cinzenta esbranquiçada com areia fina e mica; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta enegrecido no exterior da utilização. Decoração de uma canelura (A2,8) na parte superior da pança. Feito à roda e cozedura razoável. Fracturada pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. (com asa) – 60
diâm. bordo – 172mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 116 (Cer. 116), Est. LV, 3-3A.
Depósito: MACS, SA 1156.

117 (Cer. 117) Panela de asas em orelha para suspensão e decorada. Tipo D2c. Fase III. **Est. LI,4,4A**
Bordo de fita lançado para o exterior com asa(s) em orelha espessada com largo orifício de suspensão desgastado superiormente e com um reforço aplicado verticalmente sob a orelha. Pasta homogénea cinzenta com muita areia e alguma mica; superficies alisadas com engobe castanho-alaranjado com muito negro de fumo da utilização no exterior. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. (com asa) - 50
diâm. bordo – 230mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 117 (Cer. 117), Est. LV, 4-4A.
Depósito: MACS, SA 1102.

118 (Cer. 118) Panela de asas em orelha para suspensão e decorada. Tipo D2c. Fase III. **Est. LI,5,5A**
Bordo de fita lançado para o exterior com asa(s) em orelha com largo orifício de suspensão desgastado superiormente circundado por um reforço semicircular em relevo e com um toro na linha de separação colo/pança. Pasta homogénea atijolada com alguma areia fina e mica; superfícies alisadas e com aderências de negro de fumo na parte exterior da utilização. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. (com asa) - 62
diâm. bordo – 255mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 X (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 118 (Cer. 118), Est. LV, 5-5A; Lopes 2003, p. 155:118.
Depósito: MMCa.

119 (Cer. 119) Panela de asas em orelha para suspensão. Tipo D2c. Fase 111. **Est. LI,6,6A**
Parte supérior da pança ovóide, bordo em fita arqueado em posição aprumada com asa(s) em orelha com largo orifício para suspensão com vestígios de desgaste na parte superior. Pasta homogénea castanha com areia fina e mica; superficies alisadas com aderências de negro de fumo na parte exterior da utilização. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. (com asa) – 103
diâm. bordo – 271
pança– 300mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 7X X (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 119 (Cer. 119), Est. LV, 6-6A; Lopes 2003, p. 155:119.
Depósito: MMCa.

120 (Cer. 120) Prato covo. Tipo E1b. Fase IIB. **Est. XLVII,1**
Fundo raso, paredes arqueadas com o bordo lançado para o interior com lábio plano e oblíquo internamente. Pasta homogénea castanho-acinzentada com areia fina e mica; superfície interna e uma orla exterior do bordo alisadas com engobe castanho atijolado. Feito à roda(?) e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 37
diâm. bordo – 240mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Caminha. VIL 84 C' 2' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 120 (Cer. 120), Est. LI, 1; Lopes 2003, p. 120: 120.
Depósito: MMCa.

121 (Cer. 121) Prato covo. Tipo E1b. Fase IIIB. **Est. XLVII,2**
Fundo raso, paredes arqueadas com o bordo lançado para o interior de lábio plano e oblíquo com pequeno rebordo externo. Pasta homogénea castanha com muita areia e mica, superfícies alisadas. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 46
diâm. bordo – 280mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 81 Xa (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 121 (Cer. 121), Est. LI, 2.

Depósito: MACS, SAN 249.

122 (Cer. 122) Assadeira. Tipo E2a1. Fase IIB. **Est. XLVII,4**

Fundo raso, paredes arqueadas com bordo em aba exterior destacado delas por uma canelura larga. Pasta homogénea atijolada com areia e mica fina; superfícies alisadas com engobe acastanhado espatulado horizontalmente com vestígios de negro de fumo da utilização. Feita à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 55
diâm. bordo – 268mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 82 A 2 (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 122 (Cer. 122), Est. LI, 4; Lopes 2003, p. 156: 122.
Depósito: MMCa.

123 (Cer. 123) Assadeira. Tipo E2a2. Fase III. **Est. XLVIII,1**

Fundo raso, paredes arqueadas, bordo para o interior de lábio horizontal e plano e arranque de uma (duas?) pegas em fita na zona média da parede. Pasta homogénea rosada relativamente purificada com pequenos grãos de areia e mica; superfícies alisadas com engobe castanho alaranjado espatulado horizontalmente. Fumigação generalizada da utilização no exterior. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões : alt. – 47
diâm. bordo – 207
fundo – 164mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo ANC 78 X (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 123 (Cer. 123), Est. LII, 1; Lopes 2003, p. 156:123.
Depósito: MMCa.

124 (Cer. 124) Assadeira. Tipo E2a3. Fase III. **Est. XLVIII,2**

Fundo raso, paredes arqueadas com bordo lançado para o interior plano e horizontal na boca e com duas asas em posição horizontal de secção em D boleado. Pasta homogénea de cor negra com grãos médios de areia e muita mica; superficies alisadas com engobe castanho rosado espatulado horizontalmente. Decoração de uma linha (A2,8) ao nível superior das asas. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 58
diâm. bordo – 240
fundo – 180mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 124 (Cer. 124), Est. LII, 2; Silva M.A.D. 1997, Est. XLV, 3.
Depósito: MSMS.

125 (Cer. 125) Terrina. Tipo E3a. Fase III. **Est. XLVII,3**

Fundo raso, paredes arqueadas com bordo lançado para o interior bilobulado para possível aplicação do testo. Pasta homogénea cinzento-amarelada com areia e muita mica; superfícies alisadas, externamente acastanhada com manchas de fumo da utilização. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt – 51
diâm. bordo – 244
fundo – 195mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 79 E 11 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 125 (Cer. 125), Est. LI, 3; Lopes 2003, p. 156: 125.
Depósito: MMCa.

126 (Cer. 126) Terrina com asas exteriores horizontais. Tipo E3b. Fase III. **Est. XLVIII,4**

Paredes arqueadas lançadas para o interior espessando para o bordo bilobulado para aplicação de testo e com duas asas de fita com duas caneluras em posição horizontal. Pasta rosada de cerne cinzento com grãos de areia e muita mica; superfície externa com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente e superfície interna rugosa. Um orifício de conserto na parede no nível superior à asa. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela parte inferior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 65
diâm. bordo – 320mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 126 (Cer. 126), Est. LII, 4; Silva M.A.D. 1997, Est. XLVI, 2.
Depósito: MSMS.

127 (Cer 127) Terrina com asas exteriores horizontais e decorada. Tipo E3b. Fase III. **Est. XLVIII,5**

Fundo raso, paredes arqueadas lançadas para o interior com bordo bilobulado para aplicação de testo e duas asas de fita de secção subtriangular em posição horizontal. Pasta castanho-acinzentada com areia e mica; superfícies alisadas e com engobe da cor da pasta espatulado horizontalmente. Decoração de uma gola envolvendo externamente o bordo e de uma coroa circular com linhas cruzadas em xadrez entre caneluras, duas do lado interno na parte interior do fundo e outra no arranque da parede (A2,272). Um orifício de conserto no fundo. Feita à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 81
diâm. bordo – 330
fundo – 250mm.

Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. 1960.
Bibliografia: Cardozo 1960d, p. 553, Fig. 8; Almeida 1974a, Est. XVIII, 2; Silva A.C.F. 1986b, 127 (Cer. 127), Est. LII, 5; Silva M.A.D. 1997, Est. XLIII, 1.
Depósito: MSMS.

128 (Cer. 128) Caçoila. Tipo E4a. Fase IIB (?) **Est. XLVII,5**

Paredes arqueadas espassando para o bordo alargado externamente em aba. Pasta homogénea castanho-escura com areia e mica; superfícies alisadas com engobe cinzento-escuro espatulado horizontalmente. Feita à roda(?) e cozedura boa. Fracturada pela pança.
Dimensões: alt. máx. – 40
diâm. bordo – 297mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 128 (Cer. 128), Est. LI, 5; Gomes J.M.F. 1996, 67 (Cer. 67), Est. XXV, 5.
Depósito: MMEHPV.

129 (Cer. 129) Caçoila. Tipo E4a. Fase III. **Est. XLVII,6**

Perfil em calote com paredes finas espessando para o bordo alargado externamente em aba. Pasta homogénea castanho-escura com areia e mica; superfícies alisadas com engobe acastanhado espatulado horizontalmente com negro de fumo da utilização muito intenso no interior. Feita à rbda e cozedura boa. Fracturada pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 76
diâm. bordo – 309mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 129 (Cer. 129), Est. LI, 6; Gomes J.M.F. 1996, 68 (Cer. 68), Est. XXV: 6.
Depósito: MMEHPV.

130 (Cer 130) Caçoila com asas exteriores horizontais. Tipo E4b. Fase III. **Est. XLVIII,3**

Forma troncocónica, de fundo raso, paredes ligeiramente arqueadas, bordo espessado e facetado e duas asas exteriores de secção elíptica para suspensão com arranques no mesmo plano da parte superior da pança e em posição oblíqua. Pasta homogénea castanho-escura com muita areia e mica; superfícies rosadas, sendo a externa espatulada e muito fumigada de ir ao lume em suspensão pelas asas. Feita à roda e cozedura razoável.
Dimensões: alt. – 125
diâm. bordo – 336
fundo – 150mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 X (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 130 (Cer. 130), Est. LII, 3; Lopes 2003, p. 157:130.
Depósito: MMCa.

131 (Cer. 131) Coador. Tipo F1. Fase III. **Est. LVII,1**

Fundo raso em bolacha perfurado, paredes arqueadas e bordo em aba oblíqua lançado para o exterior. Pasta cinzenta micácea superfícies alisadas com engobe castanho escuro espatulado horizontalmente. Vestígios de negro de fumo no exterior. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 62
diâm. bordo – 200
fundo – 110
orifícios – 1/2,5mm.
Procedência: Castro de S. Julião, Ponte/ Concieiro, Vila Verde.
Bibliografia: Almeida 1974a, Est. XVI, 3; Silva A.C.F. 1986b, 131 (Cer. 131), Est. LXI, 1.
Depósito: MPXII.

132 (Cer. 132) Queijeira. Tipo F2. **Est. LVII,2**

Paredes arqueadas e fundo raso com perfurações abertas do interior para o exterior dispostas em dezasseis círculos concêntricos com algumas irregularidades. Pasta homogénea castanho-clara com pouca areia e mica; superfícies alisadas com engobe avermelhado externamente fumigado. Feita à mão e cozedura boa. Bordo fracturado.
Dimensões: alt. máx. – 40
diâm. máx. – 122
fundo – 50
orifício (méd.) – 1mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 132 (Cer. 132), Est. LXI, 2; Silva M.A.D. 1997, Est. XXXIX, 3.
Depósito: MSMS.

133 (Cer. 133) Dolium. Tipo G1a. Fase IIB. **Est. LV,2**

Colo alto de paredes inclinadas para o interior e largo bordo plano e horizontal lançado para o exterior (II). Pasta homogénea de cor castanha avermelhada micácea; superfícies alisadas com espatulamento horizontal e com manchas de fumigação da cozedura. Feito à roda(?) e cozedura boa. Fracturado pela parte superior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 100
diâm. bordo – 300mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho. Caminha. VIL 83 B'1' (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 133 (Cer. 133), Est. LIX, 2; Lopes 2003, p. 157:133.
Depósito: MMCa.

134 (Cer. 134) Dolium decorado. Tipo G1b. Fase IIB. **Est. LV,1**

Colo alto de paredes inclinadas para o interior e bordo com aplanamento na superfície interna, de lábio boleado lançado obliquamente para o exterior (IC1). Pasta homogénea castanho-escura com areia e mica; superfície externa e parte interior do bordo alisados com engobe da cor da pasta espatulado obliquamente no colo exterior. Decoração de uma banda de incisões em espinha entre caneluras (A2, 77) na linha de separação colo / pança. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado pela parte superior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 175
diâm. bordo – 300mm.
Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. ROM 81 III (04).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 134 (Cer. 134), Est. LIX, 3.
Depósito: MMSMF.

135 (Cer. 135) Dolium decorado. Tipo G1b. Fase III. **Est. LII,1**

Bordo lançado obliquamente para o exterior de superfície interna plana e lábio plano oblíquo com uma canelura na zona média (IB1). Pasta não homogénea de cor alaranjada clara com cerne acinzentado, micácea e com alguma areia; superfícies alisadas com vestígios de fumigação da cozedura. Decoração de uma barra de reforço canelada aplicada sobre uma canelura feita à roda na parte superior da pança. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 29.6
diâm. bordo – 380mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 135 (Cer. 135), Est. LVI, 1.
Depósito: MACS, SA 452.

136 (Cer. 136) Dolium com marca de oleiro. Tipo G1b. Fase III. **Est. LII,2**

Bordo lançado obliquamente para o exterior de superfície interna côncava e lábio plano e horizontal com ressalto interno na divisória bordo/colo (II A1). Pasta homogénea de cor alaranjada micácea e com areia fina; superfície externa alisada. Marca de oleiro, de linha sinuosa, feita a dedo na superfície interna do bordo (Est. LXIII,1). Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 120
diâm. bordo – 380mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 136 (Cer. 136), Est. LVI, 2.
Depósito: MACS, SA 453.

137 (Cer. 137) Dolium decorado. Tipo G1b Fase III. **Est. LII,3**

Pança ovalada, bordo lançado obliquamente para o exterior de superfície interna plana e lábio horizontal com rebordo e ressalto internos (I A2) e fundo raso com toro de perfil circular (G1 II 1). Pasta homogénea de cor castanha alaranjada clara com areia fina e mica; superfícies alisadas com dedadas de modelagem. Decoração incisa de meandros entre caneluras (A2, 298) feitas à mão. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 863
diâm. bordo – 400
pança – 590
fundo – 300mm.
Procedência: Citânia de Sanfins. Paços de Ferreira. 1965.
Bibliografía: Silva A.C.F. 1983a, Est. XV, 3 e 1986a, Est. XII, 3 e 1986b, 137 (Cer. 137), Est. LVI, 3 e 1999b, 1.1.36; Mota 1998, p. 32, Fig. 7.
Depósito: MACS, SA 454.

138 (Cer. 138) Cântaro com asa(s?) e decorado. Tipo G2. Fase III. **Est. LV,3**

Colo alto lançado para o exterior com bordo encurvado com aplanamento na superfície interna e vestígios de arranque de asa. Pasta homogénea castanho-clara com areia fina e mica rara; superfícies alisadas com engobe castanho. Decoração incisa de um alinhamento de triângulos internamente preenchidos com linhas paralelas a um dos lados em toda a superfície do colo separado por duas caneluras de outro alinhamento triangular na parte superior da pança. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela parte superior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 77
diâm. bordo – 190mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 138 (Cer. 138), Est. LIX, 3; Gomes J.M.F. 1996, 25 (Cer. 25), Est. XVIII: 3; Silva A.C.F. et alii 1997,Cer.18.
Depósito: MMEHPV.

139 (Cer. 139) Cântaro decorado. Tipo G2. Fase III. **Est. LV,4**

Similar ao anterior, com bordo espessado em aba horizontal e com engobe espatulado horizontalmente e decoração estampada em ziguezague de dupla linha na parte superior do bordo e de um alinhamento de SS no limite superior interno além da decoração de largos triângulos internamente preenchidos com linhas na direcção do vértice na superfície do colo sobre uma canelura ao modo do anterior. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela zona de separação colo/pança.

Dimensões: alt. máx. – 107
diâm. bordo – 219mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 139 (Cer. 139), Est. LIX, 3; Gomes J.M.F. 1996, 26 (Cer. 26), Est. XVIII: 4.
Depósito: MMEHPV.

140 (Cer. 140) Anforeta. Tipo G3. Fase IIIB. **Est. LV,6**

Parte superior de anforeta desde os ombros, com colo alto apertando para a boca com bordo espalmado de superfície plana e horizontal e com duas asas de secção circular saindo em arco da parte superior do colo e descendo verticalmente sobre os ombros. Pasta homogénea alaranjada com grãos de areia e mica; superfície externa alisada com engobe castanho alaranjado espatulado no sentido vertical. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.

Dimensões: alt. máx.- 197
diâm. bordo – 118mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 IV (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 140 (Cer. 140), Est. LIX, 6; Lopes 2003, p. 158:140.
Depósito: MMCa.

141 (Cer. 141) Bilha. Tipo G4. Fase IIIB. **Est. LV,7**

Parte superior de bilha desde os ombros separados por um ressalto do colo , que é estrangulado e alargando para a boca, com bordo espessado de superfície plana e horizontal na parte superior e uma asa de fita com uma canelura longitudinal na zona média da face externa ligando em arco o bordo à parte superior da pança. Pasta homogénea esbranquiçada depurada; superfície externa alisada. Feita à roda e cozedura boa. Fracturada pela parte superior da pança.

Dimensões: alt. máx. – 100
diâm. bordo – 92mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 78 IV (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 141 (Cer. 141), Est. LIX, 7; Lopes 2003, p. 158:141.
Depósito: MMCa.

142 (Cer. 142) Dolium ritual(?) com decoração plástica e inscrição votiva. Tipo H. Fase IIIB. **Est. LVI,1**

Parte superior da pança até ao arranque do bordo de dolium de pança ovóide com arranque inferior de asa(s) de secção circular no alinhamento de um conjunto de mamilos e ao nível dos toros horizontais decorativos. Pasta homogénea beje relativamente depurada com pequenos grãos de areia e mica rara; superfície externa alisada com engobe alaranjado. Decoração plástica com dois toros horizontais e paralelos na parte superior da pança com zona superior e inferior segmentada por toros mais estreitos em posição vertical formando espaços ornamentados com conjuntos de três mamilos ordenados verticalmente e por um outro motivo constituído por um arco com apêndice com botão terminal. Inscrição latina votiva de quatro linhas na parte superior da pança contígua ao colo com a seguinte leitura: MAXVM[I]/NIS • CATVR[O] / FIGVLVS • HO[C] / MVNVS • DEDIT.
Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 270
diâm. colo – 340
pança – 555
inscrição: campo epigráfico – 95 x70
alt. méd. letras – 12/15mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. 1951.
Bibliografia: Cardozo 1951, p. 463-473, Est. III, 1980, Est. XXVII e 1962c, p. 7-8, Fig. 6; Silva A.C.F. 1986b, 142 (Cer. 142), Est. LX, 1; Silva M.A.D. 1997, Est. LXI, [4].
Depósito: MSMS.

143 (Cer. 143) Dolium ritual (?) com decoração plástica. Tipo H. Fase III. **Est. LVI,2**

Parte superior de dolium de pança ovóide, bordo alto internamente côncavo lançado para o exterior com superfície plana e horizontal e pequeno lábio para o interior da boca e com duas asas de arestas boleadas com uma canelura longitudinal na zona média da face externa ligando o meio do bordo à parte superior da pança. Pasta homogénea rosada e depurada; superfícies alisadas, sendo a externa e a parte interior do bordo com engobe da cor da pasta. Decoração de quatro caneluras ao nível do arranque inferior das asas e de mamilos cilíndricos enquadrando simetricamente os arranques das asas e de filetes e arcos segmentando e preenchendo espaços na zona inferior às caneluras. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 175
diâm. bordo – 374mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 80 IV (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 143 (Cer. 143), Est. LX, 2; Lopes 2003, p. 159:143.
Depósito: MMCa.

144 (Cer. 144) Vaso de pé alto com decoração plástica. Tipo I. Fase III. **Est. LVI,3**

Parte superior da pança e bordo de vaso de pança ovóide e bordo com encaixe interno horizontal e largo com aba para testo e quatro asas de fita de arestas boleadas em posição simétrica ligando a parte superior do bordo à parte superior da pança mais quatro orifícios de suspensão abertos no bordo diametralmente opostos, dois de cada lado, em espaços intermédios das asas. Pasta homogénea cinzento-clara com muita areia e mica; superfície interna alisada com engobe beje escurecido espatulado horizontalmente. Decoração geométrica de estrias verticais e paralelas incisas no bordo e de alinhamentos de esférulas estampadas entre caneluras formando séries de losangos, triângulos e faixas na pança e face externa das asas. Feito à roda e eozedura boa.

Dimensões: alt. máx. - 165
diâm. bordo – 295mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 80 XIX (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 144 (Cer. 144), Est. LX, 3; Lopes 2003, p. 159:144.
Depósito: MMCa.

145 (Cer 145) Vaso de pé alto com decoração plástica. Tipo I. Fase IIB. **Est. LVI,5**

Parte superior da pança e bordo de vaso de decoração idêntica ao n .º 3 com bordo curto no prolongamento das paredes da pança debruado por um toro aplicado e com furo(s) de suspensão. Pasta homogénea cinzenta-clara com muita areia e mica; superfície interna alisada com engobe cinzento escuro espatulado horizontalmente. Decoração geométrica de incisões profundas cruzadas em xadrez no bordo e alinhamentos de eférulas estampadas entre nervuras formando faixas e motivos triangulares. Feito à roda(?) e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. - 73
diâm. bordo – 234mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena. Vilarelho, Caminha. VIL 83 C '3 (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 145 (Cer. 145), Est. LX, 5; Lopes 2003, p. 159:145.
Depósito: MMCa.

146 (Cer. 146) Frag. pé e fundo de vaso. Fase III. **Est. LVI,4**

Pé alto de vaso de forma troncónica oca com a base espessada. Pasta acastanhada relativamente depurada; superfície externa alisada com engobe castanho alaranjado. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 33
diâm. bordo–115mm.
Procedência: Cividade de Âncora. Caminha/Viana do Castelo. ANC 80 XIX (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 146 (Cer. 146), Est. LX, 3; Lopes 2003, p. 159:146.
Depósito: MMCa.

147 (Cer. 147) Vasos geminados. Tipo J. Fase IA. **Est. XXXVII,12**

Dois vasos unidos pela pança e por uma asa comum sobreelevada entre eles e ligando os bordos de secção convexa na face interior e com duas caneluras largas na face superior, fundos rasos, bojos ovóides com ressalto na linha de separação dos bordos que são altos e lançados para o exterior. Pasta técnica de fabrico e acabamento similares aos anteriores.

Dimensões: alt. máx. - 120
diâm. bordo – 258
pança – 278
fundo – 190mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões. S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 147 (Cer. 147), Est. XLI, 12; Lopes 1993, p.140:1.
Depósito: MUCV.

148 (Cer. 148) Pequeno depósito em forma de jarra. Tipo L. Fase III **Est. LVII,3**

Forma cilíndrica, de fundo raso, bico aberto no bordo e possível asa. Pasta homógenea castanho escura com alguma areia e mica; superfícies irregulares, internamente rugosa e externamente lisa e enegrecida. Feito à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. - 40
diâm. bordo (com bico) – 59
fundo – 54mm.
Procedência: Cividade de Bagunte, Vila do Conde.
Bibliografia: Almeida 1974a, p. 195, Est. XVIII, 4; Silva A.C.F. 1986b, 148 (Cer. 148), Est. XLI, 3.
Depósito: IAFCUP.

149 (Cer. 149) Pequeno depósito em forma de jarra. Tipo L. Fase III **Est. LVII,4**

Forma troncocónica de fundo raso, bico aberto no bordo e arranque de asa ligando o bordo ao fundo. Pasta e superfícies como o anterior. Feito à mão e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 49
diâm. bordo (com bico)- 60
fundo- 60mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 149 (Cer. 149), Est. LXI, 4; Gomes J.M.F. 1996, 55 (Cer. 55), Est. XXIII: 6.
Depósito: IAFCUP.

150 (Cer. 150) Pequeno depósito em forma de jarra. Tipo L. Fase III. **Est. LVII,5**

Forma cilíndrica, de fundo raso, com parede lançada para o interior num dos lados. Pasta homógenea cinzento escura com areia fina e mica rara; superfícies alisadas com espatulamento vertical no interior. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. máx. – 48
diâm. fundo – 62mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 150 (Cer. 150), Est. LXI, 5; Silva M.A.D. 1997, Est. LXVI:5.
Depósito: MSMS.

151 (Cer 151) Lamparina. Tipo N. Fase III **Est. LVII, 6**

Infundibulum aberto e alto e provavelmente circular com bico tubular em carena na parte inferior e com abertura em plano horizontal. Pasta homógenea rosada com areia e muita mica; superfícies alisadas com aderências de negro de fumo no exterior. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pelo infundibulum.

Dimensões: alt. – 54
bico diâm. abertura – 33mm.

Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/ Viana do Castelo. ANC 79 XII (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 151 (Cer. 151), Est. LXI, 6; Lopes 2003, p. 160:151.
Depósito: MMCa.

152 (Cer 152) Lamparina. Tipo N. Fase III **Est. LVII, 7**

Infundibulum aberto e alto provavelmente circular com bico tubular com abertura em plano oblíquo. Pasta homógenea cinzento-esbranquiçada com areia e mica; superfície externa alisada com fumigação na parte superior do infundibulum. Feita à mão e cozedura boa. Fracturada pelo infundibulum.
Dimensões: alt. – 40
diâm. abertura (bico) – 14mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 12 e 1986a, Est. XV, 8 e 1986b, 152 (Cer. 152), Est. LXI, 7 e 1999b, 1.1.35.
Depósito: MACS.

153 (Cer 153) Testo em calote. Tipo O1. Fase II (?) **Est. LVIII, 1**

Forma de calote com duas perfurações circulares e arranque(s) para asa em arco na parte superior. Pasta homógenea rosada com areia e mica; superfícies alisadas com engobe castanho espatulado e com aderências de negro de fumo da utilização. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado na parte superior.
Dimensões: alt. máx. – 34
diâm. base – 115mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 153 (Cer. 153), Est. LXII, 1; Gomes J.M.F. 1996, 94 (Cer. 94), Est. XXIX: 4; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer.13.
Depósito: MMEHPV.

154 (Cer 154) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase II (?) **Est. LVIII, 2**

Idêntico ao anterior, de pasta acastanhada com areia e mica e engobe da mesma cor espatulado e com fumigação generalizada. Vestígios de decoração de linhas brunidas na superfície externa. Fracturado na parte superior.
Dimensões: alt. máx. – 29
diâm. base – 117mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 154 (Cer. 154), Est. LXI, 2; Gomes J.M.F. 1996, 96 (Cer. 96), Est. XXIX: 6; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer.14.
Depósito: MMEHPV.

155 (Cer 155) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III **Est.LVIII, 3**

Forma de calote com duas perfurações circulares existentes de um possível grupo de quatro dispostas na parte superior em posição cruciforme. Pasta homógenea de cor cinzento-escura micácea relativamente depurada com fumigação de cozedura. Decoração incisa de caneluras paralelas circulares enquadrando uma faixa com ziguezague esteliforme de linha dupla e espaços triangulares inferiores preenchidos de linhas horizontais paralelas (C, 287). Fracturado na parte superior.
Dimensões: alt. máx. – 33
diâm. base – 112mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Almeida 1974 a, Est. XVI, 1 (inv.); Silva A.C.F. 1986b, 155 (Cer. 155), Est. LXII, 3; Silva M.A.D. 1997, Est. LXXIV:1.
Depósito: MSMS.

156 (Cer 156) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III. **Est. LVIII,4**

Forma de calote com perfurações circulares aos pares na parte superior, com vestígios de encaixe para pega. Pasta homógenea castanha e micácea; superfícies alisadas com negro de fumo no exterior. Decoração incisa de ziguezague em linha dupla em composição esteliforme entre caneluras (C, 288). Fracturado pela pega.
Dimensões: alt. máx. – 35
diâm. base – 120mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 156 (Cer. 156), Est. LXII, 4; Silva M.A.D. 1997, Est. LXXIV:2.
Depósito: MSMS.

157 (Cer 157) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III. **Est. LVIII, 5**

Tipologia similar dos anteriores, com bordos adelgaçados sem vestígios de furos num arranque de asa. Pasta acastanhada com areia e mica; superfícies alisadas com vestígios de fumigação. Decoração incisa na fase externa de uma faixa em ziguezague e outra de traços oblíquos entre caneluras finas. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado na parte superior.
Dimensões: alt. máx. – 22
diâm. base – 110mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 157 (Cer. 157), Est. LXII, 5.
Depósito: MACS, SA 490.

158 (Cer 158) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III. **Est. LVIII, 6**

Tipologia idêntica ao anterior, com duas perfurações. Pasta beje relativamente depurada com mica fina; superfícies alisadas com vestígios de fumigação intensa. Decoração na face externa de uma faixa de incisões oblíquas e paralelas sobrepostas por outras mais espaçadas e vincadas e em direcção perpendicular e de outra faixa lisa entre caneluras finas.
Feito à mão e cozedura boa. Fracturado na parte superior.

FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS BIBLIOTECA

Dimensões: alt. máx. – 21
diâm. base – 119mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 158 (Cer. 158), Est. LXII, 6.
Depósito: MACS, SA 491.

159 (Cer 159) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III **Est. LVIII, 7**

Similar dos anteriores, de perfil subtroncocónico, com vestígios de um orifício. Pasta rosada com areia e mica fina; superfície externa alisada com bordo escurecido pelo fogo. Decoração na face externa de uma faixa de SS estampados e outra de alinhamentos oblíquos de pontilhado também estampado por matriz entre caneluras. Feito à mão e cozedura boa. Fracturado na parte superior.

Dimensões: alt. máx. – 30
diâm. base – 120mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, SAN 67.
Bibliografia: Silva 1986a, Est. XV, 10 e 1986b, 159 (Cer.159), Est. LXII, 7 e 1999b, 1.1.14.
Depósito: MACS, SA 611.

160 (Cer. 160) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III. **Est. LVIII, 8**

Tipologia similar dos anteriores, mais espessado nos bordos e com uma perfuração. Pasta beje depurada; superfícies alisadas. Decoração de ziguezague inciso na parte superior entre uma larga canelura interna no plano do orifício e três caneluras largas concêntricas pelo exterior. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado na parte superior.

Dimensões: alt. máx. – 34
diâm. base – 130mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XVI, 11 (inv.) e 1986b, 160 (Cer. 160), Est. LXII, 8.
Depósito: MACS, SA 612.

161 (Cer. 162) Testo em calote decorado. Tipo O1. Fase III. **Est. LVIII, 9**

Forma de calote alteada com perfuração circular na parte superior lateral. Pasta homógenea de cor castanha clara micácea e com areia fina. Decoração profundamente incisa de barras circulares paralelas sobrepostas, duas inferiores de linhas oblíquas em espinha seguidas de dois alinhamentos de ziguezagues entre caneluras. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado na parte superior.

Dimensões: alt. máx. – 69
diâm. base – 138mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 161 (Cer. 161), Est. LXII, 9; Almeida 1974a, Est. XVI, 2 (inv.); Silva M.A.D. 1997, Est. LXXIV:4.
Depósito: MSMS.

162 (Cer. 162) Testo em disco umbilicado. Tipo O2a. Fase III. **Est. LVIII, 10**

Pequeno disco levemente côncavo com botão semi-esférico na parte central correspondente a uma concavidade interna. Pasta homógenea de cor beje relativamente depurada; superfícies alisadas com enegrecimento na parte exterior. Decoração de quatro unhadas simples distribuídas irregularemente na parte superior inscritas num círculo levemente inciso. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões: alt. – 12
diâm. base – 55mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 162 (Cer. 162), Est. LXII, 10.
Depósito: MSMS

163 (Cer. 163) Testo em disco plano. Tipo O2b1. Fase III. **Est. LVIII,11**

Disco espesso com gola e com botão central para pega. Pasta homogénea castanha micácea; superfícies não alisadas. Feito à roda e cozedura boa.

Dimensões : alt. – 21
diâm. base – 45mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 163 (Cer. 163), Est. LXII, 11; Gomes J.M.F. 1996, 95 (Cer. 95), Est. XXIX: 5; Silva A.C.F. et alii 1997, Cer.12.
Depósito: MMEHPV.

164 (Cer. 164) Testo em disco plano. Tipo O2b2. Fase III. **Est. LVIII,12**

Disco plano com desvão na parte inferior e botão central estrangulado e côneavo na parte superior para pega. Pasta homogénea acastanhada com areia e mica; superfícies alisadas, com vestígios de aguada alaranjada no exterior. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado nos bordos.

Dimensões: alt. – 18
diâm. máx. – 76mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 81 II (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 164 (Cer. 164), Est. LXII, 12; Lopes 2003, p. 161:164.
Depósito: MMCa.

165 (Cer. 165) Testo em disco plano decorado. Tipo O2b2. Fase III. **Est. LVIII,13**

Disco plano com botão central levemente estrangulado e com a parte superior côncava para pega. Pasta homogénea acastanhada com areia e mica; superfície externa alisada. Decoração de uma coroa circular com dois meandros alternando com duas caneluras concêntricas (A2, 307) na parte superior do disco. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado nos bordos.

Dimensões: alt. – 45
diâm. máx. – 130mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 165 (Cer. 165), Est. LXII, 13.
Depósito: MACS, SA 613.

166 (Cer. 166) Testo em disco côncavo. Tipo O2e. Fase III. **Est. LVIII,14**
Disco internamente côneavo com botão central levemente estrangulado e com a parte superior côncavo para pega. Pasta homogénea de cor beje com areia e mica; superfícies mal alisadas e com aderências de negro de fumo da utilização. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. – 32
diâm. base – 140mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. 1951.
Bibliografia: Cardozo 1951b, Est. 1, 3; Silva A.C.F. 1986b, 166 (Cer. 166), Est. LXII, 14.
Depósito: MSMS.

167 (Cer. 167) Frag. ânfora de tradição púnica decorada e pintada. Fase IIA. **Est. LXXV,1**
Bordo em aba revirado para o exterior sobre colo alto inflectindo na parte superior da pança horizontalizada. Pasta homogénea cor de tijolo alaranjada porosa e friável e relativamente depurada com grãos dispersos de areia e mica fina; superfícies alisadas com espesso engobe micáceo com pintura cinzento azulada. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 70
diâm. bordo – 299mm.
Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. ROM 81 11 (07).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 169 (Cer. 169), Est. LXXIX, 1.
Depósito: MMSMF.

168 (Cer. 168) Frag. ânfora de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXV,2**
Bordo espessado externamente côncavo e internamente boleado lançado para o interior. Pasta homogénea alaranjada porosa e friável e relativamente depurada com raros grãos de areia dispersos e muito pouca mica fina; superfícies deterioradas com vestígios de pintura cinzento azulado. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 41
diâm. bordo – 230mm.
Procedência: idem. ROM 81 II (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 170 (Cer. 170), Est. LXXIX, 2.
Depósito: MMSMF.

169 (Cer. 169) Frag. ânfora de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXV,3**
Bordo espessado externamente côncavo com lábio vincado lançado para o exterior sobre a parte superior da pança. Pasta homogénea cor de tijolo alaranjada, porosa, friável e depurada; superfícies pintadas de negro azulado. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 25
diâm. bordo – 151mm.
Procedência: idem. ROM 81 11 (07).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 171 (Cer.171), Est. LXXIX, 3.
Depósito: MMSMF.

170 (Cer. 170) Frag. ânfora de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXV,4**
Bordo em anel espessado sobre a pança horizontalizada. Pasta homogénea de cor beje rosada porosa, friável e depurada; superfície externa do bordo e pança com espesso engobe alaranjado vivo com vestígios de pintura negro-azulada. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. max. – 23
diâm. bordo – 139mm.
Procedência: idem. ROM 81 II (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 172 (Cer. 172), Est. LXXIX, 4.
Depósito: MMSMF.

171 (Cer. 171) Frag. ânfora de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXV,5**
Bordo espessado em toro com estrangulamento anguloso na ligação externa com a pança. Pasta homogénea alaranjada. porosa e friável e depurada; vestígios de pintura negro-azulada na superficie externa. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 30
diâm. bordo – 151mm.
Procedência: idem. ROM 81 11 (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 173 (Cer. 173), Est. LXXIX, 5.
Depósito: MMSMF.

172 (Cer. 172) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXIX,6**
Fundo côncavo de paredes espessas. Pasta homogénea de cor cinzenta azulada porosa e friável e depurada com rara mica fina; superfícies alisadas. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 25
diâm. fundo – 140mm.

Procedência: idem. ROM 8111 (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 174 (Cer. 174), Est. LXXIX, 6.
Depósito: MMSMF.

173 (Cer. 173) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXV,7**
Parte superior da pança ovóide e bordo curto de secção subtriangular adelgaçado para a extremidade internamente côncavo e com ressalto. Pasta homogénea alaranjada clara, porosa, friável e depurada; superfícies alisadas com engobe da cor da pasta. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. - 42
diâm. bordo – 230mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 83 C'1 (02-03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 175 (Cer. 175), Est. LXXIX, 7.
Depósito: MMCa.

174 (Cer. 174) Frag. ânfora de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXV,8**
Parte superior da pança com dedada interna para ajuste de asa exterior, perdida, e bordo curto espessado em toro espalmado.Pasta homogénea atijolada porosa e friável e depurada; superfícies alisadas. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 80
diâm. bordo – 170mm.
Procedência: idem. VIL 83 C'1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 176 (Cer. 176), Est. LXXIX, 8.
Depósito: MMCa.

175 (Cer. 175) Frag. ânfora de tradição púnica pintada. Fase IIA. **Est. LXXV,9**
Parte superior da pança e inferior do colo de forma com perfil em S. Pasta homogénea atijolada porosa, friável e depurada; superfície externa com uma série de barras horizontais e paralelas pintadas, a superior estreita, no colo de cor castanha violácea a segunda, mais larga, na zona de separação entre o colo e a pança, castanha alaranjada e outras três inferiores também da mesma espessura e cor da primeira. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 83
diâm. bordo – 260mm.
Procedência: idem. VIL 83 B'1' (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 177 (Cer. 177), Est. LXXIX, 9.
Depósito: MMCa.

176 (Cer 176) Parte superior de prato covo de cerâmica fina cinzenta. Fase IIA. **Est. LXXVI,1**
Perfil subtroncocónico, bordo espessado e boleado lançado para o exterior com ressalto interno a separá-lo da pança. Pasta homogénea cinzenta azulada, porosa, friável e depurada; superfícies alisadas com engobe micáceo cinzento mais escuro que a pasta. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 40
diâm. bordo – 160mm.
Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. ROM 81 II (07).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 178 (Cer. 178), Est. LXXX, 1.
Depósito: MMSMF.

177 (Cer. 177) Frag. vaso de cerâmica fina cinzenta. Fase IIA. **Est. LXXVI,2**
Colo e bordo em aba revirado para o exterior sobre arranque de pança com ressalto. Pasta homogénea cinzenta azulada porosa e friável e relativamente depurada com mica fina; superfícies alisadas com engobe micáceo com pintura cinzenta azulada mais escura que a pasta. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 21
diâm. bordo – 142mm.
Procedência: idem. ROM 81II (07).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 179 (Cer. 179), Est. LXXX, 2.
Depósito: MMSMF.

178 (Cer. 178) Frag. vaso de cerâmica fina cinzenta, Fase IIA. **Est. LXXVI,3**
Parte superior da pança, colo alto e bordo em aba lançado obliquamente para o exterior. Pasta homogénea cinzenta clara, porosa friável e pouco depurada com grãos de areia e pouca mica fina; superfície externa alisada com engobe pintado de cinzento azulado escuro. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 25
diâm. bordo – 139mm.
Procedência: idem. ROM 81 11 (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 180 (Cer. 180), Est. LXXX, 3.
Depósito: MMSMF.

179 (Cer. 179) Frag. vaso de cerâmica fina cinzenta. Fase IA. **Est. LXXVI,4**
Bordo em aba espessado e lançado para o exterior. Pasta homogénea cinzenta acastanhada depurada; superfícies alisadas com engobe de cor negro azulado. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 15
diâm. bordo – 120mm.

Procedência: idem. ROM 81 II (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 181 (Cer. 181), Est. LXXX, 4.
Depósito: MMSMF.

180 (Cer. 180) Frag. vaso de cerâmica fina cinzenta. Fase IIA. **Est. LXXVI,5**
Parte superior da pança, colo e bordo em aba revirado para o exterior com nervura no colo. Pasta homogénea cinzenta porosa, friável e depurada; superfícies alisadas, a interna com espesso engobe alaranjado e a externa com engobe cinzento azulado. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 26
diâm. bordo – 101mm.
Procedência: idem. ROM 81 II (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 182 (Cer. 182), Est. LXXX, 5.
Depósito: MMSMF.

181 (Cer. 181) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXVI,6**
Bordo lançado para o exterior separado do colo por vinco interno. Pasta homogénea beje porosa, friável e pouco depurada com areia e mica fina; superfícies alisadas com engobe micáceo da cor da pasta. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 17
diâm. bordo – 138mm.
Procedência: idem. ROM 81 II (05)
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 183 (Cer. 183), Est. LXXX, 6.
Depósito: MMSMF.

182 (Cer. 182) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXVI,7**
Parte superior da pança separada do bordo por canelura larga no colo, Pasta homogénea beje porosa, friável e depurada; superfícies alisadas com engobe micáceo cinzento azulado deteriorado no exterior. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 27
diâm. máx. – 106mm.
Procedência: idem. ROM 81 II (07).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 184 (Cer. 184), Est. LXXX, 7.
Depósito: MMSMF.

183 (Cer. 183) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXVI,8**
Fundo côncavo e parte inferior da pança de paredes externamente convexas. Pasta beje de cerne alaranjado, porosa, friável e depurada; superfícies alisadas com engobe cinzento escuro micáceo. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 13
diâm. fundo – 54mm.
Procedência: idem. ROM 81 II (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 185 (Cer. 185), Est. LXXX, 8.
Depósito: MMSMF.

184 (Cer. 184) Frag. taça de tradição púnica. Fase IIA. **Est LXXVI,9**
Bordo em aba revirado para o exterior. Pasta homogénea alaranjada porosa, friável e depurada; supefícies alisadas com engobe beje. Feita à roda e cozedura razoável.
Dimensões: alt. máx. – 24
diâm. bordo – 217mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho. Caminha. VIL, 83 B'1' (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 186 (Cer. 186), Est. LXXX, 9.
Depósito: MMCa.

185 (Cer. 185) Frag. taça de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXVI,10**
Bordo de paredes encurvadas para o interior espessado e boleado na extremidade. Pasta homogénea alaranjada porosa, friável e depurada. Vestígios de engobe beje nas superfícies. Feita à roda e cozedura razoável.
Dimensões: alt. máx. – 25
diâm. bordo – 180mm.
Procedência: idem. VIL 83 B'1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 187 (Cer. 187), Est. LXXX, 10.
Depósito: MMCa.

186 (Cer. 186) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXVI,11**
Colo e bordo lançado para o exterior com bordo espessado rematado por uma superfície externa plana e oblíqua com lábio vincado na parte inferior. Pasta homogénea alaranjada-clara porosa, friável e depurada; superfícies alisadas com engobe beje. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 22
diâm. bordo – 106mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 80 I (08).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 188 (Cer. 188), Est. LXXX, 11; Gomes J.M.F. 1996, 97 (Cer. 97), Est. XXX: 7.
Depósito: MMEHPV.

187 (Cer. 187) Frag. vaso de tradiçao púnica. Fase IIA. **Est. LXXVI,12**
Bordo internamente côncavo com ressalto. Pasta homogénea cor de tijolo alaranjada porosa, friável e depurada; superficies alisadas com engobe beje. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 27
diâm. bordo – 239mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 83 B'1 (02/03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 189 (Cer. 189), Est. LXXX, 12.
Depósito: MMCa.

188 (Cer. 188) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXX,13**
Fundo côncavo de perfil sinuoso. Pasta homogenea atijolada porosa, friável e depurada; superfície externa alisada com engobe beje. Feito à roda e cozedura razoável.
Dimensões: alt. máx. – 18
diâm. fundo – 114mm.
Procedência: idem. VIL 83 B'1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 190 (Cer. 190), Est. LXXX, 13.
Depósito: MMCa.

189 (Cer. 189) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXX,14**
Fundo em bolacha côncavo na base e início da pança alargada. Pasta homogénea de cor beje, porosa e friável; superfície externa engobada com pintura espessa amarela esbranquiçada. Feito à roda e cozedura boa. Fracturado pela parte inferior da pança.
Dimensões: alt. máx. – 33
diâm. fundo – 105mm.
Procedência: idem. VIL 84 C'2' (03)
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 191 (Cer. 191), Est. LXXX, 14.
Depósito: MMCa.

190 (Cer. 190) Frag. vaso de tradição púnica. Fase IIA. **Est. LXXX,15**
Fundo raso e parte inferior da pança. Pasta rosada com núcleos de cor acinzentada e beje, porosa, friável e depurada; superfícies alisadas de cor beje. Feito à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx. – 23
diâm. fundo–96mm.
Procedência: idem. VIL 83 B'1 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 192 (Cer. 192), Est. LXXX, 15.
Depósito: MMCa.

191 (Cer. 191) Frag. tigela de verniz negro pré-campaniense. Fase IIA. **Est. LXXX,16**
Pé em toro circular e fundo de tigela. Pasta homogénea beje depurada; superticies alisadas com pintura rosada no fundo e verniz negro brilhante no toro e numa faixa externa a ele contígua e em todo o interior. Feita à roda e cozedura boa.
Dimensões: alt. máx–29
diâm. pé–58mm.
Procedência: idem. VIL 83 B'1 (02/03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 192A (Cer. 193), Est. LXXX, 16.
Depósito: MMCa.

2.2. METALURGIA

São numerosas as situações que permitem correlacionar o desenvolvimento da metalurgia do bronze com o período de formação da cultura castreja do Noroeste. Das ocorrências de achados isolados e depósitos do final da Idade do Bronze Atlântico atribuídas a habitats castrejos ou com eles proximamente relacionados[276], e de que se não deduzia com clareza suficiente, com a soma dos resultados dos nossos trabalhos, em especial no Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha)[277] e do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul)[278], se concluiu pela evidência dessa relação com provas estratigráficas e elementos arqueológicos de composição e localização inequívocas[279], que considerámos um contributo positivo a acrescentar aos estudos de síntese da autoria de J. Martínez Santa-Olalla[280], H. N. Savory[281], E. Mac White[282], L. Monteagudo[283], M. Almagro-Gorbea[284], Ph. Kalb[285], A. Coffyn[286], mais recentemente desenvolvidos por múltiplas abordagens[287].

De salientar, neste contexto, a valiosa contribuição do numeroso e diversificado volume de bronzes encontrado em Março de 1983 no Castro da Senhora da Guia, Baiões[288], com características morfológicas e tecnológicas que não permitem interpretá-lo senão como fazendo parte de um depósito de fundidor localizado dentro do castro (Est. XIV, BAI 83), tornando-se assim, na mais expressiva manifestação de uma metalurgia local do Bronze final no interior de povoados castrejos do Noroeste peninsular.

É índice bem claro deste artesanato local a existência de um molde de bronze com o respectivo produto de fundição com ele conexo (Est. LXXXI) e a presença de várias séries de objectos ainda com rebarbas vivas, com toda a certeza fundidos no mesmo molde, designadamente de machados (Est. LXXXII, 3A-3G) foicinhas, (Est. LXXXIII, 3-10) e braceletes (Est. XCVI, 5A-5D).

A sua associação a elementos de outras peças com vestígios de desgaste e fragmentárias, não prejudicando esta observação, antes a reforça por se tratar com toda a probabilidade de materiais destinados a refundição. Não é, de resto, a primeira revelação sob este aspecto evidenciada neste castro, onde se vêm

---

276 *In genere*, Kalb 1980b (14 mapas fora de texto).
277 Escavações arqueológicas 1980-1985; Silva A.C.F. 1986b; Lopes 2003.
278 Silva A.C.F. *et alii* 1984; Silva A.C.F. 1986b; Lopes 1993.
279 Cfr. supra, os dados sobre a fase IA (Cap. I).
280 Martínez Santa-Olalla 1946.
281 Savory 1949.
282 Mac White 1951.
283 Monteagudo 1977.
284 Almagro Gorbea 1977a e 1977b.
285 Kalb 1980a e 1980b.
286 Coffyn 1983 e sobretudo 1985.
287 Senna Martínez 1989, 1994 e 2000; Silva A.C.F. 1990b e 1993, p. 237-293; Martins M. 1990; Coffyn 1991 e 1998; Almagro-Gorbea 1993a e 1998: Ruíz-Gálvez 1993; Vilaça 1995, 1997 e 1998; Jorge S.O. 1995 e 1998; Bettencourt 1995b, 1998 e 2001a; Martins M. 1998a e 1990; Melo 2000; Cardoso 2002, p. 349-400; Armbruster 2002-03, entre os mais representativos.
288 Silva A.C.F. *et alii* 1984.

acumulando outros testemunhos da prática da metalurgia constando em especial de moldes cerâmicos (Est. LXXX, 1-2)[289].

Constituído na sua totalidade por meia centena de objectos bem identificados, incluindo utensílios, armas, peças rituais e de adorno, e cerca de três dezenas de peças menores, sobretudo argolas, podendo colocar-se entre os grandes depósitos europeus congéneres[290], a sua grande novidade consiste na diversidade da sua composição quantitativa e qualitativamente em situação privilegiada relativamente aos outros achados similares entre nós referenciados, ora constando de grande homogeneidade tipológica, na sua maioria de machados de talão de duplo anel, ora de composição heterogénea de reduzida expressão numérica[291], como é manifesto nos quadros de distribuição tipológica (Gráfico 4; Est. IV).

De maior interesse se afigura ainda esta notável associação de materiais, ao poder considerar-se, pelas circunstâncias verificadas na sua descoberta, como um verdadeiro «conjunto fechado» atribuível, por razões tipológicas e técnicas e de cronologia interna do povoado, a uma datação em torno de 900 a.C.[292], com enquadramento no Bronze Final Atlântico II, podendo fazer servir o «Grupo de Baiões», de que este depósito representa a sua principal componente, como ponto de referência de uma rede de relações económicas e culturais, repetidamente anunciadas a propósito de achados congéneres da região[293], que cobriu o Ocidente europeu numa vasta comunidade de interesses complementares desde as Ilhas Britânicas ao Mediterrâneo Ocidental, onde vamos encontrar os paralelos mais directos para alguns dos seus materiais.

O achado de objectos similares no Castro do Coto da Pena, à foz do Minho, alargando com novos elementos o universo dos materiais típicos e reforçando o quadro das suas relações, aparece com a vantagem de contribuir com dados estratigráficos e cronológicos para uma melhor caracterização do horizonte desta primeira fase da cultura castreja.

A quantidade e variedade dos produtos característicos do final da Idade do Bronze manifestos nos quadros de distribuição tipológica (Gráfico 4, Est. IV) e a diversidade dos instrumentos relacionados com a actividade metalúrgica são prova do desenvolvimento ímpar que o progresso técnico, em aceleração desde o começo da Idade dos Metais, atingiu na fase final da Idade do Bronze nesta zona metalúrgica do Noroeste, de tradicional riqueza em cassiterite[294] e com situação geográfica propícia à intensificação de intercâmbios.

Entre os índices de desenvolvimento tecnológico referimos e ilustramos diversos tipos de moldes de fundição, de pedra, cerâmica e bronze e outros elementos que supõem um apurado domínio de produção ao nível dos outros focos metalúrgicos do Bronze Atlântico[295].

Apenas é do nosso conhecimento nesta área a existência de um molde de pedra, que era destinado a fundir foicinhas de talão, procedente do Castro de Álvora (Arcos de Valdevez)[296], cumprindo sublinhar a raridade dos moldes de pedra, entre nós, onde só se testemunham mais dois exemplares em território nacional, um também de foicinhas, procedente de Casal de Rocanes, (Cacém, Belas, Sintra)[297], sendo o segundo um molde múltiplo de espadas e mais objectos, do Castro da Coroa do Frade (Évora)[298].

Trata-se, efectivamente, de um tipo de molde de origem remota e de uso vulgar no fabrico de machados planos, sobretudo documentado em relação com o foco metalúrgico de El Argar e com larga pervivência até aos começos da Idade do Ferro[299], sendo também habitual a sua utilização no final da Idade do Bronze nos

289 Além dos moldes ilustrados neste trabalho, estão recolhidos no Museu da Universidade Católica de Viseu diversos fragmentos de moldes cerâmicos daí provenientes.
290 Cfr. Coffyn *et alii* 1981, p. 33-40.
291 Coffyn 1983, p. 171-172 e 1985, p. 213-216; Monteagudo 1977; Kalb 1980a, p. 26-30, 37-45.
292 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 82-94.
293 *In genere*, Kalb 1978 e outras obras supra citadas.
294 Cfr., vg., Ramin 1965 e 1977; Coffyn 1985, p. 115-118.
295 Cfr., vg., Briard *et alii* 1984, *passim*; Tylecote 1986, cap. 5; Armbruster 2002-03.
296 Recolha de A. Martinho Baptista, a quem agradecemos a informação.
297 Fontes J. 1916, p. 337-342, 5 Figs., e 1 Est.
298 Arnaud 1972, p. 67-69, Fig. 7.
299 Cfr., vg., Monteagudo 1977 e Rauret Dalmau 1976, p. 78-135.

núcleos metalúrgicos atlânticos para fundição de machados de apêndices laterais, machados de rebordos e aletas, machados de alvado, foicinhas de talão, espadas, pontas de seta, adornos e outros objectos indeterminados[300]. Dois moldes de machado de alvado e uma argola[301] pertencem, na área castreja, às estações galegas de Santa Maria de Cuntis (Caldas de Reyes, Pontevedra) e Castro de Neixón (Sanxenxo, La Coruña).

Também procedentes do Castro da Senhora da Guia, Baiões, se documentam vários fragmentos de moldes de cerâmica deste período, alguns identificados como de ponta de lança (Est. LXXX, 2) e habitualmente entendidos como de cera perdida[302], mas que poderão ter sido utilizados segundo outro processo de fabrico[303], que constaria das seguintes fases:

a) adaptação de pasta argilosa sobre o modelo a reproduzir, no caso, uma ponta de lança virtualmente de bronze;
b) depois de retirado o modelo, regularização, união e reforço das valvas por uma camada envolvente de argila, tornando-se numa espécie de molde monovalve;
c) solidificação do molde por cozedura;
d) fractura do molde após a operação de fundição, para recuperar o objecto de metal.

Alguns fragmentos troncocónicos com pastas da mesma natureza (Est. LXXX, 1) deveriam ser usados, segundo esta técnica de fabrico, para o preenchimento dos alvados existentes em diversos artefactos, como lanças, foicinhas e outros.

Com estes dados, conquanto reduzidos, se contribui para o conhecimento dos tipos e variedade instrumental que se poderia conseguir com estes moldes, que encontram na fase II de Soto de Medinilla (Valladolid), datável pelo contexto arqueológico de Hallstatt B com correspondência a PIIb de Cortes de Navarra[304], o conjunto cronológica e culturalmente mais aproximado, onde também se identifica, entre os fragmentos, um atribuível a uma matriz de ponta de lança[305].

De metal, era apenas conhecido um molde bivalve de bronze de machados de talão de duas faces e duplo anel, de tipo 35A de L. Monteagudo[306], procedente de Castro Daire[307].

Com o achado do depósito de Baiões, conta-se com mais um exemplar de molde bivalve, agora, de machados de talão unifaces e de um anel, de tipo 36A[308] (Est. LXXXI), sendo de presumir pela série de sete machados de tipo 35A (Est. LXXXII, 3A-3G) do mesmo depósito de fundidor a existência de mais um molde idêntico ao primeiro.

De notar a similaridade destes dois exemplares da Beira Alta, a assinalar idêntica cronologia e gostos regionais, também evidente pela distribuição dos paralelos[309], inclusive no sistema de ajustamento em que as valvas se adaptam por encaixes internos, quase hermeticamente, segundo processo vulgarizado noutros moldes[310], parecendo o de Castro Daire possuir ainda entalhes exteriores para facilitar a união de uma valva a outra por meio de um fio com certeza metálico, de que, de resto, também nos apareceram alguns segmentos no depósito de Baiões, segundo processo análogo ao documentado nos moldes bivalves de pedra[311]. As próprias asas, além de facilitarem a abertura das valvas após o arrefecimento, também deveriam ser aproveitadas para a sua união.

---

300 Cfr., vg., Mohen 1978, p. 23-32 e 1984.
301 Coffyn 1985, p. 229-232 (carte 45), Pl. LVI, 1-2.
302 Rauret Dalmau 1976, p. 135.
303 Mohen 1984, p. 184.
304 Palol 1966, n.º 12, p. 24-55; Maluquer de Motes 1958.
305 Rauret Dalmau 1976, p. 135-142, onde se citam mais dois exemplars para fundir machados planos de Siriguarach (Alcaniz, Teruel) e um exemplar de Cueva de Boquique (Valcorchero, Cáceres) possivelmente de cabeças de alfinetes (Rivero 1972-1973, Fig. 47; Almagro Gorbea 1977, p. 90-91, Fig. 34). Posteriormente, Eiroa deu a conhecer um lote de moldes de argila do Castro de El Royo (Soria) que considera procedentes de um nível arqueológico cronologicamente correspondente ao Hallstatt C-D europeu (Eiroa 1981).
306 Monteagudo 1977, p. 288, Taf. 93:1321.
307 Teixeira 1940, Fig. 1-2.
308 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 76-77, Est. III.
309 Monteagudo 1977, p. 206-211.
310 Cfr., vg., Coghlan 1975 (2.ª ed.), chapter IX, Pl. IX = Mohen 1978, Fig. 3.

Em atenção à polémica sobre o funcionamento destes moldes, pelas nossas próprias observações, designadamente sobre a existência sistemática de rebarbas laterais e assimetrias resultantes de desajustamento das valvas, além da solidez estrutural dos próprios moldes, entendemos, com J.-P. Mohen[312], que eles eram destinados a servir para fundição directa dos produtos, podendo considerar-se ultrapassada a hipótese lançada desde J. Déchelette[313], que fazia deles instrumentos de preparação de modelos de cera para ulterior fundição do metal pelo método da cera perdida que, todavia, sempre tem contado com adeptos[314].

Como os nossos dois exemplares, quase todos os moldes de bronze achados na Península, designadamente em Paradela (Orense)[315], Friol (Lugo)[316] e La Macolla (Linares de Riofrío, Salamanca)[317], são para fundir machados de talão. Todavia, este não era o tipo exclusivo, pois existiam modelos para machados de alvado e de aletas, pontas de lança, adornos e outros objectos[318] sendo, em todo o caso, óbvio o relacionamento da adopção deste tipo de moldes metálicos com um verdadeiro fabrico em série que vem sendo comprovado também por dados de arqueologia experimental[319], podendo eventualmente deduzir-se a escassa frequência dos achados da sua própria refundição por motivos de amortização do metal sobretudo quando se encontravam já sem condições de operacionalidade.

Nos níveis intermédios do Castro do Coto da Pena atribuíveis à fase IIA foram também por nós recolhidos uma valva fragmentada de molde de pedra para fundição de alfinetes (Est. LXXX, 7) e dois fragmentos de moldes cerâmicos de perfil subcircular, um de cabo de utensílio (Est. LXXX, 4) e outro de cabo de espada ou punhal de secção ovalada com estrias decorativas oblíquas e paralelas e pequena asa de preensão lateral (Est. LXXX, 5) similar do punhal de BAI 83 (Est. LXXXVII, IA-C) e ainda dois cadinhos de cerâmica, um deles ainda com restos de bronze no interior (Est. LXXIX, 7-8) e vestígios de escória de fundição, numa clara demonstração de continuidade da metalurgia do bronze na Idade do Ferro.

Alguns instrumentos de idêntico material, como lingoteiras e rilheiras de pedra, cadinhos e moldes de cerâmica documentam ainda a mesma tecnologia na fase III, onde aparece sobretudo aplicada em certas armas e ornamentos, isoladamente ou em associação ao ferro, metal que marca significativamente a actividade metalúrgica primordial deste período mormente no fabrico de armas e utensílios.

Entre eles, apresentamos as lingoteiras de pedra do Castro de Romariz (Est. LXXIX, 1) e Santo Estêvão da Facha (Est. LXXIX, 2)[320], que se destinavam à obtenção de placas, também representadas na Citânia de Santa Tecla[321], e seleccionamos um exemplar de outro tipo para fundição de varetas ou barras destinadas a transformação posterior em diversos objectos (Est. LXXIX, 3) procedente do Castro de Capelo Vermelho (Codeços, Paços de Ferreira), com vários paralelos na Citânia de Sanfins[322], das suas proximidades, e que constitui o contingente mais numeroso de moldes peninsulares de metalurgia do bronze na Idade do Ferro[323].

Também da Citânia de Sanfins (Est. LXXIX, 5) e da Cividade de Terroso (Est. LXXIX, 6) se ilustram dois fragmentos de cadinhos, de fundo plano, um com pega e outro com bico para vazamento do metal, tipologicamente diversos do do Coto da Pena, da fase anterior, e que se tornavam peças essenciais no artesanato metalúrgico para as operações de fundição.

Diversos fragmentos de moldes de cerâmica com a representação de idêntico motivo decorativo à base de SS encadeados enquadrados por alinhamentos de estrias e pérolas, que entendemos resultantes da

311 Vg., Monteagudo 1977, Taf. 86: 1246 e 1247.
312 Mohen 1978, p. 27-30.
313 Déchelette 1910, p. 184.
314 Vg., Teixeira 1940c, p. 128-129; Mac White 1951, p. 65; Giot *et alii* 1977, p. 190-191.
315 López Cuevillas 1943, p. 218; Rauret Dalmau 1976, p. 146.
316 Vázquez Seijas 1944, p. 299, Fig. 1-2; Rauret Dalmau 1976, p. 145.
317 Móran 1941, p. 186, Fig. I (4-5), Lám. XX; Rauret Dalmau 1976, p. 145-146.
318 Vg., Coghlan 1975, Chap. IV, p. 50-74; Mohen 1978, p. 31-32; Patreau 1984 e Briard 1984.
319 Mohen 1978, p. 27-30.
320 Almeida *et alii* 1981, p. 70, Fig. XLIV.
321 Martínez Tamuxe 1983, p. 171 (Fot.).
322 Silva A.C.F. 1983a, Est. III, 1. Existem mais três exemplares no Museu Arqueológico desta estação.
323 Rauret Dalmau 1976, p. 116-127.

fractura dos moldes para recuperação de faixas ornamentais fundidas a cera perdida para aplicação nos bordos e asas de sítulas de bronze[324], compilados por L. X. Carballo Arceo[325], comprovam em todo o Noroeste peninsular a generalização da mesma técnica e do mesmo gosto decorativo em produtos de metalurgia local.

O molde recolhido no Castro de Santo António (Afife, Viana do Castelo), do final da nossa fase IIIA (Est. LXXX, 6A-C; Quadro dec. 516, Est. LXVIII) conta efectivamente com um grupo de paralelos regionais centrados na bacia do Minho nos castros de Santa Tecla[326], Taboexa[327], Fozara[328], Troña[329] e Barbantes[330] e com outros exemplares conhecidos no Castro de Santa Mariña de Orazo (A Estrada, Pontevedra)[331] mais para Norte, e Castelo de Neiva (Viana do Castelo)[332], Braga e Citânia de Briteiros[333] para Sul, aparecendo ainda, já fora da área castreja, em Conimbriga[334], Lomba do Canho (Arganil)[335] e povoado do Pedrão (Setúbal)[336].

É manifesta a concentração destes elementos na área do Noroeste relativamente a um produto de dispersão marcadamente atlântica com uma ou outra penetração interior, certamente por via fluvial, apontando para uma irradiação a partir da área castreja, conforme há muito se vem afirmando[337].

Todavia, a sua introdução outrora atribuída a elementos post-hallstátticos, como os das espadas de Alcácer do Sal, da fase final da Cultura de Las Cogotas[338], radicará, em última análise, em protótipos mediterrânicos, nomeadamente referenciados na área cipriota[339], não sendo, por isso, certo que a maior frequência dos moldes nas imediações do rio Minho, onde comprovadamente se regista uma linha de contactos meridionais desde épocas anteriores, assegure essa derivação de Norte para Sul. Com efeito, uma relacionação entre a peça de Pedrão, Setúbal[340], e um coador com composição geométrica de furos[341], da mesma estação, com o molde cerâmico de idêntico motivo do Castelo de Neiva[342] associado também a um coador similar[343] e a outras peças de procedência eventualmente itálica, poderá indiciar uma influência de Sul para Norte.

Curiosamente, trata-se de um gosto que se vulgarizou nesta área, onde até se registam diversos fragmentos de cerâmica de Santa Tecla[344] com decoração impressa desse mesmo motivo e com certeza por matrizes de bronze com muita verosimilhança idêntica às das sítulas, tornando-se oportuno referir a presença do motivo principal dessa composição decorativa na ornamentação castreja, designadamente na ourivesaria, como se verifica no colar de Estela (Est. CXV, 1:11, 14, 54, 57), nos terminais do torques (Est. CVII, 1A) e no bracelete de Lebução (Est. CXVII, 6-6A) e no diadema de San Martín de Oscos[345], assim como em conhecidas decorações líticas da Cividade de Âncora (Est. CXXVIII, 6) e Citânia de Briteiros (Est. CXXVIII, 8), entre as peças

---

324 A placa de Briteiros vinha sendo considerada como de um cinturão (Cardozo 1980, Est. XXXI, 1; Almeida 1973, p. 206) e uma placa congénere de Conimbriga foi interpretada como um elemento de capacete que sobrepunha a viseira (Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 95, Pl. XX, 57), mas parece evidente que se trata de peças de sítula desde a publicação de Nunes J.C. 1958.

325 Carballo 1983.

326 Mergelina 1943-44, p. 35-36, Est. XLIV, d; Filgueira Valverde 1954-56, Est. XXVII; Martínez Tamuxe 1983, p. 49 (Fot.); Carballo 1983, n.º 8, Lám. XIII-XVII, p. 16-18.

327 Patronato del Museo de Pontevedra, 1975, Lám. VII; Carballo 1983, n.º 7, Fig. 7:1-2, Lám. X-XI, p. 15-16.

328 Carballo 1983, n.º 5, Fig. 6, Lám. IX, p. 14-15.

329 Pericot-López Cuevillas 1931, p. 36, Est. XV, C; Carballo 1983, n.º 6, p. 15.

330 Carballo 1983, n.º 4, Fig. 5:1, Lám VIII, p. 14.

331 Idem, n.º 3, Fig. 4, Lám VII, p. 13-14.

332 Almeida C.A.B. 1982b, p. 24; Carballo 1983, n.º 10, Lám. XVIII, 1, p. 19.

333 RG, 20 (2), 1903, p. 64; Cardozo 1980, Est. XXXI, 1; Carballo 1983, n.º 11, Lám. XVIII, 2, p. 19 (Briteiros); Martins M. 1988c (Braga).

334 Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 95, Pl. XX, 57; Carballo 1983, nota 64.

335 Nunes J.C. 1958, p. 333; Almeida 1973, p. 206.

336 Soares-Silva C.T. 1973, p. 274-275; Carballo 1983, n.º 13, Fig. 5:2, p. 20.

337 Nunes J.C. 1958, p. 333; Almeida 1973, p. 206.

338 Vg., Cabré Aguiló 1932, Lám. LXVI-LXXIV.

339 Cfr. Lilliù 1973.

340 Nota 336.

341 Soares-Silva C.T. 1973, p. 263-264, Est. V, 32.

342 Nota 332.

343 Almeida 1980a, Est. IV, 1.

344 Museu Arqueológico de Santa Tecla.

345 Lópes Cuevillas 1951c.

mais divulgadas, num guerreiro de Lezenho (Est. CXXI, 2) e em inúmeros exemplares cerâmicos (Quadro decorativo, 504-505, Est. LXVIII; 581, Est. LXIX; 688, Est. LXX).

Não se dispondo ainda de análises metalográficas suficientes sobre a nossa paleometalurgia protohistórica que nos permitam seguir com detalhe o conjunto da evolução da metalurgia do bronze, os dados actuais[346] sugerem para as oficinas metalúrgicas do Noroeste uma evolução tecnológica análoga à dos outros centros de produção da fachada atlântica, em que se torna clássica a passagem de ligas binárias (Cu+Sn) para ligas ternárias (Cu+Sn+Pb), com um crescimento da componente de chumbo a caracterizar o Bronze Final III[347].

Segundo o relatório das análises de diversos objectos de bronze procedentes das nossas escavações efectuadas no CEMUP[348] por microanálise de raios X por dispersão de energias (EDS), a percentagem de estanho corresponde, de facto, aos níveis dos centros referidos com 12.5<13.5% numa foicinha de talão (Est. LXXXIII, 1), 12.5<14% e 11.5<13% em dois adornos em «sanguessuga» (Est. XCVII, 12-13) e 12<15% no eixo de um fragmento de mola de fíbula que apareceu associada à foicinha de talão.

Dois pendentes (Est. XCVII, 10-11) e uma corrente de bronze do mesmo estrato, com cronologia atribuível ao séc. VI a.C., não se afastam destes padrões, com valores de 10<11.5%, 10 <13% e 10<11.5%, respectivamente, numa demonstração de continuidade técnica.

Por sua vez, o reduzido teor de estanho das fíbulas tipo Bencarrón (Est. XCVIII, 1), com 2.5<3%, e tipo Acebuchal (Est. XCVIII, 2), com 2<2.6%, face aos resultado enunciados, de preferência a interpretar-se em razão da sua procedência, claramente meridional, poderá, antes, assinalar uma composição deliberadamente adequada à função dos próprios objectos, conferindo-lhes uma maior elasticidade.

De resto, a identidade dos resultados manifesta nas análises de mais duas molas de fíbulas, uma com 2.5<3%, do fragmento da fíbula associada à foicinha de talão e outro com 2.2<2.9%, parece invocar a intencionalidade dos teores das ligas segundo critérios de eficácia, sem que seja necessário apelar a outros motivos, designadamente de ordem económica ou cronológica. Tal já se verificou no próprio depósito de Baiões, em que a composição de foices e machados aponta para a eficácia da sua utilização, com teores médios de Sn 8-12%, sendo mais elevados nos objectos decorativos e rituais, considerando certamente a sua abundância, sem atender a qualquer a critério de eficiência instrumental[349].

Esta interpretação parece deduzir-se claramente da discrepância dos resultados da amostra do eixo (12<15%) e da mola (2.5<3%) do fragmento de fíbula que apareceu associada à foicinha atrás mencionada, a sugerir composições específicas em favor da solidez e da elasticidade de cada um dos elementos.

Com excepção para um dos adornos em «sanguessuga» (Est. XCVII, 12-13), todas as análises revelaram inclusões de chumbo, cuja quantidade (concentração) não foi estimada atendendo à forma dispersa como se encontrava nas amostras, sendo contudo de teor muito reduzido, manifestamente raras na fíbula tipo Bencarrón (Est. XCVIII, 1) e no fragmento de eixo e mola da fíbula associada à foicinha de talão, de cronologia paralela.

Sem pontos de referência peninsulares que possibilitem uma melhor avaliação dos resultados das nossas amostras[350], com composições metálicas de elevado teor de estanho (entre 10% e 15%) e chumbo muito reduzido, se bem que possam referir-se em consequência de refundições de elementos do final do Bronze Médio[351], globalmente, as interpretamos de novo em função de uma intenção deliberada de acordo com

346 Cfr. Eiroa 1973; Sierra Rodríguez 1978; Coffyn 1983, p. 185-186 e 1985, p. 230, 252; Fernández-Sarabia 1998; Melo 2000; Bettencourt 2001a.

347 Vg., Briard *et alii* 1984, p. 18, 38, 56, 83-84, 136; Tylecote 1986, Cap. 3; Fernández-Sarabia 1998.

348 Análises realizadas pelo Doutor Eng. Carlos Sá, do CEMUP, a quem agradecemos.

349 Cfr. Silva A.C.F. in Silva-Gomes 1992, Fig. 22, p. 229. Análises por espectrofotometria de absorção atómica (A.A.S.), realizadas pelo Prof. Doutor José Cavalheiro, Departamento de Metalurgia e Ciências dos Materiais da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, a quem agradecemos.

350 Cfr. nota 346.

351 Briard-Bourhis 1984, p. 53.

teores selectivos, que seriam mais fortes para os instrumentos maciços, como os machados de talão, em conformidade com observações de outros centros metalúrgicos[352].

No depósito de fundidor do Castro da Senhora da Guia, Baiões (BAI 83), ficou registada a primeira ocorrência entre nós reconhecida de um objecto de ferro, mais precisamente, uma lâmina de punhal com cabo de bronze (Est. LXXXVII, 1), que se interpreta como um testemunho de artesanato local, como o ambiente do achado sugere, mas representando também uma consequência de intercâmbio com comunidades mais avançadas, num quadro de presenças de objectos de ferro enquanto bens de prestígio com procedência atribuível ao Mediterrâneo oriental, de que se vão conhecendo cada vez mais registos bem documentados na Beira Interior inclusivamente nas imediações do Castro da Senhora da Guia[353].

Repetindo situações similares em contextos do Bronze Final[354], trata-se, em todo o caso, de ocorrências singulares a considerar no âmbito da problemática da introdução da metalurgia do ferro na Península Ibérica, vislumbrando-se uma antecipação do papel pioneiro que será, nesta sequência, exercido pelos fenícios, segundo se pode depreender dos vestígios de fundição de ferro na feitoria de Toscanos datados dos finais do séc. VIII/ princípios do séc. VII a.C.[355] e da caracterização de uma primeira Idade do Ferro bem documentada na área do Sudoeste relacionada com a civilização tartéssica, de onde procederam objectos até ao Noroeste[356], modificando-se, assim, o quadro interpretativo tradicional sobre a introdução desta metalurgia na região.

Efectivamente, pelo menos até 500 a.C., apenas no castro do Torroso se documentam outros vestígios que não sejam os conhecidos punhais de antenas referenciados na área da Galiza e Astúrias[357] segundo um quadro de frequências sem dúvida muito diverso do de outras áreas peninsulares, inclusive da Meseta Norte, onde a produção de ferro, e não simplesmente o seu uso, terá alcançado rapidamente um amplo desenvolvimento em relação com a extensão do comércio orientalizante, via Guadalquivir, ou, segundo M. Motes[358], por influência da primeira metalurgia do ferro indígena de Navarra e Paleo-Celtibéria, a partir do Vale do Ebro, sem que estejam, porém, esclarecidas as etapas e evolução dessas produções.

Sem elementos comprovativos de um fabrico local durante os séc. VII e VI a.C. que permitam autonomizar decididamente do Bronze Final uma primeira Idade do Ferro, o que é certo é que também para o prestígio da metalurgia desse metal na Meseta e Sudoeste patente nas produções das culturas do Douro e do Tejo, segundo os estudos de W. Schüle[359], não se encontrou ainda a correspondência necessária na área da cultura castreja do Noroeste durante a fase II que a credite como uma cultura do Ferro, sendo ainda surpreendentemente escassas as informações sobres elementos desse metal nesta fase, deles registando, como resultado dos nossos trabalhos, apenas o achado de um possível cabo de instrumento no Castro de Romariz (ROM 81 IV (05)) e dois fragmentos, um de lâmina e outro de cabo, no Castro do Coto da Pena (VIL 83 B 1 (03)), não sendo observados vestígios nos níveis correspondentes da Cividade de Terroso que também não são referidos no Castro de Santo Estêvão da Facha[360].

Só na fase III aparece, finalmente, com base nos nossos dados, a cultura castreja primordialmente caracterizada pela metalurgia do ferro, presente, por testemunhos directos e indirectos, na generalidade das actividades domésticas, produtivas e guerreiras típicas das comunidades castrejas, continuando o bronze a gozar de preferência sobretudo em peças ornamentais, com destaque para as fíbulas.

Sendo, com efeito, raro o castro em que se não registe abundância de escórias[361], os vestígios sistematicamente referenciados nas áreas das nossas escavações nos níveis relativos a esta fase documentam

352 Idem, p. 56.
353 Silva A.C.F. 1990b; Almagro-Gorbea 1993a e 1998; Vilaça 1995; Senna Martínez 2000.
354 Vg., Coffyn *et alii* 1981, p. 17; Madroñero 1984; Gonzalez Sastre 1984, p. 6 (dactil.); Maluquer de Motes 1984, p. 3 (dactil.); Coffyn 1985, p. 238 (tesouro de Villena).
355 Schubart 1969.
356 López Cuevillas 1946-47, p. 560-567; Schüle 1969, p. 81-89, Karte 15, taf. 176-178; Ruíz Priego 1980; Coffyn 1985, p. 174, Fig. 61.
357 Peña Santos 1992a, p. 38-40.
358 Maluquer de Motes 1984, p. 18-19 (dactil.).
359 Schüle 1969.
360 Almeida *et alii* 1981.
361 Osório 1991.

sobejamente a generalização da sua metalurgia, aparecendo-nos a própria fundição deste metal bem atestada numa massa de ferro depositada no fundo de um *dolium* do Castro de Romariz, onde terá sido vertido em fusão (Est. LXXIX, 4), sendo ainda parcos os vestígios detectados de instalações que se lhe refiram, como fornos ou forjas, que, todavia, deveriam seguir processos siderúrgicos conhecidos[362].

E entre os utensílios mais representativos da sua metalurgia foi também por nós recolhida uma tenaz de ferro (Est. LXXXV, 1), da campanha de escavações de 1981 na Citânia de Sanfins, que apareceu no interior de uma casa alongada sobreposta a outra circular e conexa com a muralha interior (Est. XXV; B3 Xa, 14) em nível estratigráfico dos meados do séc. I d.C. (SAN 81, Xa (02)).

Com paralelos bem conhecidos desde períodos pré-romanos[363] são todavia escassos os exemplares registados na área castreja do Noroeste peninsular, apenas com mais duas presenças publicadas procedentes da Citânia de Troña (Ponteareas, Pontevedra)[364] e do Castro de Meirás (La Coruña)[365], esta com a particularidade de ter encabamento em alvado nas duas hastes, e referências a outra do Castelo de Faria[366]. Deveriam ser, porém, bem mais correntes, considerando a sua necessidade no trabalho da forja documentado por muitos outros elementos, de que a sua representação em duas pedras gravadas da Citânia de Briteiros[367], parecendo reportar-se ao modelo da tenaz de Sanfins, poderá significar uma especialização profissional.

1. UTENSÍLIOS

Machados e foicinhas
Utensílios artesanais domésticos de bronze

Pelas observações que vêm sendo feitas, verifica-se a necessidade do estudo do relacionamento dos machados de talão, como produto característico do Bronze Final do centro metalúrgico do Noroeste peninsular e de que justamente são considerados fóssil director, com o período de formação da cultura castreja.

Produtos maioritários ou exclusivos de significativos depósitos de bronzes e numerosos achados isolados, cujo estudo não necessita de ser retomado após L. Monteagudo[368], deles fazemos quantificação nos quadros de distribuição (gráfico 4; Est. IV), cumprindo-nos apresentar algumas observações com base nos nossos dados e na perspectiva deste trabalho, que sumariamos como segue:

1. Com o achado do depósito do Castro da Senhora da Guia BAI 83 se reforça a convicção já antiga[369] de agrupamentos regionais vinculados a focos metalúrgicos produtores relacionados com abundância de matéria-prima, no caso a cassiterite[370] e minérios de cobre, com localização na Bacia do Vouga já assinalados por R. Serpa Pinto[371], mais se evidenciando, com os moldes do tipo 35A de L. Monteagudo (Castro Daire) e 36A (Baiões), respectivos produtos e paralelos[372], o dinamismo do centro produtor da Beira Alta.

---

362 Vg., Tylecote 1986, Cap. 6; Kruta 2000, p. 818-819, Fig. 158 (vb. *sidérurgie*).

363 Vg., paralelos peninsulares pré-romanos da Celtibéria (Manrique Mayor 1980, p. 756,n.º 7511, Fig. 32, de Numância) e Catalunha (Sanahuja YII 1971, p. 91-92, Fig. 13, de Anseresa, Ampúrias e San Miguel de Sorba). Para o âmbito da romanização, vide, vg., Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 27-28, Pl. IV, 48-49; Manning 1976, p. 145-146, Fig. 242-247; Pietsch 1983, p. 53-54 e 111, Taf. 18: 426-433.

364 Pericot-López Cuevillas 1931, p. 37-38, Lám. XV, B.

365 Luengo 1950, p. 106, Fig. 27:1-4 e Lám. XXXIII, 1.

366 Idem, p. 106.

367 Cardozo 1985, n.º 107, p. 176, 178 (Fig.).

368 Monteagudo 1977. Cfr. a propósito, as considerações de Coffyn 1983, p. 179-181 e 1985, p. 219.

369 Corrêa 1924, p. 234 e 1929; Pinto R.S. 1933b, p. 11. Metodologia retomada in Kalb 1980a e 1980b.

370 Cfr. Carta Geológica de Portugal, folha 14-C (Castro Daire); Kalb 1978, Abb. 11.

371 Girão 1922, p. 155.

372 Monteagudo 1977, p. 206-208, 211, Taf. 92-94, 96.

Também os grupos do Minho têm sido enriquecidos com novos achados, de que sobressai um contingente de mais onze machados de um depósito de Monção[373] e mais alguns exemplares isolados, um deles de Argela (Caminha)[374], outro de Afife (Viana do Castelo)[375] e um frag. parte inferior da Falperra[376], confirmando o sentido regional destas produções.

2. A associação na mesma oficina de dois tipos diferentes, um de faces simétricas e dois anéis (Tipo L. Monteagudo 35A) e outro uniface de um anel (Tipo L. Monteagudo 36A) com provas de produção local – uma série (35A; Est. LXXXII, 3A-3G), e um molde e seu produto (36A; Est. LXXXI) – prejudica a consideração de valores diacrónicos a partir de critérios morfológicos e sugere, conforme já observou Ph. Kalb[377], a utilização de critérios de funcionalidade que tenham em linha de conta, além dos aspectos morfológicos, a diferença de peso dos instrumentos, que são sem dúvida mais leves nos machados unifaces (400gr.) que nos de dupla face (1200gr.), segundo os dados deste depósito em concordância com os valores médios gerais[378].
   Esta mesma observação se considera da maior pertinência em relação aos machados de alvado, cuja função pré-monetária, religiosa, artesanal ou ainda militar é de há muito problematizada[379].

3. Não sendo, efectivamente, momento de questionar a natureza dos depósitos em que aparece integrado o maior volume destes instrumentos, além da numerosa frequência de achados isolados, parece claro um relacionamento entre a super-produção de machados de bronze e a necessidade de desflorestação para natural aproveitamento de madeiras e incremento de actividades agro-pecuárias, que outros utensílios, designadamente as foicinhas, que o depósito de Baiões permite supor de uso generalizado, e elementos de fauna e sementes de espécies diversas permitem deduzir, em analogia com outras áreas atlânticas, em particular do meio natural galego[380] e da Bretanha francesa[381].

Entre os instrumentos de função claramente agrícola típicos do final da Idade do Bronze, estão representadas duas variedades de foicinhas, de talão, tipo Rocanes[382], e de alvado, consideradas tradicionalmente de tipo britânico mas certamente procedentes de protótipos orientais[383], não sendo conhecido qualquer exemplar do tipo asturiano de Castropol[384].

As do primeiro tipo, a que Mac White apelidava de português[385], anteriormente estudadas por A. Coffyn a propósito de um exemplar de Conimbriga[386], com mais um exemplar procedente das escavações do Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha) (Est. LXXXIII, 1) e outro do depósito de Figueiredo das Donas (Vouzela) (Est. LXXXIII, 2)[387], apresentam a morfologia mais habitual, de talão estreito, lâmina larga, curta e encurvada com dorso espessado, reverso liso e anverso com nervuras de reforço, sendo oportuno recordar o achado de um molde de pedra deste tipo no Castro de Álvora (Arcos de Valdevez) atrás mencionado[388].

---

373 Tipo 29 de Monteagudo. Dias M. 1987.
374 Idem.
375 Museu Pio XII (Braga).
376 Idem.
377 Kalb 1980a, p. 116.
378 Mais de um quilo para os primeiros e 300-500gr. para os segundos, segundo valores referidos por Kalb 1980a.
379 Sobre a história dos estudos dos machados de alvado, vide resumo in Rivallain 1971, p. 25-28. Cfr. também, vg., Briard in Giot *et alii* 1979, p. 136-176 (fenómeno pré-monetário); Verron 1983 (interpretação prevalentemente religiosa); Spennemann 1985 (funcionalidade militar).
380 Guitian Ojea 1977, p. 11ss; Jato-Varela 1972, p. 15, n.º 50, cit. in Calo-Sierra 1983, p. 44.
381 Morzadec Kerfourn 1976, p. 90-91.
382 Pereira M.A.H. 1971; Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222, carte 43 (p. 223), p. 393-394 (inventário), Pl. LVII.
383 Fox 1939; Mac White 1951, p. 80; Nunes J.C. 1957, p. 138-142; Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222, carte 56 (difusão, 272), p. 394 (inventário).
384 Savory 1949=1951, p. 335, 369-370; Coffyn 1985, p. 29, carte 43 (p. 223), Pl. LXIII.
385 Mac White 1951, p. 79.
386 Coffyn 1978, 2 Figs, e 1995, p. 393-394, n.ºs 234-248.
387 Rodrigues 1961, p. 229 (Fot.); Coffyn 1985, p. 393, n.º 235, Pl. LVII, 9.
388 Nota 296.

A série de oito foicinhas do depósito de fundidor do Castro da Senhora da Guia, Baiões (Est. LXXXIII, 3-10)[389], com alvado aberto com orifícios para fixação por cravos em cabo de madeira, todas com rebarbas muito vivas a indicar a sua recente fundição e não utilização, representa o conjunto mais numeroso desta variedade de utensílios até agora conhecida na Península, em quantidades relativamente reduzidas, apenas por quatro exemplares provenientes, respectivamente, de La Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra)[390] Cova da Moura (Carreço, Viana do Castelo)[391], depósito de Moura da Serra (Arganil)[392] e Alto das Bocas (Rio Maior)[393], a que devemos acrescentar mais um exemplar do Castro da Senhora da Guia muito deformado por acção de fogo, certamente de incêndio, encontrado nas escavações de 1971 (Est. LXXXIII, 11) e outro do Castro de Santa Luzia (Abraveses, Viseu) (Est. LXXXIII, 12), vindo estabelecer uma certa aproximação numérica deste tipo com o anterior.

O seu aparecimento ao longo da fachada atlântica peninsular (Est. III-V), em disseminação indiferenciada com as de tipo Rocanes, aponta, em consideração aos elementos comuns dos depósitos de Figueiredo das Donas e Baiões, para uma sincronia de utilização na área castreja bem como para uma distribuição supra-regional constrastante com o carácter mais localizado das foicinhas asturianas assinalado desde Mac White[394].

Com esta observação, parece infirmada a *décalage* cronológica quanto à origem destes dois tipos na Europa Ocidental[395]. Considerado de manifesta anterioridade o primeiro tipo, de expansão paneuropeia e largo âmbito cronológico, relativamente ao segundo, de incidência britânica com vinculações ao grupo de Ewart Park (900-700 a.C.)[396], e que pela mesma ordem poderiam ter sido introduzidos na Península Ibérica, porventura ambos como resultado de relações atlânticas com a Grã-Bretanha, será de rever também o seu desfasamento no Mediterrâneo Ocidental face aos registos do primeiro tipo em Sa Idda[397] e do segundo em Forràxi Nioi[398].

Exceptuando a sequência das notáveis reproduções destes modelos em foicinhas de ferro com aplicação de argola de encabamento no Castro do Torroso[399] na fase IB, num horizonte de relações meridionais, durante as fases seguintes, eram com certeza apenas utilizadas foicinhas de ferro, em arco e de maiores dimensões, e por vezes serrilhadas, vulgarizadas nessa época noutras áreas peninsulares[400], podendo apenas testemunhar uma foicinha deste género no Coto da Pena mas procedente de um nível claramente tardo-romano[401].

Três peças do depósito de Vila Cova do Perrinho dirão respeito a actividade artesanal. O cinzel (Est. LXXXVII, 8) é um artefacto raro e dele conhecemos um paralelo das salinas de Villafáfila, Zamora[402] e deveria servir para talhe de madeira; os dois escopros (Est. LXXXVII, 9-10) que contam com mais paralelos[403] estariam certamente mais relacionados com puncionamento de peças metálicas.

Conhecem-se desde o final da Idade do Bronze objectos de possível referenciação como utensílios domésticos.

---

389 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79-81.

390 Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222, 394, n.º 258.

391 Viana 1955, p. 495 (n.º 97), Est. V, 2b; Neves 1969, p. 165; Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222, 394, n.º 259.

392 Nunes J.C. 1958, p. 138-142, Fig. 5-6; Coffyn 1985, n.º 260, Pl. XLIII, 3.

393 Mac White 1951, p. 80; Kalb 1980a, p. 32 (n.º 65), Abb. 15: 65, n.º 4-5 (esquema); Coffyn 1985, n.º 261.

394 Mac White 1951, p. 79.

395 Coffyn 1978, p. 366.

396 Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222.

397 Mac White 1951, p. 78; Coffyn 1985.

398 Liliù 1972, p. 260-261, Fig. 51:18; Coffyn 1985, Fig. 54: 19-21.

399 Peña Santos 1992a, p. 38-40, 129, Fig. 69.

400 Cfr., vg., paralelos da Celtibéria in Manrique Mayor 1980, p. 137, n.º 7545, 7569, Fig. 27 (Numância); Schüle 1969, Taf. 58: 5 (Osma, Soria), 47: 15 e 50: 2 (La Mercadera, Soria); catalães in Sanahuja YII 1971, Fig. 16 (Margalef, San Miguel de Sorba e Ullestret); valencianos in Ballester 1968, p. 151, Fig. 13 (La Bastida e Covalla, Valencia) e andaluzes in Schüle 1969, Taf. 81:8 (Moraleda de Zafoyona).

401 Lopes 2003, p. 80, Fig. 75. Cfr. também, entre os paralelos, o exemplar de Ciudad do Castro (San Millán, Cualedro, Orense), in López Cuevillas 1958g.

402 García Rozas 1999, p. 28, Fig.

403 Referenciados na Beira Baixa em Aldeia do Bispo, Vila Boa e Cabeço de Santiago (Vilaça 1995, p. 338, Fig. CCLVII, 3, 4, 7) e na Extremadura Espanhola em Salvatierra de Santiago, Trujillo e La Cabeza del Buey (Martín Bravo 1999, p. 34, Fig. 10, p. 46, Fig. 5, 11-12).

Um grupo deles, se é que outra utilidade, eventualmente cultual, não lhes estaria reservada, é proveniente do Castro da Senhora da Guia, Baiões, designadamente os constantes da pequena colecção de taças do depósito de fundidor BAI 83 (Est. LXXXIV, 1-5)[404], de reduzidas dimensões, copa hemisférica de paredes finas espessadas no bordo, de lábio horizontal e plano, e com fundo por vezes umbilicado (Est. LXXXIV, 1-3), segundo pormenor com réplicas nas taças de cerâmica (Est. XXXVII, 1-7) do mesmo castro, que o motivo decorativo geométrico de uma delas (Est. LXXXIV, 1) também repete (Quadro decorativo, A2, 205-209; Est. LXIII).

A identidade da morfologia geral deste grupo, que parece evocar protótipos mediterrânicos[405] no interior de um conjunto marcadamente atlântico, sugere o seu fabrico por molde com acabamentos posteriores por martelagem, para regularizar e umbilicar, e a buril para gravar a decoração, tendo sido aplicado numa delas (Est. LXXXIV, 3) um rebite para obturação de um orifício na copa, sendo igualmente documentada por vários outros fragmentos a generalização desta técnica para união de peças nesta e noutras estações.

Com efeito, também recolhemos nas nossas escavações no Castro do Coto da Pena (VIL 82 e 85) fragmentos de dois recipientes com placas unidas por rebites com cabeças em pirâmide quadrangular (Est. LXXXIV, 6-7), que ficam a assinalar mais um ponto de difusão dos caldeirões de tipo irlandês conhecidos no litoral Atlântico (Est. III)[406], sendo-nos indicado, pela estratigrafia, uma cronologia da fase IA em relação a um nível do Bronze Final com uma datação de C14[407].

E se, em alguns casos, se parece deduzir uma utilização ritual[408], o contexto arqueológico dos nossos achados, no interior de habitações, aconselha uma relação com a actividade culinária doméstica.

As taças do depósito de Castelo de Neiva, de paredes e fundo côncavos (Est. LXXXIV, 8-10)[409], afastam-se morfologicamente das de Baiões e ainda mais dos caldeiros com rebites e também não contam com paralelos cerâmicos, a sugerir, assim, uma origem exterior, que os paralelos reconhecidos poderá apoiar[410], sem que, pela associação aos capacetes, se possa excluir a hipótese de uma produção local ou regional a partir de modelos importados. De resto, além destes vasos, também faziam parte deste conjunto de Castelo de Neiva vestígios de duas sítulas, de bronze e aro de chumbo, mais um coador de bronze[411], tipo de peça de que se conhece mais um fragmento da Citânia de Briteiros[412] a indicar uma produção diversificada de utensílios metálicos domésticos, que alguns elementos de bronze do Castro de Alvarelhos[413] também exemplificam.

Mas, deste período, é efectivamente o conjunto de sítulas com decoração geométrica, o que, de longe, se torna mais expressivo entre os recipientes metálicos do Noroeste peninsular, de morfologia ainda incompletamente definida, além de que teria, segundo os restos de moldes e placas existentes, asas sobreelevadas de perfil semicircular onde girava um aro diametral recurvado, colo côncavo e ombro vertical ou ligeiramente oblíquo, parecendo aproximar-se de uma forma acampanulada, sem que se saiba como seria a sua parte inferior[414]. A sua função, considerando a frequência dos elementos de fabrico, comprovadamente locais, poderá ser entendida como mais comum do que uma utilização exclusiva em práticas rituais, como, vg., o diadema de San Martín de Oscos sugere[415].

---

404 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 81-82, Est. VI, 1-5, a que se deve acrescentar o fragmento anteriormente citado por Kalb 1980a, p. 45, Abb. 9:24.

405 De preferência considerá-los como continentais como poderiam sugerir, vg., exemplares da cultura de Este (Müller-Karpe 1980, Taf. 94, D, 13 e 98, 1), também de bronze e fundo umbilicado podendo encontrar-se analogias nos grupos de Maria Rast e Marburg, no centro da Europa (idem,9); Almagro Gorbea 1993a, p. 81-94.

406 Cfr. Coffyn 1985, p. 55-57, 224, 229-230, cartes 22, 44.

407 Data de 990±110 a.C. (Quadro 1, UGRA 220).

408 Sobre o carácter sagrado dos recipientes, intactos, encontrados na mina de cobre de Santander e na mina de cinábrio de Lois (Salamon, León), cfr. Coffyn 1985, p. 229-230. Vide também sobre estes produtos: Hawkes 1952 (*in specie*, p. 110-112, Fig. 8-9; Schubart 1961, p. 40, Fig. 4, Pl. V).

409 Almeida 1980a, Est. III, 1-3 e 1980b, p. 49, Fig. 3; Fabião 1999.

410 Idem.

411 Almeida 1980a, Est. IV, 1. Relacionar esta peça com o paralelo do Pedrão, Setúbal (Soares-Silva 1973, Est. V, 32), onde também apareceu uma placa de bronze (Idem, Est. IX, 67) idêntica a um molde de Castelo de Neiva (Almeida C.A.B. 1982b, p. 24).

412 Cardozo 1952a, p. 356, Fig. 7.

413 Soeiro 1980.

414 Carballo 1983, p. 21.

415 Idem, p. 25.

Utensílios agrícolas e artesanais de ferro

Conforme referimos anteriormente, pela natureza corrosível da matéria-prima, são pouco numerosas as alfaias agrícolas de ferro que nos ficaram, se bem que alguns dos instrumentos de trabalho artesanal possam ter tido uma função polivalente, servindo também para as fainas da agricultura.

Com efeito, seguramente relacionados com a actividade agrícola apenas restam uma enxada do Castro de Sabroso, um sacho de Briteiros e um alvião de Sanfins, para além das referências a mais duas enxadas, uma também procedente da Citânia de Sanfins[416] e outra do Castro Máximo[417], e do registo de uma podoa do Monte Mozinho[418].

As enxadas de Sanfins e Castro Máximo tinham lâmina rectangular, devendo ter sido também desse formato o exemplar de Sabroso (Est. LXXXV, 8), que actualmente apresenta um perfil subtriangular, de corrosão, como também desgastado se encontra o olho para introduzir o cabo de madeira, que formava com a lâmina um ângulo mais ou menos agudo, morfologicamente afim dos paralelos pré-romanos[419] e modelos romanos[420] e actuais, sem garganta[421]. Seria usada nas múltiplas e diversificadas operações que a preparação da terra implica, sendo necessária para remover e cavar terras de alguma consistência, além de que poderia ser também utilizada em trabalhos de construção.

Função idêntica seria exercida pelo sacho de Briteiros (Est. LXXXV, 9), com encabadoiro de alvado cónico, congénere dos instrumentos conhecidos noutras áreas peninsulares, designadamente nos povoados ibéricos[422], onde se presume que seriam utilizados em tarefas de regadio[423].

Nesta série incluímos também um alvião da Citânia de Sanfins (Est. LXXXV, 5), que conta com diversos paralelos peninsulares da 2.ª Idade do Ferro sobretudo constantes, entre outros, de inventários de povoados ibéricos, valencianos e catalães[424], da estação celtibérica de Numância[425], e de Lara de los Infantes, Burgos[426], perdurando pela romanização[427] até à actualidade, sendo ainda usadas pelos nossos agricultores peças com as mesmas características para romper terras duras ou pedregosas[428].

Idênticas observações se ajustam à podoa procedente do Monte Mozinho, com lâmina curva e encabamento de alvado, atribuível à nossa fase IIIB[429], segundo tipologia a que se poderão referir, previamente aos paralelos romanos[430], numerosos exemplos mesetenhos[431], celtibéricos e ibéricos[432], onde aparece como um dos instrumentos agrícolas mais correntes.

E com esta pequena amostra, ainda que reduzida, se demonstra como, desde os tempos proto-históricos, em especial durante a fase III da nossa periodização, tambem na área castreja se processou uma adequação eficaz entre a forma e a função dos instrumentos de trabalho agrícola, de cuja análise se conclui por uma diversidade que se torna notória numa manifestação de longa pervivência.

---

416 Jalhay-Paço 1948, Fig. 27:4; López Cuevillas-Taboada Chivite 1956, p. 272 e 1980, p. 380, nota 9.

417 Teixeira 1956, p. 14-15, Fig. 9; López Cuevillas, idem; López Cuevillas-Taboada Chivite 1980, p. 380, nota 10.

418 Soeiro 1984, p. 208, Fig. CIV, 1.

419 Cfr., vg., exemplares de Numância (Manrique Mayor 1980, p. 7), Ullestret, Porqueres, Tossa e Ampurias (Sanahuja YII 1971, p. 84-85, Fig.1).

420 Cfr., vg., White 1967, p. 43-47 (vb. *sarculum*).

421 Oliveira *et alii* 1983, p. 232ss.

422 Pla Ballester 1968, Fig. 6 (p. 171), com vários exemplares de la Bastida; Sanahuja YII 1971, p. 87, Fig. 5: 2 (p. 67), ilustrando um exemplar de Burriac.

423 Pla Ballester 1968, p. 148 (VI«legones»); Sanhuja YII 1971, p. 87. Tipologia ainda pervivente numa forma regional das ilhas Terceira e S. Jorge dos Açores (Oliveira *et alii* 1983, p. 246).

424 Pla Ballester, idem, p. 149 (XXI A: "hacha de leñador"); Fig. 25 (p. 183) de la Bastida de Mogente; Sanahuja YII idem, p. 86, onde refere também exemplares de Serreta de Alcoi e Puig Castellar (Fig. 22, 2) que, do mesmo modo, considera instrumentos de lenhador, citando ainda um paralelo de cronologia duvidosa (ibérico/romano) de Ampúrias (Fig. 22, 1).

425 Manrique Mayor 1980, em particular, p. 142, Fig. 29, n.º de inventário 10691, que é considerado "pico de leñador". Paralelos castrejos de Coaña (García y Bellido 1942) e Outeiro de Baltar (Bouza Brey 1944) cit. in López Cuevillas-Taboada Chivite 1980, p. 382.

426 Schüle 1969, Taf. 154:11-12.

427 Cfr., vg., White 1967, p. 61-64 (vb. *dolabra*).

428 Oliveira *et alii* 1983, p. 250, Fig. 132, a. Alviões de tipo 1.

429 Soeiro 1984, p. 208, a que se chama simplesmente «fouce», datando-a da primeira metade do séc. I d.C.

430 White 1967, p. 86-88 (vb. *falx arboraria*).

A intensa actividade de construção de habitações, muralhas e outros edifícios públicos em pedra, patentes nos inúmeros povoados castrejos, terá exigido uma generalizada especialização profissional sobretudo para algumas fases do processo construtivo de que, todavia, também poucos instrumentos são comprovação directa.

Se não se pode testemunhar a extracção da pedra para construção por aproveitamento das fracturas naturais, inúmeras outras situações, partindo-a por intermédio de picos e cunhas aplicadas em cavidades alinhadas na superfície das rochas, são frequentes na área das estações castrejas, segundo processos e meios ainda hoje perviventes. Como caso documentado nas nossas escavações poderá servir de referência o achado de um guilho de ferro abandonado no interior de uma casa redonda da Citânia de Sanfins no nível de construção sob o piso (SAN 79II(03)), com indícios de ter sido utilizado para desbaste de pedra dos seus alicerces (Est. LXXXV, 7), com bastantes paralelos publicados da área celtibérica[433] e ibérica[434].

De todo o trabalho de cantaria, desde a selecção, ajustamento e aperfeiçoamento das diversas pedras, que exigia abundância de instrumentos adequados, como martelos, cinzéis e sobretudo picos, apenas recolhemos um exemplar completo deste tipo do Castro de Romariz (Est. LXXXV, 6), apesar da generalização do mesmo sistema de construção e tratamento dos materiais na fase III, também com paralelos peninsulares conhecidos[435].

O trabalho da madeira deverá ter constituído também uma actividade de primordial importância nas comunidades castrejas, sendo utilizada como material de construção e fabrico de utensílios, sendo expressamente referido pelo próprio Estrabão que a maior parte dos recipientes domésticos eram feitos de madeira[436], apesar de serem extremamente raros os testemunhos arqueológicos que podem confirmar a sua existência, pela sua natureza perecível.

Vários instrumentos correspondem a diversas fases ou momentos desta actividade, em particular, machados, compassos, trados e lâminas de puas. Com efeito, os machados referenciados procedentes da Citânia de Sanfins (Est. LXXXV, 2) e da Citânia de Briteiros (Est. LXXXV, 3) Castelo de Neiva (Est. LXXXV, 4) com encabamento em olhal (Est. LXXXV, 2-3) e em talão (Est. LXXXV, 4), apesar de manifestarem diversidade tipológica, parecem ajustar-se bem ao abate de árvores e desbaste de madeira em relação directa com o trabalho de lenhador e carpintaria, podendo pelo contexto arqueológico destes achados e dos paralelos reconhecidos[437] considerar-se, genericamente, da fase III da nossa periodização.

Parece também óbvia a necessidade de utilização de compassos no tratamento de madeira, sobretudo para traçar arcos e medir espaços. Os exemplares que conhecemos manifestam também diversidade tipológica na charneira, um por justaposição simples, do Castro do Coto da Pena[438], outro por justaposição com sistema de aperto por anilha e cunha, da Falperra[439], e outro por encaixe, da Citânia de Briteiros[440].

---

431 Schüle 1969.

432 Manrique Mayor 1980, p. 137-139, n.º de inventário 7545-7546, Fig. 27, também considerados como falces («hoces»), simpliciter (celtibéricos); Pla Ballester 1968, p. 150 (XI, A, 2), Fig. 11:14 (de E1 Charpolar): Sanahuja YII 1971, p. 92-93, Fig. 14:5 (La Maçâna), 14:6 (Tossal de les Tenalles) e 14:7 (Ullestret) (Ibéricos).

433 Manrique Mayor 1980, p. 94-98, Fig. 18 («Cuñas»).

434 Pla Ballester 1968, p. 154 (XIX: «Cuñas»)?, Fig. 20; Sanhuja YII 1971, p. 100-101, Fig. 26:2.

435 Manrique Mayor 1980, p. 144, Fig. 30, n.º de inventário 10692 («pico, parece de cantero») de Numância; Sanahuja YII 1971, p. 98, Fig. 23:2, do povoado ibérico de San Miguel de Sorba.

436 Estrabão, III, 3, 7. Cfr., sobre o assunto, Tranoy 1981, p. 99.

437 Para o 1.º tipo com encabamento em olhal, cfr. paralelos da 2.ª Idade do Ferro in Pla Ballester 1968, p. 149, Fig. 22:1 («hacha leñador», de la Bastida) e Sanahuja YII 1971, p. 96, Fig. 20:3 («hacha de leñador» de Puig Castellar); do 2.º tipo conhecemos mais um exemplar de Monte Mozinho com aletas desenvolvidas (Soeiro 1984, p. 227, Fig. CIX, 1) e dois do Nordeste transmontano, um proveniente de Urrós, concelho de Mogadouro (Alves 1934, p. 10; Höck Coelho 1972, p. 248, n.º 86, Fig.) mais parecido com o de Mozinho e outro de Castelo de Gilmonde, concelho de Bragança (Alves 1934, p. 11, 444; Höck-Coelho 1972, p. 249, n.º 87, Fig.) com escalão direito como o de Castelo de Neiva. Outro exemplar do Castro de Las Cogotas (Cabré Aguiló 1930, Lám. LXXV).

438 Escavações de 1983. VIL 83.

439 Museu Pio XII, Braga.

440 Cardozo 1980, Est. XXX, 1.

Não podendo remetê-los à época castreja por se deverem considerar mais tardios, o da Falperra com paralelos do Baixo Império[441] e o do Coto da Pena aparecido num nível do séc. IV d.C., é indesmentível a utilização de instrumentos congéneres numa multiplicidade de actividades artesanais, como a cantaria e a ourivesaria[442].

Apesar de provenientes de contextos igualmente tardios, assinalamos também a existência de um trado e uma lâmina de pua ou broca por se tratarem dos únicos exemplares de utensílios de perfuração de madeira reconhecidos entre nós, ambos originários da estação castreja do Coto da Pena, assim como de pregos (*clavi*), que são frequentes na fase III, mas se apresentam habitualmente em estado fragmentário.

2. ARMAS

O armamento da fase I da cultura castreja do Noroeste de Portugal apresenta certa heterogeneidade de elementos, a maior parte de carácter ofensivo, deles constando vários punhais com encabamento por rebites, diversas pontas e um conto de lança de alvado, duas pontas de seta e alguns cravos possivelmente de escudo e elementos de capacete, tendo sido referenciados alguns dos exemplares mais significativos em estações castrejas a Norte e Sul do Douro, predominantemente no Castro da Senhora da Guia, Baiões, inclusive no seu depósito de fundidor[443].

Também, neste pormenor, a fase II é a que menos informações nos fornece sobre a actividade guerreira, por ser uma época ainda com reduzida incidência de investigação arqueológica e com certeza também por causa da natureza menos consistente das armas que então se vulgarizaram, feitas de ferro. Desta fase, todavia, recolheram-se alguns elementos significativos, vg., capacetes e punhais, que as fontes literárias, iconográficas e arqueológicas referenciam mais abundantemente na fase III, possibilitando então, apesar das dificuldades de conservação do ferro, uma imagem quase acabada da panóplia castreja.

Punhais e espadas

Os exemplares do armamento ofensivo reduzem-se praticamente aos dois tipos principais de armas de mão, um, incluindo espadas e punhais em geral afalcatados e o outro, diversas pontas de lança e ponteiras ou chuços.

Os punhais que reconhecemos da fase IA são de dimensões variáveis, um deles bem pequeno (114 mm), do Castro da Senhora da Guia (Est. LXXXVI, 1)[444], e têm lâmina de perfil triangular com diversidade de secção, podendo ser apenas levemente espessada na zona média, como o citado de Baiões[445], losângica nos de Vila Cova do Perrinho (Est. LXXXVI, 4-5)[446] e Figueiredo das Donas (Est. LXXXVI, 2) ou com nervura central saliente de secção circular adelgaçando para os bordos no de Tibães (Est. LXXXVI, 3), sendo o punho sempre fixado por rebites, em número de dois no de Baiões e três nos restantes. Estas armas divergem das peças (pontas de lança/punhais?) de Lama Chã (Montalegre)[447], que têm uma lingueta pronunciada para encabamento como os punhais do tipo de Porto de Mós[448]. O de Baiões aproxima-se dos punhais do Castelo de Lanhoso[449] e de

---

441 Cfr. paralelo in Caballero Zoreda, L., na necrópolis tardorromana de Fuentespreadas (Zamora), EAE, 80, 1974, Fig. 32: 7, p. 122.

442 Sobretudo para traçar arcos e dividir espaços patentes em numerosos motivos de arte ornamental castreja (Est. CXXVIII).

443 Silva A.C.F. *et alii* 1984.

444 Silva Ce T. 1979, Est. V, 3; Kalb 1976 e 1980a, Abb. 9:43, n.º 7; Coffyn 1985, p. 391, n.º 157.

445 Paralelo do Castro de Lanhoso de punhal triangular, de folha lisa, com dois orifícios de preensão. Dimensões: Comp. 11.3cm; larg. 2.3cm, esp. 0.1cm. Composição química: Cu: 76.34 e Sn: 22.54 (Bettencourt 2000c, p. 96, Est. XII, 5).

446 Brandão 1963a; Kalb 1980a, Abb. 7:41, n.ºs 5-6; Coffyn 1983, p. 174 e 1985, p. 218, 390-391, n.º 156, Pl. XL, 4-5.

447 Santos Júnior 1967; Coffyn 1985, p. 218, Pl. XLVIII, 1-4.

448 Coffyn 1985, p. 216-218, carte 40 (mapa de distribuição) e Pl. XXXIX; Fernández García 1997.

449 Bettencourt 2000c, p. 96, Est. XII, 5.

Alegrios[450], o de Figueiredo das Donas dos punhais de S. Julião[451] e da Moreirinha[452], respectivamente, no Minho e na Beira Baixa, aproximando-se o de Vouzela, entre outros exemplares do Centro de Portugal, do punhal de Freixianda, Leiria[453], podendo assinalar-se para os de Vila Cova do Perrinho e de Tibães paralelos da Ria de Huelva[454], não só no tipo de encabamento em lingueta como também no estrangulamento característico da ponta ou terminação em língua de carpa, nele levemente denunciado, aumentando assim o número destes espécimes a Norte do Douro[455].

Sem paralelos conhecidos a que o possamos reportar, pode ainda ser mencionado o punhal de depósito de Baiões (Est. LXXXVII, 1), com cabo de bronze com aleta, à maneira dos machados de alvado, e lâmina de ferro, a valorizar como "bem de prestígio" assumido pelos primeiros ferros introduzidos na Península Ibérica.

Trata-se, de qualquer modo, de uma peça tipologicamente afastada dos punhais de antenas de tipo galego-asturiano, datáveis da nossa fase IB, que assinalam a Norte do rio Minho um cruzamento de influências mediterrânicas e centro-europeias segundo itinerários, hoje melhor reconhecidos[456], transmitidos por via atlântica.

Sem documentação arqueológica deste género que se adeque às representações iconográficas das estátuas de guerreiros, em nada se lhes correspondem os dois punhais com encabamento de bronze e lâminas de ferro, procedentes de Sanfins (Est. LXXXVII, 2) e Briteiros (Est. LXXXVII, 3)[457] datáveis da fase III, que são de pequeno tamanho e tipologia divergente dessas figurações, cuja paralelização é realmente difícil de reconhecer[458].

É evidente a especificidade do conjunto destas armas de mão relativamente às suas congéneres de outras culturas peninsulares, em especial às das «culturas do Douro e Tejo», abundantemente representadas por exemplares de tipos bem definidos, com os de Miraveche, Monte Bernorio e Las Cogotas[459] que primam pela elegância das linhas e riqueza da decoração.

Já o seu parentesco é mais notório em relação ao mais numeroso e homogéneo conjunto castrejo de espadas e punhais afalcatados, que constituem um tipo de armamento bem documentado nas fontes literáriase numismáticas[460], especificamente nas moedas com a representação da panóplia castreja cunhadas por ocasião das guerras cântabras[461], e que não deverão ser necessariamente considerados como uma derivação da falcata ibérica e, por isso, apelando a uma relação meridional[462], parecendo preferível uma dependência, por esta via, em relação às folhas afalcatadas das necrópoles itálicas, conforme notou F. López Cuevillas[463].

Deles documentamos três exemplares da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) (Est. LXXXVIII, 1-2, 7)[464], dois do Castro de S. Julião (Ponte/Coucieiro, Vila Verde) (Est. LXXXVIII, 4, 6)[465], um do castro de Santa Marta das Cortiças (Falperra, Esporões, Braga) (Est. LXXXVIII, 5), e ainda um exemplar do Castro de Baiza (Avintes/Vilar de Andorinho, V. N. Gaia) (Est. LXXXVIII, 3), junto ao Douro, a que se pode acrescentar um exemplar das escavações de 1990 no Castro de Romariz[466], além dos dois exemplares de S. Julião[467] e mais dois do Castro da Cárcoda

---

450 Vilaça 1995, p. 335-336, Fig. CXLIV, 5.
451 Martins M. 1988c, Est. XXVIII, 10.
452 Vilaça 1995, p. 335-336, Fig. CCXLVII, 2.
453 Coffyn 1985, Pl. XLIX, 2.
454 Coffyn 1985, Pl. XXIX.
455 Coffyn 1985, p. 216-218, carte 40.
456 Cfr. Coffyn 1985, p. 174. Vide bibliografia na nota 356.
457 Cardozo 1955b, p. 437 e 1980, Est. XXXI; 2.
458 Cfr., vg., Almeida 1973, p. 203-204= 1975, p. 495.
459 Cfr., vg., Schüle 1969, p. 89-112.
460 Cfr., vg., Guadán 1979, p. 36-39.
461 Vide infra, nota 549.
462 Nota 458.
463 López Cuevillas 1980, p. 317, citando protótipos de Benacci, Amoaldi e Este adoptados nas culturas do Centro da Europa e também na Celtibéria (Taracena Aguirre 1920; Schüle 1969, *passim*).
464 Jalhay-Paço 1948; Paço 1968a; Almeida 1973; Silva A.C.F. 1983a, Est. XIII, 3.
465 Martins M. 1988c, Est. LXVII, 1.
466 Escavações de 1990, em colaboração com o nosso colega Rui Centeno.
467 Martins M. 1988c, Est. LXVII, 1.

(Carvalhais, S. Pedro do Sul)[468], na região da Beira Alta, onde também aparecem várias vezes representadas no penedo com gravuras de Molelinhos (Molelos, Santa Comba Dão)[469], a evidenciar uma utilização generalizada por toda a área castreja a Norte e a Sul do Douro.

Mostram, em todos os casos observados, uma lâmina de secção triangular, espessada e plana no dorso e afiada no gume, encurvada na zona média e pontiaguda, e com cabo ora em alvado ora espalmado, para aplicação de punho de madeira, que era fixo por rebites de ferro e ocasionalmente por outros elementos de bronze[470], ou por simples espigão de ferro para introdução em cabo de madeira, conforme se depreende de alguns vestígios por nós documentados, vg., no Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha) (Est. LXXXVIII, 9).

As suas dimensões, a avaliar pelos exemplares mais completos, são em geral reduzidas em confronto com os seus paralelos meridionais, assim se adequando ao género de luta, corpo a corpo, praticada pelos povos castrejos, mais se afastando deles pela rudeza de linhas e ausência de decoração.

Uma última classe de objectos, singulares, de lâmina cortante, em forma de espátula com punho alveolado com vazamentos ao gosto das empunhaduras das espadas tipo Huelva, e que poderiam ter a função de arma, mas a que parece convir melhor a de utensílios para cortar («tranchet»; «Ledermesser»), está ainda representada nesta área com dois exemplares do Castro da Senhora da Guia, Baiões (Est. LXXXVI, 14-15)[471], que contam com paralelos em Canedotes, Vila Nova de Paiva[472], Monte do Frade, Penamacor[473], no Castelo Velho de Caratão (Mação)[474], na Beira Interior, e na Extemadura Espanhola[475], assim como no depósito de Abini (Teti, Nuoro), e no santuário de Santa Vittoria (Serri, Nuoro) na Sardenha[476], em dispersão geográfica circunscrita à área meridional das relações do Bronze Final Atlântico.

Pontas de lança

Uma certa diversidade tipológica das pontas de lança do Bronze Final, todas de alvado e com perfurações laterais para fixação de cravos em cabo de madeira, é ilustrada por um exemplar do Castro de S. Julião com folha triangular vincada no dorso de secção losângica oca (Est. LXXXVI, 6)[477] com paralelos no Alto Minho, no depósito de Roussas (Melgaço)[478] e no achado recente do Castro da Senhora da Graça (Badim, Monção)[479], e com peças análogas no depósito de Hío (Pontevedra)[480], no Castro de San Lorenzo de Pastor (O Pino, La Coruña)[481] e no Castro do Picote (Miranda do Douro)[482], e por quatro outros exemplares procedentes do Castro da Senhora da Guia, Baiões, a indicar contemporaneidade de utilização de tipos diversos no mesmo sítio:

- o primeiro (Baiões 1)[483], do achado ocasional de 1971 e fazendo parte do depósito de fundidor[484], com alvado alargado na base e folha de bordos estreitos (Est. LXXXVI, 7), podendo considerar-se paralelo do tipo Vénat[485], também representado na Quinta do Passal (Várzea do Douro, Marco de

468 Tavares M.C. 1975, p. 22, Fig. 20-22.
469 Santos M.F. 1972, p. 128.
470 Est. LXXXVIII, 6.
471 Silva Ce T. 1979, Est. V, (1,2); Kalb 1976, p. 201-205 (*in specie*), 1978 e 1980a, Abb. 9:43, n.º 19; Coffyn 1983, p. 182, Fig. 3-4 (p. 180) e 1985, p. 222, 394, n.º 263, Pl. LI, 6-7.
472 Canha 2002, p. 81; Valinho 2003, p. 41.
473 Vilaça 1995, p. 338, Est. CIV, 4.
474 Pereira M.A.H. 1970, p. 170, Fig. 78; Kalb 1976e e 1980a, Abb. 15: 66, n.º 2; Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222, 394, n.º 262.
475 Aguijón de Pantoja, Castillejo (Salvatierra de Santiago) e El Risco (Martín Bravo 1999, p. 54, 56, Fig.).
476 Kalb 1976, Fig. 5.
477 Museu Pio XII, Braga.
478 Neves 1962, p. 98-99, Fig. 2; Kalb 1980a, Abb. 2:6, n.º 2; Coffyn 1983, Fig. 2:5 e 1985, p. 218, Pl. XXXVI, 7.
479 Marques J.A.T.M. 1984b, Est. 2:1.
480 Obermaier 1923; Almagro 1940, Fig. 22; Monteagudo 1977, Taf. 152: A 24-26; Coffyn 1985, Pl. LX, 2-4.
481 Meijide-Acuña 1955, p. 185, Fig. 7.
482 Lopo A.P. 1902, p. 54; Höck-Coelho 1972, p. 241-242, n.º 38; Kalb 1980a, Abb. 7:39; Coffyn 1985, p. 218, Pl. LIII, 3.
483 Tipo Baiões, *simpliciter*, in Coffyn 1983, p. 177-178, com menção dos paralelos da Quinta do Passal (Várzea do Douro, Marco de Canaveses), Castelo de Montemor-o-Velho, Porto do Concelho e Pragança (Fig. 2:4) e 1985, p. 218, 391, n.ºs 179-184.
484 Silva Ce T. 1979, Est. I, 2; Kalb 1978, p. 114, Abb. 1: 8 e 1980a, p. 44, Abb. 8: 43, n.º 4; Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 83, Est. VII, 2.
485 Coffyn 1985, p. 218, 391.

Canaveses)[486], Castelo de Montemor-o-Velho[487], Porto do Concelho (Mação)[488], Fiéis de Deus (Bombarral)[489], Pragança (Cadaval)[490] e Alto das Bocas (Rio Maior)[491] e também representada no depósito de Sa Idda (Sardenha)[492];

- o segundo (Baiões 2), do depósito de fundidor BAI83 (Est. LXXXVI, 9)[493], a que se pode reportar uma outra ponta de lança fracturada e deformada por acção do fogo (Est. LXXXVI, 8) procedente das escavações de 1973[494], que reproduz o tipo de lança mais vulgarizado em toda a Europa, representada por exemplares do Bronze IV e V de Montelius e de outros depósitos do final do Bronze da Inglaterra e da França, e que se pode enquadrar no tipo de Vénat de perfil losângico[495], e com expansão do Sudoeste francês para a Península[496], onde se referencia desde Santander a Porto do Concelho (Mação)[497], Fiéis de Deus (Bombarral)[498], Ota (Alenquer)[499] até ao depósito da Ria de Huelva, onde está representada por seis exemplares[500];
- e o último exemplar (Baiões 3)[501], de lâmina moldurada com três nervuras em cada face (Est. LXXXVI, 10), com paralelos no depósito do Porto do Concelho[502], Pragança (Cadaval)[503], Columbeira[504] e Navas de Madroño (Cáceres)[505] e também no depósito de Sa Idda (Sardenha)[506].

Sem mais registos cronológicos que os derivados da análise de C14 da lança de Baiões 3, que lhe confere uma ampla cronologia enquadrável no Bronze Final Atlântico II (Quadro 1), atendendo às circunstâncias arqueológicas dos achados, seus paralelos e respectivos cruzamentos de datação, deverão assinalar-se, também para estes artefactos, características regionais que individualizam, com os materiais utilizados, sobretudo as produções do Minho e da Beira Alta.

Mas, além das pontas de lança de tipo Roussas, com folha de secção losângica oca, ora melhor conhecidas no quadro de uma maior expansão pelo Noroeste peninsular, o Minho tem ainda outros exemplares, de que se distinguem os que seguem o tipo Penha, representado nessa estação epónima de Guimarães por duas grandes pontas[507], com folhas estreitas e alongadas, que se consideram protótipos das lanças análogas da Ria de Huelva[508] e cuja datação, conforme os dados C14 fornecidos por uma delas em torno de 930±65 a.C.[509], as faz situar no Bronze Final Atlântico II/III.

---

486 Lanhas-Brandão 1967, p. 64, n.º 27; Coffyn 1985, p. 218, 391, n.º 180.
487 Coffyn 1983, p. 178 e 1985, p. 218, 391, n.º 181.
488 Pereira M.A.H. 1970, p. 187, Fig. 86; Monteagudo 1977, Taf. 154: 9; Coffyn 1985, p. 218, 391, n.º 184, Pl. XLIV, 6.
489 Melo 2000, p. 42, Fig. 4: 2.
490 Mac White 1951, Lám. XIV; Kalb 1980a, Abb. 13: 11; Coffyn 1985, p. 218, 391, n.º 182, Pl. XLV, B, 8; Melo 2000, p. 62, Fig. 19.
491 Kalb 1980a, Abb. 15: 65, n.º 3 (esquema); Coffyn 1985, p. 391, n.º 183.
492 Taramelli 1921; Almagro 1940, p. 10, Fig. 30: 6; Lilliù 1972, p. 260-261; Fig. 51: 11; Coffyn 1985, Fig. 54: 28.
493 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 83, Est. VII, 1.
494 Silva Ce T. 1979, Est. IV, 2; Kalb 1978 e 1980a, Abb. 9: 43, n.º 22.
495 Coffyn *et alii* 1981, p. 96, Pl. XI; Coffyn 1983, p. 176-178 e 1985, p. 48, Fig. 19: 1-3.
496 Coffyn 1983, p. 176-178, com menção dos paralelos de Santander, Porto do Concelho (Fig. 2: 3), Ota e Huelva, e 1985, p. 218, 391, n.ºs 172-178.
497 Pereira M.A.H. 1970, p. 187, 190, Fig. 85; Monteagudo 1977, Taf. 154: 8; Coffyn 1985, p. 218, 391, n.º 176, Pl. XLIV, 5; Melo 2000, p. 62, Fig. 19.
498 Melo 2000, p. 42, Fig. 4: 2.
499 Barbosa 1965, p. 120, Fig. 11; Coffyn 1985, p. 218, 319, n.º 177; Silva Ce T. 1979, Est. IV, 1; Kalb 1978 e 1980a, Abb. 8: 43, n.º 3.
500 Almagro 1940, p. 132, Lám. IV, 3-5; Coffyn 1985, p. 218, 391, Pl. XXX, 9.
501 «Tipo Pragança» de Coffyn 1983, p. 176, onde cita mais paralelos de Porto do Concelho (Fig. 2: 2), Columbeira e Naves de Madroño (Cáceres) e 1985, p. 218, 392, n.ºs 185-190 (Baiões, n.º 188, Pl. LI, 2).
502 Pereira M.A.H. 1970, p. 190, Fig. 87; Monteagudo 1977, Abb. 152: 26; Coffyn 1985, p. 218, 392, n.º 187, Pl. XLIV, 7.
503 Kalb 1980a, Abb. 13: 57, n.ºs 12-13; Coffyn 1985, p. 218, 392, n.º 185, Pl. XLV, B, 6-7.
504 Kalb 1980a, Abb. 11: 52, n.º 4; Coffyn 1985, p. 218, 392, n.º 186, Pl. LIII, 6.
505 Coffyn 1985, n.º 190, Pl. XXXIV, 2.
506 Taramelli 1921; Almagro 1940, Fig. 30: 9.
507 Cardozo 1970, Pl. 13-20 e 1972, p. 253-254, Est. IV; Kalb 1980a, Abb. 4: 20, n.ºs 3-4; Coffyn 1983, p. 176, Fig. 2: 1 (p. 177) e 1985, p. 218, 391, n.º 170, Pl. LII, 1, 3. Outro exemplar deste tipo num fragmento proveniente do Vale do Tâmega e depositado no MSMS citado na mesma bibliografia, in Coffyn 1985, p. 218, 391, n.º 171.
508 Coffyn 1983, p. 176 e 1985, p. 218.
509 Cardozo 1971. Quadro 1.

Dever-se-á agora, em complemento, vincar as particularidades da área transmontana, que apenas forneceu uma lança, do Castro do Picote, com analogias aos exemplares minhotos de Roussas/Badim/ S. Julião, mas cuja originalidade está, por sua vez, bem assinalada no depósito de Lama Chã[510] com três pontas de lança (ou punhais?) com lâmina de secção losângica e lingueta para encabamento por rebites, que contam com dois paralelos orensanos[511], a evidenciar uma produção regional, e ainda uma outra ponta de lança de alvado com decoração incisa à base de «chevrons» e círculos com punção central a pontilhado, de que se não conhecem quaisquer referências afins[512].

Neste sentido, segundo os elementos em presença, a Beira Alta surge, de longe, como o núcleo menos regionalizado, todavia com difusão mais expressiva para o Centro de Portugal que para o Norte, sendo suficiente a concentração da série tipológica de Baiões para manifestar a capacidade tecnológica de um centro produtor, como o que aí localizamos, para facilmente assimilar os diversos modelos de que foi tomando conhecimento.

Além do conto de lança de bronze de Santa Tecla[513], apenas documentamos outro exemplar na área meridional castreja, seguindo ambos o modelo característico do final do Bronze Atlântico[514], de forma tubular cónica alargada em botão na extremidade e com orifícios na parte superior para fixação por cravos no cabo de madeira.

O nosso exemplar é também proveniente das escavações de 1973 no Castro da Senhora da Guia, Baiões (Est. LXXXVI, 11)[515] e conta também com paralelos em Canedotes[516], Pragança (Cadaval)[517], Alto das Bocas (Rio Maior)[518] e na Extremadura Espanhola[519], todos de tipo curto, aproximando-se mais uma vez dos exemplares do depósito de Sa Idda[520] que dos representantes do mesmo tipo nos outros achados do Ocidente europeu, incluindo os da Ria de Huelva, muito alongados[521].

A carência de testemunhos na nossa região de lanças de ferro durante a fase II, em notório contraste com a sua frequência noutras regiões peninsulares[522], só poderá explicar-se pela escassez das áreas escavadas desse período e pela natureza corrosível do material, não sendo de excluir a pervivência da utilização de lanças de bronze num momento em que a sua metalurgia continuava florescente, em especial no fabrico de objectos de adorno, sobretudo, de fíbulas.

Também mencionadas pelos autores clássicos e por vezes de modo tão confuso que não se torna possível estabelecer uma distinção entre as várias armas de arremesso[523](, os exemplares recolhidos em diversos povoados castrejos, como o de Santo Estêvão da Facha (Est LXXXVIII, 10)[524], Castro de S. Julião (Est. LXXXVIII, 15), Castro Máximo (Est. LXXXVIII, 12)[525], Citânia de Briteiros (Est. LXXXVIII, 11, 13), Castro de Cidadelhe (Est. LXXXVIII, 14), Castelo de Gaia[526] e Castro de Carvalhelhos (Est. LXXXVIII, 16-17), todos da fase III, invocam contextos idênticos aos das peças afalcatadas, com que formavam o principal armamento ofensivo.

510 Santos Júnior 1967; Kalb 1980a, Abb. 5: 27, n.ºs 1-4; Coffyn 1983, p. 178, Fig. 2: 6 (p. 177) e 1985, p. 218, 392, n.º 192, Pl. XLVIII, 1-3.

511 Uma delas provenientes de San Trocada (Barbantes, Orense) (López Cuevillas 1958e, Est. II, b; Coffyn 1983, p. 178 e 1985, p. 218, Pl. XLVIII, 4-5.

512 Cfr. bibliografia anterior, Coffyn 1985, Pl. LXVIII [n.º 4].

513 Mergelina 1943-44, p. 37, Lám. XLVI; López Cuevillas 1946-47, Fig. 21.

514 Déchelette 1910, p. 216; Taramelli 1921, p. 54; Hawkes 1931, p. 100; Almagro 1940, p. 135.

515 Silva Ce T. 1979, Est. IV, [3]; Kalb 1978 e 1980a, Abb. 9: 43, n.º 8; Coffyn 1983, p. 178 e 1985, p. 219, 392, n.º 194, Est. LI, 5.

516 Canha 2002, p. 81; Valinho 2003, p. 41.

517 Mac White 1951, Lám. XIV (4 exemplares): Kalb 1980a, Abb. 13: 57, n.ºs 14-15; Coffyn 1983, p. 178 e 1985, p. 219, 392, n.º 193, Pl. XLV, B, 18.

518 Kalb 1980a, Abb. 15: 65, n.º 1 (esquema); Coffyn 1985, p. 392, n.º 196.

519 Cabeza de Araya (Coffyn 1983, p. 178 e 1985, p. 219, 392, n.º 195, Pl. XXXIV, 13-14) e Vírgen de La Cabeza de Valencia de Alcântara, Castillejo de Villa del Rey e Castillejos de Plazenzuela (Martín Bravo 1999, p. 46, Fig.).

520 Taramelli 1921, p. 54; Almagro 1940, Fig. 30: 1-2, 5. Coffyn 1985, Fig. 54: 25.

521 Almagro 1940, p. 135, Lám. V; Coffyn 1985, p. 208, Pl. XXX, 5, 8, 10.

522 Cfr., *in genere*, Schüle 1969, 1, p. 229 e 2, Karte 28, com referências às províncias espanholas de Navarra, Ávila, Soria, Córdoba, Granada, Guadalajara e, em especial Alcácer do Sal (Taf. 90: 3 e 103: 1-8).

523 Em particular, Estrabão, X, 1-12; Titus Livius, VIII, 8. Cfr. Sandars 1913, p. 64-72; Guadán 1979, p. 40-43.

524 Almeida *et alii* 1981, p. 50-51, Fig. XXXII, 4.

525 Encontrada em 1977 numa sondagem realizada em colaboração entre o sector de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

526 Frag. folha de lança das escavações de 1985 no Castelo de Gaia (Candal, Santa Marinha, Vila Nova de Gaia), CAND 85 A2 (06).

Considerando o estado precário de conservação destes materiais, nem sempre é possível observar as suas variantes, ao contrário do que foi possível para as pontas de lança feitas de bronze, sendo mesmo em alguns casos (Est.LXXXVIII, 15-17) problemática a sua identificação.

No entanto, os exemplares reconhecidos mostram uma tipologia em geral constituída por uma lâmina triangular (Est. LXXXVIII, 10) ou foliácea (Est. LXXXVIII, 11-14), de secção losângica por vezes vincada (Est. LXXXVIII, 11) e raramente manifestando uma nervura (Est. LXXXVIII, 10) no prolongamento do cabo, e sempre com cabo em alvado rasgado lateralmente, nunca atingindo as dimensões alongadas de conhecidos exemplares hispânicos, às vezes atingindo 55 cm, e sem a elegância e decoração, vg., das de Almedinilla[527].

A ausência de documentação iconográfica destas espécies, em particular na estatuária de guerreiros, que, neste caso, também será explicável por dificuldades da sua representação, poderá indicar não terem estas armas revestido o carácter prestigiante que possuíam noutras sociedades e muito particularmente no mundo romano[528], sem que todavia se possa ignorar a sua utilidade militar manifesta no significado emblemático patente na sua representação nos símbolos da panóplia castreja[529].

Alguns exemplares, que ilustramos na Est. LXXXVIII, 18-21, seleccionados de um conjunto mais numeroso da Citânia de Sanfins, em razão do seu melhor estado de conservação, e que conta com paralelos da Citânia de Briteiros[530], Monte Mozinho[531], Castro de Cidadelhe[532], Santa Tecla[533] e Troña[534], entre outros, podem identificar-se, a partir das informações de Políbio[535], como conteiras de lanças ou de *pila*, em forma de chuço, aplicadas na sua extremidade inferior, na sequência de modelos do final da Idade do Bronze[536], permitindo a sua fixação no solo e com utilidade e eficácia no combate, servindo de contrapeso e aumentando o poder de penetração, conforme é referido para os espécimes de Conimbriga[537],que se reportam a numerosos outros paralelos europeus e peninsulares romanos e da Idade do Ferro à qual deverão pertencer, pelo contextos, os nossos exemplares, atribuíveis à fase III.

Pontas de seta

Também procedentes do Castro da Senhora da Guia, Baiões, se documentam, duas pontas de seta[538], cuja raridade se assinala nesta época do final da Idade do Bronze, de que se conhecem paralelos no Castro de Pragança[539], no litoral, Monte do Frade[540] e Alegrios[541], na Beira Baixa, e em Muralla de Alcântara, na Extremadura espanhola[542].

Uma é de dimensões reduzidas, de folha triangular de secção laminar (Est. LXXXVI, 12) e a outra, maior e mais sólida, de lâmina de perfil foliáceo de secção biconvexa (Est. LXXXVI, 13), ambas com pedúnculo para encabamento, mostrando a primeira afinidades com as do tipo I do depósito da Ria de Huelva[543], a que também se reportam os dois de Alegrios, dois do Monte do Frade, um de La Muralla e os seis exemplares de Pragança[544]. Não se poderá deixar de relacionar com estas peças a existência nesta estação de um braçal de

---

527 Almeida *et alii* 1981, p. 50, nota 62.
528 Guadán 1979, p. 41-42.
529 Cfr. bibliografia da nota 523. Vide também Blanco Freijeiro 1971.
530 MSMS.
531 Almeida 1974b, Est. II, 1, 3.
532 Escavações de 1984. CID 84 E3 (02).
533 Mergelina 1943-44.
534 Pericot-López Cuevillas 1931; Hidalgo 1985b e 1988-89.
535 VI, 25. Sobre o assunto, Sandars 1913, p. 67; Guadán 1979, p. 102.
536 Almagro 1940, p. 135.
537 Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 87, Pl. XVII, 12-14 e XVIII, 11, 15, 16.
538 Silva Ce. T. 1979, Est. IV, 4.
539 Kalb 1980a; Coffyn 1983, p. 178 e 1985, p. 219.
540 Vilaça 1995, p. 141.
541 Vilaça 1995, p. 179, Fig. CLV, 7 e CLXIII, 13.
542 Martín Bravo 1999, p. 45: 17.
543 Coffyn 1985, Pl. XXXI, 5-7, distinguindo-se das do 2.º tipo, que são de alvado cónico.
544 Nota 539.

arqueiro[545], sem que se torne necessário considerá-lo como uma sobrevivência de etapas anteriores[546], designadamente desde o Calcolítico e o Bronze Inicial[547], em que estes instrumentos são típicos.

Armas defensivas

São raros e por vezes de identificação problemática os vestígios metálicos de apliques, utilitários ou decorativos, de escudos, cuja existência e características nos são dadas a conhecer pelo texto de Estrabão[548], por representações iconográficas, em especial das estátuas de guerreiro da região (Est. CXX,2-CXXIV), e espécies numismáticas com a cunhagem da *caetra* relacionadas com as guerras cântabras[549], que conferem a este pequeno escudo de couro um lugar especial na panóplia castreja.

Entre os elementos conhecidos interpretáveis como apliques desta arma defensiva, que seria de madeira revestida a couro[550], referimos o conjunto de seis cravos em calote, de que ilustramos um deles (Est. LXXXVII, 5), do depósito do Bronze Final de Figueiredo das Donas, Vouzela[551], que poderão ser considerados como eventual protótipo dos cravos de reforço e adorno da *caetra* do guerreiro atribuído a Meixedo (Viana do Castelo) (Est. CXXII, 3) que supomos mais verosímil ser a sua forma originária anterior às alterações de cariz genealógico introduzidas, também visível em denários de Emerita e Ikalgusken[552], entre outros paralelos.

Uma peça análoga da Citânia de Briteiros (Est. LXXXVII, 6), com perfuração central e aba lateral, poderá ter servido para o mesmo efeito.

Sem mais dados disponíveis para análise, nem sequer de umbos, cuidadosamente representados na estatuária, por se tratar de objectos principalmente feitos de material perecível, de madeira e couro, fica-se muito longe da abundante documentação metálica dos escudos das culturas mesetenhas de Monte Bernorio, Miraveche e Las Cogotas II bem caracterizada desde J. Cabré Aguiló[553] e W. Schüle[554].

Procedente do Castro de Alvarelhos (Santo Tirso) (Est. LXXXVII, 4) foi também referenciada uma braçadeira interna adaptável ao braço do guerreiro e que vem sendo considerada como umbo de outro tipo de escudo, que seria, no caso, grande e oblongo, de La Tène II[555], datável, segundo Savory, dos finais do séc. II/inícios do séc. I a.C, ou mais certamente, pelos paralelos hispânicos de época sertoriana, conforme afirma Quesada[556]. Esta presença isolada no conjunto dos materiais bélicos do Noroeste, onde também não conta com mais paralelos regionais de qualquer género, poderá considerar-se sobretudo como um indicador da escassez das relações célticas durante a 2.ª Idade do Ferro, contrastando com os testemunhos arqueológicos relativos a outras áreas peninsulares[557], onde o seu uso é, de resto, também referido nas fontes clássicas, em especial por parte de grupos celtibéricos, segundo os relatos de Políbio[558] e Diodoro[559], citados desde H. Sandars[560].

Conjunto já bem significativo das armas defensivas castrejas é o constituído pelos capacetes de bronze procedentes de Caldelas de Tuy, Castelo de Lanhoso e Castelo de Neiva, a que se poderão somar mais um

---

545 Silva Ce T. 1979, Est. III, 1.
546 Kalb 1979, p. 584.
547 Cfr., vg., Harrison 1980; Silva A.C.F. *et alii* 1981; Jorge S.O. 1986.
548 Estrabão, III, 3, 6
549 Emissões incertas imperiais, segundo Vives 1926, p. 118, todavia, bem relacionadas com as campanhas de P. Carisius no Noroeste desde Sandars 1913, p. 74, hoje melhor documentadas. Cfr., vg., Villaronga 1970, p. 593; Guadán 1979, p. 60; Caamaño Gesto 1979; Centeno 1983, p. 198-200 e 1987.
550 Coffyn 1983, p. 183 e 1985, p. 208, com outras considerações sobre a sua tipologia; Quesada 2003, p. 96.
551 Rodrigues 1961a, p. 229, Fig. 99; Coffyn 1983, p. 183 e 1985, p. 176, 224, Pl. XVIII, 7.
552 Guadán 1979, p. 50, 67, 70-72.
553 Cabré Aguiló 1939-40.
554 Schüle 1969.
555 Almeida 1973; Soeiro 1980, p. 327, Est. I; Silva A.C.F. 1986b, p. 181.
556 Cfr., vg. Savory 1976; Quesada 2003, p. 97.
557 Cfr., vg., Cabré Aguiló 1939-40, p. 78-83; Silva A.C.F. 1986b, Est. VI.
558 Polibius, III, 114.
559 Diodorus Siculus, V, 33-34.
560 Sandars 1913, p. 76-77, 92-93, 100-101, seguido por Guadán 1979, p. 50-51.

fragmento da Citânia de Briteiros e dois espigões, um da Citânia de Sanfins[561] e outro da Mogueira, Resende[562], que, globalmente, se distinguem dos outros espécimes congéneres de origem mediterrânica como produtos de uma indústria metalúrgica autóctone[563], cuja tradição remonta ao final da Idade do Bronze e que, neste particular, evidencia apurada expressão de domínio das técnicas de fabrico, designadamente a fundição e a repuxagem, e de decoração por estampagem de matrizes e incisão a buril.

Mas uma primeira nota vai para os fragmentos de chapa de bronze do depósito de Vila Cova do Perrinho[564], que foram identificados por A. Coffyn como sendo de capacetes de crista de «coiffe pointue» como os de Bernières d 'Ailly (Calvados)[565], e com paralelos no achado da Ria de Huelva[566], pertencentes à fase IA da nossa periodização.

O capacete de Caldelas de Tuy (Est. LXXXIX, 1)[567] filia-se no tipo celto-itálico Montefortino A[568] mas apresenta uma notória utilização de elementos decorativos estampados de séries de SS e triângulos com besantes, característicos da cerâmica castreja desde a fase II, com anterioridade à campanha de *Decimus Iunius Brutus*, bem representada em estações das margens do Minho, nomeadamente, em Santa Tecla, Troña e Coto da Pena (Quadro dec. Est. LXVI-LXX, *passim*).

Os restantes exemplares, procedentes do Castelo de Lanhoso (Est. XC)[569] e do Castelo de Neiva (Est. XCI-XCII)[570], assim como o espigão do Castro da Mogueira, Resende, congénere do de Lanhoso e dos de Castelo de Neiva, o fragmento da Citânia de Briteiros (Est. LXXXIX, 2) e o espigão de Sanfins (Est. XCII, 2) muito idênticos ao n.° 2 de Castelo de Neiva (Est. XCII, 1), manifestam uma preocupação ornamental mais expressiva também à base de SS, círculos concêntricos e triângulos com besantes estampados e motivos triangulares incisos a buril, segundo a gramática decorativa castreja, em notória manifestação de artesanato indígena[571] mostrando a sua morfologia uma elaboração a partir de protótipos Montefortino B[572], a apontar para uma cronologia posterior, de utilização eventual no período das guerras cântabras[573], da fase III.

Algumas representações iconográficas de estátuas de guerreiro de granito, claramente nas de S. João de Ver e Capeludos (Est. CXX), Sanfins (Est. CXXIV, 3), e também Calendário, Alfândega da Fé e Guarda (Est. CXXV) confirmam a utilização de capacetes, que outras estátuas não ostentam. Não se devendo retirar, pelo carácter estilizado da representação de Capeludos, em forma de gorro cónico (Est. CXX, 2), assim como das miniaturas do carro de Vilela (Est. XCIV, 2), conclusões seguras de carácter tipológico, ainda que se lhe possam apontar relações com *sombreros*, como o do guerreiro de Hierschlanden[574], são mais claras as aproximações do capacete do guerreiro de S. João de Ver com modelos mediterrânicos[575], enquanto se pode considerar o de Sanfins (Est. CXIV, 3), onde é visível um certo realismo descritivo, mais próximo do tipo Montefortino A.

A existência de um outro tipo de elmo, caracterizado nas fontes literárias[576] pelo aparato ornamental como sendo de tríplice crista de plumas, poderá ser ainda relacionada com a representação constante do

---

561 Paço 1968b; Silva A.C.F. 1999b, 1.3.39.

562 Espigão de perfil almendrado, com decoração picotada no corpo e liso no topo, sobre uma base cilíndrica decorada com alinhamentos de setas entre nervuras. Alt. 48mm; diâm. 22mm (Marques J.A.M.T. 1987).

563 López Cuevillas 1947, p. 588; López Cuevillas-Taboada Chivite 1980, p. 325 (a propósito do capacete de Lanhoso); Almeida 1980a, p. 248 e 1980b, p. 47 (sobre os de Neiva, Lanhoso e Briteiros); Abásolo-Pérez 1980, p. 111 (sobre os capacetes do NW).

564 Brandão 1963a, Est. I, 9-11.

565 Coffyn 1983, p. 179 e 1985, p. 19, Pl. XL, 10-11.

566 Hencken 1955-56 e 1971, p. 56-78; Almagro Gorbea 1973, Fig. 1; Coffyn 1985, p. 171, 208, Pl. XXXI; 1-4.

567 Santiso *et alii* 1977, Lám. XXVII-XXVIII.

568 Robinson 1975, p. 13-17; Abásolo-Pérez 1980, p. 107; Almeida 1980a, p. 247-250 e 1980b, p. 47; García-Mauriño 1993.

569 Teixeira 1941, p. 138, Lám. I-II.

570 Almeida 1980a, p. 245-250, Est. I-II e 1980b, Fig. 1-2 e contra-capa.

571 Nota 523.

572 Robinson 1975, p. 13-18; Abásolo-Pérez 1980, p. 107 (Lanhoso); Almeida 1980a, p. 246-248 e 1980b, p. 47; García-Mauriño 1993.

573 Almeida 1980a, p. 250 e 1980b, p. 49.

574 Silva A.C.F. 2003a, p. 43; Quesada 2003, p. 99.

575 Queiroga 1992, p. 83; Silva A.C.F. 2003a, p. 44.

576 Estrabão, III, 3, 6.

diadema de San Martín de Oscos[577], continuando arqueologicamente por documentar na nossa região a existência de capacetes de couro que as mesmas fontes referem[578].

3. OBJECTOS CULTUAIS

A grande novidade do depósito de Baiões é-lhe conferida pela excepcional presença de objectos de carácter cultual, constando sobretudo de vários carros "votivos" e uma *furcula*, em geral desconhecidos dos achados peninsulares do final da Idade do Bronze[579] e que se deverão remeter para um horizonte orientalizante pré-colonial.

Os elementos recolhidos permitiram reconstituir fidedignamente a quase totalidade de um carro (Est. XCIII, 1-1a), o suporte de outro (Est. XCIII, 2-2a) e peças avulsas de copa (Est. XCIII, 6A-B) eventualmente pertencentes a um terceiro, conforme sugestão que nos é fornecida por igual variedade de rodas (Est. XCIII, 3-5).

Estrutural e cronologicamente distanciados de outros carros muito vulgarizados, como o de Vilela (Paredes) (Est. XCIV, 2)[580], Mérida e Almorchón[581], por exemplo, os carros "votivos" de Baiões apresentam, em última análise, a generalidade dos diferentes elementos simbólicos destes objectos cultuais, normalmente constituídos por um veículo de quatro rodas com quatro raios transportando uma taça, tipo *Kesselwagen*, como o de Milavec (Boémia)[582], por vezes com numerosos pendentes, sendo de notar como característica peculiar a total ausência de elementos figurativos, sobretudo de aves aquáticas, frequentes nos *Kesselwagen* e *Deichselwagen* e outros objectos cultuais continentais de Hallstatt B/C[583] e britânicos do Bronze Final II/III, onde vemos, também por isso, mais uma produção de artesanato local, com certeza elaborada a partir de modelos do Mediterrâneo Oriental, onde se encontram notáveis afinidades de ordem técnica, vg. no suporte de bronze de Santadi, Su Benatzu (Chipre), datável do séc. IX a.C., e inegáveis paralelos morfológicos e proventura também funcionais eventualmente presentes no *lavacrum mobile* do templo de Salomão[584].

O carro de bronze aparecido em 1920 na Bouça do Custódio, Costa Figueira, freguesia de Vilela, concelho de Paredes, noticiado monograficamente pelo seu primeiro possuidor[585] e com referências e estudos posteriores, de que se destacam alguns bem pormenorizados, em especial de Mário Cardozo[586], merecerá ainda por nossa parte descrição atenta e uma reconsideração dos seus elementos em função de uma reconstituição mais coerente que corrija anomalias decorrentes das alterações que anteriormente o afectaram.

Actualmente, é composto por uma barra longitudinal com quatro rodas, vazadas, duas juntas de bois, puxando em sentido oposto, e catorze figuras humanas interpretadas como sendo quatro de condutores, colocados sobre os dois eixos das rodas, dois sacerdotes ladeando um animal, que seria a vítima do sacrifício e oito acompanhantes, quatro deles guerreiros e quatro mulheres, três das quais transportando uma carga no dorso.

Com várias fracturas e três consertos com envolvimento de metal, um deles sobrepondo-se a outro, que lhe alteraram o alinhamento e, com toda a probabilidade, o ordenamento da representação, a alegoria deste carro seguiria, em nosso entender, uma disposição mais lógica, com as figuras orientadas num único sentido, conforme pormenorizamos na respectiva descrição (Est. XCIV, D).

As analogias nas dimensões e nos pormenores iconográficos entre as representações dos guerreiros e a figura da colecção Julio Ibañez, procedente do Cerro del Berrueco (Salamanca), atribuída ao séc. V a.C.[587],

---

577 Vg., López Cuevillas 1951c.
578 Estrabão, II, 3, 6.
579 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 84-89; Coffyn 1985.
580 Cardozo 1946b.
581 Blázquez 1955.
582 Pigott 1983, p. 114-116.
583 Idem, p. 120-121. Cfr. também, vg., Freidin 1980, sobretudo para os carros de culto italo-etruscos do séc. VII a.C.
584 Cfr. Colunga-Torrado 1959; Lilliù 1973; Silva A.C.F. 1990b, p. 140; Ruíz Gálvez 1993, p. 50; Armbruster 2002-03, p. 150-151.
585 Freitas 1923.
586 Nota 580.
587 Maluquer de Motes 1952 1 1958, p. 103-106, Lám. XIX.

assim como o paralelo entre as faixas de vestuário aqui utilizado na suspensão da carga transportada pelos elementos femininos com o de vários pequenos bronzes votivos ibéricos representando oferentes[588], genericamente datáveis entre os séc. V-IIIa C., e ainda o tipo de roda com travessas (E. Quadrado, tipo 4)[589] mais evoluída que a roda de quatro raios (E. Quadrado, tipo 5)[590] característica do Bronze Final[591], como as de Baiões, constituem, em conjunto, uma série de dados que recomendam para este carro uma cronologia dentro da fase IIA da nossa periodização, de acordo, aliás, com a datação proposta por M. Cardozo[592] e aceite por E. Cuadrado[593] e S. Pigott[594], que o situam entre as produções celtizantes do séc. IV-III a.C.

Para esta ambiência convergem também algumas afinidades com uma série de bronzes votivos com cenas de sacrifício, de tipo *suovetaurilium*, do Ocidente peninsular, em especial, os ex-votos do Castelo de Moreira (Celorico de Basto)[595] e do Instituto Valencia de Don Juan (Madrid)[596], também de provável procedência portuguesa[597], parecendo este carro de Vilela traduzir com clareza a alegoria de uma cena processional tradicionalmente relacionada com a citação de Estrabão, III, 3,7 sobre o culto à divindade guerreira dos povos indígenas do Noroeste com associação eventual a cultos da fertilidade.

Diferenciando-se dos outros carros de culto peninsulares e europeus, em que são notórias manifestações heliolátricas ou de cultos funerários ou de fertilidade[598], a sua maior originalidade, todavia, poderá ainda residir, eventualmente, na interpretação desta alegoria em relação com a estrutura e organização da sociedade castreja em termos de tripartição e trifuncionalidade ao modo das sociedades indo-europeias tais como definidas por G. Dumézil[599].

Da mesma ambiência orientalizante deve ter derivado igualmente a *furcula* ("fourchette à viande", gancho para carnes) de Baiões (Est. XCV, 1-4), que conta com paralelos no "crochet à viande" de depósito de Hío (Pontevedra), considerado de tipo britânico e também na "forquilha" de Solveira (Montalegre), onde se combinam elementos anteriormente tidos por continentais e atlânticos, mas que está muito mais próxima de certos *utensilia aenea templi aegiptiaci* citados no xodo 30, 20-28 a propósito dos objectos de culto do *Sancta Sanctorum* identificáveis com as *furculae* procedentes de Tânis, expostas no Museu de Berlim, mas que foram também referenciadas na Palestina em Tell Nebeshech, onde foram encontrados seis exemplares congéneres[600].

De resto, "ganchos para carnes", de bronze ou ouro, figuram na lista dos instrumentos cultuais, v.g., no xodo 27,3 e 38, 3, I Crónicas 28, 17 e II Crónicas 4, 16, tendo sido encontrados em Byblos, Ras Shamra e Guézer utensílios similares de dois e três dentes, estes últimos como os de Baiões. Curiosa, pela analogia deste promenor, a citação bíblica de um episódio, em que se refere a sua utilização em cerimónias litúrgicas reprovando os "celerados filhos de Eli, por se apropriarem de carnes sacrificiais, picando-as no caldeirão com um "gancho de três dentes" (I Samuel, 2, 13-14).

---

588 Cfr., vg., Nicolini 1969, Fig. 1-11 (p. 158), PL. XX-XXI.

589 Cuadrado 1955, p. 129, estudando as suas origens, expansão e pervivências até à actualidade, vg., no país vasco, Santander, Burgos (Espanha), China, Mongólia.

590 Idem, p. 129, p.131-132.

591 *In genere*, Pigott 1983, p. 105-137, não deixando de referir pervivências até à romanização (p. 108); também Cuadrado 1955, p. 132-133, concretiza a sua presença na necrópole ibérica de Cigarralejo no séc. IV a.C.

592 Cardozo 1946b, p. 27-28.

593 Cuadrado 1955, p. 129.

594 Pigott 1983, p. 193, retomando uma data entre 350-250 a.C., segundo os parâmetros da fase A del Hierro céltico II da cronologia de Martínez santa-Olalla 1946, citado no estudo de Cardozo 1946b.

595 Severo 1899-1903, Est. IV.

596 Blanco Freijeiro 1957b, onde refere além do ex-voto anterior, mais dois paralelos presentes em dois cabos de cutelo rituais depositados no Museo Arqueológico Nacional (Madrid), ambos rematando também em cabeça de touro, sabendo-se que um deles é proveniente da região de Palencia e o outro de origem desconhecida.

597 Tovar 1985, p. 247.

598 Cfr., vg., Pigott 1983, p. 115-137 (cultos funerários, sobretudo); Cardozo 1946b, p. 15-25 (cultos heliolátrico, ofiolátrico/ zoolátrico); Blázquez 1955 (heliolatria / fertilidade agrícola (taça/ água) e zoolatria (bois). Afiguram-se forçadas as interpretações de ofiolatria, a partir da suposta representação de uma serpente na barra central da estrutura do carro de Vilela, e de zoolatria em função de um culto taurino, considerando a sua presença na tracção do veículo.

599 Vide cap. III, *A Religião*, p. 416.

600 Colunga-Torrado 1959, p. 82; Dothan 1982, p. 286, Fig. 20: 5-10.

Sem dúvida também procedente do mesmo contexto, uma peça constituída por um tubo central a que estaria ligada uma tampa donde irradiava uma série de hastes recurvadas, figurando prováveis estilizações de seis pétalas de flor de lótus, que anteriormente assinalámos sumariamente como base de um candelabro (Est. XCV, 5)[601] e que vimos considerando como a parte superior de um *thimiaterion* ("braseiro","queima-perfumes", "incensório") em razão de um paralelo encontrado em Itália, que entretanto se referenciou como pertencente à parte superior de um desses objectos, denotando influência oriental sobre a arte etrusca[602].

Sem qualquer elemento figurativo, nem sequer ornitomórfico, como por vezes ocorrem em materiais similares do Bronze continental e do Bronze britânico[603], a decoração espiraliforme que ostenta, se pode evocar idênticos contextos culturais, situa-se bem no interior das expressões e dos temas comuns à arte galaico-portuguesa deste período significativamente representada na região em inúmeras gravuras rupestres, se não se tratar de importação do Mediterrâneo Oriental[604].

Por nossa parte, também entendemos ser de preferir uma utilização litúrgica para os instrumentos tipo espeto, habitualmente considerados de função culinária[605], representados na área castreja por um exemplar de Baiões (Est. XCV, 7)[606], e outro, bem conhecido, de Vilela (Paredes) (Est. XCIV, 1)[607], cuja associação ao carro processional mais parece vincular a essa função e a cujo conjunto, de acordo com os paralelos que manifestam relações interiores com a Meseta e uma ambiência céltica[608], se poderá atribuir uma cronologia posterior em relação aos outros exemplares, designadamente de Baiões e seus paralelos de Canedotes, Vila Nova de Paiva[609], Cachouça, Idanha-a-Nova[610], Reguengo do Fetal, Batalha[611], Santa Olaia, Figueira da Foz[612] e Alvaiázere[613], cobrindo as Beiras Litoral e Interior, com paralelos em Orellana la Vieja (Badajoz), Extremadura espanhola[614], Forêt de Compiègne (Oise), Port-Sainte Foi (Dordogne), Notre-Damme d'Or (La Grimandière, Vienne), Challans (Vendée), entre os exemplares franceses[615], e Monte-Sa-Idda (Sardenha) até Amanthonte (Chipre)[616], de construção articulada e com vestígios de representações figurativas conhecidas em contextos do Bronze Final Atlântico e certamente aí elaborados a partir de um modelo continental segundo um processo evolutivo que A. Coffyn delineou para o conjunto dos «broches à rôtir» peninsulares[617], senão de um itinerário inverso com derivação de protótipos do Mediterrâneo oriental.

Do depósito de Baiões, fica-nos por identificar uma peça tubular pontiaguda (Est. XCV, 6), de provável afinidade funcional, uma vez que poderá ser uma ponteira de *furcula* ou outro objecto de utilização religiosa.

4. OBJECTOS DE ADORNO

De novo, os objectos de adorno de bronze mais representados na fase I da cultura castreja são provenientes do Castro da Senhora da Guia, Baiões, e, por sinal, também do depósito de fundidor BAI 83[618],

---

601 Silva A.C.F. 1986b, Est. XCVIII, 5.
602 Rolland 1985.
603 Joekenhövel 1974.
604 Cfr., vg., Huyghe 1957, 1, p. 173, 174, para o Egeu.
605 Almagro Gorbea 1974a.
606 Silva Ce T. 1979, Est. V; Kalb 1980a, Abb. 9:43, n.º 21; Coffyn 1983, p. 184, Fig. 3: 9 e 1985, p. 55, 178, Pl. LVIII, 5.
607 Freitas 1923; coffyn 1983, p. 184 e 1985, p. 55, 395, n.º 271, incluido nos espetos de tipo atlântico articulado, considerando-o um exemplar derivado ou reparado.
608 Vide p. 262-263.
609 Vilaça-Cruz 1995.
610 Vilaça 1990 e 1995, 2, Fig. CCLII.
611 Ruivo 1993.
612 Vilaça 1990.
613 Kalb 1980a, Abb. 10: 2, 3, 4, 7 e 8; Coffyn 1983, p. 184 e 1985, p. 55 e 178, Fig. 22: 1; Coffyn-Sion 1993, p. 296, Fig..
614 Enríquez Navascués 1984.
615 Mohen 1977; Coffyn-Sion 1993, p. 295-296, Fig..
616 Taramelli 1921, col. 56, Fig. 78-79; Coffyn 1985, Fig. 54: 22; Coffyn-Sion 1993, p. 296, Fig. (Sa Idda); Lo Sciavo 1991 e Coffyn-Sion 1993, p. 297, Fig. (Amanthonte, Chipre).
617 Coffyn 1985, p. 55 e 178, cartes 21 e 28, Pl. LVIII.
618 Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 90-93, Est. X-XI.

neste caso, com referências mais repartidas entre influências atlânticas e continentais destes produtos, dos quais se destaca um conjunto expressivo de braceletes (Est. XCVI, 1-5) e pendentes (Est. XCVII, 5-9).

Um primeiro tipo de braceletes está representado por seis exemplares, dois decorados (Est. XCVI, 3-4) e os restantes lisos (Est. XCVI, 5A-5D), que fazem parte do inventário desse depósito, reportando-se pela estrutura e decoração, à tipologia dos torques e braceletes de ouro, maciços, de secção circular e com decoração geométrica incisa a buril, tipo Sagrajas e Berzocana[619], aí encontrados em 1947 (Est. CV, 1-2) e que ficou registado como o primeiro grande achado deste povoado castrejo, e contando com paralelos de bronze nos depósitos do Centro de Portugal de Coles de Samuel[620] e Fiéis de Deus[621].

Outro exemplar, também liso e de secção circular, mas com particularidades morfológicas no perfil (Est. XCVI, 6)[622], adelgaçando simetricamente para o centro do aro e para as extremidades, sem botão, pode considerar-se uma variante deste tipo, sendo ainda conhecida outra variante, caracterizada pela forma campanular das suas extremidades, num bracelete procedente de lugar incerto do Norte de Portugal (Est. XCVI, 7), seguindo protótipos britânicos «cup-ended» com paralelos assinalados para outras espécies de jóias designadamente de ouro[623].

Um segundo tipo está representado por um par de braceletes ou pulseiras do depósito de Baiões, de larga fita exteriormente canelada e com decoração também geométrica nas extremidades (Est. XCVI, 1-2), que parece contar apenas com um paralelo num fragmento do depósito de Vila Cova do Perrinho[624], mais uma vez fazendo ressaltar a variedade do conjunto de Baiões, tanto mais de estimar quanto é rara a presença de objectos de adorno entre o espólio característico do final da Idade do Bronze[625]. Se a sua morfologia aponta também para uma eventual filiação britânica[626], na sua decoração em triângulos incisos, com frequentes paralelos na ourivesaria, bronze e cerâmica do mesmo período sobretudo do mesmo povoado[627], vemos a marca de uma produção local.

Para mais, só conhecemos duas braceletes de bronze atribuíveis às fases seguintes, na aparência derivados dos exemplares em aro maciço, sendo, respectivamente, uma pequena bracelete do Castro de Sabroso (Est. XCVI, 8)[628], com aro biconvexo e remates campanulares troncocónicos, e outra do Castro de Nogueira, da região flaviense (Est. XCVI, 9), com aro internamente liso e externamente estriado e com remates em botões esferóides, que conta com um paralelo muito próximo eventualmente da mesma oficina, no castro de Palheiros (Murça)[629].

O bracelete de Sabroso, que se tem vindo a considerar derivado de formas frequentes em meios atlânticos britânicos[630] poderá antes incluir-se no âmbito das relações com o mundo céltico de La Tène I, eventualmente por intermédio do Sudoeste francês[631], podendo, por isso, atribuir-se à nossa fase IIA.

A idêntico contexto se poderá remeter também o bracelete do Castro de Nogueira que apresenta terminais similares aos do torques de Bordiou (Gironde), a que A. Blanco Freijeiro atribui características post-hallstátticast[632].

Um outro grupo de objectos de adorno é constituído por uma diversificada gama de pendentes, alguns dos quais aparentemente conexos com expressões votivas.

---

619 Almagro Gorbea 1974b e 1977, p. 18-35.
620 Coffyn 1985, Pl. XLVI; 4 (decorado), 5-6 (lisos).
621 Idem, Pl. XLVII, 5, 7, 10 (decorados), 6, 8, 9 (lisos).
622 Silva Ce. T. 1979, Est. 1, 2; Kalb 1978 e 1980a, Abb. 9: 43, n.º 20.
623 Cfr., vg., Taylor 1980, Fig. 53b e 55.
624 Brandão 1963a; Kalb 1980a, Abb. 7: 41, n.º 7; Coffyn 1985, Pl. XL, 9.
625 «Avec les eléments de parure nous retrouvons les mêmes lacunes dans les trouvailles péninsulaires» diz Coffyn 1985, p. 178, e para a Península em geral, e «les bijoux de bronze demeurent rares", idem, p. 229, para o Bronze Final Atlântico do Noroeste.
626 Cfr. Taylor 1980, Fig. 29 A-B e 30 B-F, com peças de ouro de morfologia em larga fita canelada.
627 Vide Est. CV, 1-2 (decoração dos torques); LXXXIV, 1 (taça de bronze); LXIII, 206-211 (Quadro decorativo da cerâmica).
628 Cardozo 1930, Est. XXXVIII, 2; López Cuevillas 1951, p. 61, Fig. 40.
629 Sanches 2000-01, p. 39, Fig. 18.
630 López Cuevillas 1951, p. 65, Fig. 47; Fariña *et alii* 1983, Lám. 10 [03].
631 Cfr., vg., Mohen 1976, p. 766 (Fig. 4: 5-6, terminal de torques de bronze e molde de terracota de terminal afim do habitat de Vayres, Gironde).
632 Blanco Freijeiro 1957a, p. 152-153, Fig. 16.

Do mesmo depósito de Baiões constam duas séries tipológicas de pendentes, sendo uma formada por uma dupla argola arqueada de perfil subtriangular e com a base perfurada por oito orifícios (Est. XCVII, 7-9), eventualmente para introdução de ornatos à base de fios e pequenas contas, com protótipos possíveis em adereços congéneres do Bronze Médio conhecidos no Baixo Reno[633], Alpes[634], Provença[635] e Languedoc[636], e a outra série caracterizada por ter dois anéis, excêntricos, um maior que o outro, soldados no mesmo plano em posição tangente (Est. XCVII, 5-6)[637], similares ao conjunto que faz parte do diadema da necrópole mesetenha de Clarés[638], com paralelos, isolados, nas necrópoles de Griegos[639], La Osera[640], Las Madrigueras[641], Buenache d'Alarcón[642] e El Navazo[643], da área de influência da denominada «cultura da Meseta», fazendo reportar, em conjunto, este tipo de objectos de adorno deste depósito do Bronze Final para uma origem e itinerário continentais.

O pendente constituído por um disco circular quadripartido, proveniente de Santo Estêvão da Facha (Est. XCVII, 1)[644], segue um modelo tradicionalmente vinculado a uma significação heliolátrica bem documentado na generalidade das civilizações do final da Idade do Bronze e primeira Idade do Ferro[645].

Os dois pingentes em campânula do Castro do Coto da Pena (Est. XCVII, 10-11), que, em nosso entender, fariam parte de um conjunto radial do tipo das arrecadas do Gaio[646], são, por esse motivo, considerando as influências meridionais que assinalam, atribuíveis à nossa fase IB, em que também incluímos, pela estratigrafia e afinidades do teor metalográfico, os dois pendentes de xorca, tipo sanguessuga, dessa mesma estação (Est. XCVII, 12-13)[647], devendo os restantes adornos que lhes são afins, mas internamente ocos, de Briteiros (Est. XCVII, 14-15)[648] e da Facha (Est. XCVII, 16)[649], e de que conhecemos mais paralelos do Monte Mozinho[650] e de Santa Tecla[651], datar-se da fase III.

Nesta mesma fase incluímos também, sobretudo considerando o contexto arqueológico de que são provenientes, o curioso conjunto de miniaturas de machados[652], que entendemos tratar-se de peças votivas[653], que seriam igualmente trazidas ao peito em suspensão, tendo mesmo uma das três que tivemos oportunidade de ilustrar (Est. XCVII, 2-4), proveniente do Castro de Sabroso (Est. XCVII, 4), para além do olhal de «encabamento» comum a todas, uma pequena argola de suspensão.

Apresentamos, finalmente, uma pequena amostra de contas metálicas de colar (Est. XCVII, 17-19), procedentes da Citânia de Sanfins (Est. XCVII, 17-18) e da Citânia de Santa Luzia (Est. XCVII, 19), com paralelos

---

633 Cfr. «espaçadores» de âmbar do peitoral do *tumulus* 53 de Oberfeld in Zumstein 1976, p. 632, Pl. II, 8; Eluère 1982, p. 143-145, Fig. 148.

634 Bocquet 1976, p. 486, Fig. 2: 9 («perle d'espacement» de âmbar).

635 Courin 1976, p. 449, Fig. 3: 23 (Grotte «P» de Baudinard, Var).

636 Roudil-Guilaine 1976, p. 462, Fig. 2: 5 («écartour de collier en ambre», Grotte du Hazard, Tharaux, Gard), 8 («écartour de collier en pâte de verre», Grotte de la Treille, Maillac, Aude).

637 Cfr. mais um exemplar de escavações anteriores in Silva Ce T. 1979, Est. IV, 4.

638 Schüle 1969, Taf. 22: 1.

639 Almagro 1942, tumba 7, Fig. 2.

640 Cabré-Aguiló *et alii* 1950, sep. 142 (Lám XXXI), sep. 185 (Lám. XXXVII-XXXVIII).

641 Almagro Gorbea 1966, tumba XXXIX (Fig. 40: 1).

642 Losada Goméz 1966, tumba 6 (Fig. 11: 3-6).

643 Galán Saulnier 1980, p. 165, sep. I, VII, X, XIII e XIV.

644 Almeida *et alii* 1981, p. 70, Est. XXXII, 7.

645 Almeida *et alii* 1981, nota 74.

646 Costa J.M. 1966, Fig. 1 e 1973, Fig. 9-10; Martins C.M.B. 1996.

647 Cfr. dois estudos sobre estes adornos in Paixão 1983; Gomes-Domingues 1983, com cartografia geral dos achados peninsulares a que se deverão somar estes nossos dados, bem como retirar o exemplar de Briteiros (n.º 32) por se tratar de peça afim mas oca.

648 Cardozo 1968b.

649 Almeida *et alii* 1981, p. 50-51, Fig. XXII, 1.

650 Almeida 1977, Est. I, 9.

651 Museu Arqueológico de Santa Tecla.

652 Cfr. Cardozo 1934-36 = ACFABA, 3, 1935, referindo seis exemplares, e Monteagudo 1977, p. 267-269, Taf. 124: 1795-1801, onde constituem o grupo 46 (A e B) da sua classificação com catálogo de exemplares de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso) (1795), Santa Tecla (1796, 1799), Briteiros (1797), Sabroso (1798, erradamente atribuido a Briteiros) e Perre, Viana do Castelo (1800). Acrescentar ainda o exemplar da Citânia de Roriz, Barcelos (Villas Bôas 1948b) e um mais achado em Castelo de Neiva (Almeida C.A.B. 1982b).

653 Cfr. Monteagudo 1977, p. 267.

directos na Citânia de Briteiros[654], entre outras referências[655], que seleccionamos por representarem, em gravação ou em encrustação das suas superfícies, elementos ornamentais típicos da gramática decorativa castreja, a evidenciar o valor sinalético dos pequenos objectos.

5. FÍBULAS

Mas entre todos os objectos de adorno sobressaem as fíbulas que constituem um dos conjuntos mais característicos da cultura material castreja do Noroeste, em muitos casos servindo de precioso elemento de cronologia e relação cultural. Como resultado dos nossos trabalhos, vê-se amplamente alargado o âmbito cronológico destes produtos na região com a descoberta de novos tipos mais arcaicos, tornou-se mais clara a carta da sua distribuição e a área das influências culturais e ampliaram-se, na prática, inventários anteriores, esclarecendo e pormenorizando séries com novos dados e observações de ordem técnica, secundando os valiosos contributos de Salete da Ponte[656] sobre o tema, em reconsideração global desde a primeira sistematização de J. Fortes[657]. Valorizamos sobretudo a oportunidade de podermos dispor de referências estratigráficas que nos permitem um controle através de alguns exemplares de um número significativo de tipos desde os mais antigos, do final da Idade do Bronze, aos elementos mais tardios da cultura castreja. Com o recente estudo sistemático de Salete da Ponte sobre as fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal, a par de análises metalográficas de artefactos contextualizados e datados[658], também nos fornecem informação mais aproximada da produção metalúrgica proto-histórica das comunidades sediadas no actual território português, permitindo-nos reflectir sobre o valor tecnológico, sócio-económico e cultural destes objectos de adorno nos povoados do Noroeste Peninsular.

Os exemplares de cronologia mais alta por nós reconhecidos nesta área são procedentes das nossas escavações no Castro do Coto da Pena (Est. XCVIII, 1-2), sem paralelos directos conhecidos, devendo entender-se, porém, como formas evoluídas do tipo Alcores (Ponte 8), em que sobressaem aspectos que revelam outras relações e certas particularidades.

As características estruturais e mecânicas dos dois modelos do Castro do Coto da Pena[659] parecem evidenciar, tecnicamente, que os seus fabricantes conheciam o vasto reportório de produção de fíbulas proto-históricas do mundo orientalizante italiano e, em particular, do Sudoeste Peninsular, sobretudo os inúmeros tipos do mundo tartéssico, do Médio e Baixo Guadalquivir.

Com efeito, a fíbula n.º 1 (Est. XCVIII, 1, Fig. 10) é um dos elos evolutivos de tipo Bencarrón (Ponte 10) apresentando uma espécie de "mola bilateral rudimentar". O eixo, pela primeira vez, separa-se dos restantes elementos e torna-se numa peça independente. Esta alteração técnica provoca alterações mecânicas de construção: a peça provém agora, não do eixo, mas do fusilhão. Este elemento cria a mola, o arco e o pé, enquanto que o eixo independente, também de bronze, sobre que se enrolam as espiras da mola, confere à peça solidez e maior estabilidade. O novo processo de construção, representado por esta fíbula, distancia-se da de tipo Alcores puro, que se caracterizava por um eixo que é prolongado pela mola, dobrada em lacete, e pelo fusilhão e um arco, independente dos outros elementos, que passa sob o lacete e se fixa no centro do eixo[660]. A variante de tipo Bencarrón (Ponte 10b/2.2) apresenta na generalidade o mesmo tipo de construção mecânica de uma das fíbulas de Conimbriga: o fusilhão enrola-se à volta do eixo, criando, a partir da extremidade direita, duas ou mais espiras,unindo-se à extremidade oposta por meio de uma corda interior e, no sentido inverso, em direcção ao centro, cria o arco e o pé[661].

654 Cardozo 1980, Est. XXIX, 4.
655 Bouza Brey 1963.
656 Em especial, Ponte 1973b e 2001; Alarcão A.M.-Ponte 1980 e 1984.
657 Fortes 1904 e 1905-08a.
658 Bettencourt 2001a, p. 13-15.
659 Ponte 2001, p. 186-189.
660 Cuadrado 1963, p. 27-29; Alarcão A.M.- Ponte 1979, p. 110-111.
661 Ponte 2001, p. 185.

Por outro lado, o pé desta fíbula, que se enrola sobre si mesmo, forma um terminal como nas fíbulas de «bucle»[662], que também aparece, de resto, em algumas fíbulas de dupla mola[663], mais semelhança apresentando ainda no que se refere à mola, com uma variante das fíbulas de «bucle» representada por dois exemplares de Caravias e Valdenovillos (Guadalajara)[664], que se caracterizam por ter um fusilhão que não sai do centro da mola mas da extremidade que está do lado do descanso do pé, como acontece nesta fíbula do Coto da Pena.

A fíbula n.° 2 (Est. XCVIII, 2, Fig. 11), insere-se no grupo de fíbulas de tipo Acebuchal (Ponte 9b/2.2), com a particularidade de representar um dos elos directos da matriz principal da fíbula de Bencarrón. A fíbula do Coto da Pena, sendo uma das modalidades evolutivas do modelo Acebuchal, caracteriza-se por apresentar um arco dividido em dois braços, tal como em dois exemplares precedentes, de tipo Alcores (Ponte 8), um de Alcores de Carmona[665] e outro de Conimbriga[666]. A morfologia e perfil deste arco bífido surge igualmente no grupo Acebuchal (Ponte 9), com uma estrutura e mecânica variáveis, dando origem às modalidades representadas, para além da fíbula do Coto da Pena (Ponte 9/2.2), pelos exemplares de Torre de Palma (Ponte 9/1.1), Conimbriga (Ponte 9/1.2) e Castro de Pragança (Ponte 9/2.1). Digamos que o recorte morfológico destes exemplares determina diferenças técnicas no processo de construção da mola bilateral, directamente associada à projecção e perfil do arco laminar ou filiforme[667]. Todos eles se enquadram no sub-tipo Acebuchal (Ponte 9b), com a diferença dos exemplares de Conimbriga e Torre de Palma, de arco laminar pertencerem à 1ª variante (Ponte 9b/1), enquanto que a fíbula do Castro do Coto da Pena (Est. XCVIII, 2), de arco filiforme, corresponde à 2ª variante de tipo Acebuchal (Ponte 9b/2). Em suma, esta última apresenta um processo de construção bem mais simples e certamente original, dada a morfologia e recorte do arco.

O processo de construção começaria pelo fusilhão que, ao bifurcar-se em dois fios, iniciava, a meio e à volta do eixo, o enrolamento de ambos os fios metálicos, em direcções opostas, para formar a mola bilateral e os dois ramos filiformes e bifurcados do aro. O seu fabrico era feito pelo processo de forjadura.

Em última análise, estas fíbulas poderão considerar-se derivações directas do tipo Alcores, cuja cadeia evolutiva mostra particularidades extrínsecas e intrínsecas dos movimentos metalúrgicos desencadeados no Bronze Final e alvores da Idade do Ferro. Além disso, aparentam mais afinidades com as fíbulas de "bucle"[668] e de "âncora"[669] e, mais de acordo com o ponto de vista de E. Cuadrado[670], do que com o modelo mais antigo de "dupla mola"[671], como pretende W. Schüle[672], para a origem desta cadeia de objectos.

As referências cronológicas da fíbula n.° 1, que foi encontrada num estrato do Bronze Final datável dos finais do séc. VIII (fase IA), permitem, pela primeira vez, datar uma das modalidades de tipo Bencarrón, aproximando-se dos parâmetros cronológicos estabelecidos por W. Schüle e outros investigadores[673], contrariando, assim, a tabela de datação sugerida por E. Cuadrado[674].

Para a outra fíbula (n.° 2), de tipo Acebuchal, achada num nível estratigráfico mais recente, há igualmente parâmetros de datação mais segura, que nos permitem situar aquela modalidade numa cronologia provável dos séc. VII/VI a.C. (fase IB).

Independentemente, porém, das divergências que sobretudo tocam a origem e parâmetros de datação relativa destas fíbulas, tudo converge, entretanto, para que lhe possamos assinalar uma procedência

662 Cuadrado 1963, Fig. 4:g (La Mercadera, Soria I e j (Voltierra, Navarra).
663 Idem, Fig. 3: g (Lara, Burgos), j (Miraveche, Burgos), h (Cortes de Navarra).
664 Idem, p. 18.
665 Idem, fig. 5:b; Schüle 1961, Fig. 17: 1 e 1969, p. 146.
666 Alarcão A.M.-Ponte 1979, Pl. XXIV, 12; Ponte 1987, p. 117, Fig. 1 e 2001, p. 176-177.
667 Ponte 1973a e 2001, p. 176-177; Ruíz Delgado 1989, p. 142-143.
668 Cuadrado Díaz 1963, p. 14-19; Argente 1994, p. 59-63; Navarro 1970, p. 47-48.
669 Argente 1994, p. 64-65; Idem, 1986-87, p. 145.
670 Cuadrado 1963.
671 Ruíz Delgado 1989, p. 69-118; Argente 1994, p. 51-58.
672 Schüle 1961, p. 32 e 1969, p. 155, onde aponta derivações directas em relação à fíbula de dupla mola.
673 Idem; Alarcão A.M.-Ponte 1979, p. 110-111; Ponte 1982, p. 154.
674 Cuadrado 1963, p. 29-30.

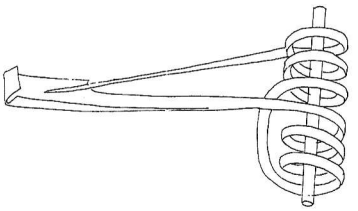


Fig. 10 – Estilização da fíbula tipo Bencarrón (Est. XCVIII, 1)

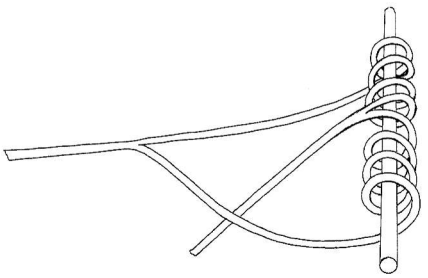


Fig. 11 – Estlização da fíbula tipo Acebuchal (Est. XCVIII, 2)

meridional, de acordo, aliás, com a generalidade das manchas de difusão[675] e do contexto arqueológico do seu achado com produtos dessa origem.

De cronologia aproximada e com correspondência aos modelos mais antigos, para além destes dados característicos da fase I, apenas podemos acrescentar a existência de elementos fragmentários de fíbulas de dupla mola (Ponte 3) procedentes do Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul[676] e do Castro de Santa Luzia, Abraveses, Viseu[677]. Esta categoria apresenta, tal como outros modelos contemporâneos, uma série de sub-tipos com larga sobrevivência, coexistindo várias matrizes, entre os finais do séc. VIII e o séc. VII/VI a. C.

À fase II é habitualmente atribuído o grupo mais característico das fíbulas castrejas representado pelas fíbulas de apêndice caudal, que incluem os três tipos conhecidos pelas designações epónimas de Sabroso (Ponte 22), Santa Luzia (Ponte 23) e transmontana (Ponte 32), que lhes foram conferidas por J. Fortes[678] e que foram recentemente revistas em conjunto por S. Ponte[679]. Surgem, todavia, nestes povoados outros modelos representativos do foco cultural da Meseta Castelhana (Ponte 25 e Ponte 33) e Levante Peninsular (Ponte 24), caracterizando-se essencialmente pela singeleza de processos de produção. O actual estado da investigação arqueológica não nos permite ainda corroborar ou questionar as opiniões opostas de E. Cuadrado[680] Almagro Basch[681], W. Schüle[682], ou mais recentemente de Almagro-Gorbea[683], sobre a origem e inspiração de todas estas produções metálicas. Estas parecem sugerir um cruzamento de experiências metalúrgicas, durante a 1ª Idade do Ferro, sobretudo entre os sécs. VII e VI a. C., ou seja, correspondente à fase IB.

Devendo cobrir, segundo as cronologias tradicionais, a nossa fase IB e fase II, veremos quanto os dados por nós recolhidos aconselham prudência e manifestam pervivências. Que seja do nosso conhecimento, apenas se testemunhará na área deste estudo e para a fase IIA mais um exemplar de fíbula anular hispânica (Ponte 15b/1) encontrada no Castro de Santa Luzia (Abraveses, Viseu)[684]. No entanto, este único exemplar poderá, na opinião de Salete da Ponte[685], ajudar a compreender a estrutura e mecânica de inúmeras fibulas decorrentes do Bronze Final/1ª Idade do Ferro. Estão neste caso as designadas fíbulas castrejas e afins, que se multiplicaram em diversos modelos originais ou, nalguns casos, em formas híbridas, durante os finais do séc. VIII / inícios do VII até ao séc. VI a. C., com sobrevivências e actualizações durante a 2ª Idade do Ferro. Este facto constitui um sério obstáculo para a fixação cronológica das fíbulas castrejas do Noroeste Peninsular.

---

675 Ponte 1980, p. 111-112, prefere que o processo de construção se inicie pelo fusilhão, o que também é possível e caracteriza este tipo como carente de eixo e 2001, p. 179 e 188, Cartas IX-X.

676 Kalb 1978, p. 123, n.º 4, Abb. 10.

677 Silva Ce. T. *et alii* 1985, p. 145.

678 Fortes 1905-08a, p. 16-21.

679 Em especial da bibliografia citada nas notas 1 de Ponte 1980, 1984 e 2001.

680 Cuadrado 1963, p. 40-46.

681 Almagro 1966b, p. 229.

682 Schüle 1969.

683 Almagro Gorbea 1997b.

684 Silva Ce. T. *et alii* 1985, p. 125.

685 Ponte 2001.

É obvio que os recentes dados arqueológicos, associados às evidências estruturais e técnicas das próprias peças metálicas, repercutem indícios básicos para a elaboração de uma cadeia evolutiva e sequencial das fíbulas de apêndice caudal, sobretudo daquelas que ocorrem com abundância nesta área de estudo.

As fíbulas tipo Sabroso (Est. XCVIII, 3-14, XCIX, C; Gráfico 5) são estruturalmente inteiriças, com o pé, arco, mola e fusilhão, feitos de uma só peça, mais um eixo independente, como nos exemplares antecedentes, designadamente a n.° 1 (Fig.12: estilização de Est. XCIX, 1). Pelos dados em presença, sobretudo atendendo aos exemplares mais singelos e perfeitos, pode presumir-se que o seu processo de construção[686] se tenha iniciado por um fio metálico, ou seja, pelo fusilhão a meio e em torno de um eixo, para formar duas séries de espiras unidas, de um ao outro lado (6, 8, 12, 14, 20 voltas), por uma corda interior ao arco, ficando reservada a parte final do arame para o arco e apêndice caudal. A presença do eixo, nalgumas fíbulas em melhor estado de conservação (Est. XCVIII, 5-6, XCIX, 1), poderá documentar que aquela peça fora usada para a construção da fíbula inteiriça. Porém, nada obsta que os artífices tenham usado, para os modelos mais decorativos, os dois métodos de fabrico (a forjadura e a fundição, quer usando o molde bivalve quer o processo de cera perdida).

O carácter artesanal desta produção é bem manifesto nas particularidades de cada exemplar, em que o arco tem habitualmente a forma de naveta com diversidade de secções, plano-convexas, triangulares e outras, com dorso liso, vincado ou facetado ou ainda decorado com nervuras, e pela silhueta do apêndice caudal, que é dobrado em ângulo ou em arco em relação ao pé, e fazendo com ele ângulo obtuso, recto ou agudo, termina num largo disco, simples (Est. XCVIII, 3-4) ou com gola (Est. XCVIII, 5-14) na variante A, em pequeno disco, também em geral com gola (Est. XCIX, 1-3, 5-11) ou associado a cone (Est. XCIX, 4) ou em botão (Est. XCIX, 12) na variante B, e em balaustre, de diversa composição, com número variável de anéis na variante C (Est. XCIX, 1-14). Esta seriação é puramente morfológica, cuja galeria de variantes de tipo Sabroso, é correspondente à primeira série de tipo Ponte 22 (Ponte 22a), e que se caracteriza essencialmente pela mola bilateral simétrica, de corda interior ao arco; a outra série do mesmo grupo (Ponte 22b) apresenta uma mola bilateral simétrica, mas de corda exterior.

Com uma vasta área de dispersão peninsular, com registos nas províncias espanholas de Palencia, Burgos, Guadalajara, Lérida e Trás-os-Montes, Beira Baixa e Estremadura portuguesas[687], é bem significativa a mancha da sua presença nos castros do Noroeste, que ilustramos com numerosos exemplares da estação epónima de Sabroso (16 exemplares), Briteiros (21 ex.), Citânia de Sanfins (4 ex.). Cividade de Terroso (7 ex.) e Castro do Padrão, Santo Tirso (2 ex.), documentando-se ainda, segundo o inventário de S. Ponte[688], no Castro de Vilar de Mouros, Caminha (1 ex.)[689], Castro de Belinho, Esposende (1 ex.)[690], Monte Redondo, Guisande, Braga (1 ex.)[691] e na Cividade de Bagunte[692] e Santo Estêvão, Vila do Conde[693], Castelo de Guifões, Matosinhos[694], Castro do Gove, Baião[695] e também na Citânia de Santa Tecla (1 ex.)[696].

Tudo indica, efectivamente, que esta concentração possa ser interpretada ajustadamente como um importante centro produtor deste tipo, o que poderá ser mais abonado por vestígios de fabricos locais, como

---

686 Navarro 1970, p. 63; Ponte 1980, p. 111-112 e 2001, p. 267. Verifica-se que, na maioria dos casos, este tipo não conserva o eixo em bronze; os poucos exemplares com eixo apresentam este elemento em ferro.

687 Fortes 1905-08a, p. 17-18; Schüle 1969, p. 149; Ponte 1980, p. 113, 116-117, Fig. 2, com presenças de Aguilar de Anguita e Altillo del Cerropazo; Atienza (Guadalajara), Miraveche (Burgos), La Mercadera, Monte Bernorio, Saldaña (Palencia), Volfogona de Balaguer (Lérida), Castro de Chibanes (Sétubal), Prejal (Castelo Branco) e concelho de Mogadouro; Ruíz Zapatero 1985, p. 479; Ponte 2001, p. 270-271.

688 Ponte 1980, p. 116-117, Fig. 2 e 2001, Carta XXI.

689 Fortes 1905-08a, p. 18, Fig. 9; Ponte 1980, p. 116, n.º 5.

690 Vasconcellos 1934, p. 45-49, Fig. 34; Ponte 1980, n.º 6.

691 Fortes 1905-08a, p. 17; Ponte 1980, p. 116, n.º 9.

692 Fortes 1905-08a, p. 17; Ponte 1980, p. 116, n.º 13.

693 Ponte 1980, p. 117, n.º 13.

694 Fortes 1905-08a, p. 18; Ponte 1980, p. 117, n.º 10.

695 Fortes 1905-08a, p. 18; Ponte 1980, p. 117, n.º 12.

696 Schüle 1969, p. 233; Ponte 1980, p. 116, n.º 1, com base nos exemplares do Museu de Santa Tecla, onde apenas existem um arco e dois pés assimiláveis a este tipo, esta identificação deve ser aceite com prudência.

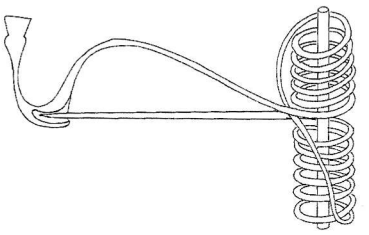


Fig. 12 – Estilização da fíbula tipo Sabroso (Est. XCIX, 1)

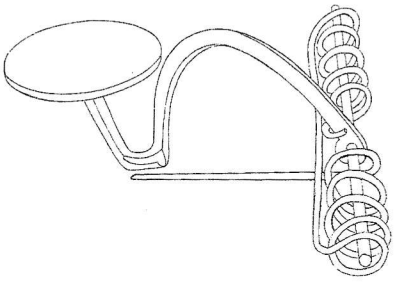


Fig. 13 – Estilização de fíbula tipo Santa Luzia

o que parece deduzir-se de um exemplar numa fase intermédia da sua construção, posterior à fundição e anterior à flexão do apêndice caudal característico, que registamos na Citânia de Briteiros (Est. C, 14), estação onde, por sinal, é maioritário o número relativo de presenças deste tipo e onde também encontramos índices de fabrico de outras fíbulas e objectos de adorno, a seu tempo referidos.

Tratar-se-á de elaborações indígenas de manifesto cunho hallstático e pós-hallstáttico, derivados de protótipos referenciados no Hallstatt D do Sul da França, com origem nas fíbulas de pé alto com botão (*Fussierfibeln*) centro-europeias[697], a que se atribui uma ampla cronologia dos sécs. VIII/VII ao III a.C., certamente condicionada pela reduzida informação analítica e interpretativa dos povoados do Noroeste Peninsular. Com efeito, recentes dados metalográficos e estratigráficos provenientes dos castros de Troña, em Pontevedra[698], Borneiro, na Coruña, e Penarrubia, em Saragoça[699], apontam, para as fíbulas de tipo Sabroso, datas entre os sécs. VII e VI a.C., contrariando, na generalidade, o quadro cronológico para as áreas do Noroeste português, particularmente entre o interior e a zona litoral. Por outro lado, não parece que haja nesta região, sobretudo na fase de transição do Bronze Final para a 1ª Idade do Ferro, e, consequente formação da cultura castreja, rupturas, mas antes ritmos metalúrgicos de continuidade e progressão nos métodos de fabrico. É, neste contexto de transição e continuidade das técnicas metalúrgicas, que se verificará a coexistência das fíbulas primitivas de Sabroso com punhais de antenas do sécs. VII/VI a.C., várias jóias castrejas com decoração marcadamente mediterrânica[700], a par de outras fíbulas orientalizantes[701]. Em qualquer caso, o exemplar por nós recolhido na Cividade de Terroso (Est. C, 5) e a consideração das cronologias de algumas estações, designadamente da Citânia de Sanfins, parecem reportar alguns destes produtos a pervivências da fase IIIA, não se dispondo, de momento, de quaisquer elementos que possam apoiar as observações anteriores.

O tipo Santa Luzia (Est. CI, 1-6; Gráfico 5)[702], conservando o mesmo padrão do tipo anterior, apresenta inovações mecânicas e tecnológicas, no quadro evolutivo da fíbula de apêndice caudal. No entanto, tal como a morfologia antecedente, denuncia a mesma tradição até nas três variantes do apêndice caudal, em largo disco (A) (Est. CI, 13), em pequeno disco (B) (Est. CI, 5) e em balaustre (C) (Est. CI, 6), mas diferenciando-se estruturalmente dele, pelo facto de o arco, tal como o eixo, se tornar numa peça independente (Ponte 23), em relação ao fusilhão e mola bilateral. O arco mantém a mesma projecção e elasticidade do tipo Sabroso, sendo num dos extremos rematado por um olhal, onde girava o eixo, que suportava o fusilhão (Fig.13) e mola bilateral, simétrica, de corda interior ou exterior ao arco. Estes dois últimos elementos estruturais são solidários, provindo do mesmo fio metálico. Tal inovação, que confere à fíbula maior estabilidade e equilíbrio metálicos, mantendo-se a mesma prática de produção metalúrgica (forjadura e fundição em molde bivalve/cera perdida), terá sido introduzida por influência de modelos centro-peninsulares, em voga nos sécs. VI-V a.C.,

697 Schüle 1961, p. 11.
698 Hidalgo 1986-87, p. 485-489.
699 Aguillera *et alii* 1984, p. 393-417.
700 Silva A.C.F. 1986b, p. 118-122, 170-171, 187-188; Ponte 2001, p. 269.
701 Ponte 2001, p. 264-265.
702 Fortes 1905-08a, p. 19-20; Ponte 2001, p. 271.

sobretudo nas províncias de Soria e Guadalajara[703], com superior evidência para os modelos de tipo León, Castela-a-Velha e Miraveche, e inspirados em protótipos localizados anteriormente na área pirenaica[704].

Com expansão mais circunscrita ao Ocidente peninsular, as peças castrejas manifestam tratar-se também de produções indígenas quantitativamente menos representativas nesta área cultural, que todavia cobrem significativamente com diversas ocorrências, de que analisamos alguns exemplares provenientes da estação epónima de Santa Luzia (2 exemplares), da Citânia de Sanfins (2 ex.), da Citânia de Briteiros (1 ex.) e do Castro de Romariz (1 ex.), mais se testemunhando no Castro de Lanhoso[705], em Sabroso[706] e no Monte Mozinho[707].

Relativamente aos dados cronológicos avançados sobre estas fíbulas, cujo aparecimento na área castreja é resultante da evolução tecno-morfológica do tipo Sabroso (Ponte 22), a sua emergência situar-se-á nos finais do séc. VII / inícios do séc. VI a.C.[708], apontando, porém, as nossas observações para uma larga perduração deste tipo, exemplificada na fíbula de Romariz (Est. CI, 4), de um nível estratigráfico datável do séc. III a.C. (fase II), e na de Terroso (Est. CI, 5), de meados do séc. I d.C. (fase IIIB).

Uma pequena série de exemplares (Est. CI, 7-13), respectivamente procedentes do Castro de Santo Ovídio (Fafe) (7) região de Chaves (8), Cividade de Terroso (9), Monte Mozinho (10), Colina de Maximinos (Braga) (11) e Citânia de Sanfins (12-13), ilustra na nossa área o «tipo transmontano» de J. Fortes[709], correspondente ao tipo Schüle 4h[710] e ao tipo Ponte 32[711], que também se documenta na região de Bragança[712], Castro de Fiães[713], na Citânia de Briteiros[714] e Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez)[715] e também na área galega, no Castro de Vigo[716] e, abundantemente, em Santa Tecla[717]. A sua proliferação abrange igualmente outras zonas peninsulares, tais como a área leonesa[718], a Extremadura Espanhola/Alto Alentejo e a zona da Baixa Andaluzia[719]. Constituído por quatro peças independentes (o arco-pé, o eixo, a mola bilateral e o fusilhão) é, no nosso entender, o último estádio evolutivo das fíbulas de tipo Sabroso e Santa Luzia, encerrando uma das categorias mais conhecidas do vasto grupo de modelos de apêndice caudal e mola bilateral[720]. É uma das numerosas formas da II Idade do Ferro, singularizando-se pela posição e recorte do pé, que se inclina para o arco sem chegar a fundir-se, e por aspectos decorativos particulares, em especial no arco e apêndice caudal, também presentes nos nossos exemplares com molduras de grupos de anéis nas extremidades do arco (Est. CI, 7-8) e do pé (Est. CI, 7, 10-11) e de nervuras no dorso do arco que às vezes assumem a forma de crista nos exemplares mais característicos (Est. CI, 9-10)[721].

Além do mais, as especificidades estilísticas e morfológicas do arco e apêndice caudal parecem evidenciar, pelo menos, dois núcleos distintos de produção: um, abrangendo a área celtibérica e as zonas periféricas da Meseta Setentrional e Meridional (Ponte 32a e Ponte 32b) e, o outro, envolvendo a área ibérica[722], mais exactamente a zona da Hispânia Meridional. Os exemplares desta área, caracterizam-se por apresentar um

---

703 Schüle 1969, Fig. 54-57; Ponte 1980, p. 114 e 2001, p. 275-276.
704 Schüle 1969, p. 56, Fig. 1: 4-6, 12; Ponte 1980, p. 114 e 2001, p. 275.
705 Teixeira 1940a, p. 6; Ponte 1980, p. 117, n.º 22.
706 Ponte 1980, p. 117, n.º 23 e 2001, Carta XXII.
707 Soeiro 1984, p. 263, Fig. CXXXIV, 3, com eixo de ferro partido, pé e fusilhão perdidos; Ponte 2001, p. 275, foram identificados dois exemplares.
708 Ponte 1980, p. 114 e 2001, p. 273.
709 Fortes 1905-08a, p. 19-20.
710 Schüle 1969, p. 148.
711 Ponte 2001, p. 331.
712 Idem, Carta XXVII.
713 Idem, Carta XXVII.
714 Cardozo 1930, Est. XXII, 1; Ponte 1980, p. 118, n.º 34.
715 MNA, Inv. n.º 11930C; Ponte 1980, p. 118, n.º 38.
716 Hidalgo 1983, p. 35, Fig. XXVII, 3 e 6.
717 Mais de uma dúzia de exemplares no Museu da Citânia de Santa Tecla.
718 Ponte 2001, p. 329.
719 Idem; Fabião 1998.
720 Ponte 2001, p. 324.
721 Alarcão A.M.- Ponte 1979, p. 115; Ponte 1980, p. 114 e 2001, p. 324-326.
722 Ponte 2001, p. 326.

arco em forma de crescente (Est. CI,9), e um apêndice caudal em balaustre, com uma série contínua de anelados (Est. CI, 10), ou coroado por uma série de pingentes (Ponte 32a), ou, então, por um cabuchão simples (Est. CI, 11) ou decorativo (Ponte 32b); mais se testemunham, para a modalidade A (Ponte 32a) [723] os provenientes do Castro de Argozelo (1 ex.), do distrito de Bragança (2 ex.), da Cividade de Terroso (2 ex.), do Castro de Fiães (1 ex.), do Castro de Cendufe (1 ex.), do Monte Mozinho (1 ex.) e do Castro de Santo Ovídio (1 ex.).

A variante B (Ponte 32b) é menos frequente, sendo testemunhada pela fíbula da Colina de Maximinos (Est. CI,11), com apêndice caudal coroado por um cabuchão e perfil do arco idêntico aos exemplares fragmentários da Citânia de Sanfins (Est. CI, 12-13).

A iconografia do arco e apêndice caudal da última modalidade (Ponte 32c) sugere a mesma gramática morfológica e estilística das variantes anteriores (A e B), mas com uma plástica e finura decorativas bem ao gosto meridional, como testemunham as fíbulas de Santo Ovídio (Est. CI,7) e de Chaves (Est. CI, 8), assim como as do Castro da Fraga do Seixo (3 ex.), Monte Mozinho (1 ex.), Castro de Santo Ovídio (1 ex.), Citânia de Sanfins (2 ex.) e Citânia de Briteiros (1 ex.).

A expansão deste tipo, que W. Schüle situa nos fins do séc. IV a.C. com pervivências até aos finais da República[724], e que se encontra bem representado em Las Cogotas e datado em torno do séc. III a.C.[725], conta aparentemente com exemplares mais tardios do Monte Mozinho[726] e Conimbriga[727]. Em todo o caso, a larga proliferação e sobrevivência deste tipo (Ponte 32), nas suas mais variadas modalidades, percorrerá várias centúrias, entre os finais do séc. IV a. C. e os finais do I d. C.[728], conforme o testemunho dos modelos achados no depósito votivo do Garvão, em Beja[729], em Chibanes e Mirobriga, no distrito de Setúbal[730] e em Badajoz[731], para além das fíbulas provenientes de Conimbriga[732].

Com vasta área de distribuição desde a Aquitânia, Altos Pirinéus e diversos sítios peninsulares sobretudo a Norte do Tejo[733], a sua presença em Portugal é mais numerosa a Norte do Douro[734], onde se assinalam ocorrências a Noroeste do território nacional, evidenciando uma continuidade de relações com a Meseta mais notórias, obviamente, na região transmontana, onde se registam ainda vários exemplares de diversos tipos da Meseta[735] ausentes nas estações de Entre-Douro-e-Minho.

Depois destas fíbulas, que podemos considerar derivações da 2ª Idade do Ferro, a fíbula de Est. CI, 19, proveniente da Colina da Maximinos, representa uma forma atípica de La Tène II (Ponte 26). Apresenta, na estrutura e mecânica (arco, eixo e mola-fusilhão), elementos arcaizantes, para além do pé muito reduzido e o apêndice caudal em balaustre decorado com um disco, a recordar as fíbulas da 2ª Idade do Ferro. Ostenta, porém, um certo grau de originalidade no perfil ousado do pé com descanso quadrangular, na projecção singular do apêndice caudal e no arco laminar, a prenunciar as fíbulas de La Tène III, pelo que se poderá datar dos finais do séc. III / inícios do séc. II a.C. (fase IIB), segundo os dados de S. Ponte[736]. A qualidade técnica e decorativa deste exemplar único (Est. CI, 19) sugere igualmente a ambiência tecnocultural da ourivesaria

---

723 Idem, p. 331, Carta XXVII.
724 Schüle 1969, p. 148.
725 Moure Romanillo-Orteaga 1981, p. 139.
726 Almeida 1977, p. 16; Soeiro 1984, p. 201, Est. XCIV, 1.
727 Alarcão A.M.-Ponte 1979, p. 115.
728 Ponte 2001, p. 327-328.
729 Beirão *et alii* 1985, p. 92-93 e 126, fig. 35, n.ºs 95-97. Os autores datam estes fragmentos dos finais do século IV/ 2.ª metade do III a.C..
730 Silva-Soares 1986, p. 137-138; Diogo-Faria 1987, p. 95-96.
731 Rodríguez Díaz 1989, p. 619-628. O autor data dos finais do século IV a.C./ 2.ª metade do século III a.C., relativamente à peça proveniente de Belén; Carrasco 1991 (o autor para os exemplares de Jérez data-os da 2.ª metade e finais do século II a.C./ inícos do século I a.C.).
732 Alarcão-Ponte 1979, p. 115, Est. XXV, 22 (construção das latrinas do Forum Flaviano), n.º 23 (construção das Termas Trajânicas), n.ºs 25-26 e 28-30 (construção do Forum Flaviano) e n.º 27 (solo Flaviano das ruas à volta do Forum).
733 Schüle 1961, p. 5-6; Santos M.Fa. 1973, p. 189-197, Fig. 1-66; Alarcão A.M.-Ponte 1979, p. 115; Ponte 1973b, 1980, p. 115 e 118-119, onde inventaria vinte estações e 1984, p. 115.
734 Ponte 1980 e 1984.
735 Ponte 1984, p. 115-116.
736 Ponte 1984, p. 115-116 e 2001, p. 298-300.

castreja, tão em voga no Noroeste[737], supondo como provável que este modelo possa ter sido fabricado pelo processo de cera perdida, como a maioria dos braceletes de ouro do Noroeste Peninsular[738].

Outros testemunhos (Ponte 39) assinalam a presença de exemplares de fíbulas de «longo travessão sem espira» no Castro de Guifões[739], Castro de Sabroso (Est. CI, 17)[740], Castelo de Faria[741], Citânia de Briteiros (Est. CI, 14,16,18)[742], Citânia de Sanfins (Est. CI, 15)[743], Outeiro dos Mouros (Calvão, Chaves)[744] e em Castro de Avelãs, Bragança[745], que contam com vários paralelos registados na área galega, particularmente acumulados na Citânia de Santa Tecla[746], e que, pelas nossas observações, teriam a seguinte estrutura e funcionamento, segundo duas variantes, consoante a cabeça do arco é solidária com o travessão (variante A) ou se adapta a uma parte central móvel que encaixa em duas partes laterais e simétricas do travessão (variante B):

1. arco de perfil semi-circular de secção triangular ou afim com ressalto no dorso sulcado por uma estria longitudinal e com cabeça fixada na parte central do travessão em ambas as variantes;
2. longo travessão, fusiforme, de secção circular, composto de três partes unidas por um eixo com intervalos entre a parte central e as laterais para adaptação de cones giratórios ligados por uma barra donde saía o fusilhão (variante A; Est. CI, 14-15; Fig. 14) ou formado apenas por duas partes laterais com um intervalo onde girava a parte central com eixo encaixado lateralmente (variante B; Est. CI, 16-17, 18?; Fig. 15); os eixos documentados são de madeira[747] ou de ferro[748].
3. pé alto com descanso lateral e com apêndice caudal habitualmente rematado por um botão troncocónico.

Entre os espécimes, contamos o exemplar de Briteiros (Est. CI, 14), com paralelos muito directos do Coto dos Castros, Aboldrons (Rodeiro, Pontevedra)[749] e no fragmento da Citânia de Sanfins (Est. CI, 15), que aparecem todos enriquecidos com motivos geométricos, tipo gregas, feitos por encrustações de fio de prata, sendo também vulgar variedades decorativas nos botões laterais do travessão.

Trata-se, efectivamente, de um novo tipo de fíbula considerado, pela mancha da sua dispersão, originário do Noroeste peninsular, com influxos exteriores[750], cuja singularidade consiste precisamente, desde as observações de J. Fortes[751], na «longa haste transversal em substituição da mola de espiras que desapareceu», e em que o funcionamento da cabeça do arco em charneira prenuncia as fíbulas gaulesas e romanas, sobretudo as de tipo Aucissa[752], datadas dos sécs. III a. C. aos inícios do séc. I d. C.[753]. Poder-se-á, no entanto, aceitar, segundo os dados de periodização interna das nossas estações, uma cronologia correspondente à fase IIIA.

---

737 Silva A.C.F. 1986b, p. 234.
738 Cfr. *Ourivesaria*.
739 Fortes 1905-08a, p. 22, Fig. 26 e 27; Fariña 1979, p. 30, n.º 1.
740 Cartallaic 1886, p. 277, Fig. 398; Fortes 1905-08a, p. 22, Fig. 25; Cardozo 1930, p. 66; Fariña 1979, p. 31, n.º 2.
741 Fariña 1979, p. 37, n.º 22, segundo referência de Luengo 1950, p. 100.
742 Sarmento 1903 (RG, 20 (2)), p. 60, Fig. 1; Fortes 1905-08a, p. 22, Fig. 28; Cardozo 1930, p. 55 e 1954b, p. 412, Fig. 1.
743 Ponte 1973b, p. 117, nota 29; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 7.
744 Ponte 1984, nota 29.
745 Ponte 2001, p. 378, Carta XXXI, n.º 165.
746 Fariña 1979, com inventário de trinta e três peças procedentes de Guifões, n.º1; Sabroso, n.º 2; Briteiros, n.º 3-4; Cameixa, 5-7; Santa Tecla, 8-17; Montalegre, 18; Alobre, 19; Elviña, 20; Meirás, 21; Castelo de Faria, 22; Fezeuro, 23; Região de Pontevedra, 24; Ferrería, 25; A Lanzada, 26-28; Castromao, 29-30; Abaldrons, 31; A Peneda do Viso, 32; Coroa de Furis, 33. Mais três exemplares do Castro de Vigo, cfr. Hidalgo 1983, p. 34-35, Fig. XXVII, 4 (fragmento de travessão) e dois exemplares noticiados in El Castro de Vigo y sus niveles de ocupáccion (comunicação apresentada ao Seminário Luso-Galaico Comemorativo do VII Centenário do Farol de Caminha, Caminha, 1984).
747 Vg., Guifões e Cameixa (Fariña 1979, p. 30, n.º 1) e p. 31 (n.º 5 e 6).
748 Vg., Citânia de Briteiros (Est. CI, 14) e Santa Tecla (Fariña 1979, p. 34, n.º 11).
749 Fariña 1979, p. 43, n.º 31.
750 Fariña 1979, p. 49.
751 Tipo 6A de Fortes 1905-08a, p. 22.
752 Ponte 1984, p. 117 e 2001, p. 379.
753 Ponte 2001, p. 374.

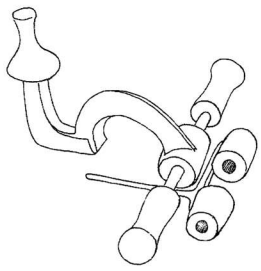


Fig. 14 – Estilização de fíbula de longo travessão sem espira (variante A)

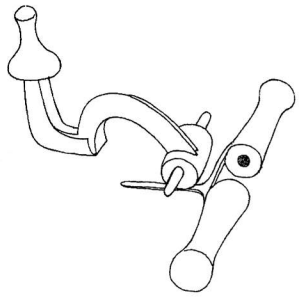


Fig. 15 – idem (variante B)

A fíbula da Est. CII, 1 (Gráfico 6) integra-se no tipo de charneira e arco triangular (Ettlinger 28[754]) correspondente a Lérat IIA 162-163[755], Thill 108-111[756] e Ponte 41[757], com numerosas presenças em estações europeias, vg., em Vindonissa[758], Alésia[759], Pommiers (Aisne[760]), e noutros sítios do mundo romano[761], entre a segunda metade do séc. I a.C. e os meados do séc. I d.C.[762], estando também representada no território português[763], sobretudo nesta modalidade de arco em folha triangular e fusilhão direito, que prenuncia o tipo Aucissa[764], e mais frequente no séc. I d. C., mesmo na área do Noroeste, onde se regista a ocorrência de dois exemplares no Monte Mozinho, incluindo o ilustrado[765], e mais um na Cividade de Terroso[766].

A distribuição destes objectos de adorno revelam uma certa homogeneidade iconográfica, podendo, na maioria dos casos, provir de oficinas locais.

Bem mais significativa desta fase IIIB é a frequência dos achados de fíbulas tipo Aucissa (Est. CII, 2-20; Gráfico 6) (Camulodunum 17[767], Almgren 242[768], Böhme 8[769], Collingwood C[770], Ritterling 5A[771], Lacabe[772] e Ponte 42[773]), sobretudo nas variantes principais por que são conhecidas também com abundantes paralelos europeus e largamente representadas no território nacional e em geral analisados em diversos trabalhos de S. Ponte[774], ocupando um espaço cronológico variável, entre a 2.ª metade do séc. I a. C. e os inícios do II d. C. (Est. CII, 2-7;9-12; 14, 16-18), correspondente a uma série de variantes de tipo Aucissa[775]. Os exemplares recolhidos nas nossas escavações da Cividade de Terroso (Est. CII, 8), e Citânia de Sanfins (Est. CII, 13) são, para estes dois povoados, pontos de referência cronológica de certa homogeneidade para o seu abandono pelos meados do séc. I d. C.

---

754 Ettlinger 1973, p. 89-92, Est. 8: 6-18 e 9: 1-5.
755 Lérat 1956.
756 Thill 1969.
757 Ponte 2001, p. 403-406.
758 Ettlinger 1973, p. 89-92.
759 Feugère 1977.
760 Feugère 1977, p. 116, Fig. 11.
761 Erice Lacabe 1995.
762 Ponte 2001, p. 403-406.
763 Ponte 1984, p. 119, nota 44, onde se referem cinco exemplares de Cabeço de Vaiamonte (Monforte, Portalegre), três de Alenquer (sendo dois deles de Ota), dois da Serra de S. Luís (Pedrão, Setubal), um de S. Salvador e quatro de Miróbriga (Santiago do Cacém) e ainda dois exemplares de Conimbriga, cit. na nota 45, com a respectiva bibliografia.
764 Ponte 1984, p. 116, Fig. 11.
765 Soeiro 1984, p. 169, Fig. LXXVIII, 1 e Est. XVIII, 2, p. 185, Fig. LXXXVIII, 1, p. 205, CIV, 1.
766 Ponte 1984, p. 134, nota 95. Depositado no IAFCUP.
767 Hawkes-Hull 1947, p. 322.
768 Almgren 1923, p. 109, Pl. XI, 242.
769 Böhme 1972, p. 5-112.
770 Hawkes-Hull 1947, p. 322.
771 Ritterling 1933, Pl. IX.
772 Erice Lacabe 1995.
773 Ponte 2001, p. 416-418.
774 Além da bibliografia citada na nota 656, cfr., vg., Ponte 1992 e 2001.
775 Ponte 2001, Figs. 125A a 125C.

Para além deste grupo de fíbulas, destacamos os exemplares do Castro do Coto da Pena (CII, 15), da Cividade de Âncora (CII, 19) e da Citânia de Briteiros (CII, 20), que evidenciam uma certa familiaridade tecnomorfológica com os de tipo Aucissa. Estas formas são habitualmente consideradas variantes deste tipo, como defende Feugère[776], mas julgamos, tal como outros investigadores, que os nossos exemplares (Est. CII, 15, 19-20), têm correspondência a outros segmentos tipológicos contemporâneos (Ponte 43: 1-2, 44), ocorrendo, sobretudo no Nordeste e Centro-Este da Gália[777] e no Norte da Hispânia[778], designadas pelo nome de *Bagendon*[779] e *Iturissa*[780] e datadas dos sécs. I e II d.C.. Com o processo de fabrico de ambos os tipos similar à generalidade das fíbulas de charneira, os nossos exemplares parecem trabalho de oficinas locais ou regionais, revelando pormenores morfológicos similares a espécies da mesma categoria achadas nas províncias de Saragoça, Soria, Guadalajara e Gerona[781]. Vários autores[782] consideram a origem deste modelo-tipo como adorno exclusivo da indumentária militar, pelo simples facto de provirem, em regra, de necrópoles próximas de instalações destinadas a essa função.

Também atribuível a esta fase é a fíbula da Est. CI, 20, procedente da Citânia de Briteiros, que documenta o único tipo zoomórfico reconhecido com segurança na área deste estudo[783], e que é igualmente uma fíbula de charneira, de travão triangular[784], de la Tène III (Ponte 31), com a estilização de um leão, muito vulgarizada na época de Augusto[785]. Esta mesma iconografia e datação são atestadas, por nós, na Citânia de Sanfins[786], para um cabo de bronze com o mesmo recorte figurativo. Esta cronologia é igualmente corroborada em vários locais romanos, nomeadamente na Gália e na Panónia[787].

As fíbulas anulares (Est. CIII-CIV; Gráfico 7) repartem-se fundamentalmente em dois grupos com variantes para que se podem apontar paralelos peninsulares, britânicos e norte europeus bem reconhecidos desde o estudo de E. Fowler sobre as origens e desenvolvimento deste espécime[788].

O primeiro grupo (Est. CIII, 1-16), correspondente a Fowler Aa/A1e a Ponte A50 (1a-2a), tem aro interrompido, de secção circular, de espessura ora irregular ora uniforme, sem remates, com ou sem incisões (Ponte A50/1a), ou de secção losângica (Ponte A50/2a), manifestando maior cuidado no seu fabrico, com trabalhos decorativo por adelgaçamento, espessamento, facetamento e estrias. O fusilhão nas duas variantes tem a característica de ser constituído por um alfinete de secção irregular espalmado e posteriormente enrolado em fita em torno do aro.

O segundo grupo (Est. CIII, 17-27; Est. CIV, 1-26), correspondente a Fowler B/B1 e ao tipo Ponte B51, apresenta duas séries distintas, diferenciadas pelo tipo de fusilhão, com remate em fita (Ponte B51.1) ou em aro (Ponte B51.2), tendo em comum o mesmo recorte de aro, em forma de omega, de secção variável, e com terminais virados para o exterior, assumindo os mais diversos recortes decorativos.

---

776 Feugère 1985, p. 321-323.
777 Fauduet 1985.
778 Erice Lacabe 1995, p. 156.
779 Hawkes-Hull 1945, p. 322-323.
780 Erice Lacabe 1995, p. 152-153.
781 Ponte 2001, p. 438-439.
782 Cfr. Erice Lacabe 1995, p. 157, nota 254.
783 Não encontramos dados de relatórios ou registos que avalizem a atribuição à Citânia de Briteiros da fíbula de tipo zoomórfica com mola, exposta no Museu da Sociedade Martins Sarmento (Ponte 1984, p. 118, n.º 42, com interrogação sobre a sua procedência de Briteiros) com a representação degenerada de um símbolo muito comum dos séculos III-I a.C. na área cultural dos Berrões, designadamente na Meseta Ocidental e Nordeste Transmontano, donde poderá ser originário este exemplar, segundo o contexto de procedências nordestinas desse Museu, e que por isso não incluímos no nosso inventário. Cfr., *in specie*, sobre esta tipologia, Schüle 1969, p. 151, 156-157; Moure Romanillo-Orteaga 1981, p. 141; Ponte 1984, p. 118.
784 Ponte 2001, p. 303. Cfr. o achado de uma "fíbula de cavalinho" na Pastoria, Chaves e referências aos seus paralelos (Soeiro 1985-86, p. 26-27, Fig. VII, 1.).
785 Joffroy 1964; Ponte 1984, p. 118. À mesma cronologia atribuímos ao cabo de punhal de bronze com a figura de leão na extremidade, da Citânia de Sanfins.
786 Silva A.C.F. 1986b, p. 191.
787 Joffroy 1964, p. 7-14.
788 Fowler 1960, p. 149-177. Cfr., *in specie*, para o NW peninsular; Ashmore 1975.

A primeira série do segundo grupo (Est. CIII, 17-26), correspondente a Fowler B e ao tipo Ponte B51.1, encerra inúmeras variantes, diferenciadas essencialmente pela morfologia das extremidades do aro, que lhe aparecem em posição exterior, reviradas, com remates fitomorficos e cilíndricos (Est. CIII, 17), em espiral ou em voluta na maioria dos casos (Est. CIII, 18-26), ou contracurvados (Est. CIII, 27). O remate do fusilhão é em fita.

A outra série deste grupo (Est. CIV, 1-26), correspondente a Fowler B1 e ao tipo Ponte B51.2, apresenta um aro de secção variável, com ou sem decoração, e uma diversidade de recortes decorativos dos terminais, virados para o exterior, no mesmo plano, e com fusilhão em aro.

Pretende-se atribuir uma origem hispânica[789] à categoria de fíbulas em omega, tipo Fowler B1. Este vasto grupo (Ponte B51.2) é essencialmente caracterizado por ter um fusilhão com argola perfurada, aro em geral de espessura decrescente adelgaçando para as extremidades e os terminais exteriores ao aro em forma de omega com botões diversamente ornados, de secção circular, quadrangular ou afim, por vezes ornamentado e com terminais de mais esmerado tratamento.

Sem elementos cronológicos que apoiem ou destaquem qualquer evolução tipológica nos termos em que nos é proposto para as fíbulas anulares britânicas, segundo o esquema de E. Fowler[790], a generalidade dos nossos dados aponta presenças das variantes tipo Fowler Aa e A1 em estações de periodização interna mais arcaizante que as do segundo grupo (Fowler B1), segundo tendência geral que vem sendo notada para estes objectos, mais antigos os primeiros e mais tardios os segundos, com indicações de cronologia em contextos pré-romanos[791], desde o séc. IV a.C.[792] e meados do séc. II a. C.[793], respectivamente.

Todavia, pelas nossas observações, sobretudo apoiadas nas cronologias de Sanfins e estratigrafias das nossas escavações, entendemos poder fazer corresponder as primeiras à fase IIIA, não havendo dúvidas de que as de tipo em omega se vulgarizaram mais tardiamente com a romanização, podendo atribuir concretamente, entre os elementos ilustrados, o exemplar de Terroso (Est. CIV, 6) ao séc. I d.C. e o do Castro do Coto da Pena (Est. CIV, 20) a um nível estratigráfico do séc. IV d.C., em clara evidência de uma amplitude que as desvaloriza como fóssil director para cronologias curtas.

A detecção nas reservas do Museu Martins Sarmento de elementos relativos à existência de uma oficina na Citânia de Briteiros, com um pequeno conjunto de fíbulas anulares inacabadas, em diversos estádios de fabrico, associadas à presença do travessão de uma balança de pratos (*libra*)[794] e varas para torques também inacabados, sinaliza um fabrico local deste tipo de fíbulas e outros objectos de adorno com certeza representando uma tradição anterior que alguns dados, inclusive das nossas escavações[795], referem em abono de uma metalurgia local do bronze.

---

789 Fowler 1960, p. 166-167, com base nas cronologias antigas da Península e a possível relação da sua difusão com as tropas auxiliares hispânicas.

790 Fowler 1960, p. 150-153, Fig. 1.

791 Maya-Blás 1983, p. 169, citando dados de Caravia (Oviedo) e Monte Bernorio, Palencia (San Valero 1944, Lám. IX).

792 Ashmore 1975, p. 289.

793 Com atenção particular para os dados de Numância: 1912, p. 42-43, Lám. LX; Schulten 1927, Lám. 45, p. 22 e 46, 14-18 (Acampamento de Scipio), Lám. 31, p. 6-12 e 43: 16 (Acampamento de Renielba) e 1931, Lám. 50, p. 5-9, cit. in Maya-Blás 1983, p. 170.

794 Cfr. paralelos de Conimbriga in Alarcão-Étienne 1974-79 (FC 7, 1979), p. 176-177, Pl. XLVIII, p. 184-186, mas sem qualquer tipo de escala, segundo o princípio da balança romana (*statera*).

795 Centeno-Silva A.C.F. 1978, p. 423.

BRONZE FINAL II/III (FASE IA) DO NORTE DE PORTUGAL – Gráfico 4

PROCEDÊNCIA				UTENSÍLIOS											
			TIPOLOGIA	MACHADO									FOICINHA		BAIXELA	
				TALÃO												
				BIFACE			UNIFACE			ALVADO			ALETAS	TALÃO	ALVADO	TAÇA	CALDEIRO
				ANEL			ANEL			ANEL							
Nº	CONCELHO	FREGUESIA	LUGAR	0	1	2	0	1	2	0	1	2					
1	Melgaço	Roussas	Monte Visçosa								1						
2	Melgaço	S. Paio	Carpinteira			18											
3	Melgaço	Penso			1												
4	Monção	Badim	Castro da S.ra da Graça														
5	Monção	Barreira	Castro da S.ra da Assunção			1											
6	Monção	Cambeses	Agrelo			1											
7	Monção	Moreira	Catelinha			18											
8	Monção	Troporiz				1											
9	Monção					11											
10	Monção	Lara				1											
11	Monção	Pias	Lapa			1											
12	Valença	Boivão	Castelo da Furna								1						
13	Valença	Ganfei	Gingleta			24											
14	Valença		Fontoura	(1)													
15	V. N. Cerveira		Monte de Góis			1											
16	Caminha	Vilar de Mouros				5											
17	Caminha	Vilarelho	Castro do Coto da Pena			1								1			x
18	Caminha	Argela				1											
19	Viana do Castelo	Afife				1											
20	Viana do Castelo	Carreço	Cova da Moura												1		
21	Viana do Castelo	Areosa				8											
22	Viana do Castelo												1				
23	Viana do Castelo	Vila de Punhe				2											
24	Paredes de Coura	Formariz	Castelo			14											
25	Paredes de Coura	Insalde	Cabeluda			3											
26	Paredes de Coura					3											
27	Arcos de Valdevez	Álvora	Castro de Álvora											[1]			
28	Arcos de Valdevez	Ázere	Castro de Ázere			1											
29	Arcos de Valdevez	Távora	Quinta da Comenda			2											
30	Arcos de Valdevez					2											
31	Ponte de Lima	Facha	Castro de S.to Estêvão														
32	Ponte de Lima	Arcozelo	Castro de S.to Ovídio			1											
33	Ponte da Barca					1						1					
34	Barcelos	Roriz	Castro de Roriz			1						3					
35	Barcelos				1	4											
36	Barcelos	Viatodos															
37	Barcelos	Gilmonde	Castelo de Faria														
38	Barcelos	Durães	Giesta														
39	Vila Verde	Fonte/Coucieiro	Castro de S. Julião			14					1						
40	Vila Verde	Barbudo	Barbudo														3
41	Amares	Caldelas															
42	Amares	Amares	Santinha														1
43	Póvoa de Lanhoso	Serzedelo															
44	Póvoa de Lanhoso	Lanhoso	Castelo de Lanhoso														
45	Braga	Tibães															
46	Braga		Alto de S. Bento														
47	Braga	Esporões	Monte da Falperra			[1]											
48	V. N. Famalicão	Nine				1											
49	V. N. Famalicão	Louro			1												
50	V. N. Famalicão	Calendário			1												
51	Guimarães	Oleiros	Monte de S. Miguel-o-Anjo														
52	Guimarães	S. Jorge do Selho	Monte do Sino			1											
53	Guimarães				1	1											
54	Guimarães	Costa	Matamá					1									
55	Guimarães	Costa	Penha		2												
56	Cabeceiras de Basto				3	1											
57	Vila do Conde	Bagunte	Cividade de Bagunte										1				
58	Santo Tirso	S. Martinho de Bougado	Abelheira			36											
59	Santo Tirso											1					
60	Felgueiras	Pinheiro	Boavista			6											
61	Amarante	Candemil										1					
62	Marco de Canaveses	Várzea do Douro	Quinta do Passal														
63	Marco de Canaveses	Soalhães	Lavra														
64	Penafiel	Croca									1						
65	Penafiel				1												
66	Penafiel	Portela			1												
67	Valongo	Valongo	Santa Justa			2			1								
68	V. N. Gaia (?)					4											
69	Montalegre	Solveira	Vale Travesso			1											
70	Montalegre	Chã	Outeiro do Rego														
71	Montalegre	Chã	Castro de Medeiros			3											
72	Boticas	Bobadela	Castro de Nogueira			3											
73	Chaves				1	5											
74	Chaves	Outeiro Seco				2											
75	Chaves	Vilela Seca	Barrenhas			2			1								
76	Valpaços	Carrazedo de Montenegro	Castro de Ribas					3									
77	Vila Real	Justes	Vidual		1												
78	Alijó	S. Mamede de Riba Tua				2		1									
79	Mirandela		Cortiços			1											
80	Mirandela	Torre de Dona Chama				2											
81	Bragança	Rebordãos	Castro de Rebordãos										(1)				
82	Bragança	Castro de Avelãs															
83	Vimioso				1												
84	Miranda do Douro	Picote	Castro de Picote														
85	Feira	Fiães	Castro de Fiães									1					
86	Vale de Cambra	Vila Cova do Perrinho	Monte do Castro		1	1		1									
87	Arouca	S. Miguel do Mato	Campo da Falcoeira								1						
88	Arouca	Cabreiros	Vala Grande														
89	Cinfães	Souselo	Retorta			1		1									
90	Sernancelhe		Castro														
91	Castro Daire		Vila Boa			[1] 1											
92	S. Pedro do Sul	Baiões	Castro de S.ra da Guia			9		[1] 1							9	7	
93	Vouzela	Fataunços	Figueiredo das Donas											1			
94	Viseu	Abraveses	Castro de Santa Luzia												1		[1]
95	Viseu				2												
96	Vila Nova de Paiva	Vila Cova-à-Coelheira	Canedotes														
97	Vila Nova de Paiva	Vila Cova-à-Coelheira	Castro									1					
98	Penalva do Castelo	Castelo de Penalva				1											
99	Tarouca	Mondim da Beira			1	1		1									

ARMAS																			OBJECTOS CULTUAIS				ADORNOS										
PUNHAL							LANÇA							SETA		ESCUDO	CAPACETE	ESPETO ARTICULADO	FURCULA		CARRO VOTIVO	BRACELETE				PENDENTE			FÍBULA			
							PONTA																									
[illegible]	[illegible]	[illegible]	TIBÃES	PORTO DE MÓS	BAIÕES 2	TRANCHET	LAMA CHÃ	PENHA	ROUSSAS	BAIÕES 1	BAIÕES 2	BAIÕES 3	CONTO	BAIÕES 1	BAIÕES 2				BIDENTE	TRIDENTE		FITA – BAIÕES 1	TORO – BAIÕES 2	BAIÕES 3	N. PORTUGAL	DISCO	PERFURADO	SANGUESSUGA	DUPLA MOLA	ALCORES	ACEBUCHAL	DIVERSOS
									1																							
								1																								
																																X
																												2		1	1	X
																										1						
																												1				
												1																1				
				2					1																							
			1	1																												
								1																								X
							3				2 1								1													
																						X	1									
									1																							
				2													X					1	1									
															X																	
										1	2	1	1	1	1			1		1	3	2	7	1			3		3 3			X X
			1		1	2										X																
																																X
						1																										X
																									1							

METALURGIA – ANÁLISE DESCRITIVA

192 (M. fund. 1) Lingoteira de granito. Fase III. **Est. LXXIX, 1**

Granito de grão fino, de forma paralelipipédica com superfícies de utilização alisada, com cavidade de perfil subrectangular para vazamento de metal em fusão.

Dimensões: comp. – 235
larg. máx. – 150
alt. máx. – 75
cavidade: comp. máx. – 213
larg. – 80/90
alt. máx. – 4mm.

Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 193 (M. fund. 1), Est. LXXXIII, 1.
Depósito: colecção particular.

193 (M. fund. 2) Lingoteira de xisto. **Est. LXXIX, 2**

Idêntica à anterior, mais fracturada.

Dimensões: comp. máx. – 205
larg. máx. – 161
alt. máx. – 48
cavidade: comp. máx. – 205
larg. – 115/120
alt. máx. – 3mm.

Procedência: Castro de Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima.
Bibliografia: Almeida *et alii* 1981, p. 70, fig. XLIV; Silva A.C.F. 1986b, 194 (M. fund. 2), Est. LXXXIII, 2.

194 (M. fund. 3) Rilheira de granito. Fase III. **Est. LXXIX, 3**

Secção plano-convexa com cinco cavidades semi-circulares longitudinais, para vazamento de metal em fusão.

Dimensões: comp. máx. – 225
larg. máx. – 145
alt. – 75mm.

Procedência: Castro do Capelo Vermelho, Codeços, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 195 (M. fund. 3), Est. LXXXIII, 3.
Depósito: MACS.

195 (M. fund. 4) Fundo plano de *dolium* (tipo G1. III 2). Fase III **Est. LXXIX, 4**

Dolium com rebordo largo projectado para o exterior com massa de ferro vertida quando em fusão no seu interior.

Dimensões: diâm. fundo – 255
alt. máx. – 100mm.

Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 196 (M. fund. 4), Est. LXXXIII, 4.
Depósito: colecção particular.

196 (M. fund. 5) Frag. cadinho cerâmico de fundição. Fase III **Est. LXXIX,5**

Perfil subcircular, fundo plano. Paredes espessas e pega com cavidade para preensão. Pasta homogénea, cinzenta, com grãos de areia e mica. Cozedura boa.

Dimensões: comp. máx. – 50
alt. máx. – 36
esp. máx. (fundo) – 15mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986a, Est. XVII:2 e 1986b, 199 (M. fund. 7), Est. LXXXIII, 7 e 1999b, 1.3.14.
Depósito: MACS, SA 1158.

197 (M. fund. 6) Frag. cadinho cerâmico de fundição. **Est. LXXIX,6**

Similar ao anterior, de que se conservou a parte em bico destinada a verter o metal fundido.

Dimensões : comp. máx. – 48
alt. – 36
esp. máx. (fundo) – 14mm.

Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 200 (M. fund. 8), Est. LXXXIII, 8; Gomes J.M.F. 1996, 284 (M. fund. 2), Est. LVI: 2.
Depósito: IAFCUP.

198 (M. fund. 7) Cadinho cerâmico de fundição. Fase IIA. **Est. LXXIX,7**
Forma de calote, com paredes espessas e bordos boleados. Pasta homogénea , arenosa e porosa, de cor beje claro, com superfície externa irregular e alisada, com vestígios de bronze fundido no interior.
Dimensões: diâm. – 95
alt. máx. – 46mm.
Procedência: Idem. VIL 81 B2 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 198 (M. fund. 6), Est. LXXXIII, 6.
Depósito: MMCa.

199 (M. fund. 8) Cadinho cerâmico de fundição. Fase IIA. **Est. LXXIX, 8**
Forma de calote com paredes lançadas para o exterior adelgaçando para os bordos, planos e horizontais. superfície interior regularizada e exterior irregular. Pasta porosa, com areia, sem mica de cerne alaranjado claro; superfícies enegrecidas por uma patine escura. Cozedura má. Fracturado pelo fundo.
Dimensões: diâm. – 90
alt. máx. – 38mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 84 C'2' (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 197 (M. fund. 5), Est. LXXXIII, 5.
Depósito: MMCa.

200 (M. fund. 9) Tesselo cerâmico. Fase IA. **Est. LXXX,1**
Forma troncocónica, para enchimento de espaço destinado a alvado. Pasta homogénea, acinzentada clara e porosa.
Dimensões: alt. máx. – 40
diâm. – 16/20mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Escavações de 1973.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 201 (M. fund. 9), Est. LXXXIII, 9.
Depósito: MUCV.

201 (M. fund.10) Frag. valva de cerâmica de molde de ponta de lança (Baiões 2). Fase IA. **Est. LXXX, 2**
Secção subtriangular com cavidade interna correspondente à folha nervurada de ponta de lança. Pasta homogénea, acinzentada clara e porosa.
Dimensões: comp. máx. – 47
larg. máx. – 41
min. – 35
esp. máx. – 22mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 202 (M. fund. 10), Est. LXXXIII, 10; CXLIII, 2.
Depósito: MUCV.

202 (M. fund. 11) Frag. molde cerâmico de torques (?). Fase IA. **Est. LXXX, 3**
Frag. Tesselo de molde, de cera perdida, em aro tubular com negativo de 10 espiras de objecto circular torcido e com perfuração de jito, de bordos salientes, para vazamento de metal.
Dimensões: comp. máx. – 70
larg. – 22/24
diâm. (jito) – 11mm
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 84 F6 (04).
Bibliografia: Lopes 2003.
Depósito: MMCa.

203 (M. fund. 12) Frag. molde cerâmico de cabo de utensílio (?). Fase IIA. **Est. LXXX, 4**
Secção de perfil subcircular. Pasta homogénea de cor acinzentada clara externamente rosada.
Dimensões: comp. máx. – 51
larg. máx. – 49
esp. – 26 mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 81 CI (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 203 (M. fund. 11), Est. LXXXIII, 11.
Depósito: MMCa.

204 (M. fund. 13) Frag. molde cerâmico de cabo de espada ou punhal. Fase IIA. **Est. LXXX,5**
Decoração de estrias oblíquas e paralelas e pequena asa de preensão lateral. Pasta homogénea cinzenta escura externamente rosada.
Dimensões: comp. máx. – 58
larg. máx. – 65
esp. máx. – 30mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 204 (M. fund. 12), Est. LXXXIII, 12.
Depósito: MMCa.

205 (M. fund. 14) Frag. molde cerâmico de sítulas de bronze. Fase IIIA. **Est. LXXX, 6A-C**

Três frags. do mesmo molde com motivo central de SS encadeados enquadrados por dois alinhamentos de estrias e pérolas alternantes. Pasta homogénea cinzenta escura com mica externamente beje.

Dimensões: A – comp. – 39 larg. – 40mm.
B – comp. – 48 larg. – 37mm.
C – comp. – 43 larg. – 42mm.

Procedência: Castro de Santo António, Afife, Viana do Castelo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983b, p. 134 (Fig.) e 1986b, 205 (M. fund. 13), Est. LXXXIII, 13A-C; CXLIII, 3.
Depósito: JFA.

206 (M. fund. 15) Frag. valva de granito para fundição de alfinetes. Fase IIA. **Est. LXXX,7**

Molde feito de uma placa de secção rectangular de granito de grão fino com sulco na parte central correspondente à parte superior de um alfinete decorado com três nervuras paralelas transversais.

Dimensões: comp. máx. – 32
larg. – 44
esp. – 16mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 81 B2 (03).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 206 (M. fund. 14), Est. LXXXIII, 14.
Depósito: MMCa.

207 (M. fund. 16) Valva de molde de xisto para terminais de torques (?). Fase III. **Est. LXXX, 8**

Placa subtrapezoidal, irregular, de face plana com gravações de cinco negativos discóides, com dois motivos principais e análogos e três secundários, todos independentes.

Em posição central, um deles representa um motivo esteliforme de seis pontas inscrito num círculo perlado e com o campo preenchido irregularmente por negativos de pseudogranulado; outro, de maior diâmetro, em posição lateral, reproduz motivo central análogo sobre um campo reticulado inscrito num círculo perlado e com uma coroa circular, também perlada, decorada com uma série de catorze círculos em repetição simples.

Os restantes motivos ocupam espaços disponíveis na face do molde.

Dois deles estão alinhados entre as formas descritas. O mais simples consta apenas de uma fossette semi-esférica e o outro, de quatro semi-esferas em posição cruciforme com uma punção central e outras dispersas pelo campo circular que envolve a composição; o último motivo, em posição lateral, compõe-se de duas caneluras circulares concêntricas envolvendo uma punção central.

Dimensões: comp. máx. (placa) – 160
larg. máx – 60mm.
Procedência: Região de Montemuro.
Bibliografia: Vaz 1986b, p. 85-86 (Fig. entre p. 80-81); Silva A.C.F.-Gomes 1992, Fig. 28; Martins C.M.B. 1996, Est. L, 1.
Depósito: Propriedade particular.

208 (M. fund. 17) Molde bivalve de machados de bronze de talão unifaces e de um anel. Tipo Monteagudo 36A. Fase IA.
Valva 1. Est. LXXXI, 1-1a;4

Dorso boleado com asa de perfil em D, bordo lançado para o exterior, parte central com nódulo volumoso correspondente à espera do talão e alargamento lateral no sentido do anel do machado a fundir, e parte inferior espalmada e ligeiramente alargada. A face interna reproduz em negativo o anverso de um machado de talão de um anel e nervura vertical terminada em botão, sendo a parte superior, de secção semi-circular, aberta para introdução do metal e apresentando seis espigões, três de cada lado, simétricos, quatro na zona da lâmina e dois na zona do talão, e um vinco saliente na zona contigua ao gume, para ajustamento durante a operação de fundição.

Valva 2 Est. LXXXI, 2, 4

Par da vala 1, com depressão entre os arranques da asa, fracturada, reproduzindo internamente o negativo do reverso, plano, do machado e com seis depressões e um sulco correspondentes aos espigões e ao vinco da outra valva. Os planos de contacto das duas valvas são irregulares bem adaptados, justapondo-se perfeitamente e alargando-se em rebarbas por todo o perfil.

Externamente, ambas apresentam mossas com certeza causadas por martelagem para abertura das valvas depois da fundição.

Dimensões: comp. – 264/266
larg. máx. (anel) – 57
larg. (gume) – 52/53
diâm. abertura – 50
esp. (nódulo) – 41mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 77, Est. III 1, Ia, 2; Silva A.C.F. 1986b, 207 (M. fund. 15), Est. LXXXIV, 1-Ia; 4; CXLIII, 1; Est. LXXXIV, 2, 4; MNA 1996, p. 182:4, 4.
Depósito: MUCV.

209 (M. ut. 1) Machado de bronze de talão uniface e de um anel. Tipo Monteagudo 36A. Fase IA. **Est. LXXXI,3**

Lâmina de gume alargado e levemente arqueado, apresentando no anverso uma nervura perpendicular à espera do talão terminando em botão sobre uma larga canelura e com o ressalto médio do talão elevado e espessado com abas laterais decrescentes para o topo; reverso com face lisa levemente côncava; anel de secção subcircular; ausência de bolo de fundição que lhe foi retirado; rebarbas rebatidas por toda a periferia. Produto de fundição do molde encontrado junto e anteriormente descrito, a que se ajustava perfeitamente.

Dimensões: comp. – 226
larg. máx. (asa) – 40
larg. (gume) – 39
esp. máx. (espera do talão) – 21mm
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 77-78, Est. III, 3; Silva A.C.F. 1986b, 208 (M. ut. 1), Est. LXXXIV, 3; MNA 1996, p. 182:4,5.
Depósito: MUCV.

210 (M. ut. 2) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. Est. LXXXII,1
Lâmina alargada por martelagem, com gume de perfil curvo e com uma nervura perpendicular à espera do talão em cada face sem botão terminal; talão com ressalto médio elevado e espessado com abas laterais decrescentes para o topo; anéis de secção subcircular; ausência de bolo de fundição; rebarbas rebatidas e desgastadas.
Dimensões : comp. – 220
larg. máx. (asas) – 71
larg. (gume) – 57
esp. máx. (espera do talão) – 49mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 77-78, Est. IV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 209 (M. ut. 2), Est. LXXXV, 1.
Depósito: MUCV.

211 (M. ut. 3) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. Est. LXXXII,2
Lâmina alargada por martelagem, com gume de perfil curvo e com uma nervura perpendicular à espera do talão em cada face com botão terminal, saliente e espalmado; talão com ressalto médio elevado e espessado com abas laterais decrescentes para o topo; anéis de secção subcircular; ausência de bolo de fundição; rebarbas rebatidas e desgastadas e outros vestígios, no gume, de utilização. O perfil lateral denuncia desencontro das valvas durante a fundição.
Dimensões: comp. – 239
larg. máx. (asas) – 75
larg. (gume) – 51
esp. máx. (espera do talão) – 38mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 77-78, Est. IV, 2 ; Silva A.C.F. 1986b, 210 (M. ut. 3), Est. LXXXV, 2.
Depósito: MUCV.

212 (M. ut. 4) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. Est. LXXXII,3A
Lâmina estreita e levemente alargada no gume, que é direito, com nervura central perpendicular à espera do talão em ambas as faces com botão terminal; talão com ressalto médio elevado e espessado com abas laterais decrescentes para o topo; anéis de secção subcircular; ausência de bolo de fundição; rebarbas de fundição.
Dimensões: comp. – 252
larg. máx. (asas) – 69
larg. (gume) – 42
esp. máx. (espera do talão) – 41mm.
Procedencia: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 77-78, Est. IV, 3A; Silva A.C.F. 1986b, 211 (M. ut. 4), Est. LXXXV, 3A.
Depósito: MUCV.

213 (M. ut. 5) Machado de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. Est.LXXXII,3B
Idêntico a Est. LXXXV,3A, com vários furos de bolhas e uma falha numa aba lateral do talão, por defeito de fundição.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79, Est. IV, 3B ; Silva A.C.F. 1986b, 212 (M. ut. 5), Est. LXXXV, 3B.
Depósito: MUCV.

214 (M. ut. 6) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. Est. LXXXII,3C
Idêntico a Est. LXXXV,3A, com pequenas fracturas no ressalto lateral de uma face e com furos de bolhas por defeito de fundição, na outra.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79, Est. IV, 3C; Silva A.C.F. 1986b, 213 (M. ut. 6), Est. LXXXV, 3C.
Depósito: idem.

215 (M. ut. 7) Machado de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A.Fase IA. Est. LXXXII,3D
Idêntico a Est. LXXXV,3A.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79, Est. IV, 3D; Silva A.C.F. 1986b, 214 (M. ut. 7), Est. LXXXV, 3D.
Depósito: MUCV.

216 (M. ut. 8) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. Est. LXXXII,3E
Idêntico a Est. LXXXV,3A, com algumas nervuras ocasionais, defeito de fundição.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79, Est. IV, 3E; Silva A.C.F. 1986b, 215 (M. ut. 8), Est. LXXXV, 3E.
Depósito: MUCV.

217 (M. ut. 9) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simétricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. **Est. LXXXII,3F**
Idêntico a Est. LXXXV, 3A, com pequena fractura no topo do talão.
Dimensões: comp. – 246mm.
Procedência: idem. Achado ocasional de 1971.
Bibliografia: Kalb 1978, p. 114, Abb. 1 n.º 3 e 1980, p. 44, Abb. 8, n.º 43:2; Silva Ce. T. 1979, Est. 1, 2; Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79, Est. IV, 3F; Silva A.C.F. 1986b, 216 (M. ut. 9), Est. LXXXV, 3F.
Depósito: MUCV.

218 (M. ut. 10) Machado de bronze de talão de duplo anel e faces simetricas. Tipo Monteagudo 35A. Fase IA. **Est. LXXXII,3G**
Idêntico a Est. LXXXV,3A, com alguns furos de bolhas, defeito de fundição.
Procedência: idem. Achado ocasional de 1971.
Bibliografia: Kalb 1978, p. 114, Abb. 1 n.º 4 e 1980 p.44, Abb. 8, n.º 43:1; Silva Ce. T. 1979, Est. I, 2; Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 79, Est. IV. 3G e Silva A.C.F. 1986b, 217 (M. ut. 10), Est. LXXXV, 3G.
Depósito: MUCV.

219 (M. ut. 11) Foicinha de bronze de talão. Fase IA. **Est. LXXXIII, 1**
Talão curto para ajustamento de cabo também fixo à lâmina por um rebite com 1 furo ainda visível no gume da lâmina que se mostra desgastada pelo uso na parte que não estaria protegida pelo cabo; lâmina encurvada no terço da ponta e adelgaçada no gume, com três nervuras salientes paralelas no anverso, uma fazendo rebarba no dorso e as outras ao longo da lâmina dividindo-a em partes iguais, e reverso plano.
Análise metalográfica: Bronze (Cu/Sn) – 12.5%<Sn<13.5'%; inclusões de Cu S e de Pb
(análise de Carlos Sá, CEMUP).
Dimensões: comp. – 108
lâmina: larg. máx. – 38.5
esp. máx. (dorso) – 5
talão: larg. – 39.5
esp. máx. – 14 mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 82 C2 (06) (Est. XIV,*4).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 218 (M. ut.11), Est. LXXXVI, 1; Lopes 2003, p. 75 (Fig.).
Depósito: MMCa.

220 (M. ut. 12) Foicinha de bronze de talão. Fase IA. **Est. LXXXIII,2**
Talão curto e lâmina ligeiramente encurvada e adelgaçada no gume, com uma nervura do lado do anverso reforçando o dorso e vinco central desde o espaço reservado ao cabo e reverso plano.
Dimensões: comp. 119
lâmina: larg. máx. – 41
esp. máx. (dorso) – 5
talão: larg. – 40
esp. máx. – 17 mm.
Procedência: Depósito de Figueiredo das Donas, Vouzela.
Bibliografia: Rodrigues 1961a, p. 229 (fot.); Coffyn 1983, p. 195 e 1985, n.º 235, Pl. LVII, n.º 9; Silva A.C.F. 1986b, 219 (M. ut. 12), Est. LXXXVI, 2; Marques J.A.M: *et alii* 1999, n.º 21, p. 34.
Depósito: CMV.

221 (M. ut. 13) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,3**
Cabo em alvado troncocónico aberto com dois largos orifícios laterais de fixação, um inteiramente circular e outro também circular mas rasgado obliquamente para a parte superior; lâmina encurvada, adelgaçada para o gume, com uma nervura na parte superior a debruar o seu dorso e o alvado e outra nervura paralela a essa na lâmina em posição não coincidente em ambas as faces; rebarbas de fundição generalizadas.
Dimensões: comp. – 138
alvado: alt. – 42
diâm. maior – 29
diâm. menor – 27
lâmina: comp. – 110
larg. maior – 41
larg. menor – 24
esp. máx. (nervuras) – 5mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p.80, Est. V, 1; Silva A.C.F. 1986b, 220 (M. ut. 13), Est. LXXXVI, 3.
Depósito: MUCV.

222 (M. ut. 14) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,4**
Idêntica a Est. LXXXVI,3.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p.80, Est. V, 2; Silva A.C.F. 1986b, 221 (M. ut. 14), Est. LXXXVI, 4.
Depósito: MUCV.

223 (M. ut. 15) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,5**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, com deformação no alvado e no dorso da lâmina por defeito de fundição, e com pequena fractura no gume.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p.80, Est. V, 3; Silva A.C.F. 1986b, 222 (M. ut. 15), Est. LXXXVI, 5.
Depósito: MUCV.

224 (M. ut. 16) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,6**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, em três fragmentos e com ausência da extremidade da lâmina.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p.80, Est. V. 4; Silva A.C.F. 1986b, 223 (M. ut. 16), Est. LXXXVI, 6.
Depósito: MUCV.

225 (M. ut. 17) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII, 7**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, em dois fragmentos e com ausência da extremidade da lâmina.
Procedência: idem.
Bibliografia: idem. Est. V, 5; Silva A.C.F. 1986b, n.º 224 (M. ut. 17, Est. LXXXVI, 7).
Depósito: MUCV.

226 (M. ut. 18) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII, 8**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, com lâmina fragmentada e a que falta um segmento intermédio e o extremo.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 80-81, Est. V, 6; Silva A.C.F. 1986b, 225 (M. ut. 18), Est. LXXXIII, 8.
Depósito: MUCV.

227 (M. ut. 19) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,9**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, apenas com o alvado e arranque da lâmina.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 81, Est. V, 7; Silva A.C.F. 1986b, 226 (M. ut. 19), Est. LXXXVI, 9.
Depósito: MUCV.

228 (M. ut. 20) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,10**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, a que falta o alvado e a extremidade da lâmina.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p.81, Est. V. X; Silva A.C.F. 1986b, 227 (M. ut. 20), Est. LXXXVI, 10.
Depósito: MUCV.

229 (M. ut. 21) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,11**
Idêntica a Est. LXXXVI,3, apenas com fragmento do alvado e da lâmina, deformado e retorcido.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Escavações de 1973.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 228 (M. ut. 21), Est. LXXXVI, 11.
Depósito: MUCV.

230 (M. ut. 22) Foicinha de bronze de alvado. Fase IA. **Est. LXXXIII,12**
Similar às anteriores, muito oxidada, com alvado troncocónico aberto com dois orifícios circulares laterais de fixação e lâmina menos encurvada com vestígios de uma nervura.
Dimensões: comp. máx. – 110
alvado: alt. – 47
diâm. maior – 26
diâm. menor – 22
lâmina: comp. máx. – 85
larg. máx. – 43
esp. máx. (nervuras) – 5mm.
Procedência: Castro de Santa Luzia, Abraveses, Viseu.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 229 (M. ut. 22), Est. LXXXVI, 12.
Depósito: MUCV.

231 (M. ut. 23) Tenaz de ferro. Fase IIIA. **Est. LXXXV,1A-B**
Hastes de secção circular muito alongadas e reviradas para o exterior nas extremidade; pontas contracurvadas de secção rectangular formando uma oval entre o eixo e os lábios espalmados em bico de pato paralelos e unidos e de secção rectangular.
Dimensões: comp. – 560
larg. máx. (oval) – 71
esp. máx. (hastes) – 10mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 81 XIIA (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XII, 3 e 1986a, Est. XVII, 1 e 1986b, 230 (M. ut. 23), Est. LXXXVIII, 1A-B e 1999b, 1.3.15.
Depósito: MACS.

232 (M. ut. 24) Machado de ferro. Fase III. **Est. LXXXV,2A-B**

Lâmina em cunha alargada no gume curvilíneo e talão de secção rectangular sobre o olhal subcircular.

Dimensões: alt. – 198
larg. máx. (gume) – 92
esp. máx. (olhal) – 60
alt. talão – 30mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XII, 1 e 1986a, Est. XVIII, 10 e 1986b, 231 (M. ut. 24), Est. LXXXVIII, 2A-B e 1999b, 1.3.17.

Depósito: MACS.

233 (M. ut. 25) Machado de ferro. Fase III. **Est. LXXXV,3**

Lâmina em cunha alargada no gume, curvilíneo, e talão de secção rectangular sobre olhal circular.

Dimensões: alt. – 190
larg. máx. (gume) – 80
esp. máx. (olhal) – 45
alt. talão – 30mm.

Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.

Bibliografia: Taboada Chivite 1977, Fig. 5; Silva A.C.F. 1986b, 232 (M. ut. 25), Est. LXXXVIII, 3.

Depósito: MSMS.

234 (M. ut. 26) Machado de ferro. Fase III. **Est. LXXXV, 4A-B**

Lâmina em cunha alargada no gume, curvilíneo, e talão alto de secção rectangular em lingueta para encabamento; sem olhal.

Dimensões: alt. – 173
larg. máx. (gume) – 95
esp. máx. – 40
alt. lingueta – 82 mm.

Procedência: Castro de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo.

Bibliografia: Almeida 1980a, p. 251, Est. IV, 2; Silva A.C.F. 1986b, 233 (M. ut. 26), Est. LXXXVIII, 4A-B; Fabião 1999, p. 164-166.

Depósito: colecção particular.

235 (M. ut. 27) Alvião de ferro. Fase III. **Est. LXXXV,5A-B**

Lâmina inclinada para a parte anterior alargada no gume e peta na parte superior em plano transversal sobre olhal subcircular.

Dimensões: alt. – 330
larg. máx. (gume) – 117
larg. (olhal) – 60
Esp. max. (olhal) – 50
alt. peta – 70mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XII, 2 e 1986a, Est. XVIII, 9 e 1986b, 234 (M.ut. 27) Est. LXXXVIII, 5A-B e 1999b, 1.3.16.

Depósito: MACS.

236 (M. ut. 28) Pico de ferro. Fase II **Est. LXXXV,6A-B**

Duas pontas simétricas internamente planas e externamente convexas em forma de pirâmides rectangulares com olhal circular na zona média para encabamento.

Dimensões: alt. – 200
larg. máx. (olhal) – 39
esp. máx. (olhal) – 24mm.

Procedência: Castro de Romariz, Santa Maria da Feira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 235 (M.ut. 28), Est. LXXXVIII, 6A-B.

Depósito: MMSMF.

237 (M. ut. 29) Guilho de ferro. Fase III. **Est. LXXXV,7A-B**

Cunha de secção rectangular com rebarbas de utilização na cabeça.

Dimensões: alt. máx. – 62
Cabeça: larg. máx. – 43
esp. máx. – 28mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986a, Est. XVIII, 11 e 1986b, 236 (M. ut. 29), Est. LXXXVIII, 7A-B e 1999b, 1.3.18.

Depósito: MACS.

238 (M. ut. 30) Enxada de ferro. Fase III. **Est. LXXXV,8**

Lâmina larga espessada na parte superior e na zona média de ombros rebaixados e com olhal saliente para a face anterior e rasgado.

Dimensões: alt. máx. – 165
larg. máx. (ombros) – 162
esp. máx. (olhal) – 18mm.

Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.

Bibliografia: Taboada Chivite 1977, Fig. 2; Silva A.C.F. 1986b, 237 (M. ut. 30), Est. LXXXVIII, 8.

Depósito: MSMS.

239 (M. ut. 31) Sacho de ferro. Fase III. **Est. LXXXV,9A-B**
Cabo em alvado dobrando e alargando em lâmina espalmada com vestígios de rebites para aplicação de lâmina de reutilização.
Dimensões: comp. máx. – 163
lâmina: larg. máx. – 112
alt. máx. – 55mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Taboada Chivite 1977, Fig. 3; Silva A.C.F. 1986b, 238 (M. ut. 31), Est. LXXXVIII, 9A-B.
Depósito: MSMS.

240 (M. ut. 32) Taça de bronze. Fase IA. **Est. LXXXIV,1**
Copa hemisférica de paredes finas, bordo espessado com lábio plano e horizontal e fundo umbilicado; superfície externa da parte superior da copa com decoração geométrica de uma série de vinte e sete triângulos finamente incisos com base numa linha paralela ao bordo, seis deles internamente preenchidos com linhas paralelas e oblíquas, interrompida por uma métopa constituída por linhas cruzadas formando losangos e triângulos enquadradas por duas linhas verticais; superfície interna com leves sulcos horizontais irregulares. Apresenta grandes lesões na copa.
Dimensões: diâm. bordo – 120
alt. – 57.5mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 81, Est. VI,1; Silva A.C.F. 1986b, 239 (M. ut. 32), Est. LXXXVII, 1.
Depósito: MUCV.

241 (M. ut. 33) Taça de bronze. Fase IA. **Est. LXXXIV,2**
Idêntico a Est. LXXXVII,1 sem decoração. Algumas lesões na copa.
Dimensões: diâm. bordo – 120
alt. – 56mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 81, Est. VI, 2; Silva A.C.F. 1986b, 240 (M. ut. 33), Est. LXXXVII, 2.
Depósito: MUCV.

242 (M. ut. 34) Taça de bronze. Fase IA. **Est. LXXXIV,3**
Idêntica a Est. LXXXVII,1 sem decoração, com umbigo de menores dimensões e com orifício na copa obturado por rebite. Uma lesão na copa.
Dimensões: diâm. bordo – 120
alt. – 57mm
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 81, Est. VI, 3, XIV, 2; Silva A.C.F. 1986b, 241 (M. ut. 34), Est. LXXXVII, 3.
Depósito: MUCV.

243 (M. ut. 35) Taça de bronze. Fase IA. **Est. LXXXIV,4**
Idêntica a Est. LXXVII,1 sem decoração e sem umbigo; superfície interna com estrias verticais irregulares. Grandes lesões na copa.
Dimensões: diâm. bordo – 120
alt. – 55mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 81-82, Est. VI, 4; Silva A.C.F. 1986b, 242 (M. ut. 35), Est. LXXXIV, 4.
Depósito: MUCV.

244 (M. ut. 36) Taça de bronze. Fase IA. **Est. LXXXIV,5**
Idêntica a Est. LXXXVII,1 sem decoração e provavelmente sem umbigo.
Dimensões: diâm. bordo – 120
alt. – 51mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 82, Est. VI, 5; Silva A.C.F. 1986b, 243 (M. ut. 36), Est. LXXXIV, 5.
Depósito: MUCV.

245 (M. ut. 37) Frag. taça de bronze. Fase IA.
Frag. diversos, entre os quais duas fitas pertencentes ao bordo de uma taça.
Dimensões: perímetro – 20+12
larg. média – 15 mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 82; Silva A.C.F. 1986b, 244 (M. ut. 37).
Depósito: MUCV.

246 (M. ut. 38) Frag. taça de bronze. Fase IA.
Frag. taça de bronze.
Procedência: idem. Do achado ocasional de 1971.
Bibliografia: Kalb 1980, p. 45, Abb. 9, n.° 24; Silva A.C.F. 1986b, 245 (M. ut. 38).
Depósito: MUCV.

247 (M. ut. 39) Frag. caldeiro com rebites. Fase IIA. **Est. LXXXIV,6**
Dois frag. placas sobrepostas unidas por rebites com uma base plana no interior do vaso e externamente com cabeça de prisma quadrangular.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 85 A'4' (04).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 246 (M. ut. 39), Est. LXXXVII, 6.
Depósito: MMCa.

248 (M. ut. 40) Frag. caldeiro com rebites. Fase IIA. **Est. LXXXIV,7**
Idêntico ao anterior, com as cabeças prismáticas exteriores de menores dimensões e irregulares.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 247 (M. ut. 40), Est. LXXXVII, 7.
Depósito: MMCa.

249 (M. ut. 41) Taça de bronze. Fase III. **Est. LXXXIV,8**
Perfil de paredes côncavas espessando para o bordo lançado para o exterior com lábio plano na parte superior e fundo também côncavo com decoração de duas circunferências concêntricas, superfície ext. decorada na parte superior com três caneluras paralelas.
Dimensões: diâm. boca – 111
fundo – 109
alt. – 105 mm.
Procedência: Castelo de Neiva, Viana do Castelo.
Bibliografia: Almeida 1980a, p. 250, Est. III,1; Silva A.C.F. 1986b, 248 (M. ut. 41), Est. LXXXVII, 8; Fabião 1999, p. 164-166.
Depósito: JFCN.

250 (M. ut. 42) Taça de bronze. Fase III. **Est. LXXXIV,9**
Idêntica à anterior, com menor diâm. da boca.
Dimensões: diâm. boca – 95
fundo – 112
alt. – 103mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Almeida 1980a, p. 250, Est. III, 3; Silva A.C.F. 1986b, 249 (M. ut. 42), Est. LXXXVII, 9; Fabião 1999, p.164-166.
Depósito: JFCN.

251 (M. ut. 43) Taça de bronze. Fase III. **Est. LXXXIV,10**
Similar às anteriores, mais deteriorada, com perfil do bordo mais fino e inclinado para o interior e com larga nervura decorativa repuxada entre duas caneluras simples.
Dimensões: diâm. boca – 91
alt. máx. – 100mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Almeida 1980a, p. 250, Est. III, 2; Silva A.C.F. 1986b, 250 (M. ut. 43), Est. LXXXVII, 10; Fabião 1999, p. 164-166.
Depósito: JFCN.

252 (M. ut. 44) Frag. coador de bronze. Fase III.
Placa fina e plana com orifícios que formariam uma composição geometrica e simétrica constando de um círculo central com rosácea no interior, de que restam vestígios de uma pétala, e uma coroa circular envolvente com quatro arcos internamente decorados com três sectores circulares adossados ao círculo central e com outros quatro círculos menores, igualmente decorados, nos espaços intermédios e adossados à circunferência envolvente.
Procedência: idem.
Bibliografia: Almeida 1980a, p. 251, Est. IV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 251 (M. ut. 44).
Depósito: colecção particular.

253 (M. ut. 45) Frag. coador de bronze. Fase III.
Placa fina e plana com orifícios circulares aplicados sempre do mesmo lado e com rebarbas do outro dispersos irregularmente.
Dimensões: comp. – 46
larg. – 25
Esp. – 1mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Cardozo 1952a, p. 356, Fig. 7; Silva A.C.F. 1986b, 252 (M. ut. 45).
Depósito: MSMS.

254 (M. ut. 46) Tranchet de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI,14**
Cabo alveolado com quatro vazamentos e lâmina trapezoidal ao mesmo plano do cabo com nervuras laterais e uma central perpendiculares ao gume. Fracturado num ângulo do gume.
Dimensões: comp. – 112
larg. est. (gume) – 44
Esp. máx. – 5mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões. 1973.
Bibliografia: Kalb 1976 Abb. 1:3, 1978, Abb. 1:5 e 1980, Abb. 9:43, n.º 9; Silva Ce. T. 1939, Est. V [2]; Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222 e 394, n.º 263, Pl. LI, 6; Silva A.C.F. 1986b, 256 (M.arm. 4), Est. LXXXIX, 1.
Depósito: MUCV.

255 (M. ut. 47) Tranchet de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI,15**

Idêntico ao anterior, dele diferindo por ter três vazamentos no cabo. Cabo fracturado lateralmente.

Dimensões: comp. – 109
larg. máx. (gume) – 34
Esp. máx. – 4mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Kalb 1976 Abb. 1:3, 1978, Abb. 1:6 e 1980, Abb. 9:43,n.º 19; SilvaCe.T.,Est. V [I];Coffyn 1983, Fig. 3:4 e 1985, Pl.LI,7; Silva A.C.F. 1986b, 257 (M.arm. 5), Est. LXXXIX, 2.
Depósito: MUCV.

256 (M. ut. 48) Cínzel de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVII, 8**

Peça fundida em molde bivalde, com alvado, para encabamento, de secção circular e perfil triangular, adelgaçando com faces planas para o gume, alargado por martelagem.

Dimensões: comp. – 113
larg. máx. (cabo) – 21
larg. máx (gume) – 16mm.
Procedência: Monte Castro, Vila Cova do Perrinho, Vale de Cambra.
Bibliografia: Brandão 1963, p. 117, n.º 5 (machado de alvado), Est. I, 1 e II, A; Coffyn 1985, p. 390, n.º 140, Est. XL, 7; Queiroga 2001, p. 118, fot.
Depósito: MMVC, Inv. n.º 128(?).

257 (M. ut. 49) Escopro de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVII, 9**

Peça maciça com parte superior de secção quadrangular, para encabamento, e a zona média de secção sub-circular, adelgaçando para a ponta espalmada.

Dimensões: comp. – 171
larg. máx (gume) – 13
esp. máx. – 11mm.
Procedência: Monte Castro, Vila Cova do Perrinho, Vale de Cambra.
Bibliografia: Brandão 1963, p. 117, Est. I, 2; Coffyn 1985, p. 390, n.º 140, Est. XL, 6; Queiroga 2001, p. 117, fot.
Depósito: MMVC, Inv. n.º 122.

258 (M. ut. 50) Escopro de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVII, 10**

Peça maciça com topo de secção quadrangular, para encabamento, e a zona média de secção sub-circular, adelgaçando para a ponta espalmada.

Dimensões: comp. – 144
larg. máx. – 10mm
larg. máx (gume) – 9mm.
esp. máx. – 10mm.
Procedência: Monte Castro, Vila Cova do Perrinho, Vale de Cambra.
Bibliografia: Brandão 1963, p. 117, Est. I, 3; Coffyn 1985, p. 390, n.º 140, Est. XL, 8; Queiroga 2001, p. 117, fot.
Depósito: MMVC, Inv. n.º 123.

259 (M. arm. 1) Punhal de bronze. Baiões 1. Fase IA. **Est. LXXXVI,1**

Lâmina de perfil triangular de secção biconvexa com dois orifícios circulares para rebites de fixação ao cabo, um deles in situ.

Dimensões: comp. – 114
larg. máx. – 19
Esp. máx. – 2mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. 1973.
Bibliografia: Kalb 1980 Abb. 9:43, n.º 17; Silva Ce. T. 1979, Est. V, [3]; Coffyn 1985, p. 391, n.º 157; Silva A.C.F. 1986b, 253 (M. arm. 1), Est. LXXXIX, 3.
Depósito: MUCV.

260 (M. arm. 2) Punhal de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI,2**

Lâmina de faces simétricas, com vinco central, de secção losângica decrescendo para a ponta e espalmada no cabo onde apresenta três orifícios circulares, em disposição triangular, para rebites. Lâmina fracturada na ponta.

Dimensões: comp. máx. – 194
larg. máx. – 25
Esp. máx. – 5mm.
Procedência: Depósito de Figueiredo das Donas, Fataunços, Vouzela.
Bibliografia: Rodrigues 1961a, p. 229, fig. 99; Coffyn 1985, p. 390, n.º 139; Silva A.C.F. 1986b, 254 (M. arm. 2), Est. LXXXIX, 4; Marques J.A.M. *et alii* 1999, n.º 21, p. 34.
Depósito: CMV.

261 (M. arm. 3) Punhal de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI,3**

Lâmina de faces simétricas, com nervura central pronunciada de secção circular, com ligeiro estrangulamento na ponta, de secção losângica, sem nervura, e lingueta com vestígios de três orifícios para rebites de fixação de cabo.

Dimensões: comp. – 170
larg. máx. – 21
Esp. máx. (nervura) – 7mm.

Procedência: Mire de Tibães, Braga.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 255 (M.arm. 3), Est. LXXXIX, 5.
Depósito: MPXII.

262 (M. arm. 4) Punhal de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI, 4**

Lâmina de faces simétricas, nervuradas, com duas caneluras que partem desde os orifícios de preensão do cabo, convergindo para a ponta. O cabo mostra dois orifícios assimétricos para rebites de preensão e ainda vestígios de um terceiro, na zona superior, fracturada.

Análise metalográfica: Bronze Cu Sn
89.55% 10.45%
(análise de Carlos Sá, CEMUP)
Dimensões: comp. – 195
larg. máx. – 28
Esp. máx. (nervura) – 7mm.
Procedência: Monte Castro, Vila Cova do Perrinho, Vale de Cambra.
Bibliografia: Brandão 1963a, p. 115, Est. I, 4; Coffyn 1985, p. 218, 390, n.º 140, Est. XL, 4; Queiroga 2001, p. 118, fot.
Depósito: MMVC, Inv. n.º 126.

263 (M. arm. 5) Punhal de bronze. Fragmentado. Fase IA. **Est. LXXXVI, 5**

Dois frag. da mesma peça, lâmina de faces simétricas, nervuradas, com duas caneluras que partem desde os orifícios de preensão do cabo, convergindo para a ponta.
Parte superior do cabo e ponta inexistentes, por fractura. Todavia, na parte superior do cabo, que seria em lingueta alargando para a lâmina, mostra ainda vestígios de duas perfurações nas caneluras, para rebites de fixação do cabo.

Dimensões: comp. máx. – 150
larg. máx. – 32
Esp. máx. (nervura) – 7mm.
Procedência: Monte Castro, Vila Cova do Perrinho, Vale de Cambra.
Bibliografia: Brandão 1963a, p. 115, Est. I, 5; Coffyn 1985, p. 218, 390, n.º 140, Est. XL, 5; Queiroga 2001, p. 118, fot.
Depósito: MMVC, Inv. n.º 127 e 137.

264 (M. arm. 6) Punhal com cabo de bronze e lâmina de ferro. Baiões 2. Fase A/B. **Est. LXXXVII, 1A-C**

Cabo de bronze de alvado com aleta semicircular de secção circular com lâmina de ferro de secção rectangular embutida.

Dimensões: comp. máx. – 83
cabo: comp. – 44,6
alvado: base – 24x17
comp. – 27
aleta: diâm. máx. – 16
lâmina: comp. – 38,4
larg. – 12
Esp. – 7mm.
Procedência: Cabo da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 83-84, Est. VII, 3; Silva A.C.F. 1986b, 258 (M.arm. 6), Est. XC, 1A-C; MNA 1996, p. 185:4, 40.
Depósito: MUCV.

265 (M. arm. 8) Frag. punhal com cabo de bronze e lâmina de ferro. Fase III. **Est. LXXXVII, 3**

Cabo de bronze constituído por uma placa rectangular com dois espaços angulares vazados e contrapostos para eventuais incrustações rematado em argola com lâmina de ferro encaixada e presa por rebites de bronze.

Dimensões: comp. máx. – 82
larg. – 18
Esp. – 5mm
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães, 1955.
Bibliografia: Cardozo 1955b, p. 437, Fig. 7 e 1980, Est. XXXI: 2; Silva A.C.F. 1986b, 260 (M.arm. 8), Est. XC, 3.
Depósito: MSMS.

266 (M. arm. 9) Frag. punhal com cabo de bronze e lâmina de ferro. Fase III. **Est. LXXXVII, 2**

Cabo de bronze de perfil e secção rectangulares com resguardo bolcado na extremidade e com vestígios de lâmina de ferro encaixada.

Dimensões: comp. – 120
larg. máx. – 24mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 350 (Fig.) e 1974, Fig. 17, [10]; Silva A.C.F. 1986a, Est. XIX:8 e 1986b, 261 (M.arm. 9), Est. XC, 4 e 1999b, 1.3.34.
Depósito: MACS.

267 (M. arm. 10) Espada afalcatada de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 1**

Lâmina de secção triangular, espessada e plana no dorso e afiada no gume, encurvada na zona média e cabo em alvado, rasgado lateralmente, no prolongamento da lâmina.

Dimensões: comp. – 350
cabo comp. – 72
alvado diâm. – 36
lâmina larg. máx. – 44
esp. máx. – 8mm.

Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, 1947.
Bibliografia: Jalhay-Paço 1948, p. 20, Fig. 27,1; Paço 1968a, p. 351 (Fig.) e 1974, Fig. 16; Almeida 1975 (1973), p. 495, Lâm. I; Silva A.C.F. 1983a, Est. XIII, 3 e 1986b, 262 (M.arm. 10), Est. XCI, 1.
Depósito: MACS.

268 (M. arm. 11) Espada afalcatada de ferro. **Est. LXXXVIII, 2**
Lâmina de secção triangular encurvada na zona média e cabo espalmado com rebite de ferro para fixação de punho possivelmente de madeira.
Dimensões: comp. – 320
cabo comp. – 61
esp. – 7
lâmina larg. máx. – 47
esp. máx. – 6mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 351 (Fig.) e 1974, Fig. 16; Almeida 1975 (1973), p. 495, Lám. I; Silva A.C.F. 1983a, Est. XIII, 3 e 1986a, Est. XIX, 2 e 1986b, 263 (M.arm.11), Est. XCI, 2 e 1999b, 1.3.36.
Depósito: MACS.

269 (M. arm. 12) Espada afalcatada de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 3**
Lâmina de secção triangular espessada no dorso, encurvada na zona média e cabo espalmado/fracturado.
Dimensões: comp. (estimado) – 321
cabo comp. (estim.) – 93
Esp. – 12
lâmina larg. máx. – 54
Esp. máx. – 8mm.
Procedência: Castro de Baiza, Avintes/Vilar de Andorinho, V. N. Gaia. BAIZ 85 IV D5 (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 264 (M.arm. 12), Est. XCI, 3.
Depósito: CMCVNG.

270 (M. arm. 13) Frag. espada afalcatada de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 4**
Lâmia de secção triangular encurvada na zona média. Ausência de ponta e cabo fracturado que seria de aplicação de punho por rebites.
Dimensões: comp. máx. – 236
larg. máx. – 31
esp. máx. – 7mm.
Procedência: Castro de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 265 (M.arm. 13), Est. XCI, 4.
Depósito: MPXII.

271 (M. arm. 14) Frag. espada afalcatada de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 5**
Lâmina de secção triangular encurvada na zona média. Ausência de ponta e cabo fracturado que seria de aplicação de punho por rebites.
Dimensões: comp. máx. – 235
larg. máx. – 39
Esp. máx. – 7mm.
Procedência: Castro de Santa Marta das Cortiças, Falperra, Esporões, Braga.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 267 (M.arm. 14), Est. XCI, 5.
Depósito: MPXII.

272 (M. arm. 15) Espada afalcatada de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 6**
Lâmina de secção triangular encurvada na zona média e arredondada na ponta e cabo fracturado com casquilho e rebite de bronze que estaria adaptado ao punho possivelmente de madeira.
Dimensões: comp. – 230
cabo comp. – 30
lâmina larg máx. – 29
esp. máx. – 4mm.
Procedência: Castro de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 267 (M.arm. 15), Est. XCI, 6.
Depósito: MPXII.

273 (M. arm. 16) Punhal afalcatado de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 7**
Lâmina de secção triangular levemente encurvada e cabo em alvado.
Dimensões: comp. – 272
cabo comp. – 62
alvado diâm. – 20
lâmina larg. máx. – 30
esp. máx. – 9mm
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira,

Bibliografia: Paço 1968a, p. 351 (Fig.) e 1974, Fig. 16; Almeida 1975 (1973), p. 495, Lám. I; Silva A.C.F. 1983a, Est. XIII, 3 e 1986a, Est. XIX, 3 e 1986b, 268 (M.arm. 16), Est. XCI, 7 e 1999b, 1.3.37.
Depósito: MACS.

274 (M. arm. 17) Lâmina de punhal de ferro. Fase IIB(?). **Est. LXXXVIII, 8**
Lâmina pontiaguda de secção triangular, plana no dorso e afiada no gume, recurvada na parte anterior e com rebites de bronze para fixação de cabo.
Dimensões: comp. – 134
larg. – 16
esp. máx. (dorso) – 3mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha, VIL 83 E3 (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 269 (M.arm. 17), Est. XCI, 5.
Depósito: MMCa.

275 (M. arm. 18) Punhal de ferro. Fase IIB(?). **Est. LXXXVIII, 9**
Lâmina encurvada de secção triangular, plana no dorso e afiada no gume, com espigão para introdução em cabo provavelmente de madeira.
Dimensões: comp. – 138
Lâmina comp. – 107
larg. máx. – 17
esp. máx. (dorso) – 4 mm.
Procedência: Idem. VIL 83 F4 (05).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 270 (M. arm. 18), Est. XCI, 9.
Depósito: MMCa.

276 (M. arm. 19) Conto de bronze de bainha de punhal. **Est. LXXXVII, 7A-B**
Com botão terminal e de perfil sinuoso com vazamento decorativo de motivo ornitomórfico com silhueta de pato e outro vazamento rectangular para fixação a elemento de couro numa das faces e com decoração de corda e nervuras em arco na outra face.
Dimensões: alt. máx. – 35
larg. máx. – 27
esp. máx. – 16mm.
Procedência: Portela de Joubreia, Amares.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 271 (M. arm. 19), Est. XC, SA-B.
Depósito: MSMS.

277 (M. arm. 20) Ponta de lança de bronze. Tipo Roussas. Fase IA. **Est. LXXXVI, 6**
Cabo em alvado quase cilíndrico com dois orifícios opostos para fixação e folha da lâmina oca de secção losângica de faces levemente côncavas. Lâmina fracturada com parte desaparecida.
Dimensões: comp. máx. – 88
cabo diâm. máx. – 23
esp. – 2
lâmina larg. máx. – 30
esp. máx. – 11mm.
Procedência: Castro de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 272 (M. arm. 20), Est. LXXXIX, 8.
Depósito: MPXII.

278 (M. arm. 21) Ponta de lança de bronze. Baiões 1. Fase IA. **Est. LXXXVI, 7**
Cabo troncocónico de alvado com dois orifícios de fixação opostos situados no arranque da lâmina e com bordo do alvado alargado e revirado para o exterior. Lâmina simétrica, estreita, prolongando levemente a nervura central constituida pelo prolongamento do cabo, com vestígios de ter sido aguçada por abrasão.
Dimensões: comp. – 140.5
cabo diâm. máx. – 21
esp. – 3
lâmina comp. – 107
larg. máx. – 19,5
esp. máx. – 12mm.
Procedência: Castro de Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Achado ocasional de 1971.
Bibliografia: Kalb 1978 p. 114, Abb. 1: 8 e 1980, Abb. 8: 43, n.º 4; Silva Ce. T. 1979, Est. I, 2; Coffyn 1983, p. 178, Fig. 2: 4 e 1985, p. 218 e 391, n.º 279, Pl. LI, 8; Silva A.C.F. *et alii* 1984, Est. I, 2; Silva A.C.F. 1986b, 273 (M. arm. 21), Est. LXXXIX, 9.
Depósito: MUCV.

279 (M. arm. 22) Ponta de lança de bronze. Baiões 2. Fase IA. **Est. LXXXVI, 8**
Folha lanceolada, simétrica, com uma nervura central correspondente ao alvado, de secção circular e muito prolongado, distorcida pelo fogo e com duas fracturas.
Dimensões: comp. máx. – 116
larg. máx. – 27
Esp. máx. – 13mm.

Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. 1973.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1979, Est. IV, 2; Kalb 1980, Abb. 9: 43, n.º 22; Silva A.C.F. 1986b, 274 (M. arm. 22), Est. LXXXIX, 10.
Depósito: MUCV.

280 (M. arm. 23) Ponta de lança de bronze. Baiões 2. Fase IA. **Est. LXXXVI, 9A-B**

Cabo troncocónico de alvado com dois orifícios de fixação opostos situados no arranque da lâmina e vestígios de outros dois, semicirculares, um de cada lado, no bordo do alvado. Lâmina lanceolada, encurvada para uma das faces, com um bordo ligeiramente corroído, e com nervura central circular que se prolonga quase até à extremidade que apresenta a ponta fracturada.

Dimensões: comp. – 146
cabo diâm. máx. – 17
alvado comp. – 52
esp. – 2
lâmina comp. – 140
larg. máx. – 31
esp. máx. – 5mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 83, Est. VII, 1; Silva A.C.F. 1986b, 275 (M. arm. 23), Est. LXXXIX, 11A-B.
Depósito: MUCV.

281 (M. arm. 24) Ponta de lança de bronze. Baiões 3. Fase IA. **Est. LXXXVI, 10**

Cabo troncocónico de alvado, com dois orifícios de fixação opostos situados no arranque da lâmina, que se prolonga em nervura central oca emoldurada por superfícies contracurvadas simétricas nas duas faces.
Análise C14 700±130 a.C. (Kalb 1974-77).
Dimensões: comp. – 181
cabo diâm. máx. – 21
esp. – 2
lâmina comp. – 147
larg. máx – 30
esp. média – 15mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia. Baiões, S. Pedro do Sul. 1973.
Bibliografia: Kalb 1974-77, 1978 Abb. 1:2 e 1980 Abb. 8:43, n.º 3; Silva Ce. T. 1979, Est. IV, 1; Coffyn 1983, p. 176 e 1985, p. 218 e 392, n.º 188, Pl. LI, 2; Silva A.C.F. 1986b, 276 (M. arm. 24), Est. LXXXIX, 12.
Depósito: MUCV.

282 (M. arm. 25) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 10**

Folha triangular com nervura central de secção subrectangular no prolongamento do cabo e aletas laterais mais finas e cabo em alvado.

Dimensões: comp. máx. – 197
cabo larg. máx. – 20
lâmina comp. – 130
larg. máx. – 34
Esp. méd. – 5mm.
Procedência: Castro de Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima.
Bibliografia: Almeida *et alii* 1981, p. 50-51, Fig. XXII, 4; Silva A.C.F. 1986b, 277 (M. arm. 25), Est. XCI, 10.
Depósito: MTILPL.

283 (M. arm. 26) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 11**

Folha de secção, losângica, vincada longitudinalmente, e cabo em alvado.

Dimensões: comp. – 221
larg. cabo – 13
larg. máx. – 27
esp. média – 7mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 278 (M. arm. 26), Est. XCI, 11.
Depósito: MSMS.

284 (M. arm. 27) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 12**

Folha de secção biconvexa e cabo em alvado.

Dimensões: comp. máx. – 240mm
Procedência: Castro Máximo, Braga, 1976
Bibliografia: Lemos *et alii*, s.d., p. 43 (Fig.); Silva A.C.F. 1986b, 279 (M. arm. 27), Est. XCI, 12.
Depósito: UAUM.

285 (M. arm. 28) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 13**

Frag. folha de secção losângica e cabo em alvado.

Dimensões: comp. máx. – 110
cabo diâm.(alvado) – 22
folha larg. máx. – 35
esp. máx. – 7mm.

Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 280 (M. arm. 28), Est. XCI, 13.
Depósito: MSMS.

286 (M. arm. 29) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 14**
Folha de secção losângica, com alvado corroído.
Dimensões: comp. máx. – 119
larg. máx. – 30
esp. máx. – 9mm.
Procedência: Castelo de Cidadelhe, Mesão Frio. CID 83 E2 (02), 4.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 281 (M. arm. 29), Est. XCI, 14.
Depósito: CMMF.

287 (M. arm. 30) Cabo em alvado de ponta de lança(?). Fase III. **Est. LXXXVIII, 15**
Cabo de secção circular na hase e quadrangular na extremidade superior.
Dimensões: comp. máx. – 144
diâm. alvado – 34mm.
Procedência: Castro de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 282 (M. arm. 30), Est. XCI, 15.
Depósito: MPXII.

288 (M. arm. 31) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 16**
Vestígios de folha e cabo em alvado.
Dimensões: comp. máx. – 127
diâm. máx. alvado – 27mm.
Procedência: Castro de Carvalhelhos, Beça, Boticas.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 283 (M. arm. 31), Est. XCI, 16.
Depósito: MRF.

289 (M. arm. 32) Ponta de lança de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 17**
Vestígios de folha e cabo em alvado.
Dimensões: comp. máx. – 134
diâm. máx. alvado – 29 mm.
Procedência: Castro de Carvalhelhos, Beça, Boticas.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 284 (M. arm. 32), Est. XCI, 17.
Depósito: MRF.

290 (M. arm. 33) Conto de lança de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI, 11**
Peça troncocónica em alvado com dois orifícios circulares para rebites de fixação ao cabo e base alargada e achatada.
Dimensões: comp. máx. – 103
larg. máx. – 16mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. 1973.
Bibliografia: Kalb 1978, Abb.1:7 e 1980, Abb. 9:43, n.º 18; Silva Ce T. 1979, Est. IV, 3; Coffyn 1983, p.178 e 1985, p. 219 e 392, n.° 194, Pl.LI,5; Silva A.C.F. 1986b, 285 (M. arm. 33), Est. LXXXIX, 14.
Depósito: MUCV.

291 (M. arm. 34) Ponteira ou chuço de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 18**
Frag. cabo troncocónico em alvado com rasgo lateral.
Dimensões: comp. máx. – 94
diâm. máx. – 32mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 286 (M. arm. 34), Est. XCI, 18.
Depósito: MACS.

292 (M. arm. 35) Ponteira ou chuço de ferro. Fase III **Est. LXXXVIII, 19**
Idem.
Dimensões: comp. máx. – 57
diâm. máx. – 34mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 287 (M. arm. 35), Est. XCI, 19.
Depósito: MACS.

293 (M. arm. 36) Ponteira ou chuço de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 20**
Idem.
Dimensões: comp. máx. – 53
diâm. máx. – 23mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 288 (M. arm. 36), Est. XCI, 20.
Depósito: MACS.

294 (M. arm. 37) Ponteira ou chuço de ferro. Fase III. **Est. LXXXVIII, 21**
Idem.
Dimensões: comp. máx. – 77
diâm. máx. – 29mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 289 (M. arm. 37), Est. XCI, 21.
Depósito: MACS.

295 (M. arm. 38) Ponta de seta de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI, 12**
Folha de perfil triângular e secção lâminar e pedúnculo para acabamento.
Dimensões: comp. – 32
lâmina alt. – 21
base – 9
pedúnculo comp. – 9
esp. máx. – 2mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões. Escavaçõcs de 1973.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1979, Est. IV,4; Silva A.C.F. 1986b, 290 (M. arm. 38), Est. LXXXIX, 6.
Depósito: MUCV.

296 (M. arm. 39) Ponta de lança de bronze. Fase IA. **Est. LXXXVI, 13**
Lâmina de perfil foliáceo de secção biconvexa e pedúnculo de secção subrectangular.
Dimensões: comp. – 55
lâmina comp. – 40
larg. – 17
esp. – 4
pedúnculo comp. – 15
larg. – 8
esp. – 2mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: Silva Ce. T. 1979, Est. IV,4; Silva A.C.F. 1986b, 291 (M. arm. 39), Est. LXXXIX, 7.
Depósito: MUCV.

297 (M. arm. 40) Cravo de bronze para escudo. Fase IA. **Est. LXXXVII, 5A-C**
Calote semi-esférica com bordos planos de espessura irregular com perfuração central quadrangular onde está aplicado um espigão de secção quadrangular decrescente para a extremidade.
Dimensões: calote diâm. – 44
espigão comp. – 57
larg. – 4mm
Procedência: Depósito de Figueiredo das Donas, Fataunços, Vouzela.
Bibliografia: Rodrigues 1961a, p. 229 (fot.); Coffyn 1985, p. 390, n.° 139; Silva A.C.F. 1986b, 292 (M. arm. 40), Est. LXXXIX, 13A-C; Marques J.A.M: *et alii* 1999, n.º 21, p. 34.
Depósito: CMV.

298 (M. arm. 41) Braçadeira de bronze de escudo. Fase III. **Est. LXXXVII, 4***
Chapa de bronze com parte central hemisférica, deteriorada, e aletas de perfil trapezoidal, em borboleta, com orifícios nos vértices para cravos de fixação ao escudo provavelmente de madeira.
Peso: 280gr.
Dimensões: comp. – 140
larg. – 85
alt. – 25
Esp. – 1mm
Procedência: Castro de Alvarelhos, Trofa.
Bibliografia: Almeida 1973, p. 15, Est. I, 3; Soeiro 1980, p. 237, Est. I; Silva A.C.F. 1986b, 293 (M. arm. 41), Est. XC, 6.
Depósito: MAPST.
* Sobre des. Soeiro 1980, Est. I, 3.

299 (M. arm 42) Umbo (?) ou aplique lateral de bronze para escudo. Fase III. **Est. LXXXVII, 6**
Calote semi-esférica com orla plana nos bordos e perfuração central para prego de fixação.
Dimensões: diâm. base – 39
alt. – 16 mm
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 294 (M. arm. 42), Est. XC,7.
Depósito: MSMS.

300 (M. arm. 43) Capacete de bronze decorado. Tipo Montefortino A. Fase II. **Est. LXXXIX, 1A-D**
Calote de perfil de tendência hemisférica com aba alargada e espessada e com viseira saliente, decoradas, e com protuberância perfurada para remate, presumidamente em botão, desaparecido, na parte superior. Dois orifícios laterais serviriam para fixação de correia. A composição decorativa do rebordo inferior apresenta uma série de nervuras paralelas estriadas, imitando cordão entrançado, divergentes a partir do motivo central da viseira em forma de volutas, em posição simetrica, e convergindo no pára-nuca,

sendo sobreposto em todo o perímetro por um alinhamento de SS deitados estampados, que também se repete na linha superior da viseira. Entre estes dois alinhamentos foram impressos de ambos os lados séries de triângulos, com besantes em relevo ordenados em filas horizontais decrescentes (5+4+3+2+ 1), formando uma banda em ziguezague na zona intermédia.
Peso: 252gr.
Dimensões: base eixo maior – 252 (incluindo pala)
eixo menor – 191
alt. – 173mm
Procedência: achado ocasional em Caldelas de Tuy em Fevereiro de 1976 por ocasião de dragagem do rio Minho.
Bibliografia: Santiso *et alii* 1977; Abásolo-Pérez 1980, p. 107; Silva A.C.F. 1986b, 295 (M. arm. 43), Est. XCII, 1A-D, CXLIV, 1; Garcia-Mauriño 1993, p. 103-104: 12, Fig. 9; Lopes 2003, p. 77 (Fig.).
Depósito: MDT.

301 (M. arm. 44) Frag. viseira de capacete de bronze decorada. **Est. LXXXIX, 2A-C**
Tipo derivado de Montefortino B. Fase IIIA. Parte da zona central de viseira de capacete idêntico ao anterior, com o qual revela muitas afinidades morfológicas e decorativas, patentes nas matrizes utilizadas e SS e círculos concêntricos.
Dimensões: Lâmina comp. – 45
larg. máx – 32
esp. – 3.5/ 6mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. 1953.
Bibliografia: Cardozo 1953b, p. 715, Fig. 4; Almeida 1980a, p. 247, n.º 8; Silva A.C.F. 1986b, 296 (M. arm. 44), Est. XCII, 2A-C; Garcia-Mauriño 1993, p. 101, 103, Fig. 6.
Depósito: MSMS.

302 (M. arm. 45) Capacete de bronze decorado. Tipo derivado de Montefortino, B. Fase IIIA. **Est. XC, A-F**
Calote de perfil em arco apontado com aba mais espessada e decorada com dois toros repuxados e vários frisos e encimada por espigão cónico (C), com bolo interior da sua aplicação, também ornamentado, com pequena argola para engate do cadeado (F), que estaria ligado na outra extremidade a uma argola presa no orifício da pala saliente servindo de viseira, sendo os dois orifícios laterais para fixação de correia. Estas aberturas foram aplicadas sobre a decoração e nota-se ainda mais um furo, desencontrado, no pára-nuca preenchido por rebite. A corrente é constituida por 52 elos feitos de arame dobrado em 8 sem soldadura. A composição decorativa, toda de motivos geométricos, apresenta na aba uma série de nervuras estriadas transversalmente em corda e na parte central da viseira e do pára-nuca, no interior de espaços triangulares, um alinhamento de onze e treze escudetes, respectivamente, estampados com a mesma matriz de seis besantes em relevo ordenados em filas horizontais decrescentes (3+2+1); o espigão mostra também ornamentação geométrica, mas incisa, de três faixas limitadas por grupos de três estrias paralelas com espaços preenchidos por reticulados em xadrez nas faixas inferior e superior e com espaços triangulares preenchidos por linhas paralelas horizontais na faixa intermédia.
Peso: capacete – 1090
cadeado – 120gr.
Análise metalográfica de elo da corrente:

Cu	Sn	Ph	Zn
76.30	20.10	0.80	Sp.

(Análise do Dr. Joaquim Pereira, a pedido do Dr. J. J. Rigaud de Sousa, do Museu D. Diogo de Sousa).
Dimensões: base eixo maior – 248 (incluindo pala)
eixo menor – 205
alt. – 262 (incluindo espigão)
espigão alt. – 60
cadeado comp. – 1035
elo comp. – 20/26
esp. – 2.8mm
Procedência: Castro de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso.
Bibliografia: Teixeira 1941; BDGEMN, 29, 1942, Fig. 39-40; García y Bellido 1946c; López Cuevillas 1946-47, p. 573, Lám. VI; Abásolo-Pérez 1980, p. 107; Silva A.C.F. 1986b, 297 (M. arm. 45) Est. XCIII,A-F; CXLIV,3; Garcia-Mauriño 1993, p. 109: 28, Fig. 19.
Depósito: MDDS.

303 (M. arm. 46) Capacete de bronze decorado. Tipo derivado de Montefortino B. Fase IIIA. **Est. XCI, A-F**
Idêntico ao anterior, com particularidades morfológicas e decorativas de perfil menos apontado com base também espessada mas inclinada para o interior, manifestando mais espaços ornamentados e maior riqueza decorativa assim ordenada: a base repete a mesma estrutura e os mesmos motivos decorativos de nervuras estriadas aparecendo os espacos triangulares da viseira e do pára-nuca sublinhados por alinhamentos de SS estampados; o mesmo motivo de alinhamentos de SS deitados enquadra os ziguezagues contrapostos e também impressos que compõem a faixa decorativa seguinte assim como a banda de aspas levemente incisas que adornam o espaço entre os toros, aparecendo também na linha superior deles. Também o espigão está totalmente decorado segundo zonas sobrepostas em que se repetem similares motivos de ziguezagues contrapostos associados a combinações de SS impressos em alinhamentos ou no seu interior. Além desta decoração da superficie externa do elmo, também a parte interior da pala aparece decorada com análogas combinações dessa matriz desenhando três alinhamentos paralelos com ziguezagues contrapostos nos espaços intermédios.
Peso: 1584.82 gr.
Dimensões: base eixo maior – 237 (incluíndo pala)
eixo menor – 196
alt. – 250 (incluíndo espigão)
espigão alt. – 62mm.
Procedência: achado acasional ocorrido em 1974, Castelo de Neiva, Viana do Castelo, por ocasião de terraplanagem.

Bibliografia: Almeida 1980a, Est. I e 1980b; Silva A.C.F. 1986b, 298 (M. arm. 46), Est. XCIV, A-F; CXLIV, 2; Garcia-Mauriño 1993, p. 112: 34, Fig. 23; Lopes 2003, p. 78 (Fig.).
Depósito: Colecção particular.

304 (M. arm. 47) Capacete de bronze decorado. Tipo derivado de Montefortino B. Fase IIIA. **Est. XCII, 1A-E**

Idêntico aos dois anteriores, muito deteriorado. Com perfil mais aproximado do de Lanhoso e como ele de menor exuberância decorativa, morfologicamente mostra em geral e no espigão dimensões mais reduzidas que os dois precedentes. Com os mesmos elementos indicativos da fixação do cadeado e da correia, os dois orifícios laterais com ele relacionados não se encontram, como nos restantes casos, na parte central mas deslocados para a parte anterior. A organização decorativa é do mesmo teor, sendo aqui associada às estampilhas de SS a impressão de pequenos círculos concêntricos em alinhamentos ou em superfície quer na base quer no espigão.

Peso: 1102 gr.
Dimensões: base eixo maior – 245 (incluindo pala)
eixo menor – 210
alt. – 223 (incluíndo espigão)
espigão alt. – 38mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Almeida 1980a, Est. II e 1980b; Silva A.C.F. 1986b, 299 (M.arm. 47), Est. XCV,A-E; Garcia-Mauriño 1993, p. 112-113: 35, Fig. 24; Lopes 2003, p. 79 (Fig.).
Depósito: Idem.

305 (M. arm. 48) Espigão de capacete de bronze decorado. Tipo Montefortino B: Fase IIIA **Est. XCII, 2**

Peça troncocónica com estangulamentos na base, decorado em superfície, alternando bandas lineares de SS com bandas de círculos concêntricos e com um alinhamento de esférulas na base.
Dimensões: base diâm. – 20
alt. – 38mm
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (escavações de A. Paço).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1999b, 1.3.39.
Depósito: MACS (restauro MMCo).

306 (M. cult. 1) Carro votivo de bronze. Fase IA. **Est. XCIII, 1-1a**

Copa vazada em calote esférica constituída por duas barras de composição similar unidas por um alinhamento de triângulos com base na barra superior e os vértices na barra inferior.
As barras constam de cinco filetes três lisos alternando com dois em corda nas partes centrais, sendo a barra superior orlada externamente por mais um filete de maior espessura: na parte exterior desta barra está fixado, a espaços regulares, um conjunto de treze aros de fita, de quatro filetes cada um, donde pendiam argolas simples, três das quais ainda *in situ*.
O espaço intermédio é ocupado por um alinhamento de dezasseis triângulos preenchidos por filetes paralelos aos lados.
O suporte da copa tem uma forma de feixe em pirâmide quadrangular de faces levemente arqueadas constituído por doze pernos, quatro na linha das arestas e os restantes, aos pares, na zona média das faces, de estrutura idêntica às barras da copa; as barras das arestas prolongam-se para a parte inferior em quatro pés de secção circular terminados em argola onde giravam dois eixos, um dos quais existente, de secção poligonal arredondada na zona das argolas, onde está fixa a parte central das rodas.
Dimensões: copa diâm. – 150
alt. – 34
suporte base – 95
alt. – 51
pernos alt. – 42
eixo comp. – 180mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 85, Est. VIII, 1, Ia; Est. XIII; Silva A.C.F. 1986b, 300 (M.cult. 1), ESt. XCVI, 1-1a, CXLVI, 1; MNA 1996, p. 146:4, 49.
Depósito: MUCV.

307 (M. cult. 2) Carro votivo de bronze. Fase IA. **Est. XCIII, 2-2a**

Frag. de suporte de copa em tronco de pirêmide rectangular construído com arames e fitas de dois (nas rodas) e três filetes lisos unidos entre si, formando nas extremidades inferiores duas argolas de cada lado, três das quais existentes para adaptação de eixos.
Dimensões: comp. – 91
larg. – 65
alt. máx. – 55mm
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 86, Est. VIII, 2, 2a; Silva A.C.F. 1986b, 301(M. cult. 2), Est. XCVI, 2- 2a.
Depósito: MUCV.

308 (M. cult. 3) Carro votivo de bronze. Fase IA. **Est. XCIII, 6A-B**

Frag. de copa de presumível carro votivo.
A parte superior é composta por uma fita que mostra internamente cinco filetes, três lisos alternando com dois em corda nas partes centrais e externamente apenas uma corda estando a parte restante totalmente lisa; do bordo saiem duas asas laterais de perfil irregular e de secção circular, uma delas completa; vestígios de travessões na parte inferior denotam a existência de uma zona decorada com aberturas paralelas em posição oblíqua.

Dimensões: diâm. bordo – 97
alt. máx. – 17mm
Um segundo elemento (6B), composto de um aro de fita com três alinhamentos no interior e externamente liso com travessões orientados obliquamente para cima e para baixo, faz aparentemente parte da copa anterior em posição por definir.
Dimensões: diâm. máx. – 63mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p.86, Est. VIII, 6, Est. XIV, 3, dir.; Silva A.C.F. 1986b, 302 (M. cult. 3), Est. XCVI, 6A-B.
Depósito: MUCV.

309 (M. cult. 4) Roda de carro votivo de bronze. Fase IA. **Est. XCIII, 3A-B**
Aro circular com quatro raios rectangulares em posição cruciforme, com extremidade do eixo *in situ*, aparentemente recortada sobre placa, com vestígios de desenho e talhe em bisel.
Dimensões: aro diâm. – 53
larg. – 7
Esp. – 3.6
raios larg. – 9
Esp. – 3.6
eixo diâm. – 4mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 86-87, Est. VIII, 3; Silva A.C.F. 1986b, 303 (M. cult.4), Est. XCVI, 3A-B.
Depósito: MUCV.

310 (M. cult. 5) Roda de carro votivo de bronze. Fase IA. **Est. XCIII, 4A-B**
Aro circular de secção quadrangular com quatro raios menos espessos que o aro, de secção rectangular e com o eixo central feito de arame de secção circular de diâm. irregular, *in situ*, introduzido pelo interior e rebatido para fixação pelo exterior; com rebarbas e bolhas rebatidas de aparente fundição.
Dimensões: aro diâm. – 48
larg. – 4
Esp. – 4
raios larg. – 9
Esp. – 3.2
eixo comp. máx. – 59
Esp. – 4.5 /5mm.
Procedencia: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 87, Est. VIII, 4; Silva A.C.F. 1986b, 304 (M. cult. 5), Est. XCVI, 4A-B.
Depósito: MUCV.

311 (M. cult. 6) Roda de carro votivo de bronze. Fase IA. **Est. XCIII, 5A-B**
Aro circular, com quatro raios rectangulares em posição cruciforme com extremidade do eixo *in situ*, composto das seguintes peças: um aro externo, de fita boleada nas arestas, circundando um aro interno, com reforço de ambos os lados em cerca de metade do perímetro, solidário com os raios, e um encaixe para o eixo de forma tubular em posição interior.
Dimensões: aro diâm. – 39
larg. – 3
Esp. – 5
raios larg. – 7
Esp. – 2
eixo diâm. – 4mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 87, Est. VIII, 5; Silva A.C.F. 1986b, 305 (M. cult. 6), Est. XCVI, 5A-B.
Depósito: MUCV.

312 (M. cult. 7) Carro alegórico de bronze. Fase IIA. **Est. XCIV, 2A-D**
Estrutura constituida por um longo travessão, com 385 mm de comprimento e largura e espessura variáveis, fracturado em cinco segmentos ajustados desordenadamente na reconstituição já antigamente feita com envolvimento das fracturas por bolos irregulares de metal fundido. Dessa barra saem, espaçadamente, sete pares de braços, colocados perpendicularmente no mesmo plano, cinco para suporte de figuras e os restantes, mais prolongados e dobrados para a parte interior, para encaixe das rodas.
As rodas são circulares, com uma barra larga no sentido do diâmetro de que partem travessões perpendiculares, e com eixo individual em encaixe tubular para o interior que gira na abertura da haste vertical.
O conjunto figurativo, de fundição pouco cuidada, tal como interpretamos a sua reconstituição (D), estaria assim ordenado: duas juntas de bois jungidos no touço do carro e adstritas ao transporte, incluindo-se os restantes elementos dentro de mais três conjuntos, sendo o primeiro constituído por quatro serventuários do carro instalados simetricamente sobre os travessões dos eixos, o segundo por oito acompanhantes em duas séries, respectivamente, de quatro guerreiros e quatro mulheres, oferentes, e o terceiro, por dois sacerdotes de pé em torno da vítima.
A junta dianteira é formada por animais pequenos, de corpo adelgaçado, quase cilíndrico, de pernas unidas, aos pares, rabo curto e com os chifres truncados, jungidos por jugos individuais ou por uma canga comum, se a entendemos como tratando-se de um elemento fracturado, de que restariam um fragmento central e dois laterais sobre o pescoço dos bois provavelmente presos por correias de que parecem restar indícios. A ligação dos bois ao carro é feita por barras de reforço, em fita, que saem do touço dobrando-se para os lados unindo-se às patas. A segunda junta é de bois mais corpulentos, de aspecto idêntico aos anteriores, com

os chifres desenvolvidos em arco, menos truncados, lançados lateralmente em plano horizontal, sendo jungidos por uma canga comum encurvada e também unidos ao carro por barras de reforço.
Os serventuários do carro (2-2A; 6-6A) estão sentados sobre os travessões dos eixos das rodas. que reconstituímos como estando na parte dianteira e traseira do carro. Os da frente (6-6A – de cabeça coberta com um gorro tipo bivaque, aparentemente masculinos, são os condutores, apresentando o braço direito estendido, tocando os animais, e o braço esquerdo dobrado ao peito. O outro par (2-2A), de corpo adelgaçado e com a cabeça alongada no sentido superior transversal, de possível arranjo feminino, tipo coifa, braços arqueados com a mão direita sobre a esquerda, e com vestígios dc vestuário e modelagem fruste dos braços e das pernas separadas por uma canelura, está sentado sobre o travessão traseiro, enquadrando a representação.
As figuras 4, 4A, 4B, 4C, do lado esquerdo, representam guerreiros em posição de marcha, com o braço direito dobrado em arco empunhando uma espada ao ombro e segurando com a mão esquerda a *caetra*, em posição lateral. Tratando-se de representações uniformes, podem identificar-se, todavia, por alguns pormenores de tratamento e estado de conservação. O melhor conservado é o 4C, que tem indicações de dedos na mão direita, que segura a arma, saio curto e possivelmente barbas.
Os acompanhantes do lado direito (3, 3A. 3B, S) colocados também de pé em posição simétrica relativamente aos guerreiros, são miniaturas provavelmente femininas, três delas (3, 3A, 3B) transportando às costas um fardo preso por longas tiras, certamente de tecido, e com as mãos dobradas sobre o peito. Apesar das analogias. merecerá atender aos outros pormenores individualizantes destas figuras: a primeira do gupo (5) não transporta qualquer carga, veste saio e as pernas estão separadas por uma canelura, usa penteado alargado superiormente no sentido transversal e tem os braços dobrados sobre o peito, com a mão esquerda sobre a direita; a seguinte (3B), com saio e cabeça como a anterior, tem as mãos pendentes e o fardo seguro por uma faixa que lhe envolve o pescoço; a terceira e a quarta (3A, 3), com tratamento mais rudimentar nas cabeças, têm as mãos projectadas em arco para a frente e suportam a carga por processo idêntico com a faixa envolvente cruzada sobre o peito.
São interpretadas como intervenientes próximos de um acto de culto, possivelmente sacerdotes, duas figuras, aparentemente masculinas, que amparam com um objecto indefinido, de volume cilíndrico o corpo de um animal. Estão de pé, assentes sobre uma fita cujos ramos saem assimetricamente do travessão central do carro, um em posição oblíqua (I) e outro vertical (I A), com indicações de um saio apertado no tronco e uma canelura separando as pernas.
O animal (9), que seria a vítima do sacrifício, com dois pares de patas separadas por uma canelura, orelha direita modelada e rabo curto, excluindo tratar-se de qualquer representação de bovídeo ou suídeo, será certamente um ovino, menos provavelmente um caprino, não se tornando possível, pela sua morfologia, mais clara identificação.

Dimensões: comp. – 385
eixo larg. máx. – 80
alt. máx. – 124
rodas diâm. – 60
esp. – 2/4
eixo Esp. – 4mm
Procedência: Encontrado em 1920 na Bouça do Custódio, Monte da Costa Figueira, Vilela, Paredes, associado a um espeto (Est. XCIV, 1).
Bibliografia: Freitas E. 1923; Cabré Aguiló 1924, p. 82-83; Cardozo 1946b: Cuadrado 1955, p. 129; Pigott 1983, p.193; Silva A.C.F. 1986b, 306 (M.cult. 7), Est. Est. XCVII, 2A-D, CXLV,2.
Depósito: MSMS.

313 (M. cult. 8) Furcula de bronze. Fase IA. **Est. XCV, 1A-C**

Feixe de três dentes encurvados, de secção quadrangular adelgaçada para as extremidades. alinhados pelas diagonais e unidos pela base a um tronco de pirâmide de base rectangular por um arame enrolado em três espiras com espaços internos preenchidos por metal fundido e com superfícies externas decoradas com conjuntos de duas espirais interconexas nas faces menores e de outras três nas faces maiores; a base menor prolonga-se por um cilíndro tubular com nove caneluras, sendo as nervuras, vivas, de diâmetro irregular, a maior ao centro; na parte posterior da pirâmide, entre ela e o cilindro, está soldado um anel com argola móvel.

Dimensões: comp. – 148
larg. máx. (pirâmide) – 30
alt. (pirâmide) – 30
tubo comp. – 35
diâm. – 11/18
larg. – 29x 12/15
dentes comp. – 81/82/92
esp. – 7mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 87-88, Est. IX, 1; Est. XIV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 307 (M. cult. 8), Est. XCVIII, 1A-C; MNA 1996, p. 183-184: 28, 29, 30.
Depósito: MUCV.

314 (M. cult. 9) Peça tubular de bronze. Fase IA. **Est. XCV, 2**

Tubo troncocónico decorado em três zonas com três caneluras, com estrias vivas nas partes inferior e média, e com duas caneluras leves no topo com certeza para encaixe noutra peça; na parte inferior, duas perfurações circulares opostas, para fixação de cabo de madeira, de que ainda se encontrava parte no seu interior; fracturada na parte central.

Dimensões: comp. – 133
diâm. maior – 20
diâm. menor – 11
esp. – 1/3mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 88, Est. IX, 2; Silva A.C.F. 1986b, 308 (M. cult. 9), Est. XCVIII, 2.
Depósito: MUCV.

315 (M. cult. 10) Peça tubular de bronze. Fase IA. **Est. XCV, 3**

Tubo cilíndrico com protuberância anelar na zona média, onde está soldado um anel nervurado com rebarbas da fundição e com uma argola de secção circular adaptada, e com três caneluras, com estrias vivas, simétricas em cada extremidade; no corpo central, junto das caneluras, existem quatro orifícios opostos, dois de cada lado, para fixação de cabo.

Dimensões: comp. – 108
anel larg. máx. – 18+13
diâm. – 17/21
esp. – 2/4
argola diâm. – 22
esp. 1.5/3mm.

Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 88, Est. IX, 3; Silva A.C.F. 1986b, 309 (M. cult. 10), Est. XCVIII, 3.
Depósito: MUCV.

316 (M. cult. 11) Ponteira de bronze. Fase IA. **Est. XCV, 4**

Peça tubular troncocónica decorada em três zonas com cinco caneluras na parte superior e três na parte central e na parte inferior, com estrias vivas; na parte inferior, três perfurações para fixação de cabo, sendo duas em posição simétrica e opostas na zona lisa e outra mais larga e irregular na zona canelada; no topo um anel de fita nervurada, retorcida, com três filetes, sendo o do meio de menor espessura, donde pende uma argola simples.

Dimensões: tubo comp. – 102
anel diâm. – 10/12
Esp. – 2
argola diâm. – 22
esp. – 3/5mm.

Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 88-89, Est. IX, 4; Silva A.C.F. 1986b, 310 (M. cult. 11), Est. XCVIII, 4.
Depósito: MUCV.

317 (M. cult. 12) Peça decorativa de bronze. Fase IA. **Est. XCV,5**

Corpo central tubular cilíndrico guarnecido na parte inferior por um aro em umbela e donde irradiam da sua parte superior seis braços constituídos por dois elementos adossados paralelamente desenhando formas curvilíneas, uma em ponta e outra contra-curvada. Braços fracturados.

Dimensões: alt. – 54
larg. – 72
tubo diâm. – 22
anel diâm. – 33mm.

Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 88-89, Est. IX, 6; Silva A.C.F. 1986b, 311 (M. cult. 12) Est. XCVIII, 5.
Depósito: MUCV.

318 (M. cult. 13) Ponteira de bronze. Fase IA. **Est. XCV,6**

Ponta troncocónica de alvado, com dois orifícios circulares opostos para fixação de cabo de madeira, toda martelada no exterior e com um terminal soldado constituído por um espigão com três anéis na base, dois deles ainda com argolas pendentes feitas de arame dobrado e martelado.

Dimensões: comp. – 93,6
diâm. base – 17.3
argolas diâm. – 12/13
Esp. – 3mm.

Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 89, Est. IX, 5 Est. XIV, 3 (esq.); Silva A.C.F. 1986b, 312 (M. cult. 13), Est. XCVIII, 6.
Depósito: MUCV.

319 (M. cult. 14) Peça circular de bronze decorada. Fase IA. **Est. XCVI,7**

Frag. de coroa circular composta de uma fita de três arames justapostos com alinhamento interno de pequenos círculos, que seriam em número de dezasseis, dos quais existem duas metades.

Dimensões: coroa circular diâm. – 87/80/71
Esp. – 3/3,5
círculos diâm. – 10
Esp. – 2mm.

Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 89, Est. IX, 2; Silva A.C.F. 1986b, 313 (M. cult. 14), Est. XCVI, 7.
Depósito : MUCV.

320 (M. cult. 15) Espeto articulado de bronze. Fase IA. **Est. XCV,7A-C**

Longa lâmina de secção rectangular, encurvada por deformação, decrescente para a extremidade e punho de secção circular com remate em argola, fracturada, e espessado na parte inferior onde gira, numa gola, uma peça articulada (7C), servindo de guardamão, composta por um corpo central em anel com três caneluras laterais, uma extremidade em bico com vestígios de possível estilização zoomórfica, e outra extremidade em botão perfurado onde se encaixa uma argola, fracturada, de secção quadrangular.

Dimensões: comp. – 560
punho comp. – 125
esp. – 6
lâmina comp. máx. – 435
larg. máx. (central) – 5x7mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul BAI 73.
Bibliografia: Silva Ce.T. 1979, Est. V; Kalb 1980, Abb. 9:43, n.º 21; Coffyn 1983, p. 184, Fig. 3:9 e 1985, p. 55, 178, Pl. LVIII, 5; Silva A.C.F. 1986b, 314 (M. cult. 15), Est. XCVIII, 7A-C; MNA 1996, p. 185:4, 48.
Depósito: MUCV.

321 (M. cult. 16) Espeto de bronze. Fase IIA. **Est. XCIV,1A-B**

Longa lâmina solidária com o punho e com as guardas, sendo todos estes elementos de secção quadrangular e estando firmemente unidos por um bolo esferóide maciço recoberto por protuberâncias e bolhas de fundição e com um anel envolvendo a parte superior da lâmina. As guardas distribuir-se-iam em duas elipses para cada lado da empunhadura, conservando-se uma aparentemente completa e outra com os arranques truncados. O punho desenvolve-se, presumivelmente no prolongamento da lâmina, dobrando na parte superior em arco e incluíndo a extremidade no bolo de união com as guardas.

Dimensões: comp. – 875
punho comp. – 125
larg. máx. – 37
lâmina comp. – 750
esp. máx. – 7
bolo Esp. – 35/40mm.
Procedência: encontrado em 1920 na Bouça do Custódio, Monte da Costa Figueira, Vilela, Paredes, associado ao carro votivo (Est. XCIV,2).
Bibliografia: Freitas E. 1923; Coffyn 1983, p. 184 e 1985, p. 55 e 395, n.º 271; Silva A.C.F. 1986b, 315 (M. cult. 16), Est. XCVII, 1A-B.
Depósito: MSMS.

322 (M. orn. 1) Bracelete de bronze em fita larga decorada. Fase IA. **Est. XCVI, 1A-B**

Aro aberto de perfil ovalado feito de uma larga fita rectangular com os cantos arredondados; superfície interna lisa e superfície externa totalmente decorada com dezasseis caneluras horizontais e paralelas entre duas zonas de três triângulos incisos, internamente preenchidos com linhas paralelas a um dos lados, colocados nas extremidades.

Dimensões: comp. – 178
larg. – 58
esp. – 1.5/3mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul. Depósito de fundidor BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 90, Est. X, 1; Silva A.C.F. 1986b, 316 (M. orn. 1), Est. XCIX, 1A-B.
Depósito: MUCV.

323 (M. orn. 2) Bracelete de bronze em fita larga decorada. Fase IA. **Est. XCVI, 2A-B**

Par do n.º 1, com quatro triângulos, igualmente preenchidos, nas zonas laterais. Muito fracturado e com falhas.

Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 90, Est. X, 2; Silva A.C.F. 1986b, 317 (M. orn. 2), Est. XCIX, 2A-B.
Depósito: MUCV.

324 (M. orn. 3) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI, 3A-B**

Aro aberto e maciço de forma subcircular e secção circular decrescente para as extremidades alargando em pequeno botão, com o aro martelado nos planos laterais; a parte interna é lisa e a parte externa mostra decoração simétrica de motivos geométricos levemente incisos nas zonas central e laterais, sendo composta a decoração das extremidades de séries de incisões oblíquas dispostas em espinha e a decoração da zona central de motivo similar alternando com uma composição de ângulos contrapostos formando losango constituídos por linhas quebradas paralelas com incisões oblíquas no interior.

Dimensões: eixo maior – 70
menor – 68
esp. máx. – 9 mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 91, Est. X, 3; Silva A.C.F. 1986b, 318 (M. orn. 3), Est. XCIX, 3A-B.
Depósito: MUCV.

325 (M. orn. 4) Bracelete maciço de bronze decorado. Fase IA. **Est. XCVI, 4A-B**

Idêntico ao n.º anterior, de arco mais regular e com distinção menos clara das zonas decoradas.

Dimensões: eixo maior – 73
eixo menor – 66
esp. máx. – 9mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 91, Est. X, 4; Silva A.C.F. 1986b, 319 (M. orn. 4), Est. XCIX, 4A-B.
Depósito: MUCV.

326 (M. orn. 5) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI,5A**
Idêntico aos dois anteriores, de secção subcircular, sem decoração e ainda com rebarbas de fundição.
Dimensões: eixo maior – 71
eixo menor – 63
esp. máx. – 7/8mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 91, Est. X, 5A; Silva A.C.F. 1986b, 320 (M. orn. 5), Est. XCIX, 5A.
Depósito: MUCV.

327 (M orn. 6) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI,5B**
Idêntico a Est. XCIX,5A. Fracturado.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 91, Est. X, 5B; Silva A.C.F. 1986b, 321 (M. orn. 6), Est. XCIX, 5B.
Depósito: MUCV.

328 (M. orn. 7) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI,5C**
Idêntico a Est. XCIX,5A. Fracturado.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 91, Est. X, 5C; Silva A.C.F. 1986b, 322 (M. orn. 7), Est. XCIX, 5C.
Depósito: MUCV.

329 (M. orn. 8) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI,5D**
Idêntico a Est. XCIX,5A. Ausência de uma extremidade fracturada.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 91, Est. X, 5D; Silva A.C.F. 1986b, 323 (M. orn. 8), Est. XCIX, 5D.
Depósito: MUCV.

330 (M. orn. 9) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI,6**
Aro aberto de perfil simétrico, externamente subcircular e internamente ovalado espessado nas zonas laterais e de secção circular.
Dimensões: eixo maior – 58
menor – 56
Esp. – 2/8mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Kalb 1978, p.114, Abb. 1, n.° 1 e 1980, p.45, Abb. 9:43, n.° 20; Silva Ce. T. 1979, Est. I, 2; Silva A.C.F. *et alii* 1984, Est. X, 6; Silva A.C.F. 1986b, 324 (M. orn. 9), Est. XCIX, 6.
Depósito: MUCV.

331 (M. orn. 10) Bracelete maciço de bronze. Fase IA. **Est. XCVI,7**
Aro aberto de perfil elíptico e secção circular alargando nas extremidades em campânula.
Dimensões: eixo maior – 80
eixo menor – 75
esp. – 12
campânula diâm. – 20 mm.
Procedência: Norte de Portugal.
Bibliografia: López Cuevillas 1951c, p. 65, Fig. 47; Silva A.C.F. 1986b, 325 (M. orn.10), Est. XCIX, 7.
Depósito: MNSR.

332 (M. orn. 11) Bracelete de bronze. Fase IIA. **Est. XCVI,8**
Aro maciço aberto de perfil ovalado e secção biconvexa com remates campanulares troncocónicos com dois toros e um disco na extremidade.
Dimensões: eixo maior – 57
menor – 52
aro Esp. – 7mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães. 11/ 9/1877.
Bibliografia: Cardozo 1980, Est. XXXVIII, e; López Cuevillas 1951c, p. 61, Fig. 40; Silva A.C.F. 1986b, 326 (M. orn. 11), Est. XCIX,8.
Depósito: MSMS.

333 (M. orn. 12) Bracelete de bronze. Fase III(?). **Est. XCVI,9**
Aro maciço aberto de perfil elíptico com a parte externa estriada com nervuras e cordas e a parte interna lisa e com botões terminais esferóides com anéis nervurados na zona de ligação ao aro e disco e esférula nas pontas.
Dimensões: eixo maior – 63
menor – 52
aro Esp. máx. – 8mm.
Procedência: Crastas de Santiago, Nogueira da Montanha.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 327 (M. orn. 12), Est. XCIX,9.
Depósito: MRF.

334 (M. orn. 13) Disco de bronze. Fase I. **Est. XCVII, 1**

Disco circular com dois eixos cruzados perpendicularmente feito por recorte de lâmina de bronze e com orifício de suspensão no aro.

Dimensões: diâm. – 62
aro/eixos larg. méd. – 9
Esp. – 3.5mm.
Procedência: Castro de Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima.
Bibliografia: Almeida *et alii* 1981, p. 70. Est. XXXII, 7; Silva A.C.F. 1986b, 328 (M. orn. 13), Est. C, 1.
Depósito: MTILPL.

335 (M. orn. 14) Dupla argola de bronze. Fase IA. **Est. XCVII,5**

Dois aros, um maior e outro menor, unidos no mesmo plano em forma de 8, feitos a partir de arame de secção circular, irregulares.

Dimensões: argola maior diâm. – 39
Esp. – 4.5
argola menor diâm. – 19
Esp. – 4.5mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, BAI 83.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, Est. XI, 4; Silva A.C.F. 1986b, 329 (M. orn. 14), Est. C, 5.
Depósito: MUCV.

336 (M. orn 15) Dupla argola de bronze. Fase IA. **Est. XCVII,6**

Idêntica à anterior
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, Est. XI, 5; Silva A.C.F. 1986b, 330 (M. orn. 15), Est. C, 6.
Depósito: MUCV.

337 (M. orn. 16) Dupla argola de bronze. Fase IA. **Est. XCVII, 7**

Dupla argola, arqueada de anverso convexo e reverso côncavo, e perfil subtriangular, com base em barra alargada e perfurada por um alinhamento de oito orifícios regulares; a parte superior é constituída por uma pequena argola no prolongamento do arco da argola inferior.

Dimensões: alt. – 36
base comp. – 44.5
larg. – 9
esp. – 7.5
orifícios diâm. méd. – 4mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 92, Est. XI, 1, XIV, 3, esq.; Silva A.C.F. 1986b, 331 (M. orn. 16), Est. C, 7.
Depósito: MUCV.

338 (M. orn. 17) Dupla argola de bronze. Fase IA. **Est. XCVII, 8**

Idêntica à anterior, a que falta a argola superior, parte do arco da inferior e um extremo da base.

Dimensões: comp. máx. – 40
alt. máx. – 1 mm
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 92, Est. XI, 2; Silva A.C.F. 1986b, 332 (M. orn. 17), Est. C, 8.
Depósito: MUCV.

339 (M. orn. 18) Dupla argola de bronze. Fase IA. **Est. XCVII,9**

Idêntica às anteriores, a que falta a base perfurada e parte do arco da argola inferior.

Dimensões: larg. máx. – 30
alt. máx. – 21mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 92, Est. XI, 3; Silva A.C.F. 1986b, 333 (M. orn. 18), Est. C, 9.
Depósito: MUCV.

340 (M. orn. 19) Pendeloque de bronze. Fase IB. **Est. XCVII, 10**

Peça inteiriça constando de pequeno aro circular e incompleto ligado a haste cilíndrica alargando em campânula com convexidade esférica no interior.

Análise metalográfica: Bronze (Cu/Sn) -10% < Sn < 13%; inclusões de Cu S; inclusões de Pb. (análise de Carlos Sá, CEMUP).
Dimensões: alt. – 39
campânula larg. máx. – 17mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 82 D3 (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 334 (M. orn. 19), Est. C, 10.
Depósito: MMCa.

341 (M. orn. 20) Pendeloque de bronze. Fase IB. **Est. XCVII, 11**

Idêntico ao anterior de menor tamanho e com aro fracturado.

Análise metalográfica: Bronze (Cu/Sn) -10% < Sn < 13%; inclusões de Cu S; inclusões de Pb (análise de Carlos Sá, CEMUP).
Dimensões: alt. – 25
campânula larg. máx. – 14mm.

Procedência: Idem. VIL 83 E3 (06).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 335 (M. orn. 20), Est. C, 11.
Depósito: MMCa.

342 (M. orn. 21) Pendente de xorca de bronze. Fase IA. **Est. XCVII, 12**
Maciço de perfil lunular e secção ovalada e com as extremidades adelgaçadas; parte central mais espessa com desgaste por abrasão de possível aro metálico.
Análise metalográfica: Bronze (Cu/Sn) -9% < Sn < 12%; inclusões de Cu S; inclusões abundantes de chumbo (análise de Carlos Sá, CEMUP).
Dimensões: larg. – 19
alt. – 17
Esp. máx. – 9.8mm
Procedência: Idem. VIL 80 C (01).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 336 (M. orn. 21), Est. C, 12.
Depósito: MMCa.

343 (M. orn. 22) Pendente de xorca de bronze. Fase IA. **Est. XCVII, 13**
Idêntico ao anterior, de menores dimensões e com ponta fracturada.
Análise metalográfica: Bronze (Cu/Sn) -11.5% < Sn < 13%; inclusões de Cu S (análise de Carlos Sá, CEMUP).
Dimensões: larg. – 16
alt. – 14
Esp. máx. – 7mm.
Procedência: Silva A.C.F. 1986b, 337 (M. orn. 22), Est. C, 13. VIL 82 D3 (07).
Depósito: MMCa.

345 (M. orn. 23) Pendente de xorca (?) de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 14**
Perfil similar ao anterior, mas oco.
Dimensões: alt. – 15
larg. – 15
esp. máx. – 4mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Cardozo 1968b, p. 294, fig. 3:2; Silva A.C.F. 1986b, 338 (M. orn. 23), Est. C, 14.
Depósito: MSMS.

346 (M. orn. 24) Pendente de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 15**
Congénere do anterior, oco.
Dimensões: alt. – 15
larg. – 16
esp. máx. – 3mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Cardozo 1968b, p. 294, fig. 3:2; Silva A.C.F. 1986b, 339 (M. orn. 24), Est. C, 15.
Depósito: MSMS.

347 (M. orn. 25) Pendente de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 16**
Idêntico ao anterior.
Dimensões: alt. – 15
larg. – 15
Esp. máx. – 2mm.
Procedência: Castro de Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima.
Bibliografia: Almeida *et alii* 1981, p. 50-51, fig. XXII, 1; Silva A.C.F. 1986b, 340 (M. orn. 25), Est. C, 16.
Depósito: MTILPI.

348 (M. orn. 26) Conta esférica de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 17**
Conta com decoração embutida de ferro com motivo geométrico de três aspas apontando para um losango.
Dimensões: diâm. – 10mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 341 (M. orn. 26), Est. C, 17.
Depósito: MACS.

349 (M. orn. 27) Conta esférica de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 18**
Conta com decoração gravada de dois SS encadeados.
Dimensões: diâm. – 12mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 342 (M. orn. 27), Est. C, 18.
Depósito: MACS.

400 (M. fib. 47) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32a). **Est. CI,7**
Areo de secção pentagonal, fracturado na extremidade, com três zonas decorativas sendo a central emoldurada com nervuras e as laterais com série de anéis transversais, pé alto dobrado em arco com apêndice em balaustre em posição oblíqua encostado ao arco. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 39
alt. – 26 mm.
Procedência: Castro de Santo Ovídio, Fafe.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 27; Silva A.C.F. 1986b, n.º 393 (M. fib. 47, Est. CIV, 7).
Depósito: UAUM.

401 (M. fib. 48) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32a). **Est. CI,8**
Arco de secção subtriangular com três zonas decorativas, sendo a central emoldurada com nervuras e as laterais com séries de anéis transversais; conserva o olhal do eixo; pé fracturado pela dobra. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 44
alt. – 33 mm.
Procedência: Região de Chaves.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 28; Silva A.C.F. 1986b, 394 (M. fib. 48), Est. CIV, 8.
Depósito: MRF.

402 (M. fib. 49) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32a). **Est. CI,9**
Arco de secção losângica, fracturado na extremidade, com zona central do dorso ornamentada longitudinalmente com sete nervuras, sendo a central sobreelevada e com decoração em espinha entre elas; pé fracturado pela dobra. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 48
alt. – 27 mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 395 (M. fib. 49), Est. CIV, 9; Gomes J.M.F. 1996, 292 (M. fib. 7), Est. LVII:7; Ponte 2001, n.º 25.
Depósito: IAFCUP.

403 (M. fib. 50) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32c). **Est. CI,10**
Arco de secção subtriangular fracturado na extremidade, com zona central do dorso decorada longitudinalmente por uma nervura sobreelevada na linha média e por duas séries de incisões circulares transversais na extremidade; pé alto dobrado em arco com apêndice em balaustre em posição oblíqua para o arco. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 50
alt. – 32 mm.
Procedência: Monte Mozinho, Penafiel.
Bibliografia: Almeida 1977, p. 16, Est. 1, 3; Ponte 1984, n.º 25; Soeiro 1984, Fig. XCIV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 396 (M. fib. 50), Est. CIV, 10.
Depósito: MMP.

404 (M. fib. 51) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32b). **Est. CI,11**
Arco de secção subtriangular fracturado na extremidade, com zona central do dorso decorada longitudinalmente por uma nervura sobreelevada na linha média e incisões transversais nos extremos; pé alto dobrado em arco com apêndice em balaustre em posição vertical rematado por um cabuchão. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 29
alt. – 19 mm.
Procedência: Colina de Maximinos, Braga.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 31 e Ponte 2001, nº 129; Silva A.C.F. 1986b, 397 (M. fib. 51), Est. CIV, 11.
Depósito: UAUM.

405 (M. fib. 52) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32b). **Est. CI,12**
Arco de secção subcircular decorado longitudinalmente com duas nervuras geminadas na linha média do dorso. Ausência de mola, eixo, fusilhão e pé.
Dimensões: comp. – 23
alt. – 15mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 398 (M. fib.52), Est. CIV, 12.
Depósito: MACS.

406 (M. fib. 53) Fíbula de bronze. Tipo transmontano (Ponte 32b). **Est. CI,13**
Arco de secção subtriangular com linha média da zona central do dorso vincada e extremos com caneluras profundas. Ausência de mola, eixo, fusilhão e pé.
Dimensões: comp. – 28
alt. – 14mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 6 e 1986b, 399 (M. fib. 53), Est. CIV, 13; Ponte 1984, n.º 30.
Depósito: MACS.

407 (M. fib. 54) Fíbula de prata e bronze de longo travessão sem espira (Ponte 39b). Fase III. **Est. CI,14**
Travessão fusiforme com a parte central cilindrica e lisa revestida por fina camada de prata (A) ladeada por dois troncos de cone de bronze decorados com gregas de prata incrustada (B-B', C) com vestígios da placa do arco soldada longitudinalmente (D) e com as

FÍBULAS TIPO SABROSO – Gráfico 5

	PROCEDÊNCIA	REFERÊNCIA Est.	N.º	ARCO: Secção: circular	biconvexa	plano-convexa	triangular	losângica	trapezoidal	pentagonal	hexagonal	octogonal	ARCO: Decoração do dorso: liso	vincado	facetado	nervurado	canelado	PÉ: Dobra: em ângulo	em arco	Apêndice Caudal: Posição: ∢ obtuso	∢ recto	∢ agudo	Secção: circular	plano-convexa	quadrangular	rectangular	fita	losângica	Forma: largo disco	largo disco/gola	duplo disco	pequeno disco/gola	duplo disco	pequeno disco/cone	botão	balaustre 1	balaustre 2	balaustre 3	balaustre 4
	Sabroso	XCVIII	3			X							X					X			X				X				X										
	Sanfins		4			X								X				X		X					?			X											
	Briteiros		5								X				X				X	–	–	–			X				X										
	Briteiros		6						X						X				X	X					X				X										
	Briteiros		7						X						X			X		X						X			X										
	Briteiros		8			X							X					X				X				X			X										
A	Briteiros		9				X							X					X		X					X			X										
	Briteiros		10					X							X			X		X					X				X										
	Terroso		11			X		X							X			X			X				X				X										
	Briteiros		12								X				X				X	X					X				X										
	Briteiros		13			X							X					X				X			X				X										
	Briteiros		14			X							X					X				X			X				X										
	Sabroso	XCIX	1				X							X					X		X			X							X							
	Sanfins		2				X							X					X			X	X	X							X							
	Briteiros		3				X							X					X		X			X							X							
	Sanfins		4			X							X					X		X				X									X					
	Briteiros		5			X							X						X	X				?							X							
	Briteiros		6								X			X				X			X		X							X							
B	Briteiros		7								X			X					X	X				X							X							
	Briteiros		8								X			X					X	X				X							X							
	Sabroso		9									X		X					X		X			X							X							
	Briteiros		10	X									X						X	X			X							X							
	Briteiros		11	X									X						X	X			X							X							
	Sabroso		12	X									X						X			X					X							X				
	Briteiros	C	1	X									X					X			X		X												X			
	Sabroso		2								X				X				X	X				X												X			
	Padrão		3			X								X					X	X				–	–	–	–	–	–							X			
	Sabroso		4		X											X		X		X				–	–	–	–	–	–							X			
	Terroso		5				X									X		X			X						X										X		
	Briteiros		6				X									X	X		X	X				–	–	–	–	–	–								X		
C	Briteiros		7				X									X		X			X			–	–	–	–	–	–								–	–	–	–
	Sabroso		8					X								X		X							X												X			
	Briteiros		9		X											X			X	X				–	–	–	–	–	–											?
	Sabroso		10		X											X		X					X		X												X			
	Sabroso		11		X											X			X		X			–	–	–	–	–	–									X		
	Sabroso		12		X											X		X		X				–	–	–	–	–	–											X
	Terroso		13					X							X				X	X				–	–	–	–	–	–									X		

FÍBULAS TIPO SANTA LUZIA

	Santa Luzia	CI	1				X							X						X		X				X			X												
	Sanfins		2				X							X						X		X		?			?			X											
A	Briteiros		3									X				X				X				X			X			X											
	Romariz		4									X				X				–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
B	Santa Luzia		5									X				X				X		X					X							X							
C	Sanfins		6				X							X						X			X				?										X			

VARIANTE: A B C

350 (M. orn. 28) Conta esférica de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 19**

Conta com decoração embutida de dois meandros simétricos ladeando segmento de recta.
Dimensões: diâm. – 18 mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 343 (M. orn. 28), Est. C, 15.
Depósito: MMVC.

351 (M. orn. 29) Machado votivo de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 2A-C**

Pequeno machado de duas pontas espessando para a zona central com olhal de encabamento circular. Pontas adelgaçando para a extremidade e encurvadas para o cabo com zona decorada na ponta inferior, imitando corda entrançada apertando cunhos.
Dimensões: comp. – 86
olhal Esp. máx. – 13
diâm. – 9mm.
Procedência: Castro de S. João de Rei, Póvoa de Lanhoso.
Bibliografia: Cardozo 1935, p. 301, Fig. 5; Monteagudo 1977, p. 268, n.° 1795, Taf. 124:1795; Silva A.C.F. 1986b, 344 (M. orn. 29), Est. C, 2A-C.
Depósito: MSMS (reprodução).

352 (M. orn. 30) Machado votivo de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 3A-B**

Similar do anterior, com zona de encabamento destacada por duas nervuras transversais de ambos os lados e ponta superior mais recurvada para o cabo.
Dimensões: comp. – 77
olhal Esp. máx. – 11
diâm. – 6mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães, 1934.
Bibliografia: Cardozo 1935, p. 294, fig. 4 e 1980, Est. XXIX, 3; Monteagudo 1977, p. 268, n.° 1797, Taf. 124:1797; Silva A.C.F. 1986b, 345 (M. orn. 30), Est. C, 3A-B.
Depósito: MSMS.

353 (M. orn. 31) Machado votivo de bronze. Fase III. **Est. XCVII, 4A-B**

Similar dos anteriores, mas de lâmina plana espessada na zona do encabamento com uma nervura transversal de cada lado e ponta inferior alargada em cunha destacando-se da lâmina e com pequena argola de suspensão na zona média interna.
Dimensões: comp. – 72
olhal Esp. máx. – 9
diâm. – 5 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães, 1878.
Bibliografia: Cardozo 1935, p. 294, Fig. 1 e 1980, Est. XXIX,2; Monteagudo 1977, p. 268, n.° 1798, Taf. 124:1798; Silva A.C.F. 1986b, 346 (M. orn. 31), Est. C, 4A-B.
Depósito: MSMS.

354 (M. fib. 1) Fíbula de bronze Tipo Bencarrón (Ponte 10b/2). Fase IA. **Est. XCVIII,1**

Fíbula completa com arco, mola, pé e fusilhão feitos de uma só barra de bronze martelada mais um eixo também de bronze. Fita tubulada no pé, arco espalmado, de secção rectangular, com arestas ligeiramente boleadas na parte superior e mola bilateral, de corda interior ao arco, de secção circular,com duas espiras de um lado e três do outro, donde sai o fusilhão de secção também circular e com extremidade pontiaguda.
Análise metalográfica: Bronze (Cu/Sn) -2,5%< Sn< 3%; inclusões de sulfureto de cobre e ferro; inclusões raras de Pb (análise de Carlos Sá, CEMUP).
Dimensões: comp. – 90
alt. – 33mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 82 AI (04), 3.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 347 (M. fib. 1), Est. CI, 1; Ponte 2001, n.º 38; Lopes 2003, p. 81:2 (Fig.).
Depósito: MMCa.

355 (M. fib. 2) Fíbula de bronze. Tipo Acebuchal (Ponte 9b/2.2). Fase IB. **Est. XCVIII,2**

Fíbula fracturada e torcida com arco, mola, fusilhão e pé feitos de uma só peça de arame de bronze de secção circular mais um eixo também de bronze.
Fusilhão que se divide em mola bilateral com eixo introduzido no interior e com espiras geométricas, oito de um lado e oito de outro, que se prolongam num arco de perfil semioval e que se juntam num pé espalmado e tubulado.
Dimensões: comp. – 65
alt. – 23mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho. Caminha. VIL 82 D4 (07), 1.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 348 (M. fib. 2), Est. CI, 2; Ponte 2001, nº 31; Lopes 2003, p. 81:1 (Fig.).
Depósito: MMCa.

356 (M. fib. 3) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,3**

Arco de secção plano-convexa, mola fracturada de que se conserva a primeira estria no prolongamento do arco; vestígios de eixo de ferro; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção rectangular em posição vertical rematado por largo disco. Ausência de fusilhão.
Dimensões: comp. – 37
alt. – 18mm.

Procedência: Castro de Sabroso. Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 349 (M. fib.3), Est. CI, 3.
Depósito: MSMS

357 (M. fib. 4) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). Fase III. **Est. XCVIII,4**
Arco de secção plano-convexa fracturado na extremidade; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção rectangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por largo disco. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 33
alt. – 18mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 350 [5] e 1974, Fig. 17, [10]; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 3 e 1986a, Est. XX, 3 e 1986b, 350 (M.fib. 4), Est. CI, 4 e 1999b, 1.3.20; Ponte 1984, n.º 10.
Depósito: MACS.

358 (M. fib. 5) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,5**
Arco de secção hexagonal, irregular, internamente plano e facetado no dorso; mola bilateral com dezasseis espiras, dez de um lado e seis doutro, sobre eixo de bronze; metade do fusilhão no prolongamento de uma espira central; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por largo disco com gola.
Dimensões: comp. – 44
alt. – 27mm.
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 3 e 2001, nº 85; Silva A.C.F. 1986b, 351 (M. fib. 5), Est. CI, 5.
Depósito: MSMS.

359 (M. fib. 6) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,6**
Arco de secção trapezoidal; mola bilateral de que se conservam dez espiras, oito de um lado ainda completo mais duas do outro lado, sobre um eixo de bronze facetado com botões terminais em tambor com três e quatro nervuras; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por largo disco com gola. Ausência de fusilhão.
Dimensões: comp. – 35
alt. – 21mm.
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 4 e 2001, nº 87; Silva A.C.F. 1986b, 352 (M. fib. 6), Est. CI, 6.
Depósito: MSMS.

360 (M. fib. 7) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,7**
Arco de secção trapezoidal; mola fracturada de que se conserva a primeira espira; vestigios de eixo de ferro; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção rectangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por largo disco com gola. Ausência de fusilhão.
Dimensões: comp. – 44
alt. – 18mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Vasconcellos 1903a, p. 19. Fig. 4; Fortes 1905-08a, p. 20, Fig. 12; Ponte 1984, n.º 7 e 2001, n.º 90; Silva A.C.F. 1986b, 353 (M. fib.7), Est. CI, 7.
Depósito: MSMS.

361 (M. fib. 8) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,8**
Arco de secção plano-convexa; arranque de mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção rectangular em posição inclinada para o arco rematado por largo disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 35
alt. – 16mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 354 (M. fib.8), Est. CI, 8.
Depósito: MSMS.

362 (M. fib. 9) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,9**
Arco de secção subtriangular fracturado na extremidade; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção rectangular em posição vertical rematado por largo disco com gola. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 36
alt. – 16mm.
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 355 (M. fib.9), Est. CI, 9.
Depósito: MSMS.

363 (M. fib. 10) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,10**
Arco de secção trapezoidal; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por largo disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 44
alt. – 20mm.

Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 356 (M. fib.10), Est. CI, 10.
Depósito: MSMS.

364 (M. fib. 11) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,11**
Arco de secção plano-convexa espalmado para a extremidade em secção trapezoidal; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição vertical e rematado por largo disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 34
alt. – 17mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 357 (M. fib.11), Est. CI, 11; Gomes J.M.F. 1996, 286 (M.fib.1), Est. LVII.
Depósito: IAFCUP.

365 (M. fib. 12) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A (Ponte 22a). **Est. XCVIII,12**
Arco de secção hexagonal irregular, internamente plano e facetado no dorso; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por largo disco com gola; descanso com estrias verticais. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 56
alt. – 35mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 358 (M. fib.12), Est. CI, 12;
Depósito: MSMS.

366 (M. fib. 13) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A. (Ponte 22a). **Est. XCVIII,13**
Arco de secção plano-convexa; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição inclinada para o arco rematado por largo disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 49
alt. – 39mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 359 (M. fib.13), Est. CI, 13.
Depósito: MSMS.

367 (M. fib. 14) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso A. (Ponte 22a). **Est. XCVIII,14**
Arco de secção plano-convexa fracturado na extremidade; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição inclinada para o arco rematado por largo disco com gola deteriorado por oxidação. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 49
alt. – 41mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 360 (M. fib.14), Est. CI, 14.
Depósito: MSMS.

368 (M. fib. 15) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 1**
Arco de secção triangular laminar com sinais de martelagem; mola bilateral com doze (6 + 6) espiras; fusilhão completo; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular com arestas boleadas espessado em bolbo na extremidade em posição vertical e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo.
Dimensões: comp. – 42
alt. – 29mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Vasconcellos 1903a, p. 19, Fig. 5; Ponte 1984 e 2001, n.º 84, n.º 2; Silva A.C.F. 1986b, 361 (M. fib. 15), Est. CII, 1.
Depósito: MSMS.

369 (M. fib. 16) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). Fase III. **Est. XCIX, 2**
Arco de secção triangular fracturado na extremidade; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção circular espessando em bolbo para a extremidade em posição inclinada para o arco e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 46
alt. – 34mm.
Procedência: Citânia de Sanfins , Paços de Ferreira.
Bibliografia: Coelho *et alii* 1959, p.277, Fig.3, n.º 2; Paço 1968a, p.350 [2] e 1974 Fig.17, [6]; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 2 e 1986a, Est. XX, 4 e 1986b, 362 (M.fib. 16), Est. CII, 2 e 1999b, 1.3.21; Ponte 1984, n.º 5 e 2001, n.º 89.
Depósito: MACS.

370 (M. fib. 17) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 3**
Arco de secção triangular; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção circular em posição vertical e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 46
alt. – 27mm.

Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 363 (M. fib.17), Est. CII, 3.
Depósito: MSMS.

371 (M. fib. 18) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). Fase III. **Est. XCIX, 4**
Arco de secção plano-convexa; mola fracturada de que se conserva a primeira espira; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior e rematado por um tronco de cone e pequeno disco. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 65
alt. – 38mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 350 [1]; Silva A.C.F. 1983a Est. XI, 1 e 1986a, Est. XX, 1 e 1986b, 364 (M. fib. 18), Est. CII, 4 e 1999b, 1.3.22.
Depósito: MACS.

372 (M. fib. 19) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 5**
Arco de secção semicircular; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior e rematado por pequeno arco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 44
alt. – 22mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 365 (M. fib.19), Est. CII,5.
Depósito: MSMS.

373 (M. fib. 20) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 6**
Arco de secção hexagonal irregular, internamente plano e facetado no dorso; vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção circular em posição vertical e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 37
alt. – 25mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 366 (M. fib.20), Est. CII, 6.
Depósito: MSMS.

374 (M. fib. 21) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 7**
Arco de secção hexagonal irregular, internamente plano e facetado no dorso, fracturado na extremidade; pé dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 49
alt. – 30mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 367 (M. fib.21), Est. CII, 7.
Depósito: MSMS.

375 (M. fib. 22) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 8**
Arco de secção hexagonal irregular, internamente plano e facetado no dorso; mola fracturada de que se conservam quatro espiras; vestígios de eixo de ferro; pé dobrado em arco com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 37
alt. – 19mm.
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 368 (M. fib.22, Est. CII, 8).
Depósito: MSMS.

376 (M. fib. 23) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 9**
Arco de secção octogonal; mola fracturada de que se conservam cinco espiras; pé dobrado cm arco com apêndice de secção quadrangular em posição vertical e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 47
alt. – 24mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 17, Fig. 6; Silva A.C.F. 1986b, n.º 369 (M. fib. 23), Est. CII, 9.
Depósito: MSMS.

377 (M. fib. 24) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 10**
Arco de secção circular; mola fracturada de que se conservam duas espiras; pé dobrado em arco com apêndice de secção circular em posição oblíqua para a parte posterior e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 49
alt. – 26mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 370 (M. fib.24, Est. CII, 10).
Depósito: MSMS.

378 (M. fib. 25) Fíbula de bronze.Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 11**
Arco de secção circular; vestígios da primeira espira da mola; pé dobrado em arco com apêndice de secção circular em posição oblíqua para a parte posterior e rematado por pequeno disco com gola. Ausência de eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 53
alt. – 25mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 371 (M. fib.25), Est. CII, 11.
Depósito: MSMS.

379 (M. fib. 26) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso B (Ponte 22a). **Est. XCIX, 12**
Arco de secção circular fracturado na extremidade; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção losângica em posição inclinada para o arco e rematado por pequeno botão com gola. Ausência de mola, eixo e fusilhão.
Dimensões: comp. – 40
alt. – 23mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 17, Fig. 4; Ponte 1984, n.° 19; Silva A.C.F. 1986b, 372 (M. fib.26), Est. CII, 12.
Depósito: MSMS.

380 (M. fib. 27) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,1**
Arco de secção circular espalmado na extremidade; mola bilateral com oito espiras, quatro de cada lado; arranque de fusilhão de secção circular no prolongamento da mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção circular em posição vertical e bolboso na parte média em balaustre vasiforme. Ausência de eixo.
Dimensões: comp. – 34
alt. – 19mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 17, Fig. 5; Ponte 1984, n.° 1 e 2001, n.º 86; Silva A.C.F. 1986b, 373 (M. fib. 27), Est. CIII, 1.
Depósito: MSMS.

381 (M. fib. 28) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C. (Ponte 22a). **Est. C,2**
Arco de secção pentagonal com vinco longitudinal no dorso; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção plano-convexa em posição oblíqua para a parte posterior rematado por balaustre vasiforme. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 38
alt. – 24mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 374 (M. fib.28), Est. CIII, 2.
Depósito: MSMS.

382 (M. fib. 29) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,3**
Arco de secção plano-convexa com vinco longitudinal no dorso; pé alto dobrado em arco com apêndice em posição oblíqua para a parte posterior rematado por balaustre vasiforme. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 47
alt. – 25mm.
Procedência: Castro do Padrão, Santo Tirso.
Bibliografia: Ponte 1984, n.° 15; Silva A.C.F. 1986b, 375 (M. fib. 29), Est. CIII, 3.
Depósito: MAPST.

383 (M. fib. 30) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,4**
Arco de secção biconvexa decorado com nervuras longitudinais na linha média e bordos do dorso; pé alto dobrado em ângulo com apêndice em posição oblíqua para a parte posterior rematado por balaustre vasiforme. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 50
alt. – 26mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 18, Fig. 8; Silva A.C.F. 1986b, 376 (M. fib. 30), Est. CIII, 4.
Depósito: MSMS.

384 (M. fib. 31) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,5**
Arco de secção triangular decorado com nervuras longitudinais na linha média e bordos do dorso; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de fita em posição vertical rematado por balaustre vasiforme compósito. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 40
alt. – 26mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82 G9-(04).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 377 (M. fib.31), Est. CIII, 5.
Depósito: MMEHPV.

385 (M. fib. 32) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C. (Ponte 22a). **Est. C,6**
Arco de secção subtriangular decorado longitudinalmente na linha média do dorso com uma nervura central na continuação do pé e com duas caneluras laterais paralelas aos bordos; mola bilateral fracturada de que se conservam quatro espiras do mesmo lado, pé alto dobrado em arco com apêndice de secção rectangular com arestas boleadas em posição oblíqua para a parte posterior rematado por balaustre vasiforme compósito. Ausência de fusilhão e resguardo do descanso partido.

Dimensões: comp. – 47
alt. – 23mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 19, Fig. 11; Ponte 1984, n.º 11 e 2001, n.º 91; Silva A.C.F. 1986b, 378 (M. fib. 32), Est. CIII, 6; Gomes J.M.F. 1996, 289 (M. fib. 4), Est. LVII, 4.
Depósito: MSMS.

386 (M. fib. 33) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,7**
Arco de secção subtriangular decorado longitudinalmente na linha média do dorso por duas nervuras geminadas no prolongamento do pé; mola fracturada de que se conserva a primeira espira; pé alto dobrado em ângulo com apêndice em posição vertical em balaustre truncado. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 41
alt. – 22mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 17 e 2001, n.º 94; Silva A.C.F. 1986b, 379 (M. fib. 33), Est. CIII, 7.
Depósito: MSMS.

387 (M. fib. 34) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,8**
Arco de secção losângica decorado longitudinalmente com duas nervuras geminadas na linha média do dorso e uma em cada bordo; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção plano-convexa em posição oblíqua para a parte posterior rematado por balaustre vasiforme com três anéis. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 49
alt. – 26 mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 380 (M. fib.34), Est. CIII, 8; Gomes J.M.F. 1996, 288 (M.fib.3), Est. LVII, 3.
Depósito: IAFCUP.

388 (M. fib. 35) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,9**
Arco de secção biconvexa decorado longitudinalmente com cinco nervuras no dorso, sendo a central mais saliente; pé alto dobrado em arco com apêndice em posição oblíqua para a parte posterior rematado por balaustre truncado (?). Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 46
alt. – 23 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 16; Silva A.C.F. 1986b, 381 (M. fib. 35), Est. CIII, 9.
Depósito: MSMS.

389 (M. fib. 36) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est.C,10**
Arco de secção biconvexa decorado longitudinalmente com cinco nervuras no dorso, sendo a central mais saliente: vestígios da primeira espira da mola; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção plano-convexa em posição oblíqua inclinado para o arco rematado por balaustre vasiforme compósito.
Dimensões: comp. – 46
alt. – 27 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 382 (M. fib.36, Est. CIII, 10).
Depósito: MSMS.

390 (M. fib. 37) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,11**
Arco de secção biconvexa decorado longitudinalmente com quatro nervuras no dorso, duas delas geminadas, uma com duas estrias, mais salientes na linha central; mola fracturada de que se conserva a primeira espira; pé alto dobrado em arco com apêndice em balaustre encimado por tronco de cone rematado por disco e esférula em posição vertical. Ausência de fusilhão.
Dimensões: comp. – 48
alt. – 32 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 13 e 2001, n.º 92; Silva A.C.F. 1986b, 383 (M. fib. 37), Est. CIII, 11.
Depósito: MSMS.

391 (M. fib. 38) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est. C,12**
Arco de secção biconvexa decorado longitudinalmente com duas nervuras geminadas na linha média do dorso, mola fracturada de que se conserva a primeira espira; pé alto dobrado em ângulo com apêndice em balaustre terminado em haste em posição oblíqua para a parte posterior. Ausência de fusilhão.
Dimensões: comp. – 47
alt. – 32mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 12; Silva A.C.F. 1986b, 384 (M. fib. 38), Est. CIII, 12.
Depósito: MSMS.

392 (M. fib. 39) Fíbula de bronze. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est.C,13**
Arco de secção losângica; pé alto dobrado em arco com apêndice em balaustre em posição oblíqua para a parte posterior. Ausência de mola e fusilhão.

Dimensões: comp. – 54
alt. – 26 mm.
Procedência: Cividade de Terroso. Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 14; Silva A.C.F. 1986b, 385 (M. fib. 39), Est. CIII, 13; Gomes J.M.F. 1996, 290 (M. fib. 5), Est. LVII:5.
Depósito: IAFCUP.

393 (M. fib. 40) Fíbula de bronze inacabada. Tipo Sabroso C (Ponte 22a). **Est.C,14**
Arco de secção circular; pé alto em balaustre distorcido. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. máx. – 61
alt. – 21 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 386 (M. fib.40), Est. CIII, 14.
Depósito: MSMS.

394 (M. fib. 41) Fíbula de bronze. Tipo Santa Luzia (Ponte 23). **Est. CI,1**
Arco de secção plano-convexa; vestígios de eixo de ferro; pé alto dobrado em arco com apêndice de secção rectangular em posição vertical rematado por largo disco. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 65
alt. – 35 mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 22, Fig. 16; Ponte 1981, p. 151 e 2001, n.º 95; Silva A.C.F. 1986b, 387 (M. fib. 41, Est. CIV, 1).
Depósito: MMVC.

395 (M. fib. 42) Fíbula de bronze. Tipo Santa Luzia (Ponte 23). Fase III. **Est. CI,2**
Arco de secção plano-convexa, vestígios de eixo de ferro; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção rectangular em posição vertical rematado por largo disco. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 48
alt. – 30mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 4 e 1986a, Est. XX:2 e 1986b, 388 (M. fib. 42), Est. CIV, 2 e 1999, 1.3.23.
Depósito: MACS.

396 (M. fib. 43) Fíbula de bronze. Tipo Santa Luzia (Ponte 23). **Est. CI,3**
Arco de secção hexagonal com olhal do eixo fracturado; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua inclinado para o arco e rematado por largo disco. Ausência de eixo, mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 52
alt. – 31mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 389 (M. fib.43), Est. CIV, 3.
Depósito: MSMS.

397 (M. fib. 44) Fíbula de bronze. Tipo Santa Luzia (Ponte 23). **Est. CI,4**
Arco de secção hexagonal; vestígios de eixo de ferro; pé truncado pela dobra. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 57
alt. – 33mm.
Procedência: Castro de Romariz. ROM 80 IV A5 (05), 16.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 390 (M. fib. 44), Est. CIV, 4; Ponte 2001, n.º 99.
Depósito: MMSMF.

398 (M. fib. 45) Fíbula de bronze. Tipo Santa Luzia (Ponte 23). **Est. CI,5**
Arco de secção hexagonal; vestígios de eixo de ferro; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição oblíqua para a parte posterior rematado por dois discos sobrepostos. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 43
alt. – 30mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 80 A (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 391 (M. fib. 45), Est. CIV, 5; Gomes J.M.F. 1996, 291 (M. fib. 6), Est. LVII:6; Ponte 2001, n.º 97.
Depósito: MMEHPV.

399 (M. fib. 46) Fíbula de bronze. Tipo Santa Luzia (Ponte 23). **Est. CI,6**
Arco de secção plano-convexa; vestígios de eixo de ferro; pé alto dobrado em ângulo com apêndice de secção quadrangular em posição vertical rematado por balaustre. Ausência de mola e fusilhão.
Dimensões: comp. – 36
alt. – 20 mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
Bibliografia: Paço 1974, Fig. 17, [9]; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 5 e 1986a, Est. XX:5 e 1986b, 392 (M. fib. 46), Est. CIV, 6 e 1999b, 1.3.24; Ponte 1984, n.º 21 e 2001, n.º 98.
Depósito: MACS.

partes laterais (E, F) também de prata rematadas por discos ornamentados com espirais filiformes e esférulas centrais (G, H); vestígios de eixo de ferro no interior. Ausência dos restantes elementos.
Dimensões: comp. – 92
alt. – 16mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães. Escavações de 1875.
Bibliografia: Sarmento 1903, RG 20(2), p. 60-61; Fortes 1905-08a, p. 28, Fig. 28; Fariña 1979, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, 400 (M. fib. 54), Est. CIV, 14.
Depósito: MSMS.

408 (M. fib. 55) Fíbula de prata e bronze de longo travessão sem espira (Ponte 39a). Fase III. **Est. CI,15**
Peça troncocónica de bronze com decoração geométrica feita de incrustações de fios de prata diversamente ordenados dividindo um campo rectangular em pequenos triângulos paralela a B/C do travessão da fíbula anterior. Ausência dos restantes elementos.
Dimensões: comp. – 15
diâm. – 15 mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 7 e 1986a, Est. XX:7 e 1986b, 401 (M. fib. 55), Est. CIV, 15 e 1999b, 1.3.25.
Depósito: MACS.

409 (M. fib. 56) Fíbula de prata e bronze de longo travessão sem espira (Ponte 39b). Fase III. **Est. CI,16**
Frag. travessão com arranque do aro e segmento da placa de união à parte oposta simétrica; disco terminal ornamentado com uma punção central.
Dimensões: comp. – 28 (sem apêndices)
diâm. máx. – 12mm.
Procedência: Citânia de Briteiros (?), Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 402 (M. fib.56, Est. CIV, 16).
Depósito: MSMS.

410 (M. fib. 57) Fíbula de bronze de longo travessão sem espira (Ponte 39b). Fase III. **Est. CI,17**
Frag. similar do anterior, com a placa de união à parte oposta simétrica; disco terminal decorado com plaqueta circular com punção central.
Dimensões: comp. – 29 (sem apêndices)
diâm. máx. – 10mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 403 (M. fib.57), Est. CIV, 17.
Depósito: MSMS.

411 (M. fib. 58) Fíbula de bronze de longo travessão sem espira (Ponte 39b). Fase III. **Est.CI,18**
Frag. terminal do travessão com disco troncocónico decorado com círculos concêntricos e esfera central.
Dimensões: comp. – 23 (sem esfera)
diâm. máx. – 14mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 404 (M. fib.58), Est. CIV, 18.
Depósito: MSMS

412 (M. fib. 59) Fíbula de bronze. Tipo La Tène II (Ponte 26). **Est. CI,19**
Arco de larga fita, fracturado na extremidade, com o dorso ornamentado longitudinalmente por nervuras com decoração em trança; pé alto com apêndice em posição vertical em forma de balaustre com largo disco decorado com esférula sobreposta.
Dimensões: comp. – 36
alt. – 16mm.
Procedência: Colina de Maximinos, Braga.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 40 e 2001, n.º 113; Silva A.C.F. 1986b, 405 (M. fib. 59), Est. CIV, 19.
Depósito: UAUM.

413 (M. fib. 60) Fíbula de bronze. Tipo zoomórfico (Ponte 31). **Est. CI,20**
Arco em forma de leão estilizado, anuro, com juba, olhos e boca e com os membros posteriores sobre peças tubulares para charneira por onde está introduzido o eixo de ferro. Ausência de fusilhão e de descanso que deveria estar nos membros anteriores.
Dimensões: comp. – 18
alt. – 12mm.
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 43 e 2001, n.º 119; Silva A.C.F. 1986b, 406 (M. fib. 60), Est. CIV, 20.
Depósito: MSMS.

414 (M. fib. 61) Fíbula de bronze de charneira e arco triangular (Ponte 41/1a). Fase III B. **Est. CII,1**
Arco de fita decorado no dorso com estrias longitudinais e transversais; charneira com eixo de bronze, pé fracturado com vestígios de descanso. Ausência de fusilhão.
Dimensões: comp. – 68
alt. – 20mm.
Procedência: Monte Mozinho, Penafiel.
Bibliografia: Almeida 1977, p. 23. Est. I, 1; Ponte 1984, n.º 44 e 2001, n.º 213; Soeiro 1984, Fig. CIV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 407 (M. fib. 61), Est. CV, 1.
Depósito: MMP.

FÍBULAS DE CHARNEIRA E ARCO TRIANGULAR (1) E TIPO AUCISSA E AFINS (2-20) – Gráfico 6

Estação	Referência		ARCO																						ARCO/PÉ DECORADO
			Perfil		Secção				Decoração do Dorso											Cartela					
	Est.	N.º	circular	ovulado	plano-convexa	rectangular	pentagonal	octogonal	liso	vincado	nervurado	canelado	denticulado	vazado	pontilhado	punção	incisão	espinha	corda	sem cartela	1. à charneira	2. (à charneira-pé)	2. (à charneira-arco)	
Mozinho	CII	1		X		X						X					X				X			X
Briteiros		2		X	X				X													X		
Briteiros		3	X		X												X		X			X		X
Briteiros		4	X		X												X				X			X
Briteiros		5	X		X												X				X			X
Estela		6	X		X					X							X				X			X
Briteiros		7	X		X					X							X				X			
Terroso		8	X			X					X	X									X			X
Briteiros		9	–	–			X					X									X			X
Sanfins		10		X	X							X				X					X			X
Briteiros		11	X			X									X				X		X			X
Sanfins		12	X			X						X									X			
Sanfins		13	–	–		X						X									X			X
Briteiros		14		X		X									?		X				X			
Coto da Pena		15	X			X							X								X			
Briteiros		16	–	–	X				X			X			?							X		
Briteiros		17	X					X											X			X		
Briteiros		18		X	X										X		X					X		
Âncora		19		X	X							X					X						X	
Briteiros		20	–	–		X							X	X						–	–	–	–	

415 (M. fib. 62) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42a). Fase IIIB. **Est. CII, 2**

Arco de secção plano-convexa feito de uma barra estreita; cartela trapezoidal com charneira com vestígios de eixo de bronze; pé rematado por um botão esferóide. Ausência de fusilhão.

Dimensões: comp. – 43
alt. – 23 mm.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 30, Fig. 34; Ponte 1984, n.º 45; Silva A.C.F. 1986b, 408 (M. fib.62), Est. CV, 2.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Depósito: MSMS.

416 (M. fib. 63) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 3**

Arco de secção plano-convexa com decoração transversal em corda na zona divisória entre o arco e o pé e com incisões na cartela. Ausência de charneira, eixo e fusilhão e pé fracturado.

Dimensões: comp. – 43
alt. – 21 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 409 (M. fib.63), Est. CV, 3.
Depósito: MSMS.

417 (M. fib. 64) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 4**

Arco de secção plano-convexa com decoração transversal de incisões na zona divisória entre o arco e o pé e na cartela; pé rematado por botão periforme. Ausência de charneira, eixo e fusilhão e descanso deteriorado.

Dimensões: comp. – 45
alt. – 20mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 410 (M. fib.64), Est. CV, 4.
Depósito: MSMS.

418 (M. fib. 65) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1a). Fase IIIB. **Est.CII, 5**

Arco de secção plano-convexa com pequena cartela trapezoidal; charneira com eixo fino de bronze e com decoração de incisões na zona divisória entre o arco e o pé; fusilhão fracturado na ponta; pé levantado oblíquamente rematado por pequeno botão esférico aplicado com esférula central; descanso deteriorado.

Dimensões: comp. – 33
alt. – 16mm.
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a. p. 30. Fig. 31; Silva A.C.F. 1986b, 411 (M. fib. 65), Est. CV, 5.
Depósito: MSMS.

419 (M. fib. 66) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42b/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 6**

Arco de secção plano-convexa com vinco na linha média do dorso lateralmente biselado e com incisões transversais na zona divisória entre o arco e o pé e na cartela rectangular; charneira com eixo de bronze com botões terminais quase esféricos; parte de fusilhão, pé rematado por botão de forma idêntica aos terminais do eixo.

Dimensões: comp. – 47
alt. – 23mm.
Procedência: Vila Mendo, Estela, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 412 (M. fib. 66), Est. CV, 6; Gomes J.M.F. 1996, 293 (M. fib. 8), Est. LVII:8; Ponte 2001, n.º 279.
Depósito: MPXII.

420 (M. fib. 67) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42b/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 7**

Arco de secção plano-convexa com vinco na linha média do dorso e incisões transversais na cartela de forma trapezoidal; charneira com eixo de bronze com botões terminais periformes; fragmento de fusilhão; pé com botão também periforme soerguido.

Dimensões: comp. – 32
alt. – 15 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1905-08a, p. 30; Fig. 31; Ponte 1984, n.º 49; Silva A.C.F. 1986b, 413 (M. fib. 67), Est. CV, 7.
Depósito: MSMS.

421 (M. fib 68) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42b/1c). Fase IIIB. **Est. CII, 8**

Arco de fita decorado com três nervuras longitudinais no dorso e caneluras transversais na linha divisória entre o arco e o pé e na cartela de forma rectangular; charneira com eixo de ferro com um botão terminal cilíndrico; fragmento de fusilhão; pé rematado por botão quase esférico.

Dimensões: comp. – 36
alt. – 14mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 82.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 414 (M. fib.68), Est. CV, 8; Gomes J.M.F. 1996, 294 (M. fib. 9), Est. LVII:9.
Depósito: MMEHPV.

422 (M. fib. 69) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42b/1c). Fase IIIB. **Est. CII, 9**

Arco de fita, distorcido, com dorso decorado com duas caneluras longitudinais e com caneluras transversais na cartela e na zona divisória entre o arco e o pé; charneira com eixo de ferro e pé rematado em botão periforme soerguido. Ausência de eixo e fusilhão e descanso fracturado.

Dimensões: comp. – 38
alt. – 6 mm (distorcido).
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 415 (M. fib.69), Est. CV, 9.
Depósito: MSMS.

423 (M. fib. 70) Fibula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 10**

Arco de secção plano-convexa decorado com um alinhamento de punções triangulares contrapostas em denticulado na linha média do dorso e três alinhamentos idênticos na cartela e com caneluras na zona divisória entre o arco e o pé; charneira com eixo de ferro com pequeno botão terminal; fusilhão fracturado na ponta; pé rematado por botão periforme com incrustações de ferro em estrela; descanso fracturado.

Dimensões: comp. – 47
alt. – 21mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 8 e 1986a, Est. XX:8 e 1986b, 416 (M. fib. 70), Est. CV, 10 e 1999b, 1.3.26; Ponte 1984, n.º 52 e 2001, n.º 276.
Depósito: MACS.

424 (M. fib. 71) Fíbula de bronze Tipo Aucissa (Ponte 42c/1c1). Fase IIIB. **Est. CII, 11**

Arco de grossa fita com decoração longitudinal de três fiadas de pontilhado no interior de um espaço rectangular limitado por corda e com cartela também decorada com quatro linhas em corda justapostas; charneira com vestígios de eixo; fragmento de fusilhão, pé rematado por botão ovalado com dois anéis um deles em corda.

Dimensões: comp. – 53
alt. – 25 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 417 (M. fib.71), Est. CV, 11.
Depósito: MSMS.

425 (M. fib. 72) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1c1). Fase IIIB. **Est.CII, 12**

Arco de fita decorado com quatro caneluras longitudinais no dorso e cartela com caneluras transversais; charneira com eixo de bronze. Ausência de fusilhão e pé fracturado.

Dimensões: comp. – 44
alt. – 31mm
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. SAN 78 A I E.
Bibliografia: Silva A.C.F.-Centeno 1980, p. 68, Est. VIII, 1; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 10 e 1986b, 418 (M. fib. 72), Est. CV, 12.
Depósito: MACS.

426 (M. fib. 73) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1c1). Fase IIIB. **Est. CII, 13**
Arco de fita decorada com quatro caneluras longitudinais e cartela rectangular com caneluras transversais; charneira com eixo de ferro com um botão terminal periforme; fragmento de fusilhão; pé com botão terminal ovulado.
Dimensões: comp. – 52
alt. – 26mm (distorcida).
Procedência: Citânia de Santins, Paços de Ferreira. SAN 79 1 (02).
Bibliografia: Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 9 e 1986a, Est. XX:9 e 1986b, 419 (M. fib. 73), Est. CV, 13 e 1999b, 1.3.27.
Depósito: MACS.

427 (M. fib. 74) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1c1). Fase IIIB. **Est. CII, 14**
Arco de grossa fita decorada longitudinalmente por duas fiadas de esférulas entre estrias e transversalmente também com estrias e sulcos na linha divisória entre o arco e o pé e na cartela; charneira com eixo de ferro com um botão terminal corroído; pé com botão terminal periforme soerguido; descanso fracturado.
Dimensões: comp. – 51
alt. – 18mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 50; Silva A.C.F. 1986b, 347 (M. fib. 74), Est. CV, 14.
Depósito: MSMS.

428 (M. fib. 75) Fíbula de bronze. Tipo Bagendon (Ponte 43.2). **Est. CII, 15**
Arco de fita com decoração denticulada nos bordos e com cartela trapezoidal; pé fracturado. Ausência de charneira, eixo, fusilhão e botões.
Dimensões: comp. – 47
alt. – 29mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena. Vilarelho, Caminha. VII, 81 AI (01), 8.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 421 (M. fib. 75), Est. CV, 15; Ponte 2001, n.º 283.
Depósito: MMCa.

429 (M. fib. 76) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 16**
Arco distorcido, de secção plano-convexa com duas cartelas, uma maior com charneira trapezoidal e outra mais pequena hexagonal na linha divisória entre o arco e o pé, charneira com eixo com botões terminais periformes. Fusilhão completo distorcido; pé rematado por botão soerguido idêntico aos terminais do eixo.
Dimensões: comp. – 51
alt. – 16mm (distorcida).
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 57 e 2001, n.º 267; Silva A.C.F. 1986b, 422 (M. fib. 76), Est. CV, 16.
Depósito: MSMS.

430 (M. fib. 77) Fibula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1b). Fase IIIB. **Est. CII, 17**
Arco de secção octogonal irregular internamente plano e facetado no dorso, com duas cartelas, uma maior rectangular com charneira e outra mais pequena trapezoidal na linha divisória entre o arco e o pé, decoradas com corda; charneira com eixo com botões terminais periformes; fusilhão completo; pé rematado por botão idêntico aos terminais do eixo.
Dimensões: comp. – 57
alt. – 23mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 56 e 2001, n.º 260; Silva A.C.F. 1986b, 423 (M. fib. 77), Est. CV, 17.
Depósito: MSMS.

431 (M. fib. 78) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa (Ponte 42c/1a). Fase IIIB. **Est. CII, 18**
Arco de secção plano-convexa com duas cartelas rectangulares, uma maior com charneira decorada transversalmente com estrias e pontilhado e outra mais pequena na linha divisória entre o arco e o pé com estrias transversais, charneira com eixo de bronze com um botão terminal esférico; fusilhão fracturado na ponta; pé rematado por botão ovalado.
Dimensões: comp. – 52
alt. – 21mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 424 (M. fib.78), Est. CV, 18.
Depósito: MSMS.

432 (M. fib. 79) Fíbula de bronze. Tipo Iturissa (Ponte 44). Fase IIIB. **Est. CII, 19**
Arco de secção plano-convexa com três cartelas rectangulares, uma maior com charneira decorada com uma canelura com incisões transversais e duas mais pequenas, geminadas, com idêntica decoração na zona divisória entre o arco e o pé; charneira com eixo de bronze com botões terminais cilíndricos; pé rematado por botão hemisférico. Em excepcional estado de conservação.
Dimensões: comp. – 3
alt. – 17mm.
Procedência: Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo. ANC 81 XV L11(02), 32.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 425 (M. fib. 79), Est. CV, 19; Ponte 2001, n.º 284; Lopes 2003, p. 81:7 (Fig.).
Depósito: MMCa.

FÍBULAS ANULARES – Gráfico 7

Fowler	Estação	Referência Est.	N.º	ARCO: Secção: circular	losângica	quadrangular	rectangular	Espessura: uniforme	decrescente	irregular	TERMINAIS: No Alinhament do Arco: indistintos do aro	adelgaçados	espessados	facetados	estriados	botões simples	Exteriores ao Aro em Ω: revirados	espiralados	contracurvados	botões simples	botões estriados	botões bicónicos	botões cónicos	botões em pirâmide	FUSILHÃO: fita enrolada	argola perfurada
Aa	Sabroso	C III	1	X						X		X					X						X		X	
	Sabroso		2	X						X	X														X	
	Sabroso		3	X						X	X														X	
	Santa Luzia		4	X						X	X														X	
	Terroso		5	X						X		X													X	
	Briteiros		6	X						X			X												X	
	Santa Luzia		7	X				X					X												–	
	Briteiros		8	X						X				X											X	
	Briteiros		9	X				X						X											X	
	Briteiros		10	X						X					X										–	
	Sabroso		11	X				X							X										X	
	Briteiros		12	X				X							X										X	
	Briteiros		13	X				X							X										–	
	Santa Luzia		14	X				X							X										–	
	Briteiros		15	X				X							X										X	
A1	Briteiros		16	X				X								X									X	
——	Sanfins	C III	17	X				X									X								X	
B	Sabroso		18	X						X								X							X	
	Sabroso		19	X				X										17							X	
	Briteiros		20	X						X								X							X	
	Mozinho		21	X						X								X							X	
	Sabroso		22	X				X										X							X	
	Sabroso		23	X				X										X							X	
	Sanfins		24	X				X										X							X	
	Sabroso		25	X						X								X							X	
	Terroso		26	X				X										X							–	
	Santa Luzia		27	X						X									X						X	
B1[A]	Mozinho	C IV	1	X						X											X					–
	Sabroso		2	X					X														X			–
	Ervededo		3	X					X														X			X
	Briteiros		4	X					X														X			–
	Sabroso		5	X					X														X			X
	Terroso		6	X					X													X				–
	Sabroso		7	X					X													X				X
	Mozinho		8	X					X													X				X
	Sabroso		9	X					X													X				–
	Arados		10	X					X													X				X
	Arnadelo		11	X					X													X				X
	Ervededo		12	X					X													X				X
	Carvalhelhos		13	X					X													X				X
	Briteiros		14	X					X													X				X
	Santa Comba		15	X					X													X				X
	Sabroso		16	X					X													X				–
	Briteiros		17	X					X													X				X
	Ervededo		18	X					X													X				X
[B]	Sabroso		19		X			X													X					–
	Coto da Pena		20		X				X														X			
	Mozinho		21		X				X														X			–
	Santo Amaro		22		X				X															X		X
	S. Julião		23		X				X													X				–
	Maximinos		24		X				X													X				X
	Sanfins		25			X			X													X				X
	Santa Luzia		26				X		X													X				–

433 (M. fib. 80) Fíbula de bronze. Tipo Bagendon (Ponte 43.1). Fase IIIB. **Est. CII, 20**
Arco composto por três aros paralelos com travessões cilíndricos fixos dos aros por eixos de ferro; charneira com eixo de ferro. Ausência de parte do arco e do pé; vestígios do fusilhão.
Dimensões: comp. – 29
alt. – 19mm (incompleta).
Procedência: Citânia de Briteiros. Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984. n.º 61 e 2001, n.º 282; Silva A.C.F. 1986b, 426 (M. fib. 80), Est. CV, 20.
Depósito: MSMS.

434 (M. fib. 81) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 1**
Aro circular de secção circular de espessura irregular levemente adelgaçado nas extremidades; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 36mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 427 (M. fib.81), Est. CVI, 1.
Depósito: MSMS.

435 (M. fib. 82) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 2**
Aro circular de secção circular de espessura irregular; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 30mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 428 (M. fib.82), Est. CVI, 2.
Depósito: MSMS.

436 (M. fib. 83) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 3**
Aro circular de secção circular de espessura irregular; argola de fusilhão de fita enrolada e haste desaparecida.
Dimensões: diâm. – 29 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 429 (M. fib.83), Est. CVI, 3.
Depósito: MSMS.

437 (M. fib. 84) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 4**
Aro circular deformado de secção circular de espessura irregular; fusilhão de fita enrolada em argola e haste fracturada.
Dimensões: diâm. – 31mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 430 (M. fib.84), Est. CVI, 4.
Depósito: MMVC.

438 (M. fib. 85) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 5**
Aro circular de secção circular de espessura irregular adelgaçado nas extremidades; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 33mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Freire 1965, p. 207, Fig. 1a; Silva A.C.F. 1986b, 421 (M. fib. 85), Est. CVI, 5; Gomes J.M.F. 1996, 295 (M. fib. 10), Est. LVII:10.
Depósito: IAFCUP.

439 (M. fib. 86) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 6**
Aro circular de secção circular de espessura irregular espessado nas extremidades; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 26mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 432 (M. fib.86), Est. CVI, 6.
Depósito: MSMS.

440 (M. fib. 87) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 7**
Aro circular de secção circular com extremidades alargadas. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 29mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 433 (M. fib. 87), Est. CVI, 7.
Depósito: MMVC.

441 (M. fib. 88) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). **Est. CIII, 8**
Aro circular de secção circular de espessura irregular facetado nas extremidades; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 32mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 434 (M. fib.88), Est. CVI, 8.
Depósito: MSMS.

442 (M. fib. 89) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a.). Est. CIII, 9
Aro circular de secção circular facetado nas extremidades; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 32mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 435 (M. fib.89), Est. CVI, 9.
Depósito: MSMS.

443 (M. fib. 90) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa(Ponte A50/1a). Est. CIII, 10
Aro circular de secção circular de espessura irregular estreitado nas extremidades decoradas com incisões. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 32mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 436 (M. fib.90), Est. CVI, 10.
Depósito: MSMS.

444 (M. fib. 91) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). Est. CIII, 11
Aro circular de secção circular com extremidades decoradas com três incisões cada; fusilhão de fita enrolada em argola e haste de secção circular fracturada.
Dimensões: diâm. – 32 mm.
Procedência: Castro de Sabroso. Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 437 (M. fib.91), Est. CVI, 11.
Depósito: MSMS.

445 (M. fib. 92) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). Est. CIII, 12
Aro circular de secção circular com extremidades boleadas decoradas com três incisões cada; fusilhão de fita enrolada em argola e haste de secção circular fracturada.
Dimensões: diâm. – 32 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 65; Silva A.C.F. 1986b, 438 (M. fib. 92), Est. CVI, 12.
Depósito: MSMS

446 (M. fib. 93) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). Est. CIII, 13
Aro circular de secção circular com extremidades decoradas com três incisões cada. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 31mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 439 (M. fib.93), Est. CVI, 13.
Depósito: MSMS.

447 (M. fib. 94) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). Est. CIII, 14
Aro circular de secção circular com extremidades decoradas com cinco incisões cada. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. 30 mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 440 (M. fib.94, Est. CVI, 14).
Depósito: MMVC.

448 (M. fib. 95) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Aa (Ponte A50/1a). Est. CIII, 15
Aro circular de secção circular com extremidades decoradas com dez incisões cada; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 27 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 441 (M. fib.95), Est. CVI, 15.
Depósito: MSMS.

449 (M. fib. 96) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler Al (Ponte A50/2a). Est. CIII, 16
Aro circular de secção circular com extremidades rematadas por botões periformes; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 27mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 66 e 2001, n.º 302; Silva A.C.F. 1986b, 442 (M. fib. 96), Est. CVI, 16.
Depósito: MSMS.

450 (M. fib. 97) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em Omega (Ponte B51/1b). Est. CIII, 17
Aro circular de secção circular, corroido, com extremidades reviradas: fusilhão de fita enrolada em argola e haste deteriorada.
Dimensões: diâm. – 21mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 350, [9]; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 11 e 1986b, 443 (M. fib. 97), Est. CVI, 17; Ponte 2001, n.º 304.
Depósito: MACS.

451 (M. fib. 98) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 18**
Aro circular deformado, de espessura irregular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral, uma delas fracturada; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 32mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 444 (M. fib.98), Est. CVI, 18.
Depósito: MSMS.

452 (M. fib. 99) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 19**
Aro circular de secção circular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 27mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1904, p. 5, Fig. 3; Ponte 1984, n.º 88; Silva A.C.F. 1986b, 445 (M. fib. 99), Est. CVI, 19.
Depósito: MSMS.

453 (M. fib. 100) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 20**
Aro circular de secção circular de espessura irregular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.
Dimensões: diâm. – 32 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Fortes 1904, p. 5, Fig. 4; Ponte 1984, n.º 89 e 2001, n.º 306; Silva A.C.F. 1986b, 446 (M. fib. 100), Est. CVI, 20.
Depósito: MSMS.

454 (M. fib. 101) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 21**
Aro circular de secção circular de espessura irregular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste fracturada.
Dimensões: diâm. – 33mm.
Procedência: Monte Mozinho, Penafiel.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 447 (M. fib.101), Est. CVI, 21.
Depósito: MMP.

455 (M. fib. 102) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 22**
Aro circular de secção circular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste desaparecida.
Dimensões: diâm. – 32 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 448 (M. fib.102), Est. CVI, 22.
Depósito: MSMS.

456 (M. fib. 103) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 23**
Aro circular de secção circular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste desaparecida.
Dimensões: diâm. – 32mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 449 (M. fib.103), Est. CVI, 23.
Depósito: MSMS.

457 (M. fib. 104) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 24**
Aro circular de secção circular desgastado, com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste desaparecida.
Dimensões: diâm. – 30mm.
Procedência: Citânia de Sanfins. Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 350 [6] e 1974, Fig. 17, [2]; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 13 e 1986a , Est. XX:13 e 1986b, 450 (M. fib. 104), Est. CVI, 24 e 1999b, 1.3.28.
Depósito: MACS.

458 (M. fib. 105) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 25**
Aro circular de espessura circular de secção irregular, deformado e corroido., com extremidades espalmadas e enroladas em espiral; fusilhão de fita enrolada em argola e haste fracturada.
Dimensões: diâm. – 29 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 451 (M. fib.105), Est. CVI, 25.
Depósito: MSMS.

459 (M. fib. 106) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1d). **Est. CIII, 26**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades espalmadas e enroladas em espiral. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 28mm.
Procedência: Cividade de Terroso. Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Freire 1965, p. 208-209, Fig. 1; Ponte 1984, n.º 92; Silva A.C.F. 1986b, 452 (M. fib. 106), Est. CVI, 26; Gomes J.M.F. 1996, 296 (M. fib. 11), Est. LVII:11.
Depósito: IAFCUP.

460 (M. fib. 107) Fíbula anular de bronze de aro interrompido. Tipo Fowler B (Ponte B51/1e). **Est. CIII, 27**
Aro circular de secção circular de espessura irregular, deformado, com extremidades espalmadas e reviradas em crescente; fusilhão de fita enrolado em argola e haste desaparecida.
Dimensões: diâm. – 34 mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 453 (M. fib.107, Est. CVI, 27).
Depósito: MMVC.

461 (M. fib. 108) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1. **Est. CIV, 1**
Aro circular de secção circular de espessura irregular com extremidades com botões terminais globulares. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 40mm.
Procedência: Monte Mozinho, Penafiel.
Bibliografia: Ponte 1984. n.º 83; Soeiro 1984. Fig. LVIII, 2; Silva A.C.F. 1986b, 454 (M. fib. 108), Est. CVII, 1.
Depósito: MMP.

462 (M. fib. 109) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2b). **Est. CIV,2**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com um botão terminal bicónico. Ausência de uma extremidade e do fusilhão.
Dimensões: diâm. – 30 mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 455 (M. fib.109), Est. CVII, 2.
Depósito: MSMS.

463 (M. fib. 110) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2c). **Est. CIV,3**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais bicónicos; fusilhão de secção circular espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 39mm.
Procedencia: Alto das Coroas, Couto de Ervededo, Chaves.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 78; Silva A.C.F. 1986b, 456 (M. fib. 110), Est. CVII, 3.
Depósito: MRF.

464 (M. fib. 111) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2c). **Est.CIV,4**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais bicónicos.
Dimensões: diâm. – 42 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 72; Silva A.C.F. 1986b, 457 (M. fib. 111), Est. CVII, 4.
Depósito: MSMS.

465 (M. fib. 112) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2c). **Est. CIV, 5**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões teminais bicónicos um deles estriado; fusilhão de secção circular espalmado na argola, fracturada.
Dimensões: diâm. – 26mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984. n.º 77; Silva A.C.F. 1986b, 458 (M. fib. 112), Est. CVII, 5.
Depósito: MSMS.

466 (M. fib. 113) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2d). **Est. CIV,6**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com um botão terminal em pinha estriada, deteriorado. Ausência de uma extremidade e do fusilhão.
Dimensões: diâm. – 21mm.
Procedência: Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim. TER 81.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 459 (M. fib.113), Est. CVII, 6; Gomes J.M.F. 1996, 297 (M. fib. 12), Est. LVII:12.
Depósito: MMEHPV.

467 (M. fib. 114) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). **Est. CIV,7**
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com um botão terminal espessado com três estrias, fusilhão de secção circular fracturado na argola. Ausência de uma extremidade.
Dimensões: diâm. – 28mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 460 (M. fib.114), Est. CVII, 7.
Depósito: MSMS.

468 (M. fib. 115) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2b). Est. CIV,8
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com um botão terminal espessado com duas estrias; fusilhão de secção circular. Deterioração de um botão terminal.
Dimensões: diâm. – 40mm.
Procedência: Monte Mozinho, Penafiel.
Bibliografia: Almeida 1977, p. 26, Est.1, 5; Ponte 1984, n.º 74; Silva A.C.F. 1986b, 461 (M. fib. 115), Est. CVII, 8.
Depósito: MMP.

469 (M fib. 116) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega, Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2b). Est. CIV, 9
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com um botão terminal com dois anéis e duas estrias. Ausência de uma extremidade e do fusilhão.
Dimensões: diâm. – 28mm.
Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 462 (M. fib.116), Est. CVII, 9.
Depósito: MSMS.

470 (M. fib. 117) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler BI (Ponte B51/2b). Est. CIV,10
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais com quatro anéis e três estrias; fusilhão de secção cilíndrica espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 30mm.
Procedência: Castro de Arados, Marco de Canaveses.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 71; Silva A.C.F. 1986b, 463 (M. fib. 117), Est. CVII, 10.
Depósito: MNA.

471 (M fib. 118) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2b). Est. CIV,11
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais com três toros e duas estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 34mm.
Procedência: Castro de Arnadelo, Vila Real.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 464 (M. fib.118), Est. CVII, 11.
Depósito: ACAD.

472 (M. fib. 119) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). Est. CIV,12
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais com três toros e duas estrias afastando-se do arco; fusilhão de secção circular encurvado e espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 33 mm.
Procedência: Couto de Ervededo, Chaves.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 75; Silva A.C.F. 1986b, 465 (M. fib. 119), Est. CVII, 12.
Depósito: MRF.

473 (M. fib. 120) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). Est. CIV,13
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais de três anéis e três estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 39 mm.
Procedência: Castro de Carvalhelhos, Beça, Boticas.
Bibliografia: Santos Júnior 1963c, Fig. 2; Ponte 1984, n.º 73; Silva A.C.F. 1986b, 466 (M. fib. 120), Est. CVII, 13.
Depósito: MRF.

474 (M. fib. 121) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). Est. CIV, 14
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com um botão terminal de três anéis e duas estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola. Ausência de uma extremidade.
Dimensões: diâm. – 30 mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 467 (M. fib.121), Est. CVII, 14.
Depósito: MSMS.

475 (M. fib. 122) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). Est. CIV, 15
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais de três anéis e duas estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 31mm.
Procedência: Santa Comba, Vila Real.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 70; Silva A.C.F. 1986b, 468 (M. fib. 122), Est. CVII, 15.
Depósito: MSMS.

476 (M. fib. 123) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). Est. CIV, 16
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais de quatro toros e três estrias. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 29mm.

Procedência: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 69 e 2001, n.º 311; Silva A.C.F. 1986b, 469 (M. fib. 123), Est. CVII, 16.
Depósito: MSMS.

477 (M. fib. 124) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2b). Est. CIV, 17
Aro circular distorcido, de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais de cinco anéis e quatro estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola, fracturado na haste.
Dimensões: diâm. – 34mm.
Procedência: Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 470 (M. fib.124), Est. CVII, 17.
Depósito: MSMS.

478 (M. fib. 125) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2d). Est. CIV,18
Aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades com botões terminais em pinha de seis e sete anéis separados por estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 27mm.
Procedência: Couto de Ervededo, Chaves.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 85; Silva A.C.F. 1986b, 471 (M. fib. 125), Est. CVII, 18.
Depósito: MRF.

479 (M. fib. 126) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2e). Est. CVII,19
Aro circular deformado, de secção losângica com botões terminais espessados, um muito corroído dobrados e inclinados para a parte superior. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 30mm.
Procedêneia: Castro de Sabroso, Guimarães.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 472 (M. fib.126), Est. CVII, 19.
Depósito: MSMS.

480 (M. fib. 127) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2c). Est. CIV,20
Aro circular de secção losângica com arestas rebatidas adelgaçando para as extremidades com um botão terminal cónico; fusilhão de secção circular espalmado na argola. Ausência de uma extremidade.
Dimensões: diâm. – 36mm.
Procedência: Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha. VIL 81.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 473 (M. fib.127), Est. CVII, 20.
Depósito: MMCa.

481 (M. fib. 128) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2c). Est. CIV,21
Aro circular de secção losângica adelgaçando para as extremidades com botões terminais bicónicos. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 35mm.
Procedência: Monte Mozinho, Penafiel.
Bibliografia: Almeida 1977, p. 26. Est. I, 4; Ponte 1984, n.º 82; Soeiro 1984, Fig. CXII, 1; Silva A.C.F. 1986b, 474 (M. fib. 128), Est. CVII, 21.
Depósito: MMP.

482 (M. fib. 129) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2c). Est. CIV,22
Aro circular de secção losângica com arestas rebatidas adelgaçando para as extremidades com botões terminais em pirâmide; fusilhão de secção circular espalmado na argola.
Dimensões: diâm. – 37mm.
Procedência: Picoto de Santo Amaro, Mascotelos, Guimarães.
Bibliografia: Guimarães 1970. Est. I, 6; Ponte 1984, n.º 81 e 2001, n.º 316; Silva A.C.F. 1986b, 475 (M. fib. 129), Est. CVII, 22.
Depósito: MSMS.

483 (M. fib. 130) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2b). Est. CIV, 23
Aro circular de secção losângica adelgaçando para as extremidades com botões terminais de três e cinco toros separados por estrias. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 35mm.
Procedência: Castro de S. Julião. Ponte/Coucieiro. Vila Verde.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 476 (M. fib.130), Est. CVII, 23.
Depósito: MPXII.

484 (M. fib. 131) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51/2d). Est. CIV, 24
Aro ovalado de secção losângica adelgaçando para as extremidades com botões terminais em pinha de dez anéis, separados por estrias; fusilhão de secção circular espalmado na argola, fracturado na haste.
Dimensões: diâm. – 31/32mm.
Procedência: Colina de Maximinos, Braga.
Bibliografia: Ponte 1984, n.º 87 e 2001, n.º 324; Silva A.C.F. 1986b, 477(M. fib. 131), Est. CVII, 24.
Depósito: UAUM.

485 (M. fib. 132) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1(Ponte B51 /2b). Est. CIV, 25
Aro circular de secção quadrangular de fases profundamente estriadas adelgaçando para as extremidades com botões terminais de três e quatro toros separados por estrias dobrados e inclinados para a parte superior; fusilhão de secção circular espalmado na argola, fracturado na haste.
Dimensões: diâm. – 29mm.
Procedência: Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Paço 1968a, p. 350 [16]; Silva A.C.F. 1983a, Est. XI, 12, 1986a, Est. XX:12, 1986b, 478 (M. fib. 132), Est. CVII, 25 e 1999b, 1.3.29.
Depósito: MACS.

486 (M. fib. 133) Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega. Tipo Fowler B1 (Ponte B51/2b). Est. CIV,26
Aro circular de secção subrectangular adelgaçando para as extremidades nervurado nas arestas e com decoração de corda na zona central das faces laterais e com botões terminais de quatro anéis separados por estrias. Ausência de fusilhão.
Dimensões: diâm. – 37mm.
Procedência: Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo.
Bibliografia: Ponte 1981, p. 152, n.º 4; Silva A.C.F. 1986b, 479 (M. fib. 133), Est. CVII, 26.
Depósito: MMVC.

2.3. OURIVESARIA

A sistematização de um *corpus* tão completo quanto possível da nossa ourivesaria castreja organizada com base em critérios de ordem técnica, tipológica e cronológica a partir da análise directa dos materiais, permitiu-nos actualizar os inventários anteriores, em especial os constantes dos estudos monográficos que consideramos clássicos, da autoria de F. López Cuevillas[796], A. Blanco Freijeiro[797] e M. Cardozo[798], que não tiveram conhecimento de algumas peças capitais, como as componentes do tesouro do Castro da Senhora da Guia, Baiões, concelho de S. Pedro do Sul, e do tesouro de Baião, aparecidos com anterioridade à data das suas obras.

Pretendendo fazer um tratamento global deste tema, introduzimos não só esses elementos como os achados mais recentes, alguns dos quais também inéditos ou apenas sumariamente referenciados, bem como acertamos aspectos menos correctamente divulgados sobre os dados geográficos e a estrutura, técnica e outras características de algumas peças que muitas vezes apenas foram objecto de observação indirecta, por fotografia, desenho ou outro testemunho, conforme se deduz e não raramente se declara nas suas publicações.

Herança valiosa dos tempos em que se realizaram e foram usadas como "bens de prestígio", que só uma minoria podia usar como símbolo de um *status* social, as várias dezenas de peças de ourivesaria, constando designadamente de torques, braceletes e arrecadas, são o melhor testemunho da importância que o trabalho do ouro terá desempenhado no contexto da cultura castreja, a que não terá sido estranha a riqueza aurífera da região, sobre a qual entendemos ser desnecessário insistir, remetendo para as abordagens específicas que lhe têm sido dedicadas quer numa perspectiva predominantemente histórica, em referência privilegiada às observações dos autores clássicos e dados epigráficos sobre o tema[799], quer de predominância técnica com base em trabalhos de campo sobretudo revitalizados na área astur-galaica e leonesa[800] e em obras de síntese[801].

Assunto que mereceu dos autores gregos e latinos uma particular atenção nos seus testemunhos relativos ao Noroeste peninsular, especialmente por parte de Estrabão e sobretudo C. Plínio, sem dúvida «a fonte clássica mais importante para os metais hispânicos», na expressão de A. Schulten[802], neles se realça sobremaneira a abundância aurífera dos rios da vertente atlântica a Norte do Tejo, com menção concreta a esta característica a propósito dos rios Minho, Lima e Douro[803], do Norte de Portugal.

---

796 López Cuevillas 1951c.

797 Blanco Freijeiro 1957a.

798 Cardozo 1929, 1942b, 1956b, 1957c, 1967 e 1968a, que destacamos de uma longa bibliografia de especial interesse para o estudo da nossa ourivesaria.

799 Sobretudo, em geral: Schulten 1959-63, 2 (1963), p. 235-266; em especial, Blázquez 1970a; Domergue 1970a e 1970b.

800 Em especial, Sánchez Palencia 1983; Martins C.M.B. 1996; Domergue-Hérail 1999.

801 Domergue 1987 e 1990.

802 Schulten 1959-63, 2 (1963), p. 225.

803 Estrabão, III, 3, 4 e Silius Italicus, I, 234-236.

Pelos dados referentes às análises metalográficas, considerando sobretudo os resultados de A. Hartmann[804], o ouro normalmente utilizado, por conter estanho na sua composição[805], era procedente de jazidas secundárias, especificamente das areias fluviais, cujo processo de enriquecimento, em que se tornava apenas necessária a sua crivagem e lavagem, ao modo da descrição de Estrabão[806] sobre os ártabros, era mais simples e adequado a uma escala artesanal[807].

Todavia, se a presença de prata corresponde a uma associação natural, os níveis de cobre e estanho, de preferência a serem equacionados em função de uma liga deliberada de bronze com o ouro, talvez se devam relacionar com a introdução acidental de cobre e estanho resultante da fundição de ouro em cadinhos contaminados por utilização anterior na fundição de bronze[808], tudo fazendo indicar que a elevada percentagem de cobre, quase sempre ultrapassando os limites de 2-2,5% próprios da composição do ouro nativo, signifique uma adopção generalizada de uma liga intencional ouro/cobre, que seria muito apreciada na Antiguidade por conferir às jóias uma tonalidade vermelho-amarelada[809], apenas não observada, para os casos analisados, segundo A. Hartmann[810], na pulseira do Monte da Saia (Est. CXVII, 3)[811], nos aros de Bougado (Est. CXIX, 1-2)[812], torques de Soalhães (Est. CVI, 4) e Viseu (Est. CVI, 6) com valores inferiores a esses limites.

Por sua vez, a ausência de estanho registada nos torques de Lebução[813] e também observada no torques de Sanfins[814] estaria ligada à exploração de jazidas primárias, com óbvio sentido de progressão cronológica, correspondendo a uma época mais tardia também apoiada por elementos de ordem tipológica, não sendo hipótese de excluir que as minas de Valongo, que já se encontrariam em exploração na época de Augusto[815], tenham conhecido o seu início anteriormente num enquadramento indígena.

Neste sentido converge a eventual correlação entre a denominação de uma mina citada por C. Plinius, quando refere que *in uno tantum Callaeciae metallo quod vocant Albucranense tricesima sexta portio (argenti) invenitur...*[816], e a entidade divina de uma inscrição de Susão (Valongo) apelidada de *Alboco(...?)*[817], de raiz pré-céltica, designando porventura aqui a serra[818], eventualmente em virtude do ouro nela contido, assim parecendo invocar um contexto pré-romano.

Mais se consolidará esta hipótese[819] se entendida, também neste caso, a *Callaecia* na sua acepção mais restrita, de acordo com a problemática dos grupos étnicos regionais situados nas margens do Douro[820].

---

804 Hartmann 1970 e 1971. Utilizamos também os dados da sua autoria constantes do ficheiro do MNA.

805 Hartmann 1971, p. 130. Cfr. a propósito, as reservas postas, *in genere*, a este critério por Taylor 1980 p. 4-21 e, especificamente, as observações relativas à presença de estanho em ouro de mineração documentada, vg., na África do Sul (p. 97).

806 Estrabão, III, 2, 9.

807 Sánchez Palencia 1983, p. 71-72.

808 Taylor 1980, p. 20.

809 Hartmann-Kalb 1969, p.94; Pérez Outeiriño 1982, p.166.

810 Hartmann 1971, p. 129-130.

811 Cfr. p. 362: 538 (Au 53).

812 Cfr. p. 370-371: 557 (Au 71) e 558 (Au 72)..

813 Hartmann 1971, p. 131. Cfr. p. 248.

814 Cfr. p. 354-355: 516 (Au 30).

815 Sánchez Palencia 1983, p. 79. Cfr. sobre o tema: Domergue 1970a, p. 264 e 1970b, p. 166-167.

816 C. Plinius, XXX, 80.

817 649 (Epig. 64).

818 Albertos 1966, p. 14.

819 A esta designação se deverá reportar a referência de origo Albocolensis da inscrição funerária de Miranda de Azán: D(is) M(anibus) s(acrum) / Amme Festi f(iliae) / Albocolensi / an(norum) XXIII (viginti tres) / Cassius Vegetus / Celticoflaviensis / uxori piae / f(aciendum) c(uravit) (CIL II 880 = ILER 5233 = 5282; Maluquer de Motes 1956, n.º 89) e, em especial, a referência mineira de uma inscrição votiva procedente de lugar incerto da Galiza, com a seguinte leitura: I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / Anderon(i) sac(rum) M(arcus) Ulpius /Aug(usti) lib(ertus) / Eutiches proc(urator) / metall(orum) Alboc(olensium) (CIL II 2598 = ILER 664; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 218, Blázquez 1962, p. 97), segundo correlação já mencionada por Schulten 1959-63, 2 (1963), p. 242 adoptada por Domergue 1970a, p. 276, n.º 131 e 1970b, p. 276, n.º 131.

820 Cfr. p. 387. Várias indicações toponímicas, vg., Balugas e Balugães, são claras referências desta exploração.

Interessante, neste particular, poderá ser a menção do texto sobre a composição do minério extraído que aponta para um elevado índice de impureza, a cujas pepitas convirá a designação de *balluca*[821], derivada de *pala* / πάλα, segundo a expressão de Estrabão[822].

Não podemos deixar de observar, a propósito, uma certa coincidência entre estas notas e os dados da composição metalográfica de jóias da região, como o torques da Citânia de Sanfins[823] (Est. CXI, 7), correspondente, de resto, com uma fase de utilização de matéria-prima de maior pobreza, em que a prata ou o cobre se associam ou substituem o ouro em diversas jóias, que poderemos situar num horizonte de coexistência com os primeiros elementos da romanização e que representam, afinal, as últimas expressões da ourivesaria castreja bem distanciadas do teor maciço dos torques do Bronze Final.

Com efeito, as últimas produções da ourivesaria castreja parecem condicionadas por uma economia de matérias-primas diferenciadas, em função da escassez do ouro, aparentemente compensada por um elevado tecnicismo, mais presente na zona litoral, e que sugere trazer consigo outras relações acentuadamente interiores e, em última análise, a perda da sua originalidade a breve trecho consumada pela romanização.

1. TORQUES, COLARES ARTICULADOS E LÚNULAS

Documentação arqueológica de primordial relevo para o estudo das relações a longa distância, as análises tipológicas e técnicas da ourivesaria castreja denunciam uma mistura de estilos e tradições, em que, esquematicamente, vemos assentar sobre um substrato da Idade do Bronze influências culturais de origem centro-europeia, marcadas pelo aparecimento de formas e motivos de influxo hallstáttico e de novas técnicas decorativas como o estampilhado, e influências mediterrânicas, entre as quais, as técnicas da filigrana e do granulado, que lhe conferem, a par de um certo tradicionalismo, um alto grau de qualidade e originalidade[824].

O primeiro grupo, constituído por uma série de torques procedentes da Beira Alta (Est. CV, 1-3) e braceletes maciços dispersos por toda a área (Est. CXVI, 1-10; VIII) insere-se no conjunto de produtos típicos da fase final do Bronze Atlântico que aparecem em contextos regionais, onde é manifesta a abundância de matéria-prima e comprovado o desenvolvimento tecnológico necessário à sua transformação[825], parecendo tornar de menor verosimilhança qualquer aspecto relacionado com a sua importação[826].

Já o colar articulado da Malhada, Campeã (Est. CXIII), e o magnífico tesouro de Baião, formando um conjunto de grande homogeneidade do ponto de vista técnico e da matéria-prima utilizada[827], composto de um colar articulado de pendentes e contas bicónicas (Est. CXIV), dois pares de arrecadas (Est. CXVIII, 1-4), uma pulseira ou gargantilha e botões de ouro (Est. CXIX, 4-5), e a arrecada de Paços de Ferreira (Est. CXVIII, 5), entre outros dados, mostram, pela leveza da sua estrutura, pelo teor das formas e dos temas e pelas inovações técnicas introduzidas, as mais directas relações com o horizonte orientalizante com principal foco produtor, a W, na área de Tartessos, assim se revelando, também por esta via, a integração deste território, pródigo em estanho e ouro, no âmbito da área da sua expansão comercial durante os séc. VII e VI a.C., segundo uma corrente marcadamente litoral compassadamente registada ao longo da nossa costa a assinalar pontos de um comércio de cabotagem desde Castro Marim[828], Tavira[829] e Bensafrim[830], no Algarve, Sines no Alentejo[831],

821 Schulten 1959-63, 2 (1963), p. 261-262.
822 Estrabão, III, 2, 8.
823 Cfr. p. 354; 355: 516 (Au 30).
824 Maluquer de Motes 1970.
825 Cfr. referências anteriores sobre as técnicas metalúrgicas.
826 Parreira *et alii* 1980, p. 4-5.
827 Cfr. as análises metalúrgicas das respectivas peças.
828 Arruda 2000, 4:13-44.
829 MNA 2003.
830 Veiga E. 1891 (4), p. 250-266; Rocha 1896; Arruda 2000, 4:52-59.
831 Costa J.M. 1966 e 1973.

Alcácer do Sal[832] e Abul[833] à foz do Sado, Almaraz[834] em Almada, Lisboa[835], Santarém[836], no estuário do Tejo e Santa Olaia, Tavarede e Chões[837], à foz do Mondego, e Conimbriga para o interior[838], Baião, no curso do Douro, e Paços de Ferreira, nas imediações do Porto[839], Santo Estêvão da Facha, no curso interior do Lima[840], Coto da Pena, na foz do Minho[841], e outras estações costeiras da Galiza, como Santa Tecla[842], La Lanzada[843], Alobre[844] e Neixón[845].

Pelas dificuldades de destrinça entre produtos importados e fabricados *in loco*, bem conhecidas no interior dos materiais orientalizantes por motivo da generalização dos mesmos padrões e das mesmas técnicas, não se torna fácil identificar com segurança a origem destas jóias, entendendo como mais provável que se trate de peças realizadas por artistas tartéssicos para clientes indígenas, sem que seja, todavia, de excluir a sua procedência da área de Tartessos como simples importação resultante de trato comercial, se é que não foram obtidas no âmbito dos mecanismos de dom e troca típicos das sociedades antigas[846].

Pelo mesmo tempo, e segundo dualidade classicamente estabelecida[847], cumpre registar a introdução de elementos de teor hallstáttico presentes, vg., nos torques de Gondeiro, Amarante (Est. CVI, 2-3) e outras peças, como o torques de Vale da Malhada, Sever do Vouga (Est. CVI, 1), que evidenciam uma decoração a punção ou estampilhada sobretudo de círculos concêntricos e outros motivos e tipos originais, onde não é visível a adopção das técnicas mediterrânicas de carácter orientalizante, designadamente a filigrana e o granulado, não sendo este, todavia, ignorado nos meios hallstátticos, dele tendo tomado conhecimento a Norte dos Alpes através do comércio etrusco, conforme se depreende de testemunhos europeus[848].

E se as inovações orientalizantes permitiram modernizar sobretudo tecnicamente a ourivesaria do Noroeste, foram especialmente as influências centro-europeias, que, reforçando sobremaneira a simplicidade das formas e o quase exclusivo carácter geométrico da sua decoração, de reconhecida tradição indígena, marcaram a ourivesaria castreja posterior a 500 a.C., momento que ficou assinalado pelas transformações peninsulares após a queda de Tartessos e cujas incidências no Noroeste peninsular se conectam com migrações internas que hoje, segundo cremos, começam a ser melhor caracterizadas[849].

A sua assimilação na ourivesaria local em doses próprias não parece oferecer grandes dúvidas, sendo evidentes duas escolas regionais com áreas de influência específicas desde há muito assinaladas.

Uma, mais litoral, já localizada por J. Fortes no princípio do século XX na zona da Póvoa de Varzim a propósito do tesouro de Estela, que incluía porventura jóias para refundição acompanhadas de bolos de prata e, por isso, elementos denunciadores de possível oficina[850], onde é mais notório o carácter das técnicas

---

832 Silva Ca T. *et alii* 1980-81; p. 149-218, Gamer-Paixão 1983, com bibliografia anterior sobre esta importante estação; Arruda 2000, 5:07-59.

833 Mayet-Silva 1993; Arruda 2000, 5:59-83.

834 Barros L. *et alii* 1993; Arruda 2000, 6:08-27.

835 Amaro 1993; Arruda 2000, 6:31-67.

836 Arruda-Catarino 1982; Arruda 1993 e 2000, 6:67-231.

837 Rocha 1905-08, Schüle 1961b, Abb. 14 n.ºs 13-16 (Tavarede), n.ºs 17-23 (Santa Olaia); Arruda 2000, 7:03-74.

838 Alarcão 1974, p. 49-70; Correia V:H. 1993.

839 Tesouro de Baião (Est. CXIV; CXVIII, 1-4; CXIX, 4-5); arrecada de Paços de Ferreira (Est. CXVIII, 5).

840 Almeida *et alii* 1981, p. 63, 76.

841 Sobretudo fíbulas tipo Bencarrón e Achebuchal (Est. XCVIII, 1-2), "sanguessugas" (Est. XCVII, 12-13) e pendentes de remate acampanulado (Est. XCVII, 10-11).

842 Pendentes de remate acampanulado e "sanguessugas" (Museu Arqueológico de Santa Tecla).

843 Calo-Sierra 1983, p.129, nota 129. Uma "sanguessuga".

844 Bouza Brey 1957a. Fíbula de "navicella".

845 Acuña 1976. Arybalos púnico de vidro.

846 Para a reconsideração desta problemática, cfr. contributos da Linguística, Etnologia e Arqueologia, vg., in Mauss 1967, Benveniste 1975, chap. 5 e Kromer 1983.

847 Especificamente, Blanco Freijeiro 1957a.

848 Blanco Freijeiro 1957a, p. 285, a propósito do aro da Fortanete (Teruel); Maluquer de Motes 1970, p. 104.

849 Silva A.C.F. 1983c, p. 23.

850 Fortes 1905-08g, p. 617; López Cuevillas 1951c, p. 84-87, Almeida 1972, p. 14.

mediterrânicas, pela utilização de formas compósitas à base de placas e soldas, granulado, pseudogranulado e filigrana e em que predomina a presença de arrecadas com apêndice triangular típico.

O outro grupo, mais interior, sinalizado por M. Cardozo na região de Chaves[851], em zona, por sinal, de documentado interesse aurífero desde a Antiguidade [852], é efectivamente transmontano e de influência céltica nas formas, simples e praticamente reduzidas a torques e braceletes, e nas decorações em que não aparecem as técnicas de influência meridional.

O «ar de família» patente na repetição da estrutura e dos motivos decorativos, sobretudo nos remates dos torques em dupla escócia onde o motivo floral utilizado é paralelo próximo de idêntica decoração do bracelete de Lebução (Est. CXVII, 6-6A), em que a preferência maioritária por ornamentações geométricas constituídas por motivos curvilíneos, onde é abundante um reportório de arcos, círculos e SS associados a motivos rectilíneos de gregas, triângulos, ziguezagues e outros em menor escala, se pode considerar com mais afinidades com a zona oriental do «primeiro estilo» céltico, segundo a designação de F. Schwappach[853], apontando-se, deste modo, para a zona centro-europeia da Baviera, Alemanha Central, Áustria, Boémia e Morávia, de preferência à região do Reno Médio e Centro da França, como fonte das influências célticas, radicadas, nessa região do Centro da Europa, no período de Hallstatt.

Torques

Jóias estruturalmente simples, constando de um aro de perfil circular ou afim, e normalmente com remates típicos nos extremos, adequado ao contorno do pescoço, os torques constituem sem dúvida o tipo de ornato pessoal mais significativo da ourivesaria castreja do Noroeste peninsular[854].

Pelos testemunhos existentes, poderá concluir-se pelo seu uso exclusivamente masculino[855], não nos parecendo elementos comuns no adorno dos homens e mulheres do Noroeste[856].

Com antecedentes de tradição antiga documentada no tesouro de Caldas de Reyes[857], tudo indica que, após possíveis variações de utilização desde as suas primeiras formas, os torques se tenham convertido especificamente em signos da dignidade da função guerreira, em possível correlação com a mudança documentada cerca de 300 a.C. no seio da sociedade gaulesa, onde se testemunha, entre La Tène I e La Tène II, o seu desaparecimento das sepulturas femininas, em que até aí se encontravam quase exclusivamente depositados, para surgirem doravante associados a elementos de natureza militar[858], não podendo deixar de considerar-se sintomática a adopção deste símbolo entre nós manifesta nas representações iconográficas das cabeças perviventes das estátuas de guerreiros, concretamente, de Sanfins (Est. CXXIV,3), Outeiro Lezenho (Est. CXXI,1-2), Alfândega da Fé [859] (Est.CXXV,2), Calendário (Est. CXXV, 4), Guarda (Est. CXXV, 3), e Anlló, Ralle, Río, Rubiás e Sabanle, na Galiza[860].

Tendo-se tornado numa das jóias mais características da época de La Tène na Europa, identificadas com os Celtas pelos dados arqueológicos e pelos autores gregos e latinos[861], a sua frequência no Noroeste peninsular, onde se contam mais de uma centena de exemplares, não pode deixar também de ser apontada, entre outros, como um dado altamente denunciador das influências da civilização céltica nesta região.

---

851 Cardozo 1942c, p. 98 e 1965c, p. 168, López Cuevillas 1951c, p. 51.
852 Almeida F. 1970, p. 297; Carvalho-Ferreira 1954; Cardozo 1954a.
853 Schwappach 1976, em avanço sobre a obra de Jacobsthal 1944.
854 Vg., Castro Pérez 1992; Prieto 1996; Delibes de Castro 2002, Ladra 2002; MAN 2002.
855 Maluquer de Motes 1982, p. 177.
856 Blanco Freijeiro 1958, p. 156.
857 Ruiz Priego 1979a, p. 164; Gonzalo 1983, p. 88-90.
858 Déchelette 1913, p. 1207; Jacobsthal 1944, p. 122-123; López Cuevillas 1951c, p. 20-21.
859 Santos Júnior 1978c, Est.V.
860 López Cuevillas 1951c, p. 21, Fig. 2; Blanco Freijeiro 1958, p. 156-159, Fig.1; Calo Lourido 2003a.
861 Blanco Freijeiro 1957a, p. 152; Goudineau 1999, Le Brun 2002.

Foram apurados na área relativa ao Noroeste de Portugal uma série de torques desde o Bronze Final aos primórdios da romanização e que ordenamos tipologicamente em cinco grupos:

Os dois primeiros tipos reportam-se ao Bronze Final. O tipo A está representado pelos dois torques de Baiões (Est. CV, 1-2), que podem efectivamente considerar-se entre nós como as primeiras expressões destes adornos no âmbito da cultura castreja, que terá conhecido no final da Idade do Bronze a sua fase de formação. Encontrados casualmente em 1948 no interior do Castro da Senhora da Guia (Est. XIV, A), estas jóias apresentam características técnicas, morfológicas e decorativas de grande homogeneidade próprias da *koiné* do Bronze Atlântico[862]. Participando das propriedades comuns aos outros elementos arqueológicos também patentes no mesmo povoado sobretudo em objectos de bronze e cerâmica[863] próprios deste período em que o processo metalúrgico conheceu excepcional desenvolvimento, as peças deste conjunto foram fundidas pelo método da cera perdida ou então em molde bivalve e posteriormente polidas[864], não encontrando motivo para que tal operação se não possa supor produto de fabrico local, atendendo aos inúmeros registos de uma intensa actividade metalúrgica verificada neste povoado[865].

Exemplares com paralelos bem conhecidos na fachada ocidental da Península há muito analisados por M. Almagro-Gorbea a propósito dos achados extremenhos de Sagrajas e Berzocana[866], a sua estrutura, constando de aros maciços de secção circular com remates de pequenos botões e esquema decorativo, em que se desenvolve uma série de motivos geométricos de incisões feitas a buril, têm nesses mesmos torques o seu paralelo mais imediato, mostrando ainda, como inovação, linhas de pontilhado repetindo motivos comuns e técnica similar à aparecida na cerâmica[867].

O tipo B, representado pelo torques vizinho de Serrazes (Est. CV, 3), mostra em geral a mesma estrutura, deles se diferenciando no sistema de fecho, a recordar similaridade com o torques de Sintra[868], e por carecer de decoração que, por sinal, o bracelete do tesouro de Baiões (Est. CXVI, 5) também não possui.

Os dois torques de Baiões, pelos seus elementos decorativos, poderão ser paralelizados mais proximamente com Berzocana 1, a que se atribui como *terminus post quem* uma cronologia dos finais do segundo milénio, pelos séc. XI-X a.C., em horizonte correspondente ao Bronze nórdico IV[869], com correspondência ao Bronze Final Atlântico II.

Para idêntico *terminus* do torques de Serrazes, que pelo seu tipo de fecho se deve aproximar, conforme referido, do torques de Sintra, se sugere uma atribuição posterior, possivelmente do séc. X a.C., em consideração aos paralelos de transição do Bronze nórdico IV-V[870], devendo ter sido abandonado em circunstâncias análogas às ocorridas em Baiões, na sua proximidade.

Um novo tipo (tipo C) afirma-se com as inovações morfológicas e decorativas verificadas nos torques[871] de Gondeiro, Amarante (Est. CVI, 2-3), e Vale da Malhada, Sever do Vouga (Est. CVI, 1), com aros de secção losângica espessados na zona média e nos extremos, que são rematados por botões em tronco de pirâmide, e com decoração estampilhada de motivos geométricos a adornar as extremidades e o centro das jóias, com paralelos britânicos do depósito de Beachy Head (Sussex) de cronologia correspondente ao Hallstatt centro-

862 Expressão de Monteagudo 1981. Cfr. Almagro Gorbea 1977, p. 48-50; Eluère 1982, p. 76-78, 158-162; Taylor 1980, p. 50-51, onde se citam paralelos bretões, britânicos e do círculo nórdico.

863 Cfr. bibliografia citada da autoria de Silva Ce.T., Kalb, Silva A.C.F. *et alii*, 1984.

864 Preferimos a segunda hipótese, atendendo à técnica utilizada nesse povoado no fabrico de objectos congéneres, designadamente os braceletes de bronze (Est. XCVI, 3-6).

865 Nota 863.

866 Almagro Gorbea 1974b e 1977, p. 17-61. Ver também Coffyn 1985, p. 60-61, 236-237.

867 *In genere*, quadros decorativos da cerâmica, A1 (Est. LXI) e B1 (Est. LXVI).

868 Almagro Gorbea 1977, p. 30-33.

869 Idem, p. 33.

870 Idem.

871 Pela morfologia, composição decorativa e dimensões, deverão ser considerados originariamente como torques, onde os incluímos, podendo não estar necessariamente relacionada a alteração da forma com a sua reutilização como braceletes, conforme vêm sendo conhecidos, desde a sua publicação por Pinho 1929b. Cfr. López Cuevillas 1951c, p. 60-61, Fig. 39.

europeu[872]. A forma dos aros destes exemplares vai ser adoptada posteriormente nos torques do tipo D1 e os motivos decorativos assinalam neste tipo de jóias a introdução das influências centro-europeias, de cariz hallstáttico, nesta região[873].

No tipo D estão incluídos os torques habitualmente considerados castrejos na generalidade das monografias e outros estudos referentes a esta ourivesaria. Neste ordenamento, seguimos o critério adoptado por outros investigadores[874], sobretudo baseados na morfologia dos terminais, que, na área em estudo, está representada por cinco variantes, que sumariamos:

D1 – periformes (M. CARDOZO), a; F. L. CUEVILLAS, c; K. RADDATZ, B);
D2 – em campânula;
D3 – em dupla escócia (M. CARDOZO, b; F.L. CUEVILLAS, b; K. RADDATZ, A);
D4 – em urna (M. CARDOZO, c; F.L. CUEVILLAS, d; K. RADDATAZ, C);
D5 – em argola.

A variante D1, com remates periformes mais conhecidos em torques galegos considerados como típicos dos ártabros por L. Monteagudo, tendo em conta a distribuição geográfica dos achados então conhecidos e adstritos à área da Coruña e suas imediações[875], marca a sua presença na nossa área num dos torques de Paradela do Rio (Est. CVI, 5) onde apareceu associado a outros dois com remates em dupla escócia (D3), naturalmente, de cronologia paralela, e em dois exemplares de prata do tesouro de Bagunte (Est. CXII, 2-3), com aros maciços e em parte torcidos. O exemplar do Ashmolean Museum[876], também com terminais periformes, mas constituído por um aro revestido por arame enrolado, próximo dos exemplares do Castro de Lanhoso, de tipo D4, cruza, deste modo, tipologias e questiona círculos de pertença étnica.

Por nossa parte, entendemos que a primeira expressão desta tipologia se pode reconhecer entre nós no torques de ouro maciço e inteiriço de Soalhães, Marco de Canaveses (Est. CVI, 4), com aro de secção circular e remates cordiformes, que também aparecem em Rendar (Incio)[877], não julgando, por isso, que se torne necessário procurar a sua origem em protótipos do mundo céltico do género do gaulês moribundo[878], que, para este caso, consideramos excêntrica e com a inconveniência de apontar para uma cronologia baixa, quando alguns dos seus paralelos de âmbito peninsular aconselham uma maior antiguidade desta forma entre nós, alguns datados do séc. VI a.C.[879].

O teor geral do torques de Viseu (Est. CVI, 6), com aro de secção losângica e circular e com remates espessados em botão e que anda habitualmente associado à lúnula da mesma procedência (Est. CXIX, 3) parece constituir uma modalidade no interior deste grupo, sobretudo considerando a forma dos terminais aparentados aos da lúnula, com paralelos também em torques referenciados em associações idênticas em Chão de Lamas e Cadaval[880].

A variante D2, que tem terminais em campânula, com paralelos aproximados em elementos decorativos de peças do colar de Estela (Est. CXV, B, C1-C2) associado a aros similares aos dos exemplares da variante D3, está apenas representada por um exemplar áureo do Castro de Cavês, Cabeceiras de Basto (Est. CVII, 1), justamente em zona intermédia entre o Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes. Um torques do tesouro de

872 *British Museum. A guide to the antiquities of the Bronze Age*, 1904, p. 146, Pl. IX, in Almagro 1940, p. 92-93, Fig. 10. Cfr. tb. Taylor 1980, p. 66-68.
873 Sobre os triângulos estampados com besantes, cfr., vg., Blanco Freijeiro 1957a, sobretudo p. 154, reportando-se ao mundo da ourivesaria de Hallstatt D final; sobre os círculos concêntricos, cfr., vg., Almagro Gorbea 1977, p. 34.
874 Em particular, Cardozo 1942b, p. 98; López Cuevillas 1951c, p. 20-51, Fig. 27 (p. 40); Raddatz 1969, p. 171-197, Abb.3 (p.177). Estudo de síntese com catálogo geral in Ladra 2002.
875 Monteagudo 1952; Luengo 1979 regista três torques com remates periformes: San Lorenzo de Pastor III, com aro de arames enrolados, Fisteos e Melide com aros maciços de secção quadrangular.
876 Queiroga 1987, n.º 1.
877 López Cuevillas 1951c, p. 34, 61, 92-93, Fig.26, com aro maciço de secção quadrangular.
878 Blanco Freijeiro 1957a, p. 152.
879 Cfr., vg., Galán Saulnier 1980, p. 165-166, com referências a achados similares de "vários ambientes culturais da Península".
880 Raddatz 1969, p. 283, Taf. 97, n.º2; p. 112-116, Taf. 84, 89; Blanco Freijeiro 1957a, p. 152.

Bagunte (Est. CXII, 1) reproduz uma versão desta variante em prata, com aro maciço e em parte retorcido, como o outro paralelo de Paradela do Rio.

A variante D3, predominantemente circunscrita à área transmontana e a mais numerosa das formas castrejas, com remates ocos em dupla escócia, possivelmente derivados de protótipos hallstátticos[881], e semelhança de perfil e dimensões acrescida de grande afinidade de técnica e de motivos decorativos que os diferencia abertamente das *nuances* que esta variante apresenta na restante área do Noroeste peninsular, apela a uma escola regional decorativamente dependente da zona oriental do «primeiro estilo» céltico, que estaria sediada na região de Chaves.

Com efeito, nesta região cada vez mais se vêm somando novos dados a consolidar a sugestão antiga de M. Cardozo[882], podendo adicionar ao grupo sumariado em 1951 por F. López Cuevillas[883], o torques de Codeçais (Est. CVIII, 3), (Inv. 502 (Au 16)), dois torques de Paradela do Rio (Est. CVI, 5; CIX, 2), um de Rendufe, Carrazedo de Montenegro, concelho de Valpaços (Est. CIX, 1) (Inv. 504 (Au 18)) e outro da região flaviense (Est. CVIII, 4)[884], que, reproduzem as mesmas características, assim como dois torques do British Museum (Inv. 507 (Au 21), 508 (Au 22))[885] encontrados em parte incerta na área fronteiriça, que supomos procedentes da mesma região, de acordo com as observações de M. Cardozo[886], o que poderá também ter ocorrido com o exemplar desta tipologia do Ashmolean Museum[887].

O exemplar de Estela (Est. CIX, 4), com terminal maciço que o distingue dos seus paralelos por terem terminais de paredes laminares, mas com perfil e motivo decorativo que os relaciona, representará, a Ocidente, um caso de errância por parte deste grupo ou, talvez melhor, a sinalização de elementos de contacto entre o litoral e o interior, conforme parece ser evidenciado pelo torques de Vilas Boas, Vila Flor (Est. CX), que pela exuberância dos motivos e técnica decorativa se encontra em associação com o grupo dos torques com remates em urna (D4), de dispersão predominantemente litoral.

Este torques, que com justeza vem sendo considerado o mais belo exemplar deste tipo de jóia aparecido entre nós, ao combinar uma rica decoração de filigrana, granulado e polvilhado, de inspiração mediterrânica, e a punção, em que se cruzam as elaborações genuinamente castrejas dos SS encadeados e entrelaços dos torques de Lanhoso com a presença de ornitomorfos que recordam peças semelhantes da ourivesaria céltica[888] datáveis entre os séc. III e I a.C., manifesta bem a mais perfeita assimilação das novidades técnicas e estéticas por parte dos ourives locais, colocando-nos já no limiar das últimas produções imediatamente pré-romanas sobremaneira representadas nos torques do grupo seguinte (D4).

A variante D4, que agrupa torques leves com remates ocos em forma de urna, segundo designação que preferimos à tradicional de campanulares[889], que reservamos para a variante seguinte, é, pelos dados conhecidos, sobretudo relativos à região de Entre-Douro-e-Minho com certa penetração na área transmontana, a que melhor quadra com o âmbito geográfico deste estudo, e por sinal com ocorrências

---

881 Blanco Freijeiro 1957a, p. 152.

882 Nota 851.

883 López Cuevillas 1951c, p. 20-51.

884 Agradecemos ao Dr. Luís Raposo, Director do MNA, as informações e o acesso disponibilizados.

885 Almagro Gorbea M.J. 1962.

886 Cardozo 1965c.

887 Queiroga 1987, n.º 2.

888 Pérez Outeiriño 1980 e 1982, p. 101-107. Cumpre-nos acrescentar, para além desta presença da nossa ourivesaria que tem um paralelo bem próximo na arrecada de Vilar de Santos, Orense (Pérez Outeiriño 1982, p. 85-89, Fig. 22, Lám XXXIII-XLII), também situada na área meridional castreja, o conto da bainha de Joubreia que descrevemos e ilustramos neste trabalho (Est. LXXXVII, 7), mais entendendo que a identificação entre estes motivos e as decorações de SS normalmente estampadas muito correntes na cerâmica das fases II e, sobretudo, III deverá ser ponderada, apenas se nos afigurando com clareza como uma representação ornitomórfica o n.º 677 do quadro decorativo (Est. LXX), a denunciar uma fraca tradição no uso deste motivo na área castreja. De resto, em devido tempo, quando tratamos do Bronze Final, sobretudo a respeito do depósito de fundidor de Baiões, assinalámos a sua ausência face a paralelos em que aparece como um dos motivos decorativos de maior singularidade desde o Bronze Final em largas áreas da Europa.

889 Cardozo e López Cuevillas, nota 874.

registadas em três conhecidos povoados castrejos, concretamente, o Castro de Lanhoso (Est. CXI, 1-3), a Citânia de Sanfins (Est. CXI, 7)[890] e a Citânia de Santa Tecla[891].

Para lá destas variantes, primariamente formalizadas pelas características dos terminais, reconhecem-se ainda nos torques de prata de Bagunte dois outros modelos, do mesmo tipo, com remates em argola (D5), um deles com aro de fios torcidos e que deveria terminar em argola de preensão, como acontece no outro, de estrutura mais elaborada, em malha de prata envolvente de estrutura interna, com numerosos paralelos peninsulares sobretudo da área ibérica[892].

Além das peculiaridades já enunciadas e reveladoras de uma mestria nas técnicas do trabalho do ouro, designadamente pela utilização sistemática de delicados processos decorativos, como a filigrana, o granulado e, em especial, o polvilhado ou granitado, aplicados em combinações ornamentais típicas da fase III da cultura castreja, sobressai também uma racionalização no uso da matéria-prima, suprindo com artifícios técnicos e decorativos a escassez do ouro, aparentemente denunciada, segundo as análises disponíveis, pelas primeiras procedências de jazidas primárias, ora utilizando ligas com elevado teor de prata, como é manifesto em Sanfins, ou às vezes substituindo-o por elementos de outro metal em estruturas não visíveis, como se regista no uso de um aro interior de cobre nos três torques de Lanhoso, como que a prenunciar o fim de um ciclo.

Neste contexto, não poderá deixar de considerar-se significativa a utilização de prata nos torques de Bagunte, Vila do Conde (Est. CXII, 1-5)[893], a paralelizar, em especial, com os curiosos conjuntos de Guiães e Paradela de Guiães no Vale do Douro[894], a que se deve acrescentar um achado minhoto com elementos afins ocorrido em Carreço, Viana do Castelo[895], que deverão constituir, pelas espécies numismáticas a que alguns estavam associados[896], tesouros ocultados por ocasião de movimentações militares relacionáveis com as guerras cântabras, com as quais se concluiu a última etapa de ocupação romana na Península Ibérica, com posterioridade ao que terá acontecido ao seus paralelos, como as lúnulas, torques "ibéricos" e baixela de Chão de Lamas, Coimbra[897] e de Vila Vellha do Rodão, Poço do Salvado, Monforte, Penha Garcia e Monsanto, na Beira Baixa, Bacia do Tejo[898], que terão sido ocultadas aquando das guerras sertorianas.

O registo no Castro do Coto da Pena, de uma coquilha com interior para peça em aro retorcido (Est. LXXX, 3), datável da fase IB, similar a outra do tesouro de Sines[899], documentará uma produção local, certamente em ouro, de procedência mediterrânica para alguns modelos desta insígnia tradicionalmente considerada de origem continental[900].

A descoberta ocorrida na região de Montemuro de uma valva de molde de xisto (Est. LXXX, 8)[901], com figurações geométricas congéneres às dos remates de alguns torques transmontanos, evidencia um relacionamento entre as comunidades do interior de ambos os lados do Douro, revelando contactos entre oficinas, também manifesto por outros índices de ordem social e cultural, patentes em numerosas expressões linguísticas e de religiosidade, que obrigam a reinterpretar de outro modo as respectivas adscrições de ordem étnica[902].

---

890 Embora a forma do terminal admita, pelos outros parelelos do tipo D3, uma posição diferente, contudo o estado em que foi encontrado determina a sua reconstituição conforme a ilustramos e segundo a qual foi restaurada. Se alterações houve relativamente à morfologia originária, tal terá ocorrido como na antiguidade, facto que também verificámos noutras jóias, vg., de Lanhoso e Estela, com evidência.

891 Mergelina 1943-44, p. 37; López Cuevillas 1951c, p. 28-29, Fig. 19; Martínez Tamuxe 1983, p. 125-126.

892 Cfr. MAN 2002, *passim*.

893 López Cuevillas 1951; Ladra 2002. Agradecemos ao Dr. Paulo Costa Pinto, do Gabinete de Arqueologia Municipal de Vila do Conde, os desenhos destas peças.

894 Raddatz 1969.

895 Informação pessoal de A. Leal, a quem agradecemos. Em estudo por R. Centeno.

896 Centeno 1987.

897 Raddatz 1969.

898 Gomes-Beirão 1988.

899 Costa J.M. 1966; Martins C.M.B. 1996, Est. LI.

900 Castro Pérez 1992 e 2002.

901 Vaz 1986b; Silva A.C.F. 1992, p. 79, Fig. 28.

902 Ladra 2002.

FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS BIBLIOTECA ALICANTE

Colares articulados

Adornos com antecedentes remotos em colares de contas de tipologia e matéria diversa, de origem animal e mineral, podem documentar-se na área espácio-temporal deste estudo pelo menos quatro jóias deste tipo, de que apenas o exemplar do Tesouro de Estela, Póvoa de Varzim, nos aparece convenientemente estudado desde a sua descoberta[903].

Tratando-se de peças geralmente formadas por uma série numerosa de elementos, ora diversificados ora repetidos, que eram ligados entre si por um fio simples, duplo ou triplo, conforme os casos conhecidos, que passava pelo interior e era em geral de matéria perecível[904], põem-se-nos, por isso, quase sempre sérios problemas relativamente à sua reconstituição.

Para o colar de Estela (Est. CXV, 1), aceitamos a distribuição harmónica que dele fez J. Fortes[905], não sendo muito plausível, considerando a normal complexidade destas jóias e o papel funcional das contas para a sua articulação, que as oito contas bitroncocónicas tenham constituído outro colar[906], para o qual, aliás, se poderiam invocar paralelos de Vilarinho, Ribeira de Pena, formado por seis contas bitroncocónicas introduzidas em fio metálico[907] e de Chaos de Barbanza (Boiro) constituído por nove contas similares[908].

Na montagem do colar de Baião (Est. CXIV) foram seguidos idênticos critérios de índole geométrica e simétrica, sendo os elementos ordenados por ordem de grandeza de acordo com dados fornecidos por paralelos iconográficos e jóias afins da área meridional.

O esquema que adoptamos para o colar da Malhada, Campeã (Est. CXIII), fazendo articular as placas em coroa circular, em função da forma trapezoidal de cada uma, que seria mais ou menos aberta que a representada no desenho, e que originariamente estaria porventura unida directamente ao vestuário ou a um suporte de couro, como o colar de Sines[909], é o que se nos afigura mais coerente perante as hipóteses interpretativas deste numeroso conjunto de peças estrutural e decorativamente homogéneas. Idêntico processo terá sido o usado em jóia similar, de que apareceu uma peça em 1915 em Vila Seca (Sever do Vouga) descrita por M. Cardozo como «uma pequena placa quadrangular de ouro, de uns 5cm quadrados, com dois dos bordos opostos enrolados sobre si, formando tubos ou canalículos por onde passaria um fio também de ouro, que unia essa peça a outras contíguas e do mesmo formato»[910], segundo notícia que deverá ser relacionada com uma informação posterior do mesmo autor, com dados aparentemente convergentes e complementares, onde refere o achado no mesmo lugar e data, de «seis lâminas de ouro de 2,5 x 2cm com uma canelura em cada extremidade e ornamentadas com 3 faixas de 5 círculos separados por pequenos traços paralelos»[911].

Jóias habitualmente consideradas como adornos femininos do pescoço, a que se atribui influência mediterrânica, é na área tartéssica que referenciamos o paralelo mais próximo do colar articulado de Baião (Est. CXIV), precisamente num colar procedente da tumba 9 de La Joya[912] composto, entre outros elementos, de contas bitroncocónicas e alguns pendentes, três deles em forma de bolota afins a algumas peças de Baião,

---

903 Fortes 1905-08g.

904 De modo diverso ao de alguns casos citados infra, no texto, vg. Ribeira de Pena, Chãos de Barbanza e La Joya, não conhecemos vestígios de qualquer elemento metálico de ligação entre as peças dos nossos colares articulados.

905 Fortes 1905-08g, p. 608-610.

906 Almeida 1972, p. 12-13.

907 Meneses 1929, p. 39-40 (*in specie*).

908 López Cuevillas 1951c, p. 87, Fig. 58.

909 Costa J.M. 1966, p. 530; Martins C.M.B. 1996, p. 48, n.º 65, Fig. XXI.

910 Cardozo 1957c, p. 34. A peça foi aqui interpretada como parcela de um bracelete, para que invocou paralelos referidos por Déchelette 1910, p. 334-335, para a sua articulação.

911 Cardozo 1967, p. 354, n.º 154. Não sendo do nosso conhecimento qualquer outra referência a este achado supomos que a sua proveniência se poderá identificar com a do torques de Vale da Malhada.

912 Garrido 1966, p. 69-70, Fig. 32 (p. 47), Lám. XL; Silva A.C.F. 1986b, 1990b, p. 148-149 e 1991a.

com que também se assemelha no sistema de articulação por um fio, que neste caso era de cobre, atravessando os canevões em T dos pendentes e os orifícios das contas.

Contas bitroncocónicas similares a estas, que se podem considerar formas elementares da joalharia antiga, foram encontradas em níveis dos séc. VII a.C. em ambiente etrusco[913], podendo a datação da tumba 9 de La Joya, fixada no 1.º quartel ou 1.ª metade do séc. VII a.C. [914], servir-nos de referência cronológica como *terminus ante quem* deste belíssimo colar, em concordância com os dados mencionados a propósito das arrecadas do mesmo tesouro, com decoração da placa central a repuxado.

Esta mesma técnica foi utilizada no colar articulado da Malhada (Est. CXIII), cuja estrutura lameliforme repetitiva parece recordar a gargantilha do tesouro de Sines[915], devendo considerar-se uma clara derivação das placas dos tesouros orientalizantes como o de El Carambolo[916] e Ébora[917], apesar de não oferecer ainda a decoração de filigrana e granulado típica dessa ourivesaria, como, de resto, o tesouro de Baião também não mostra. A adopção de motivos decorativos de círculos concêntricos estampados em «falso repuxado»[918] ou «repuxado sobre matriz» característicos da ourivesaria do Bronze Final de origem centro-europeia[919] mas de clara difusão atlântica, como vemos no capacete de Rianxo ou no diadema repuxado de San Martín de Oscos, Cangas de Onis[920], não poderá deixar de o considerar coetâneo dos primeiros influxos orientalizantes datáveis dos séc. VII-VI a.C., denunciando convergência destas duas correntes culturais.

A assimilação de elementos técnicos e decorativos de índole mediterrânica, patentes no uso da filigrana e do granulado, contas e pendentes com motivos fitomórficos, com elementos de estrutura e decoração de carácter geométrico mais afins ao gosto da tradição local ou de tipo centro-europeu, informa genericamente o complexo colar de Estela (Est CXV, 1), segundo idiossincrasia característica deste tesouro, sem paralelo, a não ser para algumas das suas peças nos fechos do diadema de San Martín de Oscos[921] e nos prismas rectangulares do que seria o colar articulado de Romariz (Est. CXV, 2), onde também se manifesta duplicidade de influências.

Lúnula

Entre os ornamentos que, além dos torques e dos colares articulados, se prestavam para adornar o pescoço[922], devemos registar uma jóia, procedente da região de Viseu, em forma de crescente e, por isso, com propriedade apelidada de lúnula, como as suas congéneres, de que se pode assinalar uma longa tradição no contexto das relações atlânticas, de reconhecida derivação a partir da Irlanda, e com uma presença marcada entre nós desde o Bronze Antigo no exemplar «provincial» de Cabeceiras de Basto[923].

Mantendo a identidade da estrutura tradicional, a lúnula de Viseu (Est. CXIX, 3) diverge dos seus protótipos do Bronze Antigo sobretudo no tratamento decorativo, quer do ponto de vista técnico quer morfológico, podendo enunciar -se, resumidamente, as seguintes diferenças:

---

913 Garrido 1966, p. 70.
914 Blázquez *et alii* 1979, p. 176.
915 Nota 909.
916 Cfr., vg., Mata Carriazo 1973, II.1 (El tesoro del Carambolo), p. 125-187.
917 Idem, II. 5 (El tesoro de Ébora), p. 326-371); Maluquer de Motes 1958b; Blanco de Torrecillas 1959.
918 Cfr., vg., Peroni 1973, Fig.10, n.º4; 11, n.º3; 17; n.º 9, com elementos característicos de Hallstatt D. O mesmo motivo aparece, ainda que com outras combinações e simplesmente estampado, no colar laminiforme de Álamo (Moura), que, por isso, se pode considerar o seu paralelo mais próximo da nossa ourivesaria. Cfr. Jalhay 1931, p. 35; Heleno 1935, p. 242-252, Fig. 9, Est. VII, 27.
919 Barandiarán 1973a e 1973b, sobretudo p. 189, onde se realça a relação com Messingwerk e bastantes outros casos da Alemanha e p. 204 na conclusão geral. Cfr. paralelo técnico e morfológico do motivo decorativo da Malhada nos apliques de calçado de Hochdorf (Hartmann 1985, Abb. 165).
920 López Cuevillas 1951c, p. 54-57; Luengo 1979, Lám. VII, 1, 3 (p. 235). Mais elaborado, mas da mesma técnica.
921 Idem.
922 Sobre a função, *in genere*, das lúnulas e posição em que eram utilizadas, vide Eluère 1982, p. 60.
923 Cardozo 1929, Fig.1; Heleno 1935, p. 243; Ruiz Priego 1979a, p. 164-165; Taylor 1980, Pl. 23b.

1 – A morfologia dos terminais adquire no exemplar de Viseu e seus paralelos de ouro e prata da 2.ª Idade do Ferro[924], designadamente de Chão de Lamas e Cadaval[925], uma feição característica com remates em simples botões bitroncocónicos bem diferentes do tipo das extremidades em paletas das lúnulas britânicas[926], da Bretanha e Normandia e do círculo nórdico[927] e inclusivamente do fecho por perfurações da lúnula de Cabeceiras de Basto[928], que também se encontram em diademas peninsulares.

2 – A distribuição em campos decorativos parece invocar também o gosto original das formas clássicas, mas adequam-se-lhe os motivos de triângulos com besantes e círculos concêntricos e a técnica da sua estampagem segundo novos gostos de tradição centro-europeia também presentes no seu paralelo mais directo de Chão de Lamas e bem conhecidos na decoração da cerâmica castreja do final da fase II [929].

2. BRACELETES

O inventário dos braceletes ou *viriae,* conforme a designação transmitida por Plínio[930], da nossa ourivesaria compreende uma série menos numerosa que a dos colares ou torques, todavia a eles se reportando alguns pela morfologia, aspectos técnicos e decorativos e singularizando-se outros sobretudo pela sua construção em fita, e cujo ordenamento tipológico se distribui segundo as mesmas fases cronológicas.

Apesar das dificuldades de datação dos braceletes de tipo A, a que poderá ser conatural uma longa pervivência pela sua simplicidade, alguns elementos, associações e paralelos de ordem técnica e cultural permitem-nos, em certa medida, graduá-los em correspondência com os torques do mesmo tipo, suprindo a falta generalizada de contexto arqueológico de quase todos os achados.

A ausência pura e simples ou a presença de botões mais ou menos desenvolvidos em diversos torques desta família indica que não nos podemos servir deste elemento como determinante de qualquer cronologia, o mesmo se dizendo da secção, na base da qual se constituem variantes morfotipológicas mas sem valor cronológico, pelo menos por ora perscrutável.

Deste grupo, pertencem, e julgamos que sem arbitrariedade, ao Bronze Final Atlântico os braceletes que, em geral, miniaturizam as formas dos torques, com aros subcirculares ou elípticos, adaptáveis ao lugar do seu uso, de secção circular e com ausência ou com terminais em botão (A1; Est. CXVI, 1-5).

Os mais simples poderão ser de maior antiguidade como se poderá deduzir do contexto arqueológico do bracelete de Bairros (Est. CXVI, 3), que recuperámos como parte de um conjunto funerário com vasos de largo bordo horizontal e um levemente carenado datável do Bronze Final Atlântico I[931].

A associação do bracelete do Castro de Baiões (Est. CXVI, 5) aos torques da mesma estação e às réplicas de bronze referenciadas no mesmo Castro (Est. XCVI, 3-5D) tornam-se, neste particular, em ponto de referência, quadrando bem no Bronze Final Atlântico II. Com botão cónico, como o torques, é similar ao bracelete extremenho de Monroy[932] e são vários os paralelos que confirmam esta cronologia no âmbito do mesmo ciclo cultural[933]. E para as formas de secção poligonal (A2), que se podem documentar desde o Bronze

924 Paralelos galegos de Allariz e Cerdido in López Cuevillas 1951c, p. 69-73, Fig. 49-50.
925 Raddatz 1969, p. 112-116, Taf. 84-86 (Cadaval) e 89, 91 (Chão de Lamas); Heleno 1935, p. 233-245, fig. 5-7, Est. IV, 22 e V, 23, 24 (Cadaval).
926 Taylor 1980, p. 25-44, Pl. 7-21.
927 Eluère 1982, p. 58-63, 139.
928 Eluère 1982, p. 60-61 refere um possível paralelo de Chalais (Vienne).
929 Raddatz 1969. Cfr. Quadro gráfico da decoração: C, 531- 627, *passim* (Est. LXVIII- LXIX).
930 C. Plinius, XXXIII, 13. Conforme referimos noutro estudo (Silva A.C.F. 2003b) entendemos mais ajustado esta expressão como antecedente de torques.
931 Silva A.C.F. *et alii* 2004.
932 Almagro Gorbea 1977, p. 24-25, Fig. 7.
933 Sobretudo os tesouros de Sagrajas (Idem, p. 21-22, Fig.5) e Mérida (Idem, p. 38, Fig. 9, n.ºs 3 e 4).

Médio[934] também não faltam paralelos para os atribuir ao Bronze Final Atlântico, estando representados nos nossos braceletes de Baralhas (Est. CXVI, 7), Telões (Est. CXVI, 6), o existente no Museu Nacional de Soares dos Reis (Est. CXVI, 8) e o desaparecido da Serra da Estrela[935] com várias presenças congéneres também assinalados na área da Extremadura espanhola[936].

Já o bracelete da Costa (Est. CXVI, 9, 9A-9C) apresenta uma estrutura compósita de dois aros e uma placa (tipo B) e uma composição decorativa também mista, os aros com decoração geométrica incisa e a placa com puas cónicas, fazendo reportar-se a um cruzamento de influências de tradição atlântica com novos elementos de tipo Villena-Estremoz, de origem centro-europeia.[937]

A morfologia e a decoração dos aros, de estrutura maciça e secção circular e com decoração geométrica incisa, paralelizam com os torques tipo Sagrajas/Berzocana/Baiões, já referidos, enquadrando-se perfeitamente em contextos definidos do Bronze Atlântico, remetendo-se a forma decorativa dos terminais em campânula a um contexto atlântico similar, revelando contactos com formas «cup ended» de braceletes irlandeses da fase Dowris característicos do Bronze Final II[938] e norte europeias da Dinamarca e Norte da Alemanha datáveis do período de transição IV-V de Montelius[939], e com relações mais próximas nos torques de Sintra[940] e Huelva[941] e também com o bracelete de bronze procedente do Norte de Portugal e depositado no Museu Nacional de Soares dos Reis (Est. XCVI, 8).

Por outro lado, a decoração da placa com puas cónicas revela a presença desses novos elementos característicos de algumas peças do tesouro de Villena[942] que se repetem, ainda que com variações, nos braceletes de Estremoz[943], Portel/Évora[944] Portalegre[945] e Chaves (Est. CXVI, 10), (tipo C), na área portuguesa, e alguns exemplares galegos[946], onde se poderá ver mais um indício de relações com os Campos de Urnas[947] no Ocidente atlântico, incluindo a área do Noroeste peninsular.

A presença de braceletes galonados (tipos D, E) na estatuária castreja como presumível indicador de prestígio hierárquico[948] está bem confirmado por vários exemplares de jóias com essa forma, que manifestam pela técnica e padrões decorativos uma certa diversidade de cronologia e de relações culturais.

A tradição do Bronze Atlântico parece evidenciar-se no gosto pelas superfícies lisas e levemente sinuosas (Est. CXVII, 5)[949] e na pervivência da decoração geométrica incisa (Est. CXVII, 1, 2, 4, 5); a decoração estampada, com simplicidade no bracelete do Monte da Saia (Est. CXVII, 3) e com variedade e exuberância no de Lebução

---

934 Eluère 1982, p. 143-195; Gonzalo 1983, p. 96-98.

935 Sarmento 1933a, p. 140; Cardozo 1950-51, RG, 60 (3-4), p. 410, Fig.

936 Tesouro de Bodonal de La Sierra. Almagro Gorbea 1977, p. 43-44, Fig. 10 1-3.

937 Cfr. Almagro 1969, p. 248-287, Lám. VI, n.ºs 5-6, onde atribui uma origem europeia ao tesouro de Villena face ao relacionamento mediterrânico que lhe vinha sendo atribuído desde a publicação do seu achado por Soler García 1965 e 1969. Cfr. também Maluquer de Motes 1970, p. 95-98, onde alinha a sua posição em favor de uma procedência centro-europeia preferentemente da área germânica, e Coffyn 1985, p. 238.

938 Eogan 1964, p. 304; Almagro Gorbea 1977, p. 33.

939 Sprockhoff 1965, p. 184, cit. in Almagro Gorbea, idem.

940 Reinach 1925, Pl. XIV, Fig.3 (estudo rep. In Paço 1965c, p. 171-186); Almagro 1969, p. 282, Fig. 2, Lám. III, 1, Hawkes 1971, p. 38 ss.

941 Almagro 1958, (E.1), 39 (36), 228; Almagro Gorbea 1977, idem.

942 Almagro 1958 e Almagro Gorbea 1974c, p. 64 ss e 1977, idem.

943 Principais referências do bracelete de Estremoz: Reinach 1912; Mélida 1929, p. 233; Pericot 1934, p. 295; Álvarez-Ossório 1954, p. 27-28, Lám. XV; Cortez 1954a; Blanco Freijeiro 1957a, p. 6-10, Fig. 1, 3c, Lám. I (a, b); Cardozo 1959a, Est. I (a, b).

944 Destes braceletes, desaparecidos, ficou-nos uma notícia do *Boletim de Architectura e de Archaelogia*, 3ª Série, 7, Lisboa, 1898, p. 6-7, possivelmente da autoria de Possidónio da Silva, segundo A. Paço, que a transcreve, com o desenho de um dos braceletes in Paço 1965c, p. 165-166, Fig. 4, tendo sido os seus desenhos já anteriormente reproduzidos por Cardozo 1929, p. 28, Fig. 5, n.º 8 Heleno 1935, Est. IX, Fig. 34 e, de novo, por Cardozo 1959a, Est. VI, 1.

945 Cardozo 1959a, Est. II (a, b).

946 Sobretudo um bracelete procedente da província de Orense integrado na Colecção Banco Cicerón (López Cuevillas 1932a, p. 227, 232, Lám.I, Fig. 1 e 1951c, Fig. 32) e o bracelete de Toén, das proximidades da cidade de Orense (Bouza Brey 1934).

947 Nota 824.

948 López Cuevillas 1951c, p. 57-59.

949 Ruiz Priego 1979a, p. 169-170, sobre a tradição dos braceletes galonados desde a última fase do Bronze Inicial e das suas relações com a cultura de Wessex.

(Est. CXVII, 6-6A) (tipo E) apelam a influências centro-europeias de raiz hallstáttica; a composição decorativa de espículas finas entre os toros do par de pulseiras do Norte de Portugal (Est. CXVII, 1-2) (tipo D) aparece na linha das técnicas peculiares de tipo Villena-Estremoz, recordando o sistema de fecho por encaixe uma evolução de processo idêntico anteriormente utilizado nos torques de Sagrajas[950], Moura[951],Portel/Évora[952], Penela[953] e no bracelete do Instituto Valencia de Don Juan[954], com vários paralelos relacionáveis no âmbito do Bronze Final Atlântico[955] e, por isso, não necessariamente na dependência exclusiva de uma origem hallstáttica centro-europeia[956].

Cronologicamente, poderão considerar-se de maior antiguidade no interior deste grupo, com datação porventura coincidente com a 1.ª Idade do Ferro na Europa, as pulseiras com decoração de espículas e fecho por encaixe (Est. CXVII, 1-2), a pulseira incisa de Regoufe (Est. CXVII, 4) e a estampada do Monte da Saia (Est. CXVII, 3), já na fase II, devendo situar-se em época mais avançada os braceletes com afinidades morfológicas de Carvalhais (Est. CXVII, 5) e Lebução (Est. CXVII, 6-6A), para o qual assinalámos relações com o grupo oriental do «early style» céltico[957].

3. ARRECADAS E AROS DE CABELO

Arrecadas

Adornos que os dados iconográficos, designadamente as estátuas de guerreiros, não sugerem como de uso masculino no âmbito da cultura castreja, de modo diverso ao de outras situações peninsulares já registadas por F. López Cuevillas[958], as arrecadas distinguem-se das restantes jóias pela leveza da sua estrutura, delicadeza das suas formas e riqueza da sua decoração, constando geralmente de um corpo central decorado, às vezes enriquecido com um apêndice na parte inferior, quase sempre triangular, e dotado, na parte superior, de elementos de suspensão, que podia ser simples, por introdução no lóbulo da orelha, ou duplo, quando combinado a uma cadeia de suspensão supra-auricular[959] (Fig. 16), de tradição orientalizante[960].

Fig. 16 – Arrecada de dupla suspensão (Estela, Póvoa de Varzim)

De uso ainda hoje profundamente arraigado na tradição regional das mulheres do Noroeste, podem referenciar-se os seus antecedentes mais remotos nos pendentes tipo «basket», constituídos por uma lâmina de perfil ovalado com decoração marginal de pontos repuxados e com espigão em

950 Almagro Gorbea 1977, p. 19-21, Fig. 4 (p. 20).
951 Heleno 1935, p. 247, Fig. 10, Est. VII, 28, Blanco Freijeiro 1957a, p. 19, Lám. IV, b.
952 Reinach 1925, Pl. XIII, 1 e XV, 6, 7; Correia V. 1925; Gromicho 1952; Paço 1952c, p.168-170, Fig. 5; Cardozo 1957c, Est. XII, Fig. 22.
953 Silva J.P.N.- Cougny 1884, p. 62; Sarmento 1933a, p. 208; Reinach 1925, Pl. XIII, 2.
954 Blanco Freijeiro 1957a, p. 19, Lám. IV, a.
955 Almagro Gorbea 1977, p. 30-32.
956 Blanco Freijeiro 1957a, p. 19-20.
957 Cfr. p. 331.
958 López Cuevillas 1951c, p. 73-74. Também Maluquer de Motes 1982, p. 177.
959 Pelas observações que tivemos oportunidade de verificar com as arrecadas de Estela e Laundos (Fig.11), não nos parece poder confirmar-se a existência de uma suspensão simples por cadeado, conforme vem sendo divulgado na sequência de Severo 1905--1908e, p. 107, Fig. 4 (Cfr. Blanco Freijeiro 1957a, p. 279 e Pérez Outeirño 1982, p. 154).
960 Blanco Freijeiro 1957a, idem.

fita para fixação no orifício do lóbulo, com origem reconhecida na Estremadura portuguesa em contextos campaniformes tardios[961],onde se registou o seu aparecimento nas grutas artificiais da Ermegeira[962] e Cova da Moura[963], no concelho de Torres Vedras. Mas se estes exemplares apontam para uma utilização tão antiga, falta registar no conjunto numeroso da ourivesaria do Noroeste qualquer jóia deste género que se possa considerar derivada desta tradição, continuando ausentes até ao período de influência tartéssica na região, que terá trazido consigo as primeiras formas documentadas no tesouro de Baião datável dos séc. VII-VI a.C.

Pelos critérios referidos, ordenamos o conjunto das arrecadas aparecidas na área do Noroeste de Portugal em quatro grupos tipológicos (A-D).

As arrecadas de tipo A apresentam como característica principal a existência de um corpo central constituído por uma lúnula oca, com variantes enriquecidas por apêndices, e adaptadas a um sistema ora simples ora duplo de suspensão. A primeira variante (A1), directamente representada pelas arrecadas do tesouro de Baião (Est. CXVIII, 1-4), com afinidades às de Sines[964] e Aliseda[965], entre os melhores paralelos peninsulares, enquadra-se no mundo das relações tartéssicas e manifesta características técnicas, morfológicas e temáticas de teor orientalizante.

Estes dois pares de arrecadas são jóias muito leves, de estrutura laminar compósita, à base de utilização sistemática de placas e soldas, com sistema simples de suspensão, e com temática decorativa claramente orientalizante patente, em primeiro lugar, nos motivos estampados de palmetas da lâmina central com significativos paralelos mediterrânicos, designadamente de ambientes cipriotas e etruscos, aparecidos em elementos arquitectónicos[966] e escultóricos[967], marfins[968] e peças de joalharia[969], seguindo protótipos da arte fenício-cipriota que se tornaram de privilegiada preferência peninsular, onde surgem representadas em numerosos casos sobretudo meridionais[970] segundo âmbito cronológico dos séc. VII e VI a.C.

Outra variante (A2), presente na arrecada de Paços de Ferreira (Est. CXVIII, 5), mostra uma estrutura aparentada, todavia mais diferenciada por um pequeno apêndice e sistema duplo de suspensão[971] e com decoração de filigrana e granulado, como as placas de ouro e peças diversas do tesouro de Serradilla (Cáceres)[972],revelando também influências claramente tartéssicas, eventualmente procedentes de Cádis, combinada com uma decoração repuxada de fossettes e punções patentes na placa central, de gosto e técnica hallstátticos[973], com paralelos nas arrecadas de tipo I de Serradilla[974], Madrigalejo[975], Monsanto da

961 Taylor 1980, p. 22; Gonzalo 1983, p. 100.

962 Heleno 1942, p. 457, Est. II, 6-7.

963 Belo et *alii* 1961, p. 410.

964 Costa J.M. 1966, p. 530, Fig. 1 e 1973, Fig. 9-10; Martins C.M.B. 1996, p. 48, n.º 66, Est. XXVI e XLVII.

965 Entre a numerosa bibliografia deste tesouro, cfr. a primeira notícia in Mélida 1921, p. 21, n.º 3 e o estudo de Almagro Gorbea 1977, p. 205, n.ºs 2-3, Lám. XXIII, 1-2.

966 Mayer 1969, p. 42-43, Est. II, 1; capitel de calcário de Golgoi; Athienou: Harden 1968, p. 200-201, Fig. 58.

967 Relevo de alabastro de Aradus (Museu de Louvre): Blanco Freijeiro 1956a, p. 42, Fig. 49.

968 Marfins de Nimrud, Assíria: Barnett 1963-64.

969 Silva A.C.F. 1990b, p. 151 e 1991a. De procedência cipriota: colar de Idalion (Karageorghis 1964, p. 74, Fig. 26-27); pátera de prata de Amathus (Cesnola 1877, p. 329 e Harden 1968, p. 191, Fig. 53). De procedência etrusca: vaso de Amotonte (Demargne 1964, Fig. 503); taça de ouro de Palestrina (Pallotino 1955, Fig. 27); pátera de Curium (Metropolitan Museum de New York, (García y Bellido 1956, p. 99, Fig. 23); peitoral de oura da tumba Regolini-Galassi (Paretti 1974, p. 190 ss; Blanco Freijeiro 1956a, p. 40, Fig. 48 e Vacano 1965, p. 112, Fig. 27). Bracelete de ouro de placas unidas de Tarros, Sardenha (British Museum): Marshall 1911, p. 155 ss, n.ºs 1539-1540, 1542, fig. 24-25 e Harden 1968, p. 319, n.º 104 (Fot. 9). Do mesmo ambiente orientalizante, um brinco de ouro em "sanguessuga" com um falcão sobre um pendente, do Museu Ashmolean, Oxford (Harden 1968, n.º 105 (Fot.1)) e uma placa de ouro, proveniente de Malta e do mesmo Museu (n.º G 440) onde as palmetas aparecem associadas a grifos e um disco alado (Harden 1968, n.º 91 (Fot.)).

970 Entre os numerosos paralelos, cfr., vg., a sua presença no tesouro de Aliseda (Cáceres), Castro de los Castellejos en Sanchoreja, thymiaterion de La Caleta (Cádiz), fivela de cinturão de Acebuchal e sobretudo na série de marfins andaluzes de Carmona, Alcantarilla, Cruz del Negro, tumba H de Setefilla e no tesouro de Crevillente (Alicante), segundo referências da bibliografia de González Prats 1976-78, p. 325-354. Sobre a sua representação em marfins, vide Aubet Semmler 1981-82; Silva A.C.F. 1990b e 1991a.

971 Morfotipo IIIC de Pérez Outeiriño 1982, p. 173.

972 Sayans 1966; Almagro Gorbea 1977, p. 221-230, Lám. XLV- XLVI.

973 Blanco Freijeiro 1957a, p. 280.

974 Almagro Gorbea 1977, p. 222, n.ºs 1-2, Fig. 80 (1-2), Lám. XLIII.

975 Idem, p. 230-231, Lám. XLVIII, 1-2.

Beira[976] e Golegã[977], a sinalizar, por esta via, eventuais relações com o conjunto da Alta Estremadura, datável dos séc. VI-V a.C., que terá desempenhado, segundo o ponto de vista de M. Almagro-Gorbea[978], papel de transição de novas técnicas e formas de ourivesaria também para o Noroeste peninsular.

A arrecada de S. Martinho da Anta (Est. CXVIII, 11), localizada no curso do Douro como o tesouro de Baião, tem uma estrutura similar, com corpo central em lúnula mas já com outros elementos (A3) constituídos pelo sistema duplo de suspensão, por introdução no orifício do lóbulo e supra-auricular, e por um apêndice em cacho constituído por nódulos de arames em espiral com esférula central e granulado disperso, que encontra réplicas em arrecadas de Utrera (Sevilha)[979] e Tivisa (Tarragona)[980], denotando um quadro de relacionamento mais mediterrânico[981] e litoral eventualmente feito por via marítima com penetração fluvial em torno do séc. IV a.C.

O tipo B, que consideramos derivado do anterior por um processo de simplificação da lúnula em simples aro com o espaço central decorado por lâmina e apêndice triangular já definitivamente formado e que veremos perdurar no tipo C da nossa ourivesaria castreja, está representado por uma arrecada procedente de parte incerta do Norte de Portugal (Est. CXVIII, 12) que tem nas arrecadas tipo IIA de Serradilla os seus paralelos mais aproximados[982], assinalando-se, deste modo, um segundo elemento de relação entre ambos os núcleos, que poderá ter sido efectivamente estabelecida como resultado de deslocações e contactos de ourives ambulantes da Alta Estremadura, e assim diversificando os itinerários das procedências meridionais.

O tipo C compreende o conjunto das arrecadas da faixa litoral portuguesa compostas por um corpo discoidal, apêndice triangular granulado com botão terminal e sistema duplo de suspensão (Est. CXVIII, 6-10)[983].

Este grupo litoral apresenta uma homogeneidade impressionante do ponto de vista morfológico, técnico e decorativo que o faz destacar mesmo no interior da área meridional castreja de peças morfologicamente congéneres como a de Vilar de Santos[984] e Irixo[985], reclamando, por isso, justamente uma escola própria de ourivesaria localizada por J. Fortes na região da Póvoa de Varzim em função dos achados de Laundos e Estela[986]. Aparecendo como elaborações locais que combinam com originalidade inspirações de procedência diversa, são-lhes conferidas influências meridionais na estrutura do apêndice triangular, na utilização das técnicas da filigrana e do granulado e no sistema de suspensão, não sendo tida como absolutamente certa a origem hallstáttica do corpo central que poderá porventura ter derivado de modelos do Noroeste europeu[987], onde também são frequentes adereços em coroa circular aberta, nas Ilhas Britânicas[988] e Norte da França[989] no final da Idade do Bronze e começos da Idade do Ferro, em identidade de morfologia eventualmente adquirida na linha das relações do Bronze Atlântico, segundo tradição com que poderá também concordar, melhor que a qualquer outro ponto de referência dos inúmeros que se lhe podem apontar[990], o tão característico motivo das suas campânulas ornamentais que conta com protótipos conhecidos na região desses períodos mais antigos[991].

---

976 Cardozo 1956b, p. 449-462, Fig.1; Blanco Freijeiro 1957a, p. 280-285, Lám. XX.
977 Cardozo 1956b, Fig.2.
978 Almagro Gorbea 1977, p. 229-230, 235.
979 Blanco Freijeiro 1957a, p. 292, Fig. 25.
980 Raddatz 1969, p. 117 (Typpengruppe IIIb), Taf. 69 (1-2), 70 (1-4).
981 Cfr. a origem grega apontada por Blanco Freijeiro 1957a, p. 273-274 e Raddatz 1969, p. 121.
982 Almagro Gorbea 1977, p. 222, Fig. 81, Lám. XLV, 14.
983 Sub-tipo C de Blanco Freijeiro 1957a, p. 288-290 e Pérez Outeiriño 1982, p. 171.
984 López Cuevillas 1939-40 e 1951c, p. 78-79, Fig. 62; Blanco Freijeiro 1957a, p. 291; Pérez Outeiriño 1982, p. 85-89, Fig. 22, Lám. XXXIII-XXXIV. Morfotipo IIB de Pérez Outeiriño, idem, p. 171-172.
985 Lorenzo Fernández 1943-44; López Cuevillas 1951c, p. 76-78, Fig. 60; Blanco Freijeiro 1957a, p. 291, Lám. XXI, b, Filgueira Valverde 1957, p. 99; Pérez Outeiriño 1982, Fig. 13, Lám. XVIII. Morfotipo IIC de Pérez Outeiriño, idem., p. 172, juntamente com a de Cances (Carballo, Coruña).
986 Fortes 1905-08g, p. 617-618.
987 Blanco Freijeiro 1957a, p. 289-290.
988 Taylor 1980, p. 68-69, Pl. 48-49.
989 Favret 1928, 4 Fig.; Eluère 1982, p. 52-54, Fig. 66, onde segue a interpretação tradicionalmente conferida pelos autores britânicos como "hair-rings".
990 Pérez Outeiriño 1982, p. 108-115.
991 Cfr. p. 339-340.

Segundo os dados conhecidos sobre estas peças, e na ausência de elementos que viabilizem aproximações seguras, para além da sua interpretação como tesouros ou depósitos de ourives ocultados em momento de crise[992], eventualmente as guerras cantábricas, não será de excluir, pelos dados arqueológicos do tesouro de Laundos posto em paralelo com os das arrecadas de Briteiros, a sua consideração no interior de um contexto funerário próprio da fase III[993], segundo parâmetros cronológicos e culturais que conviriam para a sua deposição, podendo sugerir-se que tenham sido produzidas durante o período anterior em data com certeza não anterior a 300 a.C.[994]. É, de resto, este momento condizente com uma certa exuberância de gosto decorativo patente sobretudo na cerâmica onde são mais frequentes os peculiares motivos triangulares estampados em cacho (Quadro decorativo, C, 582ss; Est. LXIX), ao modo dos apêndices, com introdução registada na fase II, que consideramos de influência túrdula e comércio púnico a partir do séc. V a.C., e conforme observação similar sobre o motivo estampado dos SS encadeados, que também enriquecem a peça de Carreço (Est. CXVIII, 8), e de maior futuro na ornamentística castreja da fase III[995].

O par de arrecadas de Briteiros (Est. CXVIII, 13, 13A-13D) que gozam do privilégio de terem sido encontradas em contexto arqueológico mais definido que os restantes exemplares, constituem na generalidade dos seus aspectos morfológicos, em pingente e com hastes dobradas para preensão, um caso excepcional de originalidade, sem paralelos próximos ou longínquos que se lhes possam com verdade referir, pelo que deverão definir um tipo à parte (D).[996]

Recordando vagamente protótipos mediterrânicos, como os sugeridos de Tharros e Alcudia de Maiorca[997], é efectivamente esta corrente artística que se lhes manifesta mais presente do ponto de vista técnico, onde se combinam, de resto, em motivos similares, a filigrana, o granulado e o polvilhado como nos torques da Póvoa de Lanhoso e Santa Tecla, a sugerir afinidades de cronologia, que o vaso acampanado feito à roda em que apareceram também aconselha.

Aros de cabelo

Para além desta importante série de adornos de ouro para as orelhas, documenta-se também um ornamento afim, para embelezar a cabeça, constituído por um par de jóias formado por dois largos aros procedentes de Bougado (Est. CXIX,1-2), cuja função mais verosímil se poderá aparentar simplesmente à dos «hair rings» britânicos[998], sem que seja necessário interpretá-los como parte de qualquer outra peça mais compósita[999].

Sem paralelos peninsulares que se lhe possam reportar, parece óbvia, pela morfologia, estrutura, técnica e motivos decorativos, a sua quase identidade com o aro da tumba de Kappel am Rhein, com cronologia de Hallstatt D final, conforme assinalado por A. Blanco Freijeiro, apelando para uma influência nitidamente centro-europeia[1000], não sendo de sobrevalorizar o contexto de romanização em que ocorreu o seu achado[1001], atendendo à longa pervivência arqueologicamente bem testemunhada dos lugares de enterramento, de que, vg., a necrópole de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia) com dois importantes núcleos, um do Bronze Médio/Final e outro da romanização, é caso exemplar na região[1002].

---

992 A escavação da vila romana de Estela (Gomes J.M.F. 1996) exclui qualquer relação, anteriormente presumida (Almeida 1972, p. 14-15; Silva A.C.F. 1983-84, p. 128 e 1986b, p. 243) com a expedição de *Decimus Iunius Brutus*.

993 Vide ritos funerários, p. 416-417.

994 Blanco Freijeiro 1957a, p. 299.

995 Vide quadros decorativos de cerâmica, Est. LXVII-LXVIII.

996 Morfotipo IIIB de Pérez Outeiriño 1982, p. 172.

997 Blanco Freijeiro 1957a, p. 295.

998 Taylor 1980, p. 68-69; Pl.48-49; Eluère 1982, p. 54, Fig. 66.

999 Blanco Freijeiro 1957a, citando J. Vasconcellos 1912.

1000 Idem, p. 16.

1001 López Cuevillas, vg., não as incluiu nas suas jóias castrejas por esse motivo (López Cuevillas 1951c, p. 91, nota 80).

1002 Segundo dados por nós recolhidos em escavação e recuperação dos anteriores trabalhos realizados por J. Fortes em 1908. Lobato 1995.

4. *VARIA*

A esta variedade de ornamentos de ouro, de tipologia e função mais correntemente referenciadas, pertencem ainda como peças peculiares da nossa ourivesaria dois conjuntos de objectos do tesouro de Baião e uma peça do tesouro de Gondeiro, de cujas características morfológicas, técnicas e culturais em geral participam, distinguindo-se pelas influências meridionais e centro-europeias que, respectivamente, representam.

Um dos conjuntos do tesouro de Baião, que é composto de diversos tramos de malha de fio de arame associados a semi-esferas ocas e soldadas (Est. CXIX, 5), com diversos paralelos de ouro e bronze inclusivamente meridionais, designadamente de El Acebuchal[1003], a que se tem atribuído uma função de diadema[1004] ou gargantilha[1005], pela sua morfologia e proporções, mais sugere poder acrescentar-se à variedade dos braceletes.

O segundo conjunto de Baião é formado por duas variedades de botões com elementos de fixação sobre peças de vestuário, possivelmente de couro (Est. CXIX, 4), com similaridades aos encontrados em S. Martinho de Álcacer do Sal[1006], onde também se referencia, entre sete anéis espiralados, um com remates em cabeça de cravo, que é paralelo do do tesouro do Gondeiro (Est. CXIX, 6)[1007], que tudo indica permanecer na sua forma primitiva.

Desta abordagem terão ficado, com certeza, elementos suficientes para permitir referenciar as grandes etapas do ciclo económico das nossas comunidades indígenas, a introdução de novos produtos e novas tecnologias, o quadro e os agentes das relações, a longa distância e à escala regional, e a percepção da problemática de um sistema de trocas no interior de uma sociedade, em cuja análise se não deverá desvalorizar o papel regulador exercido pelos laços de parentesco e pelas formas religiosas típicas das sociedades arcaicas.

[1003] Schüle 1961b, p. 64-65, Abb. 13, n.º 6 e 14, n.ºs 5-8.
[1004] Almeida F. 1974, p. 73; Blázquez 1978, p. 227.
[1005] Parreira et alii 1980, n.º 91, com interrogação.
[1006] Heleno 1935, p. 233, Est. III, 18.
[1007] Idem., p. 232-234, Est., Idem.

TORQUES – Gráfico 8

EST		CV			CVI						CVII			CVII					CIV						CX	CXI							CXII				
N.º		1	2	3	1	2	3	4	5	6	1	2	3	1	2	3	4	1	2	3		4														
PROCEDÊNCIA		Baiões 1	Baiões 2	Serrazes	Vale da Malhada	Gondeiro 1	Gondeiro 2	Soalhães	Paradela do Rio 1	Viseu	Cavês 1	Cavês 2	Cavês 3	Lebucão 1	Lebucão 2	Codeçais	Chaves	Rendufe	Paradela do Rio 2	Paradela do Rio 3	British Museum 1	British Museum 2	Estela	Vilas Boas	Lanhoso 1	Lanhoso 2	Lanhoso 3	Tourém	Lebução 3	Lebução 4	Sanfins	Bagunte 1	Bagunte 2	Bagunte 3	Bagunte 4	Bagunte 5
ANÁLISE DESCRITIVA																																				
Aro	maciço	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x								x	x	x	x			
	oco																							x	x	x	x									
	arame em espiral																								x	x	x									
	torcido								X																						x	x	x	x		
	entrançado																																			X
	tripartido																							x	x	x	x				x	x	x			
	faces côncavas										x			x	x	x	x	x	x	x	x	x		x												
	secção – circular	x	x	x				x		x															x	x	x									
	– quadrangular				x	x	x		x	x	x		x																		x		x			
	– outra											x																					x		x	x
	decoração – pontilhado	x	x																																	
	– incisão	x	x																																	
	– estampagem				x	x	x		x	x	x	x	x		x			x	x											x			x			
	– apliques - filigrana																							x	x	x	x									
	- granulado																							x	x	x	x									
	- polvilhado																							x	x	x	x									
	– zonas - central				x	x	x		x	x	x	x	x		x			x	x					x	x	x	x				x					
	- laterais				x	x	x		x	x	x	x	x					x													x		x			
	- geral	x	x																												x					
Terminais	botão – discoidal	x	x																																	
	– facetado				x	x	x			x																											
	– periforme							x																							x	x				
	– campanular									x																					x					
	– dupla escócia													x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x												
	– urna																								x	x	x	x	x	x	x					
	argola																																			X
	maciço	x	x	x	x	x	x	x	x	x												x									x	x			
	oco									x				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
	aplicado								x					x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
	decoração – incisão													x													x									
	– estampagem													x		x	x	x	x		x	x	x	x							x					
	– apliques - filigrana																				x		x	x	x	x	x			x						
	- granulado															x					x		x	x	x	x			x	x						
	- polvilhado																						x													
	– zonas - face ext.									x				x		x	x		x		x	x	x	x							x					
	- face int.									x					x			x				x	x	x													
Matéria	ouro	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
	prata																														x	x	x	x	x	x
	cobre																							x	x	x										
Tipologia		A	A	B	C1	C1	C1	D1	D1	D1a	D2		D3	D3	D3	D3	D3	D3	D3	D3	D3	D3	D3	D3	D4	D4	D4	D4	D4	D4	D4	D2	D1	D1	D5	D5
Fases Cronológicas		IA	IA	IA	IB	IB	IB	IB	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	II	III	III	III	III	III	III	III	III	III	III	III	III

OURIVESARIA – ANÁLISE DESCRITIVA

487 (Au 1) Torques de ouro maciço com decoração geométrica. Tipo A. Fase IA. **Est. CV, 1-1a**

Aro aberto em forma de crescente e de secção circular adelgaçado para as extremidades rematadas em botão de arestas boleadas. Decoração geométrica e simétrica de linhas incisas a buril e pontilhado constituindo cinco conjuntos, dois laterais, dois nas partes médias das hastes e um central, aplicados no dorso do torques.

O motivo central é composto por um conjunto decorativo simétrico com um rectângulo preenchido por losangos ladeado por duas faixas rectangulares de treze linhas incisas cada uma e enquadrado por alinhamentos de denticulados paralelos; o exterior deste motivo decorativo, compreendendo os losangos, o denticulado exterior e as duas linhas laterais que os unem, é a pontilhado feito sobre uma linha base contínua.

Os motivos intermédios apresentam duas variantes:

variante A – rectângulo preenchido por um feixe de linhas paralelas com cinco triângulos de cada lado, três isósceles ao centro e dois rectângulos nas margens, adossados pela base à faixa central e preenchidos por linhas incisas paralelas e concorrentes entre si;

variante B – motivo similar ao anterior mas com duas séries de quatro triângulos isósceles preenchidos por linhas paralelas.

Os motivos laterais são compostos por faixas trapezoidais de linhas paralelas incisas e adossadas ao botão e quatro triângulos unidos à faixa preenchidos por linhas paralelas e concorrentes em relação à base. Fundido pelo método da cera perdida ou provavelmente em molde bivalve e posteriormente polido.

Peso: 582.5gr.
Dimensões: eixo maior – 136
esp. máx. – 13.6mm
Procedência: encontrado em 1947 no interior do Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul (Est. XVI, A) (Tesouro de Baiões).
Bibliografia: Cortez 1948a, p. 275; Parreira *et alii* 1980, n.° 65; Coffyn 1985, n.° 318, Silva A.C.F. 1986b, 480 (Au 1), Est. CVIII, 1-1a; MNA 1996, p. 181: 4:1.
Depósito: MNA, Inv. n.° 288.

488 (Au 2) Torques de ouro maciço com decoração geométrica. Tipo A. Fase IA. **Est. CV, 2-2a**

Estrutura idêntica ao anterior com os botões mais regulares e aplanados nas faces externas. Decoração geométrica e simétrica de linhas incisas a buril e pontilhado também aplicada, no dorso do torques e constituída por um grande conjunto central e dois laterais enquadrados por uma linha pontilhada.

O motivo central é formado por três faixas rectangulares de linhas paralelas espaçadas, dois campos de axadrezados limitados por uma faixa rectangular de linhas paralelas a que estão adossados pela base quatro triângulos isósceles preenchidos por linhas paralelas a um dos lados acompanhados por um denticulado paralelo a pontilhado.

Os motivos laterais constam de uma faixa rectangular de linhas paralelas incisas unidas ao botão com três triângulos isósceles preenchidos por linhas paralelas a um dos lados a ela adossados pela base e unidos pelos vértices a outra faixa idêntica por linhas pontilhadas.

Quase todos os elementos constantes dos motivos decorativos, isto é, triângulos, rectângulos e losangos feitos de linhas contínuas incisas a buril são enquadrados por pontilhado.

Fundido pelo método da cera perdida ou provavelmente em molde bivalve e posteriormente polido.

Peso: 591.6gr.
Dimensões: eixo maior – 140
esp. máxima – 14.4mm.
Procedência: idem. Tesouro de Baiões, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Cortez 1948a, p. 275; Parreira *et alii* 1980, n.° 65; Coffyn 1985, n.° 318, Silva A.C.F. 1986b, 481 (Au 2), Est. CVIII, 2-2a; MNA 1996, p. 181:4:2.
Depósito: MNA, Inv. n.° 289.

489 (Au 3) Torques de ouro maciço sem decoração. Tipo B. Fase IA. **Est. CV,3**

Aro aberto em forma de crescente e de secção circular adelgaçando para as extremidades espalmadas e perfuradas em argola para aplicação do travessão do fecho, que foi vendido pelo descobridor.

Fundido pelo método da cera perdida ou provavelmente em molde bivalve e posteriormente polido, o aro é liso e não mostra rebarbas e as extremidades estão marteladas.

Ouro de 22 quilates (917 milésimos).

Peso: 574.4gr.
Dimensões: eixo maior – 138
esp. máx. – 14mm.

Procedência: encontrado em Abril de 1905 em Machorros, Serrazes, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Severo 1905-08c, p. 109, Fig. 1; Campos 1907, p. 350; López Cuevillas 1951c. p. 93; Parreira *et alii* 1980, n.° 68; Silva A.C.F. 1986b, 482 (Au 3), Est. CVIII, 3.
Depósito: MNA, Inv. n.º 43.

490 (Au 4) Torques de ouro maciço com decoração geométrica. Tipo C. Fase IB. **Est. CVI,1-1A**

Aro aberto de forma subcircular e de secção quadrangular decrescente para as extremidades espessadas em botão em tronco de pirâmide quadrangular com as diagonais da base vincadas, formando triângulos.
Decoração nas fases externas da zona média do aro de um motivo estampado constituido por um alinhamento de 26x26 escudetes triangulares com besantes contrapostos e formando entre si um espaço vazio em ziguezague; a mesma matriz aparece nos extremos associada a breves alinhamentos paralelos a pontilhado mais um pequeno círculo estampado numa das hastes, a modo de marca.
Fundido e martelado e com deformações nas faces internas resultantes da estampagem.
Peso: 94.8gr.
Dimensões: comp. – 350
diâm. – 113/120
esp. – 5/6.5mm.
Procedência: encontrado em fins de Fevereiro de 1906, em Vila Seca, Vale da Malhada, Rocas do Vouga, Sever do Vouga.
Bibliografia: Fortes 1905-08e, Fig. 1-2; Parreira *et alii* 1980, n.° 79; Silva A.C.F. 1986b, 483 (Au 4) Est. CIX, 1-1A.
Depósito: MNA, Inv. n.°40.

491 (Au 5) Torques de ouro maciço com decoração geométrica. Tipo C. Fase IB. **Est. CVI, 2-2A**

Aro deformado de secção quadrangular decrescente para as extremidades espessadas em botões em tronco de pirâmide quadrangular com as medianas da base vincadas, formando quadrados.
Decoração nas faces externas da zona média do aro de um motivo em espinha a pontilhado estampado com matriz de oito dentes às vezes não impressos na sua totalidade ou sobrepostos; nos extremos, a mesma matriz aparece em oito alinhamentos cruzados simples dois em cada face externa.
Fundido e martelado.
Peso: 75.5gr.

Composição do ouro:	Ag	Cu	Cu	Sn	Bi
	32	3.8	5.9	0.064	0.023

(análise de Hartmann 1971, n.° 2881)
Dimensões: comp. – 320
esp. – 5/6.5mm.
Procedência: encontrado por volta de 1929 na base do Castro do Picoto ou Outeiro das Chapas, Gondeiro, Salvador do Monte, Amarante (Tesouro de Gondeiro).
Bibliografia: Pinho 1929b, Fig. 1; López Cuevillas 1951c, p. 60, Fig. 39 [8]; Silva A.C.F. 1986b, 484 (Au 5), Est. CIX, 2-2A.
Depósito: MSMS.

492 (Au 6) Torques de ouro maciço com decoração geométrica. Tipo C. Fase IB. **Est. CVI, 3-3A**

Aro deformado de secção quadrangular decrescente para as extremidades espessadas em botões em tronco de pirâmide quadrangular. Decoração linear estampada, com irregularidades, nas faces externas da zona média e das extremidades do aro de círculos de 1.2mm de diâm., com punção central.
Fundido e martelado.
Peso: 65gr.

Composição do ouro:	Ag	Cu	Cu	Sn	Bi
	23	4.1	5.7	0.099	sp

(análise de Hartmann 1971, n.° 2880)
Dimensões: comp. – 305
esp. – 5mm.
Procedência: idem. Tesouro de Gondeiro, Amarante.
Bibliografia: Pinho 1929b, Fig. 3; López Cuevillas 1951c, p. 60, Fig. 39 [A]; Silva A.C.F. 1986b, 485 (Au 6), Est. CIX, 3-3A.
Depósito: MSMS.

493 (Au 7) Torques de ouro maciço de terminais periformes sem decoração. Tipo D1. Fase IB. **Est. CVI,4**

Aro aberto e liso de forma e secção circulares e espessura irregular com botões terminais cordiformes ou periformes com rebarbas de martelagem.
Fundido e martelado também no aro.
Peso: 116.4gr.

Composição do ouro:	Ag	Cu	Sn
	12	0.66	0.021

(análise de Hartmann, Portugal, Au. 2735, segundo ficha do MNA).
Dimensões: diâm. (aro) – 10.5
esp. – 4/6
comp. (terminais) – 9
esp. – 11 mm.
Procedência: encontrado em 1917, em Soalhães, Marco de Canaveses.

Bibliografia: Parreira *et alii* 1980, n.° 128; Silva A.C.F 1986b, 486 (Au 7), Est. CIX, 4.
Depósito: MNA, Inv. n.° 152.

494 (Au 8) Torques de ouro de terminais periformes com decoração. Tipo D1. Fase II. **Est. CVI, 5-5A**

Aro maciço, aberto, de perfil circular e de secção quadrangular na parte central e extremos e torcido em gola nas zonas intermédias. Decoração geométrica e simétrica nas faces externas da parte central de uma série de 22x22 alinhamentos de três círculos concêntricos dispostos obliquamente e terminando em triângulo com vértice na aresta; nas extremidades do aro repete-se por três vezes nas mesmas faces um motivo de três círculos simples estampados longitudinalmente.
Remates também maciços periformes com a ponta rebatida na operação de encaixe.
Peso: 113.06gr.
Dimensões: aro comp. – 340
diâm. max. – 140
terminais comp. – 21
larg. máx. – 16mm.
Procedência: aparecido em fins de Julho de 1958, asssociado a outros dois torques nas proximidades da barragem fluvial de Paradela do Rio, Montalegre (Tesouro de Paradela do Rio).
Bibliografia: Cardozo 1959f, p. 136-137, Fig. 3, 11; Parreira *et alii* 1980, n.° 129, p. 16; Silva A.C.F. 1986b, 487 (Au 8), Est. CIX, n.º 5-5A; Castro Pérez 1990, p. 163, Fig. 73; Almagro-Gorbea 1991, p. 402, 738 (n.º 478), 790; Pingel 1992, p. 305, n.º 319 (3), Est. 105, 2; Martins C.M.B. 1996, p. 26, n.º 22, Est. XVII; Prieto 1996, n.º 52, 3, Fig. 11, n.º 1, p. 220; Ladra 2002, p. 109-112, n.º 032 (torques n.º 3).
Depósito: MNA, Inv. n.° 569.

495 (Au 9) Torques de ouro maciço com decoração geométrica. Tipo D1a. Fase II. **Est. CVI, 6-6A**

Aro aberto de forma subcircular e de secção losângica na zona média adelgaçando nos segmentos laterais em hastes aramiformes de secção circular e com botões terminais de secção subquadrangular de arestas boleadas.
Decoração estampada nas quatro faces da parte central, mais espessa e plana, de funções triangulares de linhas paralelas com 20mm., de alt. máx.; idêntica ornamentação nas hastes, onde os escudetes aparecem desgastados pelo uso.
Fundido e com vestígios de martelagem.
Peso: 38.1gr.
Composição da matéria-prima:

Ag	Cu	Sn
13	0.46	0.39

(análise de Hartmann, Portugal Au 2750, segundo ficha do MNA).
Dimensões: diâm. máx. – 112
esp. – 6/13mm.
Procedência: Viseu. Fazia parte juntamente com uma lúnula (Est. CXIX, 3) da colecção arqueológica do rei D. Fernando II.
Bibliografia: Pereira G., in *O Manuelinho de Évora*, 20.7.1986; Vasconcellos 1896a, p. 22; Heleno 1935, Fig 25; Raddatz 1969, p. 283, Est. 97, 2; Parreira et alii 1980, n.° 114; Silva A.C.F. 1986b, 488 (Au 9), Est. CIX, 6-6A.
Depósito: MNA, Inv. n.° 295.

496 (Au 10) Torques de ouro de terminais em campânula e com decoração. Tipo D2. Fase II. **Est. CVII, 1-1A**

Aro completo, com fractura recente na zona média, maciço e aberto, de perfil elíptico levemente espessado na zona média e nos extremos, com secção quadrangular de faces côncavas e com decoração estampada, nas faces exteriores da zona média, de dois alinhamentos de sectores circulares com cinco sulcos envolvendo um círculo central terminando em motivo triangular, duplo num dos extremos, com círculos no vértice exterior. Nas extremidades do aro, repetem-se os alinhamentos da matriz central, rematando em motivo triangular com círculos concêntricos no vértice voltado para a zona média do aro. O centro das cruzetas é perfurado por introdução de uma lâmina de ouro enrolada em espigão.
Terminais em campânula troncocónica laminar, com bordo debruado por uma coroa circular soldada e decorada com círculos concêntricos de dois sulcos estampados, com uma cruzeta, soldada na zona média do cone, em cada campânula, uma inteiriça e outra de duas tiras soldadas, decorada com círculos estampados e com quatro campânulas, de reduzidas dimensões e igualmente troncocónicas, debruadas na periferia superior; numa das campânulas, faltam dois destes ornatos.
Revestimento: Fina folha de ouro de 850 milésimos.
Peso: 159gr.
Composição da matéria-prima interior:

	Au	Ag	Cu
aro interior	7.2	74.2	18.4
terminais	80.3	12.3	7.3

(Análises de Carlos Sá, CEMUP)
Dimensões: aro comp. – 289
terminais comp. – 40
base diâm. – 56mm.
Procedência: Castro de Cavês, Cavês, Cabeceiras de Basto. Este tesouro é constituido por três torques que apareceram depositados no interior de um recipiente de cerâmica micácea. Dois aros estavam completos e um terceiro só conservava parte da haste.
Bibliografia: Almeida C.A.B.-Sousa 1993, Silva A.C.F. 1996b, p. 145; Ladra 2002, n.º 042, p.135-138, Fig. 23 (torques n.º 1).
Depósito: MOT- N.º Inv.: MOT-03/-06.

497 (Au 11) Torques de ouro decorado. Incompleto **Est. CVII, 2-2A**

Aro completo, com fractura recente, maciço e aberto, de perfil elíptico, espessado na zona média e mais levemente nos extremos, com secção octogonal e com decoração, nas duas faces exteriores, de um alinhamento em repetição simples de uma matriz de círculos estampados, com três sulcos e uma punção central, rematados por círculos de menor diâmetro, de dois sulcos, dispostos em triângulo e, na face central exterior, de um alinhamento formado por repetição simples de duas matrizes combinadas, formando círculos encadeados, igualmente rematados por círculos dispostos em triângulo.

Ausência de remates.

Revestimento: lâmina exterior em ouro de 850 milésimos.

Peso: 138.49gr.

Composição da matéria-prima:	Au	Ag	Cu
	-	77.3	22.6

(Análises de Carlos Sá, CEMUP)

Dimensões: aro comp. – 288
eixo transv. – 165
esp max. – 9mm.

Procedência: Idem.

Bibliografia: Almeida C.A.B.-Sousa 1993, Silva A.C.F. 1996b, p. 145; Ladra 2002, n.º 042, p.135-138, Fig. 23 (torques n.º 2).

Depósito: MOT- N.º Inv. 05.

498 (Au 12) Frag. torques de ouro. **Est. CVII, 3-3A**

Frag. aro, com fractura recente, maciço e aberto, de perfil subcircular, espessado na zona média, com secção quadrangular de faces côncavas decoradas, nas faces exteriores, com dois alinhamentos por repetição simples de duas matrizes conjugadas, formando uma série de SS duplos encadeados, que rematam num motivo triangular com três círculos dispostos em triângulo no vértice.

Peso: 33gr

Composição da matéria-prima:	Au	Ag	Cu
Aro interior	11.5	45.5	42.9
revestimento	85.5	8.4	5.9

(Análises de Carlos Sá, CEMUP)

Procedência: Idem.

Bibliografia: Almeida C.A.B.-Sousa 1993, Silva A.C.F. 1996b, p. 145; Ladra 2002, n.º 042, p.135-138, Fig. 23 (torques n.º3).

Depósito: MOT, N.º Inv-O4.

499 (Au 13) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. **Est. CVIII, 1-1A**

Aro maciço, aberto, simples e liso, de perfil subcircular espessado na zona média e nos extremos com secção em quadrilátero com os lados côncavos, os exteriores mais pronunciadamente, e unidos em arestas vivas.

Terminais ocos, mas consistentes. em dupla escócia com decoração estampada nos topos de uma roseta hexagonal inscrita numa coroa circular com círculos entrelaçados entre duas linhas pontilhadas.

Peça fundida com os terminais soldados ao aro, com vestígios de solda no ponto de união e com sinais de martelagem, mais evidente no interior do aro. Aro reconstruído modernamente, notando-se a sua reparação em dois sítios.

Peso: 199gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Bi
	ca.25	5.4	7.8	–
	ca.50	5.0	10	0.012

(análise de Hartmann 1971, n.os 2886-2887).

Dimensões: comp. (aro) – 277
eixo maior – 147
esp. máx. – 11
comp. (terminais) – 34.5
larg. máx. – 32.5mm

Procedência: achado casual, associado a outras jóias, ocorrido no final do séc. XIX em Lebução, Valpaços (Tesouro de Lebução). Analisado por R. Severo em fins de 1899.

Bibliografia: Severo 1905-08a, Est. 1, B; López Cuevillas 1951c, p. 33-34, Fig. 29:6; Cardozo 1957a, Est. IV; Blanco Freijeiro 1958, Fig. 3, 4; Raddatz 1969, p. 197, n.º 36, 1; Silva A.C.F. 1986b, 490 (Au 11), Est. CX, 1-1A; Pingel 1992, p. 304, n.º 318, Est. 106, 4; Martins C.M.B. 1996, p. 28, n.º 25, Est. XV, 1 e XLIV, 1; Prieto 1996, p. 220, n.º 51, 2, Fig. 13, 3; Ladra 2002, p. 48-51, n.º 011 (torques n.º 1).

Depósito: MSMS.

500 (Au 14) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. **Est. CVIII, 2-2A**

Aro maciço, aberto, simples e deformado. espessado na zona média e nos extremos com secção em quadrilátero com os lados internos planos e externos côncavos com decoração central nas faces externas de um rectângulo dividido em rectângulos e quadrados menores com as suas diagonais numa face e um rectângulo dividido em triângulo em ziguezague na outra face feita com uma matriz de nove pontos.

A placa de base do terminal que nos restou toda amolgada, mostra um motivo de corda de incisões transversais. Peça fundida com vestígios de terminal que seria oco, soldado ao aro.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Pb	Bi
	ca.35	ca.6.4	11	0.04	sp

(análise de Hartmann 1971, n.os 2711).
Dimensões: comp. – 287
esp. máx. – 10.6mm.
Procedência: Tesouro de Lebução, Valpaços.
Bibliografia: Severo 1905-08a, Fig. 4, 5; López Cuevillas 1951c, p. 33-34, Fig. 28:24; Cardozo 1957a, Est. V; Raddatz 1969, n.º 36, III; Silva A.C.F. 1986b, 491 (Au 12), Est. CX, 2-2A; Pingel 1992, p. 304, n.º 318, Est. 106, 3; Martins C.M.B. 1996, p. 28, n.º 26, Est. XVI, 2 e XLIV, 2; Prieto 1996, p. 220, n.º 51, 3; Ladra 2002, p. 50-51, n.º 011 (torques n.º 2).
Depósito: MSMS.

501 (Au 15) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. Est. CVIII, 3-3A

Similar ao anterior.
Aro maciço, aberto, de perfil elíptico, espessado na zona média e nos extremos, com secção em quadrilátero de lados côncavos, sem decoração.
Terminais ocos em dupla escócia, de estrutura laminar, com placas decoradas no topo. A decoração apresenta uma composição radial, limitada por uma nervura exterior, de seis pétalas inscritas numa coroa circular periférica igualmente composta por seis pétalas, unidas entre si, feitas por estampagem sequencial de uma matriz com pontilhado. Num dos discos, sete esférulas assinalam os respectivos pontos de união dos elementos gravados da composição, um ao centro e seis na periferia; no outro disco, verifica-se a mesma composição, com mais doze esférulas irregularmente dispersas pelo campo.
Peça fundida com aro claramente martelado e com terminais, encaixados e posteriormente soldados, apresentando ambos uma pequena perfuração.
Peso: 211,42gr
Ouro de ca. de 700 milésimos.
Dimensões: aro comp. – 298
esp. máx. – 10.8
eixo transv. – 149
remates comp.–38
larg. máx – 36
Procedência: Achado ocasional ocorrido em Dezembro de 1941 em Codeçais, Santo Estêvão de Faiões, Chaves.
Bibliografia: Cardozo 1942a e 1942b, Fig. 1-2 e 1965c, p. 167-168, Est. III,1-2; López Cuevillas 1951c, p. 36-37; Raddatz 1969, p. 197, n.º 34; Silva A.C.F. 1986b, 494 (Au 15); Pingel 1992, p. 304, n.º 317, Est. 107, 3; Amaral 1993, p. 50-51, n.º 52; Prieto 1996, p. 220, n.º 49, Fig. 12,5; Ladra 2002, p. 90-92, n.º 024, Fig. 13.
Depósito: MNA, N.º Inv. Au 1139 (N. Cat. 280).

502 (Au 16) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. Est. CVIII, 4-4A

Aro maciço, aberto, de perfil eliptíco, espessado na zona média e nos extremos, com secção em quadrilátero de lados côncavos, sem decoração.
Terminais ocos em dupla escócia, de estrutura laminar, com placas decoradas no topo. A decoração apresenta uma composição radial, constando de um pentáscelo dextrógiro, de SS encadeados, liso e com uma punção em cada extremo, inscrito num campo exterior totalmente preenchido por estampagem de uma matriz com pontilhado. A coroa circular envolve um círculo interno, onde está gravado um hexáscelo radial, com punções que serviram de apoio a compasso para a planificação prévia do desenho, de que restam vestígios.
Peça fundida com aro claramente martelado, com algumas mossas nas arestas e com terminais encaixados e posteriormente soldados.
Peso: 206.44gr

Composição da matéria-prima:	Au	Ag	Cu
Terminal 1	73.4	25.6	1.0
Terminal 2	73.2	25.7	1.0
Aro (1)	72.0	26.3	1.8
Aro (2)	71.6	26.7	1.7

(Análises EDXRF, de M. Fátima Araújo- Luís C. Alves, Sacavém, 08.05.1997)
Terminais (zona de soldadura): Au, Ag, Cu, Fe em diferentes proporções (Análises PIXE), idem.
Dimensões: eixo transv. – 148
remates comp. – 41
larg. máx. – 37
terminais diâm. máx. – 30mm.
Procedência: Região de Chaves. Adquirido pelo MNA em 27.11.1996.
Bibliografia: Cardozo 1942a e 1942b e 1965, p. 167-168, Est. III-1-2; López Cuevillas 1951, p. 36-37; Becatti 1955, p. 212, n.º 493; Prieto 1996, p. 220, n.º 49; Ladra 2002, p. 90-92, n.º 024.
Depósito: MNA, N.º Inv. Au 1140 (N. Cat. 281).

503 (Au 17) Torques de ouro de terminais em dupla escócia e com decoração. Tipo D3. Fase II. Est. CIX, 1-1A

Aro maciço, aberto, de perfil subcircular espessado na zona média e nos extremos, com secção quadrangular de faces côncavas, as interiores com canelura profunda e com decoração geométrica e simétrica na zona média das duas faces do aro. O motivo central é de SS encadeados feitos com matriz curva de pontilhado previamente delineado a compasso, enquadrados por motivo triangular feito com matriz de segmentos de recta, também a pontilhado, e rematados no vértice por três círculos de dois sulcos concêntricos envolvendo um ponto. Este motivo repete-se junto dos terminais.

Terminais ocos em dupla escócia com decoração nos topos de uma composição radial de seis pétalas inscritas numa coroa circular periférica igualmente composta por seis pétalas, unidas entre si, feitas por estampagem. Em cada disco, a união das pétalas é decorada com uma esférula soldada, uma ao centro e seis na periferia. Os discos onde encaixam os terminais são também decorados com uma coroa circular de oito semicírculos feitos a matriz com pontilhado, circundando um filete circular.
Peça fundida com aro claramente martelado e com terminais encaixados e posteriormente soldados. No interior de um terminal foram introduzidos fragmentos para produzir efeito sonoro.
Peso: 233.5gr.
Dimensões: aro comp. – 2.77
esp. – 5/7
eixo transv. – 157
terminais comp. – 38 (sem esférulas)
diâm. base – 34mm.
Procedência: Rendufe, Carrazedo de Montenegro, Valpaços, Vila Real. *Circa* 1980.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 497 (Au 18); Prieto 1996, n.º 48, p. 220; Ladra 2002, n.º 040, p. 131-132.
Depósito: MANVR, Inv. N.º 6901.

504 (Au 18) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. **Est. CIX, 2-2A**
Aro maciço, aberto, simples de perfil subcircular espessado na zona média e nos extremos com secção em quadrilátero de lados internos côncavos, excepto nos extremos, e externos planos com decoração estampada de traços duplos feitos por alinhamentos formando arcos de círculo combinados com dois círculos concêntricos impressos a matriz e três em disposição triangular nas extremidades.
Terminais ocos em dupla escócia com decoração nos topos de rosetas, uma heptagonal e outra hexagonal, inscritas num círculo pontilhado com esférula central.
Peça fundida com aro claramente martelado e com rebarbas salientes nas faces internas e com terminais soldados ao aro.
Peso: 182.88gr.
Dimensões: comp. (aro) – 302
eixo maior – 150
esp. máx. – 11
comp. (remates) – 30.6 (sem esférula)
larg. máx. – 21.6mm.
Procedência: Tesouro da Paradela do Rio, Montalegre.
Bibliografia: Cardozo 1959f, Fig. 1, 9, 10, Parreira *et alii* 1980, n.º 129, p. 16; Silva A.C.F. 1986b, 492 (Au. 13), Est. CX, 3-3A; Castro Pérez 1990, p. 162, Fig. 72; Almagro-Gorbea 1991, p. 402, 738 (n.º 478), 790; Pingel 1992, n.º 319 (2), p. 305, Est. 105, 3; Martins C.M.B. 1996, p. 25, n.º 20; Est. XV, 4; Prieto 1996, n.º 52: 1, Fig. 12, n.º 4, p. 220; Armbruster-Perea 2000, torques A, p. 100; Ladra 2002, n.º 032, p. 109-112 (torques n.º 1).
Depósito: MNA, Inv. n.º 566.

505 (Au 19) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. **Est. CIX, 3-3A**
Idêntico ao anterior, mais pequeno, mais leve e sem outra decoração que as esférulas dos remates. Aro maciço, aberto e simples de perfil subcircular espessado na zona média e nos extremos com secção em quadrilátero de lados internos planos e externor côncavos.
Terminais ocos em dupla escócia com esférula central nos topos. Peça fundida, com terminais soldados ao aro, um deles mutilado, permitindo observar uma extremidade do arco em losango que seria martelado para ajustamento ao remate previamente à solda.
Peso: 93,73gr.
Dimensões: comp. (aro) – 297
eixo maior – 136
esp. máx. – 7
terminais comp. – 28
larg. máx. – 22mm.
Procedência: Tesouro da Paradela do Rio, Montalegre.
Bibliografia: Cardozo 1959f, Fig. 2, p. 135-136; Parreira *et alii* 1980, n.º 129, p. 16; Silva A.C.F. 1986b, 493 (Au 14), Est. CX, 4-4A; Castro Pérez 1990, p. 162-163, Fig. 72-73; Pingel 1992, p. 305, n.º 319 (1), Est. 105, 4; Martins C.M.B. 1996, p. 26, n.º 21; Est. XV, 5; Prieto 1996, n.º 52: 2, Fig. 13, n.º 2, p. 220; Armbruster-Perea 2000, torques B, Lám.I, p. 100; Ladra 2002, n.º 032, p. 109-112 (torques n.º 2).
Depósito: MNA, Inv. n.º 568.

506 (Au 20) Frag. torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. **Est. CIX,4**
Terminal maciço com cavidade quadrangular para ajustamento do aro, que teria essa secção, com decoração estampada no topo de um tríscelo no interior de coroa circular.
Ouro com toque aproximadamente de 400 milésimos.
Peso: 28gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Pb	Sn	Bi	Ni	Sb	As
	ca.25	ca.2.3	ca.4.5	0.13	0.0091	0.032	0.01	0.16	0.096

(análise de Hartmann, 1971, n.º 2904).

Dimensões: comp. – 28
larg. máx. – 21.5
comp. (cavidade) – 19
larg. – 6.5mm.
Procedência: encontrado em Abril de 1908 juntamente com outras jóias dentro de um «púcaro pequeno, barrigudo» em Vila Mendo, Estela, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Fortes 1905-08c, Fig. 8; MNSR 1942, p. 5, n.º 3; Cardozo 1929-30, p. 48 e 59; López Cuevillas 1932a, p. 111, Fig. 5 e 1951c, p.36, Fig. 29:8; Raddatz 1969, p. 197, n.° 35, Hartmann 1971, série M.N.S.R.P., Fig. 1, n.º 12; Almeida 1972, p.12-13; Silva A.C.F. 1986b, 489 (Au 10), Est. CX, n.º 5; Pingel 1992, n.º 294, 2.094, Est. 59, 5; Gomes J.M.F. 1996, 307 (Au. 1), Est. LIX: 4; Prieto 1996, p. 219, n.º 43; Silva A.C.F. *et alii* 1997, p. 35, n.º 4; Armbruster-Perea 2000, p. 100; Ladra 2002, n.º 012, p. 52-54, Fig. 8.
Depósito: MNSR, n.º Inv. CMP 145.

507 (Au 21) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II.
Similar aos anteriores.
Aro maciço, aberto e simples de perfil subcircular espessado na zona média e nos extremos com secção em quadrilátero de faces côncavas.
Terminais ocos em dupla escócia com decoração nos topos de rosetas hexagonais estampadas inscritas numa coroa circular com uma esférula central, maior, e outras seis nos vértices das pétalas.
Peça fundida com terminais soldados ao aro.
Peso: 119.4 gr.
Dimensões: comp. (aro) – 270
eixo maior – 123
comp. (terminais) – 35
diâm. base – 27mm.
Procedência: (provável): Região Flaviense. Pertenceu a Fernando Bastos anteriormente à sua venda em Londres.
Bibliografia: Almagro-Gorbea M. J. 1962, Est. II; Cardozo 1965c, Est III, 1, 2; Raddatz 1969, p. 197, n.° 34; Silva A.C.F. 1986b, 495 (Au 16); Pingel 1992, Est. 41, 1; Martins C.M.B. 1996, p. 24, n.º 17; Est. XV, 2.
Depósito: Bristish Museum (1).

508 (Au 22) Torques de ouro de terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II.
Aro maciço, aberto e simples de perfil subcircular espessado na zona média e nos extremos com secção em quadrilátero de faces côncavas.
Terminais ocos em dupla escócia com a base de ligação ao aro decorada com uma corda em relevo e com os topos côncavos, em campânula, com um apêndice cilindrico central também decorados com uma zona circular constituída por dois arames lisos paralelos internamente preenchidos de pequenos gomos.
Peça fundida com terminais soldados ao aro.
Peso: 151gr.
Dimensões: comp. (aro) – 280
eixo maior – 128
comp. (terminais) – 50
diâm. base – 25mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Almagro-Gorbea M. J. 1962, Est.. I, Cardozo 1965c, Est. I; Silva A.C.F. 1986b, 496 (Au 17); Pingel 1992, Est. 41, 2; Martins C.M.B. 1996, p. 24, n.º 18; Est. XV, 3.
Depósito: British Museum (2).

509 (Au 23) Torques de ouro de aro tripartido e terminais em dupla escócia com decoração. Tipo D3. Fase II. **Est.CX**
Aro tripartido dividido em três segmentos, um médio e dois terminais, intercalados por duas pequenas gaiolas feitas de dois arames consistentes (esp. 1mm), dobrados, um deles em meandro e outro em zigzague, e sobrepostos, entrecruzando-se de modo a não permitir a saída de uma esfera que se move livremente no seu interior (5,7).
O aro é tubular e de secção quadrangular regular com as faces externas planas e decoradas e as internas percorridas por profunda canelura feita a repuxado. O segmento central (C6) apresenta as faces externas totalmente ornamentadas a filigrana com um motivo decorativo constituído por dois fios duplos que se entrecruzam enlaçando esférulas dispostas em alinhamentos nas sucessivas dobras e formando losangos na sua zona média preenchendo todo o campo decorativo limitado perifericamente por filetes em corda. As mesmas faces dos segmentos laterais (C4, 8) estão decoradas com duas bandas simétricas limitadas por filetes funiculares e internamente por uma linha sinuosa de SS encadeados e contrapostos e com polvilhado grosso entre os SS internos e a corda periférica.
Terminais (C2,10) volumosos e ocos, soldados e cravados ao aro, com forma em dupla escócia moldurada por nervuras circulares nas bases e na zona média e com as bases decoradas.
A decoração das bases inferiores (C3,11) consta de uma coroa a repuxado circundada por uma série de duplos semicírculos concêntricos estampados compostos de pequenos traços paralelos com um pequeno círculo com punção central impresso no interior. As bases superiores (Cl,9) mostram uma coroa circular ornamentada por treze SS encadeados limitando um espaço a polvilhado grosso e no seu interior, sobre uma cavidade cónica, está soldado de cutelo e orientado para o centro, um para o outro, um motivo ornitomórfico representando a figura estilizada de um pato que consta de uma lâmina dupla recortada e debruada por fios simples e torcidos e com esférulas a assinalar os olhos e as asas.
Esta jóia apresenta algumas alterações relativamente à forma originária do aro (B).

Ouro de 780 milésimos de toque.
Peso: 387.3gr.
Dimensões: eixo maior (aro) – 200
esp. máx. – 18
terminais comp. – 51
larg. máx. – 54/56
ornitomorfo comp. – 20
alt. – 13.5/16.5
esp. – 3mm.
Procedência: encontrado em Março de 1965 em Tamancas, Vilas Boas, Vila Flor, na base da vertente Sul do Monte ou Cabeço da Senhora da Assunção, onde existe um castro.
Bibliografia: Machado L.S. 1965a, Fig. 1-6, 1965b, Fig. 113, p. 310 e 1965c, p. 75; Santos Júnior-Freire 1965, Fig. 1-4 e 1966, Fig. 1-5; Raddatz 1969, p. 197, n.º 39; Parreira *et alii* 1980, n.º 131, p. 17; Pérez 1980, n.º 6, Est. IV e VIII, p. 13; Silva A.C.F. 1986b, 498 (Au 19), Est. CXI e 1988, p. 84, Fig. 7; Pérez Outeiriño 1989, p. 97; Castro Pérez 1990, p. 164-165, Fig. 74-76; Nicolini 1990, p. 199- 201; Almagro-Gorbea 1991, p. 403, 738 (n.º 480), 790; Pingel 1992, p. 288, nº 236, Est. 101, 5; Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 236, Fig. 28; Sousa 1994, p. 7; Martins C.M.B. 1996, p. 19, n.º 07, Est. XIV; Prieto 1996, n.º 54, Fig. 14, n.º 1, p. 221; Armbruster-Perea 2000, Est. XI e XIII, p. 101; Ladra 2002, n.º 035, p. 117-121, Fig. 19.
Depósito: MNA, Inv. n.º 567.

510 (Au 24) Torques de ouro de terminais em urna e com decoração. Tipo D4. Fase III. **Est. CXI,1-1A**

Aro interno de reforço feito de cobre de perfil e secção circulares recoberto com lâmina de ouro na zona média e fio enrolado nas zonas laterais.
O segmento central (1A,3) apresenta-se totalmente decorado a filigrana com um desenho em superfície que preenche dois espaços emoldurados por filetes funiculares justapostos onde se desenvolve longitudinalmente um motivo de linhas sinuosas de SS encadeados e contrapostos enquadrando um campo polvilhado com grânulos distribuídos na linha média interna e repetidos nas margens pelo exterior.
Os segmentos laterais (1A, 2, 4) estão decorados com fio enrolado de 0,5 mm de espessura. com algumas falhas.
Terminais (1A. 1, 5) ocos, de forma em urna levemente carenada e decorada na parte inferior com SS encadeados irradiantes segundo uma estrutura pentagonal, também associados a grânulos. e com motivo espiralado nos topos envolvendo uma esfera central; na base, fazendo a união com o aro, aparece um anel de fios torcidos e fios lisos justapostos.
Peso: [25-30 gr. Au].
Dimensões: eixo maior (aro) – 109
esp. máx. – 7.5
comp. (terminais) – 26 (sem esfera)
larg. máx. – 16.5 mm.
Procedência: encontrado com os dois seguintes no ano de 1939 «no meio de terra misturada de cinzas» (sepultura?) no Castro de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso (Tesouro de Lanhoso).
Bibliografia: Teixeira 1939, Est. IV; 1940b e 1944. Est. XII, 1-2: Bdgemn, 29. 1942. Fig. 41; López Cuevillas 1951c, p. 29-30: Raddatz 1969, p. 196. n.º 33; Silva A.C.F. 1986b, 501 (Au 22), Est. CXII, 1-1A; Pingel 1992, p. 287, n.º 231, Est. 101, 1-3; Sousa 1994, p. 7-8; Martins C.M.B. 1996, p. 17, n.º 03, Est. XVIII,1 e XXVIII, 1; Prieto 1996, p. 220, n.º 47, 2, Fig. 8, n.º 2; Ladra 2002, p. 81-85, n.º 022 (torques n.º 2).
Depósito: MDDS, n.º 374 A.

511 (Au 25) Torques de ouro de terminais em urna e com decoração. Tipo D4. Fase III. **Est. CXI, 2-2A**

Com estrutura, morfologia, técnica e decoração idênticas ao anterior, mostra o aro levemente deformado com perfil subcircular e com o segmento central menos espesso. Peça frágil, apresenta vestígios de arranjos antigos bem visíveis no segmento central (2A.3) também com deteriorações nas margens das superfícies decoradas que estão separadas longitudinalmente por filetes em corda, dupla na face externa como no torques anterior e simples mas mais espessa na face interna como no torques seguinte.
Os remates repetem os mesmos motivos decorativos aqui com uma esfera em cada ângulo da estrutura pentagonal formada pelos SS encadeados da parte inferior.
Peso: [25-30gr. Au].
Dimensões: eixo maior (aro) – 99
esp. máx. – 6
comp. (terminais) – 24.5
larg. max. – 16mm.
Procedência: idem. Tesouro de Lanhoso.
Bibliografia: Teixeira 1939, Est. II, IV, 1940b e 1944, Lám. XIII, 1-2; Bdgemn, 29, 1942, Fig. 41; López Cuevillas 1951c, Fig. 24 e 29:11; Raddatz 1969, p. 193, n.º 33; Silva A.C.F. 1986b, 502 (Au 23), Est. CXII, 2-2A; Pingel 1992, p. 287, n.º 231, Est. 101:1-3; Sousa M.J. 1994, p. 7-8; Martins C.M.B. 1996, p. 17, n.º 05, Est. XXXIX, 1; Prieto 1996, p. 220, n.º 47,3, Fig. 8, n.º 3; Ladra 2002, p. 81-85, n.º 022 (torques n.º 3).
Depósito: MDDS, idem.

512 (Au 26) Torques de ouro de terminais em urna e com decoração. Tipo D4. Fase III. **Est. CXI,3-3A**

Similar aos dois antenores, tem um aro interno de reforço feito de cobre de perfil subcircular e secção circular recoberto com lâmina de ouro na zona média e fio enrolado nas zonas laterais, apresentando particularidades decorativas no segmento central e terminais.
O segmento central (3A3) está totalmente decorado a filigrana com duas superfícies emolduradas por filetes funiculares

internamente preenchidos por dois fios que se entrecruzam em laços sucessivos formando losângos na sua zona média e com quatro alinhamentos de grânulos no sentido longitudinal; quatro motivos espiralados enquadram os lados desta decoração.
O ornato da parte inferior dos terminais reveste aqui a forma de um anel de meandros e os topos, que apresentam uma linha de incisões nos bordos, mostram um conjunto de grânulos mais numeroso.

Peso: 54.8 gr. [25-30 gr. Au].
Dimensões: aro eixo maior – 112
esp. máx. – 8.5
terminais comp. – 25
larg. máx. – 16mm.
Procedência: idem. Tesouro de Lanhoso.
Bibliografia: Teixeira 1939, Est. I, IV, 1940b e 1944, Lám. XI, 1-2; BDGEMN, 29. 1942. Fig. 41: López Cuevillas 1951c, Fig. 23 e 29:2; Raddatz 1969, p. 196, n.º 33; Silva A.C.F. 1986b, 503 (Au 24), Est. CXII, 3-3A; Pingel 1992, p. 287, n.º 231, Est. 101:1-3; Sousa M.J. 1994, p. 7-8; Martins C.M.B. 1996, p. 17, n.º 04, Est. XXXVIII, 2; Prieto 1996, p. 220, n.º 47, 1, Fig. 8, n.º 1; Ladra 2002, p. 81-85, n.º 022 (torques n.º 1).
Depósito: MDDS, idem.

513 (Au 27) Frag. torques de ouro com terminais em urna e com decoração. Tipo D4. Fase II. **Est. CXI, 4**

Terminal em forma de urna decorada na área da base por cordões circulares e no topo por um tríscelo de fio aplicado.
Dimensões: comp. – 57
larg. máx. – 35mm.
Procedência: Tourém, Montalegre.
Bibliografia: Cardozo 1943a, p. 109-112, Fig. 1-2; Bouza-Brey 1946, p. 125-126; López Cuevillas 1951c, p. 36, Fig. 27:13 e 29:13; Raddatz 1969, p. 197. n.º 38; Silva A.C.F. 1986b, 500 (Au 21); Pingel 1992, n.º 323, p. 305, Est. 105, 5; Prieto 1996, p. 221, n.º 53; Ladra 2002, n.º 026, p. 96-97, Fig. 15.
Depósito: MNA, Inv. n.º Au 1.141 (N.º Cat. 282).

514 (Au 28) Frag. torques de ouro de terminais em urna. Tipo D4. Fase II. **Est. CXI, 5**

Similar, se não par da anterior, com eventual deformação resultante de restauro (?).
Terminal oco em forma de urna lisa de perfil em S, com decoração de uma esférula simples nos topos e de 48 gomos entre arames lisos na base de união com o aro. Peças feitas de lâminas repuxadas e soldadas aos extremos do aro, que era maciço e de secção quadrangular.
Dimensões: esp. (aro) – 7
terminais: comp. – 21/22.5
larg. – 18mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: idem.
Depósito: MSMS.

515 (Au 29) Frag. torques de ouro de terminais em urna. Tipo D4. Fase II. **Est. CXI, 6**

Terminal oco em forma de urna lisa, pronunciadamente carenada, com decoração de uma esférula simples nos topos e de 48 gomos entre arames lisos na base de união com o aro. Peça feita de lâmina repuxada e soldada aos extremos do aro, que era maciço e de secção quadrangular.
Dimensões: esp. (aro) – 7
terminais: comp. – 21/22,5
larg. – 18mm.
Procedência: Tesouro de Lebução, Valpaços.
Bibliografia: Severo 1905-08a, Est. I, C; López Cuevillas 1951c, p. 64; Fig. 56 [braceletes]; Cardozo 1957a, Est. II, 2: Raddatz 1969, p. 197, n.º 36, II; Silva A.C.F. 1986b, 499 (Au 20), Est. CXII, 5; Pingel 1992, p. 304, n.º 318, Est. 106, 6-7; Martins C.M.B. 1996, p. 27, n.º 24, Est. XVI,1 e XLIII, 3; Prieto 1996, p. 220, n.º 51, 1; Ladra 2002, p. 48-51; n.º 011 (torques n.º 3).
Depósito: MSMS.

516 (Au 30) Frag. torques de prata e ouro de terminais em urna com decoração. Tipo D4. Fase III. **Est. CXI,7**

Terminal oco feito de uma lâmina em forma de urna sobreposta na parte superior por outra placa troncocónica com decoração de sete filetes contíguos, sendo o terceiro com uma série de gomos dispostos verticalmente e o quinto e sexto com idêntico motivo agora duplicado e em disposição oblíqua formando espinha. A decoração do topo é de círculos concêntricos com uma esfera central soldados ao disco. Apareceu fracturado em duas partes e com deteriorações.
Restaurado.
Terminal em urna certamente reutilizado, em posição invertida, como adereço.
Peso: 4gr.
Composição da matéria-prima:

		Au	Ag	Hg	Cl	Al
Disco de remate	anel periférico	88.288	9.058	2.67	–	–
	anel central	83.855	10.093	6.065	–	–
	esfera central	60. 798	26.376	12.847	–	–

placa de revestimento	25.243	57.940	–	12.328	4.546
lâmina	6.166	69.208	–	21.235	3.444

(Análises de Carlos Sá, CEMUP).

Dimensões: comp. máx. – 35
larg. max. – 20mm.

Procedência: encontrado no dia 27 de Agosto de 1949 na 6.ª campanha de escavações arqueológicas realizadas na Citânia de Sanfins, Sanfins de Ferreira, Paços de Ferreira, no interior do 2.° recinto, nas proximidades da muralha central (Est. XXIV).

Bibliografia: Jalhay 1950, Fig. 2, 6; López Cuevillas 1951c, p. 38; Raddatz 1969, p. 197, n.° 37; Silva A.C.F. 1983, p. 16-17, Est. IX, 1, 1986b, 504 (Au 25), Est. CXII, 4-4A e 1999b, n.º 1.3.38; Nicolini 1990, p. 322, n.º 92, Est. 59, a-e; Pingel 1992, p. 300, n.º 298, Est. 103, 8; Martins C.M.B. 1996, p. 21, n.º 12, Est. XVIII, 2 e XL; Prieto 1996, p. 219, n.º 45; Ladra 2002, p. 100-102, n.º 028, Fig. 17.

Depósito: MACS, SA/Au 1.

517 (Au 31) Torques de prata com terminais em campânula. Decorado. Tipo D2. Fase III. **Est. CXII, 1**

Aro maciço, aberto, de perfil subelíptico, dividido em cinco tramos, com o central e os laterais, contíguos aos remates, de secção quadrangular e decorados nas duas faces exteriores com alinhamentos em repetição simples de estampagem, por vezes mal conseguida, de SS encadeados, em duas séries no módulo central e apenas uma nos laterais. Os dois tramos intermédios são decorados em torcido, obtido aquando da fundição do aro.

Tendo-se perdido um terminal, o existente, ainda que amolgado e danificado, é em campânula troncocónica de estrutura laminar, posteriormente aplicada ao extremo do aro, sendo decorada na zona de encaixe por três filetes e no corpo da campânula por cinco bandas decorativas, quatro com bastonetes, duas de cada lado envolvendo uma lisa, central.

Peso: 89.9gr.

Dimensões: aro comp. – 315
eixo transv. – 125
esp. – 6
terminal comp. – 18
larg. – 20mm.

Procedência: Cividade de Bagunte, Bagunte, Vila do Conde.

Bibliografia: Cortez 1948, n.º 72, p. 269-281; Cuevillas 1951, p. 38 e 1953, p. 268; Prieto 1996, Fig. 1, n.º 42, p. 196 e 219, n.º 42; Balseiro 1999-2000, p. 17-18; Ladra 2001, vol. IX, Fig. 2, Est. I-2 e III-2, p. 111-122.

Depósito: GAMVC, N.º Inv.- 351.

518 (Au 32) Torques de prata com terminais periformes.Tipo D1. Fase III. **Est. CXII, 2**

Aro maciço, aberto, de perfil subcircular, mais espesso na zona média e adelgaçando para os extremos, dividido em três tramos, o central torcido e os laterais, facetados, de secção octogonal.

Terminais maciços, precedidos de um aro liso, em glande.

Peça fundida por cera perdida.

Peso: 71.3gr.

Dimensões: aro comp. – 365
eixo transv. – 120
esp. – 4/7mm.

Procedência: Idem.

Bibliografia: Cortez 1948, n.º 72, p. 269-281; Cuevillas 1951, p. 38 e 1953, p. 268; Prieto 1996, Fig. 1, n.º 42, p. 196 e 219, n.º 42; Pinto 1997, p. 30; Balseiro 1999-2000, p. 17-18; Ladra 2001, vol. IX, Fig. 3, Est. II-1, p. 111-122.

Depósito: GAMVC, n.º inv. 352.

519 (Au 33) Torques de prata com terminais periformes. Decorado. Tipo D1. Fase III. **Est. CXII, 3**

Aro maciço, aberto, de perfil subcircular, mais espesso na zona média e adelgaçando para os extremos, dividido em três tramos, o central torcido e os laterais, facetados, de secção quadrangular e com decoração nas faces de alinhamentos em repetição simples de SS encadeados.

Terminais maciços, precedidos de um estrangulamento com um pequeno aro, em glande.

Peça fundida por cera perdida.

Peso: 100.2gr.

Dimensões: aro comp. – 401
eixo transv. – 120
esp. – 4/7mm.

Procedência: Idem.

Bibliografia: Cortez 1948, n.º 72, p. 269-281; Cuévillas 1951, p. 38 e 1953, p. 268; Prieto 1996, Fig. 1, n.º 42, p. 196 e 219, n.º 42; Balseiro 1999-2000, p. 17-18; Ladra 2001, vol. IX, Fig. 4, Est. IV, p. 111-122.

Depósito: GAMVC, n.º inv. 353.

520 (Au 34) Torques de prata. Incompleto.Tipo D5(?). Fase III. **Est. CXII, 4**

Aro fragmentado, sem terminais, formado por três fios de prata maciços, de secção circular, mais espesso na zona média e adelgaçando para os extremos, torcidos em conjunto.

Peso: 71,4gr.

Dimensões: aro comp. máx. – 345
eixo transv. – 140
arames esp. – 2/4mm.

Procedência: Idem.

Bibliografia: Cortez 1948, n.º 72, p. 269-281; Cuevillas 1951, p. 38 e 1953, p. 268; Prieto 1996, Fig. 1, n.º 42, p. 196 e 219, n.º 42; Balseiro 1999-2000, p. 17-18; Ladra 2001, vol. IX, Fig. 5, Est. II-2, p. 111-122.
Depósito: GAMVC, n.º inv. 354.

521 (Au 35) Torques de prata com terminais em argola. Incompleto. Tipo D5. Fase III. **Est.CXII, 5**

Aro formado por arame de prata, estruturante maciço, de secção circular, com terminal em argola, sobre o qual se desenvolve um entrançado regular de três fios, em parte perdido como também uma argola de remate.
Peso: 86,9gr.
Dimensões: arame central comp. máx. – 435
eixo transv. – 155
trança esp. – 8/13
fios esp. – 1.5mm.
Procedência: Idem.
Bibliografia: Cortez 1948, n.º 72, p. 269-281; Cuevillas 1951, p. 38 e 1953, p. 268; Prieto 1996, Fig. 1, n.º 42, p. 196 e 219, n.º 42; Balseiro 1999-2000, p. 17-18; Ladra 2001, vol. IX, Fig. 6, Est. III-1, p. 111-122.
Depósito: GAMVC, n.º inv- 355.

522 (Au 36) Colar articulado lameliforme de ouro com decoração estampada. Fase IB. **Est. CXIII**

Conjunto de cinquenta e seis placas idênticas provavelmente organizadas em coroa circular. As lâminas têm todas decoração geométrica estampada a matriz, em pseudorepuxado, e a forma trapezoidal (B) e estariam justapostos segundo os lados maiores enrolados em tubo.
A decoração foi aplicada sobre cada lâmina, depois de regularizada em forma rectangular por dobragem dos lados menores, repetindo a impressão da mesma matriz que consta de três zonas decorativas uma central, destinada a motivo principal e duas laterais, para seu enquadramento e fixação.O motivo central divide-se em duas partes simétricas, cada qual ornamentada com dois grupos de círculos concêntricos unidos por um traço e associados a três pontos em relevo dispostos em triângulo de ambos os lados entre os círculos, sendo o enquadramento de todo o motivo feito com alinhamentos de pontos similares.
As zonas laterais, por sua vez, apresentam uma estampagem de caneluras simples em posição oblíqua nos lados maiores e de caneluras duplas transversais nos lados menores e na linha divisória do motivo central.
Após a aplicação da decoração, as margens das placas foram enroladas em forma de tubo (C) para passagem de um fio de ligação, adquirindo uma forma trapezoidal que lhes possibilitasse a sua adaptação em forma de coroa circular.
Dimensões: perímetro ext. – 823
int. – 767
lâmina originária comp. – 45
larg. – 25
esp. – 0.5
regularizada comp. – 40
larg. – 25
esp. – 0.5
trapezoidal comp. – 40
base maior ext. – 14.7
base menor – 13.7
esp. tubo – 2mm.
Procedência: encontrado, segundo testemunho do achador, no mês de Agosto de ca. 1954. no lugar da Malhada. Vila Nova, Campeã, Vila Real, em contexto arqueológico com referências a achados associados de dois vasos e outros elementos cerâmicos, a sugerir uma possível sepultura.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 505 (Au 26), Est. CXIII; Martins C.M.B. 1996, p. 29, n.º 27, Est. XX,2.
Depósito: MNA: cinquenta e duas placas. Foram identificadas mais quatro placas deste colar, três delas ainda existentes em propriedade particular, estando uma delas fracturada (Est. CXIII n.º 4), tendo outra sido já fundida.

523 (Au 37) Colar articulado de contas e pendentes de ouro. Fase IB. **Est. CXIV**

Conjunto de sessenta e sete peças essencialmente formado por pingentes, lisos ou decorados e de tamanho decrescente, e contas de diverso formato.
Os pingentes, constituídos por um canevão de duas peças molduradas soldadas em T e por um corpo globular apontado em amêndoa feito de duas valvas também unidas por solda, podem distribuir-se, segundo o aspecto decorativo, em três séries, com variantes de acordo com a sua dimensão e pormenores de ornamentação.
A primeira série inclui os pingentes totalmente lisos, um deles (n.º 34; A1) o de maior tamanho (36.5x 16.5x12.4mm) e de secção ovalada e sem par, sendo os restantes os de menor dimensão (n.os- 1-9,59-67; A2-A3) alguns deles de secção circular na zona superior; a segunda série compreende pingentes de grandes dimensões decorados com uma calote estriada na parte superior (B1-B2) e com uma variante totalmente decorada com caneluras, no corpo do pingente ordenadas em espinha e com canevões não molduradas representada por quatro exemplares, três completos (n.º 30,32,36) e o outro apenas com o canevão (n.º 28); a terceira série inclui os pingentes de dimensão intermedia e com uma calote esférica lisa na parte superior unida a base de uma pirâmide octogonal (n.º 10; C2) com variante na parte superior do canevão que aparece substituida por moldagem tubular da parte superior do pingente (n.os 11-16, 1 8, 20, 48, 50, 52-58; (1).
As contas apresentam também diversas dimensões, têm todas moldura a debruar os onfícios e podem distribuir-se segundo três variantes principais, sendo uma de perfil bitroncocónico (D1) resultante da união de dois troncos de cone, outra com duas calotes contrapostas soldadas (D2) e a terceira de perfil elíptico (D3).

O sistema de ligação entre as peças era feito por um fio que atravessava os canevões e as contas.
Algumas peças estão deformadas e danificadas, permitindo observar que a parte descendente do canevão penetrava no interior do corpo do pingente.
Peso: 56.2gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	ca.30	2.9	0.060	ca. 0.02
	ca.30	2.8	–	sp.
	ca.30	3.2	–	<0.01
	ca 30	3.9	0.052	ca. 0.04

(Análises de Hartmann, Portugal Au n.os 2792-2795, segundo ficha do MNA).
Dimensões: comp. aprox. – 525mm.
Procedência: Tesouro de Baião.
Bibliografia: Almeida F. 1974, p. 73; Blázquez 1978, p. 227; Parreira *et alii* 1980, n.º 90; Silva A.C.F. 1986b, 506 (Au. 27), Est. CXIV; CXLVI e 1990a, p. 148, Est. III:6 e 1991b, p. 42-51; Pingel 1992, p. 298, n.º 292, Est. 104,3; Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 235, Fig. 26; Martins C.M.B. 1996, p. 19, n.º 08, Est. XIX.
Depósito: MNA, Inv. n.os 302-363, 382-396.

524 (Au 38) Colar articulado de ouro com pendentes e decorado. Fase II. **Est. CXV-1**

Conjunto de sessenta e sete peças essencialmente agrupadas em cinco tipos diferentes, quatro deles utilizando como base o prisma rectangular (A, B, C1/C2, D), em combinações diversas de campânulas e pendentes e outros motivos decorativos geométricos, e um bitroncocónico, que especificamos:

1. Os dois fechos terminais (n.ºs 1, 67; A, 1/2/3) simétricos, são constituídos por uma base de prisma rectangular com uma extremidade arrendondada, formados de uma lâmina fina de ouro dobrada em caixa oca e soldada de 22.7 (sem argola) x 10.5 x I .09 mm. a que foram aplicados por solda vários elementos: num extremo, assenta um motivo compósito de duas campânulas troncocónicas, concêntricas, encaixadas sobre um cone nelas incluso em forma de espigão central no meio de um espaço circular debruado com filete de corda fina que também aparece no bordo superior da campânula maior, na parte restante, quatro pequenas campânulas também troncocónicas com punção saliente central, feitas por estampagem sobre uma lâmina recortada na periferia das campânulas que aparecem enlaçadas duas a duas pelas volutas de SS em corda com incisões perpendiculares ao eixo que debrua as campânulas: na mesma extremidade, pelo reverso, está soldado um aro espalmado em ferradura de três fios unidos, sendo os da periferia lisos e o intenor em contas, similar ao que debrua as campânulas e forma as volutas, para fecho.
2. Quatro prismas rectangulares (n.ºs 11, 14, 54, 57; B, 1/2/3) constituídos de uma lâmina fina dobrada em caixa oca e soldada, de 22x9.5x2.8 mm., em que foi previamente estampado um motivo de SS encadeados enquadrados por duas nervuras de cada lado no sentido longitudinal; ao centro. está soldada uma campânula (diâm. 13 mm) assente sobre um tronco de cone como a anterior e três delas debruadas no seu bordo superior por filete de corda fina e a outra por filete liso.
3. Catorze prismas rectangulares (n.ºs 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52; Cl, 1/2/3) constituídos de uma lâmina fina de ouro dobrada em caixa oca e soldada, de 15x8x2.7 mm, decorados com quatro nervuras transversais de cada lado estampados em tomo de uma nervura circular em corda sobre que assenta uma campânula troncocónica (diâm. 9 mm) com bordo revirado para o extenor encaixada sobre tronco de cone como as antenores. Suspenso por duas argolas, uma das quais soldada ao prisma rectangular, um pendente composto de duas lâminas finas, simétricas e convexas, soldadas uma à outra pelos bordos, e com decoração estampada que o divide de ambos os lados, em três zonas decorativas, sendo a superior marcada com três caneluras, a central com uma canelura e a inferior, em forma de semicírculo, preenchida com nervuras divergentes do diâmetro, sete para cada lado. Um deles (n.º 26), que só tem uma lâmina e sem vestígios que indiquem aplicação de outra, apresentando diferenças nas dimensões e no tratamento decorativo, com uma nervura simples a separar cada zona, sugere tratar-se de uma substituição posterior, que a aparência da matéria-prima e do estado de conservação geral parece confirmar.
4. Cinco peças (n.os 30, 32, 34, 36, 38; C2) com estrutura construtiva e decorativa similar às anteriores mas com diferenças nas dimensões das campânulas e com dois pendentes em suspensão.
5. Trinta e quatro prismas rectangulares (n.ºs 2-9, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 59-66) constituídos por uma lâmina fina de ouro dobrada em caixa oca e soldada, de 13x8.5x2.8 mm, em que previamente foi estampado um motivo de denticulados inscritos em losangos compostos por seis alinhamentos horizontais de punções em relevo.
6. Oito contas bitroncocónicas (n.ºs 10, 12, 13, 15, 53, 55, 56, 58), de diâm. 9 x alt. 12 mm, formadas de duas lâminas finas de ouro dobradas em tronco de cone e soldadas pela base maior e cada qual soldada na geratriz e decoradas com punções leves aplicadas pelo interior em alinhamentos paralelos de cada lado da base comum.

As peças, originariamente resultantes do recorte artesanal de lâminas finas de ouro (A3, B3, C3. D3, E3) manifestam uma utilização sistemática de solda delicadamente aplicada na generalidade dos casos para ligar as formas ocas dos primas rectangulares, dos pendentes, das contas bitroncocónicas assim como algumas das argolas.
A sua articulação era feita por dois fios introduzidos nos dois furos laterais das peças prismáticas e unidos nas contas bitroncocónicas no sentido longitudinal.
Ouro com toque de ca. 600 milésimos e algumas peças, avulsas, com 200 milésimos.
Peso: 36.14 gr.
Dimensões: comp. aprox. – 965mm.
Procedência: Tesouro de Estela, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Fortes 1905-08g, Est. XXXVIII. Fig. 1-5. 10; Catálogo MNSR 1942, p. 5, n ° 1, Fig.; López Cuevillas 1951c, p. 85-87; Almeida 1972, p. 12-15; Silva A.C.F. 1986b, Est. CXV-1, 507 (Au 28) e 1988, p. 82, Fig. 5; Pingel 1992, p. 299, n.º 294, Est. 59, 3-4; Macedo M.F. 1993, p. 36-37; Sousa M. J. 1994, p. 7; Gomes J.M.F. 1996, 308 (Au. 2) Est. LIX; Martins C.M.B. 1996, p. 22, n.º 14, Est. XLII; Silva A.C.F. *et alii* 1997, p. 33-34, n.º 3.
Depósito: MNSR,CMP 145.

525 (Au 39) Frag. colar articulado com decoração geométrica. Fase II. **Est. CXV, 2**

Duas peças idêaticas em forma de prisma rectangular perfuradas nos lados menores, de provável colar articulado tipo Estela, com decoração estampada em toda a superfície externa dividida em três campos decorativos constituídos por três alinhamentos simétricos e paralelos de três semi-esferas alternando com outras tantas pirâmides rectangulares separadas por dois alinhamentos de dez pequenos pontos entre eles.

Os elementos decorativos de maiores dimensões são enquadrados por séries de pequeníssimos grânulos.Os sistemas de ligação das peças entre si era feito através de três fios, dois laterais e um central, no sentido longitudinal.

Dimensões: placa comp. – 16
larg. – 13.6
esp. – 3mm.

Procedência: encontradas em 1843 em escavações realizadas no Castro de Romariz, Santa Maria da Feira. Cfr. documentação anexa às peças, ANTT, Casa Forte, n.° 75.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, n.º 508, Est. CXV-2; Martins C.M.B. 1996, p. 29, n.º 28, Est. XXII,2.

Depósito: ANTT, Casa Forte, n.° 75.

526 (Au 40) Lúnula de ouro decorada. Fase II. **Est. CXIX-3**

Aro laminar aberto de forma ovalada decrescente para as extremidades com terminais em botão constituido por uma zona média e duas laterais. A zona média está decorada com uma nervura central ladeada por duas séries de escudetes com besantes estampados e adossados a um motivo de duas cordas periféricas; os escudetes têm forma de arcos apontados com duas linhas interiores em ângulo e besantes nos espaços livres.

As zonas laterais, com a mesma nervura central e as cordas periféricas, sem escudetes, estão separadas do segmento central por duas zonas planas de perfil trapezoidal ornamentadas com um motivo geométrico estampado em simetria axial com seis pequenos conjuntos de circulos concêntricos no eixo e quatro idênticos nos cantos e dois conjuntos de círculos maiores (diâm. 7 mm), formados por oito circunferências concêntricas, um de cada lado. Em posição assimétrica, entre um dos cantos e o motivo axial, de assinalar a presença de uma marca, eventualmente de fabrico, a pontilhado.

Os terminais, de perfil triangular, retomam a decoração das zonas divisórias do arco, apresentando um círculo maior de cada lado continuados por duas linhas de círculos menores em parte sobrepostos, e estão rematados por botões bitroncocónicos martelados. Peça fundida inicialmente com as superficies lisas e posteriormente decorada no anverso conforme o indicam os sinais de martelagem correspondentes à depressão das caneluras e aplicação das matrizes existentes no reverso.

Peso: 59.6 gr.

Dimensões: eixo maior – 160
eixo menor – 150
larg. máx. – 15
larg. min. – 4
esp. – 1.5/2.5mm.

Procedência: Viseu. Fazia parte juntamente com um torques (Est. CIX,6) da colecção arqueológica do rei D. Femando II.

Bibliografia: Pereira G., in *O Manuelinho de Évora*, 20.7.1886; Vasconcellos 1896a, p. 22; Heleno 1935, Est. VI, 25; López Cuevillas 1951c, p. 73; Raddatz 1969, p. 112, 283, Est. 97:1; Parreira *et alii* 1980, n.º 113; Silva A.C.F. 1986b, 509 (Au. 30), Est. CXIX-3.

Depósito: MNA, Inv. n.° 294.

527 (Au 41) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A1. Fase IA. **Est. CXVI-1**

Aro aberto de forma elipsoidal e secção circular adelgaçando para as extremidades, que não têm botões mas apresentam vestígios de martelagem para afeiçoamento.

Fundido a cera perdida ou em molde bivalve

Peso: 202gr.

Dimensões: eixo maior – 90
eixo menor – 62
esp. máx. – 17.8mm.

Procedência: achado ocasional ocorrido em 1896 no lugar de Baralhas, Castelões, Vale de Cambra, com mais quinze braceletes similares, treze dos quais se extraviaram (Tesouro de Baralhas).

Bibliografia: Vasconcellos 1896c: Severo 1905-08b, Fig. 11; Parreira *et alii* 1980, n.° 61; Silva A.C.F. 1986b, 510 (Au. 31), Est. CXVI-1; Pingel 1992, p. 282, n.º 202; Queiroga 2001, p. 98.

Depósito: MNA, Inv. n.º 35.

528 (Au 42) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A1. Fase IA **Est. CXVI-2**

Aro subcircular aberto e deformado e de secção circular adelgaçando para as extremidades, onde aparece ligeiramente alargado por martelagem.

Fundido a cera perdida ou em molde bivalve.

Peso: 182.1 gr.

Dimensões: eixo maior – 77
eixo menor – 69
esp. max. – 10.6mm.

Procedência: idem. Tesouro de Baralhas, Vale de Cambra.

Bibliografia: Vasconcellos 1896c; Severo 1905-08b, Fig. 11; Parreira *et alii* 1980, n.° 6; Silva A.C.F. 1986b, 511 (Au. 32), Est. CXVI-2; Pingel 1992, p. 307, n.º 337; Queiroga 1992, p. 98-99.

Depósito: MNA, Inv. n.° 38.

BRACELETES – Gráfico 9

Est		CXVI						CXVII									
N.º		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6
ANÁLISE DESCRITIVA	PROCEDÊNCIA	Baralhas 1	Baralhas 2	Bairro	Vila do Conde	Baiões	Telões	Baralhas 3	Norte de Portugal	Costa	Chaves	Norte de Portugal 1	Norte de Portugal 2	Monte da Saia	Regoufe	Carvalhais	Lebução
ARO	maciço	X	X	X	X	X	X	X	X	X	–			–	–	–	–
	oco									X		X	X				
	aberto	X	X	X	X	X	X	X	X	X							
	fechado										X	X	X	X	X	X	X
	– encaixe											X	X				
	simples	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X	X	X
	compósito (duplo com fita)									X							
	fita										X	X	X	X	X	X	X
	galonado											X	X	X	X	X	X
	forrado									X		X	X				
	secção – circular	X	X	X	X	X				X							
	– poligonal						X	X	X								
	– laminar									X	X	X	X	X	X	X	X
	decoração – pontilhado																X
	– incisão									X	X	X	X		X	X	X
	– estampagem													X			X
	– relevo – nervuras									X	X	X	X				X
	– puas									X		X	X				
	– denticulado										X						
TERMINAIS	ausência	X	X				X	X			–	–	–	–	–	–	–
	botão – discoidal			X	X				X								
	– cónico					X											
	– campanular									X							
MATÉRIA	ouro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
TIPOLOGIA		A1	A1	A1	A1	A1	A2	A2	A2	B	C	D	D	E	E	E	E
FASES CRONOLÓGICAS		IA	IA	IA	IA	IA	IA	IA	IA	IA	IA	IB	IB	II	II	II	II

529 (Au 43) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A1. Fase IA **Est. CXVI-3**

Aro elipsoidal aberto com as extremidades justapostas por provável alteração da forma original e de secção circular adelgaçando para os remates com botões rudimentares obtidos por martelagem.
Fundido a cera perdida ou em molde bivalve.
Peso: 180.2 gr.
Dimensões: eixo maior – 79
eixo menor – 70
esp. máx. – 7mm.
Procedência: Sepultura da Quinta da Bouça, freguesia de Bairro, concelho de Vila Nova de Famalicão.
Bibliografia: Fortes 1905-08e, Fig. 3; Carvalhaes 1908, p. 161; Parreira *et alii* 1980, n.° 55; Silva A.C.F. 1986b, 512 (Au. 33), Est. CXVI-3.
Depósito: MNA, Inv. n.°26.

530 (Au 44) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A1. Fase IA **Est. CXVI-4**

Aro elipsoidal aberto de secção circular adelgaçando para as extremidades alargadas em botão de arestas boleadas.
Fundido pelo método da cera perdida ou em molde bivalve, com sinais de martelagem nos terminais, para fazer os botões.
Peso: 62.5gr.
Dimensões: eixo maior – 76
eixo menor – 51
esp. máx. – 15mm.
Procedência: Vila do Conde.
Bibliografia: Vasconcellos 1905a. p. 448; Parreira *et alii* 1980, n.° 58; Silva A.C.F. 1986b, 513 (Au. 34), Est. CXVI-4.
Depósito: MNA, Inv. n.°36.

531 (Au 45) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A1. Fase IA **Est. CXVI-5**

Aro aberto de forma elipsoidal com as extremidades direitas e de secção circular adelgaçando para os remates com botões salientes cónicos de base boleada.Fundido pelo método da cera perdida ou provavelmente em molde bivalve.
Peso: 385.3 gr.
Dimensões: eixo maior – 88
eixo menor – 73
esp. max. – 13.4mm.
Procedência: Castro da Senhora da Guia. Baiões. S. Pedro do Sul (Est XVI,A) (Tesouro de Baiões).
Bibliografia: Cortez 1948a. p. 275; Parreira *et alii* 1980, n.° 66; Coffyn 1985, n.° 318; Silva A.C.F. 1986b, 514 (Au. 35), Est. CXVI-5; MNA 1996, p. 182:4, 3.
Depósito: MNA, Inv n.° 290.

532 (Au 46) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A2. Fase IA **Est. CXVI-6**

Aro aberto de forma elipsoidal e secção octogonal por martelagem, das faces adelgançando para as extremidades levemente rebatidas.
Fundido a cera perdida ou em molde bivalve.
Ouro de 813 milésimos de toque.
Peso: 60gr.
Dimensões: eixo maior – 72
eixo menor – 47
esp. máx. – 6.4mm.
Procedência: encontrado nos princípios de 1905 entre os lugares de Vila Chã e Soutelinho, Telões, Vila Pouca de Aguiar.
Bibliografia: Severo 1905-08c, p. 108-109; Silva A.C.F. 1986b, 515 (Au. 36), Est. CXVI-6.
Depósito: IAFCUP.

533 (Au 47) Frag. bracelete de ouro maciço sem decoração (metade). Tipo A2. Fase IA **Est. CXVI-7**

Aro aberto de forma elipsoidal e secção octogonal de faces marteladas adelgaçando para as extremidades sem botão.
Fundido a cera perdida ou em molde bivalve.
Peso: 60gr.
Dimensões: eixo maior (provável) – 92
eixo menor – 69
esp. máx. – 8mm.
Procedência: Tesouro de Baralhas, Vale de Cambra
Bibliografia: Vasconcellos 1896b; Severo 1905-08b; Parreira *et alii* 1980, n.º 61; Silva A.C.F. 1986b, 516 (Au. 37), Est. CXVI-7; Queiroga 2001, p. 98-99.
Depósito: MNA, Inv. n.º 34.

534 (Au 48) Bracelete de ouro maciço sem decoração. Tipo A2. Fase IA. **Est. CXVI-8**

Aro aberto de forrna subcircular e secção octogonal adelgaçando para as extremidades rebatidas em botão de arestas boleadas.
Fundido a cera perdida ou em molde bivalve.
Peso: 65gr.

Dimensões: eixo maior – 73
eixo menor – 64
esp. máx. – 6.6mm.
Procedência: Norte de Portugal.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 517 (Au. 38), Est. CXVI-8.
Depósito: MNSR.

535 (Au 49) Bracelete de ouro compósito com decoração geométrica. Tipo A3. Fase IA. **Est. CXVI,9,9A-9C**

De forma elipsoidal aberta, é composto por três elementos: uma fita central e dois aros laterais.A fita central é constituída por duas lâminas contrapostas, sendo a interior lisa e a exterior decorada por um conjunto de seis nervuras paralelas em corda alternando com duas nervuras lisas e dois alinhamentos de puas cónicas e com uma nervura mais saliente na zona média que a divide em dois campos decorativos simétricos: a fita é rematada, nos extremos, por dois travessões lisos.
Os aros laterais, maciços, são de secção circular adelgaçando para as extremidades terminadas em campânula com um botão cónico no interior e a sua ornamentação, geométrica e simétrica, de linhas incisas a buril aplicadas na face extema é composta por seis zonas decoradas separadas por faixas de linhas paralelas transversais, quatro delas com grupos de dois losangos e os restantes com quatro triângulos contrapostos dois a dois; triângulos e losangos são preenchidos por reticulado fino inciso.
Provavelmente fundido por cera perdida.
Ouro de 821 milésimos de toque.
Peso: 230.9 gr.
Dimensões: eixo maior – 69
eixo menor – 45
larg. fita – 35.5
esp. máx. (aros) – 7.4mm.
Procedência: achado casualmente em 1933 com outras jóias, desaparecidas, no lugar de Cantonha, Souto Escuro, Costa, Guimarães.
Bibliografia: Heleno 1935, p. 252-254, Fig. 12, Est. VIII,32, 33; Mélida 1929. p. 234, Fig. 125; Cardozo 1937 e 1957c, Est. XIII, Fig. 24; López Cuevillas 1951c, p. 64-65, Fig. 45; Becatti 1955, n.° 494, Est. 139; Blanco Freijeiro, 1957a, p. 18; Almagro 1969, Fig. 5, Lám. V; Almagro-Gorbea 1977, p. 32-34; Parreira *et alii* 1980, n.° 64; Coffyn 1985, n.° 323, Pl. LXVIII, n.° 5; Silva A.C.F. 1986b, 518 (Au 39), Est. CXVI, 9, 9A-9C e 1988, p. 80, Fig. 3 e 1993, p. 292; Ruíz Galvez 1989, p. 52; Pingel 1992, p. 288, n.° 233, Est. C,4; Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 292, Fig. 6-8; Armbruster-Parreira 1993, p. 142-143; Armbruster-Perea 1994, p. 75, Est.. II; Armbruster 1995, p. 161, Est. IX; Martins C.M.B. 1996, p.16, n.° 01, Est. XXXI,1.
Depósito: MNA, Inv. n.° 193.

536 (Au 50) Bracelete de ouro em larga fita decorada. Tipo B. Fase IA. **Est. CXVI, 10**

Aro fechado (recentemente rasgado e deformado) que seria de perfil circular em fita larga estriada longitudinalmente com dez nervuras dispostas aos pares, quatro delas denticuladas em puas, alternando as lisas, nas extrermidades e ao centro, com as nervuras denticuladas nas zonas intermédias. Ouro de 750 a 800 milésimos.
Peso: (actual) 121.2 gr.
Dimensões: comp. máx. – 190
larg. – 29mm.
Procedência: aparecido a 8 de Julho de 1944 no Forte de S. Francisco, Alto da Pedisqueira, Chaves, próximo de uma cadeia de 16 elos circulares de espirais de fio de ouro aparecida a 11 de Julho do mesmo ano.
Bibliografia: Cardozo 1944, Fig. 2 e 1959a. Est. V; Monteagudo 1945a; López Cuevillas 1951c, p. 63, Fig. 35; Blanco Freijeiro 1957a, p. 18; Almagro 1969, p. 284-287, Lám. VI,1; Silva A.C.F. 1986b, 519 (Au 40), Est. CXVI-10.
Depósito: MRF.

Par de pulseiras troncocónicas galonadas com decoração. Tipo C. Fase IB

537 (Au 51) Pulseira 1. **Est. CXVII,1-1A**

Aro de perfil troncocónico com bordos de secção triangular com extremidade boleada decorados na parte externa com uma série de 49 (inf.) e 48 (sup.) triângulos isósceles com a base para o interior, incisos e preenchidos com reticulado. e seis toros equidistantes com os intervalos com três alinhamentos de espículas nos intervalos laterais e cinco alinhamentos nos restantes: Sistema de fecho (IA,1,2) por encaixe de um segmento móvel com quatro espigões de arame de secção circular introduzidos nos dois toros centrais e nos dois laterais e que se adaptavam a cavidades abertas no prolongamento dos toros.
Peça provavelmente obtida pelo método da cera perdida, tendo sido a placa exterior, com toros e espigões decorativos, revestida pelo lado interno por uma lâmina lisa.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	ca.20	3.3	4.3	0.090

(Hartmann 1971, n.° 2892)
Dimensões: alt. – 68
larg. máx. (inf.) – 76
larg. máx. (sup.) – 70mm.
Procedência: Norte de Portugal.
Bibliografia: Catálogo MNSR 1942, p. 6; Silva A.C.F. 1986b, 520 (Au. 41), Est. CXVII, 1-1A.
Depósito: MNSR, 119.

538 (Au 52) Pulseira 2. **Est. CXVII,2**

Par da anterior e com idênticas características morfológicas e decorativas, apenas divergindo relativamente ao número de triângulos que ornamentam os bordos feitos por incisão, que nesta pulseira são 56 (inf.) e 60 (sup.).

Peso: 481 gr. (o par).

Composição do ouro:	Ag	Cu	Cu	Sn
	ca.20	3.1	4.0	0.11

(Hartmann 1971, n.° 2895)

Dimensões: alt. – 68
larg. max. (inf.) – 76
larg. máx. (sup.) – 70mm.

Procedência: idem

Bibliografia: Catálogo MNSR 1942, p. 6; Silva A.C.F. 1986b, 521 (Au. 42), Est. CXVII, 2.

Depósito: MNSR, 119.

539 (Au 53) Pulseira galonada com decoração geométrica. Tipo D. Fase II. **Est. CXVII,3**

Aro espesso cilíndrico constituído por uma lâmina com três galões lisos torneados alternando com quatro zonas decoradas a matriz por repetição simples de cirunferência com 2 mm de diâm. em número não determinado na zona inferior pela sua deterioração, e em número de 69, 61 e 71, respectivamente, nas zonas seguintes, que foi aplicada com pouco rigor. Intemamente é lisa com marcas e vincos da decoração feita no exterior.

Apresenta irregularidades e mutilações.

Peso: 113.4 gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	10	0.13	0.14	0.11

(Hartmann 1971, n.° 2879)

Dimensões: diâm. – 60
alt. – 33
esp. – 1/1.5mm.

Procedência: achado casual no Castro do Monte da Saia, Grimancelos, Barcelos.

Bibliografia: Cardozo 1957d, Fig. (p.182); Silva A.C.F. 1986b, 523 (Au. 43), Est. CXVII-3.

Depósito: MSMS.

540 (Au 54) Pulseira galonada com decoração geométrica. Tipo D. Fase II. **Est. CXVII,4**

Aro cilíndrico constituído por uma lâmina repuxada com caneluras paralelas, duas nas extremidades e uma ao centro, dividindo-a simetricamente em dois galões, e decorada em superfície com doze conjuntos similares de incisões dispostas em espinha no dorso de cada toro, orientadas no mesmo sentido e alternando os espaços vazios de um toro com os decorados do outro, segundo o seguinte esquema:

	13	13	10	11	10	11
1.° toro	–	–	–	–	–	–
	14	13	10	11	11	11
	11	12	12	14	13	13
2.° toro	–	–	–	–	–	–
	11	12	12	14	14	14

Internamente é lisa, apresentando marcas de decoração feita no exterior.

Peso: 171 gr.

Dimensões: diâm. – 70
alt. – 30
esp. – 1mm.

Procedência: achado ocasional em 1946 na vertente do monte da Prova, onde se situa uma estação castreja, entre os lugares de Regoufe, Covelo de Paivô, e o de Silveiras, Janarde, Arouca.

Bibliografia: Cortez 1948a, p. 274-275, Fig. 1 (p. 270); Simões Júnior 1962; Silva A.C.F. 1986b, 523 (Au. 44), Est. CXVII, 4; Silva A.M.P. 2004, p. 221.

Depósito: MASA.

541 (Au 55) Bracelete galonado. Tipo D. Fase II. **Est. CXVII,5**

Aro largo barrilóide constituído por uma lâmina repuxada convexa e emoldurada, por três nervuras em anel decoradas com finas incisões feitas a buril.

Internamente é lisa, mostrando sinais de martelagem.

Peso: 335 gr.

Dimensões: diâm. máx. – 105
diâm. mín. – 88
alt. – 74
esp. – 2/3.5mm.

Procedência: encontrada em 1948 na Quinta das Roçadas, Carvalhais, S. Pedro do Sul, nas imediações do Castro da Cárcoda.

Bibliografia: Tavares M.C. s.d., p. 6 e 1954; Ferreira O.V 1974; Silva A.C.F. 1986b, 524 (Au. 45), Est. CXVII-5.

Depósito: Propriedade particular.

542 (Au 56) Bracelete galonado com decoração. Tipo D. Fase II. **Est. CXVII,6-6A**

Aro barriloide constituído por uma lâmina repuxada com cinco galões toreados divididos em zonas decorativas, que preenchem totalmente a sua superfície, e de bordos moldurados, cuja decoração se reduz a uma zona estriada longitudinalmente entre duas nervuras, a de periferia lisa e a interior em corda com incisões transversais, que enquadram o exuberante conjunto de motivos decorativos do bracelete, a estampado, organizados em seis sectores.

separados por linhas verticais e espaços vazios (1, 2, 3,4, 5, 6) divididos em cinco zonas cada um (A, B, C, D, E) correspondentes aos respectivos galões separados por linhas horizontais e espaços vazios situados na depressão das golas, assim descritos:

Sector 1

A1 Sete quartos de círculo feito de seis alinhamentos concêntricos de filas duplas de pontos, tendo cada quarto de circulo uma punção de três círculos concêntricos com protuberância central estampada no interior que se repete numa série de vinte e nove vezes na parte superior da zona.

B1 Reticulado formado de 21 x21 linhas oblíquas cruzadas em xadrez.

C1 Duas faixas concordantes de denticulado divididas na parte média da zona com os espaços vazios ocupados por sete triângulos de cada lado com punções de três círculos concêntricos com protuberância central nos vértices.

D1 Linhas quebradas formando três gregas e terminando na extremidade direita em três linhas paralelas.

E1 Variante de C1, com duas faixas concordantes de denticulado formadas por nove triângulos de cada lado com punções de três círculos concêntricos com protuberância central nos vértices situados no mesmo alinhamento

Sector 2

A2 Oito coroas semi-circulares, quatro de cada lado, com arco voltado para o centro, feitas sobre fundo pontilhado: à esquerda, na superfície rectangular restante, duas séries transversais de quatro punções de três círculos concêntricos com depressão central.

B2 Variante de C1, com duas faixas concordantes de denticulado formadas por dez triângulos de cada lado e divididas na parte média da zona.

C2 Quatro sexfólios inscritos em círculos de diâmetro irregular com as folhas feitas a pontilhado sobre fundo liso, com excepção do segundo que tem ao invés, as folhas lisas sobre fundo pontilhado, emoldurados por séries de punções de círculos concêntricos com protuberância central do lado esquerdo interrompidas por triângulos com a mesma punção no vértice. A mesma punção repete-se no centro da primeira roseta.

D2 Quatro SS deitados em entrelaço construídos sobre circunferências concêntricas, sendo o motivo liso e o fundo pontilhado, com uma punção de três círculos concêntricos com protuberância central; à esquerda, na superfície restante, dentilhado feito por oposição de triângulos (3 esq.; 3 dir.) com punções de três círculos concêntricos com depressão central no vértice.

E2 Cinco folhas organizadas em semicírculos e unidas pelos vértices, tendo nos espaços intermédios quatro triângulos, dois de cada lado, com punções de três círculos concêntricos com protuberância central nos vértices.

Sector 3

A3 Variante de E1 com duas faixas concordantes de denticulado formadas por oito triângulos de cada lado com punções de três círculos concêntricos com depressão central nos vértices em dois alinhamentos.

B3 Variante de E2, com cinco folhas lisas organizadas em semicírculos e unidas pelos vértices sobre fundo pontilhado.

C3 Variante de A1, com oito quartos de círculo na parte inferior contrapostos por outros oito na parte superior divididos na parte média da zona e com uma punção de três círculos concêntricos no interior de cada arco de círculo.

D3 Quatro quadrifólios sobre campo a pontilhado; à esquerda, na superficie restante, um rectângulo com dois quartos de círculo nos seus vértices.

E3 Variante de D1, com linhas quebradas formando quatro gregas e terminando na extremidade direita em duas linhas paralelas e horizontais.

Sector 4

A4 Zona muito destruída. Variante de E2, de que resta apenas uma folha e dois triângulos um dos quais com punção de três círculos concêntricos com depressão central no vértice.

B4 Zona muito destruída. Variante de A2, de que restam duas coroas semi-circulares e vestígios de uma terceira, com um pequeno semicírculo encostado ao lado menor da zona. Zona destruída na parte inferior.

C4 Seis folhas formadas por arcos de círculos contrapostos e com seu eixo na vertical ladeados à esquerda por uma série de dez punções de três círculos concêntricos com depressão central.

D4 Variante de D1 e E3, com linhas quebradas formando quatro gregas e com um série de seis punções de círculos concêntricos com depressão central situados em linha vertical à direita.

E4 Variante de A1, em posição contraposta, com seis quartos de círculo cinco dos quais com punção interna de 3 círculos concêntricos com depressão central e com uma série de trinta e quatro punções da mesma matriz na margem inferior.

Sector 5

A5 Zona desaparecida.

B5 Zona desaparecida.

C5 Zona muito destruída.
Variante de D1, E3, D4/B1, com vestígios de gregas na extremidade direita do seu enquadramento por reticulado nas margens inferior e superior.

D5 Variante de D3, com quatro quadrifólios lisos com o campo a pontilhado.

E5 Variante de B1, com um reticulado formado por 21x21 linhas oblíquas cruzadas em xadrez com seis punções de três círculos concêntricos com protuberância central nos quadriláteros do ângulo superior direito.

Sector 6

A6 Zona restituída a partir de fragmento solto. Variante de D1, E3, D4, C5, com linhas quebradas formando quatro gregas.

B6 Variante de D3 e D5, com quatro quadrifólios lisos com o campo a pontilhado; à direita, a superfície rectangular restante está preenchida por dois quadrados e respectivas diagonais.

C6 Variante de D2. com quatro SS deitados em entrelaço construídos sobre cinco circunferências concêntricas com protuberância central, motivo que se repete 22 e 23 vezes em duas séries de punções respectivamente na margem superior e inferior da zona; à esquerda, um rectângulo ao alto, variante de El e A3. e repetindo a planificação decorativa de D2.

D6 Variante de El, B2 e A3, com duas faixas concordantes de denticulado constituídas por dez triângulos na parte inferior e nove na parte superior.

E6 Variante de Al,C3 e E4 mais simplificada, com onze arcos de círculo na parte inferior contrapostas a doze outros arcos na parte superior.

A riqueza da composição decorativa deste bracelete, constando sobretudo de motivos geométricos e algumas estilizações fitomórficas geometrizadas patentes na descrição, foi habilmente conseguida pela associação de motivos e introdução de variantes utilizando um número reduzido de matrizes:

- alinhamentos de filas duplas de pontos organizados em segmentos de recta e em linhas curvas, para desenhar os motivos e dividir e preencher os espaços seguindo com toda a probabilidade uma ordinatio prévia em que parece sugerir-se a utilização do compasso;

- duas ou três matrizes de três círculos concêntricos, uma com protuberância central, outra com depressão central e uma terceira com picotagem na protuberância central, que poderá ter sido aplicada sobre a primeira matriz que nos aparecem ora alinhadas, no centro de elementos circulares, no interior de motivos e no vértice de triângulos, funcionando sobretudo como elementos enriquecedores da composisão.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Pb	Sn
	ca.30	3.3	5.0	sp.?	0.032
	30	3.5	5.3	–	0.027
	30	3.2	4.8	–	0.027

(Hartmann 1971, n.os 2884, 2751, 2752)

Peso: 107.5gr.

Dimensões: diâm. máx. – 11.3
mín. – 8.7
alt. – 7.4
esp. – 0.5/0.7; 1.5mm (nervura).

Procedência: Tesouro de Lebução, Valpaços.

Bibliografia: Severo 1905-08a, Est. IA, II, Fig. 1, 2; Cardozo 1957a, Est. IV; López Cuevillas 1932a, p. 228 e 1951c, p. 64, Fig. 31,46; Blanco Freijeiro 1957a, p. 14 e 1958, Fig. 7-11; Silva A.C.F. 1986b, 525 (Au. 46), Est. CXVII, 6-6A; CXLVII, 1.

Depósito: MSMS.

543 Dois pares idênticos de arrecadas de ouro em forma de lúnula radiada com lâmina central semicircular decorada. Tipo Al1 Fase IB.
(Au 57) Arrecada 1. **Est. CXVIII,1**

Anverso (1A)

Corpo central constituído por lúnula de secção losângica formada por duas lâminas lisas, simétricas, soldadas no dorso, com uma aresta na linha média e adelgaçando para as pontas onde toma forma tubular para introdução no lóbulo do pavilhão auricular.

Espaço intemo preenchido por uma lâmina semicircular de 28 mm de diâm. visível com decoração de palmetas constando de três nervuras paralelas em volutas para o interior nos seus extremos sobrepostas na zona média por duas nervuras em arco contrapostas encimadas por sete outras nervuras divergentes. A periferia deste motivo central mostra uma série de ziguezagues figurando um ondulado em partes escondido pela lúnula envolvente e na parte superior da lâmina enrola no sentido do anverso, com nervuras finas verticais, achatando nos extremos para introdução na lúnula.

Da lúnula onde estão soldados pelo pé, divergem 70 raios, também tubuleares constituídos por duas lâminas finas contrapostas e soldadas em T, tendo o pé de cada um sete caneluras transversais e o travessão, levemente arqueado, quatro caneluras dispostas simetricamente. Os raios estão adossados uns aos outros e em posição transversal, excepto os dois extremos que mostram o travessão de frente.

Reverso (IR)

Face idêntica ao anverso, excepto na zona central que reproduz em negativo a sua decoração.

Sem argolas a sua suspensão seria simples sendo feita pela fixação das extremidades da lúnula ao lóbulo do pavilhão auricular.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	25-30	3.2	0.085	ca.0.01

(análise de Hartmann, Portugal Au, n.° 2790, segundo ficha do MNA).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 526, Est. CXVIII,1; CXLV.

Depósito: MNA, Inv. n.° 301.

ARRECADAS – Gráfico 10

Est		CXVIII													
N.º		1	2	3	4	5	11	12	9	10	8	6	7	13	14
	PROCEDÊNCIA	Baião 1	Baião 2	Baião 3	Baião 4	Paços de Ferreira	S. Martinho da Anta	Norte de Portugal	Estela 1	Estela 2	Carreço	Laundos 1	Laundos 2	Briteiros 1	Briteiros 2
ANÁLISE DESCRITIVA															
CORPO PRINCIPAL	Coroa circular aberta								x	x	x	x	x		
	lúnula	x	x	x	x	x	x								
	aro							X							
	estribo													x	x
	decoração – pontilhado										x				
	– incisão						x				x				
	– punção					x		x	x	x	x	x	x		
	– estampagem	x	x	x	x							x	x		
	– apliques – filigrana					x	x	x	x	x	x			x	x
	– granulado					x								x	x
	– polvilhado													x	x
	– campânulas								x	x	x	x	x		
	– fitas					x	x	x	x	x	x	x	x		
	– raios	x	x	x	x										
APÊNDICE	ausência	x	x	x	x										
	triangular								x	x	x	x	x		
	– botão terminal								x	x	x	(x)	(x)		
	cacho						x	x							
	tronconómico						x								
	cilindro-cónico													x	x
	decoração – incisão										x	x	x		
	– punção							x							
	– apliques – filigrana					x			x	x	x	x	x	x	x
	– granulado								x	x				x	x
	– polvilhado													x	x
	– fitas										x	x	x		
	– pseudogranulado										x	x	x		
SUSPENSÃO	simples	x	x	x	x									x	x
	dupla					x	x	x	x	x	x	x	x		
	introdução no lóbulo – tubular	x	x	x	x	x	x	x							
	– arame								x	x	x	x	x		
	– laminar													x	x
	argolas de suspensão supra-auricular					x	x	x	x	x	x	x	x		
	cadeias de suspensão supra-auricular								x	x	x	x	x		
MATÉRIA	ouro	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
TIPOLOGIA		A1	A1	A1	A1	A2	A3	B	C	C	C	C	C	D	D
FASES CRONOLÓGICAS		IB	IB	IB	IB	IB	II	II	II	II	II	II	II	III	III

544 (Au 58) Arrecada 2. **Est. CXVIII, 2**

Idêntica à anterior, com 72 raios, estando um deles comprimido e fracturado. Restaurada (MMC, ficha n.º 4086).

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	25-30	3.0	0.090	sp.

(análise de Hartmann, Portugal Au. n.° 2787, segundo ficha do MNA).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 527 (Au. 48), Est. CXVIII, 2; CXLVI.

Depósito: MNA, Inv. n.° 298.

545 (Au 59) Arrecada 3. **Est. CXVIII, 3**

Idêntica às anteriores, com 74 raios, faltando um deles.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	25-30	2.4	0.095	ca.0.01

(análise de A. Hartmann, Portugal Au, n.º 2788, segundo ficha do MNA).

Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, 528 (Au. 49), Est. CXVIII,3; CXLVI.

Depósito: MNA, Inv. n.°299.

546 (Au 60) Arrecada 4. **Est. CXVIII, 4**

Idêntica às anteriores, com 72 raios, com duas falhas respectivamente de 1 e 3 raios na auréola. Restaurada (MMC. ficha n.º 4088).

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	25-30	3.0	0.085	ca.0.02

(análise de Hartmann, Portugal Au, n.º 2789, segundo ficha do MNA).

Peso: 10.7/13.8gr.

Dimensões: eixo maior – 55
alt. – 46
esp. – 8mm.

Procedência: encontradas em contexto arqueológico desconhecido, com outros ouros, no concelho de Baião (Tesouro de Baião). Adquiridas por M. Heleno a um ourives.

Bibliografia: Almeida F. 1974, p. 73, Fig. 1 (p. 70); Blázquez 1978, p. 227, Fig. 24: Parreira *et alii* 1980, n.º 89; Silva A.C.F. 1986b, 529 (Au. 49), Est. CXVIII, 4; CXLVI e 1988, p. 81, Fig. IV e 1990a, p. 148, Est. III, 1-4 e 1991b, p. 42-51; Almagro-Gorbea 1989, p. 74; Nicolini 1990, p. 318, n.º 89, Est. 57, a,b, d, f; Pingel 1992, p. 298, n.º 292, Est. 104,2; Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 235, Fig. 26; Martins C.M.B. 1996, p. 20, n.º 09, Est. XXV,2.

Depósito: MNA, Inv. n.° 300.

547 (Au 61) Arrecada de ouro em forma de lúnula orlada com lâmina central decorada e apêndice tubular. Tipo A2. Fase IB(?). **Est. CXVIII, 5**

Anverso (5A)

Corpo central constituído por uma lúnula oca de 11 mm de larg. no eixo central e 2/25 mm nos vértices, adelgaçados para adaptação à orelha, composta de duas placas soldadas no ext. e abertas no int. para encaixe da lâmina central, com decoração de três séries de repetições simples de triângulos com o vértice para o interior de tamanho decrescente a granulado separadas por finíssimos fios de ouro em três bandas; a sua linha interna é reforçada por pequeno aro soldado.

Espaço interno preenchido por uma lâmina de 29mm de diâm. visível e com um sector aberto na parte superior para adaptação ao pavilhão auricular, decorada pelo reverso com três grandes punções na parte central dispostas em triângulo, sendo a do meio de maiores dimensões e picotada à volta inscrita numa nervura circular, e com um alinhamento periférico de punções menores, apresentando a restante superfície picotada; o sector aberto é reforçado por uma placa lisa de 2mm de larg. soldada à placa circular para protecção do lóbulo.

Coroa circular exterior aberta. soldada à lúnula. composta de dez fios de ouro. sendo os oito interiores entrançados dois a dois externamente rodeada por uma plaqueta de 3.5 mm de larg. soldada de cutelo constituida também por sete finíssimas cordas com as extremidades enroladas formando duas argolas para a suspensão presas à lúnula por fio torcido.

Apêndice formado por duas partes:

a parte superior, em tronco de cone, revestida por um fio de ouro enrolado em espiral e a parte inferior constando de três peças tubulares de largura diversa soldadas concentncamente em degrau a uma placa central.

A suspensão era dupla: por fixação das extremidades da lúnula no lóbulo e por cadeia em posição supra-auricular denunciada pela existência de duas argolas na parte superior.

Reverso (5R)

Idêntica ao anverso excepto na decoração, que é o negativo do anverso na sua parte central e inexistente na lúnula.

Peso: 16.1gr

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Pb	Sn	Bi
	ca.25	3.5	ca.0.04	0.18	sp.

(análise de Hartmann, Portugal Au, n.° 2769, segundo ficha do MNA).

Dimensões: diâm. – 57
alt. máx. – 60.2
lúnula esp. máx. – 6mm.

Procedência: Citânia de Sanfins (?), Paços de Ferreira. (Habitualmente considerada do Alto Minho; adquirida por J.L. Vasconcellos a Serafim das Neves, de Viana do Castelo, que a tinha comprado ao ourives Barbedo, do Porto, que confirmou a sua procedência do concelho de Paços de Ferreira, conforme dados constantes da ficha do MNA).

Bibliografia: Severo 1905-08e; Vasconcellos 1912 (RL,3), p. 435, n.º 3, Fig. 219; López Cuevillas 1951c, p. 75, Fig. 52; Cardozo 1956b, p. 453, Fig. 8 e 1957c, p. 37, Est. XV, Fig. 28; Blanco Freijeiro 1957 a, p. 293, Est.. XXIV (a,b); Pérez Outeiriño 1982, p. 80-82, Est.. XXVIII; Parreira *et alii* 1980, n.º 93; Silva A.C.F. 1986b, 530 (Au. 51), Est. CXVIII, 5 e 1990a, p. 148, Est. III, 5; Pingel 1992, Est. 107, 4; Macedo M.F. 1993, p. 24-25; Martins C.M.B. 1996, p. 21, n.º 11, Est. XXV, 3.
Depósito: MNA, Inv. n.º 25.

548 (Au 62) Arrecada de ouro em forma de lúnula com apêndice em cacho e sistema de suspensão dupla. Tipo A3. Fase II. **Est. CXVIII, 11**

Corpo principal composto por duas peças, uma lúnula oca, de secção hexagonal e de perfil ovulado, com pontas tubulares, adelagaçadas e dobradas para introdução no lóbulo da orelha, e uma placa aplicada no seu interior, ambas debruadas por fios torcidos em corda dupla. No espaço interno foram aplicadas, por soldagem, duas tiras, decoradas, de recorte impreciso, dispostas em T.

Apêndice triangular formado por três cones, feitos de fios enrolados em espiral com esférulas nos vértices, soldados a outros tantos cones no reverso e entremeados por esférulas, a que se sobrepõe em ambos os lados sob o aro da lunula um quarto cone de estrutura similar e de menores dimensões. Este conjunto é rematado por um cacho de dez esférulas.

Sistema de suspensão duplo com introdução no lóbulo e suspensão supra-auricular por cadeado, inexistente, que estaria ligado às duas argolas soldadas nos terminais da lunula.

Procedência: S. Martinho de Anta, Sabrosa.
Bibliografia: Corrêa 1928, p. 190; López Cuevillas 1951c, p. 81-82, Fig. 54; Cardozo 1956b, Fig. 7; Blanco Freijeiro 1957a, p. 291-292, Fig. 26; Pérez Outeiriño 1982, p. 78-80, Fig. 18, Lám. XXVII; Silva A.C.F. 1986b, 531 (Au 52), Est. CXVIII, 11; Pingel 1992, p. 305, n.º 320, Est. 60,12; Macedo M.F. 1993, p. 28-29; Martins C.M.B. 1996, p. 27, n.º 23, Est. XXVIII, 3.
Depósito: Colecção particular.

549 (Au. 63) Arrecada de ouro subcircular com apêndice triangular em cacho e sistema duplo de suspensão. Tipo B. Fase II. **Est. CXVIII,12**

Corpo principal constituído por um aro elíptico incluindo na parte inferior, em ferradura, uma placa com três círculos irregulares decorados com punções em torno de perfurações envolvidos pelas volutas de uma fita sinuosa e adelgaçando gradualmente na parte superior para as extremidades para introdução no lóbulo da orelha. O aro está decorado do lado do anv. com uma fita entrançada constando de duas cordas laterais e um filete interior e a placa central é encimada transversalmente por uma barra com incisões oblíquas.

Apêndice triangular soldado ao aro composto de doze punções em semi-esferas ocas feitas por aplicação de punção pelo reverso e quatro pequenas esferas terminais formando cacho.

Sistema de suspensão duplo, com introdução no lóbulo e suspensão supra-auricular por cadeia que estaria ligada às duas argolas soldadas ao aro ao nível da parte superior da placa central.

Peso: 4.9gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	Ca.20	4.0	0.070	sp?

(análise de Hartmann, Portugal Au. n.º 2803, segundo ficha do MNA).
Dimensões: larg. máx. – 26.8
alt. máx. – 58.6mm.
Procedência: Norte de Portugal. Adquirida em Coimbra, em 1951, por intermédio de João Pereira Dias.
Bibliografia: Parreira *et alii* 1980, n.º 102; Silva A.C.F. 1986b, 532 (Au. 53), Est. CXVIII, 12.
Depósito: MNA, Inv.º n.º 284.

Par de arrecadas de ouro em forma de coroa circular aberta na parte superior com apêndice triangular com botão terminal e sistema duplo de suspensão. Tipo C. Fase II.

550 (Au. 64) Arrecada 1. **Est. CXVIII, 9**

Corpo central constituído por uma placa de 31mm de diâm. ext. e 11.8mm de diâm. int. em forma de coroa circular aberta na parte superior para adaptação ao pavilhão auricular; na linha média da coroa circular estão soldadas nove campânulas, idênticas, cónicas e umbilicadas (diâm. ext. 3.8 / 4.1mm) distribuídas a espaços desiguais entre duas fitas constando de dois fios laterais em corda concorrente e um fio liso central; envolvendo a coroa e num plano perpendicular, projectada para a face anterior, eleva-se uma fita de 3.8mm de larg. que percorre a coroa int. e externamente que é decorada com oito nervuras lisas e debruada por duas coroas laterais soldadas, sendo a do anv. em corda dupla e concorrente e a do rev. em corda simples. A placa da coroa circular apresenta no rev. nove punções correspondentes às campânulas do anv. também de forma cónica e umbilicadas e debruadas com filete liso. O apêndice consta de duas peças triangulares sobrepostas e soldadas na parte posterior do aro. A placa do anv. compõe-se de uma superfície granulada com 27 filas horizontais dispostas obliquamente em linhas paralelas aos lados do triângulo, sendo a primeira com três grânulos e a vigésima, a mais extensa, com vinte e três. A placa do rev. é simétrica e soldada à do anv., mas lisa e com vestigios de ter sido martelada, para ajuste, nos cantos superiores onde são visiveis marcas do granulado da outra face.

Está decorada com apliques soldados de dois círculos centrais, donde irradiam dois fios em voluta para os cantos superiores, outros dois círculos nos cantos inferior e superior direito e vestigios de outro no canto superior esquerdo sobre os sinais de granulado. Soldado ao vértice do triângulo, está um botão terminal sendo achatado na parte superior e circular no plano horizontal.

O sistema de suspensão é duplo. Consta de um travessão de duas peças circulares aplicadas na fita na linha média da coroa, opostas, com pequena abertura central para introdução no lóbulo do pavilhão auricular. E nos vértices da abertura da coroa circular estão soldadas duas argolas para engate do cadeado de suspensão preso por outras duas argolas soltas. O cadeado de suspensão é de arame fino (esp. 0.5mm), sendo composto de elos entrançados dando uma secção quadrangular de 2mm esp. média.

Ouro com o toque apoximadamente de 600 milésimos.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
1. arrecada	ca. 28	3.3.	4.8	0.031
2. cadeia de suspensão 25-30	7.2	11	0.028	

(Hartmann 1971, n.ºs 2899, 2890)
Dimensões: diâm. (coroa) – 32.4
esp. – 4
alt. máx. (excluíndo argolas e cadeado) – 57mm.
Procedência: Tesouro de Estela. Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Fortes 1905-08g. Fig. 6, 7; Catálogo MNSR 1942, p. 5. n.º 2. Fig.; Teixeira 1944. Lám. X.1; López Cuevillas 1951c, p. 81, Fig. 63-Cardozo 1957e, p.453ss., Fig. 5., n.º 2; Blanco Freijeiro 1957a. p. 289; Almeida 1972,p.12-15;Pérez Outeiriño 1982, p. 57-62. Fig. 11, 12, Lám. XIV - XVII, LIV); Silva A.C.F. 1986b, 532-533 (Au 54-55), Est. CXVIII 9-10 e 1988, p. 83, Fig. 6; Pingel 1992, p. 299, n.º 294, Est. 105,6; Macedo M.F. 1993, p. 16-17; Gomes J.M.F. 1996, 309 (Au 3-4) Est. XL:1-2; Martins C.M.B. 1996, p. 22, n.º 13, Est. XXII, 1 e XLI; Silva A.C.F. *et alii* 1997, p. 29-31:1.
Depósito: MNSR, CMP 149.

551 (Au. 65) Arrecada 2. **Est. CXVIII, 10, Fig. 16**

Par da anterior.
Corpo central idêntico ao da arrecada 1; sendo também constituído por uma única placa de 31,1mm de diâm. externo e 10.9 de diâm. interno em forma de coroa circular com maior abertura que a anterior.
Idêntica é também a decoração, excepto quanto às campânulas que, neste caso, são em número de dez (diâm. ext 3.9/4.3mm).
Apêndice também estruturalmente idêntico com pequenas diferenças pontuais relativamente à sua fixação e decoração. Com efeito, este apêndice esta soldado na linha média do aro, os sinais do granulado no reverso são mais generalizados e a voluta direita aparece voltada para o exterior.
Igual sistema de suspensão.
Ouro com toque aproximadamente de 600 milésimos.
Peso: 24.2 gr. (o par).

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	25-30	4.5	6.6	0.031

(Hartmann 1971, n.º 2901).
Dimensões: diâm. (coroa) – 32.8
esp. – 4
alt. máx. (excluindo argolas e cadeado) – 54.5mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: idem.
Depósito: idem.

552 (Au 66) Arrecada de ouro. Tipo C. Fase II. **Est. CXVIII, 8**

Corpo central em forma de coroa circular, com um sector aberto na parte superior em espelho de chave, decorada com dois alinhamentos de SS encadeados com dois círculos de corda entre eles e enquadrada Interna e externamente, por uma lâmina canelada. Soldadas na coroa, cinco campânulas troncocónicas debruadas no bordo e com uma protuberância no interior.
Lateralmente está soldada uma placa de 5mm. de larg. canelada por aplicação de linhas paralelas de punções feitas do interior; sobre esta placa assenta, em sentido horizontal, uma outra de l,8mm de larg. em todo o perímetro, constando de um filete central liso e dois outros laterais tracejados.
Apêndice triangular formado por duas lâminas contrapostas com pseudo granulado com 35 fiadas horizontais dispostas obliquamente em linhas paralelas aos lados do triângulo, sendo a primeira com dois grânulos e a vigésima sétima, a mais extensa, com vinte e nove, envolvido por uma fita de 1.7 mm de larg. com uma nervura lisa e duas pontilhadas e dos lados do triângulo. pelo interior da mesma fita, outra fita análoga com uma nervura lisa no interior e duas tracejadas no exterior. No vértice, um botão terminal achatado na parte superior e circular no plano horizontal.
No reverso, em correspondência com o desenho da outra face, desenvolve-se o mesmo esquema decorativo, a pontilhado, vendo-se na zona média da coroa, em torno de dois círculos paralelos, dois alinhamentos de SS encadeados e o espaço entre os SS e os bordos preenchido com linhas irradiando do centro. Duplo sistema de suspensão, observando-se na zona média da coroa duas perfurações de 2 mm de diâm. na placa, para encaixe do travessão de preensão no lóbulo auricular, perdido, e nos extremos da abertura superior duas argolas soldadas onde se movem outras duas, soltas, a que se prende a cadeia de suspensão formada por elos entrançados de fio de ouro de 0.4 mm de esp. perfazendo uma secção de 2 mm.
Peso: 9.9gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	ca.30	2.8	0.13	sp.

(análise de Hartmann. Portugal. Au, n.° 2801, segundo ficha do MNA).
Dimensões: coroa diâm. – 38
esp. – 6
alt. máx. (excluindo argolas e cadeado, incluindo esfera do apêndice) – 67mm.
Procedência: proximidades da igreja de Carreço, Viana do Castelo. (Habitualmente considerada de Afife: adquirida em Agosto de 1905 por J. L. Vasconcellos a Serafim das Neves, que o informou acerca da sua procedência de Carreço, conforme dados constantes da ficha do MNA).

Bibliografia: Severo 1905-08e, Fig. 3; Teixeira 1944; López Cuevillas 1951c. p. 80-81. Fig. 53; Cardozo 1957e. p.453 ss.. Fig. 5. n.º 3; Blanco Freijeiro 1957a, p. 289; Parreira *et alii* 1980, n.º 131: Pérez Outeiriño 1982, p. 43-45. Fig. 2, Lám. I; Silva A.C.F. 1986b, 535 (Au. 56), Est. CXVIII, 8; CXLVIII, 2A-B; Nicolini 1990, p. 336-337, n.º 107, Est. 69, a-g; Pingel 1992, p. 303, n.º 312, Est. 60, 11 e 103, 11; Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 233, Fig. 27; Martins C.M.B. 1996, p. 23, n.º 16.
Depósito: MNA. Inv. n.º 24.

Par de arrecadas de ouro. Tipo C. Fase II.
Similares às três anteriores, com diferenças nas dimensões, decoração, técnica e outros pormenores.

553 (Au 67) Arrecada 1. **Est. CXVIII, 6**

Corpo central constituído por uma placa de 41,6 mm de diâm. ext. e 14 mm. de diâm. int. em forma de coroa circular com o sector aberto de 14 mm. de diâm. int. e paredes quase rectas com um travessão continuo soldado na parte média da coroa.
A coroa circular apresenta quinze nervuras concêntricas, côncavas no anv. e convexas no rev., feitas por estampagem, e na sua linha média estão soldadas no anv. cinco campânulas. idênticas, cónicas (diâm. ext. 10 mm.) com uma punção central bem vincada, simetricamente distribuídas em espaços iguais. A placa envolvente da coroa circular tem 5 mm de larg. e é composta por seis nervuras enquadradas de ambos os lados por nervuras simples cujos bordos são percorridos por um fio com incisões simples perpendiculares ao eixo.
Apêndice triangular composto de uma placa, provavelmente fundida a cera perdida, a que se solda uma fita na parte inferior da caixa, ao nível da placa da coroa, com superfícies decoradas a pseudogranulado com 32 filas horizontais
dispostas obliquamente em linhas paralelas aos lados do triângulo, sendo a primeira com três «grânulos» e a vigésima quarta, a mais extensa, com vinte e seis, envolvido por uma fita de 2.3 mm de larg. dividida em três nervuras a central decorada com incisões e as laterais lisas, tendo encostado ao lado do anv., pelo interior, um fio torcido. Falta-lhe o botão terminal, que originanamente possuía, como o mostram vestígios de solda no vértice do triângulo.
Igual sistema de suspensão, sendo o travessão de introdução no lóbulo inteiriço e estando as primeiras argolas soldadas à caixa.
Peso: 17.6 gr.
Ouro com toque médio de 640 a 650 milésimos.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Pb	Sn	Bi
1. apêndice	20-25	3.4	4.6	Sp.	0.028	Sp
2. cadeia de suspensão	20-25	3.6	4.8	–	0.089	–

(Hartmann, 1971, n.os 2896, 2897).
Dimensões: coroa diâm. – 41
esp. – 6.5
alt. máx. (excluindo argolas e cadeado) – 71mm.
Procedência: encontradas casualmente em 1908, juntamente com um bolo de prata, dentro de um vaso acampanado de cerâmica que estava colocado "debaixo duma lâmina de xisto negro e assentava sobre telha ou tijolo" (R. Severo, p.404) no interior de uma casa circular do Castro de Laundos, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Severo 1905-08e, Fig. 4, Est. XXXI; Catálogo MNSR 1942, p. 5, n.º 4; Teixeira 1944, Lám. X, 2; López Cuevillas 1951c, p. 79-80, Fig. 61, Cardozo 1957e, p.453 ss, Fig.5 n.º 1, Blanco Freijeiro 1957a, p. 288-289; Almeida 1972, p. 12-15, Pérez Outeiriño, 1982, p. 64-70, Fig. 15, 16, Est. XIX, XX, LIV; Silva A.C.F. 1986b, 536-537 (Au 57-58), Est. CXVIII, 6-7; Pingel 1992, p. 300, n.º 296, Est. 59, 1-2; Macedo M.F. 1993, p. 34-35; Sousa M. J.1994, p. 7; Gomes J.M.F. 1996, 311-312 (Au 5-6), Est. LX:3-4; Martins C.M.B. 1996, p. 23, n.º 15; Est. XXVII, 1 e XLII, 1-2; Silva A.C.F. *et alii* 1997, p.31-32, n.º 2.
Depósito: MNSR, CMP 148.

554 (Au 68) Arrecada 2. **Est. CXVIII,7**

Par da anterior.
Corpo central com o mesmo número de nervuras da coroa circular.
Apêndice triangular idêntico, com o fio de corda anexo à fita lateral incompleta, faltando-lhe também o botão terminal originariamente existente.
Igual sistema de suspensão, faltando as duas argolas de um dos lados.
Ouro com o toque médio de 640 a 650 milésimos.
Peso: 16.85 gr.

Composição da matéria-prima (apêndice):	Ag	Cu	Cu	Sn
	ca.65	2.1	2.9	0.019

(Hartmann, 1971, n.os 2898).
Dimensões: coroa diâm. – 41
esp. – 6.5
alt. máx. (excluindo argolas e cadeado) – 71mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: idem.
Depósito: idem.

Par de arrecadas de ouro em pingente com hastes para preensão. Tipo D. Fase III.

555 (Au 69) Arrecada 1. **Est. CXVIII,13**

Arrecada constituída por uma peça lâminar, superior, com hastes de preensão e por um apêndice cilindrocónico.
A parte superior está soldada ao apêndice e dobrada em estribo em duas hastes triângulares, simétricas, com decoração de filigrana, granulado e polvilhado adelgaçado nas extremidades para introdução no lóbulo da orelha (11B).
O apêndice é composto por um corpo cilíndrico, oco, decorado por dois alinhamentos de SS encadeados, entre fios torcidos, limitando um campo polvilhado e com grânulos na zona média do motivo e nas dobras dos SS (11C) acoplado a um remate cónico com arame enrolado em mola entre filetes na parte superior e decorado na parte inferior com alinhamentos de grânalos na base e segundo a geratriz do cone (IID).

Peso: 9.6 gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	20-25	2.7	3.6	0.054

(Hartmann, 1971, n.° 2888).
Dimensões: larg. máx. – 17
alt. máx. – 70mm.
Procedência: encontradas no dia 8/9/1937 dentro de um vaso acampanado (Est. XLV, 8) na esquina de uma casa quadrangular da Citânia de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Cardozo 1938 Fig. 1, 1980 (1938, 2.ª ed.), p. 60-61, Fig. 44, 1957c, Est. XVII, Fig. 35c e 1957e, p. 453 ss, Fig. 6; López Cuevillas 1951c, p. 75-76, Fig. 51; Blanco Freijeiro 1957a, p. 292-292. Lám. XXII a; Pérez Outeiriño 1982, p. 48-52. Fig. 6, Lám. VIII e 1989, p. 103; Silva A.C.F. 1986b, 538-539 (Au 59-60), Est. CXVII, 13, 14; Pingel 1992, p. 287, n.° 227; Est. 100,6; Martins C.M.B. 1996, p. 16, n.° 02, Est. XXX,1 e XXXVII.
Depósito: MSMS.

556 (Au 70) Arrecada 2. **Est. CXVIII,14**

Par da anterior, com deteriorações.

Peso: 8.8 gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	ca.20	1.5	1.9	0.007

(Hartmann, 1971, n.° 2889).
Dimensões: larg. máx. – 17
alt. máx – 68 mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: idem.
Depósito: idem.

Par de largos aros com decoração. Fase IB.Est.

557 (Au 71) Aro 1. **Est. CXIX,1**

Aro largo em forma de coroa circular de secção em V com hastes dobradas e prolongadas em paralelo feito de uma lâmina de ouro repuxada com decoração de vinte e quatro punções hemisféncas feitas do interior para o exterior no plano do vértice e com distribuição irregular de 1cm de média entre si; em cada uma das faces, um alinhamento circular de idênticas punções em número de setenta e quatro, devendo ter existido mais quatro num espaço deteriorado, numa das faces e em número de setenta e sete na outra; na periferia aparece uma orla de quatro filas de pequenas punções contínuas muito densas.
Peça obtida por fundição, sem vestígios de solda, e com um película de ouro descolada numa das zonas devendo tratar-se com certeza de uma rebarba por defeito de fundição, inicialmente com forma de V, que depois foi alterada para a forma final pela aplicação profunda das punções.
Ouro de 600 milésimos.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	ca.20	0.26	0.32	0.088

(Hartmann, 1971, n.° 2893).
Dimensões: diâm. ext. – 112
diâm. int. – 70.6
larg. – 20
esp. – 0.8mm.
Procedência: aparecidos em 1912 na necrópole de Bairral, lugar de Bairros, S. Martinho de Bougado, Santo Tirso.
Bibliografia: Vasconcellos J. 1912; Cruz A. 1940; Catálogo MNSR 1942, p.5; López Cuevillas 1951c, p. 91, n.° 80; Blanco Freijeiro 1957a, p. 16-17, Est. III. (a-b); Silva A.C.F. 1986b, 540-541 (Au 61- 62), Est. CXIX, 1-2).
Depósito: MNSR, CMP 147.

558 (Au 72) Aro 2. **Est. CXIX, 2**

Par da jóia anterior com idêntica forma e decoração, excepto no número das punções, como segue: vinte e sete no plano do vértice, setenta e sete numa das faces e oitenta na outra face, onde podena ter tido mais quatro num espaço deteriorado.
Com irregularidades no bordo.

Peso: 106.90 (o par)

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Cu	Sn
	ca.18	0.25	0.31	0.057

(Hartmann, 1971, n.° 2894).

Dimensões: diâm. ext. – 111
diâm. int. – 69.5
larg. – 20
esp. – 0.8mm.
Procedência: idem.
Bibliografia: idem.
Depósito: idem.

559 (Au 73) Pulseira ou gargantilha (?) de ouro. Fase IB **Est. CXIX, 5**

Seis conjuntos similares constituídos por uma malha de fio enrolado em meandros cruzados ou simplesmente contrapostos a que estão soldados três alinhamentos de semi-esferas, lisas em metade dos conjuntos e umbilicadas a punção na outra metade, devendo fazer parte da mesma peça, que manifesta no estado actual muitas falhas e irregularidades nos seus elementos mas que parece manter todavia a estrutura originária.
Restaurada (MMC)

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
	25-30	3.4	0.16	0.01

(análise de Hartmann, Portugal Au, n.° 2791, segundo ficha do MNA)
Peso: 32.5 gr.
Dimensões: comp. total – 230
larg. máx. – 39
larg. min. – 32
esp. méd. – 5mm.
Procedência: Tesouro de Baião.
Bibliografia: Almeida F. 1974, p. 73; Blázquez 1978. p. 225; Parreira *et alii* 1980, n.° 91; Silva A.C.F. 1986b, 542 (Au. 63), Est. CXIX, 5; CXLVI e 1991b, p. 42-51; Almagro Gorbea 1989, p. 74; Pingel 1992, p. 298, n.° 292; Silva A.C.F.-Gomes 1992, p. 235, Fig. 26; Martins C.M.B. 1996, p. 20, n.° 10, Est. XXXI, 2.
Depósito: MNA. Inv. n.os 364-369.

560 (Au 74) Botões de ouro ornamentais. Fase IB **Est. CXIX.4**

Doze botões de forma circular convexa com o centro umbilicado e aba plana onde se soldam em posição diametralmente oposta duas hastes de fita para fixação em possível elemento de couro.
Sete são maiores (A), apresentando uma decoração a cinzel de oito raios dispostos em estrela na parte central e a punção no umbo e na orla; os outros cinco (B) são menores e de decoração mais simples, com a parte central umbilicada a punção e uma série de incisões concorrentes cinzeladas na orla.
Peso: 0.7gr.

Composição da matéria-prima:	Ag	Cu	Sn	Bi
A.	28	2.1	0.071	–
B.	37	4.3	0.068	ca. 0.01

(análises de A. Hartmann, Portugal Au, n.os 2785, 2784. segundo ficha do MNA)
Dimensões: A. diâm. – 17
alt. – 5
B. diâm. – 16
alt. – 3.5mm.
Procedência: Tesouro de Baião.
Bibilografia: Parreira *et alii*, 1980, n. ° 92; Silva A.C.F. 1986b, 543 (Au. 64), Est. CXIX.4; CXLVI e 1991b, p. 42-51
Depósito: MNA, Inv. n.os 370-381.

561 (Au 75) Anel espiralado em quatro voltas. Fase IB **Est. CXIX, 6**

Secção quadrangular; espessado nas extremidades com botões terminais em tronco de pirâmide quadrangular.
Peso: 29.88 gr.
Dimensões: comp. – 330
esp. – 4/5mm.
Procedência: Tesouro de Gondeiro.
Bibliografia: Pinho 1929b, Fig. 2; López Cuevillas 1951c, p. 60; Harrison 1977; Silva A.C.F. 1986b, 544 (Au. 65), Est. CXIX, 6.
Depósito: MSMS.

A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Capítulo III

A organização da sociedade

A investigação dos últimos anos sobre as fontes literárias, epigráficas e arqueológicas tem permitido esclarecer, quantitativa e qualitativamente, vários aspectos da organização política e social dos povos do Norte da Península na Antiguidade, tendo, não raras vezes, a revisão dos dados antigos pelos recentemente conseguidos, apoiada numa metodologia tecnicamente mais rigorosa, proporcionado a rectificação de conceitos dados como estabelecidos.

Torna-se, assim, já possível fazer as distinções necessárias entre os dados estruturais e as formas organizativas de ordem política e social, que omissões e imprecisões das fontes escritas dificultam e os elementos arqueológicos disponíveis ainda não resolveram.

Em todo o caso, uma característica se afirma à partida: a organização social castreja estava baseada nos laços de sangue, que dava coesão aos diferentes grupos aparentados e aos diversos níveis em que se manifestavam, diferenciando-se, apesar dos paralelos, da área das sociedades de tipo gentilício da Espanha céltica propriamente dita[1] ainda mais das áreas tartéssica e ibérica, do Sul e Levante, que eram política, económica, social e culturalmente mais desenvolvidas[2]. E, a informar todo o ordenamento aparente, um notório espírito de hierarquização geral, ao gosto das sociedades indo-europeias, vulgarizado a partir de certos textos clássicos e que tem merecido em muitos dos seus aspectos outra confirmação documental.

1. O GRUPO FAMILIAR

Da conjugação dos dados arqueológicos e epigráficos com os fornecidos pelas fontes clássicas, com relevo primordial para a *Geografia* de Estrabão[3], e tomando em consideração os contributos da antropologia cultural[4], cada vez mais se vem conseguindo definir as características do grupo familiar da sociedade castreja, continuando, porém, a ser os elementos provenientes da arqueologia os mais decisivos para o seu esclarecimento. Nas escavações mais recentes vem-se mesmo adquirindo imagens novas que, com as antigas, nos têm permitido avançar com dados para uma síntese criteriosa, apesar de em certos aspectos, obviamente, provisória.

Sem elementos arqueológicos que permitam caracterizar convenientemente os diversos níveis da organização social indígena durante as fases I e II, parece um testemunho documentado com segurança pela Arqueologia que, na fase III, a unidade doméstica se encontra na base da sociedade, facto bem expresso nos sistemáticos núcleos de âmbito familiar descritos na análise do habitat.

---

1 Caro Baroja 1970 e 1976.
2 Vg., Cabo-Vigil 1973, p. 242-269; Blázquez 1974a, p. 29-81.
3 Sobretudo III, 3, 7 e III, 4, 17-18.
4 Vg., Caro Baroja 1976 e Bermejo 1978, p. 13-22, 1982/86 e 1983.

Capítulo III

A organização da sociedade

A investigação dos últimos anos sobre as fontes literárias, epigráficas e arqueológicas tem permitido esclarecer, quantitativa e qualitativamente, vários aspectos da organização política e social dos povos do Norte da Península na Antiguidade, tendo, não raras vezes, a revisão dos dados antigos pelos recentemente conseguidos, apoiada numa metodologia tecnicamente mais rigorosa, proporcionado a rectificação de conceitos dados como estabelecidos.

Torna-se, assim, já possível fazer as distinções necessárias entre os dados estruturais e as formas organizativas de ordem política e social, que omissões e imprecisões das fontes escritas dificultam e os elementos arqueológicos disponíveis ainda não resolveram.

Em todo o caso, uma característica se afirma à partida: a organização social castreja estava baseada nos laços de sangue, que dava coesão aos diferentes grupos aparentados e aos diversos níveis em que se manifestavam, diferenciando-se, apesar dos paralelos, da área das sociedades de tipo gentilício da Espanha céltica propriamente dita[1] ainda mais das áreas tartéssica e ibérica, do Sul e Levante, que eram política, económica, social e culturalmente mais desenvolvidas[2]. E, a informar todo o ordenamento aparente, um notório espírito de hierarquização geral, ao gosto das sociedades indo-europeias, vulgarizado a partir de certos textos clássicos e que tem merecido em muitos dos seus aspectos outra confirmação documental.

1. O GRUPO FAMILIAR

Da conjugação dos dados arqueológicos e epigráficos com os fornecidos pelas fontes clássicas, com relevo primordial para a *Geografia* de Estrabão[3], e tomando em consideração os contributos da antropologia cultural[4], cada vez mais se vem conseguindo definir as características do grupo familiar da sociedade castreja, continuando, porém, a ser os elementos provenientes da arqueologia os mais decisivos para o seu esclarecimento. Nas escavações mais recentes vem-se mesmo adquirindo imagens novas que, com as antigas, nos têm permitido avançar com dados para uma síntese criteriosa, apesar de em certos aspectos, obviamente, provisória.

Sem elementos arqueológicos que permitam caracterizar convenientemente os diversos níveis da organização social indígena durante as fases I e II, parece um testemunho documentado com segurança pela Arqueologia que, na fase III, a unidade doméstica se encontra na base da sociedade, facto bem expresso nos sistemáticos núcleos de âmbito familiar descritos na análise do habitat.

---

1 Caro Baroja 1970 e 1976.
2 Vg., Cabo-Vigil 1973, p. 242-269; Blázquez 1974a, p. 29-81.
3 Sobretudo III, 3, 7 e III, 4, 17-18.
4 Vg., Caro Baroja 1976 e Bermejo 1978, p. 13-22, 1982/86 e 1983.

O carácter específico das construções, diferentes e complementares entre si pelas suas estruturas e espólio respectivo, sugere sem dúvida a atribuição de cada núcleo a uma só família, cuja complexidade de composição permanece todavia difícil de definir[5] para além da afirmação genérica de que se deveria tratar de uma "família extensa" (*extended family*) constituída por várias famílias nucleares ligadas entre si genealogicamente e com residência comum[6].

É com certeza a este âmbito que, em nosso entender, se reporta o texto de Estrabão, referente às festas familiares[7], quando diz que os castrejos «bebem geralmente cerveja e raramente vinho, e o pouco que têm depressa o consomem em banquetes familiares... Comem sentados em bancos construídos ao redor dos muros, ocupando os lugares segundo a idade e a dignidade e fazendo circular a comida de mão em mão»(...), com expressão material nas construções circulares com bancos de pedra junto aos muros e lareira central aparecidos perfeitamente integrados em núcleos familiares de vários povoados castrejos[8].

O significado do vocábulo **συγγένεια**, por seu turno, nada tem a opor a esta interpretação mais compreensiva, que reputamos, neste caso, a mais ajustada[9].

Não vemos, assim, motivo para fazer corresponder a **συγγένεια** de Estrabão a uma manifestação da unidade doméstica num grau superior ao da célula familiar estrita reagrupando uma comunidade de linhagem, que é mais lata, do género da *gentilitas* do pacto dos *Zoelae*, como vem sendo defendido desde J. Caro Baroja[10], A. Tovar[11] ou A. Tranoy[12].

Duas inscrições da Citânia de Briteiros, uma numa padieira decorada de uma porta de casa redonda, onde se lê *Coroneril/Camali/domus*[13], e uma outra de idêntico teor, *Camali domi /Caturo*[14], poderão traduzir literalmente essa expressão que, obviamente, não designa, no universo das concepções indo-europeias, a casa como construção material, devendo ser entendida num sentido exclusivamente social e moral[15], reportando-se, assim, à «casa-família» de *Coronerus*, que compreenderia os respectivos membros ligados por ascendência (seu pai *Camalus*) e descendência, consanguinidade e afinidade, um dos quais (*Caturo*) poderá estar referido na segunda lápide.

A única manifestação até hoje conhecida na arqueologia castreja passível de uma correspondência com a **συγγένεια** como sinónimo de comunidade de linhagem, mais larga, que se manifesta ao nível das festas familiares conforme descritas por Estrabão, é um grande edifício de planta circular, com 11m de diâmetro e bancos de pedra à volta dos muros, da Citânia de Briteiros, cujas dimensões e posição relativa para tal a tornam inadequada.

Grande demais para uma família no sentido estrito, do modo a que nos estamos a referir, e bastante pequena para albergar os habitantes do povoado ou até de uma sua fracção compreendida entre arruamentos eventualmente com o significado de parentela, e situada numa posição excêntrica e externa relativamente aos núcleos familiares e às unidades sociais tais como se poderão entender as circunscritas aos quarteirões, a sua função deverá reportar-se a outros fins como, vg., o de local de reunião do conselho de anciãos, cuja existência a hierarquia da sociedade castreja parece implicar[16].

---

5 Cfr., Vg., Marie 1975, p. 51; Zonabend 1996.

6 Tranoy 1981, p. 106-108. Cfr. reflexões de J.C. Bermejo, op. cit.

7 III, 3, 7 (Lasserre 1966, p. 57-58): **χρῶνται δὲ καὶ · οἴνῳ δὲ σπανίζονται · τὸν δὲ γενόμενον ταχὺ ἀναλίσκουσι κατευωχούμενοι μετὰ τῶν συγγενῶν · Καθήμενοί τε δειπνοῦσι, περὶ τοὺς τοίχους καθέδρας οἰκοδομητὰς ἔχοντες, προκάθηνται δὲ καθ' ἡλικίαν καὶ τιμήν · περιφορητὸν δὲ τὸ δεῖπνον.**

8 Bancos interiores apareceram na Citânia de Santa Luzia, Cividade de Âncora (Viana 1960-61, Est. XXVII, I, VI, XI), Santa Tecla (Mergelina 1943-44), Cidá de Castro, Meirás, Coaña, etc. (Romero Masiá 1976, p. 95).

9 Cfr., vg., Bailly, A., *Dictionnaire grec français*. Paris, 1950, p. 397 (Vb. **γένος**), p. 1806 (vb. **συγγένεια**).

10 Caro Baroja 1976.

11 Tovar 1949.

12 Tranoy 1981, p. 108-109.

13 Est. CXXVI, 18; CIL II 5595=ILER 2124; Cardozo 1985, p. 5, n.º 3.

14 CIL II 5590=ILER 2122; Cardozo 1985, p. 10, n.º 8.

As construções redondas com bancos ao redor dos muros, com cerca de 5 m de diâmetro, e de que contamos em três instâncias da Cividade de Âncora, respectivamente, mais de vinte (Est. XXVI, **I**), trinta e dois (**VI**) e cerca de cinquenta (**XI**) lugares sentados, poderão sugerir estes números como médias da constituição do agregado familiar, a que nos vimos referindo como célula primária da sociedade castreja. Quantidade que, a ser assim, nada tem a ver com os cálculos apriorísticos muitas vezes lançados sobre este assunto[17], podendo contar com analogias na «grande família» eslava, a *zadruga*, agrupando o mais das vezes cerca de vinte membros, por vezes trinta e até sessenta e raramente além deste número, reunindo tantas famílias restritas quantos os filhos que vivem no lar comum[18].

São numerosos os antropónimos indígenas desta região que nos foram legados por via da epigrafia latina e cuja sobrevivência nos permite conhecer a existência de um sistema de nomes de pessoas que poderá ser percebido como prova de uma consciência de linhagem, em que a escolha do nome próprio seria com certeza reflectidamente realizada entre os antropónimos já pertencentes à família segundo costume habitual nas sociedades antigas[19]. Deste modo, determinariam a atribuição dos nomes próprios antes de ceder o lugar, lentamente, a outros processos, como o que foi introduzido pela romanização, mas ainda pervivente em casos particulares nomeadamente relativos a genealogias de carácter dinástico altimedievais[20], não podendo a apropriação de designações de conhecidas unidades suprafamiliares pela onomástica individual patente no curso da romanização, vg., em *Albinus, Asturius, Bibalus, Bracarus, Cantaber, Coporus, Equaesus, Grovius,* etc.[21], considerar-se desprovida de intencionalidade.

E das observações que tivemos oportunidade de fazer, cujas limitações reconhecemos atendendo à complexidade do tema, sempre que nos foi dado atingir as etimologias, ficou-nos também como resultado geral a impressão de que o «nome» e o «renome» estavam indissoluvelmente ligados entre os castrejos do mesmo modo que na generalidade das comunidades dominadas por uma certa hierarquia[22], que pretendia sublinhar, naturalmente, pela onomástica, conceitos que fossem expressão de funções e sobretudo de virtudes típicas, como a coragem e a celebridade, de uma sociedade guerreira.

Já observámos, entre os antropónimos mais originais desta área, a provável interpretação de *Ladronus*[23] com o significado de «guerrilheiro», em clara evocação da táctica bélica e da importância do latrocínio entre os povos castrejos, a que se reduzem, na prática, outras expressões como as que estão presentes em *Camalus* [24], *Coronerus* [25] e *Caturo* [26], todos aparentemente da mesma *domus*, da Citânia de Briteiros, que se podem remeter a etimologias de significado análogo, respectivamente **kem-*[27], **koro-*[28] e **kat-* [29], genericamente traduzindo a ideia de «guerra» ou «luta» nos dialectos célticos.

---

15 Benveniste 1975, 1, p. 304.
16 Estrabão, III, 3, 7. Caro Baroja 1970, p. 28-29; Tranoy 1981, p. 109.
17 Vg., Schulten 1962, p. 78, aduzindo argumentos quantitativos a favor da *centuria* =100 indivíduos; Adrados 1948, p. 127, 131, segundo o qual a *centuria* equivaleria a 100 gentes correspondente à organização galesa denominada *cantref*, que para aqui teria sido transladada. Vide uma análise crítica sobre a impropriedade destas equivalências in Bermejo 1978-80, retomado por Villanueva Acuña 1984, p. 187-190.
18 Vinsky 1938; Benveniste 1975, 1, p. 218; Gimbutas 1975, p. 141-145.
19 Cfr., vg., observações a propósito de comportamentos análogos entre a *sib* ou a *sippe* dos germanos e a συγγένεια = *cognatio* dos judeus feitas por Werner 1977, p. 18.
20 Idem, assinalando essa regra como sendo quase universal na distribuição dos antropónimos da aristocracia franca entre os sécs. VIII-X.
21 Cfr. Albertos 1983, p. 305.
22 Werner 1977, p. 31.
23 Martins M.-Silva A.C.F. 1984, p. 39, notas 23-24.
24 Untermann 1965, p. 85-86, mapa 26; Albertos 1985, mapa 4. Citânia de Briteiros: CIL II 5588-5590, 5592, 5594, 5595, 5601, 5604.
25 Citânia de Briteiros: CIL II 5595 (*Coroneri*).
26 Untermann 1965, p. 96-97, mapa 33. Citânia de Briteiros: CIL II 5586 e 5590.
27 Palomar 1957, p. 58 (Pokorny 1947-59, p. 557).
28 Albertos 1966, p. 97 (Schmidt 1957, p. 183).
29 Albertos 1966, p. 81 (Pokorny 1947-59, p. 534).

Por isso, consideramos como «chefe militar» o nome composto de *Corocaudius/Corocudius* quando nos referimos ao guerreiro atribuído a S. Paio de Meixedo[30], que é nitidamente sinónimo de *Coronerus*, com o mesmo radical mais o complemento derivado do céltico **ner*, com idêntico significado de «senhor» ou «chefe»[31] como **audius/udius*[32].

Para o mesmo sentido convergem os vocábulos *ArquiusIArciusIArco* [33], *Viriatus/Viriatis* [34], *Dovius* e afins[35], que seleccionamos entre as famílias antroponímicas mais representativas da área deste estudo, que derivam, em nossa opinião, dos étimos **arc-*[36], **vir-*[37] e **dovi-*[38], designando o primeiro a ideia de «poder» e os outros de «força».

Embora menos representados, registam-se derivados de **boudhi-*[39], com significado de «vitória», assinalando o êxito na guerra, aproximando-se neste contexto, dos derivados de **klut-*[40] e talvez também **loug/leuk-*[41], que invocam, às vezes superlativamente[42], a fama conseguida nas operações militares.

É natural que ande também associada a esta envolvência a antroponímia radicada nas características mais típicas do habitat castrejo com filiação em **alb/alp-* [43] e **mal/mar-* [44], exprimindo genericamente as noções de «altura» e «montanha», em perfeita sintonia com o ambiente geográfico, sendo de recordar especialmente o conjunto onomástico de *Albinus*[45], a referência a *Malceinus* da estátua de guerreiro de S. Julião[46] e a designação teonímica de *Marandigui*[47] relacionável com a Serra do Marão.

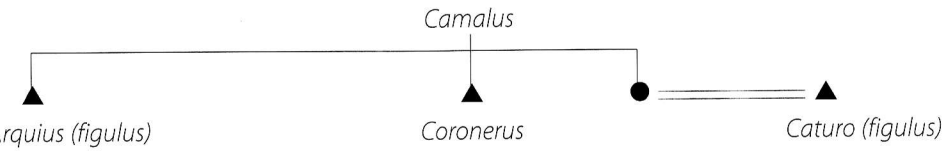
Genericamente, afinal, tudo quadrando bem com um fundo indo-europeu, a que se poderão reportar outros nomes, como *Tritius*[48] e *Pintamus*[49], derivados de etimologias paradigmáticas em relação directa com os números «três» e «cinco». Mas algumas das análises são indicações abertas de celtização, tanto nos radicais como nas formas de composição e sufixação, de que se destaca o conjunto cada vez mais numeroso dos patronímicos em *-genus* e variantes[50].

Raros são, porém, os dados que permitem inferências sobre domínios do parentesco que possibilitem descobrir a estrutura ou a natureza da instituição familiar castreja, nelas se incluindo os elementos mencionados da Citânia de Briteiros, que reputamos merecedores de conveniente ponderação, ainda que meramente hipotética.

---

30 Martins M.-Silva A.C.F. 1984, p. 42.
31 Benveniste 1975, 1, p. 292.
32 Albertos 1966, p. 44.
33 Untermann 1965, p. 58-59, mapa 10; Albertos 1985, mapa 2.
34 Untermann 1965, p. 189-190, mapa 84; Silva A.C.F. 2003b.
35 Untermann 1965, p. 106-107, mapa 38 actualizado por nós in Martins M.-Silva A.C.F. 1984, p. 37-38, Est. VI.
36 Cfr. outras significações deste étimo, ora relacionado com recursos naturais (*Arg-*, in *argentums*, "prata") ora como designação zoomórfica (*Arc-*, "urso") ou com significado geométrico (*arkuus*, "curvar", segundo Pokorny 1952, p. 154) in Albertos 1966, p. 35.
37 Preferimos, entre as hipóteses formuladas, como as de Tovar 1949, p. 56, que ora relaciona este étimo com a raiz do superlativo *uper-*, que dá em celta *wer-*, presente em *Ver-cingeto-rix*, "rei supremo dos guerreiros" (Cfr. Blanco Freijeiro 1958, p. 156-158) ora com a ideia de bracelete (*viria*), a partir do radical **uei*, "girar", presente em ἶρις (Pokorny 1947-59, p. 11-22; Tovar 1958, p. 12), a de Palomar 1957, p. 358 e 1960, p. 366-368, n.º 38, seguida por Albertos 1966, p. 250-252, com significado relacionado com "força", "virilidade", que consideramos mais natural e com base linguística mais consistente.
38 Albertos 1966, p. 108 (Holder 1907-27, p. 1311; Pokorny 1947-59, p. 218.
39 Albertos 1957, p. 57-58, mapa 1 (Pokorny 1947-59, p. 163); Untermann 1965, p. 72-73, mapa 18.
40 Palomar 1957, p. 65; Albertos 1966, p. 89-91, mapa 3 (Pokorny 1947-59, p. 605ss) e 1985, mapa 5; Untermann 1965, p. 102-103, mapa 36.
41 Untermann 1965, p. 123-124, mapa 49; Albertos 1966, p. 136.
42 Entre as ocorrências, assinalamos a de *Clodame* do guerreiro de S. Paio de Meixedo (571, Icon. 8).
43 Albertos 1966, p. 14.
44 Albertos 1966, p. 145 (Krabe 1956, p. 588; Pokorny 1947-59, p. 721ss).
45 Silva A.C.F. 1981-82, p. 86-87, Est. I,1=1985, p. 206, 211 e mapa (p. 215); Untermann 1965, p. 47-48, mapa 4.
46 567 (Icon. 4). Martis M.-Silva A.C.F. 1984, p. 36, fazendo notar o evidente celtismo desse nome com provável função patronímica, nesse caso, na forma surda (c) e com infecção (ei) face a *Malgenus*.
47 725 (Epig. 140). Quadro 6:12, Est. XIII, 92.
48 Untermann 1965, p. 175-176, mapa 77; Albertos 1966, p. 234, mapa 8 e 1985, mapa 9.
49 Untermann 1965, p. 147-148, mapa 61; Albertos 1966, p. 180, 183, mapa 5 e 1985, mapa 6.
50 *In genere*: Albertos 1966, p. 298 (**genos*); *in specie*: idem, *passim*; Untermann 1965, p. 194-195, mapa 87.

Com efeito, se como tudo indica, pela análise paleográfica das diversas inscrições relativas aos membros referidos a *Camalus*, for possível reconstituir o diagrama



em que se representa, além de *Coronerus*, o oleiro *Arquius* como filho de *Camalus*, de acordo com numerosas marcas figulinas procedentes dessa estação[51], e se integra *Caturo* como seu genro, deste modo se interpretando a expressão que indica pertencer a sua casa (*domus*), parece concretizar-se o carácter patrilocal, mais precisamente, uxorilocal[52], da unidade doméstica, tornando-se, para mais, curioso verificar a identidade profissional de *Caturo* com a de *Arquius*, a fazer supor o desenvolvimento de uma actividade familiar tradicional que era assumida pelos elementos masculinos inclusive aqueles que, por via das alianças matrimoniais, nela se iriam integrando.

Documentação arqueológica da segmentação da unidade familiar castreja, de tipo extenso, em famílias nucleares, restritas, são aparentes nos núcleos D2c/D2c', IIb/IIb' da Citânia de Sanfins (Fig. 7-11), onde é notória uma divisão da área primitiva, demarcada no terreno por muros de separação, constituindo núcleos mais reduzidos de composição paralela, onde estão presentes estruturas típicas de carácter funcional para cada família, com destaque para as construções com átrio, típicas das reuniões familiares, mais as estruturas indispensáveis para comer, estar e dormir distribuídas em torno de um pátio comum.

Este processo, arqueologicamente testemunhado na fase IIIB da cultura castreja, a coincidir com o avanço de comportamentos com certeza adquiridos por aculturação, parece conferir com os elementos epigráficos de Briteiros, anteriormente aduzidos, onde muito provavelmente se registam duas unidades fisicamente independentes que se consideravam parte integrante do mesmo grupo familiar, em manifesta pervivência da consciência de linhagem num momento em que simultaneamente se revelam os primeiros indícios da sua desagregação.

Além da residência e da descendência, a família castreja teria também em comum as actividades económicas, os direitos de propriedade e de sucessão e o exercício de actividades religiosas.

Segundo as fontes, a mulher ocuparia um lugar fundamental na estrutura desta unidade. A prática da covada[53], a transmissão da herança por linha feminina[54], a participação da mulher ao lado do homem na guerra e a sua intervenção indispensável na produção de alimentos, expressamente nos trabalhos agrícolas[55], terão sido justificação suficiente para que Estrabão tenha falado numa certa **γυναικοκρατία**[56], «ginecocracia», ou seja, em regime de matriarcado.

Todavia, esta referência, directa e detalhada, de Estrabão ao matriarcado parece validar-se através dos testemunhos epigráficos encontrados na zona cântabra e dos que se referem a indivíduos dela procedentes[57], que manifestam na época romana pervivência de vestígios de um sistema matriarcal na instituição do avunculado, em que o tio materno aparece como o chefe da matrilinhagem, e que, por

---

51 Est. LX.

52 Segundo a terminologia proposta por Firth 1963, para especificar que a residência matrimonial se fixa junto do grupo da mulher (Bernardi 1978, p. 276).

53 Estrabão, III, 4, 17: **τεκοῦσαί τε διακονοῦσι τοῖς ἀνδράσιν, ἐκείνους ἀνθ' ἑαυτῶν κατακλίνασαι**, "depois do parto, fazem-se substituir pelos seus maridos e cuidam deles".

54 Estrabão, III, 4, 18: **παρὰ τοῖς Καντάβροις τοὺς ἄνδρας διδόναι ταῖς γυναιξὶ προῖκα, τὸ ⟨τε⟩ τὰς θυγατέρας κληρονόμους ἀπολείπεσθαι, τούς τε ἀδελφοὺς ὑπὸ τούτων ἐκδίδοσθαι γυναιξὶν**, "entre os cantábros, são os homens que dotam as esposas e as filhas que são as herdeiras e escolhem as esposas para os seus irmãos".

55 Estrabão, III, 4, 17: **Γεωργοῦσιν αὗται**, "Elas cultivam a terra".

56 Estrabão, III, 4, 18: **ἔχει γάρ τινα γυναικοκρατίαν**, "Têm portanto uma certa ginecrocacia".

57 Iglesias Gil 1974, insc. 30, 42.

confrontos da antropologia cultural, poderia funcionar como o sistema *crow*, que estabelece uma sucessão de varão a varão mas em linha feminina[58], a fazer supor uma evolução de uma fase matriarcal para uma patriarcal, por influência indo-europeia, que teria seguido o esquema proposto por Tylor em finais do século XIX[59], de acordo com investigadores desta problemática[60].

Da sobrevivência dessa forma transitória de sucessão matrilinear indirecta em contextos romanos, bem exemplificada entre os Vadinienses[61], e o predomínio de inscrições em que a figura central é a mãe e nos falam de um tipo de família onde perduravam ainda as relações matriarcais, uma delas inequivocamente ainda manifestando uma sucessão matrilinear directa, procedentes de Penta Amaya e Monte Cildá (antiga *Vellica*), no Alto Pisuerga[62], deduziram A. Barbero e M. Vigil[63], concludentemente, a confirmação da veracidade da informação de Estrabão sobre a existência de uma ginecocracia entre os Cântabros.

Fórmulas análogas, com tipos de sucessão matrilinear indirecta, foram também já registadas entre os Astures por A. Schulten[64]. Resta indagar até que ponto a referência de Estrabão, localizada «entre os Cântabros»[65], evocando um quadro de relações de produção específica de uma sociedade agrícola de subsistência anteriormente às transformações provenientes do exterior, se poderá generalizar ao conjunto dos povos do Noroeste, onde cada vez mais se vai observando uma diversidade de componentes étnicas e de organização social.

Por nossa parte, e tendo em conta os dados fornecidos pela epigrafia da região, cumpre-nos sublinhar que a generalização da filiação pelo genitivo do nome do pai e a ausência de indicações de sucessão matrilinear[66] parecem, efectivamente, indicar um sistema patrilinear de descendência, mais de acordo com o sistema patriarcal romano e, de resto, também com a organização social céltica. Mas não deixará de ficar em aberto o significado dos vários nomes femininos relativos a Ↄ = *castellum*? e outras expressões colectivas do genitivo do plural, como *Fiduenearum*? e *Lapitearum*?, do mesmo género.

De qualquer modo, fica observado que essa expressão do matriarcado não deverá ser entendida como estádio em que o domínio e a autoridade seriam apanágio exclusivo das mulheres, que os modernos estudos etno-antropológicos vêm revelando sem fundamento real e, a propósito, afirmando que, nas sociedades matrilineares, onde a descendência e a propriedade se definem em relação à linha feminina, como seria o caso, a autoridade política e o controlo económico (a nível de grupos) e até a autoridade doméstica (a nível de família) são normalmente exercidas pelos homens[70].

Teoricamente, em termos gerais, a mulher deve ter gozado do mesmo *status* social que o homem, podendo, com base na identificação de numerosos bens de prestígio, designadamente jóias de ouro usadas por mulheres, falar-se de uma hierarquia feminina a par de uma hierarquia masculina, seguramente comprovada. E ainda que não exercessem o poder político, revestir-se-iam de importância os casamentos com mulheres de *status*, para reforçar as alianças, como se depreende do casamento de Viriato com a filha de um magnata, do mesmo modo que o de Asdrúbal ou Aníbal, que se casaram com filhas de reis e/ou chefes, o que deixa transparecer o seu papel no jogo das alianças políticas entre as elites sociais.

---

58 Bernardi 1978, p. 303, 306.
59 Tylor 1889.
60 Vg., Iglesias Gil 1976, p. 35.
61 Barbero-Vigil 1971, p. 220.
62 Idem, p. 221-222.
63 Idem, p. 223.
64 Schulten 1962, p. 51ss, 106ss.
65 Estrabão, III, 4, 18: παρὰ τοῖς Καντάβροις.
66 Cfr., vg., Albertos 1977b.
67 Cfr., vg., Tranoy 1981, p. 371-374. Quadro 2.
68 CIL II 5607; EE VIII, p. 400. 680 (Epig. 95), 735 (Epig. 151).
69 CIL II 2395 =ILER 521.
70 Bernardi 1978, p. 261. Para o problema do matriarcado, indicamos Engels 1970, sobre o estudo das fontes; Webster-Newton in Harris-Young 1979, para comentário; Zonabend 1996, para perspectiva etnológica; e, para resumo, Fernández M., *Matriarcado* (Metriarchy), in Aguirre 1982 (ed.), p. 210-211.

As práticas funerárias de sepultura no interior da própria habitação e, depois, em recinto próprio dentro do núcleo, melhor testemunhadas na Cividade de Terroso (Est. XX) e na Cividade de Âncora (Est. XXVI, **v**; CXXVII, 3)[71], se denunciam o lugar cada vez mais relevante que o agregado familiar foi progressivamente assumindo como unidade social no contexto das comunidades castrejas, são sobretudo a mais flagrante invocação da coesão dos laços de sangue que permanecem vivos e presentes para além da morte, em referência clara a um culto dos antepassados, que seria com certeza oficiado pelo *paterfamilias* agindo como sacerdote na qualidade de representante qualificado da comunidade de linhagem.

A união de vários grupos familiares organizados, descendentes do mesmo antepassado comum, constituiria a primeira unidade suprafamiliar com funções específicas: o castro = Ↄ *(castellum)*.

2. AS UNIDADES SUPRAFAMILIARES

O estudo das organizações suprafamiliares dos povos castrejos vem merecendo particular interesse designadamente após a interpretação inovadora do signo Ↄ = *castellum* por M. L. Albertos Firmat[72], sendo de reconhecer, a despeito das variantes que a dialéctica dos debates produziu em torno de critérios a seguir e dos quadrantes em que se movimentam, um assinalável progresso que conseguiu a eliminação de inexactidões, precisões de terminologia e cronologia e a procura de interpretações mais sólidas[73].

Estimando embora o contributo de R. Brañas[74] para a caracterização, âmbito e funcionamento dessa unidade social, talvez se possa continuar a considerar resolvida a questão sobre esta problemática, a respeito da qual manifestámos desde 1979 a nossa posição favorável a essa proposta[75], por motivos que se prendem com a evidência arqueológica patente nos resultados deste estudo, os dados da toponímia[76], os paralelos organizativos de sociedades indígenas face ao processo de romanização[77] e até de concordância gramatical[78], circunscrevendo-nos agora, declaradamente, a uma concretização das organizações sociais reconhecidas como superiores à unidade doméstica, ensaiando perceber aspectos do seu funcionamento.

2.1. OS CASTROS

Com algumas indicações já mencionadas pelos autores clássicos, em especial C. Plinius, é de novo a epigrafia latina que nos fornece a maior série destas unidades, que podem ser sistematizadas em diversos

---

71 García y Bellido 1966b, p. 10 (Fig. 1); Almeida 1972, p. 17 (Fig. 1); Alarcão 1983, p. 193 (Fig. 52); Silva A.C.F. 1980a, p. 311 (Fig. 4, 7).

72 Albertos 1975, p. 63-65 e 1977b.

73 De destacar as comunicações apresentadas nos I e II Seminários de Arqueologia do Noroeste Peninsular realizados, respectivamente, em Guimarães e Santiago de Compostela em Junho de 1979 e Setembro de 1980, em particular: Pereira Menaut-Santos Yanguas 1980 e Pereira Menaut 1982. Outra bibliografia: Schulten 1962 (1.ª ed. 1943), p. 72, *in specie*; Étienne *et alii* 1976; Santos Yanguas 1977, cap. I e 1983; Pereira Menaut 1978=1981; Sáez 1978; Galsterer 1979; Morestín 1979; Rodríguez Colmenero 1979, p. 237-244; Tranoy 1981, p. 371-376; Bermejo 1978-80 e 1986, p. 111-112, nota 23; Silva A.C.F. 1981-82, p. 85=1985, p. 205; Le Roux-Tranoy 1984a; Villanueva Acuña 1984.

74 Brañas 1995.

75 Comunicação apresentada ao Colóquio de História Local e Regional realizado em Santo Tirso em Março de 1979. Cfr. Silva A.C.F. 1980b, p. 83.

76 É flagrante a ausência de toponímia relacionada com a *centuria*, em contraposição com a relacionada com *castellum* / castro, desde a documentação medieval.

77 Vg., Sereni 1971, especialmente p. 298ss (Pereira Menaut-Santos Yanguas 1980, p. 125-126).

78 Quadro 2:17, Est. XII:14: (...) *De hoc* Ↄ *Ture/obriga* (...), que exclui automaticamente qualquer vocábulo feminino para o signo Ↄ, designadamente a alternativa *centuria* (Silva A.C.F. 1981-82, p. 86, nota 23 = 1985, p. 206, nota 23; Pereira Menaut 1982, II SAN, p. 179), a que se acrescenta o texto de uma estela de Astorga: *Fabia Eburi / f(ilia) Lemava / Eritaeco a(nnorum) XL (quadraginta) Virius Caessi / f(ilius) Le/mavus eodem an(norum) VII (septem) hic s(iti) s(unt) Caessius /...* (Le Roux-Tranoy 1984a, p. 250, nota 45; Quadro 2:28, Est. XII:27). Argumento repetido in Villanueva Acuña 1984, p. 200, nota 3; Albertos 1985, p. 306, nota 5. De notar que esta razão invalida também as alternativas *domus* e *gentilitas* propostas por Le Roux-Tranoy 1984, p. 251-253 (Cfr. nota 102 deste capítulo).

grupos consoante aparecem compostas do sufixo *-briga*, a denunciar celtização e em referência claramente tópica[79], associadas a *castellum* ou ao seu equivalente ↄ e outras designações ainda encobertas sob epítetos de entidades divinizadas, entre as restantes.

Do primeiro conjunto (Quadro 2, Est. XI-XII) conhecem-se as designações de *Valabriga*, duplamente documentada numa inscrição votiva próxima do Castro de S. Miguel-o-Anjo (Delães, Vila Nova de Famalicão)[80] e numa estela funerária encontrada em Braga[81], *Elaneobriga* numa outra estela da mesma cidade[82] e *Talabriga*, também com dois testemunhos, um do Castro de Estorãos (Ponte de Lima)[83] e outro, indicando uma situação migratória, de El Repilado (Huelva)[84].

As respectivas formulações epigráficas, por não trazerem associadas menções de unidades étnicas de âmbito superior, indicarão, conforme norma que vem sendo reconhecida[85], actos fúnebres ou votivos ocorridos no interior do seu *populus*, que seriam deste modo, certamente os *Bracari* para os *Valabrigenses* e *Elaneobrigenses* e os *Limici* para os *Talabrigenses*, segundo se deduz da inscrição de El Repilado, com menção dessa unidade superior, que os distingue claramente dos *Talabrigenses* do Baixo Vouga[86], a quem parece reportar-se o episódio do esbulho do tesouro público por parte de D. Iunius Brutus[87].

Se a divindade da inscrição de Delães se puder desdobrar em *A(vo)brigo* ou *A(vio)brigo*[88] por relação com o rio Ave, e sendo muito verosímil, com base no texto de C. Plinius[89], a adequação de Santa Tecla com o *oppidum* de idêntica designação, por ele referido, será mais um caso de repetição toponímica a documentar nesta área. Seja como for, é inegável o paralelismo entre a fórmula da ara de Delães e a dedicada a *Tameobrigo*, da foz do Tâmega[90], referindo unidades castrejas através de uma onomástica cumulativamente teonímica, que a menção do *Castell(o) Durbede(co)*, de Garvão(Ourique)[91], e a invocação ao *Deo Durbedico*, de Ronfe (Guimarães)[92], solidamente confirmam.

Bem localizados, nesta série, como correspondentes a estações da Galiza meridional contam-se os topónimos de *Lansbriga*, em designativo de entidade tutelada por divindade do grupo *Band-*, identificável com o Castro de San Ciprián das Lás[93], e *Coeliobriga* com Castromao (Celanova, Orense), capital dos *Coelerni*[94].

A esta área geográfica remetemos também a referência à *Calubriga* dos *Gigurri*, situada no Castro de Valdeorras, conforme os argumentos de I. Millán González-Pardo[95], na sequência de F. López Cuevillas- R. Serpa Pinto[96], homónima da *Calubriga* dos *Albini* mencionada no guerreiro de Santa Comba de Basto[97].

---

79 Cfr., sobre o significado de *–briga*, Schmoll 1959, p. 75; Hubschmid 1960, p. 487-488, n.º 54; Lebel 1962; Guerra A. 1998, 2, 1.2.1, p. 682--702; Delamarre 2003, p. 87-88.

80 655 (Epig. 70).

81 637 (Epig. 52).

82 612 (Epig. 26).

83 ILER 659; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 199; Blázquez 1962, p. 135 e 1975a, p. 102, 173; Encarnação 1975, p. 192-195; Tranoy 1981, p. 250, 302.

84 Quadro 2:36, Est. XII:37.

85 Cfr., vg., Santos Yanguas 1983, p. 104-105, notas 48 e 49.

86 C.Plinius, IV, 113; Ptolomeu, II, 5, 6; *Itinerarium Antonini*, 421, 6. Cfr. bibliografia numerosa sobre a sua localização sobretudo da autoria de Pereira F.A. 1907; Souto 1930; Roldán Hervas 1975, p. 270; Tranoy 1981, p. 128; Alarcão 1983, p. 98.

87 Appianus, 75.

88 655 (Epig. 70). Restituição avançada desde Hübner (CIL II 5561), que preferimos à de A(ugusto), confome foi sugerido por Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 327-329, não nos parecendo confirmada, pela análise directa do monumento, a restituição *Bandu/a brigo* proposta por Tranoy 1981, p. 280, que exigiria mais uma linha e forçaria uma fórmula de cuja grafia conhecemos apenas um paralelo (Gráfico 3:33; Est. XIII, 40) no conjunto das invocações do grupo *Band-*, que, de resto, não aparede solidamente implantado na região (Cfr. Est. XIII).

89 C. Plinius, IV, 112.

90 729 (Epig. 144).

91 Quadro 2:41, Est. XII:46.

92 695 (Epig. 110).

93 Quadro 3:27, Est. XIII:3.

94 C. Plinius, III, 28: *Coelerni*; Ptolomeu, II, 6, 41: Κοιλερινῶν; Ferro Couselo-Lorenzo Fernández 1971; Tranoy 1981, p. 66.

95 Millán Pardo 1965, p. 82-83.

96 López Cuevillas-Pinto R.S. 1933b, p. 281.

97 Silva A.C.F. 1981-82, p. 87= 1985, p. 211-212=1986b, p. 273, 554 (Icon. 10/ Epigr. 3). Cfr. Guerra A. 1998, 1, p.

Caberá, finalmente, incluir a provável assimilação entre o Castro do Freixo (Marco de Canaveses) e *Tongobriga*, restituindo deste modo o título votivo da epígrafe aí aparecida dedicada ao Genio *[T]oncobrigensium*[98], em consideração à designação de *Tongobria* do *Parochiale* suévico[99].

Também por razões arqueológicas, entendemos ajustar-se a identificação do Castelo de Cidadelhe (Mesão Frio) com *Aliobriga* deduzida do topónimo *Aliobrio*, transmitido pelo mesmo *Parochiale* e repetido com variantes[100] em alguma documentação medieval[101].

De um segundo grupo, mais numeroso, constam diversas designações associadas ao signo ↄ identificado com *castellum* (Quadro 2; Est. XI-XII), conforme equivalência adquirida[102], que se terá tornado na unidade organizativa mais original da sociedade castreja, diferenciando marcadamente esta região da área das *gentilitates*[103].

Do conjunto das ocorrências peninsulares registadas[104], sobressaem dois núcleos mais expressivos na área do nosso estudo, um na região de Braga e outro na de Chaves, sendo de notar em Braga dois testemunhos do ↄ = *castellum Agripia*[105], evocando provavelmente a adopção do nome do lugar-tenente de *Augustus* ou de seu filho documentadamente presente na região no ano 4 a.C.[106], porventura na qualidade de eventual patrono, no âmbito das instituições de hospitalidade em funcionamento bem testemunhado nesta quadra[107], e uma outra referência ao ↄ = *castellum Letiobri*[108], que nada impede pudesse fazer também parte do *territorium* do *Bracarum oppidum Augusta*, na expressão de C. Plinius[109], em nítido apelo à nova tutela imperial.

Uma inscrição de Guilhabreu (Vila do Conde) encontrada em contexto de villa romana[110] recolhe duas outras referências congéneres, uma reportando-se ao ↄ = *castellum Uliainca*[111] e outra ao ↄ = *castellum Fi(duenearum)*[112], conforme reconstituição que propusemos, atendendo à unidade gentilícia do santuário a *Cosunea* da Citânia de Sanfins[113], não podendo deixar de observar que *Uliainca*, porventura originariamente *Ulianica* < *Iulianica*, de novo sugere onomástica dependente da *gens Iulia*[114].

---

98 732 (Epig. 147).

99 Cfr., vg., David 1947, p. 35; Fernandes A.A. 1968, p. 121.

100 David 1947, p. 35; Fernandes A.A. 1968, idem.

101 Já Fernandes A.A. 1968, p. 81-83, utilizando documentação medieval anteriormente citada por Oliveira M.A. 1956, p. 44-88, propõe a identificação de *Aliobrio* com Cidadelhe, que Miguel de Oliveira localizava no concelho de Peso da Régua. Com esses documentos, de que se destaca particularmente *Diplomata et Chartae* (*Portugaliae Monumenta Historica*), n.º 17, que refere uma *congregatio magna in locum predictum Aliobrio in presentia D. Hordonii et omnes episcopi, comites et capitanei territorio galeciense in eiusdem presentia* realizada em 28/09/911 relacionável com o n.º 25, segundo os termos de uma (hipotética) doacção de Ordonho II ao mosteiro de Crestuma, que diz que *dedit ipse rex ipsi comites nabulum et portaticum de dorio in die sabbati de portu de aliovirio et per totus illos portus usque in illa foce de durio ubi cadit in mare* e ainda com outra referência dos Documentos Medievais Portugueses, *Documentos Régios*, 1, n.º 45, que cita uma doação feita por D. Teresa em 30/10/1116 de *hereditate...quam vocitant Santanelas et Seyxido quomodo divident per Fontanelas de Sunas...Godin...Ulueyra...Valle de Aratro et ferit in Doyro...Et habet iacentiain Aloifrio subtus montis Maraon discurrente ribulo Sarmenia et flumine Doyro*, convergem, efectivamente, os resultados dos nossos trabalhos arqueológicos nessa estação em que descobrimos nas escavações de 1984 e 1985, sobre os níveis castrejos e da romanização da acrópole (Est. XXVIII), uma torre quadrangular adequada aos monumentos da Reconquista, a que se reportam os textos, bem como as referências geográficas, em especial a que diz respeitoao rio Sarmenia (*Seromenha*, SCE, folha 126) que envolve o povoado pelos lados Norte e Este. Agradecemos ao Eng. F. P. Curado os elementos fornecidos e as trocas de impressões sobre este assunto.

102 Sobre a equação ↄ = *castellum*, resumidamente: Santos Yanguas 1983, p. 104, nota 44 e Villanueva Acuña 1984, p. 187-200, não parecendo convenientemente fundamentada a alternativa sugerida por Le Roux-Tranoy 1984 a, p. 251-253 de ↄ = *domo, gentilitate*, como que para compensar a renúncia entre a equivalência ↄ = *centuria*, que vinham sistematicamente defendendo. A propósito, cfr. também a nota 78.

103 Cfr. nota 1.

104 Listagem mais recente in Guerra A. 1998, 2, p. 781-782. Quadro 2.

105 589 (Epig. 2) – 590 (Epig. 3). Quadro 2:1-2, Est. XII:15-16.

106 AE 1974, 392; Le Roux 1975; Tranoy 1981, p. 149.

107 Silva A.C.F. 1983c, em que se observa uma concentração significativa dos pactos de hospitalidade no período júlio-claudiano. Cfr. sobretudo Est. V.

108 621 (Epig. 35). Quadro 2:10, Est. XII:17.

109 C. Plinius, IV, 112.

110 Silva A.C.F. 1980b, p. 82-84, Est. III, 1; V, 1= 1982, p. 386-389, Est. V, 1.

111 635 (Epig. 49). Quadro 2:18, Est. XII:19.

112 Idem. Quadro 2:8, Est. XII:16.

113 680 (Epig. 95).

114 A manter-se o radical *uli-*, o significado teria carácter rústico, de resto, bem adequado às características da Terra da Maia. Cfr., vg., Ernout-Meillet 1967, p. 744, vb. *uligo* (Silva A.C.F. 1980b, p. 89-90 = 1982, p. 399).

Na região de Chaves registam-se mais três unidades precedidas de ↄ = *castellum* sem menção de unidade superior e, por isso, com certeza relativas a migrações internas dentro do *populus*. Entre estas referências, em que a de Monforte indica o ↄ = *castellum Serma(n)cele(n)se*[115] e a da Pastoria o ↄ = *castellum Tarbu(celum)*[116], este bem radicado num étimo de características celtizantes[117], cumpre distinguir, no âmbito da problemática sobre as origens *Aquiflavienses*, a inscrição de Nogueira da Montanha, transmitida por Contador d'Argote[118], e que, segundo a nossa leitura[119], cita concretamente, sem qualquer indicação de mobilidade (*de hoc*), o ↄ = *castellum Tureobriga*, sugestivo vocábulo de composição céltica, com sufixo *-briga* e nome derivado de **Tur*, «força»[120], com óbvia relação aos *Turodi* localizados na região, segundo os dados da cartografia ptolomaica[121], desde P. Bosch-Gimpera[122] a A. Tranoy[123].

Neste ponto, caberá bem um ajustamento entre a investigação de A. Tranoy, quando se propôs identificar os *Turodi* como sendo o nome indígena primitivo dos *Aquiflavienses*[124], e as nossas observações sobre os quatro marcos da Veiga de Chaves em que se repetem dois etnónimos correspondentes a unidades sociais intermédias entre a *domus* e o *populus* com certeza do mesmo teor das indicadas pelo ↄ, que nos permitiram fazer algumas inferências a partir da sua implantação e uma provável correlação arqueológica com o Castro de Lagarelhos ou Castelo de Santiago situado precisamente na freguesia de Nogueira da Montanha[125].

Com efeito, a situação desses marcos no terreno, seguindo um ribeiro afluente da margem esquerda do Tâmega, na parte meridional da Veiga, apresenta uma nítida função divisória de parcelas destinadas à agricultura dessa zona, que era realizada pelo menos por quatro grupos familiares dos *Praen* (...?), para um lado (Este ou Oeste), e outros tantos dos *Coroq* (...?), para outro (vice-versa)[126], visando o aproveitamento sistemático dessa conhecida área de aptidão agrícola provavelmente em termos de centuriação, à maneira romana.

Apesar de questionável a identificação destes dois grupos e respectiva origem[127], é provável que estejamos perante casos de transferência de populações doutras paragens para aqui realizarem trabalhos agrícolas, sem dúvida em conexão com a fundação de *Aquae Flaviae*, segundo se deduz de uma certa sincronia visualizada no conjunto dos documentos relativos a este momento de reorganização local e regional.

E é agora que não podemos deixar de referir uma convergência entre os dados da geografia e da epigrafia com os fornecidos pela arqueologia, indicando, nesta fase, esse castro como o habitat desses dois povos.

---

115 629 (Epig. 43). Quadro 2: 15, Est. XII:12.

116 631 (Epig. 45). Quadro 2: 16, Est. XII:13.

117 Parece clara a relação deste étimo com formas linguísticas célticas, designadamente o gaulês *taruos*, m. irl. *tarb-*, galês *tarw-*, caracterizadas por registarem uma metátese (explicável por influência analógica do nome *caruos*, «cervo», «veado») que as distingue de outras formas como a da inscrição de Cabeço das Fráguas *taurom*, estritamente correspondente ao gr. ταῦρομ.

118 634 (Epig. 48). Quadro 2:17, Est. XII, 14.

119 *De hoc* ↄ (= *castello*) *Tureobriga* (Silva A.C.F. 1981-82, p. 86, nota 23 = 1985, p. 206, nota 23 e 1986b, p. 275. A nossa leitura baseia-se em razões epigráficas, considerando a grafia da letra T, o mais das vezes com um sumário travessão sobretudo na época flaviana, não aceitando a leitura de Pereira Menaut 1982, II SAN, p. 179-180, como *Iureobriga*, que o leva a considerações desajustadas do ponto de vista geográfico.

120 Palomar 1957, p. 107-108, baseada em Holder 1907-25, vb. Turos, concretizando com numerosos casos em que o radical *tur-*,que também aparece frequentemente em nomes célticos, correspondente ao termo do ant. irlandês *turas*, «forte», «poderoso», está bem representado na antroponímia e teonímia peninsulares. (736, Epig. 151), testemunhado também num achado recente de Lamoso, Paços de Ferreira (735, Epig. 150).

121 Ptolomeu, II, 5, 39.

122 Bosch-Gimpera 1975, p. 825.

123 Tranoy 1977, p. 232-233 e 1981, p. 62-63.

124 Idem. 591 (Epig. 5).

125 Silva A.C.F. 1981-82, p. 87-88, 92-93, Est. V, 1-8 = 1985, p. 212-213, 221-222 (Est., p. 214) e 1986b, p. 275. Quadro 2:17, Est. XII:14.

126 608-611 (Epig. 22-25).

127 Para os *Coroc-*, que estão apenas textualmente documentados na inscrição do guerreiro de S. Paio de Meixedo, cfr. 571 (Icon. 8), poderá invocar-se, hipoteticamente, toponímia próximo do Baixo Tâmega, vg., *Croca* (Penafiel) e *Coroco* (Castelo de Paiva).

Com 260m de comprimento do eixo maior (Norte-Sul) e 85m de largura máxima (Este-Oeste), apresentando uma frontal e ostensiva divisão, feita por uma forte muralha com 6m de espessura, entre duas unidades intercomunicantes[128] e cada qual com entrada própria, sem qualquer interesse defensivo que se possa perceber, não vemos para esta separação, entre as hipóteses possíveis[129], senão um significado de carácter social que se adequa perfeitamente, em coincidência surpreendente, com a divisão da Veiga que lhe fica no sopé, fronteira e bem próxima.

A área do castro, por seu turno, comportaria, à vontade, quatro, ou até alguns mais, grupos familiares em cada sector.

À falta de dados arqueológicos seguros, que não ultrapassam um levantamento topográfico sumário desta estação e espólio proveniente de recolhas avulsas com cerâmica tipo Alpiarça/Baiões e da romanização[130], aqui deixamos, como hipótese, esta sugestão, que, a comprovar-se, segundo as indicações propostas, poderá identificar este sítio como o núcleo originário da implantação e possível centro capital do *territorium* dos *Turodi*, posteriormente substituídos, segundo os objectivos concretizados, por essas duas outras unidades suprafamiliares dos *Praen* (...?) e *Coroq* (...?) por ocasião da fundação de *Aquae Flaviae*, em que esse núcleo indígena ora encoberto por uma nova designação romana e dinástica se terá constituído, efectivamente, como componente principal dessa reorganização.

Formulações análogas foram também localizadas noutras áreas do Noroeste peninsular, designadamente na Galécia lucense[131] e em menor número nas regiões asturienses quer setentrionais quer orientais[132].

Do elenco de referências em ↄ =*castellum* associadas à menção do *populus/civitas* em que os núcleos castrejos estavam integrados, recolhidas em epígrafes que atestam situações de mobilidade extra-territorial, podem reconhecer-se, sem todavia se ter tornado ainda possível a sua identificação arqueológica, o ↄ *Verio*, entre os *Grovii*[133], ↄ *Arcucelo*[134] e o ↄ *Talabrig(a)*[135] entre os *Limici*, o ↄ *Nem*(... ?)[136] entre os *Tamacani* e o ↄ *Louciocelo*[137], o ↄ *Ga*(... ?)[138] entre os *Interamici* e o ↄ *Saqua*[139] entre os *Caladuni*, que dizem respeito à parte setentrional da área do nosso estudo, porventura todos situados na actual Galiza, com provável excepção para os *Interamici* e os *Caladuni*, de acordo com os nossos conhecimentos sobre a localização desses povos.

Mais raras, mas bem expressivas, por inequívocas, são as menções associadas ao vocábulo *castellum*, abreviado ou por extenso, de que se conheciam, da epigrafia e C. Plinius, cinco referências regionais[140], respectivamente referentes ao *Castellum Intercatia*[141] situado entre os Astures Transmontanos, *Castellum Toletum*[142] junto de Lugo, *Castellum Berense*[143] no território límico, *Castellum Meidunium*[144] no Norte da província de Orense e *Castellum Tyde*[145] correspondente à actual cidade de Tuy, entre os Grovii, a que se veio juntar uma nova referência ao *Castellum Durbede[cum]* dos *Bracari*, indicado na estela de um emigrante para

---

128 Silva A.C.F. 1981-82, Est. II, P1, P2 = 1985, Est. (p. 214), P1, P2 e 1986b, p. 275.

129 Vg., a de recintos para guarda comunitária de rebanhos.

130 Alusões a recolhas deste castro in Almeida *et alii* 1981, p. 76, e outras formas que nos foram dadas a conhecer em trabalhos escolares pelos nossos antigos alunos flavienses Drs. Maria Zélia da Siva, Amílcar Pimenta, Alípio Martins Afonso, Eliseu Seara e João Calheno, a quem agradecemos. Aproveitamos a oportunidade para manifestar ao Dr. Mário Carneiro e à Câmara Municipal de Chaves o melhor reconhecimento pelo apoio amigo que sempre nos dispensou no estudo dessa região.

131 Tranoy 1981, p. 372: onze referências do *conventus lucensis*.

132 Idem, p. 373-374: quatro referências do *conventus Asturum*; Santos Yanguas 1983, p. 104-106.

133 Quadro 2:37, Est. XII:35.

134 Quadro 2:22, Est. XII:34.

135 Quadro 2:36, Est. XII:37.

136 Quadro 2:32, Est. XII:29.

137 Quadro 2:30, Est. XII:28.

138 Quadro 2:29, Est. XII:36.

139 Quadro 2:33, Est. XII:30.

140 Tranoy 1981, p. 374.

141 Quadro 2:43, Est. XII:38.

142 Quadro 2:44, Est. XII:40.

143 Quadro 2:39, Est. XII:47.

144 Quadro 2:42, Est. XII:41.

145 Quadro 2:45, Est. XII:42.

a região mineira alentejana de Aljustrel, que poderá corresponder com a maior probabilidade ao Castro de Vermil (Guimarães), atendendo ao título votivo da inscrição aparecida nas proximidades desta estação arqueológica com dedicação a uma divindade com idêntico vocábulo de *Deo Durbedico*[146], a integrar no contexto das referências cumulativamente toponímicas e teonímicas, como as de *A(vo?)brigo* e *Tameobrigo*.

Esta unidade, que ultrapassa o quadro da célula familiar e compreende uma comunidade de linhagem mais vasta, poderá corresponder arqueologicamente a um castro como unidade territorial, que teria, assim, significado social[147].

Enquanto organização suprafamiliar, o castro (*castellum*) deverá equivaler à *gentilitas* das áreas com sistema gentilício que se estenderam até ao território do Nordeste transmontano, na zona dos *Zoelae*, a que se reporta o célebre documento epigráfico conhecido por «Pacto de Astorga»[148]. De facto, o estudo do seu texto tornou-se no elemento base da descoberta do esquema organizativo gentilício, hierárquico e tripartido, em unidades sociais superiores a família (*gentilitas* + *gens* + étnico maior) característico dessa área peninsular e diferenciado da restante área do Noroeste, onde as referências da *tessera* do Caurel (Lugo)[149], são bastantes para apoiar a especificidade de organização das comunidades galaicas em unidades suprafamiliares correspondentes às *gentilitates* identificadas pelo nome de *castella*, de acordo com a investigação desenvolvida em torno da interpretação do signo ↄ com esse sentido, conforme referido.

Outros documentos congéneres da área castreja mostram que, do mesmo modo que as *gentilitates* actuam com certa independência relativamente à *gens*, também os *castella* gozariam de autonomia relativamente ao *populus* de que faziam parte.

É pelo menos o que se depreende da capacidade jurídica para estabelecer pactos e da existência de divindades tutelares próprias transmitidas pela epigrafia, designadamente das referências associadas aos *Lares* e às divindades do grupo *Band-* (Quadro 3, Est. XIII) que permitem circunscrever círculos de pertença social eventualmente correspondentes aos territórios dos *castella* ou das organizações proto-urbanas como as que sugerimos a propósito da análise das áreas de influência da Citânia de Sanfins (Fig. 2).

A este propósito, já nos referimos ao *Lari Sefio* (?), de Adaúfe[150] e a sua eventual correlação com a imigração dos *Sefes*, citada na *Ora Maritima*[151], que estariam sediados nas imediações de Braga. A invocação aos *[L]aribus [B]uricis*, de Amares[152], individualizaria outro núcleo entre os *Bracari*, mais a Norte, visível na sobrevivência toponímica mais característica dessa região das Terras do Bouro, do mesmo modo que a inscrição que referenciámos em Lagares (Penafiel) dedicada aos *Laribus Anaeci[s]*[153] localizaria, pelo mesmo processo, um outro núcleo nas imediações de Monte Mozinho, à foz do Tâmega, junto ao Douro, na Terra de Anégia[154], podendo, deste modo, identificar-se mais um *territorium* dos *Bracari* além Tâmega, na região do Marco de Canaveses, a deduzir da ara votiva aos *Laribus Cerenaecis*[155]. A epígrafe dedicada ao *Lari Beiradi[e]go*[156], de Santa Maria de Arnoso, V. N. de Famalicão e uma outra ao *Genio Viriocelensi*[157] de Vilela, Amares, concretizariam mais duas circunscrições terrritoriais nas proximidades de Braga, uma a Sul e outra a Norte, de cuja composição se destaca a celticidade dos seus radicais[158].

Além deste conjunto de referências toponímicas directamente correlacionados com territórios localizados e distribuídos no vasto espaço geográfico de domínio dos *Bracari*, cuja personalidade parece

146 Cfr. notas 91 e 92.
147 Cfr. Brañas 1995.
148 Silva A.C.F. 1986b, Gráfico 12: 11 e 21.
149 Silva A.C.F. 1986b, Gráfico 12: 12.
150 726 (Epig. 141).
151 Avienus, *Ora Maritima*, 154-157; Schulten 1922, p. 85 e 88; López Cuevillas-Bouza Brey 1929.
152 669 (Epig. 84).
153 653 (Epig. 68). *Anaeci[s] vel [D?]anaeci[s]?>Danigi* da inscrição de Marecos (720, Epig. 135).
154 Cfr. Almeida-Lopes 1981-82.
155 676 (Epig. 91).
156 665 (Epig. 80).
157 737 (Epig. 152).
158 Tovar 1983, p. 272: «Baria», topónimo prerromano (*Vera*, Almería; em gal. -port. *beira*; esp. *vera*, «orilla»); Silva A.C.F. 2003b.

presumir-se das sobrevivências aparentes em algumas circunscrições medievais, designadamente na toponomástica principal de algumas terras, cuja origem continua a ser problemática[159], mais quatro unidades constituem outro conjunto em torno de *Aquae Flaviae* testemunhado por outras tantas aras votivas dedicadas aos *Laribus Cusicelens[i]bus*[160], *Erredi[ci]s*[161], *Findeneticis*[162] e *Ta[r]mucenbaecis Ceceaicis*[163], esta com visível relação ao ↄ =*Castellum Tarbu(celum)*[164], documentado na mesma região, atendendo à vulgarização do processo de assimilação nasalizante (m/b), ainda corrente[165].

Ficará este mapa (Est. XI) mais preenchido na área meridional dos *Bracari* com a localização dos *Callaeci* na margem direita do Douro, desde a foz ao rio Tâmega, incluindo os *Fidueneae*, *Madequisenses* e os *A/Danaeci*, com base na reinterpretação da ara de Sobreira (Paredes) dedicada a *Calaicia*[166], que teriam como centro provável *Cale*, situado no Morro da Sé do Porto, com dados arqueológicos datáveis das nossas fases IA a IIIB[167], incluindo a região mineira de Valongo, donde consta mais uma referência epigráfica a *Calaecia*[168], e penetrando porventura pelo curso do rio Ferreira até à Citânia de Sanfins, em momento de expansão, ou até de transferência, em virtude das pressões militares romanas na região[169].

A Terra da Maia, que se expande entre Leça e Ave, em torno do Castro de Alvarelhos convirá, mesmo etimologicamente, a designação de raiz indo-europeia *Madia*, com significado de «terra húmida»[170], que lhe atribuímos com base na interpretação do vocábulo *Madequis(enses)* da inscrição aí descoberta[171] concordante com a toponímia medieval[172].

A referência aos *Danigi*, com sentido colectivo, em genitivo plural céltico (*Danigom*), da ara de Marecos[173], é mais um elemento conhecido que se poderá reportar a este esquema de ocupação na região de Penafiel, a Norte dos *Anaeci* ou com eles identificados[174], na margem direita do Tâmega.

Do grupo *Band-*, já aludimos à tradicional identificação do importante Castro de San Cibrán das Lás (Eiras, San Amaro, Orense) com base no epíteto *Lansbrigo*[175], considerando a sua composição, *Lans+brigo*, com inequívoco sufixo céltico de carácter tópico identificável com *castellum*, sendo paralelamente verosímil que outras referências, concentradas na parte central e meridional da província de Orense à volta de Ginzo de Limia e Verín, dedicadas a *Banduae Aetiobrigo* (Santa Maria de Codosedo, Sarreaus)[176], *Verubri[go]* (Retorta, Laza, Verín)[177] e com certeza também, em variante, *Veigebreaego* (Rairiz de Veiga, Ginzo de Limia)[178], se lhes

---

159 Cfr., vg., MATTOSO, J., *Identificação de um país*. Lisboa, 1985, 1, p. 62.
160 690 (Epig. 105).
161 698 (Epig. 113).
162 699 (Epig. 114).
163 730 (Epig. 145).
164 Quadro 2:16, Est. XII, 13.
165 Cfr. Corominas 1976, p. 155.
166 670 (Epig. 85). O tratamento biocromático manifesta claramente a leitura *Calaiciae*, não havendo razão para a prudência de Tranoy 1977 e 1981, p. 66, onde transcreve *Calaicia[e]*. Vide Maia M.S.C. 1980.
167 Real-Osório 1993; Silva A.C.F. 1994.
168 Barros 1919, p. 26-27; Argote, 1, 1732, p. 32.
169 Sendo ainda reduzida a área intervencionada no Morro da Sé para concluir com segurança, dos elementos recolhidos é notória a ausência de materiais, designadamente cerâmicos, característicos da Citânia de Sanfins, a fazer sugerir um abandono desta área litoral.
170 Cfr., vg., Ernout-Meillet 1967, p. 377, vb. *madeo* e paralelos. (Silva A.C.F. 1980b, p. 90 = 1982, p. 399).
171 624 (Epig. 38).
172 Um rápido rastreio do Censual 1924, torna-se sobre o assunto bem elucidativo: *Madia*, p. 44, 45, 46, 54, 55, 57, 63, 64 (bis), 125, 238, 342, 419; *Madya*, p. 60, 65 (ter), 344, 419, 421; *terra de Madia*, p. 51, 56, 57, 59, 75, 223, 224, 225, 496; *terra de Madya*, p. 72 (bis), 74, 75, 343 (bis), 493; *castellum de Madya*, p. 71. Já Moreira D.A. 1969, p. 14 assinalara *Castelli Madie* citada em 1258 in *Inquisitiones* (*Portugaliae Monumenta Historica*), 505; igualmente Santarém 1977, p. 168.
173 720 (Epig. 135).
174 Cfr. nota 153.
175 Quadro 3:27, Est. XIII, 3.
176 Quadro 3:29, Est. XIII, 6.
177 Quadro 3:24, Est. XIII, 7.
178 Quadro 3:37, Est. XIII, 4.

aplique a mesma solução, para mais se observando índices de correspondência toponímica entre os nomes de *Veru+brigo* e Verín e *Veige+breaego* e Veiga[179].

A situação análoga se poderão remeter outras identificações de carácter tópico como a que se pode deduzir das inscrições do Castelo da Feira, em nossa opinião, referentes a um provável castro com radical *Tuer-/Toir-*, segundo razões apontadas aquando do estudo da religião[180], sendo cumprida pelo sufixo -aeo/-aeco a função designativa de procedência.

Além do núcleo galego e desta referência da área dos *Turduli Veteres* e das numerosas presenças na sua principal concentração na área lusitana, de que destacamos a recente identificação de *Bandi Langobricui* em Longroiva (Meda)[181], em mais um sinal de sobrevivência toponímica que não pode passar despercebido, é também natural que a inscrição de Beiriz (Póvoa de Varzim), se relacionada com *Band*[182], possa denunciar a presença de um outro topónimo apelidado de *Ocolis*, vocábulo que não dirá respeito ao sentido da visão, mas estará porventura relacionado com «olhos de água», de acordo com a designação análoga das termas de S. Miguel de Vizela, segundo a terminologia do *Parochiale* suévico[183], e a que se poderá reportar, com referência de *origo*, o cognome *Oculatus* do dedicante da ara votiva também a *Bandue*, da Cova da Lua (Bragança)[184], na área dos *Zoelae*.

Quanto à capacidade jurídica dos *castella* para estabelecer pactos, concretamente de hospitalidade e de clientela, cremo-la bem confirmada na *tessera* galega de Carbedo (Esperante, Caurel, Lugo)[185] onde intervêm como contraentes um indivíduo de um castro dos *Sussarri* (ↄ =*Castello Aiobaigiaeco*) e um grupo (Lougei) de outra comunidade castreja (*Castellani Toletenses*), firmando-se o contrato na presença de dois magistrados da colectividade de acolhimento sem invocação do *populus* nem do étnico maior, que seria desnecessária para garantir os efeitos decorrentes, diferentemente da situação relatada ao Pacto de Astorga I [186] estabelecido entre duas *gentilitates*, *Desonci* e *Tridiavi*, da mesma *gens* (*Zoelae*) perante um magistrado dessa *gens*, por implicar com certeza outro nível de obrigações, apesar de tudo, sem referência ao étnico maior (*Astures*).

A este propósito, com base nos elementos constantes das *tesserae* do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado[187], situado na franja meridional da cultura castreja ocupada pelos *Turduli Veteres*, da mesma fase cronológica dos anteriormente citados (fase IIIB), ainda que mais antigos, parece notar-se um esquema organizativo diferente, eventualmente específico desta área, com ausência de qualquer estrutura de nível intermédio, do teor do *castellum* ou da *gentilitas*, pelo menos com capacidade de estabelecer pactos.

É, de facto, o que se pode supor do carácter, literalmente individual, dos seus intervenientes, distinguindo-se, neste particular, dos seus paralelos.

Apesar do teor geral destes contratos e os encargos decorrentes da sua conclusão[188] fazerem pensar numa actuação da parte indígena em nome da comunidade local, ou de um seu estrato mais representativo, favorecendo a sugestão da investidura destas personalidades em qualquer função pública, porventura até a chefia do povoado, se observa que elas aparecem a agir individualmente e com mera referência ao étnico maior, no caso, os *Turduli Veteres*, segundo procedimento explicável por se tratar de uma zona por eles colonizada em resultado das vicissitudes de uma migração com origem bem determinada, diferenciando-se culturalmente dos povos anteriormente assinalados a Norte do Douro.

---

179 Rodríguez Colmenero 1977, p. 312; Tranoy 1981, p. 80.
180 Infra, p. 408.
181 Quadro 3:13, Est. XIII, 17.
182 659 (Epig. 74). Quadro 3:38, Est. XIII, 13.
183 David 1947, p. 32; Fernandes A.A. 1968, p. 67, 120; Costa A.J. 1959, 1, p. 135-136 (n.º 14), 138 e 1981.
184 Quadro 3:28, Est. XIII, 9.
185 Silva A.C.F. 1986b, p. 278, nota 179, Gráfico 12:12.
186 Silva A.C.F. 1986b, p. 278, nota 180, Gráfico 12:11.
187 632-633 (Epig. 46-47). Silva A.C.F. 1986b, p. 279, nota 181.
188 Recordamos de novo a sua natureza colectiva (Martino 1973, p. 24) e, entre os encargos, a hospedagem com acolhimento honroso e troca *obrigatória* de presentes, protecção em juízo, assistência na doença e sepultura na morte (idem, p. 26-27).

A arqueologia sugere-nos como chefe desta unidade organizativa uma figura militar como a que vemos representada em mais de duas dezenas de estátuas de guerreiros (Gráfico 12; Est.CXX-CXXV) e que alguns documentos epigráficos galegos apelidam de príncipes[189], ainda que se não saiba se tais chefaturas eram hereditárias ou electivas e vitalícias ou provisórias e se ignorem outros aspectos destas subfracções, mas que teriam com certeza em consideração critérios hierarquizantes.

2. 2. OS POVOS

A um segundo nível da organização suprafamiliar, dominando um vasto território com vários castros, estavam os *populi* ("povos") ou *civitates* ("cividades"), cuja onomástica as fontes literárias, epigráficas e toponímicas nos deram a conhecer na sua maior parte para a área castreja portuguesa.

Este aspecto do povoamento e da organização social, particularmente a sua distribuição geográfica, é mesmo um dos assuntos normalmente mais versados na bibliografia especializada, em estudos de carácter monográfico e/ou geral, de que sobressaem pela sua actualidade, desenvolvimento e acervo documental, as importantes publicações de A. Tranoy sobre a Galiza romana[190], de que apresenta o mapa da localização[191] sobretudo baseado nas informações de C. Plinius[192] completado por Ptolomeu[193], e na lista das *civitates* do «Padrão dos Povos» assente sobre a ponte de Chaves[194] e outros documentos epigráficos e a obra de A. Guerra sobre povos e lugares do Ocidente peninsular[195].

Só esse célebre monumento da Ponte de Chaves, datável do primeiro semestre do ano 79 d.C., cuja versão original apareceu em 27 de Agosto de 1980, a montante e junto da ponte romana no leito do rio Tâmega, quando se procedia a dragagens[196], e que veio confirmar e corrigir dados e leituras, cita dez das vinte e quatro *civitates* que constituíam a sua totalidade na área do *conventus* bracaraugustano, segundo o número indicado por C. Plinius[197], que têm vindo progressivamente a ser conhecidas.

Muitas delas de localização incerta, na sua maior parte tem-lhe sido apontada uma distribuição em torno de *Aquae Flaviae*, seguindo critérios regionalistas[198]. Mas é natural que os povos do Padrão de Chaves possam ter alcançado um âmbito bem mais vasto na área castreja correspondente ao *conventus* bracaraugustano, a crer no paralelismo da inscrição da ponte de Alcantara, sobre o Tejo, na Lusitânia, onde também é referida uma lista de povos[199], dois dos quais, os *Coilarni* e os *Arabigenses* também citados por C. Plinius[200], foram por nós localizados, segundo o *terminus augustalis* de Goujoim (Armamar)[201], junto ao Douro na sua margem esquerda.

Segundo o texto pliniano[202], que enuncia a lista dos povos bracaraugustanos numa sequência Norte-Sul, a faixa litoral até ao Minho estava ocupada depois dos *Cileni*, do *conventus* lucense, pelos *Helleni* e *Grovii*, que, juntamente com os *Amphiloci*, de localização interior ainda ignorada, apresentariam, na realidade, uma

---

189 García y Bellido 1943 e IRPL, 34 (*princeps Albionum* ↄ *Cauriaca*); ERA, 14 e IRPL, 34 (*princeps Corpororum* (?) ↄ *Circine(nsi)*; Tranoy 1981, p. 375.

190 Tranoy 1981, p. 39-74 (Liv. 1, Chap. II. *Le peuplement*). Cfr. também contributos posteriores de Rodríguez Colmenero 1996 e 1997 e Alarcão 1998, 1999 e 2003).

191 Carte III. *Géographie et peuplement antique du Nord-Ouest*.

192 C. Plinius, III, 28.

193 Ptolomeu, II, 6.

194 591 (Epig. 5).

195 Guerra A. 1998. Cfr. também contributos de Rodríguez Colmenero 1996 e 1997 e Alarcão 1998, 1999 e 2003.

196 591 (Epig. 5). Silva A.C.F. 1981-82, p. 90-92, Est. IV, 3-4 = 1985, p. 218-221, Fig. 3-4 e 1986b, p. 279, nota 189.

197 C. Plinius, III, 28.

198 Cfr., vg., a distribuição dos povos de Rodríguez Colmenero 1977.

199 CIL II 760 = ILER 2066.

200 C. Plinius, IV, 118 (*Arabricenses*, *Colarni*).

201 592 (Epig. 6).

202 C. Plinius, IV, 112-113.

onomástica indígena em que se pretendeu fundamentar, desde a Idade Antiga[203], a partir de uma *interpretatio* greco-latina das etimologias, uma tradição de colonização grega do Noroeste peninsular, que a arqueologia não vem minimamente garantindo[204].

Neste quadro, os *Cileni/Celeni*, identificáveis aos *Helleni*[205] por corruptela interpretativa de helenismo, seriam o primeiro povo da área bracaraugustana, que estaria sediado na região de Vigo[206]. Seriam seguidos pelos *Grovii*[207], que, segundo a concordância das indicações de Ptolomeu[208], C. Plinius[209] e do *Itinerarium Antonini*[210] sobre a localização de Tyde/Tude/Tuy, mais alguns dados toponímicos[211], aconselham a sua localização na margem direita do Baixo Minho. Em nossa opinião, não fica excluída a hipótese de uma expansão mais vasta, incluindo a margem esquerda, podendo tratar-se de um étnico maior repartido, como os *Bracari*, em subunidades, que seriam os *Leuni* e os *Seurbi*. Neste caso, entre as referências epigráficas, a menção de *origo* de uma estela funerária de Santiago de Compostela[212] e que cremos estar também presente, nessa qualidade, na ara votiva dedicada a Júpiter em Vila Mou (Viana do Castelo)[213], ambas procedentes de territórios adjacentes, favorecerão também esta interpretação.

Pelos dados que conhecemos de trabalhos arqueológicos na área espanhola[214], com resultados paralelos aos das nossas escavações do Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha), entendemos tratar-se de populações indígenas organizadas em castros desde o Bronze Final, que conheceram um forte desenvolvimento desde a fase II da nossa periodização, que parece concretizado num activo comércio regional de produtos cerâmicos típicos[215] de acentuada distribuição litoral, a que não terão sido alheios os estímulos do comércio púnico, cada vez mais documentado na região, em desfavor de qualquer pretenso relacionamento helénico.

Os primeiros povos que, nesta sequência, ocupariam o território actualmente português entre o Minho e o Lima são referidos por C. Plinius pelos nomes de *Leuni* e *Seurbi*[216], de que se não conseguiu, até ao presente, qualquer outra indicação, que permita precisar essa informação.

Ao observarmos, porém, a distribuição da mancha de teónimos relativos a *Mars Carus*[217], e uma certa coincidência com textos epigráficos votivos de formulário tipicamente siglado[218] parece estar latente uma circunscrição territorial na zona interior pelas serras de Castro Laboreiro e da Peneda até cobrir o Vale do Vez, onde poderíamos, sem mais argumentos, situar os *Leuni*, seguindo uma tradição já indicada por J. Contador de Argote[219]. A área litoral ficaria reservada para os *Seurbi*, para cuja formação onomástica sugerimos, ainda que com reservas, um significado com possível relação à etimologia de **caruos*, *cervus* (lat.), «cervo», «veado», de cuja representação se conhecem duas belíssimas fragas com gravuras rupestres em Lanhelas[220], junto de Cerveira, topónimo que poderá reflectir uma eventual indicação de pervivência toponímica, cumprindo notar, desde já, no quadro das formações onomásticas étnicas de raiz céltica, o paralelo deste nome com outras espécies zoológicas, designadamente com *equaesus*, «cavalo», de clara caracterização linguística de tipo goidélico e, mais proximamente, com *tarbu-*, «touro», de filiação galo-britónica[221].

---

203 Resumo in Tranoy 1981, p. 61 (*Amphilochi*) e p. 68-69 (*Heleni*).
204 Cfr. Observações a propósito de cerâmicas de importação (Cap. II, p. 202-203).
205 Schulten 1912b.
206 Tranoy 1981, p. 69.
207 Hübner 1912; Vasconcellos 1905b; Alarcão 1962.
208 Ptolomeu, II, 6, 44.
209 C. Plinius, IV, 112.
210 *Itinerarium Antonini*, 429, 7.
211 Vg., Caamaño Bournacell 1964.
212 CIL II 2550 (*Crovia*).
213 614 (Epig. 28).
214 Vide resultados das escavações de Santa Tecla, Forca e Troña (Carballo Arceo 1984, 1987a, 1987b, 1989b e Hidalgo 1985b, 1988-89).
215 Vide Cap. II, *Cerâmica*, p. 186. Cfr. Naveiro 1999, Silva A.C.F.-Pinto 2001.
216 C. Plinius, IV, 112.
217 Vide Cap. III, *A Religião*, p. 401-402.
218 Cfr. Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 16 e n.º 17 (Giela, Arcos de Valdevez), n.º 19 (Cristelo, Paredes de Coura); Tranoy 1981, p. 272. Neste grupo se inclui a inscrição de Reiriz (Troviscoso, Monção) (Cortez 1945; Marques J.A.T.M. 1984a, Est. 6; Olivares 2002, p. 71-73).
219 Argote, 1, 1732, p. 159.
220 Viana 1959-60.
221 Cfr. Tovar 1985, p. 243; Delamarre 2003, p. 291-292; Lacroix 2003, p. 163.

Conforme referido na análise do habitat[222], poderá também interpretar-se como corruptela textual a leitura de *Leuni* por *Lemici* >*Limici*, sugerindo uma localização alternativa junto ao Lima, mantendo-se os *Seurbi*, a Norte, na margem esquerda do rio Minho.

Os *Bracari* constituem a entidade étnica de que constam as referências mais numerosas nas fontes literárias[223], indicadoras da sua importância no contexto regional, de resto, bem reconhecida desde a primeira notícia que lhes diz respeito por ocasião da campanha de *Decimus Iunius Brutus*[224].

Com sede principal num *oppidum*, segundo a expressão de C. Plinius[225], sediado com certeza na própria cidade de Braga sob os fundamentos de *Bracara Augusta*[226], controlariam um vasto território que se estendia desde a bacia do Cávado ao rio Douro e do litoral ao Marão, segundo área que nos é permitido deduzir sobretudo do texto de C. Plinius, IV, 112, e de referências epigráficas com especial relevo para a inscrição votiva por eles dedicada que nos foi dado descobrir em Alpendurada (Marco de Canaveses), junto ao rio Douro, além Tâmega[227], englobando diversas unidades gentilícias menores, em que se incluíam as anteriormente referidas, e a que se reporta uma elevada densidade de povoados castrejos e a mais expressiva documentação do fenómeno proto-urbano regional reconhecido no Vale do Ave.

Com significado de raiz céltica relacionável com o vocábulo gaulês *braca* ou *bracca*, «calças curtas»[228], esta designação étnica é testemunhada também como antropónimo em duas epígrafes da sua circunscrição, uma de Vila Fria (Felgueiras)[229] e outra de Valongo[230], segundo a nossa leitura[231], pervivendo ainda em inscrições paleocristãs referenciadas na Bética[232] e na Cividade de Terroso[233], em nítido apelo a um vínculo tradicional do sistema de nomes às comunidades de linhagem, ocorrendo ainda, segundo as formulações características de situações de emigração, como mera expressão de *origo*, não sabemos se genérica se específica[234], numa inscrição votiva de Santa Maria da Feira, em território dos *Turduli Veteres*[235], e como unidade étnica superior ao *castellum* na estela da *villa* romana da Herdade dos Franciscos de Garvão (Ourique, Alentejo)[236].

Um dos dados mais relevantes da nossa investigação em termos de povoamento foi sem dúvida a evidência epigráfica que obtivemos sobre a ocupação da margem Sul do Douro pelos *Turduli Veteres*[237], confirmando as referências de P. Mela[238] e sobretudo C. Plinius[239] assim como dados arqueológicos dos nossos trabalhos na região.

---

222 Cfr. Cap. I, p. 24.

223 Appianus, 73-75: **Βρακαρῶν, Βρακάρους**; C.Plinius, III, 28: *Bracarum, Bracaros*, IV, 112: *Bracarum, Bracari*; Ptolomeu, II, 6, 1: **Καλλαϊκῶν, Βρακάρων**; II, 6, 38: **Καλλαϊκοὶ οἱ Βρακάριοι**; *Itinerarium Antonini*: 420, 8; 442, 1, 2; 423,6; 427, 4; 429, 5 (*Bracara Augusta*).

224 Appianus, 73-75.

225 C. Plinius, IV, 112: *Bracarum oppidum Aug*usta, sendo *Bracarum* o resultado da contracção clássica do genitivo *–orum* em *–um* (Tovar 1960, p. 123; Tranoy 1981, p. 64, nota 209).

226 Aguarda-se esclarecimentos desta questão com a publicação dos resultados das escavações de *Bracara Augusta*, cuja ocupação pré-romana cremos mais anunciada pelo recente achado de um balneário castrejo no sopé de *Maximinos*, recordando, entre outros dados, a oportunidade que tivemos de observar cerâmica castreja da fase III procedente da área da cidade de Braga depositada no Museu Pio XII. Opinião divergente in Martins M. 2000, p. 3.

227 598 (Epig. 12). Silva A.C.F. 1984, p. 47, nota 22.

228 Albertos 1966, p. 61 (Pokorny 1947-59, p. 165 e Holder 1907-27, p. 501ss.); Delamarre 2003, p. 84.

229 600 (Epig. 14).

230 599 (Epig. 13).

231 599 (Epig. 13).

232 CIL II 4967 = ILER 5760 = HAE 2216 (Tranoy 1981, p. 65, nota 215).

233 *Opera Fidei- Obras de Fé num Museu de História, Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde-Póvoa de Varzim*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim/ Museu Municipal da Póvoa de Varzim/ Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim, 2002-2003, n.º 3, p. 112. Marca de oleiro (?) impressa num fragmento de *tegula*, TER 2001 Rec. (Silva A.C.F.-Gomes J.M.F., prep.).

234 Se houver qualquer relação entre Turiaeco (736, Epig. 151) e Tueraeo (734, Epig. 149), é natural que se trate de uma referência genérica que eventualmente remeta para a região de Santo Tirso.

235 Idem.

236 Nota 91.

237 632-633 (Epig. 46- 47).

238 P. Mela, III, 8.

239 C. Plinius, IV, 112-113.

Justamente invocando os elementos das nossas escavações, entendemos ter recolhido um conjunto significativo de materiais sobre esta movimentação étnica, até agora sem comprovação arqueológica e que os dados cronológicos derivados do estudo estratigráfico realizado particularmente no Castro de Romariz[240] permitem presumir ter tido lugar no séc. V a.C. com certeza relacionada com as perturbações acontecidas no Sul da Península após a batalha de Alalia e nunca em meados do séc. II a.C. provocada pelas guerras celtibéricas e lusitanas, conforme pretendia A. García y Bellido[241].

Confinados a Norte pelo Douro e Oeste pelo Oceano, fica-nos ainda por resolver o problema da sua delimitação para Este e Sul, sendo presumível que o *terminus augustalis* de Riba-Ul[242] defina o termo meridional do seu território.

Com efeito, em nosso entender, deverá ser revista a utilização deste monumento epigráfico para demarcar os territórios de *Talabriga* e *Lancobriga* conforme a um critério viário de acordo com o *Itinerarium* de *Antoninus Pius*, uma vez que os *termini augustales*, pelos paralelos conhecidos com segurança na Lusitânia, delimitam étnicos maiores, o que não se coaduna, neste caso, concretamente em relação a *Lancobriga*, que nem sequer é citada por C. Plinius e, a ser identificada com o Castro de Fiães (Santa Maria da Feira)[243] só no Baixo Império terá alcançado, pelos dados arqueológicos disponíveis[244], uma posição de certo relevo, sendo verosímil que este *terminus* separasse os *Turduli Veteres* dos *Paesuri*, referidos por C. Plinius na sua sequência.

Vindo a ser localizados, sem comprovação, na região de Cárquere e do Castro da Mogueira, junto ao Douro, poderão, nestas circunstâncias, situar-se, para Sul dos *Turduli Veteres*, na região de Dão-Lafões, a deduzir do radical do registo epigráfico *Paisicaicoi*[245].

Pelo interior transmontano, os *Turodi* representariam o núcleo primitivo da cidade flaviana de Chaves, para essa situação convergindo, efectivamente, os elementos adquiridos sobre a sua localização com base na referência cartográfica de Ptolomeu, II, 6, 39: Τουροδῶν, Ὕδατα Λάϊα, corrigida entre outros, por E. Hübner[246] como Τουροδῶν, Ὕδατα Φλαούια = *Aquae Flariae Turodorum*, complementada com a análise de A. Tranoy sobre a mancha de frequência onomástica correlacionada[247], e as nossas observações sobre o ↄ = *castellum Tureobriga*, anteriormente aduzidas[248], tornando, globalmente, mais esclarecido, alguns passos do processo reorganizativo aquiflaviense a partir de um reconhecimento mais notório de um fundo indígena representado por esta unidade étnica.

Retomando o que foi sugerido relativamente a *A(vo)brigo / A(vio)brigo(?)* com eventual correspondência ao Castro de S. Miguel-o-Anjo (Delães, Famalicão) e à forma literária citada por C. Plinius do *oppidum Abobrica*[249], é natural que as diversas referências com esses vocábulos e afins[250] não se possam considerar, realmente, como variantes de uma só entidade, como queria S. Lambrino[251], mas digam, no conjunto, respeito

---

240 Centeno-Silva A.C.F. 1980.

241 García y Bellido 1951.

242 640 (Epig. 55).

243 Cfr. sobre o problema, bibliografia da autoria de Pereira F.A. 1907; Mattos 1937; Sá 1938-39 e 1940; Sousa 1942; Almeida-Santos 1971 e 1972, entre outra. O argumento epigráfico retirado da hipótese de desdobramento da expressão *p(osuit) L(ancobriga) l(ibens)* da ara dedicada a Júpiter referenciada nesse castro (Almeida-Santos 1971, p. 159) deverá ser substituída, naturalmente, por *p(osuit) l(aetus) l(ibens)* ou respectivo plural, em consideração aos paralelos dessa fórmula.

244 Evidência fundamentada nos resultados das escavações aí efectuadas, em especial por Almeida-Santos 1971 e 1972. De um corte estratigráfico da muralha, que aí realizámos em 1980 em colaboração com Rui Centeno, no âmbito do apoio pedagógico à nossa docência dos cursos de variante de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, chegámos a idêntica conclusão.

245 722 (Epig. 137). Reis 1997, p. 10-11. A inscrição rupestre de Pindelo, Nespereira, Cinfães, não lhes diz respeito, porque onde se viu uma referência aos *Paesuri* (Encarnação-Pinho 2001; FE 299) encontra-se a forma verbal *patitur*.

246 CIL II, p. 331.

247 Tranoy 1977 e 1981, p. 62-63.

248 634 (Epig. 48). Quadro 2:17, Est. XII:14.

249 C. Plinius, IV, 112.

250 Formas afins reconhecidas literária e epigraficamente: P. Mela, III, 13: *Adrobica*; CIL II 2477, 5616 = ILER 1084: *Aobrigenses* (Padrão dos Povos, Chaves, cópia); CIL II 4247 = ILER 6025: *Avobrigensi* (Tarragona); EE 9, 390: *[Av]obr[i]gensis* (Tarragona).

251 Lambrino 1959-60.

pelo menos a duas unidades étnicas identificáveis, respectivamente, com o Castro de S. Miguel-o-Anjo[252] e com a Citânia de Santa Tecla, a que eventualmente poderá reportar-se, neste caso, esta citação do Baixo Minho com a *civitas* dos *Aobrigenses* (*Avobrigenses* ?) do Padrão de Chaves[253], se pensarmos num quadro geográfico de âmbito alargado do teor do da Ponte de Alcântara.

Discutida como tem sido esta designação do Padrão de Chaves em função de um ordenamento alfabético que vem sendo sugerido para o elenco das *civitates*, não foi com o achado da versão original desse monumento[254] que se tornou possível qualquer confirmação ou correcção neste particular, uma vez que o campo epigráfico se encontrava fracturado nesse sector, continuando, por isso, em aberto, ambas as possibilidades, de resto, linguísticamente plausíveis[255], sobre o rigor da sua nomenclatura.

Entendemos, porém, que não será a posição dos *Aobrigenses* (*sic*) fora do lugar que alterará a disposição alfabética das *civitates* por ser explicável essa anomalia para dar tratamento preferencial aos *Aquiflavienses*, em virtude de se tratar do núcleo local dos habitantes da *civitas* ora assim designados.

Este género de problemas aparece com mais clareza em relação aos *Aebisoc(i)*[256], intercalados entre os *Limici* e os *Quarquerni*, motivo por que se tem procurado uma eventual restituição como *Naebisoc(i)*/ *Naebisoc(i)* ou até *Nebisoc(i)* para legitimar uma ordenação alfabética[257]. Mas também este nome pertencia ao sector danificado do monumento original, irrecuperado.

Não nos parece, porém, forçada a possibilidade de tal restituição, atendendo a outros lapsos similares por parte do gravador da cópia da inscrição[258], contra a qual opera todavia a existência epigraficamente comprovada de outras referências de nomes de carácter étnico com formas de inequívoca afinidade a *Aebisoc(i)*, como *Aeboso(ca)*[259] e *Aebosocusensis*[260], a despeito da variante do radical *Aebi/Aebo-*, de reconhecida celtização[261].

Mas não é por isso que deixamos de crer na possibilidade de alargamento do âmbito das *civitates* até ao litoral utilizando, para esse efeito, a relação entre *Abobrica*, da foz do Minho, e os *Aobrigenses* (*Avobrigenses*?) e insistindo agora com a forma reconstruída de *Naebisoci/Nebisoci* para a relacionar com o hidrónimo referente ao rio Neiva, sobretudo recordando as formas literárias de *Nebis* em P. Mela[262] e Νήβιος em Ptolomeu[263], ficando preenchida a sequência do espaço intermédio pela ocupação dos *Limici* e *Equaesi*, entre outros. Se para a formação de *Bracara Augusta* concorreram povos limítrofes é natural que os do Vale do Neiva, entre Cávado e Lima, se possam referenciar na fórmula alternativa de *Nabiagoi* da Fonte do Ídolo[264], como dedicantes do voto a *Tongus*.

É, de qualquer modo, documentação insuficiente para sugerir, mais do que em hipótese académica, qualquer localização, que, mesmo no caso de comprovação da forma restituída, se poderá também confinar, com apoio no topónimo Naveaus, às nascentes do Tâmega[265], segundo o quadro tradicional da interpretação deste documento.

---

252 As escavações arqueológicas na plataforma do sopé deste castro começam a sugerir-nos uma unidade urbana romana, decorrente da ocupação castreja, a que se ajustaria bem um vocábulo de relação com o rio Ave. Cfr. também Mantas 1996.

253 591 (Epig. 5).

254 591 (Epig. 5). Silva A.C.F. 1981-82, p. 90-92, Est. IV, 3-4 = 1985, p. 218-221, Fig. 1-2 (p. 209) e 1986b, p. 282.

255 A perda de w intervocálica é vulgar na onomástica da área lusitano-galaica e dos vetões. Cfr., vg., Tovar 1985, p. 234, que exemplifica inclusivamente com o nome em questão: *Aobrigenses* (CIL II 2477/5616) / *Avobrigensi* (CIL II 4247).

256 591 (Epig. 5).

257 Tranoy 1981, p. 71-72.

258 Divergências assinaladas entre o original e a cópia, respectivamente: *Aquiflavienses* / *Aqu**e**flavienses*, *Interamici* / *Interamic**e***, *Quarquerni* / *Qu**e**rqueni*, *Bibali* / *B**s**ali* (Silva A.C.F. 1981-82, p. 92, nota 43 = 1985, p. 220, nota 43).

259 *Aeboso*(ca): CIL II 2527 = ILER 619 = HAE 282 = IRG IV 74 (Orense).

260 *Aebosocu/censis*: AE, 1952, 130; Blázquez 1962, p. 137-138, fig. 41 (Coria, Cáceres).

261 Lambrino 1958.

262 P. Mela, III, 10.

263 Ptolomeu, II, 6, 1.

264 733 (Epig. 148). Quadro 5-II:20, Est. XIII:71.

265 Fernández Guerra 1888; Schulten 1935a; Tranoy 1981, p. 72.

Seja, porém, qual for o âmbito do quadro geográfico proposto, não oferece dúvidas a ninguém a localização dos *Limici* em relação com o rio Lima, várias vezes citado nos autores clássicos mesmo com esse radical, entre mais duas versões[266], expressivamente repetido com essa forma em onomástica de carácter étnico em fontes literárias de ampla cronologia, desde C. Plinius a Hydatius[267], e em numerosas referências epigráficas que evidenciam este *populus* entre os mais representativos casos de mobilidade social peninsular[268].

E se o conjunto das informações, mesmo de ordem arqueológica[269], apontam para uma ocupação das terras da bacia superior deste rio[270], não poderá ser liminarmente excluída a possibilidade do seu domínio em direcção ao litoral, se nos quisermos servir do critério da menção da *origo*, sem referência de unidade superior, dos *Talabrigenses* de Estorãos (Ponte de Lima)[271].

Contrariamente a tantas referências antigas dos *Limici*, são mais raras as que se conhecem em relação aos *Equaesi*, de que se destaca uma citação de C. Plinius[272] e a menção do elenco das *civitates* do Padrão de Chaves (em posição eventualmente alfabética entre os *Coelerni* e os *Interamici*)[273], razão pela qual vêm sendo incluídos no quadro geográfico regional habitualmente considerado como mais adequado do conjunto étnico dessa dedicação honorífica.

Com tão sumária documentação e não convencidos pelo argumento toponímico que os aproxima da Sierra de Queija(< Equaesi), da província de Orense, segundo A. Rodríguez Colmenero[274] ou das Terras de Basto a partir da correspondência entre a paróquia suévica de *Equesios* com o topónimo *Queijus* (Veade, Celorico de Basto), segundo A. Almeida Fernandes[275], não podemos deixar de intervir, como utilização toponímica mais criteriosa a referência medieval do *Liber Fidei* a «ruina antiqua... Equisis»[276], a favorecer a sua localização nas imediações das serras do Gerês e do Larouco, a Sul dos *Quarquerni*,em cujo território se viria a implantar a estação de *Caladunum*[277], provavelmente identificável com ruínas e vestígios de templo em Vilar de Perdizes, Montalegre.

---

266 A. *Limia*: P. Mela, III, 10; C.Plinius, IV, 112. grego: Estrabão, III, 3, 4-5; *Limaeas* (versão latina): Silius Italicus, I, 236, XIV, 476. B. Grego: Appianus, 73-74; Estrabão, III, 3, 5. Plutarcos. *Quaest. Rom.* XXXIV. *Lethes* (versão latina): Silicus Italicus, I, 236, XVI, 476. C. *Oblivio*: Sallustius, 3, 44; T. Livius, 55; P. Mela, III, 10; C. Plinius, IV, 115; Florus, 1, 33, 12; Pap. Oxyrh., 217. D. Grego: Estrabão, III, 3, 4.

267 C. Plinius, III, 28: Limici; Ptolomeu, II, 6, 43: grego; Hydatius, pref. 1: *Natus in Lemica civitate* (Tranoy 1981, p. 70).

268 *Limicus*- S. Salvador do Mundo, S. João da Pesqueira (623, Epig. 37);
Limico- Oliva, Cáceres (CIL II 827 = ILER 4774a);
Limic(us)- Antequera, Málaga (CIL II 2049 = ILER 5360);
Limici- Padrão dos Povos, Chaves, cópia e original (591, Epig. 5).
Limi[c]us- Friães, Chaves (CIL II 2496 = ILER 309);
Civitas Limicorum- Cibdá do Monte do Viso, Nocelo de Pena, Sarreáus; ano 132-133 d.C. (CIL II 2516 = ILER 1118);
Civitas Limicorum- idem; ano de 141 d.C. (CIL II 2517 = ILER 1111);
[L]ari(bus) Civita[tis Li]m(icorum)- idem (Le Roux-Tranoy 1975);
Lim[i]cus- Alcalá de Henares, Madrid (CIL II 3034 = ILER 4678);
Limic(u)m- Zarza de Granadilla, Cáceres (ILER 4690);
D(omo) Lim(icus)- Valera Quemada, Cuenca (CIL II 3182 = ILER 5502);
Limico- Tarragona (CIL II 4215 = ILER 1621a);
Limicus- Moguer, Rio Tinto, Huelva; ano 27 d.C. (CIL II 4963 = ILER 5860);
Castello Berensi Limicus- Calañas, Huelva (Quadro 2:39, Est. XII:47).
Limicus ? Arcucelo- Outeiro Alto, Vila do Touro, Sabugal, Guarda (Quadro 2:22, Est. XII:34).

269 Resultados das escavações arqueológicas realizadas por M. Macías em A Cibdá (Monte Viso, Nocelo da Pena, Sarreaus), Macías 1899 = 1904; Schulten 1926; Rivas Quintas 1986, p. 190-192.

270 Tranoy 1981, p. 71.

271 Sugerimos a relacionação entre os dados da inscrição de El Repilado, Huelva (Luzón 1975, p. 295, n.º 38) e a de Estorãos dedicada por um *Talabrigense* que A. Tranoy prefere reportar ao Baixo Vouga (Tranoy 1981, p. 302).

272 C. Plinius, III, 28.

273 591 (Epig. 5).

274 Rodríguez Colmenero 1972b.

275 Fernandes A.A. 1968, p. 68-69, 120, na sequência de atribuições regionalistas sem conveniente fundamentação, como, vg., a identificação de *Coeliobriga* com Celorico de Basto, na mesma região (Cfr. Vitorino 1909, p. 314).

276 Costa A.J. 1959, 2, p. 379-380 (Doc. 25, de 18.12.1078), a propósito de um litígio de posse territorial entre os bispos de Braga e Orense, que se adequa à situação que propusemos e 1965/78, 1, p. 43 (Doc. 21).

277 *Itin. Antonini*, 422, 3 (-5); EE 8, 125 e 120 (?). Sobre *-dunum*, cfr., vg., Tovar 1960, p. 119; Lebel 1962; Delamarre 2003, p. 154-156.

Mais precisa parece ser, em contrapartida, a confirmação da sua etimologia como derivando da forma I-E **ekuo-*, com a combinação do palatal k mais u, em claro indício fonológico de arcaísmo céltico com paralelo muito próximo em Peñalba de Villastar[278], significando nem mais nem menos do que «cavalo», a exemplificar, também neste pormenor, a presença de referências a determinados animais comum na formação do sistema de nomes das diversas civilizações indo-europeias porventura em razão das suas qualidades ou invocando vestígios totémicos.

A este mesmo contexto se poderá remeter a referência anteriormente citada ao ↄ = *castellum Tarbu* [...] com étimo relacionável com «touro» e eventualmente, embora com mais reservas, o etnónimo *Seurbi* significando «veado», segundo hipótese também sugerida. E tomará também sentido, neste processo, a legendária referência de *Rufus Festus Avienus* sobre a emigração do povo céltico dos *Sefes*, «serpentes», para o Noroeste peninsular também possivelmente documentada pela epigrafia numa inscrição votiva de Adaúfe (Braga) com onomástica de carácter étnico dedicada ao *Lari Sefio*[279].

A confirmação da ortografia traçada in A. Tranoy[280] para os *Interamici* pela versão original do Padrão de Chaves[281], além de corrigir o notório lapso da cópia no termo da palavra (E por I), possibilitou uma diferenciação clara de outras formas aproximadas, em especial a que se refere aos *Interamnienses* da área lusitana citados na Ponte de Alcântara[282]. Mas continua por precisar a sua localização entre as diversas propostas[283], de que preferimos, entre as situações mesopotâmicas que o vocábulo significa, a que os localiza a Este de Chaves nas terras compreendidas entre o Tâmega e o Tua ou mais a Norte, entre o Tâmega e o Tuela, nos termos em que se lhes refere A. Tranoy[284], na sequência de F. Guerra[285], F. López Cuevillas, R. Serpa Pinto[286] e J. Alarcão[287], cobrindo, com verosimilhança, a parte Norte do Leste transmontano, aquém dos *Zoelae*, com que a região flaviense terá mantido um estreito relacionamento, que se deixa perceber pela mancha de ocupação proto-histórica ao longo do percurso posteriormente seguido pela viação romana[288].

Para além destas referências circunscritas à área portuguesa, conforme os objectivos deste estudo, observamos, ainda que sumariamente, que dos restantes povos citados no Padrão de Chaves, nomeadamente os *Bibali*, os *Coelerni*, os *Quarquerni* e os *Tamacani*, segundo as leituras reconstruídas e confirmadas pela versão original[289] se atribui uma localização geográfica, na actual província de Orense, estando os *Bibali* situados na bacia do Bubal, a Oeste de Verín, em conhecida zona de forte densidade castreja de que se destaca a Cidá do Castro (Sán Millán, Cualedro)[290], os *Coelerni* em posição arqueológica e epigraficamente bem documentada por uma *tessera hospitalis* na região de Celanova com centro capital em Κοιλιόβριγα[291] (Castromao)[292] e os *Quarquerni*, na região de Bande, entre o Gerês e o Larouco, sediados em *Aquae Quarquernae*, segundo os resultados das escavações em Porto Quintela[293].

---

278 Schmidt 1976, p. 330-331.

279 726 (Epig. 141). Avienus, *Ora Maritima*, 154-157 (Schulten 1922, p. 85, 88); López Cuevillas-Bouza Brey 1919. Cfr. uma análise de carácter estrutural no quadro das lendas e mitos de tipo melusínico feita por Criado Boado em 1986 in Bermejo Barrera 1986, p. 269-274, discordando de Lecoteux 1978 e 1982, p. 169-171, que reduz estas lendas a uma origem indo-europeia, em que Melusina é «a última representante de uma ampla linhagem fundada por uma deusa céltica da 3.ª função», uma deusa-mãe do tipo Epona-Rhiannon-Macha.

280 Tranoy 1981, p. 69.

281 591 (Epig. 5). Silva A.C.F. 1981-82, p. 90-92 = 1985, p. 218-221.

282 CIL II 760 = ILER 2066.

283 Cfr. Tranoy 1981, p. 69-70.

284 Idem, p. 70.

285 Fernández Guerra 1888, p. 96.

286 López Cuevillas-Pinto R.S. 1933b, p. 276-277; López Cuevillas 1953c, p. 66.

287 Alarcão 1983, p. 21.

288 636 (Epig. 51). Cfr. traçado da via XVIII (*Bracara-Aquae Flaviae-Asturica*). Barradas 1956; Tranoy 1981, p. 208. Nesse território se instalaria um *vicus* dos *Vacornicenses*.

289 Nota 196.

290 Tranoy 1981, p. 64.

291 Ptolomeu, II, 6, 41.

292 Ferro Couselo-Lorenzo Fernández 1971.

293 Rodríguez Colmenero 1977, p. 100-102 e 2001.

E, de preferência a apontar a identificação dos *Albini*[294] da inscrição do guerreiro de Santa Comba de Basto para uma localização neste mesmo sentido, que se poderia presumir pela aplicação de um critério idêntico ao utilizado por A. Tranoy para os *Turodi*[295] e por razões de ordem estilística referidas aquando do estudo da estátua[296], ora entendemos que poderiam estar localizados em torno do sítio onde apareceu, junto à serra do Alvão, em concordância etimológica.

Com este etnónimo, se confirmará a sugestão de J. Untermann de que o antropónimo correlativo *Albinus*, em que um nome plenamente romano nos aparece como membro de repertórios indígenas, substituiria um nome autóctone, devendo precisamente as formas latinas a sua popularidade a nomes de naturais de forma semelhante, com radical I-E **alb/alp-*[297], com significado de «altura» bem adequado ao seu ambiente geográfico.

Na sua sequência, no curso inferior do Tâmega, até ao Marão, poderiam estar os *Tamagani*, mais de acordo com a referência epigráfica a *Tameobrigus*, aparecida junto à foz[298].

Com o reconhecimento da quase totalidade dos povos indicados por C. Plinius para o *conventus bracaraugustanus*[299], é de esperar que as unidades que ainda falta descobrir se venham a identificar com a ocupação das restantes áreas transmontanas, ficando a aguardar novos dados da arqueologia, epigrafia e história antiga para uma composição definitiva do quadro do Norte de Portugal.

Aquém *Zoelae*, deverá merecer estudo mais atento a referência à *civitas* dos *Banienses* da inscrição de Moncorvo[300], que, sendo citados na Ponte de Alcântara[301], serão da área lusitana, a Sul do Douro, podendo situar-se na região de Penedono, de acordo com o registo da epígrafe rupestre de Rodelas, Penela da Beira, onde se lê textualmente *Turos Baniensiu(m)* [302], indiciando deslocação da inscrição de Moncorvo do seu lugar de origem. Por outro lado, o aparecimento recente de outra inscrição votiva com referência a um *vicus*, dos *Liburni(censes?)*, onde se apontava a capital de *civitas* dos *Banienses*[303], confirmará esta suposição.

Igual atenção merecerá a referência aos *Lirienses* supostos na epígrafe de Seixo de Anciães[304], sendo ignorado o círculo de pertença social dos *Lapiteae*[305], da terra de Panóias, que poderão ter ocupado a área meridional de Trás-os-Montes e Alto Douro ocidental[306].

De qualquer modo, com estas observações se entende em grande parte esclarecido o ordenamento étnico do espaço correspondente à área meridional castreja do Noroeste peninsular, que foi resultando da sedimentação de contributos diversificados trazidos por migrações e outros fenómenos de difusão em que se adivinha uma forte componente céltica de ordem cultural sobretudo denunciada por via linguística e se circunscrevem elementos de uma colonização túrdula, de procedência meridional, sobre um substrato indígena a que já não faltavam influências de origem indo-europeia, que se manifestam em aspectos típicos da sua organização.

No âmbito desta unidade social, e atendendo às implicações decorrentes da hierarquização da sociedade castreja, que os textos apoiam, enquadra-se com justeza o funcionamento de um órgão com

---

294 573 (Icon. 10). Silva A.C.F. 1981-82, p. 86-87 = 1985, p. 206-211. Apesar da proposta de outras leituras (Almeida 1981, p. 115: *ABIANIS*; Calo Lourido 1983, p. 178: *Abianis* e 2003, p. 23), parece-nos, pelo contexto onomástico regional, mais óbvia a leitura de *Albinis*, que fizemos desde o nosso primeiro trabalho, considerando, porém, que a presença de um nexo na primeira letra poderá sugerir o nome de *Labinis* como alternativa.

295 Tranoy 1977, p. 232-233 e 1981, p. 62-63; Silva A.C.F. 1986b, p. 285, notas 285-287.

296 Nota 294.

297 Cfr. nota 818 do Cap. II, a propósito de *Alboco*.

298 728 (Epig. 143).

299 C. Plinius, III, 28; Tranoy 1981, p. 74.

300 597a (Epig. 11a).

301 CIL II 760 = ILER 2066.

302 597b (Epig. 11b).

303 622 (Epig. 36). Alarcão 1990, p. 30.

304 707 (Epig. 122).

305 703 (Epig. 118).

306 Parente 2003.

funções políticas que podemos supor ter sido um conselho de anciãos, que seria representado por um magistrado próprio, como o delegado dos *Coelerni* na *tessera hospitalis* de Castromao (Celanova)[307] e dos *Zoelae* na de Astorga[308] e presumivelmente também *Lugarius* da *tessera* 2 dos *Turduli Veteres*[309] e cuja extensão de poderes se desconhece.

No vértice da pirâmide, vazio de conteúdo político e cada vez mais diluído socialmente, lembrando vagamente a coesão dos laços de linhagem, estaria o étnico maior, que na área castreja portuguesa se identifica a Oeste com os Calaicos, segundo onomástica apropriada de um étnico menor originariamente radicado na margem direita do Douro, ao litoral[310], e com os Astures no Nordeste transmontano.

A explicitação da religiosidade destes grupos esclarecerá mais profundamente os elementos de coesão social entre si estabelecidos.

3. A RELIGIÃO

A deficiência das informações sobre a religião castreja antes da conquista romana é-nos compensada por uma numerosa documentação epigráfica posterior que permite corrigir, completar e sobretudo interpretar convenientemente os dados das fontes literárias, o primeiro dos quais será a afirmação de Estrabão, III, 4,16 sobre o ateísmo dos povos do Norte da Península, que poderá ser interpretada, em termos de tabu, entre outras versões[311].

Com efeito, os dados recolhidos manifestam um vasto panteão com relações muito estreitas às unidades étnicas e de organização social, aos seus diversos níveis, de que se destacam alguns aspectos relacionados com a guerra e alguns outros sobre o seu carácter astral e naturalista, com divinização do Sol e da Lua, das águas, fontes, rios, montes, rochedos e outros seres e forças da natureza.

Dados arqueológicos recentes permitem-nos também avançar positivamente com novos dados sobre as práticas funerárias, até agora um dos aspectos mais desconhecidos da religião castreja.

O maior número das mais de trezentas expressões teonímicas indígenas conhecidas na zona indo-europeia da Península diz respeito ao Noroeste peninsular, incluindo a área da cultura castreja propriamente dita[312].

A maioria dos teónimos aparece referida apenas uma vez, com isso se observando bem o carácter local dos cultos; alguns outros, revestindo carácter excepcional, repetem-se com mais frequência, estendendo-se a uma área geográfica mais vasta, o mais das vezes conexos com epítetos referentes a lugares e povos diversos, em correspondência ao teor geral da organização gentilícia da sociedade castreja.

A aparente indefinição de famílias hierarquizadas, do tipo das dos panteões de Roma e Grécia antigas, da Gália e da Germânia, entre outras, dominadas por uma tríade funcional relacionada com a soberania, a força e a fecundidade, superestruturando as classes sociais dos reis e sacerdotes, dos guerreiros e produtores,

---

307 Nota 292.

308 CIL II 2633.

309 633 (Epig. 47).

310 Supra, p. 387.

311 Blázquez 1962, p. 28, citando idêntica prática entre os germanos (Tacitus, *Germania*, IX). Cfr. outras interpretações, vg., ateísmo 0 religião «bárbara», in Bermejo 1982, p. 13-20 (cap. I). Idem sobre o significado de ausência de representações iconográficas das divindades, com referências a paralelos irlandeses relativamente aos deuses *Teutates* (Vendryes 1948, p. 264), gauleses em relação a divindades da floresta (Lucanus, *Farsalia*, III, 417) e peninsulares ao nome da lua (Estrabão, III, 3, 16). As nossas observações, com possíveis identificações de imagens divinas divergem desta interpretação.

312 Cfr., *in genere*, Vasconcellos 1897/ 1905 / 1913; Blázquez 1962 e outros trabalhos do mesmo autor, em especial, 1975a, 1981b e 1983b; Encarnação 1975; Ramírez 1981; Untermann 1985; Garcia 1991; Olivares 2002; MNA 2002.
In specie, sobre o Noroeste peninsular: Blázquez 1970b, Tranoy 1981, sobretudo Liv. III, chap. I, part. 1: Les croyances religieuses- les cultes indigènes (p. 264-307); Bermejo 1986; García Albalát 1990, Olivares 2002, p. 67-109

segundo os resultados da investigação de G. Dumézil sobre a ideologia indo-europeia[313], não exclui liminarmente a possibilidade de um grupo de divindades superiores protectoras das actividades principais da sociedade castreja.

Na existência verosímil de uma tríade deste género, caberiam bem em primeiro lugar muitas das dedicatórias consagradas a Júpiter, que poderia em muitos casos identificar-se, como vem sendo afirmado desde J. Leite de Vasconcellos[314], não propriamente ao pai dos deuses da religião romana mas ao carácter absoluto de determinadas divindades indígenas.

Segundo os dados epigráfico-religiosos da nossa região, ainda se pode considerar como a forma mais genuína desta assimilação indígena ao grande deus dos povos indo-europeus a que consta das invocações a *Larauco D(eo) Maximo*, de Vilar de Perdizes (Montalegre)[315] e a *D(eo) Reve Larauc(o)*, de Baltar, da mesma área[316], e também documentada na zona, geograficamente próxima, de Chaves, em Santo António de Monforte, como *Larocuo*[317], em notória coincidência com o topónimo ainda hoje presente na serra que domina a região, a tornar-se, neste caso, na melhor exemplificação de uma divindade dos fenómenos celestes de carácter soberano e que teria a sua morada nas alturas e manejaria o raio e o trovão, como é atributo dos deuses indo-europeus da primeira função[318].

Dificilmente se poderia referenciar lugar mais privilegiado para centro do seu culto que o pequeno santuário rupestre, tipo Panóias, identificado em Penascrita, Vilar de Perdizes[319], na planície, entre lameiros e terras de cultivo, na mais declarada dependência de uma majestosa soberania, donde poderá ter sido deslocada para a Igreja de S. Miguel de Vilar de Perdizes o baixo-relevo com uma representação de uma divindade com atributos que o poderão identificar com um deus soberano.

A esta envolvência, entendemos remeter também, ainda que a título de hipótese, a inscrição do penedo de Rameseiros, da mesma freguesia[320], onde, seja qual for a interpretação definitiva que lhe venha a ser atribuída[321], se poderá sugerir, de uma leitura atenta, baseada em cuidadoso tratamento bicromático, uma expressão votiva a *D(eo?)/R(eve?) Ancero L(arauco?)*, segundo leitura possível das duas últimas linhas da inscrição, com esta fórmula apelando de novo a Júpiter para uma protecção dos campos cultivados, conforme parece estar subjacente no epíteto derivado da raiz céltica **anc-*, com esse significado[322].

A presença de um antropónimo da mesma família nesta epígrafe e na dedicada ao *D(eo) Reve Larauco* de Baltar[323] parece vir em reforço desta sugestão.

E, aceitando a proposta da tríade funcional, que vimos apresentando como hipótese, não será a invocação de um deus soberano para uma protecção no âmbito da terceira função que constituirá qualquer

---

313 Eliade 1974; Gernet 1968; Dumézil 1934, 1939, 1940, 1941, 1944, 1945, 1948, 1959, 1966, 1968 e 1969; Duval P.M. 1957; Vries 1963; Devoto 1963; Varenne 1981.

314 Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 127-128.

315 705 (Epig. 120). Quadro 6-II:3.

316 Quadro 6:11, Est. XIII, 89.

317 706 (Epig. 121). Quadro 6-II:4.

318 Considerar, a este propósito, a opinião de M.A. Penas Truque sobre a eventualidade de se tratar de atributos de um deus da segunda função (Penas 1986).

319 Fontes A.L. 1980, p. 9-11, Fig. 3-4; Rodríguez Colmenero-Fontes 1980, Est. I, 1-2, II, 1-2; Tranoy 1981, p. 281, Pl. VII, 1; Rodríguez Colmenero 1995, p. 190-193.

320 CIL II 2476. Argote, 3, 1734, p. 1325; Fontes A.L. 1980, p. 11; Rodríguez Colmenero 1981 e 1985; Pereira Menaut-Almeida 1981.

321 Em nosso entender, trata-se de um texto jurídico de carácter objurgatório referente a um caso de arrendamento de terras (*conductio*), que eram provavelmente de anterior propriedade de um santuário a Larouco, por parte da autoridade romana a um indígena (*C(aius) Allius Reburri (filius)*), para que sugerimos a inscrição do bronze de Botorrita (Zaragoza), como paralelo, em língua celtibérica, para algumas afinidades do contrato (Adrados 1976) e se aponta CIL II 462 como paralelo das imprecações, conforme já foi observado desde Fontes A.L. 1980. Colocamo-nos, por isso, próximos da interpretação de Pereira Menaut-Almeida 1981, que o próprio Contador de Argote já indicou, sendo de recusar a versão de A. Rodríguez Colmenero que inicialmente interpretara como um contrato entre dois grupos gentílicos, cuja existência não aparece abonada pela leitura da inscrição.

322 Assunto versado no III CLCPPI, a propósito de *Ancom*, da epígrafe de Lamas de Moledo, Mões, Castro Daire (Cfr. Schmidt 1985, p. 320-321). O orónimo regional *Leiranco* poderá vir em apoio desta suposição.

323 Cfr. inscrição do Quadro 6:11, em que o dedicante se chama *V (...?) Alliu(s) Aper.*

equívoco, uma vez que, conforme observou G. Dumézil[324], as divindades não se definem pelo campo em que actuam mas pelo modo da sua actuação.

Para hierofania similar à que é representada pelo deus *Larouco* convergem outros epítetos conhecidos na Galiza e Astúrias conexos com Júpiter, como *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) Candiedo*[325] e *Candamio*[326], com etimologias radicadas em **cand-*, «brilho» ou «resplendor», cuja noção pode ter por referência uma montanha[327], concordando, de resto, com os topónimos «Candañedos» das serranias do Norte da província de León, em território astur, a que se reportam ambos os títulos desta divindade[328] e «Candedo», na região de Chaves, onde se encontra o santuário do castelo do Mau Vizinho.

Sentido análogo poderá ser transmitido também pela invocação galega dedicada a *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) Andero*[329], que, atendendo à função do seu dedicante como *procurator metallorum*, aponta, segundo A. Tranoy, para um deus protector de uma montanha donde se extraísse ouro[330], precisamente a ideia que consideramos contida no teónimo *Alboco* que descobrimos na região aurífera de Valongo[331] e que estará também presente, eventualmente pelas mesmas motivações, na ara, desaparecida, de Vilar de Maçada (Alijó) que era dedicada a *Albocelo*[332].

E nada nos custa a crer que o carácter universal de *Juppiter*, tal como o explicara J. Leite de Vasconcellos[333], possa ter compreendido tais assimilações e eventualmente outras ainda, na aparência mais distantes, como a invocação ao *Lari patrio* de uma epígrafe de Penafiel[334] com qualificação reconhecidamente indo-europeia sob formulário romano[335] referente não ao pai físico mas ao pai no parentesco classificatório, em última análise, ao **pater* invocado como *Dyauspita* e Jupiter, no dizer de É. Benveniste[336].

Um segundo elemento poderá remeter-se para uma divindade guerreira assimilada por Estrabão ao *Ares* grego[337] solidamente confirmada pela epigrafia latina do Noroeste peninsular em numerosas associações com o *Mars* romano, a possibilitar inequívocas identificações.

A conformação dos seus atributos específicos, com a exaltação da ferocidade ou da ὕβρις em ambiente bélico que transparece das fontes, por confronto com uma série de divindades similares dos panteões indo-europeus, designadamente o grego, o romano e o céltico, em que unanimemente se destaca o seu significado social permitindo relacioná-lo com a representação mítica da classe dos guerreiros, é mesmo a evidência religiosa castreja mais conforme ao modelo comum dessas culturas bem assinalada nas investigações mais recentes[338].

Mas esta caracterização genérica não pode iludir a complexidade do quadro das divindades guerreiras que com clareza resulta das identificações propiciadas pelas referências epigráficas.

---

324 Dumézil 1966, p. 179, 186 e 188.
325 CIL II 2599 = ILER 667; Blázquez 1962, p. 87 e 1975a, p. 52; Albertos 1974, p. 149-150; Tranoy 1981, p. 305; Penas 1986, p. 126; Olivares 2002, p. 73, 95.
326 CIL II 2695 = ILER 666; ERA, p. 313: Blázquez 1962, p. 87 e 1975a, p 51-52; Albertos 1974, p. 152ss; Tranoy 1981, p. 306; Penas 1986, p. 125; Olivares 2002, p. 43, 73, 106, 109, 120
327 Tranoy 1981, p. 305; Penas 1986, p. 126.
328 Albertos 1974, p. 151-152; Tranoy 1981, p. 305; Penas 1986, p. 126; Olivares 2002, p. 169, 172.
329 CIL II 2598 = ILER 664; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 218; Blázquez 1962, p. 97 e 1975a, p. 28; Tranoy 1981, p. 305; Penas 1986, p. 125.
330 Tranoy 1981, p. 186 e 305, afastando a interpretação de Blázquez 1975a, p. 28 como divindade protectora dos rebanhos.
331 649 (Epig. 64).
332 648 (Epig. 63).
333 Nota 314.
334 AE, 1973, 319; Le Roux-Tranoy 1974, p. 251, 256-257; Tranoy 1981, p. 322.
335 Tranoy 1981, p. 322.
336 Benveniste 1975, 1, p. 217, 270-274.
337 Estrabão, 111, 3, 7: grego.
338 Sobretudo Bermejo 1978, p. 39-62 (La función guerrera en la mitología de la Gallaecia antigua. Contribución a la sociología de la cultura castreña) (com texto grego transliterado) = 1981 (com texto grego), que é seguido, vg., por Blázquez 1981b, p. 193-197; do mesmo autor, La guerra de los bárbaros y Marte Cosus in Bermejo 1986, p. 87-116; García Albalát 1990; Olivares 2002.

O conjunto mais representativo desta série é sem dúvida constituído pelas divindades designadas pelo radical *Cos- / Cus-* (Quadro 4, Est. XIII), que primeiramente foram identificadas a partir de uma inscrição votiva dedicada a *Cososo Deo Marti* falsamente atribuída a Braga.

Todavia, mesmo sendo de suprimir esta referência do CIL II 2418, habitualmente adoptada entre os historiadores das religiões antigas peninsulares[339], por, na realidade, tal menção ser procedente de Levroux, entre os *Bituriges*, na Gália (CIL XIII 1353), conforme a observação de A. Tranoy[340], continua válida essa identificação, para mais, sistematicamente corroborada por outras epígrafes que a associam igualmente a *Mars*.

Consideramos formas mais puras deste conjunto, entre as conhecidas no interior de um processo de aculturação progressiva, as designações com esse radical sem associação ao termo *Mars* romano que aparecem acrescidas de um complemento em genitivo do plural como indicativo étnico ou então com um epíteto de significado presumivelmente do mesmo teor ou porventura de carácter toponímico ou qualificativo.

Com significado étnico entendemos a inscrição das imediações da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) a *Cosunea*[341], sendo diversas as formas complementadas com sufixação de significado similar, de que se registam entre nós a da ara votiva ao *deo domeno Cusu Nemeoeco* de Burgães (Santo Tirso)[342], onde estão presentes as duas variantes do mesmo radical *Cosu / Cusu* em áreas geográficas bem próximas, e ainda, mostrando características próprias com dativo céltico, as inscrições da região de Viseu dedicada a *Cosei Va[c]oaico*[343] e a de Aguada de Cima (Águeda) dedicada a *Cusei Paetea[e]co*[344], na franja meridional da cultura castreja.

Sobressai neste conjunto um segundo núcleo na região da Coruña com radicais em *Coso-* registado em aras votivas respectivamente consagradas a *Coso* em Zas[345], *Coso domino* em Negreira[346], *Coso Udaviniago* em Sán Martín de Meirás[347], a *Coso Calaeunio* em Santa María de Serantes, Lage[348], a *Coso Oenaego*[349], a que se deve acrescentar, mas observando a particularidade de um dativo em -e, a dedicação ao *[d]eo Cosoe Soaegoe* de San Juan de Sacos, Pontevedra[350] e a variante *Cusue Mepluceeco* de Coixil, Orense[351]

Parece natural associar-se a este grupo as inscrições em que se subentende o teónimo mantendo-se a referência do epíteto, como acontece na ara de S. Bartolomeu de Vale de Ervosa, Santo Tirso, dedicada ao *dom(ino) deo Neneoeco*[352], em clara consonância com a inscrição de Burgães, da mesma região, apesar das divergências (m/n) observadas no radical, certamente devido a erro do lapicida.

Duas aras de Noceda del Bierzo (León) consagradas a *Cossue Nedoledio*[353] e a *deo domino Cossue Segidiaeco*[354], com radical *Cossu-* e dativo também em -e, a que se poderão remeter mais quatro invocações regionais de Bembibre[355], constituiem a sua representação mais oriental na área do Noroeste, podendo ainda

339 Cfr., vg., Blázquez 1962, p. 119, com outras referências bibliográficas.
340 Tranoy 1980b, p. 75, nota 40 e 1981, p. 292, nota 38, onde cita a própria correcção de CIL II 2418 no mesmo volume do *Corpus*, p. 706.
341 680 (Epig. 95). Quadro 4:12, Est. XIII:57.
342 682 (Epig. 97). Quadro 4:21, Est. XIII: 58. Adoptamos, pela observação do monumento, a forma *Nemeoeco*, que diverge, julgamos apenas por erro de escrita, do título *Nen(=m?)eoeco* da divindade vizinha do Vale de Ervosa (Quadro 4-II:1).
343 685 (Epig. 100). Quadro 4:2, Est. XIII:60.
344 684 (Epig. 99). Quadro 4:19, Est. XII:62. Enquadrar-se-á também neste grupo a dedicação a *Cosigo* de Fornos de Algodres (Quadro 4:4, Est. XIII:61), em forma adjectivada, que nos forneceu mais uma referência da vasta expansão do culto a esta divindade ora verificada nesta área meridional.
345 Quadro 4:5, Est. XIII:43.
346 Quadro 4:6, Est. XIII:45.
347 Quadro 4:9, Est. XIII: 41.
348 Quadro 4:7, Est. XIII:42.
349 Quadro 4:8, Est. XIII:44.
350 Quadro 4:10, Est. XIII:46.
351 Quadro 4:22, Est. XIII:47.
352 Quadro 4-II:1.
353 Quadro 4:17, Est. XIII: 54.
354 Quadro 4:16, Est. XIII:55.
355 Quadro 4: 14,15, 18, 20, Est. XIII, 49, 50, 51, 52. A duplicação consonântica poderá significar alongamento vocálico, que parece também visível noutra inscrição de Nocedo del Bierzo em que o alongamento da vogal será feito por um *-n* (Quadro 4:1, Est. XIII: 53).

citar-se um último núcleo, mais setentrional, com radical em *Cosi-*, nas dedicações a *Cosiovi Ascanno* procedente de Las Rozas (Villablina, León)[356].

Estes grupos, que foram constituídos a partir de variantes de base linguística que se distribuem por áreas geográficas circunscritas, fazem supor no interior de uma designação genérica desta divindade guerreira que cobre, com carácter abertamente supra-regional, a área do Noroeste peninsular, aspectos resultantes de substratos étnicos individualizados, ficando os epítetos complementares para ilustrar, quanto possível, essas componentes e, em casos particulares, outros atributos.

Neste sentido, se poderá eventualmente retomar a partir do epíteto *Neme+oeco*, de Burgães, Santo Tirso, a problemática da localização dos *Nemetati*, que poderiam situar-se nessa região do Vale do Ave em concordância com a indicação de Ptolomeu, II, 6, 40, que os situa a Norte do Douro e a Sul de *Bracara Augusta*, sem que seja necessário forçar a forma nexada de Sanfins[357] onde, desde E. Hübner[358], F. Martins Sarmento[359] e até A. Tovar[360] e J. Untermann[361], se pretende ler *Nimid*, transliterando a celebrada forma céltica de **Nemeto* com significado de «bosque sagrado»[362], que estaria presente no étnico em questão.

Com efeito, a observação atenta da epígrafe aconselhou-nos a leitura desse vocábulo como *Numidi* que supomos identificar-se com *numini* (*Numini Fiduenearum*) contando-se para isso, com um paralelo de Panóias (*Numinibus... Lapitearum*)[363] e outro, bem próximo, do texto de Vale de Ervosa, dedicado ao *dom(ino) deo Nen(=m)eoeco... Numin(i)*, que se considera geralmente epíteto de *Cosus*, subentendido, como dissemos. A propósito desta variante *Nene+oeco*, se se quiser procurar um sentido toponímico por relação com qualquer elemento desse género, será com certeza na terra de Ninães que ele se deverá encontrar, atendendo à proximidade da referência epigráfica relativamente a essa conhecida circunscrição medieval hoje incluída no concelho de V. N. Famalicão[364].Os restantes epítetos poderão manifestar relação com elementos da organização social, como o genitivo do plural de Sanfins, individualizando hipoteticamente povos, linhagens e/ou lugares das unidades étnicas, como os *Nemetati* referenciáveis entre os *Bracari* (radical *Cosu- / Cusu-*), outros com o mesmo radical dos *Celtici* da Coruña e outros entre os Astures setentrionais (radical *Cosi-*) e orientais (radical *Cossu-*), sendo de presumir que alguns destes apelativos designem um atributo particular como o que transparece da dedicação do *deo domino Cossue+segidi+aecus*, forma adjectivada com complemento derivado da raiz I-E **segh-* presente, vg., no termo *seghos*, «vitória», nas línguas celta e germânica, permitindo estabelecer uma relação com os epítetos de *Mars Segomus* e a deusa *Segomana*, divindades gaulesas propiciadoras da vitória, a reflectir, para lá da originalidade, formas de parentesco entre os panteões castrejo e céltico, como bem observou, *in specie*, J. C. Bermejo Barrera[365].

O segundo conjunto mais expressivo da função guerreira também evidenciada pela associação com *Mars* pode identificar-se com as formas derivadas da raiz **car-*, com significado de «guerra», com desenvolvimentos análogos aos que observamos relativamente a *Cosus*.

Devendo identificar-se com a forma mais pura desta série a que aparece na dedicação a *Caro* de Santa Vaia de Rio de Moinhos, Arcos de Valdevez[366], que, em nossa opinião, poderá encontrar-se também em

---

356 Quadro 4:3, Est. XIII:48.
357 Silva A.C.F. 1980b, p. 80-81 = 1982, p. 383-385.
358 CIL II 5607: *Nimidi* ou *Nimid*.
359 Sarmento 1895b = 1933a, p. 423-427: *Nimid* ou *Niminid*.
360 Tovar 1960, p. 114 (nota 150) - 115: *Nimid* considerada forma sonorizada do gaulês *nemeto* – grego.
361 Untermann 1985, p. 366: *Nimidi*.
362 Simone 1985; Delamarre 2003, p. 233-234.
363 703 (Epig. 118). Leitura confirmada por tratamento bicromático que exclui liminarmente a solução de carácter ritual (*sacrare aram*) proposta por Gil 1985, p. 367-369 que pretendia ler: *diis deabusque aeternum lacum omnibusque numinibus ex lapide aram* (p. 368), substituindo a menção às divindades indígenas. Sem razão.
364 Sobre a relação com Nine (Braga), vg., Blázquez 1962, p. 122; Alarcão 1983, p. 181; Tranoy 1981, p. 274 e ainda Olivares 2002, p. 154.
365 Bermejo 1978, p. 55 = 1981, p. 271; Delamarre 2003, p. 269-270.
366 674 (Epig. 89).

provável associação com Mars na conhecida inscrição de Lisouros, Paredes de Coura, onde se poderá ler *Mart[i] Caria(eco)*[367], parecem indubitáveis com esse significado as formas sufixadas asssociadas a *Mars* com dedicações a *Marti Cari[e]co*[368] e *Marti Cariocieco*[369], respectivamente de Refojos de Lima, Ponte de Lima e de Tuy, com morfologia de notório parentesco, cuja distribuição geográfica parece circunscrever-se a uma área demarcada do Alto Minho de aparente delimitação no quadro de uma unidade étnica, eventualmente os *Leuni*, como dissemos[370], apontando, por isso, para mais uma relação a um grupo humano que para um significado toponímico, como o que se lhe vem atribuindo a partir da interpretação da forma de sufixação[371].

Se se reconhecer esta série teonímica derivada da etimologia I-E **kar-*, que em céltico traduzirá um conceito guerreiro, e cuja presença também se regista na Gália em associação análoga[372], ao mesmo contexto se poderá remeter a invocação a *Corono* do Casal do Castro (Serzedelo, Guimarães)[373], igualmente representado na variante **cor-*, do mesmo radical, eventualmente derivado de **cos-* por rotacismo, numa inscrição votiva da Citânia de Briteiros e com expressão significativa na onomástica regional em vocábulos de carácter militar.

Podendo a utilização deste sufixo corresponder ao processo morfológico comum ao latim e ao germânico de sufixar em **-nos* as denominações dos chefes das entidades políticas ou militares[374], este teónimo *Coro+nus* encarnaria mesmo o conteúdo de «senhor dos exércitos» ou «senhor da guerra», que a etimologia lhe confere.

Em contraste com a abundância singular das dedicações a Jupiter, são raras as inscrições do Noroeste peninsular que se possam considerar inequivocamente como dedicadas ao *Mars* romano, sendo comumente reconhecidas como ofertas a divindades indígenas relacionadas com a função guerreira as invocações em que o teónimo latino é precedido do apelativo deus, segundo norma que era estranha aos romanos ou indígenas bem romanizados[375], como é o caso concreto de uma ara votiva, desaparecida, de Gondar (Caminha) consagrada ao *deo Marti*[376] e outra, de Outeiro Seco (Chaves), a *deo Marti Victori*[377].

Estaremos com certeza a invocar uma situação análoga se se considerar como teónimo indígena o vocábulo *Saur* (...) da inscrição da pátera de prata aparecida nas imediações do Castro de Alvarelhos (Santo Tirso) assimilado à iconografia do *Mars* romano aí representado como figura central[378].

Documentar-se-á, então, um último estádio do processo de assimilação, ficando por descortinar o «campo semântico» em que nesse momento nos movimentamos.

Além destas invocações reconhecidamente relacionadas com a função guerreira por relação particular a associações dos panteões grego, romano e céltico, registam-se mais algumas inscrições galegas dedicadas a *Mars* com vários qualificativos que reflectem outras propriedades funcionais adquiridas pela romanização, de que se destacam um *Mars Gradivus*, de Orense[379], considerado como protector das colheitas, à maneira

---

367 672 (Epig. 87). Esta hipótese de leitura quadra bem com o contexto geográfico dos paralelos, afastando-nos da etimologia de *Macari-* essencialmente helenizante, com significado de «felicidade».

368 673 (Epig. 88).

369 CIL II 5612 = ILER 684; IRG III 16; Blázquez 1962, p. 115 e 1975a, p. 53; Tranoy 1981, p. 304 (*Mars Capriociegus*). Observando o monumento, entendemos não se pode concluir pela reabilitação da antiga leitura (López Cuevillas 1953c, p. 395; ILER 684) adoptada por A. Tranoy.

370 Supra, p. 390.

371 Sobre esta forma de sufixação, cfr. Coelho A. 1886, expressamente.

372 *Mars Carrus Cicinus* em Châne, Motte du Caire, Baixos Alpes (CIL XII 536; Benoit 1959, p. 61, 65).

373 678 (Epig. 93).

374 Cfr., vg., Benveniste 1975, 1, p. 302; Delamarre 2003, p. 125-126.

375 Alarcão 1983, p. 179-180.

376 CIL II 2463 = ILER 228; Tranoy 1981, p. 314.

377 CIL II 2473 = ILER 227.

378 CIL II 2373 = ILER 5904; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 310-312, Fig. 66; Blázquez 1962, p. 124-125 e 1975a, p. 166; Almeida 1969, p. 27-29; Encarnação 1975, p. 270-274, Fig. 65; Tranoy 1981, p. 314; MNA 2000, p. 428-429.

379 ILER 253; Blázquez 1962, p. 121-122; Tranoy 1981, p. 314.

clássica[380], ou de carácter tópico visível na identidade entre o Monte Teleno e um *Mars Tilenus* na mesma região orensana[381].

Mas o que mais se foi esclarecendo com esta análise foi uma vinculação entre estas entidades divinas e os grupos étnicos que também cremos presente numa inscrição de Braga dedicada a *Marti Tarbuceli*[382], onde dificilmente se não encontrará uma referência tutelar do ↄ = *Castellum Tarbu(celum)* [...][383] da região de Chaves.

Em suma, e concluindo com J. C. Bermejo Barrera[384] seguido por J. M. Blázquez Martínez[385]: «pode afirmar-se que no panteão dos povos da cultura castreja existiu muito possivelmente uma única divindade da guerra, ou então um número muito reduzido delas, como ocorreu na Gália, e não uma massa de deuses bélicos tópicos e interdependentes entre si.

O próprio facto de ter existido uma grande fragmentação social e numerosas hostilidades entre os grupos não é incompatível com a existência de um pensamento mítico e de algumas divindades comuns a todos eles, já que as mesmas condições se verificaram no caso grego e isso não impediu a criação de um panteão helénico comum, adaptado em cada caso a uma realidade local concreta».

A este mesmo contexto devemos remeter o significado mais profundo da estatuária de guerreiros, que constitui um dos documentos arqueológicos mais significativos desta área meridional castreja.

Apresentando no seu conjunto (Gráfico 12; Est. X, CXX-CXXV) um cânon iconográfico que ilustra na generalidade a passagem de Estrabão III, 3, 6 sobre o guerreiro castrejo, aparecem-nos hieráticos, em posição de parada, assentes sobre uma peanha (Cendufe, Basto 2, Sanfins, Mozinho 1 e 2) descalços (Cendufe, Mozinho 1) ou calçando polainas ou grevas (κνημῖδας) (Basto 1 e 2, Sanfins, Mozinho 2, Briteiros 1) e ostentando um conjunto de armas, já objecto de análise a propósito da metalurgia, de que se destacam, em posição central, um pequeno escudo redondo e côncavo (ἀσπίδιον / *caetra*), em concordância com as fontes e a maior parte das representações (Santo Ovídio de Fafe, Cendufe, Basto 1 e 2, Campos 1 e 2 ou Lezenho 3 e 4, S. Julião, S. Jorge de Vizela, Sanfins e Armea 1 e 2) seguro por correias na mão esquerda (Lezenho 1 e 2, S. Julião, Meixedo, Basto 1 e 2 e Santo Ovídio) e, do lado direito, um punhal embainhado (Lezenho 1 e 2, Campos 1 e 2 ou Lezenho 3 e 4, S. Julião,Cendufe, Meixedo, Basto e Santo Ovídio) e, como insígnias, o *torques/viria* no pescoço (Lezenho 1 e 2, Sanfins, Vilarelhos, San Mamede Ocastro e Rubiás 1) e braceletes, de composição diferenciada (Lezenho 1 e 2, Campos 1 e 2 ou Lezenho 3 e 4, S. Julião, Basto 1 e 2, Santo Ovídio, Sanfins e Armea 1 e 2) e ainda uma pulseira na estátua de S. Paio de Meixedo.

O guerreiro da Santa Comba de Basto (Est. CXXIII, 2) e de Armea[386] mostram mais uma espada ao alto e ao longo do tronco e o de Capeludos (Est. CXX, 2) e o de Sanfins (Est. CXXIV, 3), Braga (Est. CXXV, 5), Calendário (Est. CXXV, 4) e Alfândega da Fé (Est. CXXV, 2), como os galegos de Rio, Orense[387], e Ralle, Lugo[388], capacetes diversos.

O vestuário, que seria de linho, ora aparece liso ora apresenta motivos geométricos de padrões decorativos típicos de SS encadeados (Lezenho 2, Campos 1 e 2 ou Lezenho 3 e 4, Meixedo e S. Julião), ziguezagues (Campos 1 ou Lezenho 3) e quadriláteros (Lezenho 2, Cendufe, S. Julião, Mozinho 1, Campos 2 ou Lezenho 4), que sugerem ornamentações de tecido do saio[389].

---

380 Sanctis 1953, p. 150; Blázquez, idem; Bermejo 1978, p. 55 = 1981, p. 271.

381 ILER 687; Gómez Moreno 1925, p. 65; Blázquez 1962, p. 126 e 1975a, p. 173; Bouza-Brey 1970; Bermejo, idem; Tranoy 1981, p. 299, 306; Penas 1986, p. 127, 139.

382 729 (Epig. 144).

383 Quadro 2:16, Est. XII:13.

384 Bermejo 1978, p. 56 = 1981, p. 272.

385 Blázquez 1981b, p. 194.

386 Ferro Couselo 1974. Museo Arqueológico y de Bellas Artes de Orense. Calo Lourido 2003a, p. 66-67, n.º 2, Est. 2.

387 Calo Lourido 2003a, p. 16, n.º 19, Est. 25.

388 Calo Lourido 2003a, p. 15, n.º 18, Est. 24.

389 Já registados por Pereira F.A. 1908, p. 208-210, a propósito de Cendufe. Cfr. estudo sobre padrões similares da sepultura céltica de Hochdorf (Hundt H.J. 1985, p. 106-115).

A maior parte apareceu decapitada, umas vezes acidentalmente e outras porventura por razões iconoclastas, devendo algumas cabeças que têm sido referenciadas como achados soltos (Villamarín e Leiro (Orense), Vilarelhos e Roriz)[390] reportar-se a este género de estatuária, a que pertenciam sem dúvida dois fragmentos, um de escudo decorado e outro de pés calçados noticiados por F. Martins Sarmento nos relatórios das escavações de Briteiros[391].

Observações de carácter estilístico que visualizam diferenças num conjunto com claro «ar de família», bem visível na unidade de estrutura e na utilização de elementos, e a inscrição do guerreiro de Santa Comba de Basto (Est. CXXIII, 2), levam-nos a supor estarmos na presença de monumentos realizados por grupos de artistas ambulantes que, do mesmo modo que noutras civilizações antigas ou na Idade Média ou noutros períodos históricos, percorriam a região a construir obras de arte, o que muito bem poderá explicar as diferenças principais adentro de um parentesco comum[392].

Efectivamente, a consideração do seu teor geral, o sentido das proporções, o desenho de certas particularidades anatómicas, mais evidentes nos traços de alguns deles, a figuração das armas e de elementos de vestuário, face à dificuldade de tratamento da matéria-prima em que foram lavradas, evidencia o carácter relativamente evoluído destes monumentos, mais os fazendo obras de artistas[393], em confronto com o carácter rude, grosseiro e fruste que muitas outras espécies escultóricas castrejas manifestam.

Para o mesmo sentido concorre a existência de inscrições latinas, que em alguns casos não se podem considerar aditamentos anacrónicos, fazendo reportar este género de estatuária a um momento de difusão da escrita na região, tornando-se um índice expressivo de uma situação muito avançada no âmbito dos parâmetros cronológicos da cultura castreja, genericamente correspondente à nossa fase IIIB, conectada com a romanização.

Além desta indicação cronológica, que nos é oferecida pela epigrafia, as inscrições que estão gravadas em quatro exemplares, contando com o de Santa Comba de Basto, podem ajudar-nos a descobrir o sentido da sua interpretação funcional, que, apesar de controverso, em todo o caso aponta para um estatuto de carácter religioso.

Com efeito, os dados linguísticos dessas inscrições transmitem uma onomástica quase em absoluto indígena e circunscrita, no âmbito da celtização, ao conjunto linguístico lusitano-galaico correspondente à área II/III de Untermann[394], mostrando uma adequação do seu significado à figura representada, em terminologia que ora invoca o seu prestígio ora a vincula a conceitos e instituições típicas da cultura dos castros, segundo um sistema tradicional de nomes relacionado com as comunidades de linhagem, anteriormente observado e que, neste caso, consideramos oportuno explicitar.

O guerreiro de S. Julião de Caldelas (Est. CXXI, 4B) chama-se *Malceinus*, nome céltico de provável função patronímica[395] que quer dizer «filho da montanha»[396] e a etimologia do nome de seu pai Dovilo pode relacionar-se com a ideia de «força»[397], ambos quadrando bem com a geografia e a história dos povos castrejos.

---

390 A cabeça inventariada com o n.º 578 (Icon. 16) da Est. CXXV, 1 procedente da Citânia de Roriz (Barcelos) e estudada por Almeida C.A.B. 1981 e 1983 poderá com certeza relacionar-se com um dos fragmentos de uma estátua que ai «existia em pedaços», segundo informação de Sarmento 1970, p. 34.

391 Sarmento 1903 (RG, 20(1)), p. 10 («bota») e 1904 (RG, 21(1)), p. 9 (escudo).

392 Cfr. Silva A.C.F. 1981-82, p. 90 = 1985 (1980), p. 217-218 e Almeida 1981, p. 112.

393 Esta nossa impressão aparece reforçada ao verificarmos que no quadro profissional da epigrafia latina geral e peninsular são normalmente utilizados vocábulos com significação específica de certo modo restrita, como é o caso de

393 Esta nossa impressão aparece reforçada ao verificarmos que no quadro profissional da epigrafia latina geral e peninsular são normalmente utilizados vocábulos com significação específica de certo modo restrita, como é o caso de *architectus*= arquitecto (CIL II 2559/5639 =ILER 250 e *lapidarius* = canteiro (Viana 1955c; Martins M. - Silva A.C.F. 1984, p. 40, nota 29 e CIL II 2404) para profissões ligadas à construção de obras eventualmente concorrentes do vocábulo do texto de Santa Comba de Basto, não podendo entender-se senão como uma grande excepção a utilização do termo *artifices* com significado genérico de «artífices/artistas/artesãos», que julgamos não poder testemunhar na nossa região.

394 Untermann 1965, p. 194-195, mapa 87.

395 Aqui na forma surda (c) e com infecção (ei) face a *Malgenus*.

396 Albertos 1966, p. 145.

397 Albertos 1966, p. 108.

A inscrição da estátua do guerreiro do Castro de Rubiás (Celanova, Orense)[398] pertenceria, segundo as nossas observações[399], provavelmente a um *Ladronus*, com significado específico de «guerrilheiro», conforme parece ser a interpretação mais ajustada[400], não deixando de ser curioso verificar que o nome de seu pai *Verotus=Virotus*, com base muito provável I-E **uiros* conexo com a ideia de «torcer», «força», «virilidade», presente em inúmeros casos de que Viriato poderá ser o mais conhecido[401], de novo se aproxima do sentido das primeiras etimologias[402].

Do guerreiro de S. Paio de Meixedo (Est. CXXII, 3A-D) temos a sua identificação como *Clodamus*, um superlativo derivado da forma sonorizada do radical *Clot-*, reduzida de *Clout-*, da raiz I-E **kleu*, «famoso», «célebre», «ínclito», frequente na antroponímia indo-europeia[403].

No outro nome desta inscrição, que segundo a nossa leitura parece ser uma forma provavelmente composta, *Coroc+audi/udius*, em genitivo designando a filiação na parte frontal e em nominativo e cognome na face lateral, é óbvia a referência no primeiro elemento ao radical *coro-* ligado à forma I-E **koros*, «exército», «povo»[404], talvez melhor dizendo, «povo em armas», bem testemunhada na área castreja na onomástica pessoal[405], gentilícia[406] e religiosa[407], sendo igualmente o segundo elemento de raiz indo-europeia bem documentado nos dialectos célticos com significado de «senhor».

Ao realçarmos, neste momento, a importância das significações conjuntas deste vocábulo como «senhor do exército», na mais perfeita adequação do significante ao significado, cumpre-nos também assinalar a curiosidade da coincidência entre as formas linguísticas desta inscrição (*audius*, frontal/*udius*, lateral) e o paralelo céltico da forma *udd* (**audos*), «senhor» do dialecto galês[408], tornando-se assim desnecessária qualquer restituição ou correcção para confirmar a identidade desse termo.

E se esta análise específica parece reflectir momentos reais, concretos e diversos, não podendo, de facto, ser entendida de outro modo a individualização nominal dos guerreiros com referências familiares, do género «fulano, filho de cicrano» (S. Julião, Rubiás 2, Meixedo), a referência possível à camaradagem militar (Meixedo) ou a dedicação feita a um chefe guerreiro local por um grupo determinado de artistas (Basto 2), conforme nos é transmitido pela epigrafia, e com correspondência em dados iconográficos de alguns monumentos, designadamente os rostos perviventes (Lezenho 1 e 2, Sanfins, Capeludos, Roriz, Braga, Calendário, Vilarelhos, Guarda, Rio e Ralle) e as particularidades de cada peça mesmo no interior de cada grupo, a denunciar mais o retrato que uma concepção simbólica, esta linguagem cumpre de certo modo também uma forma significante da hierarquia da função guerreira entre os povos castrejos, sugerindo para estas representações algo de simbólico, abstractizante e geral, igualmente patente no hieratismo das estátuas.

Neste passo e por esta via, de novo nos afastamos da interpretação funerária destes monumentos que se reporta aos primeiros ensaios sobre o tema da autoria de E. Hübner[409], P. Paris[410] e J. Leite de Vasconcellos[411]

---

398 CIL II 2519 = ILER 226.

399 Martins M. - Silva A.C.F. 1984, p. 38-39.

400 Desde Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 118, nota 1.

401 Nota 37; Silva A.C.F. 2003b.

402 A manter-se vocábulo tradicional desta inscrição, *Adrono*, com um paralelo de Braga (CIL II 2430), o seu sentido será absolutamente diferente, podendo radicar num signiticado posível de carácter hidroímico ou então relacionado com a palavra «casa» e o conceito de «permanência» (Albertos 1966, p. 8).

403 Palomar 1960, p. 358; Albertos 1966, p. 84-91. Cfr. também, sobre o mesmo significado, Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 331; Delamarre 2003, p. 119.

404 Albertos 1966, p. 97; Delamarre 2003, p. 125-126.

405 Cfr., vg., CIL II 5595 (*Coroneri*, Citânia de Briteiros, Guimarães); CIL II 2376 (*Corollea*, Várzea do Douro, Marco de Canavezes); CIL II 2462/5511 (*Corocus* e *Corocaucus*, Viana del Bollo, Orense).

406 Cfr., vg., Silva A.C.F. 1982-83, p. 87-88. 92-93, Est. V = 1985 p. 212-213, 221-222, Fig. 3-4 (p. 209) e 1-4 (p. 210), sobre *Coroq...* em quatro marcos divisórios da Veiga de Chaves (608, 609, 610, 611, Epig. 22, 23, 24, 25) e CIL II 2745 (*Coronicvm*, Segóvia).

407 678 (Epig. 93)*Corono* e 720 (Epig. 135) *Nabia Coronae* .

408 Albertos 1966, p. 44. Cfr. também paralelo do dialecto bretão.

409 Hübner 1871b, p. 108.

410 Paris, 1904, 1, p. 64-73.

411 Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 43-62.

e ainda sugerida em estudos mais recentes[412], mais ou menos baseados em supostos paralelos do mundo indo-europeu designadamente célticos e clássicos, mas laborando no desconhecimento absoluto das práticas funerárias castrejas que a arqueologia nos tem vindo a documentar para o mesmo período cronológico e na mesma área geográfica e cultural[413].

Divergindo também de uma interpretação vinculada a conceitos e propósitos romanos[414], mais nos entendemos próximos de F. Alves Pereira[415] quando, no princípio do século XX, apontava para a sua interpretação como heróis divinizados. Mas às suas razões, em geral de ordem dedutiva a partir de paralelos estranhos, julgamos todavia acrescentar elementos mais positivos, como é o argumento arqueológico fundamental retirado da descoberta da implantação original de um desses monumentos, dominando a entrada principal de um importante povoado como é a Citânia de Sanfins[416], e a evidência do carácter honorífico que este tipo de inscrição manifesta, em consideração à estrutura epigráfica e suporte onde se ostentam, tudo fazendo convergir para entendermos tão original forma de expressão artística como manifestação clara e sugestiva de uma função heroicizada de tutela, que podemos supor estar conexa com o culto dos chefes, de raiz documentadamente antiga no mundo indígena peninsular, bem demonstrada por R. Étienne[417], e porventura também cumulativamente com a glorificação dos antepassados própria de sociedades organizadas com base nos laços de sangue, como era a sociedade castreja.

Algumas estátuas sedentes, por vezes tidas como femininas[418], e igualmente funerárias, como outras congéneres do mundo mediterrânico, poderão também sugerir-se como expressões de chefes sentados no trono, em actos cerimoniais ou nas reuniões de conselho comunitário, que teriam lugar em espaços amplos, como o grande edifício circular da Citânia de Briteiros, com bancos de pedra ao redor das paredes. A sua masculinidade é evidente na estátua sedente de Braga (Est. CXXVII, 1), podendo presumir-se o mesmo género para o grupo de Ginzo de Limia[419].

Enquadrar-se-á no limite deste processo o conteúdo religioso manifesto na epígrafe da base da estátua de guerreiro do Monte Mozinho (Mozinho 2) dedicado a *Deo C(oso?)*[420], identificando-o com uma divindade da segunda função, conforme a terminologia de G. Dumézil.

Segundo Estrabão, III, 3, 7, eram oferecidos a esta divindade guerreira sacrifícios de animais e de prisioneiros, associados a práticas divinatórias e de lustração com que os povos castrejos faziam enquadrar, num clima de exaltação, antes e depois das campanhas, a actividade militar num contexto fundamentalmente sacral.

A comprovação destes sacrifícios poderá encontrar apoio iconográfico no cabo de punhal de bronze pertencente à colecção do Museu de Valencia de D. Juan (Madrid), a que atribui uma procedência da Hispânia ocidental[421], em que se representa uma série de pequenas figuras antropomórficas e zoomórficas dispostas com certa simetria, aparecendo, além da cabeça de um touro colocada na extremidade, três figuras humanas completas (três homens, dois dos quais com *torques* e relacionados com elementos rituais: caldeiro e cutelo) em posição alternante com conjuntos de animais, que incluem um carneiro, um porco e um leitão, uma cabra e duas crias, e ainda vestígios de um outro homem, destruído, que puxava por uma corda um último animal (equídeo?) a caminho da imolação.

A esta alegoria, que conta com um paralelo aproximado no «ex-voto» de bronze, encontrado no castelo de Moreira (Celorico de Basto)[422] com formulação análoga, igualmente com uma cabeça de touro na

412 Vg., Tranoy 1981, p. 351.
413 Veja-se, a este respeito, García y Bellido 1966b, mais os dados que, a esse respeito, introduzimos neste estudo (infra, p. 302-303).
414 Vg., Calo Lourido 1994 e 2003b; Alarcão 1999 e 2003. Sobre o seu autoctonismo, cfr. análise estilística de Schattner 2003.
415 Pereira F.A. 1908.
416 Silva A.C.F. 1981-82, p. 90 e Almeida 1981, p. 116.
417 Étienne 1958.
418 Silva A.C.F. 1986b, p. 298.
419 Calo Lourido 1993, p. 93, 144, 145 e 1994.
420 Almeida 1974, p. 28, nota 45, Est. XXIII, 1, 4; Soeiro 1984, Fig. CXXVII; Calo Lourido 2003a, p. 15, n.º 17b, Est. 23a.
421 Blanco Freijeiro 1957b, Lám. I-III; Blázquez 1975a, p. 62-74 (Fig. p. 68, B) e 1981b, 1981b, p. 216, Fig. 20-21; Tovar 1985, p. 247.
422 Severo 1899-1903, Est. IV; Blanco Freijeiro 1956b, Lám. IV; Blázquez 1975a, Fig. p. 68, C e p. 216, Fig. 24; Tovar 1985, p. 248.

extremidade e um alinhamento de vítimas, em que se identificam um carneiro, um bode ou cabra, uma ovelha e um porco, associadas à presença de uma figura humana em posição lateral, com um machado ao ombro, convirá, segundo A. Blanco Freijeiro[423] a designação de hecatombe (ἑκατόμβας), que Estrabão refere, nesse passo, relativamente aos povos do Norte.

A representação do sacrífcio de um caprino (τράγον)[424] do carro votivo de Vilela (Paredes) (Est. XCIV, 2; Fot.) invoca com certeza também o ambiente e aspectos deste culto, sendo de presumir que o penedo com inscrição dedicado a *Cosunea* e ao *numen* dos *Fidueneae*[425] situado numa planura extramuros nas imediações da Citânia de Sanfins e onde referenciámos um machado polido de anfibolito, se possa considerar como um santuário desta divindade guerreira.

Se pusermos em diacronia a representação alegórica de Vilela, presumivelmente atribuível à nossa fase IIA, em que se representa apenas o sacrifício de uma vítima, com a estrutura das figurações do Castelo de Moreira e da Colecção Valencia de D. Juan formadas por uma multiplicidade de vítimas de tipo *suovetaurilium*, com correspondência epigráfica nas conhecidas inscrições lusitanas de Arroyo de Puerco, Cabeço de Fráguas e Lamas de Moledo[426], mas também, em mais uma amostra de comunidade cultural lusitano-galaica, na tarifa sacrificial da ara de Marecos (Penafiel)[427], mais próximas das referências das fontes clássicas e obviamente mais tardias (fase IIIB e posteriores), torna-se natural supor que o cerimonial deste sacrifício se teria complicado progressivamente como também ocorrera, vg., na Índia, para utilizar um paralelo do domínio indo-europeu[428].

Mas é verosímil que esta forma de sacrifício cruento se possa reportar ao período de formação da cultura castreja (fase I), se interpretarmos os espetos tipo Baiões (Est. XCV ,7) e as *furculae* da mesma estação (Est. XCV,1), Solveira[429] e Hío[430] como utensílios litúrgicos que seriam utilizados na imolação e confecção dessas oferendas de origem animal que, na sua formulação ritual mais pura, implicariam sempre um tratamento culinário ou pelo menos um contacto com o fogo[431].

A mesma função, provavelmente com instrumentos de imolação, parece ser recomendada pelo contexto do achado do espeto de Vilela, atendendo à associação com a alegoria do sacrifício, devendo ser também essa a utilidade do punhal figurativo da Colecção Valencia de D. Juan assim como do machado de pedra polida do santuário de Sanfins.

A natureza destes sacrifícios terá desempenhado um valor simbólico preciso, em correspondência com aspectos ecológicos, económicos e sociais da cultura castreja, em formas típicas de um teísmo pastoril, na imolação dos animais que criavam, como bodes e cavalos, segundo as referências estrabonianas[432], e outros (suínos, ovinos e taurinos), que nos são documentados pela iconografia e epigrafia, que acabámos de mencionar[433], sendo sublinhada a expressão suprema desta forma de sacrifício, por referência a uma sociedade guerreira, na efusão de sangue humano referida por Estrabão.

O que genericamente se conclui do conjunto dos dados é a relação destas práticas cultuais de carácter purificador com os ritos antigos do «grande sacrifício» de tradição indo-europeia assinalados por G. Dumézil[434] e testemunhados, v.g., entre gregos (Ἑλληνικῶς)[435] no sacrifício aludido em Homero (Od. 11,

---

423 Blanco Freijeiro 1957b, p. 513-514.
424 Estrabão, III, 3, 7.
425 680 (Epig. 95).
426 Cfr. Tovar 1985, p. 245-249 (*in specie*) Schmidt 1985, que faz uma análise linguística dessas inscrições, que contam, além deste estudo, com numerosas referências bibliográficas, sobretudo de H. Balmori, U. Schmoll, A. Tovar, M.L. Albertos Firmat e M. Faust; Curado 2002.
427 720 (Epig. 135).
428 Varenne 1981, p. 558.
429 Costa J.G. 1963; Kalb 1980, Abb. 6:29, n.º 4; Coffyn 1983, p. 183, Fig. 3:6 e 1985, p. 55, 222, Pl. XLIII, 4.
430 Vg., Coffyn 1985, p. 55, 394, n.º 269, Pl. LX, 10-11.
431 Varenne 1981, p. 558-560.
432 Estrabão, III, 3, 7.
433 Resumo in Tovar 1985, p. 244-248.
434 Varenne 1981, p. 558-560; Benveniste 1975, 1, p. 28-55; 2, p. 156ss e a generalidade da bibliografia de G Dumézil.
435 Estrabão, III, 3, 7.

131-134) com o nome de **τρίττοια, τριττύα, τρίκτευα** e conhecido em muitos dos cultos locais[436] e nos *suovetaurilia* romanos[437].

Observa-se, porém, uma maior conformidade com cultos célticos[438] em que igualmente se imolam a divindades guerreiras, além de hecatombes de animais domésticos, prisioneiros de guerra que, na sua qualidade de futuros escravos, se tornavam por isso propriedade familiar ou comunitária e, por consequência se constituíam em vítimas dignas de serem oferecidas de acordo com a essência de um verdadeiro sacrificio[439].

As dificuldades em definir a terceira função, que estaria, neste esquema, naturalmente relacionada com as forças produtoras, poderão ser atenuadas, com os dados estatísticos das referências epigráficas, se aceitarmos a sua identificação com divindades, como *Nabia* e *Reva* (Quadros 5-6), que se encontram em representação apreciável por toda a área lusitano-galaica associadas a epítetos diversos de carácter tópico ou étnico, excluindo dessa quantificação o numeroso grupo *Band-* por entendermos esta expressão como um nome comum equivalente a *deus/dea*, *lar* ou *genius*, que, de resto, o seu presumível significado etimológico parece traduzir[440].

A multiplicidade, porém, dos epítetos registados não sugere de modo algum correlação de índole hierarquizante do tipo da das tríades indo-europeias conhecidas, mas antes documenta realidades tópicas e entidades gentilícias, apenas se podendo invocar a sua superioridade pela frequência dos registos.

Mas, por outro lado, a própria multiplicidade dos nomes das divindades castrejas não exprimiria uma religiosidade de tal modo fragmentária e anárquica que não pudesse ser interpretada, posteriormente, no interior do conteúdo dos termos romanos de *deus/dea*, *genius*, *tutela*, *lar* e *nympha*, que totalizam praticamente as representações sobrenaturais da vida religiosa, e mesmo assim, numa utilização sincrética, em que estas entidades divinas se assimilam entre si, deixando transparecer uma maior simplicidade originária, a crer nas correspondências como as que observamos em expressões teonímicas exemplificativas.

Por exemplo, das invocações das epígrafes do Castelo da Feira[441] assim esquematizadas

1	2	3
Bande	Velugo	Toiraeco
I	I	I
Deo	Volenti	Tueraeo
1	3	2

parece clara a dedução de uma equivalência do vocábulo *Band-*, indígena, com o de deus, romano, para mais considerando o paralelismo entre *Toiraeco* e *Tueraeo*[442] e os termos *velugo* e *volenti*, do mesmo radical **vel/vol*, que entram em variantes com afinidade de formação em qualificativos divinos bem conhecidos, como os que se referem a Endovélico[443].

E se utilizarmos o cruzamento desta assimilação com a que, em situação análoga, se regista em duas inscrições do Noroeste, uma de Chaves e outra de procedência galega, respectivamente dedicadas aos

Laribus Ta[r]mucenbaecis Ceceaecis[444]
Diis_____Ceceaecis[445]

---

436 Cfr. Tovar 1985, p. 247, nota 80.
437 Especificamente, da obra de Dumézil 1947, p. 117ss, 133ss e 1966.
438 Bermejo 1986, p. 89-95; Vendryes 1948, p. 315.
439 Varenne 1981, p. 558-560
440 Cfr. a relação desta raiz etimológica com a forma I-E * *bhendh-*, «atar», «ligar», noção cuja afinidade é óbvia com a palavra religião (*religare*) (Michelena 1961, p. 200). Cfr. também Benveniste 1975, 1, p. 357 sobre o mesmo significado no iraniano antigo e Cocco 1957, p. 15 sobre a sua persistência nas línguas europeias actuais. Idem, Encarnação 1975, p. 141-142; Hoz-Fernández 2002.
441 663 (Epig. 78) e 734 (Epig. 149). Quadro 3:4, Est. XIII:14.
442 663 (Epig. 78)) e 734 (Epig. 149). *Bande Velugo Toiraeco* = *Deo Tueraeo* (Quadro 3: I 4, Est. XIII, 14 e II 6).
443 Cfr. Encarnação 1984, p. 800-805; Ribeiro J.C. 2002a.
444 730 (Epig. 145).
445 CIL II 2597 = ILER 782; Blázquez 1962, p. 131 e 1975a, p. 55; Tranoy 1981, p. 304, 377; Silva A.C.F. 1986b, p. 296, nota 429.

se conclui por um processo de redução (preliminar à introdução de designativos romanos especializados) à noção genérica traduzida pelo termo *deus*< * *deiwos*, na mais pura raiz indo-europeia, com sentido próprio de «luminoso» e «celeste»[446], em aparente referência à primeira função, que poderá não ter sido a única expressa por esses designativos. Tratando-se de nomes comuns, que não aparecem acompanhados do vocábulo *deus/dea*[447] e em situações que o parecem substituir, poder-se-iam utilizar, segundo os casos, em referência a qualquer das três funções, incluindo a terceira.

Com efeito, a iconografia da pátera de prata dourada, lusitana, dedicada a *Band(ue) Araugel(ensi)i*[448], que representa em medalhão central, de pé, a figura de uma divindade feminina ladeada por um arbusto, à esq., e uns penhascos e quatro aras, à dir., vestindo um manto e ostentanto uma coroa mural na cabeça, uma pátera (?) na mão direita e na outra uma cornucópia, na mais adequada assimilação a Fortuna, induz à identificação dessas divindades indígenas de radical *Band-* (Quadro 3, Est. XIII) como protectoras da família ou da *gens*, como as *tutelae*, a que seguramente se reportam os epítetos complementares desse nome.

Mas, sob esta capa de classicismo, do mesmo teor do *Mars* da pátera de Alvarelhos, o que mais se evidencia dos atributos desta representação não será apenas a protecção dos agrupamentos familiares ou étnicos (no caso, *Araugelensis*, citado na epígrafe) mas a prosperidade agrícola, atributo da terceira função, como igualmente se documenta entre as associações indígenas da Gália (vg., *Ialona*, protectora da fertilidade dos campos, em Nîmes)[449], com esta personificação da *Dea Fortuna* assimilada à Tyché dos gregos e por vezes até à Isis egípcia.

A evidência de uma distribuição por áreas, acentuadamente interior por parte do grupo *Band-*, com raros registos no litoral, onde predomina a presença dos Lares (Est. XIII), parece vir em reforço da correspondência sinonímica entre *band-/lar/deus*, que acabámos de referir, podendo ainda alargar-se, numa extensão à primeira vista surpreendente, à noção de *genius loci*, também aqui[450] objecto de *interpretatio* indígena aplicada à protecção de colectividades como um símbolo de prosperidade e de sucesso[451].

A redutibilidade destas personificações, que traduziriam na origem variações do sentido religioso, à unidade básica assumida pela palavra «deus» escapará, nesta circunstância, ao âmbito da função soberana para ser interpretada enquanto propiciadora das actividades da terceira função, em que a intervenção da energia solar como agente regenerador da natureza se reconhece em manifestações de heliolatria que têm vindo a explicar numerosas formas de expressão artística, designadamente aplicadas em gravuras rupestres e outros suportes, de tríscelos, espirais, círculos radiantes e figurações congéneres que documentamos desde a formação ao termo da cultura castreja[452].

Da multiplicidade das referências à sacralização das águas[453], por motivações diversas, de que apontamos, entre as principais, finalidades de carácter medicinal sobretudo testemunhadas em conhecidos lugares termais, em invocações que recomendam as suas qualidades sob o título genérico de *Nymphae*[454] ou *Genius*[455] ou em nome próprio, como *Bormanicus*, das termas de Vizela[456], bem identificado pelo seu cariz céltico como equivalente de Apolo[457], fica também como ponto importante da mitologia castreja o registo

---

446 Benveniste 1975, 2, p. 120.

447 Observar prática contrária, vg., relativamente a *Cosus*, por vezes associado ao vocábulo *deus* ou *deus dominus*.

448 Quadro 3: 30, Est. XIII: 33.

449 Duval P.M. 1976, p. 105.

450 *Genius Tiauranceaicus*: 731 (Epig. 146) e *Genius Tongobrigensium*: 732 (Epig. 147).

451 Richer 1981; Dumézil 1966, p. 326-369.

452 Cfr. Est. CXXVIII; Calo Lourido 1983 e 1994.

453 García Albalát 1986.

454 *Nimphae Lupianae*: 712 (Epig. 127).

455 *Genius Laquiniensis*: 704 (Epig. 119).

456 667-668 (Epig. 82-83).

457 Sobre o celtismo do nome, cfr., vg., Guyonvarc'h 1959 e Delamarre 2003, p. 83. Trata-se, com efeito, de uma divindade testemunhada por várias vezes em inscrições votivas na Gália céltica: *Borman* (CIL XII 494, Aix-en-Provence), *Bormano et Bormani[ae]* (CIL XII 1561, Aix-en-Diois, Drôme), *Bormanae* (CIL XIII 2452, St. Valbas, Ain), segundo Untermann 1985, p. 353. Cfr. também, Vaillat 1982 (1932), p. 102-103; Duval P.M. 1976 (1957), p. 32, 58, 61, 77, 88, 117, 124; García Albalát 1986, nota 159.

da sua divinização através da relação natural entre água e fertilidade concretamente documentada em dedicações a importantes cursos de água como aquela que se refere ao *Durius*[458], com significado de «rio» por antonomásia[459], procedente de um achado atribuído à cidade do Porto, e ao Tamega, numa ara votiva localizada na sua confluência com o Douro[460], ou então a nascentes, de que a Fonte do Ídolo, de *Bracara Augusta*, será o monumento mais paradigmático, com dados epigráficos e escultóricos que apontam para a identificação de *Tongoe*, em dativo, eventualmente representado no ancião aí figurado, vestindo túnica, com barba e cornucópia, segundo a iconografia clássica dos rios[461] assimilável a Fortuna, pelo significado da sua etimologia[462] e visto também como mais um caso de personificação divina das águas.

Mas o grupo teonímico melhor identificável com o curso dos rios, em consideração à sua etimologia[463], estará representado pelo conjunto das divindades com radical *Rev-* (Quadro 6, Est. XIII) que, apesar de apenas documentado para a área deste estudo na região transmontana, onde aparece no círculo religioso restrito de *Larouco* em três aras votivas aparentemente dedicadas por elementos do mesmo grupo familiar ou comunidade de linhagem[464], em outra manifestação de relacionamento estreito entre as entidades divinas e as entidades étnicas. Não os entendendo como identificáveis a qualquer deus máximo, das montanhas, cujas designações aparecem vinculados, em forma de epíteto, como *Reva Laraucus* e *Reva Marandigus,* mais devem ser considerados como suas emanações, delas se distinguindo funcionalmente. Propiciadores de fertilidade, tal não terá impedido de se venerarem outras divindades tutelares da terceira função para proteger a fertilidade agrícola, atributo que poderia estar confiado originariamente à deusa *Nabia*, assimilável às funções de uma deusa-mãe.

Bem documentada no Noroeste peninsular (Quadro 5; Est. XIII), com registos epigráficos regionais na Fonte do Ídolo em Braga[465] Baltar (Paredes)[466], na tarifa sacrificial de Marecos (Penafiel)[467] e Covas (Trêsminas, Vila Pouca de Aguiar)[468], além de mais seis referências galegas, algumas com epíteto de carácter tópico ou étnico[469] e ainda uma inscrição de Pedrogão Pequeno, Sertã, na Lusitânia[470] e um apreciável conjunto da região de Cáceres[471], é natural que as funções desta divindade feminina se fossem diversificando, conforme se deduz de alguns epítetos, a ponto de vir a funcionar em complementaridade com qualquer das outras divindades da tríade masculina, como ocorre noutras mitologias indo-europeias[472]. Assim, se explicarão paredrias com o deus soberano e o deus da guerra, que transparecem da inscrição de Marecos e com um deus da terceira função, como se presume da sua associação com *Tongus* (*Tongoe*, em dativo), na Fonte do Ídolo, Braga.

---

458 696 (Epig. 111). Leitura: *Duri / C(aius) Iuliu(s) / Pilades*. Dativo céltico em *-i* (Tovar 1949, p. 191, 204).

459 *Durius* derivará do radical I-E **dheu*, «correr», «fluir» (Albertos 1966, p. 110, seguindo Pokorny 1947-59, p. 259).

460 728 (Epig. 143).

461 733 (Epig. 148). Quadro 5-2:20, Est. XIII:71.

462 732 (Epig. 147). Cfr. Lambert 1997, p. 156, de preferência ao significado de «juramento». Uma dedicação a *Fortuna* em *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canaveses) parece justificar esta *interpretatio*.

463 Villar 1994-95, de preferência ao significado agrário (Tovar 1985, p. 245).

464 São as inscrições dedicadas a *Reve Laraucu*, de Outeiro de Baltar (Quadro 6:11, Est. XIII, 89), *Reve Veisuto* (Quadro 6:16, Est. XIII, 86), de Mosteiro da Ribeira, Ginzo de Limia e *Revve Reumiraego*, de Florderrey Vello, Verín (Quado 6:13, Est. XIII, 90), a que se podem juntar *Reve Siboico*, Celanova (Quadro 6:14, Est. XIII, 88), *Reve Amoeago Arcuniu*, Ginzo de Limia (Quadro 6:3, Est. XIII, 87), *Reve Anabaraego*, Valdeorras (Quadro 6:5, Est. XIII, 85) todas da província de Orense. Para cada caso, cfr. Tranoy 1981, p. 290, onde estuda outras duas, procedentes da província de Lugo (Quadro 6: 1-2, Est. XIII, 83 e 84). Mais duas invocações da Idanha (Quadro 6: 7 e 8, Est. XIII: 94 e 95) e outra de Proença-a-Nova (Quadro 6:10, Est. XIII, 96)) e uma outra de Cáceres (Quadro 6: 4, Est. XIII, 98) associam de perto esta invocação à mancha das invocações a *Band-* (Quadro 3, Est. XIII).

465 Quadro 5:4, Est. XIII, 70.

466 Quadro 5:5, Est. XIII, 72.

467 Quadro 5: 8 e 13, Est. XIII, 73-74.

468 Quadro 5: 6, Est. XIII, 75.

469 *Nabiae* (Quadro 5: 3, Est. XIII, 69); *Naviae* (Quadro 5: 15, 16, 17, Est. XIII, 65, 63, 66); *Nabiae Elaesuaraecae* (Quadro 5: 14, Est. XIII, 68); *Naviae Arconiuniecae* (Quadro 5:18, Est. XIII, 64); *Naviae Sesmacae* (Quadro 5: 19, Est. XIII, 67).

470 Quadro 5:7, Est. XIII, 76.

471 Quadro 5: 1, 2, 9, 10, 11, 12, Est. XIII, 78, 77, 79, 80, 81, 82.

472 Olivares 2002, p. 237-244.

De resto, já sugerimos, com base em G. Dumézil, a propósito do *deus Larouco*, divindade celeste identificável a Júpiter, que o facto de os fenómenos atmosféricos maiores, enquanto expressão concreta da administração do universo, (deles dependendo o curso dos astros, a alternância das estações, a repartição dos seres e das coisas à superfície da terra, etc.), pertencerem exclusivamente à primeira função, não transforma em «agrárias» essas divindades por lhes serem tributadas acções de graças porque o ano foi bom, incluindo os campos e o crescimento da riqueza familiar[473].

Com efeito, apesar da formação acentuadamente «patriarcal» deste panteão – pelo menos a crer nos dados maioritários deduzidos da onomástica –, daí supondo um estatuto de subalternidade para as divindades femininas, é natural que, à maneira de numerosos exemplos indo-europeus, os castrejos contassem não só com as divindades colectivas que as referências epigráficas às *Matres*, em especial as *Matres Gallaiciae*[474] e a representação, conquanto romanizada, do Monte Mozinho[475], bem testemunham, tornando lícito apelar para o culto da «terra mãe», do mesmo modo que no panteão céltico antigo e celto-romano[476], mas até suscitar, neste quadro, a questão da existência de uma «deusa-mãe», que o teor da iconografia da escultura individual do Castro de Sendim (Felgueiras), com evidência para a zona sexual e em aparente representação de uma mulher grávida (Est. CXXVI, 2)[477], parece representar, sinalizando, assim, divergências de fundo relativamente aos panteões indo-europeus e apontando para relações mediterrânicas.

A este âmbito, entendemos remeter também o conteúdo semântico das estátuas sedentes do Castro de Roriz e do Castelo de Lanhoso (Est. CXXVII,2-3)[478], que igualmente entendemos femininas, do mesmo modo, a Dama de Baza[479] ou de Cerro de Los Santos[480], com evidências arqueológicas de relação ao culto funerário, assim consubstanciando o culto dos mortos com o da «terra mãe», invocando mais esta associação entre a maternidade e a prosperidade um aspecto natural da terceira função da religião castreja. Deste modo, se sintetizaria um sistema aparentemente tripartido da organização da sociedade, de tipo dumeziliano, entendido como fase final de uma evolução a partir de um sistema binário, com valorização dos elementos celestes e telúricos, como a que se pretende ver na natureza dos deuses célticos da Irlanda como expressão de uma tradição ancestral pan-europeia[481]. Nestas circunstâncias, *Nabia* poderia formar com o deus soberano, eventualmente identificável com *Band*, esse par originário que vemos representado na gravura de Vilar de Perdizes[482], sugerindo-se para a representação do baixo-relevo com figura masculina desnudada, segurando um maço como Jupiter-Dispater-*Sucellus*[483], da mesma terra (Est. XXVI, 1), a iconografia dessa divindade assimilável ao *Larouco*.

Não temos notícia de dados arqueológicos seguros para concretizar que houvesse entre os castrejos especiais ritos de fecundidade, que as invocações e representações referidas e objectos, como os carros votivos associados a taças, do Bronze Final, que referenciámos em Baiões (Est. XCIII), fazem supor[484].

---

473 Nota 324.

474 CIL II 2776 = ILER 384, procedente de Coruña del Conde (Burgos). Cfr. Tranoy 1981, p. 276.

475 Almeida 1974b, p 34-35 e 1980c, p. 55, Est. IV, 3; Soeiro 1984, Est. XXII, 3.

476 Blázquez 1975a, p 124, assinalando a frequência do seu culto na Germânia e na Península Ibérica. Cfr. também Duval P. M. 1976, sobretudo p. 55-57.

477 Cardozo 1985, p. 155, n.° 208 (incluída nesta 3.ª ed. revista e aumentada por F.J.S. Guimarães).

478 Teixeira 1940b, p. 123-125, Fig. 7; BDGEMN, 29, 1942, Fig. 36-37.

479 Presedo 1973.

480 *In genere*, García y Bellido 1982, particularmente, p. 502-508, em que estuda as estátuas femininas sedentes de Cerro de los Santos e Llano de la Consolación e outro exemplar procedente da necrópole de Cabecico del Tesoro (Verdolay, Murcia).Consideradas as de Llano e Verdolay, de execução esmerada, como arte provincial grega em Espanha datável do séc. V a.C., e as de Cerro de los Santos, mais rudes, como derivações desses protótipos e de cronologia mais tardia. Nestas execuções se enquadrarão os exemplares da área meridional castreja.

481 Cunliffe 1997, p. 186.

482 Bettencourt *et alii* 2004.

483 Linckenheld 1929, p. 44-45; Olivares 2002, p. 222-224.

484 Cfr. cap. II, *Metalurgia*: objectos cultuais, p. 262-264.

A existirem, para tal nos poderíamos apoiar na passagem de Estrabão, III, 4, 16, reservada aos celtiberos e povos limítrofes a Norte, mas que podemos entender extensiva ao Noroeste, considerando a simbólica das estelas funerárias enquanto manifestação de tradição cultual[485]. Aí se referem práticas que tinham lugar em noites de plenilúnio, com cerimónias de larga pervivência etnográfica atestada desde a Alta Idade Média[486], em que se celebraria com sacrifícios e danças rituais o papel benéfico da *Lua*[487] em relação com os ciclos da fertilidade vegetativa e animal, de que a sua observação fizera alcançar conhecimento, permitindo uma calendarização dos mistérios da germinação e presságios da prosperidade ou das calamidades.

Ignoramos todavia se qualquer apelativo, masculino ou feminino, dos títulos epigráficos diria respeito a essa divindade «inominada» (ἀνωνύμῳ τινὶ θεῷ), porventura por motivo de tabu[488], e qual o papel desse astro na cosmogonia, que a sua frequente representação nas estelas funerárias, sobretudo da região transmontana[489], parecem sugerir integrada num sistema dualista com atribuições repartidas com o Sol, consubstanciando cada um, em oposição/complementaridade, o dia e a noite assim como a vida e a morte, o claro e o escuro, o seco e o húmido, numa mistura complexa entre o divino, o humano e a própria natureza.

Arqueologicamente, mais não podemos afirmar que a prática destes rituais em plenilúnio e às portas das casas em círculos familiares, segundo o texto de Estrabão, parece corresponder a uma situação de reunião da família com os antepassados que teria lugar nas proximidades das suas sepulturas[490] perante a *Lua*, divinizada, e porventura por eles considerada a morada dos mortos, segundo associação tradicional entre o culto funerário e a fertilidade.

Neste relacionamento com o ciclo da produção caberá sem dúvida interpretar, como tem vindo a ser proposto[491], as representações de porcos («berrões ou verracos») e touros de pedra, do Sul da Galiza e Norte de Portugal, com expressão predominante em Trás-os-Montes, prolongando para Oeste a denominada «cultura dos verracos» da Meseta espanhola[492].

Com efeito, entre as versões propostas para esta estatuária zoomórfica[493], a sua relação com uma entidade tutelar dos rebanhos não deixará de ser das mais compreensíveis no quadro de uma economia com assinalada componente pastoril e pecuária, sobretudo na região interior continental, onde as condições geográficas a isso se tornam mais favoráveis, a sugerir, neste caso, um enquadramento religioso no âmbito da terceira função. Certamente utilizadas a fim de estabelecerem pontos visuais de referência na paisagem de modo a indicar as pastagens dos vales e as fontes de águas mais próximas, essas imagens assinalariam, deste modo, relações com a prosperidade e a fecundidade. E da associação, ocasionalmente registada[494], de textos de carácter funerário com estes símbolos zoomórficos mais uma vez se presume uma relação entre o culto da fertilidade e dos antepassados. O aparecimento destas representações em conjuntos, como por vezes têm sido detectados, vg., no Castro de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)[495] parece enfermar uma mera explicação zoolátrica, dando preferência à sua interpretação como ex-votos a uma divindade tutelar da actividade pecuária, do âmbito da terceira função.

Na sequência da análise a que vimos procedendo motivando a hipótese de uma apresentação «sociológica» do panteão castrejo segundo o modelo das sociedades indo-europeias desenvolvido na obra de

485 Cfr., vg., Vasconcellos 1913 (RL, 3) p. 406-443; Tranoy 1981, p. 349-350, 355-357; Le Roux-Tranoy 1984b, p. 37-39.
486 Isidoro de Sevilha, *Etymologiae*, XIX, 31, 7 refere amuletos em forma de crescente lunar usados sobretudo pelas mulheres.
487 Blázquez 1962, p. 28-30 e 36, 1975a, p. 119-120 e 1981b, p. 200; Taboada Chivite 1961.
488 Blázquez 1962, p 28 e 1981b, idem.
489 Le Roux-Tranoy 1984b, p. 37-39; Redentor 2002, p. 237-243.
490 Vide infra, práticas funerárias (p. 416-417). onde se fala sobre a localização das sepulturas no interior do recinto familiar.
491 Resumo in Tranoy 1981, p. 118-119.
492 Serrano 1957; Santos Júnior 1975 obra de conjunto sobre o Norte de Portugal completada in Santos Júnior 1985; Hernández 1982; Álvarez Sanchís 1999.
493 Cfr. Santos Júnior 1975 e 1985: Tranoy 1981, p. 118-119; Hernández 1982, p. 233-234; Álvarez Sanchís 1999 e 2003; Sanchez Moreno 2000.
494 Serrano 1982, p. 229-231.
495 Santos Júnior 1975 e 1985.

G. Dumézil desde 1934[496], e de que se vem aceitando sem contestação a função guerreira[497], parecem estar sugeridos elementos que também beneficiam a existência de uma função soberana e a terceira das funções.

E se nem Estrabão, nem C. Plinius, nem P. Mela nem outro autor referem directa ou indirectamente a existência de sacerdotes na sociedade do Noroeste peninsular, pressente-se de Estrabão, III, 3, 6, quando fala de adivinhação e do ἱεροσκόπου, e de Silius Italicus, III, 344, quando indica a prática de vaticínios entre os galaicos, que havia entidades a quem competiria a administração do sagrado, apontando para a institucionalização do arúspice e do *augur*, função eventualmente a cargo de um membro da comunidade exercitado no ofício ou de assinalável prestígio adquirido ou porventura até acumulada pelo chefe de linhagem, atendendo ao papel regulador das relações de parentesco nas sociedades arcaicas, aqui estabelecendo critérios de hierarquização baseados na idade e na dignidade, segundo Estrabão, III, 3, 7.

E não cremos, em consideração à presença de numerosos materiais arqueológicos e epigráficos conhecidos, que as funções religiosas fossem realizadas em circunstâncias meramente ocasionais, propiciatórias ou divinatórias. Pois, se é admissível, a partir das análises etnológicas sobre o carácter existencial das religiões dos povos primitivos, que os lugares de culto se podem encontrar onde quer que seja e cada lugar, no próprio momento em que se realiza o acto cultual, pode ser sagrado – mostrando a artificialidade da distinção entre o sagrado e o profano[498], sendo por isso natural que escape à nossa observação a identificação de algumas situações – o que é certo é que se torna cada vez mais expressivo o reconhecimento de lugares de culto castrejos, muitos deles perviventes na romanização, a fazer supor um culto que se manifesta aos vários níveis da organização social.

Já, a propósito da análise do habitat tivemos a oportunidade de documentar um conjunto diversificado de circunstâncias, de que recordamos a existência de um *cartibulum* que poderia funcionar como mesa de sacrifícios de um santuário doméstico no pátio interior de um agregado familiar do Castro de Romariz, Santa Maria da Feira (Est. XXI-XXII), onde o *paterfamilias* oficiaria a celebração de sacrifícios que teriam lugar, entre outras manifestações de culto, em rituais funerários ou repetição de actos de comunhão com os espíritos antepassados eventualmente conexos com cultos de fecundidade que teriam sobretudo vez por ocasião da realização de alianças matrimoniais, entre os momentos mais decisivos da vida familiar.

Foi também, no mesmo passo, referida a presença de santuários no interior e exterior dos povoados mas com eles intimamente associados.

O templo de Mozinho, atribuível aos começos da época flávia[499], significará já uma expressão de aculturação romana, podendo merecer interpretação análoga o conjunto de espaçosos recintos da Citânia de Sanfins (Est. XXIV, G) onde foram encontradas duas aras anepígrafes e os fragmentos da(s) estátua(s) de guerreiro(s)[500].

Mas não possuímos elementos seguros para introduzir nestas áreas cobertas o culto a Júpiter, atendendo à imprecisão da procedência do achado de uma ara outrora recolhida no Monte Mozinho[501] e muito menos da que à mesma divindade se descobriu na freguesia de Sanfins, de que se ignora a localização precisa da sua origem[502].

Mais conforme com a expressão da religiosidade céltica, em ambiente naturalista no interior de um bosque, outrora de carvalhos e sobreiros, corresponde a identificação do santuário a *Cosunea* dos *Fidueneae* situado em torno de um rochedo epigrafado nas imediações da Citânia de Sanfins[503], onde foi recolhido, numa sondagem, um machado polido de anfibolito que se poderá relacionar com a prática de sacrifícios aí realizados a essa divindade reconhecidamente guerreira, como anteriormente referimos.

---

496 Cfr. op. cit. na nota 313.
497 Bermejo 1986, p. 106-116 (111-112, *in specie*).
498 Bernardi 1978, p. 414.
499 Almeida 1980c.
500 Paço 1968b.
501 Almeida 1980c, p. 55.
502 Brandão 1963b.
503 Nota 341.

Como paralelos deste tipo de santuários de estrutura simplificada, centrados em rochedos ao ar livre, que deixaram pervivências na religiosidade popular denunciadas desde a Alta Idade Média[504], podem ser apontados, por razões epigráficas, os rochedos do Castelo de S. Veríssimo (Felgueiras)[505] e de Vilar de Perdizes (Montalegre)[506] e ainda o do Castro de Três Rios (Fail, Viseu)[507] este na área lusitana, onde merecem referência especial o de Lamas de Moledo (Castro Daire) e o de Cabeço de Fráguas (Sabugal)[508], que declaramente mencionam a prática do *suovetaurilium* a divindades indígenas.

É natural que os santuários «tipo Panóias»„ evidenciando estruturas de construção e recipientes rituais, representem uma evolução desses lugares de culto naturais ocorrida em contextos de sincretismo religioso, que as próprias inscrições dessa estação paradigmática documentam, ao contemplarem as divindades indígenas entre as diversas aí veneradas.

Merecedor como tem sido este sítio privilegiado da história antiga peninsular de registos atentos e penetrantes análises epigráficas, desde o seu primeiro reconhecimento oitocentista[509], aos estudos de J. Leite de Vasconcelos[510], Russell Cortez[511], Scarlat Lambrino[512], A. García y Bellido[513] e A. Tranoy[514], e mais decisivamente G. Alföldy[515], para eles remetemos a nossa atenção, fazendo sublinhar a urgência de uma intervenção arqueológica para um esclarecimento eficaz do conjunto dos elementos naturais, arquitectónicos e rituais e da percepção do seu funcionamento que se adivinha evoluir a partir de contextos histórico-culturais típicos da religiosidade indígena.

Uma observação atenta deste monumento, que incluiu o estudo da implantação das estruturas existentes (Fig. 17) e o tratamento bicromático das inscrições confirmou as linhas gerais das referências de A. Tranoy, esclarecidas por Alföldy, que representam os estudos mais recentes sobre este conjunto cultual, e sobre as quais fizemos as seguintes observações[516]:

1. Das fragas ainda existentes com estruturas (Fig. 17, A. B, C. D), duas delas (A, B) manifestam claramente a construção de templos quadrangulares de planta análoga e com recipientes cavados na rocha no seu interior, sendo ainda perceptível o aplanamento da parte N da 3.ª fraga (C) para assentamento dos alicerces de um edifício similar, que incluía também três pequenos recipientes rectangulares no interior, dando sentido à expressão *in hoc templo* da epígrafe que lhe está conexa (inscrição CI = Argote, Est. G = CIL II 2395 a) e também explicitamente referido na inscrição C2 = Argote, Est. I, esq. = CIL II 2395 b (*cum hoc templo*) e subentendido na inscrição C4 = Argote, Est. I, dir. = CIL II 2395 d (*cum hoc...*).

2. A disposição dos grandes recipientes rectangulares (*quadrata*) da fraga A denuncia sobreposição de estruturas com ocupação dos espaços anteriormente reservados aos alicerces do templo, marcando uma última fase que se caracterizou pelo alargamento dos recipientes interiores, que seriam com certeza do teor dos da fraga B e dos do interior do templo da fraga C, mais a abertura de outros depósitos congéneres após a destruição e/ou abandono do edifício aí implantado.

3. A hibridização dos cultos, patente nas dedicatórias a divindades orientais (C3), romanas (C1) e indígenas (C2), poderá ter resultado da convergência entre práticas de sacrifícios cruentos de tipo

---

504 Vide, vg., Pina A.A. 1958-59, p. 62-63, *in specie*.
505 CIL II 2409; Encarnação 1975, p. 204-205.
506 Nota 320.
507 Coelho J. 1942b; Untermann 1965a, p. 8-18.
508 Nota 426.
509 Argote 1732, 1, Liv. II, Cap. VII, p. 325-349.
510 Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 465-474.
511 Cortez 1947.
512 Lambrino 1953.
513 García y Bellido 1955.
514 Tranoy 1981, p. 336-340.
515 Alföldy 1997. Interpretações adoptadas por Rodríguez Colmenero 1999.
516 Silva A.C.F. 1986b.

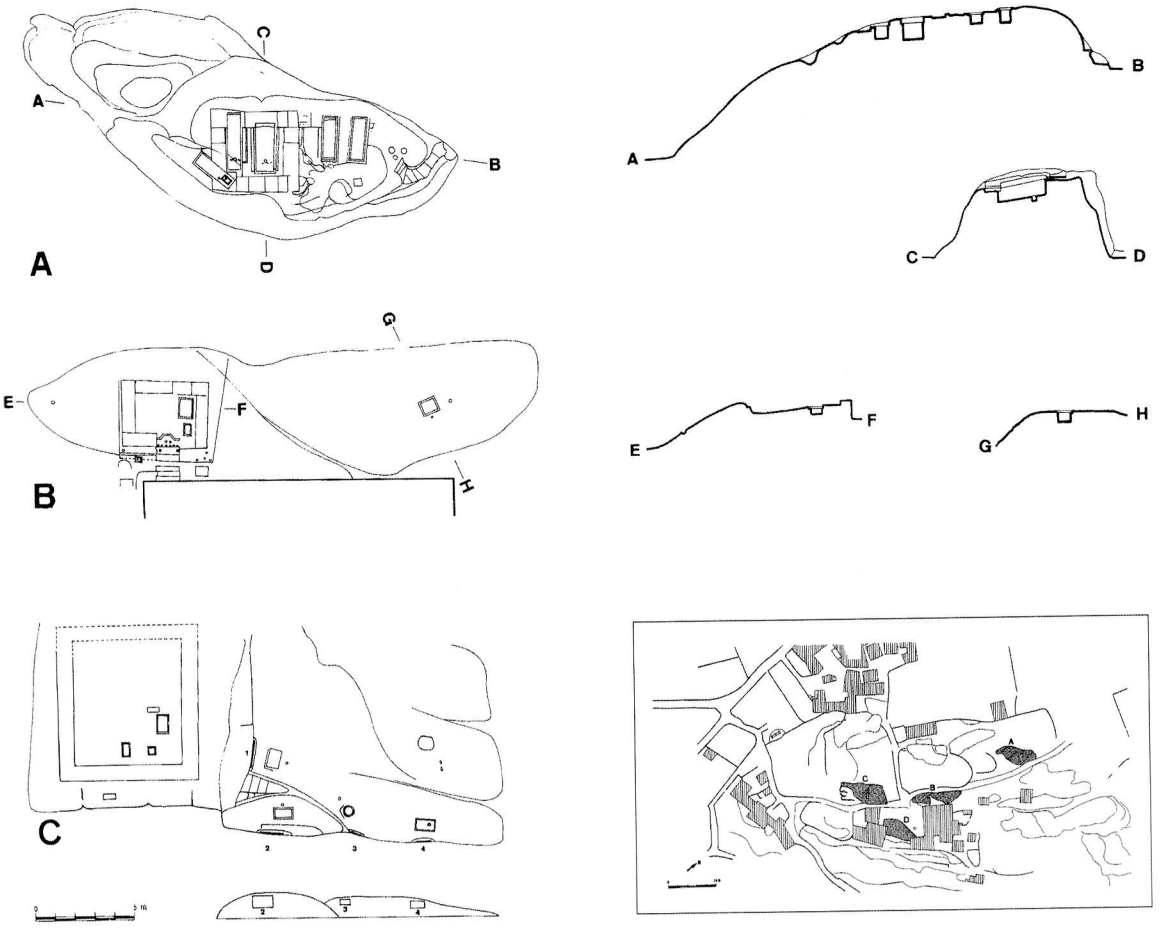


Fig. 17 – Plantas e cortes do santuário de Panóias, Vila Real

indo-europeu que teriam lugar ao ar livre e posteriormente evoluído, por acção de um declarado sincretismo de raiz oriental, para formas mais sumptuosas e elaboradas de que não estariam ausentes possíveis práticas oraculares e ritos de iniciação em recintos fechados, ao gosto das religiões mistéricas. Mas a inscrição C2 dedicada aos *diis deabusque... omnibusque numinibus et Lapitearum*[517] continua a ser o testemunho mais evidente da pervivência dos cultos indígenas, que ora entendemos relacionáveis com as montanhas, como as serras do Larouco e do Pedrário, de Candedo, do Alvão e do Marão, de Montemuro, personificando simultaneamente a soberania e a fecundidade, à maneira de *Serapis*.

4. A existência de santuários deste tipo, documentada com diversos reconhecimentos e descobertas no interior de povoados – como no alto do Castro da Mogueira (S. Martinho de Mouros, Resende)[518] e provavelmente também no Castro de Roques (Vila Franca do Lima/Subportela/Vila de Punhe, Viana do Castelo)[519] até ao castro de Ulaca (Solosancho, Ávila)[520], e fora dos povoados, junto do Castro de Ribas (Argeriz, Carrazedo de Montenegro, Valpaços)[521], Ifanes (Miranda do Douro), em Trás-os-Montes,

517 CIL II 2395b.
518 Mantas 1984; Rodríguez Colmenero 1995, n.º 42, p. 206-208.
519 Possível identificação com uma estrutura com degraus e alicerces cavados na rocha patente na plataforma superior deste castro, cuja escavação se torna necessária para uma conveniente caracterização.
520 Álvarez Sanchís 1999.
521 Rodríguez Colmenero 1977, p. 320-327; Freitas 1978; Tranoy 1981, p. 340.

Garfe (Póvoa de Lanhoso)[522] e Pias (Lousada), no Entre-Douro-e-Minho, Sardoura (Castelo de Paiva) e Outeiro das Medidas (Fráguas, Vila Nova de Paiva)[523], a Sul do Douro, para além do santuário anteriormente citado de Vilar de Perdizes (Montalegre)[524] situado no centro de uma planura dominada pelo Larouco e dos exemplares galegos de Santa Mariña de Aguas Santas, no sopé do Castro de Armea (Allariz, Orense)[525], do Castro de Cameixa (Bóboras, Orense)[526], Mougás (Grauva, Oya, Pontevedra)[527], e ainda do Coto da Amoreira (Barbanza)[528], este já nos limites Sul da província da Coruña – faz observar que a amplitude da sua distribuição geográfica, ora referenciada desde o Sul do Douro ao interior do Minho e à área meridional galega, não se encontra estritamente vinculada a influências mesetenhas, que anteriores cartas da sua dispersão, com acumulação na região transmontana, pareciam aconselhar.

O conjunto destas referências se entende suficiente para supor a existência de um grupo social dedicado às funções religiosas, sem que, com os dados disponíveis, os possamos considerar superestruturados por uma divindade da primeira função, do mesmo modo que tal se aceita para o grupo social dos guerreiros relativamente à segunda função, à maneira céltica[529].

De qualquer forma, a clareza da alegoria do carro de Vilela (Est. XCIV, 2), em que desfilam em parada representantes das três funções, concretamente, sacerdotes, guerreiros e elementos femininos, cada qual manifestando os seus atributos específicos, na qualidade de sacrificadores, protectores e oferentes, não pode passar despercebida como argumento arqueológico a beneficiar a hipótese que vimos sugerindo de um esquema tripartido e trifuncional, em moldes dumézilianos, que poderá ser entendido como mais um contributo da celtização para a organização da sociedade castreja.

As práticas funerárias

O achado de estruturas sepulcrais nas escavações da Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim) e na Cividade de Âncora (Caminha, Viana do Castelo) deve ser efectivamente referido como um dos seus resultados de maior apreço dos nossos trabalhos, se atendermos ao estado da questão sobre os ritos funerários que não vinha conhecendo qualquer avanço desde o trabalho de A. García y Bellido sobre o assunto até aos últimos dados sobre os rituais funerários da Beira Alta[530], com a descoberta de diversos conjuntos tumulares de pequenas dimensões (Senhora da Ouvida, Casinha Derribada, Serra da Muna, Pousadão, Fonte da Malga), por vezes com cista central (Fonte da Malga), ou de grupos de cistas sem *tumulus* (Paranho), com vestígios de ritual de cremação, registados ao longo do Bronze Final (Quadro 1).

Pelos dados que possuímos, as populações castrejas, como os outros povos pré-romanos do território português[531], praticavam, na sequência das inovações transmitidas pelos Campos de Urnas[532], o rito de incineração, depositando, nos tempos mais antigos, as cinzas dos seus mortos no interior das suas habitações em pequenas fossas de planta circular com paramentos de alvenaria e, posteriormente, em recinto próprio no exterior das construções mas dentro do núcleo familiar.

---

522 Sarmento 1899 = 1933a, p. 274-277 e 1970, p. 24-26, com croquis de planta e alçado; Sarmento 1999, p. 28-29.
523 Valinho 2003, n.º 133, p. 40-41.
524 Nota 319; Rodríguez Colmenero 1995, n.º 38, p. 190-193.
525 Tranoy 1981, p. 338.
526 López Cuevillas-Lorenzo Fernández 1952.
527 IRG III 37; Tranoy 1981, p. 338, 340.
528 García Romero 1923; Tranoy 1981, p. 340.
529 Vg., Bermejo 1986, p. 106-116 (111-112, *in specie*), com referência a uma estratificação social em que uma minoria de guerreiros, como os *equites* gauleses e os *flaithi* irlandeses, seria detentora do poder político (Vries 1963, p. 16; García Albálat 1990).
530 García y Bellido 1966b; Bettencourt 2000e; Cruz D. J. 1997, 1999 e 2001; Valinho 2003.
531 Beirão 1980; Alarcão 1983, p. 192-193; Silva A.C.F. 1983b, p. 125-126.
532 Cfr., vg., Chapa-Delibes 1984, p. 492-548, *passim*, com bibliografia especializada, Ruíz Zapatero 1985; Maya 1999, p. 317-425.

O tipo de sepultura em pequenas fossas no interior das construções foi-nos dado a conhecer pelas antigas escavações de Terroso de 1906-1907[533] e continuam a ser o único caso conhecido.

Sem que se tenha ainda esclarecido convenientemente o contexto cronológico-cultural destas «sepulturas circulares, a modo de poços, com revestimento interior de alvenaria e por vezes em dois pisos por meio de uma lousa interposta» (Est. XX, I)[534], presumimos, com base nos resultados das nossas escavações, serem atribuíveis à fase de ocupação da Cividade de Terroso correspondente à fase II da nossa periodização, eventualmente filiadas nas sepulturas em fossas ovóides abertas no saibro como as que foram referenciadas em Beiriz, nas suas imediações, com elementos que permitem indicar uma cronologia do Bronze Final I/II, entre 1250 e 1000 a.C.[535].

O segundo tipo, constituído por conjuntos de pequenas cistas de pedra de planta quadrangular no interior de um recinto limitado, a evocar dependência do conjunto de Paranho, está também representado nesta estação e na Cividade de Âncora, ambas correspondendo à nossa fase III.

O conjunto sepulcral de Terroso (Est. XX, 2)[536] formava um pequeno recinto situado no exterior Norte da unidade **XXIII** (Est. XVIII) com as seguintes características: – pequena cista de planta com comp. int. máx. 0.43m x larg. int. mín. 0.25m x alt. int. mín. 0.25m feita de paredes de granito aparelhadas dispostas em cutelo e forrada internamente com tijolo no fundo e nos lados Norte e Oeste, sem cobertura, evidenciando violação. No seu interior estavam depositados um vaso inteiro de forma acampanada tipo B2 (Est. XLI, 12) e fragmentos de um outro vaso bojudo de perfil em S, tipo C1 (Gráfico 3), e alguns pequenos carvões. Acoplada a esta caixa sepulcral, estava outra sepultura, formando uma câmara aberta para o lado Norte, de dimensões idênticas à anterior, com o fundo, em declive, de pequenas lajes muito queimadas de fogo.

Um recinto similar, sem espólio, foi também referenciado no exterior da estrutura II (Est. XVIII), sobrepondo-se às paredes destruídas da estrutura IIA, da fase anterior, situação que valorizamos do ponto de vista cronológico.

Na Cividade de Âncora foi descoberto o exemplar mais expressivo destes recintos funerários (Est. XXVI,**V**; XXVII; 3), que, a despeito da sua violação e destruição em cerca de metade da área, ainda apresentava onze estruturas de cistas sepulcrais, semelhantes às de Terroso, com paredes de pedra menos aparelhadas, por vezes ladrilhadas, com *tegula* e com espólio variado de que merece realce um vaso também acampanado como o de Terroso (Est. XLI, 5) recolhido na sep. 11 com um pé de *sigillata* itálica Goudineau 27 e um outro vaso, decorado, de perfil sinuoso de tipo C1e (Est. XLII, 9) na sep. 7, além de inúmeros fragmentos de cerâmica micácea feita à roda e de diversos testos de tipo O2d (Gráfico 3) associados a cinzas e vestígios de ossos, a denunciar a sua utilização na fase IIIB da nossa periodização.

Tratando-se, com a maior evidência, de um recinto funerário incluído no interior de um núcleo familiar, de que constituía a sua necrópole, e em situação que presumimos repetir-se, conforme referimos aquando da análise do habitat, com estes elementos se reafirma a importância dos laços de sangue como o elemento fundamental da estruturação da sociedade castreja a partir da sua célula primária e que nos seus aspectos essenciais perdurará longamente como substrato vivo no interior de sociedades, culturas e civilizações que, no decurso da história, se lhe pretenderam sobrepor.

---

533 Desenhos de plantas e cortes no levantamento das antigas escavações de que existe também um exemplar na Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, além do do arquivo de R. Serpa Pinto do Museu de Arqueologia e Pré-História do Instituto de Antropologia «Doutor Mendes Corrêa», na Faculdade de Ciências do Porto, e divulgadas em obras da especialidade, vg., García y Bellido 1966b, p. 10 (Fig. 1); Almeida 1972, p. 17 (Fig. 1), Alarcão 1983, p. 193 (Fig. 52)

534 García y Bellido 1966b, p. 9, 10 (Fig. 1).

535 Silva A.C.F. 1985; Cruz D. J. 1997, 1999 e 2001; Valinho 2003.

536 Silva A.C.F. 1980a, p. 311-312, Fig. 4, 7.

ESTATUÁRIA DE GUERREIROS DO NORTE DE PORTUGAL – Gráfico 11

Est.			CXXI, 1	CXXI, 2	CXXI, 3	CXXI, 4	CXXI, 5	CXXII, 1	CXXII, 2	CXXII, 3	CXXIII, 1	CXXIII, 2	CXXIV, 1	CXXIV, 2	CXXIV, 3	CXX, 2	CXXV, 1	CXXV, 2						CXXV, 3	CXXV, 5	CXXV, 4
PROCEDÊNCIA			1	2							1	2							2	1	2					
ANÁLISE DESCRITIVA			Lezenho	Lezenho	Cendufe	S. Julião	Mozinho	Campos	Campos	Meixedo	Basto	Basto	Santo Ovídio de Fafe	S. Jorge de Vizela	Sanfins	Capeludos	Roriz	Vilarelhos	Mozinho	Briteiros	Briteiros	Britelo	Midões	Guarda	Braga	Calendário
Cabeça	olhos	– fossettes														X										
		– fenda															X							X		
		– globulares	X	X											X			X					X		X
		– amêndoa																								
	nariz	– com narinas	X	X														X						X		
		– sem narinas													X	X										
		– dorso vincado															X							X	X	
	boca	– fenda													X	X										
		– modelada	X	X													X							X		
	orelhas	– em relevo	X	X											X	X	X	X						X	X	
		– gravadas																								
	cabelo		X	X												X								X	X	
	barba		X	X											X	X		X						X	X	
	bigode		X	X													X							X		
	pescoço	– sem torques														X										
		– com torques	X	X											X			X						X		X
Tronco	esterno		X	X		X		X	X	?		X														
	coluna		X	X		X		X	X	X		X			X											
	saio	– decote - redondo										X														
		- angular	X	X		X		X	X	X																
		– decoração - parte sup. - curvilinea		X		X		X	X	X																
		- quadriláteros				X																				
		- parte inf. - curvilínea						X	X																	
		- ziguezague						X																		
		- reticulado		X	X	X	X		X																	
	cinto	– nervuras – 2		X		X				X																
		– 3			X						X	X	X	X												
		– 4	X					X	X																	
		– presilhas	X	X		X		X	X	X																
		– tríscelo				X		X	X		X	X	X													
Membros	braços	– viriae - esq. - toros – 1							X																	
		– 2				X					X	X														
		– 3	X					X					X		X											
		- dir. - toros – 1																								
		– 2		X		X			X			X	X													
		– 3	X					X			X															
		– 4																								
		– pulseira								X																
	pernas	– unidas	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X											
		– separadas					X																			
		– rótulas	X	X			X	X		X	X	X		X	X											
		– pés – descalços			X		X																			
		– calçados									X	X			X				X	X						
		– polainas									X	X														
Peanha					X		X					X			X				X						
Armamento	capacete	– calote													X									X	X	
		– cónico														X										
		– sobreelevado																								X
	escudo																				X	X				
		– côncavo			X	X		X	X		X	X	X	X	X											
		– plano	X	X																						
		– convexo								X						X										
		– umbo	X	X		X		X	X	X	X	X	X	X		X										
		– decoração - labiríntica	X	X	X									X							X					
		- outra								X																
		– correias preensão braço esq.	X	X		X				X	?	X	X													
	espada	– ao peito										X														
		– bainha com conto										X														
	punhal	– empunhado mão dir.	X	X	X	X		X	X	X	X		X													
		– suspenso de cinto por correias				X						X	X													
		– bainha - com conto	X		X	X		X	X		X	X	X													
		- sem conto		X						X																
		- com travessas	X	X		X		X		X	X															
		- sem travessas																								
Epígrafe Latina	zona	– escudo				X						X														
		– saio – frente								X																
		– lado								X																
		– pernas								X																
		– peanha																	X							

ICONOGRAFIA E EPIGRAFIA – ANÁLISE DESCRITIVA

562 (Icon. 1) Proto-estátua de guerreiro de granito. **Est. CXX, 1**

Monólito com a representação sumária, estilizada e simétrica de guerreiro, com gravação de vestuário e armas.
O rosto apresenta olhos globulares em órbitas pouco profundas e o nariz, em relevo, pouco destacado, adelgaça para a ponta; a boca é uma fenda e o queixo é levemente alteado em relação ao colo, largo e espesso; as orelhas, pouco relevadas, destacam-se do desenho do capacete. O tronco é prismático, de arestas boleadas, sem representação de membros, alargando para um soco.
Está vestido com saio a que sobrepõe, na parte posterior, um panejamento trapezoidal, assinalado por gravação linear, decorado com um semi-círculo em cima e uma tira rectangular em baixo, e, na parte da frente, por um motivo triangular donde se vislumbra pender um punhal de antenas e por um motivo circular, de presumível representação de um escudo, gravado na parte inferior.
Além destes possíveis registos, ostenta as seguintes armas: capacete em calote, de base plana, com protectores laterais biconvexos alargando em aro para a extremidade, e espada longa, de 54cm de comprimento, embainhada, mais larga na parte superior da lâmina, e de que se notam fios de suspensão.

Dimensões: alt. máx. (excepto soco) – 120
larg. máx. ombros – 36
esp. máx cabeça – 23 cm.

Procedência: Atribuída à região do Porto, testemunha-se como originária de S. João de Ver, Santa Maria da Feira, onde terá aparecido em 1967.

Bibliografia: Jorge S.O.-Jorge V.O. 1983, Queiroga 1992, p. 85; Lopes *et alii* 1996; Silva A.C.F. 2003a.

Depósito: Propriedade particular.

563 (Icon. 2) Estátua de guerreiro de granito. **Est. CXX, 2**

Parte superior da estátua de guerreiro inabilmente talhado em granito grosseiro com representação anatómica sumária. Rosto achatado e redondo com cabelo e indícios de barba, orelhas discoidais e salientes com orifício central, nariz destacado das faces por sulco, olhos marcados por duas fossettes e boca por um traço e com capacete cónico na cabeça; o pescaço, curto, não mostra torques nem nos braços, frustes e deformados, se observa qualquer vestígio de braceletes, sendo o escudo. redondo e boleado e com umbo largo, levemente convexo, seguro pela mão esquerda, estando a direita em posição de empunhar possível arma, podendo, da indumentária, notar-se ainda vestígios de decote angular do saio.

Dimensões: alt. máx. – 111
larg. ombros – 56
esp. ombros – 31
diâm. escudo – 33 cm.

Procedência: Monte do Crasto, Capeludos, Vila Pouca de Aguiar.

Bibliografia: Vasconcellos 1902a, p. 23-26, Fig. 1-2 e 1913 (RL,3), p. 55, Fig. 27; Paris 1903, p. 64-65, Fig. 47; Pereira 1908, p. 237; Cuévillas 1947, p. 583 e 1951, p. 184-186 e 1953, p. 365-366 e 1973, p. 324, 389, 447; Maluquer 1963, p. 68; Taboada Chivite 1965, p. 10-11; Cardozo 1973, p. 156; Martins J.B. 1984, n.º 12; Silva A.C.F. 1986b, 558 (Icon. 14, Est. CXXIII,4); Calo Lourido 1994, p. 193-195, n.º 16 e 2003a, p. 8 , n.º6.

Depósito: MNA.

564 (Icon. 3) Estátua de guerreiro de granito. **Est. CXXI, 1**

Monólito lavrado com a representação de uma figura de guerreiro, erecto, em posição de parada.
Vestido com saio com decote em ângulo, manga curta e representação sumária dos músculos do peito, cingido por um cinturão de quatro nervuras paralelas e unidas e descendo até meio da coxa. Cabeça proporcionada, com indicações claras de cabelo curto, deixando livres as orelhas, barba e bigode, olhos em amêndoa, nariz achatado e largo com narinas, boca marcada por uma fenda a separar os lábios e leve depressão a assinalar o queixo.
Ostenta as seguintes armas: em posição central, *caetra* redonda e plana, com umbo e vestígios da decoração típica em labirinto, segura pela mão esquerda com correias cruzadas no antebraço, e na mão direita empunhado um punhal triangular curto, com pomo discoidal, introduzido numa bainha com conto de perfil circular e linhas transversais de possíveis travessas. Usa, no pescoço, torques com aro aberto espessado nos remates voltados para a frente e em cada braço uma viria de três toros. Braços simétricos dobrados pelo cotovelo e unidos ao corpo e membros inferiores, com rótula protuberante nos joelhos, truncados pelas pernas representadas separadamente mas unidas pelo bloco em que estão esculturadas.

Dimensões: alt. máx. – 207
larg. ombros/ancas – 61/59
esp. ombros/ancas – 30/36
diâm. escudo – 50

alt. cabeça – 37
larg. – 23
esp. – 30 cm.

Procedência: Outeiro Lezenho, Campos, Boticas. Existência documentada no adro da igreja paroquial de Covas de Barroso (Guerra 1982. p. 30) em 1782.

Bibliografia: Sarmento 1880-81 = 1886 = 1896; Guerra 1982 (1911), p. 29; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 48-49, Fig. 23; Paris 1903; Pereira F.A. 1908 e 1915a, Silva A.C.F 1986b, 545 (Icon. 1), Est. CXX, 1 e 2003a; Calo Lourido 1994, p. 292-302, n.º 41 (guerreiro 1) e 2003a, p. 10-11, n.º 11, Est. 10-11; Höck 2002, p. 327, n.º 145.

Depósito: MNA.

565 (Icon. 4) Estátua de guerreiro de granito com saio decorado. **Est. CXXI, 2**

Estrutura e caracterização idênticas à anterior, parecendo ser obra do mesmo auto, de menores dimensões e com particularidades sobretudo decorativas. A representação anatómica do rosto é muito similar na composição e nos pormenores, o mesmo acontecendo relativamente a outras partes do corpo, com a parte posterior mais aprumada; as armas e a sua posição são as mesmas, sendo bem visível o desenho decorativo do escudo e não possuindo conto a bainha do punhal assim como são os mesmos os tipos de jóias, mostrando apenas uma viria de dois toros no braço direito; o saio tem também um decote em ângulo, parecendo debruado, e registando uma depressão sobre o esterno, e apresenta-se ornamentado com motivos geométricos de círculos concêntricos encadeados, bastante desgastados, no tronco, e com axadrezado formado por linhas oblíquas com losângos insentos na parte inferior; o cinturão, descaído na frente, é composto por duas nervuras laterais ligadas por duas presilhas, com três tiras unidas, colocadas uma de cada lado.

Dimensões: alt máx. – 173
larg. ombros/ancas – 54/48
esp. ombros/ancas – 30/35
diâm. escudo – 46
cabeça alt. – 34
larg. – 22
esp. – 30 cm.

Procedencia: idem.

Bibliografia: Sarmento 1880-81 = 1886 = 1896; Guerra 1982 (1911), p. 29; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 48-49, Fig. 22; Paris 1903; Pereira F.A. 1908 e 1915a; Silva A.C.F 1986b, 546 (Icon. 2), Est.CXX, 2; Calo Lourido 1994, p. 292-302, n.º 41 (guerreiro 2) e 2003a, p. 11-12, n.º 12, Fig. 1, Est. 12-13.

Depósito: MNA.

566 (Icon. 5) Frag. estátua de guerreiro de granito com saio decorado. **Est. CXXI, 3**

Dois frags., do mesmo granito, um com a parte inferior da estátua, do centro do escudo aos joelhos, e outro com os pés e peanha, aparentemente penencentes à mesma peça. O frag. maior mostra a parte inferior do saio decorado em xadrez formado de linhas oblíquas com losangos inscritos, sendo o cinturão composto de três nervuras, a *caetra*, fracturada pelo meio, com o desenho decorativo típico em labirinto e o punhal. também com fracturas, com o conto de perfil circular, e as pernas, boleadas, unidas. O outro fragmento é constituido por uma base paralelipipédica, desbastada na parte anterior provavelmente para encaixe, com figuração de dois pés com dedos, separados.

É referido na bibliografia (Pereira F.A. 1908) um terceiro fragmento de granito diferente com representação de duas pernas adossadas com indicação de joelhos.

Dimensões:

frag. sup .alt. máx.. – 71
ancas larg. – 42
esp. – 28
escudo diâm. – 42
frag. inf. alt. máx. 55
larg. máx. – 42
esp. máx. – 28 cm.

Procedência: Castro do Mau Vizinho, Cendufe, Arcos de Valdevez.

Bibliografia: Pereira F.A. 1908 e 1915a; Paço 1966c, Fig. 2 (p. 559); Silva A.C.F 1986b, 547 (Icon. 3) Est.CXX, 3; Calo Lourido 1994, p. 219-226, n.º 20 e 2003a, p. 9-10, n.º 8-9, Est. 6-8.

Depósito: MNA.

567 (Icon. 6) Estátua de guerreiro de granito com saio decorado. **Est. CXXI, 4**

Dois frags. complementares, truncados pelo pescoço e pelos joelhos e com outras lesões no peito, ombro e braço direito, de um só monólito de granito característico da região.

A sua indumentária mostra o saio curto com decote da gola em ângulo, decorado na parte superior com quatro alinhamentos de SS encadeados desde o escudo, na frente, à linha do cinturão, nas costas, dois de cada lado do sulco do esterno e da coluna vertebral e com prolongamentos laterais associados a pequenos quadriláteros gravados nos espaços vazios e na parte inferior ornamentado com um axadrezado obtido por cruzamento de linhas obliquas com losângos inscritos, cingido por um cinturão com duas nervuras paralelas com travessões e com placa central traseira circular com tríscelo de seis raios.

A *caetra* arredondada e concava com umbo semiglobular é segura pela mão esquerda sem vestígios de correias de suspensão no antebraço e ostenta uma inscrição latina, estando o punhal triangular curto, com pomo discoidal introduzido em bainha com

nervuras laterais, presilhas e espaço decorado e conto de perfil circular, empunhado pela mão direita e suspenso do cinturão por correias em relevo.
Não se podendo documentar a existência de torques, registam-se, porém, a existência de *viriae* de duplo toro em ambos os braços.
Dimensões: alt. máx – 150
Escudo eixo maior – 43
eixo menor – 35 cm
Inscrição da *caetra*:
Malceino / Dovilonis / f(ilio)
a Malceinus, filho de Dovilo.

Altura das letras: linha 1: 1, 2, 3: 50; 4: 52; 5: 54; 6: 58; 7: 49; 8: 47
linha 2: 1, 2: 53; 3: 51; 4: 40; 5: 49; 6: 53; 7: 47; 8: 43; 9: 45
linha 3: 1:45 mm.
Espaços interlineares: linhas 1/2: 130; linhas 2/3: 15 mm.

Inscrição de três palavras organizada com simplicidade e simetria num campo epigráfico de 280 mm de largura por 275 mm de altura e ordenada em três linhas paralelas, a primeira na metade superior da caetra, referindo o nome do guerreiro, e as outras duas sobre o umbo designativas da filiação, com letras de certa regularidade, relativamente mais reduzidas na margem direita no termo das palavras ao aproximar-se do limite do escudo; apenas um nexo nas duas primeiras letras MA (1.1) e sem pontos distinguentes, aliás, desnecessários para marcar a separação das palavras, feita por mudança de linha.
Pelo tipo de letra, tendencialmente quadrata, poderá datar-se do séc. I d.C., devendo ser todavia dos tempos pré-flavianos.
Procedência: Citânia de São Julião, Ponte / Coucieiro, Vila Verde. Descoberto em Outubro de 1981 no entulho de antigas campanhas de escavação.
Bibliografia: Martins M.-Silva A.C.F. 1984, Est. II-III-IV, 1; Silva A.C.F. 1986b, 548 (Icon. 4/ Epigr. 1), Est. CXX, 4; Calo Lourido 1994, p. 450-455, n.º 66 e 2003a, p. 19-20, n.º 24, Est. 30-32.
Depósito: UAUM.

568 (Icon. 7) Frag. estátua de guerreiro de granito. **Est. CXXI, 5**

Parte inferior de estátua em tronco de pirâmide boleada, adelgaçando para a cintura com saio, destruído na parte anterior, decorado geometricamente com um reticulado de quadrados cavados com 2x2 cm de lado dispostos segundo alinhamentos oblíquos formando xadrez, e membros inferiores separados um do outro com pernas atarracadas, grossas e boleadas com modelação das rótulas e pés espalmados com indicação, desproporcionada e sumária, dos dedos sobre peanha paralelipipédica com entalhe na parte inferior para encaixe.
Dimensões: alt. máx. – 114
ancas larg. – 39
esp. – 27
peanha alt. máx. – 23
larg. máx. – 40
esp. máx. – 29 cm.
Procedência: Monte Mozinho, Oldrões, Penafiel. Escavações de 1943.
Bibliografia: Sousa E.F. 1954; Paço. 1966c, Fig. 1 (p. 559); Almeida 1974h, Est. XXIII, 3; Soeiro 1984. Fig. CXXVII [2]; Silva A.C.F. 1986b, 549 (Icon. 5), Est. CXX, 5; Calo Lourido 1994, p. 310-357, n.º 44 (guerreiro 4, p. 345-347, 357) e 2003a, p. 14, n.º 16, Est. 22.
Depósito: MEHP, n.º 6836.

569 (Icon. 8) Estátua de guerreiro de granito com saio decorado. **Est. CXXII,1**

Monólito truncado pela base do pescoço e zona média das perna, este guerreiro tem saio de decote em ângulo e mamga curta, com a parte superior de frentes aparentemente lisas e sulco marcando o esterno e costas com decoração simétrica de dois alinhamentos de SS encadeados, um de cada lado do sulco que marca a coluna, e com prolongamentos laterais interiores, cingido por cinturão composto de quatro nervuras paralelas e com quatro travessões de duas tiras, dois deles ladeando a placa traseira central com tríscelo, apresentando-se toda a parte inferior do saio ornamentada com o mesmo motivo de SS encadeados segundo orientações diferentes a enquadrar um motivo central de ziguezagues contrapostos entre caneluras simples. O escudo, redondo, levemente concavo e com umbo, está seguro pela mão esquerda, onde não são visíveis vestígios de correias de suspensão e o punhal triagular, largo e pequeno, com pomo discoidal introduzido em bainha com travessas e decoração de linhas cruzadas em X e conto de perfil circular, está empunhado, como habitualmente, pela mão direita não parecendo relacionado com o ressalto sobre o cinturão que possivelmente indicará a composição do saio em duas peças também sugerida pela diferença de textura da decoração. As viriae dos dois braços têm ambas três toros, não sendo de observar qualquer pormenor anatómico a não ser a característica representação circular das rótulas.
Dimensões: alt. max. – 157
larg. ombros/ancas – 56/50
esp. ombros/ancas – 25/29
escudo diâm. – 45/47 cm.
Procedência: Provavelmente de Outeiro Lezenho, Campos, Boticas. Localizada por L. F. Guerra no lugar de Campos em Julho de 1905.
Bibliografia: Guerra 1982 (1911), p. 28-31; Pereira F.A. 1915a; Paço 1966c, p. 560, Fig. 3; Silva A.C.F. 1986b, 550 (Icon. 6), Est. CXXI, 1; Calo Lourido 1994, p. 292-302, n.º 41 (guerreiro 4) e 2003a, p. 13-14, n.º 14, Est. 16-20.
Depósito: MNA.

570 (Icon. 9) Estátua de guerreiro de granito com saio decorado. **Est. CXXII, 2**

Como a anterior, com identidade de estrutura e tratamento decorativo, mas de dimensões um pouco menores e com certas peculiaridades, estando danificada do lado direito e na parte superior do escudo. O saio apresenta igualmente um decote angular com as frentes aparentemente lisas devendo todavia ter possuído decoração de SS encadeados similar à das costas, com presumíveis vestígios no lado direito, sendo apenas apontado o sulco do esterno e as costas decoradas com esse motivo organizado em quatro alinhamentos simétricos e paralelos, dois de cada lado do sulco da coluna e também com prolongamentos laterais inferiores sobre o cinturão que é debruado com duas nervuras de cada lado, quatro travessões e placa traseira central circular com tríscelo de seis raios, adelgaçando e terminando em tira na parte anterior a parte inferior do saio mostra uma ornamentação de axadrezado obtido por linhas oblíquas cruzadas orlada por um alinhamento de SS simples en cadeados; o escudo é redondo e côncavo com umbo saliente e o punhal triangular, fracturado, mostra a bainha com conto e perfil circular; as viriae de ambos os braços são de um só toro parecendo o conjunto das singularidades registadas não anular minimamente a dependência estilística entre este monumento e o anterior.

Dimensões: alt. máx. – 126
larg. ombros/ancas 44/42
esp. ombros/ancas 20/26
escudo diâm. – 42 cm.

Procedência: idem.

Bibliografia: Guerra 1982 (1911), p. 28-31; Pereira F.A. 1915a; Paço 1966c, p. 560, Fig. 4; Silva A.C.F. 1986b, 550 (Icon. 7), Est. CXXI, 2; Calo Lourido 1994, p. 292-302, n.º 41 (guerreiro 3) e 2003a, p. 12-13, n.º 13, Est. 14-15, 21.

Depósito: MNA

571 (Icon. 10) Estátua de guerreiro de granito com inscrições. **Est. CXXII,3**

Saio com decote angular e com decoração simétrica de SS simples encadeados desde a linha do escudo na parte anterior à parte superior do cinturão nas costas dum lado e doutro do sulco vincado da coluna cingido por cinturão de uma nervura de cada lado e com três travessões de dupla tira e parte inferior lisa ocupada por duas inscrições latinas na parte frontal e lateral direita. O escudo, redondo e convexo, com umbo e quatro cravos de cabeça larga, adulterada, fixando duas largas tiras de reforço e decoração cruzadas, está seguro pela mão esquerda com representação nítida das correias de suspensão cruzadas no antebraço, o punhal triangular de pomo discoidal, metido em bainha pontiaguda com vestígios de travessões, é empunhado pela mão direita, que tem uma pulseira.
As alterações introduzidas terão afectado a configuração do escudo, designadamente a transformação dos cravos em vieiras, sendo mais claras na gravação de uma cruz sobre o peito e na adaptação fruste de uma cabeça com elmo, tendo sido também deteriorada nas pernas, na parte inferior aos joelhos, com rótulas circulares, para introdução em peanha.

Dimensões: alt. máx. – 183
larg. ombros/ancas 54/45
esp. ombros/ancas – 20/27
escudo diâm. – 36/44 cm.

Inscrições do saio:

a) inscrição frontal
Clodame / Corocaudi / f(ilio) Se[stio?]
a Clodamus Sestius (?) filho de Corocaudius.

Campo epigráfico: 34 (larg.) x 22 cm (a/t.).
Altura das letras: linha 1: 1: 51; 2: 41; 3: 40; 4 5:51. 6: 48; 7: 55
linha 2: 1, 2: 40; 3, 4 5: 42; 6, 7: 50; 8: 39; 9: 45
linha 3: 1:54 [...] mm.
Espaços interlineares: linhas 1/2: 13; linhas 2/3: 16 mm.
Letra quadrangular, provavelmente da 1.ª metade do séc. I d.C., com um ponto distinguente na 3.ª linha.

b) inscrição lateral
L(ucius) Sesti/us L(ucii) l(ibertus?) Coroc/udius / contu(bernalis) / frater
L(ucius) Sestius Corocudius liberto de Lucius (?), irmão (familiar, amigo) e camarada (mandou fazer) (?).

Campo epigráfico: 21 (larg.) x 41 cm (alt.).
Altura das letras: linha 1: 1: 50; 2: 64; 3: 69; 4 5: 75; 6: 66
linha 2: 1: 53; 2: 54; 3: 45; 4: 53; 5: 54; 6: 52; 7: 55; 8:45
linha 3: 1. 68; 2: 66; 3: 57; 4: 65; 5: 59
linha 4: 1: 54, 2: 49.3: 52, 4, 5: 53
linha 5: 1: 54, 2: 61, 3: 55 4: 50; 5: 54; 6:55 mm.

Espaços interlineares: linhas 1/2: 12; linhas 2/3: 15; linhas 3/4: 60 linhas 4/5: 28 mm.
Tipo de letra alongado, mais tardia, provavelmente da 2.ª metade do séc. I, com quatro pontos distinguentes a separar as palavras da mesma linha (11 um; 12: três); sistema de parentesco romano com tria nomina.
Procedência: S. Paio de Meixedo, Viana do Castelo.
Bibliografia: CIL II 2462 e 5611 e Hübner 1871, p. 104-107; Sarmento 1879 = 1896 = 1933a, p. 36-40 e 1880-81 = 1896 = 1933a, p. 72-73; Guerra 1882, p. 3-4 e 1900; Vasconcellos 1896b, Fig. 3 (p. 31) e 1913 (RL,3), p. 49-53, Fig. 24; Pereira F.A. 1915a; Tranoy 1981, p. 351; Martins M. - Silva A.C.F. 1984, p. 40-43, Est. V e 1986b, 552 (Icon. 8/ Epigr. 2), Est. CXXI,3; CXXXIX,2A-D; Calo Lourido 1994, p. 467-472, n.º 70 e 2003a, p. 20-21, n.º 25, Est. 33-36.
Depósito: MMVC.

572 (Icon. 11) Estátua de guerreiro de granito. Com alterações modernas. **Est. CXXIII,1**

Monumento congénere dos anteriores, com saio liso de manga curta, cinturão de três nervuras paralelas com placa circular traseira com florão em triscelo eventualmente deformado, calçando poluinas atadas com correias até aos joelhos; caetra redonda segura pela mão esquerda com umbo com gomos de possível corda, e punhal triangular, largo e pequeno, metido em bainha com travessas e conto de perfil circular; viriae com dois toros no braço direito e três, com desgastes, no braço esquerdo. As alterações mais notórias consistiam na gravação de uma inscrição em vernáculo no tronco e no escudo a assinalar o sítio e a data da sua reimplantação na «PONTE DE, S. M(i)G(u)E[L] DE REFOY[O]S DE BASTO, 1612» e posteriormente, em 1892, pela aplicação de uma cabeça com barretina militar e bigodes ao gosto da época, sendo na ocasião também pintado com vestígios ainda hoje aparentes, sendo, além disso, manifesto um desgaste geral e modificações pontuais designadamente na orla e umbo do escudo, não podendo considerar-se adventícios os elementos referentes ao calçado conforme pretendia J.L. Vasconcellos (Cfr. bibliografia), com paralelo bem próximo no guerreiro de Santa Comba aparecido nas suas imediações em 1980.

Dimensões: alt. máx. – 188
larg. ombros/ancas – 58/50
esp. ombros/ancas 22/30
diam. escudo – 47 cm

Procedência: Desconhecida. Implantado na ponte de S. Miguel de Refoios de Basto, Cabeceiras de Basto, em 1612 e transferido para a praça da vila, onde se encontra, em 1892.

Bibliografia: Peixoto 1899-1903, Fig. 1-2; Vasconcellos 1913 (RL,3), p. 55-57, Fig. 27 bis; Silva A.C.F. 1986b, 553 (Icon. 9), Est. CXXII,1; Calo Lourido 1994, p. 509-515 e 2003a, p. 24-25, n.º 29, Est. 44-46a.

Localização: Praça da vila de Refoios de Basto, Cabeceiras de Basto.

573 (Icon. 12) Estátua de guerreiro de granito com inscrição. **Est. CXXIII, 2**

As particularidades deste monumento, em perfeito estado de conservação, apenas lhe faltando a cabeça e com fractura sobre os joelhos, residem sobretudo nos novos dados iconográficos que fornece em relação ao armamento e tipo de calcado e pelas referencias epigráficas da inscrição que traz no escudo, podendo considerar-se uma das obras de melhor qualidade deste género de estatuária, sendo a representação que até hoje melhor ilustra Estrabão III, 3, 6. Muito semelhante ao guerreiro anterior, da sua vestimenta consta também um saio curto e liso, com pequeno decote arredondado e manga curta, e com sulcos verticais marcando a linha do esterno e da coluna, cingido com cinturão de três nervuras paralelas com placa traseira circular com triscelo de cinco raios, calçando polainas atadas com correias até aos joelhos e assentes sobre uma peanha. O equipamento militar é composto por mais uma arma que consiste numa espada colocada ao alto e ao longo do tronco empunhada pela mão direita, cuja bainha com conto de perfil circular se encontra do lado esquerdo, apresentando do lado direito o punhal, que é também, triangular e pequeno e com conto de perfil circular, suspenso do cinto por uma correia que se ligada zona do florão à parte dianteira. A caetra redonda, côncava e com umbo, segura pela mão esquerda e com correias no antebraço, mostra uma inscrição latina com campo epigráfico na sua metade inferior, com a seguinte leitura:

Artifices Calubrigens/es e(x)s Albinis / f(aciendum) c(uraverunt)
mandaram fazer (este monumento) os artistas *Calubrigenses* dos *Albini.*

As letras são alongadas e ordenadas com adaptações à concavidade do campo, com dois nexos AR(1.1) AL(1.3) e quatro pontos distinguentes (1. 3, 4).

Por razões de ordem paleográfica, poderá datar-se da 2.ª metade do séc. I.

Dimensões: alt. máx. – 208
larg. ombros/ancas – 61/55
esp. ombros/ancas – 29/34
escudo diâm. – 44 cm.

Procedência: Encontrado em Abril de 1980 nas imediações do castro de Santa Comba, Refojos de Basto, Cabeceiras de Basto, por ocasião de arroteamento de terras em ambiente com muito espólio arqueológico romanizado.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1985 (1980), p. 215-218, Fig. 1-2 (p. 207) e Fig. (p. 208) = 1981-82, p. 89-90, Est. I. 2 e IV, 1-2 e 1986b, n.º 310 e 554 (Icon. 10/ Epigr. 3), Est. CXXII, 2; CXXXIX, IA-B; Almeida 1981; Martins·M. Silva A.C.F. 1984, p. 39-40, Est. IV, 2; Calo Lourido 1994, p. 509-515 e 2003a, p. 23-24, n.º 28, Est. 40-43.

Depósito: Colecção particular.

574 (Icon. 13) Estátua de guerreiro de granito. Fracturada. **Est. CXXIV, 1**

Estátua congénere, truncada pela cabeça e pelos joelhos, sem decoração no saio. O saium é liso, com decote arredondado e de manga curta mostrando uma depressão profunda na linha do esterno e costas planas, e de perfil bem cintado, sendo o cinturão composto de três nervuras decorado na parte posterior central com uma placa saliente circular com um triscelo de seis raios inscrito. A caetra é redonda e côncava e está também segura pela mão esquerda, muito desgastada e com vestígios de correias cruzadas no antebraço, e a bainha do punhal mostra travessões e conto de perfil circular; as viriae têm dois e três toros, respectivamente, no braço direito e esquerdo.

Dimensões: alt. máx. – 170
larg. ombros/ancas – 69/56
esp. ombros/ancas – 20/31
escudo diâm. – 48/50 cm.

Procedência: Castro de Santo Ovídio, Fafe. Adquirida por F. Martins Sarmento em 1878.

Bibliografia: Sarmento 1879 = 1896 = 1933, p. 36-40 e 1880-81 = 1896 = 1933, p. 72-73; Vasconcellos 1896b, Fig. 1, a-b (p. 30); Pereira F.A. 1915a; Cardozo 1985, p. 153, n.º 93; Silva A.C.F. 1986b, 555 (Icon. 11), Est. CXXIII, 1; Calo Lourido 1994, p. 594-596 e 2003a, p. 25, n.º 30, Est. 46b- 48a.b.

Depósito: MSMS, n.º 93.

575 (Icon. 14) Estátua de guerreiro de granito. Fracturada. **Est. CXXIV, 2**

Apesar das graves mutilações que atingiram diversos elementos desta estátua, designadamente o desaparecimento da cabeça e a mutilação dos membros e outros danos nas partes laterais e posterior, restou o suficiente para caracterizar a indumentária e parte do equipamento militar, apresentando saio liso e curto, com gola de recorte triangular, cingido por um cinturão de três nervuras paralelas espaçadas, e caetra, redonda e côncava e com umbo saliente, com decoração geométrica, de tipo labirintico, composta de várias circunferências concêntricas interrompidas por quatro feixes de linhas divergentes do umbo em disposição cruciforme, não ficando da caracterização anatómica nada de significativo além da modelação geral do corpo, mais boleado, e da representação das rótulas.

Dimensões: alt. máx. – 165
larg. ombros – 54
esp. ombros/ancas – 26/31 cm.

Procedência: S. Jorge de Vizela, Guimarães. Referenciada por F.M. Sarmento em 1884 no adro da igreja paroquial.

Bibliografia: Vasconcellos 1896b, Fig. 2, (p. 31) e 1913, p. 54 (Fig. 26); Pereira F A. 1915a e Cardozo 1985, p. 152-153. n.° 92; Silva A.C.F. 1986b, 556 (Icon. 12), Est. CXXIII, 2; Calo Lourido 1994, p. 445-449, n.º 65 e 2003a, p. 19, n.º 23, Est. 29.

Depósito: MSMS, n.º 92.

576 (Icon. 15) Estátua de guerreiro de granito. Fracturada. **Est. CXXIV,3**

Quatro fragmentos provavelmente da mesma estátua sobretudo em consideração à homogeneidade do granito, complementaridade mútua e unidade de tratamento. O frag. principal constitui a sua cabeça representando estilizadamente as orelhas, olhos bogalhudos, nariz aplanado e boca sumariamente rasgada e ainda vestígios de barba, ostentando no pescoço, alto, um torques de aro aberto com remates para a frente e com a cabeça coberta por um capacete com viseira, rebordo saliente e calote de perfil lateral elíptico com arranque de espigão, fracturado. O frag. do tronco, que se ajusta à cabeça, reformulando opiniões anteriores (Cfr. Paço 1968), e está mutilado no seu lado direito e pelo escudo, mostra saiumliso de manga curta com estilização de coluna vertebral e espáduas, braço esquerdo dobrado em ângulo recto com viria de três toros e com antebraço curto e deformado segurando a caetra, redonda e côncava. Não se tendo encontrado os elementos referentes à parte inferior do saio e das ancas, um terceiro fragmento mostra um troço das pernas, unidas e bem modeladas com indicação de joelhos, a que falta também uma pequena parte de ligação aos pés calçados com botas colocados sobre uma peanha em tronco de pirâmide invertida para encaixe em cavidade situada entre penedos frente a uma entrada da Citânia (Est. XXIV, GI).

Dimensões:

frag. A (cabeça) alt. máx. – 38
larg. máx. – 22 (capacete)
(capacete) esp. máx. – 32

frag. B (tronco) alt. máx. – 51
larg. ombros – 40
esp. ombros – 19

frag. C (pernas) alt.máx. – 33
larg. máx. – 28
esp. max. – 20

frag. D (pés e peanha) alt máx. – 57
larg. máx. – 32
esp. máx. – 32 cm.

Procedência: Citânia de Sanfins. Paços de Ferreira. Frags. A, B, C encontrados nas escavações de 1962 no interior de dois amplos recintos rectangulares com espólio de carácter religioso; frag. D referenciado *in situ* frente a uma entrada da Citânia.

Bibliografia: Paço 1968b; Silva A.C.F. 1983a, Est. X e 1986b, 557 (Icon. 13), Est. CXXIII,3 e 1999b, p. 34-35, 1.01; Calo Lourido 1983, Fig. 15-16 e 1994, p. 473-494, n.º 71 (guerreiro, p. 484-487, 493) e 2003a, p. 21-22, n.º 26, Est. 37-39; Höck 2002, p. 327, n.º 146.

Depósito: MACS.

578 (Icon. 16) Frag. estátua de guerreiro de granito. Adulterado. **Est. CXXV, 1**

Cabeça de guerreiro lavrada em granito grosseiro com uma perfuração profunda na parte superior lateral direita com orelhas em arco representando a parte posterior do pavilhão, olhos encovados de órbitas vincadas de perfil lanceolado e com fendas horizontais, nariz em aresta, perfil levemente côncavo e boca, com os lábios separados, emoldurada por bigode, não sendo certo que o relevo aparente da face direita entre a orelha e o bigode, menos evidente na face esquerda, garanta a existência de barba, considerando o tipo de matéria-prima e a rudeza de execução. As transformações sofridas terá afectado os olhos, nariz, boca e uma orelha.

Dimensões: alt. máx. – 30.2
larg. máx. – 25.8 cm

Procedência: Citânia de Roriz, Roriz/Oliveira, Barcelos. Descoberta em 1974 enterrada entre a 1.ª e a 2.ª muralha. A ela se referirá porventura a nota de Sarmento 1970, p. 34.

Bibliografia: Almeida C.A.B. 1981 e 1983; Silva A.C.F. 1986b, 559 (Icon. 15), Est. CXXIV, 1; Calo Lourido 1994, p. 398-402, n.º 59 e 2003a, p. 16-17, n.º 20, Est. 26.

Depósito: Colecção particular

579 (Icon. 17) Cabeça de estátua de guerreiro de granito. Fracturada pelo pescoço. Danificada. **Est. CXXV, 2**

Rosto oblongo, proporcionado, com olhos globulares, inseridos na órbita, vestígios de nariz modelado, fracturado, e boca marcada por fenda horizontal, entre lábios sumariamente definidos, bigode e barba. A existência na base da nuca de uma barra transversal moldurada e de uma saliência na parte superior e depressão na zona das orelhas e o recorte da cabeça sugerem a figuração de um capacete muito destruído na parte anterior.

A cabeça destaca-se do pescoço, que mostra torques com remates.
Dimensões: alt. máx. – 30.2
larg. máx. – 26.2
esp. máx. – 18 cm.
Procedência: Achado referenciado em 1977 na Capela de Monte de Nossa Senhora dos Anúncios, Vilarelhos, Alfândega da Fé.
Bibliografia: Santos Júnior 1978c, Est. V (fot.); Silva A.C.F. 1986b, 560 (Icon. 16); Calo Lourido 1993, p. 138 e 1993-94, p. 85 e 1994, p. 644-646 e 2003a, p. 26, n.º 32.
Depósito: Desconhecido.

580 (Icon.18) Cabeça de estátua de guerreiro de granito. Fracturada pelo pescoço. Danificada. **Est. CXXV, 3**
Rosto arredondado, proporcionado, com olhos globulares, com sobrancelhas salientes, nariz destruído, de que se reconhecem as narinas, e boca marcada, bigode e barba. As orelhas e a parte posterior da nuca estão sumariamente esculturadas.
Apesar do tratamento rudimentar, indicações volumétricas na fractura do pescoço parecem denunciar um *torques*.
Procedência: Proximidades do Quartel de Caçadores 7, Guarda.
Bibliografia: Rodrigues 1958, p. 227 e 1962; Silva A.C.F. 1986b, Est. 9: 22; Calo Lourido 1994, p. 281, n.º 38 e 2003, p. 10, n.º 10, Est. 9.
Depósito: MRG

581 (Icon.19) Cabeça de estátua de guerreiro de granito. Fracturada pelo pescoço. **Est. CXXV, 4**
Rosto oblongo, bem alisado, com as cavidades oculares assimétricas e nariz ao nível das sobrancelhas sem qualquer depressão entre elas, fracturado na base, e sem indicação de boca nem representação de orelhas.
A metade superior é ocupada por um capacete em calote, de base plana, apontada para a parte frontal, onde termina em protuberância interpretável como espigão.
A modelação da cara destaca-se do pescoço por um sulco profundo; uma saliência do lado esquerdo, que não pertence ao colo nem ao capacete e que tem continuidade envolvente na parte posterior, indicará a presença de um *torques* com terminal.
Dimensões: alt. máx. – 19
larg. máx. – 13.5
esp. máx. – 9.5 cm.
Procedência: Castro de S. Miguel-o-Anjo, Calendário, Vila Nova de Famalicão, 2002.
Bibliografia: Inédita.
Depósito: GACMVNF.

582 (Icon.20) Cabeça de estátua de guerreiro de granito. Fracturada pelo pescoço. Danificada. **Est. CXXV, 5**
Escultura, bem proporcionada, expressiva e com movimento, de cabeça de presumível guerreiro.
Olhos em amêndoa enquadrados por pálpebras bem demarcadas e sobrancelhas salientes com desenho da cobertura capilar; nariz largo, no alinhamento da testa, com indicação das fossas nasais; boca com lábios distendidos, em posição de falar, e barba representada por tratamento picotado do rosto; orelhas bem colocadas, com pavilhão anguloso e pregas interiores desenhadas.
A cobertura da cabeça, pelo seu recorte e adequação anatómica, indicará provável capacete de couro.
Dimensões: alt. máx. – 29.5
larg. máx. – 24 cm.
Procedência: Avenida da Imaculada Conceição, Cividade, Braga. Referenciada em finais dos anos 70 do século XX.
Bibliografia: Bettencourt-Carvalho 1993-94.
Depósito: Propriedade particular.

583 (Icon. 21) Baixo-relevo antropomórfico de figura masculina em granito. **Est. CXXVI, 1**
Monobloco paralelepipédico de granito com representação não proporcionada, mas descritiva, de figura humana masculina, ao nível da superfície inicial da pedra.
Cabeça oblonga, de fronte espalmada, com testa no plano do nariz e do queixo, olhos circulares, fundos, com denúncia intencional(?) de cegueira de um dos olhos, nariz elevado na zona média, decrescendo para a testa e para a boca, que é desenhada por um traço transversal levemente arqueado para baixo, muito próximo da base do nariz e queixo alongado e afilado, presumindo barba, e indicação de orelhas por saliências laterais.
Tronco plano, com ombros boleados, estrangulado na zona média, e alargando para as ancas que se prolongam em duas pernas separadas, curtas e flectidas para trás, na ligação com os pés, que aparecem modelados de frente assentes num plano oblíquo, que começa à altura do sexo, bem explicitado, donde parece sair secreção seminal.
Os braços pendem ao lado do corpo até ao começo dos pés. Na mão direita desenham-se quatro dedos, três de um lado e outro lateral, empunhando o cabo de um maço, em posição de descanso e, na mão esquerda, vêem-se apenas três dedos, numa zona prejudicada por pequena fractura.
Dimensões: alt. máx.- 66
larg.máx.- 35
prof.-4/5 cm.
Procedência: Igreja paroquial de Vilar de Perdizes, Montalegre, inserido na parede Sul, sob o estrado do coro.
Bibliografia: Inédita.
Depósito: Igreja paroquial de Vilar de Perdizes, Montalegre.

584 (Icon. 22) Estátua feminina de granito. **Est. CXXVI, 2**
Monólito esculturado nas partes anterior e laterais representando figura feminina nua, de pé, braços dobrados em ângulo recto pelo cotovelo, mãos, com divisão de dedos, unidas ao meio do tronco sobre o ventre entumescido traduzindo estado de gravidez, com

indicação de umbigo, pernas afastadas e pés lançados para o exterior e sexo descritivamente assinalado em aparente iminência de parto. Nas partes laterais apenas as pernas se destacam do monólito, informe e boleado. A cabeça e o colo foram estroncados pelos ombros.

Dimensões: alt. máx. – 71
larg. máx. – 22 cm.
Procedência: Castro de Sendim, Felgueiras.
Bibliografia: Cardozo 1985, p. 155, n.º 208 (introduzida nesta 3.ª edição do Catálogo do Museu de Martins Sarmento por F. J. Salgado Guimarães); Silva A.C.F. 1986b, 561 (Icon. 17), Est. CXXIV, 2.
Depósito: MSMS.

585 (Icon. 23) Estátua masculina sedente de granito. Cabeça amputada **Est. CXXVII, 1**

Monólito esculturado de personagem masculina sentada em cadeira.
Vestido com um saio curto, que lhe envolve as coxas, terminando acima dos joelhos, deixa visível o sexo.
Sem cabeça e parte da mão direita, que está em posição elevada, a mão esquerda segura um vaso contra o regaço, com quatro dedos destacados; as pernas estão distanciadas uma da outra e os pés mostram dedos rudimentares.
A cadeira, de espaldar sem braços, é de quatro pernas, terminando as dianteiras em casco de equídeo e elevando-se as traseiras acima das ancas da figura, com terminais em pomo. Apesar da danificação por um sulco vertical na parte posterior, é visível o nível do assento.
A estátua tem um soco quadrangular.

Dimensões: alt. máx. – 77
larg. máx. – 43.5
esp. máx. – 40.5
esp. máx. (soco) – 50 cm.
Procedência: Avenida da Imaculada Conceição, freguesia da Cividade, Braga, referenciada em finais dos anos 70 do século XX.
Bibliografia: Bettencourt-Carvalho 1993-94.
Depósito: Propriedade particular.

586 (Icon. 24) Estátua sedente de granito. **Est. CXXVII, 2**

Monólito de granito rudimentarmente esculturado, com representação grosseira de figura humana e de uma cadeira, onde está sentada, adaptando os volumes do bloco à materialização da escultura.
A cabeça, boleada, com olhos encovados, em fossette, nariz, no prolongamento da testa, destacado das faces por sulcos, terminando numa boca larga e aberta, e orelhas salientes com notação das cavidades internas, assenta num colo subcilíndrico, que emerge do vestuário, que se presume ser um manto envolvente de toda a figura.
Alguns sulcos intencionais parecem querer representar o braço esquerdo, sendo mais evidente a representação das pernas e dos pés aparecendo estes destacados por duas fossetes.
A cadeira, onde se senta a figura em posição descentrada, e que teria braços, é sumariamente desenhada por sulcos no lado direito.
Na parte lateral direita estão gravados um arco e uma seta, do lado esquerdo, um motivo fitomórfico e, no dorso, a representação de um cervídeo, com hastes ramificadas, em posição de movimento.
A figura e a cadeira assentam num soco rudimentar.

Dimensões: alt. máx. – 24.5
larg. máx. – 17
esp. máx.-12 cm.
Procedência: Castro de Roriz, Barcelos.
Bibliografia: Bettencourt 2003b.
Depósito: MRDDS, Inv.n.º 0675.

587 (Icon. 25) Estátua feminina sedente de granito. **Est. CXXVII, 3**

1 – Fragmento de cabeça de granito de grão fino representando uma face feminina que poderá ser eventualmente fragmento da peça seguinte.

Bem afeiçoada, mostra nariz proeminente triangular com indicação de narinas na base, lábios modelados, um pouco salientes e a boca fechada. A parte superior está amputada pela zona dos olhos.

Dimensões: alt. máx. – 10.5
larg. máx. – 11cm.

2 – Corpo sedente em cadeira de braços e espaldar, com indicação das partes de que é formada. Estilização vigorosa com colo cilíndrico no prolongamento do tronco, braços volumosos e boleados em arco com as mãos destruídas que estariam passadas sobre os joelhos a abarcar uma cavidade existente no regaço; pernas dobradas em angulo recto, em posição paralela, e pés rudimentares, um deles destruído e o outro com dedos e artelhos salientes. O bloco de granito foi esvasado interiormente pela base.

Dimensões: alt. máx. – 24.5
base frente – 18 5
base lateral – 20.5 cm.
Procedência: Castelo de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso.
Bibliografia: Teixeira 1940b, p. 123-125, Fig. 7; BDGEMN, 29, 1942, Fig. 36-37; Silva A.C.F. 1986b, 562 (Icon. 18), Est. CXXV; Calo Lourido 1994, p. 283-291, n.º 40.
Depósito: PPL.

588 (Epig. 1) *Addoviensis*. Estela funerária de granito.
Leitura: *Doviter/us Triti/ f(ilius) an(n)o(rum) / L Addovie(n)sis / Ama/[– -].*
Procedência: Sanhoane, Mogadouro.
Bibliografia: AE 1987 587; Mourinho 1988, n.º 29, p. 101-103; HE 3, 446; Rodríguez Colmenero 1996, p. 232; Guerra A. 1998, 1, E. 5, p. 103, 255-256.
Depósito: SACMM.

589 (Epig. 2) *Agripia, ? (castellum)*. Estela funerária em granito.
Leitura: *Arquius / Viriati f(ilius)/ ? Agripia / h(ic) s(itus) [s(itus)] e(st) / Melcae/nus Pelisti / monument(um) / posu[it].*
Procedência: Necrópole da Rodovia, Braga.
Bibliografia: CIL II 2435; Bellino 1895, XXII: *Agrippa*; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 123 e 1918, p. 359; ILER 3476; Albertos 1975, p. 31; Pereira-Santos 1980, A: 2; Tranoy 1981, p. 249, 372:13; Silva A.C.F.1986b, Est XI:14, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Tranoy-Le Roux 1989–1990, p. 210–211; HE 4, 1011; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, n.º 388, p. 222–223; Guerra A. 1998, 1, E. 4.4.1, p. 102, 255 e 2, p. 781: 1.
Depósito: Casa de Avelar, Braga.

590 (Epig. 3) *Agripia, ? (castellum)*. Estela funerária de granito.
Leitura: *Apil[us]/ Arquii/ Mun[– -]/ Perifun[– -]/ Pen[– -] D/ ? Agrip[ia] / h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) [t(erra) l(evis)]*
Procedência: Dume, Braga.
Bibliografia: CIL II 2433; Albertos 1975, p. 31; Pereira-Santos 1980, A: 1; Tranoy 1981, p. 249, 372:12; Pereira Menaut 1982, p. 256; Silva A.C.F. 1986b, Est XI:13, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, n.º 387, p. 222–223; Guerra A. 1998, 1, E. 4.4.2, p. 102, 255 e 2, p.781: 1.
Depósito: MDDS.

591 (Epig. 5) *Aquiflavienses, Aobrigenses, Bibali, Coelerni, Equaesi, Interamici, Limici, Nebisoci Quarquerni, Tamagani*. Inscrição monumental em monólito cilíndrico de granito.
Leitura: *Imp(eratori) Caes(ari) Ve[sp(asiano) Aug(usto) pont(ifici)] /max(imo) trib(unicia) pot(estate) [X imp(eratori) XX p(atri) p(atriae) co(n)s(uli)] / imp(eratori) Ves(pasiano) Caes(ari) Au[g(usti) f(ilio) pont(ifici) trib(unicia) pot(estate)] / VIII imp(eratori) XIIII co(n)s(uli) VI / Domitiano Caes(ari) Aug(usti) f(ilio) co(n)s(uli) V / principi iuventutis] / G(aio) Calpetano Ra[ntio Quirinali] / Val(erio) Festo leg(ato) A[ug(usti) pr(o) pr(aetore)] / D(ecimo) Cornelio Ma[eciano leg(ato) Au(gusti)] / L(ucio) Arruntio Max[imo proc(uratori) Aug(usti)] / Leg(io) VII Gem(ina) [Fel(ix)] / civitates [X] / Aquiflavien[ses Aobrigenses] / Bibali Coe[lerni Equaesi] / Interamic[i Limici Nebisoci] / Quarque[r]ni Ta[magani].*
Procedência: Rio Tâmega, Chaves.
Bibliografia: CIL II 2477 / 5616; Guerra 1888, p. 83, 98-99; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 77; ILER 1084; Tranoy 1981, p. 61-64, 66-67, 69-74; Silva A.C.F. 1981-82, p. 90-92=1985, p. 222-224 e 1986b, p. 279ss; Le Roux 1982, p. 142-143; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 437, p. 546-569 e 1997, n.º 587, p. 418-427; Alarcão 1988b, 2(1), p. 67: 1/116; Guerra A. 1998, 1, E. 2, p. 98-99.
Depósito: MRF.

592 (Epig. 6) *Arabrigenses* e *Coilarni*. Terminus augustalis em bloco paralelepipédico de granito.
Leitura: *[Imp(eratore) Nerva Cae/[s]are Aug(usto) Ge[r](manico) / [p]ont(ifice) max(imo) tr[i]/bu(nicia) potes(tate) II imp(eratore) / II p(atre) p(atriae) co(n)s(ule) III ter/mi(nus) aug(ustalis) //*
sinistra: *[i]nter / Arabr(igenses)*
dextra: *inte[r] Coila[r](nos)*
Procedência: Goujoim, Armamar.
Bibliografia: Vaz 1979, p. 133-138; Silva A.C.F. 1981-82, p. 93-94=1985, p. 222-224 e 1986b, p. 279; Alarcão 1988b, 1, p. 19, 22 e 2(1), p. 53: 4/22; HE 1, 694; Le Roux 1994, p. 40-41, 50; Guerra A. 1998, 1, E. 23.2, p. 115-116.
Depósito: Casa do Povo de Goujoim, Armamar.

593 (Epig. 7) *Araocelenses, castellani*. Inscrição monumental em placa funerária de granito.
Leitura: *C(aius) Caielianus Modes/tus castellanis / Araocelensibus /d(ono) d(edit).*
Procedência: S. Cosmado, Mangualde.
Bibliografia: Figueiredo 1952, p. 165; AE 1954, 93; HAE 788; ILER 5242; Blanco Freijeiro 1977, p. 14-16; Vaz 1988b, p. 12-13 e 1997, 1, n.º 83, p. 283–285; Alarcão 1988b, 1, p. 46, 48, 92-93 e 2(1), p. 61: 4/216 e 1989, p. 307; Encarnação 1989, p. 318; Gomes-Carvalho 1992, p. 97; Le Roux 1992-93, p. 154; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 246; Guerra A. 1998, 1, E. 24, p. 117, 289 e 2, p. 781:5; Olivares 2002, p. 153.
Depósito: MADV, n.º 614.

594 (Epig. 8) *Arcobrigensis*. Estela funerária de granito.
Leitura: *L(ucius) Val(erius) Camiranus Ar/cobrigensis h/ic s(itus) est.*
Procedência: Candal, S. Pedro do Sul
Bibliografia: Robalo 1957 e 1958; Vaz 1997, 1, n.º 56, p. 248-249.
Depósito: MGV

595 (Epig. 9) *Atucausenses, vicani*. Ara votiva de granito.
Leitura: *Iovi Ma/xumo / vicani / A[tucau]se/[nses].*
Procedência: Quinta de Pascoais, Gatão, Amarante.

Bibliografia: CIL II 6287: *Atucause(nses)*; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 224, n. 3, 230; ILER 85; Cardozo 1985 (1935), n.º 28, p. 50; Tranoy 1981, p. 316; Alarcão 1988b, 2(1), p. 21: 1/378; Garcia 1991, n.º 324, p. 398; Le Roux 1992-93, p. 159; Dias L.A.T. 1997, p. 293; Guerra A. 1998, 1, E. 33, p. 123-124, 312, 313; Olivares 2002, p. 181.
Depósito: MSMS, n.º 28.

596 (Epig. 10) *Aulobrigensis*. Placa funerária de calcário rosa.
Leitura: *Laetus Caturonis f(ilius) / Aulobrigensis h(ic) s(itus) e(st) / an(norum) XXIIX Niger / frater ex testamento / faciendum curavit / arbitratu Q(uinti) Laberi(i) / Exorati Olisipone(n)sis.*
Procedência: Igreja paroquial de Fermedo, Arouca.
Bibliografia: Silva A. V. 1944, n.º 114; Sousa 1954, p. 28; Almeida 1959b, p. 162-164: *Aviobrigensis*; Lambrino 1959-60, p. 13; Brandão 1961a e 1961c: *Aviobrigensis*; Silva A. M. P. 1994, n.º 10, p. 116-117; Mantas 1996, 1, p. 659-662, 2, p. 122, 307: *Aulobrigensis*; Guerra A. 1998, 1, E.37, p. 125-126, 316, 317.
Depósito: Igreja paroquial de Fermedo, Arouca.

597a (Epig. 11a) *Banienses*. Ara votiva de granito.
Leitura: *Iovi / Optimo / Max(imo) / Civitati / Baniensiu(m) / Sul[p(icius)] Bas(s)us / [d(ono)] d(edit).*
Procedência: Capela de S. Mamede, Mesquita, Moncorvo.
Bibliografia: CIL II 2399; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 223, n. 3, 299; ILER 47-48; Encarnação 1975, p. 186-187; Tranoy 1981, p. 319; Garcia 1991, n.º 366, p. 415; Alarcão 1988b, II, 45; Guerra A. 1998, 1, E. 39, p. 127, 328-329.
Depósito: MAB.

597b (Epig. 11b) *Banienses*. Inscrição monumental rupestre.
Leitura: *Turos Banie(n)siu(m).*
Procedência: Rodelas, Penela da Beira, Penedono.
Bibliografia: Alarcão 1988b,1, p. 17 e 2(1), p. 53: 4/26: *[– -]ros Baniesu*; Carvalho P. 1989, p. 78, 89; Guerra A. 1998, 1, E. 39.2, p. 127-128, 328-329.
Localização: Rodelas, Penela da Beira, Penedono.

598 (Epig. 12) *Bracari*. Inscrição monumental em bloco quadrangular (reutilizado) de granito.
Leitura: *(... tribunicia pot)estate Pontific(i Maximo ... /... sa)crum Bracari.*
Procedência: Mosteiro de Alpendurada, Marco de Canaveses.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1984, p. 47 e 1986b, p. 280-281; Alarcão 1998b, 1, p. 107 e 2(2), 3/19; Guerra A. 1998, 1, p. 345.

599 (Epig. 13) *Bracarus*. Estela funerária de xisto.
Leitura: *D(is) M(anibus) s(acrum) / Flaus B/ra(cari) (filius) an(norum) XXXX / h(ic) s(itus) e(st).*
Procedência: Valongo.
Bibliografia: Fortes 1905-08d, n.º 5, p. 125; Silva A.C.F. 1986b, p. 280; Alarcão 1988b, 2(1), p. 26: 1/455.

600 (Epig. 14) *Bracarus*. Estela funerária.
Leitura: *[...] / Lancie/nsis Tr/a(ns)quda/nus h(ic) s(itus) e(st) Brac/arus po(suit).*
Procedência: Vila Fria, Felgueiras.
Bibliografia: EE 8, 112; Cardozo 1985 (1935), n.º 47, p. 89; Tranoy 1981, p. 65; Silva A.C.F. 1986b, p. 280; Guerra A. 1998, 1, E.103.2, p. 175-176.
Depósito: MSMS, n.º 47.

601 (Epig. 15) *Cabricenses, vicani*. Ara votiva de granito.
Leitura: *Iovi / O(ptimo) M(aximo) / vicani / Cabr(icenses?).*
Procedência: Capela de Fornelo, Soutelo, Vieira do Minho.
Bibliografia: Garcia 1991, n.º 340, p. 402-403; HE 4, 1016; Guerra A. 1998, 1, E. 53, p. 134, 358; Olivares 2002, p. 181.
Depósito: Capela de Fornelo, Soutelo, Vieira do Minho.

602 (Epig. 16) *Caladuna*. Estela funerária de granito.
Leitura: *[– r]elica / [Ce?]ltici f(ilia) / [Cala]dun(a) / [– -]mun.*
Procedência: Casa de Avelar, Braga.
Bibliografia: Bellino 1985a, XXXIII; EE 8, 120; Vasconcellos 1913 (RL,3), p. 413; Sousa J.J.R.1973, p. 15; Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 26, p. 20; Tranoy-Le Roux 1989-90, p. 214-215; Guerra A. 1998, 1, E. 56.2, p. 137, 366-368.
Depósito: MPXII.

603 (Epig. 17) *Caladunus*. Estela funerária de granito.
Leitura: *[...] / Cundenae f(ilius) / Calad/u[n]us / [an(norum)] LXX / [h(ic) s(itus)] e(st).*
Procedência: Casa de Avelar, Braga.
Bibliografia: Bellino 1985a, XXXII (b); EE 8, 125a, b; Sousa J.J.R. 1973, p. 16; Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 24, p. 19; AE 1983, 570; Guerra A. 1998, 1, E. 56.1, p. 136-137, 366-368.
Depósito: MPXII.

604 (Epig. 18) *Campioeicum, ↄ (castellum).* Inscrição funerária de granito.
Leitura: *Ponto / Ladi (filius) Se/urrus / ? Campi/oeic(o) an(norum) / XLVII Se/v[erus]?*
Procedência: Trêsminas, Vila Pouca de Aguiar.
Bibliografia: CIL II 2391; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 286, p. 262; Guerra A. 1998, 1, E.156.3, p. 214.

605 (Epig. 19) *Cantiensis.* Estela funerária de granito.
Leitura: *D(iis) M(anibus) / Corun[is] / Medam[i f(ilius)] / Cantiens[is] / h(ic) s(itus) Cam[al]/us Coru[n]/[i]s f(ilius) pius pa[tr]/[i] suo f(aciendum) c(uravit).*
Procedência: Rubiães, Paredes de Coura.
Bibliografia: Dias M.M.A.1990-92, p. 303; Guerra A. 1998, 1, E. 64, p. 142-143, 382-383.
Depósito: MNA, n.º E.5208.

606 (Epig. 20) *Colocuticensis.* Ara votiva de granito.
Leitura: *Iovi / Optimo Maximo Conservatori of(ficina?) Colocuticensis.*
Procedência: Rua do Bairro, Sabrosa.
Bibliografia: Ervedosa 1985; Alarcão 1988b, 2(1), p. 25: 1/439; Garcia 1991, n.º 343a, p. 404-405; Guerra A. 1998, 1, p. 407.

607 (Epig. 21) *Copori* e *Meidubrigensis.* Estela funerária de granito.
Leitura: *Caturo / et Virius / Copori / Cel(ti) f(ilii) et Bo/utia Meid(ubrigensis) / h(oc) ex t(estamento) f(aciendum) c(uraverunt).*
Procedência: Lamego.
Bibliografia: CIL II 5250; Tranoy 1981, p. 57; Vaz 1982, n.º 4, p. 505-506; Guerra A. 1998, 1, E. 72.2, p. 149, 418-419.
Depósito: ML.

608 (Epig. 22) *Coroq(...?)* e *Praen(...?).* Marco divisório em cipo paralelepipédico de granito.
Leitura: *Praen (...?) // Coroq (...?).*
Procedência: Outeiro, Jusão, Samaiões, Chaves.
Bibliografia: Cardozo 1943a, n.º 20, p. 38; Cortez 1957a, n.º 21, p. 109; Silva A.C.F. 1981-82, p. 93 e 1986b, p. 275; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 467, p. 634 e 1997, n.º 612, p. 454: *Praen(i) Coroq(ui)*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 9: 1/164; Guerra A. 1998, 1, E.139.1, p. 201, 419-420.
Depósito: MRF.

609 (Epig. 23) *Coroq(...?)* e *Praen(...?).* Marco divisório em cipo rectangular de granito.
Leitura: *Praen (...?) // Coroq (...?).*
Procedência: Samaiões, Chaves, Vila Real.
Bibliografia: Vasconcellos 1917, p.15; Cortez 1957a, p. 109; Silva A.C.F.1981-1982, p. 93 e 1986b, p. 275; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 466, p. 632-633 e 1997, n.º 613, p. 454-455: *Praeni, Coroqui*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 9: 1/164; Guerra A. 1998, 1, E.139.2, p. 201,419-420.
Depósito: MNA.

610 (Epig. 24) *Coroq(...?)* e *Praen(...?).* Marco divisório em cipo paralelepipédico de granito.
Leitura: *Praen (...?) // Coroq (...?).*
Procedência: Samaiões, Chaves, Vila Real.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1981-82, p. 93 e 1986b, p. 275; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 467, p. 634-636 e 1997, n.º 615, p. 456: *Praen(i), Coroqu(i)*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 9: 1/164; Guerra A. 1998, 1, E.139.3, p. 201-202, 419-420.
Depósito: MRF.

611 (Epig. 25) *Coroq(...?)* e *Praen(...?).* Marco divisório em cipo paralelepipédico de granito.
Leitura: *Praen (...?) // Coroq (...?).*
Procedência: Outeiro Jusão, Samaiões, Chaves, Vila Real.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1981-82, p. 93 e 1986b, p. 275; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 468, p. 635-636 e 1997, n.º 615, p. 456: *Praen(i), Coroqi*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 9: 1/164; Guerra A. 1998, 1, E.139.4, p. 202, 419-420.
Depósito: MRF.

612 (Epig. 26) *Elaneobrigensis.* Estela funerária de granito.
Leitura: *Severus / Reburri / f(ilius) Tiophilus / Elaneobr(igensis ?) / an(norum) XXXX so/dales Flavi / d(e) s(uo) f(aciendum) c(uraverunt).*
Procedência: Braga
Bibliografia: Nunes J.C. 1950; Cortez 1951d, p. 29-30; Cunha A.R. 1953a; Le Roux-Tranoy 1973a, n.º 3, p. 187-189; AE 1973, 299; Silva A.C.F. 1986b, p. 273; Albertos 1975, p. 64; Tranoy 1981, p. 249; Alarcão 1988a, p. 225; Tranoy-Le Roux 1989-90, p. 102; Guerra A. 1998, 1, E. 80.1, p. 153-154, 436-438.

613 (Epig. 27) *Grovius.* Inscrição votiva rupestre.
Leitura: *G[r]ovio.*
Procedência: Citânia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Cardozo 1985 (1935), n.º 192, p. 18; López Cuevillas 1953c, p. 65; Tranoy 1981, p. 67; Guerra A. 1998, 1, E. 86.4, p. 158, 452-453.
Depósito: MSMS, n.º 192 (réplica).

614 (Epig. 28) *Grovius*. Inscrição votiva.
Leitura: *[...] / Rufi (filius) Gro/vius votu/m Iovi Op/tumo M/axumo / [...].*
Procedência: Igreja antiga de Vila Mou, Viana do Castelo.
Bibliografia: EE 9, 268; Pereira F. A. 1906; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 231; ILER 58; Tranoy 1981, p. 67, 317; Silva A.C.F. 1986b, p. 280; Garcia 1990, n.º 341, p. 403; Guerra A. 1998, 1, E. 86.2, p. 157, 452-453.

615 (Epig. 29) *Hiberius*. Placa funerária (?) de xisto.
Leitura: *Hiberii.*
Procedência: Queiriga, Vila Nova de Paiva.
Bibliografia: Figueiredo 1953, p. 171: *Iberi*; Vaz 1982c, p. 781-792 e 1988b, p. 55 e 1997, 1, n.º 77, p. 275: *Hiberi*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 57: 4/119; Silva A.C.F. 1992, p. 88: *Hiberii*; Guerra A. 1998, 1, E. 88, p. 158-159, 456.
Depósito: MADV.

616 (Epig. 30) *Interamica, domus*. Placa funerária de granito.
Leitura: *Su<l>picia [– -] / domo / l(nteramica ?) / Sempronius [– -]/ – – -.*
Procedência: Eiras, Chaves, Vila Real.
Bibliografia: Rodríguez Colmenero 1987, n.º 204, p. 332 e 1997, n.º 222, p. 223; Guerra A. 1998, 1, E. 93.9, p. 165.

617 (Epig. 31) *Interamicus*. Estela funerária de granito.
Leitura: *[R]eburrus / Viriatis / Interamicus / [...].*
Procedência: Quartel, Chaves.
Bibliografia: Cardozo 1943a, p. 27 e 1943-44, p. 81-85; Cortez 1957a, p. 105; ILER 4506; Rodríguez Colmenero 1977, p. 243, 413 e 1987, n.º 182, p. 295–296 e 1997, n.º 236, p. 295-296; Tranoy 1981, p. 169; Guerra A. 1998, 1, E. 93.3, p. 163.
Depósito: MRF.

618 (Epig. 32) *Inturaii*. Ara votiva de granito. (89) x 35.1 x 24 L. 5.5.- 7.8 cm.
Leitura: *Capito / Medam/i f(ilius) miles / C(ohortis?) P(rimae?) Intura/iorum (?) / Iovi / v(otum) l(ibens) s(olvit).*
Procedência: Capela de Vila Pouca, Ovadas, Resende.
Bibliografia: Correia *et alii* 1998, FE 267.

619 (Epig. 33) *Labricenses*, Vicani. Ara votiva de granito.
Leitura: *Iovi / O(ptimo) M(aximo) / vica(ni) / Labr/[icenses ?].*
Procedência: Igreja paroquial de Pombal, Carrazeda de Ansiães.
Bibliografia: Alarcão 1988b, 1, p. 45 e 2(1), p. 44: 2/96; Guerra A. 1998, 1, E. 98, p. 170, 469.
Depósito: Pombal, Carrazeda de Ansiães.

620 (Epig. 34) *Lanciensis Transqudanus* e *Bracarus*. Estela funerária de granito.
Leitura: *[...] / Lancie/nsis Tr/a(ns)quda/nus h(ic) s(itus) est Brac/arus p(osuit).*
Proveniência: Residência paroquial de Vila Fria, Felgueiras.
Bibliografia: EE 8, n.º 112, p. 400; Cardozo 1985 (1935), n.º 47, p. 89; Alarcão 1988b, 2(1), p. 18: 1/324; Guerra A. 1998, 1, E. 103.2, p. 175-176, 481-483.
Depósito: MSMS, n.º 47.

621 (Epig. 35) *Letiobre*, ↄ *(castellum)*. Estela funerária de granito.
Leitura: *Albur/a Cat/uronis f(ilia)* ↄ *Leti/obri a/nn(orum) LXX / h(ic) s(ita) e(st).*
Procedência: Braga.
Bibliografia: Sousa J. J. R. 1973, n.º 45, p. 28; AE 1973, 303; Le Roux-Tranoy 1973, n.º 7, p. 103 e 1983, p.118-119 e 1984a; Albertos 1975, p. 33; Tranoy 1981, p. 373: 17; Pereira Menaut 1983, p. 205; Santos Yanguas 1984, p. 20; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 15, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Tranoy-Le Roux 1989-90, p. 194; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 229, 239-240; Rodríguez Colmenero 1996, p. 222-223: 393; Guerra A. 1998, 1, E. 109, p. 180, 182 e 2, p. 782: 23, 493-494.
Depósito: Museu da Catedral, Braga.

622 (Epig. 36) *Liburnicenses, vicani*. Ara votiva de granito.
Leitura: *Iovi / Optim(o) / Max(imo) / vicani Libur(nicenses ?) [...].*
Procedência: Quinta de Vila Maior, Cabeça Boa, Torre de Moncorvo.
Bibliografia: Inédita. Informação do Dr. Nelson Campos Rebanda.
Localização: Quinta de Vila Maior, Cabeça Boa, Torre de Moncorvo.

623 (Epig. 37) *Limicus*. Placa funerária de granito.
Leitura: *L(ucius) Sulpi(cius) Rufin/us Limicus sibi et / Sul(piciae) Cileae Sul(picio) Rufo / Sul(piciae) Rufinae abiis f(ecit).*
Procedência: Capela de S. Salvador do Mundo, S. João da Pesqueira.
Bibliografia: CIL II 434; Alves A. 1966, p. 348; Albertos 1975, p. 45; Tranoy 1981, p. 71; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 248, p. 378 e 1997, n.º 299, p. 268-269; Alarcão 1988b, 2(1), p. 29: 1/498; Guerra A. 1998, 1, E. 110.6, p. 182.
Depósito: Capela de S. Salvador do Mundo, S. João da Pesqueira.

624 (Epig. 38) *Madequisenses*. Cipo funerário (?) rectangular de granito.

Leitura: *Made/quis(enses) / statu/erunt / Ladro/no Ca/mali f(ilio) / Antonio/ a(nimo) l(ibentes) mo[numentum?].*
Procedência: Quinta do Paiço, Sobre-Sá, Alvarelhos, Trofa.
Bibliografia: Le Roux-Tranoy 1974, p. 252; Santarém 1977, p. 161, 170; AE 1977, 451; Silva A.C.F. 1980b, p. 84-86=1982, p. 389-392 e 1986b, p. 278; Tranoy 1981, p. 376; Alarcão 1988b, 2(1), p. 19:1/350; Moreira 1992, n.º 3, p. 19; Guerra A. 1998, 1, E. 117, p. 189, 520-521.
Depósito: MASASMP.

625 (Epig. 39) *Narelia,* ↄ *(castellum).* Cipo funerário rectangular de granito.

Leitura: *Reburrus / Ari Seur(r)u/s* ↄ *Nareli/a an(norum) LXII.*
Procedência: Capela de Santa Cruz, Carvalhosa, Felgar, Moncorvo.
Bibliografia: Sarmento 1999 (1898), p. 469; CIL II 6290; EE 8, 126; Vasconcellos 1896d, p. 134-135 e 1905 (RL, 2), p. 75, n.º 6; Alves 1934, p. 386-387; AE 1973, 303; Albertos 1975, p. 43; Pereira-Santos 1980, B: 1; Tranoy 1981, p. 59-60, 73, 372: 9; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 15, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 47 e 2(1), p. 46: 2/130; Tovar 1989, p. 133; Untermann 1992, p. 379; Jiménez 1994, p. 582; Brañas 1995, p. 251; Rodríguez Colmenero 1996, p. 191-192:44 e 1997, p. 28; Guerra A. 1998, 1, E. 125, p. 193-194, 545, 608-610 e 2, p. 782: 28.
Depósito: Capela de Santa Cruz, Carvalhosa, Felgar, Moncorvo.

626 (Epig. 40) *Obilii* e *Trebilii*. "Terminus" rupestre.

Leitura: *Term(inus) Treb(ilium / -iliorum) / t(erminus) Obili(um / -orum).*
Procedência: Regueiral, Sanfins, Valpaços.
Bibliografia: Lopo 1900, p. 167; Alarcão 1988b, 2(1), p. 42: 2/49; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 471, p. 640-642 e 1993, p. 14-15 e 1995, p. 123-124: *Treb(ili), Obili* e 1997, n.º 618, p. 458-459; Guerra A. 1998, 1, E.172, p. 228.
Localização: Regueiral, Sanfins, Valpaços.

627 (Epig. 41) *Saqua,* ↄ *(castellum).* Inscrição funerária.

Leitura: *Laucia Maturi f(ilia) Caladu<n>a /* ↄ *Saqua a(nnorum) L h(ic) s(ita) e(st) f(rater) f(aciendum) c(uravit) Ma/xumus s(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*
Procedência: Chaves, Vila Real.
Bibliografia: CIL II 2487; ILER 3629; Pereira-Santos 1980, p. 127, A:7; Tranoy 1981, p. 373: 20; Le Roux-Tranoy 1983-84, p. 206; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 11, p. 274; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 236, p. 367–368 e 1996, p. 190-191:56 e 1997, n.º 372, p. 295; Jiménez 1994, p. 583; Guerra A. 1998, 1, E. 56.4, p. 138, E.148, p. 208–209, 599 e 2, p. 782: 33.

628 (Epig. 42) *Serans,* ↄ *(castellum).* Estela funerária de granito.

Leitura: *Tridiae M/odesti f(iliae) Se/urr[a]e T/ransm(iniensi) / exs* ↄ *Se/rante / an(norum) XX Va/lerius u(xori) f(ecit).*
Procedência: Felgueiras, Moncorvo.
Bibliografia: Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 75 e 1933, p. 157-159; AE 1934, 19; Albertos 1975, p. 33; Pereira-Santos 1980, B: 11; Tranoy 1981, p. 59-60, 73, 372:10; Pereira Menaut 1982, p. 251; Silva A.C.F 1986b, Est. XI: 28; Alarcão 1988b, 1, p. 48 e 2(1), p. 46: 2/137; Tovar 1989, p.133; Untermann 1992, p. 379; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191:45 e 1997, p.28; Guerra A. 1998, 1, E.152, p. 211-212, 605, 608-610 e 2, p. 782: 34.
Depósito: MNA.

629 (Epig. 43) *Sermancelense,* ↄ *(castellum).* Inscrição votiva (?)

Leitura: ↄ *Sermancele(n)s(is) B(...?) F(...?) D(...?).*
Procedência: Tinhela, Monforte, Valpaços.
Bibliografia: CIL II 2494; ILER 6573; Pereira-Santos 1980, p. 127, A: 10; Pereira Menaut 1982, p. 256; Le Roux-Tranoy 1983-84, p. 206; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 9, p.274; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 203, p. 330 e 1996, p. 222-223:396 e 1997, n.º 623, p.463: ? *(cognatio) Sermancele(n)sis*; Alarcão 1988b, 1, p. 48 e 2(1), p. 41: 2/27A; Jiménez 1994, p. 583; Guerra A. 1998, 1, E.153, p. 212, 605-606 e 2, p.782: 35.

630 (Epig. 44) *Taporus*. Placa funerária de granito.

Leitura: *Maelo Bo/utis f(ilius) Tap(orus) / anno(rum) LX h(ic) / s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) levis / fili(ius* vel *-ii) f(aciendum) c(uravit* vel *-uraverunt).*
Procedência: Igreja do Carmo, Santa Maria, Viseu.
Bibliografia: Berardo 1857; Leal-Ferreira 1886, 12, p.1563; CIL II 408; Aragão M. 1894, p.89-91; Figueiredo 1953, p. 154; ILER 3905; Vaz 1983 e 1997, 1, n.º 58, p. 251-252; Guerra A. 1998, 1, E.166.10, p. 224, 628-631.
Depósito: Quinta do Cerrado, Santa Maria, Viseu.

631 (Epig. 45) *Tarbucelense,* ↄ *(castellum).* Estela funerária de granito.

Leitura: *Camalus / Borni f(ilius) / hic situs / anno(rum) / XXX exs* ↄ *Tarbu(celensi?) / frater facie(ndum) / Ael(i)us curavit.*
Procedência: Pastoria, Chaves.
Bibliografia: CIL II 2484; EE 8, 268a; Cardozo 1943a, p. 29; Cortez 1957a, p. 106; ILER 4704; Albertos 1975, p. 33; Rodríguez Colmenero 1977, p. 243, 416 e 1987, n.º 183, p. 297-299 e 1996, p. 166, 222-223:392 e 1997, n.º 237, p. 235-236: ? *Tardu(m)*; Pereira-Santos 1980, p. 127, A:9; Tranoy 1981, p. 373:22: ? *Tardus*, p. 378; Pereira Menaut 1982, p. 257; Le Roux-Tranoy 1983-84, p. 206; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 10, p. 274, 277, 291; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 248: *Tarbucelo*; Mangas-Olano 1995, p. 342; Guerra A. 1998, 1, E.167, p. 225-226 e 2, p.782: 38.

632 (Epig. 46) *Turduli Veteres*. Tessera hospitalis em placa de bronze.

Leitura: *Q(uinto) Caecilio Metello A(ulo) Licinio co(n)s(ulibus) / D(ecimus) Iulius D(ecimi) f(ilius) Gal(eria tribu) Cilo hospitium fecit / sibi liberis posterisque suis cum Nigro / et Rufo et Prisco Turdulis Veteribus / liberis posterisque eorum.*

Procedência: Monte Murado ou Castro da Senhora da Saúde, Pedroso, V. Nova de Gaia.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1983c e 1986b, Tessera 1, Est. CXLI, 1; Gráfico 12:7, n.º 563 (Epigr. 4), p. 310-314; Alarcão 1988b, 1, p. 24 e 2(), p. : 3/9; Dopico 1988, n.º 11, p. 68; Étienne 1994; Guerra A. 1998, 1, E.173.1, p. 228, 641-642.

Depósito: CMC-SCR, CMG.

633 (Epig. 47) *Turduli Veteres*. Tessera hospitalis em placa de bronze.

Leitura: *Q(uinto) Sulpicio Camerino C(aio) Poppaeo / Sabino co(n)s(ulibus) / D(ecimus) Iulius M(arci) f(ilius) Gal(eria tribu) Cilo hospitium fecit / cum Lugario Septanii f(ilio) ex Turduleis / Veteribus eumque recepit leiberorum posterorum / que suorum egit / Lugarius Septanii.*

Procedência: Monte Murado ou Castro da Senhora da Saúde, Pedroso, V. Nova de Gaia.

Bibliografia: Silva A.C.F. 1983c e 1986b, Tessera 2, Est. CXLI; 2; Gráfico 12:8, n.º 564 (Epigr. 5), p. 311-314; Alarcão 1988b, 1, p. 24 e 2(), p. : 3/9; Dopico 1988, n.º 12, p. 68; Étienne 1994; Guerra A. 1998, 1, E.173.2, p. 229, 641-642.

Depósito: CMC-SCR, CMG.

634 (Epig. 48) *Tureobriga, ↄ (castellum)*. Inscrição funerária (?).

Leitura: *Aemiliano Flac(c)o de hoc ↄ Ture/obriga / L(ucius) Aelius Flac(c)us signifer Leg(ionis) / II Aug(ustae) cura/vit instruendum / vivo volente et presente sacratissimo / suo patri.*

Procedência: Nogueira da Montanha, Chaves.

Bibliografia: Argote 1732, 1, p. 291; CIL II 2480; Roldán 1974, n.º 504, p. 445; Rodríguez Colmenero 1977, n.º 25, p. 243 e 1987, n.º 201, p. 326-329 e 1997, n.º 223, p.223-225; Le Roux 1982, n.º 260, p. 250; Pereira Menaut 1982, p. 250, 257-258; Silva A. C. F. 1986b, Est. XI: 12, p. 275; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 234-235; Guerra A. 1998, 1, E.175.1, p. 230-231, 643 e 2, p.782:41.

635 (Epig. 49) Uliainca, ↄ *(castellum)* e *Fiduenarum, ↄ (castellum)*. Estela funerária em granito.

Leitura: *Ex ↄ U/liain/ca Lan/asus Mebdi / ex ↄ Fi(duenarum) / an[norum] LXX.*

Procedência: Vila Boa, Guilhabreu, Vila do Conde.

Bibliografia: Sarmento 1999 (1898), p. 469; EE 8, 110; Cardozo 1985 (1935), n.º 65, p. 107; CIL II 567; Silva A.C.F. 1980b, p. 80-84 e 1986b, Est. XI: 17, p. 274; Pereira-Santos 1980, p. 127, A:3; Tranoy 1981, p. 373: 23: ? *U/liain/ca*, p. 373: 15: ? *Fa...?;* Alarcão 1988b, 1, p. 46-48 e 2(1), p. 19: 1/340, p. 20-21: 1/370; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 40, p. 78-81 e 1996, n.º 389, p. 222–223: *Fl[...]*; Jiménez 1994, p. 583; Guerra A. 1998, 1, E. 84, p. 155-156, 445-446, 665 e 2, p. 782:43 e E. 85, p. 156–157, 445-446, 665 e 2, p. 782: 19.

Depósito: MNA (MSMS n.º 65, réplica).

636 (Epig. 51) *Vacornicenses,* vicani. Ara votiva de granito.

Leitura: *Iovi Op/tumo M(aximo) / vicani / Vacornicens/es sacru(m).*

Procedência: Cortinha do Fundo, Fiães, Valpaços.

Bibliografia: Almeida 1982, p. 69-70; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 27, p. 65-66: *Lovagornicenses* e 1997, n.º 5, p. 50-51:*Tovagornicenses*; Alarcão 1988b, 1, p. 45 e 2(1), p. 41: 2/28; Garcia 1991, n.º 362, p. 412-413; Guerra A. 1998, 1, E.180, p. 234.

Depósito: MRF.

637 (Epig. 52) *Valabrigensis*. Estela funerária de granito.

Leitura: *Bloen/a Cam/ali f(ilia) / Valab/rigensis / h(ic) s(ita) e(st).*

Procedência: Casa de Avelar, Braga.

Bibliografia: Bellino 1895, II; EE 8, 119; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 118 e 1913 (RL, 3), p. 413; Guimarães 1901, p. 60; Cardozo 1985 (1935), n.º 64, p. 106; Tranoy 1981, p. 72; Pereira Menaut 1982, p. 260; Tranoy-Le Roux 1989-1990, p. 212-213; Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 23, p. 196; Guerra A. 1998, 1, E.181.2, p. 235, 654-655.

Depósito: MPXII (MSMS, n.º 64, réplica).

638 (Epig. 53) *Visanci*. Inscrição monumental rupestre.

Leitura: *Visancoru(m) / Camali / concili(um).*

Procedência: Mercadora/ Marcadouro, Penela da Beira, Penedono.

Bibliografia: Costa M. G. 1979, p. 279; Botto 1986, FE 72; Alarcão 1988b, 2(1), p. 53: 4/27; Carvalho P. 1989, p. 78-79; Rodríguez Colmenero 1993, p. 37-38 e 1995, p. 150-151; Guerra A. 1998, 1, E.186, p. 238-239, 664-665.

Localização: Mercadora, Penela da Beira, Penedono.

639 (Epig.54) *Castellani*. Ara votiva de granito.

Leitura: *I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / Caste/l(l)ani //C (?) V P // F(?) L A C [...]*

Procedência: Mosteiro, Cárquere, Resende.

Bibliografia: Reis 1997, n.º 1, p. 14

640 (Epig. 55) "Terminus augustalis" em bloco paralelepipédico de granito.

Leitura: *[Imp(eratore) Caes]are Augusto tribuni/[cia pot(estate) XXVII co(n)s(ule) XIII pater (= re) / [patriae te]rminus augustalis.*

Procedência: Igreja paroquial de Ul, Oliveira de Azeméis.

Bibliografia: Almeida F. 1953; Silva A.C.F. 1986b, p. 281, 282, n. 235; Alarcão 1988b, 1, p. 24 e 2(2), 3/36; Silva A.M.P. 1994, n.º 22, p. 120-121.
Depósito: Igreja paroquial de Ul, Oliveira de Azeméis.

641 (Epig. 56) "Terminus augustalis" em placa de granito.
Leitura: *Imp(eratore) Caesar(e) div[i] f(ilio) Augusto co(n)s(ule) / XIII trib(unicia) potest(ate) [XXVIII p(atre) p(atriae) / [terminos] / august(ales) inter [...et...]/ie(n)ses Q(uintus) Article[ius Regulus leg(atus) Aug(usti)] / causa cognit[a iudicavit].*
Procedência: Capela de São Bartolomeu, Guardão, Tondela.
Bibliografia: Carvalho A.F. 1944, p. 23-24; AE 1954, 88; Alföldy 1969, p. 134; Alarcão 1988a, p. 39 e 1988b, 1, p. 20 e 2(2), 3/61 e 1989, p. 39 e 1990c, p. 27: *Inter[ann]ienses*; Le Roux 1994, p. 49; Vaz 1987, n.º 81, p. 281-282 e 1997, 1, n.º 81, p. 281-282: *Inter[an]ienses*; Guerra A. 1998, 1, E. 94.2, p. 166-168.
Depósito: Capela de S. Bartolomeu, Guardão, Tondela.

642 (Epig. 57) "Terminus" rupestre.
Leitura: *Finis.*
Procedência: Cavalinho, Alhais, Vila Nova de Paiva.
Bibliografia: Lusitanus 1975, p. 96; Valinho 2003, p. 47, n.º 2.
Localização: Cavalinho, Alhais, Vila Nova de Paiva.

643 (Epig. 58) Abna, Dea Domina Nostra. Ara votiva de granito.
Leitura: *Fuscin/us Fusc(i filius) / d(eae?) d(ominae?) n(ostrae) / Abne ||*
sinistra: *m(erito) / l(ibens) a(nimo) / p(osuit).*
Procedência: Residência Paroquial de S. Martinho do Campo, Santo Tirso.
Bibliografia: CIL II 779; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 214-215; Cardozo 1985 (1935), n.º 19, p. 23; Santarém 1956, p. 64-65; Blázquez 1962, p. 219; ILER 704; Encarnação 1975, p. 77-78; Tranoy 1981, p. 268; Alarcão 1988b, 2(1), p. 20: 1/365; Garcia 1991, n.º 1, p. 281; Moreira A.B. 1992, n.º 8, p. 24-25; Prósper 1997a; Olivares 2002, p. 78.
Depósito: MSMS, n.º 19.

644 (Epig. 59) Aernus, Deus. Ara votiva de mármore branco.
Leitura: *Deo / [A]erno / Lucr(etius) / Valens / ex / voto.*
Procedência: Capela de Malta, Olmos, Macedo de Cavaleiros.
Bibliografia: Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 217-218; Alves 1908b, p. 184-186 e 1933, n.º 25, p. 61-62; Blázquez 1962, p. 65-66; ILER 710; Neto 1975, p. 239; Encarnação 1975, p. 79-85; Tranoy 1981, p. 296; Alarcão 1988b, 1, p. 94 e 2(1), p. 42: 2/65; Garcia 1991, n.º 4, p. 282; Lemos 1993, IIa, p. 193; Redentor 2002, n.º 2, p. 47–48; Olivares 2002, p. 103.
Depósito: MAB, n.º 1573.

645 (Epig. 60) Aernus, Deus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Deo Aer/no M(arcus) / [Pl]acidi/[u]s [.] Placi/[d]ianus / v(otum) l(ibens) r(etulit).*
Procedência: Mosteiro de Castro de Avelãs, Bragança.
Bibliografia: CIL II 2607/ 5601; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 338-340; Cardozo 1985 (1935), n.º 16, p. 24; Blázquez 1962, p. 65-66, n.º 2, p. 81; ILER 712; Encarnação 1975 p. 79-85; Tranoy 1981, p. 296; Alarcão 1988b, 1, p. 94 e 2(1), p. 40: 2/22; Garcia 1991, n.º 2, p. 281; Lemos 1993, IIa, p. 65; HE 5, 984; Redentor 2002, n.º 3, p. 48–50; Olivares 2002, p. 103.
Depósito: MSMS, n.º 16.

646 (Epig. 61) Aernus, Deus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Deo / Aerno / Ordo / Zoelar(um) / ex voto.*
Procedência: Castro de Avelãs, Bragança.
Bibliografia: CIL II 2606; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 338-340; Alves 1909, p. 61; Cardozo 1985 (1935), p. 24; Blázquez 1962, p. 65-66; ILER 709; Encarnação 1975, p. 79-85; Tranoy 1981, p. 52, 296; Alarcão 1988b, 1, p. 94 e 2(1), p. 40: 2/22; Garcia 1991, n.º 3, p. 282; Lemos 1993, IIa, p. 65; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 107, p. 133; Redentor 2002, n.º 1, p. 46–47; Olivares 2002, p. 103.
Depósito: Cemitério de Bragança.

647 (Epig. 62) Aguaecus, Mercurius. Cipo paralelepipédico de granito.
Leitura: *Mercurio / [A]ugustor(um) / [A]guaeco / [s]acr(um) / [in] honorem / [...]Mag(i)/ [Sat]urnini / [...M]agius / [Reb]urrus / [p]ater et / [V]ictoria / Victorilla / mater.*
Procedência: *Balneum* romano de Lafões, termas de S. Pedro do Sul, Várzea, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Figueiredo 1958, p. 367–371; Brandão 1959, p. 234-249; Encarnação 1984, p. 204 e 1987, p. 27 e 1989, p. 318; Alarcão 1988b, 2(1), p. 56: 4/110; Garcia 1991, n.º 228, p. 365; Vaz 1997, 1, n.º 9, p. 186-188; Guerra A. 1998, 1, E.10, p. 107-108, 265-266; Olivares 2002, p. 55.
Depósito: Termas de S. Pedro do Sul, S.Pedro do Sul.

648 (Epig. 63) Albocelus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Albocelo.*
Procedência: Igreja da Nossa Senhora da Assunção, Vilar de Maçada, Vila Real.
Bibliografia: CIL II 2394b; Blázquez 1962, p. 72 e 1975a, p. 25; ILER 716; Tranoy 1981, p. 269; Encarnação 1985, p. 85-86; Silva A.C.F. 1986b, p. 287; Alarcão 1988b, 2(1), p. 23: 1/387; Garcia 1991, n.º 609, p. 533-534; Olivares 2002, p. 49, 95.

649 (Epig. 64) Albocus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Alboco / [...] / Rufus / Apilus / fecit*
Procedência: Capela de S. Bartolomeu, Susão, Valongo.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1986b, p. 232, n.º 120, 287; Alarcão 1988b, 2(1), p. 24: 1/405; Garcia 1991, n.º 6, p. 282.
Depósito: Capela de S. Bartolomeu, Susão, Valongo.

650 (Epig. 65) Albucelaincus Efficax. Cipo (?) de granito.
Leitura: *Albucel/ainco / Efficaci / Rufinus / Rufi (filius) / Aelatius / v(otum) l(ibens) s(olvit)*
Procedência: Capela de Santa Eulália, Repeses, Ranhados, Viseu
Bibliografia: Vaz 1990b, FE 157 e 1997, 1, n.º 11, p. 192–194; Guerra A. 1998, 1, E. 16, p. 110-111; Olivares 2002, p. 49.
Depósito: MHAV.

651 (Epig. 66) Ambieicris. Ara votiva de granito.
Leitura: *Ambieicri / sacrum / A(ulus) Caecilius / Paternus / v(otum) s(olvit) l(ibens) [a(nimo)?].*
Procedência: Quinta de Avelar, Braga.
Bibliografia: Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 333: *Ameipicri*; Blázquez 1962, p. 169; ILER 717; Encarnação 1975, p. 87-88; Morestin 1979, p. 496-500: *[Mar]ti*; Tranoy 1980b, p. 75 e 1981, p. 269: *Ambieicri*; Melena 1984, p. 256: *A(ugustae) Nabie*; Garcia 1991, n.º 8, p. 283; Olivares 2002, p. 76, 235.
Depósito: Quinta de Avelar, Braga.

652 (Epig. 67) Ambiorebis. Ara votiva de granito, parte superior.
Leitura: *Ambi/orebi / [A]rquius / [C]antab[ri] / [...].*
Procedência: Maximinos, Braga.
Bibliografia: Le Roux-Tranoy 1973a, p. 201-202; Tranoy 1981, p. 269; Melena 1984, p. 256: *A(ugustae) Nabi(e)/orebi(e)*; Garcia 1991, n.º 9, p. 284; Olivares 2002, p. 76, 235.
Depósito: MDDS.

653 (Epig. 68) Anaeci/Danaeci, Lares. Ara votiva de granito.
Leitura: *Laribu[s] / Anaeci[s] vel [D]anaeci / [P]riscu[s] / ...[...] / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Igreja paroquial de Lagares, Penafiel.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1984, p. 47, n. 1 e 1986b, p. 277; Alarcão 1988b, 2(1), p. 27: 1/470; HE 1, 689; Garcia 1991, n.º 214, p. 360; Pereira Menaut 1998, p. 45-46; Guerra A. 1998, 1, E. 21, p. 113-114; Olivares 2002, p. 81-82.
Depósito: Igreja paroquial de Lagares, Penafiel.

654 (Epig. 69) Arus. Árula votiva de calcário.
Leitura: *Votu(m) / Aro l(ibens) / a(nimo) s(olvit); "sus" (fig.) //*
sinistra: *"Mars" (fig.) //*
dextra: *Patera.*
Procedência: Castro Daire.
Bibliografia: CIL II 5247; Figueiredo B. 1887, p. 52-57; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 314-315; Blázquez 1962, p. 124, 225; ILER 730; Encarnação 1975, p. 108-110 e 1987, p. 5 e 2002, p. 59; Untermann 1985, p. 345; Alarcão 1988b, 1, p. 96 e 2(1), p. 55: 4/76; Vaz 1989b, p. 326-327 e 1997, 1, n.º 15, p. 197–200; García Albalát 1990, p. 327; Dias M.M.A. 1991, p. 361-365: *votu(m) arola s(olvit) // Patera*; Almeida J. *et alii* 1993, p. 68-93; Garcia 1991, n.º 17, p. 287; Olivares 2003, p. 52-53.
Depósito: MAC.

655 (Epig. 70) Avobrigo(?). Ara votiva de granito.
Leitura: *A(vo* vel-*vio?)brigo / Flaus A/pili (filius) Val/abrige/nsis vo/tum s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Próximo do castro de S. Miguel-o-Anjo, Delães, Vila Nova de Famalicão.
Bibliografia: Sarmento 1999 (1884), p. 308, 321-322 e 1887-89, p. 231-232 e 1894, p. 14-15 e 1933a, p. 301; Coelho A. 1887-89, p. 362-363, 373-374; CIL II 5561; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 327-329; Cardozo 1985 (1935), n.º 20, p. 28; Blázquez 1962, p. 75-76 e 1975a, p. 49; ILER 770; Encarnação 1975, p. 148-151; Tranoy 1981, p. 280: *[Bandu]a Brico*; Silva A.C.F. 1986b, p. 273, n.º 287, p. 282, n.º 242; Alarcão 1988b, 2(1), p. 17: 1/295; García Albalát 1990, p. 328; Garcia 1991, n.º 39, p. 296-297; Guerra A. 1998, 1, E.181.1, p. 234-235; Olivares 2002, p. 78-79.
Depósito: MSMS, n.º 20.

656 (Epig. 71) Bandua. Ara votiva de granito.
Leitura: *Bandu/e Corn/elius O/culatu/s v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Santuário de Nossa Senhora de Hera, Cova da Lua, Espinhosela, Bragança.
Bibliografia: CIL II 2498; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 337-338; Alves 1934, p. 52-54; Blázquez 1962, p. 55 e 1975a, p. 47; ILER 757; Encarnação 1973, p. 210 e 1975, p. 139-140; Tranoy 1981, p. 279; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 33; Alarcão 1988b, 2(1), p. 40: 2/12; García Albalát 1990, 1: 2, p. 37; Garcia 1991, n.º 34, p. 293; Lemos 1993, IIa, p. 83; Rodríguez Colmenero 1997, p. 124; Redentor 2002, n º 4, p. 50–51; Hoz–Fernández 2002, 1: 8 (p. 48); Olivares 2002, n º 2 (p. 165), p. 104.
Depósito: Santuário de Nossa Senhora de Hera, Cova da Lua, Espinhosela, Bragança.

657 (Epig. 72) Bandua Alabaraicus Sulensis. Árula votiva de granito.
Leitura: *[Ban]de Alabar(aico?) / Sulen(si) Avitus / [...]coohortis / [...]Tib(erii) Claudi(i) / Modesti v(otum) a(nimo) s(olvit).*
Procedência: Pinho, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Pereira M.B.R. 1955 [1630], p. 100: *De Alabar Sule*; CIL II 403; Vasconcelos 1913 (RL, 3), p. 317: *[...] deal Cabar*; Blázquez 1957, p. 57 e 1962, p. 208-209 e 1975a, p. 51; ILER 771; Encarnação 1975, p. 151-152; Roldán 1976, p. 465; Le Roux 1982, p. 150, 226; Alarcão 1989, p. 307; Garcia 1990, n.º 597, p. 524: *Deae Cabar / Deae Abar*; Vaz 1997, 1, n.º 16, p. 200-202: *[Ban]de Alabar(aico?) Sulensi*; Guerra A. 1998, 1, E.156.7, p. 215, 611, 612; Olivares 2002, p. 55: *Deae Cabar?*.

658 (Epig. 73) Bandua Ocelensis. Ara votiva de granito.
Leitura: *Band(i) Oce(lensi) / votum Camali / Ulpini f(ilius) / Celtius / filius / solvit*
Procedência: Castro da Ucha, Figueiredo do Alva, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: EE 9, 40; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 316-317: *Bandoge*; Figueiredo 1953, p. 159; Blázquez 1962, p. 54-55; ILER 756; Encarnação 1973, p. 209-210 e 1975, p. 138-139 e 1978, p. 213-214 e 1987, p. 20: *Band(.) Ocel(ensi / -aeco)*; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII, 37; Alarcão 1988b, 2(1), p. 55: 4/78; García Albalát 1990, 1:3, p. 27; Garcia 1991, n.º 27, p. 290: *Bandi(?) Oge(?)*; HE 3, 494; HE 4, 1100; Vaz 1997, 1, n º 17, p. 202-203; Guerra A. 1998, 1, E.132, p. 198; Hoz- Fernández 2002, 1: 13 (p. 48); Olivares 2002, n.º 44 (p. 165), p. 45-46, 153, 167.
Depósito: MNA, n.º E 6172.

659 (Epig. 74) Bandua Ocolensis(?). Ara votiva de granito.
Leitura: *[Pro sal]/ute Ani(i) / Rufi / Band/ui Ocolis / Corneli[a]/nus lib(ertus) / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Alto da Vinha, Beiriz, Póvoa de Varzim.
Bibliografia: Gonçalves F. 1949, p. 225-229 e 1963, p. 230-233; Almeida 1972, p. 212-213; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 212-213, n.º 20; AE 1973, 316; Tranoy 1981, p. 305: *Vieniae Ubanduiocolae/* n. 340: *Banduicole*; Silva A. C. F. 1986b, Est. XII; 34, p. 278; Alarcão 1988b, 2(1), p. 16: 1/285; García Albalát 1990, 1: 16, p. 32; Garcia 1991, n.º 600, p. 526-527; Hoz-Fernández 2002, 1: 10 (p.48); Guerra A. 1998, 1, E.133, p. 198-199; Olivares 2002, p. 82: *Vieanibus Ibanduiocolis*.
Depósito: MMEHPV.

660 (Epig. 75) Bandua Oilienaicus. Ara votiva de granito, parte superior.
Leitura: *Bandi/ Oilien/aico / [...].*
Procedência: Esmolfe, Penalva do Castelo.
Bibliografia: EE, 9, 35; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 317-319; Blázquez 1962, p. 53 e 1975a, p. 45; ILER 754; Encarnação 1973, p. 207 e 1975, p. 132–134; Curado 1985, p. 132–134; Silva A.C. F. 1986b, Est. XII: 39; Alarcão 1988b, 2(1), p. 60: 4/173; García Albalát 1990, 1: 17, p. 32; Garcia 1991, n.º 28, p. 291; Vaz 1997, 1, n.º 18, p. 204; Hoz-Fernández 2002, 1: 16 (p. 49); Olivares 2002, nº 43 (p. 165), p. 46, 153.
Depósito: MNA, n.º E 6170.

661 (Epig. 76) Bandua R(?)aeicus. Ara votiva de granito.
Leitura: *[...]lus / Reburri / fil(ius) Band/e R(?)aeico / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Santa Marinha, Ribeira de Pena.
Bibliografia: Abreu T. T. 1722–23, p. 91; Argote 1732, 1, p. VIII; CIL II 2387; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 337; Blázquez 1962, p. 51–52 e 1975a, p. 43; ILER 750; Encarnação 1973, p. 202-203 e 1975, p. 126–128: *R-/P-/Maeico*; Tranoy 1981, p. 279; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 35; Rodríguez Colmenero 1987, n º 102, p. 179-180 e 1997, n.º 117, p. 140; Alarcão 1988b, 2(1), p. 16: 1/275; García Albalát 1990, 1: 19, p. 33; Garcia 1991, n.º 18, p. 287-288; Hoz–Fernández 2002, 1: 9 (p. 48); Olivares 2002, n º 42 (p. 165), p. 87.

662 (Epig. 77) Bandua Tatibeaicus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Dua/tius/ Apini f(ilius / Bandi / Tatibeaic/ui vocto / tolit i(ussu).*
Procedência: Queiriz, Fornos de Algodres.
Bibliografia: Cortez 1957b, p. 37-38: *Danditatideaegui*; Blázquez 1962, p. 53-54 e 1975a, p. 45: *Bandi Tatideaecui*; ILER 755 = 797; Encarnação 1973, p. 207-208 e 1975, p. 134-137: *Bandi Tatibiaicui*; Silva A.C. F. 1986b, Est. XII: 40: *Bandi Tatideaicui*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 57: 4/124 e 1989, p. 308; García Albalát 1990, 1: 21, p. 34; Garcia 1991, n.º 29, p. 291; Vaz 1997, 1, n.º 19, p. 205-206; Hoz–Fernández 2002, 1: 14 (p. 48); Olivares 2002, n º 38 (p. 165), p. 46, 153.
Depósito: MADV, n.º 13.

663 (Epig. 78) Bandua Velugus Toiraecus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Bande Ve/lugo Toir/aeco L(ucius) Lat/rius Blaes/us v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit).*
Procedência: Castelo da Feira, S. Nicolau, Santa Maria da Feira.
Bibliografia: Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 612-613; Távora 1917; AE 1954, 96a; Blázquez 1962, p. 52 e 1975a, p. 43; HAE 991; ILER 751; Encarnação 1971a e 1973, p. 204-205 e 1975, p. 128-129 e 1976, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 36, p. 281, n. 226, p. 295, n. 425; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 2(), p. :3/27; García Albalát 1990, p. 35, 1:23; Garcia 1991, n.º 19, p. 288; Silva A. M. P. 1994, n.º 13, p. 118; Hoz- Fernández 2002, 1:15 (p. 49); Olivares 2002, n.º 22 (p. 165), p. 45, 153.
Depósito: Castelo da Feira, S. Nicolau, Santa Maria da Feira.

664 (Epig. 79) Bandua Vordeaecus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Bandu / Vorde/aeco sac/rum Sulpicius Pa/ternus v[o]/tum solvi[t].*
Procedência: Capela da Quinta da Ribeira, Seixo de Anciães; Carrazeda de Anciães.

FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS BIBLIOTECA ALICANTE

Bibliografia: Lemos-Encarnação 1991, FE 179 e 1992; AE 1991, 1039; AE 1992, 994; HE 5, 986; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 125, p. 146; Hoz-Fernández 2002, 1:11 (p. 48); Olivares 2002, n.º 25 (p. 165), p. 98, 104.
Depósito: Capela da Quinta da Ribeira, Seixo de Anciães; Carrazeda de Anciães.

665 (Epig. 80) Beiradiegus, Lar. Ara votiva de granito.
Leitura: *Lucr[etiu]/s Caturon[i]/s f(ilius) Lari B/eiradi[e]]/go ex vot(o) / pos(uit) ar(am) sac(ram?).*
Procedência: Residência paroquial de Santa Maria de Arnoso, Vila Nova de Famalicão.
Bibliografia: Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 12, p. 190-191; Tranoy 1981, p. 303-304; Alarcão 1988b, 2(1), p. 14: 1/239; Garcia 1991, n.º 218, p. 361; Olivares 2002, p. 81: *Beiradego.*
Depósito: MPXII.

666 (Epig. 81) Besencla. Ara votiva de granito.
Leitura: *Besen/clae / Docqu/irus Ce/lti (filius) v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).*
Procedência: Canas de Senhorim, Nelas
Bibliografia: Vaz 1987a e 1987b, p. 63 e 1989, FE 138 e 1997, 1, n.º 20, p. 206–207; HAE 897; Olivares 2002, p. 51.
Depósito: Propriedade particular.

667 (Epig. 82) Bormanicus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Medam/us Camali (filius) / Bormani/co v(otum) s(olvit) l(ibens m(erito).*
Procedência: "Banho dos Médicos", Caldas de Vizela, Vizela.
Bibliografia: CIL II 2402 / 5558; Sarmento 1878/84=1933a, p. 10-11, 183-190 e 1987-1989, p. 229-230=1933a, p. 299-300; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 266-276; Cardozo 1985 (1935), n.º 22, p. 26; Blázquez 1962, p. 171-172 e 1975a, p. 48; ILER 768; Encarnação 1975, p. 143-148; Tranoy 1981, p. 269-270; Silva A.C.F. 1986b, p. 297; García Albalát 1986, p. 145 (1B), 172; Alarcão 1988b, 2(1), p. 17: 1/315; Garcia 1991, n.º 37, p. 294; Olivares 2002, p. 77-78.
Depósito: MSMS, n.º 22.

668 (Epig. 83) Bormanicus, Deus. Monólito cilíndrico de granito.
Leitura: *C(aius) Pompeius / Gal(eria tribu) Caturo/nis f(ilius) M[eid]/ugenus Ux/samensis/ Deo Borma/nico v(otum) s(olvit) l(bens) / Quisquis ho/norem agitas ita te tua / gloria servet / praecipias / puero ne / linat hunc / lapidem.*
Procedência: Lameira, S. João de Caldas de Vizela, Vizela.
Bibliografia: CIL II 2403; Sarmento 1878/84=1933a, p. 10-11, 183-190 e 1987-1989, p. 229-230=1933a, p. 299-300; Vasconcellos 1905 (RL, 2) p. 266-276; Cardozo 1985 (1935), n.º 76, p. 27; Blázquez 1962, p. 171-173 e 1975a, p. 48; ILER 769=5753; Encarnação 1975, p. 143-148; Tranoy 1981, p. 269-270; Silva A.C.F. 1986b, p. 297; García Albalát 1986, p. 144 (1A), 172; Alarcão 1988b, 2(1), p. 17: 1/315; Garcia 1991, n.º 38, p. 295; Olivares 2002, p. 77-78.
Depósito: MSMS, n.º 76.

669 (Epig. 84) Burici, Lares. Ara votiva de granito.
Leitura: *[L]aribus / B[u]ricis / votum / solvit / Bloena.*
Procedência: Proximidades da Igreja de Carrazedo, Amares.
Bibliografia: Sousa J. J. R. 1971-72: *(L)aribus B(u)ricis*; AE 1973, 320: *[L]aribus [B]uricis*; Cunha A.R. 1975: *Boricis*; Silva D.M. 1982, p. 237-268; Tranoy 1981 p. 303; Silva A.C.F. 1986b, p. 277; Alarcão 1988b, 2(1), p. 13: 1/202; Garcia 1991, n.º 217, p. 361; Guerra A. 1998, 1, E.50, p. 133; Olivares 2002, p. 74.
Depósito: Propriedade particular.

670 (Epig. 85) Calaicia. Ara votiva de granito.
Leitura: *Calaiciae / Rufus Fl/avi f(ilius) s(acrum) f(aciendum) c(uravit).*
Procedência: Capela de Santa Comba, Sobreira, Paredes.
Bibliografia: Barros 1919 (1549), p. 26-27; Argote 1732, 1, p. 32; Vasconcellos 1921-1922, p. 248-249: *Calandiae*; ILER 5083b; Tranoy 1977 e 1981, p. 66, 271: *Calaicia[e]*; Maia A.C.S. 1980; Silva A.C.F. 1986b, p. 277, n. 161; Alarcão 1988b, 2(1), p. 27: 1/467; Garcia 1991, n.º 40, p. 297; Olivares 2002, p. 236.
Depósito: Capela de Santa Comba, Sobreira, Paredes.

671 (Epig. 86) Candeberonius Caeduradius. Ara votiva de granito.
Leitura: *Cand/ebero/nio Ca/edura/dio.*
Procedência: Capela de S. Miguel-o-Anjo, Proselo, Amares.
Bibliografia: Le Roux-Tranoy 1973a, n.º 10, p. 198-199; AE 1973, 306; Silva D.M. 1982, p. 248-249; Tranoy 1981, p. 271; Alarcão 1988b, 2(1), p. 13: 1/207; Garcia 1991, n.º 41, p. 297-298; Olivares 2002, p. 73-74.
Depósito: MB.

672 (Epig. 87) Cariaecus, Mars. Ara votiva de granito sobre pilar.
Leitura: *Fron/tonian/us Fro/nton/is Mar[ti] / Caria(eco) / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Lisouros, Paredes de Coura.
Bibliografia: CIL II 5069; Cunha N.C.A. 1979 (1909), p. 36; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 196-199: *Macario*; Blázquez 1962, p. 69-70; ILER 875; Encarnação 1975, p. 230-231; Tranoy 1981, p. 275: *Macario*; Melena 1984, p. 256: *Ma(rti) Cario(ciego)*; Silva A.C.F. 1986b, p. 290, n.º 355: *M(arti?) Cari*; Alarcão 1988b, 2(1), p. 3: 1/39; Garcia 1991, n.º 226, p. 364: *Mar(ti)* vel *[ti] Caria(eco)*; HE 4, 1088; Olivares 2002, p. 72.
Depósito: MNA, n.º E 5209.

673 (Epig. 88) Cariecus, Mars. Ara votiva de granito.
Leitura: *Marti Cari[e]co.*
Procedência: Refojos do Lima, Ponte de Lima
Bibliografia: Tranoy 1981, p. 303-304: *Lari Cari[e]co* e 1984, n.º 2, p. 445; Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 13, p. 191: *Mar[t]i Cari[e]co*; AE 1983, 561; Silva A.C.F. 1986b, p. 290, n.º 357; Garcia 1991, n.º 225, p. 363-364; Olivares 2002, p. 72.
Depósito: MPXII.

674 (Epig. 89) Carus (?). Ara votiva de granito.
Leitura: *Caro/tucin/e A(vel L?)m / Cons/ti[...]ii / l l d / q p m /v.*
Procedência: Capela de S. Cipriano, Santa Vaia de Rio de Moinhos, Arcos de Valdevez.
Bibliografia: Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 336; Blázquez 1962, p. 209-210 e 1975a, p. 53; Lambrino 1963-64, p. 125-127; ILER 779; Encarnação 1975, p. 156-157; Tranoy 1981, p. 271-272; Silva A.C.F. 1986b, p. 290, n.º 354; Alarcão 1988b, 2(1), p. 3: 1/45; Garcia 1991, n.º 44, p. 299-300; Olivares 2002, p. 72.
Depósito: MNA, n.º E 6158.

675 (Epig. 90) Castaecae. Ara votiva de granito.
Leitura: *Rebur/rinus / lapida/rius Ca/staecis / v(otum) l(ibens) [s(olvit)] / m(erito).*
Procedência: Santa Eulália de Barrosas, Vizela.
Bibliografia: CIL II 2404; Vasconcellos 1905 (RL, 2) p. 190-191; Blázquez 1962, p. 173; ILER 780; Encarnação 1975, p. 157-160; Tranoy 1981, p. 272; Alarcão 1988b, 2(1), p. 20: 1/363; Garcia 1991, n.º 45, p. 300; Olivares 2002, p. 83.

676 (Epig. 91) <u>Cerenaeci</u>, Lares. Ara votiva de granito.
Leitura: *Laribus / Cerena/ecis Nig/er Proc/uli f(ilius) v(otum) l(ibens) s(olvit).*
Procedência: Igreja paroquial de S. Salvador de Tuías, Marco de Canaveses.
Bibliografia: CIL II 2384; Sarmento 1999 (1879), p. 54 e 1901, p. 181; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 183 e 1913 (RL, 3), p. 86; Blázquez 1962, p. 131 e 1975a, p. 55; ILER 674; Encarnação 1975, p. 211-212; Tranoy 1981, p. 300, 303, 377, 378; Silva A.C.F. 1986b, p. 277; Alarcão 1988b, 2(1), p. 28: 1/481; Garcia 1991, n.º 215, p. 360; Dias L.A.T. 1997, p. 311; Olivares 2002, p. 81.
Depósito: MNA, n.º E 6152.

677 (Epig. 92) Collovesis Caielo Cosigus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Pudens / Competri (filius) / ara(m) ser(uit) / Collovesei / Caieloni C/osigo s(ancto ?).*
Procedência: Furtado, Algodres, Fornos de Algodres
Bibliografia: Curado 1986, FE 74; AE 1986, 302; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 8; Alarcão 1988b, 2(1), p. 60: 4/180; García-Albalát 1990, n.º 19, p. 252-253; Garcia 1991, n.º 596a, p. 524; Vaz 1997,1, n.º 33, p. 221–222; Olivares 2002, p. 48.
Depósito: Capela de S. Clemente, Furtado, Algodres, Fornos de Algodres.

678 (Epig. 93) Coronus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Matern/us F/lav[i (filius)] / ara(m) pos/uit exs v/oto me/[rito animo?] / volen(s) //.*
<u>sinistra:</u> *Coron/o.*
Procedência: Campos dos Pinheiros, Casal do Crasto, Cerzedelo, Guimarães
Bibliografia: Sarmento 1887-89, p. 232-233=1933a, p. 301-303; Coelho F.A. 1877-89, p. 363-365; Guimarães O. 1901, p. 47; CIL II 5562; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 331-333; Cardozo 1985 (1935), n.º 17, p. 29; Blázquez 1962, p. 116-117 e 1975a, p.56; ILER 787; Encarnação 1975, p. 160-162; Tranoy 1981, p. 273; Silva A.C.F. 1986b, p. 290, n. 362; Alarcão 1988b, 2(1), p. 17: 1/309; Garcia 1991, n.º 46, p. 300-301; MSMS, n.º 17; Olivares 2002, p. 76-77.
Depósito: MSMS, n.º 17.

679 (Epig. 94) Corougia Vesucus (?), Dominus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Arcuius / aram pos[u]/it pro vo[t]o Dom(ino) Corougia Vesuco (?) servis D/[e]i ubicu[e] / terraru[m].*
Procedência: Igreja paroquial de Minhotães, Barcelos
Bibliografia: Rosário 1973, p. 16; Tranoy 1981, p. 275-276: *Deo Maecorougiavesuco / Maeco Rougiavesuco*; Santos L. A. *et alii* 1983, n.º 10, p. 189-190: *Dom(ino) Aeco Rougiavesuco*; AE 1983, 558; Alarcão 1988b, 2(1), p. 17: 1/288; Curado 1989, p. 370: *Domino Corougia Vesuco*; Garcia 1991, n.º 61, p. 308-309: *Domaeco Rougiavesucon(?)*; Almeida C.A.B. 1997, 2, n.º 44, p. 58-59: *Dom(ino) A(e)co Rougia Vesucon*; Olivares 2002, p. 82.
Servis dei ubicue terrarum: aditamento cristão.
Depósito: MPXII.

680 (Epig. 95) Cosunea e <u>Fidueneaerum</u>, Numen. Ara votiva rupestre.
Leitura: A: *Numidi / Fiduenearum / hic*
B: *Cosuneae / h[ic] s (olvitur* vel *-uperfunditur ?)*
Procedência: Sanfins, Paços de Ferreira.
Bibliografia: Argote 1732, 1, p. 286; Sarmento 1999 (1878/79), p. 22, 78-80 e 1883-84, p. 58= 1893, p. 175 e 1895, p. 145-151=1933, p. 423-427; CIL II 5607; EE 7, 140; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 188-189; Cardozo 1985 (1935), n.º 70 e 120, p. 35; Paço 1952, p. 358-359, 381-382 e 1954, p. 209-211; Blázquez 1962, p. 120 e 1975a, p. 57; Encarnação 1975, p. 169-171; Silva A.C.F. 1980b, p. 80-82 = 1982, p. 383-386 e 1986b, Est XII: 16, p. 274 e 1999, p. 64-65; Tranoy 1981, p. 273; Alarcão 1988b, 2(1), p. 20-21: 1/370; García Albalát 1990, n.º 5, p. 247; Garcia 1991, n.º 468, p. 456; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 40, p. 78-81 e 1995, n.º 40, p. 194-196; Guerra A. 1998, 1, E. 85, p. 156-157; Vaz 2001, p. 193: *Cosuneae finis*; Olivares 2002, n.º 18 (p. 166), p. 75.
Localização: Bouça da Fervença, Sanfins, Paços de Ferreira (MSMS, n.º 70 e 120, réplica).

681 (Epig. 96) Cosus. Ara votiva de granito.
Leitura: *M.../ Aelius / Cadi [f(ilius)] /...rius / Camali r/ivo et.../ ro Cosu /[...].*
Procedência: Covelinhas, S. Martinho das Moitas, S. Pedro do Sul.
Bibliografia: Vaz 1997, 1, n.º 24, p. 210-211.
Localização: Covelinhas, S. Martinho das Moitas, S. Pedro do Sul.

682 (Epig. 97) Cosus Nemeoecus, Deus Dominus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Deo d/omen/o Cusu / Nemeo/eco ex / voto.*
sinistra: *Seve/rus p/osui/t.*
Procedência: Quinta de S. Simão, Burgães, Santo Tirso.
Bibliografia: CIL II 2375 / 5552; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 326-327; HAE 514; Cardozo 1985 (1935), n.º 21, p. 30; Santarém 1953, p. 397–399 e 1956, p. 64–65; Bouza-Brey 1957b: *Cusuneneoeco*; Blázquez 1962, p. 121; ILER 796; Encarnação 1975, p. 164-179; Tranoy 1981, p. 274; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 7, p. 288, n. 330; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 2(1), p. 20: 1/359; García Albalát 1990, n.º 10, p. 249: *Nemeoeco*; Garcia 1991, n.º 50, p. 303: *Cusuneneoeco*; Moreira A.B. 1992, n.º 6, p. 22-23; Olivares 2002, n.º 19 (p. 166), p. 75, 154, 155: *Cusu Neneoeco.*
Depósito: MSMS, n.º 21.

683 (Epig. 98) [Cosus] Nemeoecus, Deus Dominus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Dom(ino) deo / Nen(=m)eoec[o] / Severu[s] / [S]aturni/ni f(ilius) [ex] vo/to posu/it numin(i)/...*
Procedência: Capela de S. Bartolomeu de Vale de Ervosa, Santo Tirso.
Bibliografia: Santarém 1953, p. 397-401 e 1956; Bouza-Brey 1957b; HAE 514; AE 1957, 315; Azevedo 1957; Blázquez 1962, p. 122 e 1975a, p. 132; ILER 896; Encarnação 1975, p. 164-179; Tranoy 1981, p. 274; Silva A.C.F. 1986b, p. 289; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 2(1), p. 20: 1/357; García Albalát 1990, n.º 10b, p. 249; Garcia 1991, n.º 51, p. 303; Moreira A.B. 1992, n.º 5, p. 21-22; Olivares 2002, n.º 20 (p. 166).
Depósito: MMAP.

684 (Epig. 99) Cosus Paeteaicus. Árula votiva de arenito.
Leitura: *Cusei Paeteai/co Boutius Tura[ni(?) f(ilius) ?] / a(nimo) l(ibens) p(osuit).*
Procedência: Proximidades da igreja paroquial de Aguada de Cima, Águeda.
Bibliografia: Gonçalves A. N. 1959, Est. XLII; Carvalho P. 1986, FE 70: *Cusei Paetea[i]co*; AE 1986, 283; Silva A.C. F. 1986b, Est. XII: 9, p. 288, n. 331; HE 1, 657; García Albalát 1990, n.º 13, p. 250; Garcia 1991, n.º 49, p. 302; Silva A.M.P. 1994, n.º 1, p. 114; HE 4, 986; Olivares 2002, n.º 17 (p. 166), p. 46.
Depósito: Propriedade particular.

685 (Epig. 100) Cosus Vacoaicus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Cosei Va[c]oaico [...].*
Procedência: Região de Viseu?
Bibliografia: Vaz 1989a, FE 140 e 1997, 1, n.º 25, p. 211-212; AE 1989, 379; Garcia 1991, n.º 47a, p. 301; HE 3, 496; Guerra A. 1998, 1, E.178, p. 233; Olivares 2002, n.º 21 (p. 166), p. 47, 154.
Depósito: MGV.

686 (Epig. 101) Cosus Vesterus. Ara votiva de granito.
Leitura: *[Cos]uo(?) / Vestero / Val(eria) Rufa / ex voto / posuit.*
Procedência: Igreja paroquial de Alvarães, Viana do Castelo.
Bibliografia: Tranoy 1981, p. 278: *[...]evo*; Santos L. A. *et alii* 1983, n.º 15, p. 192–193: *[...]ivo* vel *uo Vestero* ; Le Roux-Tranoy 1983, p. 192-193; Alarcão 1988b, 2(1), p. 7: 1/124; Garcia 1991, n.º 48, p. 301-302; Olivares 2002, p. 74.
Depósito: MPXII.

687 (Epig. 102) Couticis, Lar / Coutiosus Longonarosus, Lar. Ara votiva de granito.
Leitura: *L(ari) Coutici ut / L(ari) Coutioso Longona/roso Mal/geinus / Leuri f(ilius) / Arbuensi/s v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).*
Procedência: Quinta do Casal, Casais, S. João da Fresta, Mangualde.
Bibliografia: Gomes-Tavares 1985a e 1985b, FE 55: *Longonaroso*; AE 1985, 517; Alarcão 1988b, 2(1), p. 62: 4/299 e 1989, p. 309; HE 1, 698; Garcia 1991, n.º 596, p. 523-524: *L(ari ?) Coutici ut L(are ?) Coutioso tonc (= tunc) ? (castellanos) Nacosos*; Vaz 1997,1, n.º 34, p. 223-224; Guerra A. 1998, 1, E.27, p. 118-119, 543 e 2, p. 782: 29; Olivares 2002, p. 52: *L(ari ?) Couticui L(ari ?) Coutioso Longonaroso.*
Depósito: Associação Cultural Azurara da Beira, Mangualde.

688 (Epig. 103) Crouga Nilaecus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Croug/ae Nilai/cui Cle/menti/nus Cel(tii filius) / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).*
Procedência: Igreja paroquial de Freixiosa, Mangualde.
Bibliografia: Vaz 1984 e 1988a, p. 352–353 e 1997, 1, n.º 26, p. 212-214; Gomes-Tavares 1985a, p. 3-5 e 1985b, FE 54; AE 1985, 516 e 1989, 383; Alarcão 1988b, 2(1), p. 62: 4/230 e 1989, p. 308; Garcia 1991, n.º 52, p. 303-304: *Crougae(?) Nilaigui*; Gomes-Carvalho 1992, p. 76; Olivares 2002, p. 47.
Depósito: Igreja paroquial de Freixiosa, Mangualde

689 (Epig. 104) Crougea, Petranius e Iovea. Ara votiva rupestre.

Leitura: *Rufinus et / Tiro scrip/serunt / Veaminicori / doenti / anucom lamaticom / Crougea / Maga/reaicoi Petranioi [...] / adom porcom Iovea / Caielobrigoi.*

Procedência: Lamas de Moledo, Castro Daire, Viseu.

Bibliografia: Pereira M.B.R. 1955 [1630], p. 121-122; CIL II 416 e p. 695; Berardo 1857, p. 2; Hübner 1871, p. 65; MLI, 57; Girão 1923; Balmori 1933, p. 78-119 e 1935, p. 85-90: *Crouceai Maga Reaicoi Petranioi*; Figueiredo 1953, p. 161-162; HAE 983; Azevedo R. 1954; Tovar 1966; Albertos 1975, p. 58; Schmidt 1985, p. 320-321; Encarnação 1987, p. 7: *Crougeai Magareaicoi Petravioi*; Vaz 1988a e 1997, n.º 10, p. 188-192; Alarcão 1988a, p. 162-164 e 1988b, 1, p. 97 e 2(1), p. 55: 4/82; AE 1989, 382; Curado 1989, p. 351-353 e 2002; Garcia 1991, n.º 467, p. 455; AE 1992, 944; Rodríguez Colmenero 1993; Untermann 1997, p. 750-754; Guerra A. 1998, 1, E.182, p. 235-237; Olivares 2002, p. 47, 153: *Crougeai Magareaicoi Ioveai Caielobrigoi.*

Localização: Lamas de Moledo, Castro Daire, Viseu.

690 (Epig. 105) Cusicelenses, Lares. Ara votiva de granito.

Leitura: *Laribus Cu/sicelens[i]bus / Q(uintus) [Fla?]vius Placi/di f(ilius) [Fla]vin[u]s / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*

Procedência: Couto de Argeriz, Valpaços.

Bibliografia: Abreu T.T. 1722-23, p. 45; CIL II 2469; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 181; Blázquez 1962, p. 131-132 e 1975a, p. 75; ILER 678; Encarnação 1972, p. 95 e 1975, p. 212-213; Tranoy 1981, p. 303-304; Silva A.C.F. 1986b, p. 277; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 127, p. 219 e 1997, n.º 146, p.164-165; Alarcão 1988b, 2(1), p. 13: 1/221; Garcia 1991, n.º 219, p. 361; Guerra A. 1998, 1, E. 74.1, p. 150-151; Olivares 2002, p. 95-96.

691 (Epig. 106) Deanigae (?).

Leitura: *Deanigis / o(v)ilam.*

Procedência: Adro da igreja paroquial de Correlhã, Ponte de Lima.

Bibliografia: Almeida C.A.B. 1996, 1, n.º 48, p. 99-100: *Demian ? / Ovian.*

Depósito: Adro da igreja paroquial de Correlhã, Ponte de Lima.

692 (Epig. 107) Debaronis Muceaigaegus. Ara votiva de granito.

Leitura: *Debaroni / Muce/aigaego / Fuscinus / Fusci f(ilius) v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit).*

Procedência: Igreja paroquial de Aveledas, Águas Frias, Chaves.

Bibliografia: Rodríguez Colmenero 1987, n.º 88, p. 152-153: *Debaroni Muceaigaigo* e 1997, n.º 94, p. 122-123: *Debaroni Muceaicalo*; Garcia 1988, p. 215 e 1991, n.º 58, p. 307: *Debaroni Muceaicaeco*; Búa 1997, p. 60; Guerra A. 1998, 1, E.127, p. 194-195: *Deibabo Nemuce[i?]aicabo*; Olivares 2002, p. 90: *Debaroni Muceaigaego.*

Depósito: Igreja paroquial de Aveledas, Águas Frias, Chaves.

693 (Epig. 108) Densus. Cipo de granito.

Leitura: *Denso / Var(u)s C(aii) f(ilius) (?) / libens / dicavit.*

Procedência: Quinta de Cilhades, Felgar, Moncorvo.

Bibliografia: Brandão 1961b, p. 26-28; Encarnação 1975, p. 173-174; Tranoy 1981, p. 298; Alarcão 1988b, 2(1), p. 46: 2/123; Garcia 1991, n.º 59, p. 307; Olivares 2002, p. 105.

Depósito: Quinta de Cilhades, Felgar, Moncorvo.

694 (Epig. 109) Doredius Douroego (?). Ara votiva de granito.

Leitura: Doredio / Douroe/go ... *Biba/lus* ex v/oto pos/uit lib(ens?) merito(?)

Procedência: Samaiões, Chaves.

Bibliografia: Abreu T.T. 1722-23, p. 115; Argote 1732, 1, p. 288; CIL II 2475; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 505; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 95, p. 168-169: *Doredio Douroego* = , n.º 140, p. 238: *Imp...?* e 1997, n.º 100, p. 126-127: *Dorefio Voroe[co]*; Garcia 1991, n.º 644, p. 549-550; Olivares 2002, p. 93.

Depósito: Propriedade particular.

695 (Epig. 110) Durbedicus, Deus. Ara votiva de granito.

Leitura: *Celea / Clout[i (filia)] Deo D/urbed/ico ex v/oto p(osuit).*

Procedência: Torre da igreja paroquial de Ronfe, Guimarães, Braga

Bibliografia: Sarmento 1999 (1881), p. 217-218 e 1887, p. 236 e 1901, p. 17, p. 179; CIL II 5563; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 329-331; Cardozo 1985 (1935), n.º 18, p. 31; Blázquez 1962, p. 174-175 e 1975a, p. 92; ILER 808; Encarnação 1975, p. 177-179 e 1984, p. 187-188; Tranoy 1981, p. 274-275; Silva A.C.F. 1986b, p. 273; García Albalát 1986, n.º 4, p. 146-147; Alarcão 1988b, 2(1), p.17: 1/304; Garcia 1991, n.º 62, p. 309; Guerra A. 1998, 1, E. 76.2, p. 152; Olivares 2002, p. 80, 154.

Depósito: MSMS, n.º 18.

696 (Epig. 111) Durius.

Leitura: *Duri / C(aius) Iuliu(s) / Pylades.*

Procedência: Igreja de S. Pedro de Miragaia, Porto.

Bibliografia: CIL II 2370; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 234; Blázquez 1962, p. 174-175 e 1975a, p. 92; ILER 6567; Encarnação 1975, p. 179-180; Tranoy 1981, p. 275; Silva A.C.F. 1986b, p. 297, n. 442; García Albalát 1986, p. 47; Garcia 1991, n.º 63, p. 309-310; Olivares 2002, p. 83.

697 (Epig. 112) Eidevoris (?), Hermes. Ara votiva de granito.
Leitura: *Ermae Eide/vori ob ev/entum bo/num gladi/atori mun/eris G(aius) Cex(=r)aec/[i]us Fuscu/s ex / voto.*
Procedência: Proximidades da Capela de Nossa Senhora do Rosário, Azinheira, Outeiro Seco, Chaves.
Bibliografia: CIL II 2473; Vasconcellos 1913(RL, 3), p. 505-507; Cardozo 1943a, p. 49-50; Albertos 1956, p. 294-297; Blázquez 1962, p. 131-133; ILER 5992; Encarnação 1975, p. 197-199; Tranoy 1981, p. 302; Alarcão 1988b, 2(1), p. 6: 1/112; Garcia 1991, n.º 202, p. 355; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 65, p. 112-113 e 1997, n.º 78, p. 108-109; Olivares 2002, p. 91-92: *Ermae Eidevori.*
Depósito: Capela de Nossa Senhora do Rosário, Azinheira, Outeiro Seco, Chaves.

698 (Epig. 113) Erredici, Lares. Ara votiva de granito.
Leitura: *La[r]ibus / Erredi[ci]/s Rufus e/x voto.*
Procedência: Adro da igreja paroquial de S. Pedro de Agostém, Chaves.
Bibliografia: Argote 1732, n.º 480, p. 293; CIL II 2470; Vasconcellos 1905 (RL; 2), p. 183-184; Blázquez 1962, p. 132 e 1975a, p. 96; ILER 675; Encarnação 1975, p. 213-214; Tranoy 1981, p. 303-304; Silva A.C.F. 1986b, p. 277; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 130, p. 223 e 1997, n.º 149, p. 166; Alarcão 1988b, 2(1), p. 9: 1/165; Garcia 1991, n.º 220, p. 362; Olivares 2002, p. 96.

699 (Epig. 114) Findenetici, Lares. Ara votiva de granito.
Leitura: *Albinus / Balesin/i (filius) Lari[b]us / Findenet/icis libe/ns / posui(t).*
Procedência: Celeirós, Chaves.
Bibliografia: Argote 1732 (1), n.º 470, p. 287-288; CIL II 2471; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 181-182; Blázquez 1962, p. 132 e 1975a, p. 99; ILER 676; Encarnação 1975, p. 214-216; Tranoy 1981, p. 303-304; Silva A.C.F. 1986b, p. 277; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 129, p. 222-223 e 1997, n.º 148, p. 166; Alarcão 1988b, 2(1), p. 9: 1/167; Garcia 1991, n.º 221, p. 362; Olivares 2002, p. 96.

700 (Epig. 115) Frovida. Ara votiva de granito.
Leitura: *Frovida(e) / sacrum / Maternus / Flacci (filius) / ex visu / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Igreja matriz de S. João do Souto, Braga.
Bibliografia: Caldas P. 1885; EE 8, 116; Vasconcellos 1896 (AP 2), p. 128: *Providae* e 1905 (RL, 2), p. 333-334; Blázquéz 1962, p. 176; ILER 853; Encarnação 1975, p. 185-186; Tranoy 1981, p. 278; Oliveira 1985, p. 33-34; Garcia 1991, n.º 149, p. 330-331; Olivares 2002, p. 83-84.

701 (Epig. 116) Gegeigi, Lares Ara votiva de granito.
Leitura: *Laribus Gegeigis.*
Procedência: Igreja paroquial de Arcossó, Chaves.
Bibliografia: Rodríguez Colmenero 1997, n.º 143, p. 161-162; Olivares 2002, p. 92.

702 (Epig. 117) Laesus. Ara votiva de pedra molar.
Leitura: *Elanicus Ta/urinus Lae/su v(otum) l(ibens) s(olvit).*
Procedência: Torre, Ousilhão, Vinhais.
Bibliografia: Alves 1934, n.º 27, p. 63; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 209; Encarnação 1975, p. 209-210; Tranoy 1981, p. 275; Alarcão 1988b, 2(1), p. 41: 2/30; Garcia 1991, n.º 614, p. 536-537: *Laesu(i)*; Lemos 1993, IIa, p. 435; García Martínez 1996, n.º 41, p. 1848; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 110, p. 135-136: *Laesu(o)*; Redentor 2001, n.º 8, p. 56-57; Olivares 2002, p. 105: *Laesu?.*
Depósito: MAB.

703 (Epig. 118) Lapitearum, Numina. Inscrição votiva rupestre.
Leitura: *Diis / deabusque ae/ternum lacum omni/busque numinibus / et Lapitearum cum / hoc templo sacravit / G. C(aius) Calp(urnius) Rufinus v(ir) c(larissimus) / in quo hostiae voto / cremantur.*
Procedência: Vale de Nogueiras, Panóias, Vila Real.
Bibliografia: Argote 1732 (1), p. 345-346; CIL II 2395b; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 187-188 e 1913 (RL, 3), p. 468; Cortez 1947; Lambrino 1953, p. 108-109; García y Bellido 1955; Blázquez 1962, p. 180-184 e 1975a, p. 112-113; ILER 521; Encarnação 1975, p. 250-253; Tranoy 1981, p. 336; Alarcão 1983, p. 185 e 1988b, 2(1), p. 21-23: 1/386; Silva A.C.F. 1986b, p. 289, n. 351, p. 301; Rodríguez Colmenero 1987, p. 138-139 e 1993a, n.º 30, p. 63–65 e 1999; Garcia 1991, n.º 472, p. 458-459; Alföldy 1997, p. 192-194; Guerra A. 1998, 1, E. 105, p. 176.
Localização: Vale de Nogueiras, Panóias, Vila Real.

704 (Epig. 119) Laquiniensis, Genius. Ara votiva de granito.
Leitura: *V(otum) l(i)b(ens) s(olvit) m(erito) / Genio L/aquini/e(n)si Flav(ius) / Flavini (filius) / fullo //*
postero: *Ge(nio) La(quiniensi).*
Procedência: Igreja paroquial de S. Miguel de Caldas de Vizela, Vizela.
Bibliografia: CIL II 2405; Bellino 1895, p. 107; Guimarães O. 1901, p. 46; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 194-196; Cardozo 1985 (1935), n.º 36, p. 33; Blázquez 1962, p. 135 e 1975a, p. 102; ILER 658; Encarnação 1975, p. 191-192; Tranoy 1981, p. 302; Silva A.C.F. 1986b, p. 297; Alarcão 1988b, 1, p. 95 e 2(1), p. 18: 1/315; Garcia 1991, n.º 206, p. 357; Guerra A. 1998, 1, E. 105, p. 176; Olivares 2002, p. 82, 154.
Depósito: MSMS, n.º 36.

705 (Epig. 120) Laraucus, Deus Maximus e Pedronius (?) Maximus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Larauc/o D(eo) Max(umo) / Ped(ronio?) Max/umo v(otum) / [l(ibens)] a(nimo) [s(olvit)].*
Procedência: Portelo, Vilar de Perdizes, Montalegre.

Bibliografia: Rodríguez Colmenero 1977, p. 281 e 1980 e 1987, n.º 110, p. 190-192 e 1993, p. 74-77 e 1997, n.º 127, p. 148 e 2002b; Fontes A.L. 1978 e 1980; Rodríguez Colmenero-Fontes 1980; AE 1980, 579; Tranoy 1981, p. 281; Silva A.C.F. 1986b, p. 286; Penas 1986, p. 126-127; Alarcão 1988b, 2(1), p. 4: 1/57; Garcia 1991, n.º 160, p. 334-335; HE 4, 1094; Guerra A. 1998, 1, E. 107.1, p. 177; Olivares 2002, n.º 15 (p. 173), p. 86.
Depósito: Castelo de Montalegre.

706 (Epig. 121) Larocus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Larocuo / Ama Pitil/i f(ilia) libe(ns) / animo vo/tum retuli(t) / pro marito su(o).*
Procedência: Igreja paroquial de Santo António de Monforte, Chaves.
Bibliografia: Alves 1909, p. 351-352 e 1931, p. 44-45; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 613; Cardozo 1943a, p. 51; Blázquez 1962, p. 79-80; ILER 862; AE 1973, 315; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 211-212: *Larocu(i)*; Encarnação 1975, p. 222-234; Rodríguez Colmenero 1977, p. 281 e 1987, n.º 109, p. 188-189: *Larocu(o)* e 1997, n.º 126, p. 146-147: *Larocuo* e 2002b; Rodríguez Colmenero-Fontes 1980, p. 26-27; Tranoy 1981, p. 281; Penas 1986, p. 126-127; Silva A.C.F. 1986b, p. 286; Alarcão 1988b, 2(1), p. 7: 1/121; Garcia 1991, n.º 161, p. 335: *Larocuo*; Rivas Fernández 1993, p. 35; Guerra A. 1998, 1, E. 107.2, p. 177-178; Olivares 2002, n.º 13 (p. 173), p. 86.
Depósito: Igreja paroquial de Santo António de Monforte, Chaves.

707 (Epig. 122) Liriensis, Tutela. Ara votiva de granito.
Leitura: *Tutelae Liri/ensi Pompei / Clitus Corinthu(s) / Calvinus / ex voto.*
Procedência: Igreja de Santa Maria da Ribeira, Seixo de Anciães, Carrazeda de Anciães.
Bibliografia: EE 8, n.º 111a, p. 400; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 197-198: *Tiriensi*; Cardozo 1985 (1935), n.º 38, p. 41; Blázquez 1962, p. 63; ILER 703; Encarnação 1975, p. 294-296; Tranoy 1981, p. 305; Silva A.C.F. 1986b, p. 285; Alarcão 1988b, 2(1), p. 46: 2/134A; Garcia 1991, n.º 230, p. 191, 306; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 77, p. 106-107; Guerra A. 1998, 1, E. 111, p. 185-186: *Liriensi*; Olivares 2002, p. 97, 239: *Tiriensi*.
Depósito: MSMS, n.º 38.

708 (Epig. 123) Lurunis. Ara votiva de granito.
Leitura: *Luru/ni / L(ucius) Allius / Severus / a(nimo) l(ibens) p(osuit).*
Procedência: Vendas de Cavernães, Viseu.
Bibliografia: Pereira M.B.R. 1955 [1630], p. 111; CIL II 404: *Larib*; Aragão M. 1894, p. 86; Untermann 1965b, p. 21; ILER 873; Encarnação 1975, p. 226-230; Vaz 1982c, p. 784-785 e 1997, 1, n.º 27, p. 214-215; Alarcão 1988b, 2(1), p. 58: 4/150; Garcia 1991, n.º 163, p. 336-337; Olivares 2002, p. 47.
Depósito: Propriedade particular.

709 (Epig. 124) Lurunis. Ara votiva de granito.
Leitura: *Tangin(us) / Esp[...]i f(ilius) / [L]u[r]uni.*
Procedência: Vendas de Cavernães, Viseu.
Bibliografia: Pereira M.B.R. 1955 [1630], p. 111-112; CIL II 413: *VIlvni*; Aragão M. 1894, p. 86; Figueiredo 1953; p. 158; Untermann 1965b, p. 22: *(L)u(r)umi*; ILER 874; Encarnação 1975, p. 226-230; Vaz 1982c, p. 784-785 e 1997, 1, n.º 28, p. 215-216; Alarcão 1988b, 2(1), p. 58: 4/150; Garcia 1991, n.º 164, p. 337; Olivares 2002, p. 47-48.

710 (Epig. 125) Lurunis. Árula votiva de granito.
Leitura: *Luruni / sac(rum) Val(eria) Cattia / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).*
Procedência: Vendas de Cavernães, Viseu.
Bibliografia: Ferreira A. I. S. 1984, FE 71; AE 1986, 296; HE 1, 710; Vaz 1987b e 1997, 1, n.º 29, p. 216–217; Alarcão 1988b, 2(1), p. 58: 4/150; Garcia 1991, n.º 166, p. 338; Olivares 2002, p. 48.
Depósito: Propriedade particular.

711 (Epig. 126) Lurunis. Ara votiva de granito.
Leitura: *Luruni / t(itulum) p(osuit) l(ibens) / Val(erius) Cat/[u]ro Sat/eili f(ilius).*
Procedência: Vendas de Cavernães, Cavernães, Viseu
Bibliografia: Untermann 1965b, p. 18-22; AE 1966, 178; ILER 872; Encarnação 1975, p. 226; Vaz 1982c, p. 786 e 1985, p. 4 e 1987a, p. 47 e 1997, 1, n.º 30, p. 217-218; Alarcão 1988b, 2(1), p. 58: 4/150; Garcia 1991, n.º 165, p. 337-338; Olivares 2002, p. 47.
Depósito: MGV.

712 (Epig. 127) Lupianae, Nymphae. Ara votiva de granito.
Leitura: *Antonia / Rufina / voto Nym[p]/his Lupia/nis libens / animo / posuit.*
Procedência: Igreja paroquial de Tagilde, Guimarães.
Bibliografia: CIL II 6288; Vasconcellos 1905 (RL, 2) p. 189-190; Cardozo 1985 (1935), n.º 34, p. 36; Santos Júnior-Cardozo 1953, p. 61; Blázquez 1962, p. 177-178; ILER 696; Encarnação 1975, p. 224-226; Tranoy 1981, p. 303-304, 364; Silva A.C.F. 1986b, p. 296; Alarcão 1988b, 2(1), p. 18: 1/237; Garcia 1991, n.º 229, p. 365; Olivares 2002, p. 82.
Depósito: MSMS, n.º 34.

713 (Epig. 128) Magaudiae (?), Aquae. Ara votiva de granito.
Leitura: *Aquis / Magaudiis [...].*
Procedência: Igreja do Castelo de S. João da Foz do Douro, Porto.
Bibliografia: Silva A.C.F. 1994, p. 97; Guerra A. 1998, 1, E. 118, p. 189, 521.

714 (Epig. 129) Maxumini. Inscrição doliar.
Leitura: *Maxum[i]/nis Catur[o] / figulus ho[c] / munus dedit.*
Procedência: Citânia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães.
Bibliografia: Cardozo 1951, p. 463-472 e 1962c, p. 70-74; Silva A.C.F. 1986b, n.º 142 (cer. 142), p. 158, Est LX: 2; Garcia 1990, n.º 604, p. 529.
Depósito: MSMS.

715 (Epig. 130) Mirobieus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Mirobieo / loco Abrui / Arqui (filius) / [...] Apiobice(n)sis.*
Procedência: Tarouquela, Cinfães.
Bibliografia: Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 234-236; Blázquez 1962, p. 81; ILER 881; Encarnação 1975, p. 235-237 e 1987, p. 16; Garcia 1991, n.º 168, p. 338; Guerra A. 1998, 1, E.188, p. 241; Olivares 2002, p. 54-55.
Depósito: MNA, n.º E 3006-5211.

716 (Epig. 131) Munidis. Inscrição votiva rupestre.
Leitura: *[.../.../..M]alceini / [sac]rum / [M]unidi.*
Procedência: Castelo de Celorico da Beira.
Bibliografia: CIL II 424; Curado 1985c, p. 641-643; Alarcão 1988b, 2(1), p. 60: 4/187; Garcia 1991, n.º 169a, p. 339.
Localização: Castelo de Celorico da Beira.

717 (Epig. 132) Nabia. Ara votiva de granito.
Leitura: *Caturo / Pintami (filius)] / Nabiae / [l]ibens / [...].*
Procedência: Muro, Baltar, Paredes.
Bibliografia: CIL II 2378; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 277; Blázquez 1962, p. 178 e 1975a, p. 131; ILER 894; Encarnação 1975, p. 240–243;Tranoy 1981, p. 281; Melena 1984, n.º 9, p. 238; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 21, p. 297; García Albalát 1986, p. 184 (9A) e 1990, n.º 6, p. 287; Alarcão 1988b, 2(1), p. 26 1/456; Garcia 1991, n.º 171, p. 340; Olivares 2002, n º 14 (p. 234), p. 76.

718 (Epig. 133) Nabia. Ara votiva de granito.
Leitura: *Nabiae / v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo) / Rufin[us] / Rubunius (?).*
Procedência: Trêsminas, Covas, Vila Pouca de Aguiar.
Bibliografia: Parente 1980, p. 132-133; Le Roux-Tranoy 1974, n.º 31, p. 255; AE 1980, 581; Tranoy 1981, p. 281; Melena 1984, n.º 13, p. 238; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 24; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 114, p. 200 e 1997, n.º 131, p. 152; Alarcão 1988b, 2(1), p. 16: 1/282; García Albalát 1990, n.º 7, p. 287; Garcia 1991, n.º 172, p. 340; Olivares 2002, n º 16 (p. 234).
Depósito: MMANVR.

719 (Epig. 134) Nabia. Ara votiva de granito.
Leitura: *Nabiae / Rufina / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Fonte do Ídolo, S. José e S. Lázaro, Braga.
Bibliografia: Teixeira 1938b, p. 151-153; Cortez 1952–54; HAE 473; AE 1955, 258; Blázquez 1962, p.178 e 1975a, p. 131; ILER 886; Encarnação 1975, p. 240–243; Tranoy 1981, p. 281; Melena 1984, n.º 1, p. 236; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 19; García Albalát 1990, n.º 5, p. 286; Garcia 1991, n.º 173, p. 340; Olivares 2002, n º 12 (p. 234), p. 76.
Depósito: MDDS.

720 (Epig. 135) Nabia Corona, Nabia, Iupiter, [– -]urgus e Lida. Ara votiva de granito.
Leitura: *O(ptimae) V(irgini) C(onservatrici* vel *-orniferae) et Nym(phae) Danig/om Nabiae Coronae va/cca(m) bovem Nabiae agnu(m) / Iovi agnum bove(m) Ia/ct(entem) [– -]urgo agnu(m) Lidae Cor(niferae* vel *-nutae?) / ann(o) et dom(o) actum V id(us) Apr(iles) La/rgo et Mesallino (sic) co(n)s(ulibus) curator(ibus) / Lucretio Vitulino Lucretio Sab/ino Postumo Peregrino.*
Procedência: Póvoa, Marecos, Penafiel.
Bibliografia: Pinho 1928, p. 244-245; AE 1973, 319; Le Roux-Tranoy 1974; Encarnação 1975, p. 244-247; Encarnação 1975, p. 244-247; Blázquez 1975a, p. 131; Tranoy 1981, p. 236, 278, 282-283, 298, 316, 378; Soeiro 1984, p. 96; Melena 1984, n.º 11, p. 238; Tovar 1985, p. 246; Silva A.C. F. 1986b, Est. XII: 22, p. 278, n. 168, p. 294, n. 411, p. 297, n. 449; García Albalát 1986 e 1990, n.º 16, p. 290; Alarcão 1988b, 1, p. 93, 98 e 2(1), p. 26: 1/457; Garcia 1991, n.º 469, p. 456-457; AE 1994, 935; Guerra A. 1998, 1, E. 75, p. 151; Olivares 2002, n º 15 (p. 234), p. 76, 239-240.
Depósito: MMP.

721 (Epig. 136) Ocaera. Ara votiva de granito.
Leitura: *Aniciu/s Arquli / votum / libens / Ocaere / solvit.*
Procedência: Igreja paroquial de S. João do Campo, Terras do Bouro
Bibliografia: Argote 1734 (3), p. XX-XXI; CIL II 2458; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 334; Blázquez 1962, p. 214; Cruz M.B. 1972; Encarnação 1975, p. 253-255; Tranoy 1981, p. 277; Silva D. M. 1982, p. 239-241; Garcia 1991, n.º 176, p. 342; Guerra A. 1998, 1, E. 130, p. 197; Olivares 2002, p. 75, 236.
Depósito: Propriedade particular.

722 (Epig. 137) <u>Paisicaicus</u>. Inscrição votiva(?) rupestre.
Leitura: *Cl[au]d[ius] (?) / Cupavi f(ilius) / Paisicaicoi / ha(n)c ins(criptionem), <u>vel</u> hac finis(?)* = 653.
Procedência: As Torres, Corgas Roçadas, Carvalhal de Vermilhas, Vermilhas, Vouzela .

Bibliografia: Girão 1921, p. 6-7; Figueiredo 1953, fot.; Azevedo R. 1955, p. 209-216; Encarnação 1975, p. 256-257; Garcia 1991, n.º 46, p. 342-343: *Paisicaico*; Vaz 1992 e 1997, n.º 31, p. 218-219: *Paisicaicoeo*; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 7, p. 28-31; Olivares 2002, p. 54.
Localização: As Torres, Corgas Roçadas, Carvalhal de Vermilhas, Vermilhas, Vouzela.

723 (Epig. 138) Pentici. Inscrição votiva rupestre.
Leitura: A- *L(ucius) Manlius D(ecimi) f(ilius) tr(ibu) Aemilia / a(nimo) l(ibens) m(erito) v(otum) s(olvit) Peinticis.*
B- *Cl[...]o Tiusci / Tureius.*
Procedência: Castro de Três Rios, Fail, Viseu.
Bibliografia: Coelho J. 1949, p. 399-400 e 1957; Untermann 1965b, p. 8–25; A: ILER 652; B: ILER 783; Encarnação 1975, p. 257-258; Alarcão 1988b, 1, p. 97 e 2(1), p. 61: 4/203; Garcia 1991, n.º 179, p. 343; Vaz 1987a, p. 23-25 e 1987b e 1997, n.º 32, p. 219-220; Olivares 2002, p. 49-50.
Localização: Castro de Três Rios, Fail, Viseu.

724 (Epig. 139) Reva Anciugegus (?). Ara votiva de granito.
Leitura: *[R]eve An/ciugego(?) / P(ublius) [A]u/reliu/s / Ianuar/i(i) f(ilius) v(otum) l(ibens) a(nimo) s(olvit).*
Procedência: Rio Tâmega, Vila Verde da Raia, Chaves.
Bibliografia: Inédita. Inf. T. Maciel.
Depósito: Câmara Municipal de Vinhais.

725 (Epig. 140) Reva Marandigus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Reve Ma/randigui / Albinia / Albina / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).*
Procedência: S. Pedro, Guiães, Vila Real.
Bibliografia: Villar 1994-1995, p. 251-253; Guerra A. 1998, 1, E. 119, p. 189-190, 523-524; Rodríguez Colmenero 1999, n.º 106 e 2002b; Olivares 2002, n.º 14 (p. 173), p. 85-86, 171.
Depósito: MMANVR.

726 (Epig. 141) Sefius, Lar. Ara votiva de granito.
Leitura: *Lari Sefi/o Com/e[s] pro sa/lute sua / et suoru(m).*
Procedência: Adaúfe, Braga.
Bibliografia: Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 334-335; Blázquez 1962, p. 133 e 1975a, p. 55; ILER 861; Encarnação 1975, p. 220-221; Tranoy 1981, p. 303-304: *Lar Sefius ?*; Silva A.C.F. 1986b, p. 277, n.º 269; Alarcão 1988b, 2(1), p. 13: 1/214; Garcia 1991, n.º 216, p. 360; Olivares 2002, p. 83.

727 (Epig. 142) Senaicus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Sena/ico / Arquius / Cantabr[i] l(ibens) a(nimo) p(osuit).*
Procedência: Maximinos, Braga.
Bibliografia: Le Roux-Tranoy 1973a, p. 199-201; Tranoy 1981, p. 269; Cunha 1988, n.º 22, p. 122; Garcia 1991, n.º 190, p. 347; Olivares 2002, p. 79.
Depósito: MDDS.

728 (Epig. 143) Tameobrigus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Tameobrigo / Potitus / Cumeli / votum / patris / s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Proximidades de Várzea do Douro, Marco de Canaveses.
Bibliografia: CIL II 2377; Ribeiro J.P. 1860, p. 359; Coelho A. 1884, p. 443 e 1877-89, p. 371-375; Sarmento 1887-89, p. 239=1933a, p. 307-308; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 319-321; Cardozo 1985 (1935), n.º 14, p. 37; Blázquez 1962, p. 190 e 1975a, p. 171; Lanhas-Brandão 1967, p. 32-33; ILER 931; Encarnação 1975, p. 276-280; Tranoy 1981, p. 31, 73, 268, 277, 377; García Albalát 1986, p. 154 (11); Silva A.C.F. 1986b, p. 273, 297; Garcia 1991, n.º 193, p. 348-349; Dias L.A.T. 1997, p. 314; Guerra A. 1998, 1, E.165, p. 220-221; Olivares 2002, p. 153-154.
Depósito: MSMS, n.º 14.

729 (Epig. 144) Tarbucelis, Mars. Ara votiva de granito.
Leitura: *Coporici / Materni / ex voto / Marti Tar/buceli fu[lI]/ones.*
Procedência: Montariol, S. Vítor, Braga.
Bibliografia: Tranoy 1981, p. 304 e 1984, p. 446-447; Santos L.A. *et alii* 1983, n.º 14, p. 192; Silva A.C.F. 1986b, p. 291; Alarcão 1988b, 2(1), p. 10: 1/196; Garcia 1991, n.º 224, p. 363; García Martínez 1995, p. 155-156, 166; Guerra A. 1998, 1, E.168, p. 226; Olivares 2002, p. 75, 154.
Depósito: MPXII.

730 (Epig. 145) Tarmucenbaeci Ceceaici, Lares. Ara votiva de granito.
Leitura: *Laribus Ta[r]/mucenbaecis / Ceceaicis / P(ublius) / Aelius Flavu[s] / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Granjinha, Samaiões; Chaves.
Bibliografia: CIL II 2472: *Tarmucenbacis*; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 179-181; Cardozo 1943a, p. 18-19; Blázquez 1962, p. 130-131 e 1975a, p. 55, 116; ILER 679; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 207; AE 1973, 312; Encarnação 1975, p. 217-218: *Oeceaicis*; Tranoy 1981, p. 303-304, 377-378; Silva A.C.F. 1986b, p. 277, 296; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 125, p. 214-216 e 1997, p. 162-

163; AE 1987, 5621; Alarcão 1988b, 2(1), p. 7: 1/118; Garcia 1991, n.º 222, p. 362-363; Guerra A. 1998, 1, E.127.2, p. 195-196: *Inmucenbaecis*; Olivares 2002, p. 81-92.
Depósito: MRF.

731 (Epig. 146) Tiauranceaicus, Genius. Ara votiva de granito.
Leitura: *Camala Ar/qui f(ilia) Tal/abrigen/sis Genio T/iauranceai/co v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Igreja paroquial de Estorãos, Ponte de Lima.
Bibliografia: Pereira F. A. 1907; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 199-200; AE 1952, 65; Blázquez 1962, p. 135 e 1975a, p. 102; ILER 659; Encarnação 1975, p. 192-195; Tranoy 1981, p. 302; Silva A.C.F. 1986b, p. 296, n. 434; Alarcão 1988b, 1, p. 95 e 2(1), p. 4: 1/62; Garcia 1991, n.º 207, p. 357; Guerra A. 1998, 1, E.162.1, p. 218.
Depósito: MNA, n.º E 6150.

732 (Epig. 147) Tongobrigensium, Genius. Ara votiva de granito.
Leitura: *[G]enio / [T]ongobr[i]gensium / [Fl]avius / v(otum) s(olvit) a(nimo) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Freixo, Marco de Canaveses.
Bibliografia: Sarmento 1999 (1883), p. 245-247: *Genio Oncobrigensium* e 1887-1889, p. 236 e 1933a, n.º 10, p. 178: *[L]ongobrigensium*; CIL II 5564: *[T]ongobrigensium*; Vasconcellos 1901b, p. 42-45 e 1905 (RL, 2), p. 196-197; Cardozo 1985 (1935), n.º 35, p. 34; Blázquez 1962, p. 135-136 e 1975a, p. 102 e 1981b, p. 208; ILER 660; Encarnação 1975, p. 195-197; Tranoy 1981, p. 300, 302, 377; Silva A.C.F. 1986b, p. 273, 296, n. 434; Alarcão 1988b, 1, p. 48, 95 e 2(1), p. 28-29: 1/482; Garcia 1991, n.º 205, p. 357; Dias L.A.T. 1997, p. 28; Guerra A. 1998, 1, E. 170, p. 227; Olivares 2002, p. 82, 153.
Depósito: MSMS, n.º 35.

733 (Epig. 148) Tongus Nabiagus. Inscrição votiva rupestre.
Leitura: A- *[Ce]licus Fronto / Arcobrigensis / Ambimogidus / fecit.*
B- *Tongoe / Nabiagoi.*
C- *Celicus / fecit / Front(o).*
Procedência: Fonte do Ídolo, S. José e S. Lázaro, Braga.
Bibliografia: Argote 1732, 1, p. 261-262: *Roncoe Nathlaco*; CIL II 2419; EE 8, 115; Bellino 1895, p. XXXIV; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 239-265: *Poncoe Nabiago* e 1913 (RL, 3), p. 219-220: *Tongoe Nabiago*; Cardozo 1985 (1935), n.º 69, p. 38; Teixeira 1938b; Blázquez 1962, p. 194–196 e 1975a, p. 173-176 e 1981b, p. 189; ILER 938; Encarnação 1975, p. 282-288; Tranoy 1980b, p. 76–78 e 1981, p. 283–285 e 2000; Melena 1984, p. 242; Pereira Menaut 1985; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 20, p. 297; García Albalát 1986, p. 150-152 (9G) e 1990, n.º 18, p. 291; Rodríguez Colmenero 1987, n º 464, p. 626-631 e 1993, p. 81-89 e 1995, n.º 41, p. 197-205 e 2002a: *Tongoe Nabiagoi*; Alarcão 1988b, 1, p. 96-96 e 2(1), p. 11: 1/198; HE 1, 666; Garcia 1991, n.º 174, p. 340-341: *Tongoe Nabiago*; Guerra A. 1998, 1, E.28.1, p. 119–120; Olivares 2002, p. 77, 219–227.
Localização: Fonte do Ídolo, S. José e S. Lázaro, Braga.

734 (Epig. 149) Tueraeus Volens, Deus. Ara votiva de granito.
Leitura: *Deo / Tueraeo / Volenti / Arcius / Epeici (filius) B/racarus / s(acrum) f(ecit).*
Procedência: Castelo da Feira, S. Nicolau, Santa Maria da Feira.
Bibliografia: Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 612-613; Távora 1917; AE 1954, 96b; Mattos 1947, n.º 49, p. 60; AE 1954, 96b; Blázquez 1962, p. 216 e 1975a, p. 177; HAE 992; ILER 943; Encarnação 1971a e 1973, p. 204-205 e 1975, p. 291-292 e 1976, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 36, p. 281, n. 226, p. 295, n. 425; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 2(), p. : 3/27; Garcia 1991, n.º 20, p. 288; Silva A.M.P. 1994, n.º 15, p. 118; Guerra A. 1998, 1, p. 345; Olivares 2002, p. 45, 153.
Depósito: Castelo da Feira, S. Nicolau, Santa Maria da Feira.

735 (Epig. 150) Turiaco, Deus. Ara votiva de granito.
Leitura: *C[osi?]go T/uriaco / Fid(uenearum) Ate/nniens/es l(ibenter) a(nimo) p(osuerunt) / h(oc) m(onumentum) / ae(re) l(ecto) ?*
Procedência: Igreja paroquial de Lamoso, Paços de Ferreira.
Depósito: MACS.

736 (Epig. 151) Turiaecus, Deus. Ara votiva de granito.
Leitura: *L(ucius) Valerius Silvanus / miles Leg(ionis) VI Vict(ricis) / [de]o Turiaeco / [v(otum)] s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Mosteiro de Santa Maria Madalena, Santo Tirso.
Bibliografia: CIL II 234 / 5551; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 324; Cardozo 1985 (1935), n.º 23, p. 40; Santarém 1956, p. 170; Blázquez 1962, p. 196-197; ILER 945; Encarnação 1975, p. 293-294; Tranoy 1981, p. 278; Le Roux 1982, p. 182-183; Silva A.C.F. 1986b, p. 281, n.º 226; Alarcão 1988b, 2(1), p. 20: 1/358; Garcia 1991, n.º 199, p. 351; Moreira A.B. 1992, n.º 4, p. 20-21; Olivares 2002, p. 79, 80.
Depósito: Mosteiro de Santa Maria Madalena, Santo Tirso; MSMS, n.º 23 (réplica).

737 (Epig. 152) Viriocelensis, Genius. Ara votiva de granito.
Leitura: *Lucretius / Sabinus / Genio Vi/riocelen/si / v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).*
Procedência: Igreja de Vilela, Amares.
Bibliografia: Carvalho H. 1998, FE 262; Olivares 2002, p. 74,153.
Depósito: Cemitério de Vilela, Amares.

Quadro 2

ɔ (=castellum)	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XII
1. ɔ *Agripia*	Braga Braga	CIL II 2435; Bellino 1895, XXII: Agrippa; Vasconcellos 1897 (RL, 1), p. 123 e 1918, p. 359; ILER 3476; Albertos 1975, p. 31; Pereira-Santos 1980, A: 2; Tranoy 1981, p. 249, 372: 13; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 14, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Tranoy-Le Roux 1989-1990, p. 210-211; HE 4, 1011; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, n.º 388, p. 222-223; Guerra A. 1998,1, E.4.4.1, p. 102, 255 e 2, p. 781: 1. 588 (Epig. 2)	16
2. ɔ *Agrip[ia]*	Dume Braga Braga	CIL II 2433; Albertos 1975, p. 31; Pereira-Santos 1980, A: 1; Tranoy 1981, p. 249, 372: 12; Pereira Menaut 1982, p. 256; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 13, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, n.º 387, p. 222-223; Guerra A. 1998, 1, E.4.4.2, p. 102, 255 e 2, p. 781: 1. 589 (Epig. 3)	15
3. ɔ *Agubri*	Villaverde Belmonte de Miranda Oviedo	Mangas-Olano 1995, p. 345-346; HE 5, 39; Guerra A. 1998, 1, E.11., p. 108 e 2, p. 781:3.	4
4. ɔ *Aviliobris*	Cores Malpica A Coruña	Tranoy 1981, p. 372:2; Pereira Menaut 1982, p. 251; AE 1984, 552; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 1; CIRG 1, 66; Hoz 1994, 348; Jimenéz 1994, p. 581; HE 4, 344; Brañas 1995, p. 234; Rodríguez Colmenero 1996, p. 162, 226-227: 415; Guerra A. 1998, 1, E.36, p. 125, 315-316 e 2, p. 781:7.	1
5. ɔ *Cauriaca*	La Pedreira Vegadeo Oviedo	CIL II 2902= 5667; Albertos 1975, p. 32; Pereira-Santos 1980, A: 14; Tranoy 1981, p. 372: 5; ERA (2) 1985, n.º 14; p. 71; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 2; Jiménez 1994, p. 581; Brañas 1995, p. 231-232; Rodríguez Colmenero 1996, p. 181, 230; Guerra A. 1998,1, E.14.1, p. 109, 385-386 e 2, p. 781: 13.	2
6. ɔ *Circine(nsi)*	Lugo	CIL II 2585; HAE 307; IRG 2, 50; ILER 6393; Albertos 1975, p. 32; IRPL 34; Pereira-Santos 1980, A: 11; Tranoy 1981, p. 57:6; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 4; Jiménez 1994, p. 580-581; Rodríguez Colmenero 1996, n.º 172, p. 179, 186-187:5; Guerra A. 1998,1, E.72.1, p. 148-149, 339-340 e 2, p. 781:14.	6
7. ɔ *C...o*	Berrocal Huelva	González J. 1989, 1, p. 57; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 328, p. 275; HE 3, 206; Guerra A. 1998, 1, E.56.3, p. 137-138 e 2, p. 781:12.	20
8. ɔ *Fi(duenea?)*	Vila Boa Guilhabreu Vila do Conde Porto	Sarmento 1999 (1898), p. 469; EE 8, 110; Cardozo 1985(1935), n.º 65, p. 107; CIL II 567; Silva A.C.F. 1980b, p. 82-84 e 1986b, Est. XI: 17, p. 274; Pereira Santos 1980, p. 127, A:3; Tranoy 1981, p. 373:15: Fa...?; Alarcão 1988b, p. 47-48 e 2(1), p. 20-21:1/370; Jímenez 1994, p. 583; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 40, p. 78-81 e 1996, n.º 389, p. 222-223: Fl[...]; Guerra A. 1998, 1, E.84, p. 155-156, 445-446, 665 e 2, p. 782: 43. 680 (Epig. 95)	16
9. ɔ *Laedie(n)si*	Calle de los Clérigos Lugo	HAE 322; IRG 2, 52; ILER 6092; IRPL 31; Tranoy 1981, p. 57:7; Pereira Menaut 1982, p. 257; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 5; Jímenez 1994, p. 581; Ares 1995-96; Rodríguez Colmenero 1996, p. 222-223:398; Guerra A. 1998,1, E.100, p. 171-172 e 2, p. 782:22.	7
10. ɔ *Letiobri*	Braga Braga	Sousa J.J.R. 1973, n.º 45, p. 28; Le Roux-Tranoy 1973, n.º 7, p. 103 e 1983, p. 118-119; AE 1973, 303; Albertos 1975, p. 33; Tranoy 1981, p. 373: 17; Pereira Menaut 1983, p. 205; Santos Yanguas 1984, p. 20; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 15, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Tranoy-Le Roux 1989-1990, p. 194; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 229, 239-240; Rodríguez Colmenero 1996, p. 222-223:393; Guerra A. 1998,1, E. 109, p. 180, 182 e 2, p. 782:23, 493-494. 621 (Epig. 35)	17

Quadro 2 (cont.)

ↄ (=castellum)	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XII
11. ↄ *Lubri*	Andiñuela León	García Martínez 1997, p. 97-101; Guerra A. 1998, 1, E. 113, p. 187, 506 e 2, p. 782:25.	5
12.[ↄ] *Miobri*	Crecente S. Pedro de Mera Lugo	Encarnação 1997, p. 101; Búa 1997, p. 85; Guerra A. 1998, 1, E. 121.2, p. 191, 533-535, 2, p. 782:27.	8
13. ↄ *Olca*	Rodeiro Vila Pontevedra	CIRG 2, 84; Brañas 1995, p. 251-252; Guerra A. 1998, 1, E.134, p. 199, 566 e 2, p. 782:31.	11
14. ↄ *Quelediani*	Castro de Montejos Ponferrada León	Gómez Moreno 1925, n.º 3; Albertos 1975, p. 33 e 1977, p. 22; Tranoy 1981, p. 373:25; Pereira Menaut 1982, p. 252; IRPLe 30; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 6; Brañas 1995, p. 252; Mangas-Olano 1995, p. 343: castellani Queledini; Rodríguez Colmenero 1996, p. 156 e 226- 227:414; Guerra A. 1998, 1, E.141, p. 202-203 e 2, p. 782:32.	9
15. ↄ *Serma(n)cele(n)si*	Monforte Chaves Vila Real	CIL II 2494; ILER 6573; Pereira - Santos 1980, p. 127, A: 10; Pereira Menaut 1982, p. 256; Le Roux-Tranoy 1983-84, p. 206; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 9, p. 274; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 203, p. 330 e 1996, p. 222-223:396 e 1997, n.º 623, p. 463: _ (cognatio) Sermancele(n)sis; Alarcão 1988b, 1, p. 48 e 2(1), p. 41: 2/27A; Jiménez 1994, p. 583; Guerra A. 1998,1, E.153, p. 212, 605-606 e 2, p. 782:35. 629 (Epig. 43)	12
16. ↄ *Tarbu(celo)*	Pastoria Chaves Vila Real	CIL II 2484; EE 8, 268a; Cardozo 1943a, p. 29; Cortez 1957a, p.106; ILER 4704; Albertos 1975, p. 33; Rodríguez Colmenero 1977, p. 243, 416 e 1987, n.º 183, p. 297-299 e 1996, p.166, 222-223:392 e 1997, n.º 237, p. 235-236: _ Tardu(m); Pereira-Santos 1980, p. 127, A:9; Tranoy 1981, p. 373:22: Tardus, p. 378; Pereira Menaut 1982, p. 257; Le Roux-Tranoy 1983-84, p.206; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 10, p. 274, 277, 291; Alarcão 1988b, 1, p. 48; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 248: Tarbucelo; Mangas-Olano 1995, p. 342; Guerra A. 1998,1, E.167, p. 225-226 e 2, p. 782:38. 631 (Epig. 45)	13
17. ↄ *Tureobriga*	Nogueira da Montanha Chaves Vila Real	Argote 1732, 1, p. 291; CIL II 2480; Roldán 1974, n.º 504, p. 445; Rodríguez Colmenero 1977, n.º 25, p. 243 e 1987, n.º 201, p. 326-329 e 1997, n.º 223, p. 223-225; Le Roux 1982, n.º 260, p. 250; Pereira Menaut 1982, p. 250, 257-258; Silva A.C.F. 1986, Est. XI: 12, p. 275; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 234-235; Guerra A. 1998,1, E.175.1, p. 230-231, 643 e 2, p. 782:41. 634 (Epig. 48)	14
18. ↄ *Uliainca*	Vila Boa Guilhabreu Vila do Conde Porto	Sarmento 1999 (1898), p. 469; EE 8, 110; Cardozo 1985 (1935), n.º 65, p. 107; Silva A.C.F. 1980b, p. 82-84 e 1986b, Est. XI: 17, p. 274; Pereira-Santos 1980, p. 127, A:3; Tranoy 1981, p. 373: 23: _ U/liain/ca; Alarcão 1988b, 1, p. 46-47 e 2(1), p. 19: 1/340; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 40, p. 78-81 e 1996, p. 222-223: 389; Jímenez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 252; Guerra A. 1998, 1, E. 84, p. 155-156, 665 e 2, p. 782:43. 635 (Epig. 49)	19
19. ↄ *domo Vacoeci*	Ponte Navea Santa Maria de Trives Orense	EE 8, 283; IRG 4, p. 122-123; Albertos 1975, p. 32; Pereira - Santos 1980, A: 4; Tranoy 1981, p. 373:26; Pereira Menaut 1982, p. 255-256; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 7; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 170, p. 272-275 e 1996, p. 163; Lomas 1989, p. 81; Jiménez 1994, p. 583; Guerra A. 1998,1, E.179, p. 233-234 e 2, p. 782:44.	10
20. ↄ ...*oc*...	Ocidente da Galiza? El Bierzo, Astúrias?	Albertos 1975, 33; Tranoy 1981, p. 374: 28; ERA (2) 1985, n.º 60, p. 176-177; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 3; Mangas-Olano 1995, p. 346; Rodríguez Colmenero 1996, p. 222-223:400; Guerra A. 1998, 1, E.189, p. 241-242, 669 e 2, p. 782:45.	3

Quadro 2 (cont.)

Civitas + ɔ (=castellum)	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XII
21. Sussarus ɔ *Aiobaigiaeco*	Torre Cabreira Carbedo El Caurel Lugo	Ors 1960; HAE 1965; ILER 5835; Albertos 1975, p. 31; IRPL 55; Tranoy 1981, p. 373:1; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 22; Dopico 1988, 12, p. 18-20; HE 1, 458; Lomas 1989, p. 79-80; HE 3, 247; HE 4, 505; Jímenez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 230; Rodríguez Colmenero 1996, p. 160, 190-191:51; Guerra A. 1998,1, E.12, p. 108, 266-267, 614 e 2, p. 781:4.	25
22. Limicus ɔ *Arcucelo*	Outeiro Alto Vila do Touro Sabugal Guarda	Vasconcellos 1927-1929, p. 213; Albertos 1975, p. 34-35 e 1985, p. 472; Rodríguez Colmenero 1977, p. 274 e 1996, p. 190-191:48; Tranoy 1981, p. 373:14; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 29, p. 276; Curado 1988, FE 123; Brañas 1995, p. 246, 249: Arcuce(lo); Guerra A. 1998,1, E.110.11, p. 183, 294,498 e 2, p. 781:6.	34
23. Cilenus ɔ *Berisamo*	Cícere Santa Comba A Coruña	IRG 1, 20; HAE 1659; Schmoll 1959, p. 45; Albertos 1966, p. 52 e 1975 p. 31 e 1977, p. 23; ILER 6330; Pereira-Santos 1980, B:4; Tranoy 1981, p. 372:3; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 19; CIRG 1, 52; Untermann 1992, p. 378; Jímenez 1994, p. 581; Brañas 1995, p. 251; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191: 50, p. 239-240; Guerra A. 1998, E.66.1, p. 143-144, 336 e 2, p. 781:9.	21
24. Cabarcus ɔ *Beriso*	Ablaneda Salas Oviedo	CIL II 5739; ILER 5632; Albertos 1975, p. 35, 43, Pereira-Santos 1980, B:2; Tranoy 1981, p. 372:4; ERA (2), 17; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 21; Alarcão 1988b, 1, p. 47; Lomas 1989, p. 80; Jímenez 1994, p. 581; Brañas 1995, p. 251; Mangas-Olano 1995, p. 345; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191:52; Guerra A. 1998, 1, E.52, p. 134, 337-338 e 2, p. 781:10.	24
25. Seurrus ɔ *Campioeic(o)*	Trêsminas Vila Pouca de Aguiar Vila Real	CIL 2391; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 286, p. 262; Guerra A. 1998, 1, E. 156.3, p. 214. 604 (Epig. 18)	31
26. Celtica Superta(marca) ɔ *Elaniobrensi*	Astorga León	CIL II 2902=5667; Gómez Moreno 1925, p. 14-15; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 189; Albertos 1975, p. 32; Pereira-Santos 1980, B:3; Tranoy 1981, p. 372:8; IRPLe 109; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 23; Lomas 1989, p. 80; Jiménez 1994, p. 551; Brañas 1995, p.236-238; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191:53: Blaniobriensi; García Martínez 1997, p. 99; Guerra 1998, 1, E.58.1, p. 215-216, 436-438 e 2, p. 781:11.	26
27. Al(bio) ex ɔ *Ercoriobri*	Villanueva Cangas de Onís Oviedo	CIL II 2711; ERA (2), 59; Albertos 1975, p. 32; Pereira-Santos 1980, B:1; Tranoy 1981, p. 373:27; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 20; Lomas 1989, p. 80; Jímenez 1994, p. 581; Brañas 1995, p. 229, 235-236; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191:55, p. 222-223:399; Guerra A. 1998, 1, E.14.2, p. 443 e 2, p. 782:17.	23
28. Lemava ɔ *Eritaeco* Lemavus ɔ *eodem*	Astorga León	Tranoy 1981, p.575; AE 1982, 58; Mañanes 1982, p. 99; Le Roux-Tranoy 1984a, p. 250; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 24; Tovar 1989, p. 139; Jiménez 1994, p. 581; Mangas-Olano 1995, p. 342; Rodríguez Colmenero 1996, p. 158-160; Guerra A. 1998,1, E.108.1, p. 179-180, 444, 491-492 e 2, p. 782:18.	27
29. Interam(icus) ex ɔ *Ga...*	La Alcalaboza Aroche Huelva	Luzón 1975, n.º 17, p. 288-289; Pereira-Santos 1980, B:6; Tranoy 1981, p. 373:16; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI,: 31, p. 276; González 1989, 1, n.º 6; HE 3,200; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191:57 e 1997, n.º 324, p. 274; Guerra A. 1998,1, E.92.2, p. 447, 459-460 e 2, p. 782:20.	36
30. Interamicus exs ɔ *Louciocelo*	Cacabelos León	Gómez Moreno 1925, p. 59-60; Albertos 1975, p. 33; Tranoy 1981, p. 373:18; IRPLe 222; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 25, p. 276; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 259, p. 380 e 1996, p. 190-191:42 e 1997, n.º 309, p. 271; Lomas 1989, p. 81; Jiménez 1994, p. 582; Brañas 1995, p. 246; Guerra A. 1998, 1, E. 93.7, p. 164, 502 e 2, p. 782:24.	28

Quadro 2 (cont.)

Civitas + ɔ (=castellum)	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XII
31. Seur(r)us ɔ *Narelia*	Felgar Moncorvo Bragança	Sarmento 1999(1898), p. 469; CIL II 6290; EE 8, 126; Vasconcellos 1896d e 1905 (RL, 2), p. 75, n.º 6; Alves 1934, p. 386-387; AE 1973, 303; Albertos 1975, p. 43; Pereira-Santos 1980, B:1; Tranoy 1981, p. 59-60, 73, 372:9; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 15, p. 274; Alarcão 1988b, 1, p. 47 e 2(1), p. 46: 2/130; Tovar 1989, p. 133; Untermann 1992, p. 379; Jiménez 1994, p. 582; Brañas 1995, p. 251; Rodríguez Colmenero 1996, p. 191-192:44 e 1997, p. 28, Guerra A. 1998,1, E.125, p. 193-194, 545, 608-610 e 2, p. 782:28. 625 (Epig. 39)	32
32. Tamac(anus) ɔ *Nem...*	Castrelo del Valle Verín Orense	HAE 331; IRG 4, 66; Tranoy 1981, p. 373:19; Le Roux-Tranoy 1975, 274-276; Albertos 1975, p. 45; Le Roux 1982, p. 88; Pereira Menaut 1982, p. 50; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 26, p. 276; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 12, p. 40-44 e 1996, p. 190-191:41 e 1997, n.º 13, p. 59-61; Guerra A. 1998, 1, E. 163., p. 219-220, 548 e 2, p. 782:30.	29
33. Caladuna ɔ *Saqua*	Petisqueira Chaves Vila Real	CIL II 2487; ILER 3629; Pereira- Santos 1980, p. 127, A:7; Tranoy 1981, p. 373:20; Le Roux-Tranoy 1983-84, p. 206; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 11, p. 274; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 236, p. 367-368 e 1996, p. 190-191:56 e 1997, n.º 372, p. 295; Jiménez 1994, p. 583; Guerra A. 1998,1, E.56.4., p. 138, E.148, p. 208-209, 599 e 2, p. 782:33. 627 (Epig. 41)	30
34. Seurr[a]e Transm[iniensi]exs ɔ *Serante*	Felgueiras Moncorvo Bragança	Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 75 e 1933, p. 157-159; AE 1934,19; Albertos 1975, p. 33; Pereira-Santos 1980, B:11; Tranoy 1981, p. 59-60, 73, 372:10; Pereira Menaut 1982, p. 251; Silva A.C.F.1986b, Est. XI: 28; Alarcão 1988b, 1, p. 48, 2(1), p. 46: 2/137; Tovar 1989, p. 133; Untermann 1992, p. 379; Jiménez 1994, p. 582; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191: 45 e 1997, p. 28; Guerra A. 1998,1, E.152, p. 211-212, 605, 608-610 e 2, p. 782:34. 628 (Epig. 42)	33
35. Auri(ensis) exs ɔ *Sesm(aco)*	Puebla de Trives Orense	CIL II, 2601; IRG 4, 87; Albertos 1975, p. 33; Pereira-Santos 1980, A:8; Tranoy 1981, p. 372:11; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 18; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 117, p. 203-204 e 1996 e 1997, n.º 133, p. 154; HE 2, 579; Jímenez 1994, p. 582; Brañas 1995, p. 232; Guerra A. 1998, 1, E. 155.1, p. 212-213 e 2, p. 782:36.	22
36. Limicus ɔ *Talabrig(a)*	Valdelcanal El Repilado Huelva	Luzón 1975, n.º 38, p. 295-296; Albertos 1975, p. 64-66; Pereira-Santos 1980, B:9; Tranoy 1981, p. 373:21; Pereira Menaut 1982, p. 184; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 32, p. 276; Alarcão 1988b, 1, p. 48; González 1989, 1, n.º 24; Jiménez 1994, p. 582; Brañas 1995, p. 229, 239; Rodríguez Colmenero 1996, p. 159, 190-191:47; Guerra A. 1998,1, E.110.1, p. 180, 498-500 e 2, p. 782:37.	37
37. Grov[i]us ɔ *Verio*	Coria Cáceres	CIL II 774; Vasconcellos 1905 (RL,2), p. 74, 324; Albertos 1975, p. 33; Pereira-Santos 1980, B:5; Tranoy 1981, p. 373:24; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 30, p. 276; Tovar 1989, p. 131-132; Jiménez 1994, p. 582; Mangas-Olano 1995, p. 342; Rodríguez Colmenero 1996, p. 190-191:46; Guerra A. 1998, 1, E.86.3, p. 157-158, 452-453, 658-659 e 2, p. 782:42.	35

Quadro 2 (cont.)

Castellum	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XII
38. Castellum ***Araocelense*** *Castellani Araocelenses*	S. Cosmado Mangualde Viseu	Figueiredo 1952, p. 165; HAE 788; AE 1954, 93; ILER 5242; Blanco Freijeiro 1977, p. 14-16; Vaz 1988b, p. 12-13 e 1997, 1, n.º 83 , p. 283-285; Alarcão 1988b, 1, p. 46, 92-93 e 2(1), p. 61:4/216 e 1989, p. 307; Encarnação 1989, p. 318; Gomes-Carvalho 1992, p. 97; Le Roux 1992-93, p. 154; Jiménez 1994, p. 583; Brañas 1995, p. 246; Guerra A. 1998, 1, E.24, p. 117, 289 e 2, 781:5; Olivares 2002, p. 153. 593 (Epig. 7)	44
39. Castellum ***Berense*** (Limici)	Calañas Huelva	Paroch.Suev. 1, 26; CIL II 5353; ILER 4713; Luzón 1975, p. 290; Tranoy 1981, p. 374:c; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 39, p. 276; González 1989, 1, n.º 49; HE 1, 355; Untermann 1992, p. 378; Jiménez 1994, p. 582; Brañas1995, p. 251; Rodríguez Colmenero 1996; Guerra A. 1998,1, E. 110.2, p. 180-181, 334-335, 498 e 2, p. 781:8.	47
40. Cas(tellum) ***Ciselense*** *Cas(tello) Ciselli*	Talavera de la Reina Toledo	CIL II 5320; Le Roux 1992-93, n.º 2, p. 154; Jiménez 1994, p. 584; Mangas-Olano 1995, p. 341; Guerra 1998, 1, E.54.1, p. 135, 400 e 2, p. 782:15.	45
41. Castellum ***Durbedicum*** (Bracari)	Herdade dos Franciscos Garvão Ourique Beja	Gomes-Gomes 1983; IRCP 122, p. 187-188; AE 1984, 458; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI, 38, p. 273, 276; Alarcão 1988b, 1, p. 48 e 2(1), p.:7/45; Le Roux 1992-93, p. 154; Jiménez 1994, p. 582, Guerra A. 1998,1, E.76.1, p. 151-152, 429 e 2, p. 782:16.	46
42. Castel(l)um ***Meidunium*** (Ancondei, Coelemi)	Cadones Celanova Orense	CIL II 2520; IRG 4, 128, 130; ILER 3485; Albertos 1975, p. 47; Tranoy 1981, p. 374:d; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 36, p. 276; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 246, p. 374, 376-377 e 1996 e 1997, n.º 382, p. 298-299; Jiménez 1994, p. 582; Brañas 1995, p. 241; Rodríguez Colmenero 1996, p. 161; Guerra A. 1998, 1, E.22, p. 114 e 2, p. 782:26.	41
43. Castellum ***Intercatia*** (Astures Trasmontani)	Xanten Alemanha	CIL XIII 8098; Santos –Yanguas 1980, p. 109; Tranoy 1981, p. 50, 374:a; Le Roux 1982, n.º 75b, p. 192; IRPLe 197; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 33, p. 276; Tovar 1989, p. 213; Solana 1990, p. 306-307; Untermann 1992, p. 378; Mangas-Olano 1995, p. 345; Guerra A. 1998,1, E.96, p. 466 e 2, p. 782:21.	38
44. Castellum ***Toletum*** (Lougei) *Toletenses Castellani*	Torre Cabreira Carbedo El Caurel Lugo	Montenegro 1947, p. 50-52;Vázquez Saco 1958-59; Ors 1960; HAE 1965; ILER 5835; Albertos 1975, p. 31; IRPL 55; Tranoy 1981, p. 374:b; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 34, p. 276; Dopico 1988, p. 12, 18-20; Lomas 1989, p. 79-80; HE 3, 247; HE 4, 505; Jiménez 1994, p. 583; Mangas-Olano 1995, p. 343; Rodríguez Colmenero 1996, p. 160; Guerra A. 1998,1, E.12, p. 108, 635-637 e 2, p. 782:39.	40
45. Castellum ***Tyde*** (Grovii)	Tuy Pontevedra	C. Plinius IV, 112; Tranoy 1981, p. 67, 374:e; Silva A.C.F. 1986b, Est. XI: 37, p. 276; Tovar 1989, p. 298; Rodríguez Colmenero 1996, p. ; Guerra A. 1998, 1, E. p. 640 e 2, p. 782:40.	42
46. Castellum ...	Cárquere Resende Viseu	Reis 1997, n.º 1, p. 14.	43
47. Castellani	S. Estebán del Toral Bembibre León	Mangas-Olano 1995, p. 338-339.	39

I

Quadro 3

Ban/Band-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
1. Deo Ban(...)	Catoira Pontevedra	CIRG 2, 112; Olivares 2002, n.º 19 (p. 165), p. 68.	2
2. [Ban]de Alabar(aico?) Sulen(si)	Pinho S. Pedro do Sul Viseu	Pereira M.B.R. 1955 [1630], p. 100: De Alabar Sule; CIL II 403; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 317: [...] deal Cabar; Blázquez 1957, p. 57 e 1962, p. 208-209 e 1975a, p. 51; ILER 771; Encarnação 1975, p. 151-152; Le Roux 1982, p. 150, 226; Róldan 1976, p. 465; Alarcão 1989, p. 307; Garcia 1990, n.º 597, p. 524: Deae Cabar /Deae Abar; Vaz 1997, 1, n.º 16, p. 200-202: [Ban]de Alabar(aico?) Sulensi; Guerra A. 1998, 1, E.156.7, p. 215, 611-612; Olivares 2002, p. 55: Deae Cabar?. 657 (Epig. 72)	16
3. Bande Raeico (?)	Santa Marinha Ribeira de Pena Vila Real	Abreu T.T. 1722-23, p. 91; Argote 1732, 1, p. VIII; CIL II 2387; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 337; Blázquez 1962, p. 51- 52 e 1975a, p. 43; ILER 750; Encarnação 1973, p. 202-203 e 1975, p.126-128: R-/P-/Maeico; Tranoy 1981, p. 279; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 35; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 102, p. 179-180 e 1997, n.º 117, p. 140; Alarcão 1998b, 2(1), p. 16: 1/275; García Albalát 1990,1: 19, p. 33; Garcia 1991, n.º 18, p. 287-288; Hoz-Fernández 2002, 1: 9 (p. 48); Olivares 2002, n.º 42 (p. 165), p. 87. 661 (Epig. 76)	12
4. Bande Velugo Toiraeco	Castelo da Feira Santa Maria da Feira Aveiro	Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 612-613; Távora 1917; AE 1954, 96a; Blázquez 1962, p. 52 e 1975a, p. 43; HAE 991; ILER 751; Encarnação 1971a e 1973, p. 204-205 e1975, p. 128-129 e 1976, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 36, p. 281, n. 226, p.295, n.425; Alarcão 1998b, 1, p. 93 e 2(), p. :3/27; García Albalát 1990, p. 35, 1: 23; Garcia 1991, n.º 19, p. 288; Silva A.M.P. 1994, n.º 13, p. 118; Hoz-Fernández 2002, 1: 15 (p. 49); Olivares 2002, n.º 22 (p. 165), p. 45, 153. 663 (Epig. 78)	14
5. Bande Vordeaegui	Aldeia da Mata Meda Guarda	Silva A.C.F.-Almeida C.A.B.- Coixão A.N.S. 2004.	18
6. Bandei Brialeacui	Orjais Covilhã Castelo Branco	Almeida F. 1965, p. 24-25; AE 1967, 135; Blázquez 1972, p. 82; Encarnação 1973, p. 202 e 1975, p. 125-126; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 41; Alarcão 1988b, 2(1), p. 68: 4/331; García Albalát 1990, 1: 8, p. 29; Garcia 1991, n.º 21, p. 288; Hoz-Fernández 2002, 1: 17 (p. 49); Olivares 2002, n.º 28 (p. 165), p. 152.	21
7. Bandei Brialeacui	Orjais Covilhã Castelo Branco	Alarcão 1988b, 2(1), p. 68: 4/331; Garcia 1991, n.º 22, p. 289; HE 3, 47; Olivares 2002, n.º 29 (p. 165).	22
8. Bandi(...)	Idanha-a-Velha Idanha-a-Nova Castelo Branco	Almeida F. 1965, p. 23-24; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 46; García Albalát 1990, 1: 1, p. 26.	28
9. Bandi Apolosego	Norba Cáceres	CIL II 740; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 343; Blázquez 1962, p. 52 e 1975a, p. 45; ILER 752; CPC 90; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 49; García Albalát 1990, 1: 5, p. 28; Hoz-Fernández 2002, 1: 24 (p. 49); Olivares 2002, n.º 2 (p. 165).	32
10. Bandi Arbariaico	Capinha Fundão Castelo Branco	CIL II, 454; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 321 e 1913 (RL, 3), p. 219-220; Blázquez 1962, p. 53 e 1975a, p. 45; ILER 753; Encarnação 1973, p. 205-206 e 1975, p. 129-131; Tranoy 1981, p. 271; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 43; Alarcão 1988b, 2(1), p. 68: 4/370; García Albalát 1990, 1: 6, p. 28; Garcia 1991, n.º 23, p. 289; Hoz-Fernández 2002, 1: 19 (p. 49); Olivares 2002, n.º 30 (p. 165).	24

Quadro 3 (cont.)

Ban/Band-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
11. Bandi Isibraiegui	Bemposta Penamacor Castelo Branco	Almeida F. 1965, p. 20; AE 1967, 133; Blázquez 1972, p. 82 e 1975a, p. 45; Encarnação 1973, p. 206 e 1975, p. 131- 132; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 44; Alarcão 1988b, 2(1), p. 72: 4/35; García Albalát 1990, 1: 11, p. 30; Garcia 1991, n.º 24, p. 289; Hoz-Fernández 2002, 1: 21 (p. 49); Olivares 2002, n.º 33 (p. 165), p. 152.	25
12. Ban[n]di Is(i)b[r(aiegui)]	Bemposta Penamacor Castelo Branco	Almeida F. 1965, p. 22-23; AE 1967, 134; Encarnação 1973, p. 206 e 1975, p. 131- 132; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 45; García Albalát 1990, 1: 12, p. 30-31; Garcia 1991, n.º 25, p. 289; Hoz-Fernández 2002, 1: 22 (p. 49); Olivares 2002, n.º 32 (p. 165).	26
13. Bandi [L]ongobricui	Capela da Senhora da Torre Longroiva Meda Guarda	Costa 1979, 2, p. 255; Curado 1985a, FE 44: [L]ongobricu; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 38; Alarcão 1988b, 2(1), p. 55: 4/71; García Albalát 1990, 1: 15, p. 31-32; Garcia 1991, n .º 26, p. 290; Le-Roux 1992, n.º 24, p. 253; Hoz-Fernández 2002, 1: 12 (p. 48); Guerra A. 1998, 1, E. 104, p. 176: Lancobricu(m); Olivares 2002, n.º 39 (p. 165), p. 46, 152.	17
14. Bandi Malunrico	Badajoz? Cáceres	AE 1994, 869; HE 5, 123; HE 6, 147a; Hoz-Fernández 2002, 1: 28 (p. 49); Olivares 2002, n.º 11 (p. 165), p. 152.	38
15. Band[.] Oce(lensi?)	Castro da Ucha Figueiredo de Alva S. Pedro do Sul Viseu	EE 9, 40; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p.316-317: Bandoge; Figueiredo 1953, p. 159; Blázquez 1962, p. 54-55 e 1975a, p. 45; ILER 756; Encarnação 1973, p. 209-210 e 1975, p. 138-139 e 1978, p. 213-214 e 1987, p. 20: Band (.) Ocel(ensi/-aeco); Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 37; Alarcão 1988b, 2(1), p. 55: 4/78; García Albalát 1990, 1: 3, p. 27; Garcia 1991, n.º 27, p. 290: Bandi (?) Oge(?); HE 3, 494; HE 4, 1100; Vaz 1997,1, n.º 17, p. 202-203; Guerra A. 1998, 1, E.132, p. 198; Hoz-Fernández 2002, 1: 13 (p. 48); Olivares 2002, n.º 44 (p. 165), p. 45-46, 153, 167. 658 (Epig. 73)	15
16. Bandi Oilienaico	Esmolfe Penalva do Castelo Viseu	EE 9, 35; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 317-319; Blázquez 1962, p. 53 e 1975a, p. 45; ILER 754; Encarnação 1973, p. 207 e 1975, p. 132-134; Curado 1985, p. 132-134; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 39; Alarcão 1988b, 2(1), p. 60: 4/173; García Albalát 1990, 1: 17, p. 32; Garcia 1991, n.º 28, p. 291; Vaz 1997, 1, n.º 18, 204; Hoz-Fernández 2002, 1: 16 (p. 49); Olivares 2002, n.º 43 (p. 165), p. 46, 153. 660 (Epig. 75)	20
17. Bandi Saisabro?	Castelo Maranhão Avis Évora	Encarnação-Silva 1994, FE 206; AE 1994, 820; HE 5, 1040; Hoz-Fernández 2002, 1: 27 (p. 49); Olivares 2002, n.º 37 (p. 165), p. 61-62, 152.	39
18. Bandi Tatibeaicui	Queiriz Fornos de Algodres Viseu	Cortez 1957b, p. 37-38: Danditatideaegui; Blázquez 1962, p. 53-54 e 1975a, p. 45: Bandi Tatideaecui; ILER 755=797; Encarnação 1973, p. 207- 208 e 1975, p. 134-137: Bandi Tatibiaicui; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 40: Bandi Tatideaicui; Alarcão 1988b, 2(1), p. 57: 4/124 e 1989, p. 308; García Albalát 1990, 1: 21, p. 34; Garcia 1991, n.º 29, p. 291; Vaz 1997, 1, n.º 19, p. 205-206; Hoz-Fernández 2002, 1: 14 (p. 48); Olivares 2002, n.º 38 (p. 165), p. 46, 153. 66 (Epig. 77)	19
19. Bandi Vorteaeceo	Salgueiro Fundão Castelo Branco	Almeida F. 1965, p. 26-27; AE 1967, 136; Blázquez 1972, p. 82 e 1975a, p. 45; Encarnação 1973, p. 209 e 1975, p. 137- 138; AE 1977, 379; Vaz 1979, p. 89; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 42; Alarcão 1988b, 2(1), p. 70: 4/373; García Albalát 1990, 1: 25, p. 35-36; Garcia 1991, n.º 30, p. 291; Hoz-Fernández 2002, 1: 18 (p. 49); Olivares 2002, n.º 31 (p. 165).	23
20. Bandi Vorteaecio	Vale Queimado Penamacor Castelo Branco	HE 5, 994; Hoz-Fernández 2002, 1: 20 (p. 48); Olivares 2002, n.º 34 (p. 165).	27

Quadro 3 (cont.)

Ban/Band-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
21. B(andi) V(orteaeco)	S.Vicente Castelo Branco Castelo Branco	Garcia 1984, n.º 4, p. 51 e 1991, n.º 566, p. 503-504; HE 3, 469; Hoz-Fernández 2002, 2: 5 (p. 50); Olivares 2002, n.º 27 (p. 165).	29
22. Ban(di) Vor(tiacio) P[.]icio?	Malpartida de Plasencia Cáceres	CIL II 855; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 343; Blázquez 1962, p. 51 e 1975, p. 43; CPC 333; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 51; García Albalát 1990, 1: 27, p. 36.	34
23. Bandu Picio	S. Vicente Castelo Branco Castelo Branco	Inédita. Inf. de P. Salvado.	30
24. Bandu Verubri[go]	Villaza, Arcucelos Retorta- Laza Verín Orense	Taboada 1949b e 1952, n.º 8 e 1959, n.º 5; HAE 365; AE 1955, n.º 256; IRG 4, 84; Blázquez 1962, p. 58 e 1975a, p. 47; ILER 759; Rodríguez Colmenero 1977, p. 312 e 1987, n.º 103 , p. 180-181 e 1997, n.º 118, p. 140-141; Tranoy 1981, p. 280; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 31; García Albalát 1990, 1: 24, p. 35; Guerra A. 1998, 1, p. 659; Hoz-Fernández 2002, 1: 6 (p. 48); Olivares 2002, n.º 13 (p. 165), p. 87, 152: Virubrico ou Verubrico.	7
25. Bandu Vordeaeco	Quinta da Ribeira Seixo de Anciães Carrazeda de Anciães Bragança	Lemos - Encarnação 1991, FE 179 e 1992; AE 1991, 1039; AE 1992, 994; HE 5, 986; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 125, p. 146; Hoz-Fernández 2002, 1: 11 (p. 48); Olivares 2002, n.º 25 (p. 165), p. 98, 104. 664 (Epig. 79)	11
26. Deo Martis socio Banduae	Rairiz de Veja Orense	CIL II 215*; IRG 4, 87; Blázquez 1975, p. 45; Rodríguez Colmenero 1977, p. 402 e 1987, n.º 104, p. 181 e 1997, n.º 119, p. 141-142; García Albalát 1990, 1:28, p. 36, 159-165; Rivas Fernández 1993, p. 55; Olivares 2002, n.º 14 (p. 165), p. 88.	5
27. Bandue Lansbricae	Eiras San Amaro Orense	IRG 4, 89: Bandua Ianoelica; Blázquez 1962, p. 87 e 1975a, p. 45; Rivas Fernández 1973, p. 87-88: Bandua(e) Lansbricae; AE 1974, 408; Rodríguez Colmenero 1977, p. 314, p. 402 e 1987, n.º 105, p.182-183 e 1997, n.º 120, p. 142-143: Banduae Alaniobrigae; Tranoy 1981, p. 280: Lanobrica; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 28; HE 1, 492; HE 2, 584;García Albalát 1990, 1:14, p. 31; Guerra A. 1998, 1, E.13, p. 108-109: Alanobricae/ Alaniobricae; Hoz-Fernández 2002, 1: 2 (p. 48); Olivares 2002, n.º 16 (p. 165), p. 87, 152.	3
28. Bandue	Cova da Lua Espinhosela Bragança Bragança	CIL II 2498; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 337-338; Alves 1934, p. 52-54; Blázquez 1962, p. 55 e 1975a, p. 47; ILER 757; Encarnação 1973, p. 210 e 1975, p. 139-140; Tranoy 1981, p. 279; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 33; Alarcão 1988b, 2(1), p. 40: 2/12; García Albalát 1990, 1: 2, p. 37; Garcia 1991, n.º 34, p. 293; Lemos 1993, 2a, p. 83; Rodríguez Colmenero 1997, p. 124; Redentor 2002, n.º 4, p. 50-51; Hoz-Fernández 2002, 1: 8 (p. 48); Olivares 2002, n.º 2 (p. 165), p. 104. 656 (Epig. 71)	9
29. Bandue Aetiobrigo	Codesedo Sarreaus Orense	Barros Sivelo 1875, p. 181; CIL II 2515; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 341; Blázquez 1962, p. 58; IRG 4, 86; ILER 761; Rodríguez Colmenero 1977, p. 401 e 1987, n.º 108, p. 187 e 1997, n.º 123, p. 144-145; Tranoy 1981, p. 279; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 30; García Albalát 1990, 1: 4, p. 27; AE 1991, 1040; Guerra A. 1998, 1, E.9, p. 106-107: Aetobrico / Nemetobrico ?; Hoz-Fernández 2002, 1: 4 (p. 48); Olivares 2002, n.º 17 (p. 165), p. 87, 152.	6
30. Band(ue) Araugel(ensi)	Cáceres, Espanha ? [Beira Interior, Portugal ?]	Blanco Freijeiro 1959; HAE 1630; Blázquez 1962, p. 55-57 e 1975a, p. 45; ILER 5903; Untermann 1985, p. 359; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 50; García Albalát 1990, 1: 7, p. 28-29; Guerra A. 1998, 1, E.25, p. 117-118, 289-290; Simón 2001, p. 214-216 e 222-223; Hoz-Fernández 2002, 1: 29 (p. 49); R(ibeiro) J.C. 2002, IV, p. 363; Olivares 2002, n.º 5 (p. 165), p. 153.	33

Quadro 3 (cont.)

Ban/Band-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
31. Bandue Bolecco	Curbián Palas del Rey Lugo	IRG 2, 20; HAE 1719; IRG 2, 20: Banduso Olecco; Blázquez 1962, p. 61 e 1975a, p. 47; ILER 763; AE 1974, 388; IRPL 56; Tranoy 1981, p. 288-289; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 27; García Albalát 1990, 1: 18, p.33; Hoz-Fernández 2002, 1: 1 (p. 48); Olivares 2002, n.º 12 (p. 165), p. 87.	1
32. Bandue Cadogo?	Mixós Monterrey Verín Orense	Bouza-Brey et alii 1928; Taboada 1952, n.º 6, p. 292-293:Cal[ai]co; HAE 364; AE 1956, 55; Blázquez 1962, p. 59 e 1975a, p. 47; IRG 4, 88; ILER 758; Tranoy 1981, p. 279: Calaigus; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 32; AE 1987, 562m; HE 2, 596; García Albalát 1990, 1: 9, p. 29; Rodríguez Colmenero 1977, p. 313, 402 e 1985, p. 341 e 1987, n.º 106, p. 184-185: Cadogo e 1997, n.º 121, p. 143: Cadiego; Hoz-Fernández 2002, 1: 7 (p. 48); Olivares 2002, n.º 8 (p. 165), p. 87: Cadiego.	8
33. Bandua Etobrigo	Alenquer (?) Lisboa	Ferreira et alii 1976, p. 139-142; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 48; García Albalát 1990,1: 10, p. 30; Garcia 1991, n.º 33, p. 292-293; Hoz-Fernández 2002, 1: 5 (p. 48); Guerra A. 1998, 1, E. 83, p. 155; Olivares 2002, n.º 40 (p. 165), p. 61, 152.	40
34. Bandue Ituicie(n)si	Mezquitilla Sonseca Toledo	EE 8, 179; Blázquez 1962, p. 58 e 1975a, p. 47; Untermann 1967; ILER 760; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 53; García Albalát 1990, 1: 13, p. 31; Hoz-Fernández 2002, 1: 25 (p. 49); Olivares 2002, n.º 20 (p. 165).	37
35. Bandue Roudaico	Los Alíjares Madroñera Cáceres	Beltrán 1975-76, p. 92-93; Encarnação 1976; AE 1977, 432; Redondo 1985, p. 38; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 52; García Albalát 1990, 1: 20, p. 34; Madruga-Salas 1995, p. 355; Guerra A. 1998, 1, E.142.2, p. 203; Hoz-Fernández 2002, 1: 26 (p. 49); Olivares 2002, n.º 6 (p. 165), p. 153.	35
36. Bandu[e] Ro[ud]aeco	Villavieja Trujillo Cáceres	Beltrán 1975-76, p. 61; Madruga-Salas 1995, p. 354; Guerra A. 1998, 1, E. 142.3, p. 203-204; Olivares 2002, n.º 10 (p. 165).	36
37. Bandue Veigebreaego	Rairiz de Veiga Orense	Ferro Couselo 1957; García y Bellido 1959, n.º 9, p. 34-35; Blázquez 1962, p. 60 e 1975a, p. 47; IRG 4, 85; HAE 1687; AE 1968, 237; ILER 762; Rodríguez Colmenero 1977, p. 312, p. 401 e 1987, n.º 106, p. 184-185 e 1997, n.º 122, p. 143-144; Tranoy 1981, p. 280; Le Roux 1982, p. 217 e 339; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 29; García Albalát 1990, 1: 22, p. 34-35; Hoz-Fernández 2002, 1: 3 (p. 48); Olivares 2002, n.º 15 (p. 165), p. 87-88, 152.	4
38. Bandui Ocolis	Alto da Vinha Beiriz Póvoa de Varzim Porto	Gonçalves F. 1949, p. 225-229 e 1963, p. 230-233; Almeida 1972, p. 212-213; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 212-213, n.º 20; AE 1973, 316;Tranoy 1981, p. 305: Vieniae Ubanduiocolae/ n. 340: Banduicole; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 34, p. 278; Alarcão 1988b, 2(1), 16: 1/285; García Albalát 1990, 1: 16, p. 32; Garcia 1991, n.º 600, p. 526-527; Silva et alii 1997, p. ;Hoz-Fernández 2002, 1: 10 (p. 48); Guerra A. 1998, 1, E.133, p. 198-199; Olivares 2002, p. 82: Vieanibus Ibanduiocolis. 659 (Epig. 74)	13
39. Bane	Almeida de Sayago Zamora	Morán 1944, p. 245; AE 1946, 12; Blázquez 1962, p. 207 e 1975a, p. 47; ILER 749; Olivares 2002, n.º 21 (p. 165).	10
40. Bannei Picio	Capela de S. João Vilar da Mó Belver Gavião Portalegre	Jalhay 1949, p. 231-232: Rannelpicio; AE 1950, 220; ILER 910; Encarnação 1975, p. 260-261; Encarnação-Carvalho 1984, n.º 1, p. 13: Bannei Picio, AE 1984, 468; Garcia 1991, n.º 35, p. 293-294; Hoz-Fernández 2002, 2: 1 (p. 50); Olivares 2002, n.º 41 (p. 165), p. 46, 61.	31

II

Quadro 3 (cont.)

Ban/Band-	Procedência	Referências bibliográficas
1. Apolluseae[co]	Brozas Cáceres	AE 1989, 339; HE 3, 120; Hoz-Fernández 2002, 2: 10 (p. 50); Olivares 2002, n.º 1 (p. 165).
2. Apulusea[e]co	Brozas Cáceres	AE 1989, 398; HE 3, 119; Hoz-Fernández 2002, 2: 9 (p. 50); Olivares 2002, n.º 3 (p. 165).
3. Mercurio Esibraeo	Medelim Idanha-a-Nova Castelo Branco	Garcia 1994, p. 65-66; Alarcão 1988b, 2(1), p. 73: 4/437.
4. Picio	Oliveira do Hospital Coimbra	Cortez 1957c; ILER 906; Encarnação 1975, p. 259-260; Garcia 1991, n.º 36, p. 294; Hoz-Fernández 2002, 2: 3 (p. 50); Olivares 2002, n.º 36 (p. 165), p. 46.
5. [...] Roudaeco	Villavíeja Trujillo Cáceres	Beltrán 1975-76, p. 88-89; AE 1977, 430; Redondo 1985, p. 38; Madruga-Salas 1995, p. 354; Guerra A. 1998, 1, E. 42.1., p. 203; Hoz-Fernández 2002, 2: 12 (p. 50); Olivares 2002, n.º 9 (p. 165).
6. Deo Tuereo Volenti	Castelo da Feira Santa Maria da Feira Aveiro	Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 612-613; Távora 1917; AE 1954, 96b; Mattos 1947, n.º 49, p. 60; AE 1954, 96b; Blázquez 1962, p. 216 e 1975a, p. 177; HAE 992; ILER 943; Encarnação 1971a e 1973, p. 204-205 e 1975, p. 291-292 e 1976, n.º 3; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 36; p. 281, n. 226, p. 295, n. 425; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 20, p. 3/27; Garcia 1991, n.º 20, p. 288; Silva A.M.P. 1994, n.º 15, p. 118; Guerra A. 1998, 1, p. 345; Olivares 2002, n.º 23 (p. 165), p. 45, 153. 734 (Epig. 149)
7. [Bandi ?] Vor[te]aecio	Castro de S. Martinho Castelo Branco Castelo Branco	Garcia 1976 e 1984, n.º18, p. 79 e 1991, n.º 31, p. 291-292; AE 1977, 380; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 47; Alarcão 1988b, 2(1), p. 76: 4/491; García Albalát 1990,1: 26, p. 36; Hoz-Fernández 2002, 2: 6 (p. 50); Olivares 2002, n.º 26 (p. 165).
8. Vorteaeci	Quinta da Arrochela Penamacor Castelo Branco	Curado 1985b, FE 57; AE 1985, 531; HE 3, 473; Alarcão 1988b, 2(1), p. 76: 4/491; Garcia 1991, n.º 32, p. 292; Hoz-Fernández 2002, 2: 4 (p. 50); Olivares 2002, n.º 35 (p. 165).
9. Vortiacio	Montehermoso Cáceres	HE 4, 242; Olivares 2002, n.º 8 (p. 165).

I

Quadro 4

Cos/Cus-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
1. Conso S[...]ensi	S. Pedro de Trónes Noceda del Bierzo León	García Martínez 1998; Olivares 2002, n.º 13 (p. 166), p. 102, 154.	53
2. Cosei Va[c]oaico	Viseu ?	Vaz 1989a, FE 140 e 1997,1, n.º 25, p. 211-212; AE 1989, 379; Garcia 1991, n.º 47a, p. 301; HE 3, 496; Guerra A. 1998, 1, E. 178, p. 233; Olivares 2002, n.º 21 (p. 166), p. 47, 154. 685 (100)	60
3. Cosi Viascanno	Lanciana Las Rozas Villablino León	Blázquez 1962, p. 118-119 e 1975a, p. 57; ILER 789; Tranoy 1981, p. 297; Mañanes 1982, n.º 103, p. 108; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 10; IRPLe 56; García Albalát 1990, n.º 6, p. 247- 248; Olivares 2002, n.º 14 (p. 166).	48
4. Cosigo	Furtado Algodres Fornos de Algodres Viseu	Curado 1986, FE 74; AE 1986, 302; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 8; Alarcão 1988b, 2(1), p. 60: 4/180; García Albalát 1990, n.º 19, p. 252-253; Garcia 1991, n.º 596a, p. 524; Vaz 1997, 1, n.º 33, p. 221-222; Olivares 2002, p. 48.	61
5. Coso	Brandomil Zas La Coruña	CIL II 5071 e 5262; AE 1952, 113; IRG 1, 7; Blázquez 1962, p. 117 e 1975a, p. 57; ILER 791; Tranoy 1981, p. 292; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 3; García Albalát 1990, n.º 1, p. 246; CIRG 1, 39; Olivares 2002, n.º 1 (p. 166), p. 67.	43
6. Coso Domino	Logrosa Negreira La Coruña	CIRG 1, 22; HE 4, 333; Guerra A. 1998, 1, E.62.2, p. 144; Olivares 2002, n.º 3 (p. 166), p. 68.	45
7. Coso Calaeunio	Santa Maria de Serantes Lage La Coruña	IRG 1S, 9; HAE 1704; Blázquez 1962, 118 e 1975a, p. 57; ILER 790; Tranoy 1981, p. 292, n. 240; CIRG 1, 70; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 2; García Albalát 1990, n.º 7, p. 248; Olivares 2002, n.º 2 (p.166), p. 67.	42
8. Coso Oenaego	Capela de S. Roque Torres de Noguera San Mamede de Seavia Coristanco La Coruña	*Oenaego*: Cortés- Martínez 1912; IRG 1S, 8; HAE 1703; Blázquez 1962, p. 118 e 1975a, p. 57; ILER 792; Tranoy 1981, p. 283; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 4; García Albalát 1990, n.º 12, p. 250; CIRG 1, 68; HE 4, 327; Olivares 2002, n.º 5 (p. 166), p. 67-68. *Theinaeco*: Fita 1912; Blázquez 1962, p. 119; ILER 793; García Albalát 1990, n.º 15, p. 251.	44
9. Coso Udaviniago	Igreja de S. Martín de Meirás Sada La Coruña	Castillo 1930; HAE 464; AE 1955, 257; IRG 1S, 7; Blázquez 1962, p. 120 e 1975a, p. 57; ILER 794; Tranoy 1981, p. 292-293; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 1; García Albalát 1990, n.º 8, p. 248; CIRG 1, 9; Olivares 2002, n.º 4 (p.166), p. 68.	41
10. [D]eo Cosoe Soaegoe	Romai Vello S. Juan de Sacos Caldas de Reyes Pontevedra	Tranoy 1981, p. 293: *Cosus Esoaecus*; CIRG 2, 128; Olivares 2002, n.º 16 (p. 166), p. 68.	46
11. Cosu	Covelinhas S.Martinho das Moitas S.Pedro do Sul Viseu	Vaz 1997, 1, n.º 24, p. 210-211. 681 (Epig. 96)	59
12. Cosuneae	Sanfins Paços de Ferreira Porto	Argote 1732, 1, p. 286; Sarmento 1999 (1878/79), p. 22, 78-80 e 1883-84, p. 58 = 1893, p. 175 e 1895, p. 145-151= 1933, p. 423-427; CIL II 5607; EE 7, 140; Vasconcellos 1905 (RL,2), p. 188-189; Cardozo 1985 (1935), n.º 70 e 120, p. 35; Paço 1952, p. 358-359, 381-382 e 1954, p. 209-211; Blázquez 1962, p. 120 e 1975a, p. 57; Encarnação 1975, p. 169-171; Silva A.C.F. 1980b, p. 80- 82= 1982, p. 383-386 e 1986b, Est. XII: 16, p. 274 e 1999, p. 64-65; Tranoy 1981, p. 273; Alarcão 1988b, 2(1), p. 20-21: 1/370; García Albalát 1990, n.º 5, p. 247; Garcia 1991, n.º 468, p.	57

I

Quadro 4 (cont.)

Cos/Cus-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
		456; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 40, p. 78-81 e 1995, n.º 40, p. 194-196; Guerra A. 1998, 1, E. 85, p. 156-157; Vaz 2001, p. 193: Cosuneae finis; Olivares 2002, n.º 18 (p. 166), p. 75. 680 (Epig. 95)	
13. [Cos?]uo Vestero	Alvarães Viana do Castelo Viana do Castelo	Tranoy 1981, p. 278: [...]evo; Santos L.A. et alii 1983, n.º 15, p. 192-193: [...]ivo vel uo Vestero; Le Roux-Tranoy 1983, p. 192-193; Alarcão 1988b, 2(1), p. 7: 1/124; Garcia 1991, n.º 48, p. 301-302; Olivares 2002, p. 74. 686 (101)	56
14. Cos[sue]	S. Esteban del Toral Bembibre León	Mañanes 19979-80, n.º 1, p. 191-193; Mangas 1981, p. 254-261; AE 1983, 592; AE 1984, 554; Olivares 2002, n.º 9 (p. 166), p. 100-101.	49
15. Cos[sue]	S. Pedro Castañero Bembibre León	Mangas 1981, p. 263-264; AE 1983, 595; García Albalát 1990, n.º 4, p. 247; Olivares 2002, n.º 10 (p. 166), p. 101.	50
16. Deo Domino Cossue Segidiaeco	Arlanza Noceda del Bierzo León	Garcia y Bellido 1966, n.º 12, p. 138-139; HAE 2369; AE 1967, 232; Blázquez 1972, p. 89 e 1975a, p. 57; Tranoy 1981, p. 297; IRPLe 58; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 12; García Albalát 1990, n.º 14, p. 251; Olivares 2002, n.º 6 (p. 166), p. 101, 154-155.	55
17. Cossue Nedoledio	Noceda del Bierzo León	García y Bellido 1966, n.º 11, p. 138; HAE 2368; AE 1967, 233; Blázquez 1972, p. 84 e 1975a, p. 57; Tranoy 1981, p. 297; IRPLe 57; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 11;IRPLe 57; HE 1, 397; García Albalát 1990, n.º 11, p. 249-250; Olivares 2002, n.º 12 (p. 166), p. 101.	54
18. C[o]s[sue] Tue[ran]ae(o) Pa[ra]meio	El Valle Y Tedejo Bembibre León	Mangas 1981, p. 263-264; AE 1983, 593; García Albalát 1990, 17, p. 252; Olivares 2002, 7 (p. 166),p. 101.	51
19. Cusei Paetea[e]co	Aguada de Cima Águeda Aveiro	Gonçalves A.N. 1959, Est. XLII; Carvalho P. 1986, FE 70: Cusei Paetea[i]co; AE 1986, 283; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 9, p. 288, n. 331; HE 1, 657; García Albalát 1990, n.º 13, p. 250; Garcia 1991, n.º 49, p. 302; Silva A.M.P. 1994, n.º 1, p. 114; HE 4, 986; Olivares 2002, n.º 17 (p. 166), p. 46. 684 (Epig. 99)	62
20. Co[ssue] U[d]una[eo] Itilien[s]e	El Valle Y Tedejo Bembibre León	Mangas 1981, p. 259; AE 1983, 594; García Albalát 1990, 18, p. 252; Olivares 2002, n.º 8 (p. 166), p. 101.	52
21. Deo Domeno Cusu Nemeoeco	Burgães Santo Tirso Porto	CIL II 2375/5552; Vasconcellos 1905 (RL,2), p. 326-327; HAE 514; Cardozo 1985 (1935), n.º 21, p. 30; Santarém 1953, p. 397-399 e 1956, p. 64-65; Bouza-Brey 1957b: Cusuneneoeco; Blázquez 1962, p. 121; ILER 796; Encarnação 1975, p. 164-169; Tranoy 1981, p. 274; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 7, p. 288, n. 330; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 2(1), p. 20, 1/359; García Albalát 1990, n.º 10, p. 249: Nemeoeco; Garcia 1991, n.º 50, p. 303: Cusuneneoeco; Moreira A.B. 1992, n.º 6, p. 22-23; Olivares 2002, n.º 19 (p. 166), p. 75, 154-155: Cusu Neneoeco. 682 (Epig. 97)	58
22. Cusue Mepluceeco	Cartelle Coixil Orense	Búa 1999; Olivares 2002, n.º 15 (p. 166), p. 68.	47

II

Quadro 4 (cont.)

Cos/Cus-	Procedência	Referências bibliográficas
1. Dom(ino) Deo Nen(=m)eoec[o]	Ervosa Santo Tirso Porto	Santarém 1953, p. 397-401 e 1956; Bouza-Brey 1957b; HAE 514; AE 1957, 315; Azevedo 1957; Blázquez 1962, p. 122 e 1975a, p. 132; ILER 896; Encarnação 1975, p. 164-179; Tranoy 1981, p. 274; Silva A.C.F. 1986b, p. 289; Alarcão 1988b, 1, p. 93 e 2(1), p. 20: 1/357;García Albalát 1990, n.º 10b, p. 249; Garcia 1991, n.º 51, p. 303; Moreira A.B. 1992, n.º 5, p. 21-22; Olivares 2002, n.º 20 (p. 166). 683 (Epig. 98)
2. Nidanlua	Castro de El Cocotín S. Estebán del Toral Bembibre León	Mangas-Vidal 1984-85; Olivares 2002, p. 101-102.
3. Udunnaeo	Santibáñez del Bierzo Bembibre León	AE 1983, 591; AE 1984, 554; Olivares 2002, n.º 11 (p. 166).

I

Quadro 5

Nav/Nab-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
1. A(ugustae) Nabiae	El Castillo El Gaitán Cáceres	Melena 1984, n.º 14, p. 234-236, 238; AE 1984, 494; García Albalát 1990, n.º 13, p. 289; Olivares 2002, n.º 2 (p. 234).	78
2. D(eae) Nabi[(a)e]	Brozas Alcantara Cáceres	CIL II 756; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 277-278; Blázquez 1962, p. 176; ILER 887; CPC 24; Tranoy 1981, p. 285; Melena 1984, n.º 2, p. 236; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 26; García Albalát 1990, n.º 9, p. 288; Olivares 2002, n.º 1 (p. 234).	77
3. Nabiae	Monte de S. Pedro Nocelo da Pena Sarreaus Orense	CIL II 5622; Fita 1905, p. 403; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 278; IRG 4, 80; Blázquez 1962, p. 176 e 1975a, p. 131; Melena 1984, n.º 10, p. 238; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 18; ILER 895/898; García Albalát 1990, n.º 4, p. 286; Rodríguez Colmenero 1977, p. 302 e 1987, n.º 87, p. 150-151 e 1997, n.º 134, p. 154-155; Olivares 2002, n.º 10 (p. 234).	69
4. Nabiae	Fonte do Ídolo S. José e S. Lázaro Braga Braga	Teixeira 1938b, p. 151-153; Cortez 1952-54; HAE 473; AE 1955, 258; Blázquez 1962, p. 178 e 1975a, p. 131; ILER 886; Encarnação 1975, p. 240-243; Tranoy 1981, p. 281; Melena 1984, n.º 1, p. 236; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 19; García Albalát 1990, n.º 5, p. 286; Garcia 1991, n.º 173, p. 340; Olivares 2002, n.º 12 (p.234), p. 76. 719 (Epig. 134)	70
5. Nabiae	Muro Baltar Paredes Porto	CIL II 2378; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 277; Blázquez 1962, p. 178 e 1975a, p. 131; ILER 894; Encarnação 1975, p. 240-243; Tranoy 1981, p. 281; Melena 1984, n.º 9, p. 238; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 21, p. 297; García Albalát 1986, p. 184 (9A) e 1990, n.º 6, p. 287; Alarcão 1988b, 2(1), p. 26: 1/456; Garcia 1991, n.º171, p. 340; Olivares 2002, n.º 14, (p. 234), p. 76. 717 (Epig. 132)	72
6. Nabiae	Covas Trêsminas Vila Pouca de Aguiar Vila Real	Parente 1980, p. 132-133; Le Roux-Tranoy 1974, n.º 31, p. 255; AE 1980, 581; Tranoy 1981, p. 281; Melena 1984, n.º 13, p. 238; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 24; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 114, p. 200 e 1997, n.º 131, p. 152; Alarcão 1988b, 2(1), p. 16: 1/282; García Albalát 1990, n.º 7, p. 287; Garcia 1991, n.º 172, p. 340; Olivares 2002, n.º 16 (p. 234). 718 (Epig. 133)	75

Quadro 5 (cont.)

Nav/Nab-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
7. Nabiae	Águas Férreas Roqueiro Pedrogão Pequeno Sertã Castelo Branco	CIL II 5623; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 277 e 1913 (RL,3), p. 202-203; Blázquez 1962, p. 172 e 1975a, p. 131; ILER 890; Encarnação 1975, p. 240-243; Melena 1984, n.º 5, p. 237; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 25; Alarcão 1988b, 2(1), p. 73: 4/446; García Albalát 1990, n.º 8, p. 287; Garcia 1991, n.º 170, p. 339; Olivares 2002, n.º 13 (p. 234).	76
8. Nabiae	Póvoa Marecos Penafiel Porto	Pinho 1928, p. 244-245; AE 1973, 319; Le Roux-Tranoy 1974; Encarnação 1975, p. 244-247; Tranoy 1981, p.236, 278, 282-283, 298, 316, 378; Soeiro 1984, p. 96; Melena 1984, n.º 11, p. 238; Tovar 1985, p. 246; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 22, p. 278, n. 168, p. 294, n. 411, p. 297, n.449; García Albalát 1986 e 1990, n.º 16 , p. 290; Alarcão 1988b, 1 p. 93, 98 e 2(1), p. 26: 1/457; Garcia 1991, n.º 469, p. 456-457; AE 1994, 935; Guerra A. 1998, 1, E. 75, p. 151; Olivares 2002, n.º 15 (p. 234), p. 76, 239-240. 720 (Epig. 135)	73
9. Nabi(ae)	Trujillo Cáceres	CIL II 5279; ILER 921; CPC 557; Salinas 1982, p. 81; Melena 1984, n.º 12, p. 38 e 1985, p. 480-481; García Albalát 1990, p. 288; Guerra A 1998, 1, E. 146.1, p. 206.	79
10. Nabi(ae)	Trujillo Cáceres	Blázquez 1952, p. 219; Ramón 1953, p. 263-264; CPC 572; Salinas 1982, p. 87; García Albalát 1990, p. 288; Guerra A. 1998, 1, E. 146.3, p. 207.	80
11. Nabi(ae)	Trujillo Cáceres	Melena 1984, n.º 15, p. 239; García Albalát 1990, n.º 11, p. 288; Olivares 2002, n.º 3 (p. 234).	81
12. [N]abiae	Dehesa de S. Juan Villar de Rey Cáceres	Herrera-Gil 1983-84; AE 1984, 496; Melena 1984, n.º 23, p. 259-260; García Albalát 1990, n.º 12, p. 288; HE 5, 190; Guerra A. 1998, 1, E. 166.11, p. 224-225; Olivares 2002, n.º 4 (p. 234).	82
13. Nabiae Coronae	Póvoa Marecos Penafiel Porto	Pinho 1928, p. 244-245; AE 1973, 319; Le Roux- Tranoy 1974; Encarnação 1975, p. 244-247; Blázquez 1975a, p. 131;Tranoy 1981, p. 236, 278, 282-283, 298, 316, 378; Soeiro 1984, p. 96; Melena 1984, n.º 11, p. 238; Tovar 1985, p. 246; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 23, p. 278, n. 168, p. 294, n. 411, p. 297, n. 449; García Albalát 1986 e 1990, n.º 16 , p. 290; Alarcão 1988b, 1, p. 93, 98 e 2(1), p. 26: 1/457; Garcia 1991, n.º 469, p. 456-457; AE 1994, 935; Guerra A. 1998, 1, E. 75, p. 151; Olivares 2002, n.º 15 (p. 234), p. 76, 239-240. 720 (Epig. 135)	74
14. [N]abiae Elaesuaraec(ae)	S. Juan de Camba Castro Caldelas Orense	CIL II 2524: Abia Felaesurraero; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 341 e 1913 (RL,3), p. 203-205; IRG 4, 81; Blázquez 1962, p. 179 e 1975a, p. 131; Le Roux-Tranoy 1974, p. 255; ILER 889/ ILER 5983: Abiae Elaesuarnc; HAE 2373; Tranoy 1981, p. 282; Melena 1984, n.º 4, p. 236-237; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 17; HE 2, 525; García Albalát 1990, n.º 15, p. 289; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 115, p. 201-202 e 1997, n.º 132, p. 152-154; Olivares 2002, n.º 8 (p. 234).	68
15. Navia(e)	Castro de Penarubia S. Miguel de Orbazai Lugo	García Albalát 1990, n.º 2, p. 286; HE 3, 246; Olivares 2002, n.º 7 (p. 234).	65
16. Navi(a)e	San Martín de Monte da Meda Guntín Lugo	CIL II 756, 2601; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 205; IRG 2, 7; Blázquez 1962, p. 179s e 1975a, p. 131; HAE 305; ILER 888; IRPL 71; Tranoy 1981, p. 293; Melena 1984, n.º 3, p. 236; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 13; García Albálat 1986, 9H, p. 152 e 1990, n.º 1, p. 285; Olivares 2002, n.º 6 (p. 234).	63
17. Naviae	Puebla de Trives? Orense	CIL II, 2601; IRG 4, 83; ILER 892; Tranoy 1981, p. 372; Melena 1984, n.º 7, p. 237; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 15; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 116, p. 203-204 e 1997, n.º 133, p. 154; HE 2, 579; Olivares 2002, n.º 11 (p. 234).	66

I

Quadro 5 (cont.)

Nav/Nab-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
18. Naviae Arconiunieca(e)	San Mamed de Lousada Guntín Lugo	IRG 2, 6; HAE 304; Blázquez 1962, p. 180 e 1975a, p. 131; ILER 891; IRPL 72; Tranoy 1981, p. 294; Melena 1984, n.º 6, p. 237; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 14; García Albalát 1990, n.º 14, p. 289; AE 1995, 248; Olivares 2002, n.º 5 (p. 234).	64
19. Navia(e) Sesmacae	Puebla de Trives ? Orense	CIL II 2602; Blázquez 1962, p. 180 e 1975a, p. 132; IRG 4, 82; ILER 893; Tranoy 1981, p. 294; Melena 1984, n.º 8, p. 238; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 16; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 117, p. 203-204 e 1997, n.º 135, p. 155, García Albalát 1990, n.º 17 , p. 290; Guerra A. 1998, 1, E.155.2, p. 213; Olivares 2002, n.º 9 (p.234).	67

II

Quadro 5 (cont.)

Nav/Nab-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
20. Tongoe Nabiagoi	Fonte do Ídolo S. José e S. Lázaro Braga Braga	Argote 1732, 1, p. 261-262: Roncoe Nathlaco; CIL II 2419; EE 8, 115; Bellino 1895, p. XXXIV; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 239–265: Poncoe Nabiago e 1913 (RL, 3), p. 219-220: Tongoe Nabiago; Cardozo 1985 (1935), n.º 69, p. 38; Teixeira 1938b; Blázquez 1962, p. 194-196 e 1975a, p. 173-176 e 1981b, p. 189; ILER 938; Encarnação 1975, p. 282-288; Tranoy 1980b, p. 76-78 e 1981, p. 283-285 e 2000; Melena 1984, p. 242; Pereira Menaut 1985; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 20, p. 297; García Albalát 1986, p. 150-152 (9G) e 1990, n.º 18, p. 291; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 464, p. 626-631 e 1993, p. 81-89 e 1995, n.º 41, p. 197-205 e 2002a: Tongoe Nabiagoi; Alarcão 1988b, 1, p. 95-96 e 2(1), p. 11: 1/198; HE 1, 666; Garcia 1991, n.º 174, p. 340-341: Tongoe Nabiago; Guerra A. 1998, 1, E.28.1, p. 119-120; Olivares 2002, p. 77, 219-227. 733 (Epig. 148)	71

I

Quadro 6

Rev-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
1. Re(v)ae	Lugo	IRPL 7; Tranoy 1981, p. 290; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 55.	83
2. Re(v)o Paramaeco	Quartel de S. Roque Lugo	Blázquez 1972, p. 88 e 1975a, p. 141; IRPL 9; Tranoy 1981, p. 290; Silva A.C.F.1986b, Est. XII: 56; Olivares 2002, p. 91.	84
3. Reve Amoaego Arcuniu	Ginzo de Limia Orense	Fariña-Xusto 1997, p. 67-68; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 15, p. 139: Abadaego; Olivares 2002, n.º 7 (p. 173), p. 86.	87
4. Revve Anabaraeco	Ruanes Trujillo Cáceres ou Rubiana O Barco de Valdeorras Orense	CIL II 685; Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 341; Fita 1911, p. 514; Blázquez 1962, p. 84; IRG 4, 95; Lourenço-Bouza 1965, p. 162; ILER 916; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 63; Rodríguez Colmenero 1987, n.º 97, p. 171-172 e 1997, n.º 102, p. 128-129; CPC 422; García Albalát 1990, n.º 4, p. 312; Canto et alii 1997, p. 277-278; Guerra A. 1998, 1, E.20.1, p. 113; Olivares 2002, n.º 4 (p. 173), p. 85.	98
5. Reve Anabaraego	Las Burgas Rubiana Valdeorras Orense	Rodríguez González 1997; Guerra A. 1998, 1, E. 20.2., p. 113; Olivares 2002, n.º 3 (p. 173), p. 85.	85

I

Quadro 6 (cont.)

Rev-	Procedência	Referências bibliográficas	Est. XIII
6. Revve Anciugego	Vilarelho da Raia Chaves Vila Real	Inédita. Inf.T. Maciel. 724 (Epig. 139)	91
7. Reve Langanidaegui	Medelim Idanha-a-Nova Castelo Branco	Vasconcellos 1905 (RL, 2), p. 323, 1913 (RL, 3), p. 213; Pereira 1909, p. 185-187; Almeida F. 1956, n.º 12, p. 149-150; HAE 1068; Blázquez 1962, p. 185-186; ILER 914; Encarnação 1975, p. 263-268; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 61; García Albalát 1990, n.º 4, p. 312; Garcia 1991, n.º 184, p. 345; Olivares 2002, n.º 10 (p. 173).	94
8. [R]eve [Langanidaegui/co ?]	Medelim Idanha-a-Nova Castelo Branco	García Albalát 1990, n.º 3, p. 312; Garcia 1984, n.º 12, p. 67-68 e 1991, n.º 185, p. 345; Olivares 2002, n.º 11 (p. 173).	95
9. Reve Langanid(aeco)	Cabeço Pelado Alcains Castelo Branco	Garcia 1984, n.º 13, p. 69 e 1991, n.º 187, p. 346; Alarcão 1988b, 2(1), p. 74:4/457; García Albalát 1990, n.º 5, p. 312 ; Olivares 2002, n.º 8 (p. 173).	97
10. [Deo Re]ve Langanitaeco	Proença-a-Velha Idanha-a-Nova Castelo Branco	Vasconcellos 1905 (RL, 2) p. 323 e 1913 (RL, 3), p. 209-213; Pereira 1909, p. 188-197; AE 1909, 246; Almeida F. 1956, n.º 13, p. 345-346; HAE 1069; Blázquez 1962, p. 186-187; ILER 915; Encarnação 1975, p. 263-268; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 62; Alarcão 1988b, 2(1), p. 73:4/439; García Albalát 1990, n.º 6, p. 313; Garcia 1991, n.º 186, p. 345-346; Olivares 2002, n.º 9 (p. 173).	96
11. D(eo) Reve Larauc(o)	Outeiro de Baltar Ginzo de Limia Orense	IRG 4, 94: Reve Radaucua; Le Roux-Tranoy 1975, n.º 5, p. 278-279; AE 1976, 298; Rodríguez Colmenero 1980, p. 305 e 1987, n.º 111, p. 190, 192 e 1997, n.º 128, p. 149; Tranoy 1981, p. 286; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 58, p. 286; García Albalát 1990, n.º 7, p. 313; Guerra A. 1998, 1, E. 107.3, p. 178; Olivares 2002, n.º 1 (p. 173), p. 86.	89
12. Reve Marandigui	S. Pedro Guiães Vila Real	Villar 1994-95, p. 251-253; Guerra A. 1998, 1, E. 119, p. 189-190, 523-524; Rodríguez Colmenero 1999, n.º 106 e 2002b; Olivares 2002, n.º 14 (p. 173), p. 85-86, 171. 725 (Epig. 140)	92
13. Revve Reumiraego	Florderrey Vello Villardevós Orense	Rodríguez Colmenero 1977, p. 305 e 1987, n.º 100, p. 176-177 e 1997, n.º 113, p. 137-138; Tranoy 1981, p. 285-286; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 59; García Albalát 1990, n.º 8, p. 313; Olivares 2002, n.º 5 (p. 173), p. 85.	90
14. Reve Si[b]oico?	Santa Maria de Castromao Celanova Orense	Fariña 1991; AE 1991, 1041; HE 4, 577; Rodríguez Colmenero 1997, n.º 116, p. 139-140: Reve Tebieco; Olivares 2002, n.º 2 (p. 173), p. 85.	88
15. Reve Tre[barune?]	Cabeço de Fráguas Pousafoles do Bispo Sabugal	Rodrigues 1959 e 1959-60; Blázquez 1975, p. 141; Tovar 1966-67 e 1985; Tranoy 1981, p. 285; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 60; Alarcão 1988b, 1, p. 97 e 2(1), p. 66:4/303; García Albalát 1990, n.º 2 , p. 311; Garcia 1991, n.º 466, p. 455; Rodríguez Colmenero 1993, n.º 47, p. 104-105 e 1995, n.º47, p. 221-222; HE 5, 1029; Untermann 2002; R(ibeiro) J.C. 2002, p. 369-371; Olivares 2002, n.º 12 (p. 173).	93
16. Reve Veisuto	Mosteiro de Ribeira Ginzo de Limia Orense	Fita 1911, p. 513-514; IRG 4, 93; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 612; Blázquez 1962, p. 184-185 e 1975a, p. 141; ILER 913; Le Roux-Tranoy 1975, n.º 4, p. 277-278; Rodríguez Colmenero 1977, p. 304 e 1987, n.º 101, p. 178 e 1997, n.º 114, p. 138: Reve Velsuto; Tranoy 1981, p. 268, 285; Silva A.C.F. 1986b, Est. XII: 57; HE 2, 541; García Albalát 1990, n.º 1, p. 311; Olivares 2002, n.º 6 (p. 173), p. 85.	86

II

Quadro 6 (cont.)

Rev-	Procedência	Referências bibliográficas
1. Ana Barraeca	Dintel de los Ríos Mérida Badajoz	Canto et alii 1997, p. 266-268; Guerra A. 1998, 1, E. 40.1, p. 128.
2. [...] Baraeco	Trujillo Cáceres	CIL II, 5276; Blázquez 1962, p. 74; Canto et alii 1997, p. 277-278; Guerra A. 1998, 1, E.41, p. 128, 331.
3. Larauco d(eo) Max(mo)	Portelo Vilar de Perdizes Montalegre Vila Real	Rodríguez Colmenero 1977, p. 281 e 1980 e 1987, n.º 110, p. 190-192 e 1993, p. 74-77 e 1997, n.º 127, p.148 e 2002b; Fontes A. L. 1978 e 1980; Rodríguez Colmenero-Fontes 1980; AE 1980, 579; Tranoy 1981, p. 281; Silva A.C.F. 1986b, p. 286; Penas 1986, p. 126-127; Alarcão 1988b, 2(1), p. 4: 1/57; Garcia 1991, n.º 160, p. 334-335; HE 4, 1094; Guerra A. 1998, 1, E.107.1, p. 177; Olivares 2002, n.º 15 (p. 173), p. 86. 705 (Epig. 120)
4. Larocuo	S. António de Monforte Chaves Vila Real	Alves 1909, p. 351-352 e 1931, p. 44-45; Vasconcellos 1913 (RL, 3), p. 613; Cardozo 1943a, p. 51; Blázquez 1962, p. 79-80; ILER 862; AE 1973, 315; Le Roux-Tranoy 1973a, p. 211-212: Larocu(i); Encarnação 1975, p. 222-234; Rodríguez Colmenero 1977, p. 281 e 1987, n.º 109, p. 188-189: Larocu(o) e 1997, n.º 126, p. 146-147: Larocuo e 2002b; Rodríguez Colmenero-Fontes 1980, p. 26-27; Tranoy 1981, p. 281; Penas 1986, p. 126-127; Silva A.C.F. 1986b, p. 286; Alarcão 1988b, 2(1), p. 7: 1/121; Garcia 1991, n.º 161, p. 335: Larocuo; Rivas Fernández 1993, p. 35; Guerra A. 1998, 1, E. 107.2, p. 177-178; Olivares 2002, n.º 13 (p. 173), p. 86. 706 (Epig. 121)

CONCLUSÃO E BIBLIOGRAFIA

Conclusão

As referências expressas ao longo deste trabalho pretenderam caracterizar a cultura castreja no Noroeste de Portugal, assim definindo o perfil desse território entre o final da Idade do Bronze e os primórdios da romanização.

Afastado dos centros-motores do Mediterrâneo oriental e central assim como da Europa "temperada", onde ocupava posição nuclear o complexo norte-alpino ou *Céltica*, segundo a designação de Heródoto, à primeira vista, fica a impressão de que este território longínquo, incorporado nas zonas periféricas do continente europeu, a *Hiperbória* dos autores antigos, se terá desenvolvido em ritmo muito lento.

Todavia, um vasto registo de influências de carácter exógeno, sobretudo concretizadas a propósito de elementos da cultura material, torna manifesto um quadro de relações de longo curso no âmbito de contactos atlânticos, mediterrânicos e continentais, suavizando a imagem de isolamento que, a partir de alusões clássicas, se foi divulgando como índice de uma área marginal. A complexidade e a natureza das componentes observadas ficará como o melhor testemunho de que, mais que uma *finisterra*, esta zona geográfica foi eixo de comunicação e pólo de interesses e atracção, explicáveis pelas motivações de uma economia-mundo à escala europeia, com focos mais activos irradiantes do Mediterrâneo, e com o exercício de poder regulador a cargo das elites dominantes.

E se, em bloco, é inegável a integração do Norte de Portugal na unidade cultural do Noroeste peninsular, com a sistematização do conjunto dos materiais para o seu estudo tornaram-se mais claros os contornos de uma subunidade meridional centrada no Entre-Douro-e-Minho e que terá pervivido no interior dos limites do *conventus* bracaraugustano, como se deduz dos elementos descritos acerca da distribuição de produções características, como a cerâmica, jóias, fíbulas, estatuária e arquitectura. E não faltam manifestações de diversidade a matizar um quadro de variantes regionais com relações a grupos e movimentos étnicos e correntes económicas e culturais, que entendemos situar, diacronicamente, de acordo com o discurso histórico peninsular.

Com esse objectivo, desenvolvemos o esforço possível para esclarecer os horizontes de formação e desenvolvimento da cultura castreja no Noroeste de Portugal, tentando lançar as bases de uma periodização interna resultante do confronto de múltiplos cortes estratigráficos e análises de materiais, entretanto mais fundamentados em numerosas datações absolutas, com que se vem alicerçando a estrutura do faseamento proposto.

Para o relacionamento da formação desta cultura com o Bronze Final Âtlantico II/III, permitindo contextualizar um vasto acervo de materiais dispersos, encontrámos apoio em provas estratigráficas, em especial no Coto da Pena, Caminha, e no excepcional depósito de fundidor do Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul, com sustentabilidade reforçada pela investigação de outras estações do final da Idade do Bronze e reconsiderações na órbita das ciências dos materiais e das correntes interpretativas. Neste quadro, se poderão integrar os primeiros vestígios protocélticos, relacionáveis com os Campos de Urnas comuns à Lusitânia e à Galécia, ora mais evidenciados por práticas de novos rituais, assim como os estímulos do horizonte orientalizante indiciando movimentos pré-coloniais.

Entre outros elementos da ergologia, dois preciosos conjuntos, como o tesouro de Baião e o colar da Malhada, poderão simbolizar a mudança ocorrida no interior desta fase após 750/700 a.C. O primeiro, indiscutivelmente relacionado com o mundo de Tartessos, e o segundo, associando já a uma estrutura orientalizante motivos e tecnologia de procedência centro-europeia, com cronologia da primeira metade do séc. VII a.C., sintetizam o sentido, o ritmo e o peso das relações comerciais, tartéssicas, estimuladas pela instalação da colonização fenícia no Sul da Península, em conjugação com correntes interiores, relacionáveis com os Campos de Urnas da Idade do Ferro, eventualmente portadoras dos primeiros elementos celtizantes, com a introdução de formas e vocábulos de tipo goidélico e os topónimos em *-briga*, segundo o esquema linguístico que vem sendo proposto para a área indo-europeia peninsular.

Ao apontar para os meados do primeiro milénio a.C. o início da fase II, relacionando os achados de prodecência e/ou tradição púnica encontrados nos estratos inferiores de Romariz com as migrações túrdulas, continuamos convictos de uma explicação mais segura dessas movimentações étnicas do que a que vinha sendo anteriormente proposta. Da presença dos seus descendentes, *Turduli Veteres*, tivemos a felicidade de detectar, na região, a comprovação epigráfica. É natural que se venham a encontrar vestígios célticos dos seus companheiros de expedição em níveis mais profundos das estações coruñesas, para onde se terão dirigido após as vicissitudes da passagem «do rio do esquecimento» (Estrabão, III, 3, 5), de resto, também sugeridos por outras indicações de fontes históricas e da epigrafia.

A esta fase reportam-se, na área do nosso estudo, os elementos mais numerosos considerados como célticos, caracterizados segundo Bosch-Gimpera como post-hallstáticos, bem visíveis na estrutura e decoração de numerosas jóias, como *torques/viriae* e braceletes, e outros adereços, designadamente nas fíbulas tipo Sabroso e Santa Luzia e na adopção sistemática de motivos e técnicas decorativas de SS, círculos concêntricos e motivos triangulares estampados, entre outros padrões típicos, que se foram vulgarizando na ornamentação da cerâmica, numa manifestação que evidencia a existência de um complexo fenómeno de apropriação e de reinterpretação regional, que trouxe a estas produções ocidentais uma forte personalidade relativamente à origem desta técnica, localizada no mundo da Meseta Central, no horizonte de Cogotas II. A estes materiais arqueológicos se poderão ter associado os elementos linguísticos de carácter britónico com alguma onomástica de procedência gaulesa.

Abundante cerâmica de produção e/ou tradição púnica, datável dos séc. IV-III a.C., juntamente com outras espécies importadas da mesma cronologia, com particular destaque para cerâmicas áticas, recipientes vidro policromado e ânforas de tipologia ibero-púnica, manifestam a persistência de uma corrente comercial de procedência meridional, que entendemos de cabotagem em consideração à distribuição litoral dos seus achados.

Algumas transformações de ordem técnica, como a introdução da roda no fabrico da cerâmica e da mó giratória como instrumento de moagem, foram os elementos influentes que notámos para determinação de uma mudança na parte final da fase II (IIB) coincidente com a chegada das primeiras produções itálicas à região, previamente à campanha de *Decimus Iunius Brutus*, que presumimos como marco significativo para iniciar a fase III, em que é manifesto um ordenamento proto-urbano dependente de motivações estratégicas, certamente conexo com uma reorganização territorial e com relação a um progresso tecnológico que só agora se impõe, ergologicamente, como uma civilização do Ferro, patente em conhecidas estações castrejas, como a Citânia de Sanfins, a Citânia de Briteiros e a Cividade de Âncora.

Com o desenvolvimento deste período no quadro da romanização, em que se tornou possível conjugar mais dados da cultura material com inúmeras referências de textos clássicos, literários e epigráficos, assistimos a uma progressiva diluição de tanta originalidade no interior de uma aculturação programada pelo pragmatismo da civilização romana. Com a aceleração deste processo no âmbito provincial romano, sancionado pelos Flávios, fica registado, desde Augusto, o fim da proto-história nesta região.

E se, para a consolidação desta proposta de periodização, concorreu um valioso conjunto de novos dados, nem por isso a consideramos definitiva, ficando a aguardar do progresso da Arqueologia peninsular e

de renovadoras possibilidades de análise e intervenção, contributos enriquecedores desta etapa do nosso trabalho.

Também de uma colaboração interdisciplinar entre arqueólogos, linguistas e antropólogos se poderão esperar significativos avanços para a compreensão da estrutura e organização social e destrinça das componentes culturais dos substratos que se foram acumulando ao longo de um milénio.

Com os dados introduzidos no texto, sinalizámos movimentações étnicas consideradas de carácter celtizante e tornou-se manifesta uma notória exiguidade de formas linguísticas dessa matriz, apesar da presença de algumas formas de declinação, sufixação, conjugação e onomástica típicas. Do conjunto dos registos, desde os primeiros vestígios às formas aparentadas dos Campos de Urnas da Idade do Ferro, dos vocábulos de tipo goidélico aos do tipo britónico, claramente célticos, não terá ficado mais que a denúncia de influências recebidas por via indirecta, estimulando-se, assim, a investigação sobre a problemática da celtização desta região à luz de novos paradigmas.

Ainda por esta via se terão infiltrado formas organizativas em que se foram observando aspectos de transição para uma sociedade patriarcal, com laços de sangue operativos a diversos níveis, e para uma organização social tripartida e trifuncional, com aparente afirmação de elementos da função guerreira, segundo uma textura indo-europeia que, em nosso entender, não terá sido alcançada por resistências do substrato indígena, que nem a força da civilização romana conseguiu anular. Avançar com este estudo será contribuir para o esclarecimento da vincada personalidade que está na génese de uma cultura regional que nos diz particularmente respeito.

Bibliografia

Abascal

1986: ABASCAL PALAZÓN, J. M.- *La cerámica pintada romana de tradicion indígena en la Península Ibérica. Centros de producción, comercio y tipología*. Madrid, 1986.
1994: *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid-Murcia, 1994.
2002: Ataecina, MNA 2002, p. 53-60.

Abásolo

1982: ABÁSOLO, J.A.- *Arqueología burgalesa*. Burgos, 1982.

Abásolo-Pérez

1980: ABÁSOLO, J.A.; PÉREZ RODRÍGUEZ, F.- El casco céltico de Gotorrita (Valladolid), BSAA, 46, 1980, p. 93-114.

Abásolo *et alii*

1985: ABÁSOLO, J.A.; ALBERTOS, M.L.; ELORZA, J.C.- *Los monumentos funerarios de época romana, en forma de casa, de la región de Poza de la Sal (Bureba, Burgos)*. Burgos, 1985.

Abrantes

1906: ABRANTES, A.M.- Cale. Sua origem e localização, *Lucerna*, 5, 1966, p. 96-104.
1945: Ara votiva aos Lares Marinhos, *O Tripeiro*, 5.ª Série, 1 (6), 1945, p. 125.

Abreu

·1964: ABREU, A.B. - Zona de influência: latitudes e implicações, RFE, 29 (2), 1964, p. 3-40.

Abreu T.T.

1722-23: ABREU, T.T.- Notícias geográficas e históricas da Província de Trás-os-Montes [1722-1723], Ms. BNL (FG 221).

Acuña Castroviejo

1971: ACUÑA CASTROVIEJO, F.- Los Lares Viales en la Galicia romana, I CNA, 2, 1971, p. 353-357.
1976: Excavaciones en el Castro de «O Neixón». Campaña de 1973, NAH, *Prehistoria*, 5, 1976, p.325-330.
1977: Panorama de la cultura castrexa en el N.O. de la Peninsula Ibérica, BA, 31(83-84), 1977, p. 235-253.
1987: ACUÑA CASTROVIEJO, .F. [dir.]- *Catalogación de yacimientos prerromanos del ayuntamiento de Santiago*. Santiago de Compostela, 1987 (Arqueoloxia-Investigación, 3).

Acuña-Casal

1984-85: ACUÑA, CASTROVIEJO, F.; CASAL, R.- Un novo torques de aramios enrolados, *Brigantium*, 5, p. 261-169.

Acuña *et alii*

1968: ACUÑA CASTROVIEJO, F.; GARCÍA MARTÍNEZ, M.C.; GONZÁLEZ REBOREDO, J.M.- El Castro de San Lorenzo de Pastor y su nuevo torques áureo, CEG, 23 (70),1968, p. 129-135.
1976: ACUÑA CASTROVIEJO, F.; ARIAS VILAS F.; BALIL, A.; BLANCO FREIJEIRO, A.; DÍAZ Y DÍAZ, M.C.; MAÑANES, T.; TORRES, C.; VÁZQUEZ VARELA, J.M. - *La romanización de Galicia*. La Coruña, 1976 (Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos, 16).

Adrados

1976: ADRADOS, F.R.- Aportaciones a la interpretación del Bronce de Botorrita, I CLCPPI, 1976, p. 25-47.

Afonso

1986: AFONSO, B.- A via romana de Braga a Astorga, variantes no distrito de Bragança entre Vale de Telhas e Babe, *Actas do I Congresso Internacional Astorga Romana*. Astorga, 1986 (sep.).

Agorreta *et alii*

1975: AGORRETA, J.A.; LLANOS, A.; J.M. APELLÁNIZ; FARIÑA, J.- Castro de Berbeia (Barrio-Alava), EAA, 8, 1975, p. 287-291.

Aguirre

1982: AGUIRRE, A. (ed.)- *Conceptos clave de la antropología cultural*. Madrid-Barcelona-México,1982.

Aira *et alii*

1989: AIRA RODRÍGUEZ, M.J.; OTERO, P.S.A.; CASTRO TABOADA, T.- *Estudios paleobotánicos en yaciementos arqueológicos de Galicia*. Santiago de Compostela, 1989 (Arqueoloxia/Investigación, 4).

Alarcão

1962: ALARCÃO, J.- Gróvios. *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, 9. Lisboa, Verbo, col. 1111.
1966: *Celtas*. 1, História, *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, 4. Lisboa, Verbo, col. 1733-1734.
1973: *Portugal Romano*. Lisboa, 1973 (3.ª ed., 1983).

1974: *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra, 1974. (Suplementos de «Biblos», 8), (diss. doutoramento).
1980: Os problemas da origem e da sobrevivência das *villae* romanas do Norte do país, SANP, 3, 1980, p. 171-179.
1987: A cidade romana em Portugal: A formação de "lugares centrais", *Portugal da Idade do Ferro à Romanização. Cidades e História*. Lisboa, 1987, p. 35-69.
1988a: *O domínio romano em Portugal*. Lisboa, 1988.
1988b: *Roman Portugal*. Lisboa, 1988 (2 vol.).
1989: Geografia política e religiosa da *civitas* de Viseu, *Actas do I Colóquio de Arqueologia de Viseu*. Viseu, 1989, p. 305-314.
1990a: O domínio romano, In ALARCÃO, J. (coord.)- Portugal, das origens à romanização. Lisboa, 1990 (*Nova História de Portugal*, 1), p.
1990b: A construção na cidade e no campo, In ALARCÃO, J. (coord.) – Portugal, das origens à romanização, Lisboa, 1990 (*Nova História de Portugal*, 1), p.
1990c: Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios, in *Les villes de Lusitanie romaine, Hiérachies et territoires* (Tolence, 1988), Paris, 1990, p. 21-34.
1992: A evolução da cultura castreja, *Conimbriga*, 31.
1996a: O primeiro milénio a. C. = MNA 1996, p. 15-30.
1996b: As origens do povoamento da região de Viseu, *Conimbriga*.
1998: Ainda sobre a localização dos populi do conventus bracaraugustanus, *Anales de Arqueología Cordobesa*, 9, 1998, p. 51-57.
1999: Populi, castella e gentilitates, SMS, 1, 1999, p. 133- 150.
2001: Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos), RPA, 4 (2), 2001, p. 293-349.
2003: As estátuas de guerreiros galaicos como representações de príncipes no contexto da organização político-administrativa do Noroeste pré-flaviano, MM, 44, 2003, p. 116-126.

Alarcão-Alarcão A.M. — 1963: ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A.M. Vidros romanos do Museu Martins Sarmento, RG, 73(1-2),1963, p. 175-209.

Alarcão *et alii* — 1969: ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; FABRE, G.-Le culte des Lares à Conimbriga, CRAI, 1969, p. 213-236.

Alarcão-Étienne — 1973: ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.- Note sur un habitat de l'Âge du Fer à Conimbriga, *La Bretagne, le Portugal, le Brésil. Échanges et rapports* (Actes du cinquantenaire de la création de l'enseiguement du portugais). Rennes, 1973, p. 29-44.
1974-79: ALARCÃO, J.; ETIÉNNE, R. (dir.) *Fouilles de Conimbriga*. Paris, 7 vol. (=FC).

Alarcão A.M. — 1975: ALARCÃO, A.M.- Céramiques peintes. A propos des céramiques de Conimbriga, *Conimbriga*, 14, 1975, p. 102-107.
1976: Céramiques préromaines, in Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 6), Paris, 1976, p. 1-13.

Alarcão A.M.-Ponte — 1979: ALARCÃO, A.M.; PONTE, S.- Les fibules, in Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7), Paris, 1979, p. 109-126.

Albertini — 1923: ALBERTINI, E.-*Divisions administratives de l'Espagne romaine*. Paris, 1923.

Albertos — 1952: ALBERTOS FIRMAT, M L.- Nuevas divinidades de la antigua Hispania, *Zephyrus*, 3, 1952, p. 49-63.
1956: Mercúrio, divindad principal de los Celtas peninsulares?, *Emerita*, 24, 1956, p. 294-297.
1964-72: Nuevos antropónimos hispánicos, *Emerita*, 32, 1964, p. 229-252; 33, 1965, p. 109-143.
1966: *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca, 1966.
1974: El culto a los montes entre los Galaicos, Astures y Berones y algunas de las deidades más significativas, EAA, 6, 1974, p. 147-157.
1974-75: Los Célticos Supertamáricos en la epigrafía, CEG, 29 (87-89) 1974-75, p. 313-318.
1975: *Organizaciones suprafamiliares en la Hispania antigua*. Valladolid, 1975 (Studia Archaeologica, 37).
1976: La antroponimia prerromana en la Península Ibérica, I CLCPPI, 1976, p. 57-86.
1977a: Perduraciones indígenas en la Galicia romana: los castros, las divindades y las organizaciones gentilicias en la epígrafia, *Bimilenario de Lugo*. Lugo, 1977, p. 17-27.
1977b: La mujer hispanorromana a través de la epigrafía, RUC, 26(109), 1977, p. 179-198 (*Homenage a García y Bellido*, 3).
1985: La onomástica personal indigena del Noroeste peninsular (Astures y Calaicos), III CLCPPI, p. 258-307.
1987: La onomástica personal indígena de la región septentrional, *Veleia*, 2-3, p. 155-194.
1990: Los topónimos em -briga, *Veleia*, 7, p. 131-146.

Albuquerque J. P.M. — 1961: ALBUQUERQUE, J.P.M.- Origens de Lamego, I: Laconimargum. Lama. Lamaticon. *Urbs Lemacenorum*, Porto, 1961.
1962a: Cale civitas in Callia, XXVI CLEPC, 1962, p. 353-361.
1962b: Tribos celtas e pré-celtas do norte da Lusitânia gravadas na toponímia, XXVI CLEPC, 1962, p. 201-211.

Albuquerque M. — 1980: ALBUQUERQUE, M.- A cerâmica da Citânia de Briteiros, RG, 80 (1-2), 1970, p. 105-122.

Alföldy

1969: ALFOLDY, G.- *Fasti Hispanienses. Senatorische Reichsbeamte und Offiziere in den Spanischen Provinze der Römisches von Augustus bis Diokletian*. Wiesbaden, 1969.
1995: Inscripciones, sacrificios y misterios? El santuario rupestre de Panóias, Portugal. Informe preliminar, MM, 36, 1995, p. 252-258.
1997: Die mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal), MM, 38, 1997, p. 176-246.
2002: Panóias: O santuário rupestre, MNA 2002, p. 211-214.

Allan

1970: ALLAN, J.C. *Considerations on the antiquity of mining in the Iberian Peninsula*. London, 1970.

Almagro

1940: ALMAGRO BASCH, M. -El hallazgo de la Ria de Huelva, *Ampurias*, 2, 1940 p. 85-143.
1943: Tres nuevos hallazgos del Bronce Final em España, *Ampurias*, 5, 1943, p. 270-280.
1954: Un nuevo depósito del Bronce Final en San Esteban del Río Sil, MP, 15, 1954, p. 21-27.
1955: *Las necrópolis de Ampurias, 2*. Barcelona, 1955.
1958: *Inventaria Archaeologica, España I (E.1), Depósito de La Ría de Huelva*. Madrid, 1958.
1960: *Idem, 5 (E.2-E.5)*. Madrid, 1960.
1962: *Inventaria Archaeologica, España 6 (E.7-E. 10)*. Madrid, 1962.
1966a: *Las estelas decoradas del Suroeste peninsular*. Madrid, 1966 (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 8).
1966b: Sobre el orígen possible de las más antiguas fíbulas anulares hispânicas, *Ampurias*, 28, 1966, p. 215-236.
1967: *Inventaria Archaelogica, España, 7 (E. 11-E.19)*. Madrid, 1967.
1969: De orfebrería céltica: el depósito de Berzocana y un brazalete del Museo Arqueológico Nacional, TP, 26, 1969, p. 275-287.
1982: La invasión céltica en España, in Menéndez Pidal (coord.) – *História de España*. Madrid, 1982, p. 1-278.

Almagro Gorbea

1973: ALMAGRO-GORBEA, M.- Cascos del Bronce Final en la Península Ibérica, TP, 30, 1973, p. 349-362.
1974a: Los asadores de bronce del Suroeste peninsular, RABM, 77, 1974, p. 351-395.
1974b: Los tesoros de Sagrajas y Berzocana y los torques de oro macizo del Occidente peninsular, III CNA, 1974, p. 259-282.
1974c: Orfrebrería del Bronce Final en la Península Ibérica. El tesouro de Obispalía, la orfebrería tipo Villena y los cuencos de Axtroki, TP, 31, 1974, p. 39-100.
1977a: *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid, 1977 (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14).
1977b: *El período orientalizante en Estremadura. Da cultura tartésica y Estremadura*. Museo Nacional de Arte Romana, Mérida, 1977, p. 85-125.
1983a: Colonizzazione e acculturazione nella Penisola Iberica. *Atti de Convegno di Cortona, "Colloques de l'École Française de Roma"*, 67, Roma, 1983, p. 429-461.
1983b: La celtización de la Meseta: Estado de la cuestión, *Actas del I Congreso de historia de Palencia*, 1, Valladolid, 1987, p. 313-344.
1986: Bronce Final Y Edad del Hierro, Historia de España 1. *Prehistoria*. Madrid, Gredos, p. 341-532.
1989: Orfebrería orientalizante. El oro en la España prerromana. *Revista de Arqueología*, 1989, p. 68-81.
1991: The Celts of Iberia, in Moscati 1991, p. 386-407.
1993a: La introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el período protorientalizante, *Complutum*, 4, 1993, p. 81-94.
1993b: Los Celtas: Hispania y Europa (Actas). Madrid, 1993, p.121-173.
1998: Precolonización y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico, MNA 1998, p. 81-100.
2001: ALMAGRO GORBEA, M. (coord.)- *Celtas y Vettones*. Ávila, 2001.
2003: La escultura en la Hispania céltica, MM, 44, 2003, p. 150-161.

Almagro Gorbea-Álvarez Sanchís

1993: ALMAGRO-GORBEA, M.; ÁLVAREZ SANCHÍS, J.R.- La "sauna" de Ulaca: saunas y baños iniciáticos en el mundo céltico, *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*, 1, 1993, p. 177-232.

Almagro Gorbea-Dávila

1995: ALMAGRO-GORBEA, M.; DÁVILA, A.F.- El área superficial de los oppida en la Hispania "céltica", *Complutum*, 6, p. 209-233.

Almagro Gorbea *et alii*

1978: ALMAGRO-GORBEA, M.; BERNALDO QUIRÓS, F.; FERNANDEZ MIRANDA, M.; LOPEZ, P.- Catálogo de yacimentos arqueológicos con datación mediante C14 de la Península Ibérica e Islas Baleares e Canarias. Barcelona, 1978, Instituto Español de Prehistoria.

Almagro Gorbea-Moltó

1992: ALMAGRO-GORBEA, M.; MOLTÓ L.- Saunas en la Hispania prerromana, *Actas de la Mesa Redonda "Aguas Mineromedicinales, Termas curativas y Culto a las Aguas en la Peninsula Ibérica"* (= *Espacio, Tempo y Forma*, 3 (5)), Madrid, 1992, p. 67-102.

Almagro Gorbea-Zapatero

1992: ALMAGRO-GORBEA, M.; ZAPATERO, R. G. (coord.)- Paleoetnología de la Península Ibérica, *Complutum*, 2-3, 1992.
1993: ALMAGRO-GORBEA, M.; ZAPATERO, R. G. (dir.)- *Los Celtas: Hispania y Europa (Actas)*, Universidade Complutense, Madrid, 1993.

Almagro Gorbea M. J.

1962: ALMAGRO-GORBEA, M.J.- Dos nuevos torques de oro, de tipo gallego, ingresados en el Museu Britanico, *Ampurias*, 24, 1962, p. 196-201.

Almeida

1959a: ALMEIDA, C.A.F.- Um aspecto do culto dos rios na Lusitânia, DL, 8(9), 1959, p. 873-887.
1959b: Duas inscrições romanas da Civitas Sanctae Marine, DL, 9 (1), 1959, p. 161-166.
1965: O problema das casas redondas castrejos, *Lucerna*, 4, 1965, p. 196-204.
1966: O Documento n.° 13 dos Diplomata et Chartae, *Lucerna*, 5, 1966, p. 635-642.
1968:*Vias medievais de Entre Douro e Minho*. Porto, 1968 (diss. licenciatura, dactil.).
1969: *Romanização das terras da Maia*. Maia, 1969.
1970: Algumas notas sobre o processo da romanização da zona de Entre Douro e Ave, I JA, 2, 1970, p. 379-387.
1971: Uma escultura castreja de Calheiros, Ponte de Lima. Duas considerações, II CNA, 1, 1971, p. 293-296.
1972: A Póvoa de Varzim e o seu aro na Antiguidade, BC-PV, 11 (1), 1972, p. 5-34.
1973: Influências meridionais na cultura castreja, RFLUP, *Série História*, 4, 1973, p. 197-207 =XIII CAN, 1973, p. 491-498.
1974a: Cerâmica castreja, RG, 84, (1-4), 1974, p. 171-197.
1974b: *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel, 1974.
1974c: O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973, III CNA, 1974, p. 149-172.
1975: Sondagens arqueológicas em Frende (Baião), *Archaeologica Opuscula*, 1, 1975, p. 29-39.
1977: *Escavações no Monte Mozinho, 2 (1975-1976)*. Penafiel, 1977.
1978a: *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Porto, 1978 (diss. doutoramento, dactil.).
1978b: *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho*. Porto, 1978 (diss. doutoramento, dactil.).
1980a: Dois capacetes e três copos em bronze de Castelo de Neiva, *Gallaecia*, 6, 1980, p. 245-255.
1980b: Importantes objectos em bronze de Castelo de Neiva, *Arqueologia*, 2, 1980, p. 45-49.
1980c: O templo de Mozinho e o seu conjunto, *Portugalia*, Nova Série, 1, 1980, p. 51-56.
1981: Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto (Refojos de Basto), *Arqueologia*, 3, 1981, p. 111-116.
1982: Nova e importante ara a Júpiter (Fiães, Valpaços), *Arqueologia*, 5, 1982, p. 69-70.
1983a: Cultura castreja, evolução e problemática, *Arqueologia*, 8, Porto, p. 70-74.
1983b: O castrejo sob o domínio romano: a sua transformação, in Pereira Menaut 1983, p. 187-198.
1984: A casa castreja, Memórias de Historia Antigua, *Antigua*, 6, 1984, p. 35-42.
1986: Arte castreja, *Arqueologia*, 13, 1986, p. 161-172.

Almeida *et alii*

1981: ALMEIDA C.A.F.; SOEIRO, T.- ALMEIDA C.A.B.- BAPTISTA, A. J.,- Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha, *Arquivo de Ponte de Lima, 3*, Ponte de Lima, 1981 (sep.).

Almeida-Lopes

1981-82: ALMEIDA, C.A.F.; LOPES, F.G.A.- Eja (Entre-os-Rios). A civitas e a igreja de S. Miguel, *Portugalia*, Nova Série, 2-3, 1981-82, p. 131-136.

Almeida-Santos

1971: ALMEIDA, C.A.F.; SANTOS, E.- O Castro de Fiães, 1, RFLUP, Série História, 2, 1971, p. 147-168.
1972: O Castro de Fiães, 2, RFLUP, Série História, 3, 1972, p. 207-214.

Almeida C.A.B.

1981: ALMEIDA, C.A.B.- Uma escultura antropomórfica da Citânia de Roriz (Barcelos), CEG, 32 (96-97), 1981, p. 467-474.
1982a: Castelo de Faria. Campanha de escavações de 1981, *Barcellos -Revista*, 1 (1), 1982, p. 79-88.
1982b: Castelo de Neiva, BCE, 1, 1982, p. 13-33.
1983: A cabeça de guerreiro galaico da Citânia de Roriz-Oliveira, *Barcellos-Revista*, 1(2), 1983, p. 81-90.
1985a: Carta arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 7-8, 1985, p. 27-5
1985b: Barcelos. Castelo de Faria 1982-1983, IA, 5, 1985, p. 50-52.
1985c: Ponte de Lima. Vitorino das Donas – 1983, IA, 5, 1985. p. 136-137.
1985-86: Carta arqueológica do Concelho de Esposende, BCE, 7-16, 1985-86.
1990a: *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*. Viana do Castelo, 1990 (*Estudos Regionais* 7/ 8).
1990b: ALMEIDA C.A.B. (coord.)- Arqueologia do concelho de Esposende, *Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal, Esposende*, 1990.
1993: Carta Arqueológica do Concelho de Barcelos, *Barcelos Património*, 1, 1993, p. 55-58.
1996: *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*. Porto, 1996, 7 vol. (diss. doutoramento, policop.) =1997a, 1998, 2000a, 2003.
1997a: Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho, 1, *Barcelos Património*, 5 (1-2), 1997 (=1996, 1.)
1997b: *O Castro de S.Lourenço (Vila Chã, Esposende)*. Esposende, 1997.
1998: Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho, 4, BCE, 20, 1998.
2000a: *A arqueologia proto-histórica e romana do concelho de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira, 2000.
2000b:*Pelos caminhos do património de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira, 2000.
2003: *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*. Vila Nova de Cerveira, 2003 (= 1996).

Almeida C.A.B.-Baptista

1981: ALMEIDA, C.A.B.; BAPTISTA, A.J.- Castros e castelos de Ponte de Lima, *Colóquio Galaico-Minhoto*, 2, 1981, p. 287-309.
1984: Inventário arqueológico- O Castro de S. Simão, *Barcellos-Revista*, 2 (1), 1984.

Almeida C.A.B.-Neiva — 1982: ALMEIDA, C.A.B.; NEIVA, M.A.P.- O Castro de S. Lourenço, Vila Chã, Esposende, BCE, 2, 1982, p. 5-17.

Almeida C.A.B.-Soeiro — 1980: ALMEIDA C.A.B., SOEIRO, M.T.C.M. - Sondagens nos castros de Abade do Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), SANP, 2, 1980, p. 29-35.

Almeida C.A.B.-Sousa — 1993: ALMEIDA, C.A.B; SOUSA, Mª.J.C.- Três torques provenientes do Norte de Portugal, *Lucerna,* 2ª Série, 3, 1993, p. 123-133.

Almeida C.A.B. *et alii* — 1985: ALMEIDA, C.A.B.; ABREU, A.A.; BAPTISTA, A.J.; VIANA, J.C.- Relatório das escavações do Castro do Peso, CV, 9, 1985, p. 263-281.
1991: ALMEIDA, C.A.B.; MAIA, M.I.S.; MOREIRA, M.M.L.; BAPTISTA, A.J.- A estação do Bronze Final da Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima, RFLUP, II Série, XI, Porto, 1991, p. 547-565.

Almeida D.J.A. — 1962: ALMEIDA, D.J.A.- Acerca de uma correcção feita ao troço de Langóbriga - Cale do Itinerário de Antonino, SG, 9 (1), 1962, p. 284-288.

Almeida F. — 1956a: ALMEIDA, F.- *Egitânia.História e Arqueologia*. Lisboa, 1956.
1956b: Marcos miliários da via romana "Aeminium-Cale", AP, 2.ª Série, 3, 1956, p. 111-116.
1963: «Terminus Augustalis» entre Talábriga e Lancóbriga, AP, 2.ª Série, 2, 1953, p. 209-212.
1965: Mais divindades lusitanas do grupo "Band", RFLL, 3.ª Série, 9, 1965, p. 19-31.
1969: Ricardo Severo, nacionalista e arqueólogo, RG, 79 (3-4), 1969, p. 261-278.
1970: Minas de ouro na "Gallaecia" portuguesa, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 289-299.
1972: Inscrição romana consagrada ao deus Sol, AP, 3.ª Série, 6, 1972, p. 263-266.
1974: Orfèvrerie archaïque romaine et wisigothique, *Les Dossiers d' Archéologie*, 4, Dijón, 1974, p. 70-75.

Almeida J. — 1946: ALMEIDA, J.- *Roteiro dos monumentos militares portugueses, 2*. Lisboa, 1946.

Almeida J.M.-Ferreira — 1966: ALMEIDA, J.M.; FERREIRA, F.B.- *Varia epigraphica*, RG, 76, 1966, p. 25-39.

Almeida J.M. *et alii* — 1993: ALMEIDA, J.M. *et alii*- Inscrições lusitano-romanas do Museu do Carmo, AH, Série 10, 3, 1993, p. 68-93.

Almeida L.M. — 1971: ALMEIDA, L.M.- *Passeio ao Alto-Minho*. S. Paulo, 1971.

Almgren — 1923: ALMGREN, O.- *Studien über Nordeuropäische Fibeliorm der Esten Nachristlischen Jahrhunderte mit Berücksichtigung der Provinzialromischen und Sudrussichen Formen*. Leipzig, 1923.

Alonso Nuñez — 1975: ALONSO NUÑEZ, J.M.- El Noroeste de la Península Ibérica en Estrabón, BAur, 5,1975, p. 343 -347.

Alonso Romero — 1976: ALONSO ROMERO, F.- *Relaciones atlánticas prehistóricas entre Galicia y las Islas Británicas y medios de navegación*. Vigo, 1976.

Altuna — 1965: ALTUNA, J.- Fauna del yacimiento de «Castro de Peñas de Oro», *Boletín de la Institución Sancho el Sabio*, 9, 1965.
1975: Fauna de mamíferos del castro del Castillo de Henayo, EAA, 8, 1975, p. 213-219.

Alvarado Blanco *et alii* — 2000: ALVARADO BLANCO, S.; RIVAS FERNÁNDEZ, J.C.; VEGA PATO, T.- La vía romana XVIII (Via Nova). Revisión de su trazado y mensuración-II: de los Limicis a los Gigurri, BAur, 2000 (Anexo 25).

Álvarez-Bouza Brey — 1961: ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, J.M.; BOUZA BREY, F.- Inscripciones romanas de Vigo, CEG, 16(48), 1961, p. 5-42 = Inscripciones romanas de Galicia (Suplemento al fascículo 3. Vigo). Santiago de Compostela (=IRG IIIS).

Álvarez Limeses — 1936: ÁLVAREZ LIMESES, G.- *Geografía del reino de Galicia, Pontevedra.* Barcelona, 1936, p. 826-829.

Álvarez Ossorio — 1931: ÁLVAREZ OSSORIO, F.- Joyas de oro post-hallstátticas, halladas en Cangas de Onís (Oviedo), *Museo Arqueológico Nacional, Adquisiciones en 1931*. Madrid, 1931, p. 3-6.
1954: Tesoros españoles antiguos en el Museo Arqueológico Nacional, BRAH, 135, 1954, p. 257-322.

Álvarez Núñez — 1986: ÁLVAREZ NÚÑEZ, A.- *Castro de Penalba. Campaña de 1983*. Santiago de Compostela, 1986, p. 36-40 (*Arqueoloxia/Memorias*, 4).

Álvarez Sanchís — 1999: ÁLVAREZ-SANCHÍS, J.R.- *Los vettones*. Madrid, 1999.
2003: *Los señores del ganado. Arqueología de los pueblos prerromanos en el Occidente de Iberia*. Madrid, 2003.

Alves — 1907: ALVES, F.M.- O Castro de Sacóias, AP, 12, 1907, p. 257-271.
1908a: Algumas antiguidades de Bragança, AP, 13, 1908, p. 56 66.
1908b: Monumento inédito ao deus Aerno, AP, 13, 1908, p. 184-186.
1909: *Memorias archeológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto, 1909.

1913: Carção, AP, 18, 1913, 106-107.
1913/25-26: Epigrafia bragançana, AP, 18, 1913, p. 1-2; 27, 1925-1926, p. 21-22.
1915: Estudos arqueológicos do major Celestino Beça. A estrada militar romana de Bragança a Astorga com várias notícias, AP, 20, 1915, p. 83-106.
1917: Pedras baloiçantes. Adagiários, castros e lendas, AP, 22, 1917, p. 214-220.
1918: Arqueologia transmontana. O Castro de Sacóias, AP, 23, 1918, p. 317-321.
1931: *Chaves. Apontamentos arqueológicos.* Gaia, 1931.
1933: *Guia epigráfico do Museu Regional de Bragança.* Porto, 1933 (reed. 1976).
1934-38-48: *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança, 9-11.* Porto, 1934 (9), 1938 (10), 1948 (11) (reed. 1975, 2000).
1937: Vinicultura duriense (Subsídios arqueológicos, históricos, etnográficos e bibliográficos), *Estudos Durienses*, Série A, *3*, 1937.

Alves-Amado — 1968: ALVES, F.M.; AMADO, A.M.- *Vimioso. Notas monográficas.* Coimbra, 1968.

Alves A. — 1966: ALVES, A.- Páginas da história de S. João da Pesqueira, *Beira Alta*, 55 (3-4), 1966, p. 347-375.

Alves F. — 1986: ALVES, F.S.- A piroga monóxila de Geraz do Lima, AP, Série IV, 4, 1986, p. 209-234.

Alves L. — 1980: ALVES, L.- Aspectos da cultura castreja no Alto Minho, *Caminiana, 3*, 1980, p. 105-141.
1985: *Caminha e seu concelho (Monografia).* Caminha, 1985.
1989: *A Comenda de Santa Maria do Carreço.* Viana do Castelo, 1989, p. 24.

Amaral — 1993: AMARAL, P.- *O povoamento romano no vale superior do Tâmega.* Porto, 1993 (diss. mestrado, policop.).

Amaro — 1993: AMARO, C.- Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa, *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 183-192.

Anati — 1966-67: ANATI, E.- L'arte rupestre gallego-portuguese: evoluzione e cronologia, AB, 1966-67, p. 51-112.
1968: *Arte rupeste nelle regioni orcidentali della Peninsola Iberica.* Brescia, 1968 (Archivi di Arte Prehistorica, 2).

Andrade — 1918: ANDRADE, V. - Castro de Entre-os-Rios, AP, 23, 1918, p. 74-76.
1920: Monte Mozinho, BRAACAP, 13, 1920, p. 275-277.

Andria — 1970: ANDRIA, F.- *Bronzi romani di Veleia, Parma e del territorio parmense.* Milano, 1970.

Aragão — 1887: ARAGÃO, A.C.T.- Citânia, RAH, 1, 1887, p. 39-45.

Araújo I. — 1980: ARAÚJO, I.- Castros, outeiros e crastos na paisagem de entre Douro e Minho, *Minia*, 2ª Série, 3 (4), 1980, p. 101-117.

Araújo L. — 1981: ARAÚJO, L.F.C.- *Monografia de S. Julião do Freixo e estudo sucinto de Anais (Santa Marinha de).* Braga, 1981, p. 22-23.

Araújo J. — 1920: ARAÚJO, J. R.- *Perosinho - Apontamentos para a sua monographia.* Porto, 1920 (reimp. 1980).

Araújo J. Ro. — 1948: ARAÚJO, J. Ro.- Estudos de cerâmica castreja, AAM, 2, 1948, p. 42-51.

Aragão M. — 1894: ARAGÃO, M.- *Vizeu. Apontamentos históricos, 1.* Viseu, 1894.

Arêde — 1935: AR DE, J.D.- Amuleto fálico da época neolítica do Castro de Recarei, *ADA*, 1 (2), 1935, p. 111-114.
1938: Vestígios da dominação romana e goda em Nogueira do Cravo, de Oliveira de Azeméis, *ADA*, 4 (13), 1938, p. 25-35.
1942: Ainda o «ubi» de *Talábriga*, *ADA*, 8 (29), 1942, p. 75-76.
1944: Identifcação do rio Antuã e do seu afluente rio UI, *ADA*, 10(40), 1944, 269-294.

Ares — 1967-68: ARES VÁZQUEZ, N.- Castros en torno a Santa Eulalia de Bóveda, *BCMLugo*, 8(67-70), 1967-68, p. 183-193.
1976: Ex-votos lucenses a la diosa «Navia», *BCMLugo*, 9 (85-86), 1976, p. 237-244.
1995-96: Un epitafio de escravos do Castro de Lexo, *Boletín do Museo Provincial de Lugo*, 7(2), 1995-96, p. 65-69.

Argente — 1994: ARGENTE, O. J.L.- *Las fíbulas de la Edad del Hierro en la Meseta oriental. Valoración tipológica, cronológica y cultural.* Madrid, 1994.

Argente-Romero Carnicero — 1990: ARGENTE, O. J.L.; ROMERO CARNICERO, F.- Fibulas de doble prolongácion, variante de disco en la Meseta, *Numantia, Investigaciones Arqueológicas en Castilla e León*, 3, 1990, p. 125-138.

Argote

1728: ARGOTE, J.C.- *De antiquitatibus conventus bracaraugustani*. Lisboa, 1728.
1732/1734: *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga, primaz das Hespanhas*. Lisboa, 1732-34, 4 vol.

Arias Vilas

1971: ARIAS VILAS, F.- Novas de castros en Castroverde (Lugo), CEG, 26(78), 1971, p. 33-37.
1979: El castro de Penarrubia (Lugo) y la novedad de su datación por C-14. XV CNA, Zaragoza, 1979, p. 613-622.

Arias-Durán

1996. ARIAS VILAS, F.; DURÁN FUENTES, M.C.- *Museo do Castro de Viladonga*. Castro de Rei, Lugo. Lugo, 1996.

Arias Vilas *et alii*

1979: ARIAS VILAS, F.; LE ROUX, P.; TRANOY, A. - *Inscriptions romaines de la province de Lugo*. Paris, 1979 (Publications du Centre Pierre Paris, 3) (=IRPL).

Armada Pita

2001: ARMADA PITA, X.L.- Monumentos termais castrexos: Unha contribución á súa interpretación, *Anuario Brigantino*, 24, 2001, p. 61-82.

Armbruster

1993: ARMBRUSTER, B.R.-Instruments rotatifs dans l'orfèvrerie de l'Âge du Bronze, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, 1, 1993, p. 265-279.
1999: Techniques d'orfèvrerie préhistorique des tôles d'or en Europe atlantique des origines à l'introduction du fer, in Cauuet 1999, p. 237-250.
2002-03: A metalurgia da Idade do Bronze Final Atlântico do Castro da Nossa Senhora da Guia de Baiões (S.Pedro do Sul, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 10-11, 2002-03, p. 145-155.

Armbruster-Parreira

1993: ARMBRUSTER, B.R.; PARREIRA, R. (coord.) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Colecção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze, 1*. Lisboa, 1993.

Armbruster-Perea

2000: ARMBRUSTER, B.R.; PEREA, A.- Macizo/hueco, soldado/fundido, morfología/tecnología. El ámbito tecnológico castreño a través de los torques com remates en doble escocia, TP, 57 (1), 2000, p. 97-114.

Arnanz-Chamorro

1991: ARNANZ, A.M.; CHAMORRO- Estudio de frutos y semillas procedentes de cuatro castros galegos, *Encontros sobre Paleontologia e Arqueologia*, 2. Vila Nova de Famalicão, 1991.

Arnaud

1972: ARNAUD, J.M.- Coroa de Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-1972, MM, 20, 1972, p. 51-100.

Arnaud- Fernandes

2002: ARNAUD, J.M.; FERNANDES.- *Museu Arqueológico do Carmo: roteiro da exposição permanente*. Lisboa, 2002.

Arnaud-Gamito

1974-77: ARNAUD, J.M.; GAMITO, T.J.- Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal,1. Cabeço de Vaiamonte - Monforte, AP, Série III, 7-9, 1974-77, p. 165-202.

Arruda

1993: ARRUDA, A.M. – A ocupação da Idade de Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular, *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 193-214.
1997: *As cerâmicas áticas do castelo de Castro Marim*. Lisboa, 1997.
2000: *Fenícios e mundo indígena no Centro e Sul de Portugal (séculos VIII-VI a.C.). Em torno às histórias possíveis*. Lisboa, 2 vol. (diss. doutoramento, policop.) =2002, *Fenícios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal*. Barcelona (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5).

Arruda *et alii*

2002: ARRUDA, A.M. *et alii* (coord.)- *De Scallabis a Santarém*. Lisboa, 2002.

Arruda-Catarino

1982: ARRUDA, A.M.; CATARINO H.- Cerâmica da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém, *Clio*, 4, 1982, p. 35-39.

Ashmore

1975: ASHMORE, F.- Un ensaio tipológico sobre as fivelas anulares da cultura castreja, I JMACH, 1, 1975, p. 285-290.

Athaide-Teixeira

1940: ATHAIDE, A.; TEIXEIRA, C.- A neorópole e o esqueleto de S. Paio das Antas e o problema dos vasos de largo bordo horizontal, CMP, 1, 1940, p. 669-683.

Aubet Semmler

1975: AUBET SEMMLER, M.E.- *La necrópolis de Setefilla, Lora del Rio*. Sevilla. Barcelona, 1975.
1981-82: Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir: Bencarrón, Santa Lucía y Setefilla, *Pyrenae*, 17-18, 1981-82, p. 231-279.
1987: *Tiro y las colonias fenicias en Occidente*. Barcelona, 1987.
1988: Spagna, in Moscati 1988, p. 242-246.

Aubet Semmler *et alii*

1983: AUBET SEMMLER, M.E.; REMEDIOS SERNA, M.; ESCACENA, J.L.; RUIZ DELGADO, M.M.- *La Mesa de Setefilla, Lora del Rio (Sevilla). Campaña de 1979*. Madrid, 1983 (EAE, 122).

Audouze-Buchenschutz

1989: AUDOUZE, F.; BUCHENSCHUTZ, O.- *Villes, villages et campagnes de l'Europe celtique*. Poitiers, 1989.

Augé — 1978: AUGÉ, M. (dir.) - *Os domínios do parentesco*. Lisboa, 1978.

Aujac — 1966: AUJAC, G.- *Strabon et la science de son temps*. Paris, 1966.

Ayán — 2002: AYÁN VILLA, X.M.- O estudo da arquitectura doméstica da Idade do Ferro do NW: Achega historiográfica, *Gallaecia, 21*, 2002, p. 137-157.

Ayres — 1896: AYRES, C.- *História do exército português, 1*. Lisboa, 1896.

Azevedo — 1945: AZEVEDO, A.- Como eram cobertas as casas redondas da Citânia?, RG, 55 (3-4), 1945, p. 172-182.
1946: 0 «monumento funerário» da Citânia - (Nova interpretação), RG, 56 (1-2), 1946, p. 150-164.

Azevedo Ag. — 1939: AZEVEDO, Ag.- *A terra da Maia, 1*. Porto, 1939.

Azevedo-Araújo — 1968: AZEVEDO, A.P.; ARAUJO, M.X. - Castro de Morganho (Sernancelhe), AP, Série 111, 2, 1968, p. 198.

Azevedo M. — 1895: AZEVEDO M.- Noticias archeologicas de Trás-os-Montes, AP, 1, 1895, p. 93-96, 130-136.

Azevedo P. A. — 1896a: AZEVEDO P.A.- Extractos archeologicos das memorias parochiaes de 1758, AP, 2, 1896, p. 62-64, 177-192, 305-318.
1896b: Castello de Abbação (Entre-Douro-e-Minho), AP, 2, 1896, p. 63.
1896c: Castro de Aldreu, AP, 2, 1896, p. 179.
1896d: Amares (Entre-Douro-e-Minho), AP, 2, 1896, p. 253-254.
1896e: Calheiros (Entre-Douro-e-Minho), AP, 2, 1896, p. 318.
1897: O territorio do antigo Castro de Ovile, AP, 3, 1897, p. 137-142.
1898: O territorio de Anegia, AP, 4, 1898, p. 193-221.
1901: Perre (Entre-Douro-e-Minho), AP, 6, 1901, p. 110.

Azevedo R. — 1954: AZEVEDO, R.- A inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire), *Beira Alta*, 13 (1-2), 1954, p. 3-40.
1955:
1957: A ara de Burgães e a ara de Ervedosa, BC-CST, 5(3), 1957, p. 293-301.
1960: O Porto desde a Proto-história à época do infante D. Henrique, SG, 7, 1960, p. 104-146.
1965: O termo Cale, *Lucerna*, 4, 1965, p. 101-106.

Azevedo R.- Figueiredo — 1955: AZEVEDO, R.; FIGUEIREDO, M.- Uma excursão arqueológica ao Caramulo - Três notáveis inscrições inéditas do concelho de Vouzela, *Beira Alta*, 14 (3), 1955, p. 209-216.

Bain — 2000: BAIN, G.- *Arte celta. Os métodos de elaboración*. A Coruña, 2000.

Balfet *et alii* — 1983: BALFET, H; BERTHELOT, M.F.; MONZON, S.- *Pour la normalisanion de la description des poteries*. Paris, 1983.

Balil — 1961: BALIL, A.- Casa y urbanismo en la España prerromana, *Revue Archéologique*, 2, 1961, p. 211-252.
1972a: *Casa y urbanismo en la España antigua*. Santiago de Compostela, 1972 (Studia Archaelogica, 18).
1972b: Casa familiar y vivienda colectiva en la España romana, BSAA, 38, 1972, p. 55-131.

Balmori — 1933: BALMORI, H.- Sobre la inscripción bilingue de Lamas de Moledo, *Emerita*, 3, 1933, p. 77-119.

Balseiro — 1994: BALSEIRO, A.- *El oro prerromano en la provincia de Lugo*. Lugo, 1994.
1996: Tecnología del oro prerromano en el Noroeste peninsular, in V V. A A., *El oro y la orfebrería prehistórica de Galicia*. Lugo, 1996, p. 41-54.
1999: Problemática del estudio de la orfebrería prehistórica del Noroeste peninsular, *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular*, 3, Zamora, 1999, p. 19-23.
1999-2000: El torques argénteo de Mondoñedo: un producto foráneo, BMPL, 9, 1999-2000, p. 17-25.
2000: *Diademas áureas prerromanas*. Lugo, 2000.

Baños — 1994: BAÑOS RODRÍGUEZ, G.- *Corpus de inscricións romanas de Galicia, 2. Provincia de Pontevedra*. Santiago de Compostela, 1994 (= CIRG 2).

Baptista — 1948: BAPTISTA, A.S.S.- Talábriga, *ADA*, 14 (55), 1948, p. 214-230
1950: Considerações sobre a cidade luso-romana de Vaca, o julgado e o burgo Vouga, *ADA*, 16 (62), 1950, p. 81-117.

Barandiarán — 1973a: BARANDIARÁN, I.- Zwei Hallstattzeitliche Godschalen aus Axtroki, Prov. Guipúzcoa, MM, 14, 1973, p. 109-120.
1973b: Los cuencos de Axtroki (Bolibor, Escoriaza, Guipúzcoa), NAH (*Prehistoria*, 2), 1973, p 173-209.

Barandiarán *et alii* — 1999: BARANDIARÁN, I; MARTÍ, B.; RINCÓN, M.A.; MAYA, J.L.- *Prehistoria de la Península Ibérica*. Barcelona, 1999 (1.ª ed. 1998).

Barbero-Vigil — 1971: BARBERO, A; VIGIL, M.- La organización social de los Cántabros y sus transformaciones en relación con los orígenes de la Reconquista, HA, 1, 1971, p 197-232.
1974: *Sobre los orígenes sociales de la Reconquista*. Barcelona, 1974.

Barbi Alonso — 1991: BARBI ALONSO, A.- Estudo dos materiais do Castro de Fazouro (Lugo), A Coruña, 1991, p. 319-321 (Arqueoloxia/Informes, 2).

Barbosa — 1965: BARBOSA, E.- O castro de Ota (Alenquer), AP, Nova Série, 3, 1965, p. 117-124.

Barnett — 1963: BARNETT, R.D.- A review of acquisitions 1955-1962 of western asiatic antiquites (II), BMQ, 27 (3-4), 1963-64, p 79-88.

Barradas — 1956: BARRADAS, L. A.- Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança, RG, 66 (1-2),1956, p. 159-240.

Barreiro — 1922: BARREIRO, J.- *Monografia de Paredes, 1*. Porto, 1922.

Barreiros — 1915: BARREIROS, F.B.- Ensaio de inventário dos castros do concelho de Montalegre, AP, 20, 1915, p 211-213.
1919-20: Materiais para a arqueologia do concelho de Montalegre, AP, 24, 1919-20, p. 58-87.

Barril — 2002: BARRIL VICENTE, M. – Los torques de plata más representativos en el Museo Arqueológico Nacional, MAN 2002, p. 111-128.

Barroca — 1987: BARROCA, M.J.- *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V-XI)*. Porto, 1987 (diss. doutoramento, policop.).
1989: Sepulturas escavadas na rocha, *Arqueologia*, 19, 1989.

Barros — 1919: BARROS, J.- *Geografia de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*. Porto, 1919 (ms 1549).

Barros L. *et alii* — 1993: BARROS, L.; CARDOSO, J.L.; SABROSA, A.- Fenícios na margem Sul do Tejo, *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 143-181.

Barros Sivelo — 1875: BARROS SIVELO, R.- *Antigüedades de Galicia*. La Coruña, 1875.

Bartolini *et alii* — 1980: BARTOLINI, G. *et alii*- *Materiali dell' tà del Bronzo Finale e della Prima Età del Ferro*. Firenze, 1980 (Dizionari terminologici, 1).

Basto — 1948: BASTO, A M.- Portucale. Subsídios para a sua história, BC-CMP, 11, 1948, p. 163-173.
1963a: O lugar da cividade do Porto, *Sumário de Antiguidades*, 1963, p. 137-141 (2.ª ed.).
1963b: Ainda o lugar da Cividade, *Sumário de Antiguidades*, 1963, p. 143-147 (2.ª ed.).

Bataller — 1952: BATALLER, R.- Estudio de los restos de animales procedentes de la estación protohistórica de Cortes de Navarra, *Príncipe de Viana*, 13, 1952.

Beça — 1905: BEÇA, C.- Antigualhas transmontanas, AP, 10, 1905, p 106-107
1915: A estrada militar romana de Braga a Astorga por Bragança com várias notícias de antiguidades referentes a esta região, AP, 20, 1915, p. 83-106.

Beirão — 1980: BEIRÃO, C. M.- A I e II Idade do Ferro no Sul de Portugal, IV CNA, 1980 (resumo).

Beirão *et alii* — 1985: BEIRÃO, C.M.; SILVA, C.T.; SOARES, J.; GOMES, M.V.; VARELA, R.- O depósito votivo da II Idade de Ferro de Garvão. Notícia da 1.ª campanha de escavações, AP, 4.ª série, 3, 1985, p. 45-135.

Beirão-Gomes — 1983: BEIRÃO, C. M.; GOMES, M .V.- A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes), AP, Série IV, 1, 1983, p. 207-266.

Bellino — 1895: BELLINO, A.- *Inscripções romanas de Braga –Inéditas*. Braga, 1985.
1896: *Novas incrições romanas de Braga*. Braga, 1896.
1902: Cidade Velha de Santa Luzia, *A Aurora do Lima, 12.9.1902*.
1903: Novo deus bracarense, AP, 8, 1903, p. 46-47.
1909: Cidades mortas, AP, 14, 1909, p. 1-28.

Bello — 2003: BELLO, M.- Águas passadas, *Grande Reportagem*, 3.ª Série, 152, Lisboa, 6.12.2003, p. 79-82.

Belo *et alii* — 1961: BELO, R; TRINDADE, L.; FERREIRA, O.V.- A gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), CSGP, 45, 1961, p 391-498.

Bello Diéguez-Peña — 1995: BELLO DIÉGUEZ, J. M.; PEÑA SANTOS, A.- *Galicia na Prehistoria, História de Galicia, 1*. La Coruña, 1995.

Beltrán

1970: BELTRÁN LLORIS, M.- *Las ânforas romanas en España*. Zaragoza, 1970.
1975-76: Aportaciones a la epigrafía y arqueología romana de Cáceres, *Caesaraugusta*, 39-40, 1975-76, p. 76-96.

Benoit

1959: BENOIT, F.- *Mars et Mercure. Nouvelles recherches sur l'interprétation gauloise des divinités romaines*. Aix-en-Provence, 1959.
1969: *Art et dieux de la Gaule*. Paris, 1969.

Benveniste

1975: BENVENISTE, É.- *Le vocabaluire des institutions indo-européennes*. Paris, 1975, 2 vol.

Berardo

1857: BERARDO, J.O.- Memórias sobre algumas inscrições encontradas no distrito de Viseu, *História e Memórias da Academia Real das Ciências*, 2, Lisboa, 1857.

Berlanga

1891: BERLANGA, R.- *El nuevo bronce de Italica*. Málaga, 1891 (Tablas de hospitalidad y patronato, p. 259-286).

Bermejo

1978: BERMEJO, J.C.- *La sociedad en la Galicia castreña*. Santiago de Compostela, 1978.
1979: Três notas sobre Estrabón, *Gallaecia*, 3-4, 1979, p. 71-90.
1978-80: Variaciones sobre el tema de la centuria, CEG, 31 (93-95), 1978-80, p. 95-116.
1982/86: *Mitología y mitos en la Hispania prerromana*. Madrid, 1982 (1), 1986 (2).
1983: Etnografía castreña e historiografia clásica, in Pereira Menaut 1983, p. 129-146.

Bernabò Brea

1953-54: BERNABÒ BREA, l.- La Sicilia prehistórica y sus relaciones con Oriente y con la Península Ibérica, *Ampurias*, 15-16, 1953-54, p 137-236.

Bernardi

1978: BERNARDI, B.- *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa, 1978.

Bernardo

1989: BERNARDO, H.- Povoados castrejos portugueses e espanhóis da Bacia do Douro Internacional, *Brigantia*, 1989.

Berrocal

1992: BERROCAL RANGEL, L.- *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid, 1992 (Complutum, Extra, 2).
1994: *El altar prerromano de Capote. Ensayo etno-arqueologico de un ritual celtico*. Madrid, 1994.

Berrocal *et alii*

2002: BERROCAL RANGEL. L.; MARTÍNEZ SECO, P.; RUÍZ TRIVIÑO, C.- *El Castiellu de Llagú*. Madrid, 2002 (BAH, 13).

Bettencourt

1993-94: BETTENCOURT, A.M.S.- A ocupação da Idade do Bronze do Castro de Lanhoso (Póvoa do Lanhoso, Braga), CA, 10-11, 1993-94, p. 153-180.
1995a: O povoado da Santinha (Amares, Braga), MNA 1995, p. 60-61.
1995b: *Dos* inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal, MNA 1995, p. 110-115.
1997: Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular, *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular*, Zamora, 1997, p. 621-632.
1998: O conceito de Bronze Atlântico na Península Ibérica, in Jorge S.O. 1998, p. 18-39.
1999: *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios a.C.*. Braga, 1999, 5.vol. (diss. doutoramento, policop.).
2000a: Pré-história Recente da Península Ibérica, *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4, Porto, 2000, p. 79-93.
2000b: *O povoado de São Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze e na transição para a Idade do Ferro*. Braga, 2000 (CA- Monografias, 10).
2000c: *Estações da Idade do Bronze e da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Braga, 2000 (CA- Monografias, 11).
2000d: *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga (Norte de Portugal)*. Braga, 2000 (CA- Monografias, 12).
2000e: O mundo funerário da Idade do Ferro do Norte de Portugal: Algumas questões, *Actas do III° Congresso de Arqueologia Peninsular*, 5. Porto, 2000, p. 43-59.
2001a: Aspectos da metalurgia do bronze durante a Proto-história do Entre Douro e Minho, *Arqueologia*, 2001, p. 13-40.
2001b: Considerações em torno de alguns aspectos económicos do Ferro Inicial no Noroeste Português, *Arqueologia*, p. 41-55.
2003a: Expressões simbólicas e rituais da Idade do Ferro no Noroeste de Portugal, in Jorge V.O. 2003, p. 131-149.
2003b: A estátua sedente de Roriz (Barcelos) no contexto das manifestações simbólicas e rituais da Proto-história do Norte de Portugal, *Conimbriga*, 42, 2003, p. 141-151.

Bettencourt *et alii*

2004: BETTENCOURT, A..M.S.; SANCHES, M.J.; DINIS, A.; CRUZ, C.S.- The rocks engravings of Penedo do Matrimónio, in Campo do Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Northern Portugal), *Journal of Iberian Archaeology*, 6, 2004, p. 61-82.

Bettencourt-Carvalho — 1993-94: BETTENCOURT, A.M.; CARVALHO, H.P. – Estátua sedente e cabeça de guerreiro galaico da região de Braga, CA, 10-11, p. 279-291.

Binford — 1993: BINFORD, L.R.- *Em busca do passado*. Lisboa, 1991.

Birot — 1950: BIROT, P.- *Le Portugal*. Paris, 1950.

Birot-Solé — 1954: BIROT, P; SOLÉ SABARÍS, L.- *Recherches morfologiques dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique*. Barcelona, 1954.

Bittel *et alii* — 1981: BITTEL, K. *et alii*- *Die Kelten in Baden-Württemberg*. Stuttgart, 1981.

Blanco Freijeiro — 1956a: BLANCO FREIJEIRO, A.- *Orientalia. Estudio de objectos fenicios y orientalizantes en la Peninsula*. 1956, p. 3-51.
1956b: Cabeza de un castro del Narla. Notas sobre el tema de la cabeza humana en el arte céltico, CEG, 11 (34), 1956, p. 159-180.
1957a: Orígen y relaciones de la orfebrería castreña, CEG, 12 (36), 1957, p. 5-28; 12 (37), 1957, p. 137-157; 12 (38), 1957, p. 267-301.
1957b: Exvoto con scena de sacrificio, RG. 67 (3-4), 1957, p. 499-516.
1958: En torno a las joyas de Lebução, RG, 68 (1-2), 1958, p. 155-196.
1959: Pátera argêntea com representação de uma divindade lusitana, RG, 69 (3-4), 1959, p. 453-458.
1960: La cultura castreña, I SPPI, 1960, p. 179-194.
1971: Monumentos romanos de la conquista de Galicia, *Habis*, 2, 1971, p. 223-232.
1977: *El puente de Alcantara en su contexto histórico*. Madrid, 1977.

Blanco de Torrecillas — 1959: BLANCO DE TORRECILLAS, C.- El tesoro del Cortijo de «Evora» (Sanlúcar de Barrameda), AEA, 32 (99-100), 1959, p. 50-57.

Blás Cortina — 1975: BLÁS CORTINA, M.A.- *Un interesante molde para fundir hachas de cubo y anillas*, XIII CAN, 1975, p. 505-512.

Blázquez — 1955: BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J.M.- Los carros votivos de Mérida y Almorchón, *Zephyrus*, 6, 1955, p. 41-60.
1957a: Cascos inéditos, itálicos, griegos y romanos en el Museo Arqueológico Nacional, *Ampurias*, 8, 1957, p. 146-156.
1957b: *Aportaciones al estudio de las religiones primitivas de Hispania*, AEA, 30, 1957, p. 15-86.
1958: Sacrificios humanos y representaciones de cabezas en la Peninsula Ibérica, *Latomus*, 17, 1958, p. 27-49.
1959: Caballo y ultratomba en la Península Ibérica, *Ampurias*, 21, 1959, p. 281-302.
1960: Cascos célticos inéditos, *BCMOrense*, 20, 1960, p. 371-389.
1962: Religiones primitivas de Hispania. 1. *Fuentes literarias y epigráficas*. Roma, 1962.
1968: Economia de los pueblos prerromanos del área no ibérica hasta la época de Augusto, in Tarradell 1968, p. 191-269.
1970a: *Fuentes literarias griegas y romanas referentes a las explotaciones mineras de la Hispania romana, La minería hispana e iberoamericana*, 1970, p. 117-150.
1970b: Las religiones indígenas del área Noroeste de la Península Ibérica en relación con Roma, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 63-77.
1971: La Iberia de Estrabón, HA, 1, 1971, p. 11-94.
1972: *Ultimas aportaciones al estudio de las religiones primitivas de Hispania*. Madrid, 1972, p. 81-90 (Homenaje a Antonio Tovar).
1974a: *Ciclos y temas dela historia de España: La romanización*. Madrid, 1974, 2 vol.
1974b: La colonización griega en España en el quadro de la colonización griega en Occidente, SIC, 1974, p. 65-77.
1975a: *Diccionario de las religiones prerromanas de Hispania*. Madrid, 1975.
1975b: *Tartessos y las orígenes de la colonización fenicia en Occidente*. Salamanca, 1975.
1977a: La romanización del Noroeste de la Peninsula Ibérica, *Bimilenario de Lugo*, 1977, p. 67-81.
1977b: *Imagen y mito. Estudios sobre religiones mediterráneas y ibé*rica. Madrid, 1977.
1978: Arte de la edad de los metales, *Historia del Arte Hispanica, 1, 1 (2) - La Antigüedad*. Madrid, 1978, p. 199-358.
1981a: *El mundo ibérico en los siglos inmediatos al cambio de era*, BECI(MRAEAA), p. 15-29.
1981b: El sincretismo en la Hispania romana entre las religiones indigenas, griega, romana, fenicia y mistéricas, *La religión romana en Hispania*, 1981, 179-221.
1983a: Religiones prerromanas. Madrid, 1983 (Primitivas Religiones Ibéricas, 2).
1983b: *Panorama general de la presencia fenicia y púnica en España*, I CISFP, 2, 1983, p. 311-373.
2002: Cultos e devoções de cariz aquático no Ocidente em contextos paleohispânicos, MNA 2002, p. 21-45.

Blázquez *et alii* — 1979: BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J.M. *et alii*- *Excavaciones en Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1977*. Madrid, 1979.

Blázquez-Aguilera

1915: BLÁZQUEZ, A.; AGUILERA, D.- Las Casitérides y el comercio del estaño en la Antigüedad, BRAH, 67, 1915, p. 165-187.

Blech

2003: BLECH, M.- Die Gallaicischen Kriegerstatuen im Lichte der Eisenzeitlichen Hispanischen Plastik, MM, 44, 2003, p. 16-180.

Boaventura

1966: BOAVENTURA, M.- Ara votiva a Dafa, *Lucerna*, 4, 1966, p. 270-273.

Bocquet

1976: BOCQUET, A.- Les civilisations de l'Âge du Bronze dans les Alpes, *La Préhistoire française*, 2, 1976, p. 483-494.

Böhme

1972: BÖHME, A.- Die Fibeln der Kastelle Saalburg und Zugmantel, *Saalburg Jahrbuch*, 29, 1972, p. 5-112.

Bonnefoy

1981: BONNEFOY, Y. (dir.)- *Dictionnaire des mythologies et des religions des sociétés traditionelles et du monde antique*. Paris, 1981.

Borchardt

1972: BORCHARDT, J.- *Homerischen Helme*. Mainz, 1972.

Borges

1978: BORGES, N.- Mós manuais de Conimbriga, *Conimbriga*, 17, 1978, p. 113-132.
1979: Meules à main, mortiers et pilons, in Alarcão-Étienne 1974-79 (FC, 7, 1979), p. 194-198, Pl. LIV-LV.
1981: A farinação através dos tempos. I - As origens do fabrico do pão, *História*, 26-27, 1981, p. 37-43; 2 - Moinhos rotativos, 28, 1981, p. 62-69.

Bosch-Gimpera

1920: BOSCH-GIMPERA, P.- *La arqueología prerromana hispánica*, in Schulten 1920 (Apêndice).
1932: *Etnología de la Peninsula Ibérica, Arqueologia i art ibéricos*. Barcelona, 1932, p. 496-602 (= 1974, p. 797-908).
1933: *Los celtas en Portugal y sus caminos*, HMS, 1933, p. 54-72.
1942: Two celtic waves in Spain, *Proceedings of the British Academy*, 26, p. 1-126.
1945: *El poblamiento antiguo y la formación de los puebios de España*. México (especialmente, cap. IV. Las oleadas célticas, p. 123-143), 1945 (= 1974, p. 1-468).
1950: Infiltrações germânicas entre os Celtas peninsulares, RG, 60 (3-4), 1950, p. 339-349.
1950-55: Les mouvements celtiques, *Études Celtiques*, 5 (2), 1950-1951, p. 352-400; 6 (1), 1952, p. 71-126; 6 (2), 1953-1954, p. 328-355; 7 (1), 1955, p. 146-184.
1954: La Edad del Bronce de la Península Ibérica, AEA, 27 (89-90), 1954, p. 45-92.
1961: *Les Indo-Européens. Problèmes archéologiques*. Paris, 1961.
1974: *Paletnología de la Peninsula Ibérica*. Graz, 1974 (Colección de trabajos sobre celtas, iberos, vascos, griegos y fenicios).
1975: *Prehistoria de Europa*. Madrid, 1975.

Botelho

1896: BOTELHO, H.- Antas e castros do concelho de Alijó, AP, 2, 1896, p. 264-266.
1897: Antiguidades de Trás-os-Montes. 1 - Castros, AP, 3, 1897, p. 69-72.
1899-1900: Notícias pré-históricas, AP, 5, 1899-1900, p. 281-282.
1899-1903: Instrumentos de bronze no concelho de Vila Real, *Portugalia*, 1, 1899-1903, p. 825-827.
1902/04/05: Archeologia de Trás-os-Montes, AP, 7, 1902, p. 149-155; 9, 1904, p. 49-59, 166-170; 10, 1905, p. 237-238.
1907: Lápides com inscricões romanas do distrito de Vila Real, AP, 12, 1907, p. 26-31.

Botto

1896: BOTTO, M.M.D. – Inscrição rupestre de Penela da Beira, FE, 72, 1986.

Bouhier

1979: BOUHIER, A.- *La Galice. Essai géographyque d'analyse et d'interprétation de un vieux complexe agraire*. La Roche-sur-Yon (Vendée), 1979.

Bourgeois

1991: BOURGEOIS, C.- *Divona*. Paris, 2001, 2 vol.

Bouza-Brey

1934: BOUZA-BREY, F.- O brazalete posthalistáttico de Toén, *BUS*, 1934 (n.° extra dedicado al Prol. Rodríguez Cadarzo).
1940-41: Castros, Santiago de Compostela, AEA, 14 (45), 1940-41, p. 539-553.
1942: *La mitología del agua en el Noroeste hispánico*. La Coruña, 1942.
1943: Dos torques áureos, MP, 7.ª Série, vol. 2, 1943, p. 106-110.
1945: *Inscripciones romanas de Galicia*. Santiago de Compostela, 1945.
1951: La cabeza céltica de Ocastro (Silleda), CEG, 6 (18), 1951, p. 33-42.
1952: Sobre el emplazamiento de Monte Medulio, CEG, 7 (22), 1952, p. 306-313.
1957a: O castro de Alobre e os contactos entre a Bretaña e a Galiza na época romana. Vigo, 1957, p. 73-109 (Homaxe a Florentino López Cuevillas).
1957b: A deidade galaica Cusuneneoeco, BC-CST, 5 (2), 1957, p. 255-259.
1959: Grabados rupestres serpentiformes de Lugo y la ofiolatria en Galicia y Norte de Portugal, *Actas do Primeiro Congresso*, 1959, p. 292-302.
1963: Cuentas de bronce decoradas de los castros galaicos, CEG, 18 (54), 1963, p. 5-15.
1965: Tres torques áureos de Galicia, CEG, 20 (60), 1965, p. 5-11.
1970: Ara al diós Tileno, de Viloria (Ourense), CEG, 25 (77), 1970, p. 267-270.
1973: Epígrafe romana do Castro de Sabrosa, TAE, 22 (2), 1973, p. 161-164.

Bouza Brey- Cuevillas — 1927: BOUZA BREY, F.; LÓPEZ CUEVILLAS, F.- O Neixón, BRAG, 16, 1927, p. 1-11, 32-38, 56-61, 76-83, 103-108.

Bouza Brey *et alii* — 1928: BOUZA BREY, F.; FUENTES CANAL, M.; FERNÁNDEZ-OXEA, R.- A eirexa de Santa Maria de Mixós e as suas aras romanas, *Archivo do Seminario de Estudos Galegos*, 1928.

Bouza Brey-Ors — 1949: BOUZA BREY, F.; ORS, A. D.- *Inscripcíones romanas da Galicia, 1. Primos de La Coruña*. Santiago de Compostela, 1949 (=IRG 1).

Bóveda — 1995: BÓVEDA, M.ª. J.- Os obxectos teñen sexo ou como o presente nos fala dende os materiais arqueolóxicos, XXII CAN, 1995, p. 337-340.

Braemer — 1982: BRAEMER, F.- *L'architecture domestique du Levant à lÂge du Fer. Protohistoire du Levant*. Paris, 1982.

Brañas — 1995: BRAÑAS, R.- *Indíxenas e romanos na Galicia céltica*. Santiago de Compostela, 1995.

Brancati — 1963: BRANCATI, A.- *Augusto e la guerra di Spagna*. Urbino, 1963.

Brandão — 1959: BRANDÃO, D.P.- Inscrições romanas do balneum de Lafões, *Beira Alta*, 1959, p. 229-264.
1961a: Lápide sepulcral luso-romano de Fermedo-Arouca, *Lucerna*, 1, 1961, p. 9-17.
1961b: Denso: uma nova divindade bárbara do panteão lusitano, *Lucerna*, 1, 1961, p. 26-28.
1961c: Ainda a inscrição de Fermedo-Arouca, *Lucerna*, 1, 1961, p. 68-72.
1962a: Achados soltos de cobre e bronze no concelho de Arouca, SG, 9, 1962, p. 85-93.
1962b: O «Monte do Castelo» de Penha Longa (Marco de Canaveses) (Resumo), XXVI CLEPC, 2 (5), 1962, p. 461.
1963a: Achado da «época do Bronze», de Vila Cova de Perrinho-Vale de Cambra, *Lucerna*, 3, 1963, p. 114-118.
1963b: Ara dedicada a Júpiter e pedra sepulcral insculturada de Sanfins, Paços de Ferreira, *Lucerna*, 3, 1963, p. 232-235.
1963c: Notas de arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos no «Morro da Sé» do Porto, *Lucerna*, 3, 1963, p. 236-245.
1965: Bibliografia sobre *Portucale*, *Lucerna*, 4, 1965, p. 110-124.
1973: O «Alto» ou «Monte do Crasto» - Penha Longa (Marco de Canaveses), TAE, 22 (3), 1973, p. 289-294.
1985: *A Citânia de Sanfins na história da Arqueologia portuense*. Paços de Ferreira, 1985.

Brandão-Pinto — 1966: BRANDÃO, D.P.; PINTO, S.S.- Nova iconografia do petróglifo do Monte de *Penha fidelis* e suas implicações interpretativas, RFLL, 10, 1966, p. 261-267.

Brandão-Sousa — 1966: BRANDÃO, D.P.; SOUSA, E.F.- A «Penha-Fidelis», o seu petróglifo e os seus problemas, *Lucerna*, 5, 1966, p. 434-441.

Brandão F.A. — 1982: BRANDÃO, F.A.- Notícia da localização do Castro de Ovil em Paramos, BC-Espinho, 4 (14), 1982, p. 175-182.

Bravo — 1938-43: BRAVO, M.C.P.- *Monografia do extinto concelho de Sanfins da Beira*. Porto, 1938-43 (12 fascículos).

Bravo Castañeda — 1985: BRAVO CASTAÑEDA, G.- Avance sobre un nuevo bronce romano hallado en Montealegre (Valladolid): Tessera hospitalis del 134 d.C., *Gérion*, 3, 1985, p. 309-315.

Briard — 1976: BRIARD, J.- *L'Âge du Bronze en Europe barbare*. Toulouse, 1976.
1984: L'outillage des fondeurs de l'Âge du Bronze en Armorique, in Briard *et alii* 1984, p. 138-168.

Briard-Bourhis — 1984: BRIARD, J.; BOURHIS, J.- La paléométallurgie du Nord-Ouest de la France, in Briard *et alii* 1984, p. 45-61.

Briard *et alii* — 1983: BRIARD, J. *et alii*- Enclos funeraires et structures d'habitat en Europe du Nort-Ouest, *Table Ronde CNRS-Université de Rennes 1 (1981)*, Rennes, 1983.
1984: *Paléométallurgie de la France atlantique. Âge du Bronze* (1). Rennes, 1984.

Brochado — 1955: BROCHADO, A.C.- A freguesia de Travanca do concelho de Cinfães. Apontamentos para a sua história, Douro-Litoral, *Boletim da Comissão Provincial deEetnografia e História*, 6.ª Série, 7-8, Porto, 1955, p. 142-151.

Briard-Verron — 1976: BRIARD, J.; VERRON, G.- *Typologie des objets de l'age du Bronze en France, Fasc. IV: Les haches*. Paris, 1976, 2 vol.

Búa — 1997: BÚA CARBALLO, J.C. – Dialectos indoeuropeos na franxa occidental Hispánica, *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, 1. História.* Santiago de Compostela, 1998, p. 51-99.
1999: Inscripción votiva de Coixil, BAur, 28, 1999, p. 53-58.
2002: Topónimos e teónimos no Ocidente hispânico, MNA 2002, p. 61-62.

Búa-Silva — 1994-95: BÚA CARBALLO, J.C.; SILVA, L.- Los topónimos gallegos en –bre de orígen prerromano, *Beiträge zur Namenforschung. Neue Folge*, 29-30 (1), 1994-95, p. 13-41.

Burgess — 1968: BURGESS, C.- *Bronze Age metalwork in Northern England 1000 to 700 B.C.* London, 1968.

Burguière *et alii* — 1996: BURGUIÈRE, A.; KLAPISCH-ZUBER, Ch.; SEGALEN, M.; ZONABEND, F. (dir.)- História da familia, 1. *Mundos longínquos*. Lisboa, 1996 (trad.; 1.ª ed., Armand Colin 1986).

Burillo — 1984: BURILLO MOZOTA, F.- La aplicación de los modelos del lugar central a la arqueologia. *Primeras Jornadas de Metodología de Investigación Prehistórica (Soria, 1981)*. Madrid, 1984, p. 431-441,

Caamaño Bournacell — 1964: CAAMAÑO BOURNACELL, L.- El Grove. Su historia, MP, 18, 1964, p. 31-41.

Caamaño Gesto — 1977: CAAMAÑO GESTO, J.M.- Anotaciones en torno a una inscripción a Júpiter Ladico, *Conimbriga*, 16, 1977, p. 39-44.

Cabo-Vigil — 1973: CABO, A.; VIGIL, M.- *História de Espana, 1*. Madrid, Alfaguara, 1973.

Cabral — 1985: CABRAL, A.- Manuel Negrão, AP, 1, 1895, p. 33-35.

Cabral A. P. — 1910: CABRAL, A.P.- Castrum Baniensium, *Ilustração Transmontana*, 3, 1910, p. 58-64.

Cabral J.P.-Silva A.C.F. — 2003: CABRAL, J.P.; SILVA, A.C.F. – Morphometric analysis of limpets from an Iron-Age shell midden found in Northwest Portugal, *Journal of Archaelogical Science*, 30, 2003, p. 817-829.

Cabré Aguiló — 1930: CABRÉ AGUILÓ, J.- Excavaciones de Las Cogotas, Cardeñosa (Ávila), 1. El castro, MJSEA, 110, 1930.
1932 : Excavaciones de Las Cogotas, Cardeñosa (Ávila), 2. La necrópolis, MJSEA , 120, 1932.
1939-40: La caetra y el scutum en Hispania durante la Segunda Edad del Hierro, BSAA, 6 (22-24), 1939-40, p. 57-84.

Cabré Aguiló- Herreros — 1933: CABRÉ AGUILÓ, J.; HERREROS, M.E.C.- La espada de antenas tipo Alcácer-do-Sal y su evolución en la necrópolis de La Osera, Chamartín de la Sierra, Ávila, HMS, 1933, p. 85-93.

Cabré Aguiló *et alii* — 1950: CABRÉ AGUILÓ, J.; MOLINERO PÉREZ, A.; CABRÉ DE MORÁN, E.- *El castro y la necrópolis céltico de Chamartín del Sierra (Ávila)*. Madrid, 1950 (Acta Arqueológica Hispánica, 5).

Calado-Regala — 2000: CALADO, M; REGALA, F.- Olive jars encontrados no Tejo, *Almadan*, 2.ª série, 9, Almada, 2000.

Caldas — 1975: CALDAS, J.A - *Monografia de S. João de Longos Vales, Monção*. Braga, 1975.

Caldas P. — 1885: CALDAS, J.J.P.S.P.- Lápide romana inédita, *O Comércio do livro, 8.9.*, 1885.

Callejo-Blanco — 1960: CALLEJO, C.; BLANCO, A.- Los torques de oro de Berzocana (Cáceres), *Zephyrus*, 11, 1960, p. 250-255.

Calo Lourido — 1983: CALO LOURIDO, F.- Arte, decoración, simbolismo e outros elementos da cultura material castrexa. Ensaio de síntese, in Pereira Menaut 1983, p. 159-185.
1993: *A cultura castrexa*. Vigo, 1993 (2.ª ed., 1997).
1994: *A plástica da cultura castrexa galego-portuguesa*. La Coruña, 1994, 2 vol.
2003a: Catálogo, MM, 44, 2003, p. 6-32.
2003b: El icono guerrero galaico en su ambiente cultural, MM, 44, 2003, p. 33-40.

Calo Lourido-Sierra — 1983: CALO LOURIDO, F.; SIERRA RODRÍGUEZ, X.C.- As origens do castrexo no Bronce Final, in Pereira Menaut 1983, p. 19-85.

Calo Lourido-Soeiro — 1986: CALO LOURIDO; SOEIRO, T. – *Castro de Baroña. Campañas 1980/84*. Santiago de Compostela, 1986 (Arqueoloxia/Memorias, 6).

Campos — 1907: CAMPOS, M.J.- Acquisições do Museu Etnológico Português, AP, 12, 1907, p. 350.

Canha — 1998-99: CANHA, A.- Povoado de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). Notícia preliminar da 1.ª e 2.ª campanhas, *Portugalia*, Nova Série, 19-20, 1998-99, p. 103-120.
2002: *Canedotes. Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Porto, 2002 (diss. mestrado, policop.).

Canto *et alii* — 1997: CANTO, A.M.; BEJARANO A.; PALMA F.;- El mausoleo del Dintel de los Ríos de Mérida, Revve Anabaraecus y el culto de la confluencia, MM, 38, 1997, p. 246-294.

Carballo Arceo — 1983: CARBALLO ARCEO, L. X.- Aportación al estudio de las sítulas en el Occidente de la Península bérica, CEG, 34 (99), 1983, p. 7-32.
1984: Castro da Forca. Campaña de 1984., *Arqueoloxía, Memórias*, 8. Santiago de Compostela, 1984.

1986: *Povoamento castrexo e romano da terra de Trasdeza*. A Coruña, 1986, p. 9-174 (Arqueoloxia/ /Investigación, 2).
1987a: Avance ao estudo dos materiais arqueoloxicos do castro de Santa Trega, *Lucerna*, 2.ª Série: 2, 1987, p. 95- 117.
1987b: *Castro da Forca.Campaña 1984*. Santiago de Compostela, 1987 (Arqueoloxia/Memorias, 8).
1989a: *A cultura castrexa na bacia media do rio Ulla*. Santiago de Compostela, 1989 (diss. doutoramento, policop.).
1989b: *Catálogo de materiais arqueolóxicos do Museu do Castro de Santa Tegra: Idade do Ferro*. Pontevedra, 1989.
1990: Los castros de la cuenca del rio Ulla y sus relaciones con el medio físico, TP, 47, 1990, p. 161-199.
2002: *A cultura castrexa na Comarca de Deza*. Lalín, 2002.

Carballo-Fábregas

1992: CARBALLO ARCEO, L.X.; FÁBREGAS, R.V.- Dataciones de Carbono 14 para Castros del Noroeste Peninsular, AEA, 64 (163-164), 1992, p. 244-264.

Cardoso

1989: CARDOSO, J. L.- *Leceia, resultados das escavações efectuadas, 1983/1988*. Oeiras, 1989.
1993: Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silves), *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 109-126.
1996: *Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos*, MNA 1996, p. 160-170.
2000: Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 2000, p. 355-413.
2002: *Pré-história de Portugal*. Lisboa, 2002.

Cardoso *et alii*

1998: CARDOSO, J.L.; CANINAS, J.C.; HENRIQUES, F. – Duas cabanas circulares da Idade do Bronze Final do Monte de S. Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco), in Cruz D.J. 1998, p. 325-345.

Cardozo L.

1747-51: CARDOZO, L.- *Diccionario geographico de Portugal*. Lisboa, 1747-51, 2 vol.
1758: *Memorias paroquiaes*, 1758.

Cardozo

1926: CARDOZO, M.- Consagrado às ninfas, RG 36 (1-2), 1926, p. 64-69.
1927/32: Bibliografia Sarmentina, RG, 37 (3), 1927, p. 115-119 e 37(4), p. 185-201; 38 (1-2) 1928, p. 85 e 38 (3-4), p. 241-242; 39 (1-2), 1929, p. 119; 41 (1-2), 1931, p. 101; n (1-2), 1932, p. 91.
1927: Citânia e Citânia, RG, 37 (1-2), 1927, p. 24-26.
1929: Jóias arcaicas encontradas em Portugal, *Nós*, 11 (72), 1929, p. 207-218.
1932: A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da «Pedra Formosa», Guimarães, 1932 =RG 41 (1-2), 1931, p. 55-60; 41 (3), 1931, p. 201-209; 41 (47, 1931, p. 250-260; 42 (1-2), 1932, p. 7 -25; 42 (3-4), 1942, p. 127-139.
1934-36: Machadinhas castrejas, RA, 3,1934-36, p. 43-50 = ACFABA, 3, 1935.
1935a: *Notícias resumidas das ruinas arqueológicas de Briteiros e Sabroso e descrição dos objectos provenientes destes castros, expostos no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães*. Guimarães, 1935.
1935b: Possível identificação do primitivo local da «Pedra Formosa» na Citânia de Briteiros, RG, 45 (3-4) 1935, p. 150-153.
1936a: Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros, RG, 46 (3-4), 1936, p. 159-163.
1936b: Novas urnas de largo bordo horizontal. Um tipo regional de cerâmica primitiva, TAE, 8 (1), 1936, p. 65-87.
1937: Um crime de lesa-Arqueologia e lesa-Arte, RG, 47 (1-2), 1937, p. 89-94.
1938: Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros, RG, 48 (1-2), 1938, p. 35-40 =*Petrus Nonius*, I (3), Lisboa, p. 254-260.
1942a: Uma estação visigótica (?) no concelho de Chaves, RG, 52 (3-4), 1942, p. 237-256.
1942b: Uma notável peça de joalharia primitiva, AFCP, 27 (2), 1942, p. 89-100.
1942c: Una pieza notable de la orfevrería primitiva, AEA, 15 (47), 1942, p. 93-103.
1943a: *Algumas inscrições lusitano-romanas da região de Chaves*. Chaves, 1943.
1943b: Antiguidades transmontanas. Fragmentos de um torques, RG, 53 (1-2),1943, p. 109-116.
1943c: Escavações na Citânia de Briteiros, RG (3-4), 1943, p. 247-256.
1943d:A origem da palavra «Citânia» comentada por Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho, *Petrus Nonius*, 5 (1-2), Lisboa, 1943, p. 10-21.
1943-44: Un interamnense du convento bracaraugustano, BCMOrense, 14, p. 81-85.
1944: Novo achado de jóias pré-romanas, RG, 54 (1-2), 1944, p. 19-28.
1946a: Arquitectura citaniense (O problema das casas com tecto de abóbada), *Minia*, I (3-4), 1946, p. 243-257.
1946b: Carrito votivo de bronce del Museo de Guimarães (Portugal), AEA, 19 (62), 1946, p. 1-28.
1946c: O «monumento funerário» da Citânia, RG, 56 (3-4), 1946, p. 289-308.
1947a: Alguns elementos para a localização e estudos dos «castros» do Norte de Portugal, AEA, 20 (69), 1947, p. 249-264.
1947b: *Correspondência epistolar entre Emilio Hübner e Martins Sarmento (Arqueologia e Epigrafia) 1879-1899*. Guimarães, 1947.
1947c: Um novo tipo de espada curta dos guerreiros galaicos, AAM, 2 (3), 1947, p. 65-70.

1948: Escavações arqueológicas na Citânia de Briteiros. Campanha de 1948, RG, 58 (3-4), 1948, p. 343-348.
1949a: Algunas observaciones sobre el arte ornamental de los «castros» del Noroeste de la Península, IV CASE, 1949, p. 345-367.
1949b: Escavações na Citânia de Briteiros. Relatório da campanha de 1949, RG, 59 (3-4), 1949, p. 406-414.
1949c: Nova estela funerária do tipo da «Pedra Formosa», RG, 59 (3-4), 1949, p. 487-516.
1950a: Escavações na Citânia de Briteiros. Breve notícia da campanha de 1950, RG, 60 (3-4), 1950, p. 518-526.
1950b: Mais uma achega para o estudo da joalharia pré-histórica portuguesa, BGAF, 2 (2),1950, p. 17-23.
1950-1951: Monumentos arqueológicos da Sociedade de Martins Sarmento, RG, 60 (3-4), 1950, p. 405-486; 61 (1-2), 1951, p. 5-80; 61 (3-4), 1951, p. 455-472.
1951: Escavações na Citânia de Briteiros. Campanha de 1951, RG, 61 (34), 1951, p. 455-472.
1952a: Escavações na Citânia de Briteiros. Relatório da 20.ª campanha (Setembro de 1952), RG, 62 (3-4), 1952, p. 348-358.
1952b: A organização defensiva dos «castros» do Norte de Portugal e a sua romanização, AHM, 22 1952, p. 121-152.
1952c: A romanização dos castros do Norte, *Lisbon Courier*, 74, 1952, p. 15-16, 3941.
1953a: Alguns problemas da Idade do Ferro no Norte de Portugal, RG, 63 (34), 1953, p. 666-683= III CAN, 1955, p. 498-506.
1953b: Escavações na Citânia de Briteiros. Relatório da 21.ª campanha (Outubro de 1952), RG, 63 (3-4), 1953, p. 711-717.
1954a: A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana, RG, 64 (1-2), 1954, p. 113-141.
1954b: Escavações na Citânia de Briteiros. Campanha de 1954, RG, 64 (3-4), 1954, p. 412-420.
1955a: Breves notas acerca de um tipo conhecido de antigas contas polícromas de vidro, RG, 65 (1-2), 1955, p. 133-136.
1955b: Exploração arqueológica na Citânia de Briteiros. Relatório da 23.ª campanha (Out. 1955), RG, 65 (3-4), 1955, p. 431-438.
1956a: Exploração arqueológica na Citânia de Briteiros. Relatório da 24.ª campanha (1956), RG, 66 (3-4), 1956, p. 508-512.
1956b: Notícia de duas novas arrecadas de ouro antigas, RG, 66 (3-4), 1956, p. 449-462=XXIII CLEPC, 7.ª Secção, 1957, p. 55-66.
1957a: Uma aquisição preciosa do Museu de «Martins Sarmento» («O Tesouro de Lebução»), RG, 67 (3-4), 1957, p. 417-442.
1957b: Citânia de Briteiros. 25.ª Campanha arqueológica (Set.-Out. 1957), RG, 67 (3-4), 1957, p. 551-553.
1957c: Das origens e técnica do trabalho do ouro e a sua relação com a joalharia arcaica peninsular, RG, 67 (1-2), 1957, p. 5-46.
1957d: Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de «Martins Sarmento», RG, 67 (1-2), 1957, p. 179-184.
1958a: Citânia de Briteiros. 26.ª Campanha arqueológica (Set.-Out. 1968), RG, 68 (34), 1958, p. 455-459.
1958b: Uma interessante carta do Professor Leite de Vasconcelos a propósito das jóias inéditas arcaicas do Museu Etnológico, AH, 8a Série, 8, 1958, p. 101-110.
1958c: Missão inglesa de escavações num «castro» do Norte de Portugal (Sabroso) (3 a 11 de Abril de 1958), RG, 68 (3-4), 1958, p. 439-454.
1958d: Les ruines archéologiques de la Citânia de la Briteiros. Description d'un «oppidum» lusitanien du NW. de la Péninsule Ibérique, V CISPP, 1958.
1959a: Joalharia lusitana, *Conimbriga*, 1, 1959, p. 13-27.
1959b: 2.ª Campanha de escavações arqueológicas em castros do Norte de Portugal (Cividade de Ancora e Monte do Cútero) dirigida pelo prof. Dr. Christopher Hawkes da Universidade de Oxford (7 a 26 de Setembro de 1959), RG, 69 (3-4), 1959, p. 522-546.
1959c: Die «Castros» im Norden Portugal, RG, 69 (3-4), 1959, p. 417-436.
1959d: Citânia de Briteiros. 27.ª campanha arqueológica (Set.-Out. de 1959), RG, 69 (3-4), 1959, p. 517-520.
1959e: A mó e a farinha, o forno e o pão (Nota etnográfica), TAE, 17 (1-4), 1959, p. 235-248.
1959f: Um novo achado em Portugal de jóias de ouro proto-históricas, RG (1-2), 1959, p. 127-138.
1960a: Breves observações a propósito das análises espectográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze pertencentes ao Museu de Martins Sarmento, RG, 70 (1-2), 1960, p. 169-184.
1960b: Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmento, RG, 70 (1-2), 1960, p. 5-20.
1960c: *La «Citânia» de Briteiros (Guimarães)*. Lisboa, 1960, p. 200-204 (Portugal. Faits et documents, 3).
1960d: Citânia de Briteiros. 28.ª campanha arqueológica (Set.-Out. 1970), RG, 70 (3-4), 1960, p. 551-554.
1960e: Sobre a forma de usar certas arrecadas proto-históricas (Rectificação etnográfica), BCM Orense, 20, 1960, p. 419-422.
1960f: A tradição náutica na mais antiga história da Península Hispânica, RG, 70 (3-4), 1960, p. 491-522=*Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, 3, 1961, p. 1541.
1960-61: Uma nova divindade pré-romana na Lusitânia, *Conimbriga*, 2, 1960-61, p. 223-229.
1961a: Citânia de Briteiros. 29.ª campanha arqueológica (Out.-Nov. 1961), RG, 71 (3-4), 1961, p. 451-454.
1961b: Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal, RG, 71 (1-2), 1961, p. 50-63.
1962a: Alguns problemas da cultura dos castros no Norte de Portugal, XXVI CLEPC, 2 (5), 1962, p. 391-423.
1962b: Homenagem à memória do Padre Eugénio Jalhay, S. J., RG, 72 (1-2), 1962, p. 227-230.
1962c: Inscrições e marcas figulinas em olaria castreja, *Lucerna*, 2 (1-2), 1962, p. 70-74.

1962d: *Sociedade de Martins Sarmento, Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*. Guimarães, 1962.
1963a: Briteiros, Citânia de, in Serrão, J. (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 1, Lisboa, 1963, p. 383-385.
1963b: Castros, in Serrão, J. (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 1, Lisboa, 1963, p. 532-536.
1965a: Curtimento de peles e aplicações de couro na antiguidade peninsular, *Lucerna*, 4, 1965, p. 155-159.
1965b: A fiação e a tecelagem na antiguidade peninsular, *Congresso Internacional de Etnografia 2*, 1965, p. 29-36.
1965c: A perda frequente de especímenes preciosos da nossa joalharia arcaica, RG, 75 (1-4), 1965, p. 153-168.
1965d: A romanização do Noroeste da Península Ibérica, Ethnos, 4, 1965, p. 75-82.
1965e: A metalurgia na Proto-história da Península Ibérica, *Dédalo*, 1 (2), P. 29-49.
1965f: O trabalho da madeira na antiguidade da Peninsula Hispânica, RFLL, 9, 1965, p. 153-160.
1966a: Torques encontrado em Vila Flor, *Lucerna*, 5, 1966, p. 459-460.
1966b: As indústrias cerâmica e vidreira na antiguidade peninsular particularmente na cultura dos «castros no Noroeste (Considerações Gerais), *Lucerna*, 5, 1966, p. 469-475.
1966c: La romanizzacione del Nord-Ouest della Penisola Ispanica, VI CISPP, 3, Roma, 1966.
1967: Elementos bibliográficos para o estudo da joalharia arcaica luso-espanhola, RG, 77 (3-4), 1967, p. 329-376.
1968a: Bibliografia das jóias arcaicas da Peninsula Ibérica, RG, 78 (1-2), 1968, p. 85-88.
1968b: Escavações arqueológicas na Citânia de Briteiros (32.° campanha), RG, 78 (3-4),1968 p. 291-296.
1968c: Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães), RG, 78 (3-4), 1968, p. 273-281.
1968d: Sabroso, Castro de, in Serrão, J. (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 3, Lisboa, 1968, p. 705-707.
1969: O acesso ao interior da câmara funerária hipogeia da Citânia de Briteiros, AEA, 42 (119-120), 1969, p. 204208.
1970: Die Vorgeschichtliche Hofensiedlung von Penha bei Guimarães (Portugal), MM, 11, 1970, p. 90-95.
1971: A estação préhistórica da Serra da Penha (Guimarães), II CNA, 1, 1971, p. 239-259.
1972a: *Bio-bibliografia de Mário Cardozo*. Guimarães, 1972.
1972b: *Catálogo do Museu da Sociedade Martins Sarmento- secção de epigrafia latina e de escultura antiga*. Guimarães, 1972, p. 91,93, 100.
1973a: Breves considerações sobre a escultura primitiva da Lusitânia pré e proto-histórica, CEG, 28 (85), 1973, p. 153-160.
1973b: La culture des castros du Nord du Portugal, TAE, 22 (3), 1973, p. 261-282.
1980: *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*. Guimarães, 1980 (8.ª ed.; 1.ª ed., 1930).
1985: *Catálogo do Museu Martins Sarmento, 1.° parte: Secção lapidar e de escultura*. Guimarães, 1985 (3.ª ed.; 1.ª ed., 1935; 2.ª ed., 1972).

Caro Baroja

1943: CARO BAROJA, J.- *Los pueblos del Norte de la Península Ibérica*. Madrid, 1943 (2.ª ed., 1974).
1944: *Regímenes sociales y económicos de la Espana prerromana*. Madrid, 1944.
1946: *Los pueblos de Espana. Ensayo de etnología*. 1946 (2.ª ed., 1976; 2 vol.)
1970: Organización social de los pueblos del Norte de la Península Ibérica en la Antigüedad, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 7-62.

Caron

1996a: CARON, L.- As estelas funerárias de Cárquere e o problema da localização da capital dos Paesuri, *Al madan*, 2.ª Série, 5, 1996, p. 5-6.
1996b: Art et société d'après les stèles funéraires de Cárquere, *Conimbriga*, 35, 1996, p. 69-106.

Carro-González Pardo

1976: CARRO OTERO, J.; MILLÁN GONZÁLEZ-PARDO, I.- Ara con nuevo teónimo indígena en San Vicente de O Grove, MP, 30, 1976, p. 177-194.

Carrasco

1991: CARRASCO MARTÍN, J.- Campaña de urgencia en el Castillo de Jerez de los Caballeros, *Extremadura Arqueológica*, 2, 1991.

Cartaillac

1886: CARTAILLAC, É.- *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886.
1888: As citânias e as cidades fortificadas do Minho, RG, 5 (3), 1888, p. 123-135.

Carvalho A.F.

1944: CARVALHO, A.F.- A Terra de Besteiros e o actual concelho de Tondela. Esboço histórico e toponímico, *O Instituto*, 104, 1944, p. 97-128 (reimp. 1981).

Carvalho H.

1998: CARVALHO, H.- Pedestal do génio encontrado em Vilela, Amares (Conventus Bracaraugustanus), FE 262, 1998.

Carvalho J.

1956: CARVALHO, J.- A cultura castreja. Sua interpretação sociológica, *Ocidente*, 50 (Supl.) 1956, p. 5-30.

Carvalho–Ferreira O.V.

1954:CARVALHO, J.S.; FERREIRA, O.V.- Algumas lavras auríferas romanas. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 9 (1-4), 1954, p. 20-46.

Carvalho P.

1986: CARVALHO. P.- Árula votiva de Aguada de Cima, FE 70, 1986.
1989: *Roteiro arqueológico do concelho de Penedono*. Penedono, 1989.

Carvalho P.-Coutinho — 2004: CARVALHO, P.S.; COUTINHO, L.F.- *Carta arqueológica de S. João da Pesqueira*. S. João da Pesqueira, 2004 (prelo).

Carvalho P.-Valinho — 2001: CARVALHO, P.S.; VALINHO, A.T.S.- Arqueologia urbana em Viseu. Primeiros resultados, *Conimbriga*, 40, 2001, p. 37-64

Carvalho T.P.-Fortuna — 2000: CARVALHO, T.P.; FORTUNA, J.- Muralha romana descoberta no Castelo de Gaia, *Al-madan*, 2.ª Série, 9, 2000, p. 158, 160, 162.

Cary — 1985: CARY, F.C.- *Enquadramento e perfis do investimento agrícola no continente português*. Lisboa, 1985.

Castelo Branco — 1963a: CASTELO BRANCO, F.- Correspondência de Leite de Vasconcelos com o abade Sousa Maia, BC-CMP, 26 (1-2), 1963, p. 29-73.
1963b: Subsídios para a história das escavações de Briteiros, *Lucerna*, 2, 1963, p. 30-317.

Castillo — 1908: CASTILLO, A.- *Los castros gallegos*. La Coruña, 1908.
1930: Una nueva ara romana, BRAG, 19, 1930, p. 18-22.

Castillo-Ors — 1959-60: CASTILLO, A.; ORS, A.- *Inscripciones romanas de Galicia. Provincia de La Coruña*, CEG, 14 (43), 1959, p. 145-164 = Inscripciones romanas de Galicia. Provincia de La Coruña, (Suplemento al Fasc. I). Santiago de Compostela, 1960 (=IRG 1S).

Castro — 1962a: CASTRO, L.A.- Habitações castrejas, XXVI CLEPC, 2 (5), 1962, p. 425-435.
1962b: Uma peça de cobre do castro de Ribas, SG, 9 (1), 1962, p. 80-84.

Castro *et alii* — 1980: CASTRO, J.S.; CORREIA, S.H.; OLIVEIRA, E.P.- *O Castrum Maximum (Monte Castro), Braga.*, SANP, 2, 1980, p. 37-53.

Castro Pérez — 1990: CASTRO PÉREZ, L.- *Os torques prehistóricos*. Santiago de Compostela, 1990.
1992: *Los torques de los dioses y de los hombres*. La Coruña, 1992.
1995: Una interpretación de la orfebrería castreña, in Pérez-Castro 1995, p. 123-145.
1997: Brazelete de bronce de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 2.ª Série, 1, 1997, p. 5-11.
1998: *The sacred torcs. Prehistory and archaeology of a symbol*. Durham, 1998.
2001: *Sondeos en la arqueolgía de la religión en Galicia y Norte de Portugal: Trocado de Bande y el culto jacobeo*. Vigo, 2001.
2002: El orígen de los torques, MAN 2002, p. 19-29.

Castro Pérez-Reboreda — 1994: CASTRO PÉREZ, L.; REBOREDA MORILLO, S. (coord.)- Edad del Bronce. *Actas del Curso de Verano de la Universidad de Vigo 1993*. Xinxo de Limia, 1994.

Catálogo — 1928-33:*Catálogo dos castros galegos (Val de Vilamarin, Terra de Celanova, Terra de Carballino, Terra de Melide, Terra de Lobeira)*. La Coruna, 1928-1933, 5 vol.

Cauuet — 1999: CAUUET, B.- *L'or dans l'Antiquité. De la mine à l'object*. 1999 (Aquitania, Supplément 9).

Cavado Nieto — 1972: CAVADA NIETO, M.- Hallazgos monetarios en castros de Galicia, BSAA 38 (1972).

Censual — 1924: *Censual do cabido da Sé do Porto*. Porto, 1924.

Centeno — 1976: CENTENO, R. M. S.- *Moedas hispano-romanas no Museu de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa"*. Porto, 1976 (TIADMC, 32).
1976-77: O tesouro monetário do Castro de Romariz (Portugal), *Sautuola*, 2, 1976-77, p. 209-219.
1977: O tesouro de denarii do Alto do Corgo (concelho de Valença), *Conimbriga*, 16, 1977, p. 93-101.
1978: Um tesouro de aurei do norte de Portugal, *Nummus*, 2.ª Série, I, 1978, p. 37-98.
1983: A dominação romana, in SARAIVA, José Hermano, dir.- *História de Portugal*, 1. Lisboa, Publicações Alfa, 1983, p. 149-212.
1987:*Circulação monetária no Noroeste de Hispania até 192*. Porto, 1987 (diss. doutoramento).

Centeno-Silva A.C.F. — 1978: CENTENO, R.M.S.; SILVA, A.C.F.- Corte estratigráfico na Citânia de Briteiros (Guimarães) 1977-1978, RG, 88, 1978, p. 421-430.
1982: 1.ª Campanha de escavações arqueológicas no Castro de Romariz (Vila da Feira, Aveiro)-1980, *Humanidades*, 1, 1982, p. 63-69.

Cepa — 1939: CEPA, M.M.- *Monografia de S. Miguel de Alvarães*. Braga, 1939.

Cesnola — 1877: CESNOLA, L.P.- *Cyprus*. London, 1877.

Cintas — 1950: CINTAS, P.- *Céramique punique*. Tunis, 1950.
1970: *Manuel d'archéologie punique*. Paris, 1970.

Chamoso Lamas

1946: CHAMOSO LAMAS, M.- El Castro de la Teixeira (Orense), AEA, 19 (65), 1946, p. 34-351.
1953: El Castro de San Torcuato (Orense), CEG, 8 (25), 1953, p. 295-297.
1954: Excavaciones arqueológicas en San Cibrán de Lás (Orense), CEG, 9 (29), 1954, p. 406-410.
1954-55: Excavaciones arqueológicas en la Citânia de San Cibrán das Lás y en el poblado y explotación minera de oro de época romana de Barbantes (Orense), NAH, 3-4, 1954-55, p. 114-130.
1955: Santa Mariña de Aguas Santas (Orense), CEG, 10 (30), 1955, p. 41-88.
1963: Excavaciones arqueológicas en el Castro de Fazouro en Foz (Lugo), NAH, 7, 1963, p. 110-115.
1977: Las excavaciones del Castro de Villadonga y la problemática que plantean sus resultados, *Bimilenario de Lugo*, 1977, p. 41-46.

Champion

1989: CHAMPION, T.C.- *Centre and periphery. Comparative studies in Archaeology*. London, 1989.

Champion *et alii*

1988: CHAMPION, T.C.; GAMBLE C.; SHENNAN,S ; WHITTLE, A.- *Prehistoria de Europa*. Barcelona, 1988.

Chapa-Delibes

1984: CHAPA BRUNET, T.; DELIBES DE CASTRO, G.- El Bronce Final, in Delibes-Moure 1984, p. 492-548; La edad de Hierro, p. 549-618.

Chaves

1952: CHAVES, L.- Estudos de toponímia portugesa. Influências militares na formação de topónimos, RG, 62 (1-2), 1952, p. 160-191.

Cherry

1987: CHERRY, J.F.- Power in space: Archaeological and geographical studies of the state: landscape and culture. Geographical and archaeological perspectives, in Wagstaff J.M. (ed.)1987, New York, 1987, p.

Chorley-Haggett

1971: CHORLEY, R.J.; HAGGETT, P.- *La geografía y los modelos socio-económicos*. Madrid, 1971.

Clark

1977: CLARK, G.- *World prehistory*. Cambridge, 1977.

Clarke

1977: CLARKE, D.L.- *Spatial archaelogy*. London - New York - San Francisco, 1977 (ed.). Analytical archaelogy. London, 1978 (ed. rev. por B. Chapman) (1.ª ed., 1968).
1984: *Arqueología Analítica*. Barcelona, 1984 (ed. original inglesa, 1978).

Cleto

1995: CLETO, J.- Arqueologia Matosinhense: notas histórico-bibliográficas, *Matesinus: Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos*, 1995, p. 11-19.

Cleto-Varela

1999: CLETO, J.; VARELA, J.M.- O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmento às investigações da actualidade,SMS, 2, 1997, p. 467 – 479.
2000: Arqueologia Industrial em Matosinhos, *Al-madan*, 2.ª Série, 9, 2000, p. 144.

Cocco

1957: COCCO, V.- «Flumen Banduge», Contributo allo studio dell'ambiente linguistico prelatino della Lusitania, RPF, 8 (1-2), 1957, p. 1-38.

Coelho A.

1884: COELHO, F. A.- *Sur les cultes péninsulares antérieurs à la domination romaine*, CIAAP, 1884, p. 438-451.
1886: Vestígios das antigas línguas da Península Ibérica. Nomes em aico, RG, 3 (4), 1886, p. 169-189.
1887-89: *Nomes de deuses lusitanicos, Revista Lusitana*, 1, 1887-89, p. 351-378.

Coelho J.

1925: COELHO, J.- *Necrópole do Paranho*. Viseu, 1925.
1926: Castro de Santa Luzia, *A Voz da Verdade*, 290, 27.11.1926.
1941: *Beira histórica, arqueológica e artística. Memórias de Viseu (Arredores)*. Viseu, 1941.
1942a: *Etnologia regional. 2 - Património etnológico da Beira*. Viseu, 1942.
1942b: A inscrição latina da «pedra escrita» do «Castro dos Três Rios», *O Instituto*, 100, 1942, p. 576-580.
1943: Viseu - Centro importante na época romana (Castro pré-romano de Viseu), IV CLEPC, 7.ª Secção, 1943, p. 156-161.
1946: Notas arqueológicas. III- Sepulturas dos arredores de Viseu. Monumentos epigráficos, *Beira Alta*, 5 (2-3), 1946, p. 121-149.
1947: *Notas arqueológicas. V* - Alguns objectos de bronze da Beira Alta, *Beira Alta*, 6 (3-4) 1947, p. 201-226.
1948: Notas arqueológicas. «Cidades mortas». Contribuição para o estudo arqueológico e artístico da Beira, *Ethnos*, 3, 1948, p. 281-298.
1949: *Notas arqueológicas. Subsídios para o estudo etnológico da Beira*, 1. Viseu, 1949.
1957: Notas epigráficas. Cinco inscrições latinas (de Viseu e imediações), XXIII CLEPC, 7.ª Secção, 1957, p. 241-257.
1962: O topónimo Porto - Génese, SG, 9 (1), 1962, p. 117-192.

Coelho J.F.

1962: COELHO, J.F.- Breves considerações sobre achados e lendas de Codeços, Paços de Ferreira, SG, 9 (1), 1962, p. 137.
1963: Será obra celta a casa circular do castro da freguesia de Codeços, concelho de Paços de Ferreira ?, *Lucerna*, 3, 1963, p. 179-180.
1965: Considerações sobre achados arqueológicos em Codeços, Paços de Ferreira, *Lucerna*, 4, 1965, p. 226-228.

Coelho *et alii*

1959: COELHO, M.E.R.O.; MARTINS, J.C.M.; SIMÕES, M.S.G.; FARINHA, A.M.D. MAGALHÃES, E.C.- Nota descritiva da Citânia de Sanfins e do seu espólio arqueológico, I CNA, 1, 1959, p. 271-279.

Coffyn

1976: COFFYN, A.- Les civilisations de l'Âge du Bronze en Aquitaine, *La Préhistoire française*, 2, 1956, p. 532-543.
1978: Une faucille de l'Âge du Bronze à Conimbriga, RG, 88, 1978, p. 365-368.
1983: La fin de l'Âge du Bronze dans le Centre - Portugal, AP, Série IV, 1, 1983, p. 169-196.
1985: *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris, 1985 (Publications du Centre Pierre Paris, 11).
1998: Une entité contesteé: le Bronze Atlantique, in Jorge S.O. 1998, p. 166-178.

Coffyn *et alii*

1981: COFFYN, A.; GOMEZ, J.; MOHEN, J.-P.- *L'apogée du Bronze Atlantique. Le depôt de Vénat*. Paris, 1981 (L'Âge du Bronze en France, 1).

Coffyn -Syon

1993: COFFYN, A.; SION, H. – Les relations atlanto-méditerranéennes. Eléments pour une révision chronologique du Bronze Final Atlantique, *Mediterrâneo*, 2, p. 285-310.

Coghlan

1975: COGHLAN, H.H.- *Notes on the prehistoric metallurgy of copper and bronze in the Old Word*. Oxford, 1975 (2.ª ed.).
1977: *Notes on Prehistoric and Early Iron in the Old World*. Oxford, 1977.

Coles-Harding

1979: COLES, J.M; HARDING, A.F.- *The Bronze Age in Europe*. London, 1979.

Collis

1975: COLLIS, J.- *Defended sites of the late la Tène in Central and Western Europe*, 1975 (BAR, Sup. 2).
1977: (dir.)- *The Iron Age in Britain - a review*. Sheffield, 1977.
1984: *The european Iron Age*. London, 1984.
1989: *La Edad del Hierro en Europa*. Barcelona, 1989 (ed. original Inglesa 1984)
1993: Los Celtas en Europa, in Almagro Gorbea 1993b, p. 63-76.

Collis *et alii*

1982: COLLIS, J.; DUVAL, A.; PÉRICHON, R. (ed.)- *La deuxième Âge du Fer en Auvergne et en Forez*. Sheffield, 1982.

Colominas

1949: COLOMINAS ROCA, J.- Cascos etruscos de La Tène en Mallorca, *Ampurias*, 11, 1949, p. 196-198.

Conde *et alii*

1965: CONDE, I.M.R.N.; VIEIRA, M.T.M.S.; SILVA, E.C.A.- As origens do Porto. I Hipóteses sobre a sua origem pré-histórica; II - Lendas que correm acerca da sua fundação; III- Portucale sob o jugo romano, *Lucerna*, 4, 1965, p. 373-380.

Conde Valvís

1952: CONDE VALVÍS, F.- *La «Cibdá» de Armea, en Santa Marina de Aguas Santas*. Orense, 1952.
1955: Las termas romanas de la «Cibdá» de Armea en Santa Marina de Aguas Santas, III CAN, 1955, p. 432-446.

Corominas

1976: COROMINAS, J.- Elementos prelatinos en las lenguas romances hispánicas, I CLCPPI, 1976, p. 87-164.

Corrêa

1924: CORR A, A.A.M.- *Os povos primitivos da Lusitania*. Porto, 1924.
1925: Nótulas arqueológicas, *Revista de Estudos Históricos*, 2 (2), 1925.
1928: Lusitania pré-romana, in Damião, P. (dir.), *História de Portugal*, 1, Barcelos, 1928, p. 77-214.
1929: *Geografia da Pré-história*. Porto, 1929.
1933-34: Cale, Portucale e Porto, ASEG, 6, p. 159-215.
1935a: Cale in Gallaecia, ACFABA,1, 1935, p. 223-230=*Memórias da Academia de Ciências de Lisboa*, 1, 1935, p. 137-142.
1935b: *As origens da cidade do Porto*. Porto, 1935 (2.a ed.).
1936: A antiguidade do Porto, TAAP, 2, 1936, p. 21-57.
1940: Fontes antiquitatum portucalensium, BC-CMP, 3 (2), 1940, p. 181-202.
1944: Celtas na Beira, *Boletim da Casa das Beiras*, 3.ª Série, 10 (6), 1944, p. 5-11.

Corrêa-Teixeira

1946: CORR A, A.A.M.; TEIXEIRA, C.- A lenda e as ruínas de «Calcedónia», na Serra do Gerez, *Minia*, 1 (3-4), 1946, p. 212-222.

Correia

1997: CORREIA, A.- Tabuaço. Roteiro Turístico. Tabuaço, 1997.

Correia *et alii*

1979: CORREIA, A.; SILVA, C.T.; VAZ J.L.- Catálogo da colecção arqueológica do Dr. José Coelho, *Beira Alta*, 38 (3), 1979, p. 604-638.
1986: CORREIA, A.; ALVES, A.; VAZ, J.L.I.- *Castro Daire*. Castro Daire, 1986.

Correia-Correia A..L.

1978: CORREIA, A.; CORREIA, A.L.- Os pios de piar (milhos) no Castro da Cárcoda (Beira Alta), III JA, 1, 1978, p. 125-144.

Correia J.M.

1942: CORREIA J.M.- Povos primitivos de Riba-Coa, *Altitude*, 2 (12), 1942, p. 336-339.

Correia V.

1919: CORREIA, V.- *Monumentos e Esculturas*. Lisboa, 1919.
1925: The Evora gorget. A xorca de ouro de Évora, *Terra Portuguesa*, 41, 1925.
1938: A estação romana da Fonte do Milho em Poiares, *Diário de Coimbra*, 17.10.1938.
1972: Arqueologia de Cárquere, *Obras*, 4, Coimbra, 1972, p. 261-263.

Correia V.H.

1993a: CORREIA, V.H.- As necrópoles da Idade do Ferro do sul de Portugal. Arquitectura e rituais. TAE, 33 (3-4), 1993, p. 351-370.
1993b: Os materiais da Idade do Ferro de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo Vale do Mondego, *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 229-284.

Cortés

1912: CORTÉS, MARTÍNEZ B.- *Un cipo romano encontrado em Seavia*, BRAG, 6, 1912, p. 140-143.

Cortez

1945: CORTEZ, F.R.- A ara votiva romana de Reiriz-Monção, BCMOrense, 15 (1), 1945, p. 12-15.
1946a: *Machados e outros objectos de bronze*. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1946.
1946b: El Castro de Argifonso (Vila do Conde), AEA, 19 (63), 1946, p. 149-155.
1947: Panóias, cividade de Lapiteas, AIVP, 8, 1947, p. 239-307.
1948a: Actividad arqueológica de Portugal durante 1947, AEA, 21 (72), 1948, p. 269-281.
1948b: O Castro de Esturãos, AAM, 2, 1948, p. 15-21.
1949a: Actividades arqueológicas de Portugal em 1948, AEA, 22 (77), 1949, p. 400-413.
1949b: Dos anos de excavaciones en el Duero. Resultados, IV CASE, 1949, p. 89-95.
1949c: *Novos materiais para o estudo da idade do Bronze de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Régua, 1949.
1949d: Restos arqueológicos de Vila do Conde. I - O Castro de Argifonso, TAE, 12 (3-4), 1949, p. 270-278.
1951a: As escavações arqueológicas do «*Castellum*» da Fonte do Milho. Contributo para a demografia duriense, AIVP, 12 (1), 1951, p. 17-88.
1951b: Das populações pré-celtas do Norte de Portugal, BAFN, 2, 1951, p. 161-184.
1951c: O esconderijo de Moreira (Monção). Elementos para a cronologia dos machados de bronze de talão e duplo anel, TAE, 8 (1-2), 1951, p. 155-161.
1951d: O culto do imperador no "conventus bracaraugustanus", BA, 2, p. 368-382; 3, p. 16-30 e 147-165.
1952-54: A Fonte do Ídolo e o culto de Asklepius em Bracara Augusta, BA, 4, 1952, p. 32-35 e 265-280; 5, 1953-1954,p. 90-103.
1953a: A localização da cunhagem de «Aliobrio», *Nummus*, 1 (3), 1953, p. 167-170.
1953b: A localização dos meidobrigenses, *Zephyrus*, 4, 1953, p. 503-506.
1954a: O bracelete de Estremoz, *Nummus*, 2 (6), 1954, p. 71-73.
1955: Contribución al estudio de la protohistoria de los «Lusitani» (Entre el Duero y el Tajo), AEA, 28 (91), 1955, p. 90-101.
1957a: Lápides romanas do Museu de Chaves, *Viriatis*, 1, 1957, p. 99-113.
1957b: Contributo para o estudo da hierologia pré-romana da Beira, *Viriatis*, 1, 1957, p. 33-42.
1957c: Picius- Divindade pré-romana de S.Pedro de Lourosa, Oliveira do Hospital, *Viriatis*, 1, 1957, p. 52-54.

Costa

1706-12: COSTA, A. C.- *Corografia porhuguesa e descriçam topografica do Reyno de Portugal*. Lisboa 1706-12, 3 vol. (2.ª ed., Braga, 1868-1869).

Costa *et alii*

1980: COSTA, A.G.; FARIA, A.M.; CARVALHO, J.S.- Sondagens arqueológicas no concelho de Barcelos: Abade de Neiva, Faria, Roriz, SANP, 2, 1980, p. 5-28.

Costa A.J.

1959: COSTA A.J.- *O bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*. Coimbra, 1959, 2 vol.
1965/78: *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*. Braga, 1965 (1), 1978 (2) (ed. crítica).
1981: Povoamento e colonização do território vimaranense nos séculos IX a XI, CHGC, 3, 1981, p. 135-196.

Costa A.R.

1945: COSTA, A.R.- *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Porto, 1945 (reed.).

Costa H.M.

1965-66: COSTA, H.M.- Nota sobre as escórias encontradas no Castro de Carvalhelhos, TAE, 20 (1-2), 1965-66, p. 173-180.

Costa J.G.

1963: COSTA, J. G.- Achado arqueológico encontrado em Solveira, concelho de Montalegre, em Abril de 1961, *Lucerna*, 3, 1963, p. 119-125.
1968: *Montalegre e Terras de Barroso*. Montalegre, 1968.

Costa J.M.

1966: COSTA, J.M.- O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines), *Ethnos*, 5, 1966, p. 529-531.
1974: O tesouro púnico-tartéssico do Gaio (Sines) (Séc. VII a.C.). Novos achados, II JA, 2, 1974, p. 97-120.

Costa M.C.G.

1969: COSTA, M.C.G.- *Achados arqueológicos de Monte Mòzinho (Penafiel)*. Coimbra,1969 (dactil.).

Costa M. G.

1975: COSTA, M.G.- *Paróquias beiraltinas-Penude e Mangueija*. Lamego, 1975.
1977/92: *História do bispado e cidade de Lamego*. Lamego, 1977(1), 1979(2), 1992(6).

Courtin

1976: COURTIN, J.- Les civilisations de l'Âge du Bronze en Provence. Le Bronze Ancien et le Bronze Moyen, *La Préhistoire française*, 2, 1976, p. 445-451.

Crespo — 1957: CRESPO, J.- *Monografia de Viana do Castelo.* Viana do Castelo, 1957.

Criado Boado — 1986: CRIADO BOADO, F.- Serpientes gallegas: madres contra rameras, in Bermejo 1986, p. 241-274.

Coutil — 1910: COUTIL, L.- Les casques de Bernières d'Ailly (Calvados), Casque de Falaise, BSPF, 7, 1910, p. 579-588.

Cruz — 1935: CRUZ, A.- Um inédito de António Coelho Gasco sobre antiguidades de Trás-os-Montes, BBUC, 12, 1935, p. 114-137.
1940: Novos vestígios da ocupação do termo do Porto pelos romanos, BC-CMP, 3, 1940, p. 203-215.

Cruz A.J. — 1981: CRUZ, A.J.C.C.- Cossoiros do Castro da Cárcoda, Carvalhais, S.Pedro do Sul, *Beira Alta*, 40(2), 1981, p. 381-394.
1986: Em torno das origens de Viseu, *Beira Alta*, 45 (1-2), 1986, p. 145-180.

Cruz Andreotti — 1999: CRUZ ANDREOTTI, A. (coord.)- *Estrabón e Ibéria: nuevas perspectivas de estudio.* Málaga, 1999.

Cruz B. — 1896: CRUZ, B.- Notícias várias, AP, 2, 1896, p. 292-295.

Cruz D.J. — 1995: CRUZ, D. J.- Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e da Beira Alta, EP, 3, p. 81-119.
1997: A necrópole do Bronze Final do "Paranho" (Molelos, Tondela), EP, 5, p. 85-109.
1998: (coord.) – *Actas do Colóquio: A Pré-história na Beira Interior*, EP, 6.
1999: A necrópole do Bronze Final do "Paranho" (Molelos, Tondela). Resultados das datações radiocarbónicas, EP, 7, p. 263-270.
2001: *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história Recente.* Coimbra, 2001 (diss. doutoramento, policop.).

Cruz D.J. *et alii* — 1998a: CRUZ, D.J.; GOMES, L.F.C.; CARVALHO, P.M.S. – O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu), *Conimbriga*, 37, p. 5-76.
1998b: Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados de trabalhos de escavações, EP, 6, p. 375-395.
2000: CRUZ, D.J.; VILAÇA, R.; SANTOS, A.; MARQUES, J.N.- O grupo de tumuli do Pousadão (Pendilhe, Vila Nova de Paiva), EP, 8, p. 125-150.

Cruz D.J.-Vilaça — 1999: CRUZ, D.J.; VILAÇA, R.- O grupo de tumuli da Senhora da Ouvida (Monteiras, Moura Morta, Castro Daire, Viseu), EP, 7, p. 129-161.

Cruz M.B. — 1972: CRUZ, M.B.- *A ara de S.João do Campo (Gerês)*, RG, 82, 1972, p. 105-108.

Cuadrado — 1955: CUADRADO, E.- *El carro ibérico*, III CAN, 1955, p. 116-134.
1963: Precedentes y protótipos de la fibula anular hispânica, Madrid, 1963 (*Trabajos del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid*,7).
1969: Orígen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico, *Tartessos (V SPPI)*, 1969, p. 257-290.
1974: *Penetración de las influencias colonizadoras greco-fenicias en el interior peninsular*, SIC, 1974, p. 93-104.

Cumont — 1942: CUMONT, F.- *Recherches sur le symbolisme funéraire des romains.* Paris, 1942.

Cunha A.R. — 1946a: CUNHA, A. R.- Um velho castro. *Diário do Minho* (02.06. 1946) p. 3.
1946b: O «Forno dos Mouros», *Diário do Minho*, 04.08.1946, p. 3.
1947: Cividade do Monte das Caldas, *Diário do Minho*, 03.11.1947, p. 3-6.
1948a: Na Falperra, *Diário do Minho*, 09.08.1948, p. 3-6.
1948b: O Monte da Santinha e o de S. Miguel, *Diário do Minho*, 23.08.1948, p. 3-4.
1949: Santa Marta de Cortiças, *Diário do Minho*, 21.08.1949, p. 2.
1950a: A Cividade de Chacim, *Diário do Minho*, 19.03.1950, p. 1, 4.
1950b: A Calcedónia do Gerês, *Diário do Minho*, 05.05.1950, p. 2, 4.
1950c: O Monte do Castelo em Roças, *Diário do Minho*, 28.04.1950, p. 2-4.
1952: A pré-história bracarense. O «castro» de Santa Marta, *Correio do Minho*, 20.08.1952, p. 3.
1953a: Novíssimas inscrições romanas de Braga, BA, 5, p. 249-252.
1953b: A Santa Marta do Alto, *Correio do Minho*, 12.03.1953, p. 4.
1953-54: Escavações no «oppidum» de Santa Marta, BA, 5 (1-3), 1953-54, p. 241-243.
1954-55: No oppidum de Santa Marta, *Correio do Minho*, 14.10.1954, p. 1; 11.11.1954, p. 4; 25.11.1954, p 1,4; 20.1.1955, p. 1; 24.2.1955, p. 4.
1955a: A cidade velha de Santa Marta, *Diário do Minho*, 14.01.1955, p. 1, 3.
1955b: No Castelo de Barbudo, *Diário do Minho*, 07.02.1955, p. 1, 3.
1956: A «cidade» de Cossourado, *Diário do Minho*, 06.04.1956, p. 1.
1957: A arqueologia de Paredes Secas, Diário do Minho, 23.12.1957, p. 1-4.
1975a: Trepando aos montes, *O Distrito de Braga*, 2.ª Série, 1 (1-4), Braga, 1975, p. 485-535.
1975b: Em Carrazedo, Amares. A terceira inscrição de Bloena, *O Distrito de Braga*, 2.ª Série, 1,1975, p. 23-33.

Cunha N.C.A.

1979: CUNHA, N.C.A.- *Paredes de Coura*. Braga, 1979 (1.ª ed., 1909).

Cunliffe

1976: CUNLIFFE, B.- *Hill-forts and oppida in Britain*, in Sieveking *et alii* 1976, p. 343-358.
1997: *The Ancient Celts*. Oxford, 1997.

Cunliffe-Rowley

1976: CUNLIFFE, B.; ROWLEY, R.- *Oppida: the beginnings of urbanisation barbarian Europe*. Oxford, 1976 (BAR, SII).

Curado

1979: CURADO, F.P.- Epigrafia das Beiras, *Conimbriga*, 18, Coimbra, 1979, p. 139-148.
1985a: Ara votiva de Longroiva (Meda), FE 44, 1985.
1985b: Ara a Vortiaecius, FE 57, 1985.
1985c: Epigrafia dos Reinos (notas e correcções, 1), *Beira Alta*, 44, 1985, p. 641-655.
1986: Ara votiva de Furtado, FE 74, 1986.
1988: Cipo proveniente de S.Estêvão (Sabugal), FE, 123, 1988.
1989: As inscrições indígenas de Lamas de Moledo (Castro Daire) e do Cabeço das Fráguas, Pousafoles (Sabugal): Duas teogonias, diferente etnogénese?, *I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, 1989, p. 349-370.
2002: A "ideologia tripartida dos indoeuropeus" e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente peninsular, MNA 2002, p. 71-77.

Custódio-Campos

2002: CUSTÓDIO J.; CAMPOS, N. (coord.)- *Museu do Ferro e da região de Moncorvo*. Torre de Moncorvo, 2002.

D'Arbois de Jubainville

1904: D'ARBOIS DE JUBAINVILLE, H.- *Les Celtes depuis les temps les plus anciennes jusqu'en l'an 100 avant notre ére*. Paris, 1904.

Daveau

1987: DAVEAU, S.- *Geografia de Portugal, 2*. Lisboa, 1987.

David

1947: DAVID, P.- *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Lisboa, 1947.

Davidson-Bayley

1984: DAVIDSON, I.; BAYLEY, G.N.- Los yacimientos, sus territorios de explotacion y la topografia, *Boletin del Museo Arqueologico Nacional*, II (1), Madrid, 1984, p. 25-46.

Davies

1983: DAVIES, N.- *Sacrificios humanos de la Antiguedad a nuestros dias*. Barcelona-Buenos Aires-México, 1983.

Déchelette

1908-14: DÉCHELETTE, J.- *Manuel d'archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine*. Paris, 1908 (1), 1910 (2), 1913 (3), 1914 (4) (reed.).

Delamarre

2003: DELAMARRE, X. – *Dictionnaire de la langue gauloise. Une approche linguistique du vieux-celtique continental*. Paris, 2003 (2.ª ed.).

Delibes de Castro

1977: DELIBES DE CASTRO, G.- Un lote de oubjectos metálicos del Bronce Final en el Museo Diocesano de León, *Archivos Leoneses*, 62,1977.
2002: Los torques de la Peninsula Ibérica, MAN 2002, p. 59-68.

Delibes-Manzano

1981: DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MANZANO, J.- El castro proto-histórico de «La Plaza» en Cogeces del Monte (Valladolid). Reflexiones sobre el origen de la fase Cogotas 1, BSAA, 47, 1981, p. 50-70.

Delibes-Moure

1984: DELIBES DE CASTRO, G.; MOURE ROMANILLO, J.A.- *Manual de historia universal, 1. Prehistoria*. Madrid, 1984.

Demargne

1964: DEMARGNE, P.- *Nacimiento del arte griego*. Madrid, 1964.

Demoule

1999: DEMOULE, J.P.- La société contre les princes, in Ruby 1999, p. 125-134.

Dias

1946: DIAS, A. J.- Las constucciones circulares del Noroeste de la Península Ibérica y las Citânias, CEG, 2, (6), 1946, p. 173-194.
1947: Construções circulares no litoral português. Contribuição para o estudo das construções circulares no Noroeste da Peninsula Ibérica, TAE, 11 (1-2), 1947, p. 192-195.
1948a: Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citânias espanolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconsfrucción de la vida en las citânias, AEA, 21 (71), 1948, p. 164-172.
1948b: Ruínas de tipo castrejo no Algarve, TAE, 11 (3-4), 1948, p. 350-352.
1949a: O problema da reconstituição das casas redondas castrejas, TAE, 12 (1-2), 1949, p. 126-168.
1949b: Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro. *Congrès International de Géographie*. Lisbonne, 1949.
1949-50: O pio de piar os milhos, instrumento oriental na Serra da Padrela, TAE, 12 (3-4), 1949-50, p. 323-344.
1965: Da olaria primitiva ao forno de oleiro, REtn, 41 (1), 1965, p. 5-31.

Dias-Oliveira

1962: DIAS, A.J.; OLIVEIRA, E.V.- A cultura castreja e a sua herança social na área galaico-portuguesa, XXVI CLEPC, 2 (5), 1962, p. 375-390.

Dias A.

1975: DIAS, A.- *Santa Maria de Cárquere*. Edições Beira Douro, 1975.

Dias L.A.T.

1989: DIAS, L.A.T.- *Tongobriga* (Freixo-Marco de Canavezes). Os caminhos romanos que ali chegaram..., *Arqueologia*, 19, Porto, 1989, p. 143-146.
1993-94: Necrópoles no *territorium* de Tongobriga, *Conimbriga*, 32-33, 1993-94, p. 107-136.
1996: Contributo para a análise do ordenamento romano do terriório marginal do rio Douro, *Estudos e Documentos*, I (2), Porto, 1996, p. 31-56.
1997: *Tongobriga*. Lisboa, 1997.
1999: A urbanização do noroeste peninsular: o caso de Tongobriga, *Mesa Redonda: Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no norte da Península Ibérica*, (Freixo-Marco de Canavezes), Porto, 1999, p. 77-107.

Dias M.

1987: DIAS, M. – Um novo achado de machados de talão em Monção, *Lucerna*, 2.ª Série, 2, 1987, p. 11-13.

Dias M.M.A.

1986: DIAS, M.M.A.- Inscrições romanas de Cárquere, Resende, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, AP, 4.ª Série, 4, Lisboa, 1986, p. 185-202.
1987: Antroponímia de Cárquere, Resende, Viseu (Lusitânia Portuguesa), *Actas del IV Coloquio sobre Línguas e Culturas Paleohispanicas, Veleia*, 2-3, 1987, p. 195-203.
1989: *A propósito da inscrição E. Epigr.IX, 40, de Cárquere, Resende: os Ulppi na Hispania*. Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu, 1989, p. 333-349 (Ser e Estar, 2).
1989-92: Para um repertório das inscrições romanas no território português, *Euphrosine*, 17, 1989, p. 373-384, 1992, 20, p. 467-472.
1990: O deus Aros(?) de Castro Daire; Viseu (CIL II 5247), III JA, p. 361-366.
1990-92: Nota sobre uma ara funerária de Rubiães, Paredes de Coura (Viana do Castelo) do Museu Nacional de Arqueologia (E- 5208), AP, Série IV, 8-10, 1990-92, p. 299-307.

Diego

1959: DIEGO SANTOS, F.- *Epigrafía romana de Asturias*. Oviedo, 1959 (=ERA).
1972: *Estudio epigráfico del «conventus Asturum» e inscripciones romanas de la provincia de León*. Oviedo, 1972(dactil.) reed. 1985.
1986: DIEGO SANTOS, F.- *Inscripciones romanas de la Provincia de Le*ón. León, 1986 (= IRPLe).

Dinis

1954: DINIS, M.V.- Lendas da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), DL, 5 (9), 1954, p. 63-73.
1962: Achados arqueológicos em Paços de Ferreira, SG, 9 (1), 1962, p. 223-229.
1963: Manifestações neolíticas na região de Paços de Ferreira, *Lucerna*, 3, 1963, p. 88-95.
1965: O Castro de Busto (Penamaior - Paços de Ferreira), *Lucerna*, 4, 1965, p. 189-195.
1966: O Castro da Vila (Penamaior - Paços de Ferreira), *Lucerna*, 5, 1966, p. 512-518.
1971: O Castro de Capelo Vermelho (em Codessos - Paços de Ferreira), II CNA, 2, 1971, p. 287-291.
1976: O Castro de S. Brás (Frazão, Paços de Ferreira), RG, 86, 1976, p. 217-221.
1978: As ruínas luso-romanas dos Castêlos (na Vila de Paços de Ferreira), RG, 88, 1978, p. 187-190.

Dinis A.P.

1991-92: DINIS, A.P.- Cerâmica do Bronze Final do Castelo de Matos (Baião), CA, Série II, 8-9, 1991-92, p. 119-142.
1993: *Ordenamento do território da bacia do Ave no I milénio a.C.*. Porto, 1993 (diss. mestrado, policop.).
1993-94: Artefactos em bronze do Castro de Penices (Vila Nova de Famalicão). Abordagem aos métodos de análise em Paleometalurgia, CA, 10-11, p. 181-201.
2001: *O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*. Braga, 2001 (CA, Monografias, 13).
2002: O balneário do Alto de Quintãs (Póvoa de Lanhoso, Norte de Portugal). Um novo caso a juntar ao livro negro da arqueologia de Entre-Douro-e-Minho, *Mínia*, 10, 3ª Série, 2002, p. 159-179 .

Diogo-Faria

1987: DIOGO, A.M.D.; FARIA, J.C.L.- Cerâmica estampilhada da Idade do Ferro proveniente de Alcácer do Sal, *Arqueologia*, 16, 1987, p. 95-96.

Diogo J.L.

1983: DIOGO, J. L.- *Roteiro de Vila Nova de Cerveira*. Porto, 1983.

Dion

1952: DION, R.- *Le problème des Cassitérides*, Latomus, 12, 1952, p. 306-314.
1965: *Le problème des Cassitérides et les sources de l'étain occidental depuis les temps protohistoriques jusqu'au début de notre ère*. Paris, 1965.

Domergue

1970a: DOMERGUE, C.- Introduction à l'étude des mines d'or du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 225-286.
1970b: Les explotations aurifères du Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique sous l'occupation romaine, La minería hispana e iberoameriacana, 1, 1970 p. 151-193.
1972-74: À propos de Pline, «Naturalis Historia», 33, 70-78 et pour illustrer sa description des mines d'or romaines d'Espagne, AEA, 45-47 (125-130), 1972-74, p. 499-528.

1975: Excavaciones en las minas de oro romanas de la provincia de León. Campaña 1971-1973, XIII CAN, 1975, p. 847-854.
1987: *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Madrid, 1987.
1989: *Minería y Metalurgia en las Antiguas Civilizaciones Mediterráneas y Europeas*. Madrid, 1989, 2 vol.
1990: *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*. Roma, 1990.

Domergue-Hérail — 1999: DOMERGUE, C.; HÉRAIL, G.- Conditions de gisement et exploitation antique à Las Médulas (León, Espagne), in Cauuet 1999, p. 93-106.

Dopico — 1988: DOPICO CAÍNZOS, M.D.- La Tabula Lougeiorum, 1988, *Veleia*, Anexo 5.

Dopico-Pereira — 1993: DOPICO, D; PEREIRA, G.- La gran inscripcíon de Ramserm (CIL II 2476), *II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1990)*. Coimbra, 1993, p. 633-639.

Dothan — 1982: DOTHAN, T.- *The Philistin and their material culture*. Jerusalem, 1982.

Duarte — 1994: DUARTE, J.C.- *Resende e a sua história*. Resende, 1994, 2 vols.
1996a: *Os romanos em Resende*. Resende, 1996.
1996b: *Santa Maria de Cárquere- Guia do Visitante*. Resende, 1996.

Duby-Goff — 1977:DUBY, G.; LE GOFF, J. (org.)- *Famille et parenté dans l'Occident médiéval*. Roma, 1977.

Dubois — 1891: DUBOIS, M.- *Examen de la géographie de Strabon*. Paris, 1891.

Dumézil — 1934: DUMÉZIL, G.- *Ouranos-Varuna. Étude de mythologie comparée indo-européenne*. Paris, 1934.
1939: *Mythes et dieux des Germains. Essai d'interprétation comparative*. Paris, 1939.
1940: *Mitra-Varuna. Essai sur deux représentations indo-européennes de la souveraineté*. Paris, 1940.
1941: *Jupiter Mars Quirinus. Essai sur la conception indo-européenne de la société et sur les origines de Rome*. Paris, 1941.
1944: *Naissance de Rome (=Jupiter Mars Quirinus, II)*. Paris, 1944.
1945: *Naissance des archanges. Essai sur la formation de la théologie zoroastrienne (=Jupiter Mars Quirinus, III.* Paris, 1945.
1948: *Jupiter Mars Quirinus, IV.* Paris, 1948.
1959: *Les dieux des Germains. Essai sur la formation de la religion scandinave*. Paris, 1959 (ed. Espanhola, Madrid, 1990).
1966: *La religion romaine archaique*. Paris, 1966.
1968: *Mythe et épopée. L'idéologie des trois fonctions dans les époques des peuples indo-européens*. Paris, 1968.
1969a *Les idées romaines*. Paris, 1969.
1969b: *Heur et malheur du guerrier*. Paris, 1969 (*El destino del guerrero. Aspectos míticos de la función guerrera entre los indoeuropeos*. Madrid, 1990, trad. espanhola).

Duran *et alii* — 1999: DURÁN, M.; NÁRDIZ, C.; FERRER, S.; NIEVES, A.- La vía nova en la Serra do Xurés. La rehabilitación de le via nova entre Portela do Home y baños de Riocaldo, *Arqueoloxia/Investigación*, 7, 1999.

Duval A. — 1982: DUVAL, A.- *Autour de Vercingetorix: de l'archéologie à l'histoire économique ef sociale*, in Collis *et alii* 1982, p. 298-335.

Duval P.M. — 1976: DUVAL, P.M.- *Les dieux de la Gaule*. Paris, 1976 (1.a ed., 1957).
1977: *Les Celtes*. Paris, 1977.

Duval-Kruta — 1975: DUVAL, P.M.; KRUTA, V. (ed.)- *L'habitat et la nécropole à l'Âge du Fer en Europe occidentale et centrale*. Paris, 1975 (Bibliothèque de l'École des Hautes Études, IVe Section, 323).
1979: *Les mouvements celtiques du Ve au 1er siècle avant notre ère*. Paris, 1979.

Duval-Hawkes — 1976: DUVAL, P.M.; HAWKES, C. (dir.)- *Celtic art in Ancient Europe. Five protohistoric centuries*. London - New York-San Francisco, 1976.

Earle — 1991: EARLE, T. (ed.)- *Chiefdoms: Economy, power, ideology*. Cambridge, 1991.

Eira — 1974: EIRA, A.- *O Castelo do Mau Vizinho*, TAE, 22 (3), 1974, p. 345-351.

Eiroa — 1970: EIROA, J.J.- *Notas para el estudio cronológico de los castros gallegos*. Zaragoza, 1970.
1971: Excavaciones arqueológicas en el Castro de Borneiro (La Coruña). 1970, NAH, 15, 1971, p. 127-143.
1973: Análisis metálicos sobre utiles de bronce gallego, *Estudios del Seminario de Prehistoria, Arqueología y Historia Antigua*, 1973, p. 49-99.
1973-74: Sobre la edad del Bronce en el Noroeste de la Península hispánica, *Caesaraugusta*, 37-38, 1973-74, p. 25 123.

1975: Aportación a una ordenación de las plantas castreñas del Noroeste peninsular, *Miscelanea Arqueológica*, 1975, p. 159-163.
1980: Notas sobre la cronología de los castros del Noroeste de la Península Ibérica, SANP, 1, 1980, p. 71-83.
1981: Moldes de arcilla para fundir metales procedentes del castro hallstánico de El Royo (Soria), *Zephyrus*, 32-33, 1981, p. 181-193.
1988: *La Cultura Castreña del Noroeste de la Peninsula Ibérica 15 años después*. Murcia, 1988, p. 11-123, (Anales de Prehistoria y Arqueología, 4).

Eliade — 1974: ELIADE, M.- *Traité d'histoire des religions*. Paris, 1974.

Elsdon — 1975: ELSDON, M. Sh.- *Stamp and roulette decorated pottery of the La Tène period in Eastem England: a study in geometric designs*. Oxford, 1975 (BAR, 10).

Eluére — 1982: ELUÈRE, Ch.- *Les ors préhistoriques*. Paris 1982. (L'age du Bronze en France, 2).
1989: *L'or des Celtes*. Fribourg, 1989.

Encarnação — 1970: ENCARNAÇÃO, J.- Lápides a divindades indígenas no Museu de Guimarães, RG, 80 (34), 1970, p. 207-238.
1971a: Duas importantes aras romanas da Vila da Feira, *Aveiro e o seu Distrito*, 11, 1971, P. 59-61.
1971b: 0 conceito de divindade indígena sob o domínio romano na Península Ibérica, II CNA, 1971, 2, p. 347-351.
1972: Vestígios do culto dos Lares em território português, RG, 82 (1-2), 1972, p. 91-104.
1973: Banda, uma importante divindade indígena, *Conimbriga*, 12, 1973, p. 109-214.
1975: *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa, 1975.
1976: Uma árula a Banduaetabrigus. Additamentum, *Conimbriga*, 15, 1976, p. 142-146.
1978: Epigrafia do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia- Rectificação de leituras, *Actas das III Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1977)*, Lisboa, 1978, p. 209-224.
1984a: *Inscrições romanas do conventus pacensis*. Coimbra, 1984 (= IRPC) (diss. doutoramento).
1984b: Pinho Brandão, epigrafista, *Lucerna- Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão*, 1984, p. 203-211.
1986: Indigenismo e romanização na Lusitânia, *Biblos*, 62, 1986, p. 451-464.
1987: Divindades indígenas da Lusitânia, *Conimbriga*, 26, 1987, p. 5-37.
1989: Indigenismo e romanização na epigrafia de Viseu, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, p. 315-323.
1990: A religião. In Nova História de Portugal, 1: Portugal das origens à romanização, Lisboa, 1990, p. 442-461.
1996: Panorâmica e problemática geral da epigrafia rupestre em Portugal, Actas del I Simpósio Internacional Ibero-itálico sobre epigrafia rupestre em Portugal, Santiago de Compostela, 1996, p. 271.
1997: Nota a García Matínez, 1997, *Conimbriga*, 36, 1997, p.101.
2002: Núcleo romano, in Arnaud- Fernandes 2002, p. 57-61.

Encarnação-Carvalho — 1984: ENCARNAÇÃO, J.; CARVALHO, R.- *Belver ao tempo dos romanos. População e suas crenças*. Portalegre, 1984.

Encarnação-Silva — 1994: ENCARNAÇÃO, J.; SILVA, J.R.C.- Ara votiva identificada em Avis (Conventus Pacencis), FE 206, 1994.

Engles — 1970: ENGELS, F.- *El orígen de la familia, la propriedad privada y el estado*. Madrid 1970.

Enríquez Navascués — 1984: ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J.- Una nueva estela de guerrero y tres asadores de bronce procedentes de los alredores de Orellana la Vieja (Badajoz), *Museos*, 2, p. 9-13.

Eogan — 1964: EOGAN, G.- The Later Bronze Age in Ireland in the light of recent research, PPS, 30 (14), 1964, p. 268-351.

Erice — 1995: ERICE LACABE, R.- *Las fibulas del Nordeste de la Peninsula Ibérica: siglos I a.c. al IV d.c.*. Zaragoza, 1995.

Ernout-Meillet — 1967: ERNOUT, A.; MEILLET, A.- *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris, 1967 (4.ª ed.).

Ervedosa — 1967-68: ERVEDOSA, C.- O Castro de Sabrosa, TAE, 20 (3-4), 1967-68, p. 355-367.
1981: Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em Setembro de 1980, TAE, 24 (1), 1981, p. 147-151.
1982: Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa -1981, TAE, 24 (2), 1982, p. 351-359.
1983: Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa em 1982, TAE, 24 (3), 1983, p. 519-525.
1984: Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa em 1983, TAE, 24 (4), 1984, p. 685-688.
1985a: Ara votiva a Júpiter encontrada em Sabrosa, TAE, 25 (1), 1985, p. 165-170.
1985b: Sabrosa. Castro de Sabrosa -1982 e 1983, IA, 5, 1985, p. 141.

Esparza — 1980: ESPARZA ARROYO, A.- Nuevos castros con piedras hincadas en el borde occidental de la Meseta, SANP, 2, 1980, p. 71-83.
1983a: Joyas celtibéricas de Zamora en el Museo Británico, BSAA, 49, 1983, p. 39-44.

1983b: Problemas arqueológicos de la edad del Hierro en el territorio astur, *Lancia, 1. Cantabros y Astures (Bimilenario de las Guerras Cántabras y Astures)*, León, 1983, p. 83-102.
1983c: Sobre el limite oriental de la cultura castreña, SAN, 1983, p. 104-119.
1983-84: Los castros de Zamora orcidental y Trás-os-Montes oriental: habitat y cronología, CIUAN, 1983-84, p. 131-146.
1986: *Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora*. Zamora, 1986.

Estefania — 1958: ESTEFANIA, A. M. D. - Notas para la delimitación de los Conventos Juridicos en Hispania, *Zephyrus*, 9 (1), 1958, p. 51-57.

Ètienne — 1958:ÉTIENNE, R.- *Le culte impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*. Paris, 1958 (BEFAR, 191) (reimp. 1974).
1994: Les tables d'hospitalité de Pedroso (Vila Nova de Gaia), *Les dossiers d' Archéologie*, 198, Nov. 1994, p. 40-41.

Étienne *et alii* — 1976: ÉTIENNE, R.; FABRE, G.; LE ROUX, P.; TRANOY, A.- Les dimensions sociales de la romanisation dans la Péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire, Assimilation et resistence à la culture gréco-romaine à la fin de l'Empire, *VI Congrès d'Études Classiques (Madrid, 1974)*. Paris, 1976, p. 95-107.

Ettlinger — 1973: ETTLINGER, E.- *Die Romischen Fibeln in der Schweiz*. Berne, 1973.

Fabião — 1992: FABIÃO, C.- *O povoamento proto-histórico e romano*, in Mattoso, J. (dir.)- *História de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, p. 76-299.
1998: *O mundo indigena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa, 1998, 3 vol. (diss. doutoramento, policop.).
1999: A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: A baixela romana tardo-republicana em bronze no Extremo Ocidente Peninsular, RPA, 2 (1), 1999, p. 163-197.

Fabre — 1970: FABRE, G.- Le tissu urbain dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique, *Latomus*, 29, 1970, p. 314-339.

Faria — 1899: FARIA, J.F.G.- *Monografia do concelho de Bouças*. 1899.

Fariña — 1973: FARINA BUSTO, F.- A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra) -1972, MP, 27, 1973, p. 63-64.
1974: A Lanzada. Introducción histórica, MP, 28, 1974, p. 73-82 (82).
1975: Excavaciones a A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). Informe preliminar de la campaña de 1974, MP, 29, 1975, p. 163-173.
1979: Fíbulas de longo travesaño sem espira no noroeste peninsular, BAur, 9, 1979, p. 27-49.
1991: Dos notas a propósito de Castromao (Celanova, Orense), CEG, 34, 1991, p. 57-71.

Fariña *et alii* — 1983: FARIÑA BUSTO, F.; ARIAS VILAS, F.; ROMERO MASIÁ, A.M.- Panorámica general sobre la cultura castrexa, in *Estudos de cultura castrexa e de História Antiga*. Santiago de Compostela,1983, p. 87-127.

Fariña-Valverde — 1974: FARINA BUSTO, F.; FILGUEIRA VALVERDE, J.- Plan Nacional de Excavaciones. «A Lanzada», Sangenjo (Pontevedra), MP, 28, 1974, p. 83-98.
1976: «A Lanzada», Sanxenxo, Pontevedra, NAH (Prehistoria, 5), 1976, p. 333-346.

Fariña-Xusto — 1997: FARIÑA BUSTO, F.; XUSTO RODRÍGUEZ, M.- *O ara de Xinzo de Limia e a sua contextualización arqueolóxica*, BAur, 25, 1997, p. 61-80.

Faro — 1895: FARO, J.C.A.M.- *Antiguidades de S. Martinho de Mouros no concelho de Resende e algumas freguesias actualmente pertencentes ao mesmo concelho*. Porto, 1895.

Fauduet — 1985: FAUDUET, I- Les fibules gallo-romaines à dique médiau, R*evue Archéologique du Centre Est de la France*, 24, 1985, p. 75-82.

Faust — 1975: FAUST, M.- Die Kelten auf Iberischen Halbinsel: Spracliche Zeugnisse, MM, 16, 1975, p. 195-207.

Favret — 1928: FAVRET, A.- Les ornements penannulaires creux de section triangulaire, *Revue Archéologique*, 2, 1928, p. 16-33.

Feio — 1951: FEIO, M.- Notas geomorfológicas: A depressão Régua-Verín, CSGP, 32, 1951, p. 181-223.

Felgueiras — 1958: FELGUEIRAS, G.- *Monografia de Matosinhos*. 1958.

Fernandes A.A. — 1968: FERNANDES, A.A.- Paróquias suevas e dioceses visigóticas, *Arquivo do Alto Minho*, 14-16, Viana do Castelo, 1968.

Fernandes E.B.

1961: FERNANDES, E.B.- *Subsídios para futuro estudo da arquitectura doméstica castreja.* Coimbra, 1961 (dactil.).

Fernandes J.L.T.

1985: FERNANDES, J.L.T.- *Murça (Ensaio Monográfico).* Murça, 1985.

Fernandes L.S.

1997: FERNANDES, L.S.-A estrutura da família indígena das inscrições romanas do distrito de Viseu, *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1997, p. 91-98.

Fernández Castro

1988: *Arqueología protohistórica de la Peninsula Ibérica (siglos X a VII a.C.).* Madrid, 1988.

Fernández Fuster

1946: FERNÁNDEZ FUSTER, L.- La citania de Santa Tecla en La Guardia (Pontevedra), AEA, 19 (65), 1946, p. 351-354.
1948: El problema de las cubiertas en las habitaciones de los castros, AEA, 21 (70), 1948, p. 79-81.
1953: Sobre la interpretación de los monumentos con «pedras formosas», AEA, 26 (88), 1953, p. 379-384.
1954: Interpretación de la «Piedra Formosa» de Briteiros», CEG, 9 (27), 1954, p. 15-33.
1955: La «Pedra Formosa» de Briteiros, III CAN, 1955, p. 372-374.

Fernández García

1997: FERNÁNDEZ GARCÍA, S.- Los puñales tipo "Porto de Mós" en el Bronce Final de la Península Ibérica, *Complutum*, 8, 1997, p. 97-124.

Fernández Gómez

1979:FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.- Un tesorillo de plata en el Castro de «El Raso de Candeleda» (Ávila), TP, 36, 1979, p. 379-404.

Fernández Guerra

1888: FERNÁNDEZ-GUERRA Y ORBE, A.- Las diez ciudades bracarenses nombradas en la inscripción de Chaves, *Revista Archeológica*, 2, 1888, p. 81-105.

Fernández Jurado

1988-89: FERNÁNDEZ JURADO, J.- Tartessos y Huelva. Huelva, 1988-89 (Huelva Arqueologica, 10-11).

Fernández Manzano

1984: FERNÁNDEZ MANZANO, J.- Armas y utiles metálicos del Bronce final en la Meseta Norte, BSAA, 50, 1984, p. 5-25.
1986: *Bronce Final en la Meseta Norte: el utillaje metálico.* Valladolid, 1986.

Fernández-Sarabia

1998: FERNÁNDEZ MANZANO, J.; SARABIA HERRERO, F.J. (coord.).- *Arqueometalurgía del bronce.* Valladolid, 1998 (Studia archaeologica, 86).
1963: *Campaña de excavaciones en la Citânia de Santa Tecla (La Guardia) en el ano 1962*, NAH, 7, 1963, p. 108-109.

Fernández Ochoa

1996: FERNÁNDEZ OCHOA, F. (ed.)- *Los finisterres atlánticos en la Antigüedad.: Época prerromana y romana.* Gijón,1996.

Fernández Ochoa-Entero

2000: FERNÁNDEZ OCHOA, F.; ENTERO, V. (ed.)- *Termas romanas en el Occident del Imperio.* Gijón, 2000.

Fernández Oxea

1950: FERNÁNDEZ OXEA, J.R.- Lápidas sepulcrales de la Edad de bronce en Extremadura, AEA, 23, 1950, p. 293-318.

Fernández Rodríguez

1955: FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, M.- Excavaciones en la Citânia de Santa Tecla en los anos 1952-54, MP, 9, 1955, p. 19-30.
1961:Campaña de excavaciones en la Citânia de Santa Tecla (La Guardia) en el ano 1961, NAH, 6, 1961, p. 126-128.

Ferreira-Almeida J.M.

1976: FERREIRA, B.; ALMEIDA, J.M. [Encarnação J.]- Uma árula a Banduaetobrigus, *Conimbriga*, 15, 1976, p. 139-142 [142-146].

Ferreira A.I.S.

1986: FERREIRA, A.I.S.- Árula votiva de Vendas de Cavernães, FE, 71, 1986.

Ferreira J.A.P.

1959: FERREIRA, J.A.P.- Arqueologia portuense. Novos achados arqueológicos na Avenida de D. Afonso Henriques, quando do seu rompimento em 1950-1954, BC-CMP, 22, (1-2), 1959, p. 367-368.

Ferreira J.R.

1992: FERREIRA, J.R.- *Avieno, orla marítima.* Coimbra, 1992.

Ferreira O.V.

1964: FERREIRA, O.V.- Fíbula anular do Alto da Toupeira e a sua filiação nas fibulas anulares hispânicas, AB, 20-21, 1964, p. 21-26.
1966: Uma estela de tipo «Pedra Formosa» encontrada no Castro de Fontalva (Elvas), RG, 76 (3-4), 1966, p. 359-362.
1968a: Algumas notas acerca da pesca na Antiguidade, AP, Série III, 2, 1968, p. 113-133.
1968b: Necrologia - Tenente-Coronel Manuel Afonso do Paço, 1895-1908, AP, Série III, 2, 1968, p. 213-216.
1971: Algumas considerações dos chamados vasos de largo bordo horizontal ou chapéu invertido e a sua distribuição em Portugal, AH, 9, Série III, 3, 1971, p. 9-20.
1974: Nova achega para o conhecimento da joalharia primitiva, RG, 84, 1974, p. 125-128.

Ferreira O.V.-Trindade

1965: FERREIRA, O.V.; ALMEIDA, F.- Fíbula ornamentada de Idanha-a-Velha, AB, 22, 1965, p. 161-166.
1968: Molde de fundição encontrado no Castro de S. Bento (Évora), AP, Série III, 2, 1968, p. 45-48.

Ferreira O.V.- Ferreira S.V.

1969: FERREIRA O.V.; FERREIRA, S.V.- *A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato*. Lisboa, 1969.

Ferreira O.V.-Trindade L.

1964: FERREIRA, O.V.; FERREIRA, S.V.- Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras), RG, 74 (3-4), 1964, p. 271-280.

Ferreira P.A.

1895: FERREIRA, P.A.- Antiguidades de Trás-os-Montes, AP, 1, 1895, p. 47-48.

Ferro Couselo

1957: FERRO COUSELO, J.- O deus Bandua da Veiga, *Homáxe a Florentino L. A. Cuevillas*. Vigo, 1957.
1972: Estatuas sedentes y una columna miliaria de Xinzo de Limia, BAur, 2, 1972, p. 329-335.
1974: Guia abreviado del Museo Arqueológico y de Bellas Artes de Orense, BAur, 4, 1974, p. 199-237.

Ferro Couselo-Fernández

1971: FERRO COUSELO, J.; LORENZO FERNÁNDEZ, J.- La «tessera hospitalis» del Castromao, BAur, 1, 1971, p. 9-15.
1976: Excavaciones en el Castromao (Celanova), Orense, NAH (Prehistoria, 5), 1976, p. 349-354.

Feugère

1977: FEUGÈRE, M.- Les fibules gallo-romaines du Musée Denon à Châlon-sur-Saône, 1977, p. 77-158 (*Mémoires de la Societé d'Histoire et d'Archéologie de Chalon-sur-Saône*, 48).
1985: *Les fibules de la Gaule méridionale de 120 av.J.C. à 500 ap. J.C.*. Montpellier, 1985 (Révue Archéologique Narbonnaise).
1989: Vases en verre sur noyau d'argile en Méditerranée nord-occidental, *Le verre préromain en Europe Occidentale*, Montagnac, p. 29-62.

Fichtl

2000: FICHTL, S.- *La ville celtique (les oppida de 150 av. A 15 ap. J.C.)*. Paris, 2000.

Figueiral

1990: FIGUEIRAL, I.- *Le Nord-Ouest du Portugal et les modifications de l'écossystème du Bronze Final à l'époque romaine, d'après l'anthracoanalyse de sites archéologiques*. Montpellier, 1990 (diss. doutoramento, policop.).
1993: Charcoal analysis and the vegetational evolution of North-West Portugal, *Oxford Journal of Archaeology*, 12 (2), 1993, p. 209-222.
1996: Cividade de Terroso. Resultados da análise dos vestígos vegetais carbonizados, in Gomes J.M.F. 1996, p. 250-260.
2000: O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da Antrocologia, in Bettencourt 2000c, p. 51-54.
2001: Recursos vegetais do Crastoeiro: os resultados da Antrocologia, in Dinis A.P. 2001, p. 133-144.

Figueiral-Queiroga

1988: FIGUEIRAL, I.; QUEIROGA, F.-Castelo de Matos, 1982-86, Porto, 1988, p. 137-150, Arqueologia, 17.

Figueiredo A.M.

1895-96:FIGUEIREDO, A.M.- Informações arqueológicas recolhidas no Diccionario Geographico de Cardozo, AP, 1, 1895, p. 142-144, 241-243, 316-320; 2, 1896, p. 162-165.
1898: Contribuição para a história da pesca em Portugal na épocha luso-romana, AP, 4, 1898, p. 53-58.

Figueiredo A.P.

1970: FIGUEIREDO, A.P.- *Serra de S. Macário, Beira Alta*. Viseu, 1970.

Figueiredo B.

1887a: FIGUEIREDO, B.- O suposto *Brigantium* em Castro de Avelãs, RAH, 1 (1), 1887, p. 85-93.
1887b: Ara romana descoberta no Castro Daire, RAH, 1(1), 1887, p. 52-57.
1888: Inscripções de Lamego e da Quintela de Penude, RAH, 2, 1888, p. 170-172.
1890: Miscellanea epigraphica, RPH, 4, 1890, p. 83-85.

Figueiredo

1952-53: FIGUEIREDO, M.- Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras, *Beira Alta*, 11, p. 299-330, 12, p. 27-63, 153-206.
1958: Arqueologia lafonense, *Beira Alta*, 18 (4), 1958, p. 351-388.
1959:O Castro do Banho, S. Pedro do Sul, I CNA, 1, p. 369-370.

Figueiredo-Azevedo

1955: FIGUEIREDO, M.; AZEVEDO, R.- Uma excursão arqueológica ao Caramulo, *Beira Alta*, 14 (3), 1955, p. 209-214.

Filgueira Valverde

1954-56: FILGUEIRA VALVERDE, J.- La carta arqueológica de la provincia de Pontevedra, MP, 8, 1954-56, p. 17-241.
1973: Ouro nos castros, TAE, 22 (37), 1973, p. 30,7-327.

Filgueira Valverde-Alén

1955/59: FILGUEIRA VALVERDE, J.; GARCÍA ALÉN, A.- Adiciones a la carta arqueológica de la provincia de Pontevedra, MP, 9, 1955, p. 31-45; 13, 1959, p. 19-97.

Filgueira Valverde-Ors

1955: FILGUEIRA VALVERDE, J.; ORS, A.- Inscripciones romanas de Galicia, 3. *Museo de Pontevedra*. Santiago de Compostela, 1955 (=IRG 3).

Filgueiras — 1974: FILGUEIRAS, O.- Remanescentes de formas de navegar pré-romanas em uso no Noroeste peninsular, III CNA, 1974, p. 223-248.

Filgueiras J.C.O.-Marrana — 1978: FILGUEIRAS, J.C.O.; MARRANA, A.P.B.- Levantamento arqueológico do concelho de Castelo de Paiva, RG, 88, 1978, p. 453-466.

Filip — 1980: FILIP, J.- *Celti alle origini dell'Europa*. Roma, 1980.

Firth — 1963: FIRTH, R.- *We the Tkopia. Kinship in primztive Polynesia*. Boston, 1963 (1.ª ed., 1936).

Fita — 1911: FITA, F.- Tres lápidas romanas de Mosteiro de Ribeira, BRAH, 58, 1911, p. 512-517.
1912: Notícias [Arqueologia celto-romana], BRAH, 61, 1912, p. 534-535.

Flórez — 1799-87: FLÓREZ, E.- *España Sagrada*, 4 (1749), 15 (1787), 16 (1787).

Fonseca — 1936: FONSECA, T.- *Esposende e o seu concelho*. Esposende, 1936.
1948: *O concelho de Barcelos aquém e além Cávado*. Barcelos, 1948.

Fontes A.L. — 1978: FONTES, A.L.- *Aras romanas e terras de Barroso desaparecidas*. Montalegre, 1978.
1980: Culto ao deus Larouco, Júpiter e Atégina, SANP, 3, 1980, p. 5-20.

Fontes J. — 1916: FONTES, J.- Sur un moule pour faucilles de bronze provenant de Casal de Rocanes, AP, 21, 1916, p. 337-343.

Formosinho *et alii* — 1953: FORMOSINHO, J.; FERREIRA, V.; VIANA, A.- O capacete céltico do Museu de Lagos, XIII CLEPC, 7.ª Secção, 1953, p. 393-398.

Forni — 1970: FORNI, G.- L'occupazione militare romana della Spagna nord-occidentalle: analogie e paralleli, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 207-225.

Fortes — 1899: FORTES, J.- *A estação archeologica d'Alvarelhos*. Porto, 1899.
1902: Instrumentos de bronze, AP, 7, 1902, p. 102-104.
1904: Fíbulas e fivelas, AP, 9, 1904, p. 1-11.
1905-08a: As fíbulas no Noroeste da Península, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 15-33.
1905-08b: Thesouro de Viatodos da Idade do Bronze, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 110-111.
1905-08c: Museu Municipal Azuaga, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 117-119.
1905-08d: Notícias epigraphicas, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 124-126, 284-290, 479-480.
1905-08e: Duas joias archaicas, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 412-416.
1905-08f: Esconderijo morgeano de Carpinteira (Melgaço), *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 475.
1905-08g: Ouros protohistoricos da Estella, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 604-618.
1905-08h: Esconderijo morgeano de Ganfei (Valença), *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 661.
1905-08i: Machados avulsos da idade do Bronze, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 662.
1905-08j: Vasos em forma de chapéu invertido (Villa do Conde), *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 662-665.
1905-08k: Os torques de prata de Cortinhas (S.Mamede de Riba Tua), *Portugalia*, tomo II, fasc. 1, 1905-08, p. 119.
1909: Gaya no passado, *Mea Villa de Gaya*. Porto, 1909, p. 9-28.

Fox — 1939: FOX, C.- *The socketed bronze sickles of the British Isles with specual reference to an unpublished specimen from Norwich*, PPS 5, 1939 p. 222-248.
1941: The non socketed bronze sickles of Britain, *Archaeologia Cambrensis*, 96, 1941 p. 136-162.

Fowler — 1960: FOWLER, E.- The origins and development of the penannular brooch in Europe, PPS, 26, 1960, p. 149-177.

Fráguas y Fráguas — 1953: FRÁGUAS Y FRÁGUAS, A.- *Geografia de Galicia*. La Coruña, 1953.
1962: Castros de la comarca lucense, CEG, 17 (53), 1962, p. 307-328.

Frankenstein-Rowlands — 1978: FRANKENSTEIN, S.; ROWLANDS, M.J.- The internal structure and regional context of Early Iron Age society in Southwestern Germany, *Bulletin of the Institute of Archaeology of London*, 15, 1978, p. 73-112.

Frankowski — 1920: FRANKOWSKI, E.- Estelas discoideas de la Peninsula Iberica, *Memoria*, 25, 1920, p. 39, fig. 8, p. 151, fig. 66.

Freidin — 1980: FREIDIN, N.- A bronze cult-wagon from Lezoux (Puy-de-Dôme) in the Ashmolean Museum, Oxford, *The Antiquaries Journal*, 40 (2), 1980, p. 320-327.

Freire — 1965: FREIRE, O.- Algumas fivelas de bronze do Museu Antropológico da Universidade do Porto, *Lucerna*, 4, 1965, p. 205-215.
1967-68a: O Castro de S. Vicente da Chã (Montalegre), TAE, 20 (3-4), 1967-68, p. 368-375.
1967-68b: Análise química de quatro fivelas de bronze, TAE, 20 (3-4), 1967-68, p. 381-382.

Freire J.M.A.

1999: FREIRE, J.M.A.- A toponímia Céltica e os vestígios de cultura material da Proto-história de Portugal, RG, 1, vol. especial, 1999, p. 265-275.

Freitas A.M.

1989: FREITAS, A.M.- A Cerca de Ribas, RG, 99, 1989, p.
1990: A Cerca de Ribas e a sua notável rede de muralhas. *Homenagem a J.R. Santos Júnior, 1*. Lisboa, 1990 (sep.).
2001: *Carta arqueológica de Valpaços*. Valpaços, 2001.

Freitas A.-Santos Júnior

1980: FREITAS, A.M.; SANTOS JUNIOR, J.R.,- O Castro da Curalha – 5.ª campanha de escavações, 1979, TAE, 23 (4), 1980, p. 293405.
1981: O Castro da Curalha - 6.ª campanha de escavações, 1980, TAE, 24 (1), 1981, p. 59-86.
1932: O Castro da Curalha - 7.ª campanha de escavações, 1981, TAE, 24 (2), 1982 p. 265-291.
1933: O Castro da Curalha - 8.ª campanha de escavações, 1982, TAE, 24 (3), 1983, p. 453-474.E, 24 (3), 1983, p. 453-474.
1984: O Castro da Curalha - 9.ª campanha de escavações, 1983, TAE, 24 (4), 1984, p. 589-617.

Freitas E.

1923: FREITAS, E.- *Estudo sobre dois bronzes arqueológicos*. Porto, 1923.
1960: *Felgerias Rubias. Subsídios para a história do concelho de Felgueiras*. Porto, 1960.

Freitas E.A.C.

1949: FREITAS, E.A.C.- Santa Marinha de Retorta, DL, 3 (5), 1949, p. 20-27.
1950: Estradas velhas entre Leça e Ave, DL, 4 (1-2), 1950, p. 50-71.

Freitas J.

1971: FREITAS, J.- Citânia de S. Julião de Caldelas, AP, Série III, 5, 1971, p. 133-138.

Galán Saulnier

1980: GALÁN SAULNIER, C.- Memoria de la primera campaña de excavaciones en la necrópolis de El Navazo (La Hinojosa, Cuenca) -1976, NAH, 8, 1980, p. 141-209.

Gallay

1986: GALLAY, A.- *L'archéologie demain*. Paris, 1986.

Gamer-Paixão

1983: GAMER WALLERT, I.;PAIXÃO, A.C.- A inscrição do escaravelho de Psamético I da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, AP, Série IV, 1, 1983, p. 267-272.

Gamito

1988: GAMITO, T.J. – *Social complexity in Southwest Iberia (800-300 B.C.): The case of Tartessos*. Oxford, 1988 (BAR, 439) (diss. doutoramento).
1996: A cerâmica estampilhada, MNA 1996, p. 112-117.

Galsterer

1979: GALSTERER, H.- Bemerkungen zur Integration Vorromischer Bevolkerangen auf der Iberischen Halbinsel, II CLCPPI, 1979, p. 453-464.

Garcia

1976: GARCIA, J.M.- Contributo para a compreensão das divindades do grupo "Band". Uma nova ara, *Conimbriga*, 15, 1976, p. 147-150.
1984: *Epigrafia lusitano-romana de um Museu Tavares Proença Junior*. Castelo Branco, 1984.
1988: Resenha a Rodríguez Colmenero. Aquae Falviae, fontes epigráficas, *Conimbriga*, 27, 1988, p. 211-216.
1991: *Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e observações às "Religiões da Lusitânia" de J. Leite de Vasconcellos: Fontes epigráficas*. Lisboa, 1991.

García Albalát

1986: BLANCA GARCÍA Y FERNÁNDEZ-ALBALÁT: Las llamadas divinidades de las aguas, in Bermejo 1986, p. 141-192.
1990: *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*. A Coruña, 1990.

García y Bellido

1940-41a: GARCÍA Y BELLIDO, A.- El Castro de Coaña (Asturias) y algunas notas sobre el posible orígen de esta cultura, AEA, 14 (42), 1940-41, p. 188-217.
1940-41b: El caldero de Carbaceno y la diadema de Ribadeo, AEA, 14 (45), p. 560-563.
1942a: El Tesoro áureo hallado en Golada (Galicia) en 1920, AEA, 15 (47), 1942, p. 168.
1942b: El castro de Coana (Asturias). Nuevas Aportaciones, AEA, 15 (48), 1942, p. 216-244.
1942c: El Castro de Pendia, AEA, 15 (49), 1942, p. 288-307.
1943a: Los Albiones del Noroeste de Esparia y una estela hallada en el occidente de Asturias, *Emerita*, 11, 1943, p. 418-430.
1943b: El castro de Coana. Reconstrucción gráfica de una aldea prehistórica del Noroeste de Espana, IP, 14 (3-4), 1943, p. 65-74.
1944: Una nueva citania portuguesa en curso de excavación, CEG, 1 (2), 1944, p. 297-288.
1945: La navegabilidad de los rios de la Peninsula Ibérica en la Antigüedad, IP, 16 (35), 1945, p. 115-122.
1946a: *Bandas y guerrillas en las luchas con Roma*. Madrid, 1946.
1946b: Un depósito excepcional de hachas de bronce hallado en Pontevedra, AEA, 19 (64), 1946, p. 263-265.
1946c: El casco de Lanhoso, AEA, 19 (65), 1946, p. 356-358.
1948: *Hispania Graeca*. Barcelona, 1948.
1950-51: Algunos problemas relativos a las invasiones indoeuropeas en Espana, AEA, 23 (82), 1950-51, p. 487-496.

1951: «Pequenas invasiones» y «transmigraciones» internas, AEA, 82, 1951, p. 490-496=II CAN, 1952, p. 231-237.
1952: El Castro de «La Lanzada» (Pontevedra), BRAH, 130, 1952, p. 383-384.
1955: El culto a Sarapis en la Peninsula Ibérica, BRAH, 139, 1955, p. 293-355.
1956: Materiales de arqueologia hispano-púnica. Jarros de bronce, AEA, 29 (93-94), 1956, p. 85-104.
1959: Cohors I Gallica Civium Romanorum, *Conimbriga*, 1, 1959, p. 29-40.
1966a: Parerga de arqueologia y epigrafia hispano-romanas, AEA, 39 (113-114), 1966, p. 131-145.
1966b: O problema dos enterramentos na cultura castreja, RG, 76 (1-2), 1966, p. 5-24.
1966c: Tessera hospitalis del año 14 de la era hallada en Herrera de Pisuerga, BRAH, 99, 1966, p.149-166.
1967a: Sobre la extensión actual de la casa redonda en la Peninsula Ibérica, Revista *de Dialectología y Tradiciones Populares*, 23, 1967, p. 41-54.
1967b: *Les réligions orientales dans l'Espagne romaine*. Leyde, 1967 (EPRO, 5).
1968a: Cámara funeraria de la cultura castreña, AEA, 41 (117-118), 1968, p. 16-44.
1968b: *España y los españoles hace dos mil anos según la «Geografia» de Strabón*. Madrid, 1968.
1968c: *Resúmen histórico del urbanismo en España, 1. – La Edad antigua*. Madrid, 1968, p. 2 - 64 (1.ª ed., 1954).
1970: El «Tartessios Chalkos» y las relaciones del Sudeste con el Noroeste de la Peninsula en la época tattéssica, *La minería hispana e iberoamericana*, 1, 1970, p. 3145.
1971: Orígenes de la casa redonda de la cultura castreña del N.O. de la Península, RG, 81 (1-2), 1971, p 25-35
1977: *La España del siglo primero de nuestra era (según P. Mela y C. Plinio)*. Madrid, 1977 (1.ª ed., 1947).
1982: Arte ibérico, in Menéndez Pidal 1982c, p. 371-675.

García Guinea *et alii* — 1966/73: GARCÍA GUINEA, M.A.; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J.; SAN MIGUEL, J.A.- Excavaciones en Monte Cildá, Olleros de Pisuerga (Palencia). Campañas de 1963-1965, EAE, 61, 1966; EAE, 82, 1973.

García Martínez — 1995: GARCÍA MARTINEZ, S.M.- 1995: Los diferentes artes y oficios en el Noroeste hispanorromano, *Conimbriga*, 34, 1995, p. 147-168.
1996: *La romanización de los conventus astur, bracaraugustanus e lucensis: su estudio epigráfico*. León, 1996.
1997: Una céltica supertamarca en Andiñuela (Léon), *Conimbriga*, 36, 1997, p. 95-101.

García Mauriño — 1993: GARCÍA-MAURIÑO MÚZQUIZ J.- Los cascos de tipo Montefortino en la Península Ibérica, *Complutum*, 4, 1993, p. 93-146.

García Quintela — 1999: GARCÍA QUINTELA, M.V.- *Mitologia y mitos de la Hispania prerromana, 3*. Madrid, 1999.

García Rollán — 1966: GARCÍA ROLLÁN, M.- El Castromao, AEA, 39 (113-114), 1966, p. 197-200.
1971: Memoria de la excavación arqueológica de Castromao (Caeliobriga), AEA, 44 (123-124), 1971, p. 175-211.

García Rozas — 1999: GARCÍA ROZAS, R.- *Museo de Zamora*. Zamora, 1999.

García Vuelta — 2001: GARCÍA VUELTA, O.- El conjunto de cangas de Onís: Arqueología del oro castreño asturiano. TP, 58(2), 2001, p. 109-127.
2002: Los torques áureos más representativos del Museo Arqueológico Nacional, MAN 2002, p. 97-110.

Garner — 1971: GARNER, B.J.- Modelos de geografía urbana y de localización de asentamentos, in Chorley-Haggett 1971, p. 211-294.

Garrido — 1966: GARRIDO ROIZ. J.P.- Excavaciones de la necrópolis de «La Joya», Huelva (1.ª y 2.ª campañas), EAE, 71, 1966.

Garwood *et alii* — 1991: GARWOOD, P.; JENNINGS, D.; SKKEATES, R.; TOMS J. (ed.)- *Sacred and profane*. Oxford, 1991.

Gattinara *et alii* — 1981: GATTINARA,G.C.; LUCA, F.; PERRUCCI,G.- *Antropologia della casa. Struttura dell'habitato e rapporti social*. Lanciano, 1981.

Gaucher-Mohen — 1972: GAUCHER, G.; MOHEN, J. P.- *Typologie des objects de l'Âge du Bronze*, 1.º Épees. Paris, 1972 (42 fichas).

Gaudemet — 1982: GAUDEMET, J.- *Institutions de l'Antiquité*. Paris, 1982 (1.ª ed., 1966).

Genière — 1968: GENIÈRE, J.- *Recherches sur l'Âge du Fer en Italie méridionale. Sala Consilina*. Naples, 1968 (Publications du Centre J. Bérard, 1).

Germano — 1888: GERMANO, A.- As citânias segundo o Sr. Ém. Cartailhac, RG, 5 (3), 1888, p. 122-123.

Gernet — 1968: GERNET, L.- *Anthropologie de la Grèce antique*. Paris, 1968.

Gil — 1985: GIL, J.- Notas sobre el lusitano, III CLCPPI, 1985, p. 365-370.

Gil Farrès

1966: GIL FARRÈS, O.- *La moneda hispánica en la edad antigua*. Madrid, 1966.

Gimbutas

1975: GIMBUTAS, M.- *Os eslavos*. Lisboa, 1975.
1982: *The goddesses and gods of old Europ 6500-3500 b. C.. Miths and cult images*. London, 1982 (2.ª ed.).

Giot

1971: GIOT, P.R.- Ombres et lumières sur la chronologie de la céramique armoricaine de l'Âge du Fer, *Annales de Bretagne*, 78, 1971, p. 73-92.

Giot *et alii*

1968/71: GIOT,P. R.; LE ROUX,C.T.; ONNÉE,Y.- *Céramique armoricaine del' Âge du Fer,* (1968) (1), (1971) (2).
1979: GIOT, P.R.; Briard, J.; PAPE, L.- *Protohistoire de la Bretagne*. Rennes, 1979.

Girão

1921: GIRAO, A.A.- *Antiguidades pré-históricas de Lafões*. Coimbra,1921.
1922: *Bacia do Vouga. Estudo geográfico*. Coimbra, 1922.
1923: Inscrição de Lamas de Moledo, *Jornal A Beira*, 44, Junho 1923.
1926: *Viseu. Estudo de uma aglomeração urbana*. Coimbra, 1926.
1940: *Montemuro- a mais desconhecida serra de Portugal*. Coimbra, 1940.
1953: *Esboço de duma carta regional de Portugal*. Coimbra, 1933 (2.ª ed.).
1958: *Atlas de Portugal*. Coimbra, 1958 (2.ª ed.).
1960: *Geografia de Portugal*. Porto, 1960 (3.ª ed.).

GLAUBERG

2002: *Das Rätsel der Kelten vom Glauberg*. Stuttgart, 2002.

Godelier

1981: GODELIER, M.- *Instituciones económicas*.Barcelona, 1981.
1999: Chefferies et l'États, une approche antropologique, in Ruby 1999, p. 19-29.

Gomes A.S.

1967: GOMES, A.S.- *A Citânia de Briteiros através dos séculos*. Lisboa, 1967.

Gomes C.A.

1979: GOMES, C.A.- *O Castro de Álvora (subsídios para o seu estudo)*, CV, 3, 1979, p. 161-175.

Gomes J.C.

1899: GOMES, J.C.- *As terras de Valdevez. Memórias históricas e descritivas do concelho dos Arcos de Valdevez*, 3,5, Arcos, 1899.

Gomes J.M.F.

1996: GOMES, J.M.F.- *A Cividade de Terroso e Vila Mendo, Estela-aspectos da Proto-história e romanização do Litoral Minhoto*. Porto, 1996 (Tese de mestrado, policop.)
2000: A Cividade de Terroso, *Al-madan*, 2.ª Série, 9, 2000, p. 152-154.

Gomes- Carvalho

1992: GOMES, L.F.C.; CARVALHO, P.S.- *O património arqueológico de Mangualde*. Tegula, 1992.

Gomes- Tavares

1985a: GOMES, L.F.C.; TAVARES, A.M.M.- *Inscrições romanas do concelho de Mangualde*. Coimbra, 1985.
1985b: Ara votiva de Casais, FE, 55, 1985, p. 52.

Gomes J.J.F.-Domingues

1983: GOMES, J.J.F.; DOMINGUES, J.B.B.- A «xorca» da Serra das Ripas (Alenquer), AP, Série IV, 1, 1983, p. 287-299.

Gomes, M.V.

1993: GOMES, M.V.- O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves), *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 73-107.

Gomes-Beirão

1988: GOMES, M.V.; BEIRÃO, C.M.- O tesouro da colecção Barros e Sá, Monsanto da Beira, Castelo Branco, *Veleia*, 5, p. 125-136.

Gomes R.V.-Gomes

1983: GOMES, R.V.; GOMES, M.V.- Uma estela epigrafada da Herdade dos Franciscos (Garvão). *Conimbriga*, 23, 1983, p. 43-54.

Gómez Moreno

1925: GÓMEZ MORENO, M.- *Catálogo monumental de Espana. Provincia de León*. León, 1925.
1927: *Catálogo monumental de España. Provincia de Zamora*. Madrid, 1927.

Gómez Tabanera

1966: GÓMEZ-TABANERA, J.M.- La función ternaria en el sacrificio celtibérico, RG, 76 (1-2), 1966, p. 85-108.
1968: *Las raíces de España*. Madrid, 1968.
1975a: La Edad del Bronce en Asturias, XIII CAN, 1975, p. 513-528.
1975b: La cultura castreña astur y los modos de producción en las sociedades castreñas del N. W. hispano, XIII CAN, 1975, p. 557-577.
1980: Aspectos de la cultura castreña en sus manifestationes en Asturias y de los modos de producción en las sociedades protohistóricas del NW de la Peninsula Ibérica, SANP, 2, 1980, p. 87-110.

Gonçalves A.A.H.B.

1981: GONÇALVES, A.A.H.B. - A estação pré-histórica do Monte Calvo - Baião, *Arqueologia*, 3, 1981, p. 77-87.
1983: O Eng.° Dr. Rui de Serpa Pinto. Estudo bio-bibliográfico, *Arqueologia*, 7, 1983, p. 1-7.
1992-93: Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Sabrosa- distrito de Vila Real, *Portugalia*, Nova Série, 13-14, 1992-93, p. 173-227.

Gonçalves A.A.H.B. *et alii* — 1978: GONÇALVES, A.A.H.B.; JORGE, S.O.; JORGE, V.O.- Fossas abertas no saibro do concelho de Baião. I- Bouça de Frade e Tapado da Caldeira, 1978 (TIADMC, 34).

Gonçalves A.N. — 1959: GONÇALVES, A.N.- *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Sul.* Lisboa, 1959.

Gonçalves F. — 1949: GONÇALVES, F.- Inscrições romanas de Beiriz, RG, 59 (1-2), 1949, p. 223-235.
1963: Duas inscrições romanas de Beiriz , BC-PV 1, 1996, p. 225-235.
1964: A cividade de Terroso, BC-PV, 2, 1964, p. 307-322 (Prefácio e recolha de textos).

González — 1966: GONZÁLEZ, J.M.- Catalogación de los castros asturianos, *Archivum*, 16, 1966, p. 255-291.
1973: Castros asturianos del sector lucense y otros no catalogados, CEG, 28 (85), 1973, p. 143-152.
1978: *Asturias protohistórica.* Oviedo, 1978 (Historia de Asturias, 2).

González J. — 1989: GONZÁLEZ, J.- *Corpus de Inscripciones latinas de Andalucia*, 1. *Huelva.* Sevilla, 1989.

González-Manzanares — 1959: GONZÁLEZ, J.M.; MANZANARES RODRÍGUEZ, J.- Arracada de oro procedente de un castro de Berducedo (Asturias), AEA 32 (99-100) 1959, p. 115-120.

González Echegaray — 1966: CONZÁLEZ ECHEGARAY, J.- *Los Cántabros.* Madrid 1966.

González Prats — 1976-78: GONZÁLEZ PRATS, A.- El tesorillo de tipo orientalizante de la Sierra de Crevillente, *Ampurias*, 38-40, 1976-78, p. 349-360.

González Sastre — 1983/84: GONZÁLEZ-TABLES SASTRE, F. J.- Protohistoria de Salamanca: Habitats y cronología, CIUAN, 1983-84, p. 147-149.
1984:Transición a la segunda edad del Hierro, CIEHMN (ponência dactil.).

Gonzalo — 1983: GONZALO, H.A.- La orfebrería durante el Bronce Antiguo en la Península Ibérica, TP, 40, 1983, p. 85-138.

Gorrochategui — 1993: GORROCHATEGUI, J.- Las lenguas de los pueblos paleohispánicos, in Almagro Gorbea 1993b, p. 409-429.
1997: Gallaecia e as lenguas prerromanas de la Península Ibérica, *Gallaecia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, 1.História.* Santago de Compostela, p. 15-49.

Goudineau — 1999: GOUDINEAU, Ch.- Les celtes, les gaulois et l'or d'après les auteurs anciens, in Cauuet 1999, p. 331-336.

Graça — 1982: GRAÇA, A S.- *O poveiro.* Póvoa de Varzim, 1982 (1.ª ed., 1932).

Gracía — 1989: GRACÍA Y ASENSIO, J.J.S.- *La fibula en la Hispania Antigua: las fibulas protohistoricas del Suroeste Peninsular.* Madrid, 1989.

Gras — 1972: GRAS, M.- À propos de la «bataille d'Alalia», *Latomus*, 31 (3), 1972, p. 698-713.

Grácio — 1985: GRÁCIO, J.- *Monografia de Sanfins do Douro.* Alijó, 1985.

Gromicho — 1952: GROMICHO, A.B.- O gorjal de Évora, *A Cidade de Évora*, 9 (27-28), 1952, p. 135-138.

Grosse — 1947: GROSSE, R. - *Las fuentes de la época visigoda y bizantina.* Barcelona, 1947 (FHA, 9).
1959: *Las fuentes desde Cesar hasta el siglo V de J. C.*. Barcelona, 1959 (FHA, 8).
1972: Zoelae, RE, 2.ª Série, Xa, 1972, col. 709-710.

Grünhagen — 1961: GRÜNHAGEN, W.- Crónica del VI CAN, VI CAN, 1961, p. 214-216.

Guadán — 1969: GUADÁN, A.M.- *Numismática ibérica e iberoromana.* Madrid, 1969 (Bibliotheca Archaeologica, 6).
1979: *Las armas en la moneda ibérica.* Madrid, 1979.

Guerra A. — 1995: GUERRA, A.- *Plínio-o-Velho e a Lusitânia.* Lisboa, 1995.
1998: *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular.* Lisboa, 2 vol. (diss. doutoramento, policop.).
2002: Teónimos paleohispânicos e antroponímia, MNA 2002, p. 63-65.

Guerra L.F. — 1882: GUERRA, L.F.- A estátua callaica de Vianna, *Pero Gallego*, 1 (15), 1882, p. 3-4= RSNS, 4, 1896, p. 291-294.
1900a: Limia ou Brutobriga, AP, 5, 1900, p. 2-7.
1900b: Vestígios romanos no concelho de Viana do Castelo, AP, 5, 1900, p. 175-177.
1909: O Crasto de Areosa, AP, 14, 1909, p. 59-60.
1982: *Noticias históricas do concelho e vila de Boticas.* Boticas, 1982 (1.ª ed., Viana do Castelo, 1911).

Guia — 1983: GUIA, A.B.- *Os oito concelhos de Moimenta da Beira, 1*. Viseu, 1983.

Guilaine — 1972: GUILAINE, J. (dir.)- *L'Âge du Bronze en Languedoc occidental*. Roussillon, Ariège, Paris, 1972 (La Préhistoire française, 2), Paris, 1976.

Guimarães — 1970: GUIMARÃES, J.S.- O Picoto de Santo Amaro (Guimarães), RG, 80 (1-2), 1970, p. 141-150; 80 (3-4), 1970, p. 381-386.
1971: O Picoto de Santo Amaro (Guimarães), II CNA, 2, 1971, p. 436-470.

Guimarães G. — 1993: GUIMARÃES, J.A.G.- *Gaia e Vila Nova na Idade Média. Arqueologia numa área ribeirinha*. Porto, 1993 (diss.mestrado, policop.).

Guimarães O. — 1907: GUIMARÃES, O.- Catálogo do Museu Archeológico, RG, 24 (2), 1907, p. 79-86.

Guitian Ojea — 1977: GUITIAN OJEA, F.- *Estado actual de los conocimientos sobre el medio natural gallego*. 1977 (Cuadernos del Seminario de Estudios de Sargadelos, 19).

Gundel — 1970: GUNDEL, H.G.- Probleme der Römischen Kampfführang gegen Viriatus, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 111-130.

Gutkind — 1964: GUTKIND, E.- *Urban development in Southern Europe, Spain and Portugal*. New York, 1964 (International History of City Development, 3).

Hackens-Hinckes — 1983: HACKENS, T.; WINKES, R.- *Gold Jewlery. Craft, style and meaning from Micenae to Constantinopolis*. Louvain-La-Neuve, 1983.

Haggett — 1976: HAGGETT, P.- *Análisis locacional en la geografía humana*. Barcelona, 1976.

Harbison — 1967/68: HARBISON, P.- Castros with «pedras fincadas» in Trás-os-Montes, TAE, 20 (3-4), 1967-68, p. 385-389.
1968: Castros with «chevaux-de-frise» in Spain and Portugal, MM, 9, 1968, p. 116-147.
1969: El Castro de Vivinera (Zamora) y sus piedras hincadas, *Zephyrus*, 19-20, 1969, p. 57-60.
1971: Wooden and stone «chevaux de frise» in central and western Europe, PPS, 37 (1), 1971, p. 195-225.
1979: Celtic migrations in western Europe, II CLCPPI, 1979, p. 225-235.

Harden — 1968: HARDEN, D.- *Os fenícios*. Lisboa, 1968.
1981: *Catalogue of Greek and Roman glass in the British Museum, 1. Core and rod-formed vessels*. London, 1981.

Härke — 1979: HÄRKE, H.G.H. - *Settlement types and settlement paterns in the West Hallstatt Province*. Oxford, 1979 (BAR, 57).

Harmand — 1970: HARMAND J.- *Les Celtes au Second Âge du Fer*. Paris, 1970.

Harris-Young — 1979: HARRIS, O.; YOUNG, K.- *Antropología y feminismo*. Barcelona, 1979 (comp.).

Harrison — 1977: HARRISON, J.R.- *The bell-beaker cultures of Spain and Portugal*. Cambridge-Massachussets, 1977 (American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harward University, 35).

Hartmann — 1970: HARTMANN, A.- *Prähistoriche Goldfunde aus Europa*. Berlin, 1970 (Studien zu den Anfängen der Metallurgie, 3).
1971: Análises de alguns objectos pré-históricos de ouro, procedentes do Norte de Portugal, RG, 81 (1-2), 1971, p. 129-138.
1985: Die Bronze- und Goldfunde aus dem Füstengrab von Hochdorf, in Planck *et alii* 1985, p. 131-161.

Hartmann-Kalb — 1969: HARTMANN, A.; KALB, Ph.- Investigaciones espectro-analíticas sobre hallazgos hispánicos de oro, APL, 12, 1969, p. 93-98.

Hauschild — 1968: HAUSCHILD, Th.- Munigua. Die Dopelgeschussige Halle und die Ädikula im Forumgebiet, MM, 9, 1968, p. 263-288.

Hawkes — 1952: HAWKES, C.F.C.- Las relaciones atlánticas en el Bronce Final, entre la Península Ibérica y las Islas Británicas con respecto a Francia y la Europa Central y Mediterránea, *Ampurias*, 14, 1952, p. 81-119.
1958: Escavações no Castro de Sabroso (Abril de 1958), RG, 68 (3-4), 1958, p. 446-453.
1971a: North-western castros: excavation, archaelogy and history, II CNA, 1, 1971, p. 283-286.
1971b: The Sintra gold collar, BMQ, 35, 1971, p. 38-49.
1984: The castro culture of the peninsular North-West: fact and inference, *Papers in Iberian Archaeology*, 1984, p. 187-190 (BAR-IS, 193 (1)).

Hawkes-Hull

1947: HAWKES, C.F.C.; HULL, H.R.- *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939.* Oxford, 1947.

Hedges *et alii*

1990: HEDGES, R.E.M.; HOUSLEY, C.R.; BRONK, C.R.; VAN KLINKEN, G.J.- Radiocarbon dates from the Oxford AMS system: Archaeometry datelist 11, Oxford, 1990, p. 211-237, *Archaeometry*, 32 (2).

Heleno

1935: HELENO, M.- Jóias pré-romanas, *Ethnos*, 1, 1935, p. 229-257.
1942: Gruta artificial de Ermegeira, *Ethnos*, 2, 1942, p. 449-459.

Heleno-Lambrino

1952: HELENO, M.; LAMBRINO, S. - L. Fulcinius Trio, premier gouvemeur de la Lusitanie sur une tabula patronatus, CRAI, 1952, p. 472-476.

Hencken

1955-56: HENCKEN, H.- Fragmentos de cascos de Huelva, *Ampurias*, 17-18, 1955-56, p. 224-228.
1971:*The earliest european helmets. Bronze Age and early Iron Age.* Cambridge-Massachussets, 1971.

Hernández

1982: HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F.- La escultura zoomorfa del Occidente peninsular, TP, 39, 1982, p 211-239.

Herculano

1986: HERCULANO, A.- História de Portugal, 1. Circulo de Leitores, Lisboa, 1986 (1.ª ed.)

Heurgon

1969: HEURGON, J. - *Rome et la Méditerranée occidentale jusqu'aux guerres puniques.* Paris, 1969.

Hidalgo

1983: HIDALGO CUÑARRO, J.M. - *Excavaciones arqueológicas en el Castro de Vigo.* Vigo, 1983.
1984: El Castro de Vigo y el comercio atlántico romano en el Noroeste peninsular, RG, 94, 1984, p. 371-387.
1985a: *Castro de Vigo. Campaña 1983.* Santiago de Compostela, 1985 (Arqueoloxia/Memorias, 1).
1985b: *Castro de Troña, Ponteareas - Pontevedra. Campaña 1983.* Santiago de Compostela, 1985 (Arqueoloxia/Memorias, 3).
1986-87: Una fecha de C-14 del Castro de Troña (Ponteareas, Pontevedra), *Zephyrus*, 39-40, 1986-87, p. 485-489.
1988-89: Excavaciones arqueológicas en castro de Troña (Ponteareas-Pontevedra), CEG 37, 1988-89, p. 31-39.
1996: *A cultura castrexa galega a debate.* Tui, 1996.
1997: *A cultura castrexa.* Vigo, 1997 (1.ª ed., 1993).

Hidalgo-Costas

1978: HIDALGO CUÑARRO, J.M.; COSTAS GOBERNA, F.J.- Importantes hallazgos en el castro «A Cidade» de Caneiro (Fozara, Ponteareas), MP, 32, 1978, p. 61-63.
1980: *Prospecciones arqueológicas en los Valles del Tea, Alvedosa y Minor.* Vigo, 1980.

Hidalgo-Rodríguez

1987: HIDALGO CUÑARRO, J.M.; RODRÍGUEZ PUENTES, E.- *Castro de Fozara. Campaña 1984.* Santiago de Compostela, 1987 (Arqueoloxia/Memorias, 9).
1988: Dos modelos de habitat castreño: Castro de Troña y Castro de Fozara, TAE 28 (3-4), 1988, p. 133-134.

Hipólito

1960-61: HIPÓLITO, M.C.- Dos tesouros de moedas romanas encontradas em Portugal, *Conimbriga*, 2-3, 1960-61, p. 1-165.
1983: As moedas gregas da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia), *Arqueologia*, 8, 1983, p. 75-82.

Höck

1978: HÖCK, M.- Grabung auf dem Cabeço de São Juzenda (Mirandela). Ein Beitrag zur Chronologie der Castros in Nord Portugal, MM, 19, 1978, p. 139-151.
1980: Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (concelho de Mirandela), SANP, 2, 1980, p. 55-70.
1984: Acerca dos elementos arquitectónicos decorados de castros do Noroeste peninsular, RG, 94, 1984, p. 389-402.
1986: *Studien zur sogenannten Castro-Kultur in Nord Portugal.* Marburg, 1986 (diss. doutoramento, policop.).
2002: *Die Lusitanischen Kriegerstatuen in NordPortugal / Katalog, Das Rätsel der Kelten vom Glauberg.* Stuttgart, 2002, p. 229-231, 327.
2003: Os "guerreiros galaico-lusitanos" na história da investigação, a sua datação e interpretação. "Cultura castreja " e "Celtas", MM, 44, 2003, p. 50-66.

Höck-Coelho

1972: HÖCK, M.; COELHO, L.- Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu do Abade de Baçal em Bragança, AP, Série III, 6, 1972, p. 219-250.

Hodder

1977: HODDER, I.- Some new directions in the spatial analysis of archaeologial data at the regional scale (macro), in Clarke 1977, p. 223-351.
1987: Converging Traditions: The search for symbolic meanings in archaelogy and geography. *Landscape and culture: Geographical and archaeological perspectives.* New York, 1987, p. 134-145.

Hodder-Orton

1988: HODDER, I.; ORTON, C.- *Análisis espacial en Arqueología.* Barcelona, 1988 (ed. original inglesa, 1976).

Hodges

1987: HODGES, R. (coord.)- Spatial models, anthropology and archaeology. *Landscape and culture. Geographical and archaeological perspectives*. New York, 1987.

Hogg

1975: HOGG, K.H.A.- *Hill-forts of Britain*. London, 1975.

Holder

1903/1925: HOLDER, A.- *Altceltischer Spraschschatz*. Leipzig, 1903-1925.

Hoz

1983: HOZ, J.- Las lenguas y la epigrafía prerromanas de La Península Ibérica, *Unidad y Pluralidad, Actas del VI Congreso Español de Estudios Clásicos*, 1-2. Madrid, 1983, p. 351-396.
1986: La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania, *Primeiras Jornadas sobre Manifestaciones Religiosas en la Lusitania*. Cáceres, 1986, p. 31-49.
1988: Hispano-celtic and Celtiberian, *Proceedings of the first North American Congress of Celtic Studies*, Ottawa, 1988, p. 191-207.
1992: The celts of the Iberian Peninsula, *Zeitschaft für Celtische Philologie*, Tubingen, 1992 (Band 45).
1993: Testimonios linguísticos relativos al problema céltico en la Península Ibérica, in Almagro-Gorbea 1993b, p. 357-407.
1994: Castellum Aviliobris. Los celtas en el extremo Occidente Continental, *Indogermanica et Caucasica* (Fetschrift K.H.Schmidt), Berlin-New York, 1994, p. 347-362.
1997: Lingua e etnicidade na Galicia antiga, *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, 1*, Santiago de Compostela, 1997, p. 101-140.

Hoz-Fernández

2002: HOZ BRAVO, J.; FERNÁNDEZ PALACIOS, F.- Band-, MNA 2002, p. 45-52.

Hoz-Michelena

1974: HOZ, J.; MICHELENA, L.- *La inscripción celtibérica de Botorrita*. Salamanca, 1974.

Hubert

1932: HUBERT, H.- *Les Celtes*. Paris, 1932, 2 vol. (reed. 1974).

Hübner

1869-92: HÜBNER, E.- *Corpus Inscriptionum Latinarum, II*. Berlin, 1869. *Supplementum*, Berlin, 1892 (= CIL).
1871: *Notícias archeologicas de Portugal*. Lisboa, 1871.
1879: Citânea, *Archeologia Artística*, 1 (5), 1879, p. 19.
1880: Citânia, Altherthümer in Portugal, *Hermeszeitschrift für Classische Philologie*, Berlin, 1880.
1893: *Monumenta linguae ibericae*. Berlin, 1893.
1894: Amphilochi, RE, I2, 1894, col. 1937-1938.
1895: Aquiflavienses, RE, II1, 1895, col. 300.
1897a: Bibafi, RE, III1, 1897, col. 390.
1897b: Bracari, RE, III1, 1897, col. 802.
1897c: Callaeci, RE, III1, 1897, col. 1356-1359.
1899: Citânia, RE, III1, 1899, col. 2607.
1899-1903: Additamenta nova ad corporis vol. II: EE, 8, 1899;EE, 9, 1.a parte, 1903.
1900: Coelerni, RE, IV1, 1900, col. 184.
1907: Equaesi, RE, VI, 1907, col. 266.
1912: Grovii, RE, VII2, 1912, col. 1897.

Hubschmid

1960: HUBSCHMID, J.- Toponimia prerromana, *Enciclopedia Lingüística Hispánica, 1*, 1960, p. 447-493.

Humboldt

1990: HUMBOLDT, W..- *Los primitivos habitantes de España*. Madrid, 1990 (1.ª ed., 1821).

Huyghe

1957: HUYGHE, R.- *L'art et l'homme*. Paris, 1957, 3 vols.

Hundt

1953: HUNDT, H.J.- Über Tüllenhaken und-gabeln, *Germania*, 31 (3-4), 1953, p. 145-155.

Hurtado

1977: HURTADO, R.- *Corpus provincial de inscripciones latinas: Cáceres*. Cáceres, 1977 (= CPC).

Iglesias Gil

1974: IGLESIAS GIL, J.M.- *Onomástica prerromana en la epigrafía cántabra*. Santander, 1974.
1976: *Epigrafía cántabra. Estereometría, decoración, onomástica*. Santander, 1976.

Jacobsthal

1944: JACOBSTHAL, P.- *Early celtic art*. Oxford, 1944 (2.ª ed., 1969).

Jalhay

1927: JALHAY, E.- Um nuevo castro gallego (Oya, Pontevedra), BCMOrense, 8 (173), 1927, p. 32-41.
1931: O tesouro de Álamo (Moura, Alentejo), *Brotéria*, 12 (1), 1931, p. 31-44.
1932-34: Alguns cossoiros notáveis do «Castêlo» de Tendais, RA, 1, 1932-34, p. 257-261.
1944: A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira). Escavações 1.ª campanha -1944, *Brotéria*, 39 (5), 1944, p. 414-435.
1947: Uma notável gravura rupestre da Citânia de Sanfins, *Brotéria*, 44 (5), 1947, p. 554-563.
1949a: Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa), *Brotéria*, 48, 1949, p. 226-236.
1949b: Un umbral de puerta zoomórfica de la Citânia de Sanfins, IV CASE, p. 300-303.
1950a: Nova marca de oleiro na Citânia de Sanfins, *Zephyrus*, 1, 1950, p. 29-31.
1950b: Uma jóia de ouro na Citânia de Sanfins, *Brotéria*, 50 (1), 1950, p. 38-49.
1951: Um tipo curioso de escada na Citânia de Sanfins, BAP, 1, 1951, p. 5-9.

Jalhay-Paço — 1948: JALHAY, E.; PAÇO, A.- A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 2.ª, 3.ª e 4.ª campanhas, *Brotéria*, 46 (6), 1948, p. 699-717.

Jato-Varela — 1972: JATO RODRÍGUEZ, V; VÁZQUEZ VARELA, J.M.- Correlación entre los dados palinológicos y los hallazgos prehistóricos en Galicia, *Compostellanum*, 17 (1-4), 1972.

Jiménez — 1994: JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A.- *Castellum* como poblado secundario fortificado en Hispania, *III Congreso Peninsular de Astoria Antiqua (Vitoria, 1994)*, Preactas, 2, p. 573-584.

Jimeno — 2001: JIMENO MARTÍNEZ, A.- Numancia, in Martín Almagro 2001, p. 238-248.

Jöckenhövel — 1974: JÖCKENHÖVEL, A.- Fleischhaken von der Britischen Inseln, ARCHK, 4, 1974, p. 329-338.

Joffroy — 1964: JOFFROY, R.- Les fibules zoomorphes du tipe au lion, *Ogam*, 16, 1964, p. 7-14.

Johnston — 1977: JOHNSTON, R H.- The development of the potter wheel: An analitical and synthesizing study, in Lechtman-Merril 1977, p. 169-208.

Jordá Cerdá — 1969: JORDÁ CERDÁ, F.- *Guia del Castrillón de Coaña*. Salamanca, 1969.

Jorge S.O. — 1980: JORGE, S.O.- A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugalia*, Nova Série, 1, 1980, p. 29-50.
1981: Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 3, 1981, p. 67-76.
1983-84: Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o II e I milénios a.C., CIUAN, 1983-84, p. 97-109.
1983: Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 8, 1983, p. 55-56.
1985a: Datas de carbono 14 para a Pré-história recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas, *Arqueologia*, 12, 1985, p. 154-183.
1985b: Chaves. Povoado pré-histórico da Pastoria -1982 e 1983, IA, 5, 1985, p. 140.
1985c:Chaves. Povoado pré-histórico da Vinha da Soutilha -1982 e 1983, IA, 5, 1985, p. 140.
1986: *Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar*. Porto, 1986 (diss. doutoramento).
1988: *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Porto, 1988 (Monografias Arqueológicas, 2).
1990: Pré-História, IV. Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia, *Nova História de Portugal*, 1., 1990, Lisboa, Presença, p. 163-251.
1995: (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa, 1995 (= MNA 1995).
1998: *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa, 1998 (TA, 10).

Jorge S. O.-Soeiro — 1981-82: JORGE, S.O.; SOEIRO, T.- Escavações arqueológicas na Vinha da Soutilha (Mairos, 1981), *Portugalia*, Nova Série, 2-3, 1981-82, p. 9-26.

Jorge S. O.-Sousa — 1980: JORGE, S.O.; SOUSA- Resultados preliminares de uma sondagem arqueológica da Chã do Castro (Amares, Braga), SANP, 1, 1980, p. 121-131.

Jorge V.O. — 1977: JORGE, V.O.- Menhirs du Portugal. L'Architecture mégalithique, *Colloque de 150º anniversaire de la Societé Poymathique du Mourbihan*, Vannes, 1977, p. 99-124.
1982a: *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto - os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Porto, 1982 (diss. doutoramento, dact.).
1982b: Le mégalithisme du Nord du Portugal: un premier bilan, BSPF, 79 (1), 1982, p. 15-22.
1985: Les monuments mégalithiques du Nord du Portugal, *Groupe Vendéen d'Études Préhistoriques*, 14, 1985, p. 1538.
1990: *Arqueologia em construção. Ensaios*. Lisboa, 1990, p. 197-249.
2003: (coord.) – *Arquitectando espaços: Da natureza à metapolis*. Porto/Coimbra, 2003.

Jorge V.O.-Jorge S.O. — 1983: JORGE, V.O.; JORGE S.O.- Nótula preliminar sobre uma estátua-menir do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 7, 1983, p. 44-47.
1990: Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal, RFLUP- História, 2.ª Série, 7, 1990, p. 299-313.

Jorge V.O. *et alii* — 1980: JORGE, V.O. *et alii*- Novas fossas abertas no saibro da área da Serra da Aboreira (concelhos de Baião e Marco de Canaveses), TGEAP, 5, 1980.

Junghans *et alii* — 1960: JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E.; SCHRÖDER, M.- *Metallanalysen kupferzeitlicher und frühbronzezeirlicher Bodenfunde aus Europa*. Berlin, 1960 (Studien zu den Anfingen der Metallurgie, 1).
1968: *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas*. Berlin, 1968 (Studien zu den Anfängen der Metallurgie, 2).

Kalb

1974-77: KALB, Ph.- Uma data C14 para o Bronze Alântico, AP, Série III, 7-9, 1974-77, p. 141-144.
1976: Ledermesser der Atlantischen Bronzezeit in Portugal, ARCHK, 6, 1976, p. 201-205.
1978: Senhora da Guia, Baiões, Die Ausgrabüng auf einer Hohensiedlung der Atlantischen Bronzezeit, MM, 19, 1978, p. 112-138.
1979:Contribución para el estudio del Bronce Atlântico: excavaciones en el Castro «Senhora da Guia» de Baiões (concelho de S. Pedro do Sul), XV CAN, p. 581-585.
1980a: Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58, 1980, p. 25-115.
1980b: O «Bronze Atlântico» em Portugal, SANP, 1, 1980, p. 113-120 (14 mapas fora do texto).
1990-92: As xorcas de ouro do Castro Senhora da Guia, Baiões, AP, série IV, 8-10, 1990-92, p. 259-276.
1997: As xorcas de ouro do Castro da Senhora da Guia, Baiões-Aspectos cronológicos, *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, 1997, p. 17-26.

Kalb-Höck

1979: KALB, Ph.; Höck, M.- Escavações na necrópole de mamoas da «Fonte de Malga», *Beira Alta*, 38 (3), 1979, p. 593-604.
1980: Ausgrabungen in der Grabbügeinekropole Fonte de Malga (Viseu, Portugal), MM, 20, 1980, p. 43-55.

Karageorghis

1964: KARAGEORGHIS, V.- *Excavations in the necropolis of Idalion-1963, Report of the Department of Antiquities*. Cyprus, 1964.

Kimmig

1954: KIMMIG, W.- *Zur Urnenfelder Kultur in Südwesteuropa*. Stuttgart, 1954, p. 41-98 (Festschrift für Peter Goessler).

Koch

2003: KOCH, M. – Die Lusitanisch-Galläkischen Kriegerstatuen in ihrem Literarisch-Epigraphischen Zusammenhang, MM, 44, 2003, p. 67-86.

Kolb F.

1992: KOLB, F.- *La ciudad en la Antigüedad*. Madrid, 1992.

Krahe

1956: KRAHE, H.- *Die Sprache der Illyrier, 1*. Wiesbaden, 1956.

Kromer

1983: KROMER, K. - Gift exchange and the Hallstatt courts, *Institute of Archaelogy Bulletin*, 19, 1983, p. 21-30.

Kossack

1954: KOSSACK, G. - *Studien zum simbolgut der Urnenfelder und Hallstattzeit Mitte Europas*. 1954, p. 40-43 (Römisch-Germanische Forschungen, 20).

Kruta

1977: KRUTA, V.- *Los Celtas*. Madrid, 1977.
1978: *Les Celtes*. Fribourg-Paris, 1978.
1981: (dir.)- *L'Âge du Fer en France septentrionale*. Reims, 1981 (Mémoires de la Société Archéologique Champenoise, 2, Sup. n.° 1).
1999: La formation de l'Europe Celtique: État de la question, SMS, 1, 1999, p. 51-88.
2000: *Les Celtes. Histoire et dictionnaire*. Paris, 2000.

Labasse

1971: LABASSE, J.- *L'organisation de l'espace. Eléments de géographie voluntaire*. Paris, 1971 (1.ª ed., 1966).

Lacroix

2003: LACROIX, J. – *Les noms d'origine gauloise*. Paris, 2003.

Ladra

1997-98: LADRA, L.- Ouros no desterro: notas encol de dous conxuntos inéditos de ourivesaria castrexa actualmente depositados no M.A.N., *Boletín do Museo Provincial de Lugo* (1), 1997-98, p. 45-78.
1999: Análisis ponderal de los torques castreños, *Complutum*, 10, 1999, p. 143-156.
2000: Estudo ponderal preliminar dos torques áureos castrejos, SMS, 2, 2000, p. 587-602.
2001: Os torques de prata da Cividade de Bagunte, EP, 9, 2001, p. 111-122.
2002: *Ourivesaria, arqueologia e paleoetnologia: A distribuição territorial dos torques áureos da Idade de Ferro do Noroeste Peninsular e as suas relações com as unidades étnicas castrejas*. Porto, 2002 (diss. mestrado, policop.).
2003: Sobre um novo torques recentemente adquirido polo Museo Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón, *Brigantium*, 14, 2003, p. 109-115.

Lafuente

1949: LAFUENTE VIDAL, J.- Traducción del poema de Avieno «Ora Maritima» y localización de sus citas geográficas, *Estudios Geográficos*, 34-35, 1949, p. 5-32, 209-250.

Lahovary

1957: LAHOVARY, N. – *La diffusion des langues anciennes du Proche-Orient*. Switzerland, 1957.

Lambert

1997: LAMBERT, P.-Y. – *La langue gauloise*. Paris, 1997.

Lamboglia

1952: LAMBOGLIA, N.- Per una classificazione preliminare de la ceramica campana, *I Congresso Internazionale di Studi Liguri*. Bordighera, 1952, p. 139-206.
1964: Il primo saggio di scavo sulla nave romana di Albenga, RSL, 30 (1-4), 1964, p. 219-228.

Lambrino

1951: LAMBRINO, S.- Fulcinius Trio gouverneur de Lusitanie, sur une tabula patronatus de Juromenha, AP, Nova Série, I, 1951, p. 151-161.

1953: Les divinités orientales en Lusitanie et le sanctuaire de Panóias, BEP, 17, 1953, p. 93-129.
1956: Les Celtes dans la Péninsule Ibérique selon Avienus, BEP, 19, 1956, p. 5-33.
1957: La déesse celtique Trebaruna, BEP, 20, 1957, p. 87-109.
1958: Sur quelques noms de peuples en Lusitaine, BEP, 21, 1958, p. 83-96.
1959-60: Le nom Aefus et la cité d'Avobriga en Lusitanie, BEP, 24, 1959-60, p. 5-20.
1963-64: Sur certaines divinités du N.W. de la Péninsule Ibérique, AB, 20-21, 1963-64, p. 125-130.
1965: Les cultes indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrien, *Colloque sur las Empereurs Romains d'Espagne*. Paris, 1965, p. 223-242.

Lancel — 1983: LANCEL, S.- Ivoires phénico-puniques de la nécropole archaique de Byrsa, à Carthage, I CISFP, 3, p. 687-692.

Lanhas-Brandão — 1965-67-69: LANHAS, F.; BRANDÃO, D.P.- Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico, REtn., 6 (2), 1965, p. 275-324; 8 (1), 1967, p. 5-74; 12 (2), 1969, p. 295-344.

Lasserre — 1966-69: LASSERRE, F.- *Strabon, Géographie*. Paris, 1966 (2), 1969 (1).

Latouche — 1993: LATOUCHE, J.- The lost city of Citânia, *Boletim da Sociedade Martins Sarmento*, 2.ª Série, 13, Guimarães, 1993, p. 6-8 (trad.).

Lautensach — 1967: LAUTENSACH, H - *Geografía de España y Portugal* . Barcelona, 1967.

Leal A.J.C. — 1992: LEAL, A.J.C.- *Roteiro arqueológico de Viana de Castelo*. Viana do Castelo, 1992.

Leal-Ferreira — 1873/ 90: LEAL, A.P.; FERREIRA, A.- *Portugal antigo e moderno*. Lisboa, 1873-90, 12 vol.

Lebel — 1962: LEBEL, P.- Quelques réflexions sur sur des noms de lieux gaulois, *Latomus*, 58, 1962, p. 966-973 (*Hommage à Albert Grenier*).

Le Brun — 1984: LE BRUN, P.- *Paléométallurgie de la France atlantique. Âge du Bronze (1)*. Rennes, 1984.
1987: *Princes et princesses de la Celtique*. Paris, 1987.
1998: Le complexe culturel atlantique: Entre le cristal et la fumeé, in Jorge S.O. 1998, p. 40-51.
1999: La genèse de l'État: Les apports de l'archeológie, in Ruby 1999, p. 31-42.
2002: El torques en Europa, MAN 2002, p. 47-58.

Lechtman-Merril — 1977: LECHTMAN, H.; MERRIL, R.- *Proceedings of the American Ethnological Society 1975*. New York, 1977 (Material culture, 8).

Leclerc-Tarrête — 1988: LECLERC, J.; TARRETE, J.- vb. Culture / Ethnie in A.Leroi Gourhan, *Dicctionnaire de la Prehistoire*, Paris, 1988, p. 280, 369.

Lecouteux — 1978: LECOUTEUX, C.- La structure des légendes mélusiniennes, *Annales*, 33, Paris, 1978, p. 249-306.
1982: *Mélusine et le chevalier au cygne*. Paris, 1982.

Leite — 1956: LEITE, F.B.B.- O concelho de Penalva do Castelo, *Beira Alta*, 15 (1), 1956, p. 29-70.

Lejeune — 1955: LEUJEUNE, M.- *Celtiberica*. Salamanca, 1955.

Lema — 1978: LEMA, P.B.- *Tourém. Uma aldeia raiana do Barroso*. Lisboa, 1978.

Lemos — 1989: LEMOS, F.S.- A destruição da cividade de Belinho-Esposende, *Forum*, 5, 1989, p. 116-117.
1993: *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga, 1993 (diss. doutoramento, policop.).
1996: Povoamento, espaço e gentilitates no 1.º milénio a.C. no Nordeste Transmontano, MNA 1996, p. 147-153.

Lemos *et alii* — 2003: LEMOS, F.S.; LEITE, J.M.F.; BETTENCOURT, A.M.S.; AZEVEDO, M. – O balneário pré-romano de Braga, *Al-madan*, II Série, 12, 2003, p. 43-46.

Lemos-Encarnação — 1991: LEMOS F.S.; ENCARNAÇÃO, J.- Uma ara votiva romana identificada na Capela da Senhora da Ribeira, *Brigantia*, 11 (3-4), 1991, 121ss.
1992: Ara dedicada a Bandu Vordeaeco, FE 179, 1992.

Lerat — 1956: LERAT, L.- *Catalogue des collections archéologiques de Besançon, 2 – Les fibules galo-romaines, Annales littéraires de l'Université de Besançon* . Paris, 1956 (Archéologie, 3).

Le Roux — 1975: LE ROUX, P.- Aux origines de Braga (Bracara Augusta), BA, 29 (67-68), 1975, p. 155-159.
1980: Les auxilia romains recrutés chez les Bracari et l'organisation politique du Nord-Ouest Hispanique, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, 1980, p. 43-83.

1982: *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 400*. Paris, 1982 (Publications du Centre Pierre Paris, 8).
1994: Les campagnes de Lusitanie romaine: Occupation du sol et habitats, *Table ronde internationale*, Salamanca, 1994, p. 151-160.
1999: La ville romaine en Hispanie, *Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no norte da Península Ibérica (Mesa redonda Freixo-Marco de Canavezes)*. Porto, 1999, p. 233-250.

Le Roux-Tranoy

1973a: LE ROUX, P.; TRANOY, A.- Rome et les indigènes dans le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'histoire, MCV, 9, 1973, p. 177-231.
1973b: Notes d'épigraphie romaine de Galice, CEG, 28 (85), 1973, p. 221-234.
1974: Contribution à l'étude des régions rurales du N.O. hispanique au Haut-Empire: deux inscriptions de Penafiel, III CNA, 1974, p 249-258.
1975: Problèmes épigraphiques de la province de Orense, BAur, 5, 1975, p. 271-279.
1979: Nouveau témoignane du culte de Júpiter dans le conventus Bracarus, *Minia*, 2.ª série, 2(3), Braga, 1979, p. 57-60.
1983-84: Villes et fonctions urbaines dans le Nord-Ouest hispanique sous domination romaine, CIUAN, 1983-84, p. 199-207.
1984a: ↄ Le mot et la chose. Contribution au débat historiographique, *Lucerna*, 1984, p. 239-255.
1984b: L'épigraphie du Nord du Portugal: Bilan et perspectives, *Conimbriga*, 23, 1984, p. 21-41.
1992-93: Vicus et castellum en Lusitanie sous l'empire. SHHA, 10-11, 1992-1993, p. 151-160.
1994: Cultes indigénes et religion romaine en Hispanie sous l' empire, *L' Afrique, Le gaule, la religion, l' époque romaine (Mélanges M. Le Glay)*. Bruxelles, 1994, p. 560-567.

Lévi-Strauss

1981: LÉVI-STRAUSS, C.- *Las estructuras elementales del parentesco*. Barcelona-Buenos Aires, 1981.

Lewis-Jones

1970: LEWIS, P.R.; JONES, G.D.B.- Roman gold-mining in North-West Spain, JRS, 60, 1970, p. 169-185.

Lilliù

1972: LILLIÙ, G.- La civiltà dei Sardi dal Neolitico all'etá dei Nuraghi, Torino, 1972 (1.ª ed, 1963) (*Letterature e Civiltà*, 14).
1973: Tripode bronzeo di tradizione cipriota dalla grota Pirosu-su Benatzu di Santandi (Cagliari), *Estudios dedicados al Prof. Dr. Luis Pericot*. Barcelona, 1973, p. 283-313 (Publicaciones eventuales, 23).

Lima

1926-28: LIMA, A.P.- Uma visita a S. Miguel-o-Anjo, TAE, 3, 1926-28, p. 289-298.
1956: O lugar da Torre, BC-CST, 4 (3), 1956, p. 222-223.

Linckenheld

1929: LINCKENHELD, E.- Sucellus et Nantosuelta, RHR, 99, 1929, p. 40-92.
1936: Un documento scientífico sobre a Citânia de Briteiros, RG, 46 (3-4) 1936, p 173-183.
1937: Les «pedras formosas» et les stèles-maisons. Une mise au point, RG 47 (1-2), 1937, p. 81-85.

Little

1990: LITTLE, J.M.- *The technology of pottery of production in Northwestern Portugal during the Iron Age*. Braga, 1990 (CA-Monografias, 4).

Llanos

1976: LLANOS, A.- *Poblado protohistórico de «La Hoya» (Laguardia - Álava)*. Vitoria, 1976.

Llanos-Fernández

1968: LLANOS, A.; FERNÁNDEZ DE MEDRANO, D.- Necrópolis de hoyos de incineración en Álava, EAA, 3, 1968, p. 45-72.

Llanos *et alii*

1975: LLANOS, A., APELLÁNIZ, J.M.; AGORRETA, J.A; FARINA, J.- El Castro del Castillo de Henayo (Alegria--Álava). Memoria de Excavaciones. Campañas de 1969-1970, EAA, 8, 1975, p. 87-212.

Lobato

1992-93: LOBATO, M.J.F. – Os machados de bronze da colecção do Museu Municipal Azuaga. Contributo para a paleometalurgia do Bronze no Norte de Portugal, *Portugalia*, Nova série, 13-14, 1992-93, p. 159-172.
1995: Necrópole romana de Guilpilhares, *Portugalia*, Nova Série, 16, 1995, p. 31-110.

Lomas

1975: LOMAS, S. F.J.- *Asturia prerromana y altoimperial*. Sevilla, 1975.
1989: *Asturia prerromana y altoimperial*. Gijón, 1989 (2.ª ed.).
1990: El ordenamiento gentilicio, una realidad de los pueblos del Norte de la Península Ibérica, HA, 14, 1990, p.

Lopes

1993: LOPES, A. B.- *A cerâmica do Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul- Tecnologia e morfotipologias*. Porto, 1993 (diss. mestrado, policop.).
2003: *Proto-história e romanização do Baixo Minho*. Porto, 2003, 2 vol. (diss. doutoramento, policop.).

Lopes *et alii*

1994: LOPES, A.B.; SILVA, A.C.F.; PARENTE, J.R.; CENTENO, R.M.S. - A estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar), *Portugalia*, Nova Série, 15, 1994, p. 147-153.

Lopes E.T.

1998: LOPES, E.T.- *Atei. Memórias até à sua extinção como concelho*. Mondim de Basto, 1998.

Lopes L.S.

1995: LOPES, L.S.- Talábriga: Situação e limites aproximados, *Portugalia*, Nova Série, 16, 1995, p. 331-343.

López Cuevillas

1925-26-28: LÓPEZ CUEVILLAS, F.- A citânia do monte «A Cidade» en San Ciprián das Lás, BRAG, 14, 1925, p. 210-206, 227-232, 250-257, 301-305; 15, 1926, p. 7-13; 17, 1928, p. 1-9, 51-57.
1932a: Los brazaletes posthallstátticos del Noroeste hispánico, AEAA, 22, 1932, p. 225-236.
1932b: Os torques do Noroeste hispánico, ASEG, 4, 1932, p. 37-132.
1933: A área xeográfica da cultura Norte dos castros, HMS, 1933, p. 99-107.
1934a: Estudos sobre a Edad do Ferro no Noroeste peninsular. As fontes literarias, ASEG, 6, 1934, p. 217-367.
1935: O culto das fontes no Noroeste hispánico, TAE, 7, 1935, p. 73-104.
1939-40: Una nueva arrecada posthallstáttica, BCMOrense, 12 (247), 1939-40, p. 141-148.
1946-47: Armería posthallstáttica del Noroeste hispánico, CEG, 2 (8), 1946-47, p. 543-589.
1947a: Particularidades curiosas de algunos castros de la comarca de Lalín, BMArqOrense, 3, 1947, p. 3-8.
1947b: Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal, BCMOrense, 16 (1), 1947, p. 1-12.
1947c: Las cabanas de los castros, AMSEAP, 22, 1947, p. 141-146.
1950a: Las fíbulas castreñas y su significado etnológico, CEG, 5 (15), 1950, p. 5-19.
1950b: Un barrio inédito del castro de Troña, CEG, 5, 1950, p. 258-260.
1951a: La diadema áurea de Ribadeo, CEG, 6 (18), 1951, p. 23-32.
1951b: Esculturas zoomorfas y antropomorfas de la cultura de los castros, CEG, 6 (19), 1951, p. 177-203.
1951c: *Las joyas castreñas*. Madrid, 1951.
1952: La etnología de la cultura castreña, *Zephyrus*, 3, 1952, p. 5-13.
1953a: Castro de Cameixa (Carballiño, Orense). Campaña de 1944, NAH, I (1952), 1953, p 75-81.
1945, idem, p. 82-91.
1953b: La Oestrimnida y sus relaciones marítimas, CEG, 8 (24), 1953, p. 5-44.
1953c: *La civilización céltica en Galicia*. Santiago de Compostela, 1953.
1953d: Cerámicas castrexas de la ciudad y provincia de Lugo, BCMLugo, 5, 1953, p. 253-260.
1954: *La Edad del Hierro en el Noroeste*. Madrid, 1954.
1955a: La «Cidá do Castro» de San Millán, CEG, 10 (30), 1955, p. 138-140.
1955b: El comercio y los medios de transporte de los pueblos castreños, CEG, 10 (31), 1955, p. 145-158.
1955c: Armas de bronce ofrendadas al rio Sil, *Zephyrus*, 6, 1955, p. 233-240.
1956: Os instrumentos de traballo dos castrexos, BRAG, 27, 1956, p. 270-276.
1958a: Una nueva hacha de talón, CEG, 13 (41), 1958, p. 271-272.
1958b: Sobre las relaciones con Bretaña y con Inglaterra, CEG, 13 (41), 1958, p. 263-268.
1958c: Una lanza de bronce, CEG, 13 (41), 1958, p. 297-300.
1958d: Nuevos hallazgos en el Outeiro de Baltar, CEG, 13 (41), 1958, p. 314-320.
1958e: Cerámicas inéditas del Castro de Vigo, CEG, 13 (41), 1958, p. 321-328.
1958f: La hoz de hierro de la «Cidá do Castro» (Cualedro, Orense), CEG, 13 (41), 1958, p. 329-339.

López Cuevillas-Bouza Brey

1929: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; BOUZA BREY, F. - Os Oestrimnios, os Saefes e a ofiolatría en Galicia, ASEG, 2, 1929, p. 29-193.

López Cuevillas-Fráguas

1955: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; FRÁGUAS Y FRÁGUAS, A.- Los castros de la tierra del Saviñao, III CAN, 1955, p. 273-332.
1980: A cultura castrexa, in Otero Pedrayo 1980, p. 211- 537, 595- 651 (addenda).

López Cuevillas-Fernandéz

1946: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; LORENZO FERNÁNDEZ, X.- Las habitaciones de los Castros, CEG, 2 (5), 1946, p. 7-74.
1986: *Castro de Cameixa. Campañas de 1944-46*. Santiago de Compostela, 1986, p. 7-69 (Arqueoloxia/ /Memorias).

López Cuevillas-Pinto R.S.

1933a: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; PINTO, R.S.- Estudos sobre a edad do Ferro no Noroeste da Península. A relixión, ASEG, 6, 1933, p. 1-71.
1933b: Estudos sobre a edad do Ferro no Noroeste da Península. As tribus e a sua constituzón política, ASEG, 6, 1933, p. 263-293.

López Cuevillas- Taboada Chivite

1946: LÓPEZ CUEVILLAS, F.; TABOADA CHIVITE, J.- Una estación galaico-romana en el Outeiro de Baltar, AEA, 19 (63), 1946, p. 117-130.
1953: Noticias sobre la Cidá do Castro, RG, 63 (1-2), 1953, p. 151-157.
1955: Un oppidum de la tribu de los Bibalos, AEA, 28 (91), 1955, p. 69-89.
1958a: Nuevas excavaciones en la «Cidá de Castro» de San Millán, CEG, 13 (41), 1958, p. 301-311.
1958b: El Castro del «Buraco do Mouro», CEG, 13 (41), 1958, p. 312-313.
1958c: Nuevos hallazgos en el Outeiro de Baltar, CEG, 13 (41), 1958, p. 314-320.
1980: Prehistoria - A cultura castrexa, in Otero Pedrayo 1980.

López-García

1982: LÓPEZ DE LA ORDEN; GARCÍA RIVERA, C.- Ánforas púnicas de la Caleta, Cádiz, VI CIAS, 1982, p. 393-397.

López González *et alii*

1999: LÓPEZ GONZÁLEZ, L.F.; ÁLVAREZ GONZÁLEZ, Y.; LÓPEZ MARCOS, M.A.- Excavación en el Castro de Llagú, Latores (Oviedo, 1998). Avance de sus resultados, *Excavaciones Arqueológicas en Asturias*, 4, 1995-98, p. 237-251.

López Monteagudo

1973: LÓPEZ MONTEAGUDO, G.- Cabeza zoomorfa inédita del castro de Santa Tecla, XII CAN, 1973, p. 341-343.
1977: La diadema de San Martin de Oscos, RUC, 26 (109), 1977, p. 99-108, (*Homenaje a García y Bellido*, 3).
1979: Particularidades escultóricas de los verracos, XV CAN, 1979, p. 721-726.
1989: *Esculturas zoomorfas celtas de la Peninsula Ibérica*. Madrid, 1989.

López Sáez *et alii*

2000: LÓPEZ SAEZ, J.A.; LOPÉZ GARCIA, P.; CRUZ, D.J.; CANHA, A.J.- Paleovegetação e impacto humano durante a Pré-história Recente na Região do Alto Paiva: Palinologia do povoado do Bronze Final de Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu), EP, 8, 2000, p. 161-185.
2001: Palaeovegetation and human impact in the Upper Paiva region: Palynology of the Late Bronze Age settlement of Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu, Portugal), *Journal of Iberian Archaeology*, 3, 2001, p. 47-72.
2002-03: LÓPEZ SÁEZ, J.A.; VALINHO, A.; LOUREIRO, S.- Paleovegetação na transição Bronze Final/Idade do Ferro no Alto Paiva: Palinologia do Castro de Vila Cova à Coelheira (Vila Nova de Paiva, Viseu), EP, 10-11, 2002-03, p. 157-173.

López Sousa

2002: LÓPEZ SOUSA, A.- Termalismo antiguo en el Noroeste peninsular. Siglos II a.C.- II d.C., *Gallaecia*, 21, 2002, p. 193-213.

Lopo A.P.

1897a: LOPO, A.P.- O Castelo de Rebordãos, AP, 3, 1897, p. 115-117.
1897b: Duas povoações mortas, AP, 3, 1897, p. 148-149.
1897c: Miranda arqueológica, AP, 3, 1897, p. 212-213.
1897d: A Brigantia, AP, 3, 1897, p. 245-247.
1897-1909: As ruínas da Devesa de Vila Nova, AP, 3, 1897, p. 127-128; 14, 1909, p. 51-55.
1898a: O Castro de Sacoias (Bragança), AP, 4, 1898, p. 47-48.
1898b: As fortificações do Rabal (Bragança), AP, 4, 1898, p. 87-88.
1898c: Cimo de Vila da Castanheira (concelho de Chaves), AP, 4, 1898, p. 312-314.
1898d: Vestígios arqueológicos de Babe, AP, 4, 1898, p. 340-343.
1898-99: Bragança e Benquerença, *Boletim da Sociedade de Geografia*, 3-4, Lisboa, (reed. fac-similada, Lisboa, 1983, p. 45-63, 111).
1899-1900a: O Castro de Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança), AP, 5, 1899-1900, p. 14-16.
1899-1900b: O Castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço, AP, 5, 1899-1900, p. 105-107.
1899-1900c: S. Jusenda, AP, 5, 1899-1900, p. 114-115.
1899-1900d: Gimonde. Ruinas – Um marco miliário, AP, 5, 1899-1900, p. 136-138.
1899-1900e: Picote (Miranda do Douro), AP, 5, 1899-1900, p. 143-145.
1899-1900f: Estevais do Mogadouro, AP, 5, 1899-1900, p. 249-253.
1899-1900g: Torre D. Chama. Ruínas de S. Brás, AP, 5, 1899-1900, p. 279-280.
1899-1900h: Museu Municipal de Bragança, AP, 5, 1989-1900, p. 336-337.
1901: Archeologia bragançana, AP, 6, 1901, p. 146-150.
1902a: Notas e considerações sobre Bragança, AP, 7, 1902, p. 14-17.
1902b: Picote (Miranda do Douro), AP, 7, 1902, p. 54.
1902c: O Alto do Carocedo ou Carrocedo, AP, 7, 1902, p. 70-74.
1902d: O Cerro de Penhas Juntas, AP, 7, 1902, p. 101-102.
1903: Mais duas inscrições inéditas do Castro de Avelãs, AP, 8, 1903, p. 253-255.
1907-08: Antigualhas transmontanas, AP, 12, 1907, p. 307-310; 13, 1908, p. 248-252.
1910a: Notícias arqueológicas e lendárias das margens do Sabor, AP, 15, 1910, p. 317-321.
1910b: Uma jornada arqueológica, AP, 15, 1910, p. 328-333.
1911a: Uma excursão arqueológica a Roios, AP, 16, 1911, p. 48-51.
1911b: Uma estação arqueológica em Mirandela, AP, 16, 1911, p. 96-100.

Lopo J.C.

1895: LOPO, J.C.- Excursão à Torre de D. Chama, AP, 1, 1895, p. 232-237.

Lorenzo Fernández

1943-44: LORENZO FERNÁNDEZ, J.- La arracada posthallstática de Irixo, BCMOrense, 14, 1944, p. 127-136.
1948a: El monumento proto-histórico de Águas Santas y los ritos funerarios de los castros, CEG, 2 (10), 1948, p. 157-211.
1948b: Notas arqueolóxicas do Castro da Cameixa, RG, 58 (3-4), 1948, p. 288-305.
1956: Cerámicas castrexas pintadas, RG, 66 (1-2), 1956, p. 125-138.
1973: Metamorfosis de unha casa castrexa, TAE, 22 (3), 1973, p. 255-259.

Lorenzo Fernández *et alii*

1968: LORENZO FERNÁNDEZ, J.; ORS A. d'; BOUZA BREY, F.- *Inscripriones romanas de Galicia IV. Provincia de Orense*. Santiago de Compostela, 1968 (=IRG IV).

Lorenzo-Bouza

1965: LORENZO FERNANDEZ, J.; BOUZA BREY, F.- Inscripciones romanas votivas de la provincia de Orense, CEG, 20, 1965, p. 127ss.

Lorenzo-Taboada

1962: LORENZO FERNÁNDEZ, J.; TABOADA CHIVITE, J.- Excavaciones arqueológicas en el castro de Cabanca (Castrelo do Val), NAH, 6,1962, p. 129-134.

Lorrio

1997: LORRIO, A.J.- *Los celtíberos*. Alicante, 1997 (Complutum, Extra, 7).

Losada — 1927: LOSADA Y DIÉGUEZ, A.- Excavaciones en Montealegre (Domayo), Provincia de Pontevedra, MJSEA, 90, Madrid, 1927.

Loureiro — 1938: LOUREIRO, J.P.- A antiga terra de Senhorim, moderno concelho de Nelas. Da Pré-história à Idade Moderna, *O Instituto*, 93, 1938, p. 308-344.
1957: *Concelho de Nelas (Subsídios para a história da Beira)*. Nelas, 1957.

Luengo — 1950: LUENGO Y MARTINEZ, J.M.- Excavaciones arqueológicas en el castro y su necrópolis de Meirás (La Coruña), IMCGEA, 23, 1950.
1954-55: Noticia sobre las excavaciones del castro de Elviña (La Coruña), NAH, 3-4, 1954-55, p. 90-101.
1961: Castros leoneses, VI CAN, 1961, p. 102-121.
1964: Machadinha votiva de Cariño (La Coruña), RG, 74 (1-2), 1964, p. 149-157.
1965: La fuente-aliibe del castro céltico de Elviña (La Coruna), *Revista (La Coruña)*, 1, 1965, p. 155-160.
1971: Excavaciones en el castro céltico de Baroña (La Coruña), NAH, 16, 1971, p. 245-264.
1979: El tesoro de Elviña y tres torques coruñeses, TP, 36, 1979, p. 213-246.

Lumley *et alii* — 1976: LUMLEY, H. *et alii*- Le cadre chronologique e paléoclimatique du Postglaciaire, La *Préhistoire française*, 2, 1976, p 3-16.

Lusitanos — 1975: LUSITANOS, C.- Em terras da Lusitânia, *Beira Alta* , 34 (1), 1975, p. 89-106.

Luzón — 1973: LUZÓN NOGUÉ, J.M.- Excavaciones en Italica. Estratigrafía en el Pajar de Artillo. Campaña de 1970, EAE, 78, 1973.
1975: *Antiguidades romanas en la provincia de Huelva*. Madrid, 1975.

Luzón-Ruíz — 1973: LUZÓN NOGUÉ, J.M.; RUÍZ, D.- *Las raíces de Córdoba. Estratigrafía en la Colina de los Quemados*. Córdoba, 1973.

Macedo — 1896: MACEDO, M.D.- Alguns apontamentos archeológicos relativos às duas freguesias de Sobreposta e Pedralva, RG, 13 (3), 1896, p. 121-123.

Macedo M.F. — 1993: MACEDO, M.F. – *Raízes do ouro popular no Noroeste Português*. Porto, 1993.

Macías — 1898: MACÍAS, M.- Civitas Limicorum, BCMOrense, 1, 1899, p. 73-76, 121-142 =Civitas Limicorum. Orense, 1904.

Maciel — 1993: MACIEL, T.- Roteiro arqueológico da região de Vinhais, *Vinhais, Terra e Gente*. Vinhais, 1993, p.
1997: *O povoamento proto-histórico do Vale do Neiva*. Porto, 1997 (diss. mestrado, policop.) (= Antas--Esposende, 2003).

Machado A.S. — 1955: MACHADO, A.S.- Novas versões sobre o problema de Cale e Portucale, BC-CMP, 18 (3-4), 1955, p. 344-379.
1956: *As origens da cidade do Porto. O problema de Portucale*. Porto, 1956.
1962: A arqueologia e as origens do Porto, SG, 9 (1), 1962, p. 213-216.
1965: Existiu Cale?, *Lucerna*, 4, 1965, p. 83-88.
1966: Reflexões sobre Cale e Gaia, *Lucerna*, 5, 1966, p. 105-113.

Machado F.S.L. — 1920: MACHADO, F.S.L.- *Uma cidade morta no Monte Mozinho*. Coimbra, 1920.

Machado J.L.S. — 1965: MACHADO, J.L.S.- O «torques» de ouro de Vilas Boas de Trás-os-Montes, *Ethnos*, 4, 1965, p. 313-318.

Mac White — 1951: MAC WHITE, E.- *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Peninsula Hispánica en la Edad del Bronce*. Madrid, 1951 (Publicaciones del Serninario de Historia Primitiva del Hombre).

Madhail — 1941: MADHAIL, A.G.R.- Estação luso-romana do Cabeço do Vouga. 1- Terraço subjacente à ermida do Espírito Santo ou da Vitória, ADA, 7 (27-28), 1941, p. 227-258, 313-369.

Madroñero — 1984: MADROÑERO DE LA CAL, A.- Los procesos de fabricación de piezas metálicas durante la Edad del Bronce a traves de las herramientas y uhllajes utilizados, I JMIP, 1984, p. 363-365.

Madruga-Salas — 1995: MADRUGA; SALAS- A propósito de teónimos indigenas en el conventus emeritensis, *Espacio, Tempo y Forma*, Série II, *Historia Antigua*, 8, 1995, p. 331-355.

Magalhães *et alii* — 1975: MAGALHÃES, A.A.; CARNEIRO JUNIOR, F.G.; FREITAS, A.M.- *Castro da Curalha - 1.° campanha de escavações, 1974*. Braga, 1975.
1977: MAGALHÃES, A.A.; FREITAS, A.M.; SANTOS JUNIOR, J.R.- O Castro da Curalha - 2.ª e 3.ª campanhas de escavações, 1975 e 1976, TAE, 23 (1), 1977, p. 19-40.
1978: O Castro da Curalha - 4.ª campanha de escavações, 1977, TAE, 23 (2-3), 1978, p. 267-277.

Maia A.C.S.

1980: MAIA, A.C.S.- De agendis - As aras de Santa Comba, BC-CP, 3, 1980, p. 29-37.

Maia

1980: MAIA, M.- Povos do Sul de Portugal nas fontes clássicas - Celtici e Turduli, *Clio*, 2, 1980, p. 67-70.
1985: Celtici e Turduli nas fontes clássicas, III CLCPPI, 1985, p. 165-177.

Maier

1969: MAIER, F.G.- *Excavations at Kouklia (Palaepaphos). Third Preliminary Report: Season 1968, Report of the Department of Antiquities*. Cyprus, 1969.

Mallon

1952: MALLON, J.- *Paléographie romaine*. Paris, 1952.
1892: *De l'écriture. Récueil d'études publiées de 1937 à 1981*. Paris, 1982.

Maluquer de Motes

1948: MALUQUER DE MOTES, J.- A propósito de umas cerámicas procedentes del Castelo de Faria, BGAF, 1 (1), 1948, p. 33-38.
1950: Hallazgos monetarios de la Citania de Sanfins, *Zephyrus*, 1, 1950, p. 60-61.
1952: Una figurita de guerrero al ombro procedente del Cerro del Berrueco (Salamanca), RG, 62 (3-4), 1952, p. 233-243.
1954-59: *El yacimiento hallstáttico de Cortes de Navarra, 1-2*. Pamplona, 1954-1959.
1955: Contribución al estudio de la primitiva casa indoeuropea en la Peninsula, III CAN, 1955, p. 109-114.
1956: *Carta arqueológica de Espana, Salamanca*. Salamanca, 1956.
1958a: Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Berrueco (Salamanca). Salamanca, 1958 (*Acta Salmanticensia*,14).
1958b: Nuevos hallazgos en el area tartésica, *Zephyrus*, 9 (I), 1958, p. 201-219.
1968a: La España de la edad del Hierro, in *Las Raíces de España*. Madrid, 1968, p. 109-130.
1968b: Panorama económico de la primera edad de Hierro, in Tarradell 1968, p. 61-79.
1970: Desarrollo de la orfebrería prerromana en la Península Ibérica, *Pyrenae*, 6, 1970, p. 79-109.
1973a: La originalidad de la cultura castreña, TAE, 22 (3), 1973, p. 335-344.
1973b: Formación y desarrolo de la cultura castreña, *Actas de las I Jornadas de Metodolgía Aplicada a las Ciencias Históricas*. Santiago de Compostela, 1973, p. 129-145.
1975a: La Edad del Bronce en el Occidente atlántico, I JMACH, 1, 1975, p. 129-145.
1975b: Formación y desarrollo de la cultura castreña, I JMACH, 1, 1975, p. 269-284.
1977: El mundo indígena del Noroeste hispánico antes de la llegada romana, *Bimilenario de Lugo*, 1977 p. 7-15.
1982: Los pueblos de la España céltica. Pueblos celtas, in Menéndez Pidal 1982b, p. 2-194. (La cultura material de los pueblos del Noroeste peninsular, p. 41-90).
1984: Problemática general del Hierro en Occidente, CIEHMN (ponência dactil.)
1985: En torno al comercio protohistórico terrestre y marítimo griego en el Sudeste, VI CIAS, 1985, p. 475-482.

Mañá

1951: MAÑÁ, J.M.- Sobre tipologia de ánforas púnicas, VI CASE, 1951, p. 203-210.

Mañanes

1977: MAÑANES, T.- Contribución a la carta arqueológica de la provincia de León. Aspectos históricoarqueológicos, *León y su História*, 4, León, 1977, p. 319-364 (Fuentes y Estudios de Historia Leonesa, 18).
1979-80: Dos inscripciones votivas de El Biero (León), HA, 9-10, 1979-80, p. 170-195.
1982: *Epigrafía y numismática de Astorga Romana y su entorno*. Salamanca, 1982.
1983-84: Protohistoria y romanización de la provincia de León: habitat y cronologias, CIUAN, 1983-84, p. 151-173.

Mangas

1981: MANGAS, J.- *El bierzo prerromano y romano*. León, 1981, p. 254-261 [*Cossue*, p. 15-16].

Mangas-Olano

1995: MANGAS J.; OLANO, M.- Nueva inscripción latina. Castella y castellani del área Astura, *Gérion*, 13, 1995, p. 339-347.

Mangas-Vidal

1984-85: MANGAS, J.; VIDAL, J.- Le dea Asturca, SHHA, 2-3, 1984-85, p. 305-314.

Manning

1976: MANNING, W.N.- Blacksmithing, in Strong-Brown 1976, p. 145-146.

Manrique Mayor

1980: MANRIQUE MAYOR, M.A.- *Instrumentos de hierro de Numancia*. Soria, 1980.

Manso-Rodero

2002: MANSO MARTÍN, E.; RODERO RIAZA, A. – Estudios historiográficos sobre los torques en la Península Ibérica, MAN 2002, p. 85-96.

Mantas

1984: MANTAS, V.G.- A inscrição rupestre da estação luso-romana da Mogueira (Resende), RG, 94, 1984, p. 361-370.
1987: *As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal*. Lisboa, 1987.
1996: *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Lisboa, 1996, 2. vols. (diss. doutoramento).
1998: A rede viária romana do território português, in Medina 1998, p. 213-230.

Marcadal — 1971: MARCADAL, Y.- *L'Âge du Fer en Agenais*. Bordeaux, 1977 (thèse de doctorat de 3e cyde).

Marco — 1993: MARCO SIMÓN, F.- La religiosidad en la Celtica lusitana, in Almagro Gorbea 1993b, p. 477-512.
2002: El torques como símbolo, MAN 2002, p. 69-79.

Marcos Muñoz — 1975: MARCOS MUÑOZ, J. L.- *Ornamentística de la I Edad del Hierro en el Bajo País Vasco.* Bilbao, 1975 (Cuadernos de Arqueologia de Deusto, 2).

Marie — 1975: MARIE, A.- Filiação, consanguinidade, alianças matrionais, in Augé 1975, p. 13-74.

Marques — 1972: MARQUES, G.- Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Instituto de Antropologia do Porto, TIADMC, 13, 1972.

Marques-Andrade — 1974: MARQUES, G.; ANDRADE, M.- Aspectos da proto-história do território português. Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), III CNA, 1974, p. 125-148.

Marques J. — 2003: MARQUES J. – Formas de organização do espaço na Idade Média, in Jorge V.O. 2003, p. 151-171.

Marques J.A.M. — 1995: MARQUES, J.A.M.- *Sepulturas escavadas na rocha da região de Viseu*. Porto (diss. mestrado, policop.)
1996: Contributo para o estudo do povoamento da região de Viseu na Alta Idade Média, *Mathesis*, 5, 1996, p. 205-211.
1999:

Marques J.A.T.M. — 1984a: MARQUES, J.A.T.M.- Inventário arqueológico do concelho de Monção, *Revista de História - U.L.*, 1, 1984, p. 73-110.
1984b: Elementos para o estudo da Idade do Bronze no Alto Minho (Ponta de lança do Castro da Senhora da Graça, Monção), *Humanidades*, 4, 1984, p. 40-41.
1984c: Monção. Monte da Senhora da Assunção, IA, 4, 1984, p. 118-121.
1985a: Monção. Senhora da Assunção -1982 e 1983, IA, 5, 1985, p. 134-136.
1985b: Monção. Senhora da Graça -1983, IA, 5, 1985, p. 136.
1987a: Sondagem arqueológica no Castro da Senhora da Graça (Badim/Sá, Monção), *Lucerna*, Nova Série, 2, 1987, p. 41-65.
1987b: Espigão de capacete do castro de Mogueira (Resende), RFLUP- História, 2.ª Série, 4, 1987, p. 287-289.
1989: Escavações no castro de Ul (Oliveira de Azeméis). Primeira notícia, *Revista de Ciências Históricas*, 4, 1989, p. 65-89.
2000: Arqueologia no concelho da Maia, *Al-madan*, 2.ª Série, 9, 2000, p. 145-146.

Marques J. A. T. M.-Silva — 1985: MARQUES, J.A.T.M.; SILVA, E.J.L.- Viana do Castelo. Castro de Moldes (Guilheta) -1982, IA, 5, 1985, p. 138.

Marshall — 1911: MARSHALL, F.H.- *British Museum Catalogue of Jewllery*. London, 1911.

Martín Bravo — 1999: MARTÍN BRAVO, A.M.- *Los orígenes de la Lusitania. El I Milenio en la Alta Extremadura*. Madrid, 1999 (Biblioteca Archaeologica Hispana, 2).

Martín Bravo-Galán — 1998: MARTÍN BRAVO, A.M.; GALÁN, E. – Poblamiento y circulación metálica en la Beira Interior y Extremadura durante el Bronce Final y la transición a la Edad del Hierro, in Cruz D.J. 1998, p. 305-323.

Martín Benito-Jiménez — 1988-89: MARTÍN BENITO, J.; JIMÉNEZ GONZÁLEZ- Em torno a una estructura constructiva en un "campo de hoyos" de la Edad del Bronce de la Meseta española (Forfoleda, Salamanca), *Zephyrus*, 41-42, 1988-89, p. 263-281.

Martín de la Cruz — 1988: MARTÍN DE LA CRUZ, J.C.- Mykenisch Keramik aus Bronzezeitlischen Siedlungs-schichten von Montoro am Guadalquibir, MM, 29, 1988, p. 77-92.

Martín Valls — 1973: MARTÍN VALLS, R.- Hallazgos arqueológicos en la província de Zamora, BSAA, 38, 1973, p. 403-411.

Martín Valls-Delibes — 1975-76-78: MARTÍN VALLS, R.; DELIBES DE CASTRO, G.- Hallazgos arqueológicos en la provincia de Zamora, II, BSAA, 40-41, 1975, p. 445-473; III, BSAA, 42, 1976, p. 411-440; V, BSAA, 44, 1978, p. 321-346.
1976: Sobre la cerámica de la fase de Cogotas I, BSAA, 42, 1976, p. 5-15.
1978: Die Hallstatt-zeitliche Siedlung von Zorita bei Valoria la Buena (Prov. Valladolid), MM, 19, 1978, p. 219-230.

Martínez — 1946: MARTÍNEZ, C.- De arquitectura castreña, AEA, 19 (65), 1946, p. 354-356.

Martínez F. — 1969-69: MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, J.- El Castro de Mohias (Coaña), *Zephyrus*, 19-20, 1968-69, p. 178-181.
1970: Castro de Mohias. Nuevos hallazgos y descubrimientos, BIEA, 24, 1970, p. 125-140.
1971: Castro de Mohias. Resultado de una investigación geo-cronológica, BIEA, 25, 1971, p. 351-356.

Martínez F-Junceda

1968: MARTÍNEZ FERNÁNDEZ, J., JUNCEDA AVELLO J.M.- Descubrimiento del castro de Mohias. Primeras excavaciones y primeros hallazgos, BIEA, 22, 1968, p.185-189.

Martínez Santa-Olalla

1932: MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J.- Las estelas funerarias en forma de casa en España, IP, 6, 1932, p. 148-150.
1933: Monumentos funerários célticos. As «pedras formosas» e as estelas em forma de casa, HMS, 1933, p. 226-235.
1946: *Esquema paletnológico de la Peninsula Hispánica*. Madrid, 1946.
1948: El fragmento cerámico céltico, BGAF, 1 (1), 1948, p. 21-28.

Martínez Tamuxe

1983: MARTÍNEZ TAMUXE, X.- *Citania y Museo Arqueológico de Santa Tecla*. La Guardia, 1983.

Martino

1973: MARTINO, F.- *Storia della costituzione romana, 2*. Napoli, 1973 (2.ªed.).

Martins A V.

1978: MARTINS, A.V.- *Monografia de Valpaços*. Porto, 1978 (2.ª ed., 1990).

Martins C.M.B.

1996: MARTINS, C.M.B. – *A ourivesaria proto-histórica de Portugal. Influências mediterrânicas*. Porto, 1996 (diss. mestrado, policop.).

Martins F.A.

1987: MARTINS, F.A.- *Folklore do concelho de Vinhais*. Vinhais, 1987.

Martins J.B.

1984: MARTINS, J.B.- *Levantamento arqueológico de Chaves, Boticas, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar*. Chaves, 1984 (dactil.).
1992:*Concelho de Boticas: a sua história*. Boticas, 1992.
1993:*Castros do concelho de Chaves*. Chaves, 1993.

Martins J.V.

1989: MARTINS, J. V.- *Moimenta da Raia, uma aldeia comunitária em evolução e mudança*. Lisboa, 1989.

Martins M.

1981: MARTINS, M.- O povoado fortificado de Santo Ovídio, CA, 1, 1981.
1983a: Distrito de Braga. Amares, a) Lago, IA, 3, 1983, p. 22-24.
1983b: Distrito de Braga. Fafe, a) Monte de Santo Ovídio. IA. 3, 1983, p. 25-27.
1984a: Distrito de Braga. Fafe. Castro de Santo Ovídio. IA. 4, 1984, p. 53-54.
1984b: A Citânia de S. Julião, Vila Verde. Primeiras sondagens, CA, Série II, 1, 1984, p. 11-27.
1985a: Amares. Povoado do Lago -1982, IA, 5, 1985, p. 49-50.
1985b: Fafe. Povoado de Santo Ovídio -1982 e 1983, IA, 5, 1985, p. 54-56
1985c: Vila Verde. Castro do Barbudo -1983, IA, 5, 1985, p. 57-58.
1985d: Vila Verde. Citânia de S. Julião -1982 e 1983, IA, 5, 1985, p. 58-60.
1986: Duas datas de C14 para a ocupação do Bronze Final do povoado de S.Julião, Vila Verde, *Arqueologia*, 13, Porto, 1986, p. 159-160.
1987a:*O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do rio Cávado*. Braga, 1987 (=1990).
1987b: A cerâmica proto-histórica do Vale do Cávado, CA, Série II, 4, 1987.
1988a:*O povoado fortificado do Lago, Amares*. Braga, 1988 (CA- Monografias, 1).
1988b: *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*. Braga, 1988 (CA- Monografias, 2).
1988c: Moldes de sítulas com decoração geométrica, CA, Série II, 1988, p. 23-33.
1989a:*O castro do Barbudo, Vila Verde*. Braga, 1989 (CA- Monografias, 3).
1989b: A Proto-história do Noroeste português: Breve balanço dos conhecimentos, *Forum* , 5, p. 3-16.
1990: *O Povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga, 1990 (CA- Monografias, 5) (=1987a).
1991:*O povoado de Santo Ovídio, Fafe*. Braga, 1991 (CA- Monografias, 6).
1993-94: Continuidade e mudança no I milénio a.C. no Noroeste português. Os diferentes cenários de representação do discurso museológico, CA, 10-11, p. 41-64.
1996: Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1.º milénio, a.C., MNA 1996, p. 118-133.
2000: *Bracara Augusta Cidade romana*. Braga, 2000.

Martins M.-Jorge

1992: MARTINS, M.; JORGE, S.O .- Substrato cultural das etnias pré-romanas do Norte de Portugal, *Complutum*, 2-3, 1992, p. 347-371.

Martins M.-Silva A.C.F.

1984: MARTINS, M.; SILVA, A.C.F.- A estátua de guerreiro galaico de S. Julião (Vila Verde), CA, Série II, 1, 1984, p. 29-47.

Mata Carriazo

1973: MATA CARRIAZO. J.- *Tartesos y el Carambolo*. Madrid, 1973.
1982: La Edad del Bronce, in Menéndez Pidal 1982a, p. 752-852.

Mattos

1937: MATTOS, A.- As estradas romanas no concelho de Caia, *Brotéria*, 24 (6), 1937, 660-679.
1946-47-48: Inventário das inscrições do Douro Litoral, DL, 2.ª Série, 6, 1946, p. 60-70; 7, 1947, p. 56-76; 8, 1947, p. 60-75; 3.ª Série, 1, 1948, p. 65-76.

Mauss

1967: MAUSS, M.- *The gift: forms and functions of exchange in archaic societies*. New York, 1967.

Maya

1983: MAYA, J.L.- *La cultura castreña asturiana: De los orígenes a la romanización, Indigenismo y Romanización en el Conventus Asturum*. Madrid, 1983, p. 11-44.
1983-84: Habitat y cronología de la cultura castreña en Asturias, CIUAN, 1983-84, p. 175-198.
1987-88: La cultura material de los castros asturianos, *Estudios de la Antigüedad*, 4-5, Barcelona, 1987-88.
1989: *Los castros en Asturias*. Gijón, 1989 (Biblioteca Histórica Asturiana, 21).
1999: El Bronce Final y los Inicios de la Edad del Hierro, in Barandiarán *et alii* 1999, p. 317-425.

Maya-Blás

1973: MAYA, J.L.; BLÁS, M.A.- El molino del Castro de la Picona y notas sobre la introdución de los tipos giratorios en Asturias, BIEA, 80, 1973, p. 717- 722.
1983: El castro de Larón (Cangas de Narcea, Asturias), NAH, 15, 1983, p. 151-192.

Maya-Mestres

1998: MAYA, J.L.; MESTRES, J.S.- Dataciones prerromanas del Castiellu de Llagú (Latores, Oviedo), *Revista de Arqueología*, 211, 1998, p. 6-11.

Mayet-Silva C.T.

1993: MAYET, F.; SILVA, C.T.- Presença fenicia no Baixo Sado, *Estudos Orientais*, 4, 1993, p. 127-143.

Mederos

1997: MEDEROS MARTÍN, A.- Nueva cronología del Bronce Final en el Occidente de Europa, *Complutum*, 8, 1997, p. 73-96.

Medina

1998: MEDINA, J. (dir.)- *História de Portugal, 2. O mundo luso-romano*. Lisboa, 1998.

Melena

1984: MELENA, J.L.- Una ara votiva romana en el Gaitán, Cáceres, *Veleia*, 1, 1984, p. 233-259.
1985: Salama, Jálama y su epigrafía latina, *Symbolae Ludovico Mitxellanea septuagenario oblatae*. Pamplona, 1985, p. 475-530.
1990: Notas de epígrafia romana de Extremadura 1. Sobre un pretendiddo teónimo nuevo de la Lusitania, *Veleia*, 7, 1990, p. 147-153.

Melo

2000: MELO, A.A.- Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: O depósito do Casal dos Fiéis de Deus, RPA, 3 (1), p. 15-120.

Melo M.

1967: MELO, M.F.S.- *Arqueologia do concelho de Ponte de Lima*. Lisboa, 1967, p. 71 (tese licenciatura, policop.).

Meillassoux

1973: MEILLASSOUX, C.- The social organization of the peasantery :The economic basis of the Kingship, *Journal of Peasant Studies*, 1, 1973, p. 81-90.
1977:*Terrains et théories*. Paris, 1977.

Meijide-Acuña

1985: MEIJIDE CAMESELLE, G.; ACUÑA CASTROVIEJO, F.- Nuevas armas del Bronce Final halladas en Galicia, BSAA, 51, 1985, p. 174-187.

Meira

1945: MEIRA, A.R.- *Afife*. Porto, 1945.

Mélida

1921: MÉLIDA, J.R.- *El tesoro de Aliseda*. Madrid, 1921.
1929: *Arqueología española*. Barcelona, 1929.

Mendes

1965: MENDES, J.J.- O «Outeiro da Cruz», *Penafiel*, 1965, 2.ª Série, 3, p. 49-53.
1966-67: O castro do monte de Santa Luzia (Penafiel), *Penafiel*, 1966-67, 2.ª Série, 4-5, p. 57-62.

Mendes S.M.L.

2003: MENDES, S.M.L. – *O castro de Vila Cova à Coelheira*. Porto, 2003 (diss. mestrado, policop.).

Menéndez Pidal

1962: MENÉNDEZ PIDAL, R.- *El dialecto leonés*. Oviedo, 1962 (1.ª ed., 1906).
1982a: (dir.)- *Historia de España. Espafia prehistórica, 1 (1)*. Madrid, 1982 (4.ª ed.; 1.ª ed., 1947).
1982b: (dir.)- *Historia de España. La protohistoria, 1 (2)*. Madrid, 1982 (4.ª ed.; 1.ª ed., 1952).
1982c: (dir.)- *Historia de España. La historia prerromana, 1 (3)*. Madrid, 1982 (4.ª ed.; 1.ª ed., 1954).

Meneses A.

1938: MENESES, A.- Reflexões sobre a Citânia de Briteiros, *Correio do Minho*, 1.7.1938; 2.7.1938; 3.7.1938; 5.7.1938; 6.7.1938; 7.7.1938; 8.7.1938.

Meneses M.

1929: MENESES, M. - *Notícias arqueológicas do concelho de Ribeira de Pena*, AP, 27, 1929, p. 29-48.

Mergelina

1943-44: MERGELINA, C.- La Citania de Santa Tecla, La Guardia (Pontevedra), BSAA, 11 (37-39), 1943-44, p. 13-54.

Michelena

1961: MICHELENA- Religiones primitivas de Hispania (recensão crítica), *Zephyrus*, 12, 1961, p. 197-202.

Millán Pardo

1965: MILLÁN GONZÁLEZ-PARDO, I.- En torno a una inscripción gigurra, AEA, 38 (111-112), 1965, p 80-83.

Millán Pardo-Garcia Alén

1980: MILLÁN GONZÁLEZ-PARDO, I.; GARCÍA ALÉN, A.- Nueva ara (a Cosus?) en Santa Maria de Curro (Barro, Pontevedra), MP, 34,1980, p. 109-146.

Millotte

1970: MILLOTTE, J.P.- *Précis de protohistoire européenne*. Paris, 1970.

Miranda

1944: MIRANDA, A.- Ara zoomórfica, DL, 2.ª Série, 2, 1944, p. 25-26.
1954: *Mozinho*. Penafiel, 1954.

Miranda A. *et alii*

1983: MIRANDA, A.A.J.; SANTOS, J.N.; SANTOS JÚNIOR, J.R.- *Castros do concelho de Boticas*. Porto, SPAE, 1983.
1986: MIRANDA, A.A.J.; SANTOS, J.N.; SANTOS JÚNIOR, J.R.- *Castros do concelho de Boticas, II. Campanhas de 1984-85*. Boticas, 1986.

Mohen

1973: MOHEN, J. P.- Les moules en terre cuite des bronziers de l'Âge du Bronze, AntNles 5, 1973, p. 33-34.
1976: Les civilisations de l'Âge du Fer en Aquitaine, *La Préhistoire française*, 2, 1976, p. 761-769.
1977a: Les broches à rôtir articulées de l'Âge du Bronze, AntNles, 9, 1977, p. 34-39.
1977b: *L'Âge du Bronze dans la région de Paris*. Paris, 1977.
1978: Moules en bronze de l'Âge du Bronze, AntNles, 10, 1978, p. 23-32.
1984: Nouvelles découvertes de vestiges métallurgiques de l'Âge du Bronze à Fort-Harronard-Sorel Moussel (Eure et Loire), in Briard *et alii* 1984, p. 181-191.

Mohen-Coffyn

1970: MOHEN, J. P; COFFYN, A - *Les nécropoles hallstatiennes de la région d'Arcachon*. Madrid, 1970 (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 11).

Moita-Jalhay

1951: MOITA, I.; JALHAY, O P. E.- AP, 2.ª Série, 1, 1951, p. 213-219.
1962: *Notícia de um catálogo e carta de distribuição dos castros no território português*, XXVI CLEPC, 2 (5), 1962, p. 453-460.
1966: A toponímia castreja. Distribuição e significado, *Lucerna*, 5, 1966, p. 526-549.
1971: Povoados, redutos e santuários castrenses (Ensaio de classificação), II CNA, 1, 1971, p. 271-281.

Molina González

1978: MOLINA GONZÁLEZ, F - Definición y sistematización del Bronce Tardío y Final en el Sudeste de la Península Ibérica, CPUG, 3, 1978, p. 159-232.

Montalvão

1971: MONTALVÃO, A.- *Visita a castros nos arredores de Chaves*. Chaves, 1971 (dactil.).

Monteagudo

1945a: MONTEAGUDO, L.- Nuevas joyas prerromanas del Norte de Portugal, AEA 18 (58), 1945, p 81-89
1945b: La cerámica castreña de la comarca de Vigo, AEA, 18 (60), 1945, p. 237-249.
1946-47: Galicia en Ptolemeo, CEG, 2 (8), 1946-47, p 609-653.
1947: Mela, 111, 13 y Ptolemeo, Geogr., 11, 6, 4, *Emerita*, 15, 1947, p. 71-81.
1950: Cassiterides, *Emerita*, 18, 1950, p. 1-17.
1952a: Monumentos propriedad de la Sociedad Martins Sarmento, AEA, 25 (85), 1952, p 112-116.
1952b: Torques castreños de alambres enrollados, AEA, 25 (86), 1952, p. 287-296.
1953a: Oestrymnides y Cassiterides en Galicia, *Emerita*, 21, 1953, p. 241-248.
1953b: Provincia de Coruña en Ptolemeo, AEA, 26 (87), 1953, p. 91-99.
1953c: Celtoalpinos en el NIV hispánico, Etnología hispánica del Bronce IV, CEG, 8 (26), 1953, p. 309-365.
1953d: Orfebrería del N.W. hispánico en la Edad del Bronce, AEA, 26 (88), 1953, p. 269-312.
1954a: Metalurgía hispánica de la Edad del Bronce, con especial estudio de Galicia y Norte de Portugal, *Caesaraugusta*, 4, 1954, p 55-95.
1954b: Joyas del Castro de Elviña (La Coruña) y soluciones museológicas generales, AEA, 27 (89-90), 1954, p. 236-245.
1955: Cale, Callaici y Callaecia, III CAN, 1955, p 413-414
1977: *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München, 1977 (Prähistoriche Bronzefunde, IX, 6).
1981: Koiné del Bronce Atlántico, *I Colóquio Galaico-Minhoto*, 2, 1981, p. 366-395 [+4].

Monteagudo M.

1955: MONTEAGUDO, M.- Los castros celtas de la zona Coruña-Betanzas, III CAN, 1955, p 404-405.

Monteiro

1959: MONTEIRO, A.P.- A Tamagani, *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcellos*, 2, Porto, 1959, p. 339-348.

Monteiro J.A.

1942: MONTEIRO, J. A.- Ara e cipo miliário inéditos, *Novidades*, 30.08.1942, 06.09.1942.

Monteiro J.N.

1985: MONTEIRO, J.N.- Apontamentos para uma monografia de Sequeirô, *Boletim Paroquial de Sequeirô*, Santo Tirso, 1985.

Monteiro J.G.

1991: MONTEIRO, J.G.- *Tabuaço, esboços e subsídios para uma monografia*. Tabuaço, 1991.

Monteiro P.C.-Gomes

2000: MONTEIRO, P.C.F.; GOMES, L.F.C.- *Patrimonium Mangualde*. Mangualde, 2000.

Montelius

1895: MONTELIUS, O.- *Les civilisations primitives de l'Italie*. Stockolm, 1895, 5 vol.

Montenegro

1947: MONTENEGRO DUQUE, A.- Orígen céltico de nombre y lugar de Valladolid, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 13, 1947, p. 37-56.

Monterrey — 1985: MONTERREY, G.- *Cinfães*. Porto, 1985.

Morán — 1924: MORÁN BARDÓN, C.- Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Berrueco, MJSE, 65, 1924.
1944: Vestígios romanos y visigodos, A E A, 56, 1944, p. 240-251.
1956-61: Excavaciones en castros de la provincia de León, NAH, 5, 1956-61, p. 98-134.

Moreira — 1966-67: MOREIRA, D.A.- Estudo onomástico sobre alguns rios a Norte e Sul do Douro, BC-CMP, 29 (3-4), 1966, p. 545-601; 30 (1-2), 1967, p. 84-162.
1969: *Paisagem toponímica da Maia*. Maia, 1969.

Moreira A.B. — 1992: MOREIRA, A.B.- Epigrafia romana no Concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 2, 1992, p. 15-33.
2004a: A necrópole romana da Quinta da Devesa, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 4, 2.ª Série, 2004, p. 7-54.
2004b: Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, 4, 2.ª Série, 2004, p. 55-68.

Moreira M.A.F. — 1981: MOREIRA, M.A F.- A cristianização do conventus bracaraugustanus, *Caminiana*, 5, 1981, p. 31-89.
1982: A romanização do litoral do Alto Minho, *Caminiana*, 6, 1982, p. 31-96.

Morel — 1978: MOREL, J.P.- À propos des céramiques campaniennes de France et d'Espagne, *Journées d'études de Montpellier sur la céramique campanienne*. Sète, 1978, p. 149-168 (=Archéologie du Languedoc, 1).
1983: Les importations de céramiques grecques et italiennes dans le monde punique (V-I siècles): Révision du material et nouveaux documents, I CISFP, 3, 1983, p. 731-740.

Morestín — 1979: MORESTÍN, H.- Autels et inscriptions de Braga, MCV, 15, 1979, p. 489-502.

Morgan — 1970: MORGAN, L.H.- *La sociedad primitiva*. Madrid, 1970 (*Préhistoire française*, 2, 1976, p. 88-94).

Moscati — 1988: MOSCATI, S. (coord.)- *I Fenici*. Milano, 1988.
1991: MOSCATI, S. (coord.)- *I Celti*. Milano, 1991.

Mota — 1998: MOTA, M.M.A.- *A problemática do armazenamento na Proto-história: cerâmica dolear*. Porto, 1998 (diss. mestrado, policop.).

Moure Romanillo-Orteaga — 1981: MOURE ROMANILLO, J.A; ORTEAGA, M. L.- Fíbulas com esquema de La Tène procedentes de Paredes de Nava (Palencia). *Numantia*, 1981, p. 133-146.

Mourinho — 1980: MOURINHO, A M.- Roma na Terra de Miranda, SANP, 3, 1980, p. 93-106.
1988: Epigrafia latina aparecida entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade Baçal, *Brigantia*, 1988, p.

MAN — 2002: RODERO RIAZA, A.; BARRIL VICENTE, M. (coord.)– *Torques. Belleza y poder*. Madrid, 2002.

MNA — 1995: *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa, 1995.
1996: *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa, 1996.
1997: *Portugal romano. A exploração dos recursos naturais*. Lisboa, 1997.
2000: *Por terras de Viriato. Arqueologia da região de Viseu*. Lisboa, 2000.
2002: *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa, 2002.
2003: *Tavira, Território e poder*. Lisboa, 2003.

Müller Karpe — 1959: MÜLLER KARPE, H.- *Beitrage zur chronologie der Urnenfelderzeit Nordlich und Südlich der Alpen*. Berlin, 1959, 2 vol. (Römisch-Germanische Forschungen, 22).
1980: *Handbuch der Vorgeschichte*. München, 1980.

Navarro — 1970: NAVARRO GARCÍA, R.- *Las fíbulas en Cataluña*. Barcelona, 1970.

Naveiro — 1991: NAVEIRO LÓPEZ, J.- *El comercio antiguo en el NW peninsular*. A Coruña, 1991 (Monografías Urxentes do Museo Arqueolóxico).

Nesselhauf — 1960: NESSELHAUF, H.- *Zwei Bronzeurkunden aus Munigua*, MM, 1, 1960, p. 142-154.

Neto — 1975: NETO, J.M.- *O Leste do território bracarense*. Torres Vedras, 1975.

Neves A. — 1984: NEVES, A.- *Aveiro: História e Arte*. Aveiro, 1984.

Neves — 1942: NEVES, L.Q.- Para a carta arqueológica do Minho. Depondo num inquérito. O castro do monte de Santinho ou Roques (Viana do Castelo), *Diário do Minho*, 27.2.1942; 12.4.1942.
1948: Na Citânia de Roques, AAM, 2, 1948, p. 56-61.

1959: 0 Castro do «Santinho» ou Roques, no termo de Viana do Castelo, I CNA, 1, 1959, p. 381-387.
1962:Breve noticia, até ao presente inédita, do achado de instrumentos de bronze no concelho de Melgaço, SG, 9 (1), 1962, p. 94-99.
1965: Os castros do Norte de Portugal, *Lucerna*, 4, 1965, 172-180.
1969: Achegas para um possível e necessário rol dos achados da Idade do Bronze no distrito de Viana do Castelo, TAE, 2t, 1969, p. 273-280.

Nicolet — 1977-78: NICOLET, C.- *Rome et la conquête du monde méditerranéen*. Paris, 1977-78.

Nicolini — 1969: NICOLINI, G.- *Les bronzes figurés des sanchuaires ibériques*. Paris, 1966.
1990:*Techniques des ors antiques. La bijouterie ibérique du VII au IV siècle*. Paris, 1990.

Niemeyer-Schubart — 1968: NIEMEYER, H.G. ; SCHUBART, H.- Toscanos und Trayamar, Vorbericht über die Grabangskampagne 1967, MM, 9, 1968, p. 76-105.

Nunes H.B. — 1973: NUNES, H.B.- O castro de N.ª Senhora da Assunção (Barbeita), *A Terra Minhota*, 30.4.1973.
1979: Uma visita ao Castro de Santinho (Roques), Festas das Neves, *Viana do Castelo*, 6, 1979, p. 18-24.
1984: Félix Alves Pereira e a arqueologia do Alto Minho. Uma breve introdução à sua obra, *Terras de Valdevez*, 4 (1), Braga, 1984.

Nunes J.C. — 1950: NUNES, J.C.- Inscrições latinas inéditas do conventus bracaraugustanus, *Boletín de la Universidad Compostellana*, 55-56, 1950, p. 433-443.
1957: Un importante hallazgo del Bronce en Portugal, *Zephyrus*, 8 (1), 1957, p. 135-145.
1958: Novos elementos para o estudo da arte castreja em Portugal, RG, 68 (3-4), 1958, p. 323-336.

Obermaier — 1923: OBERMAIER, H.- Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia, BCMOrense, 7, 1923.

Olivares — 1999: OLIVARES PEDREÑO, J.C.- Teónimos indígenas masculinos del ámbito lusitano-galaico: Un intento de síntese, SMS, 1, 1999, p. 277-296.
2000: Los dioses indígenas en el Noroeste de Portugal, *Conimbriga*, 39, 2000, p. 53-83.
2002: *Los dioses de la Hispania céltica*. Madrid-Alicante, 2002 (Bibliotheca Archaelogica Hispana, 15).

Oliveira A.L. — 1971: OLIVEIRA, A.L.- *Terras de Bouro e o seu concelho*. Braga, 1971
1976: *Terras de Coura. Póvoa de Varzim*, 1976.
1978: *Valença do Minho. Póvoa de Varzim*, 1978.
1980: *Terras de Bouro*. Braga, 1980.
s.d.: *Fafe e o seu concelho*. Braga, s.d.

Oliveira C. — 1934: OLIVEIRA, C.- *O concelho de Gondomar*. Porto, 1934, 2 vol.

Oliveira E.P. — 1982: OLIVEIRA, E.P.- Estudos Bracarenses, 4- Para uma bibliografia do cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, BBUC, 37, 1982, p. 161-188.
1984/85: *Bibliografia arqueológica portuguesa (1935-1969)*. Lisboa, 1984; idem (1970-1979), Lisboa, 1985.

Oliveira *et alii* — 1991: OLIVEIRA, F.; QUEIROGA, F.; DINIS, A.P.- O pão de bolota na cultura castreja, *Paleocologia e Arqueologia*, 2, 1991, p. 251-268.

Oliveira E.V. *et alii* — 1969: OLIVEIRA, E.V.; GALHANO, F.; PEREIRA, B.E.- *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa, 1969.
1983a: *Alfaia agrícola portuguesa*. Lisboa, 1983 (2.ª ed.).
1983b:*Tecnologia tradicional portuguesa. Sistemas de moagem*. Lisboa, 1983.

Oliveira J.M.P. — 1963: OLIVEIRA, J.M.P.- O prof. Amorim Girão e a Arqueologia, *Lucerna*, 3, 1963, p. 318-323.

Oliveira M.A. — 1938: OLIVEIRA, M.A.- Talabriga, ADA, 4 (14), 1938, p. 117-120.
1943: De Talábriga a Lancóbriga pela via militar romana, ADA, 9 (33), 1943, p. 44-68.
1956: Estudos de história eclesiástica. 2- Os territórios diocesanos, *Lusitania Sacra*, 1, 1956, p. 29-50.

Orero — 1988: ORERO GRANDAL, L.- *Castro Coto do Mosteiro. Campañas de 1984/85*. A Coruña, 1988, p. 5-144 (Arqueoloxia/Memorias, 10).
2000:

Ors — 1948: ORS, A.- Una nueva tabla emeritense de hospitium publicum, *Emerita*, 16, 1948, p. 46-74.
1953: *Epigrafia jurídica de la España romana*. Madrid, 1953 (cap. V, tablas de hospitalidad y patronato, p. 367-380).
1960: Miscelanea epigráfica, *Emerita*, 28, 1960, p. 143-146.
1961: Miscelanea epigráfca. Los bronces de Mulva, *Emerita*, 29, 1961, p. 203-218.

Ortego — 1975: ORTEGO, T.- *Tiermes (Ciudad rupestre celtíbero-romana)*. Madrid, 1975.

Osório

1991: OSÓRIO, I.-Contribuição para o estudo da metalurgia do ferro no Norte de Portugal (Relatório do Seminário de Metalurgia castreja, FLUP). Porto, 1991.

Otero

1980: OTERO, P.- *Historia de Galiza, 3. Prehistoria*. Madrid, 1980 (1.ª ed., 1956), p. 211-537, 595-651 (Addenda).

Paço

1933: PAÇO, A.- Vaso de bordo horizontal de Vila Fria, HMS, 1933, p. 272-276.
1951a: Padre Eugénio Jalhay, AH, 8.ª Série, 5, 1951, p. 29-66.
1951b: R. P.e Eugénio Jalhay, S.J (1891-1950), *Brotéria*, 52 (1), 1951, p. 65-70.
1952: Citânia de Sanfins. I- Noticia histórica, BC-CST, 1 (3), 1952, p. 357-384.
1953a: Citânia de Sanfins. II- Muralhas, *Zephyrus*, 4, 1953, p. 489-494.
1953b: Citânia de Sanfins. III- Breve notícia de um tesouro monetário, *Brotéria*, 56 (6), 1953, p. 673-689.
1953c: Do Castro de Vila Nova de S. Pedro à Citânia de Sanfins, RG, 63 (3-4), 1953, p. 683-697 = III CAN, 1955, p. 516-524.
1954a: Citânia de Sanfins, *Numisma*, 2, 1954, p. 139-153.
1954b: Citânia de Sanfins. IV - Alguns documentos históricos, BC-CST, 3 (2), 1954, p. 197-212.
1954c: Citânia de Sanfins. V - Nota sobre algumas moedas, *Nummus*, 2 (7), 1954, p. 139-153.
1956: Citânia de Sanfins. Intensité de sa romanisation, IV CISPP, 1956, p. 943-946.
1957: Citânia de Sanfins. Alguns dos seus problemas. (Resumo), XXIII CLEPC, 7.ª Secção, 1957, p. 353.
1959: Escavações e problemas do Castro de Vila Nova de S. Pedro e da Citânia de Sanfins, I CNA, 1, 1959, p. 261-269.
1960: Citânia de Sanfns (Paços de Ferreira). Sua importância turística e cultural, *Revista Turismo*, 3.ª Série, 24 (6), Lisboa, 1960, p. 19-20.
1961: Citânia de Sanfins. VI - Fundo pré-histórico, *Lucerna*, 1 (3-4), 1961, p. 106-119.
1962: Visão geral da arqueologia a Norte do Mondego, SG, 9 (1), 1962, p. 71-76.
1963: O padre Eugénio Jalhay e a Citânia de Sanfins, *Lucerna*, 3, 1963, p. 71-77.
1963-64: Abel Viana, arqueólogo, AB, 20-21, 1963-64, p. 5-20.
1965a: Arqueologia no distrito do Porto, *Revista Turismo*, 4.ª Série, 29 (12), 1965, p. 60.
1965b: Citânia de Sanfins. VII - Escultura de cabeça de ofídeo, *Lucerna*, 4, 1965, p. 167-171.
1965c: Jóias pré-históricas da região de Évora, *Junta Distrital de Évora*, 6, 1965, p. 159-186.
1966a: Castros, *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, 4, Lisboa, Verbo, col. 1458-1462.
1966b: Celtiberos, *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, 4, Lisboa, Verbo, col. 1742-1743.
1966c: Citânia de Mozinho (Penafiel). I - Escultura de guerreiro calaico, *Lucerna*, 5, 1966, p. 555-560.
1968a: A Citânia de Sanfins, REtn, 20 (2), 1968, p. 329-354.
1968b: Citânia de Sanfins. VIII - Fragmentos de estátuas de guerreiros calaicos, *Brotéria*, 76, 1968, p. 710-725.
1968c: Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira, Portugal). IX - Una rectificación histórica, AEA, 41 (117-118), 1968, p. 45-59.
1974: La «Citânia» de Sanfins e le lotte tra «castrejos» e romani, *Estudos Italianos em Portugal*, 37, 1974, p. 3-9.

Paço-Jalhay

1955: PAÇO, A.; JALHAY, E.- Tesouro monetário da Citânia de Sanfins, *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.ª Série, 6, 1955, p. 189-275.

Paço-Quesado

1956: PAÇO, A.; QUESADO, A.P.- Digressões arqueológicas pelo Alto-Minho, AAM, 6 (1), 1956, p. 80-90; 6 (2), 1956, p. 168-179.
1957: Considerações ácerca de algumas cerâmicas dos castros de Perre e Nogueira (Viana do Castelo), XXIII CLEPC, 7.ª Seccão, 1957, p. 387-393.

Paço *et alii*

1962: PAÇO, A.; BARBOSA, F.B.; BARBOSA, F.- Foicinha de bronze do Castelo de S. Martinho (Rio Maior), XXVI CLEPC, 1962, p. 295-300.

Paixão

1983: PAIXÃO, A.C.- Uma nova sepultura com escaravelho de necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), AP, Série IV, 1, 1983, p. 273-286.

Pallotino

1955: PALLOTINO, M.- *Etruskische Kunst*. Zurich, 1955.

Palmer

1935: PALMER, C.D.- Citânia and Sabroso. Prehistoric hill cities of the Iberian Peninsula, *The Sphere*, 141 (1837), London, 1935.

Palol

1966:PALOL, P.- Estado actual de la investigación prehistorica y arqueológica en la Meseta castellana, IX CNA, 1966, p. 24-51.
1974: Álaya y la Meseta Superior durante el Bronce Final y el Primer Hierro, EAA, 6, 1974, p. 91-100.

Palol-Wattenberg

1974: PALOL, P.; WATTENBERG, F.- *Carta arqueológica de España, Valladolid*. Valladolid, 1974.

Parcero

2002: PARCERO OUBIÑA, C.- La construcción del paisage social en la Edad del Hierro del Noroeste Ibérico. 2002 (Ortegalia, 1, Monografías de Arqueoloxia, Historia e Patrimonio).

Palomar

1957: PALOMAR LAPESA, M.- *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca, 1957.
1960: Antroponimia prerromana, *Enciclopedia Lingüística Hispánica*, 1, 1960, p. 347-444.

Pareti

1947: PARETI, L.- *La tomba Regolini-Galassi del Museo Gregoriano Etrusco*. Roma, 1947.

Parente

1980: PARENTE, J.- *Subsídios inéditos para a história de Três Minas*, SANP, 3, 1980, p. 131-140.
2003:*O Castro de S. Bento (concelho de Vila Real) e o seu ambiente arqueológico*. Vila Real, 2003.

Paris

1903: PARIS, P.- *Statues lusitaniennes de style primitif*, AP, 8, 1903, p. 1-8.
1903-04: *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Paris, 1903-04, 2 vol.

Parreira *et alii*

1980: PARREIRA, R. *et alii*- *Tesouros da arqueologia portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa, 1980.

Patreau

1984: PATREAU, J.P.- *Quelques aspects de la metallurgie en Poitou aux Âges du Cuivre et du Bronze*, in Briard *et alii* 1984, p. 99-133.

Patreau-Queiroga

1984: PATREAU, J.P; QUEIROGA, F.- Le Casto das Ermidas. Village fortifié du Portugal, *Archeologia*, 253, p. 44-49.

Paulo

1962: PAULO, A.- Freixo de Espada à Cinta - As origens, SG, 9 (1), 1962, p. 135-136.

Pearson

1973: PEARSON, R.- Some aspects of the social mobiliy in early historic indo-european peoples, *The Journal of the Indo-european Studies*, 1 (2), 1973, p. 155-161.

Pedro

1995: PEDRO, I.- *O povoamento proto-histórico na região de Viseu*, Porto, 1995 (diss. mestrado, policop).
1996: Estruturas defensivas e habitacionais de alguns povoados da região de Viseu, *Máthesis*, 5, 1996, p. 177-203.

Pedro *et alii*

1994: PEDRO, I.; VAZ, J.L.I.; ADOLFO, J.- *Roteiro arqueológico da Região de Turismo Dão Lafões*. Viseu, 1994.

Pedro-Vaz

2000: PEDRO, I.; VAZ, J.L.I – A Idade do Ferro, MNA 2000, p. 149-156.

Peeters

1938: PEETERS, F.- Le culte de Jupiter en Espagne d'après les inscriptions, RBPh, 17, 1938, p. 157-191.

Peixoto

1899-1903: PEIXOTO, R.- O Basto, *Portugalia*, 1, 1899-1903, p. 832-833.
1905-08a: «Prisões de gado», *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 78-79.
1905-08b: A Cividade de Ribadouro, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 284.
1905-08c: Beneméritos de archeologia- as explorações da Cividade de Terroso e do Castro de Laundos no concelho da Póvoa de Varzim, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 677-680.

Pellicer

1978: PELLICER, C.M.- Tipología y cronología de las anforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla), *Habis*, 9, 1978, p. 365400.
1992: Problemática del Bronce e inicios del Hierro en Iberia, *Complutum*, 2-3, 1992, p. 11-17.

Pellicer-Schüle

1962: PELLICER, C. M.; SCHÜLE, W. - El Cerro del Real, Galera (Granada), EAE, 12, 1962.

Pellicer *et alii*

1983: PELLICER, C. M.; ESCACENA CARRASCO, J.L.; BENDALA GALÁN, M.- El Cerro Macareno, EAE, 124, 1983.

Peña Santos

1986: PEÑA SANTOS, A.- *Yacimiento galaico-romano de Santa Trega. Campaña de 1983*. Santiago de Compostela, 1986, p. 5-63 (Arqueoloxia/Memorias, 5).
1987: El castro de Torroso (Mos, Pontevedra), TAE 27 (1-4), 1987, p. 113-116.
1992a: *Castro de Torroso, Mos, Pontevedra*. A Coruña, 1992 (Arqueoloxia/ Memorias, 11).
1992b: El primer milenio a.C. en el área gallega: Génesis y desarrollo del mundo castreño a la luz de la arqueología, *Complutum*, 2-3, 1992, p. 373-393.

Penas

1986: PENAS TRUQUE, M.A.- *Los dioses de la montaña*, in Bermejo Barrera 1986, p. 117-140.

Perea

1995: PEREA, A.- La metalurgía del oro en la fachada atlántica peninsular durante el Bronce Final: interacciones tecnológicas, in Ruíz-Gálvez 1995, p. 69-78.
1999: L'archéologie de l'or en Espagne: Tendances et perspectives, in Cauuet 1999, p. 307-314.

Pereira B.E.

1965: PEREIRA, B.E.- *Bibliografia analítica da etnografia portuguesa*. Lisboa, 1965.

Pereira D.J.

1872: PEREIRA, D.J.- *Memória histórica de Barcelos*. Viana do Castelo, 1872.

Pereira F.A.

1895: PEREIRA, F.A.- Castelo de S. Miguel-o-Anjo (Notas de um reconhecimento), AP, 1, 1895, p. 161-175.
1898a: Dois machados de bronze, AP, 4, 1898, p. 88-93.
1898b: O Castelo de S. Miguel-o-Anjo. Mais alguns achados, AP, 4, 1898, p. 231-238.
1898c: Insculturas em rocha em castros de Valdevez (ou vários penedos com pias), AP, 4, 1898, p. 289-303.

1902: Um passeio arqueológico no concelho de Arcos de Valdevez, AP, 7, 1902, p. 193-209.
1903: Machados de duplo anel, AP, 8, 1903, p. 135.
1904: Um castro com muralhas, AP, 9, 1904, 214-219.
1906: Um Gróvio autêntico, AP, 11, 1906, p. 202-209.
1907a: Ara celtibérica da época romana, AP, 12, 1907, p. 36-52.
1907b: Geografia proto-histórica da Lusitânia. Situação conjectural de Talabriga, AP, 12, 1907, p. 129-158.
1908: Novo material para o estudo da estatuária e arquitectura do Alto Minho, AP, 13, 1908, 202-244.
1909: As lagaretas do Castro de S. Miguel-o-Anjo em Ázere, AP, 14, 1909, p. 310-314.
1910: Habitações castrejas do N. de Portugal - Uma hipótese de reconstituição, *Límia*, 1.ª Série, 1, 1910, p. 11-14.
1911: Sobrevivências pitorescas de uma arquitectura arcaica, *Límia*, Série 2.ª 1 (7-8), 1911, p. 101-105.
1914: Estudos do Alto Minho. Habitações castrejas do Norte de Portugal, *Límia*, 14, 1914, p. 17.
1915a: Novas figuras de guerreiros lusitanos descobertas pelo Dr. L. de Figueiredo da Guerra, AP, 20, 1915, p. 1-16.
1915b: Cinegética e Arqueologia, AP, 20, 1915, p. 224-258.
1924/30-31: Rascunho de velharias de Entre Lima e Minho, AP, 26, 1924, p. 251-282; 29, 1930-31, p. 227-229.
1927-29a: Jornadas de um curioso pelas margens do Lima, AP, 28, 1927-29, p. 1-51.
1927-29b: Rascunhos de velharias de Entre Lima e Minho, AP, 28, 1927-29, p. 155-158.
1930: P.e João Luis Lourenço Loução, *Portucale*, 3, 1930, p. 372-373.
1933: Os vestíbulos das habitações citanienses, HMS, 1933, p. 27-30.
1934: Rascunhos de velharias, AP, 29, 1930-31, p. 227-229.
1938/39/41: Páginas inéditas de Félix Alves Pereira, RG, 48 (1-3), 1938, p. 137-150; 48 (4), p. 277-282; 49 (1-2), 1939, p. 35-41; 49 (3-4), p. 103-111; 51 (1-2), 1941, p. 27-40; 51 (4) p. 312-330.
1956: Miscelânia, AP, 30, 1956 (1938), p. 181-204.

Pereira I.

1997: PEREIRA, I.- Santa Olaia et le commerce atlantique. *Itinéraires Lusitaniens*. Paris, 1997, p. 209- 253.

Pereira M.A.H.

1970: PEREIRA, M.A.H.- *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Mação, 1970.
1971: O esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel, Soure, AH, 3, 1971, p. 165-182.

Pereira M.B.R.

1955: PEREIRA, M.B.R.- *Diálogos morais e políticos*. Viseu, 1955.

Pereira Menaut

1978: PEREIRA MENAUT, G.- Caeleo Cadraiolonis F. Cilenus Berisamo et al.: centuria or castellum? A discussion, HA, 8, p. 271-280= *I Colóquio Galaico-Minhoto*, 2, 1981, p. 445-457.
1982: Los castella y las comunidades de Gallaecia, *Zephyrus*, 24-25, 1982, p. 249-267=II SAN, 1983, p. 167-192.
1983: *Estudos de cultura castreja e de história antiga de Galicia*. Santiago de Compostela, 1983 (Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento Santiago de Compostela, ed.).
1985: La inscripción del ídolo da fonte, Braga. CIL II, 2419, *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenário Oblatae, I*. Vitoria, 1985, p. 531-535.
1987: Nueva tabula patronatus del Noroeste de Hispania, *Actas IV Coloquio sobre Lenguas y culturas paleohispanicas (Vitoria, 1985)*. Vitoria, 1987, p. 299-303.
1991: *Corpus de inscricións romanas de Galicia, 1. Provincia de A Coruña*. Santiago de Compostela, 1991 (= CIRG 1).
1992: Aproximación crítica al estudio de etnogénesis: la experiencia de Callaecia, *Complutum*, 2-3, 1992, p. 35-43.
1998: Reflexións en clave histórica sobre Monte Mozinho, *Homenagem a C.A. Ferreira de Almeida*, 1. Penafiel, 1998, p. 37-47.

Pereira Menaut-Almeida

1981: PEREIRA MENAUT, X.; ALMEIDA, C.A.F.- A grande inscrição do Penedo de Remeseiros, Vilar de Perdizes, Montalegre (CIL II, 2476), *Arqueologia*, 4, 1981, p. 142-145.

Pereira -Santos

1980: PEREIRA MENAUT, G.; SANTOS YANGUAS, J.- Sobre la romanización del Noroeste de la Península Ibérica: las inscripciones con mención del origo personal, SANP, 3, 1980, p. 117-130.

Peres

1942: PERES, D.- *Relação das moedas gregas, romanas, bizantinas, bárbaras e árabes, (Museu Nacional de Soares dos Reis)*. Porto, 1942.

Pérez-Castro

1995: PÉREZ LOSADA, F.; CASTRO PÉREZ, L. (coord.).- *Arqueoloxia e arte na Galicia prehistórica e romana*. 1995.

Pérez Outeiriño

1980: PÉREZ OUTEIRIÑO, B.- Os ornitomorfos no conxunto dos motivos decorativos da orfebreria castreña, BAur, 10, 1980, p. 9-24.
1982: De ourivesaria castreña 1. Arracadas, BAur (Anexo 1), 1982.
1989: Orfebrería Castreña. El oro en la España prerromana, *Revista Arqueología*, 1989, p. 90-107.
1990: Achega tipolóxica para o estudio dos torques áureos do NW, *Gallaecia*, 12, 1990, p. 139-151.
1992: Almacenamento de materias primas entre os ourives castrexos: lingotes plano-convexos, in Acuña (coord.) 1992, *Finis Terrae. Estudos en lembranza do Prof. Balil*, p. 97-130.

Pericot y Garcia 1

1934: PERICOT Y GARCÍA, L.- La España antigua: Edad del Hierro, *Historia de España, 1,* Barcelona, 1934.
1950: *La España primitiva.* Barcelona, 1950.
952: *L'Espagne avant la conquête romaine.* Paris, 1952.

Pericot-López Cuevillas

1931: PERICOT Y GARCÍA, L.; LÓPEZ CUEVILLAS, F.- Excavaciones en la Citania de Troña, MJSEA, 155, 1931.

Pericot L.-Praga

1928: PERICOT, L.; PARGA, I.- Castros de los alredores de Mondariz-Balneario, *La Temporada en Mondariz, 2, 3, 8, 9,* Mondariz, 1928.

Peroni

1973: PERONI, R.- *Studi di cronologia hallstattiana.* Roma, 1973.
1980: *Il Bronzo Finale in Italia.* Bari, 1980.
1981: *Necropoli et usi funerari nell'Etá del Ferro.* Bari, 1978 (Archeologia: Materiali et problemi, 5).

Perpétuo *et alii*

1999: PERPÉTUO, J.M.A.; SANTOS, F.J.C.; CARVALHO, P.S.; GOMES, L.F.C.; SERRA, A.A.- *Tabuaço. Um passado presente.* Tabuaço, 1999.

Pessoa-Ponte

1987: PESSOA, M.; PONTE, S.- Contributo da Mogueira (Resende) para o estudo comparativo dos santuários rupestres do noroeste peninsular, *Lucerna,* 2ª série, 2, 1987, p. 263-271.

Piel

1947: PIEL, J.M.- Nomes de lugar referentes ao relevo do solo e ao seu aspecto geral, RPF, 1, 1947, p. 153-198.

Pietsch

1983: PIETSCH, M.- Die rõmischen Eisenwerkzeuge von Saalburg, Feldberg und Zugmantel, *Saalburg Jahrbuch,* 39, 1983, p. 5-132.

Pigott

1981: PIGOTT, St.- *A Europa antiga.* Lisboa, 1981.
1983:*The earliest wheeled transport.* London, 1983.

Pimentel

1902: PIMENTEL, A.- *Santo Thyrso de Riba d'Ave.* Santo Tirso, 1902.

Pina A.A.

1958-59: PINA, A.A.- S. Martinho de Dume e a sobrevivência da mitologia suévica, BA, 9-10 (1-4), 1958-59, p. 58-66.

Pina

1928: PINA, L.- A Penha eneolítica, RG, 38 (3-4), 1928, p. 135-138.
1936: Novos elementos para o estudo da Penha eneolítica (Guimarães), TAAP, 2, 1936, p. 81-84.
1940: Tentame topográfico de arqueologia pré-romana e luso-romana do concelho de Guimarães, CMP, 1940, p. 503-508.
1942: Museu, RG, 52 (3-4), 1942, p. 303.
1965: A arqueologia portuense na «Anacrisis» de Pereira de Novais, *Lucerna,* 4, 1965, p. 65-74.

Pingel

1986: PINGEL, V- Os principios da metalurgia do ouro em Portugal, *Actas do colóquio de ourivesaria do Norte de Portugal,* Porto, 1986, p. 49-57.
1992: *Die Vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel.* Berlim, 1992 (Madrider Forschungen, 17).

Pinheiro A.D.

1928: PINHEIRO, A.D.- Uma cidade no alto do Marão, RG, 38 (1-2), 1928, p. 40-45.

Pinheiro H.

1888: PINHEIRO H.- Relatório sobre as ruínas romanas descobertas junto da povoação do Castro d'Avellãs no mês de Fevereiro de 1887, RG, 5 (2), 1888, p. 71-96.

Pinho

1905-08: PINHO, J.- Castros do concelho de Amarante, *Portugalia,* 2, 1905-08, p. 476, 673-675.
1928: A ara de Marecos, *Penha-fidelis,* 1 (5), 1978, p. 95-97; 1 (6), 1928, p. 116-120; 1 (7), 1928, p. 182-187.
1929a: A cividade de Eja, *Penha-fidelis,* 1 (11), 1929 p. 205-212.
1929b: 0 tesouro de Gondeiro, *Penha-fidelis,* 1 (10), 1929, p. 182-187.

Pinho A.M.

1989: PINHO, A.M.- *Normas práticas de prospecção arqueológica.* Amarante, 1989.

Pinho L.M.S.

1996: PINHO, L.M.S.- *Subsídios para o inventário arqueológico do vale do Bestança.* Cinfães, 1996.

Pinho L.M.S. *et alii*

1998: PINHO, L.M.S.; LIMA, A.M.C., CORREIA, A.L.- *Património arqueológico do vale do Bestança.* Cinfães, 1998.

Pinho L.M.S.-Pereira, A.S.

1996: PINHO, L.M.S.; PEREIRA, A.S.- *Duas árulas de Passos – Cinfães,* FE, 52, 1996, ep.237.
1999: *Estela funerária de S. Paio – Cinfães,* FE, 51, 1996, ep.236.

Pinto-Parreira

1978: PINTO, .V.; PARREIRA, R.- Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do Estuário do Tejo, III JA, 1, 1978, p. 147-163.

Pinto R.S.

1926: PINTO, R.S.- Nótulas ceramográficas, 1. Um vaso pintado de Lamego, AP, 27, 1926, p. 159-164.
1927: Introdução à arqueologia portuense, *O Tripeiro*, 26, 1927, p. 24-25-27, 1927, p. 46.
1928-29: Museu de Martins Sarmento, RG, 38 (3-4), 1928, p. 192-196; 39 (1-2), 1929, p. 27-43, 39 (3-4), 1929, p. 169-181.
1929a: Machados de bronze do Museu Municipal do Porto, *Portucale*, 2, 1929, p. 421
1929b: Petróglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, 62, 1929, p. 19 26.
1930a: Machados de bronze das margens do Ave, TAE, 4 (3), 1930, p. 306.
1930b: Museu Municipal do Porto – achegas para um catálogo, *O Tripeiro*, 4.ª série, 1 (171), 1930, p. 15.
1931-32: As fíbulas do Museu Regional de Bragança, TAE, 5, 1931-32, p. 90-95.
1932: A Cividade de Terroso e os castros do Norte de Portugal, RG, 42 (1-2), 1932, p. 81-91.
1933a: Explotaciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal, IP, 6, 1933, p. 177-181.
1933b: Activité minière et métallurgique pendant l'Âge du Bronze en Portugal, AFCP, 18, 1933.
1933c: O Castro de Sendim, Felgueiras (Nota preliminar), HMS, 1933, p. 376-380.

Pinto S.S.

1964: PINTO, S.S.- O problema de Portucale. Novas teorias, novas conclusões, RG, 74 (3-4), 1964, p. 281-289.

Pintor

1975: PINTOR, M.A.B.- *Melgaço medieval*. Braga, 1975.

Pla Ballester

1968: PLA BALLESTER, E.- Instrumentos de trabajo ibéricos en la région valenciana, in Tarradel 1968, p. 142-190.

Planck *et alii*

1985: PLANCK, D. *et alii*: *Der Keltenfürst von Hochdorf*. Sttutgart, 1985.

Pokorny

1947-59: POKORNY, J.- *Indogermaniches Etymologisches Worterbuch*. Bern, 1947-59.
1952: Zur Urgeschichte der Kelten und Illyrier, *Zeits ift für Celtische Philologie*, 21, 1952 p. 55-166.

Polanyi

1976: POLANYI, K.- *Comercio y mercado en los imperios antíguos*. Barcelona, 1976.

Ponte

1973a: PONTE, S.- Análise de três fíbulas de especial interesse, XII CAN, 1973, p. 363-368.
1973b: Fíbulas pré-romanas e romanas de Conimbriga, *Conimbriga*, 12, 1973, p. 159-197.
1980: A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular, SANP, 2, 1980, p. 111-119.
1981: Quatro fíbulas da Citânia de Santa Luzia, *Minia*, 2.ª Série, 4 (5), 1981, p. 149-152.
1982: As fíbulas do Museu Municipal da Figueira da Foz, *Conimbriga*, 21, 1982, p. 153-162
1984: Fíbulas de sitios a Norte do rio Douro, *Lucerna*, 1984, p. 111-144.
2001: *Fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Porto, 2001 (diss. doutoramento, policop.).

Pouillon

1976: POUILLON, F. (dir.)- *A antropologia económica*. Lisboa, 1976.

Presedo

1973: PRESEDO, F.- *La Dama de Baza*. Madrid, 1973.

Prieto

1996: PRIETO, M. S.- Los torques castreños del Noroeste de la Península Ibérica, *Complutum*, 7, 1996, p. 195-223.

Proença

1908: PROENÇA, F.T.- *Ensaio de classificação dos castros portugueses*. Leiria, 1908.

Prósper

1997a: PRÓSPER, B.- Der althispanische Göttername abne und idg. *ab- "wasser, BN, 32, 1997, p. 271-279.
1997b: La divindad paleo-hispana Cossue/Coso y el dios itálico Couso, *Aron*, 19, 1997, p. 267-302.
1997c: *Tongoe Nabiagoi*: La lengua lusitana en la inscripción bracarense, *Veleia*, 14, 1997, p. 163-176.

Puerta-Stilow

1985: PUERTA, C.; STILOW, A.U.- Inscripciones romanas del Sureste de la provincia de Córdoba, *Gérion*, 3, 1985, p. 317-346 (V - p. 326-331).

Queiroga

1984: QUEIROGA, F.- Escavações arqueológicas em Castelo de Matos. Notícia preliminar, *Arqueologia*, 9, p. 105-116.
1985a: Vila Nova de Famalicão. Castro de Vermoim -1982, IA, 5, 1985, p. 56.
1985b: Vila Nova de Famalicão. Castro das Ermidas -1983, IA, 5, 1985, p. 56-57.
1987: Dois torques castrejos do Ashmolean Museum, Oxford, *Portugalia*, Nova Série, 8, 1987, p. 59-63.
1992: *War and castros: New approches to the Northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford, 1992, 2 vol., (diss. doutoramento, policop.) = 2003 (BAR, International Series 1198).
2001: *Inventário patrimonial de Vale de Cambra, I. Arqueologia*. Vale de Cambra, 2001.

Queiroga-Dinis

1997: QUEIROGA, F. R.; DINIS, A. P.- A estrutura de banhos castreja do castro das Eiras, (Vila Nova de Famalicão), *Actas do Colóquio de Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Santiago de Compostela, 1997 (prelo).

Queiroga-Figueiral

1992: QUEIROGA, F.R.; FIGUEIRAL, I.-Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos, BC-CMVNF, 9, 1992, p. 47-69.

Quesada — 2003: QUESADA SANZ, F.- ? Espejos de piedra? Las imágenes de armas en las estatuas de los guerreros llamados galaicos, MM, 44, 2003, p. 87-112.

Quesado — 1955: QUESADO, A.P.- Quatro castros descobertos no concelho de Viana do Castelo, *Notícias de Viana*, 6.11.1955, p. 4.

Quiring — 1935: QUIRING, H.- El laboreo de las minas de oro por los romanos en la Peninsula Ibérica y las arrugias de Plinio, IP, 9, 1935, p. 6-8.

Raddatz — 1969: RADDATZ, K.- *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1969, 2 vol. (Madrider Forschungen, 5).

Ramil — 1995/96: RAMIL , G. E.- O monumento com forno do Castro dos Prados-Espasante (Ortigueira, A Coruña) Memoria de investigação, *Brigantium*, 9, 1995/96, p. 13-60.

Ramil Rego — 1993: RAMIL REGO, P.- Paleoethnobotânica de yacimentos arqueológicos holocenos de Galicia (N.O. Cantábrico), *Antropologia-Arkeologia*, 45, 1993, p. 165-174.

Ramil Rego- Fernández — 1999: RAMIL-REGO, P.- FERNÁNDEZ, R.- La explotatión de los recursos alimenticios en el Noroeste iberico, in García Quintela 1999, p. 296-319.

Ramin — 1965: RAMIN, J.- *Le problème des Cassitérides et les sources de l'étain occidental depuis les temps protohistoriques jusqu'au début de notre ère*. Paris, 1965.
1977: La technique minière et métallurgique des anciens, *Latomus*, 153, 1977, p. 158-161.

Ramírez — 1981: RAMÍREZ, J.L.- Las creencias religiosas de la región lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas, *La religión romana en España*. 1981, p. 343-363.

Ramón-Oxea — 1955: RAMÓN, F.; OXEA, J.- Nuevas epígrafes romanas en tierras de Cáceres, BRAH, 136, 1955, p. 262-264.

Ramos — 1943: RAMOS, A.F.- *Lavra. Apontamentos para a sua monografia*. Porto, 1943.

Ramos y Loscertales — 1942: RAMOS Y LOSCERTALES, J.M.- Hospicio y clientela en la España céltica. Notas para su estudio, *Emerita*, 10, 1942, p. 308-337.

Rauret Dalmau — 1976: RAURET DALMAU, A.M.- *La metalurgía del bronce durante la edad del Hierro*. Barcelona, 1976 (Publicaciones Eventuales, 25).

Real — 1984: REAL, M L.- Arqueologia portuense em 1984. Notícia sobre as operações no Morro da Sé, em áreas de intervenção do CRUARB, *Arqueologia*, 10, 1984, p. 75-79.

Real-Osório — 1993: REAL, M.L.; OSÓRIO, M.I.N.P.- Rua de D.Hugo n.º 5, *O Porto das Mil Idades- Arqueologia na Cidade*. Porto, 1993.

Redentor — 2002: REDENTOR, A.- *Epigrafia romana da região de Bragança*. Lisboa, 2002 (TA, 24).

Redondo — 1985: REDONDO, J.A.- Restos de uma antigua ordenación social y territorial en la provincia de Cáceres, *Estado de la questión y Norba*, 6, 1985, p. 29-42.

Regalo — 1986: REGALO, H.L.- Levantamento arqueológico do concelho de Vila Verde, *Minia*, 8, 1986, p. 70-110.

Reinach — 1912: REINACH, S.- Un bracelet espagnol en or, *Revue Archéologique*, 20, Paris, 1912, p. 375-380.
1925: The Evora gorget, *The Antiquaries Journal*, 5 (2), London, 1925, p. 123-134.

Renfrew C. — 1979: RENFREW, C.- *Before civilization: The radiocarbon revolution and prehistoric Europe*. Harmondsworth – Middlesex, 1979 (1.ª ed. 1973).
1987: *Archaeology and language: The puzzle of Indo-European origins*. New York, Cambridge (trad. castelhana: *Arqueología e lenguage*, Barcelona, 1990).

Renfrew C.-Bahn — 2000: RENFREW, C.; BAHN, P.- *Archaeology: Theories, methods and practice*. London (1.ª ed. 1991; trad. castelhana: *Arqueología. Teorías, métodos y práctica*. Madrid, 1993).

Renfrew J. — 1973: RENFREW, J.- *Palaeoethnobotany. The prehistoric food plants of the Near East and Europe*. London, 1973.

Reis — 1978: REIS, A.A.M.- *A romanização no concelho de Ponte de Lima*. Ponte de Lima, 1978.

Reis J.A.L. — 1904: REIS, J.A.L.- *A villa de Valongo*. Valongo, 1904.

Reis M.L. — 1997: REIS, M.L.F.S.- *Cárquere: epigrafia latina*. Porto, 1997 (diss. mestrado, polcop.).

(Carvalhais, S. Pedro do Sul)[468], na região da Beira Alta, onde também aparecem várias vezes representadas no penedo com gravuras de Molelinhos (Molelos, Santa Comba Dão)[469], a evidenciar uma utilização generalizada por toda a área castreja a Norte e a Sul do Douro.

Mostram, em todos os casos observados, uma lâmina de secção triangular, espessada e plana no dorso e afiada no gume, encurvada na zona média e pontiaguda, e com cabo ora em alvado ora espalmado, para aplicação de punho de madeira, que era fixo por rebites de ferro e ocasionalmente por outros elementos de bronze[470], ou por simples espigão de ferro para introdução em cabo de madeira, conforme se depreende de alguns vestígios por nós documentados, vg., no Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha) (Est. LXXXVIII, 9).

As suas dimensões, a avaliar pelos exemplares mais completos, são em geral reduzidas em confronto com os seus paralelos meridionais, assim se adequando ao género de luta, corpo a corpo, praticada pelos povos castrejos, mais se afastando deles pela rudeza de linhas e ausência de decoração.

Uma última classe de objectos, singulares, de lâmina cortante, em forma de espátula com punho alveolado com vazamentos ao gosto das empunhaduras das espadas tipo Huelva, e que poderiam ter a função de arma, mas a que parece convir melhor a de utensílios para cortar («tranchet»; «Ledermesser»), está ainda representada nesta área com dois exemplares do Castro da Senhora da Guia, Baiões (Est. LXXXVI, 14-15)[471], que contam com paralelos em Canedotes, Vila Nova de Paiva[472], Monte do Frade, Penamacor[473], no Castelo Velho de Caratão (Mação)[474], na Beira Interior, e na Extemadura Espanhola[475], assim como no depósito de Abini (Teti, Nuoro), e no santuário de Santa Vittoria (Serri, Nuoro) na Sardenha[476], em dispersão geográfica circunscrita à área meridional das relações do Bronze Final Atlântico.

Pontas de lança

Uma certa diversidade tipológica das pontas de lança do Bronze Final, todas de alvado e com perfurações laterais para fixação de cravos em cabo de madeira, é ilustrada por um exemplar do Castro de S. Julião com folha triangular vincada no dorso de secção losângica oca (Est. LXXXVI, 6)[477] com paralelos no Alto Minho, no depósito de Roussas (Melgaço)[478] e no achado recente do Castro da Senhora da Graça (Badim, Monção)[479], e com peças análogas no depósito de Hío (Pontevedra)[480], no Castro de San Lorenzo de Pastor (O Pino, La Coruña)[481] e no Castro do Picote (Miranda do Douro)[482], e por quatro outros exemplares procedentes do Castro da Senhora da Guia, Baiões, a indicar contemporaneidade de utilização de tipos diversos no mesmo sítio:

- o primeiro (Baiões 1)[483], do achado ocasional de 1971 e fazendo parte do depósito de fundidor[484], com alvado alargado na base e folha de bordos estreitos (Est. LXXXVI, 7), podendo considerar-se paralelo do tipo Vénat[485], também representado na Quinta do Passal (Várzea do Douro, Marco de

468 Tavares M.C. 1975, p. 22, Fig. 20-22.
469 Santos M.F. 1972, p. 128.
470 Est. LXXXVIII, 6.
471 Silva Ce T. 1979, Est. V, (1,2); Kalb 1976, p. 201-205 (*in specie*), 1978 e 1980a, Abb. 9:43, n.º 19; Coffyn 1983, p. 182, Fig. 3-4 (p. 180) e 1985, p. 222, 394, n.º 263, Pl. LI, 6-7.
472 Canha 2002, p. 81; Valinho 2003, p. 41.
473 Vilaça 1995, p. 338, Est. CIV, 4.
474 Pereira M.A.H. 1970, p. 170, Fig. 78; Kalb 1976e e 1980a, Abb. 15: 66, n.º 2; Coffyn 1983, p. 182 e 1985, p. 222, 394, n.º 262.
475 Aguijón de Pantoja, Castillejo (Salvatierra de Santiago) e El Risco (Martín Bravo 1999, p. 54, 56, Fig.).
476 Kalb 1976, Fig. 5.
477 Museu Pio XII, Braga.
478 Neves 1962, p. 98-99, Fig. 2; Kalb 1980a, Abb. 2:6, n.º 2; Coffyn 1983, Fig. 2:5 e 1985, p. 218, Pl. XXXVI, 7.
479 Marques J.A.T.M. 1984b, Est. 2:1.
480 Obermaier 1923; Almagro 1940, Fig. 22; Monteagudo 1977, Taf. 152: A 24-26; Coffyn 1985, Pl. LX, 2-4.
481 Meijide-Acuña 1955, p. 185, Fig. 7.
482 Lopo A.P. 1902, p. 54; Höck-Coelho 1972, p. 241-242, n.º 38; Kalb 1980a, Abb. 7:39; Coffyn 1985, p. 218, Pl. LIII, 3.
483 Tipo Baiões, *simpliciter*, in Coffyn 1983, p. 177-178, com menção dos paralelos da Quinta do Passal (Várzea do Douro, Marco de Canaveses), Castelo de Montemor-o-Velho, Porto do Concelho e Pragança (Fig. 2:4) e 1985, p. 218, 391, n.ºs 179-184.
484 Silva Ce T. 1979, Est. I, 2; Kalb 1978, p. 114, Abb. 1: 8 e 1980a, p. 44, Abb. 8: 43, n.º 4; Silva A.C.F. *et alii* 1984, p. 83, Est. VII, 2.
485 Coffyn 1985, p. 218, 391.

Rodrigues

1956: RODRIGUES , A. V.- *Subsídios arqueológicos para a história de Celorico da Beira*. Coimbra, 1956.
1959: O Castro do Cabeço das Fráguas e a romanização das suas imediações, *Beira Alta*, 18 (1-2), 1959 p. 111-128.
1959-60: Inscrição tipo "porcom" e aras anepígrafes do Cabeço das Fráguas (Guarda), *Humanitas*, 11-12, p. 71-75.
1961a: *Arqueologia da Península hispânica. Do Paleolítico à romanização*. Porto, 1961.
1961b: O problema da localização de Longóbriga, *Lucerna*, 1 (2), p. 59-67.

Rodrigues-Brandão

1962: RODRIGUES, A.V.; BRANDÃO, D.P.- *Missão de estudo arqueológico na região da Vilariça* – Moncorvo, SG, 9 (1), 1962, p. 336-351.

Rodrigues T.J.

1997: RODRIGUES, T.J.- *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514. Antecedentes e a evolução da comarca eclesiástica de Velença do Minho*. Porto, 1997 (diss. mestrado, policop.) = (2002, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais).

Rodríguez Colmenero

1972a: RODRÍGUEZ COLMENERO, A.- Aspectos geográfico-históricos en torno al convento jurídico bracaraugustano, HA, 2, 1972, p. 135-163.
1972b: Sobre los pueblos prerromanos del Sur de Galicia, BAur, 2, 1972, p. 194-240.
1973a: Los Interamnici del convento jurídico Bracaraugustano y su diós indígena Toroiogombiateco, HA, 3, 1973, p. 407-416.
1973b: Epigrafes inéditos de tierras orensanas, *Durius*, 1, 1973, p. 361-366.
1975: Otra interpretación del ara romana de Icascaen (Castrelo do Val, Orense), XIII CAN, 1975, p. 957-962.
1977: Galicia meridional romana. Bilbao, 1977.
1979: *Augusto e Hispania. Conquista y organización del Norte peninsular*. Bilbao, 1979 (Cuadernos de Arqueologia de Deusto, Seminario de Arqueología, 7).
1980: El culto a los montes entre los galaico/ romanos, SANP, 3, 1980.
1981: Los Divoi y Devai Icemicoi, receptores de un posible pacto entre dos nuevos grupos gentilicios de la Galicia romana, *I Reunión Gallega de Estudios Clásicos*, 1981, p. 141-151.
1985: La grán inscripción de Remeseiros, Vilar de Perdices (Portugal). Una nueva hipótesis de trabajo, *Arqueologia*, 12, 1985, p. 195-201.
1987: *Aquae Flaviae, I. Fontes epigráficas.* Chaves, 1987 (2.vol.).
1991: *As insculturas de Capariños (Vilar de Perdizes, Portugal).* A Coruña, 1991, p. 147-149 (Larouco, Anejo 1).
1993: *Corpus-catálogo de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante Noroeste de la Península Ibérica*. A Coruña, 1993 (Larouco, Anejo 1).
1995: Corpus de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante Noroeste de la Península Ibérica, Saxa Scripta (Inscripciones en Roca), *Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafia Rupestre, (1992).* A Coruña, 1995, p. 117-259 (Larouco, Anejo 2).
1996: *Pueblos prerromanos del convento jurídico lucense: Organización sociopolítica y distribución territorial, Lucus Augusti, 1. El amañecer de una ciudad*. A Coruña, 1996, p. 129-242.
1997: *Aquae Flaviae: I. Fontes epigráficas de Gallaecia meridional interior*. Chaves, 1997 (2.ª ed.).
1999: *O santuário galaico-romano de Panóias (Vila Real, Portugal). Novas achegas para a sua reinterpretação global*. Vila Real, 1999.
2001: *Aquae Querquennae, Porto Quintela, Bande (Ourense)*. Via Nova, 2001.
2002a: Deuses da planície: Nabia e assimilados, MNA 2002, p. 25- 29.
2002b: Montanhas sagradas no Noroeste hispânico: Larouco, Marão e Teleno, MNA 2002, p. 33-38.

Rodríguez Colmenero-Delibes

1973: RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; DELIBES DE CASTRO, G.- Hallazgos prehistóricos de la provincia de Orense. 2. Una cerámica de incrustación de Boquique en Covas, CEG, 28 (44),1973, p. 52-61.

Rodríguez Colmenero-Fontes

1980: RODRIGUEZ COLMENERO, A.; FONTES, A.L.- El culto a los montes entre los galaico-romanos, SANP, 3, 1980, p. 21-35.

Rodríguez Colmenero *et alii*

1976: RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; TORRES LÓPEZ, P.; MENOR CURRAS, M.- Excavaciones arqueológicas en el Castro de Novás (Orense), NAH (Arqueologia, 4), 1976, p. 547-584.

Rodríguez Díaz

1989: RODRÍGUEZ DIAZ, A.- Nota preliminar sobre el poblado prerromano de Belén (Zafra, Badajoz), XIX CAN (Castellón, 1987), 1989, p. 619-628.

Rodríguez González

1997: RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, X.- Una dedicación a Reve en el entorno de las Burgas (Ourense) y su significado en el contexto arqueologico, BAur, 25, 1997, p. 51-60.

Rodríguez-Santero

1982: RODRÍGUEZ NEILA, J.F., SANTERO SANTURINO, J.M.- «Hospitium» y «Patronatus» sobre una tabla de bronce de Cañete de las Torres (Córdoba), *Habis*, 13, 1982, p. 105-163.

Roldán

1970-71: ROLDÁN HERVAS, J.M.- Fuentes antiguas sobre los Astures, *Zephyrus*, 21-22, 1970-1971, p. 171-238.
1974: *Hispania y el ejército romano. Contribución a la historia social de la España Antigua*. Salamanca, 1974.
1975: *Fuentes antiguas para la estudio de las vías romanas en la Peninsula Ibérica*. Valladolid, 1975 (Anexos de HA, 7).

Rolland — 1965: ROLLAND, H.- *Bronzes antiques de Haute Provence (Basses-Alpes, Vaucluse).* Paris, 1965 (sup. *Gallia*).

Romero Carnicero — 1980: ROMERO CARNICERO, F.- Notas sobre la cerámica de la Prirnera Edad del Hierro en la cuenca media del Duero, BSAA, 46, 1980, p. 137-153.
1984a: Novedades arquitectónicas de la cultura castrena soriana: la casa circular del castro del Zarranzano, I SAS, 1984, p. 188-205 (Temas Sorianos, 9).
1984b: La Edad de Hierro en la serranía soriana: Los castros, BSAA, 50, 1984, p. 27-67.

Romero Masiá — 1976: ROMERO MASIÁ, A.- *El habitat castreño.* Santiago de Compostela, 1976.
1987:*Castro de Borneiro. Campañas 1983-84.* Santiago de Compostela, 1987 (Arqueoloxia/Memorias, 7).

Rosário — 1973: ROSÁRIO, A.- *Falam documentos, 2-3 (31-66).* Braga, 1973.

Roudil-Guilaine — 1976: ROUDIL, J.L.; GUILAINE, J.- Les civilisations de l'Âge du Bronze en Languedoc, *La Prébistoire française,* 2, 1976, p. 459-469.

Rouillard — 1975: ROUILLARD, P.- Les coupes attiques à figures rouges du IVe siècle en Andalousie, MCV, 11, 1975, p. 21-49.

Rowlands — 1999: ROWLANDS, M.- The culture economy of sacred powers, in Ruby 1999, p. 165-172.

Ruano Ruíz — 1996: RUANO RUÍZ, E.- *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera.* Ibiza, 1996.

Ruben García — 1947-48a: RUBEN GARCÍA, M.- El Castro de Castelo (Ribadavia), BCMOrense, 16, 1947-48, p. 68-75.
1947-48b: El Castro de Veiga (Ribadavia), BCMOrense, 16, 1947-48, p. 55-67.
1953: Castros de un valle gallego (los del Ribero de Avia, Orense), *Zephyrus,* 4, 1953, p. 75-95.

Rubinos *et alii* — 1999: RUBINOS, PÉREZ, A.; FÁBREGAS VALCARCE, R.; ALONSO MATHIAS, F.; CONCHEIRO COELLO, A.- Las fechas C14 del castro de O Achadizo (Boiro, A Coruña) : problemática de la calibratión de conchas marinas, TP, 56 (1), p. 147-155.

Ruby — 1999: RUBY, P. (dir.) – *Les princes de la Protohistoire et l'émergence de l'état.* Naples-Rome, 1999.

Ruivo — 1993: RUIVO, J.S.- Os espetos articulados de Reguengo do Fetal (Batalha, Leiria), EP, 1, p. 105-110.

Ruíz Delgado — 1989: RUÍZ DELGADO, M. M.ª- *Fíbulas protohistóricas en el Sur de la Península Ibérica.* Sevilla, 1989 (Filosofía y Letras, 112).

Ruíz Gálvez — 1978: RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M.- El tesoro de Caldas de Reyes, TP, 35, 1978,p. 173-1982.
1979a: El Bronce antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de perodización, TP, 36, 1979, p. 151-172.
1979b: El depósito de Hio (Pontevedra) y el final de la Edad del Bronce en la fachada atlántica peninsular, MP, 33, 1979, p. 3-22.
1980: Consideraciones sobre el origen de los puñales de antenas gallego-asturianos, SANP, 1, 1980, p. 85-111.
1987: Bronce Atlántico y "cultura" del Bronce Atlántico en la Península Ibérica, TP, 44, 1987, p. 251-264.
1989: La orfebrería del Bronce Final. El oro en la España prerromana, *Revista de Arqueología,* 1989, p.46-57.
1991: Songs of a wayfaring lad. Late Bronze Age Atlantic exchange and the building of the regional identity in the West Iberia Peninsula, *Oxford Journal of Archaeology,* 10 (3), 1991, p. 277-306.
1992: "La novia vendida": orfebrería, herencia y agricultura en la Protohistoria de la Península Ibérica, SPAL, 1, 1992, p. 219-251.
1993: El occident de la Península Ibérica, punto de encuentro entre el Mediterraneo y el Atlántico a fines de la Edad del Bronce, *Complutum,* 4, 1993, p. 41-68.
1995: *Ritos de paso y puntos de paso.* Madrid, 1995 (Complutum, Extra, 5).
2001: (coord.)-*La Edad del Bronce, primera edad de oro de España? Sociedad, economía e ideología.* Barcelona, 2001.

Ruíz Zapatero — 1984: RUIZ ZAPATERO, G.- Cogotas I y los primeros «Campos de Urnas» en el Alto Duero, I SAS, p. 170-185 (Temas Sorianos, 9).
1985: *Los Campos de Urnas del NE de la Peninsula Ibérica.* Madrid, 1985 (diss. doutoramento).
1993: El concepto de Celtas en la prehistoria europea y española, in Almagro Gorbea 1993b, p. 23-62.
2001: Las comunidades del Bronce Final: Enterramiento y sociedad en los Campos de Urnas, in Ruiz Gálvez 2001, p. 257-288.

Rykwert J. — 1976: RYKWERT, J.- *The idea of a town.* London, 1976.

Sá — 1938-39: SÁ, M.F.- Subsídios para a história de Fiães da Feira (Nova et vetera), ADA, 5 (18), 1938, p. 115-160; 5 (19), 1939, p. 237-239.
1940: *Santa Maria de Fiães da Terra da Feira.* Porto, 1940.

Saavedra — 1935: SAAVEDRA, J.A.P.C. – *Provezende antigo e moderno.* Lisboa, 1935.

Sáez — 1978: SÁEZ FERNÁNDEZ, P. – Las centurias de la Betica, *Habis*, 9, 1978, p. 255-271.

Sahlins — 1984: SAHLINS, M.D.- *Las sociedades tribales.* Barcelona, 1984 (ed. original 1972).
1985: *Islands of history.* Chicago, 1985.

Salinas — 1982: SALINAS, M.- *La organización social de los Vetones.* Salamanca, 1982.
1995: Los términos indígenas en la mención *dius, -a* en la epigrafia hispânica, *Conimbriga,* 34, 1995, p. 129-146.

Sampaio — 1893-97: SAMPAIO, A.- Estudos históricos e económicos, 1, As «villas» do Norte de Portugal, RG, 10 (3), 1893, p. 161-176; 10 (4), 1893, p. 209-221; 11 (3), 1894, p. 139-147; 12 (1), 1895, p. 5-10; 12 (2), 1895, p. 65-90; 12 (4), 1895, p. 155-173; 14 (4), 1897, p. 161-186=*Portugalia*, 1, 1899-1903, p. 97-128, 281-324, 549-584, 757-786=Lisboa, 1979.

Sanahuja YII — 1971: SANAHUJA YLL, M.E.- Instrumental de hierro agrícola e industrial de la época ibero-romana en Cataluña, *Pyrenae*, 7, 1971, p. 61-110.

Sanches — 1988: SANCHES, M.J.- *Contribuição para o estudo da Pré-história recente do Planalto Mirandês.* Porto, 1988.
1989: *Levantamento arqueológico de Mirandela.* Mirandela, 1989.
1995: O povoado da Lavra, Serra da Aboboreira, MNA 1995, p. 116.
1997: O crasto de Palheiros (Murça). Notícia preliminar das escavações de 1995 e 1996. *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*, 2. Zamora, 1997, p. 389-399.
2000-01: O crasto de Palheiros (Murça). Do Calcolítico à Idade do Ferro, *Portugalia*, Nova Série, 21-22, 2000-01, p. 5-101.

Sanches-Santos — 1987: SANCHES, M.J.; SANTOS, B.C.T.O.- Levantamento arqueológico do concelho de Mirandela, *Portugalia*, Nova Série, 8, 1987, p. 17-56.

Sánchez Moreno — 2000: SÁNCHEZ MORENO, E.- *Vettones: História y arqueología de un pueblo prerromano.* Madrid, 2000.

Sánchez Albornoz — 1929: SÁNCHEZ ALBORNOZ, C.- Divisiones tribales y administrativas del solar de Asturias en la época romana, BRAH, 95, 1929, p. 315-395=Estudios críticos sobre la historia del reino de Asturias, 1. Oviedo, 1972, p. 5-100.
1970: *Miscelánea de estudios históricos.* León, 1970.

Sánchez Palencia — 1983: SÁNCHEZ-PALENCIA R.F.J.- Explotaciones auríferas en el «Conventus Asturum», *Indigenismo y romanización en el Conventus Asturum,* 1983, p. 67-87.

Sánchez-Fernández — 1985: SÁNCHEZ PALENCIA, R.F.J.; FERNÁNDEZ POSSE, M.D.- La Corona y el castro de Corporales, I. Truchas (León). Campañas de 1978 a 1981, EAE, 141, 1985.

Sanctis — 1953: SANCTIS, G.- *Stori dei romani.* Firenze, 1953.

Sandars — 1913: SANDARS, H.- *The weapons of the iberians.* Oxford, 1913 (Archaeologia, 64).

Sangmeister — 1960: SANGMEISTER, E.- Die Kelten in Spanien, MM, 1, 1960, p. 75-85.

Sanmartí — 1981: SANMARTÍ, G. E.- Las cerámicas de barniz negro y su función delimitadora de los horizontes ibéricos tardios (siglos III-I a.C.), BECI (MRAEAA), 1981, p. 163-179.

Santarém — 1951: SANTARÉM, C.M F.- O castro do Monte do Padrão, BC-CST, 1 (1), 1951, p. 49-66.
1952/1956: Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa, BC-CST, 2 (1), 1952, p. 105-111; 4 (2), 1956, p. 169-177.
1953: Duas inscrições romanas inéditas do concelho de Santo Tirso, BC-CST, 2 (3), 1953, p. 397 402.
1955: O castro do Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54, BC-CST, 3 (4), 1955, p. 397-429.
1956: Inscrições romanas do concelho de Santo Tirso, BC-CST, 5 (1), 1956, p. 61-72.
1977: Uma inscrição romana de Alvarelhos, Santo Tirso, BC-CST, 2.ª Série, 1 (1), 1977, p. 161-170.

Santero Santurino — 1978: SANTERO SANTURINO, J.M. - *Asociaciones populares en Hispania romana.* Salamanca, 1978.

Santiso *et alii* — 1977: SANTISO, A.G., SOBRIÑO, G.; TAMUXE, X.- Casco celta de Caldelas de Tuy, *Tuy - Museo y Archivo Histórico Diocesano*, 2, 1977, p. 39-48.

Santos E. — 1972: SANTOS, E.- As termas de S. Pedro do Sul. Elementos para a sua história, *Beira Alta*, 30 (4), 1972, p. 445-497.

Santos J.N.

1955: SANTOS, J.N.- *Notas arqueológicas, históricas e etnográficas. I – Castrum Quiffionis*. Matosinhos, 1955.
1959: *A Torre de Linhares na época romana*. Ed. Autor, 1959.
1962: Altar com covinhas no Castro de Guifões, SG, 9, 1962, p. 111-116.

Santos *et alii*

1983: SANTOS, L.A.; LE ROUX, P.; TRANOY, A.- Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga, BA, 37 (96-97), 1983, p. 183-205.

Santos M.C.

1969: SANTOS , M. C.- Subsídios para o estudo arqueológico de Montalegre, Mealhada e Viseu, *Ethnos*, 6, 1969, p. 201-218.

Santos M.Fa.

1973: SANTOS, M. Fa.- Fíbulas recolhidas no cabeço de Vaiamonte, *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.ª Série, 22, 1973, p. 187-202.
1985: *Pré-história de Portugal*. Lisboa, 1985 (1.ª ed., 1972).

Santos M.Fe.

1940: SANTOS, M. Fe.- *A minha terra. Breves apontamentos sobre Romariz*. Porto, 1940 (reed. 1984).

Santos Júmior

1940: SANTOS JUNIOR, J.R.- Sobrevivência folclórica dos berrões da Vilariça, CMP, 2, 1940, p. 368-371.
1952: O Castro de Sampaio (Vilariça), RG, 62 (3-4), 1952, p. 299-306.
1957: O Castro de Carvalhelhos, TAE, 16 (1-2), 1957, p. 25-62.
1959-60: Rampas de acesso às muralhas do Castro de Carvalhelhos, BCMOrense, 20, 1959-60, p. 361-368.
1963a: Berrõezinhos do Castro de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta). México, 1963, p. 396-801 (*Homenagem a Bosch Gimpera*).
1963b: Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso), TAE, 19 (1), 1963, p. 71-80.
1963c: Escavações no Castro de Carvalhelhos - Campanha de 1963, TAE, 19 (2), 1963, p. 187-193.
1964: Escavações no Castro de Carvalhelhos - Campanha de 1964, TAE, 19 (3-4), 1964, p. 360-365.
1966: Duas campanhas de escavações no Castro de Carvalhelhos (1965-1966), TAE, 20 (1-2), 1966, p. 181-190.
1967: Quatro lanças de bronze de Lama Chã (Montalegre), TAE, 20 (3-4),1967, p. 339-347.
1969: Escavações no Castro de Sabrosa em 1968, TAE, 21, 1969, p. 384-389.
1971: Escavações no Castro de Carvalhelhos - Campanha de 1970, TAE, 22 (1), 1971, p. 72-75.
1973: As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos, TAE, 22 (3), 1973, p. 207-219.
1975a: A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal, TAE, 22 (4), 1975, p. 353-516.
1975b: Castro de Carvalhelhos - Campanha de escavações em Agosto de 1975, TAE, 22 (4), p. 559-566.
1977a: Novos elementos de remota zoolatria em Trás-os-Montes, TAE, 23 (1), 1977, p. 5-18.
1977b: Castro de Carvalhelhos - Campanha de 1976, TAE, 23 (1), 1977, p. 161-167.
1978a: Estação arqueológica do Olival das Fragas - Quinta da Tarrachinha, Vilariça, Moncorvo, TAE, 23 (2-3), 1978, p. 235-251.
1978b: Mais um berrão do castro do Monte de Santa Luzia, TAE, 23 (2-3), 1978, p. 333-340.
1978c: A estação arqueológica de Vilarelhos e a cabeça de guerreiro lusitano, TAE, 23 (2-3), 1978, p. 345-351.
1978d: 27.ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1977), TAE, 23 (4), 1978, p. 323-333.
1980a:O castelo dos Mouros do Monte de S. Paulo e a sua calçada de Alpajares, TAE, 23 (4), 1980, p. 373-391.
1980b: Necrópole do castro do Monte de N.ª Sr.ª dos Anúncios (Alvarelhos, Alfândega da Fé), TAE, 23 (4), p. 407-420.
1980c: 28.ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1979), TAE, 23 (4), 1980, p. 607-619.
1980d: O Castro de Fontes (Santa Marta de Penaguião), TAE, 23 (4), 1980, p. 621-627.
1981a: Mais um berrão da zona do castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta), TAE, 24 (1), 1981, p. 101-120.
1981b: 29.ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1980), TAE, 24 (1), 1981, p. 140-147.
1981c: Um perdido berrão transmontano, assinalado por um grande arqueólogo, TAE, 24 (1), 1981, p.156-159.
1982: 30.ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1981), TAE, 24 (2), 1982, p. 249-263.
1983a: 31.ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1982), TAE, 24 (3), 1983, p. 511-519.
1983b: A remota zoolatria e a lápide do castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta), TAE, 24 (3), 1983, p. 526-532.
1983c: The «berrões» proto-historic stone statues of the Boars, worshipped as idols, object of zoolatry, TAE, 24 (3), 1983, p. 533-537.
1984a: 32.ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (Julho-Agosto 1983), TAE, 24 (4), 1984, p. 673-682.
1984b: O Castro da Curalha - Chaves vivente na época suévica?, TAE, 24 (4), 1984, p. 683-684.
1984c: Trinta anos de escavações no Castro de Carvalhelhos (Boticas - Vila Real), RG, 94, 1984, p. 411-424.
1985: A cultura dos berrões proto-históricos fundamente radicada em Trás-os-Montes, TAE, 25 (1), 1985, p. 31-40.

Santos Júnior- Cardoso

1953: SANTOS JÚNIOR, J.R.; CARDOZO, M.- Ex-votos às ninfas em Portugal, *Zephyrus*, 4, 1953, p. 53-68.

Santos Júnior- Freire

1964: SANTOS JÚNIOR, J.R.- FREIRE, O.- Escavações no Castro de S Vicente da Chã (Barroso), TAE, 19 (3-4), 1964, p. 366-371.
1965: O torques de ouro de Vilas Boas (Vila Flor), RG, 75 (1-4), 1965. p 137-152.
1966: O torques de Vilas Boas (Vila Flor, Trás-os-Montes), *Lucerna*, 5. 1966, p. 443-458.

Santos Júnior *et alii*

1982: SANTOS JÚNIOR, J.R.; FREITAS, A.M; COSTA. A.E.- Campanha de trabalhos no Castelo do Mau Vizinho-Cimo da Vila da Castanheira, Chaves, TAE, 24 (2), 1982, p. 293-320.

Santos Júnior- Isidoro

1963: SANTOS JÚNIOR, J. R; ISIDORO, A.F.- Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso), TAE, 19 (2), 1963, p. 178-186.

Santos P.M.

1995: SANTOS, P.M.- O povoado de Santa Ana, Chaves, in MNA 1995, p. 117.

Santos Yanguas

1977: SANTOS YANGUAS, J.- *Estruturas indígenas del Noroeste peninsular y los cambios de las mismas (s.Ia.C.-s.II d.C.)*. Oviedo, 1977, cap. I (diss. Doutoramento, dactil.).
1980: Las cohortes de los lucenses en el ejército romano, *Brigantia*, 1, 1980, p. 107-124.
1983: Cambios y pervivencias en las estruturas sociales indigenas: sociedad indigena y sociedad romana en la area astur, *Indigenismo y romanización en el conventus Asturum*. 1983, p. 89-106.
1984: *Comunidades indígenas y administración romana en el Noroeste hispánico*. Vitoria, 1984.

San Valero

1944: SAN VALERO, A. J.- Excavaciones arqueológicas en Monte Bernorio (Palencia), IMCGEA, 5, 1944.
1950: Restos del castro de Faria, BGAF, 2 (2), 1950, p. 11-15.

Sarmento

1876: SARMENTO, F.M.- Os gregos no Noroeste da Ibéria, *O Instituto*, 23, 1876=1933a, p. 1-7.
1878: O deus Bormânico, *Museu Illustrado*, 1, 1878=1933a, p. 10-11.
1879a: Acerca das escavações de Sabroso, *A Renascença*, 1879=1933a, p. 22-33.
1879b: *Arte pré-romana*, *O Occidente*, 2, 1879=1933a, p 19-21
1879c: A propósito de estátuas galaicas, *Revista Académica*, I (3), 1879, p 19-21=RSNS, 4, 1896, p 181-188 =1933a, p 36-40.
1880: Observações acerca do Vale de Âncora, *O Pantheon*, 1, 1880=1933a, p. 63-67.
1881: A estátua do Pátio da Morte, *O Pantheon*, 1, 1881 =1933a, p 72-73.
1882: Se antes da invasão dos romanos havia arte entre nós, *A Arte Portuguesa*, 1 (4), 1882, p. 1-3, 19-21, 26-27=1933a, p 74-82.
1883: *Expedição científica à Serra da Estrela*, Sociedade de Geografia, Lisboa, 1883=1933a, p. 129-152.
1883-84a: Inscrições inéditas, BRAACAP, 2.ª Série, 4, 1883-84 =1933a, p. 175-180.
1883-84b: A propósito de castros, *O Panorama Contemporâneo*, 1 (2), 1883-1884, p. 9-11, 17-19, 25-26=1933a, p. 165-172.
1884: O deus Bormânico, RG, 1 (2), 1884, p. 57-67=1933a, p 183-190
1884/1909: Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, RG, I (4), 1884, p. 161-189; 2 (4), 1885, p 189-202; 5 (3), 1888, p 109-121; 13 (1), 1896, p. 5-18 e 13 (4), p 149-168; 15 (3), 1898, p 152-167; 16 (1), 1899, p 5-22=1933a, p 191-281; 18 (1-2), 1901, p. 8-29; 18 (3-4), 1901, p. 117-135; 19 (1), 1902, p. 19-33; 19 (3), 1902, p. 109-119; 22 (1-2), 1905, p. 5-32; 22 (3-4), 1905, p. 97-123; 23 (2), 1902, p. 41-51; 24 (2), 1907, p. 53-66; 24 (3-4), 1907, p. 113-122; 26 (1-2), 1909, p 5-19; 26 (4), 1909, p 129-139.
1885a: A argolla encontrada em Penela, *Novidades*, 8 e 9, 1885 = 1933a, p. 282-287.
1885b: A inscrição de Burgães, *A Vida Moderna*, 6 (6), 1885=1933a, p. 288-289.
1887: O deus Tameobrio, *A Vida Moderna*, 8 (10), 1887=1933a, p 296.
1887-89: Para o pantheon lusitano, *Revista Lusitana*, 1 (3), 1887-89, p 227-240=1933a, p. 297-308.
1894: O deus Brigo, *Nova Alvorada*, 4 (2), 1894=1933a, p. 420-421.
1894-95: Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos, RSNS, 3, 1894-95, p. 186-198=1933a, p. 157-164
1895a: A inscrição de Santo Tirso, *A Vida Moderna*, 16 (17), 1895=1933a, p. 422.
1895b: «Cidade Velha» de Monte-Córdova, AP, 1 (6), 1895, p. 145-151=1933a, p. 423-427.
1896: A propósito de Valábriga, *Nova Alvorada*, 5 (11), 1896=1933a, p. 428-430.
1899-1903: A arte mycénica no Noroeste de Hespanha, *Portugalia*, 1, 1899-1903, p. 1-12=1933a, p. 431-442.
1902/1905: Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, Citânia, RG, 20 (1), 1903, p. 5-16; 20 (2), 1903, p. 57-71; 20 (3 4), 1903, p. 112-125; 21 (1), 1904, p. 5-19; 21 (2), 1904, p. 49-63; 21 (3-4), 1904, p. 97-120; 22 (1-2), 1905, p. 5-32; 22 (3-4), p. 97-123.
1906/09: Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. Sabroso, RG, 23 (1), 1906, p. 41-51; 24 (2), 1907, p. 53-66; 24 (3-4), p. 113-122; 26 (1-2), 1909, p. 5-19; 26 (4), 1909, p. 129-139.
1922/1927: Cartas ao professor Pereira Caldas, RG, 32 (1), 1922, p. 5-9; 32 (2), p. 109-113; 32 (3), p. 241-246; 32 (4), p. 365-369; 33 (4), 1923, p. 199-202; 34 (1), 1924, p. 5-9; 35 (2), 1925, p. 77-79; 35 (3), p 137; 37 (1-2), 1927, p 5-10; 37 (3), p. 97-100.
1929/1938: Cartas ao padre Martins Capela, RG, 40 (3-4), 1930, p. 81-87; 44 (3-4), 1934, p. 161-162; 48 (1-3), p 6.
1933a: Dispersos. Coimbra, 1933.
1933b: Observações à Citânia do Sr. Doutor Emilio Hübner, in Sarmento 1933a, p. 463-489.
1939/1941: Correspondência entre Martins Sarmento e o Marquês de Sousa Holstein, RG, 49 (1-2) 1939, p. 12-14; 49 (3-4), p. 95-101; 51 (1-2), 1941, p. 15-17.
1940: A correspondência do padre Joaquim Pedrosa a Martins Sarmento, RG, 50 (34), 1940, p. 206-207.
1970: Os inéditos de Martins Sarmento, RG, 80 (1-2), 1970, p. 5-72.
1999 (1878-1898): *Antiqua: Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães, 1999.

Savory

1949: SAVORY, H.N.- The atlantic Bronze Age in South Westem Europe, PPS, 12, 1949, p. 128-155.
1951: A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa, RG, 61 (3-4), 1951, p. 323-377 (trad.).
1966: A Idade do Ferro - B do Noroeste da Península Ibérica. Novas luzes acerca de urn antigo problema, RG, 76 (12), 1966, p. 117-146.
1967: *Espanha e Portugal*. Lisboa, 1967 (2.ª ed.).
1976: The La Tène shield in Wales, Celtic art in Ancient Europe, *Five protohistoric centuries*. London - New York San Francisco, 1976, p. 185-199.

Sayans

1966: SAYANS, M.- *Joyas celtas de Serradilla*. Plasencia, 1966.

Schattner

2003: SCHATTNER, Th. – Stilische und formale beobachtungen an den kriegerstatuen, MM,44, 2003, p. 127-146.

Sherrat

1991: SHERRAT, S.- Sacred and profane substances : the ritual use of narcotics in later Neolithic Europe, in P. Garwood *et alii* 1991, p. 50-64.

Schmidt

1957: SCHMIDT, K.H.- Die Komposition in Gallischen Personennamen, *Zeitschrift für Celtische, Philologie*, 26, 1957, p. 99-107.
1976: The contribution of celt-iberian to the reconstruction of common celtic, I CLCPPI, 1976, p. 329-342.
1985: A contribuition to the identification of Lusitania, III CLCPPI, 1985, p. 319-341.

Schnapp *et alii*

1980: SCHNAPP, A. *et alii*- (dir.)-*L'archéologie aujourd'hui*. Paris, 1980.

Schmoll

1959: SCHMOLL, U.- *Die Sprachen der Vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Weisbaden, 1959.

Schubart

1961: SCHUBART, H.- Atlantische Nietenkessel von der Pyrenaehalbinsel, MM, 2, 1961, p. 35-54.
1969: Toscanos. La factoria paleopúnica en la desembocadura del rio Vélez, EAE, 66, 1969.
1971: Acerca de la cerámica del Bronce tardio en el Sur y Oeste peninsular, TP, 1971, 28, p. 153-182.
1975: *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwestern der Iberischen Habinsel*. Berlin, 1975, 2 vol. (Madrider Forschungen, 9).
1982: Asentamentos fenicios en la costa meridional de la Peninsula Ibérica, *Huelva Arqueologica*, 6, 1982, p. 71-99.

Schüle

1960: SCHÜLE, W.- Probleme der Eisenzeit auf der Iberischen Halbinsel, Jahrbuch RGZM, 7, 1960, p. 59-125.
1961a: *Las más antiguas fíbulas con pie alto y ballesta*. Madrid, 1961.
1961b: Vorforrnen von Fusszier und Armbrustkonstruktion der Hallstatt D - Fibeln, MM, 2, 1965, p. 55-70.
1969: *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1969, 2 vol. (Madrider Forschungen, 3).

Schulten

1912a: SCHULTEN, A.- *Excavaciones en Numancia*. Madrid, 1912.
1912b: Heleni, RE, 7, 1912, col. 173.
1914-31: *Numantia*. München, 1914 (1), 1927 (3, 4), 1931 (2),4 vol..
1922: *Avieno, Ora Maritima*. Barcelona, 1922 (FHA, 1) (2.ª ed., 1955).
1925a: Leuni, RE, 12, 1925, col. 2312.
1925b: *500 a.C. hasta César*. Barcelona, 1925 (FHA, 2).
1926: Limici, RE, 13, 1926, col. 671.
1927: *Viriato*. Porto, 1927.
1932: Tamagani, RE, 2.ª série, 4, 1932, col. 2091.
1935a: *Las guerras de 237-154 a.C.* Barcelona, 1935 (FHA, 3).
1935b: Nebisoci, RE, 16, 1935, col. 2155.
1935c: Nemetati, RE, 16, 1935, col. 2382.
1937: *Las guerras de 154-72 a.C* . Barcelona, 1937 (FHA, 4)
1940: *Las guerras de 72-19 a.C.* Barcelona, 1940 (FHA, 5).
1949: *Sertorio*. Barcelona, 1949.
1952: *Estrabón, Geografia de Iberia*. Barcelona, 1952 (FHA, 6).
1959-63: *Geografía y etnografía antiguas de la Península Ibérica*. Madrid, 1959-63, 2 vol. (1, 1959; 2, 1963).
1963: Quarquerni, RE, 24, 1963, col. 829.
1962: *Los Cántabros y Astures y su guerra con Roma*. Madrid, 1962 (1.ª ed., 1943).

Shultes-Hofmann

1993: SCHULTES, R.E.; HOFMANN, A.- *Les plantes des dieux*. Paris, 1993 (1.ª ed., 1979).

Schwapach

1976: SCHWAPACH, F.- L'art ornemental du «premier style» celtique, in Duval-Hawkes 1976, p. 61-110.

Seixas

1996: SEIXAS,T.- *Cerâmica proto-histórica do castro de Coto da Pena (Vilarinho, Caminha). Análises físicas e quimicas*. Porto, 1996 (diss. mestrado, policop.).

Senna-Martinez

1989: SENNA-MARTINEZ, J.C.- *Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego: Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Lisboa, 1989, 3 vol. (diss. doutoramento, policop.).
1991: The late prehistory of central Portugal: A first diachronic view, *American Anthropological Association Annual Meeting*. Chicago, American Press (paper).

1994: Entre Atlântico e Mediterrâneo: Algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final Peninsular, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, 1994, p. 215-232 = MNA 1995, p. 118-122.
1995: O povoado do Cabeço do Crasto de S.Romão, MNA 1995, p. 61-65.
2000: O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da orla atlântica: Os dados do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal), *Trabalhos de Arqueologia do EAM*, 6, 2000, p. 43-60.

Senna Martinez-Pedro

2000a: SENNA MARTINEZ, J.C.; PEDRO, I. – Between myth and reality: The foundry area of Senhora da Guia de Baiões and Baiões/Santa Luzia metallurgy, *Trabalhos de Arqueologia do EAM*, 6, 2000, p. 61-67.
2000b: O Grupo Baiões/Santa Luzia no quadro do Bronze Final do Centro de Portugal, MNA 2000, p. 119-131.

Sereni

1971: SERENI E.- *Comunità rurali nell'Italia antica*. Roma, 1971.

Séronie-Vivien

1982: SÉRONIE-VIVIEN, M.R- *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Bordeaux, 1982.

Serra Ráffols

1934: SERRA RÁFFOLS, J. C.- Una tabula hospitalis trobada a Badalona, *Bulletí dels Museus d'Art de Barcelona*, 4, 1934, p. 334-338.

Serrano

1957: SERRANO, A.- Observaciones sobre la distribución geográfica de la escultura zoomorfa prerromana, *Zephyrus*, 8, 1957, p. 103-110.

Serrão

1969: SERRÃO, E.C.- As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo, I JA, 2, 1969, p. 271-307.

Severo

1899-1903: SEVERO, R.- Ex-voto de bronze da Colecção Manuel Negrão, *Portugalia*, 1, 1899-1903, p. 325-331.
1905-08a: O thesouro de Lebução, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 1-14.
1905-08b: Os braceletes d'ouro de Arnozela, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 63-71.
1905-08c: Novas descobertas de ourivesaria proto-historica: O torques de Sarrazes. O torques de Tellões, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 108-109.
1905-08d: O Castro de Vilarinho de Cotas - Relação de um reconhecimento archeológico, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 263-269.
1905-08e: As arrecadas d'ouro do Castro de Laundos, *Portugalia*, 2, 1905-08, p. 403-412.

Severo-Cardoso

1899-1903: SEVERO, R.; CARDOSO, F.- O ossuário da freguesia de Ferreiró, *Portugalia*, 1, Porto, 1889-1903, p. 177-200.

Sierra Rodríguez

1978: SIERRA RODRÍGUEZ, J.C.- *Sobre la tecnologia del Bronce Final en los talleres del Noroeste hispánico*. Valladolid, 1978 (Studia Archaeologica, 47).

Sievekin *et alii*

1976: SIEVEKING, G. G.; LONGWORT, J. H.; WILSON, K.E.- *Problems in economic and social archaeology*. London, 1976.

Silva A.C.F.

1980a: SILVA, A.C.F.- Campanha de trabalhos arqueológicos na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim) 1980, BC-PV, 20 (2), p. 305-315.
1980b: Organizações gentilícias entre Leça e Ave, *Portugalia*, Nova Série, 1, 1980, p. 79-90= Actas do Colóquio de História Local e Regional (Santo Tirso, 1979), 1982, p. 381-399.
1981-82: Novos dados sobre a organização social castreja, *Portugalia*, Nova Série, 2-3, 1981-82, p. 83-94= III CLCPPI, 1985, p. 201-224.
1983a: *Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*. Paços de Ferreira, 1983.
1983b: A idade dos metais em Portugal, História de Portugal, 1. Lisboa, Alfa, p. 100-147.
1983c: As tesserae hospitales do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, V. N. Gaia). Contributo para o estudo das instituições e povoamento da Hispania antiga, *Gaya*, 1, p. 9-26.
1983-84: A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias, CIUAN, 1983-84, p. 121-129.
1984: Aspectos da proto-história e romanização no concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento, *Gaya*, 2, 1984, p. 39-58.
1985: *As fossas ovóides de Beiriz e a problemática das práticas funerárias no final da Idade do Bronze*, Actas do Colóquio de Etnografia Marítima «Santos Graça», 2, 1985, p. 13-20.
1986a: Paços de Ferreira: As origens do povoamento - do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Paços de Ferreira, 1986, p. 95-135, 23 Est.
1986b: *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986 (diss. doutoramento).
1988: *Ourivesaria pré-romana do Norte de Portugal, Ourivesaria do Norte de Portugal – Exposição (Porto, 1984)*, ARPPA - AIORN, Porto, 1988, p. 73-87.
1990a: A Idade do Ferro em Portugal, *Nova História de Portugal, 1*. Lisboa, Presença, p. 257-341.
1990b: Influências orientalizantes na formação da cultura castreja do Noroeste peninsular, *Estudos Orientais*, 1, Lisboa, 1990, p. 135-155.
1991a: O tesouro de Baião, *Bayam, 2*, 1991, p. 42-51.

1993: A cidade castreja - Análise de um processo de proto-urbanização, A *Cidade-Jornadas inter e pluridisciplinares*, 2, Lisboa, 1993, p.11-26.
1994: As origens do Porto, in *História do Porto*, dir. L. A. O. Ramos, Porto, Porto Editora, 1994, p. 44-117 (2ª ed., 1995).
1995a: Portuguese Castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanisation process, *Proceedings of the British Academy*, 86, Oxford, 1995, p. 263-289.
1995b: A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a. C., RFLUP - História, II Série, 12, Porto, 1995, p. 505-546.
1996a: A Citânia de Briteiros, MNA 1996, p. 134-135.
1996b: Ourivesaria proto-histórica em território português, MNA 1996, p. 139-146.
1996c: A cultura castreja no Norte de Portugal: integração no mundo romano, in Fernández Ochoa 1996, p. 49-55.
1999a: A cultura castreja no Norte de Portugal, SMS, 1, 1999, p. 111-132.
1999b:*Catálogo do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins*. Paços de Ferreira, 1999.
2000: Proto-história e romanização do Porto, *Al-madan*, II série, 9, 2000, p. 94-103.
2001: Los pueblos lusitano-galaicos, in Almagro Gorbea 2001, p. 335-349.
2002a: Musealização de povoados castrejos: A Citânia e o Museu Arqueológico de Sanfins, Paços de Ferreira, *Actas do Simpósio sobre Conservação e Intervenção em Sítios Arqueológicos e Monumentos Históricos (Porto-Paredes de Coura 2001)*. Porto-Paredes de Coura, 2002, p. 23-36.
2002b: Citânia e Museu Arqueológico de Sanfins, *Paços de Ferreira- Boletim Municipal*, 13, Paços de Ferreira, 2002, p. 26-27.
2003a: Expressões guerreiras da sociedade castreja, MM, 44, 2003, p. 41-50.
2003b: O nome de Viriato, *Portugalia*, Nova Série, 24, 2003, p. 45-52.

Silva A.C.F.-Centeno

1977: SILVA, A.C.F.; CENTENO, R.M.S.- Sondagem arqueológica na Citânia de Briteiros (Guimarães). Notícia sumária, RG, 87, 1977, p. 277-280.
1980: Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977-1978, *Portugalia*, Nova Série, 1, 1980, p. 57-78.
1996: A Citânia de Sanfins, MNA 1996, 136-138.
1997: *Roteiro da exposição permanente do Museu da Região Flaviense*. Chaves, 1997.
2000: (coord.)- *Museu Rural de Boticas*. Boticas, 2000.

Silva A.C.F.- Gomes

1992: SILVA, A.C.F.; GOMES, M.V. - *Proto-História de Portugal*. Lisboa, 1992.

Silva A.C.F.-Maciel

2004: SILVA, A.C.F.; MACIEL, T.- Balneários castrejos do Noroeste peninsular, Um novo monumento do Castro de Roques, Viana do Castelo, *Cadernos do Neiva*, 1, 2004 (prelo).

Silva A.C.F.- Pinto

2001: SILVA, A.C.F.; PINTO, J.M.M. - Comércio púnico com o Noroeste, *Os Púnicos no Extremo Ocidente (Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, 2000)*. Lisboa, 2001, p. 229-238.

Silva A.C.F. *et alii*

1984: SILVA, A.C.F.; SILVA, CELSO T.; LOPES, A.B.- Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu), *Lucerna*, 1984, p. 73-95.
1986: (org.)- Arqueologia do Vale do Douro. Exposição e bibliografia, *I Congresso Internacional sobre o Rio Douro*, V. N. Gaia, 1986, p. 97-120
1993: SILVA, A.C.F.; RAPOSO, L., SILVA, C.T. - *Pré-História de Portugal*. Lisboa, 1993.
1997: SILVA, A.C.F.; CARNEIRO, D.V.; GOMES, J.M.F.; CENTENO, R. - *Catálogo do Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim*.. Póvoa de Varzim, 1997.
2004: SILVA, A.C.F. (coord.): DINIS, A.P.; OLIVEIRA, F.; QUEIROGA, F.; Silva, A.C.F.- Vila Nova de Famalicão: do Neolítico à romanização, *História de Vila Nova de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão, 2004 (prelo).

Silva A.M.P.

1988: SILVA, A.M.P.- Notas para o estudo do período castrejo-romano no concelho de Arouca, TAE, 28, 1988, p. 85-88.
1993a: Introdução ao estudo do povoamento castrejo-romano na região de Arouca, *Lucerna*, 2.ª Série, 3, 1993, p. 203-215.
1993b: Ocupação proto-história e romana no Entre-Douro-e-Vouga Litoral: Breve balanço de uma investigação em curso, TAE, 33 (3-4), 1993, p. 427-443.
1994: *Proto-história e a romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto, 1994 (diss. mestrado, policop.)
1995: Escavações arqueológicas em S.João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca, *Poligrafia*, 4, 1995, p. 199-220.
1997: Povoamentos proto-históricos de Vale de Cambra. Elementos para uma carta arqueológica concelhia, *Boletim Cultural de Vale de Cambra*, 1, 1997, p. 34-46.
1999: Aspectos territoriais da ocupação castreja na região de Entre Douro e Vouga, SMS, 1, 1999, p. 403-429.

Silva A.M.P. *et alii*

2004: SILVA, A.M.S.P. (coord.); SILVA, F.; LACERDA, S.; RIBEIRO, M.- *Memórias da terra. Património Arqueológico do concelho de Arouca*. Arouca, 2004.

Silva A.R.P.

1976: SILVA, A.R.P.- Carbonized grains and plant imprints in ceramics from the castrum of Baiões (Beira Alta, Portugal), *Folia Quartenaria*, 47, Krakow, 1976.

Silva A.V. — 1944: SILVA, A.V.- *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa, 1944.

Silva- Soares — 1986: SILVA, C.T.; SOARES, J.- Arqueologia da Arrábida, *Parques Naturais*, 15, 1986.

Silva Ca. T. *et alii* — 1980-81: SILVA, Carlos T. *et alii*- Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979), *Setúbal Arqueológica*, 6-7, 1980-81, p. 149-247.

Silva Ce. T. — 1949: SILVA, Ce. T.- Vestígios pré-históricos de Besteiros. 11 – O castro de S. Bartolomeu e o significado histórico-etnográfico das Ladainhas do Guardão, *Beira Alta*, 8 (4), p. 351-365.
1977: Cerâmica típica da Beira-Alta, III JA, p. 185-196.
1979: O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul), *Beira Alta*, 38 (3), 1979, p. 509-531.
1980: Contribuição para o estudo da cultura castreja na Beira Alta, SANP, 2, 1980, p. 171-181.

Silva Ce. T.-Correia — 1976: SILVA, Ce. T.; CORREIA, A.- O Castro de Cárcoda, *Beira Alta*, 36 (3), 1977, p. 281-306; 36 (4), p. 589-610.

Silva Ce. T. *et alii* — 1985: SILVA, Ce.T.; CORREIA, A.; VAZ, J.L.I.- Viseu. Castro de Santa Luzia -1982, IA, 5, 1985, p. 145.

Silva D.M. — 1958: SILVA, D.M.- *Entre Homem e Cávado: 1 e 2. Monografia do concelho de Amares; 3. Monografia do concelho de Terras do Bouro*. Amares, 1958.
1982: De Buricis (Acerca dos Búrios), BA, 36, 1982, p. 237-268.

Silva E.J.L. — 1982: SILVA, E.J.L.- *Escavações arqueológicas no castro do Monte do Castelo.* Monte do Castelo, 1982, p. 95.

Silva E.J.L.-Cunha — 1988-94: SILVA, E.J.L.; CUNHA, A.M.L.- Inventário arqueológico do concelho de Cinfães: Primeiros resultados, *Gaya*, 6, 1988-94.

Silva E.J.L. *et alii* — 1997: SILVA, E.J.L.; MEDEIROS, M.I.A.; CORREIA, A.L.- *Carta Arqueológica de Resende, 1.ª fase*. Resende, 1997.
2000: SILVA, E.J.L.; VAZ, J.L.I.; MEDEIROS, M.I.A.; CORREIA, A.L. - Novas Inscrições Rupestres do Castro da Mogueira (Resende), *Actas do III Simpósio Ibero-Itálico de Epigrafia Rupestre*, Viseu, 2000.

Silva E.J.L.-Marques — 1984: SILVA, E.J.L.; MARQUES, J.A.T.M.- Escavações no Monte do Castelo de Moldes Castelo de Neiva, Viana do Castelo (notícia preliminar), CV, 8, 1984, p. 33-43.

Silva J. — 1963: SILVA, J.- Os recintos fortificados de Baltar e Montemuro, *Lucema*, 3, 1963, p. 126-135.
1966: Os recintos fortificados e a cultura castreja, *Lucerna*, 5, 1966, p. 519-525.

Silva J.P.N.-Cougny — 1884: SILVA, J.P.N.; COUGNY, G.- A argola encontrada em Penella, BRAACAP, 2.ª Série, 4 (5), 1884, p. 70-73.

Silva M.A.D. — 1997: SILVA, M.A.D.- *A cerâmica castreja da citânia de Briteiros*. Guimarães, 1997 (diss. mestrado).

Silva M.F. — 1994: SILVA, M.F.M.- *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia superior do rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. Paredes de Coura, 1994.

Silva V. — s.d.: SILVA, V.- *Concelho de Mangualde (Antigo concelho de Azurara da Beira)*. Viseu, s.d.

Simões Júnior — 1962: SIMÕES JÚNIOR, M.R.- Pulseira celta?, SG, 9 (1), 1962, p. 109-110.

Simone C. — 1985: SIMONE, C.- Celtico nemeto - «bosco sacro» ed i suoi derivati onomastici, III CLCPPI, 1985, p. 371-374.

Soares A.M.-Cabral — 1984: SOARES, A.M.; CABRAL, J.M.P.- Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas e a sua calibração: revisão crítica, AP, série IV, 2, 1984, p. 167-213.

Soares J.-Silva — 1973: SOARES, J.; SILVA, Ca.T.- Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal), II JA, 1973, p. 245-305.
1980: *O castelo de Alcácer do Sal. Descobertas arqueológicas no Sul de Portugal*. Lisboa, 1980, p. 47-55.

Soares R.M.-Dias — 1985: SOARES, R.M.; DIAS, L.A.T.- *Área arqueológica do Freixo, Marco de Canaveses*. Contributo documental, 1758 a 1984. s.l., 1985.

Soares T.S. — 1957: SOARES, T.S.- Reflexões sobre a origem e formação de Portugal, RPH, 7, 1957, p. 193-342=Coimbra, 1962.

Sobriño Buhigas — 1935: SOBRIÑO BUHIGAS, R.- *Corpus petroglyphorum Gallaeciae*. Santiago de Compostela, 1935.

Sobriño Ruza — 1955: SOBRIÑO LORENZO-RUZA, R.- Datos para el estudio de los petroglifos de tipo atlántico, III CAN, 1955, p. 223-260.

S.M.S. — 1999/2000: Actas do Congresso de Proto-História Europeia, RG, 1/2 (vols. especiais), Guimarães, 1999/2000.

FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS BIBLIOTECA

Soeiro

1980: SOEIRO, T.- Objectos em bronze do Castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, 6, 1980, p. 237-243.
1981: Castro de Peso em Santa Leocádia de Geraz do Lima, *Arqueologia*, 3, 1981, p. 99-102.
1981-82: Monte Mozinho: cerâmica cinzenta fina, *Portugalia*, Nova Série, 2-3, 1981-82, p. 97-120.
1983: Inventário arqueológico - O Outeiro do Castro (Airó), *Barcellos-Revista*, 1-2, 1983, p. 67-80.
1984: Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega, *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura*, 3.ª Série, 1, 1984, p. 5-232.
1985: Chaves. Muro da Pastoria -1982, IA, 5, 1985, p. 140.
1985-86a: Muro da Pastoria (Chaves): Campanhas de escavações de 1982/83, *Portugalia*, Nova Série, 6-7, Porto, p. 107-115.
1985-86b: A Suvidade de Sâo Mamede de Recezinhos: campanha de escavações de 1985, *Penafiel-Boletim Municipal da Cultura*, 3.ª Série, 2/3, 1985-86, p. 15-32.
1988: A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende, *Actas do Colóquio Manuel da Boaventura-1988, Arqueologia*, 2, Esposende, 1988, p. 35-63.
1998a: *Monte Mozinho. Sítio Arqueológico*. Penafiel, 1998.
1998b: Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos. *Cadernos do Museu*, 2, 1998.
2000-01: Monte Mozinho., A recuperação do Sector B. *Portugalia*, Nova Série, 21-22, 2000-01, p. 103-136.

Soeiro *et alii*

1981: SOEIRO, T.; CENTENO, R.M.S.; SILVA, A.C.F.- Sondagem arqueológica no Castro de Sabroso (Guimarães) 1981, RG, 91, 1981, p. 341-350.

Solana

1990: SOLANA SAINZ, J.M.- Caucenses, ammalobrigenses y intercatienses y sus primeros contactos com los romanos, *Primer Congreso de História de Zamora*, 2, Zamora, 1990, p. 301-315.

Solé Sabarís

1952-54: SOLÉ SABARÍS, L.- Geografia Física, in Terán 1952/58, 1-2, 1952-54.

Soler García

1965: SOLER GARCÍA, J.M.- El tesoro de Villena, EAE, 36, 1965.
1969: El oro de los tesoros de Villena, *Servicio de Investigaciones Prehistóricas*, 36, 1969.

Solovera-Garabito

1978: SOLOVERA, M.E.; GARABITO, T.- La religión indígena y romana en la Rioja de los Berones, HA, 8, 1978, p. 143-199.

Sousa

1942: SOUSA, A.- Antiguidades do concelho da Feira. Langóbrica -1, ADA, 8 (30), 1942, p. 129-142; 8 (31), 1942, p. 206-221.
1945: Nótulas arqueológicas-históricas. Vila da Feira lusitano-romano. Do antigo castro ao castelo actual. Origem dos nomes: Civitas, Terra de Santa Maria, Vila e Feira, *Anales de la Asociación Espanola para el Progreso de las Ciencias*, 10, Madrid, 1945, p. 399-412.
1947-48: Vila da Feira lusitano-romano, DL, 2.ª Série, 8, 1947, p. 52-59; 9, 1947, p. 35-40; 3.ª Série, 1, 1948, p. 37-49; 2, 1948, p. 21-25.
1954: Umica (Civilizações pré-história, proto-histórica, romana e romana-portuguesa da bacia do Uíma, no concelho da Feira), ADA 20 (77), 1954, p. 3-31; 20 (79) 1954, p. 165-191.
1957: *Estudos de arqueologia, etnologia e história. Antiguidades do município de Gaia: civilizações pré-romanas, romana e romano-portuguesa*. Rio de Janeiro, 1957.
s.d.: *O concelho da Feira. História, etnografia, arte, paisagem*. Espinho, s.d.

Sousa A.C.

1919-20: SOUSA, A.C.- Castro de Penude, AP, 24, 1919-20, p. 203-211.

Sousa E.F.

1954: SOUSA, E.F.- Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mózinho, DL, 6 (5-6), 1954, p. 136-149.
1962: A citânia («Cidade Nova») situada no sul do concelho de Penafiel e seus castros, SG, 9 (1), 1962, (1), p. 126-132.
1965: As moedas encontradas na Citânia de Mósinho (Cidade Morta) e as suas possíveis conclusões, *Lucerna*, 4, 1965, p. 249-269.
1970: Considerações sobre Aneja e Areja , Portucale, AH, 9.ª Série, 2, 1970, p. 23-27.

Sousa J.J. R.

1968-70:SOUSA , J .J . R.- A estação arqueológica da Falperra. Notas para a sua história, AB, (25-27), 1968-70, p. 57-64.
1971-72: Nova ara dedicada aos lares no convento bracaraugustano, BA, 25-26, 1971-72, p. 179-184.
1973: *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*. Santiago de Compostela-Valladolid, 1973 (Studia Archaeologica, 23).

Sousa M.J.

1994: SOUSA, M.J.C. – *A arte do ouro*. Póvoa do Lanhoso, 1994.

Souto

1930: SOUTO, A.- *A estação arqueológica de Cacia*. Aveiro, 1930 (reed. Vacua e o Baixo-Vouga. Apontamentos históricos e etnográficos. Aveiro, 1984, p. 9-28).
1938: Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro. Arte rupestre. As insculturas do Arestal e os problemas das combinações circulares e espiraloides do Noroeste peninsular, ADA, 4 (13), 1938, p. 5-19.
1940: O Castro de Arões, ADA, 6 (24), 1940, p. 282-283.
1942: Romanização no baixo Vouga. (Novo «oppidum na zona de Talábriga), TAE, 9 (4), 1942, p. 283-328.

Spennemann

1985: SPENNEMANN, D.R.- Einige Bemerkungen zur Schaftung von Lappen-und Tüllen-beilen, *Germania*, 63 (1), 1985, p. 129-138.

Spindler

1983: SPINDLER, K.- *Die frühen Kelten*. Stuttgart, 1983.

Sprockhoff

1965: SPROCKHOFF, E.- *Jungbronzezeittliche Hortfunde (Periode V)*. Mainz, 1965.

Stalhofen

1985: STALHOFEN, H.- Ur und frühgeschichtliche Siedlungreste mit Hausgrundissen in Walwitz, Kr. Burg, JMV, 68, 1985, p. 235-251.

Stary

1982: STARY, P.F.- Keltische Waffen auf der Iberischen Halbinsel, MM, 23, 1982, p. 114-144.

Suárez-Sela

1963: SUÁREZ ACEVEDO, J.J.; SELA Y TORRES, J.G.- Notícia sobre el Castro de Fazouro en el municipio de Foz (Lugo), AEA, 36 (107-108), 1963, p. 162-165.

Suárez Otero-Fariña

1990: SUÁREZ OTERO, X.; FARIÑA BUSTO, F.- A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). Definición e interpretación de un yacimiento castreño atípico, MM, 31, 1990, p. 309-337.

Syme

1970: SYME, R.- The conquest of North-West Spain, *Legio VII Gemina*, 1970, p. 79-107.

Sznycer

1978: SZNYCER M.- Carthage et la civilisation punique, in Nicolet 1978, p. 545-626.

Taboada

1948: TABOADA CHIVITE, J.-Esculturas de verracos en Galicia, AEA, 21 (72), 1948, p. 291-294.
1949a: La cultura de los verracos en el Noroeste hispánico, CEG, 4 (12), 1949, p. 5-26.
1949b: Ara romana de Villaza (Verín), BMArqOrense, 5, 1949, p. 55- 56.
1950: Exploraciones en los castros de Cabreiroa, CEG, 5 (17), 1950, p. 331-344.
1952: Epigrafía romana da região espanhola do Támega, RG, 62 (3-4), 1952, p. 286-298.
1955a: Carta arqueológica de la comarca de Verín, III CAN, 1955, p. 333-352.
1955b: La ubicación del Forum Bibalorum, III CAN, 1955, p. 476-480.
1961a: Algunos aspectos de los castros bibalos, VI CAN, 1961, p. 95-101.
1961b: O culto da lua no Noroeste hispânico, RG, 71 (1), 1961, p. 141-164.
1970: Los Tamagani y su romanización, XI CAN, 1970, p. 677-684.
1973: La romanización del habitat castreño, TAE, 22 (3), 1973, p. 237-247.
1977: El aspecto agropecuario de la economia castreña, RUC, 26 (109), 1977, p. 71-83 (Homenaje a García y Bellido, 3).

Taffanel

1960: TAFFANEL, M.L.O.J.- *Le Premier Âge du Fer languedocien, 3*. Bordighera-Montpellier, 1960.

Talochini

1942: TALOCHINI- Le armi de Vetullonia e di Populonia nel periodo villanoviano, *Studi Etruschi*, 16, 1942, p. 11-87.

Taracena

1943: TARACENA AGUIRRE, B.- Cabezas-trofeos en la España céltica, AEA, 16 (53). 1943 p. 157-171.

Taracena-Vázquez de Parga

1947: TARACENA AGUIRRE, B.; VÁZQUEZ DE PARGA, L.- *Excavaciones en Navarra, 1, 1942-1946*. Pamplona, 1947.

Taramelli

1921: TARAMELLI, A.- *Il ripostiglio dei bronzi nuraghici di Monte Sa Idda*. Cagliari-Roma, 1921.

Tarradell

1968:TARRADELL, M.- (dir.)-*Estudios de economía antigua de la Península Ibérica*. Barcelona,1968.

Tavares A.A.

1970: TAVARES, A.A.- Citânia de Sanfins. Habitação e modo de vida, I JA, 2, 1970 p. 347-357.

Tavares J.A.

1895: TAVARES, J.A.- Archeologia do distrito de Bragança, AP, 1, 1895, p. 126-129.
1922: Colecção arqueológica, AP, 25, 1922, p. 128-133.

Tavares M.C.A.

1954: TAVARES, M.C.A.- O Castro da Cárcoda de Carvalhais, S. Pedro do Sul, *Beira Alta*, 13 (3), 1954, p. 333-338.
1957: O Castro da Cárcoda, XIII CLEPC, 7.ª Secção, 1957, p. 289-297.
1975: Ruínas arquelógicas da Cárcoda, Carvalhais, S. Pedro do Sul, *Beira Alta*, 34 (3), 1975, p. 265-294.

Távora

1917: TÁVORA, F.T.- *O castelo da Feira. Sua descripção, sua história e notícia sobre os condes da Feira*. Porto, 1917.

Taylor

1980: TAYLOR, J.J.- *Bronze Age goldwork of the British Isles*. Cambridge, 1980.

Teixeira

1936: TEIXEIRA, C.- Subsídios para o estudo da arqueologia bracarense. I - O Monte de Castro (Castrum Maximum), AFCP, 21 (4), 1936, p. 231- 254.
1938a: Nótulas arqueológicas sobre a estação luso-romana de Fiães da Feira, TAE, 8 (3-4), 1938, p. 389-391.

1938b: Subsídios para o estudo da arqueologia bracarense. III - A Fonte do Ídolo e o culto de Nabia, *Prisma*, 2 (3), 1938, p. 145-153.
1939: Os torques do Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso), AFCP, 24 (4), 1939, p. 245-252.
1940a: O Castro de Lanhoso e o seu espólio, CMP, 1, 1940, p. 515-529.
1940b: Notas arqueológicas sobre o Castro de Lanhoso, TAE, 9 (1-2), 1940, p. 117-125.
1940c: Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel, TAE, 9 (1-2), 1940, p. 126-130.
1941: Hallazgo arqueológico notable. Un casco céltico en Portugal, *Ampurias*, 3, 1941, p. 138-139.
1943-44: Cerâmica lusitano-romana de Rossas (Vieira do Minho), TAE, 10 (2), 1943-44, p. 165-167.
1944: El arte de las filigranas en los castros del Mino, AMSEAEP, 19 (1-4), 1944, p. 154-161 =A arte das filigranas nos castros minhotos, Minia, 1 (3), 1946, p. 169-174.
1955-56: Subsídios para o estudo da arqueologia bracarense, BA, 6-7 (1-4), 1955-56, p. 17-38.

Teixeira *et alii*

1972: TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C.; COELHO, A.P.- *Carta geológica de Portugal (1:150.000). Notícia explicativa da folha 5-A*. Lisboa, 1972.

Teixeira-Gonçalves

1980: TEIXEIRA, C.; GONÇALVES, F.- *Introdução à geologia de Portugal*. Lisboa, 1980.

Teixeira R.

1999: TEIXEIRA, R.- *Plano de bacia hidrográfica do rio Ave. Caracterização de valores patrimoniais, arquitectónicos e arqueológicos*. Porto, 1999, tomo 8B (policop.)

Terán

1952/58: TERÁN, M.- *Geografia de España y Portugal*. Barcelona, 1952-58.

Terán-Otero Pedrayo

1958: TERÁN, M.; OTERO PEDRAYO, R.- Galicia, región astur-cántabra, la Meseta septentrional, in Terán 1958.

Thévenot

1951: THÉVENOT, E.- Le cheval sacré dans la Gaule de l'Est, *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est*, 2, 1951, p. 129-141.
1955: *Sur les traces du Mars Celtique*. Bruges, 1955.
1968: *Divinités et sanctuaires de la Gaule*. Paris, 1968.

Thill

1969: THILL, G.- Fibeln aus den Bastanden des Luxemburger Museums, *Trierer Zeitschrift*, 32, 1969, p. 133-171.

Torres

1978-79: TORRES, J.- Tesouro monetário do Castro de Alvarelhos, BC-CST, 1 (2-3), 1978-79, p. 15-250.

Torres Rodríguez

1946: TORRES RODRÍGUEZ, C.- La venida de los griegos a Galicia, CEG, 2 (6), 1946, p. 195-222.
1948: Galicia en las guerras cántabras: La tragedia del Monte Medulio, BUS, 51-52, 1948, p. 53-72.
1951: La fundación de Valencia, *Ampurias*, 12, 1951, p. 113-121.
1951-52: Conquista de Galicia por los romanos antes de las guerras cántabras, BUS, 56, 1951-52, p. 79-110.
1952: El culto al emperador en Galicia, CEG, 7 (22), 1952, p. 197-230.
1953: La Galicia romana y la Galicia actual, CEG, 8 (26) 1953, p. 371-395=III CAN, P. 447-461.
1976: *La conquista romana de Galicia, La Romanización de Galicia*, 1976, p. 11-30 (Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos, 16).
1982: *La Galicia romana*. La Coruña, 1982.

Toutain

1917-18: TOUTAIN J.- *Les cultes païens dans l'Empire romain*. Paris, 1917-18, (2.ª ed., 1967).

Tovar

1946-47: TOVAR, A.- Notas sobre la fijación de las invasiones indoeuropeas en España, BSAA, 13, 1946-47, p. 21-35.
1948: El bronce de Luzaga y las tesseras de hospitalid latinas y celtibéricas, *Emerita*, 16, 1948, p. 75-84.
1949: *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas*. Buenos Aires, 1949.
1950: Sobre la complejidad de las invasiones indoeuropeas en nuestra Península, *Zephyrus*, 1, 1950, p. 33-37.
1958: Das Keltiberische, ein neuer Zweig der Festlandkeltischen, *Kratylos*, 3, 1958, p. 1-14.
1960: Lenguas prerromanas de la Península Ibérica, *Enciclopedia Linguística Hispánica*, 1, 1960, p. 99-126.
1966-67: L'inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des lusitaniens, *Études Celtiques*, 11, 1966-67, p. 238-268.
1968: Linguística y arqueología sobre los pueblos primitivos de España, in *Las Raíces de Espana*. Madrid, 1968, p. 213-251.
1977: El nombre de celtas en Hispania, RUC, 26 (109), 1977, p. 163-178 (Homenaje a García y Bellido, 3).
1983: Etnia y lengua en la Galicia antigua: El problema del celtismo, in Pereira Menaut 1983, p. 247-282.
1985: La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos, III CLCPPI, 1985, p. 227-253.
1989: *Iberische Landeskunde, 3. Tarraconensis*. Baden-Baden, 1989.

Tovar-Navascués

1950: TOVAR, A.; NAVASCUÉS, J.M.- Alguns consideraciones sobre los nombres de divindades del Oeste peninsular, *Miscelànea Adolfo Coelho*, 2, Lisboa, 1950, p. 178-191.

Tranoy

1974: TRANOY, A.- *Chronique de Idace*. Paris, 1974, 2 vols.
1977: A propos des «Callaeci» de Pline. Épigraphie et peuplement, BA, 31 (71-72 (83-84)), p. 225-233.

1980a: Le pseudo-milliaire de S. Claudio (Gostei, Bragança) et les limites orientales du conventus Bracarum, TAE, 23 (4), 1980, p. 589-594.
1980b: Religion et société à Bracara Augusta (Braga) au Haute-Empire, SANP, 3, 1980, p. 67-83.
1981: *La Galice romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris, 1981 (Publications du Centre Pierre Paris, 7).
1984: Enigmes épigraphiques et nouveaux cultes indigénes dans le conventus de Braga, RG, 94, 1984, p. 443-449.
2002: A "Fonte do Ídolo", MNA 2002, p. 31-32.

Tranoy-Le Roux — 1989-90: TRANOY, A.; LE ROUX, P.- A) As necrópoles de Bracara Augusta. B) Les inscriptions funéraires, CA, Série II, 6-7, 1989-1990, p. 187-230.

Trías de Arribas — 1967: TRÍAS DE ARRIBAS, G.- *Cerámiques griegas de la Peninsula Ibérica*. Valencia, 1967.

Trigger — 1992: TRIGGER, B.- *Historia del pensamiento arqueológico*. Barcelona, 1992 (ed. original Inglesa 1989)

Tylecote — 1962: TYLECOTE, R.F.- *Metallurgy in Archaelogy: A prehistory of metallurgy in the British Isles*. London, 1962.
1986: *The prehistory of metallurgy in the British Isles*. London, 1986.
1987: *The early history of metallurgy in Europe*. London, 1987.

Tylor — 1889: TYLOR, E.B.- On a method of investigating of development of institutions applied to laws of marriage and descent, *The Journal of Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 18, 1889, p. 245-272.

Ugartechea *et alii* — 1971: UGARTECHEA, J.M.; LLANOS, A.; FARINA, J.; AGORRETA, J.A.- El Castro de las Penas de Oro (Valle de Zuya-Álava), *Investigaciones Arqueológicas en Álava, 1957-1968*. Vitoria, 1971, p. 217-262.

Untermann — 1965a: UNTERMANN, J.- *Elementos de um atlas antroponímico de la Hispania antigua*. Madrid, 1965.
1965b: Misceláneas epigráfico-lingüisticas, AEA, 38 (111-112), 1965, p. 8-25.
1967: Reseña de J.M.Blásquez, "Religiones primitivas de Hispania.I", *Beiträge zur Namenforschung*, 2. Heidelberg, p. 192-199.
1985: Los teónimos de la región lusitano-gallega, III CLCPPI, p. 343-363.
1986: Los teónimos de la región lusitano-galega como fuente de las lenguas indígenas, *Actas del III Colóquio sobre Lenguas e Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 1980)*, Salamanca, 1986, p. 343-363.
1992: Anotaciones al estudio de las lenguas prerromanas del Noroeste de la Peninsula Ibérica, *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, 1*. Santiago de Compostela, 1992, p. 367-397.
1997: *Monumenta linguarum hispanicarum, IV: Die tartessischen, Keltiberischen und lusitanischen Inscriften*. Wiesbaden, 1997.
2002: A epigrafia em língua lusitânia e a sua vertente religiosa, MNA 2002, p. 67-70.

Uria Ríu — 1941a: URIA RÍU, J.- Excavaciones en el Castellón de Coaña, RUO, 2, 1941.
1941b: Ritos funerários en las cámaras de Briteiros y Coaña, RUO, 3, 1941.

Vacano — 1965: VACANO, O.W.- *The etruscans in the Anciet World*. Bloomington, 1965.

Vaiallat — 1982: VAIALLAT, C. - *Le culte des sources dans la Gaule antique*. Paris, 1982, 2 vols. (1.ª ed., 1932).

Valinho — 2003: VALINHO, A.T.S. – *A ocupação humana no Alto Paiva no I milénio a.C.: uma abordagem espacial*. Porto, 2003 (diss. mestrado, policop.).

Varenne — 1981: VARENNE, J.- Les indo-européens, in Bonnefoy 1981, p. 557-562.

Vasconcellos — 1895a: VASCONCELLOS, J.L.- Castros (definição e classificação), AP, 1, 1895, p. 3-7.
1895b: A Mogueira, AP, 1,1895, p. 9-10.
1895c: «Cidade Velha» de Monte Córdova, AP, 1, 1895, p. 12-13.
1895d: Noticias arqueológicas em Penafiel, AP, 1, 1895, p. 15-16.
1896a: Xorca de ouro, AP, 2, 1896, p. 22.
1896b: Estátuas de guerreiros lusitanos, AP, 2, 1896, p. 29-32.
1896c: Novo achado de braceletes pré-romanos, AP, 2, 1896, p. 86-88.
1986d: Inscrição romana de Moncorvo, AP, 2, 1986, p. 116-134.
1896e: Uma notícia archeologica, AP, 2, 1896, p. 285-300.
1896f: Ruínas de S. Mamede (Vimioso), AP, 2, 1896, p. 299-300.
1897-1905-1913: Religiões da Lusitania. Lisboa, 1897 (RL,1), 1905 (RL, 2), 1913 (RL, 3) (reimp. 1981).
1898: O «Castelo» de Guifões, AP, 4, 1898, 270-272.
1899-1900a: Archeologia do Alto Minho, AP, 5, 1899-1900, p. 33-39.
1899-1900b: Museu Nacional de Bragança, AP, 5, 1899-1900, p. 336-337.
1901: De 28 de Agosto de 1880 (Briteiros): Ainda os congressistas – O Castro de Guifões, AP, 6, 1901, p. 35.
1902a: Cidade Velha de Santa Luzia, *A Aurora do Lima*, 23.8.1902, p. 1.
1902b: Estátua de um guerreiro lusitano, AP, 7, 1902, p. 23-26.

1902c: Noticias várias, AP, 7, 1902, P. 283-288.
1903a: Cidade Velha de Santa Luzia, AP, 8, 1903, p. 15-23.
1903b: A freguesia de S. Christovam de Nogueira (Concelho de Cinfães), AP, 8, 1903, p. 58-72.
1903c: Antiguidades do concelho de Miranda do Douro, AP, 8, 1903, p. 79-85.
1905a: Acquisições do Museu Ethnológico Português, AP, 10, 1905, p. 448.
1905b: Os Gróvios, AP, 10, 1905, p. 287-292.
1905-08: Materiaes para o inventário archeologico do concelho de Baião, *Portugalia*, 2, 1905-68, p. 669-672.
1912: Diadema celtibérico?, *Arte*, 89, 1912, p. 38-39.
1917: Por Trás-os-Montes, AP, 22, p. 1-52.
1919-20: Estudos sobre a época do Bronze em Portugal, AP, 24, 1919-20, p. 193-197.
1921-22: Inscrição romana de Santa Comba (Paredes), AP, 25, 1921-22, p. 248-249.
1927-29: Epigrafia do Museu Etnológico (Belém), AP, 28, 1927-29, p. 209-227.
1933: Os seurros, povo pré-romano d'aquém e d'além Minho, AP, 29, 1933, p. 157-163.
1934: Castros lusitanos 1. Cividade de Paderne, 11. Castro de Belinho, AP, 29, 1934, p. 31-49.
1938a: Cale e Portucale, *Opúsculos*, 5. Lisboa, 1938, p. 28-38.
1938: Primórdios do Porto, *Opúsculos*, 7. Lisboa, 1938, p. 1394-1400.

Vasconcelos M.

1914-15: VASCONCELOS, M.- Apontamentos arqueológicos do concelho do Marco de Canaveses, AP, 19, 1914, p. 12-31; 21, 1916, p. 319-331.

Vaz

1976: VAZ, J.L.I.- Breves notas para o estudo da viação antiga das Beiras, *Beira Alta*, 25, 3, Viseu, 1976, p. 343-380.
1977-78: Inscrições romanas do Museu do Fundão, *Conimbriga*, 16, 1977, p. 5-31; *Adenda*, 17, 1978, p. 59-61.
1978: *Epigrafia romana da Assembleia Distrital de Viseu*. Viseu, 1978, p. 51-53.
1979: Término augustal de Goujoim (Armamar), *Conimbriga*, 18, Coimbra, 1979, p. 133-138.
1982a: A Estrada do Bispo Alves Martins, velha estrada romana?, *Beira Alta*, 41 (4), p. 781-792.
1982b: Inscrições romanas de Balsemão (Lamego), *Beira Alta*, 41 (4), 257-267.
1982c: Breve catálogo de inscrições romanas de Lamego, *Beira Alta*, 41 (3), p. 781-792.
1983: Introdução ao estudo de Viseu na época romana, *Beira Alta*, 42 (4), p. 729-746.
1984: Crouga: importante divindade indigena; *Beira Alta*, 43 (4), p. 577-582.
1985: Inscrição romana de Cavernães, *Boletim dos Amigos do Museu de Grão Vasco*, 4, p. 4.
1986a: Epigrafia romana de Cárquere- mais cinco inscrições, *Revista Letras*, 3, Aveiro, 1986, p. 285-308.
1986b: Arqueologia, in Correia *et alii* 1986, p. 79-120.
1987a: *Roteiro Arqueológico do Concelho de Viseu*. Viseu, 1987.
1987b: Divindades indígenas da região de Viseu, VI CPA, Porto, 1987.
1988a: Divindades indígenas na inscrição de Lamas de Moledo, *Beira Alta*, 47 (3, 4), p. 345-348.
1988b: *Epigrafia romana da Assembleia Distrital de Viseu*. Viseu, 1988.
1989a: Fragmento de ara do Museu de Grão Vasco (Viseu), FE 140, 1989.
1989b: A pervivência da onomástica e teonímia indígenas na toponímia da região de Viseu, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, 1989, p. 325-332.
1990a: Novos povoados pré-romanos da região de Viseu, *II Colóquio Arqueológico de Viseu- Livro do Colóquio*, Viseu, 1990, p. 14-18.
1990b: Ara votiva a Albucelaincus, FE 35, 157, 1990.
1992: Algumas inscrições rupestres da civitas de Viseu, *II Simposio Iberico-itálico de Inscripciones Rupestres*, Santiago de Compostela, 1992, p.
1997: *A Civitas de Viseu- espaço e sociedade. História Regional e Local*. Coimbra, 1997, 2 vol. (diss. doutoramento).
2000: Epigrafia rupestre e populi da Serra de Caramulo na época romana, *Miscellanea Epigraphica in onore di Lidio Gasperini*, 2000, p. 479-486.
2001: Mais uma inscrição rupestre da Serra do Caramulo, *Saxa Scripta, Actas do III Simpósio Ibero-itálico de Epigrafia Rupestre*. Viseu, 2001, p. 189-198.
2002: Tipologia dos santuários rupestres de tradição paleohispânica em território português, MNA 2000, p. 39-42.

Vázquez de Prada

1973: VÁZQUEZ DE PRADA,V. (dir.).- *Historia económica y social de España, 1. La Antigüedad*. Madrid, 1973.

Vázquez Saco

1958-59: Nuevas inscripciones romanas de la provincia de Lugo, BCMLugo, 6, 1958-59.

Vázquez Saco-Seijas

1954: VÁZQUEZ SACO, F; VÁZQUEZ SELTAS, M.- *Inscripciones romanas de Galicia II. Provincia de Lugo*. Santiago de Compostela, 1954 (=IRGII).

Vázquez Seijas

1934: VÁZQUEZ SEIJAS, M.- El Castro de Barán, BRAG, 21, 1934, p. 125-130.
1944: Curioso molde de bronce para fundición de hachas de talón, BMCLugo, 1, 1944, p. 289-301.
1950: El castro de Villamayor de San Simón de la Cuesta, BMCLugo, 4 1950, p. 216-224.

Vázquez Varela

1973: VÁZQUEZ VARELA, J. M.- Bases paleontológicas para el estudio de la ganadería de la cultura castreña de Galicia, *Compostellanum*, 18 (1-4) 1973, p. 509-316.
1974-75: Hallazgos de bellotas en el Castro de Vixil: reflexiones sobre la agrircultura castreña, BMCLugo, 9 (81-84), 1974-75, p. 195-198.

1975: Estudio del conchero protohistorico de las Islas Cíes, Vigo, I JMACH, 1, 1975, p. 291-295.
1976: Bases paleontológicas para el estudio de la persa en la cultura castrena: una investigación preliminar, BAur, 6, 1976, p. 83-86.
1977: La ganaderia de la cultura castreria en Galicia, XIV CAN, 1977, p. 641-644.
1983: *La alimentación y la cocina en la cultura castreña de Galicia*. Zamora, 1983 (Studia Zamorensia, 4).
1986: Dieta real y dieta imaginaria, in Bermejo Barrera 1986, p. 231-239.

Vázquez-Aira — 1988: VÁZQUEZ VARELA, J.M.; AIRA RODRÍGUEZ, M.J.- La economía de los pueblos prerromanos del Norte de Hispania según los testimónios polinológicos, *I Congreso Peninsular de Historia Antigüa*, 2, Santiago, 1988, p. 291-298.

Veiga — 1941: VEIGA, A.B.C.- Ourique - Vale de Vez, *Anais*, 1, Lisboa, 1941, p. 9-186.

Veiga E. — 1886-91: VEIGA, E.- *Antiguidades monumentais do Algarve*. Lisboa, 1886-1891,4 vol.

Veloso-Cardoso — 1965: VELOSO, F.J.; CARDOSO, J.- Estrabão: Livro III da «Geografia», *Amphitheatrum* (Sup. SG), Porto, 1965.

Vendryes — 1948: VENDRYES, J.- *La religion des Celtes*. Paris, 1948.

Verron — 1983: VERRON, G.- L'interprétation des dépôts de l'Âge du Bronze à la lumière de prospectives et de fouilles recents, in Briard *et alii* 1983, p. 263-281.

Vény — 1655: VÉNY, C.- *Corpus de las inscripciones baleáricas*. Madrid, 1965.

Viana — 1926: VIANA, A.- Através do Minho II - A exploração metódica dos nossos castros, *Gente Minhota*, 6, 1926, p. 88-90; 7, 1926, p. 111-113.
1932: Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho, ADVC, 1, 1932, p. 11-24.
1937: Achados arqueológicos no Monte de Santo António - Afife, Viana do Castelo, TAAP, 3, 1937, p. 75-83.
1955a: Citânia de Santa Luzia. Viana do Castelo, Portugal, *Zephyrus*, 6, 1955, p. 61-88.
1955b: A cova da Moura, III CAN, 1955, p. 481-497.
1955c: Um «lapidarius» de Afife (Viana do Castelo), III CAN, 1955, p. 525-528.
1955d: Notas sobre a cerâmica do Castro de Vilar de Mouros (Caminha, Portugal), III CAN, 1955, p. 529-534.
1959-60: Insculturas rupestres do Alto Minho, BCMOrense, 20 (1-4), 1959-60, p. 209-231.
1960-61: Cividade de Âncora. Notícia sobre a actividade do II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico promovido em 1960 pela Associação Académica de Coimbra, *Conimbriga*, 2-3, 1960-61, p. 247-270.
1962: *Algumas noções elementares de arqueologia prática*. Beja, 1962.
1963: Cividade de Âncora: sua importância. Explorações de 1960 e 1961, *Lucerna*, 3, 1963, p. 167-178.

Viana-Neves — 1959: VIANA, A.; NEVES, L.Q.- Nota sobre o Castro de S. Caetano (Longosvales - Monção), I CNA, 1, 1959, p. 389-386.

Viana-Oliveira — 1959: VIANA, A.; OLIVEIRA, M.S.- «Cidade Velha» de Santa Luzia (Viana do Castelo), RG, 64 (1-2), 1954, p. 40-72.
1955: Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal), III CAN, 1955, 541-551.

Vieira — 1886-87: VIEIRA, J.A.- *O Minho pitoresco*. Lisboa, 1886-87, 2 vol.

Vieira M. — 2000: VIEIRA, M.- *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Coimbra, 2000 (diss. mestrado, policop.)

Vigil — 1963: VIGIL, M.- Romanización y permanencia de estruturas sociales indígenas en la España septentrional, BRAH, 152, 1963, p. 225-233.

Vigil-Barbero — 1965: VIGIL, M.; BARBERO, M.- Sobre los orígenes sociales de la reconquista:Cántabros y vascones desde fines del Imperio romano hasta la invasión musulmana, BRAH, 156, 1956, p. 271-339.

Vilaça — 1990: VILAÇA, R.- Broche à rôtir articulée de Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portugal), *Bulletin de la Societé Prehistorique Française*, 87 (6), p. 167-169.
1992: A evolução da cultura castreja-comentário, *Conimbriga*, 21, 1992, p. 73-83.
1995: *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa, 1995, 2 vol. (diss. doutoramento).
1997: Metalurgia do Bronze Final na Beira Interior: revisão dos dados à luz de novos resultados. EP, 5. p. 121-154.
1998: Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transicção do II para o I milénio a.C., in Cruz D. J. 1998, p. 347-374.

Vilaça-Basilio — 2000: VILAÇA, R.; BASILIO, L.- Contibuto para a caracterização arqueológica da I Idade de Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça (Idanha-a-Nova), *Al-madan*, 2000, p. 39-47.

Vilaça-Cruz D.J. — 1995: VILAÇA, R.; CRUZ, D.J.- Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu). Povoado pré-histórico do Bronze Final, EP, 3, p. 225-261.

Vilaça *et alii* — 2003: VILAÇA, R.; CRUZ, D.J.; SANTOS, A.T.; MARQUES, J.N.- A statue menhir from Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Portugal): a first notice, *Livro de Actas do I Congresso Internacional de Arqueologia Iconográfica e simbólica* (Meda e Vale do Côa 2002). Conimbriga, 2003, p. 104-119.

Villa — 1999: VILLA VALDÉS, A.- Castro del Chao Samartín (Grandas de Salime), *Excavaciones Arqueológicas em Asturias, 1995-1998*, 4, p. 11-123.
2000: Saunas castreñas en Asturias, in Fernández Ochoa-Entero 2000, p. 97-114.
2001: Edificios termales en los castros asturianos, *Revista de Arqueología*, 241, p. 18-27.

Villanueva Acuña — 1984: VILLANUEVA ACUÑA, M.- Sobre el problema del signo ↄ, *Gallaecia*, 7-8, 1984, p. 187-199.

Villar — 1991: VILLAR F.- *Los indoeuropeos y los orígenes de Europa*. Madrid, 1991.
1994-95: Marandigui: un nuevo epíteto de la divindad lusitana Reve, BN, 29, 30, 1994-95, p. 247-255.
1996: El teónimo lusitano Reve y sus epítetos, *Die Grosseren Altkeltischen Sprachdenkmäller, Acten des Kolloquiums (Insbrück, 1993)*. Insbruck, 1996, p. 160-211.

Villaronga — 1970: VILLARONGA, L.- Emisión monetaria augustea con escudo atribuible a P. Carisio y a la zona Norte de Hispania, XI CAN, 1970, p. 591-600.
1979: *Numismática antigua de Hispania. Iniciación a su estudio*. Barcelona, 1979.

Villas Bôas — 1945: VILLAS BÔAS, J.S.P.- Primórdios da história flaviense - a estação protohistórica de S. Lourenço (Nótulas arqueológicas), *Brotéria*, 41 (2-3), 1945, p. 166-179.
1947: Nuevos elementos del Bronce Atlántico en Portugal, BASE, 4-7, 1947, p. 156-162.
1948: Hallazgos del Bronce atlántico en Portugal, AMSEAEP 23, 1948, p. 36-43 (*Homenaje a J.M. Santa-Olalla*, 3).
1948a: Um machado de bronze, BGAF, 1 (1), 1948, p. 13-20.
1948b: Uma nova machadinha «castreja», BGAF, 1 (1), 1948, p. 29-32.

Vinsky — 1938: VINSKY, Z.- *Die südslwiche Grossfamilie in ihrer Beziehung zum asiatischen Grossraum*. Zagreb, 1938.

Vita Finzi — 1978: VITA FINZI, C.- *Archaeological sites in their setting*. London, 1978.

Vita Finzi-Higgs — 1970: VITTA FINZI, C.; HIGGS, E.- Prehistoric economy in the Mount Carmel Area of Palestina: Site-catchement analysis, PPS, 36, p. 1-37.

Viterbo — 1983-84: VITERBO, J.S.R.- *Elucidário de palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e hoje se ignoram*. Porto-Lisboa, 1983-84, 2 vol. (2.ª ed., crít. de M. Fiúza).

Vitorino — 1909: VITORINO, P.- O castelo de Celorico de Basto, AP, 14, 1909, p. 314-317.
1917-18: Notas artísticas e arqueológicas - exploração arqueológica, *Lusa*, 1, 1917-18, p. 156.
1929: «Cidade Velha» de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Portucale*, 2, 1929, p. 448.

Vives y Escudero — 1924-26: VIVES Y ESCUDERO, A.- *La moneda hispánica*. Madrid, 1924-26, 5 vol. (reimp. 1980).

Vives — 1971-72: VIVES, J.- *Inscripciones latinas de la Espana romana*. Barcelona, 1971-1972. (=ILER).

Voce — 1975: VOCE, E.- Bronze castings in ancient moulds, in Coghlan 1975, Chapter IX.

Vries — 1977: VRIES, J.- *La religion des Celtes*. Paris, 1977 (1.ª ed., 1963).

VV. AA. — 1989: VV.AA.- *El oro en la España prerromana*. Madrid,1989.
1996: *El oro y la orfebrería prehistórica de Galicia*. Lugo, 1996.

Wagner — 1943: WAGNER, K.H.- *Nordtiroler Urnenfelder*. Berlin, 1943 (Römisch-Germanische Forschungen, 15).

Wagstaff — 1987: WAGSTAFF, J.M.- *Landscape and culture. Geographical and archaeological perspectives*. Oxford, 1987.

Wattenberg — 1959: WATTENBERG, F.- *La región vaccea. Celtiberismo y romanización en la cuenca media del Duero*. Madrid, 1959.
1963: *Las cerámicas indígenas de Numancia*. Madrid, 1963 (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 4).

Weber — 1976: WEBER, M.- *The agrarian sociology of ancient civilizations*. London, 1976.

Wells — 1988: WELLS, P.S.- *Granjas, aldeas y ciudades. Comercio y orígenes del urbanismo en la protohistoria europea*. Madrid, 1988 (ed. original inglesa, 1984).

Werner 1977: WERNER, K.F.- *Liens de parenté et noms de personne*, in Duby-Goff 1977, p. 25-40.

Wild 1970: WILD, J.P.- *Textile manufacture in the northern roman*. Cambridge, 1970.

White 1967: WHITE, K.D.- *Agricultural implements of the roman World*. Cambridge, 1967.

Xusto 1992: XUSTO RODRÍGUEZ, M.- La concepción territorial en la cultura castreña de Galicia, *Revista de Arqueología*, 137, 1992, p. 18-37.

Zervos 1954: ZERVOS, Ch.- *La civilisation de la Sardaigne du début du Néolithique à la fin de la période nuraghique (II millénaire - Ve siècle a. J.C.)*. Paris, 1954.

Zimmermann 1977: ZIMMERMANN, E.- Case rotonde preistorische e recenti nelle regioni mediterranee, RG, 87, 1977, p. 207-218.

Zonabend 1996: ZONABEND, F.- Da família. Olhar etnológico sobre o parentesco e a família, in Burguière *et alii*, p. 13-66.

Zumstein 1976: ZUMSTEIN, H.-Les civilisations de l'Âge du Bronze en Alsace, *La Préhistoire française*, 2, 1976, p. 630-639.

Siglas e Abreviaturas

AAM	– Arquivo do Alto Minho, Viana do Castelo
AB	– Arquivo de Beja, Beja
ACFABA	– Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, Madrid
ADA	– Arquivo do Distrito de Aveiro, Aveiro
ADVC	– Arquivo do Distrito de Viana do Castelo, Viana do Castelo
AE	– L'Année Épigraphique, Paris
AEA	– Archivo Español de Arqueología, Madrid
AEAA	– Archivo Español de Arte y Arqueología, Madrid
AFCP	– Anais da Faculdade de Ciências do Porto, Porto
AH	– Arqueologia e História, Lisboa
AHM	– Arquivo Histórico Militar, Lisboa
AIVP	– Anais do Instituto do Vinho do Porto, Porto
AMSEAP	– Actas y Memorias de la Sociedad Espanola de Antropología y Prehistoria, Madrid
Ant Nles	– Antiquités Nationales, Paris
AP	– O Arqueológo Português, Lisboa
APL	– Archivo de Prehistoria Levantina, Valencia
ARCH K	– Archaelogisches Korrespondenzblatt
ASEG	– Arquivos do Seminário de Estudos Galegos, Santiago de Compostela
BA	– Bracara Augusta, Braga
BAFN	– Boletim da Associacão de Filosofia Natural, Porto
BAP	– Boletim dos Amigos do Porto, Porto
BAR	– British Archaelogical Reports, Oxford
BASE	– Boletín Arqueológico del Sudeste Español
BAur	– Boletín Auriense, Orense
BBUC	– Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra
BC-CMP	– Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Porto
BC-CMVNF	– Boletim Cultural-Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Famalicão
BC-CP	– Boletim Cultural do Concelho de Paredes, Paredes
BC-CST	– Boletim Cultural– Concelho de Santo Tirso, Santo Tirso
BC-Espinho	– Boletim Cultural de Espinho, Espinho
BCE	– Boletim Cultural de Esposende, Esposende
BCMLugo	– Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Lugo, Lugo
BCMOrense	– Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense, Orense
BC-PV	– Boletim Cultural da Póvoa do Varzim, Póvoa de Varzim
BDGEMN	– Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
BECI(MRAEAA)	– La Baja Época de la Cultura Ibérica (Mesa Redonda de la Asociación Espanola de Amigos de la Arqueología (Madrid 1979), Madrid 1981
BEFAR	– Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, Paris
BEP	– Bulletin des Etudes Portugais, Lisbonne-Paris
BGAF	– Boletim do Grupo dos Alcaides de Faria, Barcelos
BIEA	– Boletín del Instituto de Estudios Asturianos, Oviedo
BM Arq Orense	– Boletín del Museo Arqueológico de Orense, Orense
BMC Penafiel	– Boletim Municipal de Cultura – Penafiel, Penafiel
BMPL	– Boletim do Museu de la Província de Lugo, Lugo
BMQ	– The Museum Quaterly, London
BRAACAP	– Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, Lisboa
BRAG	– Boletín da Real Academia Gallega, La Coruña
BRAH	– Boletín de la Real Academia de la Historia, Madrid
BSAA	– Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, Valladollid
BSPF	– Bulletin de la Société Préhistorique Française, Paris

BUS – Boletín de la Universidad de Santiago, Santiago de Compostela
CA – Cademos de Arqueologia, Braga
CAN – Congreso Nacional de Arqueología (Espanha)
II – (Madrid, 1951), Zaragoza, 1952
III – (Galicia, 1953). Zaragoza, 1955
VI – (Oviedo, 1959), Zaragoza, 1961
IX – (Valladolid, 1965), Zaragoza, 1966
XI – (Mérida, 1968), Zaragoza, 1970
XII – (Jaén, 1971), Zaragoza 1973
XIII – (Huelva, 1973), Zaragoza, 1975
XIV – (Vitoria, 1975), Zaragoza, 1977
XV – (Lugo, 1977), Zaragoza, 1979
XIX – (Castellón, 1987), Zaragoza, 1989
CASE – Congreso Arqueológico del Sudeste Espanhol (Elche, 1948), Cartagena, 1949 (IV)
– Congreso Arqueológico del Sudeste (Alcoy, 1950), Cartagena 1951 (VI)
CEG – Cuademos de Estudios Gallegos, Santiago de Compostela
CHGC – Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, 3, Guimarães, 1981
CIAAP – Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques, Lisbonne, 1884
CIAS – Congreso Internacional de Arqueología Submarina (Cartagena, 1982), Madrid, 1985 (VI)
CIEHMN – Coloquio Intemacional sobre la Edad del Hierro en la Meseta Norte (Salamanca, 1984)
CIL – Corpus Inscriptionum Latinarum =Hübner 1869/92
CIRG – Corpus de Inscripciones romanas de Galicia
I – CIRG 1 (A Coruña) = Pereira Menaut 1994.
II – CIRG 2 (Pontevedra) = Baños 1994.
CISFP – Congresso Intemazionale di Studi Fenici e Punici, 3 vol. (Roma, 1979), Roma, 1983 (I)
CISPP – Congrès International des Sciences Préhistoriques et ProtoHistoriques
IV – (Madrid, 1854), Zaragosa, 1956
V – (Hamburg, 1958), Hamburg, 1958
VI – (Roma, 1963), 3, Roma, 1966
CIUAN – Colóquio Inter Universitário de Arqueologia do Noroeste (Porto, 1984), Portugalia, Nova Série, 3-4, 1983-84
CLCPPI – Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas (Paleohispánicas) de la Península Ibérica
I – (Salamanca, 1974), Salamanca, 1976
II – (Tübingen, 1976), Salamanca, 1979
III – (Lisboa, 1980), Salamanca, 1985
IV – (Vitória, 1987), Veleia, 2-3, 1989
CLEPC – Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências
IV – (Porto, 1942), Porto, 1943
XIII – (Lisboa, 1950), Lisboa, 1953
XXIII – (Coimbra, 1956), Coimbra, 1957
XXVI – (Porto, 1962), Porto, 1962
CMP – Congresso do Mundo Português (Lisboa, 1940), Lisboa, 1940
CNA – Congresso Nacional de Arqueologia (Portugal)
I – (Lisboa, 1958), Lisboa, 1959 (1), 1971 (2)
II – (Coimbra, 1970), Coimbra, 1971
III – (Porto, 1973), Porto, 1974
IV – (Faro, 1980)
CPC – Corpus provincial de inscripciones latinas de Cáceres (= Hurtado 1977).
CPUG – Cuademos de Prehistoria de la Universidad de Granada, Granada
CRAI – Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres, Paris
CSGP – Comunicações dos Servicos Geológicos de Portugal, Lisboa
CV – Cademos Vianenses, Viana do Castelo
DL – Douro Litoral, Porto
EAA – Estudios de Arqueología Alavesa, Álava
EAE – Excavaciones Arqueológicas en Espana, Madrid
EE – Ephemeris Epigraphica, Berlim
EP – Estudos Pré-históricos de Viseu, Viseu
EPRO – Études Preliminaires aux Réligions Orientales dans l'Empire Romain
ERA – Epigrafía Romana de Astúrias =Diego Santos 1959= 2.ª ed.(1985) = [ERA (2)]
FC – Fouilles de Conimbriga =Alarcão-Étienne 1974-79
FE – Ficheiro Epigráfico (Supl. Conimbriga), Coimbra
FHA – Fontes Hispaniae Antiquae =Grosse 1947, 1959; Schulten 1922, 1937, 1940, 1952.
HA – Hispania Antiqua, Valladolid
HAE – Hispania Antiqua Epigraphica, Madrid
HE – Hispania Epigraphica; Madrid
HMS – Homenagem a Martins Sarmento, Guimarães, 1933
IA – Informação Arqueológica, Lisboa

ILER – Inscriptiones Latinas de la España Romana=Vives 1971-72
IMCGEA – Informes y Memorias de la Comisión General de Excavaciones Arqueológicas, Madrid
IP – Investigación y Progreso, Madrid
IRCP – Encarnação, J., *Inscrições romanas do conventus pacensis*. Coimbra, 1984.
IRG – Inscripciones Romanas de Galicia
I = Bouza Brey; Ors 1949
IS = Castilo; Ors 1959=1960
II = Vázquez Saco; Seijas 1954
III = Filgueira Valverde; Ors 1955
IIIS = Álvarez; Bouza Brey 1961
IV = Lorenzo Femández *et alii* 1968
IRPL – Inscriptions Romaines de la Province de Lugo=Arias Vilas *et alii* 1979
IRPLe – Inscripciones romanas de la Provincia de León
JA – Jornadas Arqueológicas
I – (Lisboa, 1969), Lisboa, 1970 (1)
II – (Lisboa, 1972), Lisboa, 1974 (2)
III – (Lisboa, 1977), Lisboa, 1978 (1)
Jahrbuch RGZM – Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentral Museums Mainz, Mainz
JMACH – Jornadas de Metodología Aplicada a las Ciencias Históricas (Santiago de Compostela, 1973), 1, Santiago de Compostela, 1975 (I)
JMIP – Jornadas de Metodología de Investigacion Prehistórica (Soria, 1981), Madrid, 1984 (I)
JMV – Jahreschrift für Mitteldentsche Vorgeschichte, Berlin
JRS – Journal of Roman Studies, London
MCV – Mélanges de la Casa de Velázquez, Paris
MJSEA – Memoria de la Junta Superior de escavaciones y Antigüedades, Madrid
MAN – Museo Arqueologico Nacional, Madrid
MM – Madrider Mitteilungen, Madrid, Heidelberg
MAN – Museo Arqueológico Nacional, Madrid
ML – Museu de Lamego, Lamego
MNA – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
MP – El Museo de Pontevedra, Pontevedra
NAH – Noticiario Arqueológico Hispánico, Madrid
PPS – Proceedings of the Prehistoric Society, London
RABM – Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, Madrid
RAH – Revista Archeológica e Histórica, Lisboa
RA – Revista de Arqueologia, Lisboa
RBPh – Revue Belge de Philologie et d'Histoire, Bruxelles
RE – Real-Enzyclopädie der dassichen Altertumswissenchaft (Pauly; Wissowa, d*.)
REtn – Revista de Etnografia, Porto
RFE – Revista da Faculdade de Engenharia, Porto
RFLL – Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa
RFLUP – Revista da Faculdade de Letras do Porto, Porto
RFLUP-História – Revista da Faculdade de Letras do Porto-História, Porto
RG – Revista de Guimarães, Porto (1-29)); Guimarães (30-39; 43-72; 77-94); V.N. Famalicão (40-42); Barcelos (73-76)
RPA – Revista Portuguesa de Arqueologia, Lisboa
RPF – Revista Portuguesa de Filosofia, Coimbra
RPH – Revista Portuguesa de História, Coimbra
RSL – Revista di Studi Liguri, Bordhigera
RSNS – Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, Porto
RUC – Revista de la Universidad Complutense, Madrid
RUO – Revista de la Universidad de Oviedo, Oviedo
SAN – Seminario de Arqueología del Noroeste (Santiago de Compostela, 1980), Madrid, 1983 (II)
SANP – Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Guimarães, 1978), Guimarães, 1980 (I)
SAS – Symposio de Arqueologia Soriana (Soria, 1982), Soria, 1984 (I)
SG – Studium Generale, Porto
SIC – Symposium Internacional de Colonizaciones (Barcelona, 1971), Barcelona, 1974
SHHA – Studia Historica Hispania Antigua, Madrid
SMS – Sociedade Martins Sarmento, Guimarães
SPPI – Symposium de Prehistoria de la Península Ibérica (Barcelona, 1959), Pamplona, 1960 (I)
– Tartessos. Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular(Jeréz de la Frontera, 1968) Barcelona, 1969 (V)
TA – Trabalhos de Arqueologia, Lisboa
TAAP – Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa
TAE – Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto
TGEAP – Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto
TIADMC – Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, Porto
TP – Trabajos de Prehistoria, Madrid

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Actas del I Simpósio Internacional Ibero-itálico sobre epigrafia rupestre em Portugal, Santiago de Compostela, 1996
- Actas do Colóquio de Etnografia Marítima «Santos Graça» (Póvoa de Varzim, 1982), 2, Póvoa de Varzim, 1985
- Actas do Colóquio de História Local e Regional (Santo Tirso, 1979), Santo Tirso, 1982
- Actas do Colóquio de Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Santiago de Compostela, 1997
- Actas do Colóquio Manuel de Boaventura, Esposende, 1988
- Actas do Colóquio de Ourivesaria do Norte de Portugal, Porto, 1986
- Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu, Viseu, 1989
- Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, Zamora, 1 (1996), 2 (1997), 3 (1999)
- Actas do Seminário do Noroeste Peninsular, 3, Guimarães, 1980
- Actas do Simpósio sobre conservação e intervenção em sítios arqueológicos e monumentos históricos, Porto/Paredes de Coura, 2002
- A cidade- jornadas inter e pluridisciplinares, Lisboa
- Al-madan, Almada
- Amphiteatrum (Sup. Studium Generale), Porto
- American Anthropological Association Anual Meeting, Chicago, 1991
- Anais da Academia Portuguesa da História, Lisboa
- Anais do Instituto do Vinho do Porto, Porto, 1951
- Anales de Arqueología Cordobesa, Córdoba
- Anales de Prehistoria y Arqueología, Murcia
- Annales de Bretagne, Rennes
- Anuario Brigantino, La Coruña
- Archeologia Artística, Porto
- Altitude, Guarda
- Ampurias, Barcelona
- The Antiquaries Journal, London
- Archeologia, Paris
- Archaeologica Opuscula,1, Porto, 1975
- Archaeonautica, Paris, 1977
- Archivos Leoneses, León
- Arquivo de Ponte de Lima, Ponte de Lima
- Arquivo do Alto Minho, Viana do Castelo
- Archivum, Oviedo
- Arqueologia, Porto
- Arqueoloxia/Investigación, Santiago de Compostela
- Arte, Porto
- A Arte Portuguesa, Porto
- Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências
- A Aurora do Lima, Viana do Castelo
- Aveiro e o seu Distrito, Águeda
- A Cidade de Évora, Évora
- A Vida Moderna, Porto
- Bayam, Baião
- Barcellos-Revista, Barcelos
- Beira Alta, Viseu
- Biblos, Coimbra
- Bimilenario de Lugo, Lugo, 1977
- Boletim da Casa das Beiras, Lisboa
- Boletim da Comissão de Etnografia e História, Porto, 1958
- Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História, Porto, 1955
- Boletim Cultural de Vale de Cambra, Vale de Cambra
- Boletim Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira
- Boletim da Sociedade de Geografia, Lisboa
- Boletín Auriense, Ourense, 2000
- Boletin del Museu Arqueologico Nacional, Madrid, 1984
- Bulletin of the Institute of Archaeology of London, London, 1978
- Brigantia, Bragança
- Brigantium, La Coruña
- Brotéria, Lisboa
- Cadernos do Museu, Penafiel
- Cadernos do Neiva, Durrães, Barcelos
- Caesaraugusta, Zaragoza
- Caminiana, Caminha
- Clio, Lisboa
- Colloque sur les Empereurs Romains d'Espagne (Madrid, 1964), Paris, 1965
- Colóquio Galaico-Minhoto (Ponte de Lima, 1981), Ponte de Lima, 1981 (I)

- Colóquio Internacional de Arqueología sobre los Finisterres en la Anteguedad, Gijón
- Compostellanum, Santiago de Compostela
- Complutum, Madrid
- V Congresso Internacional sobre o Rio Douro, Vila Nova de Gaia
- Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso, 1963), 2, Lisboa, 1965
- Congresso Internacional de História dos Descobrimentos (Lisboa, 1960), 3, Lisboa, 1961
- Conimbriga, Coimbra
- Correio do Minho, Braga
- Cuadernos de Arqueología de Deusto, Bilbao
- Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos, La Coruña
- Dédalo, S. Paulo
- Diário de Coimbra, Coimbra
- Diário do Minho, Braga
- O Distrito de Braga, Braga
- Les Dossiers de l'Archéologie, Dijon
- Durius, Valladolid
- Emerita, Madrid
- Enciclopedia Lingüística Hispánica, 1, Madrid, 1960
- Espacio, Tiempo y Forma, Madrid
- Estudios de Economia Antigua de la Península Ibérica=Tarradel 1968
- Estudios Geográficos, Madrid
- Estudios del Seminario de Prehistoria, Arqueología y Historia Antigua, Zaragoza
- Estudos Arqueológicos de Oeiras, Oeiras
- Estudos Durienses, Régua
- Estudos e Documentos, 1(2), Porto, 1996.
- Estudos e Documentos, I, Porto, 1996
- Estudos Italianos em Portugal, Lisboa
- Estudos Monográficos – Paços de Ferreira
- Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro, Lisboa
- Estudos Orientais, Lisboa
- Estudos Regionais, Viana do Castelo, 1990
- Études Celtiques, Rennes
- Ethnos, Lisboa
- Euphrosine
- Folia quartenaria, Karkow
- Forum, Braga
- Fuentes y Estudios de Historia Leonesa, León
- Gallaecia, Santiago de Compostela
- Gaya, Vila Nova de Gaia
- Gente Minhota, Braga
- Germania, Frankfurt
- Gerión, Madrid
- Grande Reportagem, Lisboa
- Habis, Sevilla
- História, Lisboa
- Humanidades, Porto
- Indigenismo e Romanización en El Conventus Asturum, Oviedo, 1983
- Institute of Archaeology Bulletin, London
- Journal of Iberian Archaeology, Porto
- Junta Distrital de Évora, Évora
- Larouco, La Coruña
- Latomus, Bruxelles
- Legio VII Gemina, León, 1970
- Limia, Viana do Castelo
- Lisbon Courier, Lisboa
- Lucerna, Porto
- Lusa, Viana do Castelo
- Lusitania Sacia, Lisboa
- Madrider Forschungen, Berlin
- Matesinus, Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos, Matosinhos
- Máthesis, Viseu
- Mediterrâneo, Lisboa
- Memoria del Servicio Nacional de Excavaciones, Valencia
- Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa
- Memorias de Historia Antigua, Oviedo
- Minería hispana e iberoamericana, 1, Congreso Internacional de Minería (VI), Léon, 1970

- Minia, Braga
- Miscelánea Arqueológica, Zaragoza
- Monte do Castelo, Castelo de Neiva, Viana do Castelo
- Museu Illustrado, Porto
- Museo y Archivo histórico diocesano, Tuy, 1977
- Nós, La Coruña
- Notícias de Viana, Viana do Castelo
- Nova Alvorada, Famalicão
- Novidades, Lisboa
- Numantia, Soria
- Numisma, Madrid
- Nummus, Porto
- Obras, Coimbra
- Ocidente, Lisboa
- Ogam, Rennes
- O Instituto, Coimbra
- O Panorama Contemporâneo, Porto
- O Pantheon, Porto
- O Tripeiro, Porto
- Ourivesaria no Norte de Portugal: Exposição, Porto, 1984
- Oxford Jounal of Archaeology, Oxford
- Paleoecologia e Arqueologia, Vila Nova de Famalicão
- Prähistoriche Bronzefunde, München
- Papers in Iberian Archaeology, Oxford
- Penafidel, Penafiel
- Penha Fidelis, Penafiel
- Pero Gallego, Viana do Castelo
- Petrus Nonius, Lisboa
- Poligrafia, Arouca
- Portucale, Porto
- Portugalia, Porto
- La Préhistoire française, 2, Paris, 1976
- Príncipe de Viana, Pamplona
- Prisma, Porto
- Proceedings of the American Ethnological Society
- Proceedings of the British Academy, Oxford.
- Pyrenae, Barcelona
- Publicaciones Eventuales, Barcelona, 1976.
- La Religión Romana en Hispania, Madrid, 1981
- A Renascença, Porto
- Reunión Gallega de Estudios Clasicos, Santiago de Compostela, 1981 (I)
- Revista Archeológica, Lisboa
- Revista Archeologica e Historica, Lisboa
- Revista Dialectología y Tradiciones Populares, Madrid
- Revista de Arqueología, Madrid
- Revista de Ciências Históricas, Porto
- Revista de Estudos Históricos, Porto
- Revista de História – UL, Porto
- Revista Lusitana, Porto
- Revista de Turismo, Lisboa
- Revue Archéologique, Paris
- Revue des Études Anciennes, Bordeaux
- Römisch – Germanische Forschungen, Berlin
- Saalburg Jahrbuch, Saalburg
- Santo Tirso Arqueológico, Santo Tirso
- Sautuola, Santander
- Servicio de Investigaciones Prehistóricas, Valencia
- Setúbal Arqueológica, Setúbal
- Studia Archaeologica, Valladolid-Santiago de Compostela
- Studia Zamorensia, Zamora
- Studi Etruschi, Firenze
- Sumário de Antiguidades, Gaia
- Symposium de Ciudades Augústeas (Zaragoza, 1976), Zaragoza, 1976
- Terra Portuguesa, Lisboa
- The Antiquaries journal, London.
- Trabalhos de Arqueologia do EAM, Lisboa

– Trierer Zeitschrift, Trier
– Tuy-Museo y Archivo Historico Diocesano, Tuy
– Veleia, Vitória
– Villena, Villena, Valencia
– Viriatis, Viseu
– Zephyrus, Salamanca

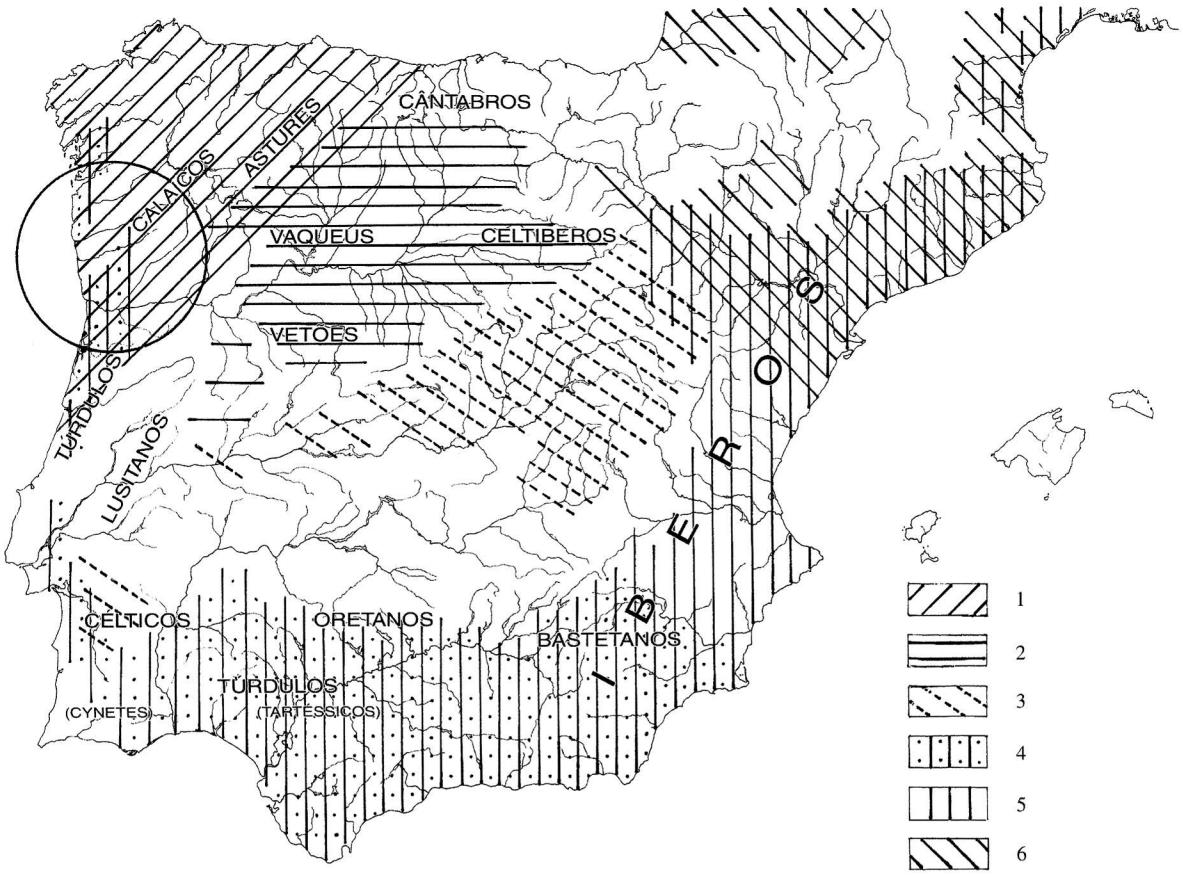
INSTITUIÇÕES

ADP	– Assembleia Distrital do Porto
ACAD	– Associação Cultural do Alto Douro, Régua
ADCA	– Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, Arouca
ANTT	– Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa
CEMUP	– Centro de Materiais da Universidade do Porto
CMC	– Câmara Municipal de Chaves
CMMF	– Câmara Municipal de Mesão Frio
CMV	– Câmara Municipal de Vouzela
CMSMF	– Câmara Municipal de Santa Maria da Feira
DGEMN	– Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa
DGPU	– Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, Porto
GACMVNF	– Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
GAMVC	– Gabinete de Arqueologia Municipal de Vila do Conde
GHAVNG	– Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia
IAFCUP	– Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
IAFLUP	– Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
JFA	– Junta da Freguesia de Afife, Viana do Castelo
MAB	– Museu Abade de Baçal, Bragança
MADV	– Museu da Assembleia Distrital de Viseu
MACS	– Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
MAN	– Museo Arqueológico Nacional, Madrid
MANVR	– Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real
MAPST	– Museu Abade Pedrosa de Santo Tirso
MASA	– Museu de Arte Sacra de Arouca
MASASMP	– Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto
MB	– Museu do Bouro, Amares
MDT	– Museu Diocesano de Tuy
MEHP	– Museu de Etnografia e História do Porto
MGV	– Museu Grão Vasco, Viseu
MMAP	– Museu Municipal Abade Pedrosa, Santo Tirso
MMEHPV	– Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa do Varzim
MMC	– Museu Monográfico de Conimbriga, Condeixa
MMCa	– Museu Municipal de Caminha
MMP	– Museu Municipal de Penafiel
MMVC	– Museu Municipal de Viana do Castelo
MNA	– Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
MNSR	– Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto
MPXII	– Museu Pio XII, Braga
MRDDS	– Museu Regional D. Diogo de Sousa, Braga
MRF	– Museu da Região Flaviense, Chaves
MSMS	– Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães
MTILPL	– Museu dos Terceiros – Instituto Limiano de Ponte de Lima
PPL	– Paróquia da Póvoa de Lanhoso
UAUM	– Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga

ESTAMPAS

MAPAS
PLANTAS
CORTES ESTRATIGRÁFICOS
DESENHOS
FOTOGRAFIAS

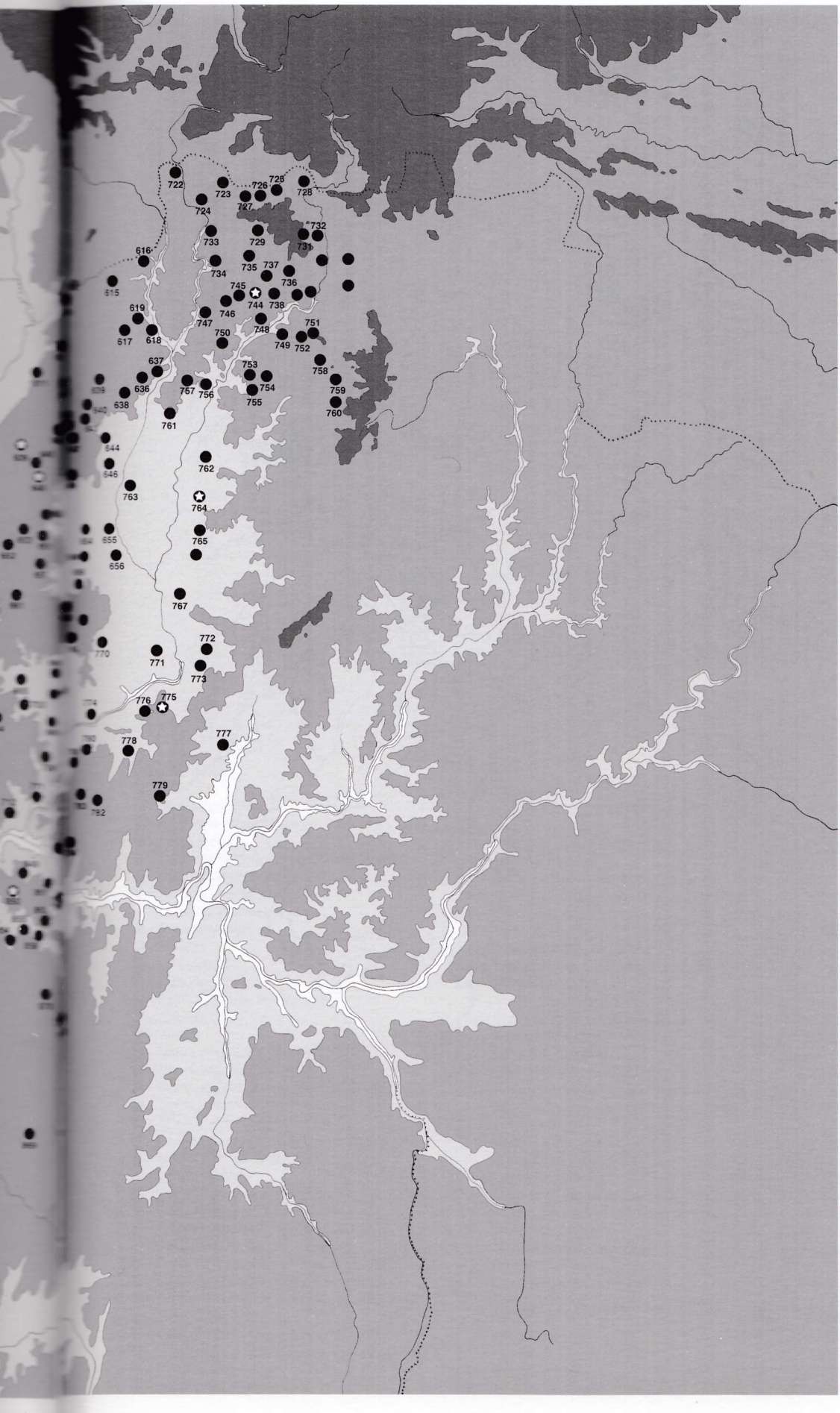
Est. I



1 – Cultura castreja do Noroeste peninsular com delimitação da sua área meridional
2 – Cultura do Douro
3 – Cultura do Tejo
4 – Cultura tartéssico/turdetana
área de influência predominantemente fenícia e púnica
5 – Cultura ibérica
área de influência predominantemente grega
6 – Área de influência dos Campos de Urnas (Taffanel IV)

(Sobre Schüle 1969, Karte 19; Silva A.C.F. 1986b, Est. I)

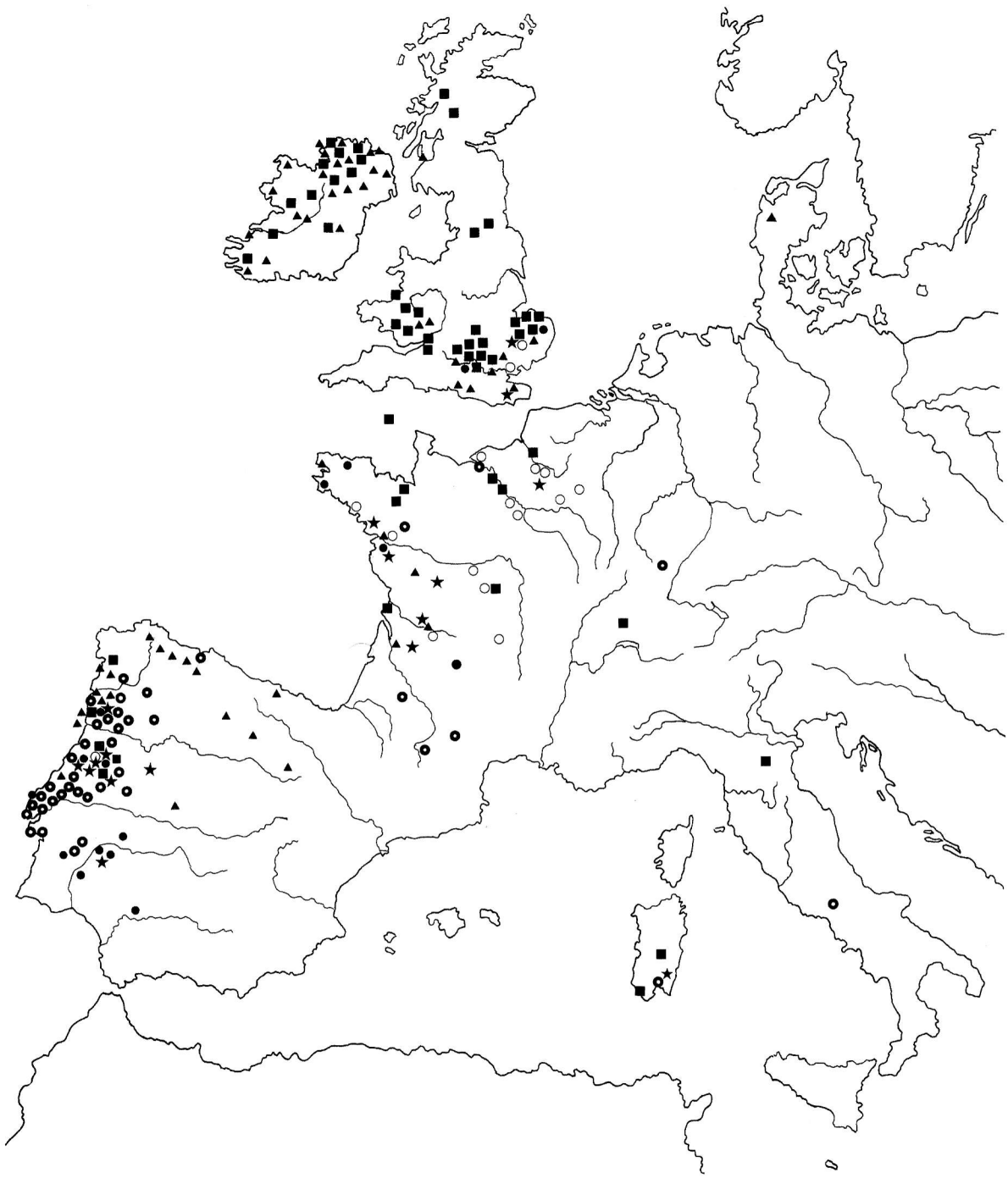
Est. II



Castros do Noroeste de Portugal

- ● Castro
- ✪ Lugar central

Est. III

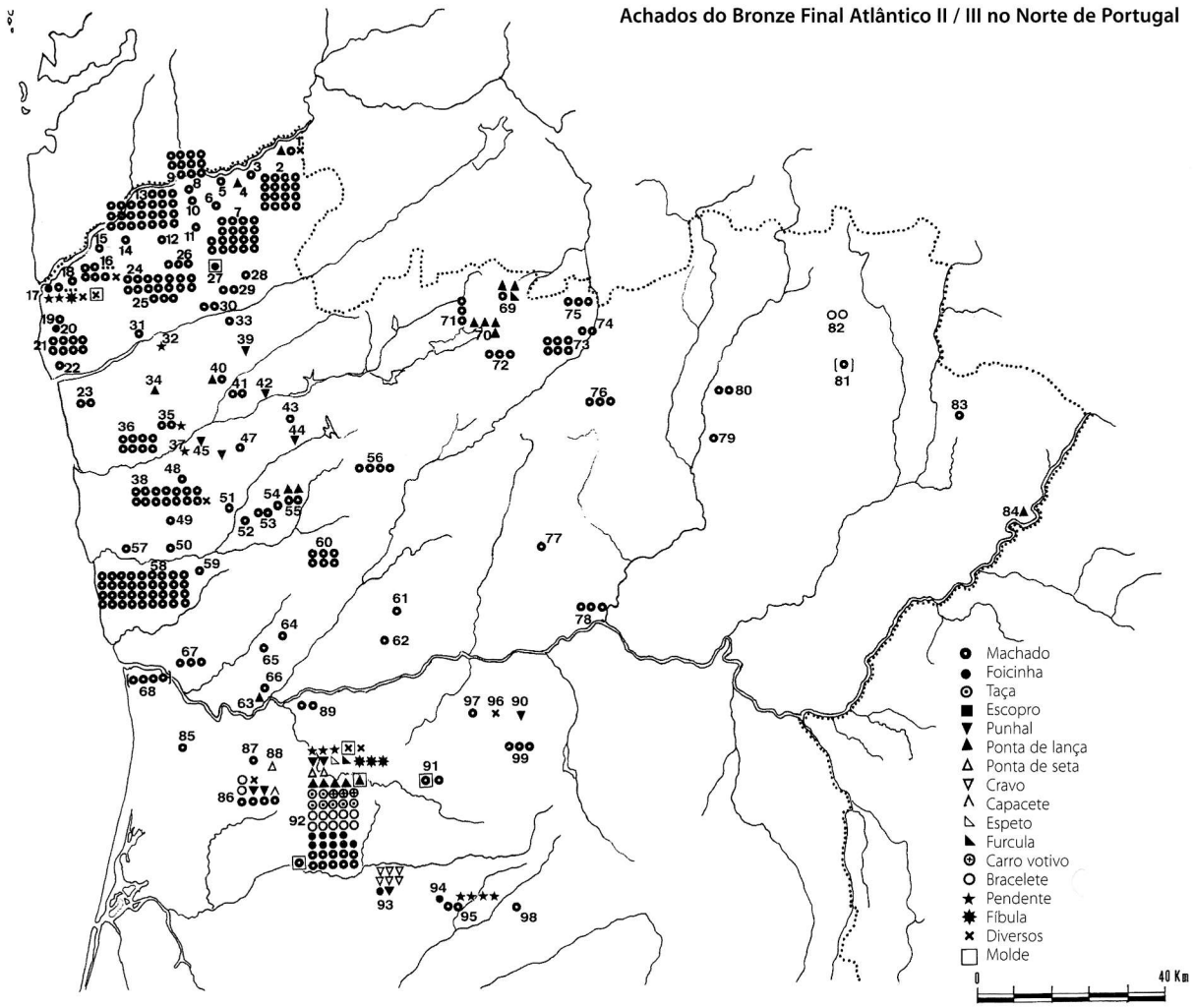


- O Machados de alvado e dois anéis
- ■ Foicinhas de alvado
- ▲ Caldeirões de rebites
- ★ Espetos articulados
- ○ Torques com terminais em argola
- ● Torques/braceletes maciços incisos

(Sobre Coffyn *et alii* 1981, cartes 15, 17, 25 e Coffyn 1985, cartes 15, 23, 28 e 1991, Est. I, II, IIII, IV actualizadas)

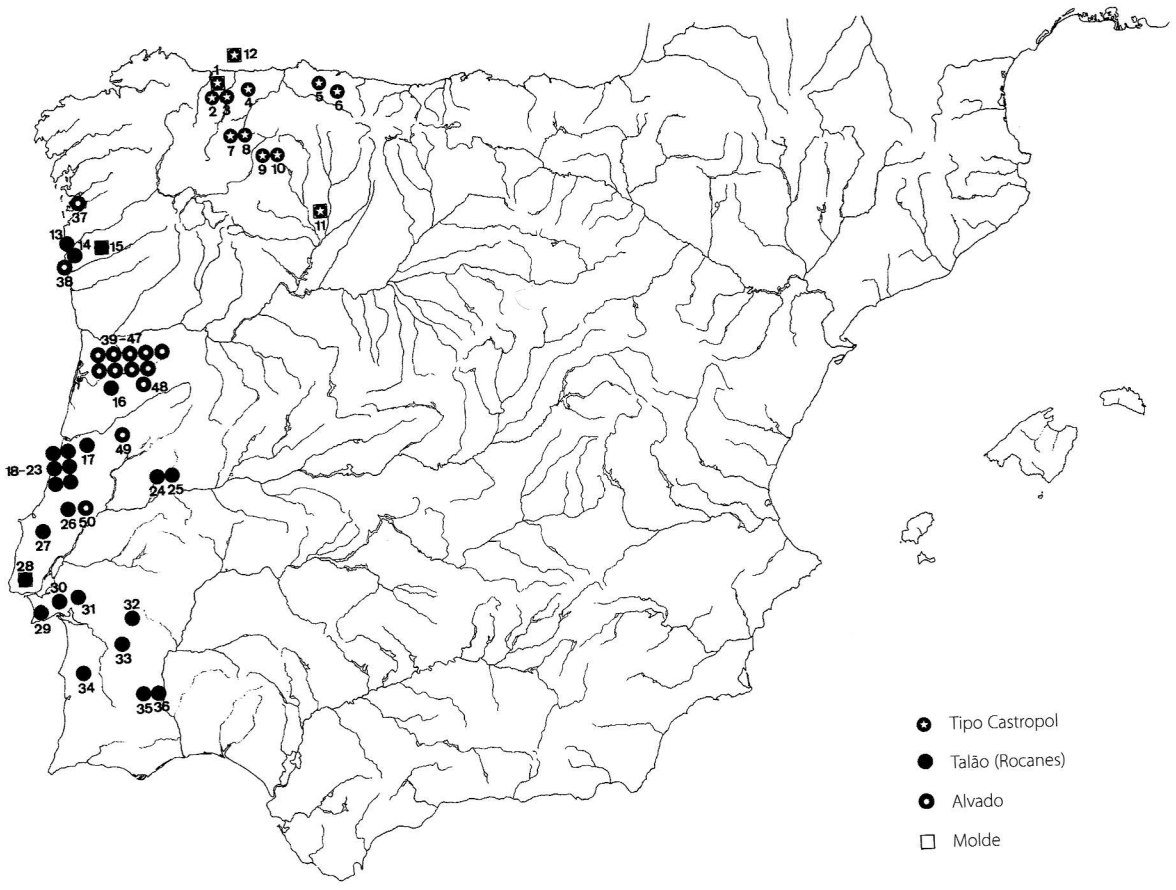
Est. IV

Achados do Bronze Final Atlântico II / III no Norte de Portugal



1 – Monte Viçosa, Roussas, Melgaço
2 – Carpinteira, S Paio, Melgaço
3 – Penso, Melgaço
4 – Castro da Senhora da Graça, Badim, Monção
5 – Castro da Senhora da Assunção, Barbeita, Monção
6 – Agrelo, Cambeses, Monção
7 – Catelinha, Moreira, Monção
8 – Troporiz, Monção
9 – Monção
10 – Lara, Monção
11 – Lapa Pias, Monção
12 – Castelo da Furna, Boivão, Valença
13 – Gingleta, Ganfei, Valença
14 – Valença
15 – Monte de Góis, V.N. Cerveira
16 – Vilar de Mouros, Caminha
17 – Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha
18 – Argela, Caminha
19 – Afife, Viana do Castelo
20 – Cova da Moura, Carreço, Viana do Castelo
21 – Areosa, Viana do Castelo
22 – Viana do Castelo
23 – Vila de Punhe, Viana do Castelo
24 – Castelo, Formariz, Paredes de Coura
25 – Cabeluda, Insalde, Paredes de Coura
26 – Paredes de Coura
27 – Castro de Álvora, Álvora, Arcos de Valdevez
28 – Castro de Ázere, Ázere, Arcos de Valdevez
29 – Quinta da Comenda, Távora, Arcos de Valdevez
30 – Arcos de Valdevez
31 – Castro de Santo Ovídio, Ponte de Lima
32 – Castro de Santo Estêvão, Facha, Ponte de Lima
33 – Ponte da Barca
34 – Durrães, Barcelos
35 – Castro de Roriz, Roriz, Barcelos
36 – Barcelos
37 – Castelo de Faria, Barcelos
38 – Viatodos, Barcelos
39 – Castro de Barbudo, Barbudo, Vila Verde
40 – Castro de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde
41 – Caldelas, Amares
42 – Santinha, Amares
43 – Serzedelo, Póvoa de Lanhoso
44 – Castelo de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso
45 – Mire de Tibães, Braga
46 – Alto de S. Bento, Braga
47 – Monte da Falperra, Esporões, Braga
48 – Nine, V. N. Famalicão
49 – Louro, V. N. Famalicão
50 – Calendário, V. N. Famalicão
51 – Monte de S. Miguel-o-Anjo, Oleiros, Guimarães
52 – Monte do Sino, S. Jorge de Selho, Guimarães
53 – Guimarães
54 – Matamá, Costa, Guimarães
55 – Penha, Costa, Guimarães
56 – Cabeceiras de Basto
57 – Cividade de Bagunte, Bagunte, Vila do Conde
58 – Abelheira, S. Martinho do Bougado, Trofa
59 – Santo Tirso
60 – Boavista, Pinheiro, Felgueiras
61 – Candemil, Amarante
62 – Lavra, Marco de Canavezes
63 – Quinta do Passal, Várzea do Douro, Marco de Canavezes
64 – Croca, Penafiel
65 – Penafiel
66 – Portela, Penafiel
67 – Santa Justa, Valongo
68 – Vila Nova de Gaia (?)
69 – Vale Travesso, Solveira, Montalegre
70 – Outeiro do Rego, Chã, Montalegre
71 – Castro de Medeiros, Chã, Montalegre
72 – Castro de Nogueira, Bobadela, Boticas
73 – Chaves
74 – Outeiro Seco, Chaves
75 – Barrenhas, Vilela Seca, Chaves
76 – Castro de Ribas, Carrazedo de Montenegro, Valpaços
77 – Justes, Vila Real
78 – S. Mamede de Riba Tua, Alijó
79 – Cortiços, Mirandela
80 – Torre de D. Chama, Mirandela
81 – Castro de Avelãs, Bragança
82 – Castro de Avelãs, Bragança
83 – Vimioso
84 – Castro do Picote, Picote, Miranda do Douro
85 – Castro de Fiães, Fiães, S.M.Feira
86 – Monte de Castro, Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra
87 – Campo da Falcoeira, S. Miguel do Mato, Arouca
88 – Vala Grande, Cabreiros, Arouca
89 – Retorta, Souselo, Cinfães
90 – Castro de Sernancelhe, Sernancelhe
91 – Vila Boa, Castro Daire
92 – Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul
93 – Figueiredo das Donas, Fataunços, Vouzela
94 – Castro de Santa Luzia, Abravezes, Viseu
95 – Viseu
96 – Canedotes, Vila Nova de Paiva
97 – Vila Cova à Coelheira, Vila Nova de Paiva
98 – Castelo de Penalva, Penalva do Castelo
99 – Mondim da Beira, Tarouca

Est. V



Foicinhas do Bronze Final

Foicinhas tipo Castropol

1-3 – Castropol, Astúrias
4 – Miranda, Astúrias
5 – Ponga, Astúrias
6 – Sobrefoz, Astúrias
7-8 – Monte Las Verdes, Torre de Babia, León
9-10 – Páramo del Sil, León
11 – Castro de Sacaojos, La Baniza, León
12 – Astúrias

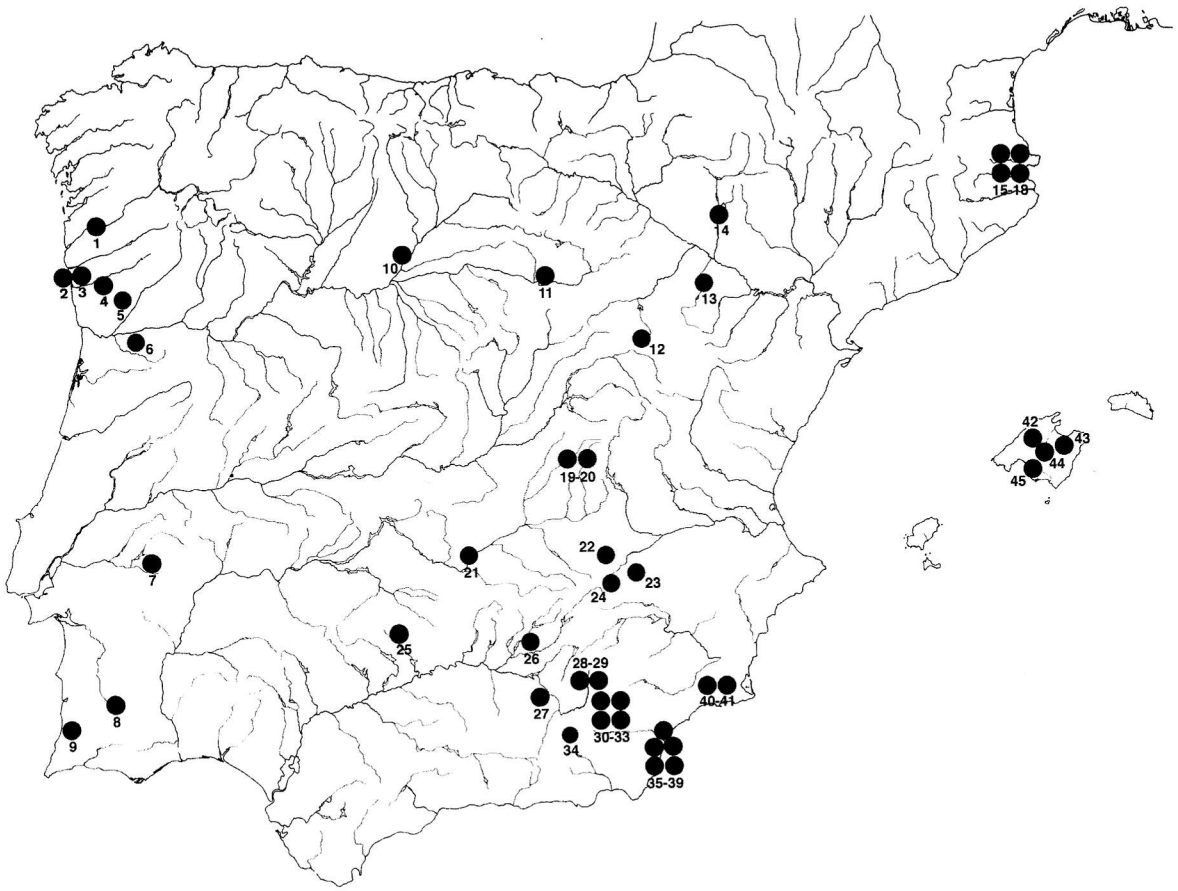
Foicinhas tipo Rocanes

13 – Citânia de Santa Tecla, La Guardia, Pontevedra
14 – Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha
15 – Castro de Álvora, Arcos de Valdevez
16 – Depósito de Figueiredo das Donas, Vouzela
17 – Conimbriga, Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova
18-23 – Depósito de Coles de Samuel, Soure
24-25 – Depósito de Porto do Concelho, Mação
26 – Castro de S. Martinho, Alcobertas, Rio Maior
27 – Castro de Pragança, Cadaval
28 – Casal de Rocanes, Cacém, Belas, Sintra
29 – Pedreiras, Sesimbra
30 – Calhariz, Sesimbra
31 – Fonte de Rotura
32-33 – Évora
34 – Santa Cruz, Sobral de Várzea, Santiago de Cacém
35-36 – Mértola

Foicinhas de alvado

37 – La Lanzada, Sanxenxo, Pontevedra
38 – Cova da Moura, Carreço, Viana do Castelo
39-47 – Depósito do Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul
48 – Castro de Santa Luzia, Abraveses, Viseu
49 – Depósito de Moura da Serra, Arganil
50 – Alto de Bocas, Rio Maior

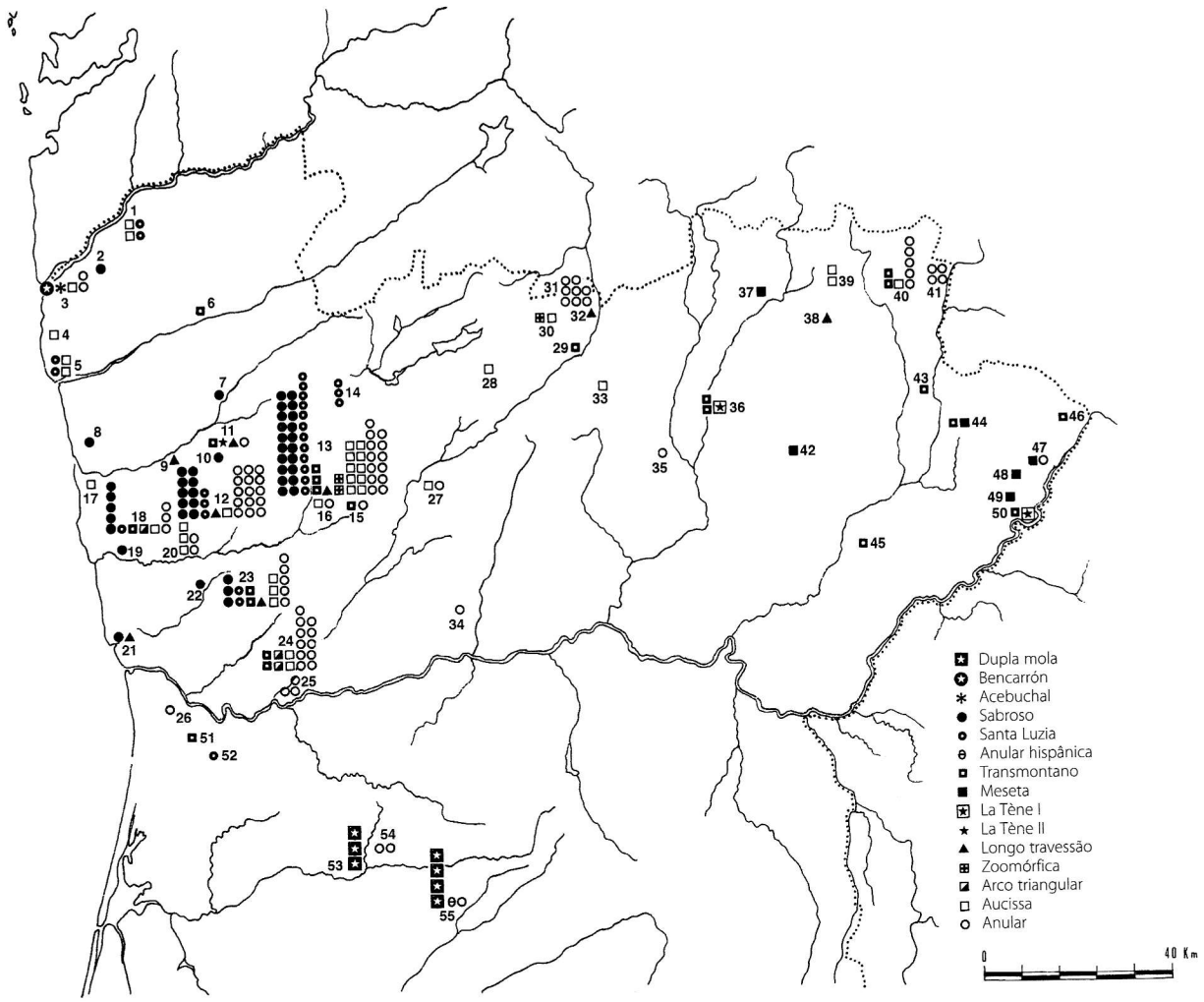
Est. VI



Capacetes de tipo Montefortino

1 – Caldelas de Tuy
2-3 – Castelo de Neiva, Viana do Castelo
4 – Castelo de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso
5 – Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
6 – Castro da Mogueira, Resende
7 – Cabeço de Vaiamonte, Monforte
8 – Ourique
9 – Aljezur
10 – Pago de Gorrita
11 – Quintana Redonda, Soria
12- Caridad, Caminreal, Teruel
13 – Piquete de la Atalaya, Azuara, Zaragoza
14 – Osca, Huesca
15-18 – Ampurias, Gerona
19-20 – Fosos de Bayona, Cuenca
21 – Alarcos, Ciudad Real
22 – Pozo Moro, Chinchilla, Albacete
23 – La Hoya de Santa Ana, Albacete
24 – Cola de Zama, Albacete
25 – Alcaracejos, Córdoba
26 – Colado de los Jardines, Santa Elena, Jaén
27 – Toya, Jaén
28-29 – Castellones de Ceal, Hinojares, Jaén
30-33 – Galera, Granada
34 – Baza, Granada
35-39 – Villaricos, Almería
40-41 – Cabecico del Tesoro, Verdolay, Murcia
42 – Inca, Mallorca
43 – Ses Países, Arta, Mallorca
44 – Son Gelabert de Dalt, Sineu, Mallorca
45 – Capocorp Vell, Lluchmayor, Mallorca

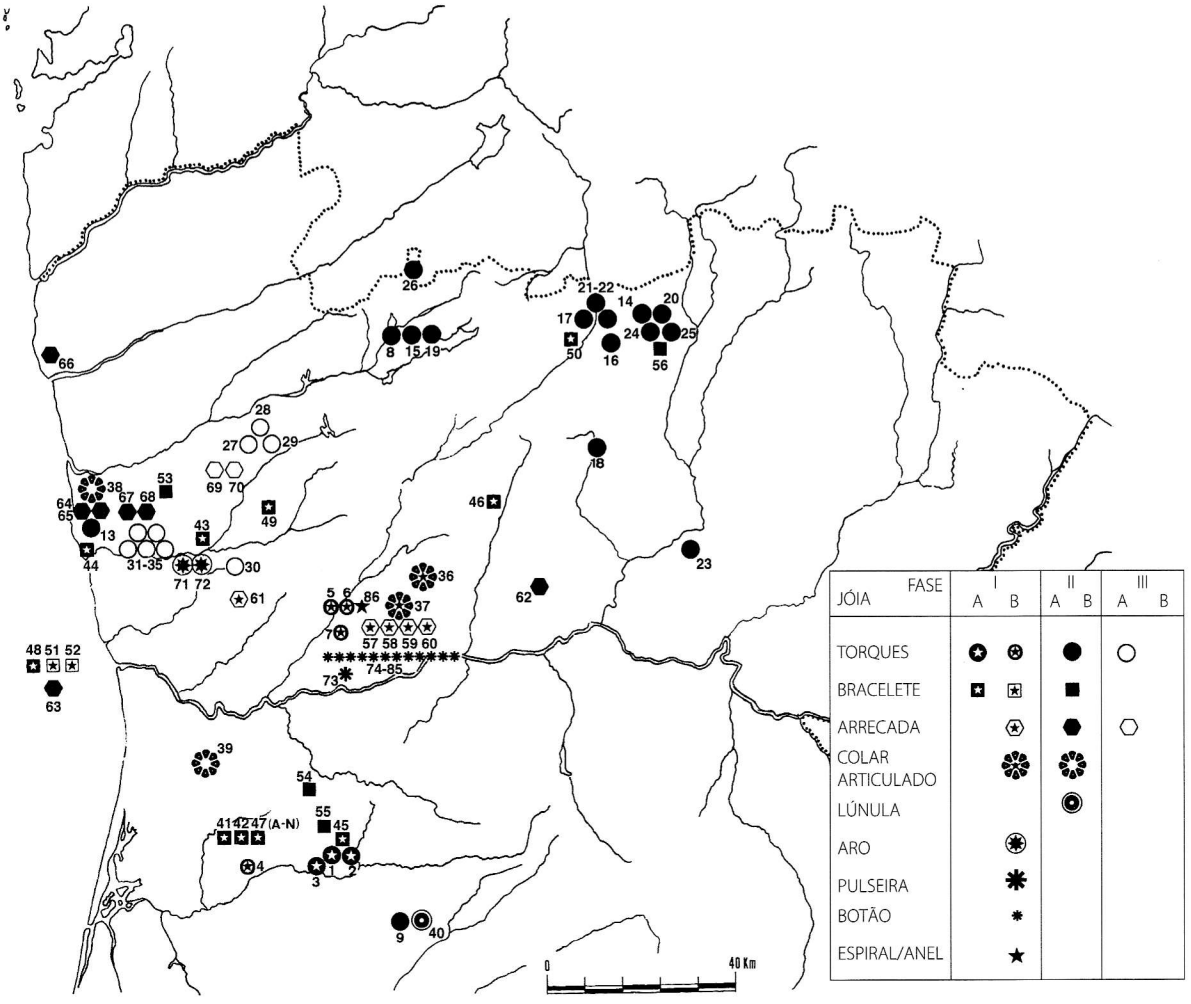
Est. VII



Fíbulas do Norte de Portugal

1 – Monte do Forte, Lovelhe, Vila Nova de Cerveira
2 – Castro de Vilar de Mouros, Caminha
3 – Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha
4 – Cividade de Âncora, Caminha / Viana do Castelo
5 – Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo
6 – Castro de Cendufe, Arcos de Valdevez
7 – Citânia de S. Julião, Ponte / Coucieiro, Vila Verde
8 – Castro de Belinho, Esposende
9 – Castelo de Faria, Gilmonde, Barcelos
10 – Monte Redondo, Guizande, Braga
11 – Maximinos, Braga
12 – Castro de Sabroso, Guimarães
13 – Citânia de Briteiros, Guimarães
14 – Castelo de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso
15 – Castro de Santo Ovídio, Fafe
16 – Picoto de Santo Amaro, Mascotelos, Guimarães
17 – Estela, Póvoa de Varzim
18 – Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim
19 – Cividade de Bagunte, Vila do Conde
20 – Castro de Penices, Gondifelos, Vila Nova de Famalicão
21 – Castelo de Guifões, Matosinhos
22 – Castro do Padrão, Monte Córdova, Santo Tirso
23 – Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
24 – Monte Mozinho, Penafiel
25 – Castro de Arados, Marco de Canaveses
26 – Monte Murado, Pedroso, Vila Nova de Gaia
27 – Crastoeiro, Mondim de Basto
28 – Castro de Carvalhelhos, Beça, Boticas
29 – Chaves
30 – Muro da Pastoria, Redondelo, Chaves
31 – Couto de Ervededo, Chaves
32 – Outeiro dos Mouros, Calvão, Chaves
33 – Castro de Nogueira, Chaves
34 – Castro de Arnadelo, Vila Real
35 – Rio Torto, Valpaços
36 – Castro de S. Juzenda, Mirandela
37 – Castro de Vinhais, Vinhais
38 – Castro de Avelãs, Bragança
39 – Sagrado, Donai, Bragança
40 – Bragança
41 – Castro de Sacoias, Baçal, Bragança
42 – Estrada, Macedo de Cavaleiros
43 – Castro de Argozelo, Vimioso
44 – Castro da Cocolha, Vimioso
45 – Fraga de Seixo, Estevais, Mogadouro
46 – Paradela, Miranda do Douro
47 – Castro da Aldeia Nova, Miranda do Douro
48 – Vila Chã da Barciosa, Miranda do Douro
49 – Castro da Solhapa, Duas Igrejas, Miranda do Douro
50 – Castro do Picote, Miranda do Douro
51 – Castro de Fiães, Santa Maria da Feira
52 – Castro de Romariz, Santa Maria da Feira
53 – Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul
54 – Castro de Cárcoda, Carvalhais, S. Pedro do Sul
55 – Castro de Santa Luzia, Abraveses, Viseu

Est. VIII



Ourivesaria castreja do Norte de Portugal

Torques

1-2 – Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul
3 – Machorros, Serrazes, S. Pedro do Sul
4 – Vale da Malhada, Rocas do Vouga, Sever do Vouga
5-6 – Gondeiro, Salvador do Monte, Amarante
7 – Soalhães, Marco de Canaveses
8, 15, 19 – Paradela do Rio, Montalegre
9 – Viseu
10-12 – Castro de Cavês, Cabeceiras de Basto
13 – Estela, Póvoa de Varzim,
14, 20, 24, 25 – Lebução, Valpaços
16 – Codeçais, Faiões, Chaves
17, 21, 22 – Região flaviense
18 – Rendufe, Carrazedo de Montenegro, Valpaços
23 – Tamancas, Vilas Boas, Vila Flor
26 – Tourém, Montalegre
27-29 – Castro de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso
30 – Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
31-35 – Cividade de Bagunte, Vila do Conde

Colares articulados

36 – Malhada, Campeã, Vila Real
37 – Baião
38 – Estela, Povoa de Varzim
39 – Castro de Romariz, Santa Maria da Feira

Lúnula

40 – Viseu

Braceletes

41-42 – Baralhas, Castelões, Vale de Cambra
43 – Quinta da Bouça, Bairro, V. N. Famalicão
44 – Vila do Conde
45 – Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul
46 – Telões, Vila Pouca de Aguiar
47(A-N) – Baralhas, Castelões, Vale de Cambra
48 – Norte de Portugal
49 – Cantonha, Costa, Guimarães
50 – Alto da Pedisqueira, Chaves
51-52 – Norte de Portugal
53 – Monte da Saia, Grimancelos
54 – Monte da Prova, Regoufe, Arouca
55 – Quinta das Roçadas, Carvalhais, S. Pedro do Sul
56 – Lebução, Valpaços

Arrecadas

57-60 – Baião
61 – Paços de Ferreira
62 – S. Martinho de Anta, Sabrosa
63 – Norte de Portugal
64-65 – Estela, Póvoa de Varzim
66 – Carreço, Viana do Castelo
67-68 – Castro de Laundos, Póvoa de Varzim
69-70 – Citânia de Briteiros, Guimarães

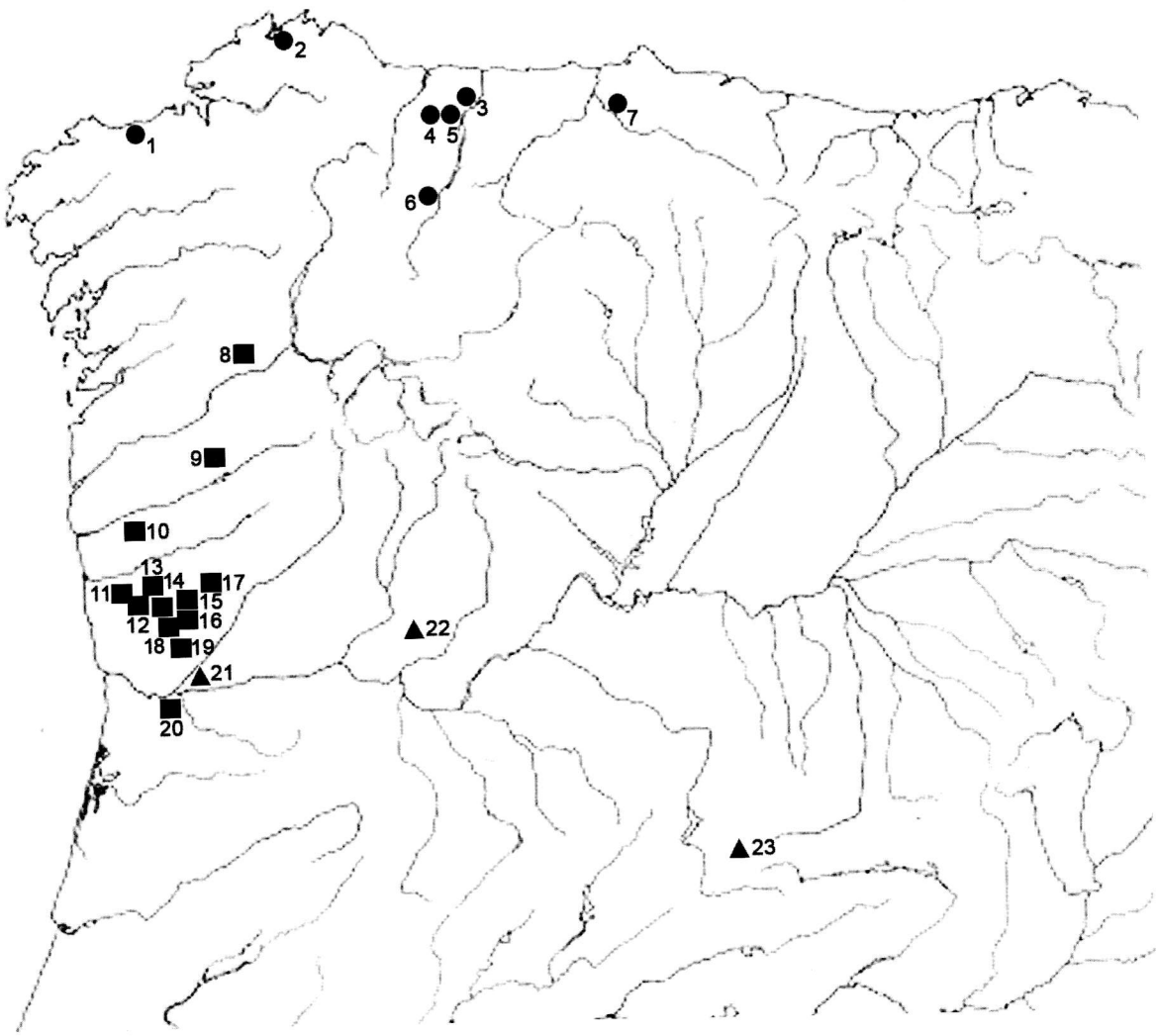
Aros

71-72 – Bairros, S. Martinho de Bougado, Santo Tirso

Varia

73 – Baião
74-85 – Baião
86 – Gondeiro, Salvador do Monte, Amarante

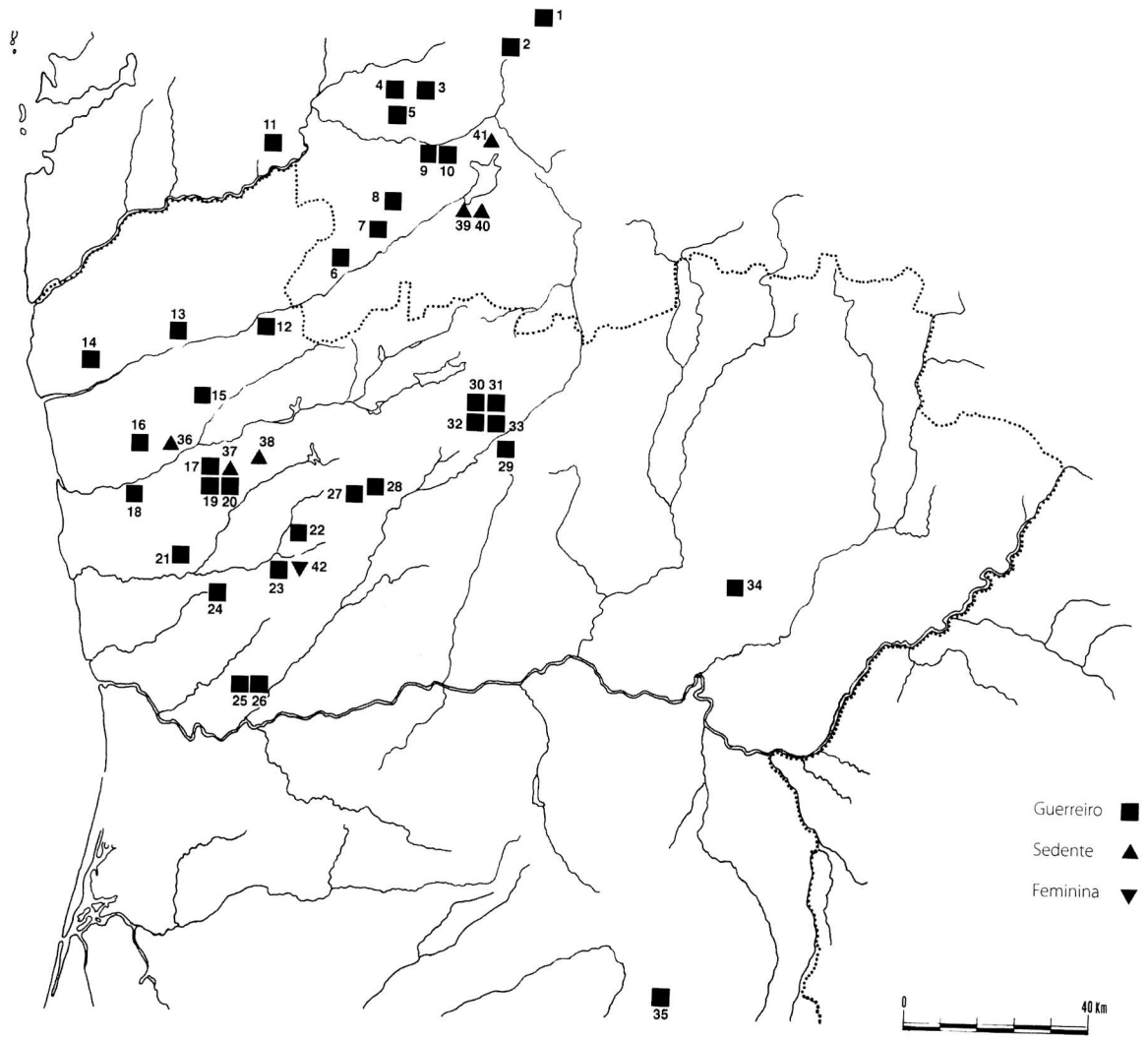
Est. IX



Balneários castrejos

1 – Castro de Borneiro, La Coruña
2 – Castro de Prados, Espasante, Ortigueira, La Coruña
3 – Coaña, Navia, Oviedo
4-5 – Pendia, Boal, Oviedo
6 – Chao Samartín, Grandas de Saline, Oviedo
7 – Castiellu de Llagú, Latores, Oviedo
8 – Santa Mariña de Augas Santas, Allariz, Orense
9 – Castro de Eiras (?), Arcos de Valdevez
10 – Castro de Roques, Viana do Castelo
11 – Braga
12 – Santa Maria de Galegos, Barcelos
13 – Monte da Saia, Chorente, Barcelos
14 – Castro de Sabroso, Guimarães
15-16 – Citânia de Briteiros, Guimarães
17 – Quintãs, Castro de Calvos, Póvoa de Lanhoso
18 – Castro das Eiras, Vila Nova de Famalicão
19 – Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
20 – Monte Castro, Sardoura, Castelo de Paiva
21 – *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses
22 – (?) Ribalonga, Alijó
23 – Ulaca, Solosancho, Ávila

Est. X



Escultura antropomórfica castreja

Guerreiros

1 Bergazo, O Corgo, Lugo
2 – Ralhe, Vilela, Taboada, Lugo
3 – Río, Vilamarín, Orense
4 – Anllo, Castrelo, Cea, Orense
5 – Santa Águeda, San Vicente de Reádegos, Vilamarín, Orense
6 – Castro de Rubiás, Cadós, Bande, Orense
7 – Castromao, Celanova, Orense
8 – Vilar de Barrio, Bóveda/Padrela, Vilar de Barrio, Orense
9-10 – Castro de Armeá, Santa Mariña de Aguas Santas, Allariz, Orense
11 – Sabanle, Quintela, Crecente, Pontevedra
12 – Cidadelhe, Britelo, Ponte da Barca
13 – Castro do Mau Vizinho, Cendufe, Arcos de Valdevez
14 – S. Paio de Meixedo, Viana do Castelo
15 – Citânia de S. Julião, Ponte/Coucieiro, Vila Verde
16 – Citânia de Roriz, Roriz/Oliveira, Barcelos
17 – Braga
18 – Midões, Barcelos
19-20(?) – Citânia de Briteiros, Guimarães
21 – Castro de S.Miguel-o-Anjo, Calendário, Vila Nova de Famalicão
22 – Castro de Santo Ovídio, Fafe
23 – S. Jorge de Vizela, Guimarães
24 – Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
25-26 – Monte Mozinho, Oldrões, Penafiel
27 – Refojos de Basto, Cabeceiras de Basto
28 – Santa Comba, Refojos de Basto, Cabeceiras de Basto
29 – Monte do Crasto, Capeludos, Vila Pouca de Aguiar
30-31 – Outeiro Lezenho, Campos, Boticas
32-33 – Outeiro Lezenho (?), Campos, Boticas
34 – Monte de N.ª S.ª dos Anúncios, Vilarelhos, Alfândega da Fé
35 – Guarda

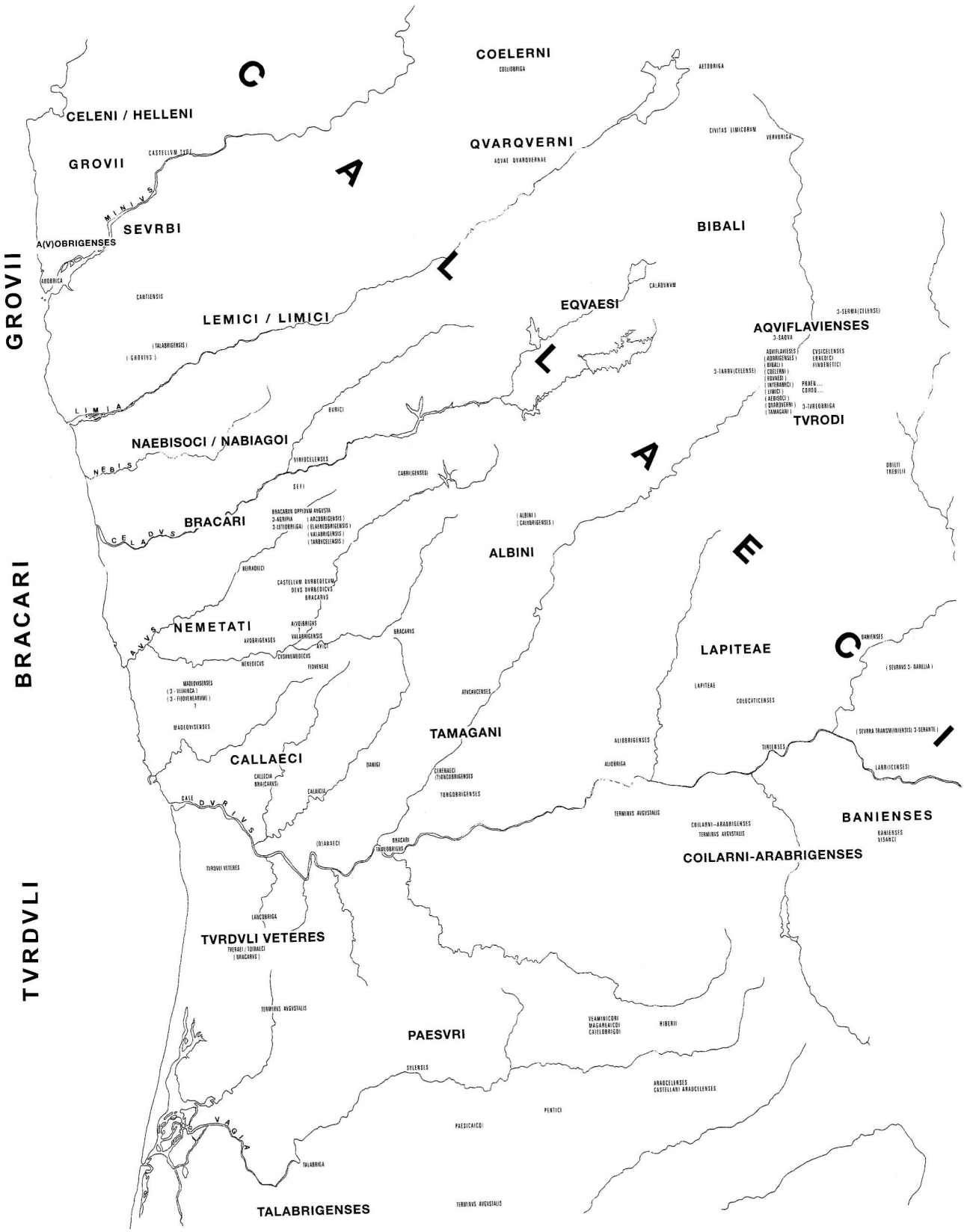
Sedentes

36 – Castro de Roriz, Barcelos
37 – Braga
38 – Castelo de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso
39-40 – Ginzo de Limia, Orense
41 – Pedrafita, Teixeira, Orense

Feminina

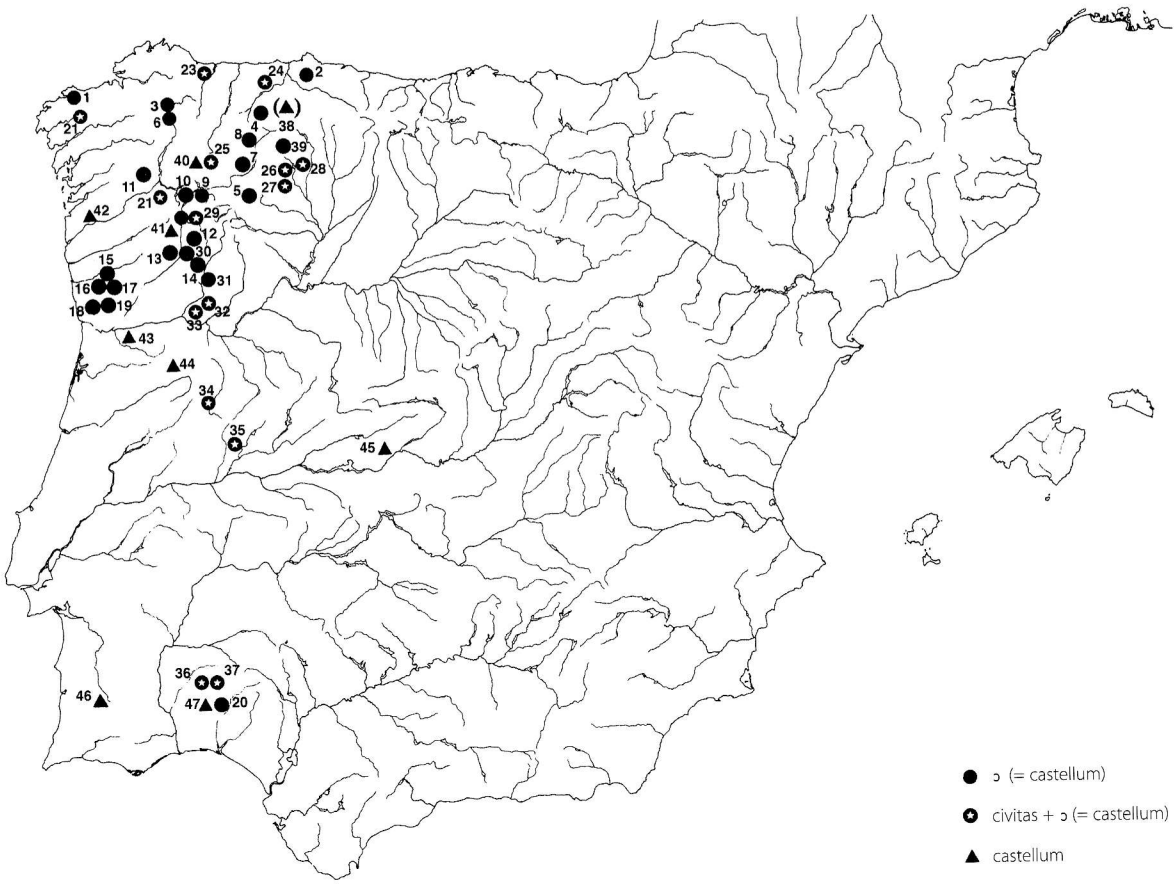
43 – Sendim, Felgueiras

Est. XI



Referências de povoamento proto-histórico do Noroeste de Portugal

Est. XII



Distribuição das referências a castella

ɔ (= castellum)

1 – ɔ Aviliobris – Cores, Malpica, La Coruña
2 – ɔ Cauriaca – La Pedreira, Vegadeo, Oviedo
3 – ɔ ...oc... – Astúrias, Oviedo
4 – ɔ Agubri – Villaverde, Belmonte de Miranda, Oviedo
5 – ɔ Lubri – Andiñuela, León
6 – ɔ Circine(nsi) – Lugo
7 – ɔ Laedie(n)si – Lugo
8 – ɔ Miobri – Crecente, S.Pedro de Mera, Lugo
9 – ɔ Quelediani – Castro de Montejos, Ponferrada, León
10 – ɔ domo Vacoeci – Ponte Navea, Santa Maria de Trives, Orense
11 – ɔ Olca – Rodeiro, Vila, Pontevedra
12 – ɔ Serma(n)cele(n)si – Monforte, Chaves
13 – ɔ Tarbu(celo) – Pastoria, Chaves
14 – ɔ Tureobriga – Nogueira da Montanha, Chaves
15 – ɔ Agrip(ia) – Dume, Braga
16 – ɔ Agripia – Braga
17 – ɔ Letiobri – Braga
18 – ɔ Fi(duenea?) – Vila Boa, Guilhabreu, Vila do Conde
19 – ɔ Uliainca – idem
20 – ɔ C...oc – Berrocal, Huelva

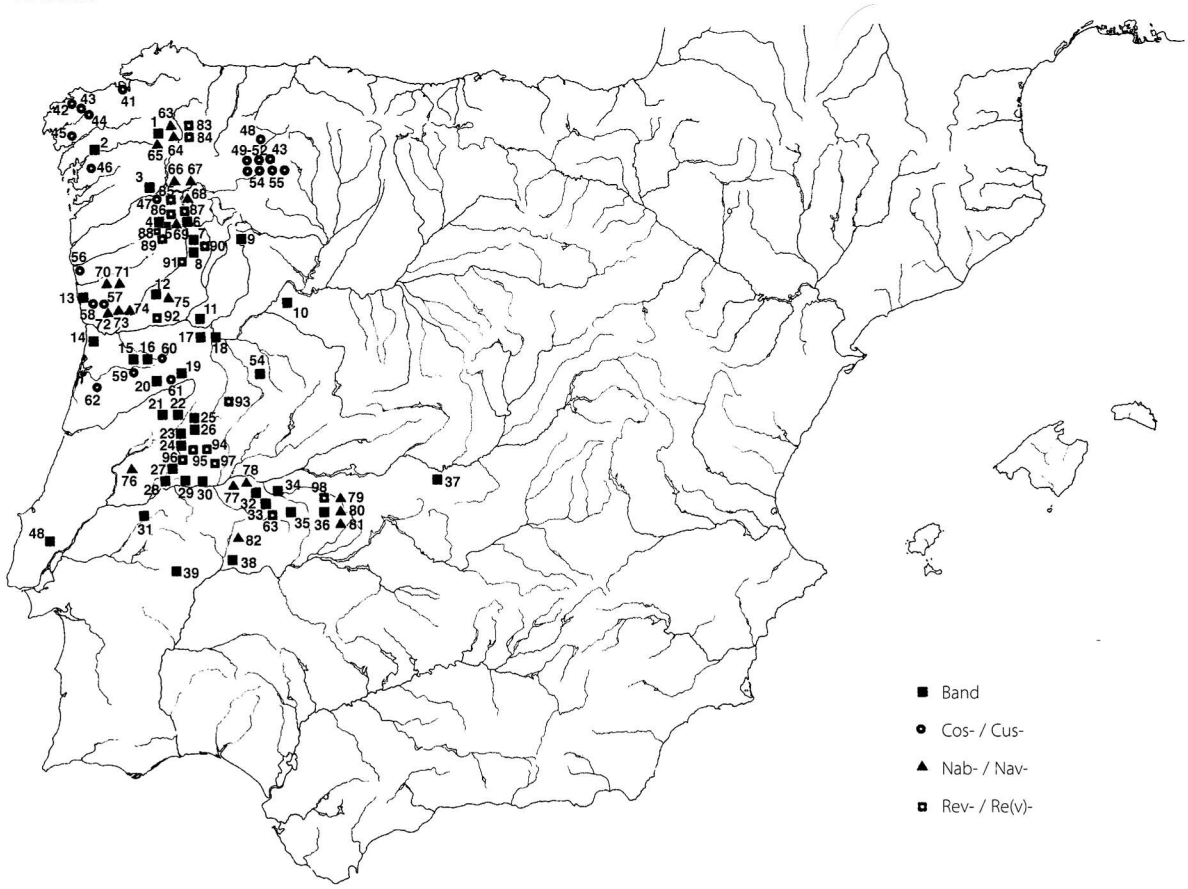
civitas + ɔ (= castellum)

21 – Cilenus ɔ Berisamo – Cícere, Santa Comba, A Coruña
22 – Auri(ensis) exs ɔ Sesm(aco) – Puebla de Trives, Orense
23 – Al(bio) ex ɔ Ercoriobri – Villanueva, Cangas de Onís, Oviedo
24 – Cabarcus ɔ Beriso – Ablaneda, Salas, Oviedo
25 – Susarrus ɔ Aiobaigiaeco – Torre Cabreira, Carbedo, El Caurel, Lugo
26 – Celtica Superta(marca) ɔ Elaniobrensi – Astorga, León
27 – Lemava ɔ Eritaeco
Lemavus ɔ eodem – Astorga; León
28 – Interamicus exs ɔ Louciocelo – Cacabelos, León
29 – Tamac(anus) ɔ Nem – Castrelo del Valle, Verín, Orense
30 – Caladuna ɔ Saqua – Petisqueira, Chaves
31 – Seurrus ɔ Campioeic(o) – Trêsminas, Vila Pouca de Aguiar
32 – Seur(r)us ɔ Narelia – Felgar, Moncorvo
33 – Seurr[a] Transm[iniensis] exs ɔ Serante – Felgueiras, Moncorvo
34 – Limicus ɔ Arcucelo – Outeiro Alto, Vila do Touro, Sabugal
35 – Grov[i]us ɔ Verio – Coria, Cáceres
36 – Interam(icus) ex ɔ Ga... – La Alcalaboza, Aroche, Huelva
37 – Limicus ɔ Talabrig(a) – Valdelcanal, El Repilado, Huelva

castellum

38 – Castellum Intercatia (Astures Transmontani) – Xanten, Alemanha
39 – Castellani – S. Estebán del Toral, Bembibre, León
40 – Castellum Toletum (Lougei) – Torre Cabreira, Carbedo, El Caurel, Lugo
41 – Castel(l)um Meidunium (Ancondei, Coelerni) – Cadones, Celanova, Orense
42 – Castellum Tyde (Grovii) – Tuy, Pontevedra
43 – Castellum ... – Cárquere, Resende
44 – Castellani Araocelenses – S. Cosmado, Mangualde
45 – Cas(tellum) Ciselense – Talavera de la Reina, Toledo
46 – Castellum Durbedicum (Bracari) – Herdade dos Franciscos, Garvão, Ourique, Beja
47 – Castellum Berense (Limici) – Calañas, Huelva

Est. XIII



Principais referências teonímicas indígenas

Band-

1 – Bandue Bolecco – Curbián, Palas del Rey, Lugo
2 – Deo Ban(...) – Catoira, Pontevedra
3 – Bandue Lansbricae – Eiras, San Amaro, Orense
4 – Bandue Veigebreaego – Rairiz de Veiga, Orense
5 – Deo Martis socio Banduae – Rairiz de Veiga, Orense
6 – Bandue Aetiobrigo – Codesedo, Sarreaus, Orense
7 – Bandu Verubri(go) – Villaza, Arcucelos, Retorta, Laza, Verín, Orense
8 – Bandue Cadogo – Mixós, Verín, Orense
9 – Bandue – Cova da Lua, Espinhosela, Bragança
10 – Bane – Almeida de Sayago, Zamora
11 – Bandu Vordeaeco – Quinta da Ribeira, Seixo de Anciães, Carrazeda de Anciães
12 – Bande Raeico – Santa Marinha, Ribeira de Pena
13 – Bandui Ocolis – Alto da Vinha, Beiriz, Póvoa de Varzim
14 – Bande Velugo Toiraeco – Castelo da Feira, Santa Maria da Feira
15 – Band[...] Oce(lensi) – Castelo da Ucha, Figueiredo de Alva, S. Pedro do Sul
16 – [Ban]de Alabar(aico?) Sulen(si) – Pinho, S. Pedro do Sul
17 – Bandi [L]ongobricui – Capela da Senhora da Torre, Longroiva, Meda
18 – Bande Vordeaegui – Aldeia da Mata, Meda
19 – Bandi Tatibeaicui – Queiriz, Fornos de Algodres
20 – Bandi Oilienaico – Esmolfe, Penalva do Castelo
21 – Bandui Brialeacui – Orjais, Covilhã
22 – Bandei Brialeacui – Orjais, Covilhã
23 – Bandi Vorteaeceo – Salgueiro, Fundão
24 – Bandi Arbariaico – Capinha, Fundão
25 – Bandi Isibraiegui – Bemposta, Penamacor
26 – Ban[n]di Is(i)b[r(aiegui)] – Bemposta, Penamacor
27 – Bandi Vorteaecio – Vale Queimado, Penamacor
28 – Bandi (...) – Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova
29 – B(andi) V(orteaeco) – S. Vicente
30 – Bandu Picio – S. Vicente, Castelo Branco
31 – Bannei Picio – Capela de S. João, Vilar da Mó, Belver, Gavião
32 – Bandi Apolosego(?) – Norba, Cáceres
33 – Band(ue) Araugel (ensi) – Cáceres (Beira Interior, Portugal?)
34 – Ban(di) Vor(tiacio) P[.]icio? – Malpartida de Plasencia, Cáceres
35 – Bandue Roudaico – Los Alijares, Madroñera, Cáceres
36 – Bandu[e] Ro[ud]aeco – Villavieja, Trujillo, Cáceres
37 – Bandue Ituicie(n)si – Mezquitilla, Sonseca, Toledo
38 – Bandi Malunrico – Badajoz, Cáceres
39 – Bandi Saisabro? – Castelo Maranhão, Avis, Évora
40 – Bandua Etobrigo – Alenquer, Lisboa

Cos- / Cus-

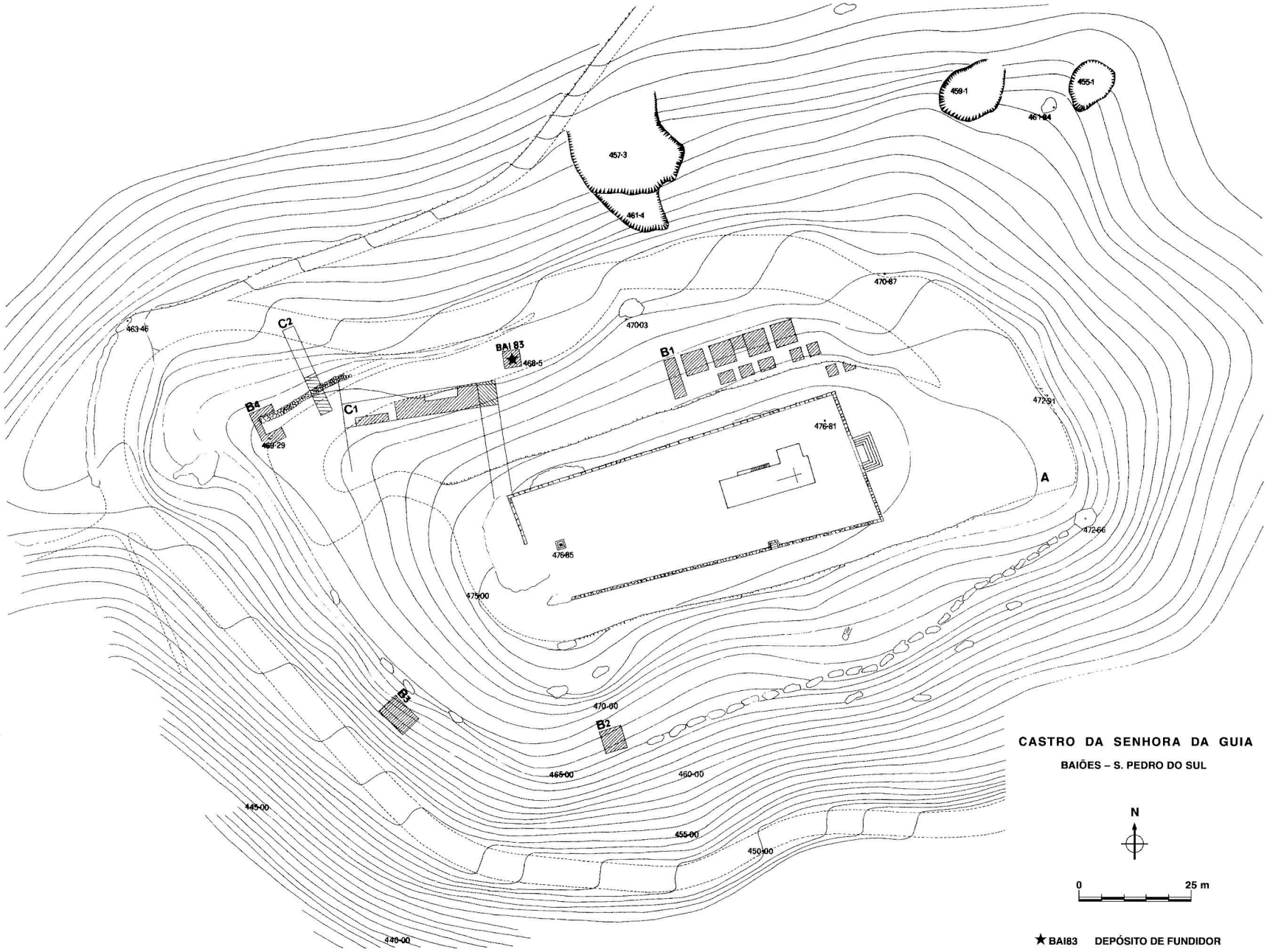
41 – Coso Udaviniago – Igreja de S. Martín de Meirás, Sada, La Coruña
42 – Coso Calaeunio – Santa Maria de Serantes, Lage, La Coruña
43 – Coso – Brandomil, Zas, La Coruña
44 – Coso Oenaego – Capela de S.Roque, San Mamed de Seavia, Coristanco, La Coruña
45 – Coso Domino – Logrosa, Negreira, La Coruña
46 – [Deo] Cosoe Soaegae – Romai Vello, S. Juan de Sacos, Caldas de Reyes, Pontevedra
47 – Cusue Mepluceeco – Cartelle, Coixil, Orense
48 – Cosi Viascanno – Lanciana, Las Rozas, Villablino, León
49 – Cos[sue] – S. Esteban del Toral, Bembibre, León
50 – Cos[sue] – S. Pedro Castañero, Bembibre, León
51 – C[o]s[sue] Tue[ran]ae(o) Pa[ra]meio – El Valle Y Tedejo, Bembibre, León
52 – Co[ssue] U[d]una[eo] Itilien[s]e – El Valle Y Tedejo, Bembibre, León
53 – Conso S[...]ensi – S. Pedro de Trónes, Noceda del Bierzo, León
54 – Cossue Nedoledio – Noceda del Bierzo, León
55 – Deo Domino Cossue Segidiaeco – Arlanza, Noceda del Bierzo, León
56 – [Cos?]uo Vestero – Alvarães, Viana do Castelo
57 – Cosuneae – Sanfins, Paços de Ferreira
58 – Cusu Nemeoeco – Burgães, Santo Tirso
59 – Cosu – Covelinhas, S.Martinho das Moitas, S. Pedro do Sul
60 – Cosei Va[c]oaico – Viseu?
61 – Cosigo – Furtado, Algodres, Fornos de Algodres
62 – Cusei Paeteaeco – Aguada de Cima, Águeda

Nab- / Nav-

63 – Navi(a)e – San Martin de Monte da Meda, Guntín, Lugo
64 – Naviae Arconunieca(e) – San Mamed de Lousada, Guntín, Lugo
65 – Navia(e) – Castro de Penarubia, S.Miguel de Orbazai, Lugo
66 – Naviae – Puebla de Trives?, Orense
67 – Naviae Sesmacae – Puebla de Trives?, Orense
68 – [N]abiae Elaesurranc(ae) – S. Juan de Camba, Castro Caldelas, Orense
69 – Nabiae – Monte de San Pedro, Nocelo de Pena, Sarreaus, Orense
70 – Nabiae – Fonte do Idolo, S. José e S. Lázaro, Braga
71 – Tongoe Nabiagoi – Fonte do Idolo, S. José e S. Lázaro, Braga
72 – Nabiae – Muro, Baltar, Paredes
73 – Nabiae – Póvoa, Marecos, Penafiel
74 – Nabiae Coronae – Póvoa, Marecos, Penafiel
75 – Nabiae – Covas, Trêsminas, Vila Pouca de Aguiar
76 – Nabiae – Águas Férreas, Roqueiro, Pedrógão Pequeno, Sertã
77 – Navi(ae) – Brozas, Alcântara, Cáceres
78 – A(ugustae) Nabiae – El Castillo, El Gaitán, Cáceres
79 – Nabi(ae) – Trujillo, Cáceres
80 – Nabi(ae) – Trujillo, Cáceres
81 – Nabi(ae) – Trujillo, Cáceres
82 – [N]abiae – Dehesa de S.Juan, Villar de Rey, Cáceres

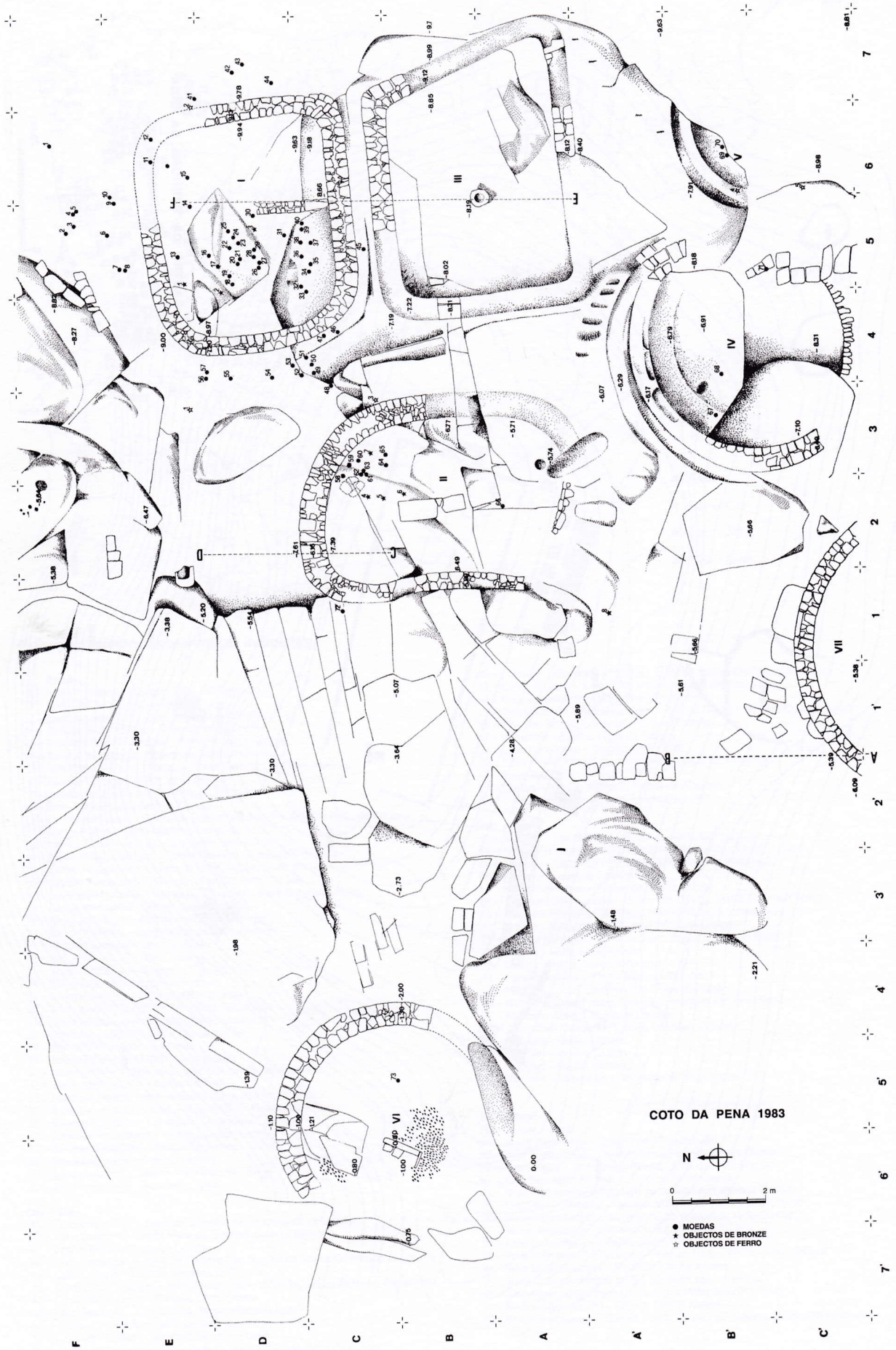
Rev- / Re(v)-

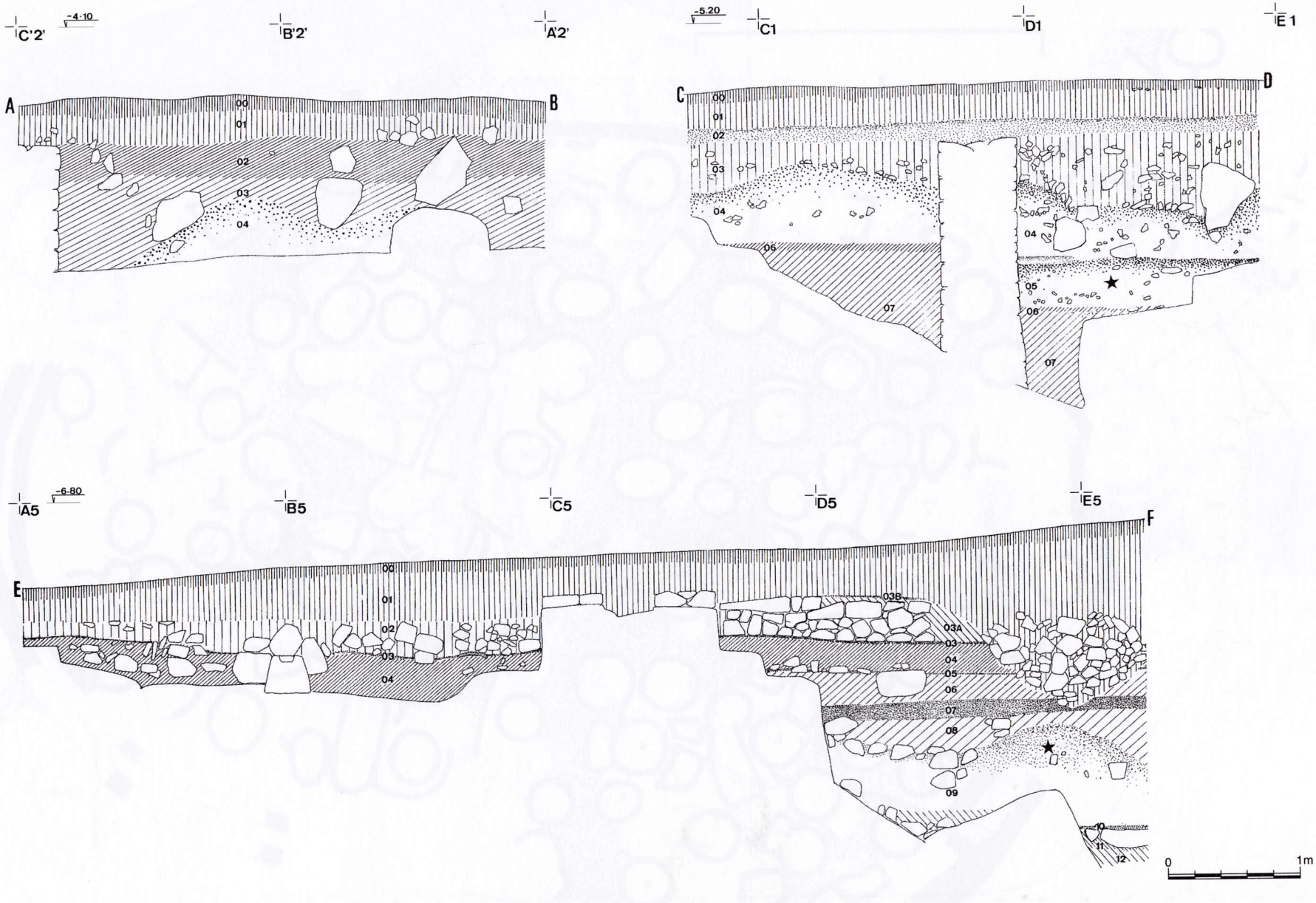
83 – Re(v)ae – Lugo
84 – Re(v)o Paramaeco – Quartel de S.Roque, Lugo
85 – Reve Anabaraego – Las Burgas, Rubiana, Valdeorras, Orense
86– Reve Veisuto – Mosteiro da Ribeira, Ginzo de Limia, Orense
87 – Reve Amoaego Arcuniu – Ginzo de Limia, Orense
88 – Reve Si[b]oico? – Santa Maria de Castromao, Celanova, Orense
89 – D(eo) Reve Larauc(o) – Outeiro de Baltar, Ginzo de Limia, Orense
90 – Revve Reumiraego – Florderrey Vello, Villardevós, Verín, Orense
91 – Revve Anciugego – Vilarelho da Raia, Chaves
92 – Reve Marandigui – S. Pedro, Guiães, Vila Real
93 – Reve Tre[barune?] – Cabeço de Fráguas, Pousafoles do Bispo, Sabugal
94 – Reve Langanidaeigui – Medelim, Idanha-a-Nova
95 – [R]eve [Langanidaegui/ co ?] – Medelim, Idanha-a-Nova
96 – [Deo Re]ve Langanitaeco – Proença-a-Velha, Idanha-a-Nova
97 – Reve Langanid(aeco) – Cabeço Pelado, Alcains
98 – Revve Anabaraeco – Ruanes, Trujillo, Cáceres ou Rubiana, O Barco de Valdeorras, Orense


459-1
455-1
461-24
457-3
461-4
470-87
47003
463-46
C2
BAI83
468-5
B1
B4
C1
469-29
472-91
476-81
A
472-66
476-85
475-00
B3
470-00
B2
465-00
460-00
445-00
455-00
450-00
440-00
CASTRO DA SENHORA DA GUIA
BAIÕES – S. PEDRO DO SUL
N
0
25 m
★ BAI83 DEPÓSITO DE FUNDIDOR

Est. XIV

Est. XV


COTO DA PENA 1983
N
0
2 m
● MOEDAS
★ OBJECTOS DE BRONZE
☆ OBJECTOS DE FERRO



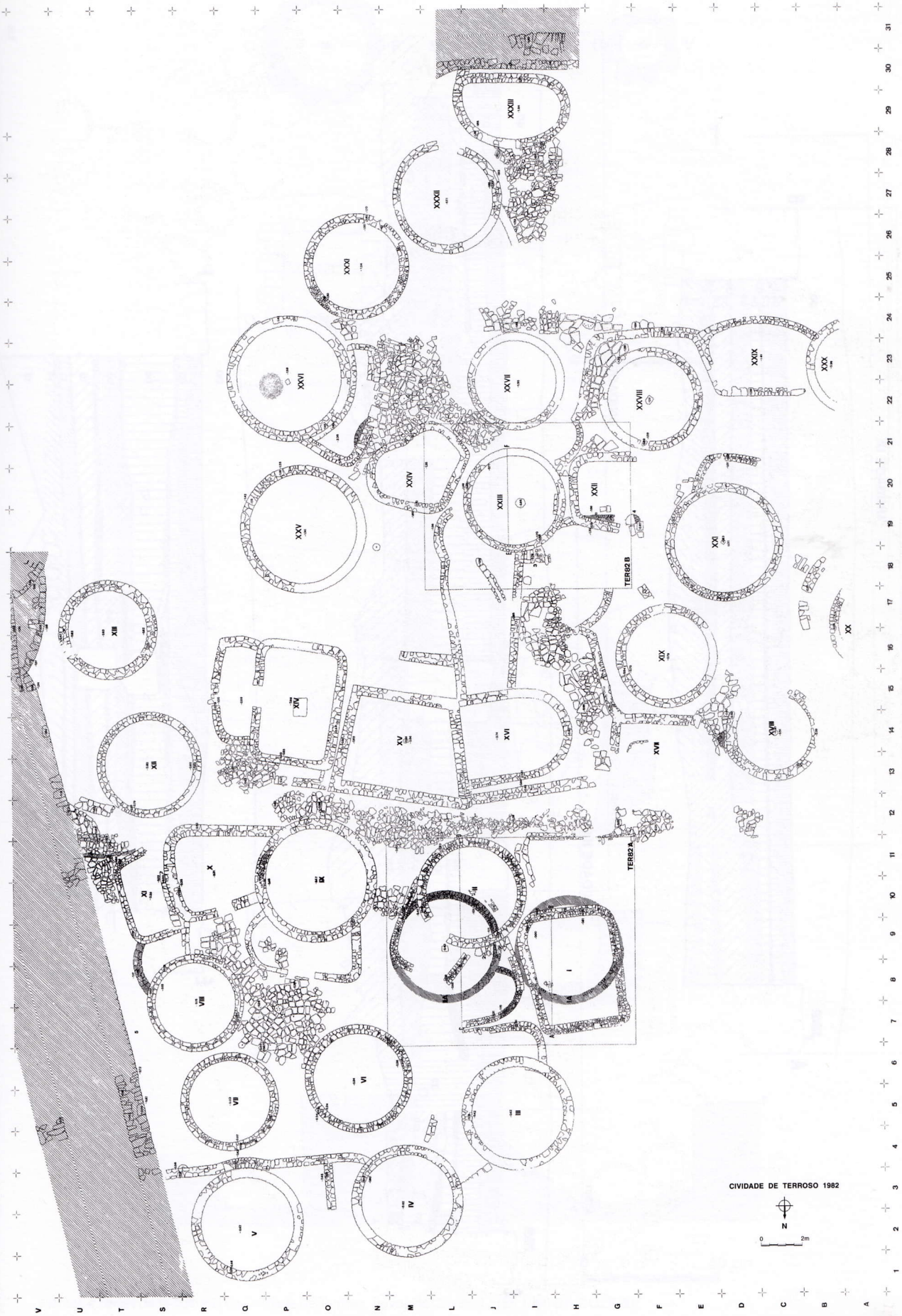
Cortes estratigráficos das escavações do Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha (VIL 80-83)

Est. XVI

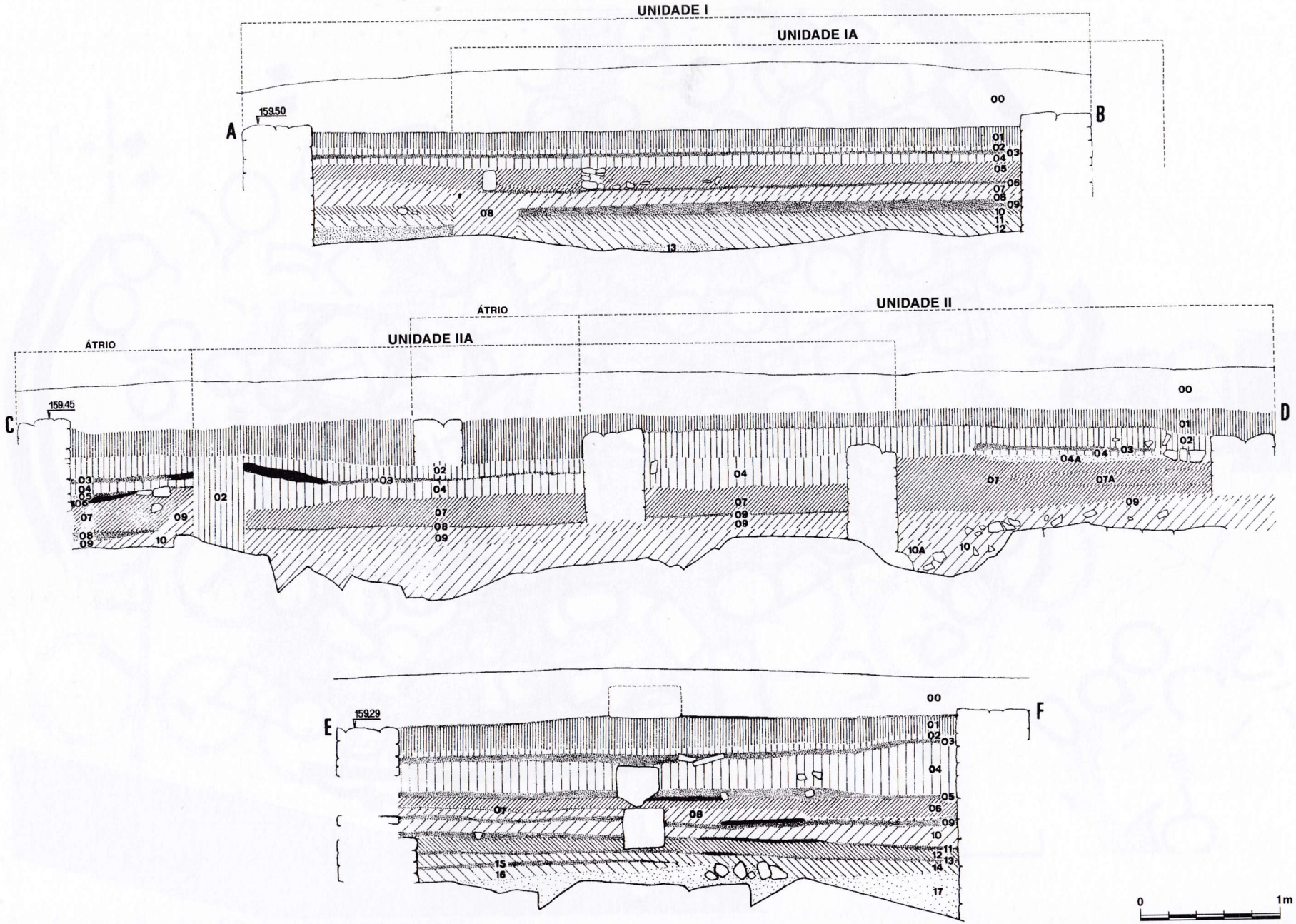
Est. XVII

Planta das escavações da Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim, em 1906/07

Est. XVIII

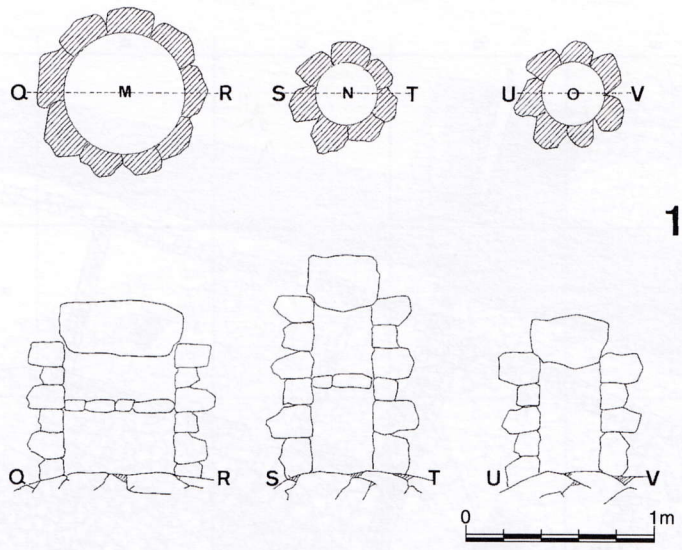


Est. XIX

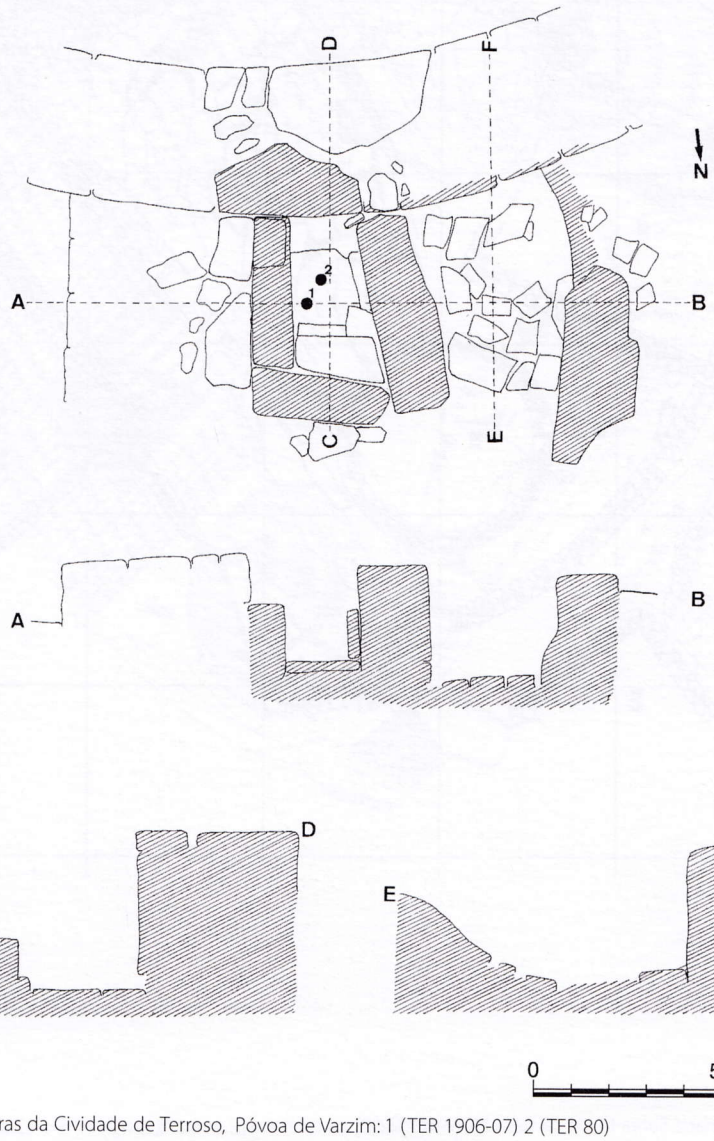


Cortes estratigráficos das escavações da Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (TER 80-82)

Est. XX



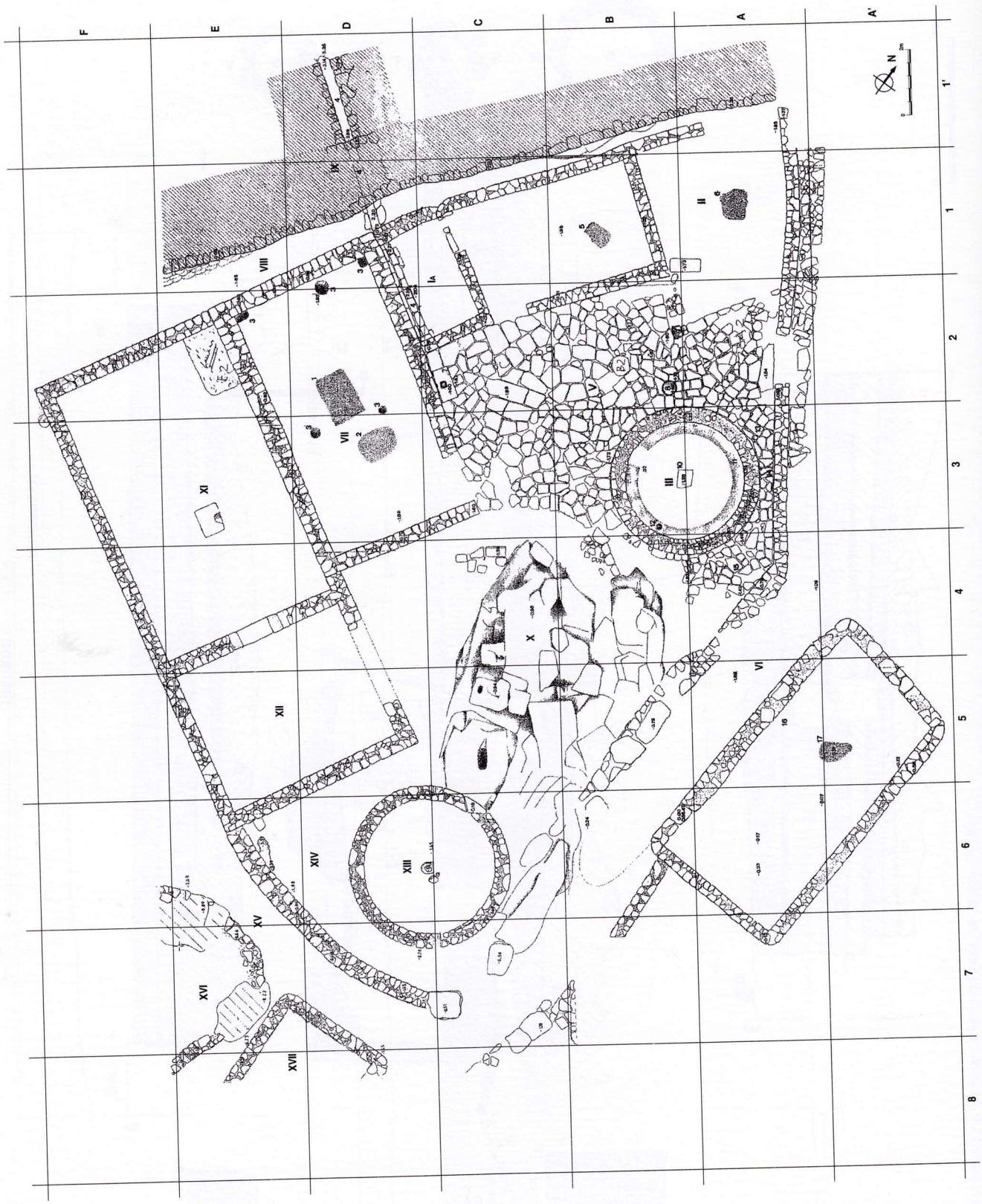
1



2

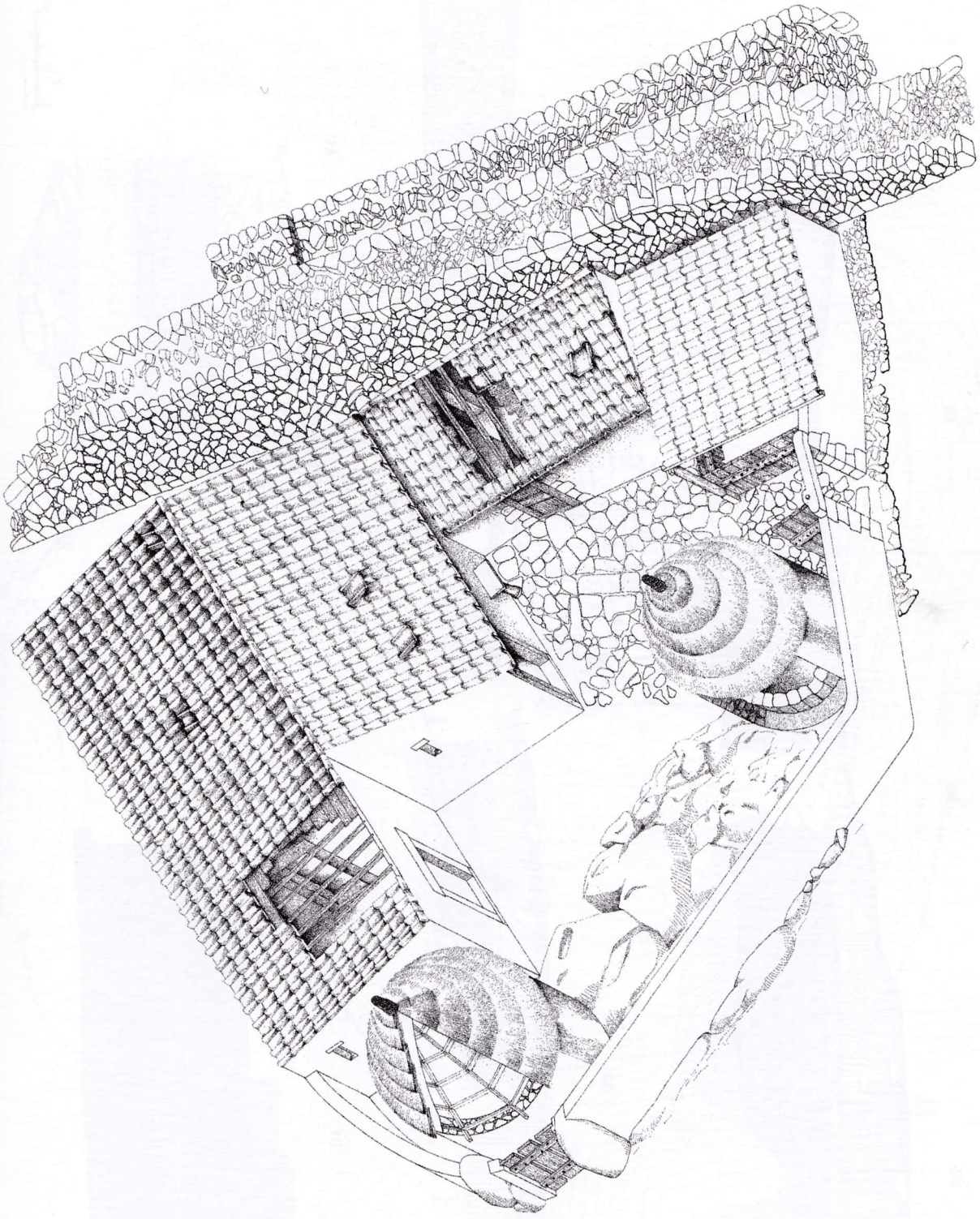
Plantas e cortes de sepulturas da Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim: 1 (TER 1906-07) 2 (TER 80)

Est. XXI



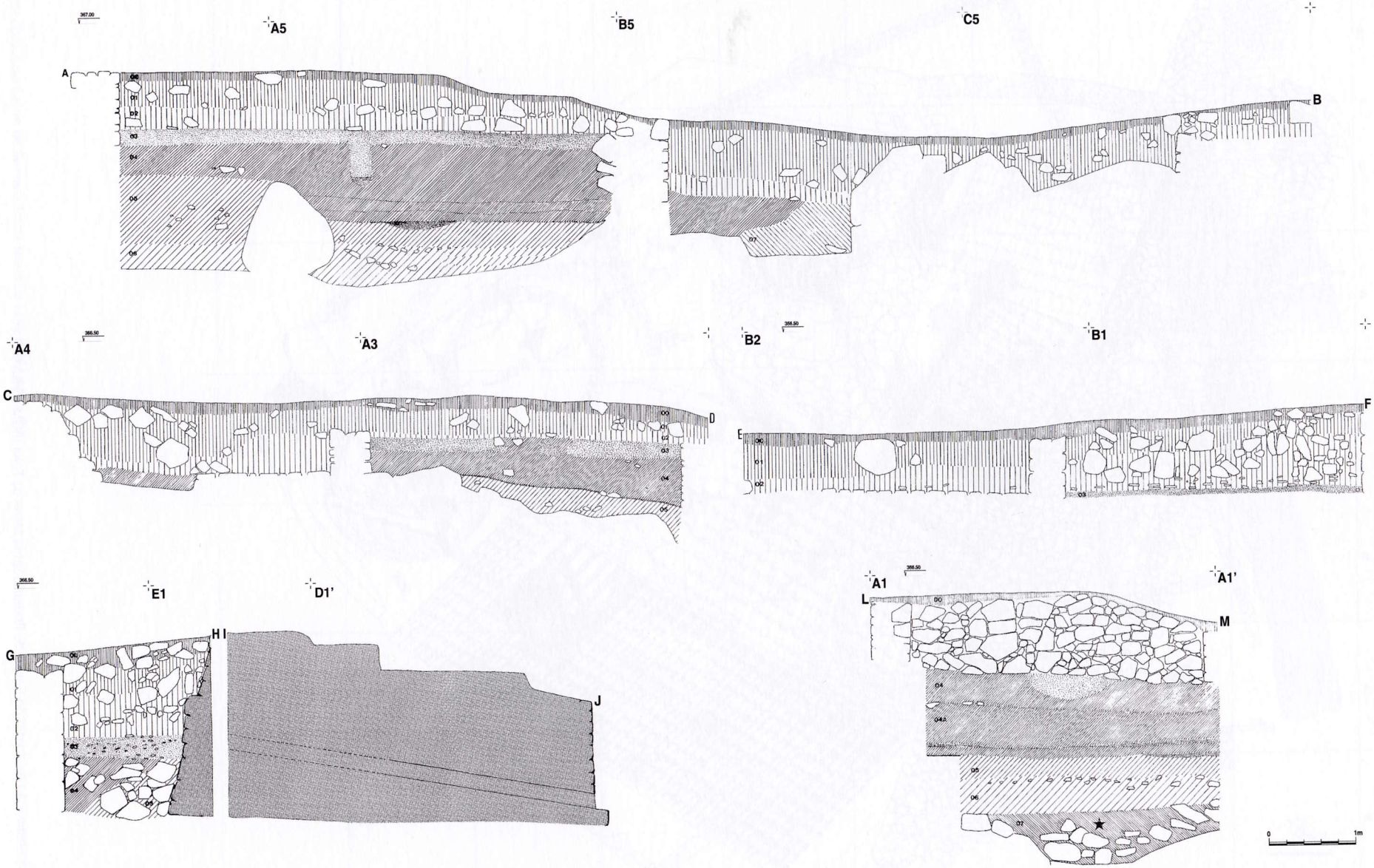
Planta da *domus* do Castro de Romariz, Santa Maria da Feira (ROM 80-82, 90)

Est. XXII



Reconstituição da *domus* do Castro de Romariz, Santa Maria da Feira (ROM 80-82, 90).

Est. XXIII

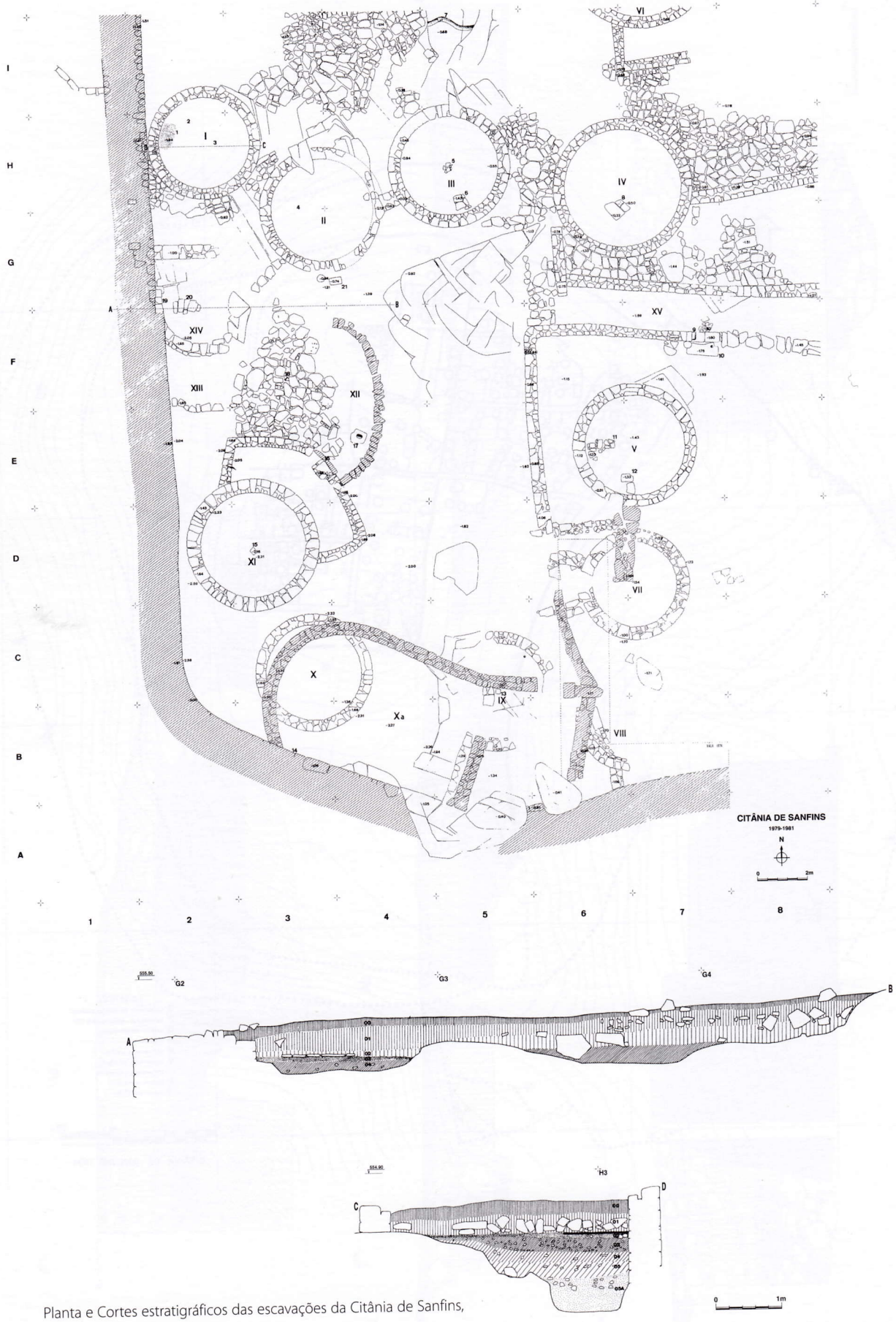


Cortes estratigráficos das escavações do Castro de Romariz, Vila da Feira (ROM 80-82)

Est. XXIV

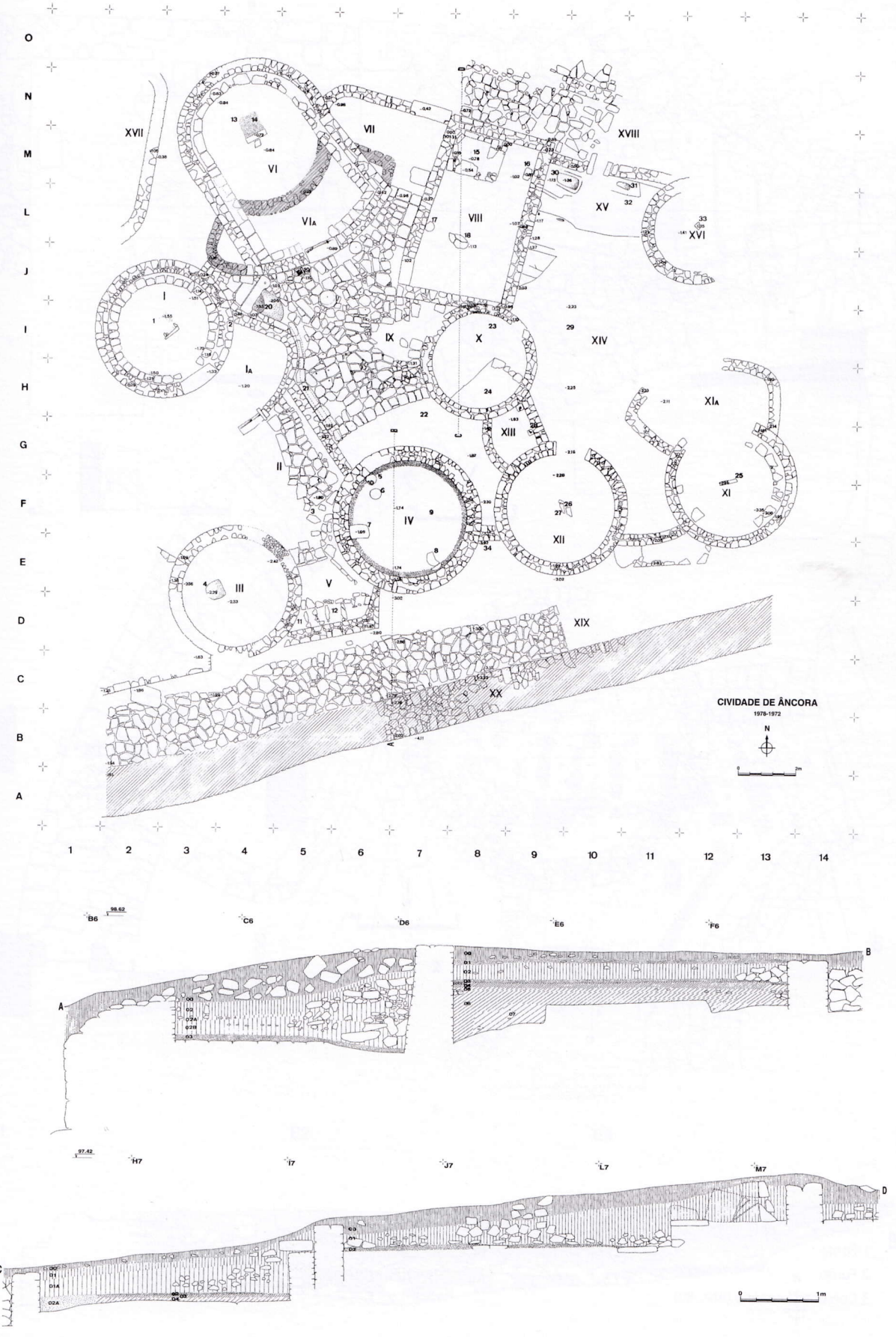
LEGENDA
B monumento de banhos públicos
E escavações recentes 1979-1981
G estátua de guerreiro
M muralha
N necrópole medieval
R arruamento principal
r arruamento transversal
T tesouro monetário
marco geodésico
0 25 50 75 m
CITÂNIA DE SANFINS 1994
M1
M2
M3
M4
R
E
G
B
N
520
530
540
560
570m

Est. XXV



Planta e Cortes estratigráficos das escavações da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SAN 79/81)

Est. XXVI

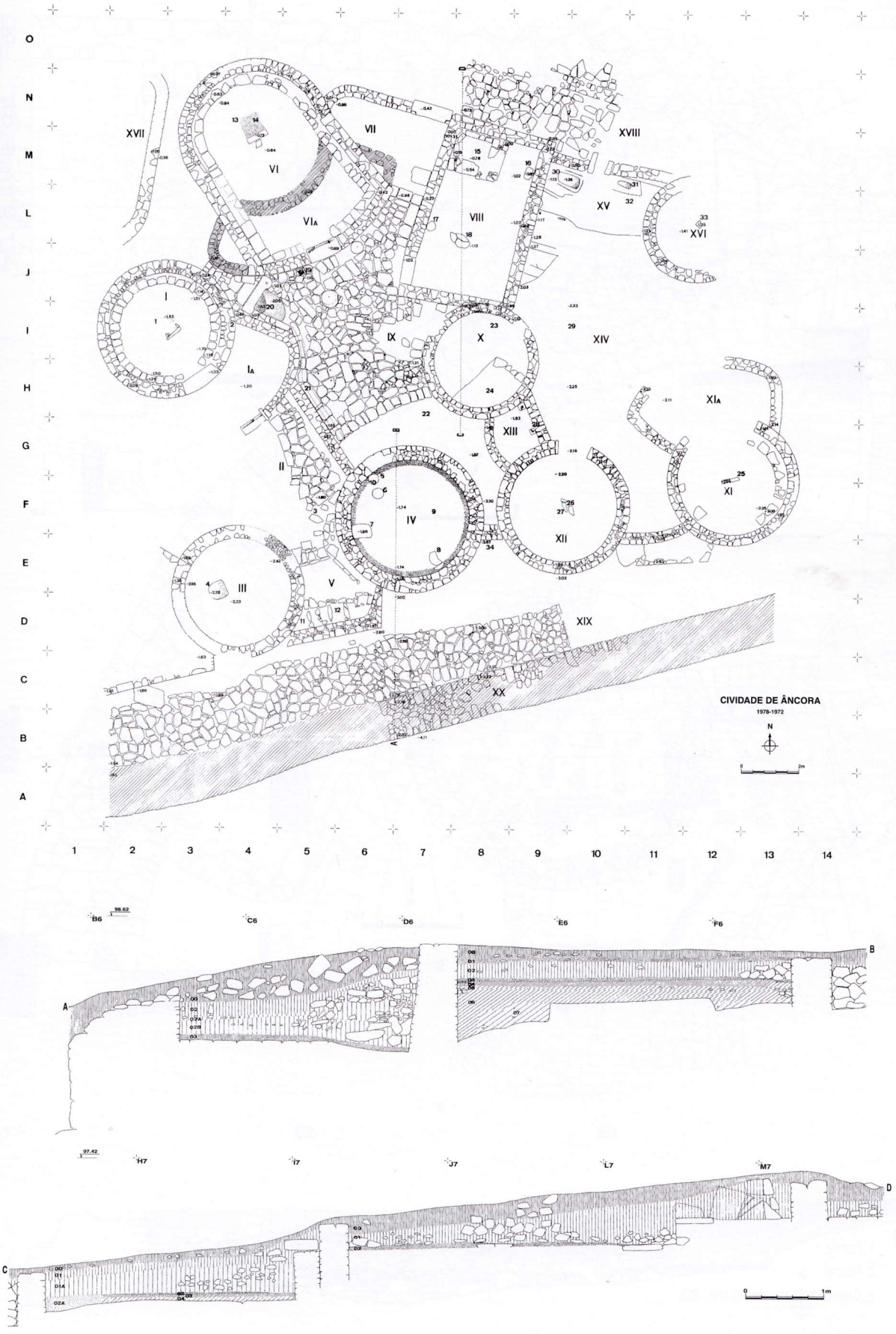


Planta e cortes estratigráficos das escavações da Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo (ANC 78-82)

Est. XXV

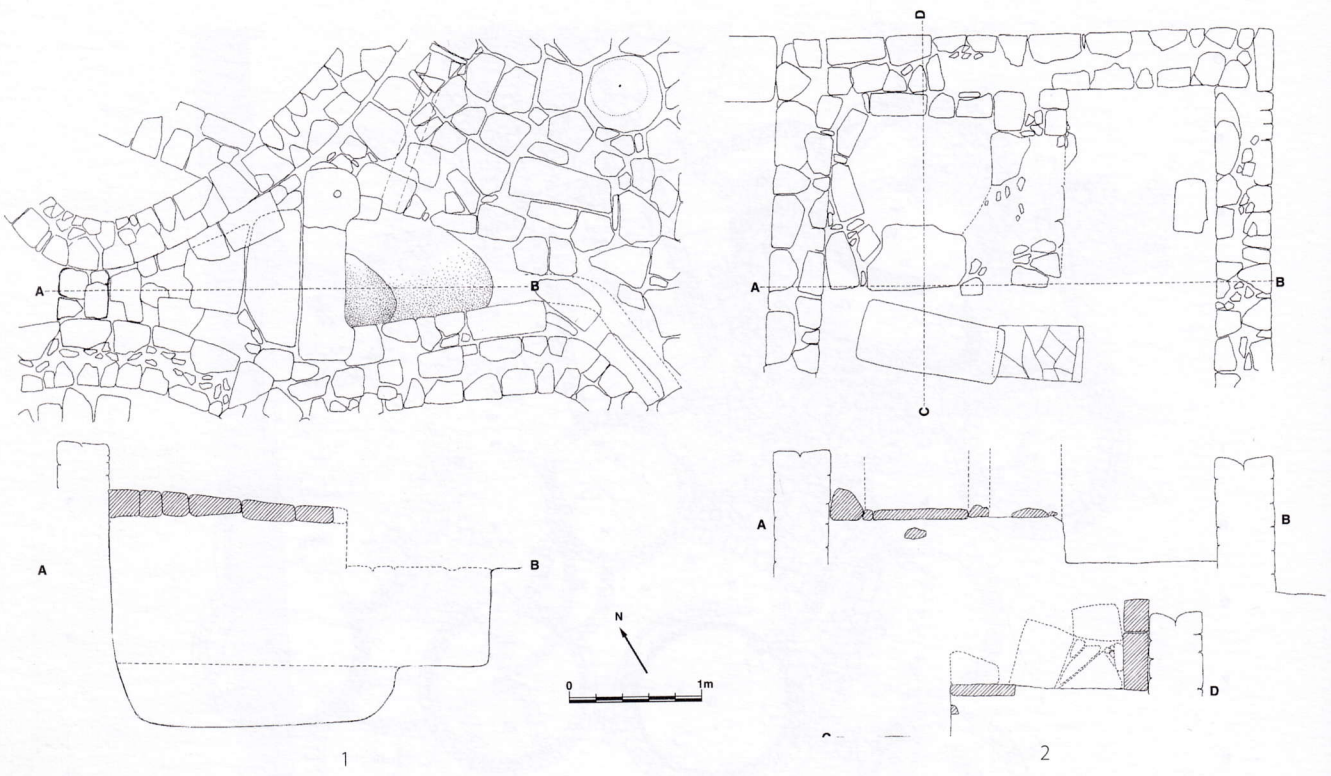
Planta e Cortes estratigráficos das escavações da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SAN 79/81)

Est. XXVI



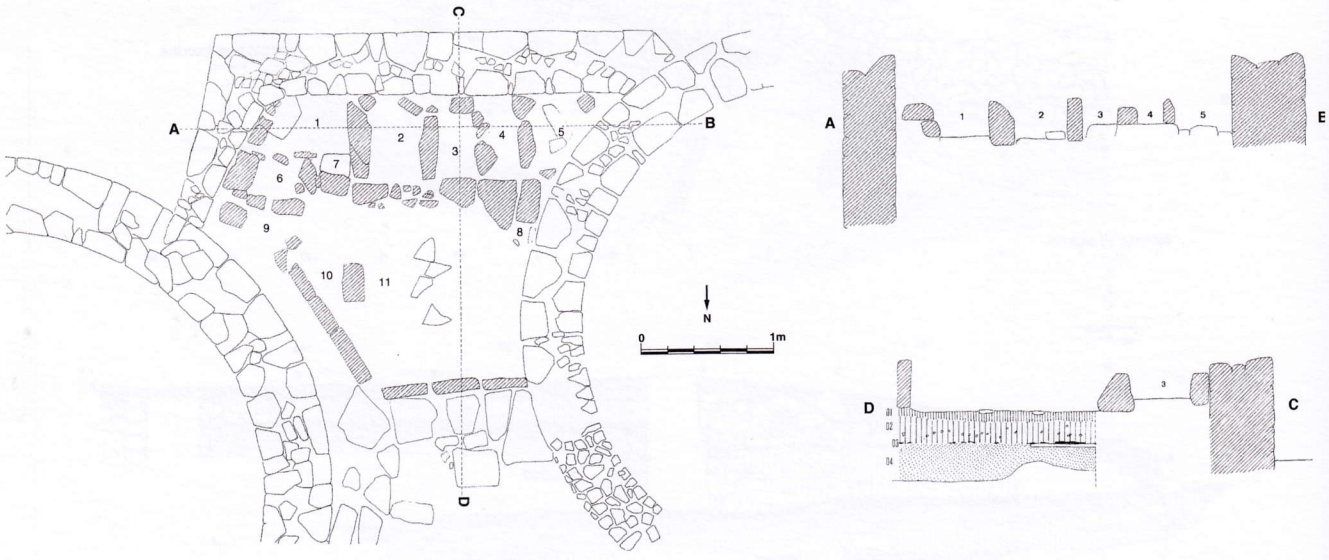
Planta e cortes estratigráficos das escavações da Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo (ANC 78-82)

Est. XXVII



1

2

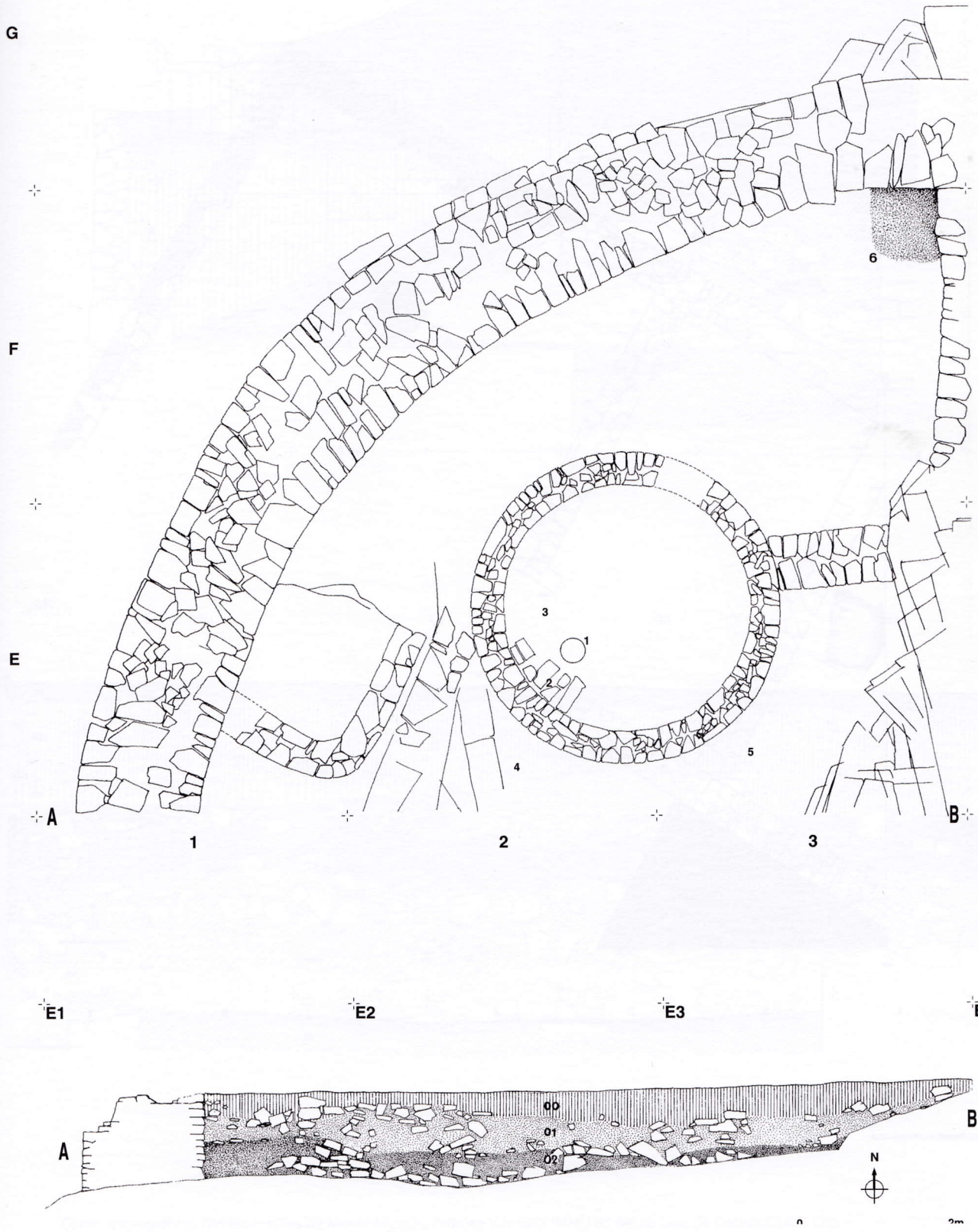


3

1. Fonte
2. Forno
3. Conjunto funerário (ANC 80)

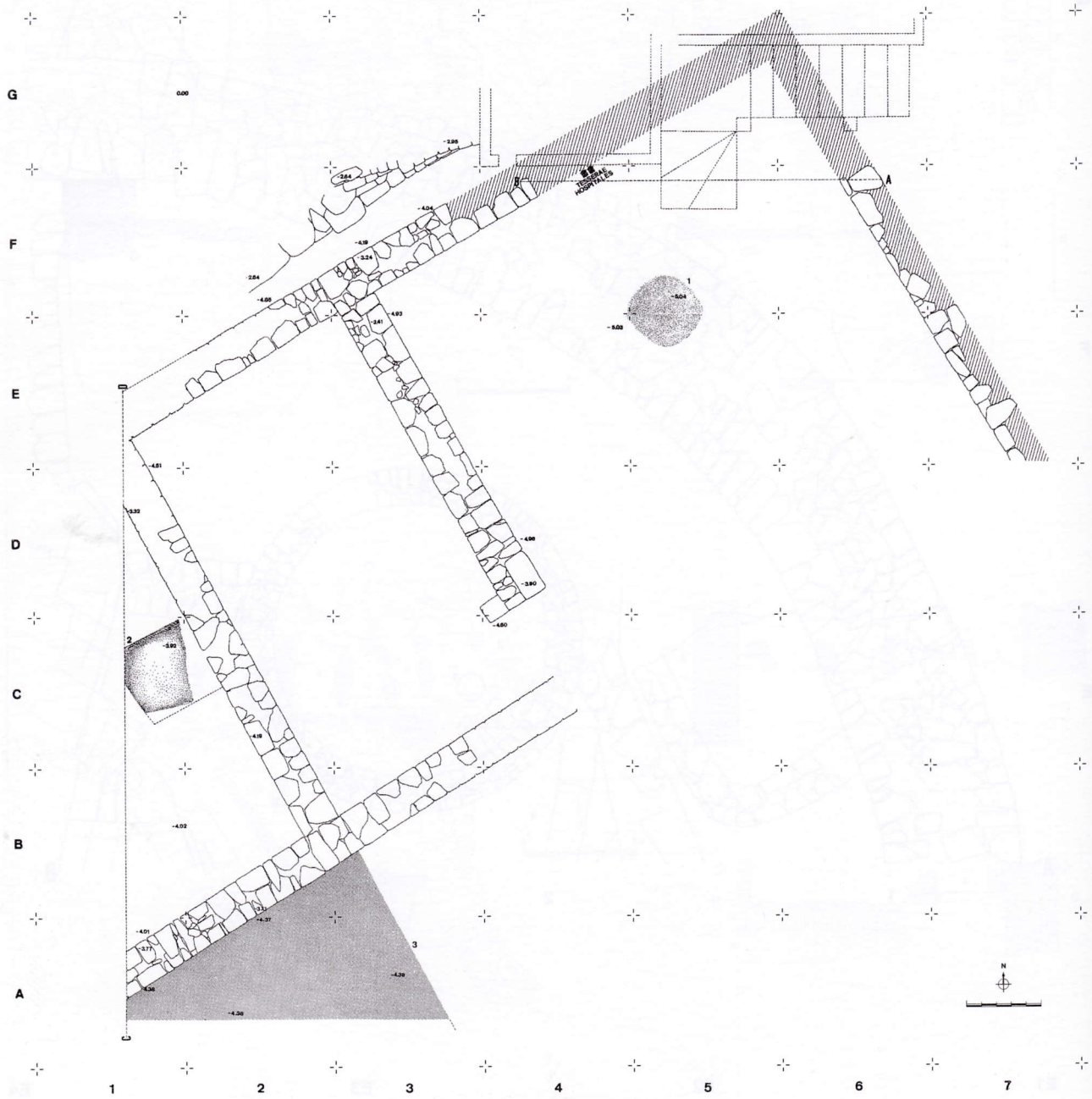
Plantas e cortes de aspectos parciais das escavações da Cividade de Âncora, Caminha/Viana do Castelo

Est. XXVIII



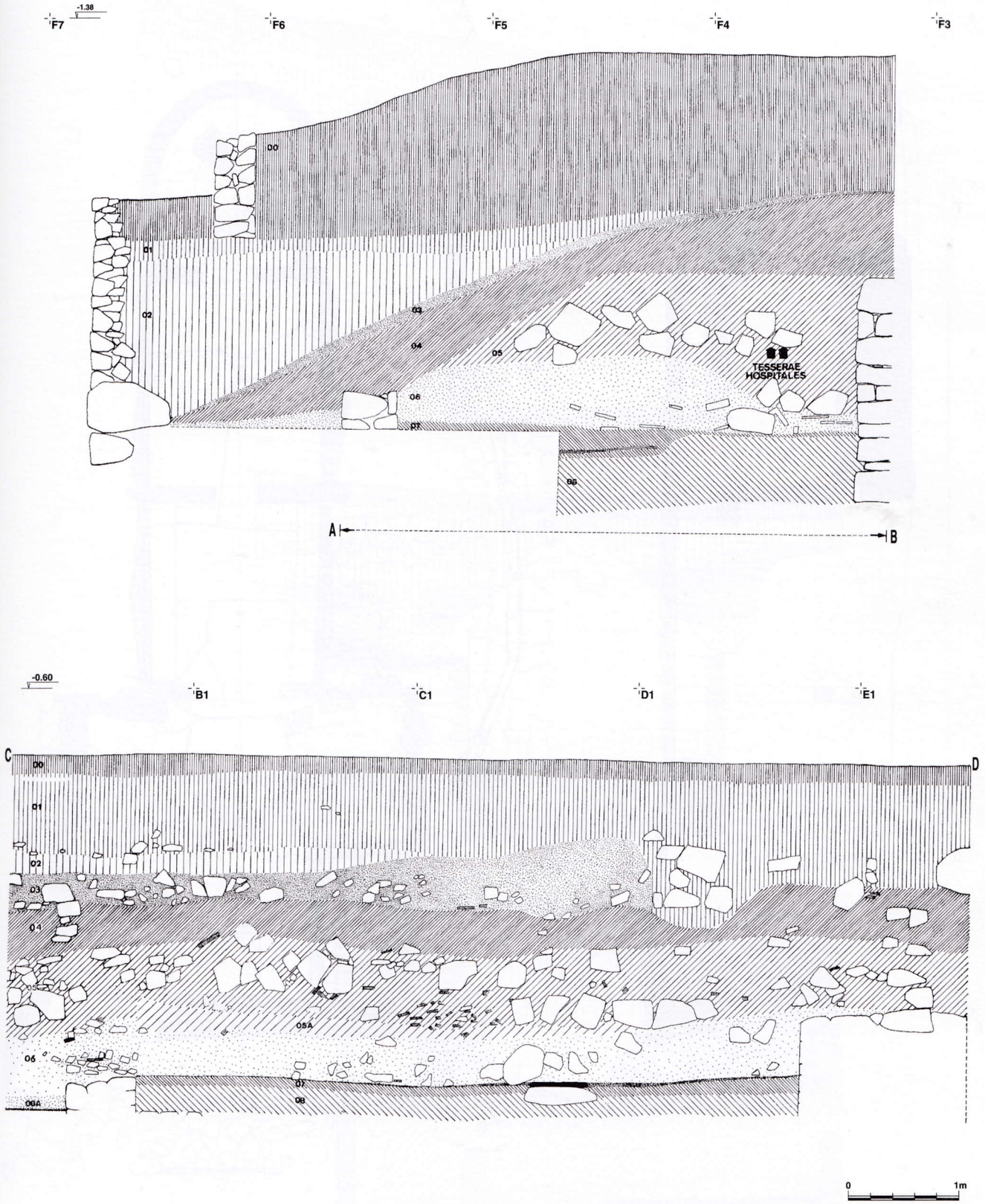
Planta e corte estratigráfico das escavações do Castelo de Cidadelhe, Mesão Frio (CID 83)

Est. XXIX



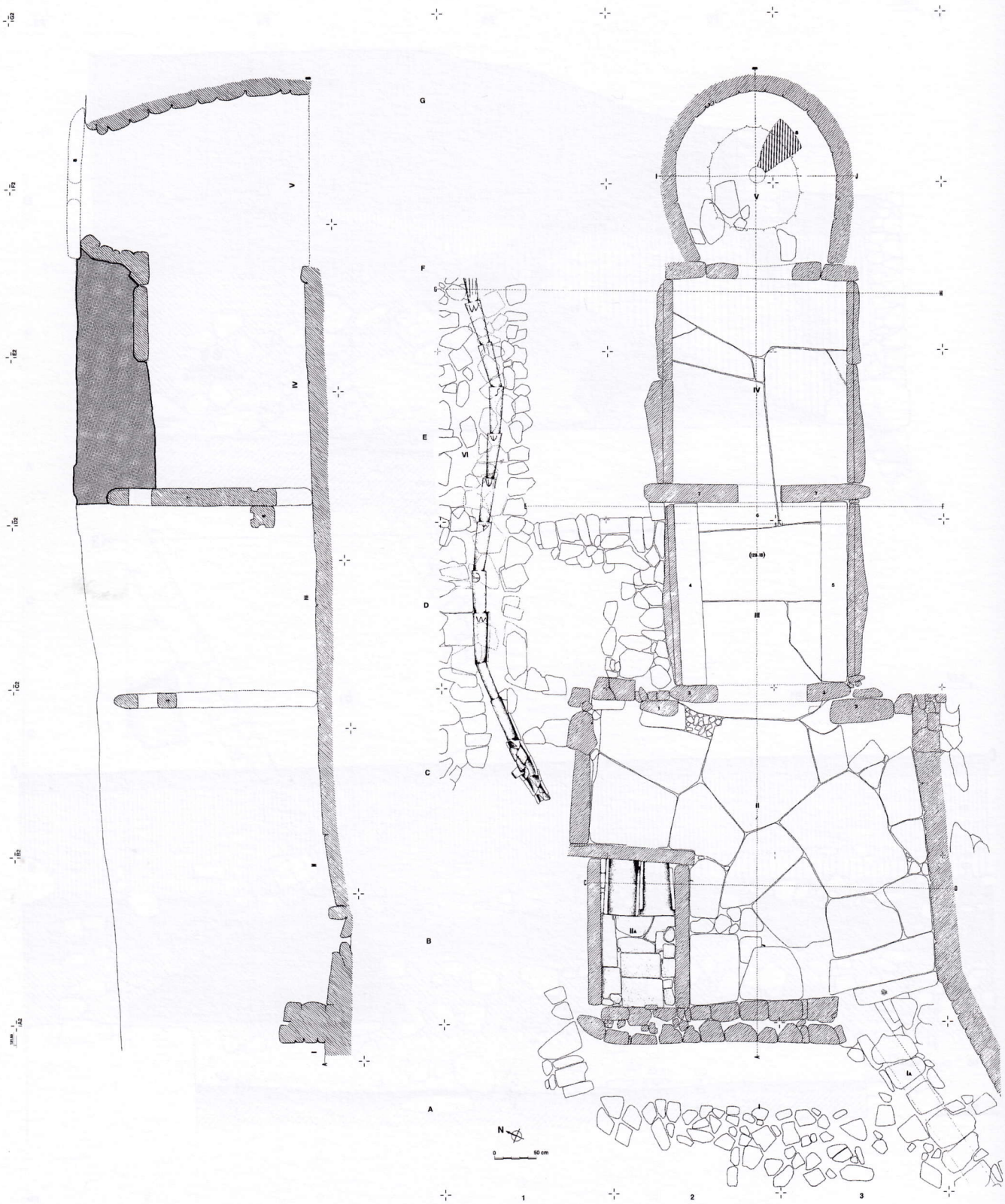
Planta das escavações do Monte Murado, Pedroso, V. N. de Gaia (MMU 83-84): casa de Decimus Iulius Cilo

Est. XXX



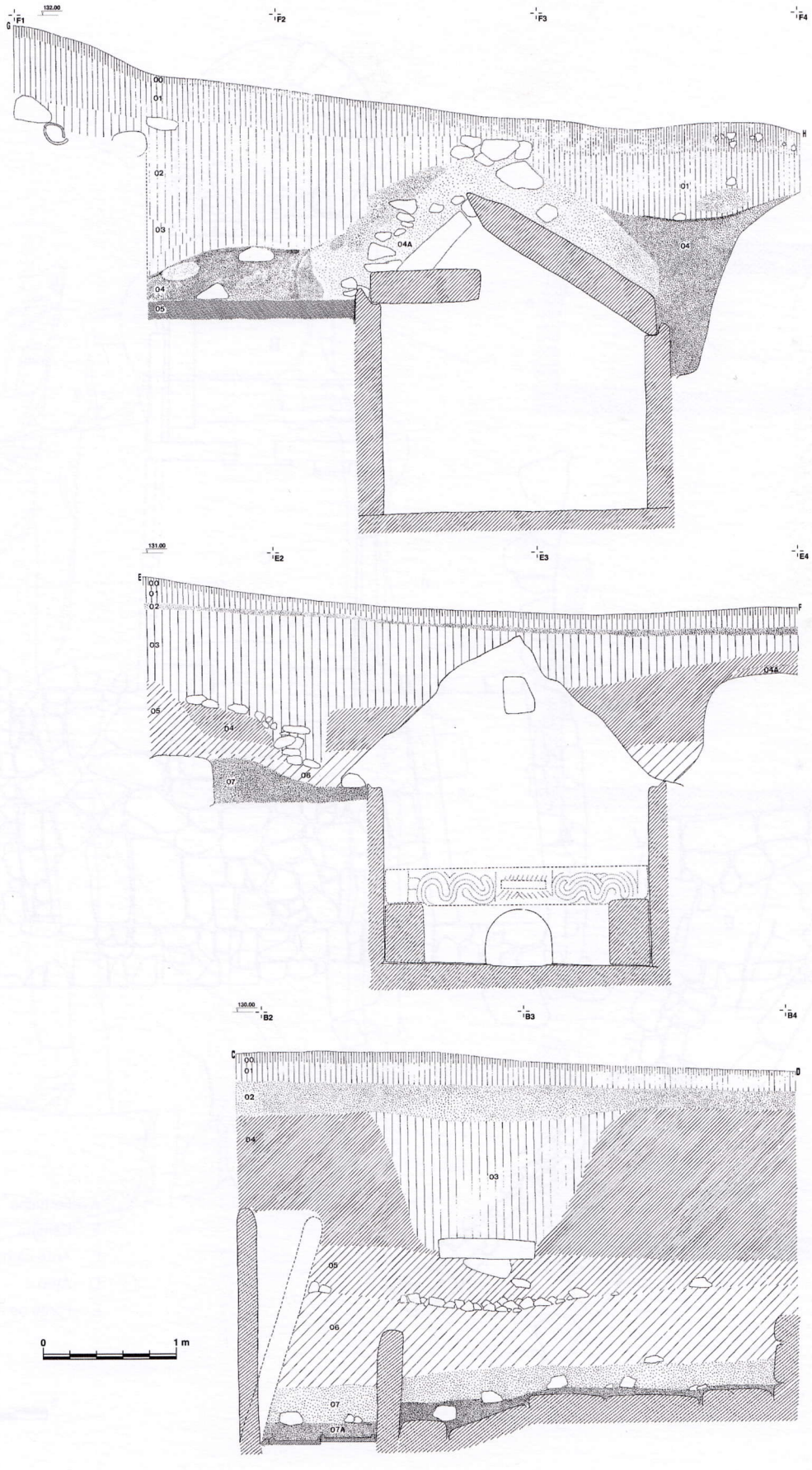
Cortes estratigráficos das escavações do Monte Murado, Pedroso, V. N. Gaia (MMU 83-84) na casa de Decimus Iulius Clio: A-B, segundo plano de localização das tesserae hospitales; C-D, perfil N da área escavada.

Est. XXXI



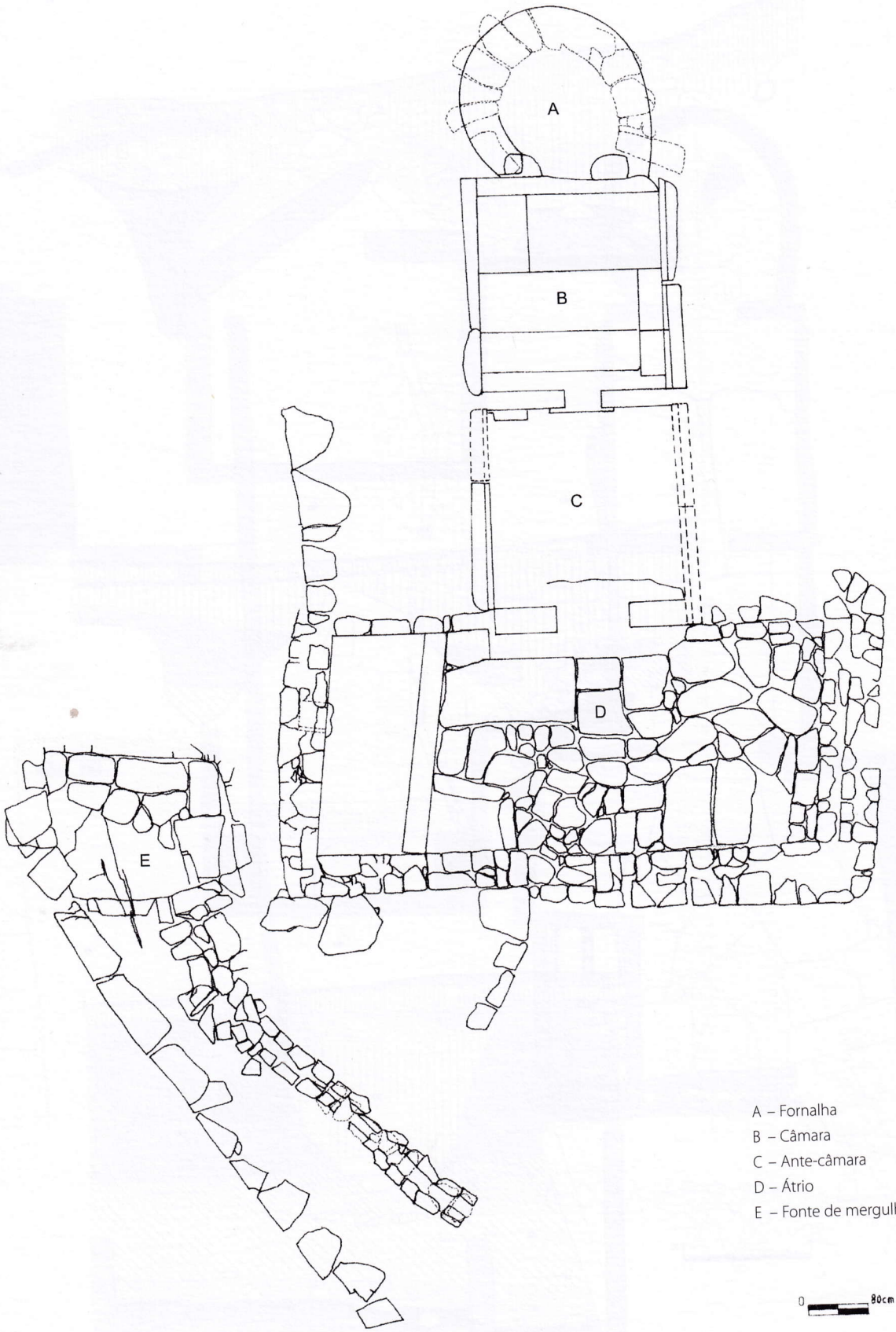
Planta e alçado longitudinal do balneário castrejo de Santa Maria de Galegos, Barcelos (1981)

Est. XXXII



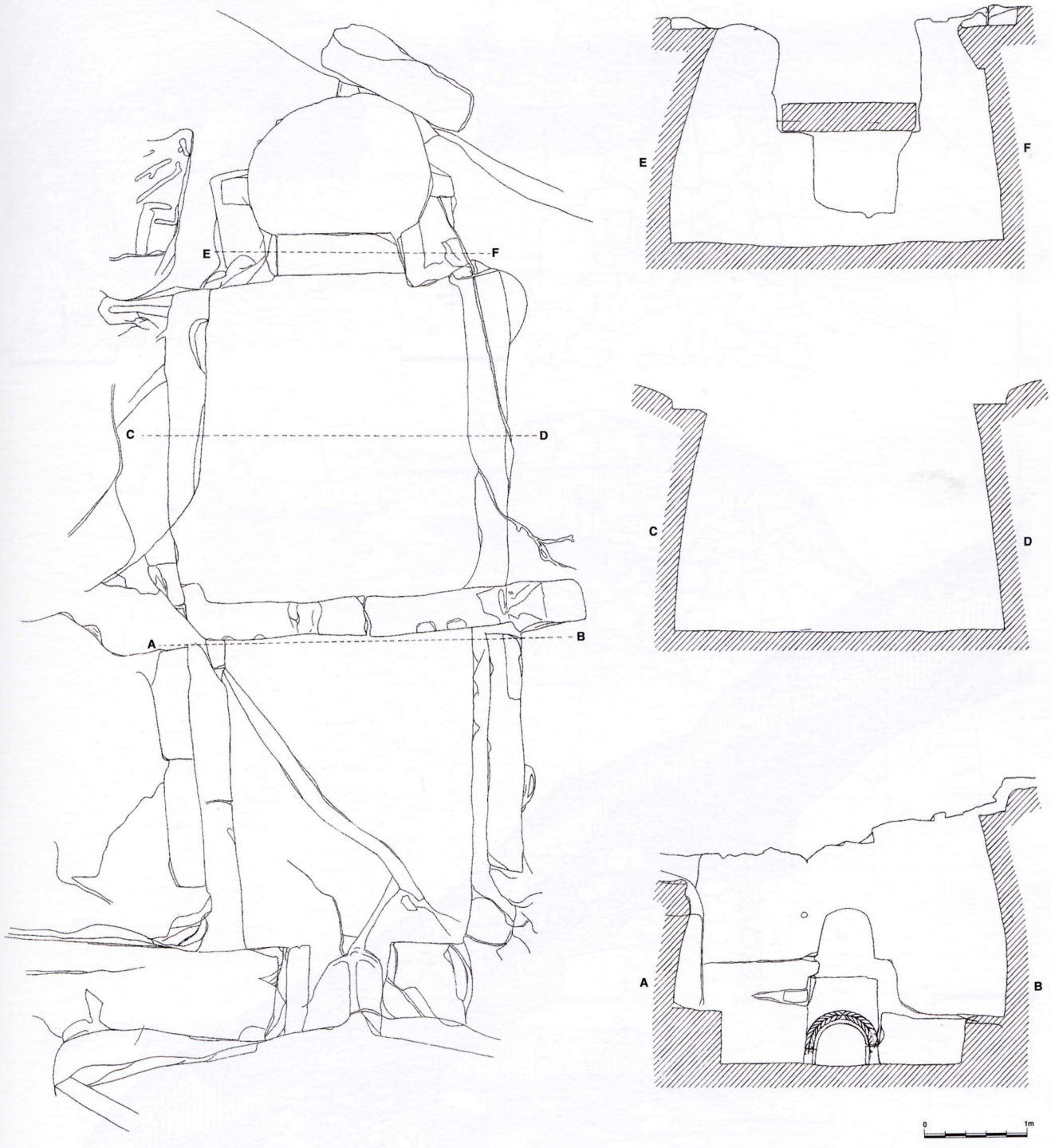
Planta e alçado longitudinal do balneário castrejo de Santa Maria de Galegos, Barcelos (GAL 79-81)

Est. XXXIII



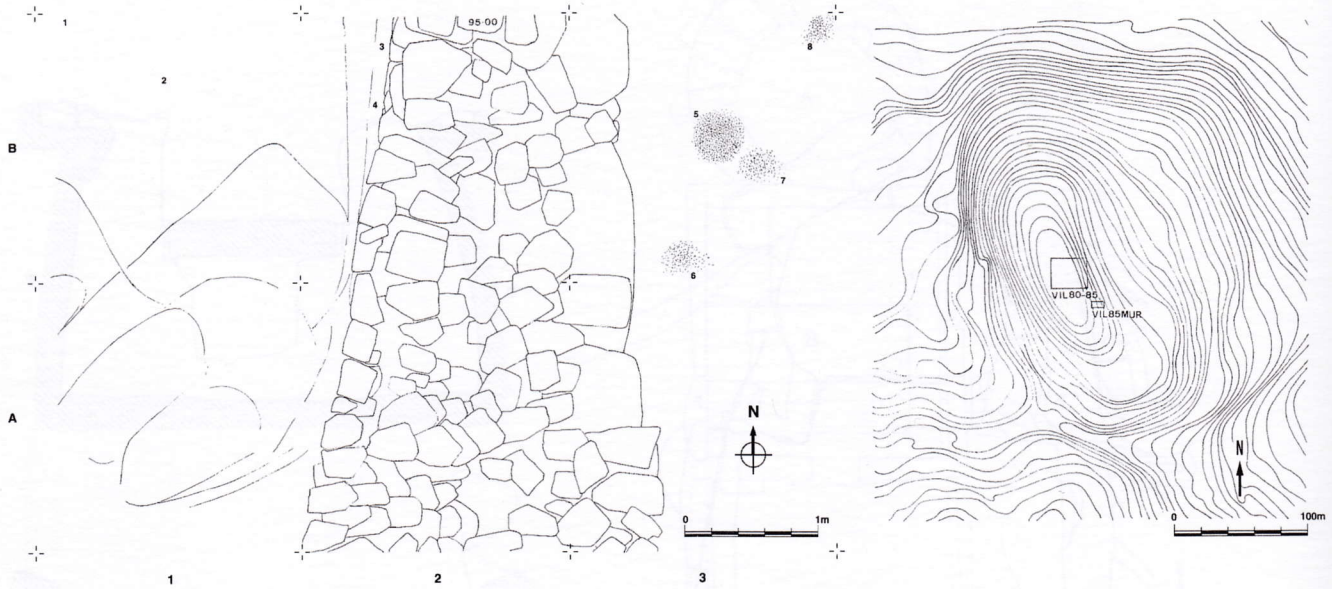
Planta do balneário castrejo da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (1993)

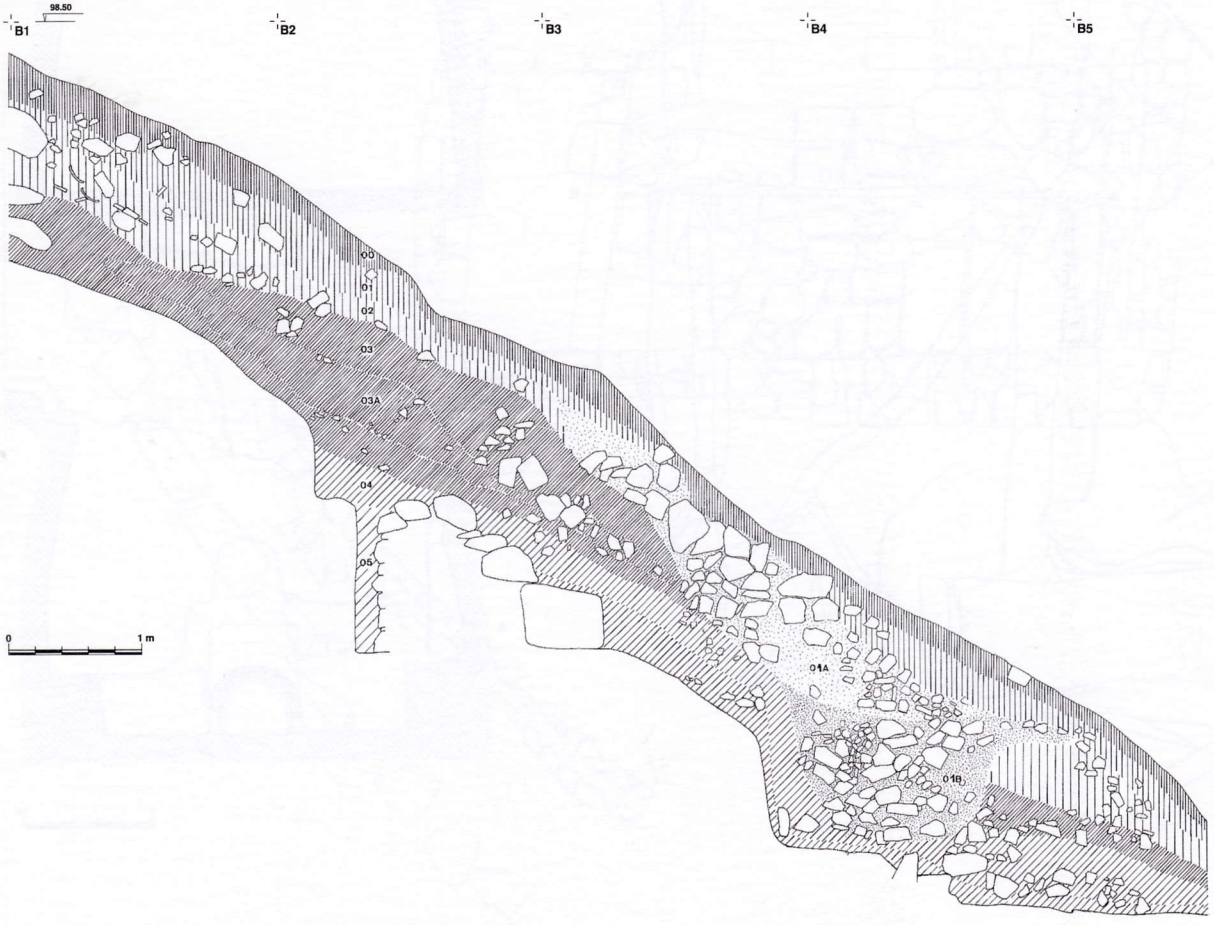
Est. XXXIV



Planta e cortes transversais do balneário castrejo do Freixo, Marco de Canaveses

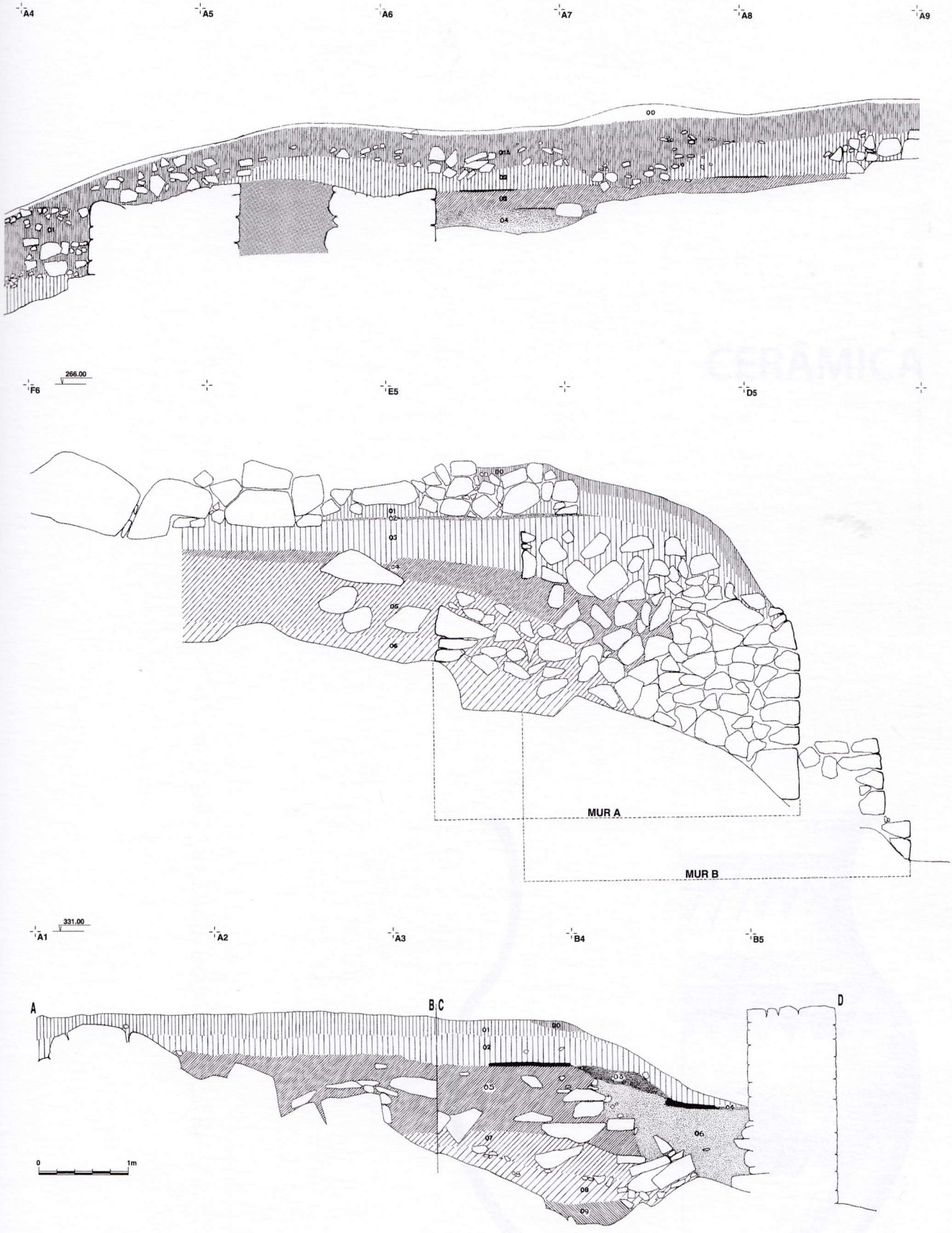
Est. XXXV





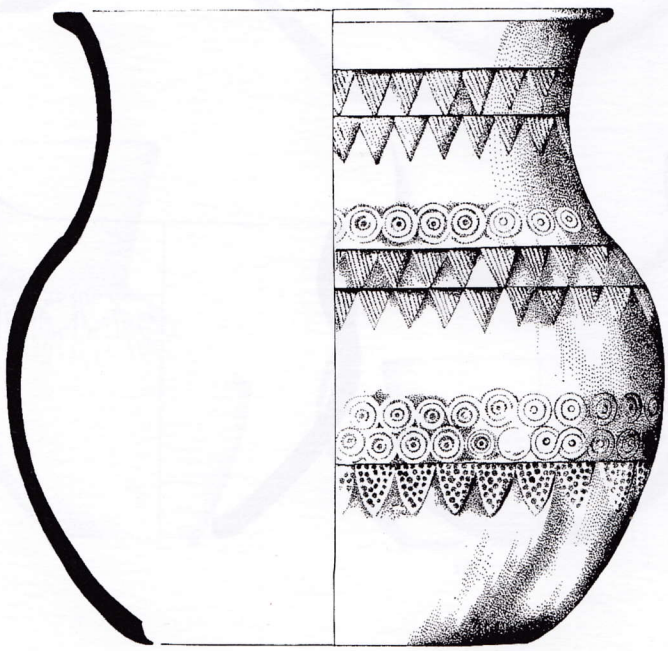
Corte estratigráfico da muralha do Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha, (VIL 85 MUR)
1, 3 – planta da muralha e corte estratigráfico
2 – implantação dos sectores escavados VIL 83-85 e VIL 85 MUR

Est. XXXVI

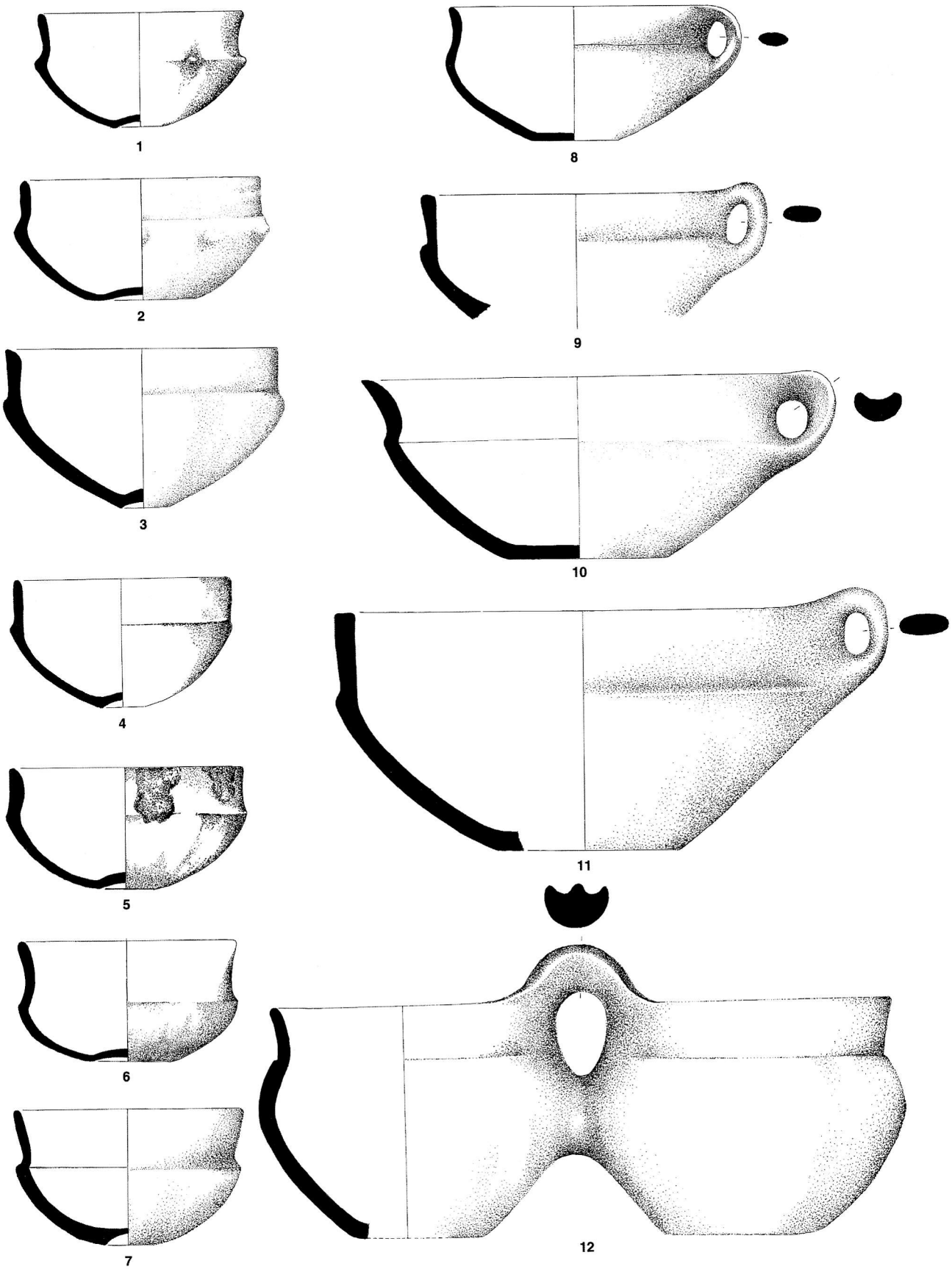


Cortes estratigráficos das muralhas da Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim (TER 81), Castro de Sabroso, Guimarães (SAB 81) e Citânia de Briteiros, Guimarães (BRI 77-78)

CERÂMICA



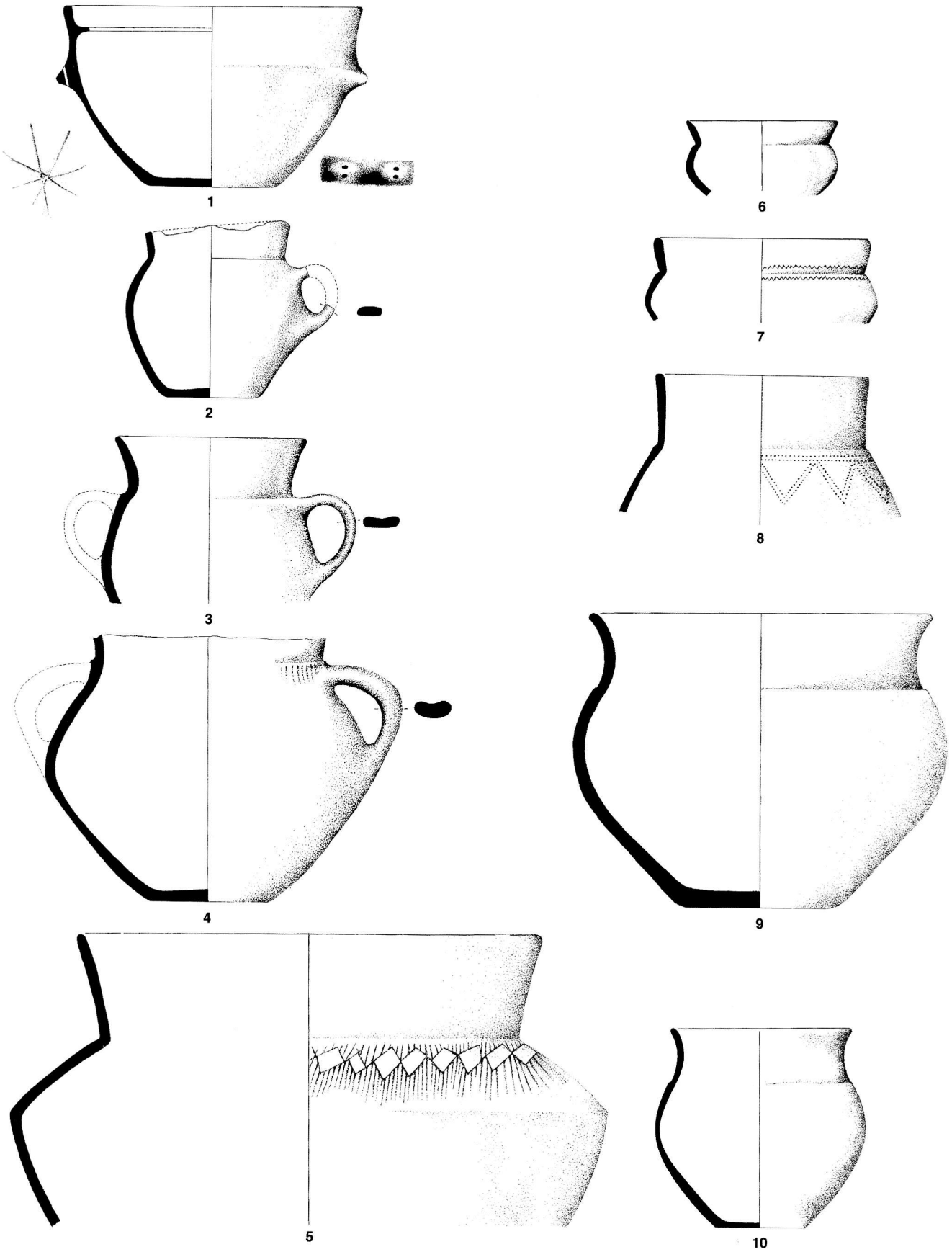
Est. XXXVII



ESC. 1:2

Cerâmica: Fase I, tipos A1a (1-7), A2a (8-11) e J (12), do Castro da Senhora da Guia, Baiões

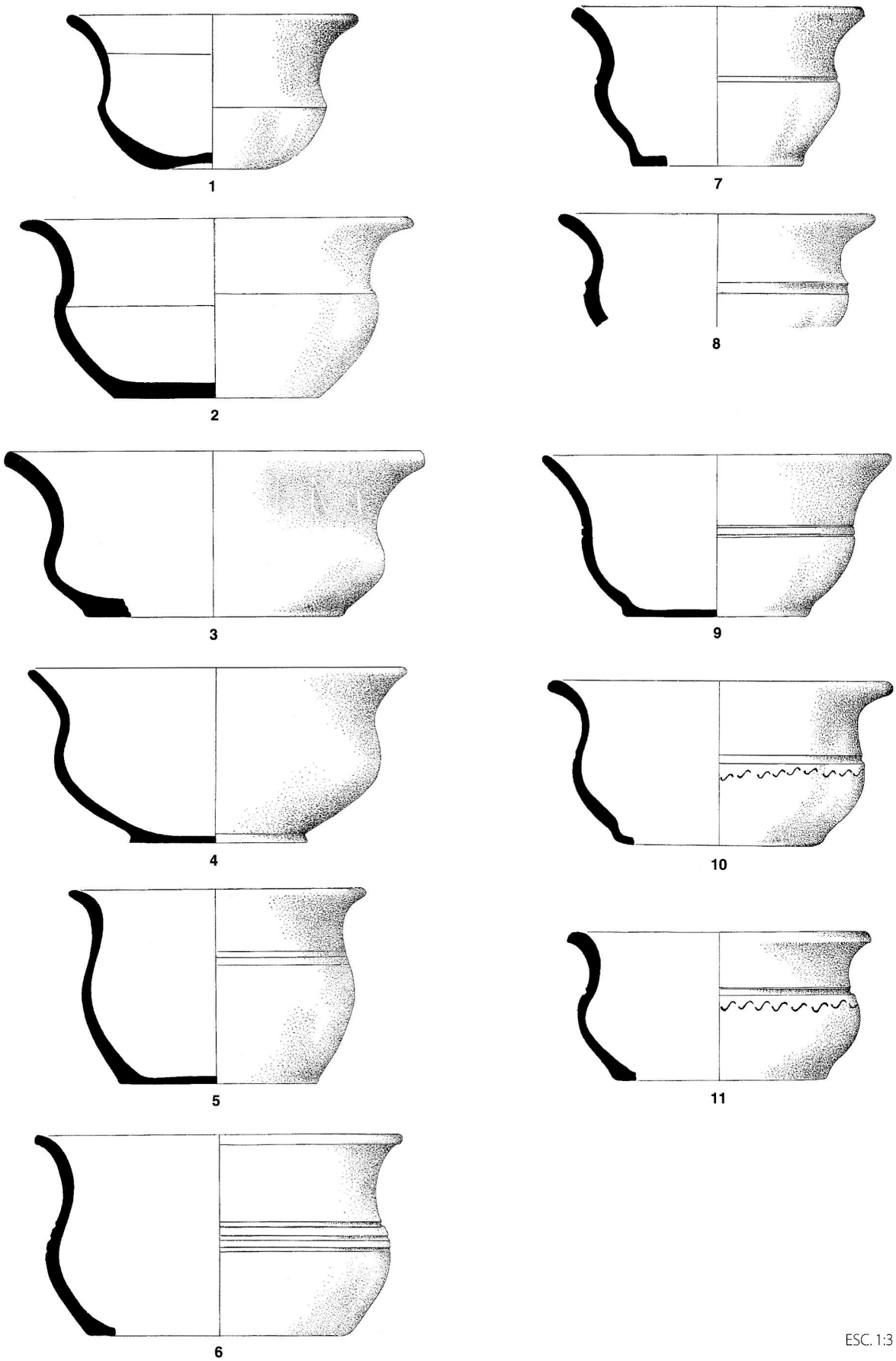
Est. XXXVIII



ESC. 1:3

Cerâmica: Fase I, tipos A1b (6-7), C1a (5), C1b (8), C1d (9-10), C2a1 (2), C3a (3-4), D1a (1), do Castro da Senhora da Guia, Baiões

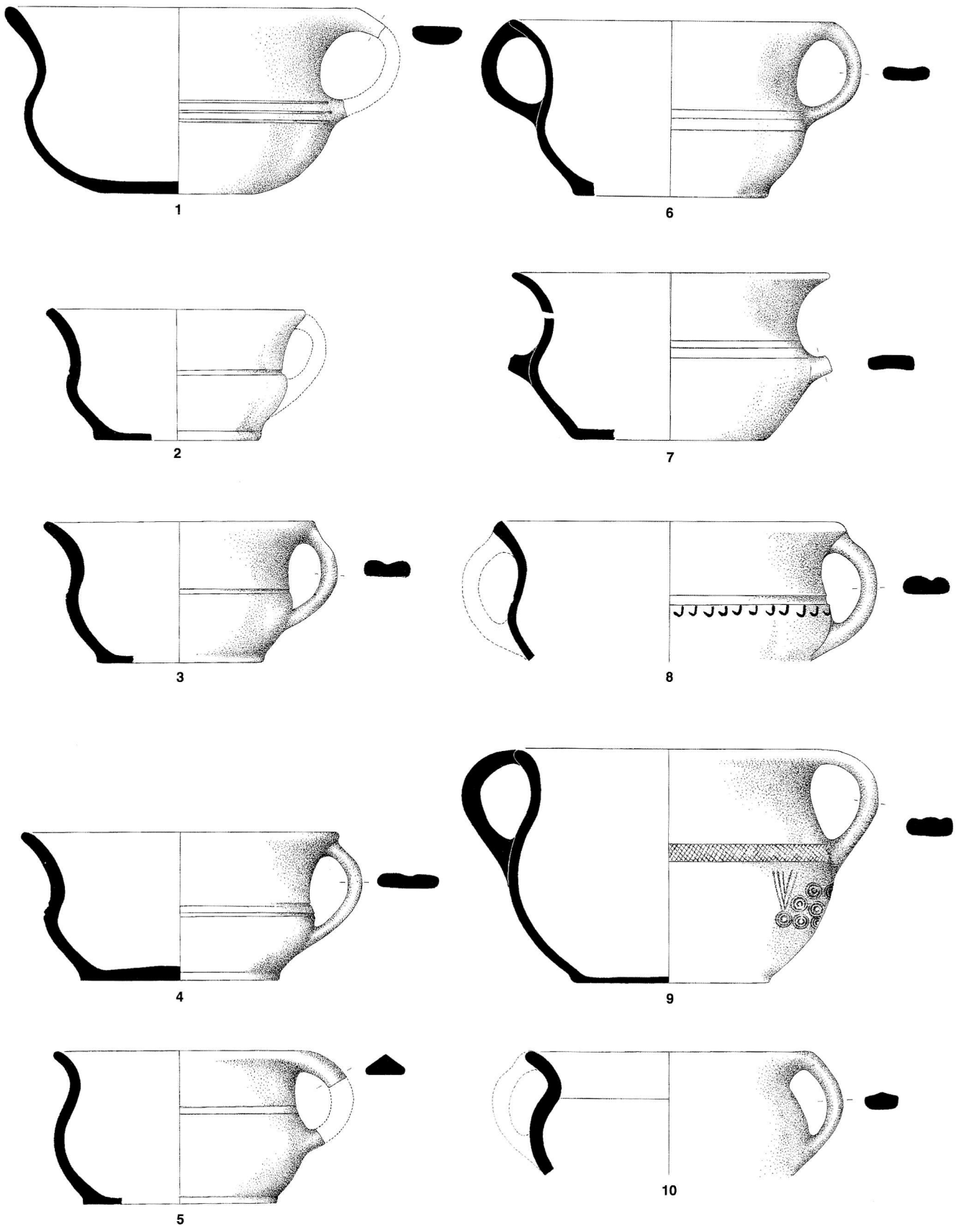
Est. XXXIX



ESC. 1:3

Cerâmica: Fase I, tipos A1b (6-7), C1a (5), C1b (8), C1d (9-10), C2a1 (2), C3a (3-4), D1a (1), do Castro da Senhora da Guia, Baiões

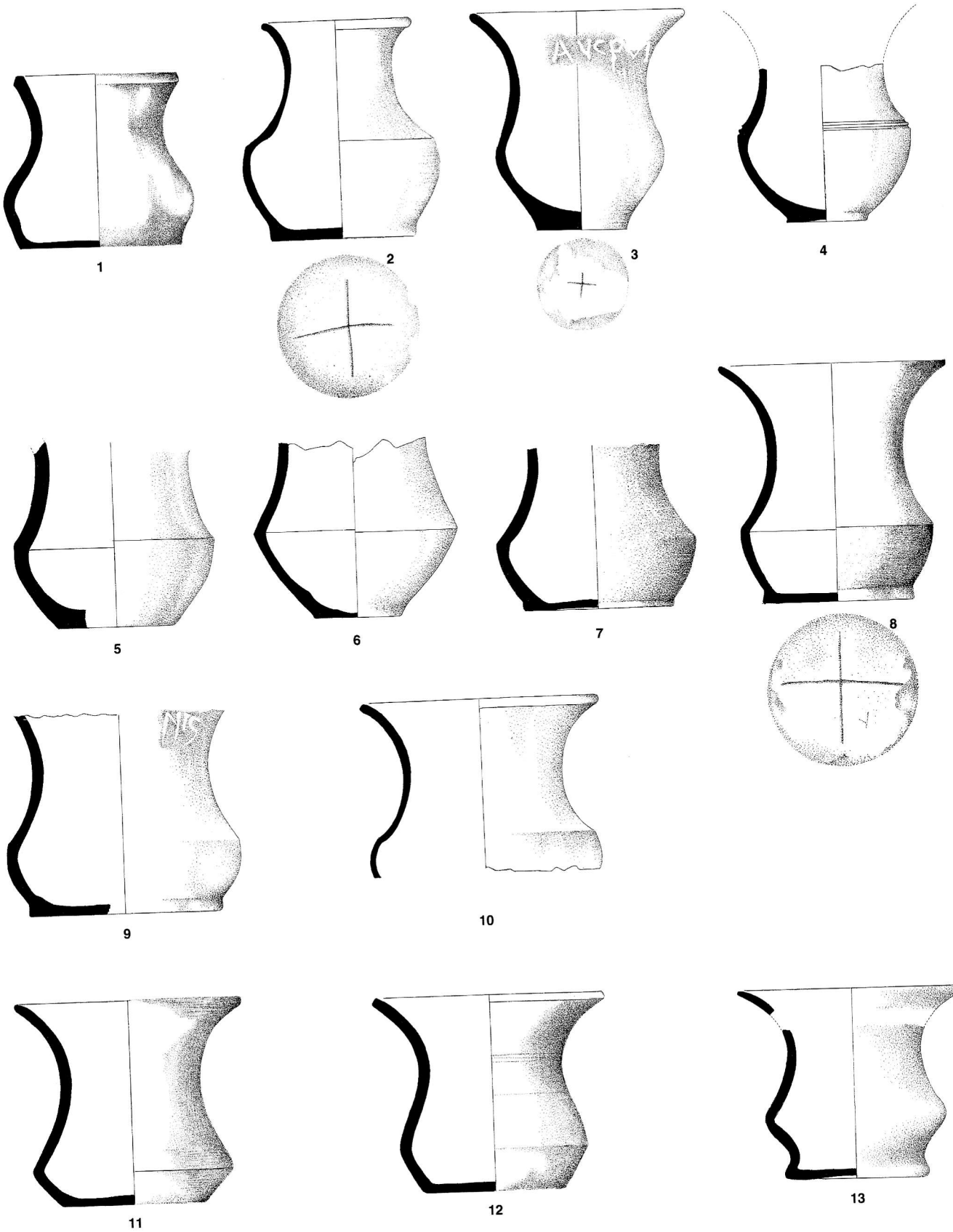
Est. XL



ESC. 1:3

Cerâmica: Fase III, tipos A2b (1-4 Sanfins; 5 Galegos), A3 (6, 7, 9 Briteiros; 8, 10 Sanfins)

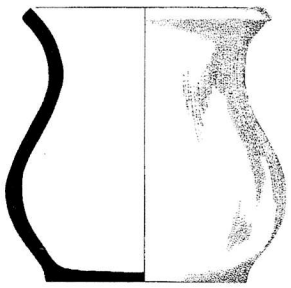
Est. XLI



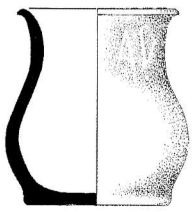
ESC. 1:2

Cerâmica: Fase II, tipo B1 (1 Terroso)
Fase III, tipo B1 (2 Lanhoso), B2 (3, 8-10, 13 Briteiros; 11-12 Terroso), B2 (?) (4 Briteiros; 5, 7 Âncora; 6 Sanfins)

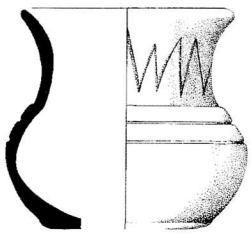
Est. XLII



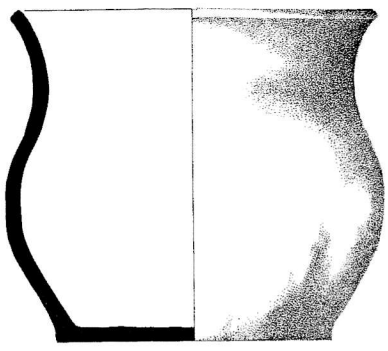
1



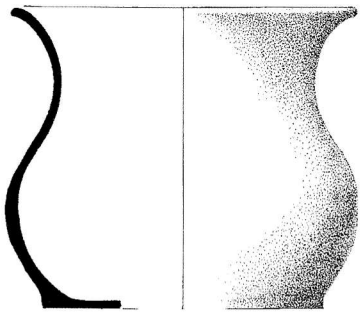
2



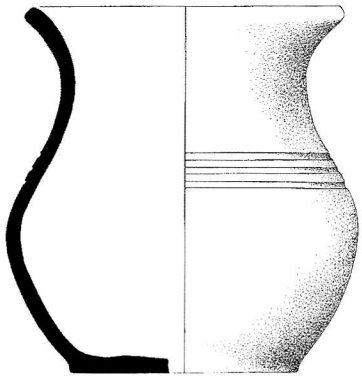
3



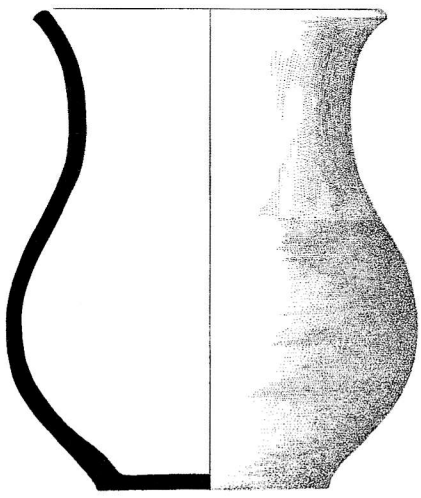
4



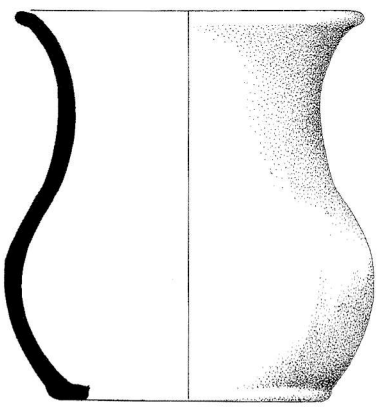
5



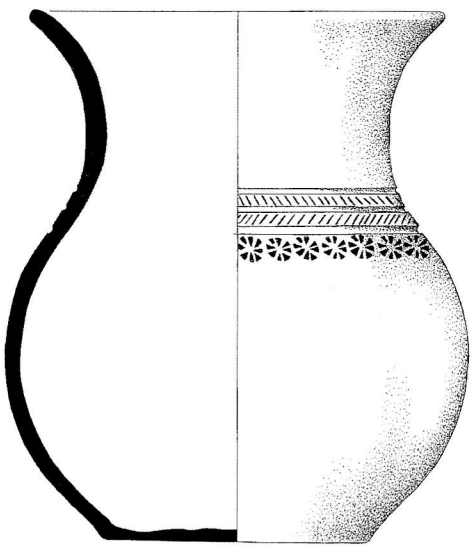
6



7



8

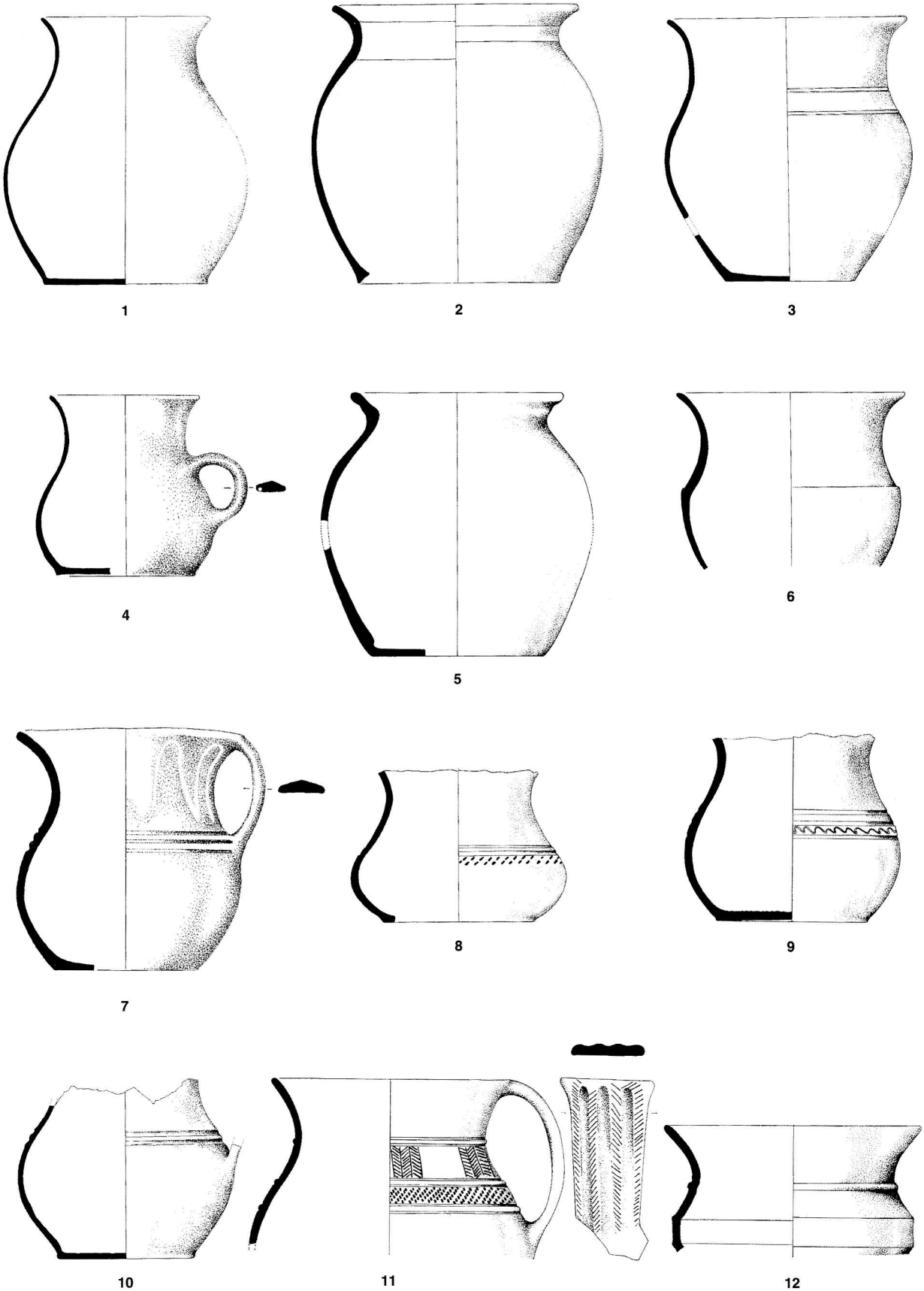


9

ESC. 1:3

Cerâmica: Fase II, tipo C1e (1,4 Terroso)
Fase III, tipos C1e (2 S. Julião; 3, 7 Terrosos; 5 Afife; 6 Sanfins; 8 Briteiros; 9 Âncora)

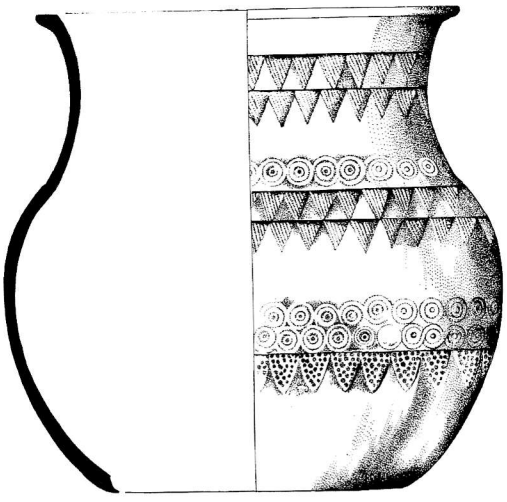
Est. XLIII



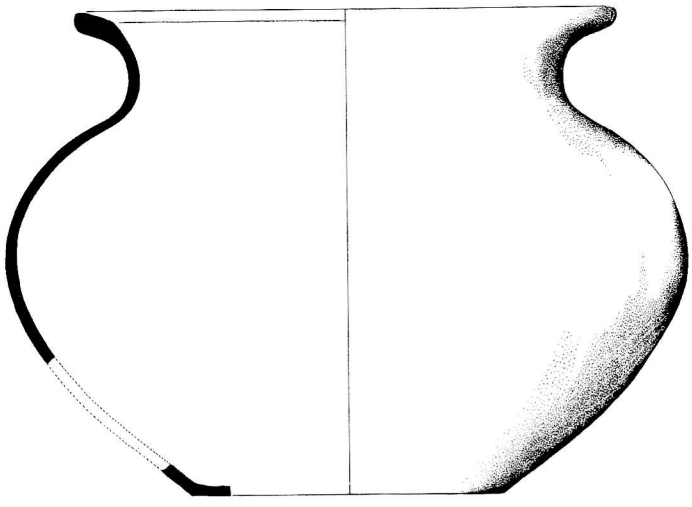
ESC. 1:3

Cerâmica: Fase II, tipo C1e (1 Terroso)
Fase III, tipo C1e (3 Cidadelhe; 8-9 Sanfins), C1g (2 Cidadelhe; 5 Âncora), C1h (6 Âncora), C1i (6, 12 Âncora), C2a2 (4 Santo Ovídio) C2b (7 Santo Ovídio; 10-11 Sanfins)

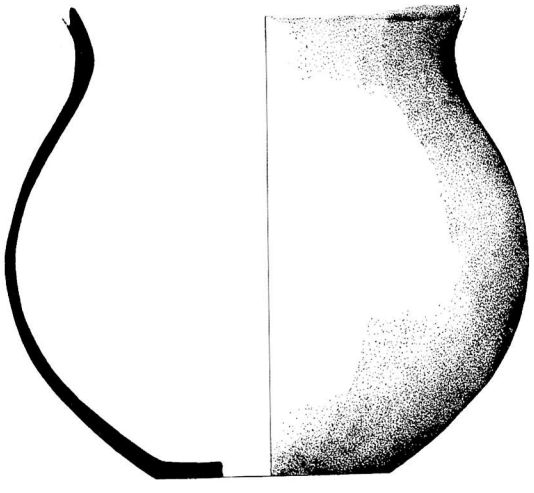
Est. XLIV



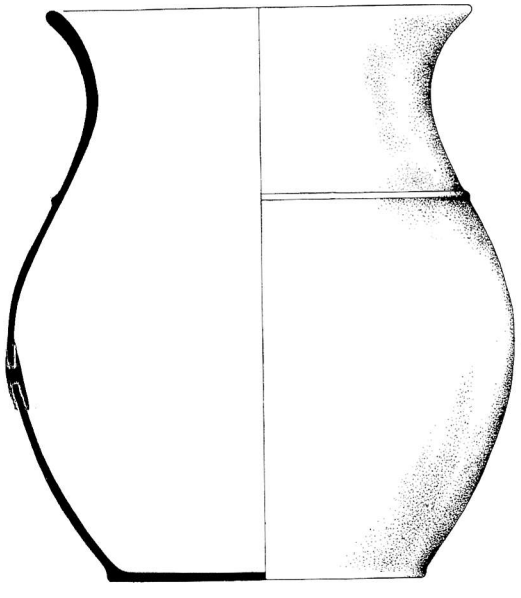
1



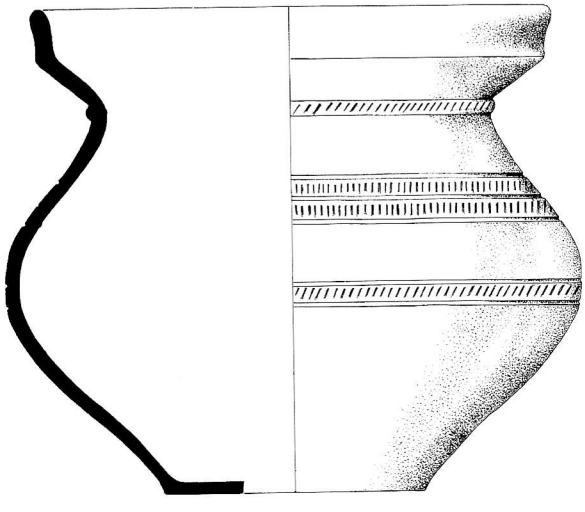
2



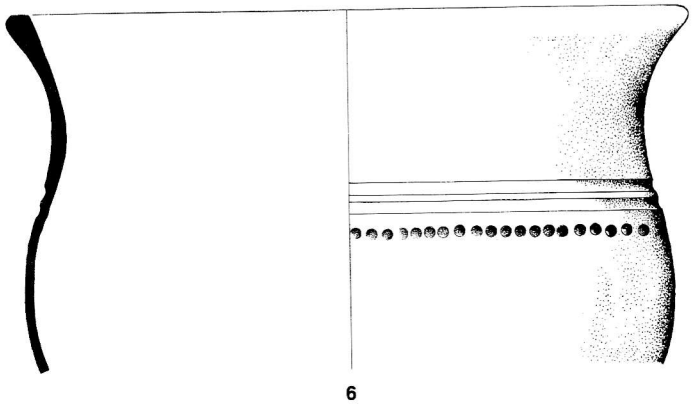
3



4



5

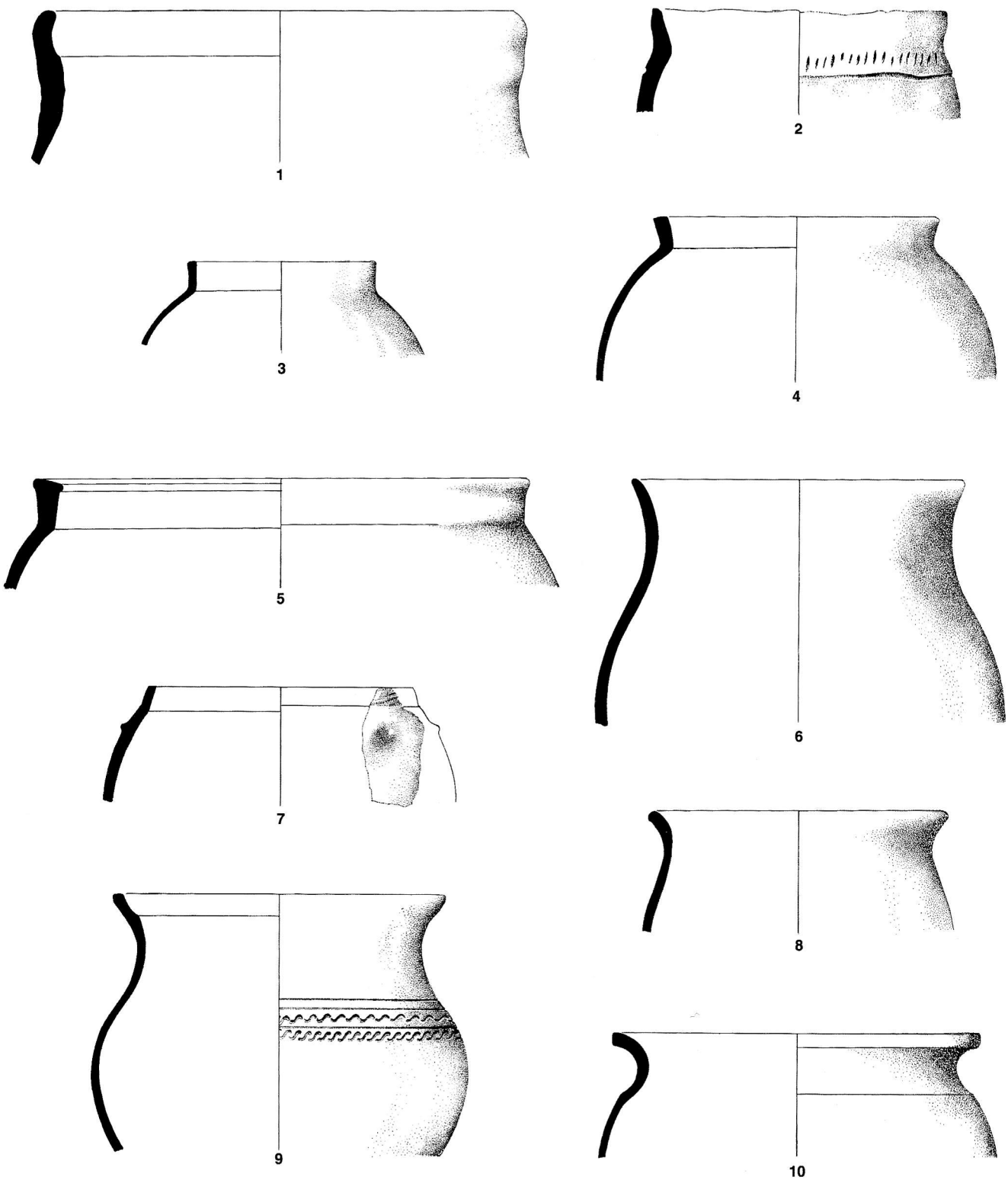


6

ESC. 1:3

Cerâmica: Fase II, tipo C1d (1 Sendim), C1e (3 Afife) C1f (2 Coto da Pena)
Fase III, tipo C1e (4 Terroso; 6 Sanfins), C1i (5 Âncora)

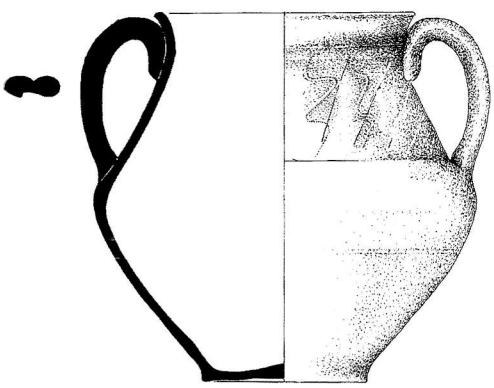
Est. XLV



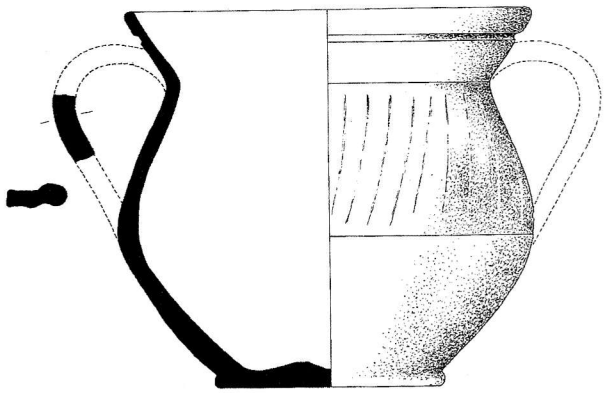
ESC. 1:3

Cerâmica: Fase II, tipos C1c (3, 4, 7 Coto da Pena), C1e (6,9 Coto da Pena; 8 Romariz), C1f (10 Coto da Pena), C1j (1 Romariz; 2 Coto da Pena)
Fase III, tipo C1c (5 Terroso)

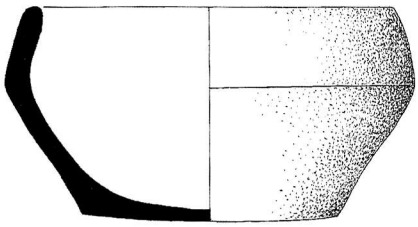
Est. XLVI



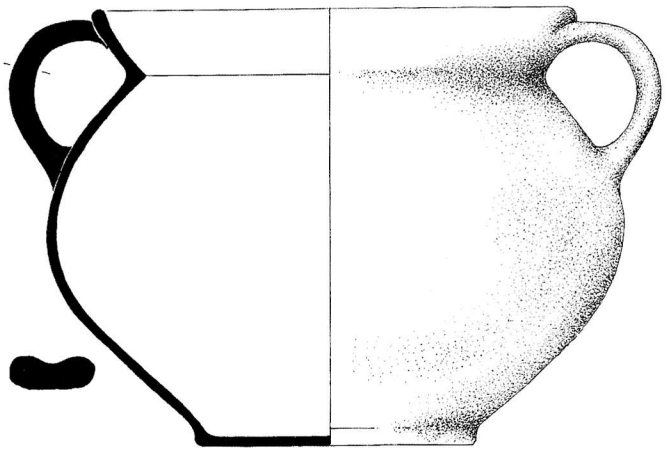
1



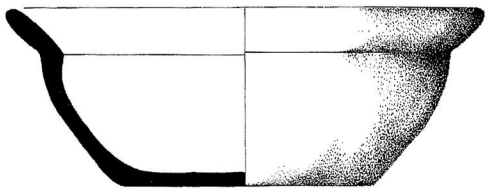
2



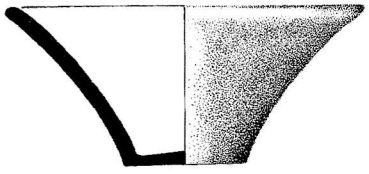
4



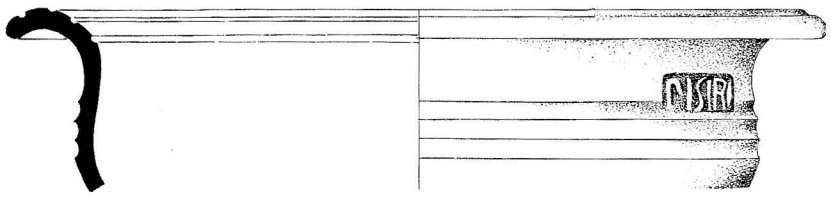
3



5



6

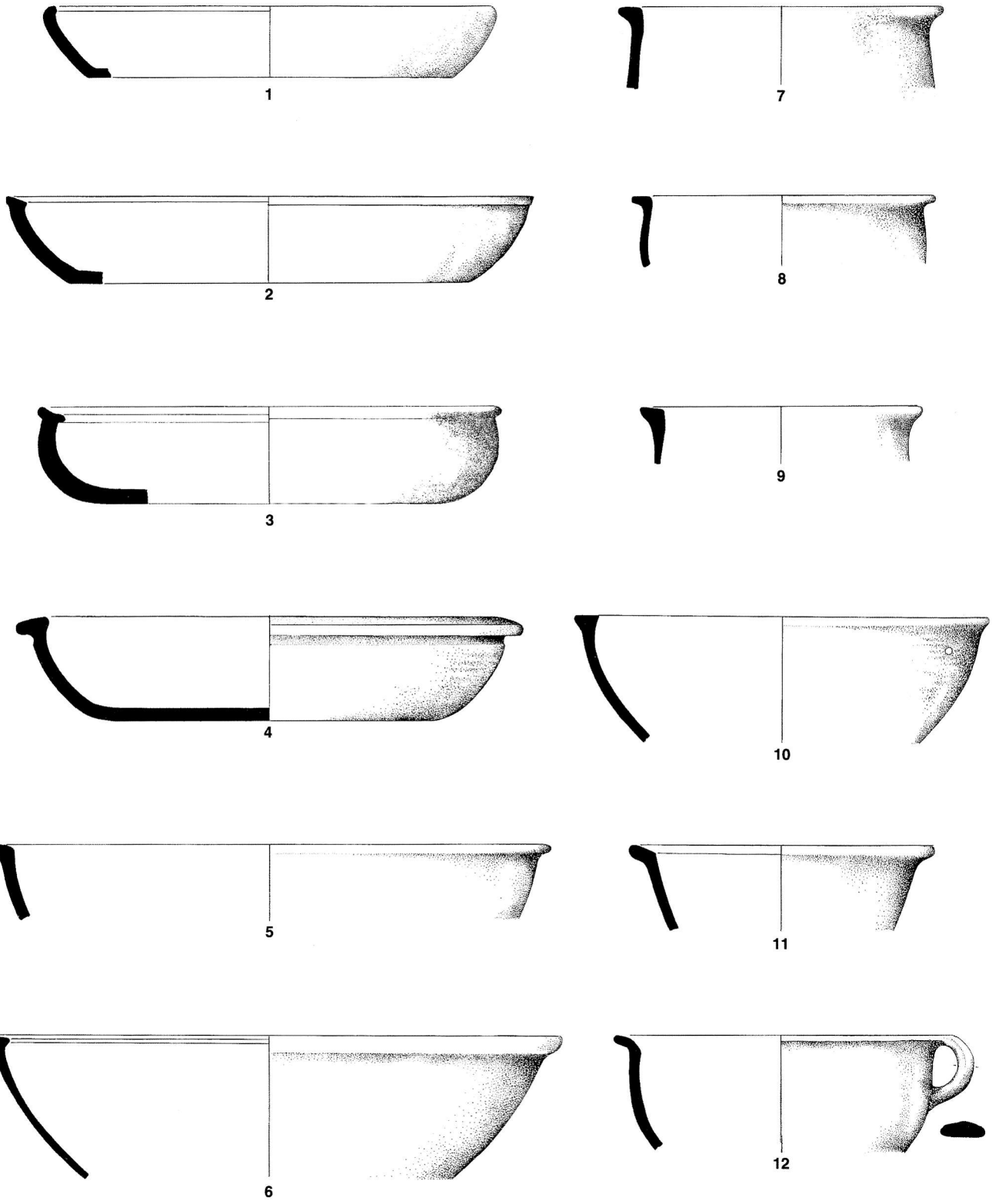


7

ESC. 1:2

Cerâmica: Fase III, tipos A1i (4 Âncora), A1j (5 Laundos), A11 (6 Terroso), A1m (7 Sanfins), C3b (1-3 Âncora)

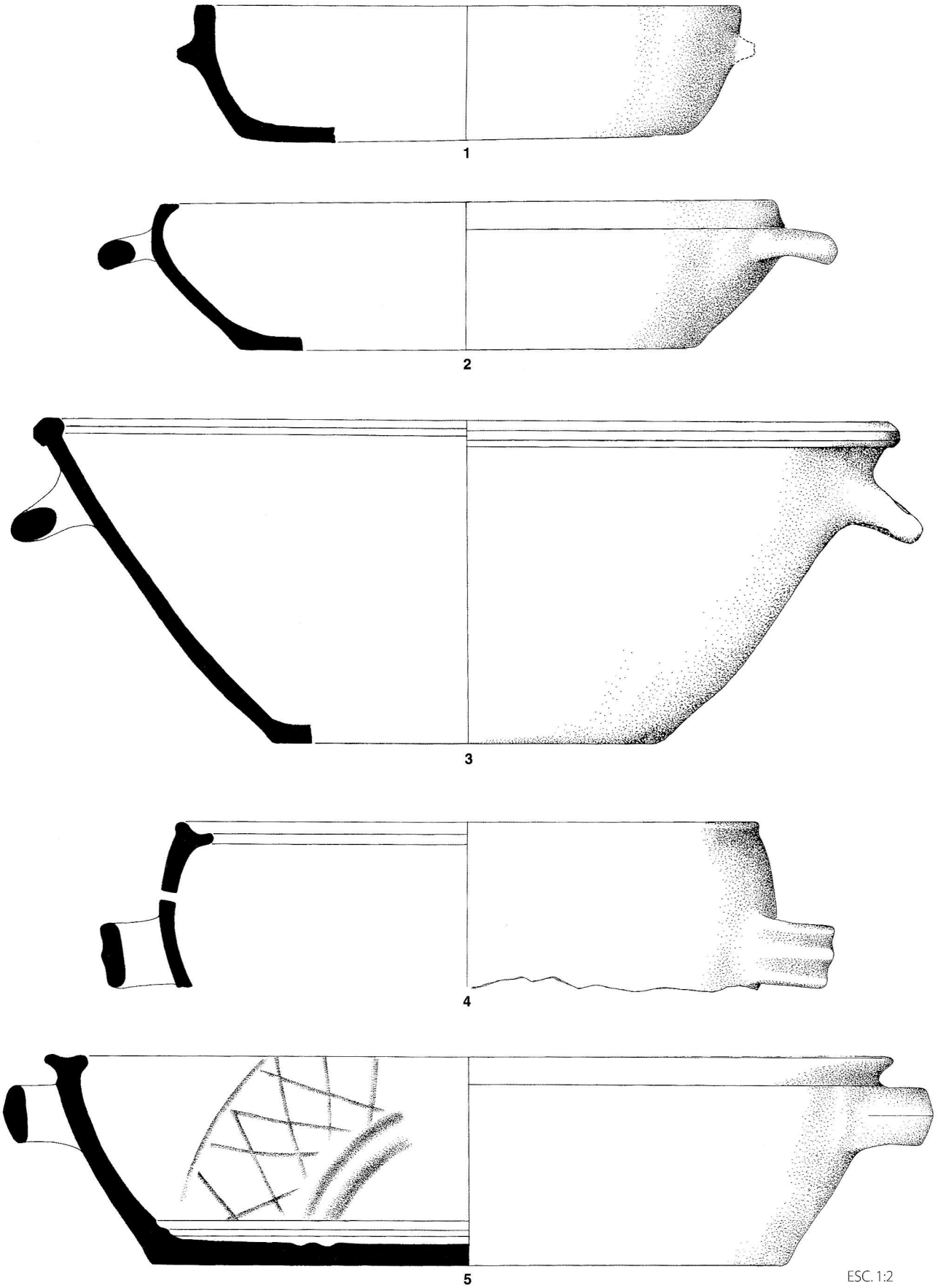
Est. XLVII



ESC. 1:3

Cerâmica: Fase II, tipos A1f (7-9 Romariz; 8 Coto da Pena), A1g (10 Coto da Pena), A1h (11 Romariz), A2c (12 Coto da Pena)
E1b (1 Coto da Pena), E2a1 (4 Coto da Pena), E4a (5 Terroso)
Fase III, tipos E1b (2 Sanfins), E3a (3 Âncora), E4a (6 Terroso)

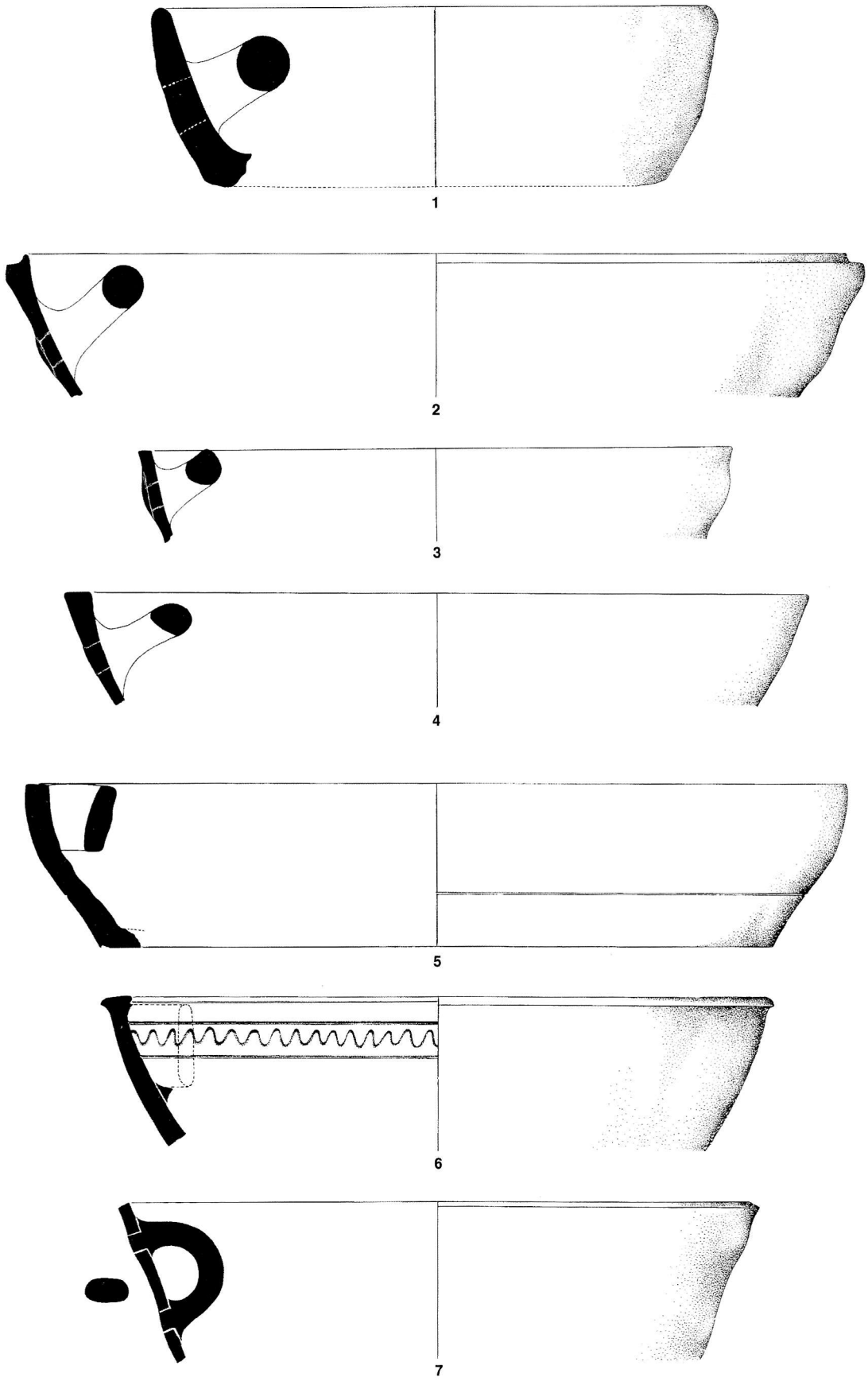
Est. XLVIII



ESC. 1:2

Cerâmica: Fase III, tipos E2a2 (1 Âncora), E2a3 (2 Briteiros), E3b (4,5 Briteiros), E4b (3 Âncora)

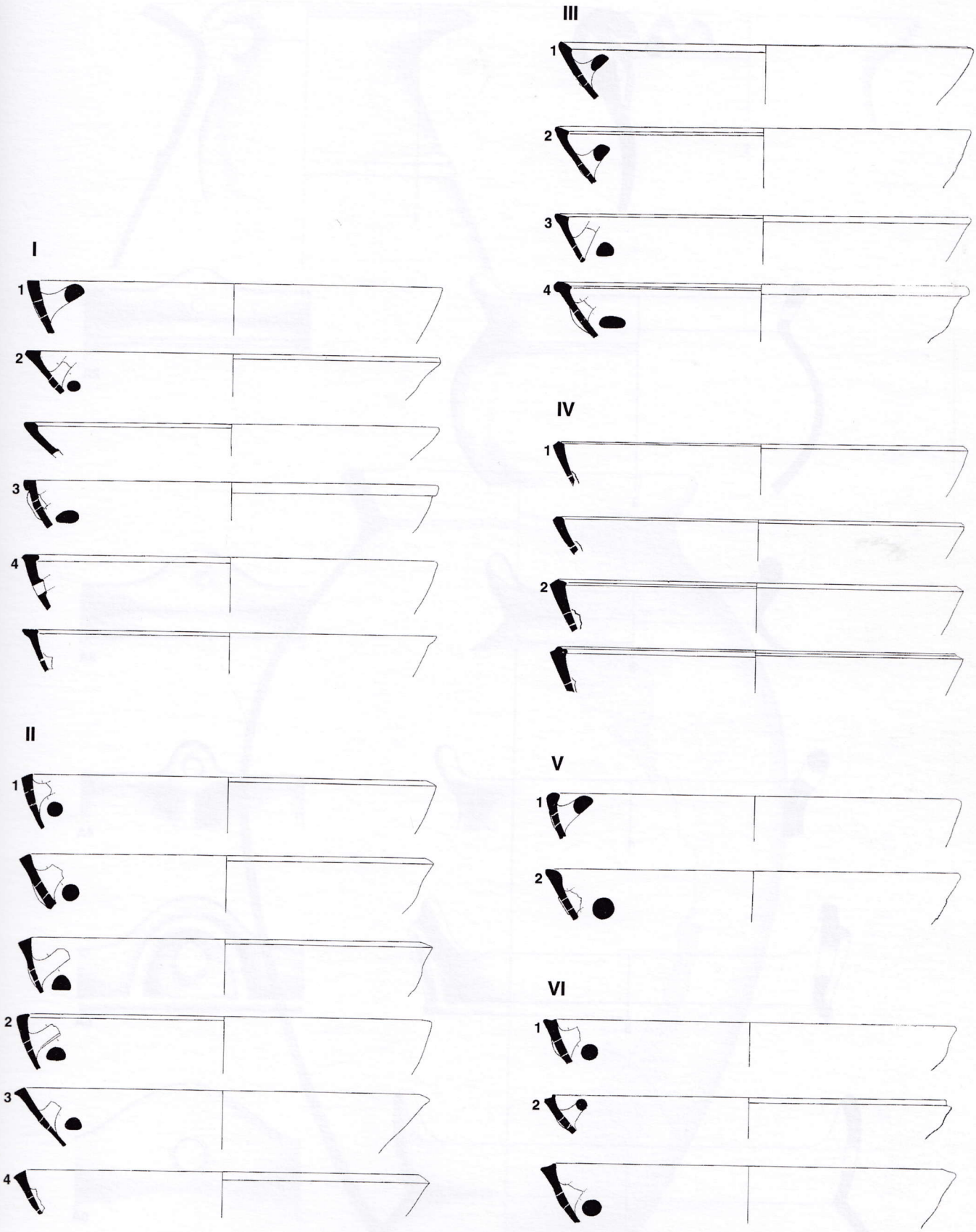
Est. XLIX



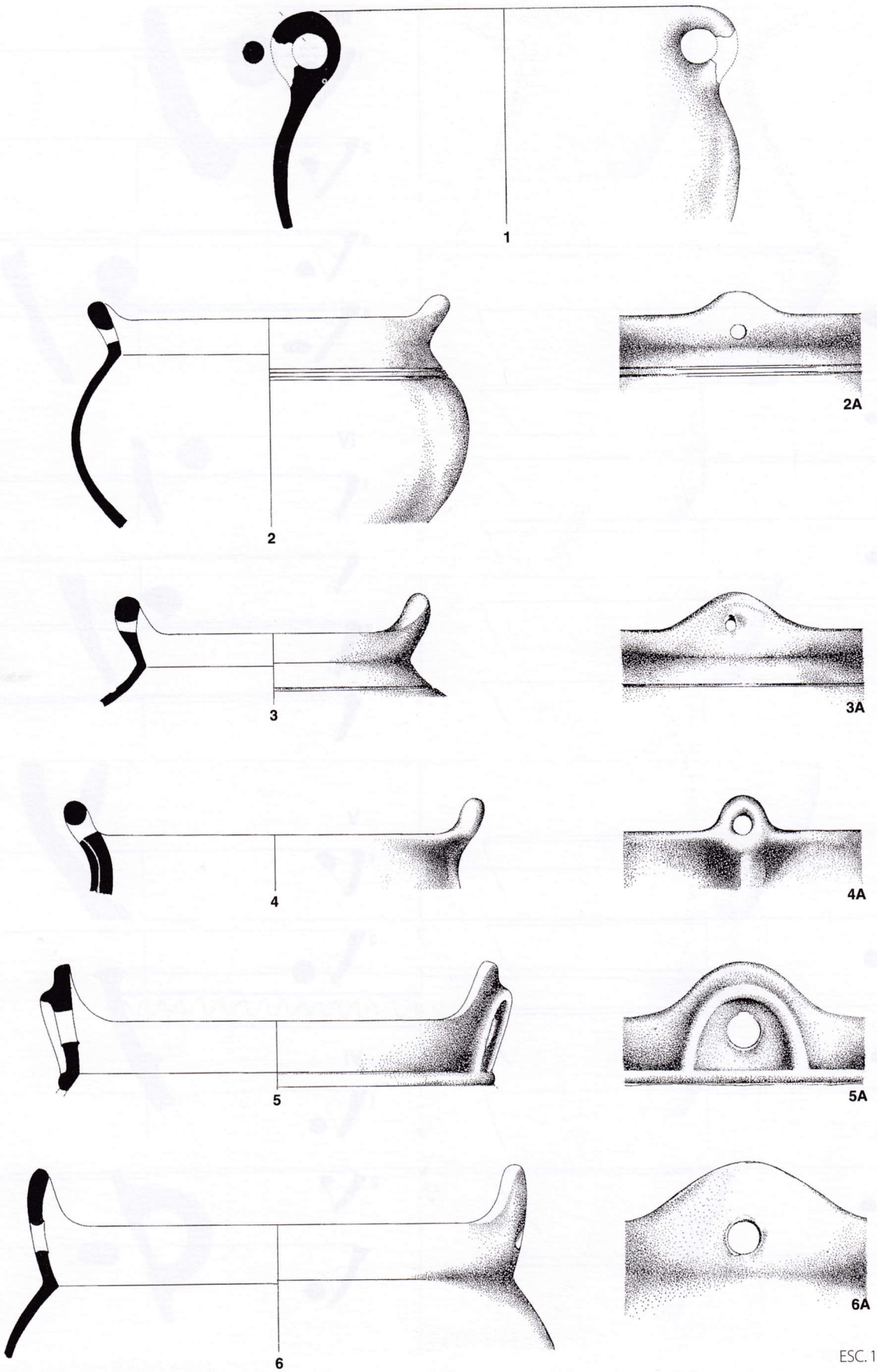
ESC. 1:3

Cerâmica: Fase I, tipo D2b2 (1 Baiões)
Fase II, tipo D2b1 (7 Coto da Pena), D2b2 (3 Romariz)
Fase III, tipo D2b2 (2, 4 Sanfins; 5 Caldas; 6 Coto da Pena)

Est. L



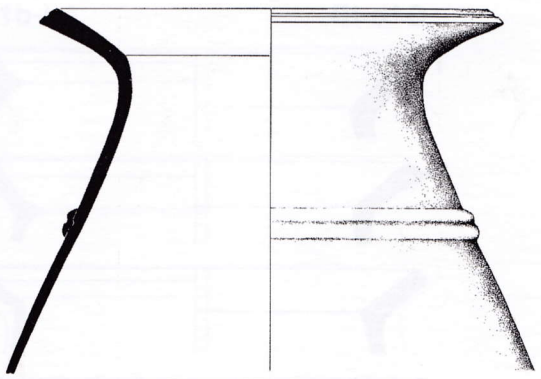
Est. LI



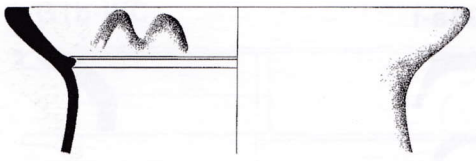
ESC. 1:3

Cerâmica: Fase II, tipo D2a (1 Coto da Pena)
Fase III, tipo D2c (2-4 Sanfins; 5-6 Âncora)

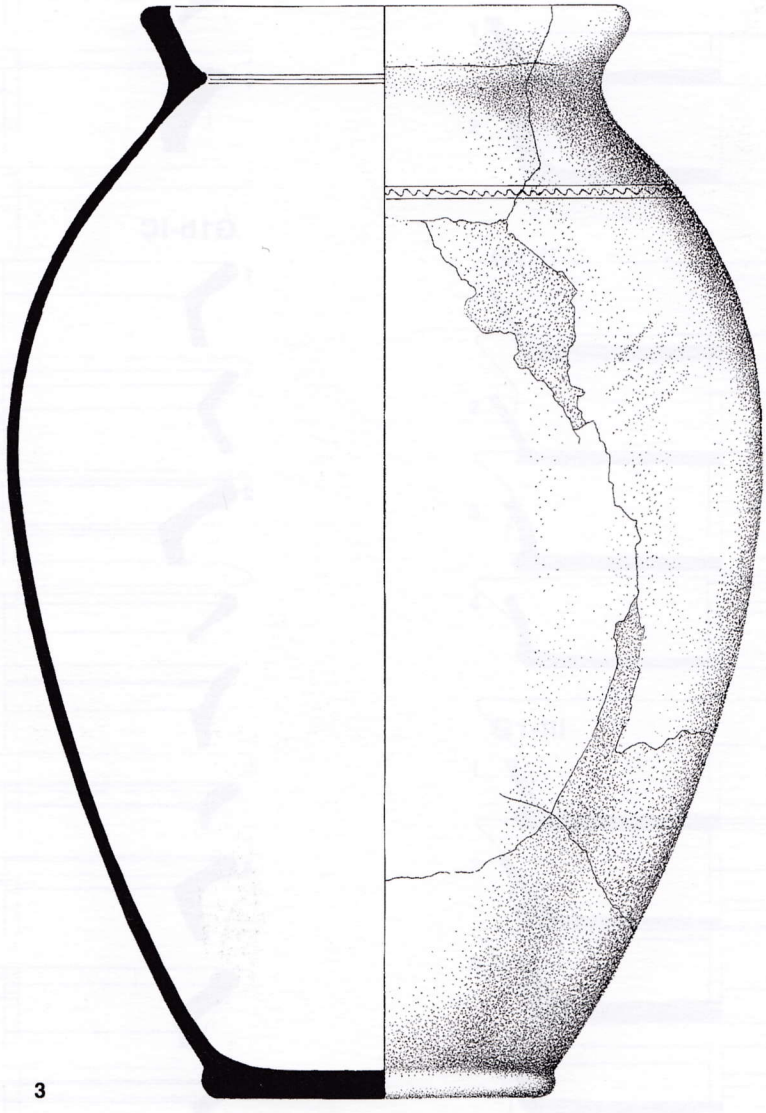
Est. LII



1



2



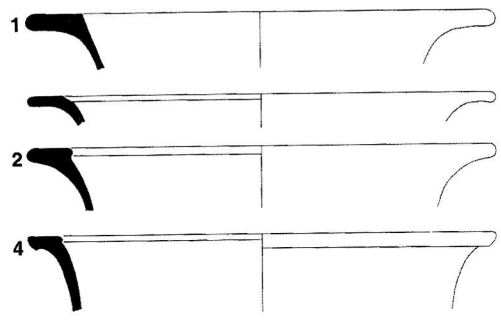
3

ESC. 1:6

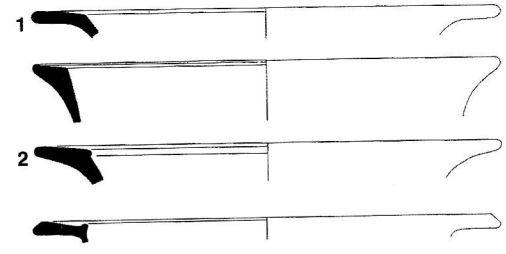
Cerâmica: Fase III, tipo G1b (1-3 Sanfins)

Est. LIII

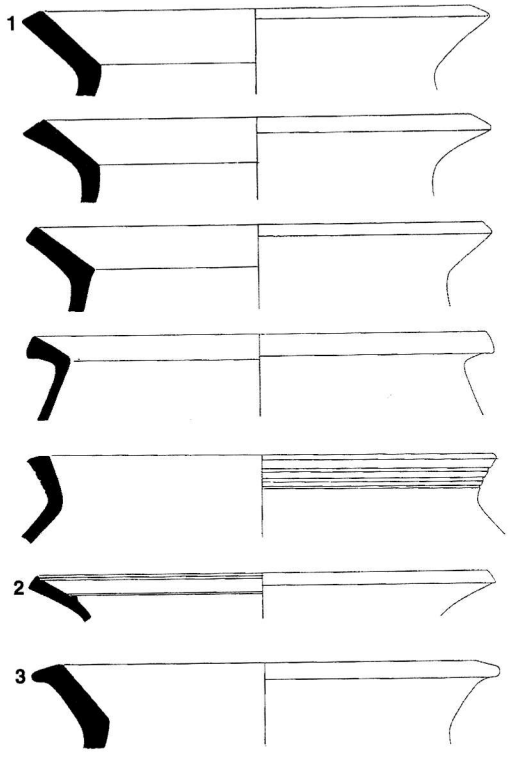
G1a-I



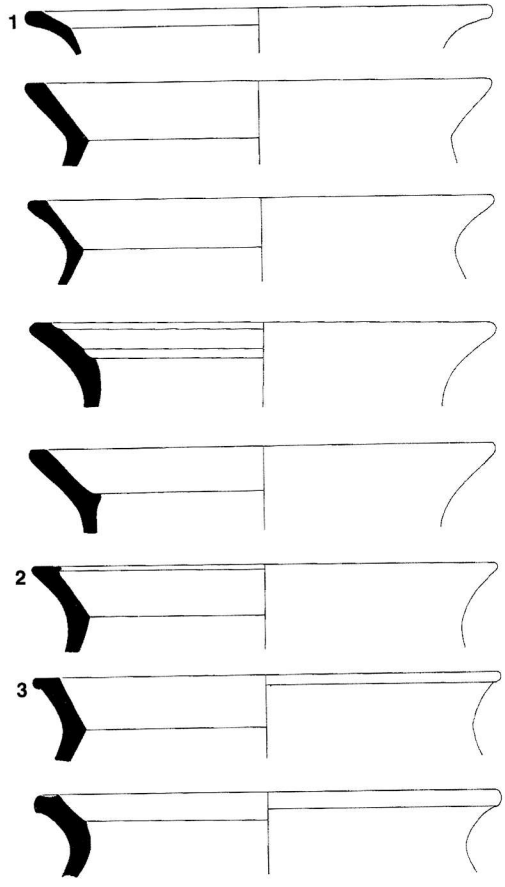
G1a-II



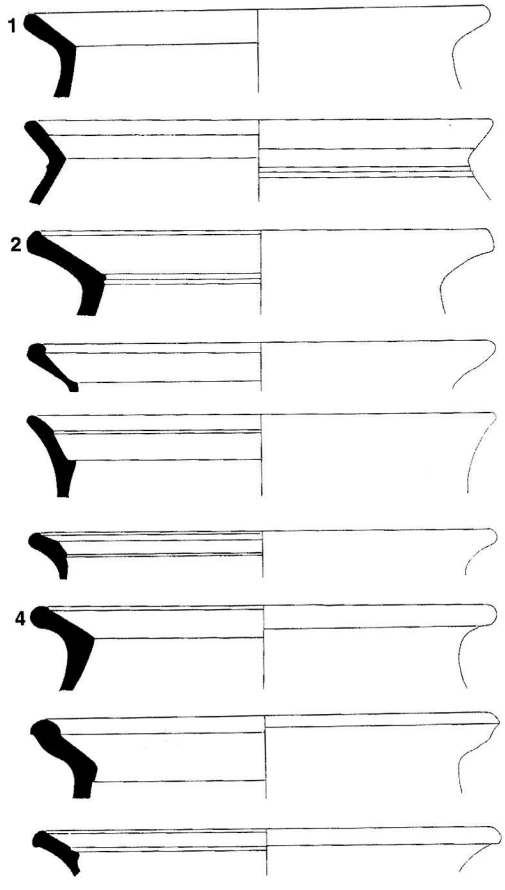
G1b-IB



G1b-IA

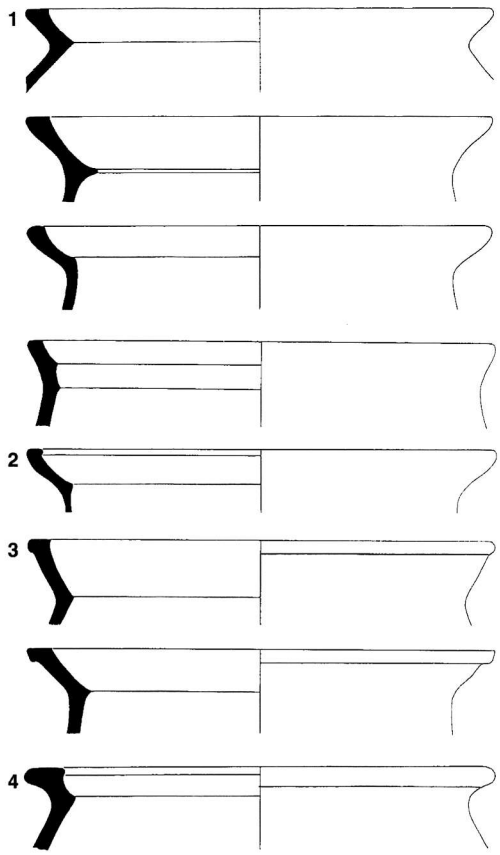


G1b-IC

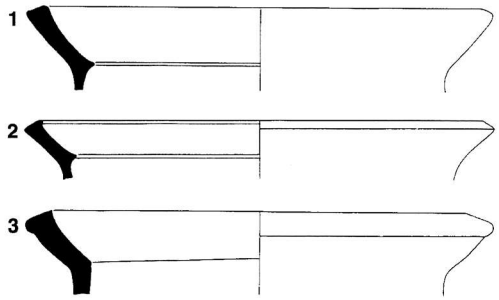


Est. LIV

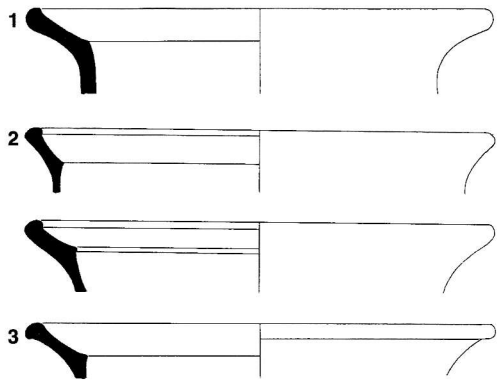
G1b-IIA



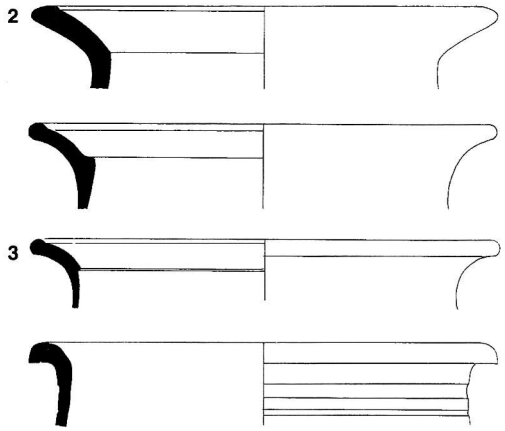
G1b-IIB



G1b-IIC

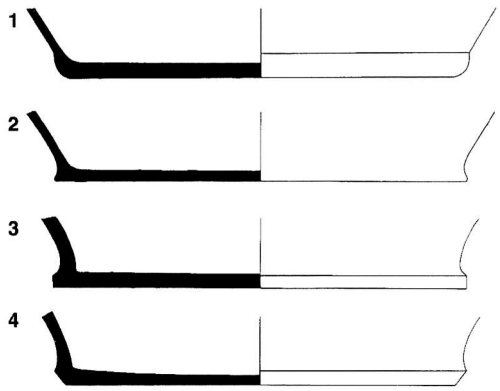


G1b-IIIC

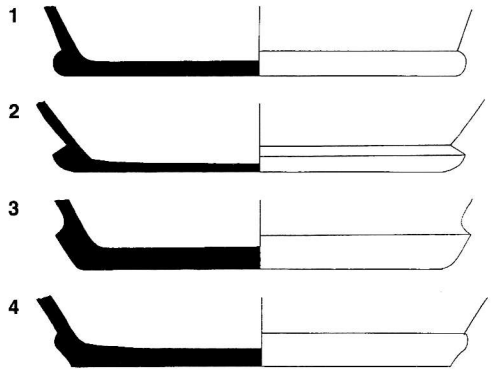


G1-I

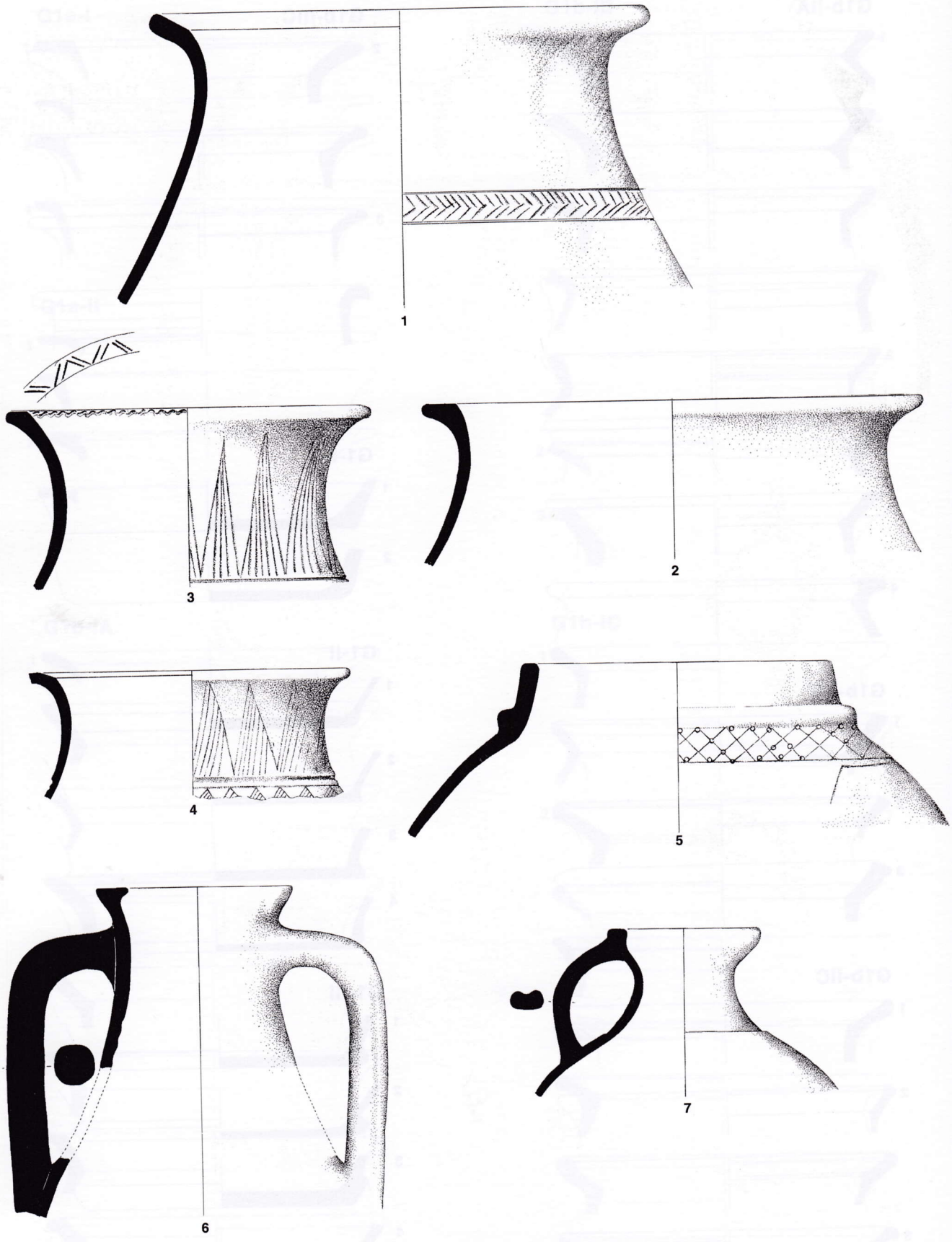
G1-II



G1-III



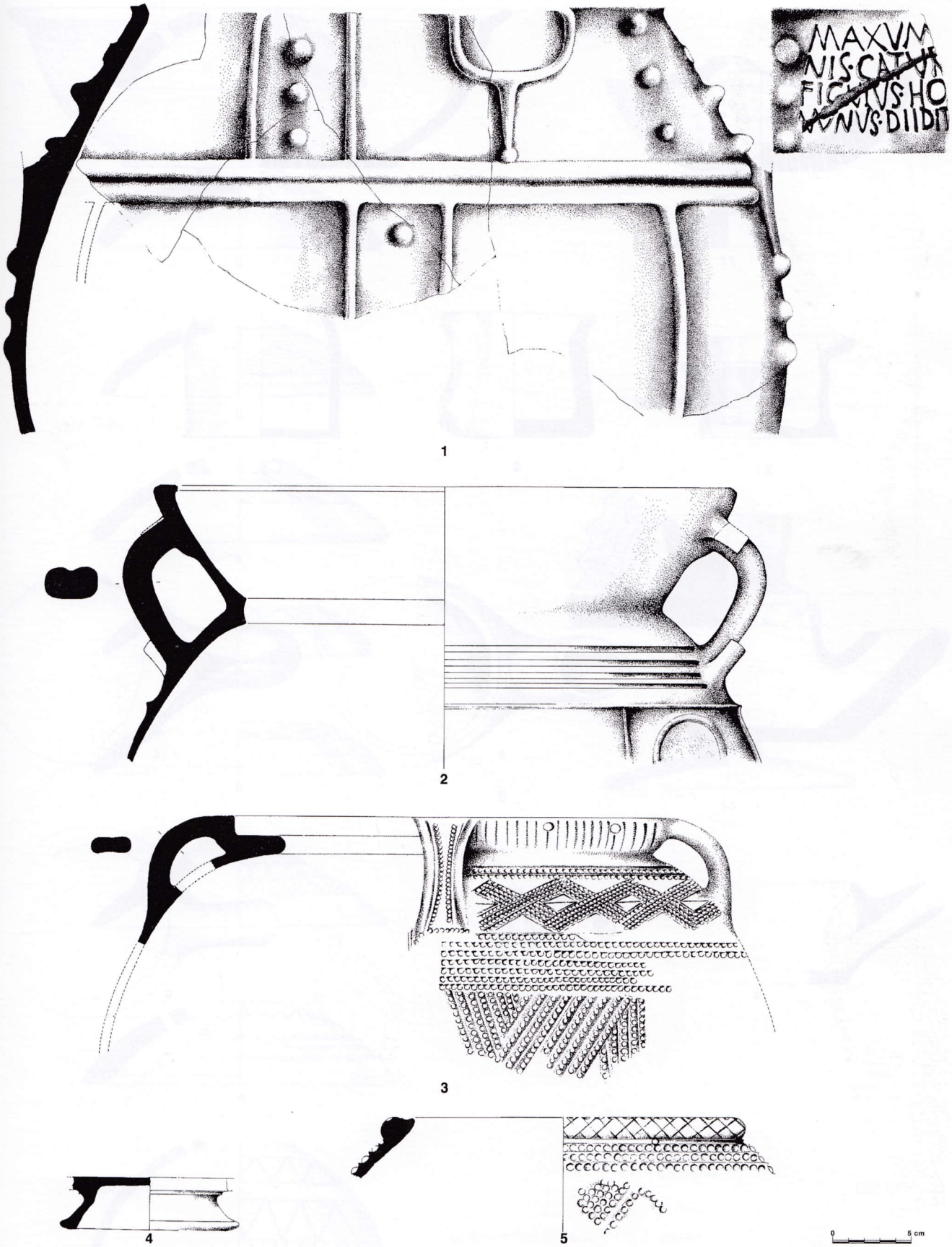
Est. LV



ESC. 1:3

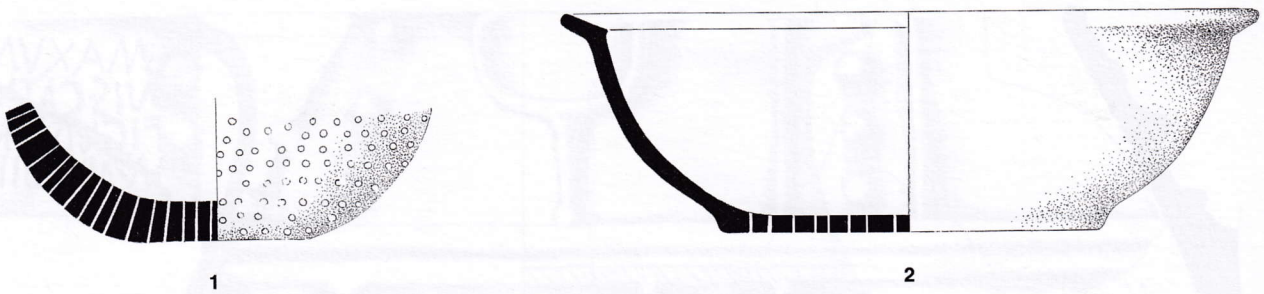
Cerâmica: Fase II, tipo C1c (5 Coto da Pena), G1a (2 Coto da Pena), G1b (1 Romariz)
Fase III, tipo G2 (3,4 Terroso), G3 (6 Âncora), G4 (7 Âncora)

Est. LVI

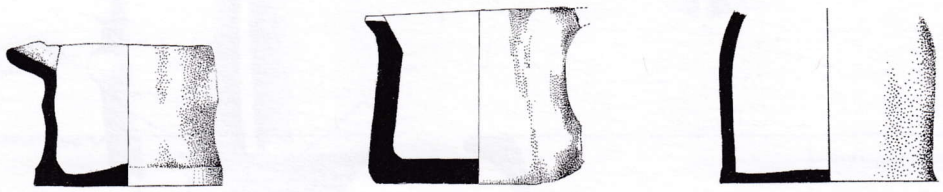


Cerâmica: Fase II, Tipo I (5 Coto da Pena)
Fase III, tipos H (1 Briteiros; 2 Âncora), I (3/4 Âncora)

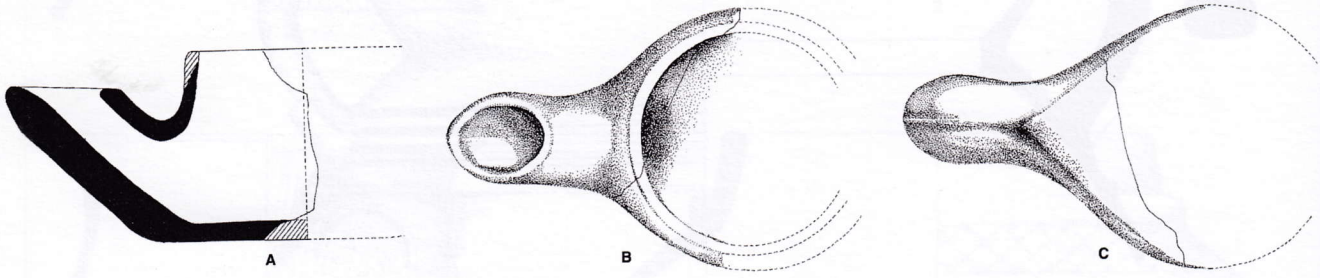
Est. LVII



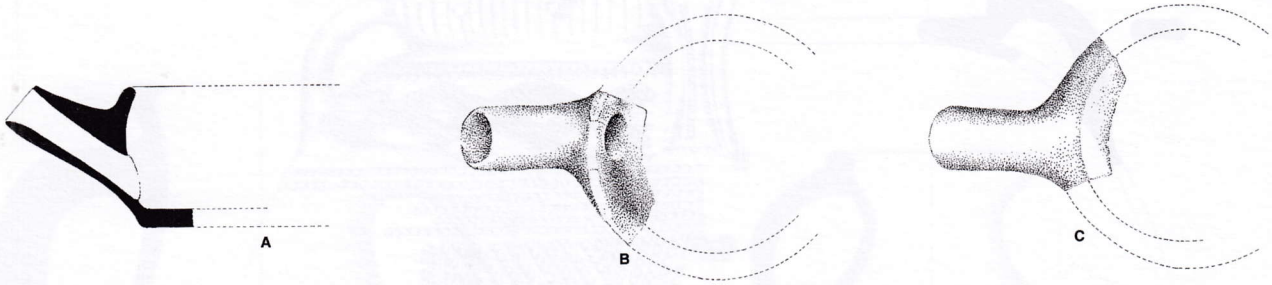
1 2



3 4 5



6

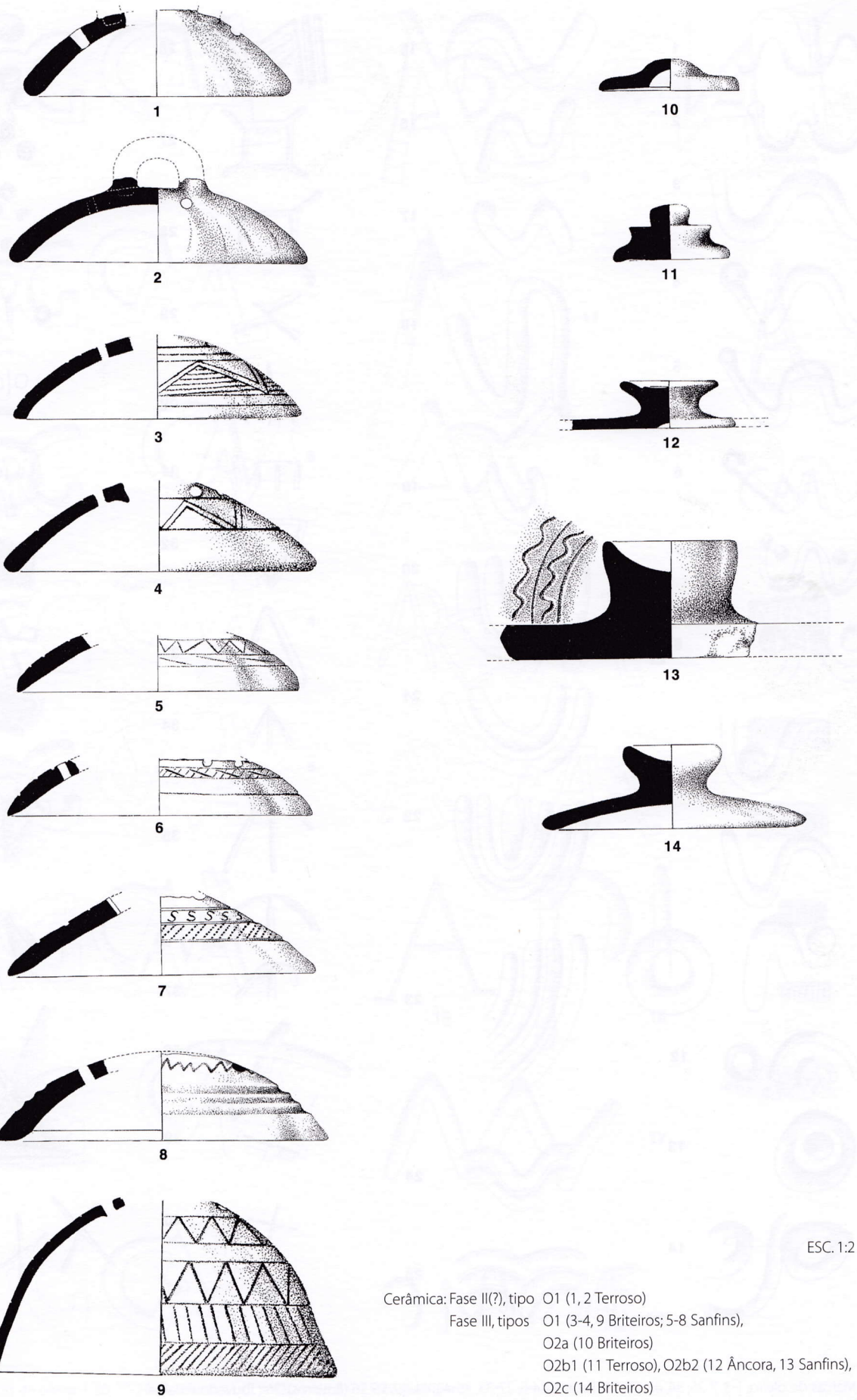


7

ESC. 1:2

Cerâmica: Fase II (?), tipo F2 (1 S. Julião)
Fase III, tipos F1 (2 Briteiros), L (3, 4 Bagunte; S. Briteiros), N (6 Âncora, 7 Sanfins)

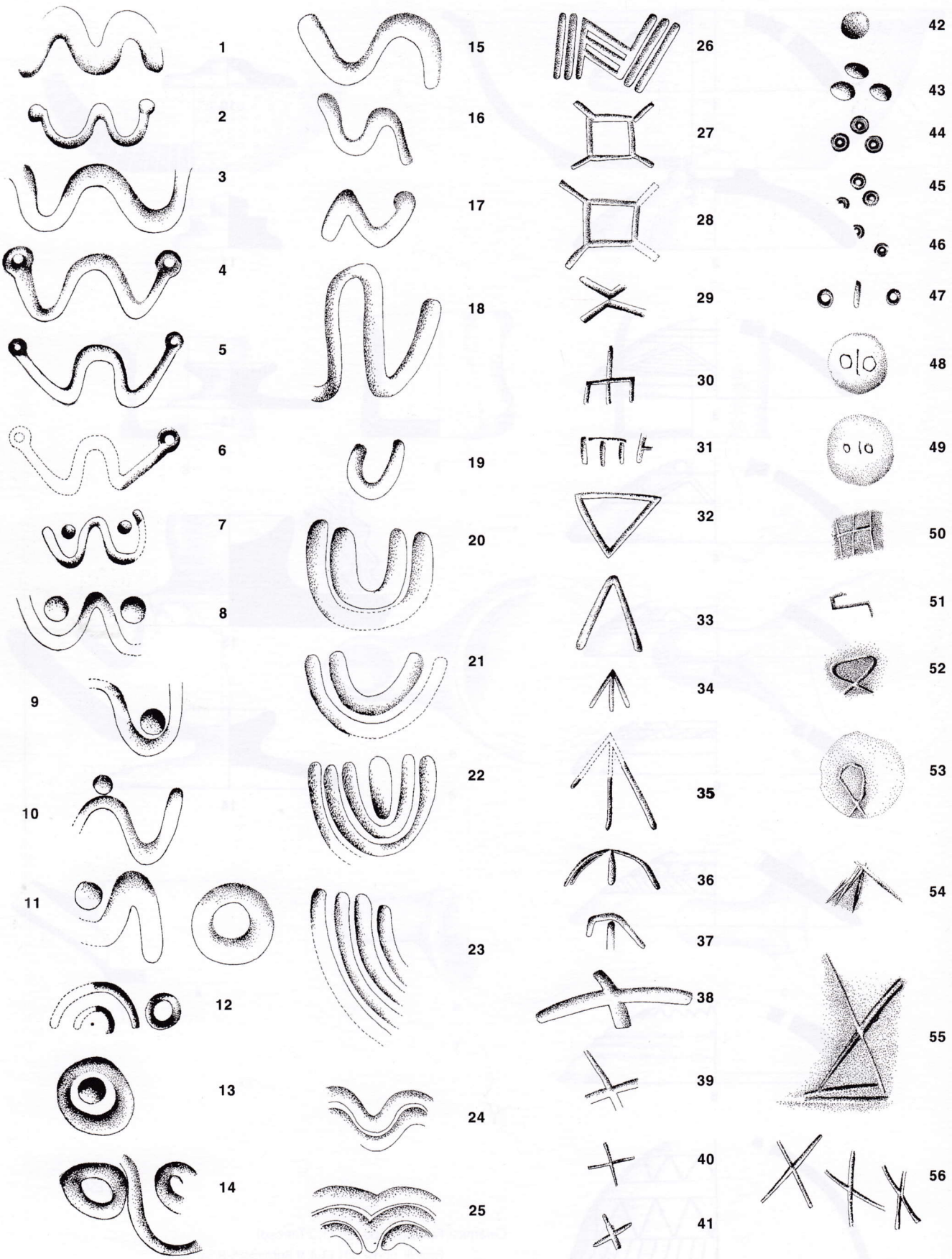
Est. LVIII



ESC. 1:2

Cerâmica: Fase II(?), tipo O1 (1, 2 Terroso)
Fase III, tipos O1 (3-4, 9 Briteiros; 5-8 Sanfins),
O2a (10 Briteiros)
O2b1 (11 Terroso), O2b2 (12 Âncora, 13 Sanfins),
O2c (14 Briteiros)

Est. LIX



Marcas de oleiro: 1-3, 7-25, 34, 43, 50-54 (Sanfins); 4-6, 27-33, 35-42, 44-49, 55-56 (Briteiros), 26 (Touvedo, P. Barca)

Est. LX

Marcas de oleiro: 1-20, 22-24 (Briteitos), 21 (S. Julião, V. Verde), 25-27 (Sanfins)

Quadro Decorativo

TÉCNICA DECORATIVA

A1	(1-7)	– grafitado
A2	(8-365)	– incisão
B1	(366-371)	– pontilhado
B2	(372-389)	– pontilhado + incisão
C	(390-759)	– estampagem simples ou associada a incisão
D1	(760-763)	– relevo
D2	(764-802)	– relevo + incisão
D3	(803-866)	– relevo + estampagem simples ou associada a incisão
D4	(867-920)	– incisão ou estampagem sobre relevo

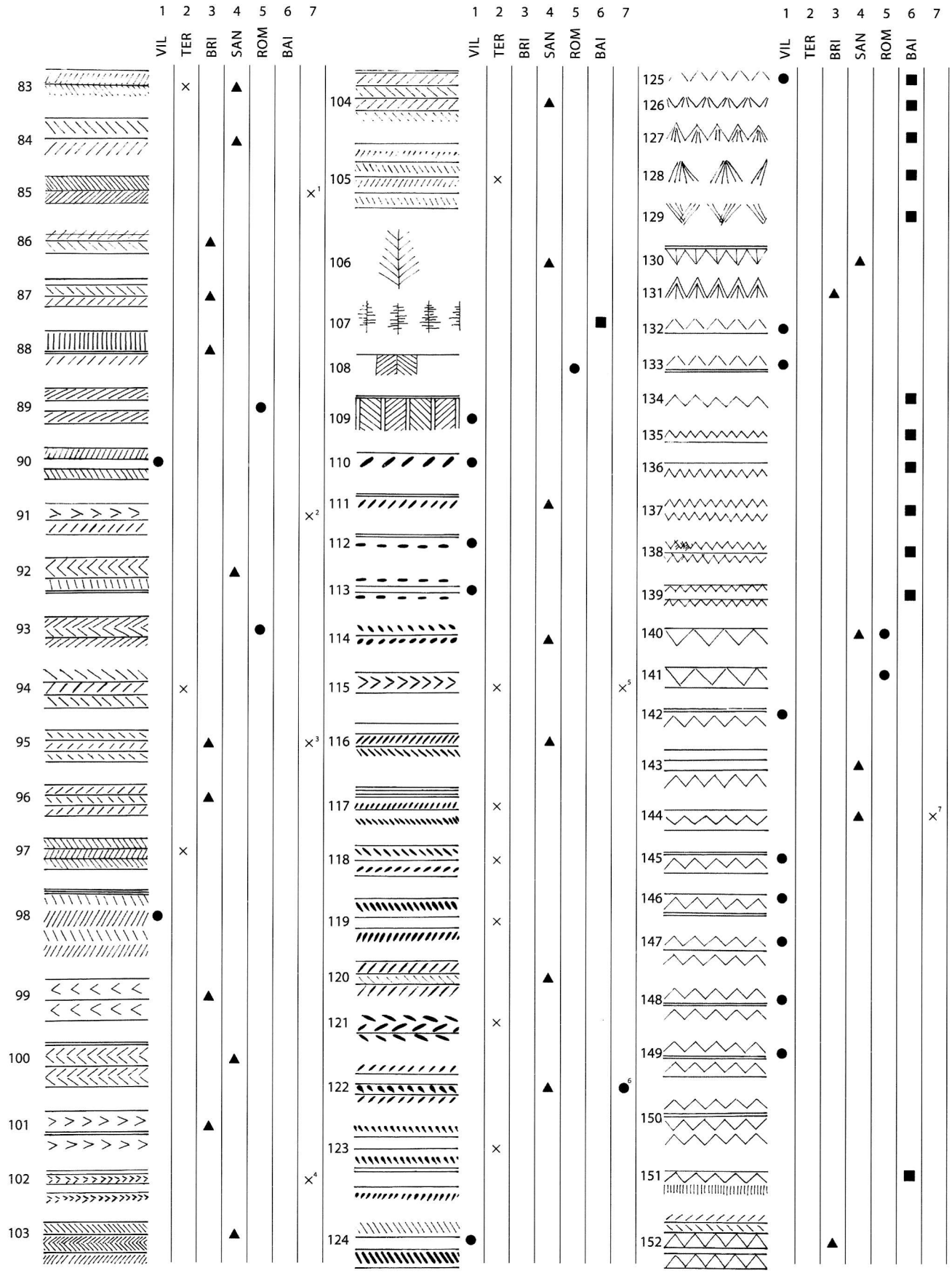
FASES CRONOLÓGICAS

- ■ Fase I
- ● Fase II
- ▲ Fase III
- × Fase não determinada (II /III)

ESTAÇÕES

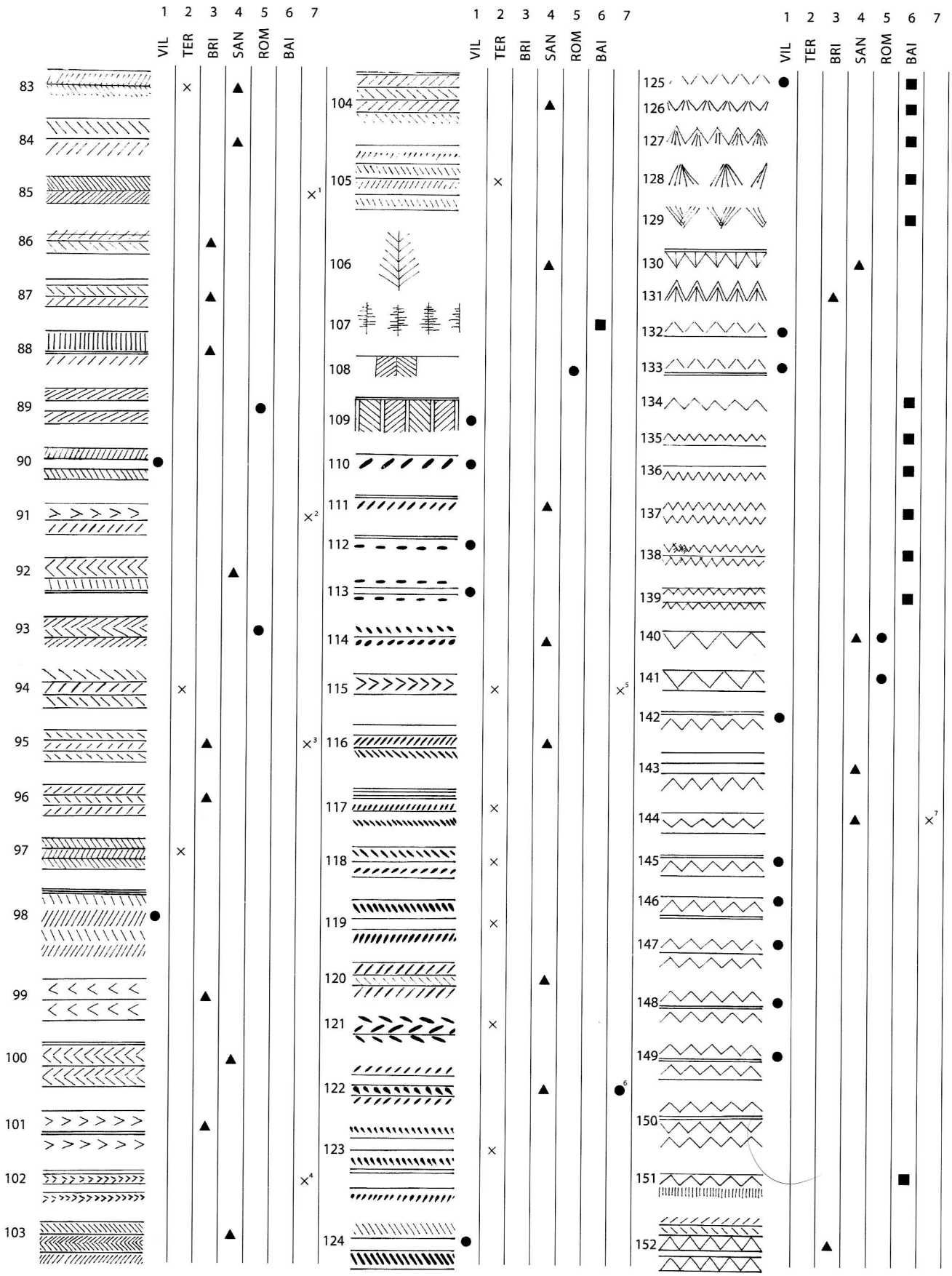
1 –	VIL	– Castro do Coto da Pena, Vilarelho, Caminha
2 –	TER	– Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim
3 –	BRI	– Citânia de Briteiros, Guimarães
4 –	SAN	– Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira
5 –	ROM	– Castro de Romariz, Santa Maria da Feira
6 –	BAI	– Castro da Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul
7 –		– Estações diversas

Est. LXII



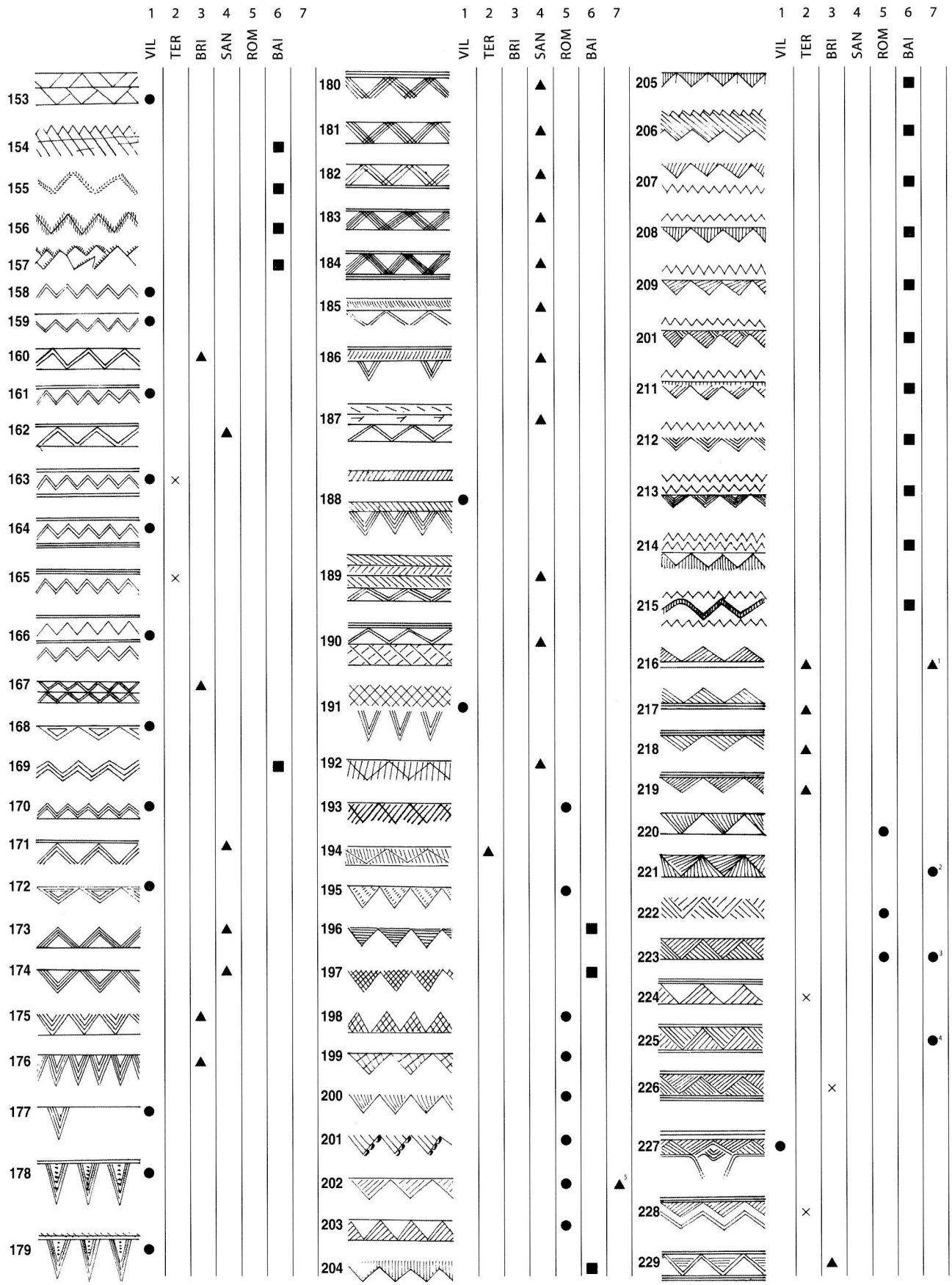
1, 2 – C. Máximo; 3 – Padrão; 4 – C. Máximo; 5, 6 – Padrão; 7 – S. Julião

Est. LXII



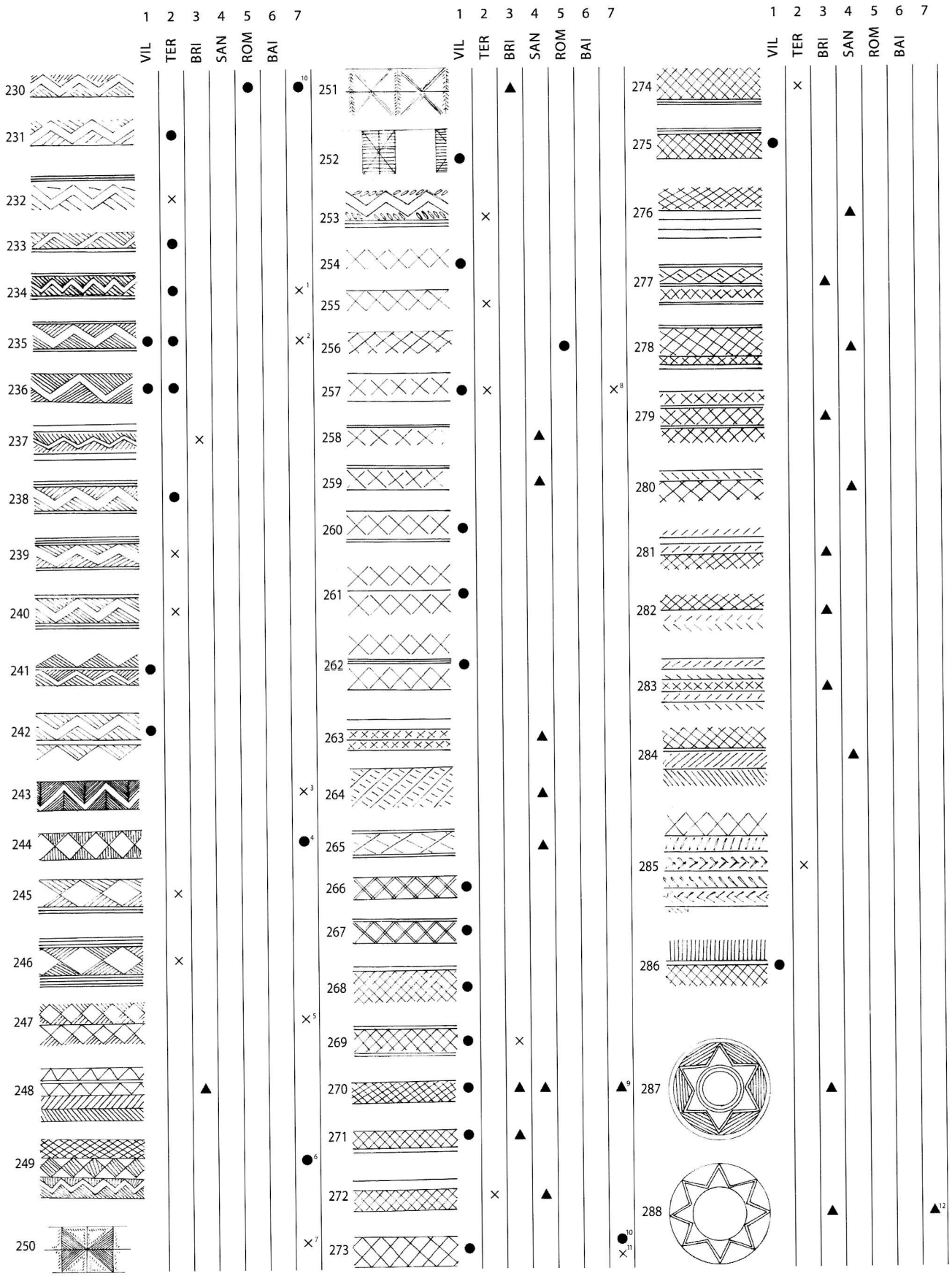
1, 2 – C. Máximo; 3 – Padrão; 4 – C. Máximo; 5, 6 – Padrão; 7 – S. Julião

Est. LXIII



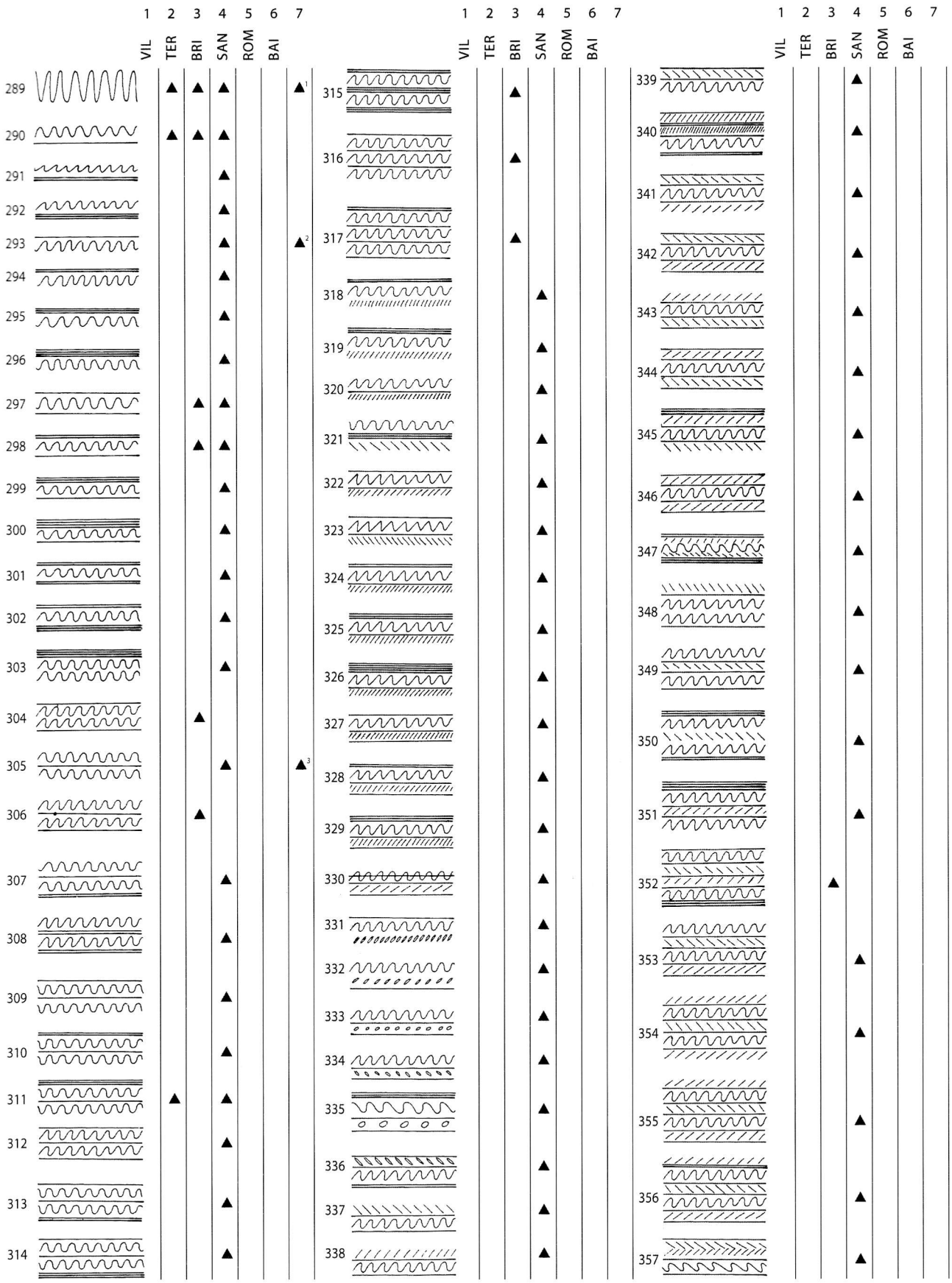
1 – Sabroso; 2 – Facha; 3 – Madalena, Facha; 4 – Sabroso

Est. LXIV



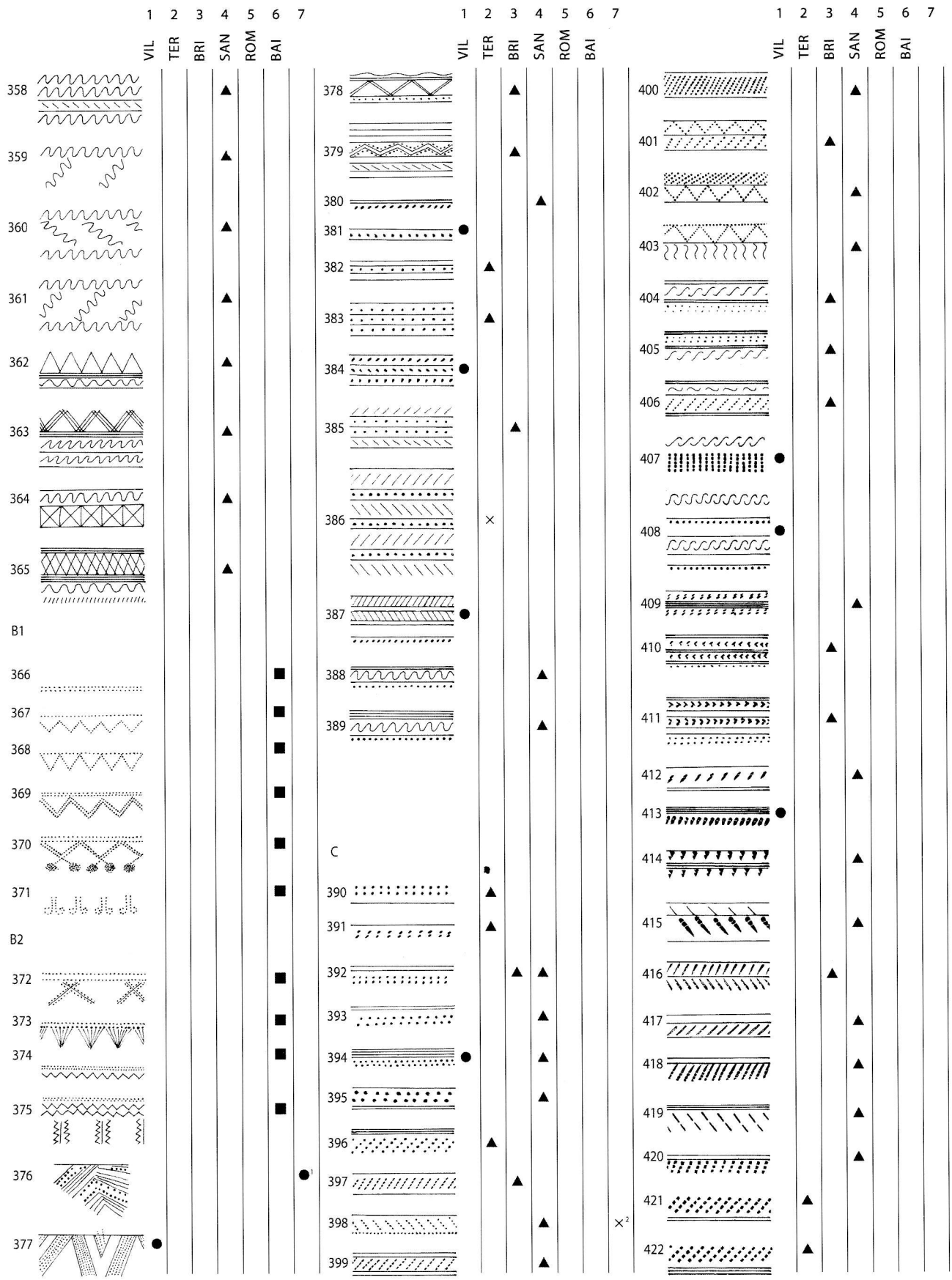
1 - Sabroso, Padrão; 2, 3 – C. Máximo; 4 – Facha; 5 – Padrão; 6 – Facha;
7 – Castelo de Faria; 8 – C. Máximo; 9 – Facha; 10 – S. Julião; 11 – Barbudo; 12 – Lago

Est. LXV



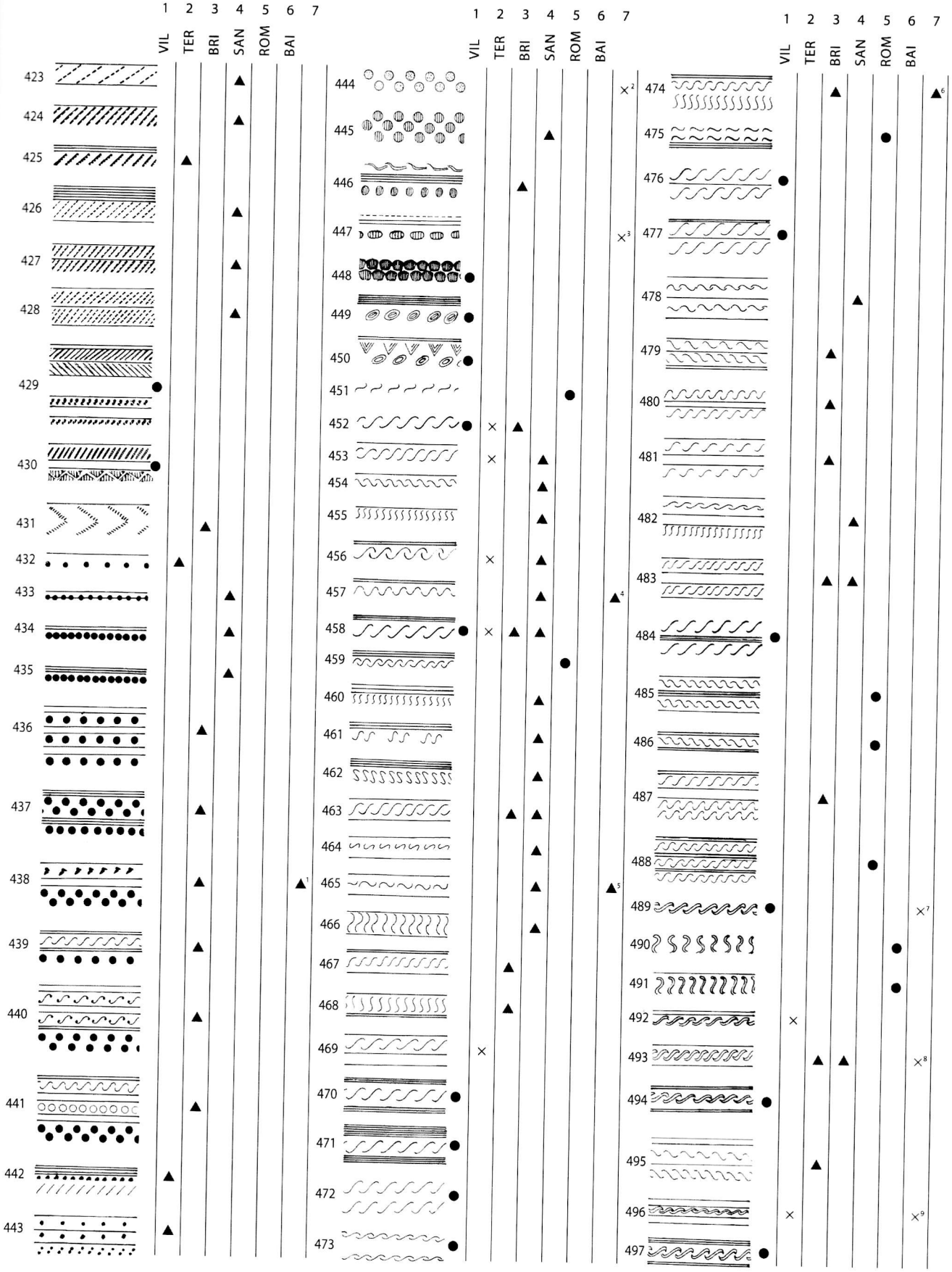
1, 2, 3 – Mozinho

Est. LXVI



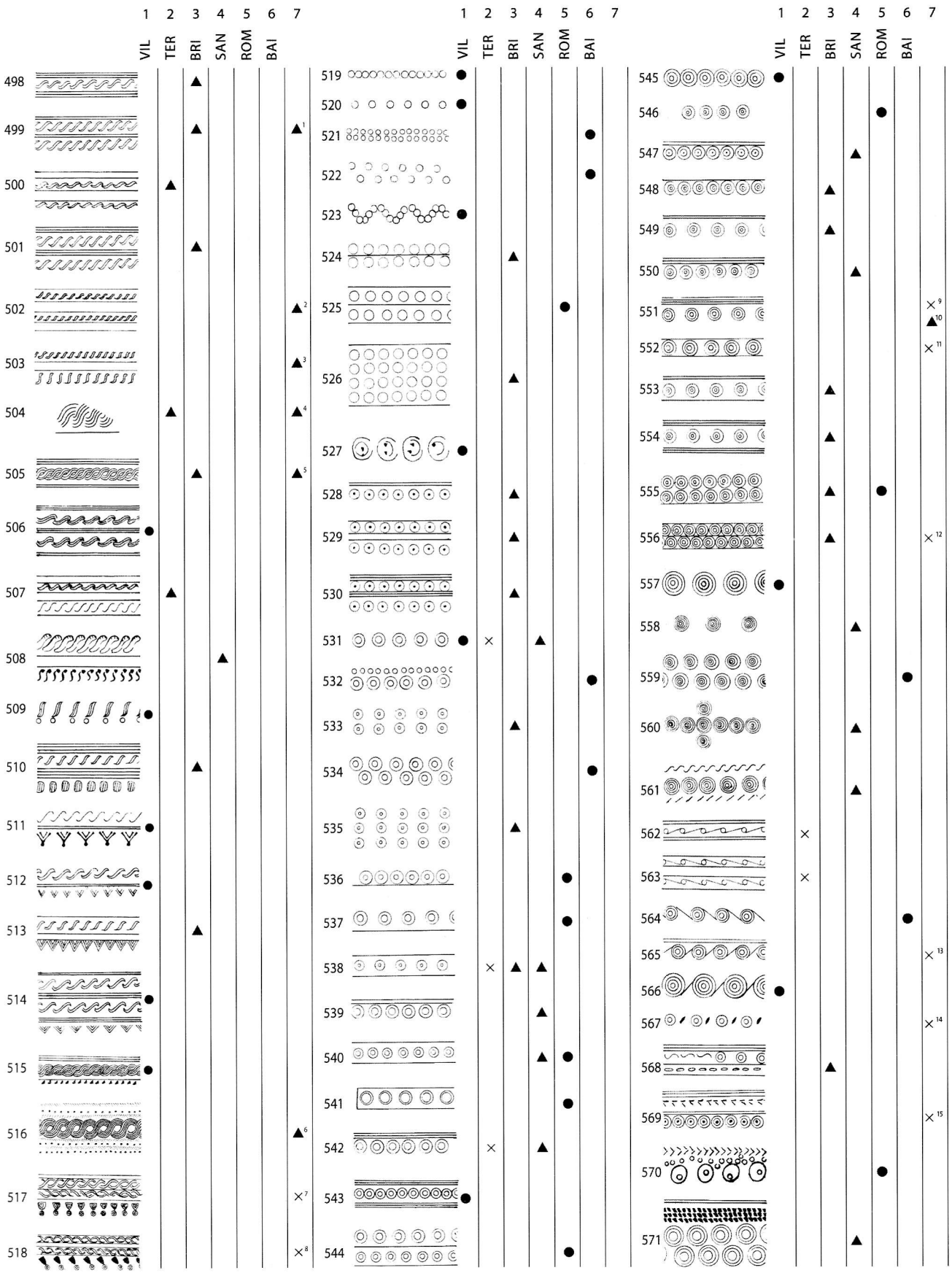
1 – Facha; 2 – C. Máximo

Est. LXVII



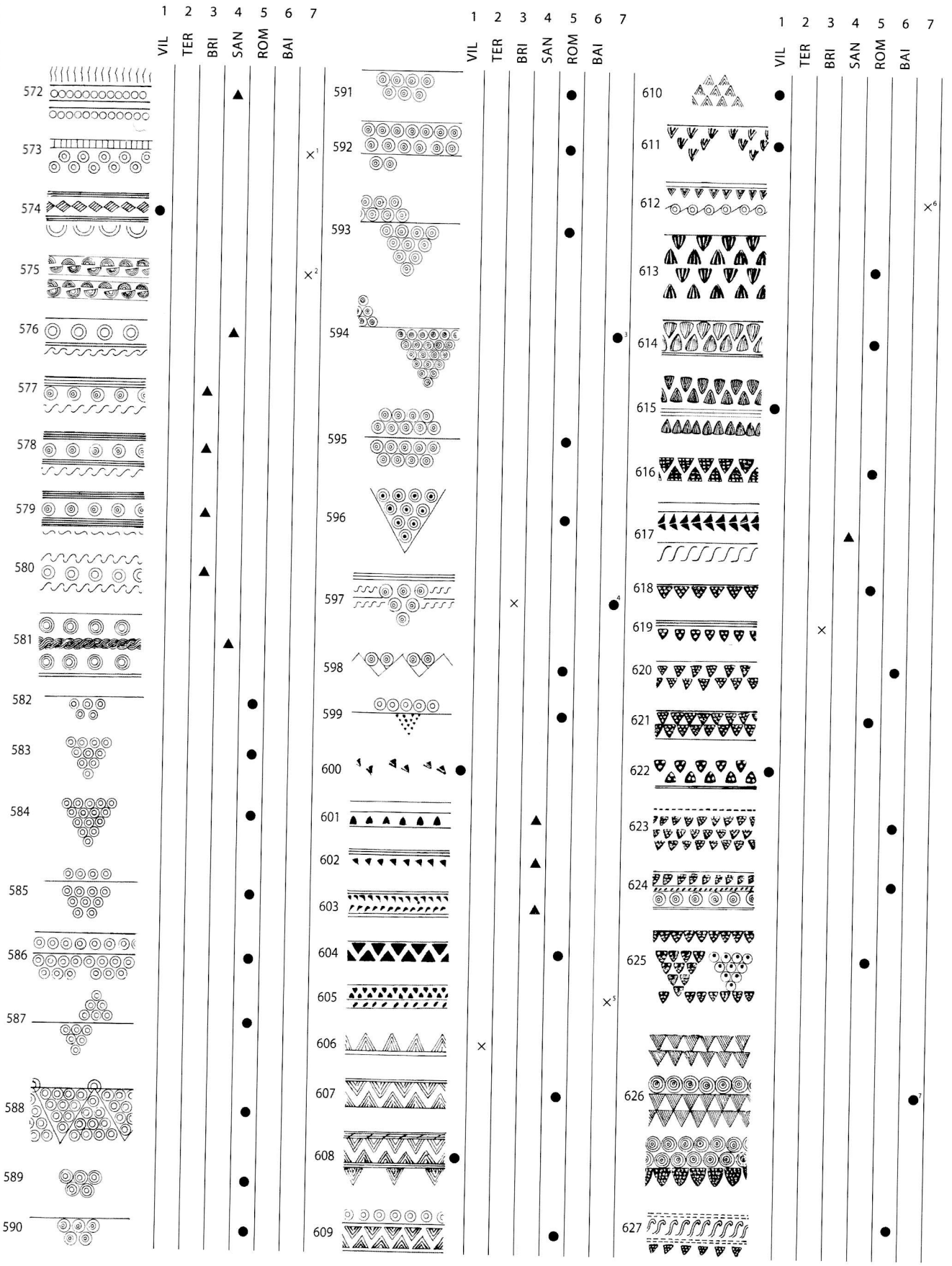
1 – S. Lourenço; 2, 3 – C. Máximo; 4 – Mozinho; 5 – Lago; 6 – Barbudo; 7 – C. Máximo; 8, 9 – Sabroso

Est. LXVIII



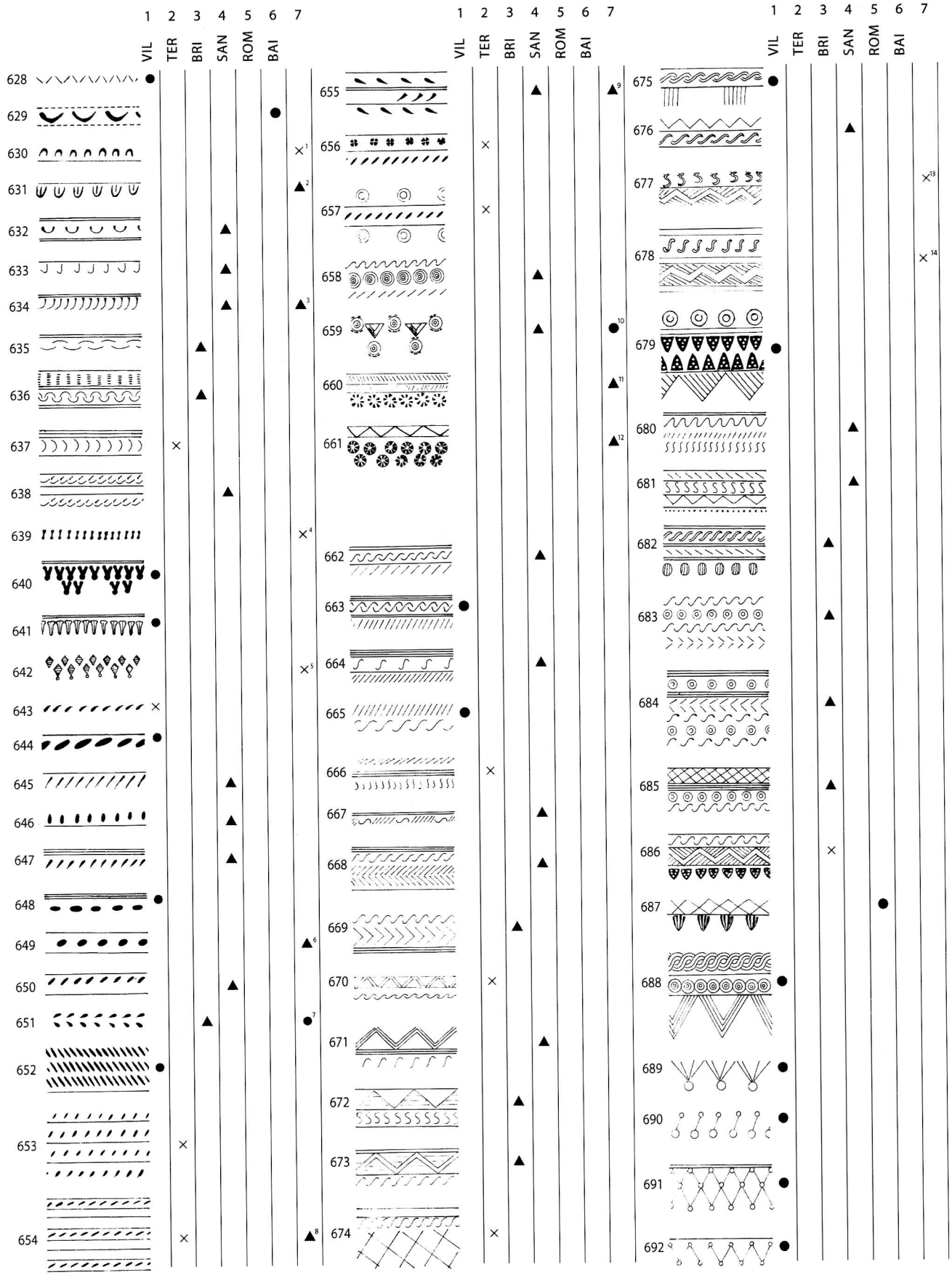
1 – Sabroso; 2 – Sabroso, C. Máximo; 3 – C. Máximo; 4 – Cidadelhe; 5 – Sabroso; 6 – Afife;
7, 8, 9 – C. Máximo; 10 – Barbudo, S. Lourenço; 11 – C. Máximo; 12, 13 – C. Máximo, Padrão; 14, 15 – C. Máximo

Est. LXIX



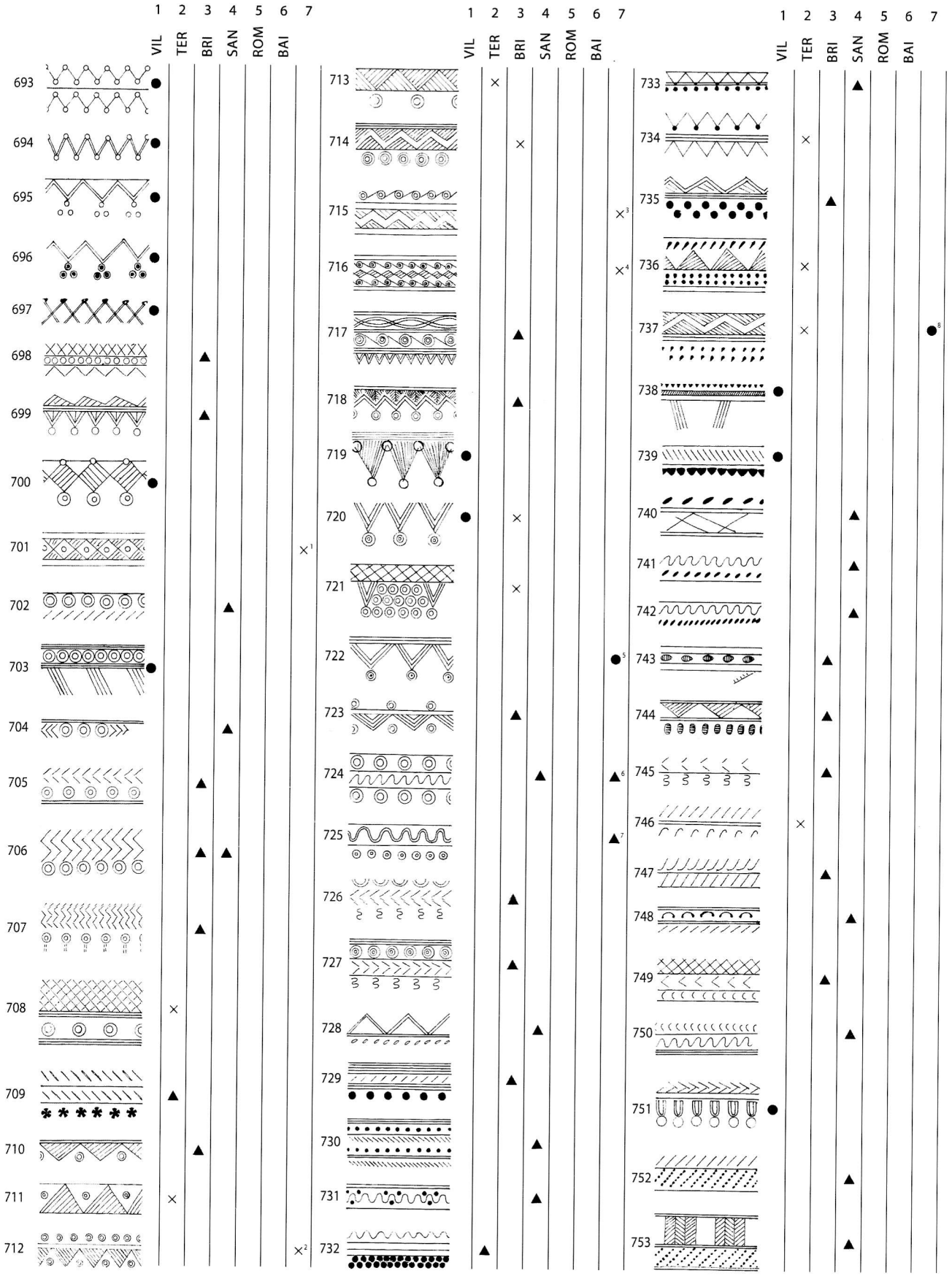
1 – Padrão; 2 – Sabroso; 3 – Facha; 4 – Pastoria; 5, 6 – C. Máximo; 7 – Sendim

Est. LXX



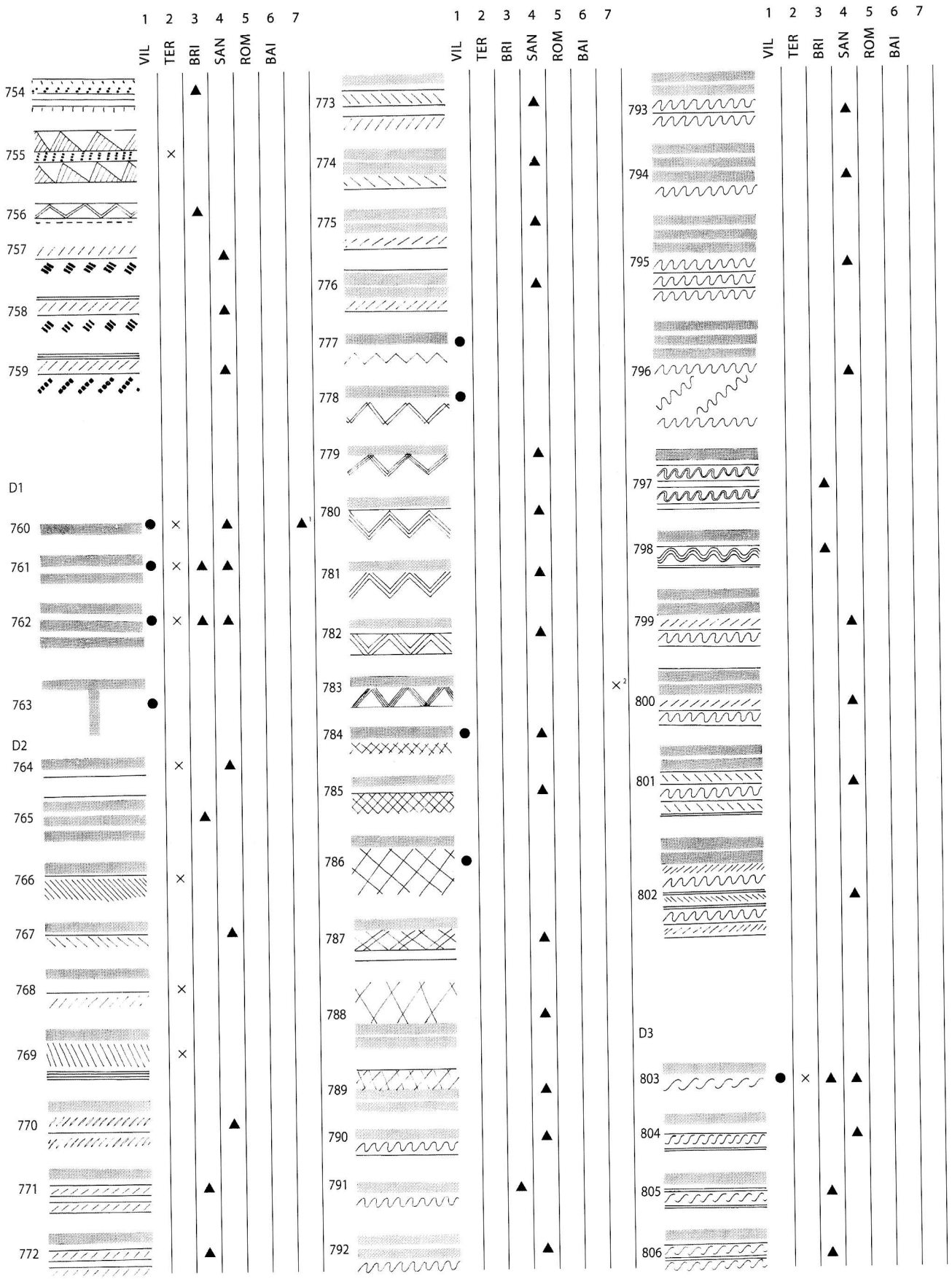
1 – C. Máximo; 2 – S. Ovídio; 3 - Mozinho; 4, 5 – C. Máximo; 6 – Facha;
7 – S. Julião; 8, 9 – S. Lourenço; 10 – S. Julião; 11 – Âncora; 12, 13, 14 – Sabroso.

Est. LXXI



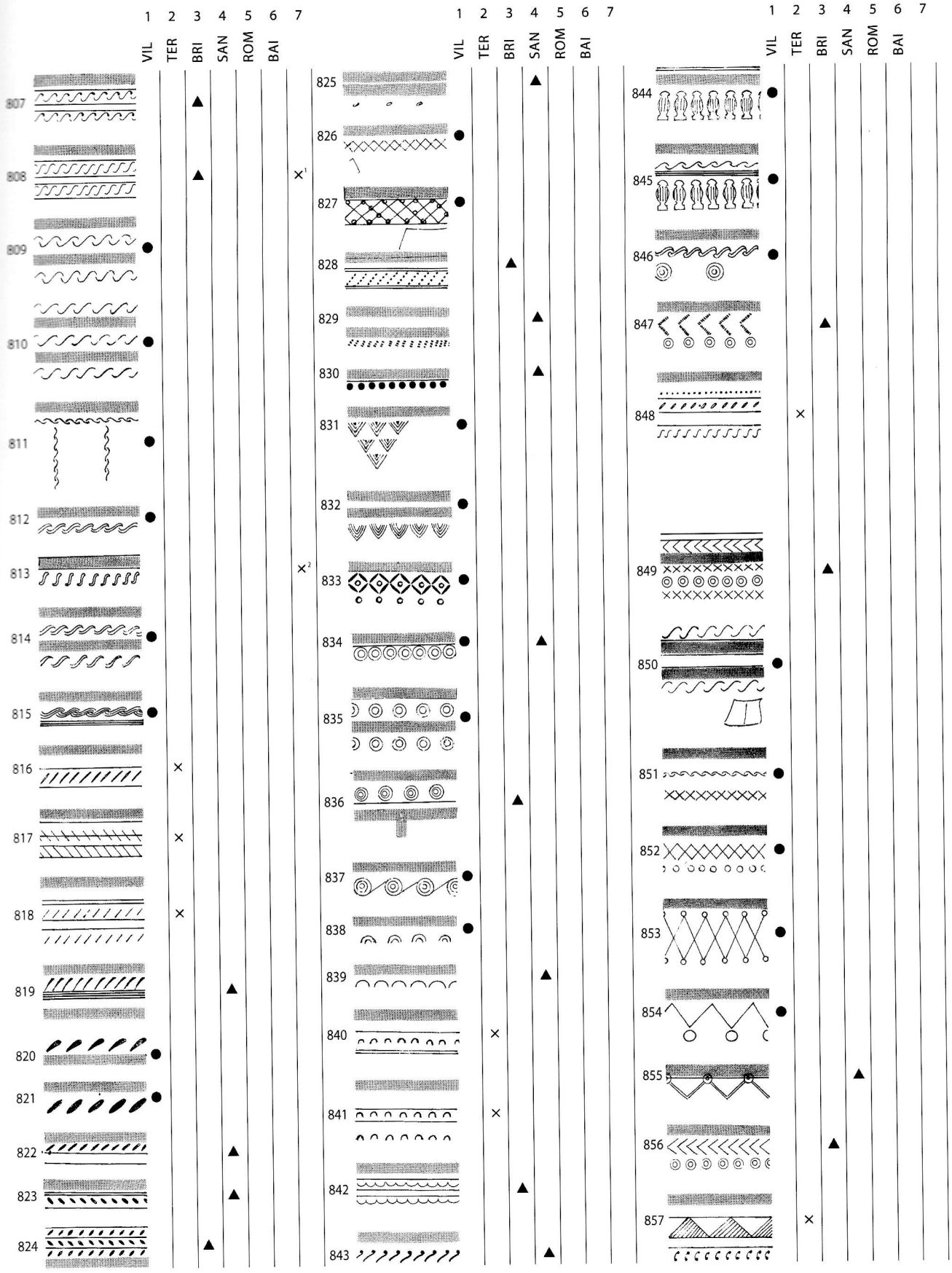
1, 2, 3, 4 – Sabroso; 5 – Padrão, S. Lourenço; 6 - Padrão; 7 – Sabroso; 8 – S. Lourenço

Est. LXXII



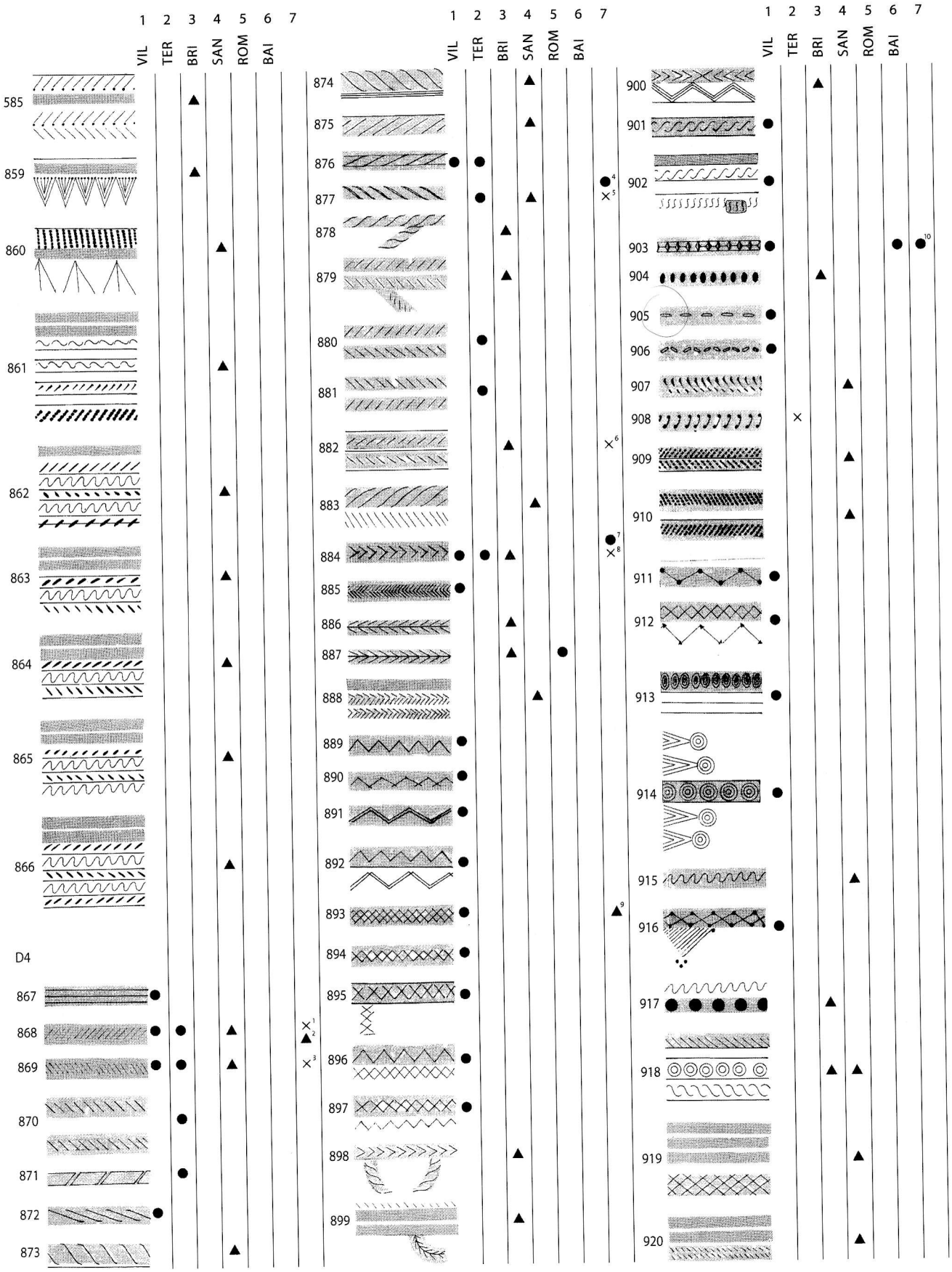
1 – Âncora; 2 – Padrão

Est. LXXIII



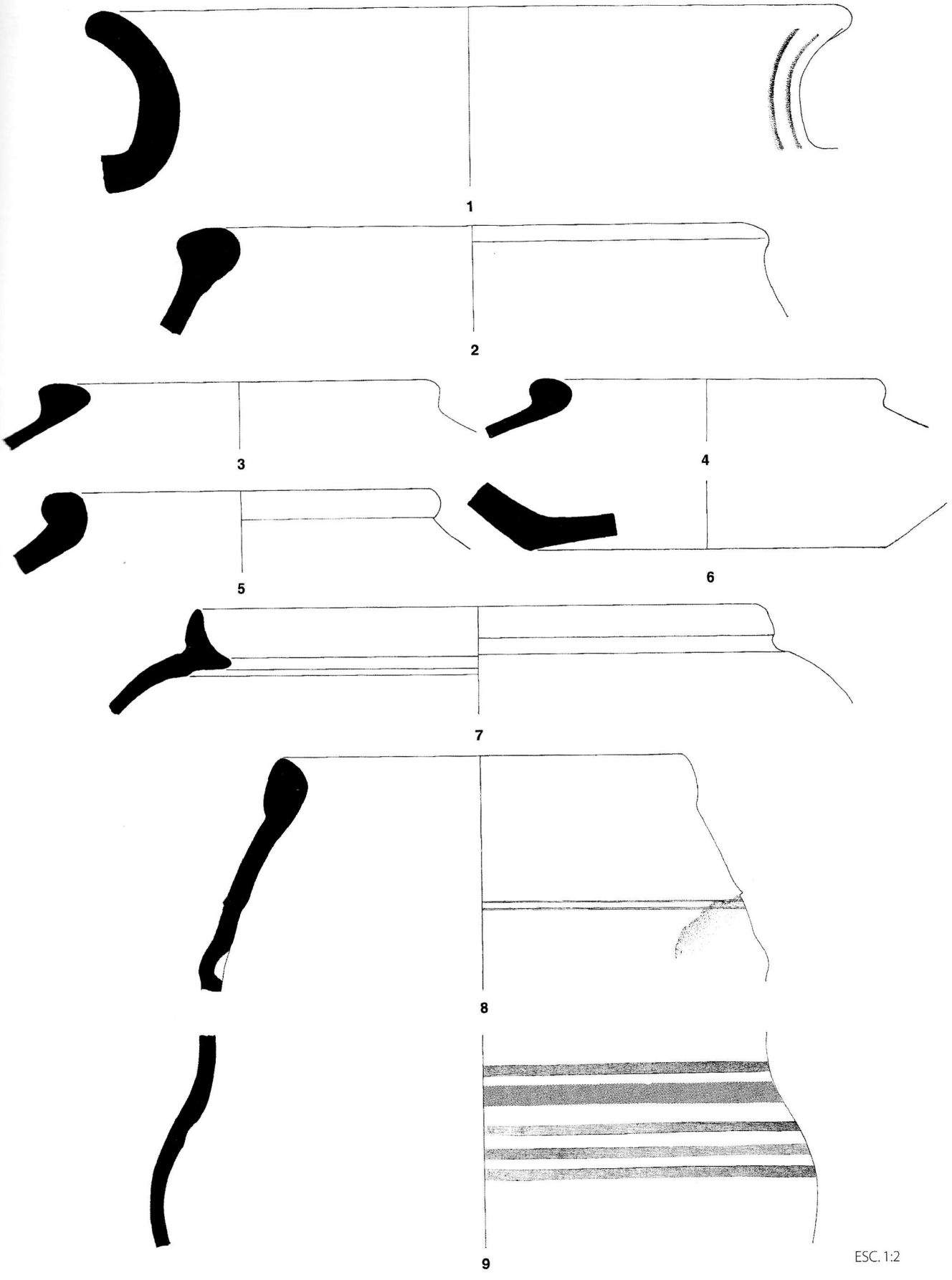
1, 2 – C. Máximo

Est. LXXIV



1 – C. Máximo; 2 – Barbudo; 3 – C. Máximo; 4 – Sabroso; 5 – Padrão, C. Máximo; 6 – C. Máximo; 7 – Facha; 8 – C. Máximo; 9 – Barbudo; 10 – Facha (2 filas).

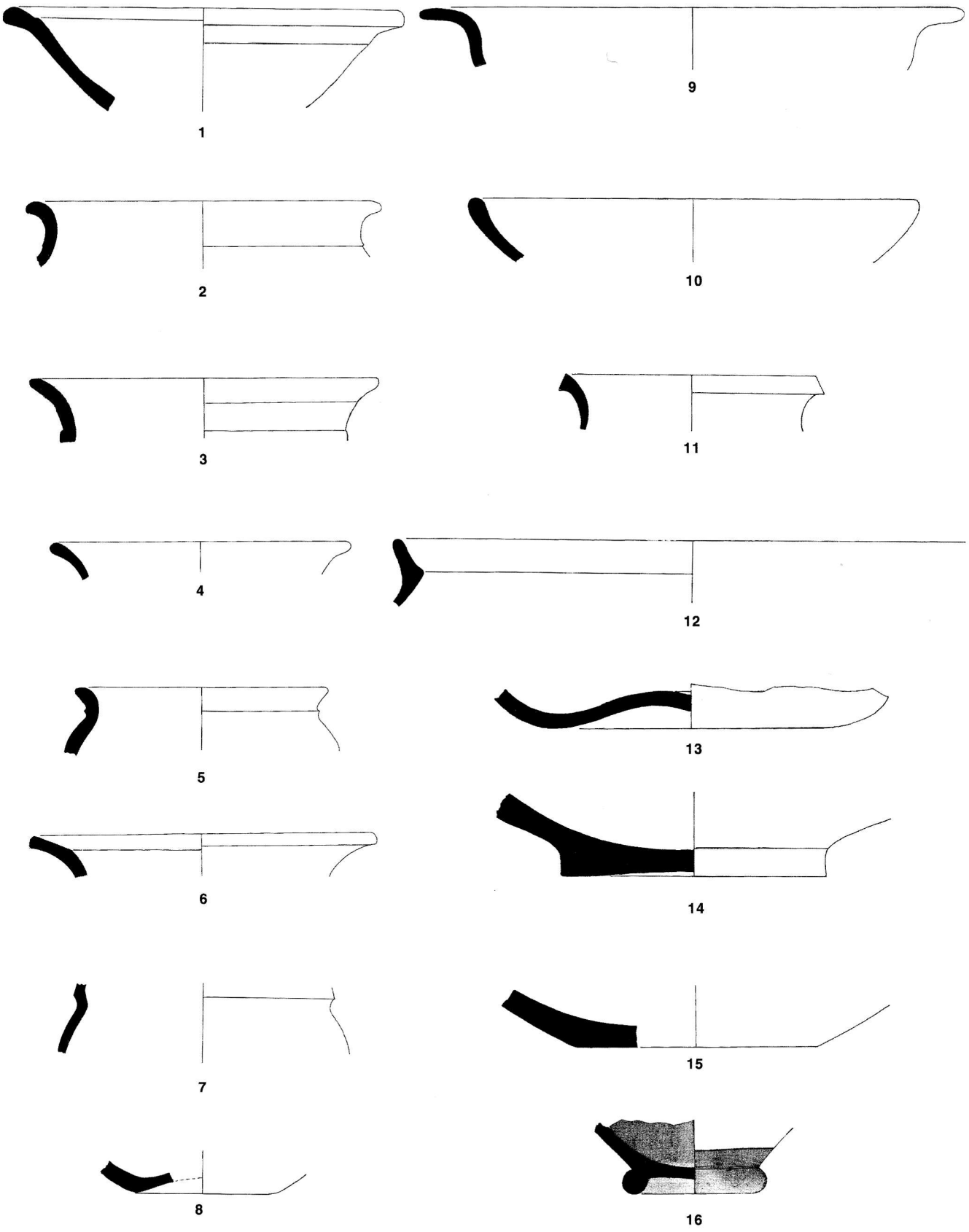
Est. LXXV



ESC. 1:2

Cerâmica de importação mediterrânica: Fase II A, de tradição púnica (1-6 Romariz; 7-9 Coto da Pena)

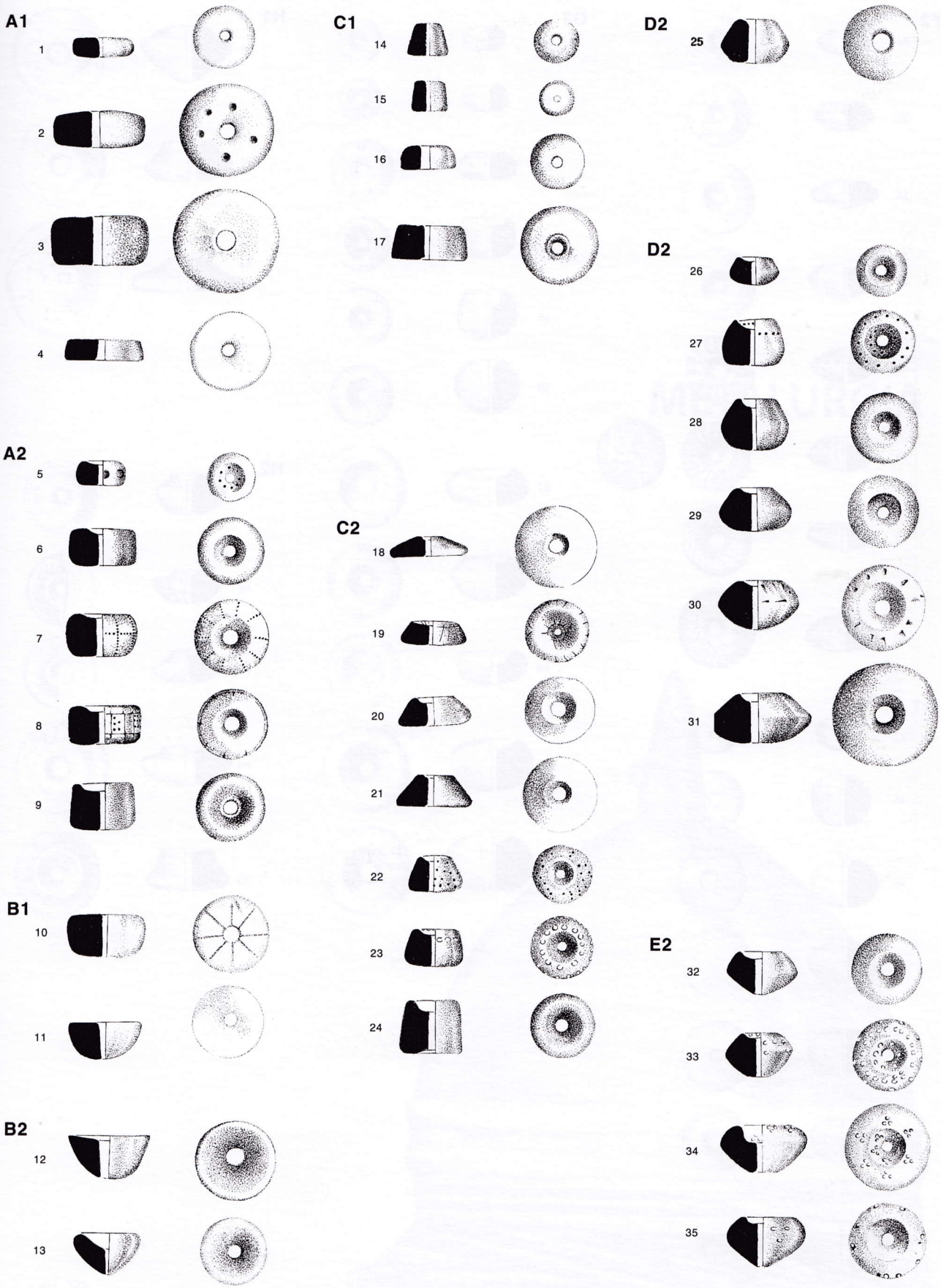
Est. LXXVI



ESC. 1:2

Cerâmica de importação mediterrânica: Fase II A, de tradição púnica 1-8 Romariz; 9-10, 12-15, Coto da Pena; 11 Terroso), pré-campaniense (16 Coto da Pena)

Est. LXXVII

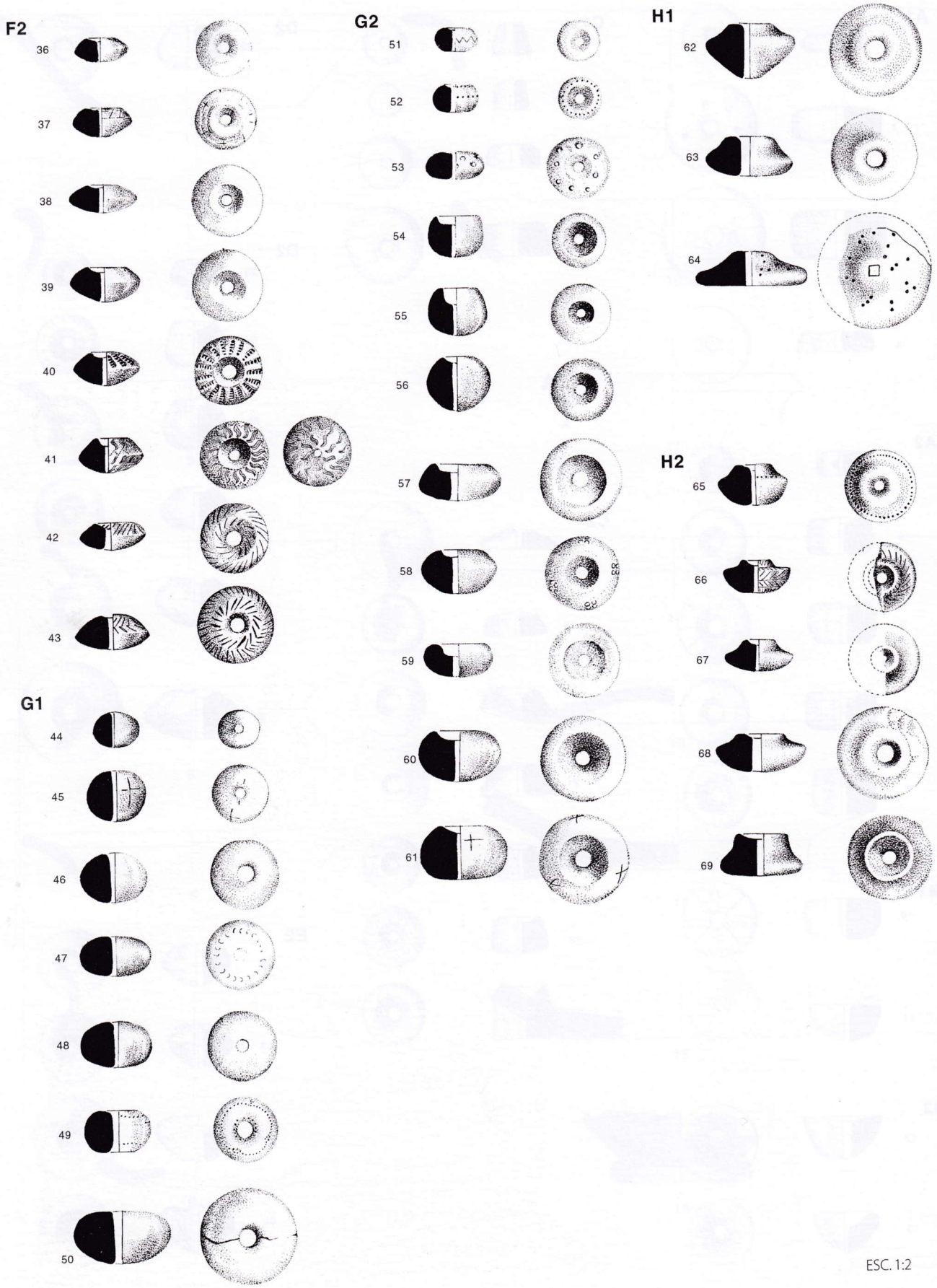


ESC. 1:2

Cossoiros: Fase II (1, 10-13 Romariz)
Fase III (2-9, 14-35 Sanfins)

FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS
BIBLIOTECA

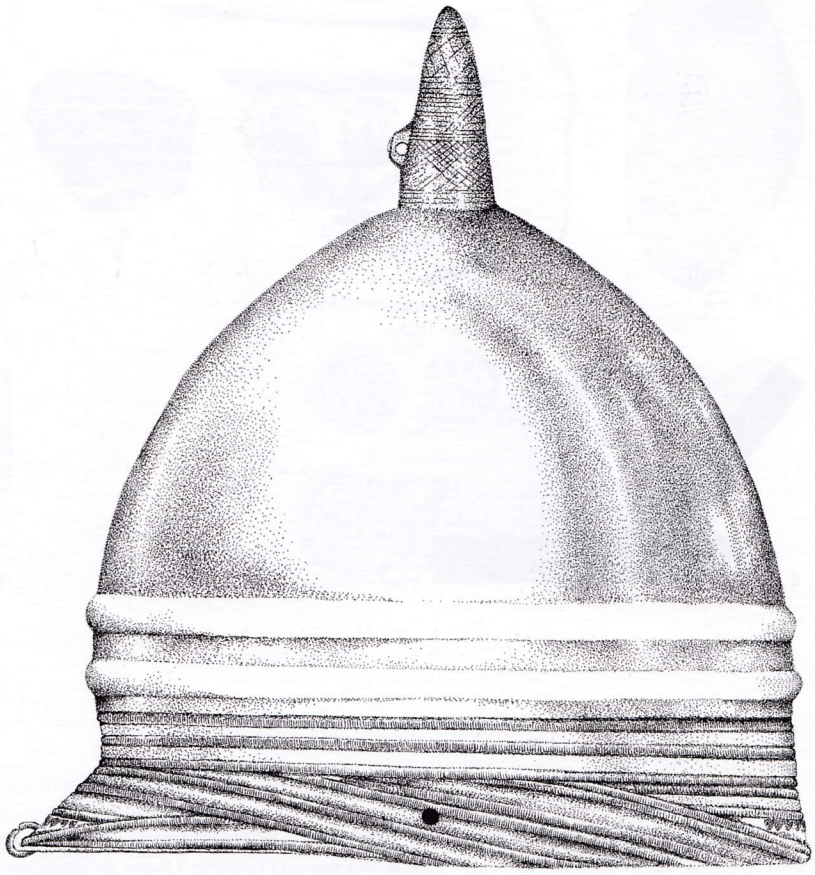
Est. LXXVIII



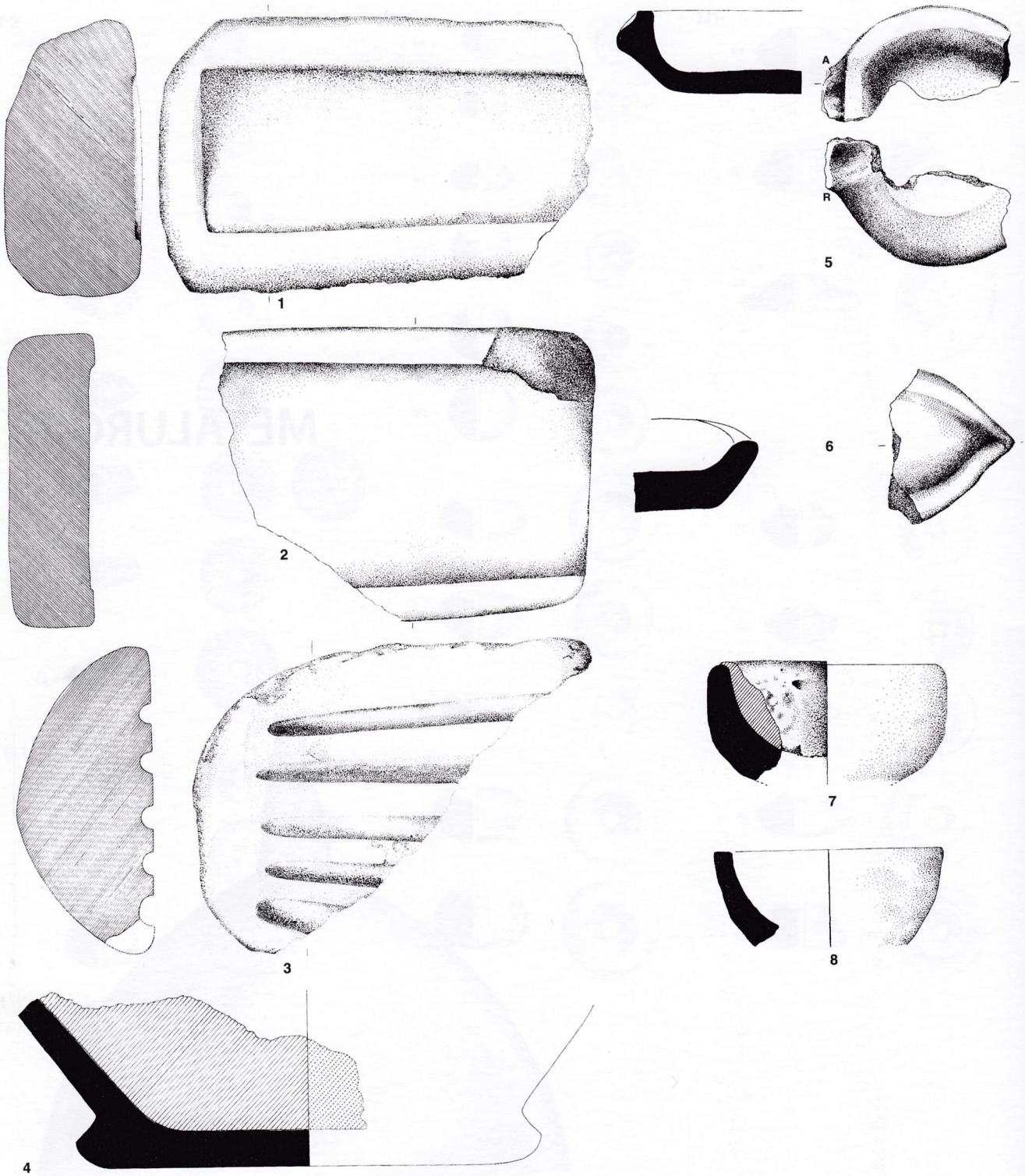
ESC. 1:2

Cossoiros: Fase II (50 Romariz)
Fase III (36-49, 51-69 Sanfins)

METALURGIA



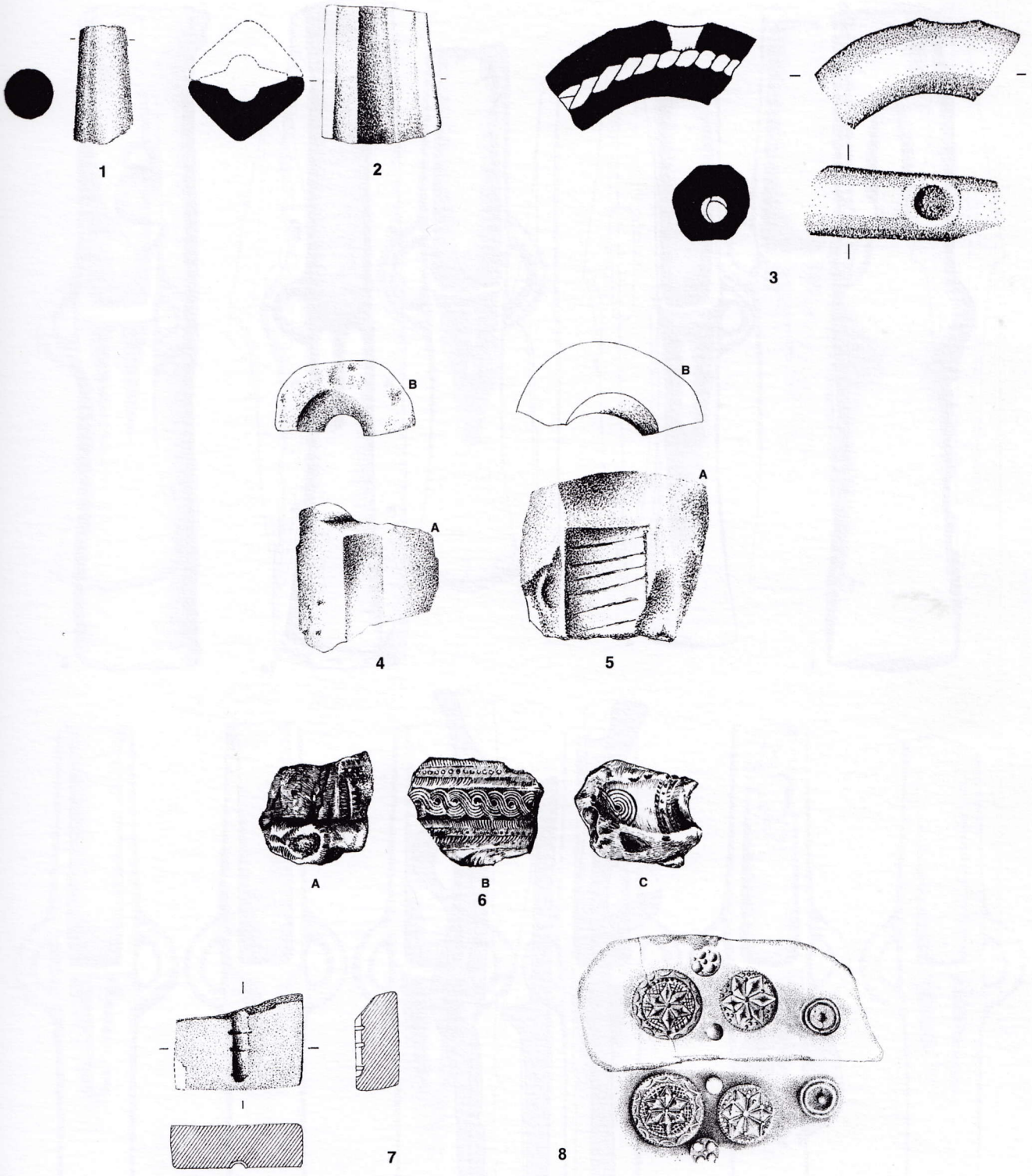
Est. LXXIX



ESC. 1:3 (1-4)
ESC. 1:2 (5-8)

Metalurgia: Utensílios de fundição – Fase II, cadinhos (7, 8 Coto da Pena)
Fase III, lingoteiras (1 Romariz, 2 Facha, 3 Capelo Vermelho)
dolium com ferro (4 Romariz)
cadinhos (5 Sanfins, 6 Terroso),

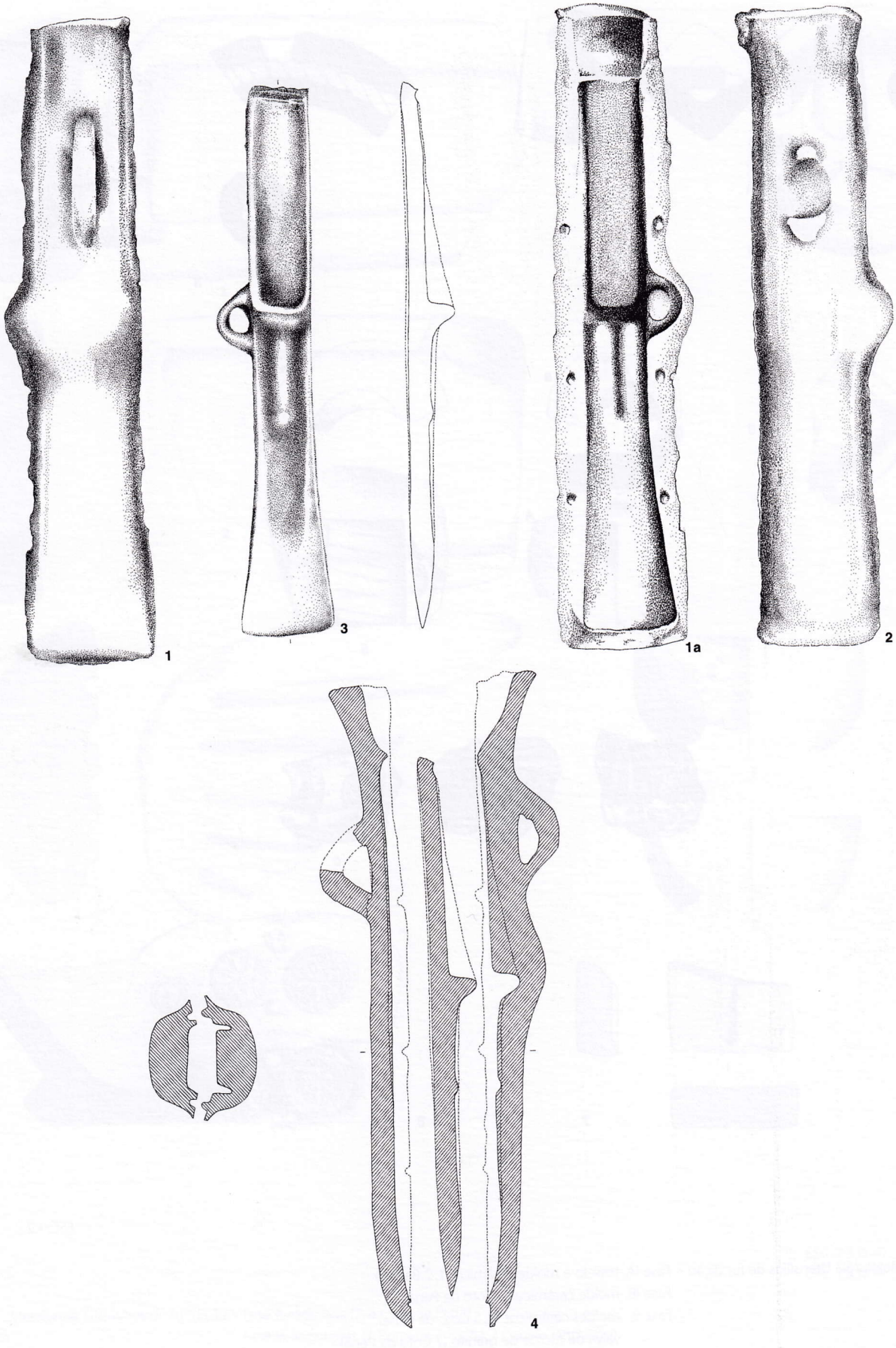
Est. LXXX



ESC. 1:2

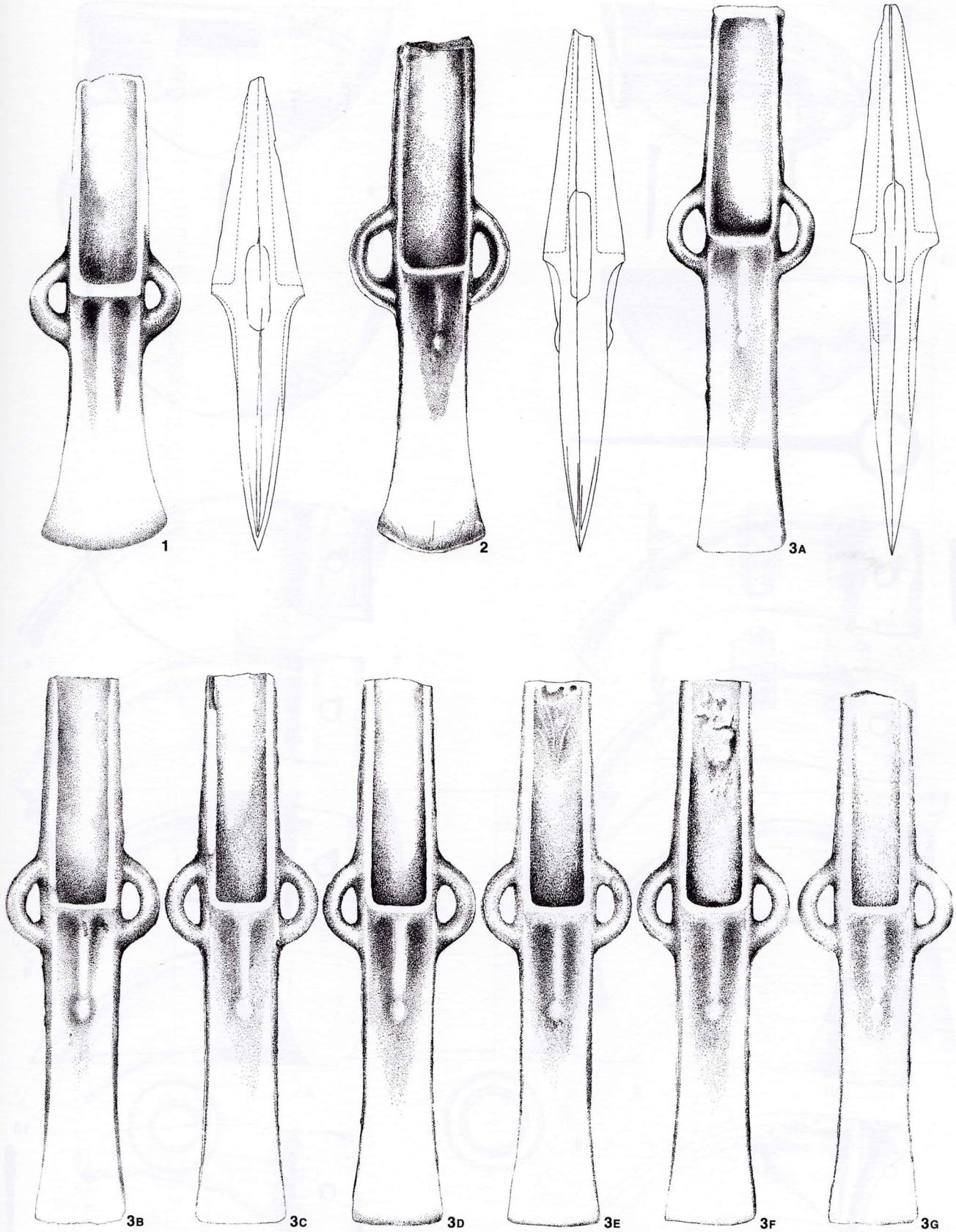
Metalurgia Utensílios de fundição – Fase IA, tesselo e molde cerâmico (1, 2 Baiões)
Fase IB, molde cerâmico (3 Coto da Pena)
Fase II, moldes cerâmicos (4, 5 Coto da Pena)
valva de molde de granito (7 Coto da Pena)
Fase III, molde cerâmico de sítulas (6 Afife)
molde de xisto (8 Montemuro)

Est. LXXXI



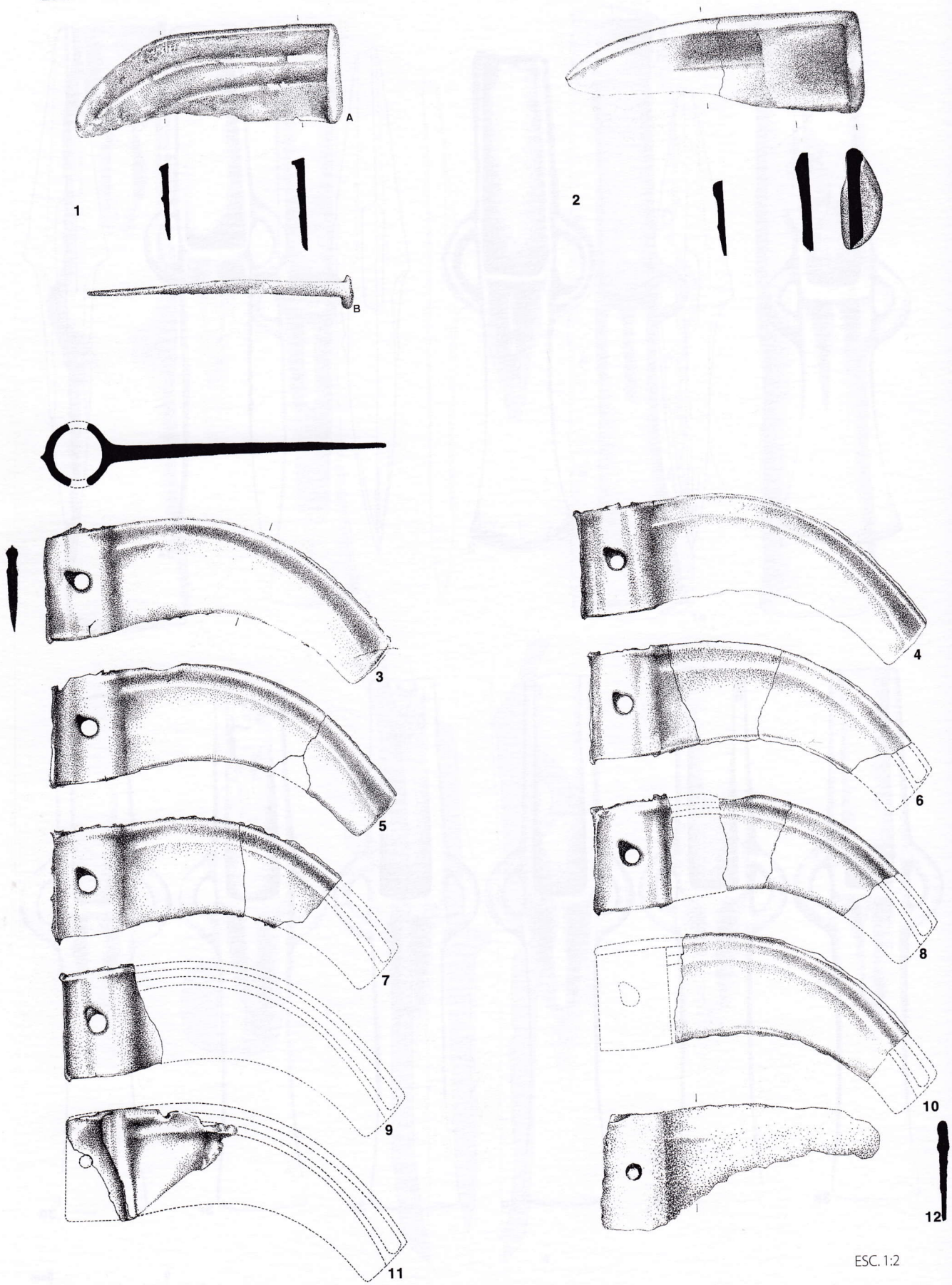
Metalurgia do bronze: Fase IA, molde bivalve e machado de talão tipo monteagudo 36A (Baiões – BAI 83)

Est. LXXXII



Metalurgia do bronze: Fase IA, machados de talão tipo Monteagudo 35A (Baiões – BAI 83)

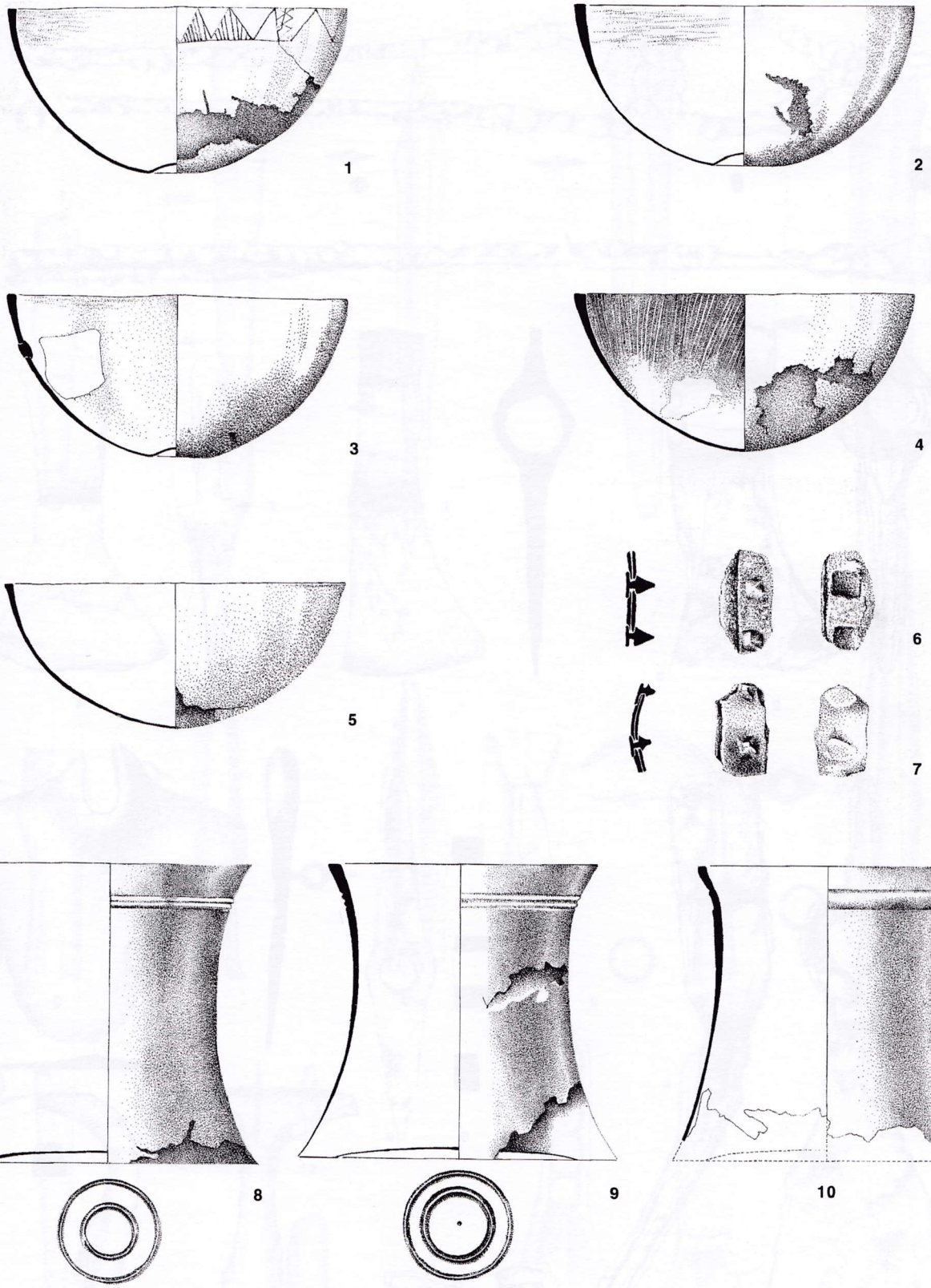
Est. LXXXIII



ESC. 1:2

Metalurgia do bronze: Fase IA, foicinhas de talão (1 Coto da Pena, 2 Figueiredo das Donas)
foicinhas de alvado (3-11 BAI 83, 12 Santa Luzia, Viseu)

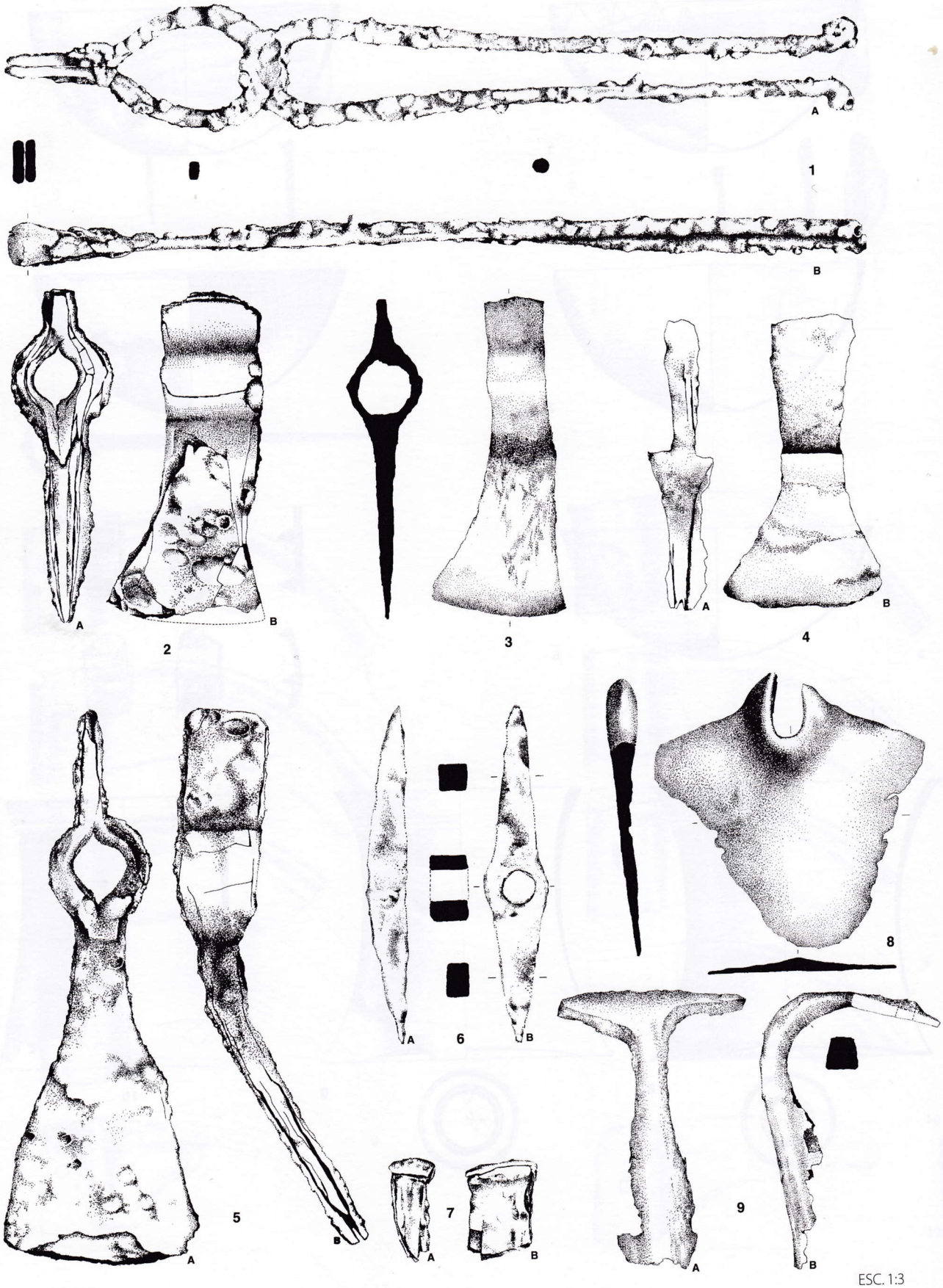
Est. LXXXIV



ESC. 1:2

Metalurgia do bronze: Fase IA, taças (1-5 Baiões – BAI 83), caldeiro com rebites (6-7 Coto da Pena)
Fase III, taças (8-10 Castelo de Neiva)

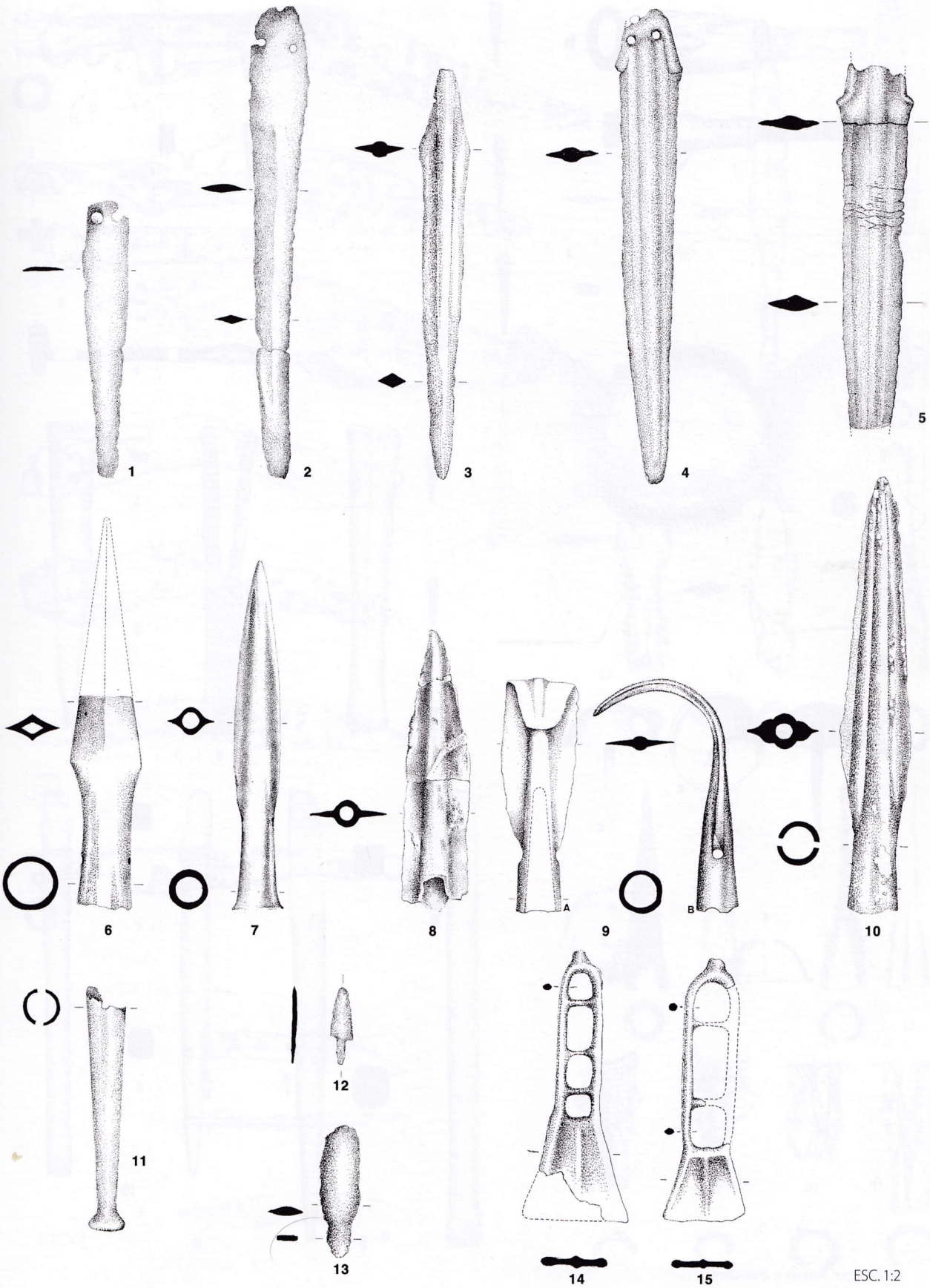
Est. LXXXV



ESC. 1:3

Metalurgia: Fase III, utensílios de ferro – tenaz (1 Sanfins), machados (2 Sanfins; 3 Briteiros; 4 Castelo de Neiva), alvião (5 Sanfins), pico (6 Romariz), guilho (7 Sanfins), enxada (8 Sabroso), sacho (9 Briteiros)

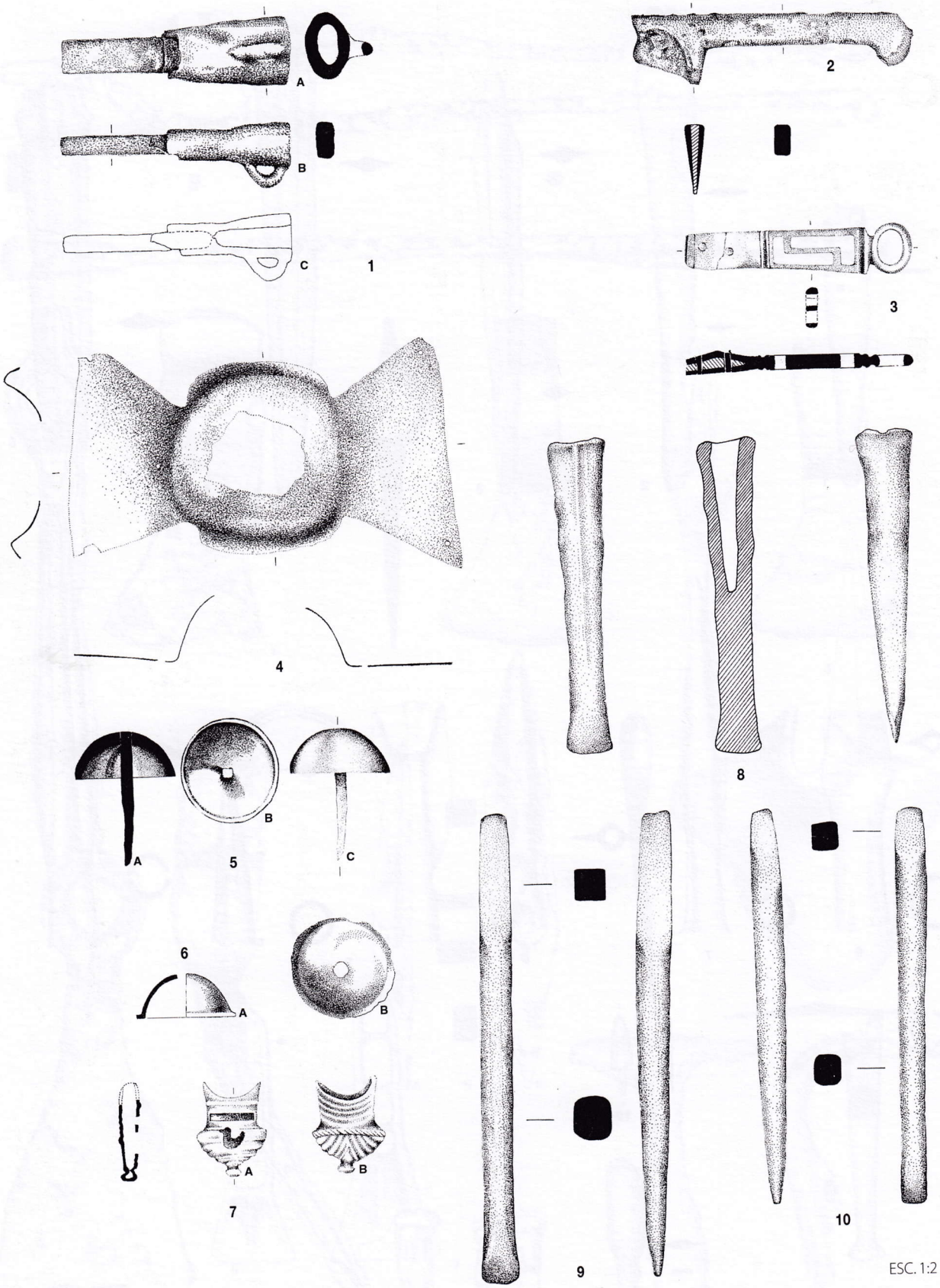
Est. LXXXVI



ESC. 1:2

Metalurgia do bronze: Fase IA, armas de bronze – punhais (1 Baiões; 2 Figueiredo das Donas; 3 Mire de Tibães; 4, 5 V. C. Perrinho), pontas de lança (6 S. Julião, 7-10 Baiões (9 BAI 83), conto de lança (11 Baiões), pontas de seta (12, 13 Baiões), tranchets (14-15 Baiões)

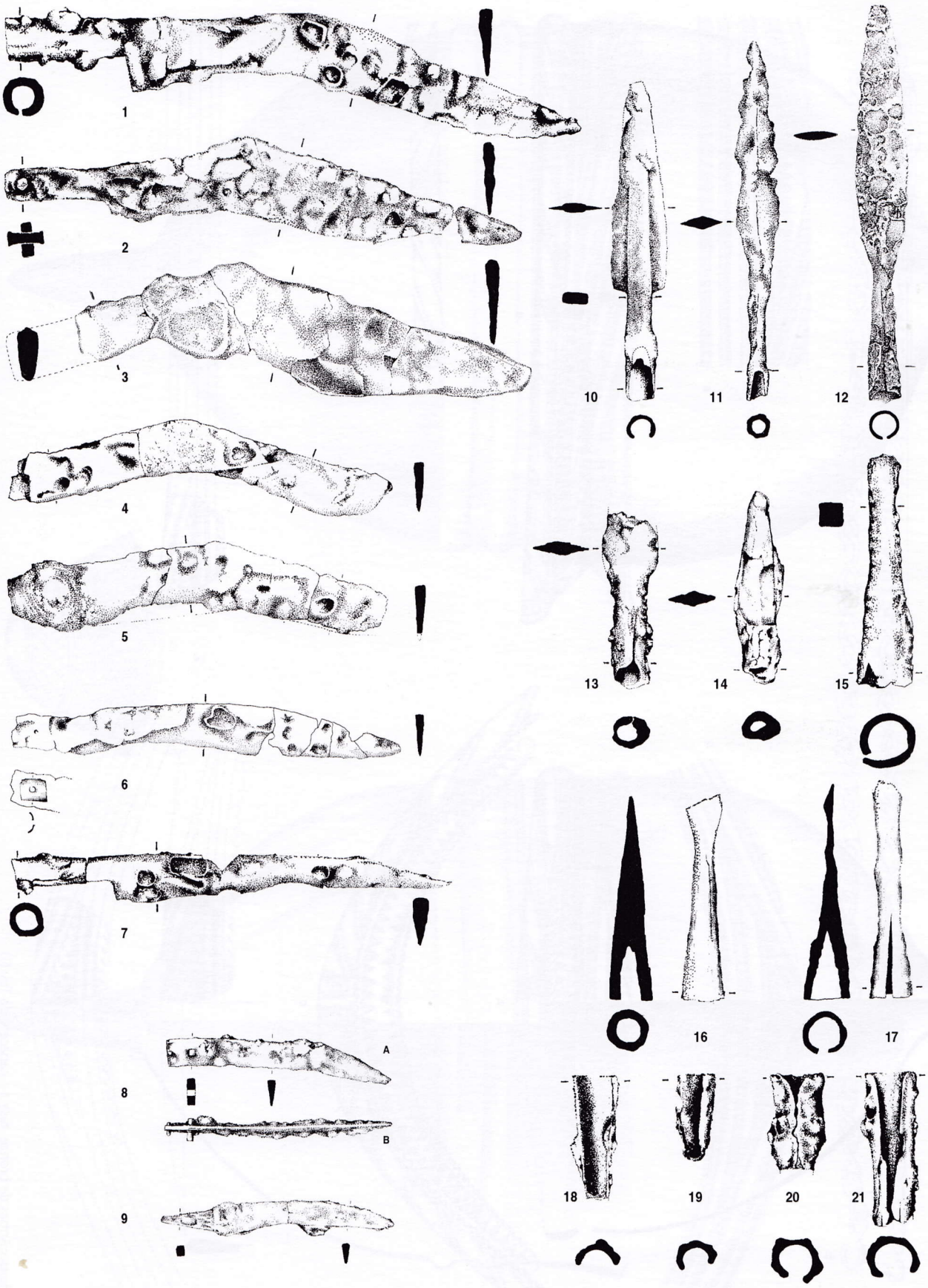
Est. LXXXVII



ESC. 1:2

Metalurgia: Armas e utensílios
- punhais com lâmina de ferro e cabo de bronze: Fase IA (1 Baiões); fase III (2 Sanfins, 3 Briteiros);
- braçadeira e apliques de escudo: Fase IA (5 Figueiredo das Donas); fase III (4 Alvarelhos, 6 Briteiros)
- conto de bainha: Fase III (7 Joubreia)
- cinzel e escopros: Fase IA (8, 9, 10 V.C. Perrinho)

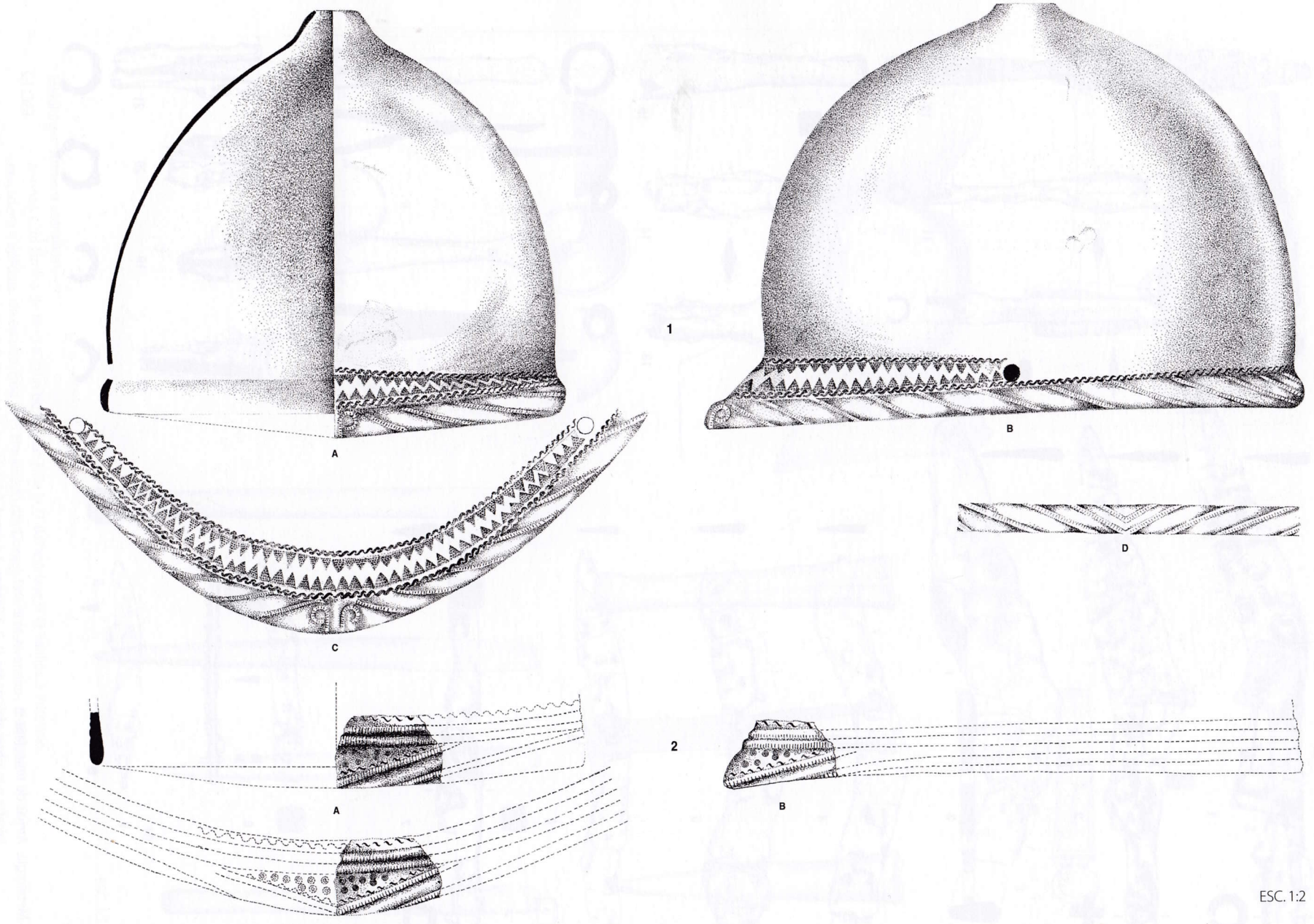
Est. LXXXVIII



ESC. 1:2

Metalurgia: Armas de terro, fase III
falcatas e punhais afalcatados (1, 2, 7 Sanfins; 3 Baiza; 4, 6 S. Julião; 5 Falperra; 8, 9 Coto da Pena), pontas de lança (10 Facha; 11, 13 Briteiros; 12 Castro Máximo; 14 Cidadelhe; 15 S. Julião; 16,17 Carvalhelhos), ponteiras ou chuços (18-21 Sanfins)

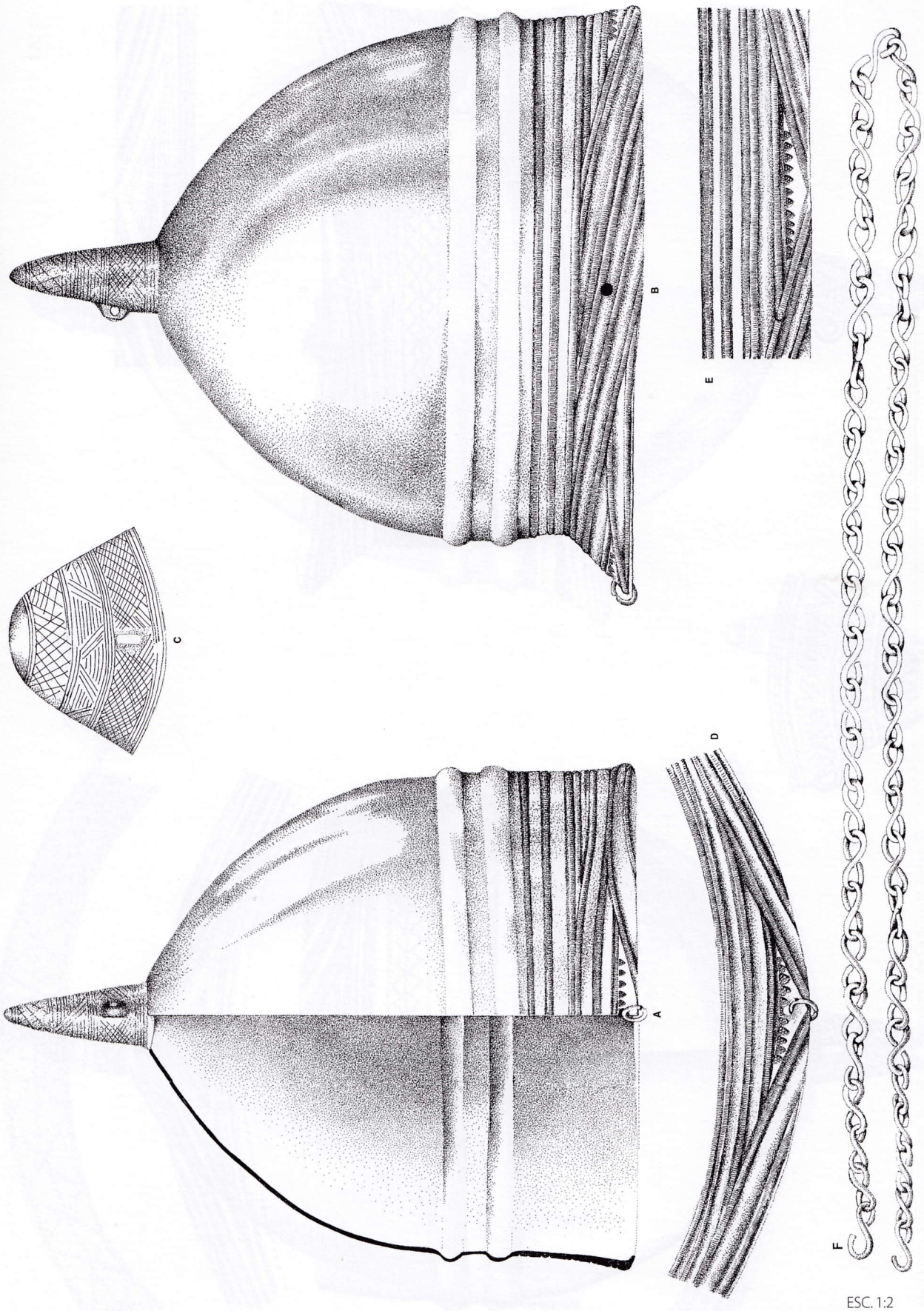
Est. LXXXIX



ESC. 1:2

Metalurgia: Armas de bronze, fase II – capacete de Tuy (1)
fase III – viseira de capacete de Briteiros (2).

Est. XC



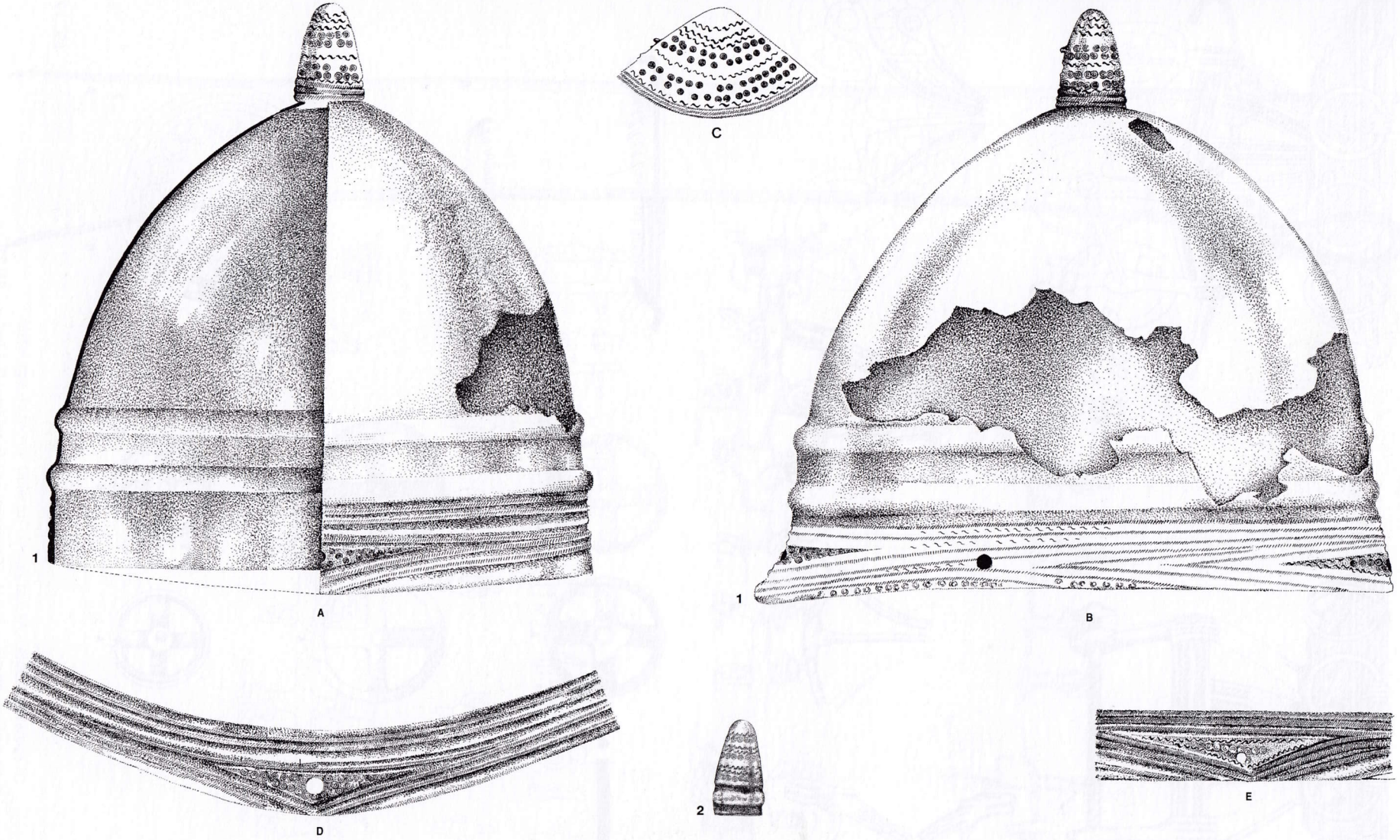
ESC. 1:2

Metalurgia: Armas de bronze, fase III A – capacete de Lanhoso

Est. XCI

ESC. 1:2

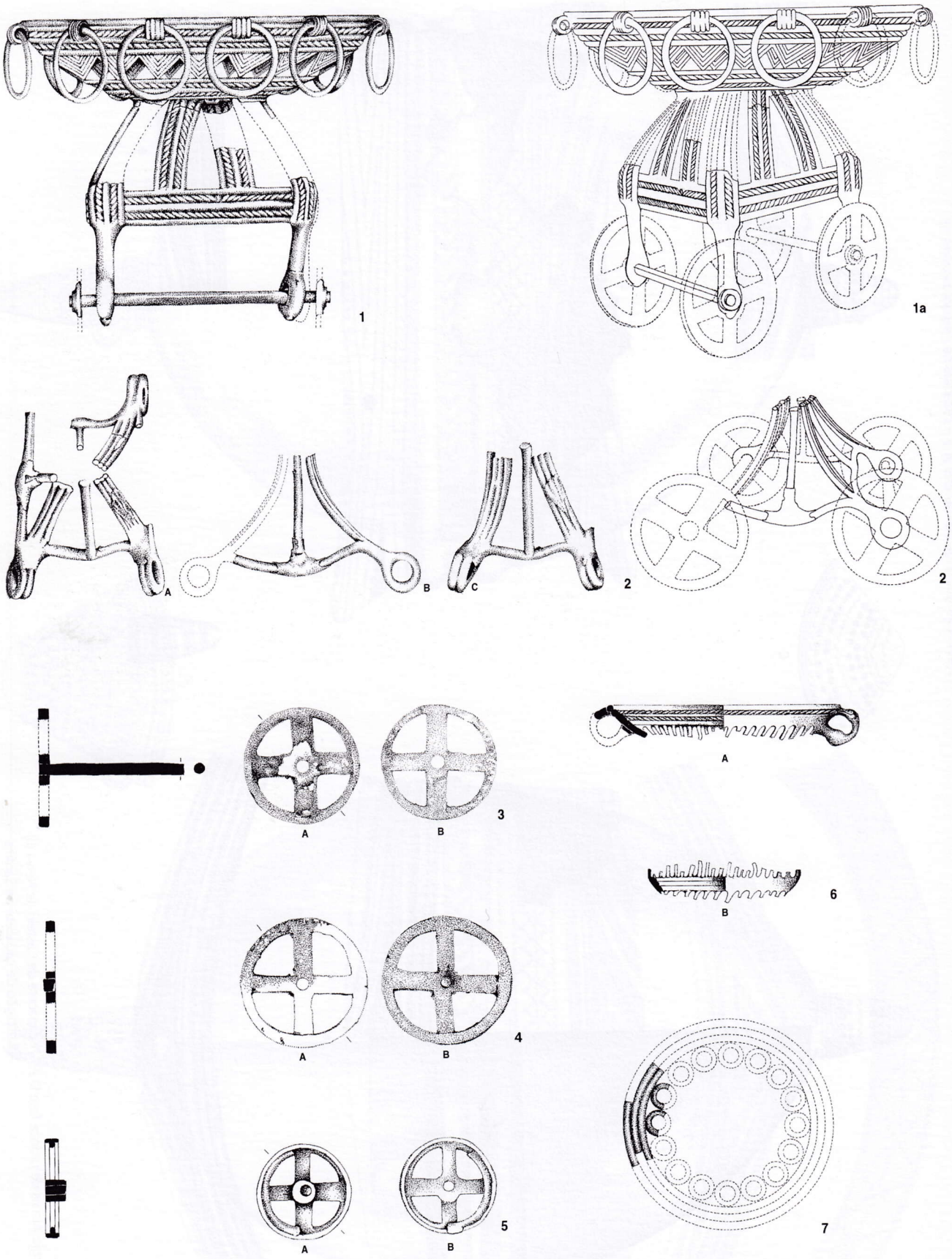
Metalurgia: Armas de bronze, fase III A – capacete de Castelo de Neiva (I)



ESC. 1:2

Metalurgia: Armas de bronze, fase III A – 1 capacete de Castelo de Neiva (II)
– 2 espigão de capacete de Sanfins

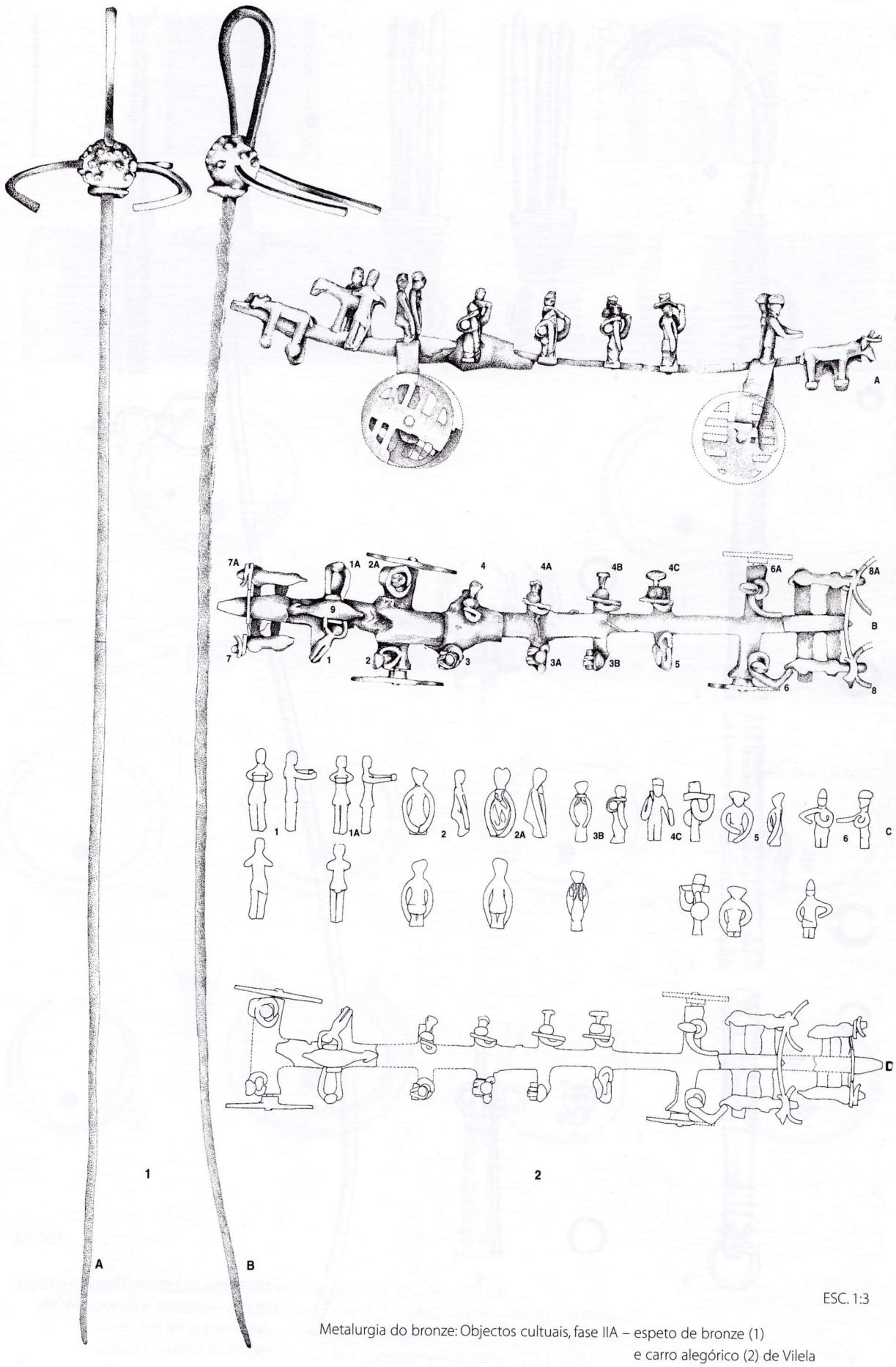
Est. XCIII



ESC. 1:2

Metalurgia do bronze: Objectos cultuais, fase IA – Carros votivos e fragmentos (1-6, Baiões – BAI 83)

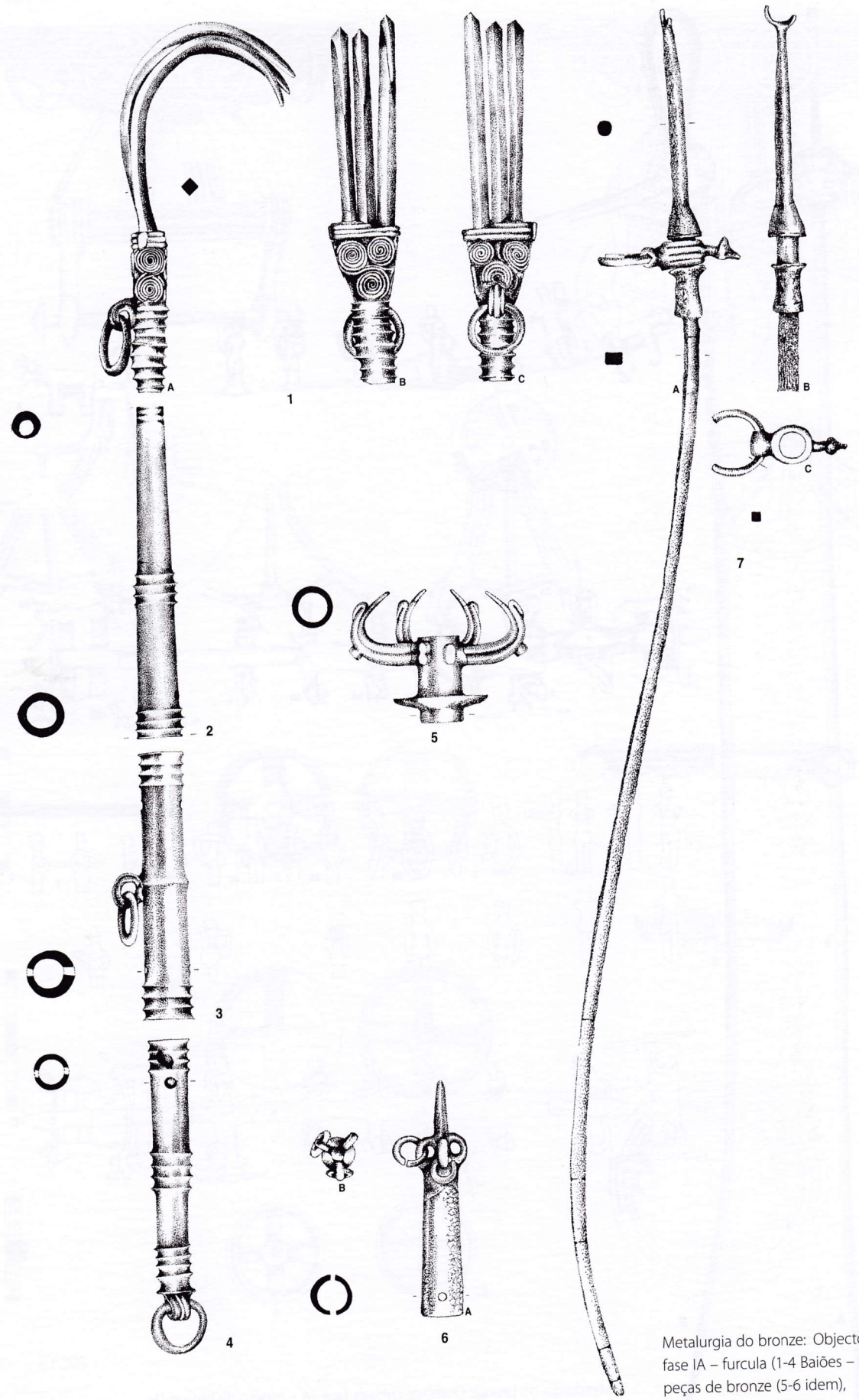
Est. XCIV



ESC. 1:3

Metalurgia do bronze: Objectos cultuais, fase IIA – espeto de bronze (1)
e carro alegórico (2) de Vilela

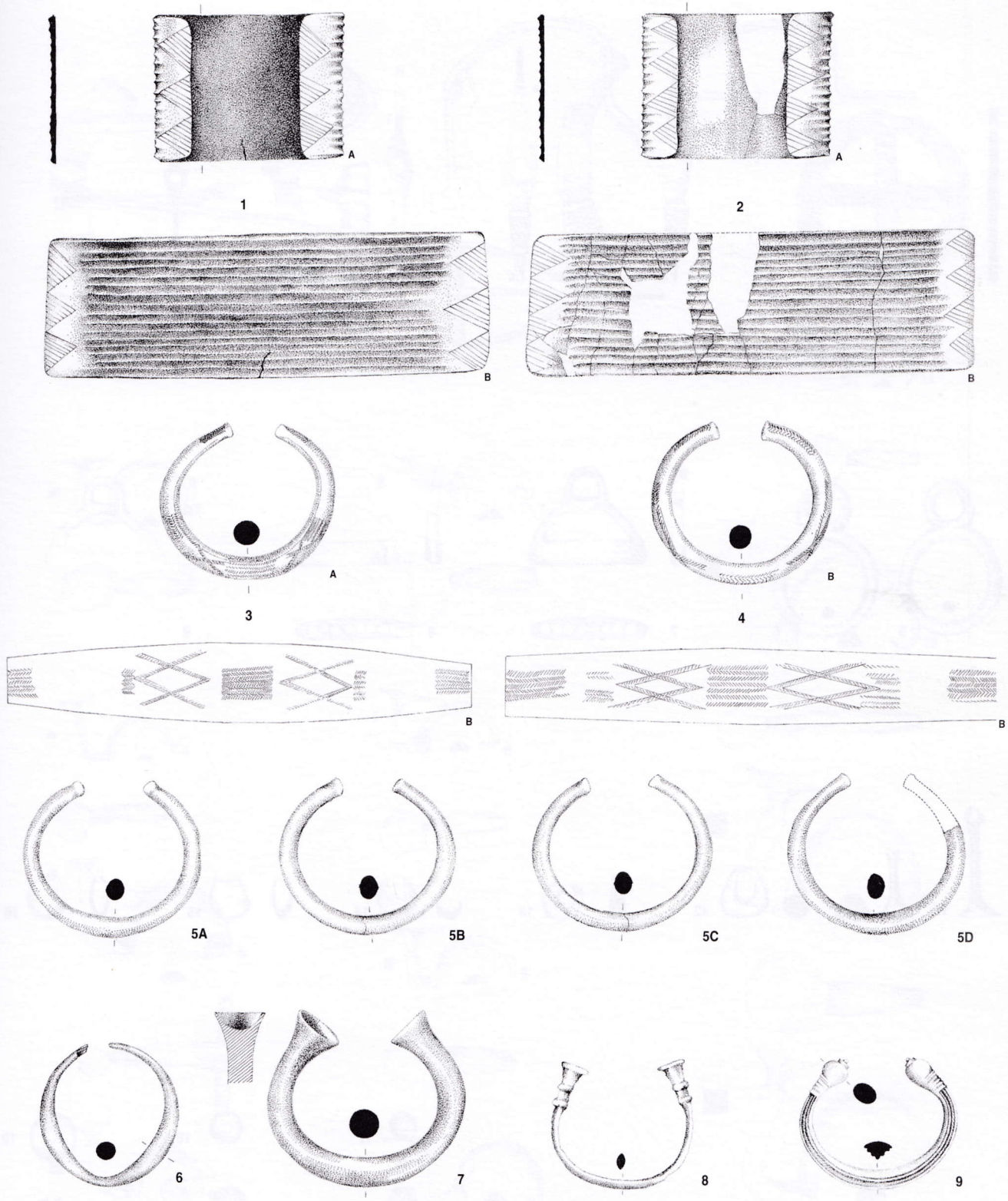
Est. XCV



ESC. 1:3

Metalurgia do bronze: Objectos cultuais fase IA – furcula (1-4 Baiões – BAI 83), peças de bronze (5-6 idem), espeto de bronze (7 Baiões)

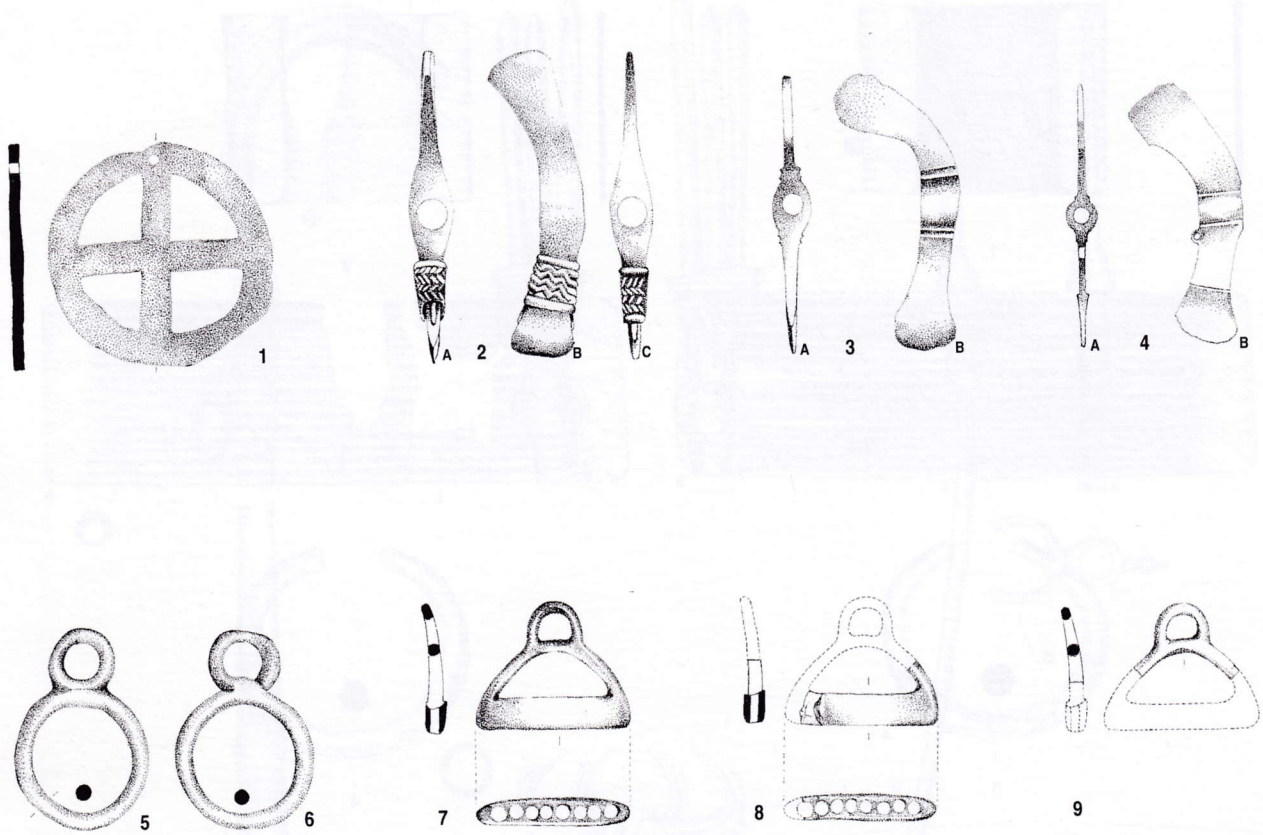
Est. XCVI



ESC. 1:2

Metalurgia do bronze: Braceletes laminares, fase IA (1, 2 Baiões—BAI 83)
Braceletes de aro em toro, fase IA (3-4, 5A-D, 6 Baiões—BAI 83, 7 N Portugal)
fase IIA (8 Sabroso)
fase III (Nogueira, Chaves)

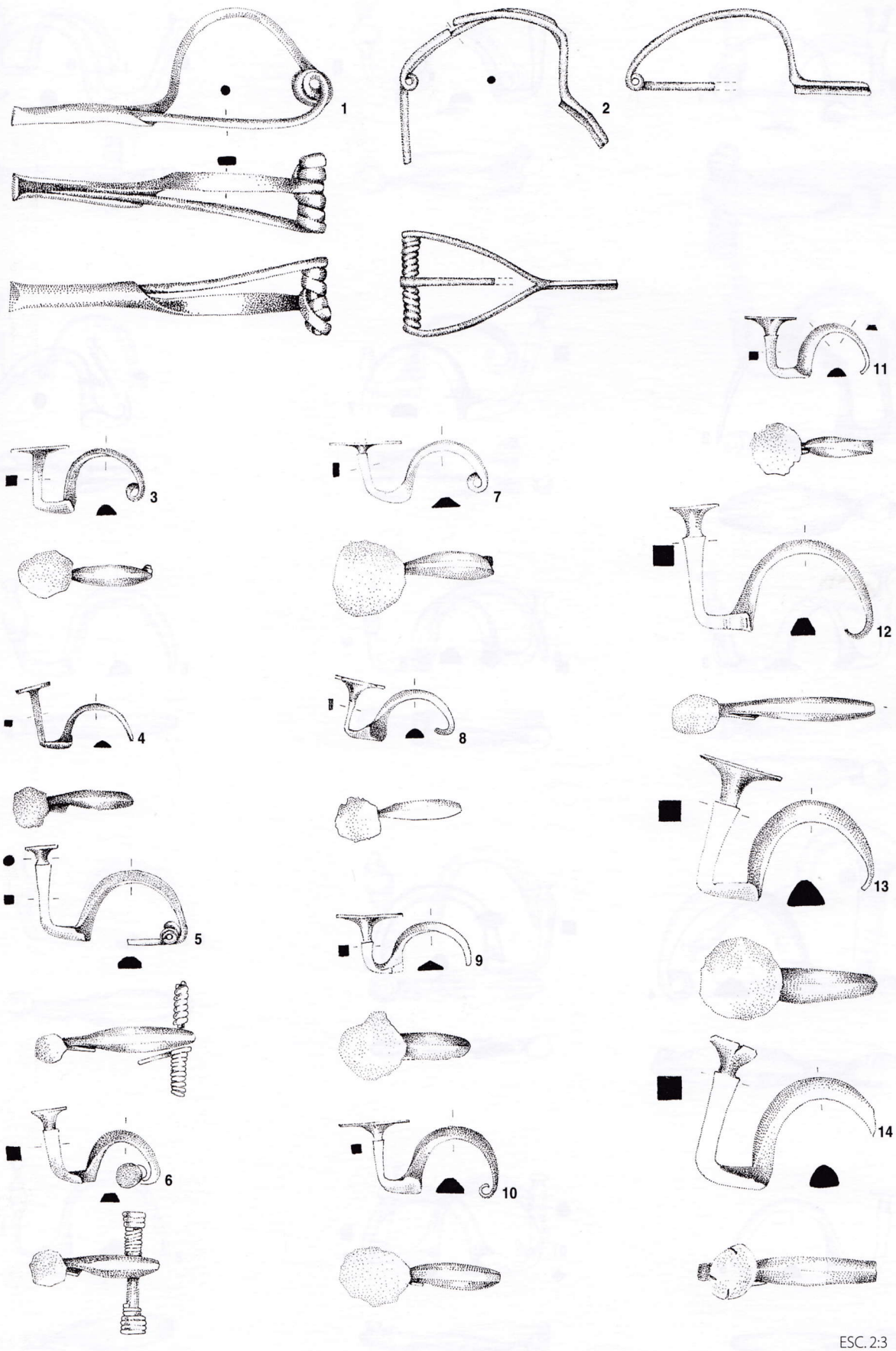
Est. XCVII



Metalargia do bronze: *Varia*
Fase 1, pendente (I Facha)
Fase IA, pendentes (5-9 Baiões—BAI 83)
Fase IB, pendentes (10-11 Coto da Pena)
«sanguessugas» (12-13 Coto da Pena)
Fase III, «sanguessugas» (14-15 Briteiros; 16 Facha)
contas (17-18 Sanhns; 19 Santa Luzia, V. Castelo)

ESC. 1:3

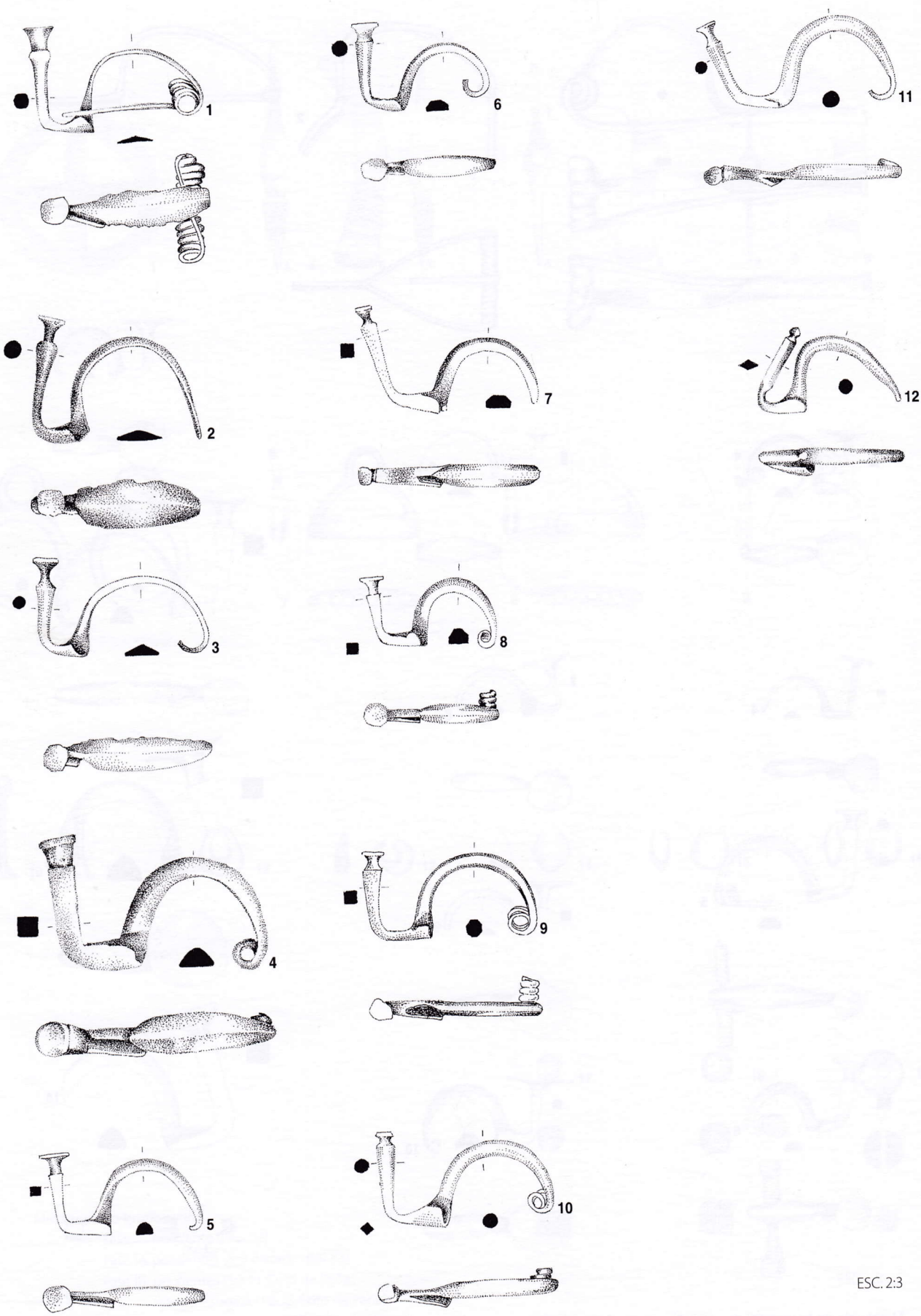
Est. XCVIII



ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas tipo Bencarrón (1 Coto da Pena); Acebuchal (2 Coto da Pena);
tipo Sabroso A (3 Sabroso; 4 Sanfins; 5-10, 12-14 Briteiros; 11 Terroso)

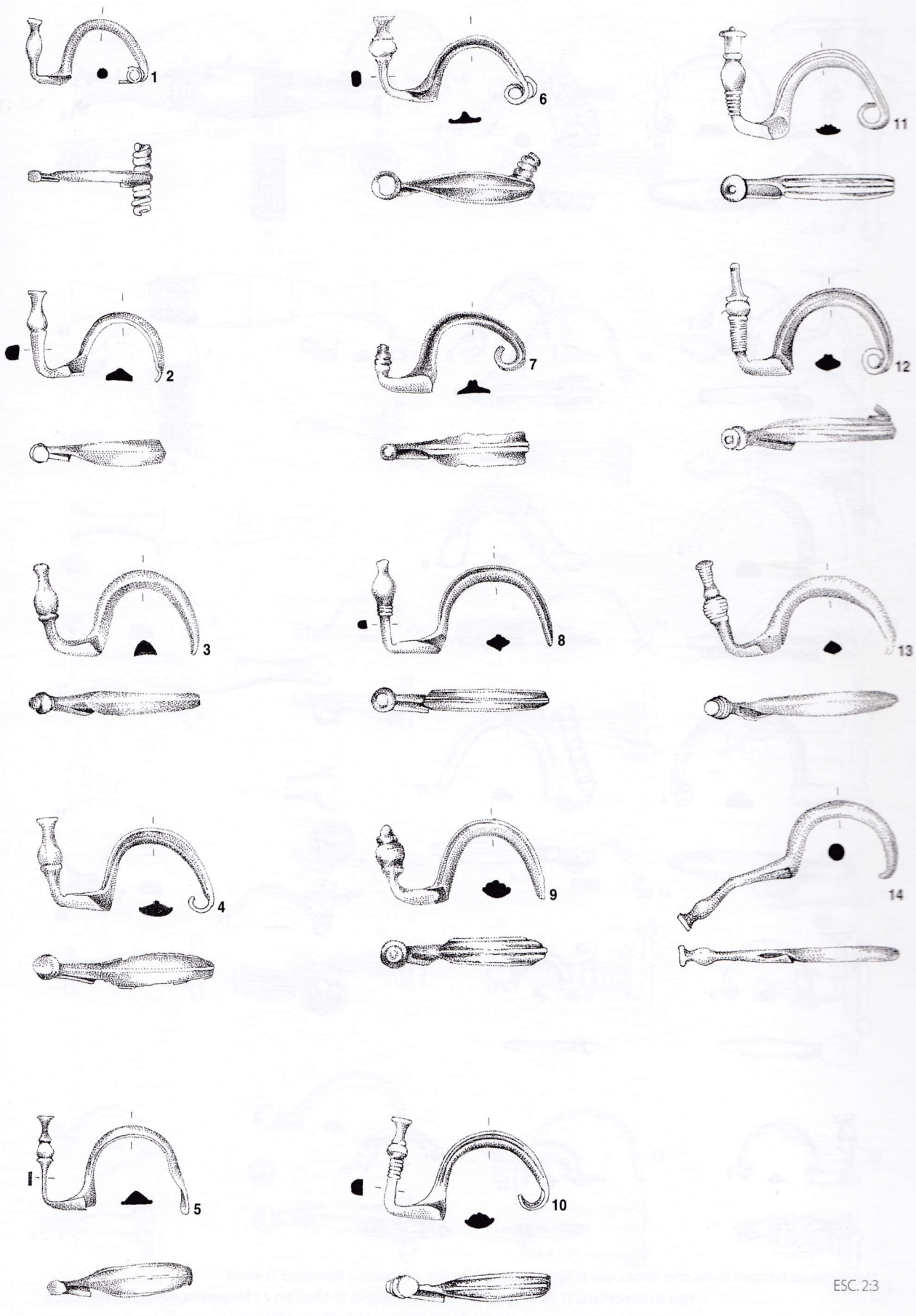
Est. XCIX



ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas tipo Sabroso B (1, 9, 12 Sabroso; 2-4 Sanfins; 3, 5-8, 10-11 Briteiros)

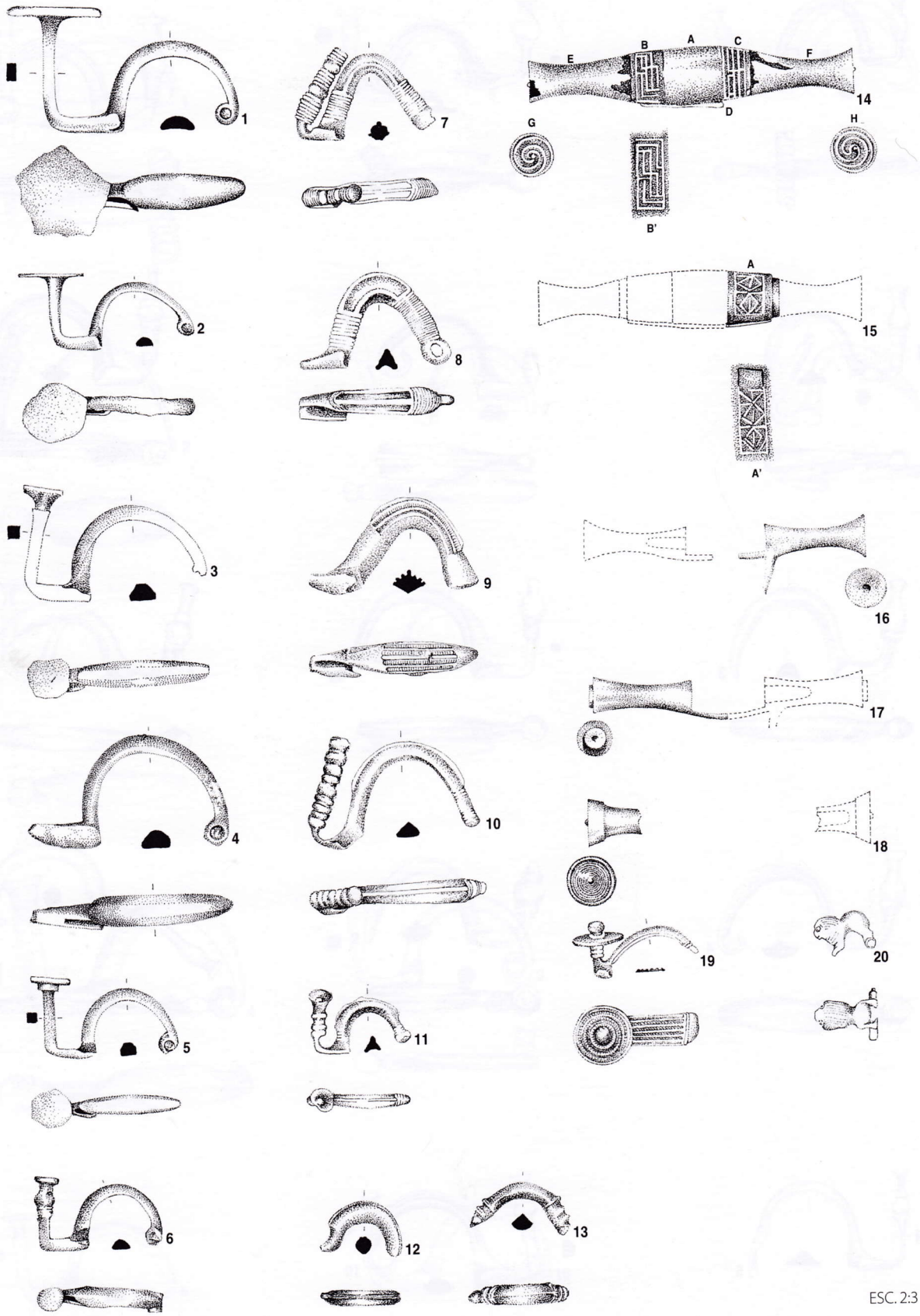
Est. C



ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas tipo Sabroso C (1, 6, 9, 14 Briteiros; 2, 4, 7, 10-12 Sabroso; 3, Padrão; 5, 8, 13 Terroso)

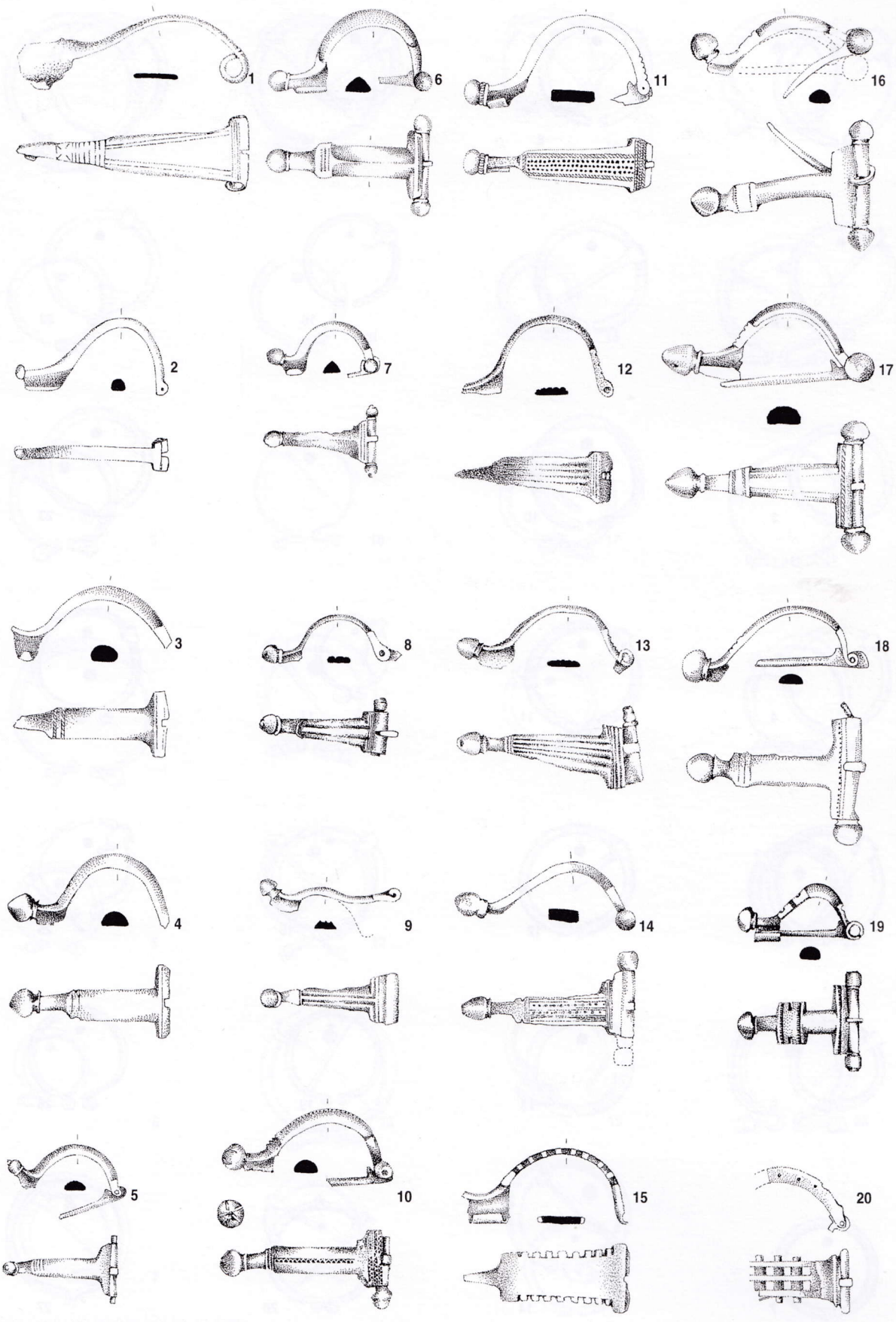
Est. CI



ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas tipo Santa Luzia (1 Santa Luzia; 2, 6 Sanfins; 3 Briteiros; 4 Romariz; 5 Terroso)
tipo transmontano (7 Santo Ovídio, 8 Chaves, 9 Terroso, 10 Mozinho, 11 Maximinos, 12-13 Sanfins)
tipo longo travessão sem espira (14, 16, 18 Briteiros; 15 Sanfins; 17 Sabroso)
tipo La Tène II (19 Maximinos): tipo zoomórfico (20 Briteiros)

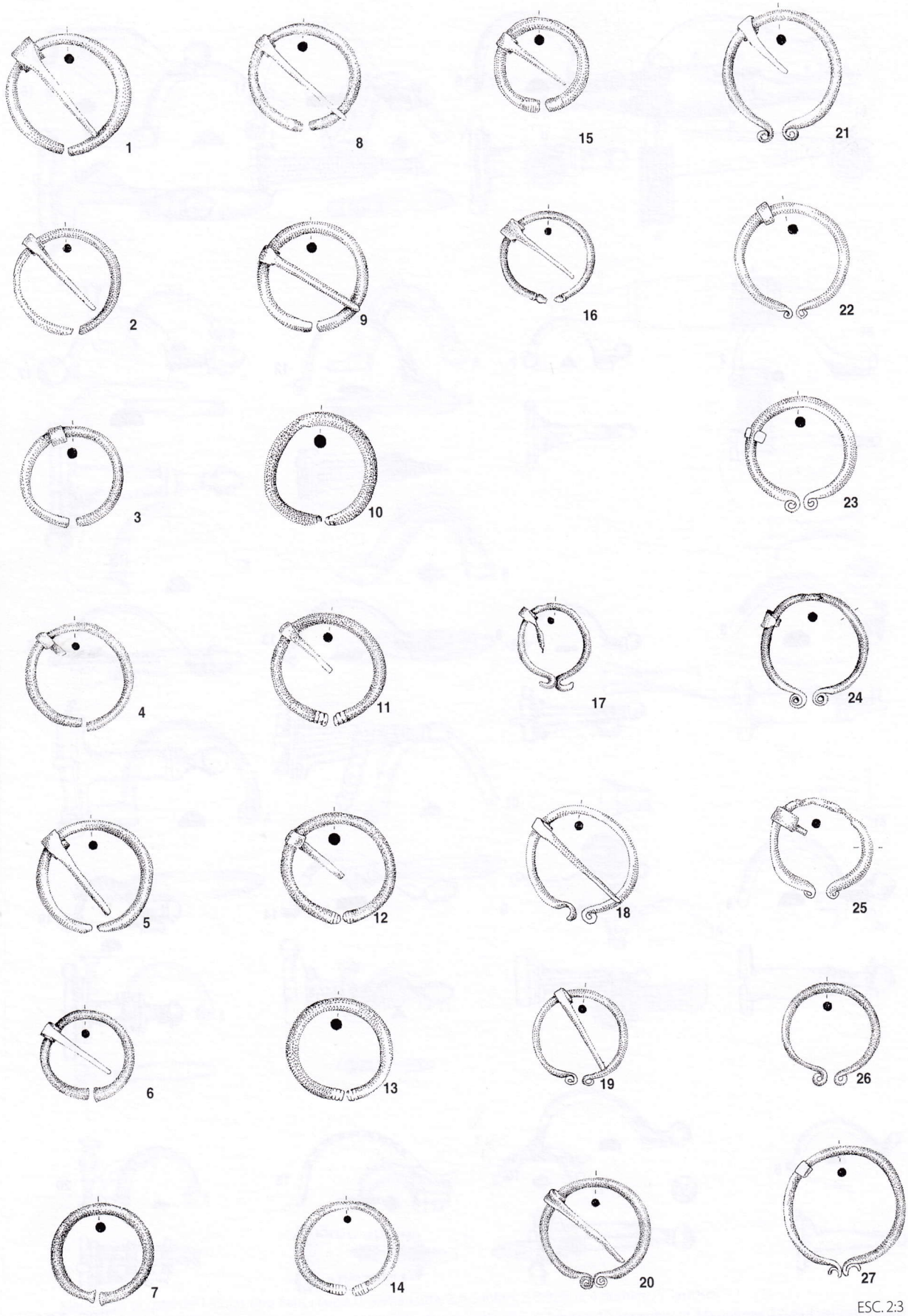
Est. CII



ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas
Tipo aro em lâmina triangular (1 Mozinho)
Aucissa (2-5, 7, 9, 11, 14, 16-18, 20 Briteiros; 6 Estela; 8 Terroso; 10, 12-13 Sanfins; 15 Coto da Pena; 19 Âncora)

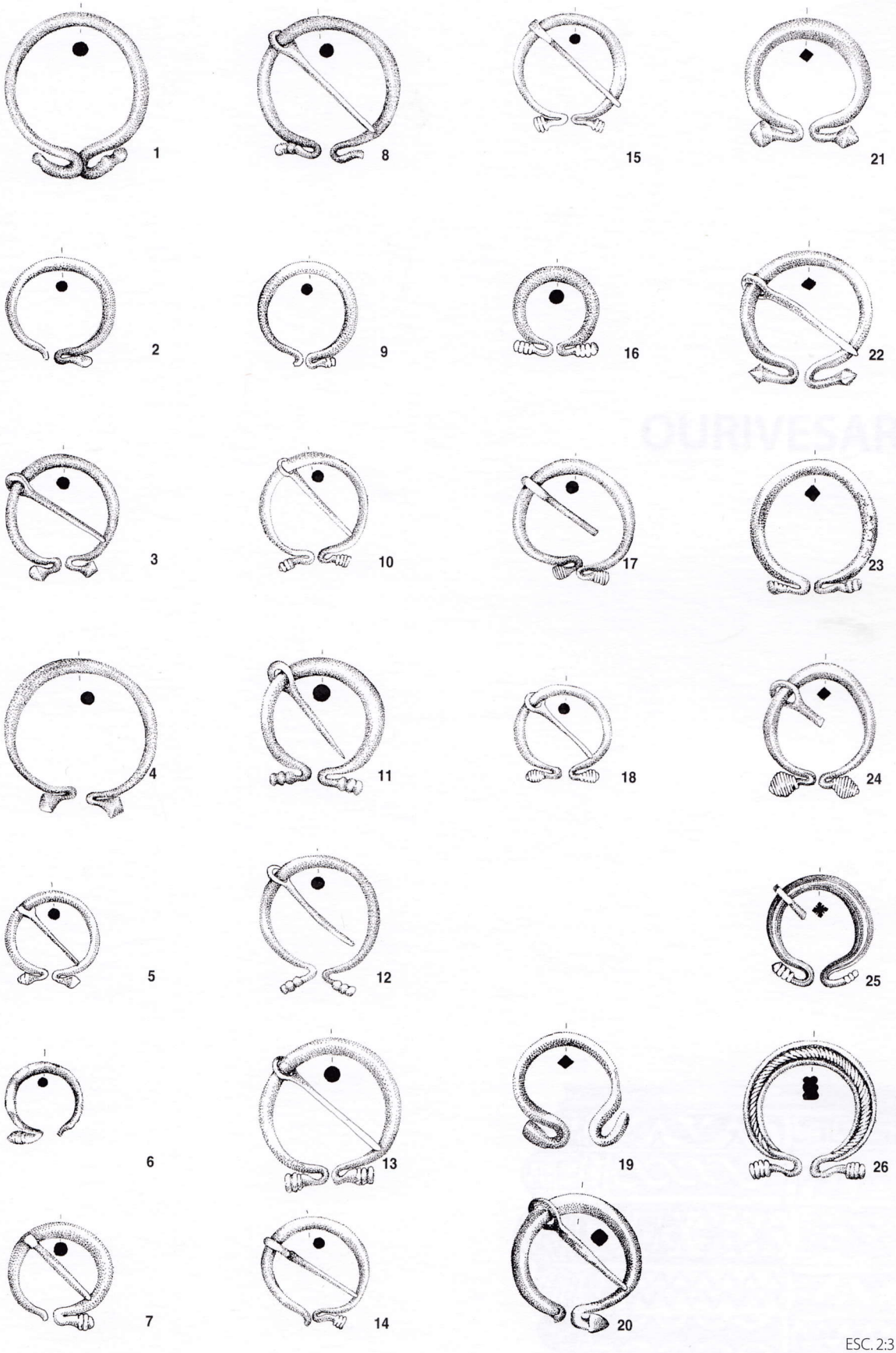
Est. CIII



ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas anulares
tipo Fowler Aa (1, 2, 3,11 Sabroso; 4, 7, 14 Santa Luzia; 5 Terroso; 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15 Briteiros)
A1 (16 Briteiros) B (17, 24 Sanfins; 18, 19, 22, 23, 25 Sabroso; 20 Briteiros; 21 Mozinho; 26 Terroso; 27 Santa Luzia)

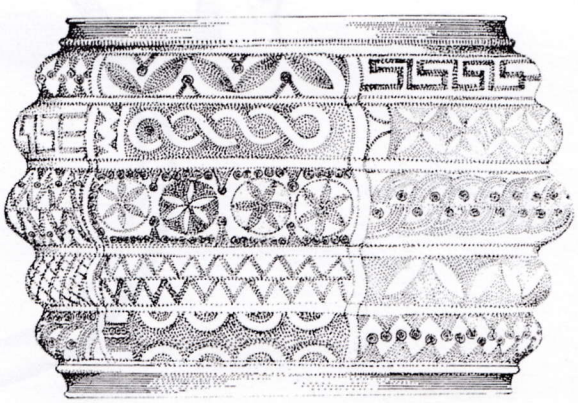
Est. CIV



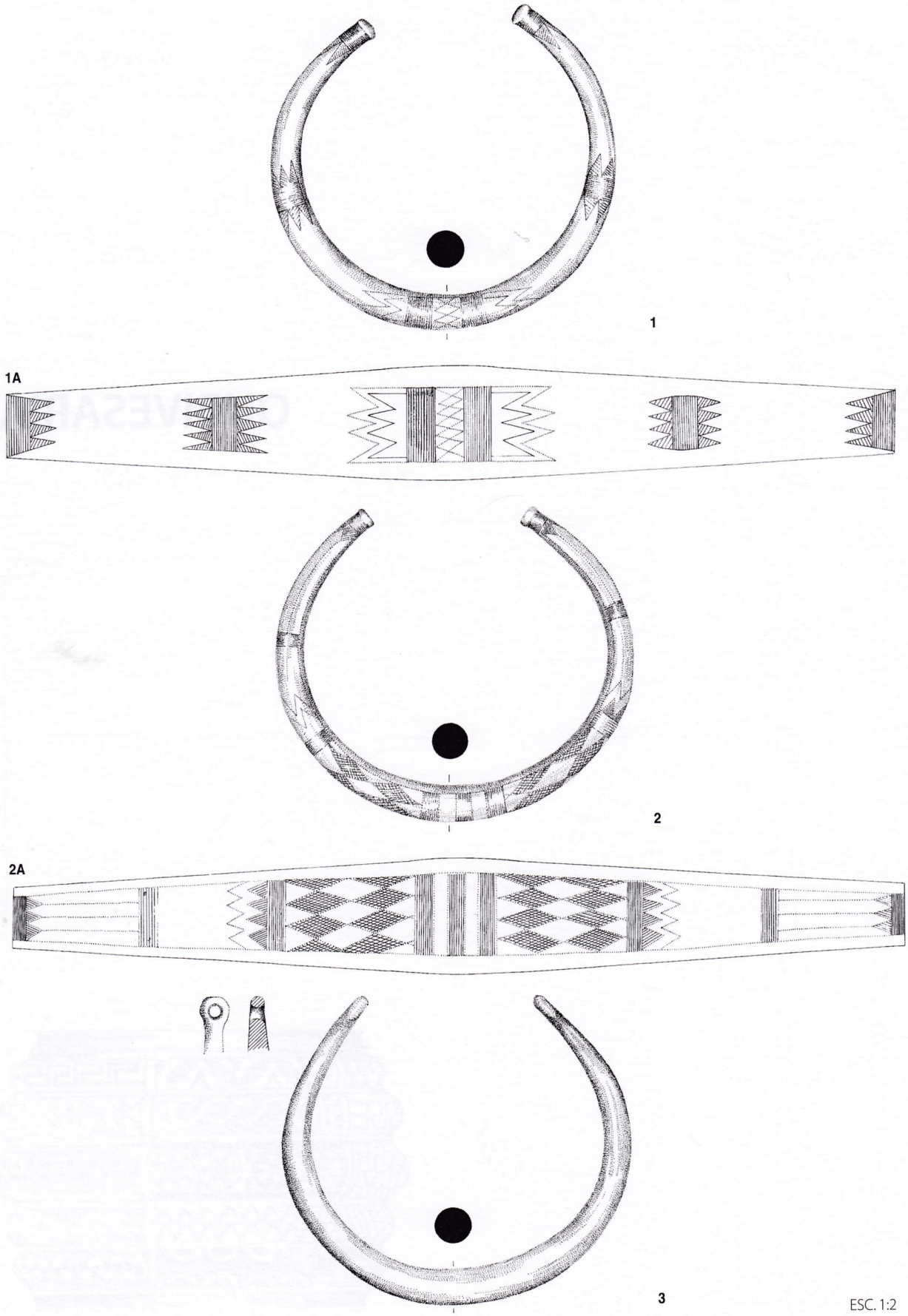
ESC. 2:3

Metalurgia do bronze: Fíbulas anulares
tipo Fowler B1a (1, 8 Mozinho; 2, 5, 7, 9, 10 Sabroso; 3, 12, 18 Couto de Ervededo; 4, 14, 17 Briteiros; 6 Terroso; 10 Arados; 11 Arnadelo, 13 Carvalhelhos; 15 Santa Comba)
B1b (19 Sabroso; 20 Coto da Pena; 21 Mozinho; 22 Santo Amaro; 23 Caldelas; 24 Maximinos; 25 Sanfins; 26 Santo Luzia, V. Castelo).

OURIVESARIA



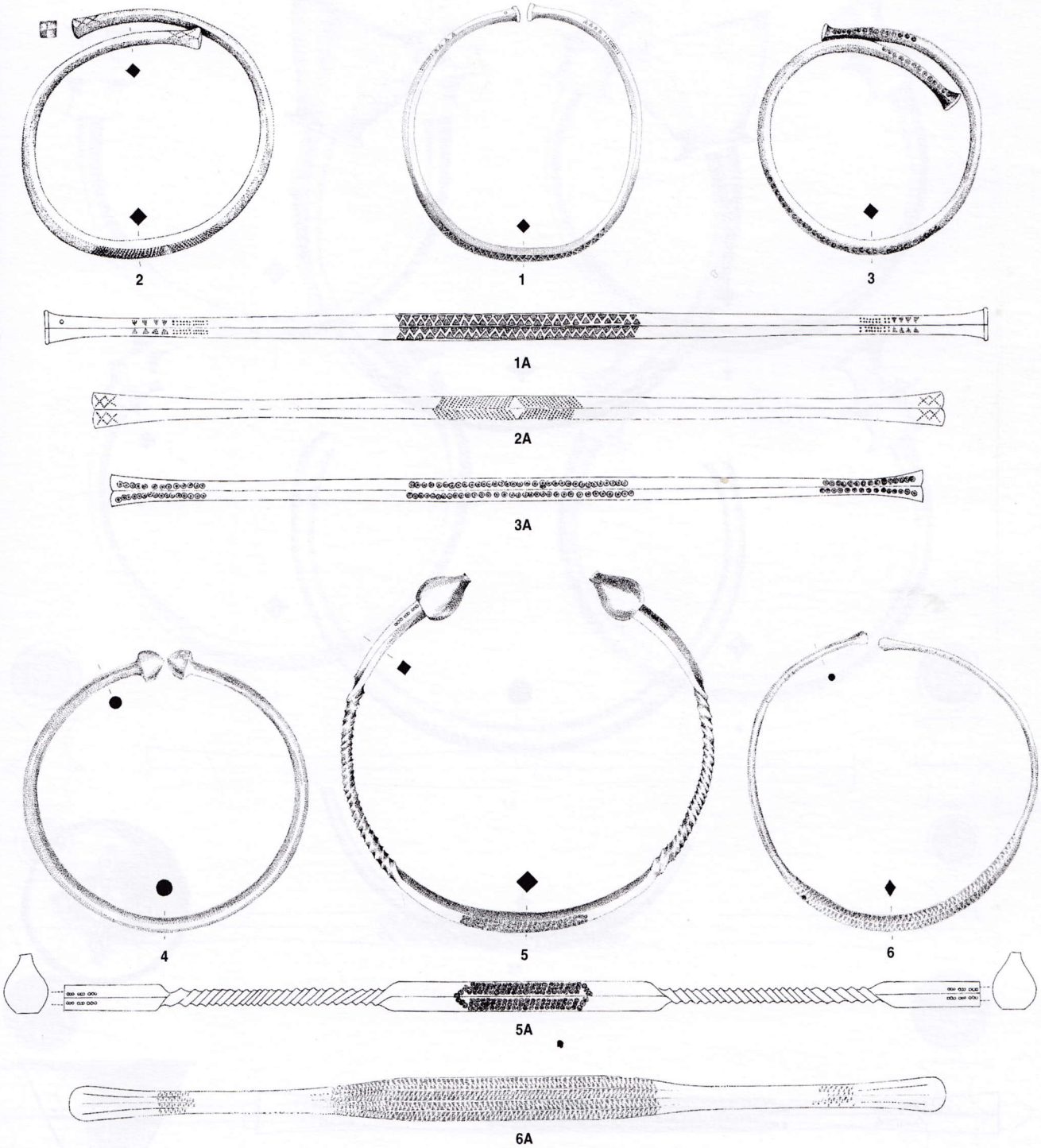
Est. CV



ESC. 1:2

Ourivesaria: Torques, fase 1A, tipo A (1-2 Baiões)
tipo B (3 Serrazes)

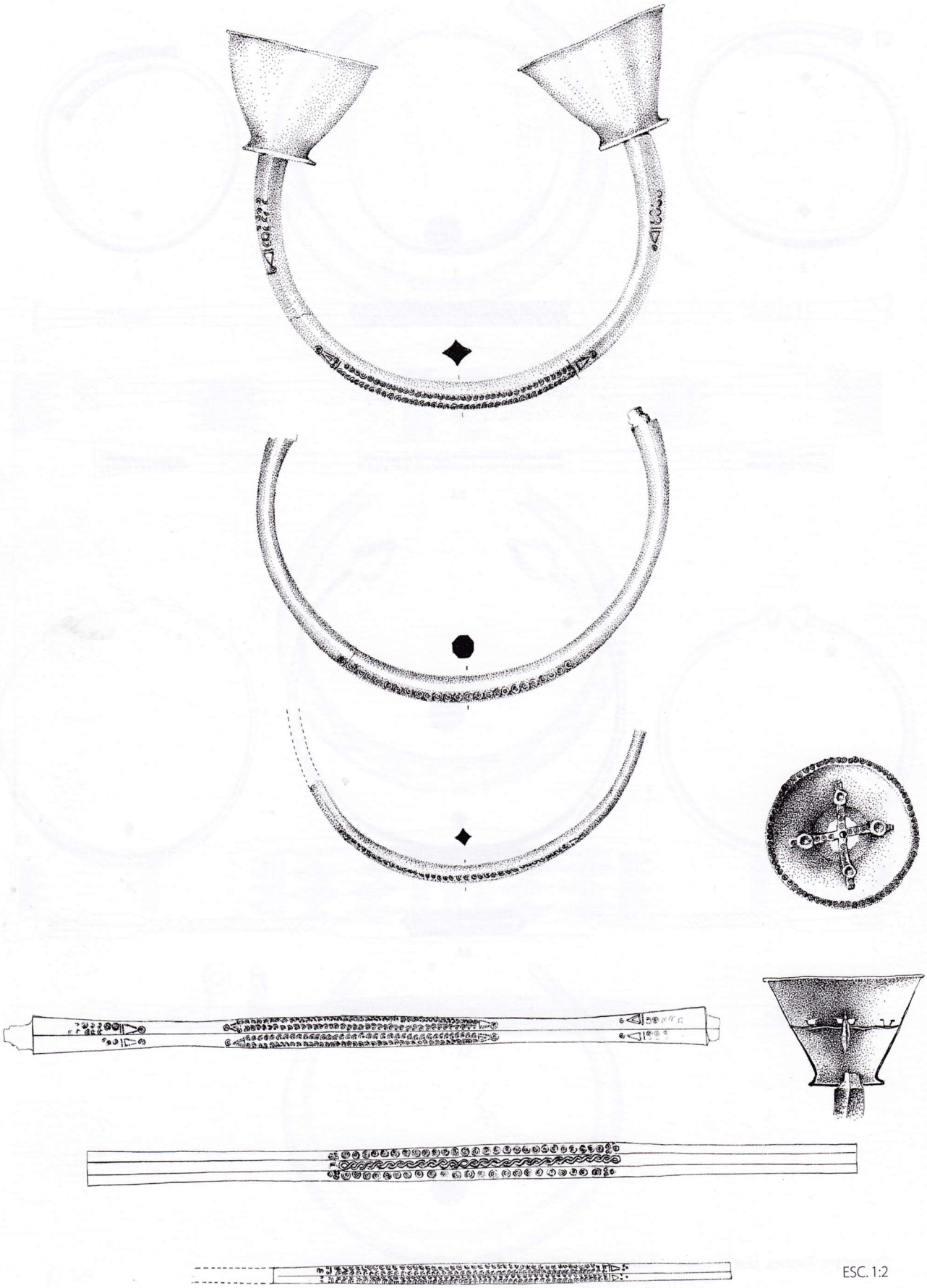
Est. CVI



Ourivesaria: Torques, fase IB, tipo C (1 Malhada; 2-3 Gondeiro)
tipo D1 (4 Soalhães)
fase II, tipo D1 (5 Paradela do Rio)
tipo D1a (6 Viseu)

ESC. 1:2

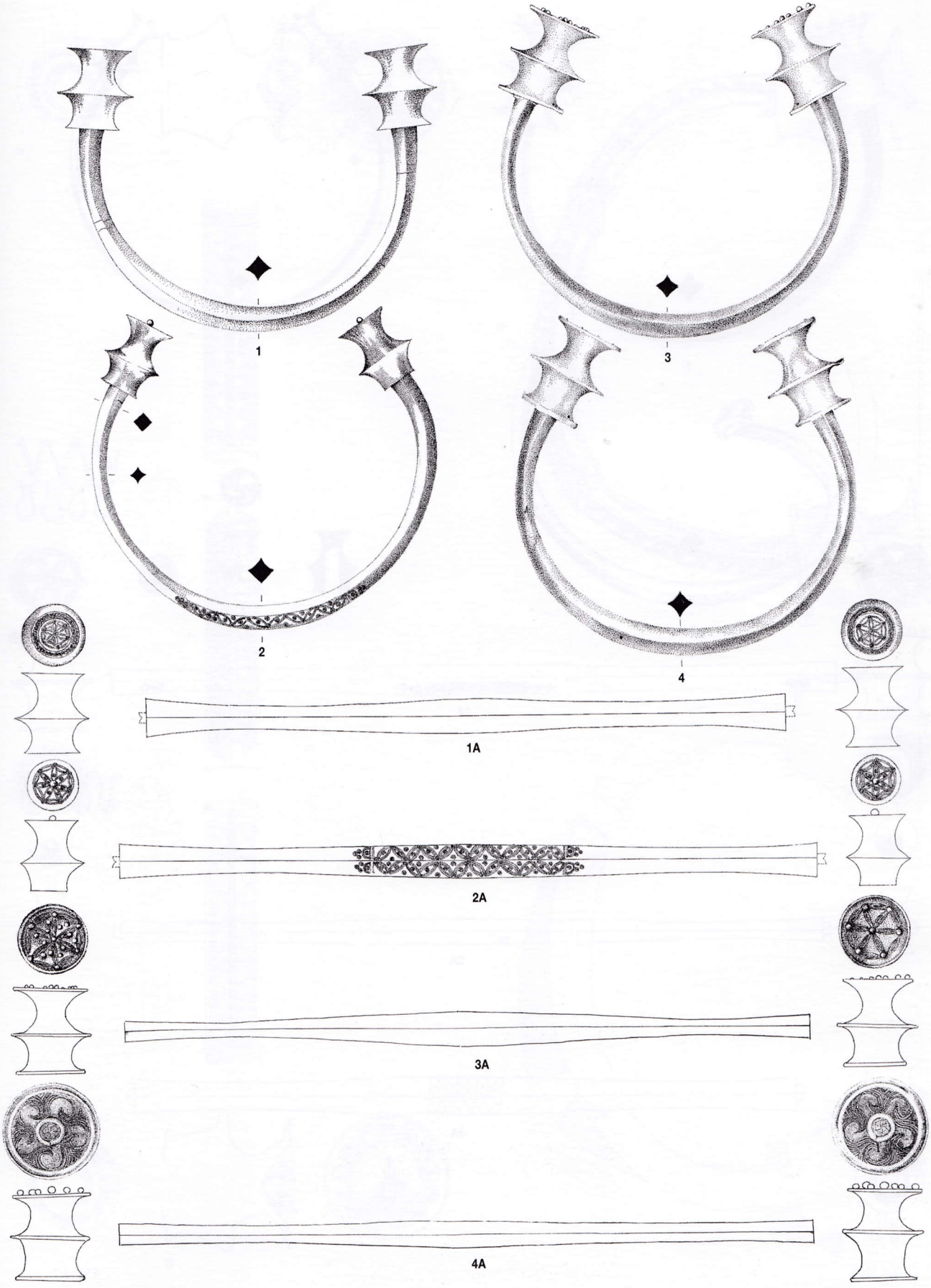
Est. CVII



ESC. 1:2

Ourivesaria: Torques, fase II, tipo D2 (1), 2, 3 Cavês

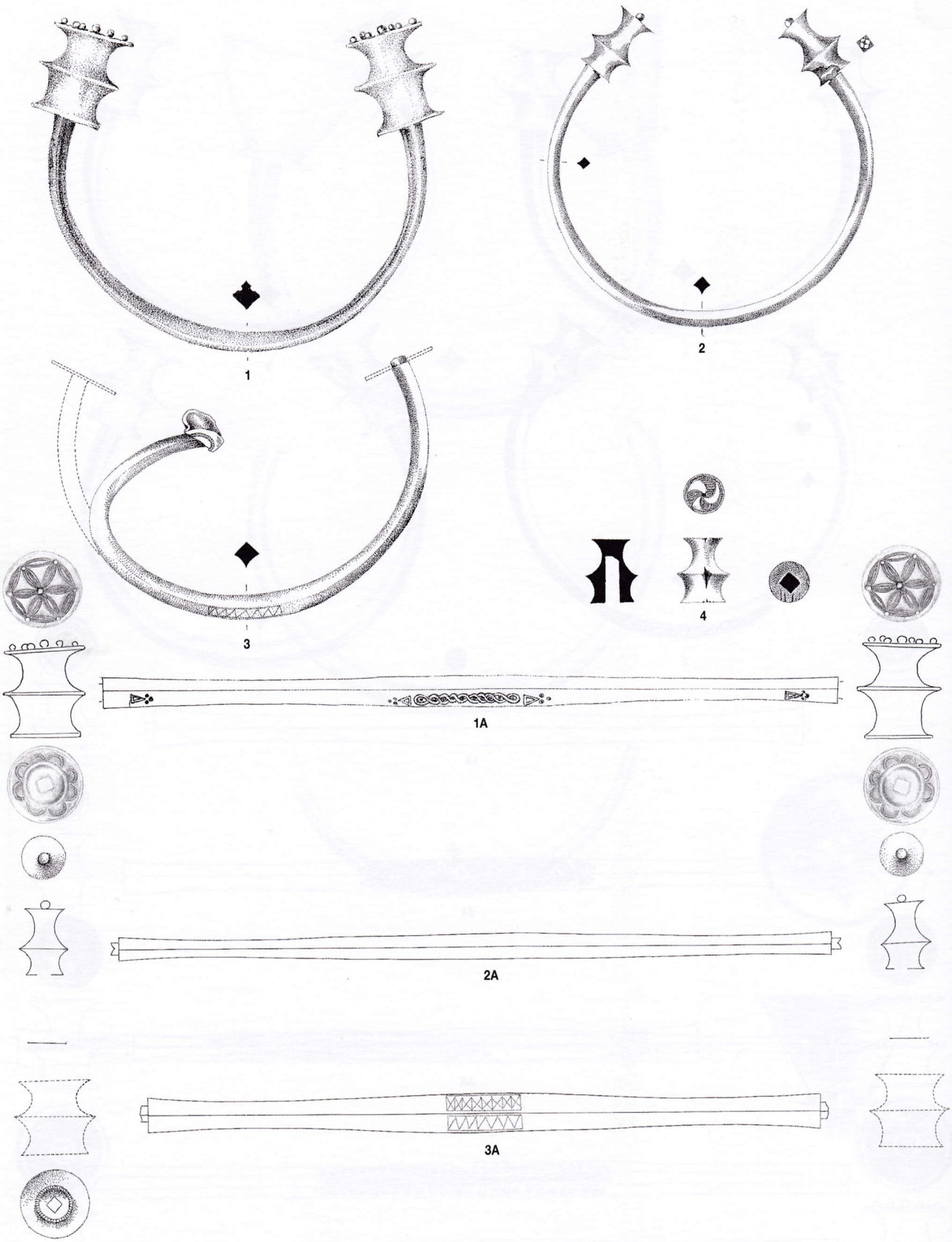
Est. CVIII



Ourivesaria: Torques, fase II, tipo D3 (1 Lebução; 2 Paradela do Rio; 3 Codeçais; 4 Chaves)

ESC. 1:2

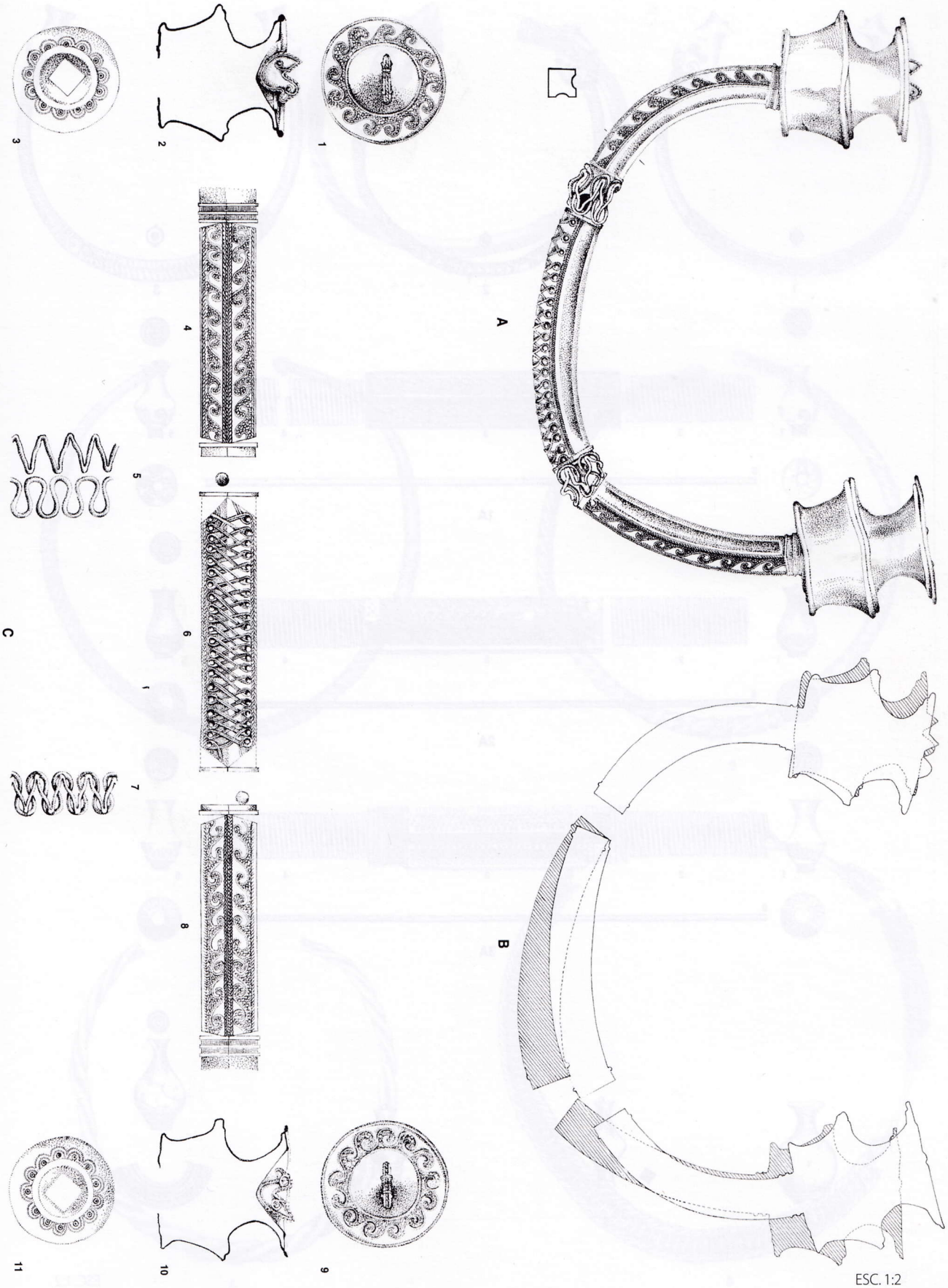
Est. CIX



ESC. 1:2

Ourivesaria: Torques, fase II, tipo D3 (1 Rendufe; 2 Paradela do Rio; 3 Lebução; 4 Estela)

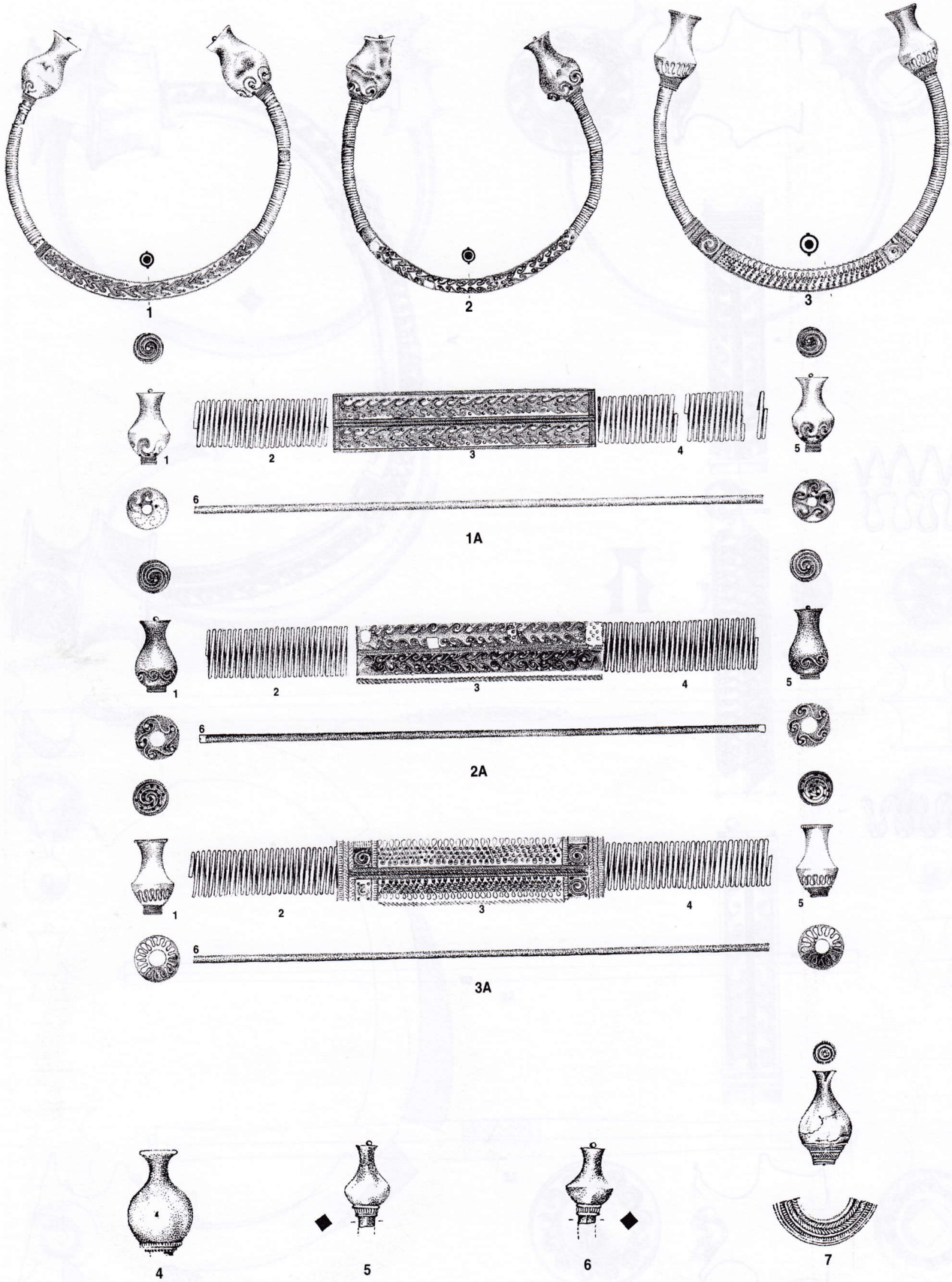
Est. CX



ESC. 1:2

Ourivesaria: Torques, fase III, tipo D3 (Vilas Boas, Vila Flor)

Est. CXI



ESC. 1:2

Ourivesaria: Torques, fase II, tipo D4 (4 Tourém; 5- 6 Lebução)
faseIII, tipo D4 (1-3 Lanhoso; 7 Sanfins)

Est. CXII

1

2

3

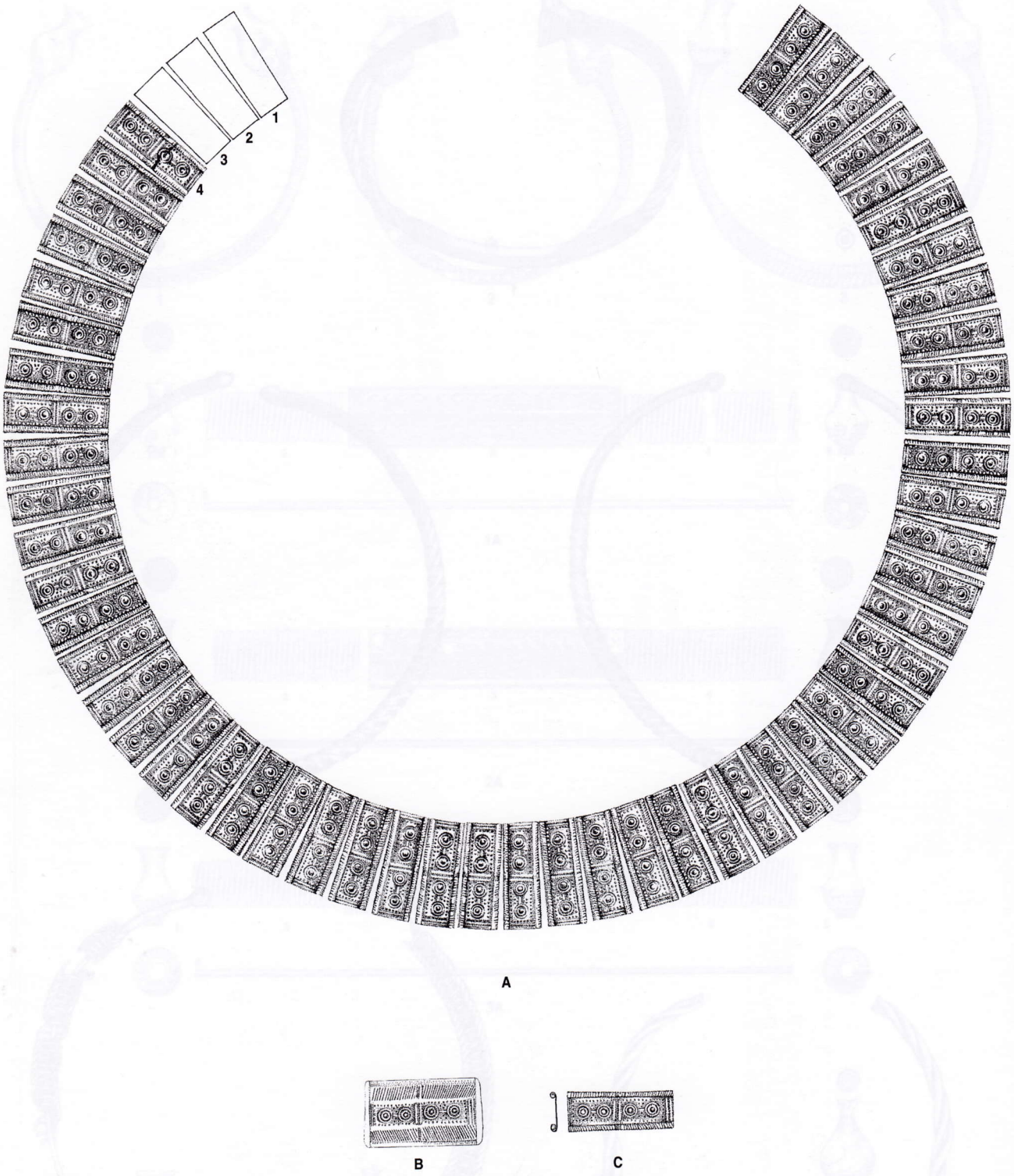
4

5

ESC. 1:2

Ourivesaria: Torques de prata, fase III, tipo D1 (2-3), D2 (1), D5 (4(?)-5 Bagunte)

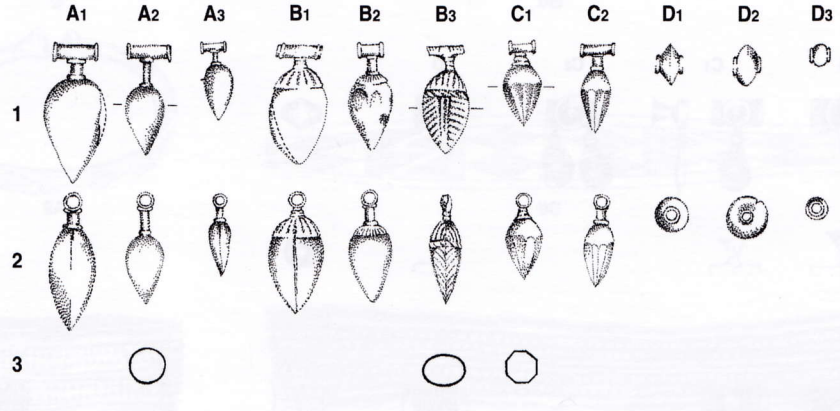
Est. CXIII



ESC. 1:2

Ourivesaria: Colar articulado, fase IB (Malhada, Campeã)

Est. CXIV



ESC. 1:2

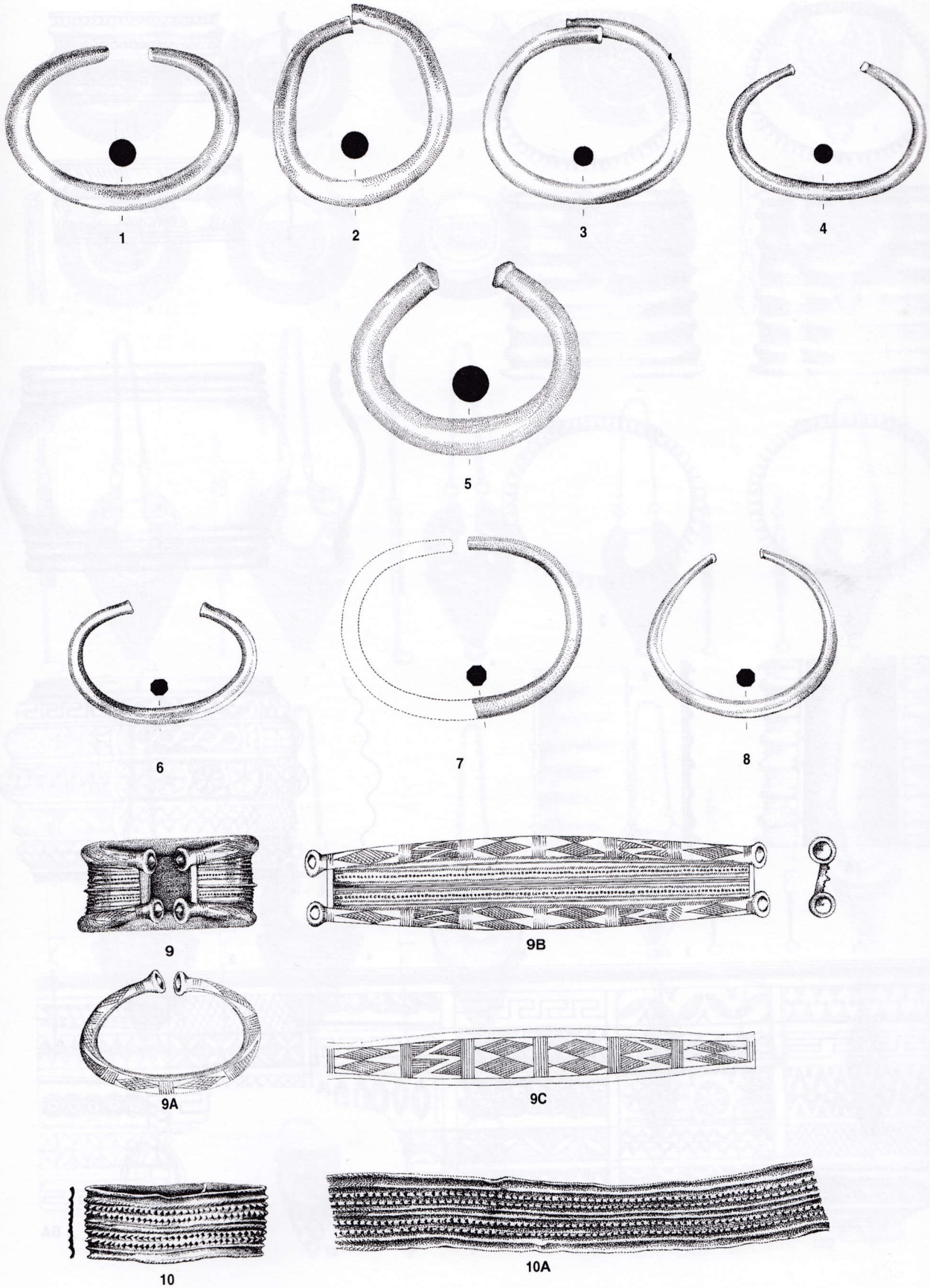
Ourivesaria: Colar articulado, fase IB (Baião)

Est. CXV

ESC. 1:2

Ourivesaria:Colares articulados, fase II (1 Estela; 2 Romariz)

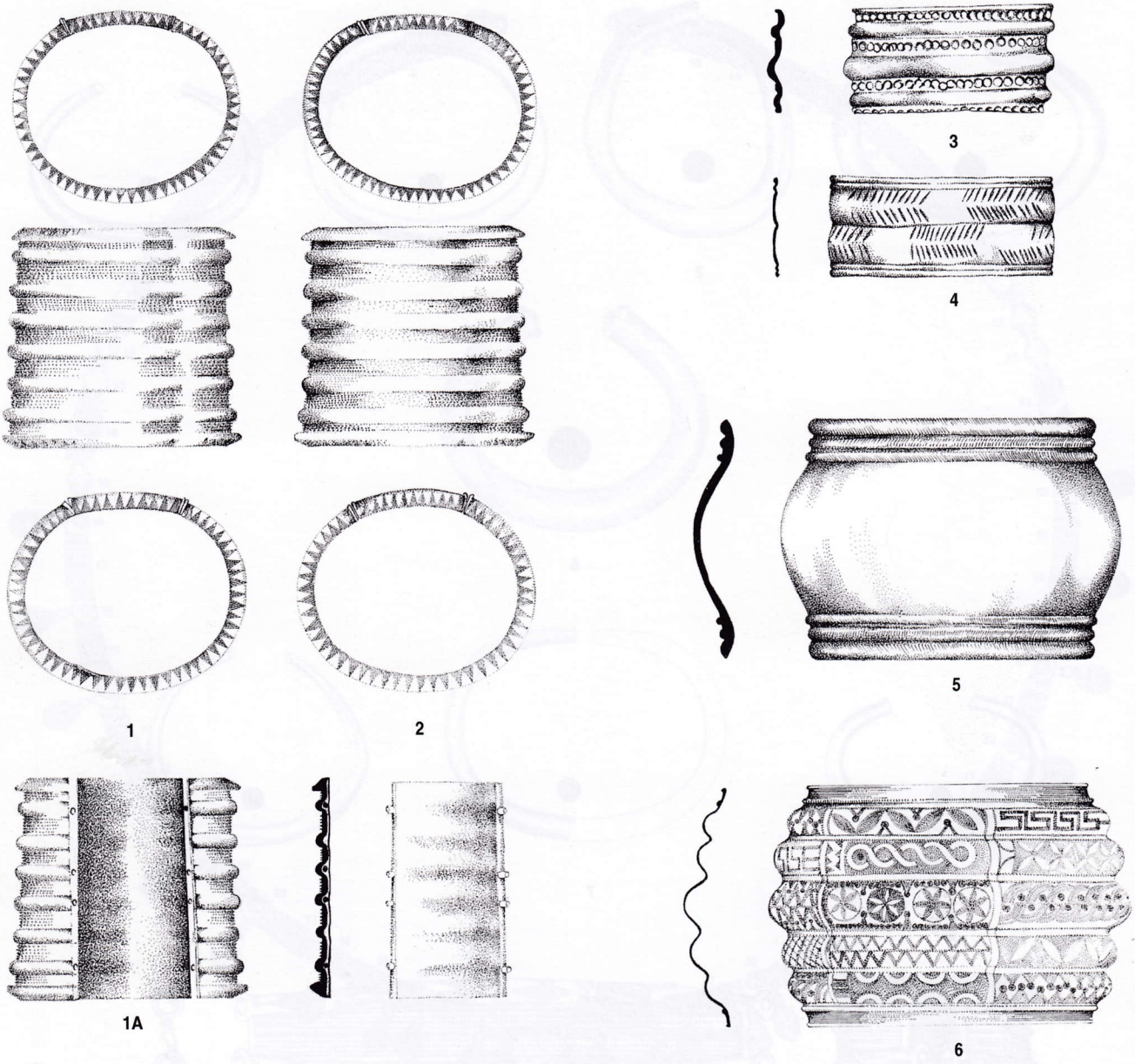
Est. CXVI



Ourivesaria: Braceletes, fase IA, tipo A1 (1, 2 Baralhas; 3 Bairros; 4 Vila do Conde; 5 Baiões)
tipo A2 (6 Telões; 7 Baralhas, 8 N. Portugal)
tipo B (9 Costa)
tipo C (10 Chaves)

ESC. 1:2

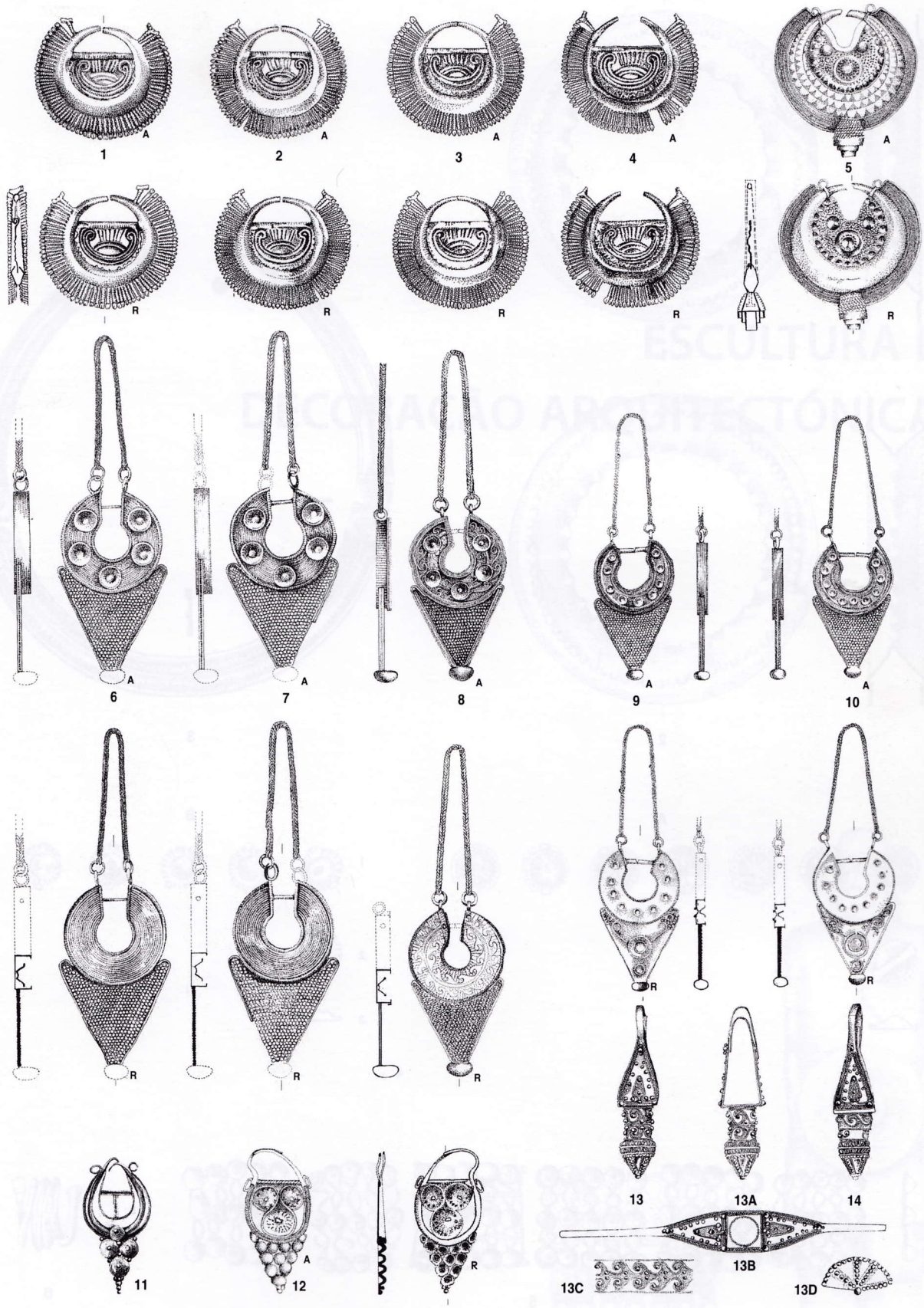
Est. CXVII



ESC. 1:2

Ourivesaria: Braceletes, fase IB, tipo D (1-2 N Portugal)
fase II, tipo E (3 Monte da Saia; 4 Regoufe, 5 Carvalhais; 6 Lebução)

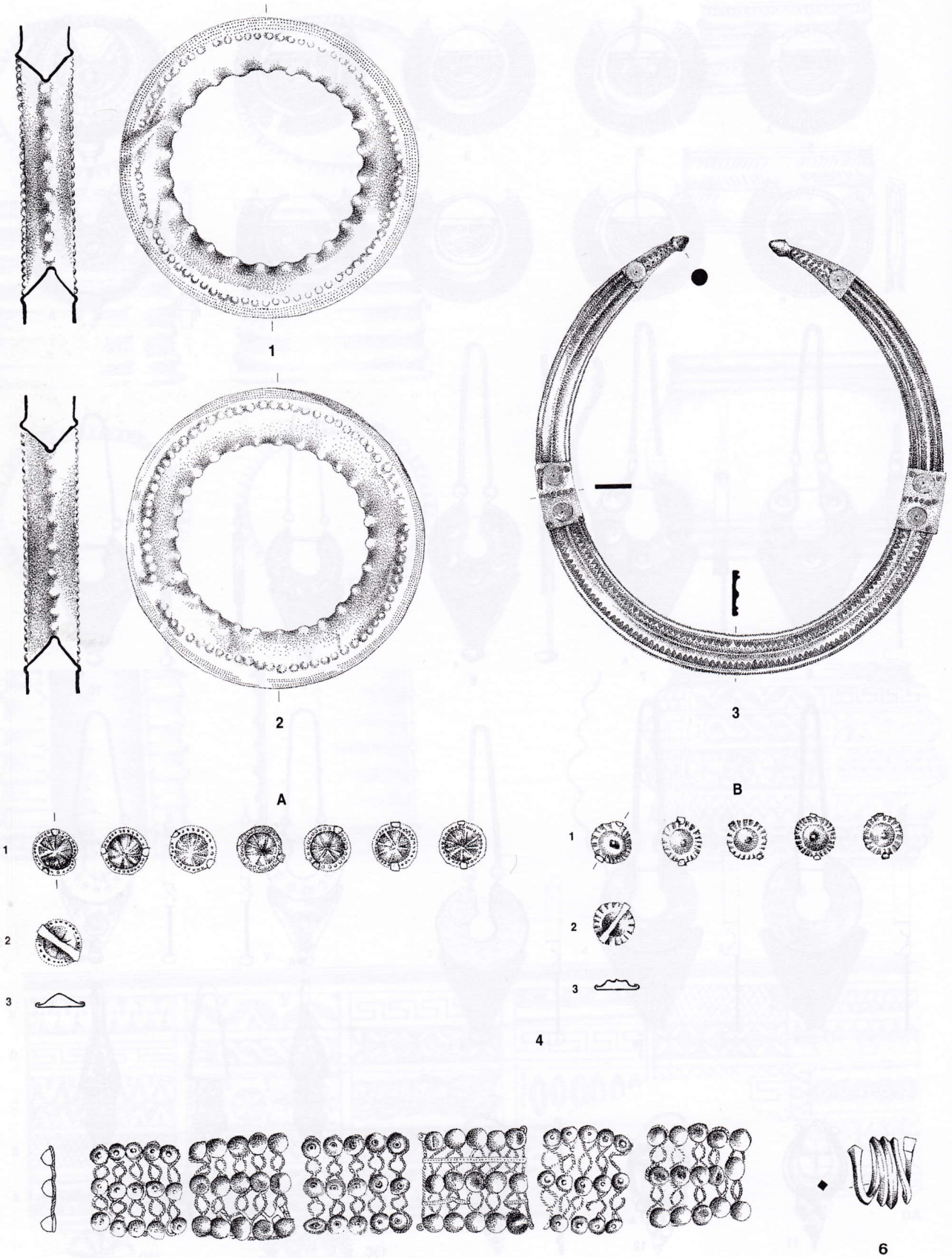
Est. CXVIII



Ourivesaria: Arrecadas, fase IB, tipos A1 (1-4 Baião), A2 (5 Paços de Ferreira)
fase II, tipos A3 (11 S. Martinho de Anta), B (12 N Portugal), C (6-7 Laundos; 8 Carreço; 9-10 Estela)
fase III, tipo D (13-14 Briteiros)

ESC. 1:2

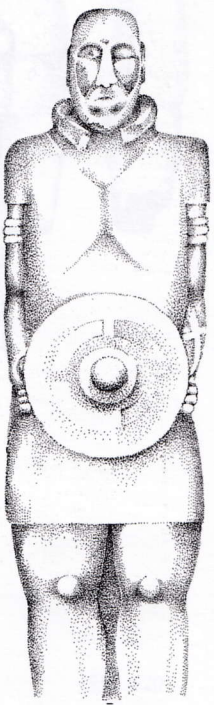
Est. CXIX

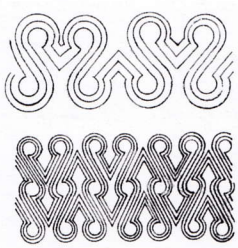


ESC. 1:2

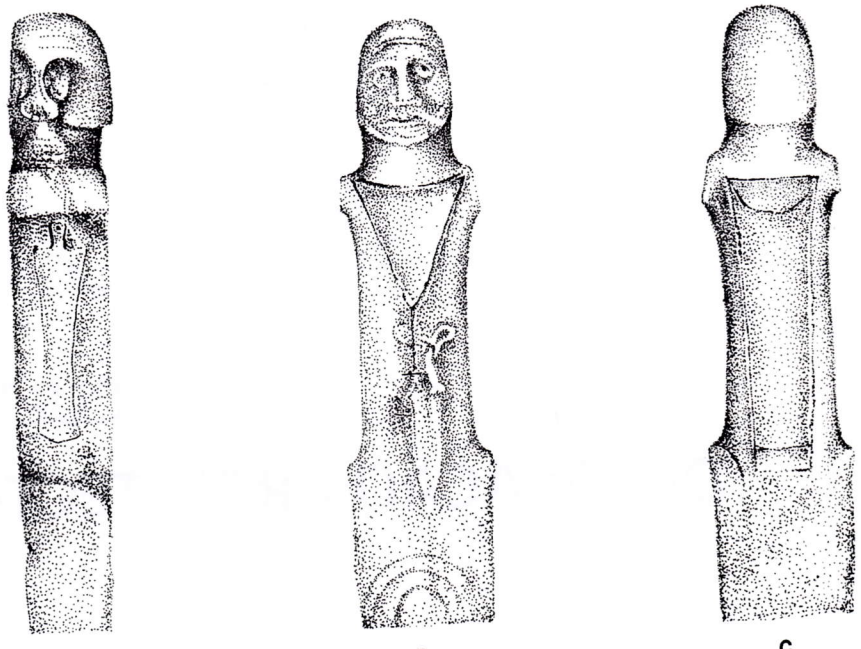
Lúnula, fase II (3 Viseu); aros, fase IB (1-2 Bougado); botões, fase IB (4 Baião); pulseira, fase IB (5 Baião); anel, fase IB (6 Gondeiro)

ESCULTURA E DECORAÇÃO ARQUITECTÓNICA



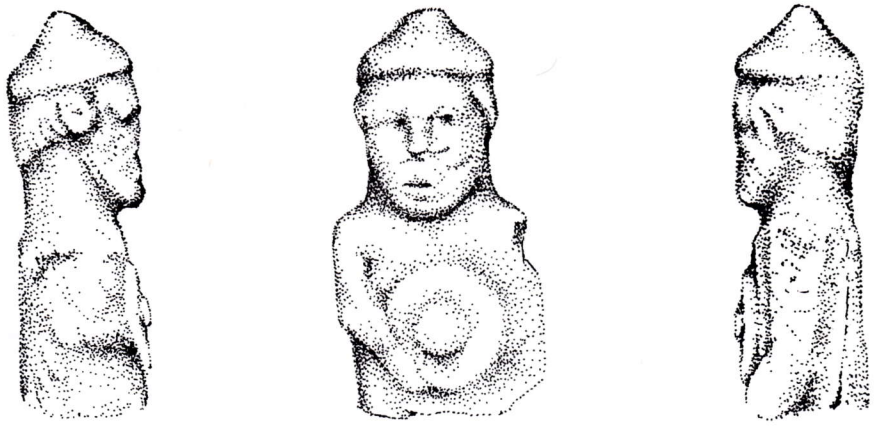


Est. CXX



A B C

1



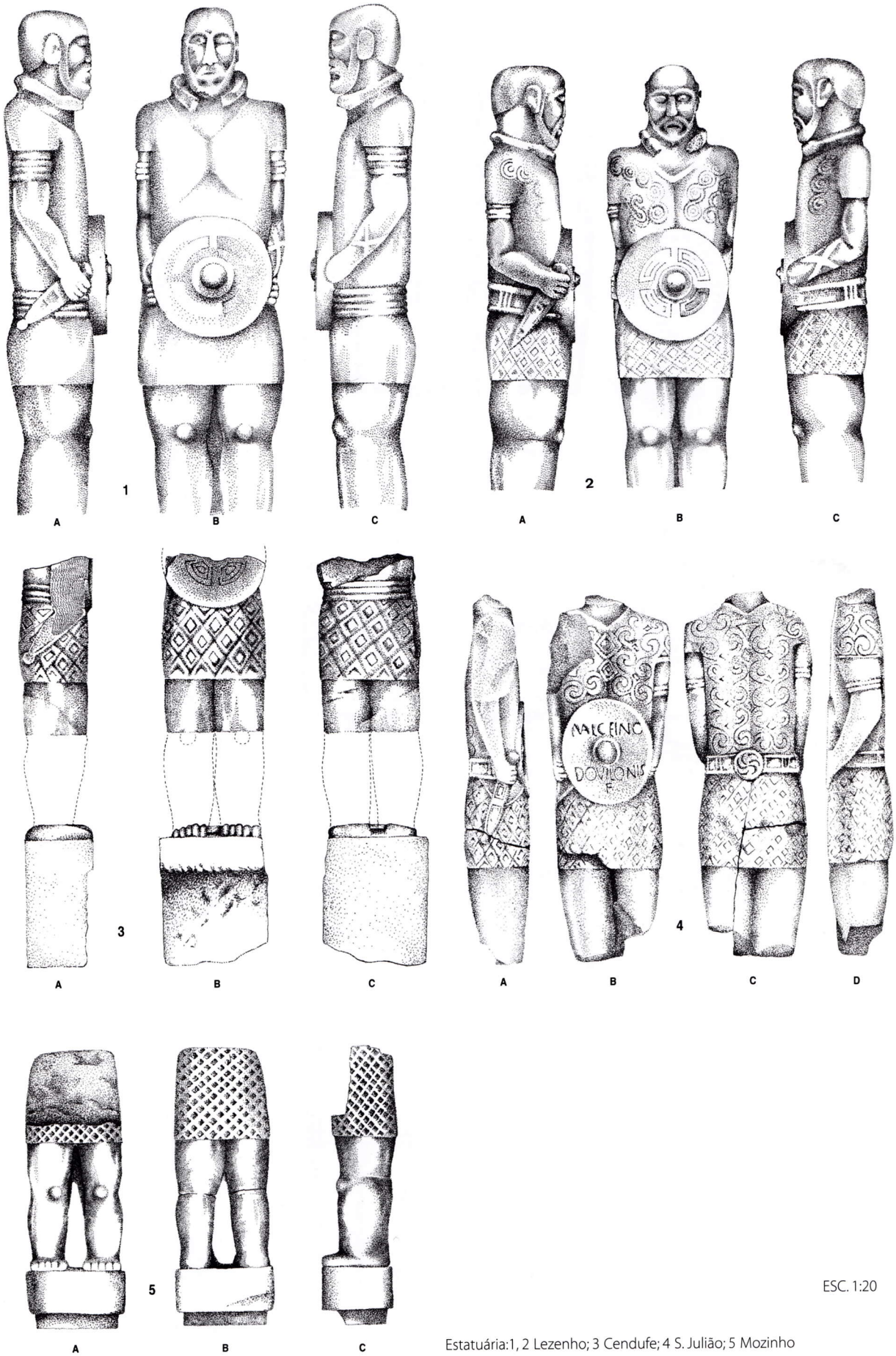
A B C

2

ESC. 1:20

Estatuária: 1 S. João de Ver; 2 Capeludos

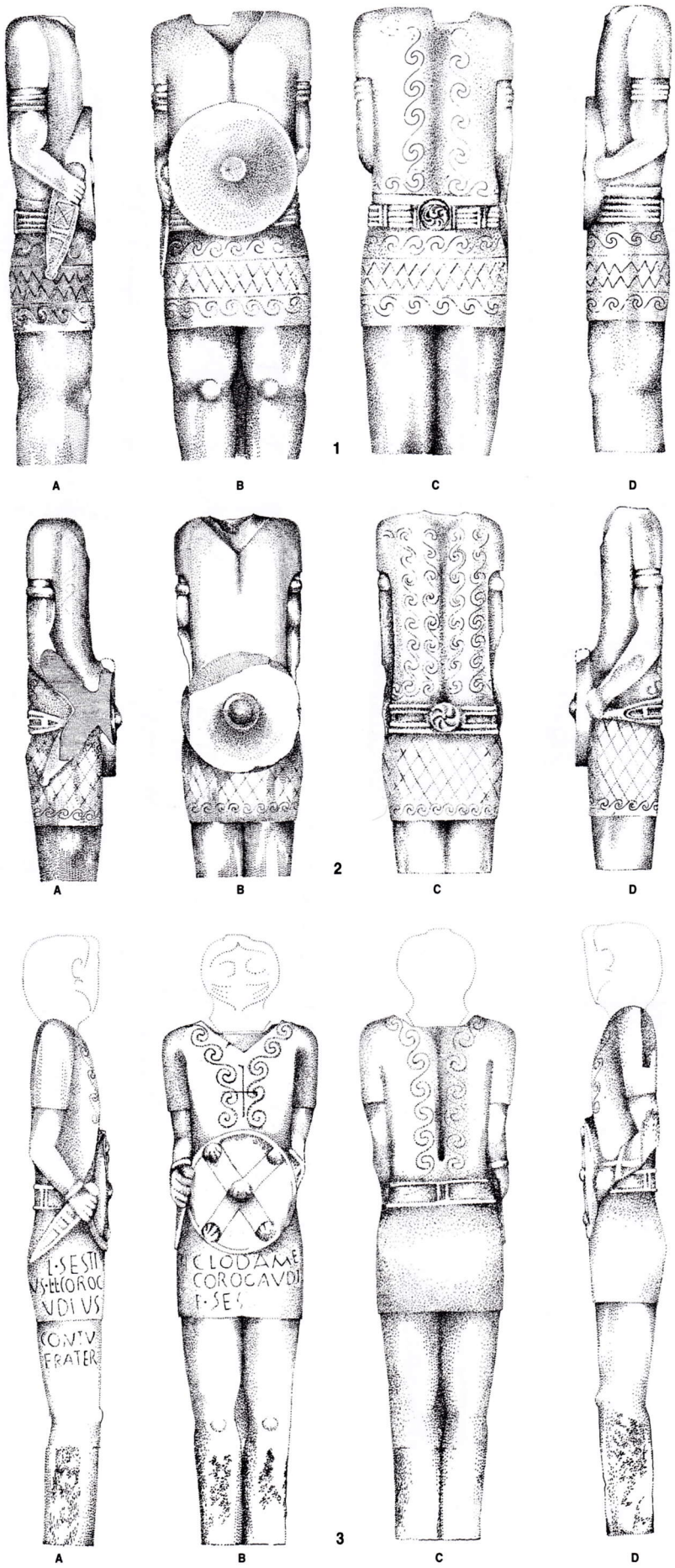
Est. CXXI



ESC. 1:20

Estatuária:1, 2 Lezenho; 3 Cendufe; 4 S. Julião; 5 Mozinho

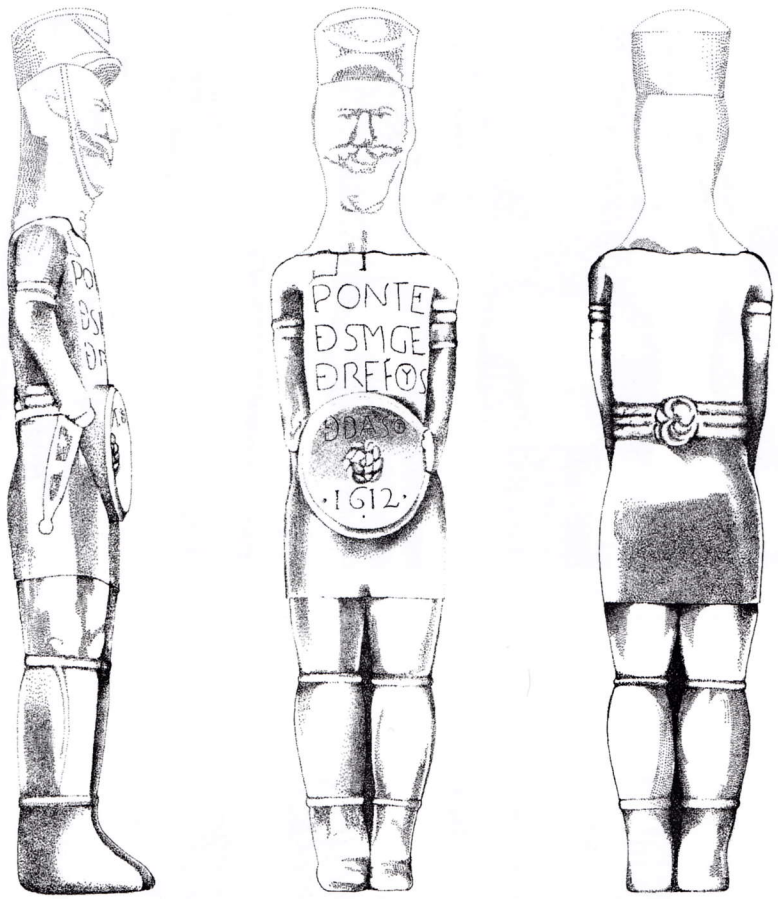
Est. CXXII



Estatuária:
1, 2 Lezenho ?
3 Meixedo

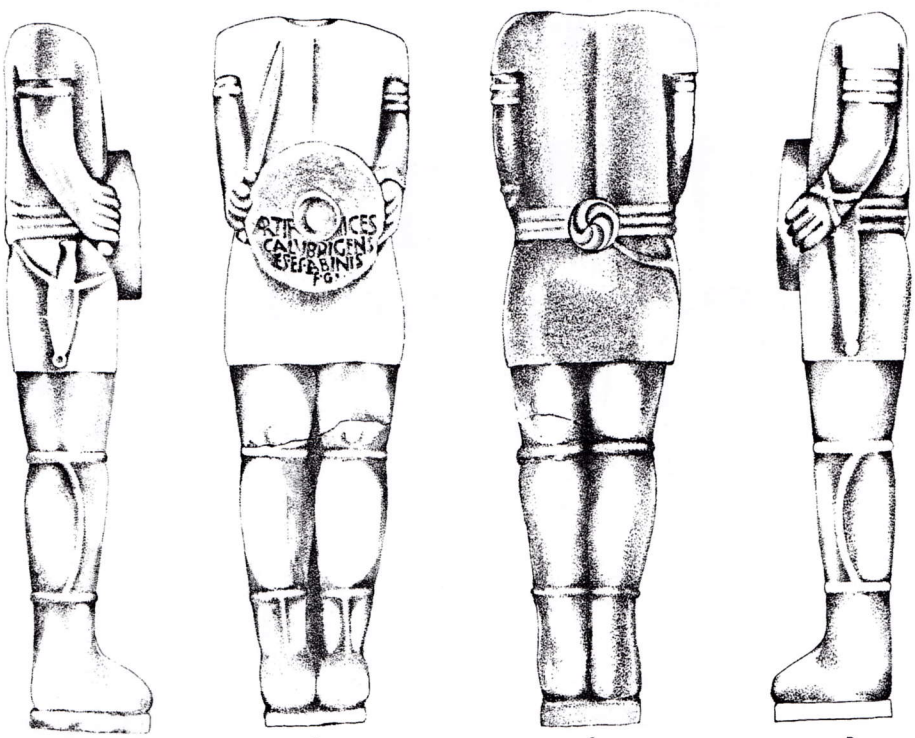
ESC. 1:20

Est. CXXIII



A B C

1



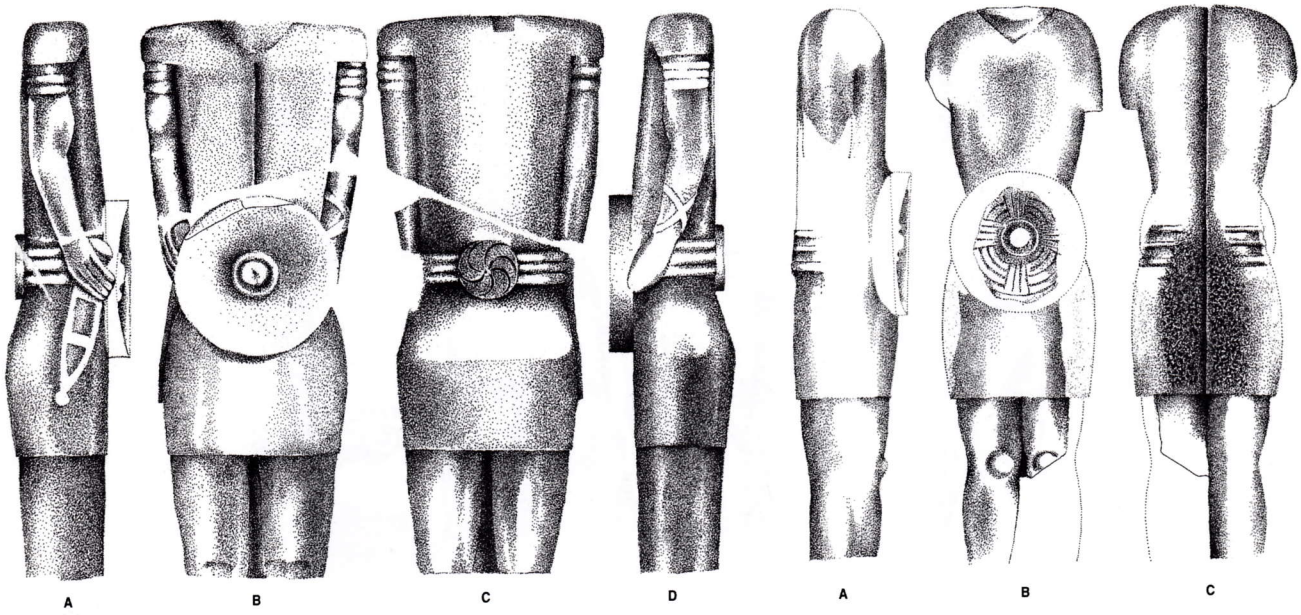
A B C D

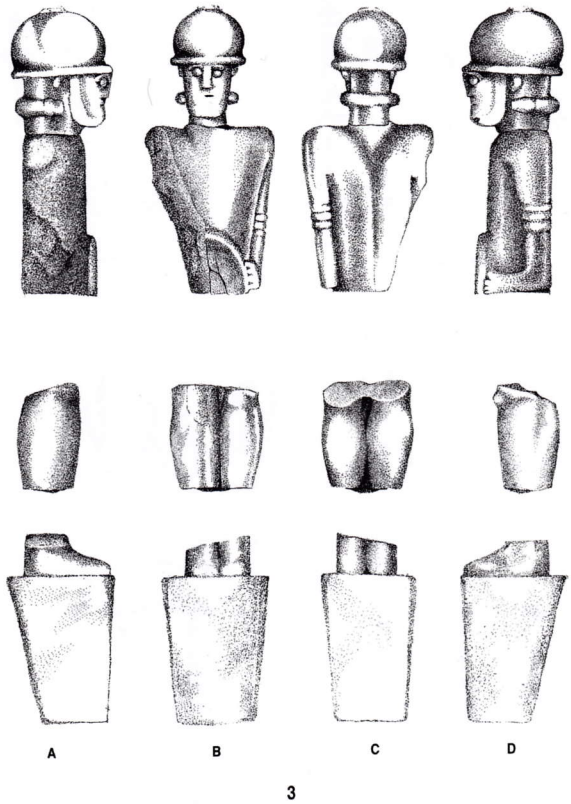
2

ESC. 1:20

Estatuária:1Refojos; 2 Santa Comba de Basto

Est. CXXIV

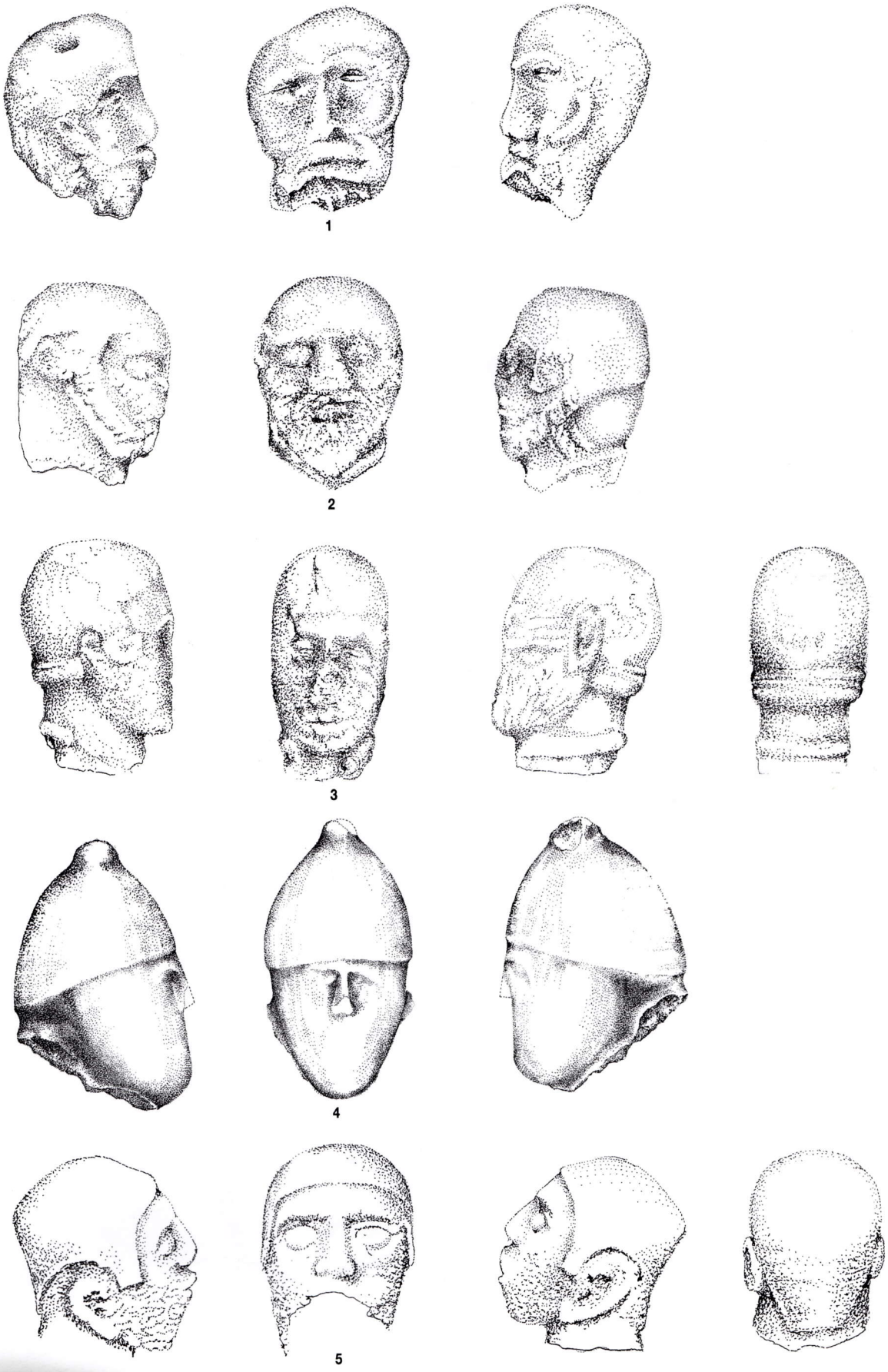




ESC. 1:20

Estatutária: 1 Santo Ovídio de Fafe
2 S. Jorge de Vizela
3 Sanfins

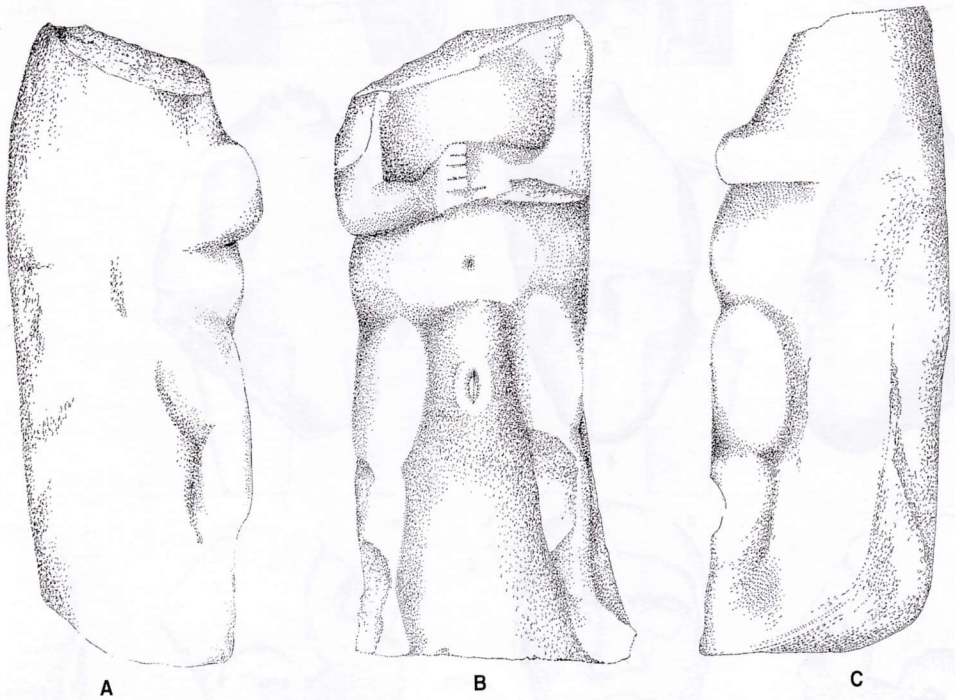
Est. CXXV



Estatutária: 1 Roriz; 2 Alfândega da Fé, 3 Guarda; 4 Calendário; 5 Braga

Est. CXXVI

1



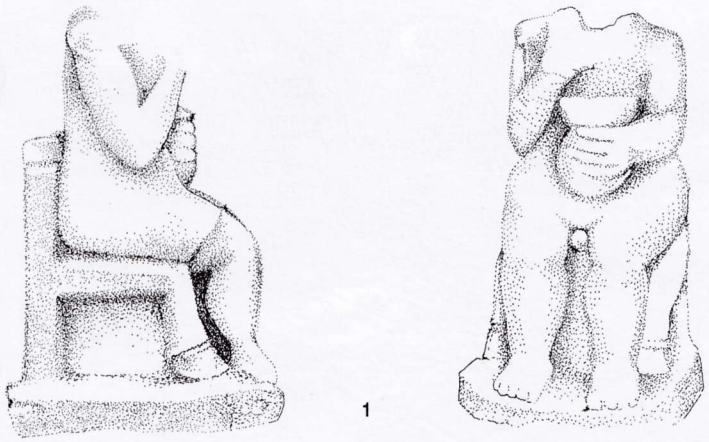
A B C

2

ESC. 1:6

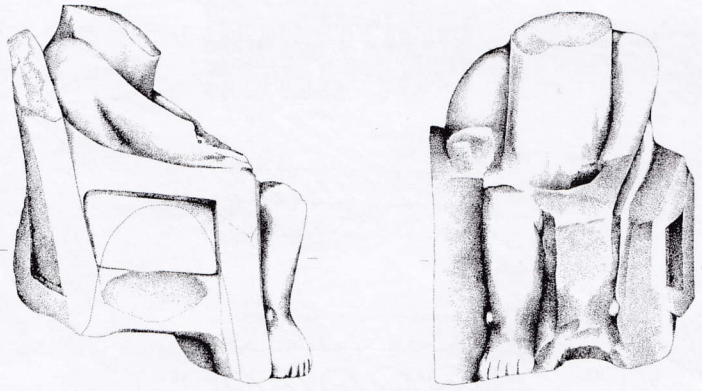
Estatuária: 1 Vilar de Perdizes
2 Sendim

Est. CXXVII

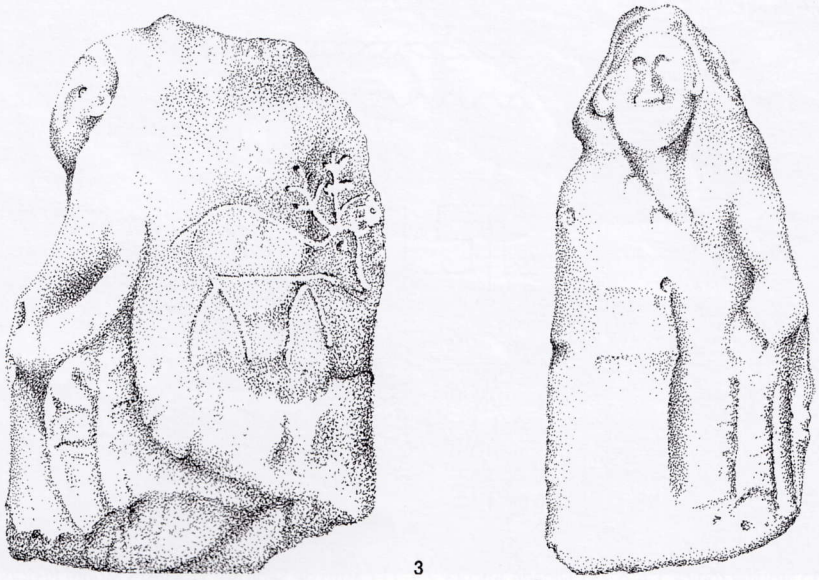


1

1



2

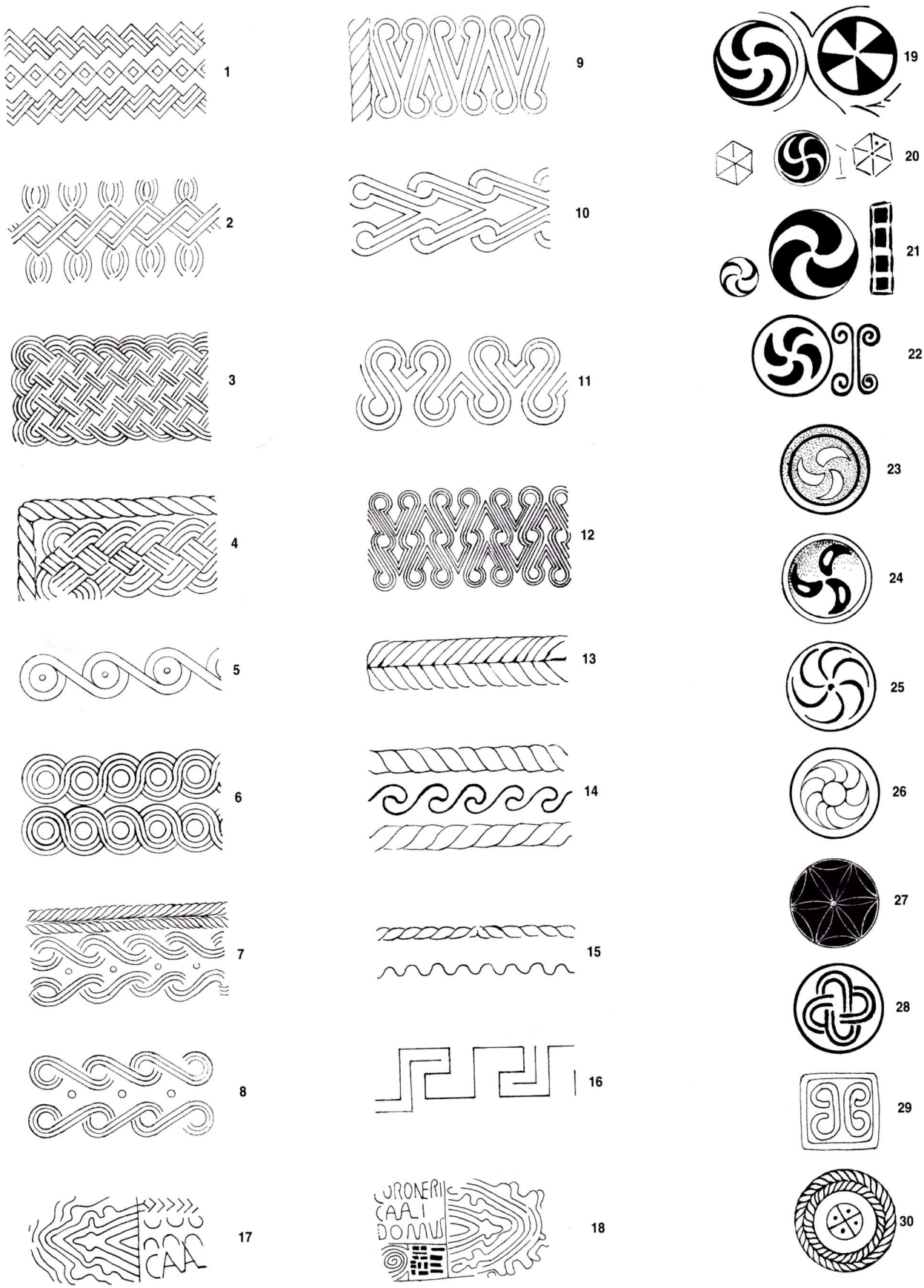


3

ESC. 1:6

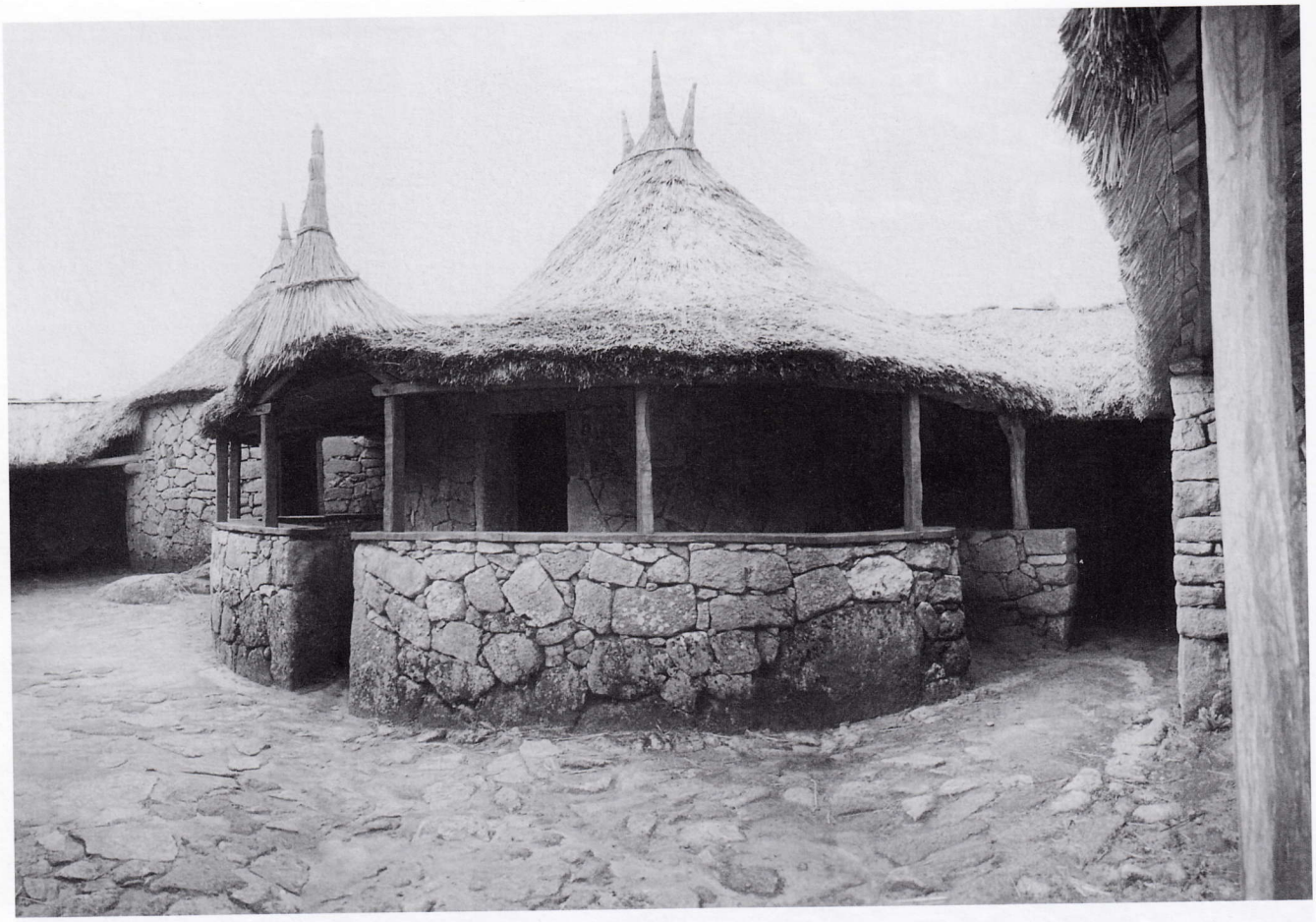
Estatutária: 1 Braga; 2 Lanhoso; 3 Roriz

Est. CXXVIII



Motivos de decoração arquitectónica: 1, 4, 6, 25 Cividade Âncora; 2, 7, 11 Castro de Sabroso; 3 Caires; 5 Monte Redondo; 8, 9, 10, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27 Briteiros; 12 Vermoim; 14, 15, 16 Cendufe; 24 Santa Luzia (V. Castelo); 26 Mozinho.

Citânia de Sanfins



Núcleo familiar (reconstituição)

"Pedra Formosa" (Citânia de Briteiros)
Sociedade Martins Sarmento

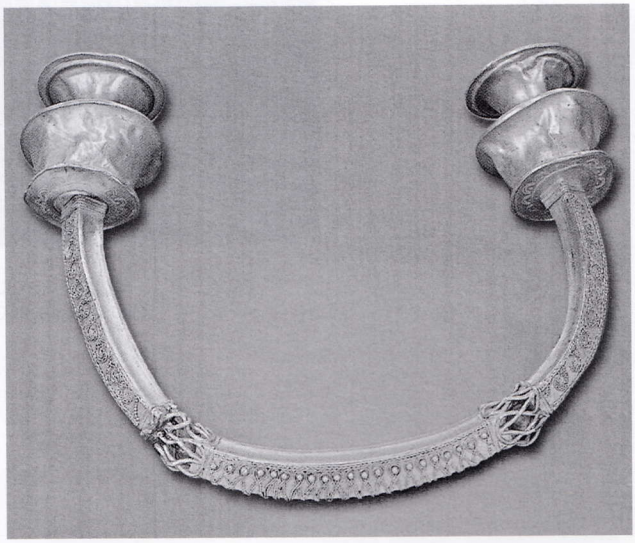
Banhos Castrejos (Santa Maria de Galegos)

Estátuas de guerreiros (Outeiro Lezenho)
Museu Nacional de Arqueologia

Colar (Baião)
Museu Nacional de Arqueologia

Arrecada (Paços de Ferreira)
Museu Nacional de Arqueologia

Bracelete (Lebução)
Sociedade Martins Sarmento



Torques (Vilas Boas)
Museu Nacional de Arqueologia

Tessera hospitalis (Monte Murado)
Casa Municipal da Cultura de Vila Nova de Gaia

Índice

Introdução 9

Capítulo I

O habitat castrejo: evolução e cronologias

Habitat, ocupação e organização do espaço 13

1. A Implantação dos Povoados 15

2. A Estruturação dos Povoados 27

2.1. O sistema defensivo 27

2.2. O ordenamento urbano 33

Fase I – A emergência de povoados fortificados e a formação da identidade regional 33

Fase II – A evolução do habitat e a afirmação de *facies* regionais 41

Fase III – Proto-urbanismo e reordenamento territorial 52

Tabela Cronológica 85

Datações radiocarbónicas do Noroeste de Portugal e Galiza 86

Inventário das Estações Castrejas do Noroeste de Portugal 104

Capítulo II

Economia e Ergologia 171

1. Actividades de Subsistência 171

2. Actividades Artesanais 179

2.1. Cerâmica 179

Fase I 180

Fase II 185

Fase III 189

Cerâmicas de importaçãomediterrânica 201

Cossoiros 204

Cerâmica – Análise Descritiva 209

2.2. Metalurgia 241

1. Utensílios 248

2. Armas 254

3. Objectos Cultuais 262

4. Objectos de Adorno 264

5. Fíbulas 267

Metalurgia – Análise Descritiva 281

2.3. Ourivesaria 327
1. Torques, Colares Articulados e Lúnulas 329
2. Braceletes 338
3. Arrecadas e Aros de Cabelo 340
4. *Varia* 344
Ourivesaria – Análise Descritiva 346

Capítulo III
A organização da sociedade 375
1. O Grupo Familiar 375
2. As Unidades Suprafamiliares 381
2.1. Os Castros 381
2.2. Os Povos 389
3. A religião 397
Iconografia e Epigrafia – Análise Descritiva 419

Conclusão e Bibliografia
Conclusão 465
Bibliografia 469

Siglas e Abreviaturas 545

Estampas Mapas 555

Câmara Municipal
Paços de Ferreira